MVSIS DICATVM

HO TER-
ceiro liuro da

historia do descobrimento & conquista da India, polos Portugueses Feito por Fernão lopez de Castanheda.

Com priuilegio Real.

Em Coimbra.

M. D. LII.

NVNC REVIVISCO

Priuilegio que el rey noſſo ſenhor deu a Fernão lopez de Caſtanheda, pera todos os liuros da hiſtoria da India.

EV el rey faço ſaber a quãtos eſte meu aluara virem que Fernão lopez de caſtanheda, bedel da faculdade das artes da vniuerſidade de Coimbra me enuiou dizer q̃ ele tinha feytos dez liuros da hiſtoria da India, q̃ começauão do deſcobrimẽto dela: dos quaes tinha impreſſos à ſua cuſta ho primeyro liuro, & q̃ria imprimir os outros. E porque auia mais de vinte annos q̃ andaua occupado no fazer da dita hiſtoria: & tinha leuado niſſo muyto trabalho, & feyto muyto gaſto de ſua fazẽda: me pedia que ouueſſe por bẽ que peſſoa algũa não podeſſe imprimir os ditos liuros ſe não ele Fernão lopez, nem os vender, nem trazer de fora do reyno polo tẽpo, & ſob as penas que me bem pareceſſe. E viſto ſeu requerimento, & auẽdo reſpeyto ao trabalho que tem leuado em fazer os ditos liuros, & a deſpeſa que niſſo tem feyta, me praz que por tempo de dez annos que ſe começarão da feytura deſte em diãte, peſſoa algũa de qualquer qualidade que ſeja, não poſſa imprimir, nem mandar imprimir os ditos liuros da dita hiſtoria da India, nẽ cada hũ deles nem os poſſa trazer, nem mandar vir impreſſos de fora do reyno, ſe não ho dito Fernão lopez, ou quem ſeu poder pera iſſo teuer. Sob pena de qualquer impreſſor, ou liureiro, ou peſſoas que os ditos liuros ou cada hũ deles imprimir, ou vẽder, ou teuer em ſua caſa, ou trouuer empremidos de fora do reyno, perder os volumes que lhe forẽ achados, & pagar cincoenta cruzados, a metade pera os catiuos, & a outra metade pera quem os accuſar. E eſte ſe imprimira no principio de cada hũ dos ditos liuros. Pelo qual mando a todos os corregedores, juyzes, & juſtiças, officiaes, & peſſoas de meus reynos & ſenhorios q̃ aſſi ho cumprã & goardem, & fação inteiramẽte cumprir & goardar, porque aſſi ho ey por bem E eſte me praz que valha, & tenha força & vigor, como ſe foſſe carta feyta ẽ meu nome por mi aſſinada & paſſada por minha chancelaria: poſto que eſte não ſeja paſſado pola dita chancelaria, ſem embargo das ordenações do ſegundo liuro, que ho contrairo diſpõe. Ioão de ſeyxas ho fez em Almeyrim, a quatorze dias de Iunho, de. M.D.LII. Manuel da coſta ho fez eſcreuer.

PROLOGO NO terceiro liuro do deſcobrimento & conquiſta da India, pelos Portugueſes

Dirigido â muyto alta & Sereniſſima Raynha dona Caterina de Portugal noſſa ſenhora.

Por Fernão lopez de Caſtanheda.

TITO LIVIO HISTORIADOR ROMANO *muyto alta & ſereniſſima Raynha N.S. Pola hiſtoria que eſcreueo da fundação de Roma & do mais que os Romãos fizerão na conquiſta de ſeu Imperio, foy antreles tão celebrado, que por iſſo ho teuerão em grande admiração nas prouincias eſtranhas. Em tanto que muytos naturais delas, ſendo Roma naquele tẽpo a mays notauel couſa do mũdo, mais hião a ela por ver a Tito liuio que a ſuas grandezas. E ho meſmo fizerão outros muytos hiſtoriadores de ſuas couſas, que por ventura não forão tão famoſas, ſe aqueles que as eſcreuerão as não ſouberão tão bem repreſentar, Porque na ſua eloquencia conſiſte muyto, ſerem elas grandes ou pequenas, o que ſentindo bem aquele grão de Alexandre teue Achiles por tão bẽ auẽturado em ter Homero por eſcriptor de ſuas façanhas, como teſtificão aqueles dous verſos tão notorios que diſſe quando vio a ymagem Dachiles, & deſeiou tanto que Homero fora em ſeu tempo pera eſcreuer ſuas couſas, que dizẽdolhe hũa vez hũ ſeu q̃ lhe leuaua hũa grã de noua, pregũtouſe era Homero reſucitado. E vendo eu quã eſtimados erão os hiſtoriadores de couſas dignas de memoria. Poſto que fique muyto abaixo do engenho de Homero & não chegue á eloquẽcia de Tito liuio. Deume ouſadia a eſcreuer o que os Portugueſes fizerão no deſcobrimento & cõquiſta da India ſerem as façanhas tays, que em grandeza, fama & admiração, teuerão muyta auãtagem ás q̃ eſcreuerão Tito liuio & Homero. E tenho que ganhey muito em ſer ho primeyro Portugues que na noſſa lingoa as reſuſcitey, eſtãdo mortas de cincoenta annos, & não ſomente em Portugal, mas em outros reynos onde deſeiauão muyto de as ſaber. Do que he teſtemunha imprimirſe agora em Paris em lingoa Frãceſa ho primeyro liuro deſta hiſtoria, que tornou na meſma lingoa meſtre Nicolao, que ca foy lẽte dartes no Colegio Real & afora iſto fuy tambem ho primeiro que moſtrey ho engano que muytos tinhão q̃ na lingoa Portugueſa não ſe podia eſcreuer quanto quiſeſſem aſſi como nas outras, ſe ouueſſe quem ho ſoubeſſe fazer E aiudoume a moſtrar eſta verdade aquele grande poeta Portugues de muyto grande erudição ho doutor Franciſco de ſá, com as obras que tem compoſtas na noſſa lingoa em proſa & em verſo, outro Terẽcio de noſſo tempo, outro Plauto. & outro Virgilio. E outro tão maruuilhoſo engenho como ho de cada hũ destes. E ho galardão que me derão algũs voſſos Portugueſes, foy acanharem me as obras de meus trabalhos diãte de ſua alteza. Poendo nelas tachas, ſem as nomearem pera que eu não ſoubeſſe de que me auia de defender. Porque ſe ho ſoubera eu ho fizera & farey ſe ho ſouber, que não ſou eu de qualidade, nẽ tenho tão pouca obrigação donrra que não atente muito bem ho que faço. E mays em couſa de tãta importancia que auia dir diante dos olhos de Sualteza, & ſe me eu detiue vinte tantos annos em eſcreuer eſta hiſtoria, foy porque á fizeſe como auia de ſer, principalmẽte na verdade. E eſta certifico a V. A. que a não*

ſoube em minha caſa, nem a mãdey pregũtar por eſcripto aos que a ſabião, porque me não reſpõdeſſem
como ſacertaſſe, ou por occupação, ou por outra qualquer cauſa. Mas que a fuy ſaber â India paſſando na
viagẽ brauas, & terriueis tormẽtas: com q̃ me vi perto da morte & ſem eſperãça da vida cõ trabalhos de
grande fome & de muyto mayor ſede. E lâ com mil perigos, em muy eſpantoſas peleias de bõbardadas &
eſpingardas ſem conto: E antrelas ſoube eu a verdade do que auia deſcreuer de muytas couſas de viſta &
outras douuida. E não de quaesq̃r peſſoas, ſenão de capitães & fidalgos, peſſoas de muyto credito que forã
preſentes a elas, enformandome por mim meſmo dos mais que pude ho mais miudamẽte que mo podião
dizer: E afirmandome de todos com iuramento, que ſegundo ſua lembrãça me falauam verdade. E pelo
meſmo modo ho fiz deſpoys de tornar a Portugal, onde me acabey denformar do que não pude ſaber na
India de muytos fidalgos & Capitães que eram ia vindos de lâ, que nunca deixey de ir buſcar onde eſta-
uão, poſto que foſſe longe. Que tambẽ me cuſtou mmyto trabalho, caminhando por calmas & por fri
os. O que duuido q̃ outrem podera ſofrer. E bem pode ſer que eſtes aque pregũtey lhes não lembraria de
me dizerem algũas particularidades. ou pelo grande diſcurſo do tempo ſe eſquecerão dalgũs nomes pro-
prios de Capitães ou doutras peſſoas que dirião hũs por outros. Porem a realidade da couſa como paſſou,
foy verdadeyra polos muytos que cõformauão nela, & por achar que era aſſi em cartas meſſiuas q̃ algũs
eſcreuião a outros do que paſſaua. E aſſi em trelados & lembranças que muytos curioſos eſcreuerão do
que ſe fazia naqueles tẽpos. E foy me grande aiuda pera me não contentar tudo o que me dizião ho tẽpo
que andey na India, & o que vi dela, que ſe iſſo não fora bem me poderão enganar como a quẽ não tinha
viſto a terra, nem ſabia como ſe podião ou não podião fazer nela as couſas, nos lugares em q̃ acõtecerão,
E por iſſo quẽ ha deſcreuer hiſtorias ha de fazer as diligẽcias que eu fiz & ver a terra de q̃ ha de tra
tar como eu vi: que aſſi ho fizerão eſſes hiſtoriadores antigos & modernos. E bem ſentia iſto el rey dõ
Afonſo ho quinto de Portugal, quando mandou Gomez eanes dazurar croniſta deſtes reynos a Alcacere
pera lá eſcreuer como teſtemunha de viſta, o que os noſſos fizeſſem. E ſoubeſſe ho ſitio da terra de que
auia deſcreuer, & aprẽdeſſe as particularidades da guerra pera ſaber como auia de falar. Porque muyto
ſobre natural ha de ſer ho engenho que ha de ſaber eſcreuer do que nunca vio. O que ſe me não pode dizer
Porque vi tormentas, vi batalhas no mar & peleias na terra, & eſpedaçar nauios, & bater muros & vẽ
cer a imigos, & falo como eſprementado, E ſe iſto ſouberão os que tacharão minhas obras, bem creo que
ho não fizerão, antes me aiudarão polo muyto q̃ todos meus naturaes me deuem em iluſtrar ſuas honrras
& de ſeus anteceſſores que forão no deſcobrimento da India & em ſua conquiſta, que eſtauão & eſte-
uerão ſepultadas, ſe eu não fora. Mas não quero que me deuão iſto, aſſi polo preſente como polo futuro, ſe
não. a. V. A. Porque eu por eſte deſgoſto de todos ſaberem tachar & poucos fazer eſtaua determinado
de da qui por diante, não ſair a luz com meus trabalhos, ſe não fora ſaber camanha & quam ſingular
merce me. V. A. fez em ſe auer por ſeruida dos dous liuros que emprimi, & dizer que não ouuera ho q̃
vay neles deſtar encuberto tanto tempo. E com ho fauor de tamanha merce não temi inueioſos, nem mal
dizẽtes. E pubricarey ho terceyro, & prazendo a noſſo ſenhor pubricarey logo os outros debayxo do em
paro de. V. A. & por iſſo a. V. A ſe deue ho que ſe da qui por diante ſouber das couſas da India, como ſe
deuẽ outras muyto grãdes & muy aſſignadas merces que faz cada dia a ſeus vaſſalos, que ſam muy lar
gas de contar. De modo q̃ ſe ſomos os mais bem auenturados pouos do vniuerſo, por ter ho mays excelen-
te & ſingular Rey dos que reynão em todo ele. Por nos defender das muyto grandes & enſofrimeys op-
preſſões, que os outros pouos padecẽ, como he notorio. Aſſi ho ſomos em ter por Raynha & ſenhora a. V.
A. cuias heroycas virtudes não tem conto & aquem outra nenhũa princeſa he igoal.

Liuro terceiro da historia do descobrimento & conquista da India pelos Portuguefes per mandado do inuictifsimo rey dom Manuel de gloriosa memoria, em que se contem as cousas que forão feytas no tempo que Afonso dalbuquerque a gouernou.

Capit.j. De como dõ Fernando Coutinho Marichal de Portugal, determinou com ho gouernador Afonso dalbuquerque, que fossem sobre Calicut: & de como forão auisados da disposição de Calicut.

Etido Afonso dalbuquerq̃ de posse da gouernãça da India, dõ Fernãdo coutinho Marichal de Portugal (posto que no liuro segundo por erro se chama dom Francisco) que ja entendia na carrega pera Portugal, como trazia por regimento: deu hũa carta delrey ao gouernador, em que lhe screuia que era seu seruiço q̃ ho Marichal destruisse Calicut, se lhe bem parecesse: & que acerca disso seguisse ele gouernador seu parecer. E sobre tudo ho marichal lhe pedio que ho ajudasse nisso, & ele lho prometeo dizendo que lhe parecia bẽ destruirse Calicut: & que a instruçã de como se poderia fazer lhes daria Cojebiquin là morador, tamanho amigo dos Portuguefes, que por amor disso se perdera em tẽpo de Pedraluarez cabral (como disse no liuro primeyro) Pera o q̃ foy logo chamado, & foy secretamente a Cochim, & lhes disse q̃ Calicut estaua em desposição pera se lhe fazer muyto dano, por quanto ho çamorim era na serra, & na cidade auia poucos nayres, a respeyto dos muytos que auia quando el rey hi estaua, & esses tinhão pouca lembrança de ninguem ir sobreles: & que toda a fortaleza da cidade era da banda do sul onde estaua ho çarame delrey, q̃ he ho seu pagode, que seria hũ tiro de besta do mar, & ali auia hũa tranqueira bem artilhada, porque como daquela banda auia boõ desembarcadoyro receauase el rey que por ela se entrase a cidade, & por isso a mandou fortalecer. Porẽ que da banda do norte donde a desembarcação era dificultosa não auia nenhũa fortaleza, & por isso se podia ali melhor desẽbarcar q̃ na outra parte: & que ainda que não fizessem mais q̃ queimar vinte naos nouas que os mouros tinhão ẽ estaleiro pa mãdar aq̃le ãno ao estreyto carregadas despeciaria, q̃ seria muyto grande cousa porq̃ nã poderiã tã asinha fazer outras, & q̃ el rey de Calicut receberia nisso muyta perda, por amor dos dereytos q̃ per dia por não ter outra rẽda. Auida esta instrução por Cojebiquin propos ho Marichal em conselho o que lhe el rey seu senhor mãdaua acerca de Calicut, & a enformação q̃ tinha. E vista a per

da q̃ el rey de Portugal recebia de Calicut no seu trato da especiaria, & a desposição em que a cidade estaua, & ho muyto que se ganhaua em lhe queimarem as vinte naos, que fossem sobrela & a destruissem. E isto determinado por quanto ainda a mayor parte da armada da India estaua varada, & se faria detença em se deitar ao mar, assentarão que fosse a gẽte em tres naos da armada do Marichal que estauão carregadas, & assi nas velas da India que logo podessem ir. E fazendose isto prestes chegou a Cochim Vasco da silueira, que por mandado de Duarte de lemos hia (como disse) a pedir a armada ao gouernador, a quem dando este recado deu tambem ho terlado da prouisam de Duarte de lemos & ho seu regimento. O que visto pelo gouernador ouue as prouisões por boas, & disse q̃ lhe obedecia, & que logo dera a armada se nã esteuera com ho Marichal de caminho pera Calicut, que da volta q̃ prazendo a Deos tornassem ele despacharia logo a armada pera Duarte de lemos. E vendo Vasco da silueira a muyta honrra q̃ se aparelhaua naq̃la viajem, como ele era muy especial caualeyro offreceose ao gouernador pera ir co ele: o que lhe ele teue muyto em merce, porque ho conhecia por tal.

Capit. ij. De como ho gouernador & ho Marichal partirão pera Calicut pera a destruir, & chegarão a ela. E de como ho gouernador desembarcou primeyro & a causa porque.

PRestes tudo o que era necessario pera ho gouernador & ho Marichal hirem sobre Calicut, partiranse na entrada de Ianeyro de mil & quinhentos & dez, & leuariã consigo mil & seyscẽtos homẽs pouco mais ou menos, & ho Marichal leuaua bandeira na gauia, & obedeciãlhe os capitães de sua armada que erão os q̃ disse, & ao gouernador obedecião os da armada da India, que erão dom Antonio denoronha seu sobrinho capitão da fortaleza de Cochim, ẽ cujo lugar ficou Antonio real alcayde mór & patrão mór da ribeira, Manuel paçanha, Fernão perez dandrade, Iorge da silueira, Ayres da silua, Francisco pantoja, Iorge fogaça, Duarte de melo, dom Ieronimo de lima, Francisco pereyra coutinho, Manuel de lacerda, Antonio pacheco, Simão dandrade, Diogo mendez, Vasco da silueira, Francisco de miranda chichorro, Felipe rodriguez & Simão martinz. E chegarão a Calicut aos dous dias de Ianeiro hũ dia aa tarde, & as naos grossas surgirão de fora do arrecife & as de remo de dentro: & aqui se passarão ho gouernador & ho Marichal ás duas galés de que erão capitães Simão dandrade & Diogo mendez, & no porto não acharão nenhũs paraos q̃ lhe contrariassem. Surta a nossa frota ho gouernador & ho Marichal fizerão conselho sobre a ordem que terião em dar na cidade, & antes que ho gouernador proposesse, pediolhe ho marichal q̃ pois ele tinha ganhada na India muyta hõrra, & podia ainda ganhar muyto mais, que lhe pedia que lhe desse a dianteira naq̃le feyto pera poder ganhar algũa que leuasse pera Portugal pois a hia buscar tão longe. Ho gouernador lhe disse q̃ era contente de lhe fazer aquele seruiço, porque a ninguẽ deuia tanto como a ele que ho liurara de seus immigos &

ho restituira em sua honrra que fizes se quanto quisesse, porque ele era gouernador. E outorgada a dianteira ao Marichal foy determinado q̃ desembarcassem ãte manhaã, porque a artelharia dos immigos lhe não fizesse tãto nojo, & que fosse a desembarcação defronte do çarame delrey: & q̃ ho marichal & ho gouernador desembarcassem primeyro q̃ nenhũ dos capitães: & que ao Marichal seguissem os capitães da armada de Portugal, & ao gouernador os da India. O q̃ logo algũs teuerão a mao sinal dizẽdo que como hi auia duas cabeças logo algũa auia darrar, que pera que era se não seguirem todos ao gouernador, & ho Marichal leuasse a diãteira. E ho principal a q̃ isto pareceo mal foy a Manuel paçanha, que a fora ho dizer disse que pois assi era q̃ tudo seria morrer em seruiço delrey com dous filhos que lhe ainda ficauão. Acabado ho conselho, & recolhidos todos a seus nauios aperceberanse pera ho que auião de fazer, que estauã muy aluoroçados pera dar na cidade pola fama que tinhã destar muyto rica. E duas oras antemanhaã toda a gente estaua embarcada cõ seus capitães, & caladamente arrancarão pera terra com a claridade da lũa que os alomeaua. E ho regedor da cidade por el rey de Calicut estaua com sua gente prestes em suas estancias esperando polos nossos & tinha mais de trinta mil nayres, & os mais deles frecheiros, & começouse antreles muy grãde arroido, assi da grita da gẽte como das bombardadas que desparauão como sentirão que os nossos se chegauão: & erão os pelouros tão bastos que algũs acertauão nas lanças dos nossos q̃ hião aruoradas, & a causa porque não acertauã nos bateis, era porque as estãcias da artelharia, & o çarame delrey estauão tão altos que senhoreauão por cima do mar, & os tiros passauão por alto, & receãdo ho gouernador que por hirem assi juntos como hião lhes fizesse a artelharia muyto dano, mãdou cõ consentimento do Marichal que se espalhassem os bateis, porem que cada hũ seguisse a seu capitão mòr, & assi se fez. E como ho gouernador se vio apartado do Marichal mandou apertar ho remo aos da sua cõpanhia pera defronte do çarame, posto que tinha dada a dianteira ao Marichal: & como eles por serẽ da India sabião melhor a terra q̃ os de Portugal, & mais leuauão seus bateis & paraos enseuados & os remeiros mais destros no officio q̃ os do Marichal, leuarãlhe tanta auantajem que chegarão primeyro a terra: & tambẽ porque como ho Marichal fosse descansado sobre ter a dianteira vendo que era muyto cedo deixouse ir muyto de vagar, & por isso descayo com os seus abaixo do çarame hũ boõ tiro de berço. Ho gouernador que hia auiado pera terra tãto q̃ chegou poiou nela com sua gente, & não esperou pelo Marichal, vendo q̃ não chegaua nẽ parecia. E rompendo por antre grãde multidão de bombardadas, & frechadas que os nossos não tinhão em cõta remeteo com atranqueira: & por muyto bem que os immigos a defenderão, pelejando muy esforçadamente os nossos a entrarão, matãdo & ferindo muytos deles, & por força lha fizerão deixar leuando os diante de si desbaratados ate ho çarame, q̃ estaua dali a tiro de bésta, & por sua fortaleza estaua cheo de molheres & meninos q̃ se ali recolherã, & guardauãno muytos nay

res com que se ajuntarã os que fugião, & fazendo coeles corpo fizerão rosto aos nossos, que nẽ por isso deixarão de os cometer com muyto grande impeto chamando por Sanctiago:& assi se começou a peleja, que foy muyto mais ferida que na tranqueyra, porque os immigos se defendião como homẽs q̃ determinauão de vencer ou morrer. E assi morrerião bem duzentos deles, & os outros fugirão, & dos nossos morrerã muy poucos:& entre tanto que a peleja duraua algũs dos nossos poserão fogo ao çarame, & ardeo todo com quanto estaua dẽtro. E acabada a peleja, porq̃ os nossos não entrassem a cidade antes que ho Marichal chegasse mandou ho gouernador a dõ Antonio de noronha que com outros capitães tomasse as bocas das ruas que sayão pera aquela parte & as teuesse, porque os não salteassẽ os immigos ; & despois disto veo ho Marichal.

Capit.iij. Do que ho Marichal disse ao gouernador, porque desembarcara primeyro. E de como ho Marichal entrou a cidade & fez grande mortindade nos immigos : & de como foy morto, & os nossos forão desbaratados.

Quando chegou aa tranqueyra vẽdo o q̃ era feyto, & que não auia ali mais q̃ fazer, dagastado de lhe parecer que lhe nã goardara ho gouernador a palaura que lhe dera: da primeyra ẽtrada disse logo muy soltamente, que mal lhe guardara ele o que lhe prometera. E dizendo outras palauras contrele muy asperas tirou ho capacete da cabeça, & pos hũ barrete vermelho que lhe leuaua hũ paje, & tomou hũ pao na mão:& segundo estaua apassionado cuydarão algũs q̃ queria ir espancar ho gouernador, q̃ a este tempo estaua armando algũs caualeyros: a que logo foy dito como ho Marichal era chegado, & que se hia pera a cidade muyto menẽcorio porque não esperara por ele. A isto deixou ho gouernador os caualeyros, & foysse pera ho Marichal, que chegando ho gouernador a ele lhe disse. Que he isto Afõso dalbuquerque, a vossa palaura he hũ pouco de vẽto: direis que tomastes Calicut. Eu ho tomey coeste barrete vermelho, & coeste pao, que nã he mais necessario pera desbaratar os mourinhos da India. Ho gouernador por ser õde era, & tãbẽ por por o marichal ter mais gẽte q̃ ele, respõdeolhe mãsamẽte: verdade era q̃ ele tomara Calicut, & q̃ sua era a toda a honrra:& q̃ se não esperara que desembarcasse, fora porq̃ ho vira descayr muyto abaixo do çarame, & ele ficara tão perto de terra, que se esperara por ele mataranlhe toda a gente com a artelharia:& por essa causa desembarcara primeyro, & não por lhe vsurpar sua honrra. E ele se não ouue por satisfeyto coestas disculpas dizendo que erão palauras:& ainda muyto menencorio chamou Gaspar ho lingoa, & preguntoulhe se se atreuia a leualo aos paços del rey de Calicut, porq̃ là acharia com quẽ pelejar pois ho não achaua ali:& ele lhe mostrou ho lugar onde estauão os paços, q̃ seria dali mais de mea legoa porque era no cabo da cidade. E determinado ho Marichal de ir là mãdou desembarcar dous tiros dartelharia dos bateys chamados cães pera os leuar diante, & entregou os a

Pedrafonso daguiar:& mandando dar âs trombetas abalou pera os paços del rey, leuando obra de seyscentos homẽs em que entrauão todos os seus capitães, & logo lhe ali disserão algũs que não deuia de ir aos paços del rey por que erão muy longe, & que a cidade era tão espalhada, que pera matar gente não auião de matar mais da que era morta: & que pois lhe tinhão desfeyta sua fortaleza, q̃ era ho principal porq̃ forão, & queymarlhe as naos q̃ estauã varadas, que lhas queymassem, & recolhessem a artelharia da tranqueyra & do çarame, & roubassem a cidade por aquela parte: & despois de vagar passarião a diante. E ele estaua tão menencorio que nunca quis se não hir, mandando dizer ao gouernador onde hia, que se ho quisesse seguir que ho seguisse. E posto que lhe a ele não pareceo bem a ida do Marichal, vendo que hia quis ir a pos ele: & mandou a dom Antonio de noronha que ficasse na praya, assi pera a goardar como pera recolher a artelharia da trãqueyra, & queymar as naos dos immigos que estauão varadas. E mandou a Rodrigo rabelo, & a Manuel de lacerda, & a Simão dandrade que ficassem coele com a gente de suas capitanias, que seriã mais de duzẽtos homẽs. E começou logo dom Antonio de mandar fazer o que lhe ho gouernador mandara que fizesse. Ho marichal que hia pera os paços del rey, hia desarmado como disse, & dizendo. Quem cuydara agora que ho Marichal vay assi caminho dos paços delrey & chegando a eles achou muytos nayres recolhidos com ho regedor da cidade, que se acolhiã ali como a fortaleza, & ali foy a peleja muy grande dos nossos cõ os imigos, de que forão mortos oytẽta, & os outros fugirã, & os nossos entrarão os paços, q̃ logo começarã de roubar porque auia neles muyta riqueza, & desmandauanse, espalhandose por muytas partes. O que vendo Manuel paçanha disse ao Marichal q̃ mãdasse poer fogo aos paços & se recolhesse à praya, porque se ho assi não fizesse terião os immigos tempo de se ajuntar (que ho poderião fazer em breue por ser a terra muyto pouoada) & que se assi fosse lhes fariã muyto dano, porque auião dachar os nossos carregados de fato, & que se não auião de poder defender. Ho Marichal não querendo tomar seu conselho, lhe disse que bem sabia como pelejauão os mourinhos da India, & que os fazião em Portugal muyto valentes a el rey seu senhor, que ele auia de descansar & se recolheria quando fosse tempo. Neste instante chegou ho gouernador aos paços, & quando soube que ho Marichal estaua dentro não quis entrar, & com os seus capitães, & gente que trazia se pos em hum terreyro que se fazia diante dos paços pera defender que não entrassẽ muytos nayres que acodiã pera entrar: & estes quando virão ho gouernador se deixarão estar nas bocas das ruas q̃ ali se fazião, & tirauão aos nossos muytas frechadas, de que ferirão algũs, & hum deles foy Fernão perez dãdrade que foy ferido em hũa perna, & por isso se entrou nos paços com outros. E assentandose em hum alpendre, foy ter coele ho Marichal, que hia muyto cansado & afrontado: & pedindo que lhe dessem de beber, hum dos nossos lhe deu hũa cabacinha com vinho de que bebeo. E nisto lhe derão hum recado do gouernador que dizia q̃ se recolhesse que era tempo, porque carregauão

muytos immigos:& como dali à praya era longe que os poerião em afronta antes que lâ chegassem. A que ho Marichal respondeo,que se fosse ho gouernador entre tanto na dianteira,porque ele ficaua poendo fogo aos paços , & que lhe hia na traseira. Ho gouernador mandou logo os feridos diãte ,porque não embaraçassem os sãos se ouuessem de pelejar .E indo na traseira de sua gẽte abalou pera a praya,& ho Marichal mandou logo poer fogo aos paços,em que aueria bem duas oras que estaua.O que vendo os mouros se tornarão a fazer em corpo.E em ho gouernador abalando se descobrirão por bocas de trauessas,& por detras de valos dortas que entestauão naquele caminho por onde ho gouernador hia , & outros se descobrirão junto dos paços, & tirauão aos nossos frechas sem cõto sem se bolir donde estauão.O que sintindo os nossos começarão de bradar hũs aos outros que se recolhessem por q̃ andauão espalhados:que foy neles tamanha a cobiça de roubar q̃ muytos estauão metidos polas casas dos mouros & deixauão as lanças ás portas pera hirem mais despejados,& se carregarẽ melhor,não lhe lembrando que podiã os immigos que erão muytos tornar sobreles ,como tornarão & polas lanças dos nossos q̃ viāo às portas conheciã os ĩmigos estarẽ dẽtro,& esperauãnos & ao sayr os matauã com as suas mesmas lanças,& era a reuolta muyto grande, assi da grita da gẽte como do fogo que ardia muy brauo:& ho Marichal sayo ja com algũa afronta quasi nas costas do gouernador,& ali ho cercarã os immigos tirandolhe muytas frechadas, & azaguncha das darremesso,com que tratauão tão mal os nossos que se começarão de desbaratar,& os immigos carregauão de cadauez mais sobre os nossos,em tanto que foy forçado ao Marichal voltar a eles com ate trinta dos nossos , fidalgos & caualeyros porque ho desapressassem : & os immigos que os virão tam poucos descarregão sobreles com grande impeto , & antes que ho fizessem dous nayres se apartarão hum pouco do corpo dos seus,& ficandoãtreles & os nossos , poserão no chã os escudos & agomias & se abraçarão, como que se espedião hum do outro.E tornando a tomar as armas remeterão eles soos aos nossos,& matarã algũs primeyro q̃ os matassem,& logo arremeterão os outros.E nisto bradarã Bastiã de sousa & Ruy freyre(que erão dos que ficauão com ho Marichal)dizendo à gente que voltassem,que pelejauã os capitães mòres ,porque coisto acodissem ao Marichal.Mas ninguem pode acodir,ou nã ousou,por os immigos serem muytos,& porque os frechauão sem piedade , & todos se querião acolher:& se ho gouernador não fora diãte todos fugirão sem vergonha ; nem ho gouernador não pode acodir pola desordem que a gẽte trazia. O que vẽdo os immigos çarrarã de todo com ho Marichal,& com os que ho ajudauão, & chegauanse a eles tão sem medo que lhes decepauão as pernas por as leuarẽ desarmadas:& tamanho desejo tinhão de os matar,que com quanto os nossos os atrauessauão com as lanças,assi passados de parte a parte corrião por elas ate chegar a eles,& os decepauã. E assi decepados matarã ho Marichal & Manuel paçanha muytos mouros,& despois cayrão mortos. E bem pronisticou Manuel paçanha sua morte no que disse estando no porto de Calicut; & assi

acabou com quatro filhos que lhe ja tinhão mortos em outras batalhas, como contey a tras, & de cinco que leuou à India escapou ho mais moço, que se chamaua Ambrosio paçanha, que tambem aqui ouuera de acabar se ho não mandara ho anno passado pera Portugal. porque lho não matassem como aos outros, & ficasse dele algum filho que perpetuasse sua geração. Morreo aqui tambem Vasco da silueira, que ho fez como valente caualeyro, que ferido de muytas frechas se topou na boca de hũa trauessa com trinta nayres, & cometendoos com muyto esforço matou tres com a lança, & passando auante foy morrer com ho Marichal: com quem tambẽ os mouros matarão Ruy freyre, Pero fernandez tinoco, Francisco de miranda chichorro, Felipe rodriguez, & outros a que não soube os nomes ate treze todos fidalgos & caualeyros, que todos morrerão como muyto valentes homẽs, dando suas vidas polas de muytos mouros que matarão primeyro que morressem, sem lhe ho gouernador poder socorrer pola causa que disse. E vendo ele a multidão dos immigos que carregaua, & por ser ho lugar por onde hia muyto estreyto pera voltar tanta gente, & por os nossos começarem de fugir com medo do que acontecera ao Marichal não se quis deter & proseguio auante passandose à dianteira por conselho dos fidalgos que hião coele pera ter a gente que se desmandaua & fugia, & eles ficarão na traseira. E ho conselho foy muyto boõ pera ho tempo, porque ainda cõ se ho gouernador passar à dianteira, era ho medo tamanho nos nossos que não deixauão de fugir por os immigos os perseguirem, & apertarem muyto de todas as partes, assi por abertas q̃ sayão ao caminho como por de cima dos valos das hortas que entestauão nele, que erão tão altos que os mouros ficauão sobre os nossos & os ferião: & tão brauamente carregarão sobre ho gouernador que ho fizerão deter. E aqui foy hũa braua & aspera peleja, em que foy morto Gonçalo queymado alferez, & assi outros muytos feridos & antreles ho gouernador de duas zagunchadas, hũa no braço dereyto de que despois ficou aleijado & outra no pescoço, & esta foy pequena. E andando assi ferido veo hum pelouro de bombarda da parte dos immigos & deulhe nos peytos., & em lhe dando chamou ele por nossa senhora de goadalupe, tão deuotamẽte que rogou a nosso senhor que lhe não fizesse mal, como não fez mais que derribalo no chão. E em memoria deste milagre mandou ele despois este pelouro (que parece que algũ seu criado recolheo) a nossa senhora de goadalupe, com mil cruzados desmola, pera se comprar renda com que ardesse pera sempre hũa alampada diante da imagem de nossa senhora, & està esta alampada antre as alampadas dos reys. E os frades do mosteyro de nossa senhora de goadalupe tẽ este milagre escripto com outros muytos que nosso senhor tem feytos por rogo de sua gloriosa madre, & ho leem aos estrangeiros que ali vão em romaria, principalmente aos Portugueses. E caindo ho gouernador da pancada que lhe deu ho pelouro, em ele caindo acodirão muytos immigos pera ho matar, & fizerãno se não fora Dinis fernandez de melo, & Antonio de sousa de Santarem que ho defenderão com muyto esforço. E bradando algũs dos

nossos que matauão ho gouernador, acodirão os fidalgos que hião na trasei-ra, & com sua chegada se afastarão os immigos. E ja a este tempo ho gouer-nador estaua posto sobre hum pades, & tinhão ás costas hum Fernão cal-deira seu paje & outros. E estando ele em seu acordo disse aos fidalgos que não era nada, & assi abalarão pera a praya. E coisto que aconteceo ao go-uernador acabarão os nossos de se des-baratar: & sem os fidalgos os poderem ter fugião a quem mais podia, & os immigos a pos eles, ferindo & matan-do. E indo coesta afronta tamanha, hum fidalgo chamado Ruy galuão fi-lho de Duarte galuão tomou ás costas hum Aluaro vaz que se lhe encomen-dou, porque de ferido não podia an-dar: & ele como muyto esforçado caua-leyro que era ho saluou, leuando ho ás costas ate a praya nã, lhe lembrando ho perigo de sua vida, & valeo aos nossos que era a praya perto: que se fo-ra mais longe poucos ouuerão de esca-par dos nossos segundo hião desbara-tados: & ainda ouuerão de morrer os mais segundo os mouros hião aper-tando, se não fora por dom Antonio, Rodrigo rabelo, & os outros capitães que estauão na praya, que vendo os as-si lhes acodirão logo, & Rodrigo rabe-lo foy ho primeyro que acodio a dom Ioão de lima & a Antonio pacheco que hião cercados de muytos nayres, & tão feridos que se não podião de-fender & tambem de cansados. E vẽ-do os immigos ho socorro que acodia aos que leuauão de vencida teueran-se com medo das espingardadas que os do socorro tirauão, & assi da artelha-ria das galês que logo começou de ju-gar, & com quanto se os immigos te-uerão hião os nossos tão desatinados, que muytos não parauão ate ho mar a que se deitauão, que com desatino do medo não vião as galês a que se podião recolher sem nadarem. E porque se não lançassem mais ao mar mandou dom Antonio a Simão martinz, & a Diogo mendez capitães das galés que se recolhessem a elas pera recolherem nelas a gente, & assi ho fizerão: & en-tretanto embarcarão ho gouernador muyto fraco. E como foy embarcado Fernão caldeira aruorou ho seu guião & começou de bradar muyto alto, di-zendo que ho gouernador era viuo que se recolhessem todos, & assi ho fa-zião: & tambem porque dom Anto-nio, & Ruy da cunha & Rodrigo ra-belo esteuerão na praya ate que os nos-sos forão todos recolhidos. E ho derra-deiro que se recolheo foy Iorge bote-lho de pombal que andaua com Rodri-go rabelo, que apanhou muytas armas daqueles que as deixauão pera se lança-rẽ ao mar: & vendo ficar hũ arnes tor-nou por ele, porq̃ não ficasse aos imi-gos. E por ser ho perigo grande que estauão eles perto, & em terra não auia dos nossos se não ele, começarão de lhe tirar lanças darremesso do batel de dom Antonio, & do de Ruy da cunha porque se tornasse, & não querẽdo ele sem leuar todas as armas ho mandaua dom Antonio prender: o que Rodri-go rabelo não consentio, dizendo que antes perderia quanto tinha del rey que prenderenlhe aquele homem, & não lho prenderão.

Capitolo. iiij. Do dano que receberão os nossos dos immigos, & do que os immigos receberão deles, & do ma-is que passou.

ACabados os nossos de embarcar, que era ja bem noyte, despois de curado o gouernador, & os outros feridos, q̃ forão muytos, mãdou ele saber pela frota os que falecião, & achouseque falecião setenta & oyto homens.s.ho marichal, Vasco da silueira, Manuel paçanha, Ruy freyre, Lionel coutinho' Frácisco de mirãda chichorro, Felipe rodriguez, Pero fernandez tinoco, & outros capitães, fidalgos & caualeyros ate vinte, & os outros erão homẽs não conhecidos. E posto q̃ esta perda foy muyto grande, os immigos a receberã muyto mayor, porq̃ lhe foy queymada a mayor parte da cidade: & nas casas, & no çarame del rey forão queymadas quinhentas & setẽta almas antre molheres & meninos, & forão mortos a ferro mil & cento & trinta homẽs de peleja, segũdo se despois soube pelos mouros de Cochĩ, & de Cananor, q̃ ho souberã dos d̃ Calicut: & foy tomada toda sua artelharia, & queymadas vinte naos nouas q̃ estauã pera ir a Meca. E se não fora ho desbarato dos nossos ganharão eles muyta honrra: & todauia fizerão hũ feyto notauel, porq̃ desta vez ficou ho poder do çamorim abatido de todo, & os mouros da India enuergonhados, porq̃ erão dantes tão soberbos eõ Calicut, & confiauão tãto em sua fortaleza, que não somente lhes parecia que a não auiã os nossos dousar de cometer, mas ainda falando & muytas vezes sem proposito dizião, hiuos a Calicut: Assi q̃ recolhidos os nossos ho gouernador se alargou de terra & surgio ao mar pera dali despedir ꝑa Portugal a Pedrafonso daguiar, que por morte do Marichal ficaua por capitão mór da sua armada. E refusando Pedrafonso de se partir dali, dizendo que tinha necessidade de tornar a Cochim pera despachar sua armada, disselhe ho gouernador q̃ era ja tarde, & que as naos que estauão em Cochim por carregar que erão muytas, & poderião fazer tãta detença, que por ser muyto fora de monção quando partissem inuernariã em Moçambique, que seria grande deseruiço delrey seu senhor, por isso q̃ se partisse com tres que ali tinha carregadas, & q̃ em Cochĩ lhe despacharia logo outras tres q̃ nomeou, & q̃ as outras era seruiço del rey q̃ ficassẽ na India cõ a gente q̃ fora nelas, & cõ a artelharia, por q̃nto Duarte delemos q̃ andaua na outra costa lhe mãdaua pedir a armada, & dãdolha, ele ficaua sem nenhũa armada, o q̃ seria causa de sepder a India, por quã soberbo ficara el rey d̃ Calicut polo desbarato dos nossos, & q̃ se ho visse sẽ armada hiria tomar Cochĩ por isso era seruiço delrey q̃ lhe ficassẽ as naos, & gẽte q̃ dizia. Ao q̃ querẽdo Pedrafõso cõtrariar, o gouernador lhe disse q̃ ele hia cõtra ho seruiço del rey, & que assi ho auia de escreuer a sua alteza: & mais q̃ leuando a seu cargo dous cães pedreiros quãdo fora cõ ho Marichal aos paços del rey de Calicut os deixara lá, & fugira q̃ os auia de pagar: & coisto lhe pos outros medos, q̃ não somẽte Pedrafonso se calou a tomarlhe ho gouernador a armada, mas a tudo o que dali por diãte lhe quis tomar, q̃ ate as trõbetas lhe tomou, & se ele queria cõtrariar ꝑgũtaualhe logo pelos cães. E coesta armada que ho gouernador reteue ficou ele muyto poderoso, & pode cõ ajuda de nosso senhor fazer as grandes cousas que despois fez, o que não fizera se ho Marichal não mor-

tera,porque lhe não ouuera dousar de tomar a armada,& sem ela ouuera de ficar hum pequeno capitão do mar, & não gouernador. E vendo Pedrafonso daguiar que não podia leuar a melhor do gouernador deulhe tudo quanto quis,& partiose com tres naos pera Cananor & dahi pera Portugal.

Capitolo.v. Do que ho gouernador fez despois que foy em Cochim. E de como se perderão nos baixos de Padua Bastião de sousa & Frãcisco de saa indo pera Portugal,

DEspois de partido Pedrafonso daguiar pera Cananor se partio ho gouernador pera Cochim, onde deu a capitania do nauio que fora de Vasco da silueira a hum Antão nogueira cunhado de Duarte de lemos: a quem escreueo por ele, que pelo desastre de Calicut, & por a armada da India estar ainda varada não se partia logo & lha leuaua: porem que se partiria tanto que fosse deitada ao mar,& que là se darião as galês como el rey seu senhor mandaua. E escreueo a dom Afonso de noronha seu sobrinho capitão de çacotorà que estaua prouido por el rey da capitania de Cananor, rogandolhe muyto que partisse logo,& escriuia a Duarte de lemos que lhe desse embarcação se lha ja não tinha dada. E partido Antão nogueira despachou ho gouernador pera Portugal Bastião de sousa, & Francisco de saa,& Gomez freyre que tinhão suas noas carregadas: & indo por sua viajem Bastião de sousa & Francisco de saa que hião ambos juntos forão dar nos baixos de Padua,& por ser ho tẽpo bonança não fizerão as naos mais que abrir & assentarse na area,& antes que se enchessem dagoa se foy a gẽte nos bateys a hum ilheo que està junto dos baixos, onde se saluarão com muyto mantimento,& muyta fazenda. E estando assi porquanto dali era perto a Cananor, & com a bonança que fazia poderião là ir nos bateys, determinarão os capitães de ir neles. E porque ouue deferença sobre quaes hiriã coeles, disse Fernão de magalhães, aquele que descobrio ho estreyto de Todos os sanctos, nauegando de Seuilha pera Maluco, que bem vião que não podião ir todos juntos,& por se escusarem brigas que estauão ordenadas, que fossem os fidalgos & homẽs principaes com os capitães.& que ele ficaria com os marinheiros & outra gente baixa, com tanto que lhe prometessem eles de tornar por ele, ou fazer com ho gouernador que mandasse: o que lhe eles jurarão, & com ficar Fernão de magalhães quis a gente baixa ficar, que doutra maneyra ouuera de auer brigas. E estando ainda Fernão de magalhães no batel, ja que se querião ir, disselhe hum marinheiro cuydando que se arrependia de ficar. Senhor & não prometestes vos de ficar cõ nosco. disse ele, si,& vedes me vou,& foysse pera elès,& ficou: em que mostrou muyto esforço,& confiança nos homens.

Capitolo.vij.Do que aconteceo a Pedrafonso daguiar em sua viajem, & de como chegou a Portugal.

GOmez freyre ho outro capitão de sua conserua seguido por sua viajem chegou a Moçambique, onde achou ho capitão moor fazendo agoada. E partido daqui tanto auante como ho cabo das correntes, fez hũa nao chamada a galega hũa agoa tão grossa que foy necessario acodirlhe ho capitão mór, & meteolhe dentro vinte cinco homens, que não podião achar por onde fazia agoa, porque era por debaixo da carlinga: & despois dachada foy tomada cõ grande trabalho, porem ho lugar era tão perigoso que pareceo a todos, que posto que se tomasse, que pera ficar segura não se escusaua descarregarse a nao, porque se nauegasse sem lhe fazerẽ este remedio auia de tornar a fazer a mesma agoa. E por isso se determinou em conselho que tornasse a Moçãbique pera se hi correger. E a gente da nao foy tão aluoroçada com esta determinação parecendolhe que erão perdidos, que todos de hum acordo disserão que não auião de consentir que a nao tornasse a tras sem ho capitão mór tornar nela, & se não que antes querião q̃ os matassem Portugueses, que serem comidos dos peixes. E vendo ho capitão mór este aluoroço por não dar lugar a que se matasse aquela gente quis tornar na nao: & primeyro que partisse tomou ho nauio a Bras teixeira pera tornar nele, & deulhe a sua nao em q̃ ho mandou pera Portugal, & tornouse pera Moçambique, leuando consigo a Gomez freyre, porque se a nao se fosse ao fundo se saluasse a gẽte naqueles dous nauios, & teue bem de trabalho ate Moçambique, porque tornou a nao a abrir a mesma agoa. E descarregada em Moçambique, em a tirando a mõte se partio pelo meyo que não aproueitou mais pera nada. O que visto por ele, & que não auia outro remedio se não deixar ali a carga: mãdou logo fazer dous fornos, em que se fez muyta cal perare bocar & argamassar algũas casas em q̃ alojou a especiaria. E feyto isto se partio pera Portugal a oyto de Iunho de mil & quinhentos & dez, que era bem fora de tempo, & chegou a Lisboa cõ Gomez freyre a dezanoue Doutubro do mesmo anno.

Capit. vij. De como indo ho gouernador pera ho estreyto do mar roxo deixou a ida por saber que fazião turcos hũa armada na ilha de Goa.

FEytas todas estas cousas que digo, & sendo toda a armada da India deitada ao mar disse o gouernador aos capitães, fidalgos caualeyros, & pessoas principaes que andauão coele, que por comprir a prouisam del rey seu senhor queria leuar a armada da India a Duarte de lemos que andaua na outra costa: & que não queria deixar nenhũa na India por não auer dela necessidade, por quanto as naos de Calicut que poderão hir a Meca com especiaria forão queymadas. E naquela mouçao estaua

certo: não poderẽ nauegar de Calicut pera ho mar roxo, porque em Feuereyro, Março ate meado Abril que ela duraua não auião os mouros de poder fazer outras naos, E todos aprouarão sua determinação, que posto que assi a dissesse em pubrico, a verdade era q̃ ele queria ir sobre Ormuz, & vingarse da treyção que lhe hi fora feyta (como disse no segundo liuro, & porque se os mouros nã apercebessem sabendo sua ida dissimulaua com dizer que leuaua a armada a Duarte de lemos, & por isso a leuaua toda & tanta gente. E aparelhandose pera partir Iorge da cunha, Frãcisco de sousa mãcias, Ieronimo teixeira & Luis coutinho lhe disserão que eles não ficraão na India, se não por lhes parecer que por ser tarde não poderião passar de Moçambique, & que por as suas naos serẽ de mercadores eles não erão obrigados a seruir coelas a el rey de Portugal, se não se lhes pagassem, por isso se queria que fossem coele que lhes auia de dar outro mantimento a fora o que leuauão de viajem. Ao que ho gouernador respondeo, que se ele podera fazer o que pedião que ho fizera de boa võtade, mas que bem sabião q̃ não tinha comissam del rey seu senhor pera dar mais soldo do que cada hum trazia de Portugal, & por isso lhes nã podia dar mais do que trazião: quanto mais que ele os não deteuera nem detinha, nẽ ficarão na India, pelo que compria a el rey seu senhor, se não por não terem tempo pera partir, & pois ficauão que não era muyto fazerem aquele seruiço a el rey: & mais que eles não folgarião que ele soubesse que ho não quiserão seruir. E despois de estes capitães perfiarem muyto q̃ lhe dessem outro soldo, & não querẽdo ho gouernador dar lho ouuerão de ir coele: que se partio de Cochim na fim de Ianeyro de mil & quinhentos & dez, leuando a via de Cananor, & deixou por capitã em Cochim Antonio real q̃ era alcayde mör & patrão mór da ribeira, porque leuaua consigo dom Antonio de noronha seu sobrinho, & leuaua vinte duas velas. s. dezasete naos, de que erão capitães ele, dõ Antonio de noronha, Fernão perez dandrade, Iorge da silueira, Ayres da silua, Francisco pantoja, Duarte de melo, dom Ieronimo de lima, Frãcisco pereyra coutinho, Bernaldi freyre, Manuel de lacerda, Frãcisco de sousa mancias, Iorge da cunha, Francisco coruinel, Luis coutinho, Ieronimo teixeira & Garcia de sousa. E duas carauelas, de que erão capitães Antonio pacheco & Iorge fogaça. E duas galès, de que erão capitães Simão dandrade & Diogo mẽdez, & hum bargantim, de que era capitão Simão martinz. E chegando ele a Cananor deu a alcaydaria môr da fortaleza a Diogo mendez, & a capitania da sua galé deu a Diogo fernandez de beja: & estando hi chegarã Bastião de sousa, & Frãcisco de sa nos bateis, em que partirão dos baixos de Padua, & disserão ao gouernador ho perigo em que ficaua Fernão de magalhães com a outra gente. E posto q̃ ho gouernador soube q̃ eles teuerã muyta culpa em se perderem por não guardarem ho regimento que lhes dera, dissimulou coeles & emprestoulhes dinheiro pera suas necessidades, & mãdou a Antonio pacheco por Fernão de magalhães, & polos outros, que os trouue todos a Cananor, onde ainda achou ho gouernador: q̃ partido de Cananor soube a monte Deli q̃ Frãcisco

de sousa, Ieronimo teixeira, Iorge da cunha & Luis coutinho o querião deixar & irselhe, īduzidos por Ieronimo teixeyra que se fossem todos andar darmada de Ceylão pera dentro, por que ali se carregarião de presas, o que ele sabia de quando fora a Malaca com Diogo lopez de sequeyra, & que dali sem tornarem aa India se hirião pera Portugal, como fizera Diogo lopez. E porque isto não ouuesse efeyto tirou ho gouernador a capitania a Ieronimo teixeyra, & aos outros tomou as menajens, que não fossem hūs às naos dos outros, porque ali se fazia a conjuração, que foy desfeyta coeste atalho. E costeando ho gouernador dali a costa foy ter ao porto de Baticalà onde estauão duas naos de mouros de Meca que forão tomadas pelos nossos capitães, & forão vendidas a hūs mercadores da mesma cidade. E estando aqui ho gouernador lhe foy dado hum recado de Timoja, que compria muyto a seruiço del rey de Portugal verse coele, que lhe mandasse logo dizer onde queria que se vissem. E per conselho dos nossos capitães foy a vista no ilheo Donor que està ao mar dele onde se virão. E Timoja lhe disse camanho seruidor fora sempre delrey de Portugal, & assi ho era: & por isso lhe dizia que ho çabayo senhor da ilha de Goa, & no reyno de Daquem mandaua fazer em hūa cidade que estaua na mesma ilha vinte naos de castelos como as nossas, de que cinco estauão quasi acabadas: & assi tinha feytas algūas fustas com fundamento de fazer hūa grossa armada que andasse por aquela parajem pera pelejar com a sua armada, & com as naos que fossem de Portugal, & com as de nossos amigos, de que ja tinha tomadas algūas, & que tinha artelharia, & muyta & muy boa gente branca todos turcos que sabião bem pelejar, & por isso lhe conselhaua que não fosse fora da India, & fosse logo sobre a cidade de Goa, porque esta ua em disposição pera a tomar sem perigo, porque ho çabayo era morto, & hū filho que lhe sucedera chamado tābem çabyo, não estaua na cidade que era na terra firme a fazer guerra a hūa cidade que se lhe rebelara, & que leu ara a mayor parte da gente de goarniçā que tinha em Goa, que por esta causa era muy facil de tomar, & querendo ir tomala iria coele, & leuaria a dianteira, & que as suas naos poderião entrar no rio de Goa. E sabido isto pelo gouernador chamou logo aconselho, & propos nele o que lhe Timoja dissera: & per todos foy acordado que se deuia de trabalhar por se tomar Goa, quanto mais podēdose auer daquela maneira, & por isso deuia ho gouernador de deixar dir onde hia & ir a Goa, que aquilo parecia ordenado por nosso senhor. E de tudo isto foy feyto hum auto per Lourenço de payua que era secretario, em que todos assinarão, E assi foy feyto outro sobre ho gouernador pedir a todos os capitães, fidalgos & caualeyros, que sendo caso que ele falecesse na tomada de Goa, que eles ouuessem por gouernador da India a dom Antonio de noronha ate vir de çacotorà dom Afonso de noronha seu hirmão, q̄ elrey seu senhor mandaua que lhe sucedesse na gouernança, o que lhe todos prometerão, & assinarão ho auto que se disso fez. E assentado que se tomasse Goa, cōcertou ho gouernador cō Timoja que fosse por terra sobre a fortaleza de Cintâcora, em que estaua

hum capitão do çabayo com gente de gôarnição toda branca, & que trabalhaſſe por a queymar, porque aquela gente não foſſe ſocorrer Goa. E concertado iſto, ſe partio dali Timoja, & foyſſe a Honor, onde junta muyta gẽte foy ſobre Cintâcora indo por terra, & ſua armada ho foy eſperar ao cabo Darama,

Capit. viij. De como eſtâ ſituada a cidade de Goa cabeça do ſenhorio do çabayo.

ESta ilha a que nos chamamos Goa, chamão os canarins, q̃ ſam os gẽtios naturaes da terra Tiçoari, foy do ſenhorio do reyno đ Daquem, em cuja coſta eſtâ a cincoenta legoas de Dabul: nauegando pera ho ſul eſta ẽ dezaſeys graos da bãda do norte ſera de ſete ou oyto legoas de roda, pouco mais ou menos. Tem duas barras, a principal de que ſe ſeruem eſtâ na foz de hũ rio que ſe chama Pangim, & ao longo dele duas legoas da barra eſtâ ſituada hũa cidade que tem ho nome da ilha. E da barra pera dentro da banda da ilha eſtaua hũ baluarte, onde agora eſtâ ho caſtelo de Pangim: & da banda da terra firme eſtaua outro baluarte & ambos com artelharia. E defronte da meſma ilha de Goa, onde ſe chamaua ho vao de Gondalim, q̃ ſe chama agora ho Paſſo ſeco ſe faz outra ilha antre a de Goa, & terra firme que ſe chama Iũa & he deſpouoada: & ho rio q̃ fica antrela & a de Goa he tão eſtreyto, & de tão pouca agoa, que com baixa mar ſe paſſa quaſi a pê enxuto: porẽ ha nele muytos lagartos dagoa, que tambem ha nos outros rios. E deſpois que ho çabayo foy ſenhor deſta ilha, pera a fortalecer, mãdou que todos os condenados â morte por juſtiça foſſem lançados naquele rio com grande ſoõ de trõbetas & bacias, que os lagartos teuerão por ſinal da ceua que lhe lançauão, porque comem homẽs, & acodião logo como ouuião as trombetas, & daqui ſe acoſtumarão ali, de maneira que ſe deixarã ficar, & fizerão caſta q̃ ha agora ali muytos, & quem ouuer dentrar por eſte paſſo ido da terra firme ha de paſſar a Iũa & dahi a Goa. Tem eſta ilha outro paſſo da bãda do leuãte obra de hũ quarto de legoa đſte Paſſo ſeco, q̃ ſe chama Benaſtarim, & dhũ paſſo ao outro era a ilha cercada đ muro & baluartes: & ao longo do muro da parte de dẽtro era a terra alagadiça, de modo que ficaua muyto forte, & em Benaſtarim eſtaua hũa pouoação de gentios, como ainda agora eſtâ, & aqui he ho rio mais largo que no Paſſo ſeco & vay alargãdo de cada vez mais ate outro paſſo q̃ tẽ a ilha que ſe chama Agacim onde a traueſſa de mar que ha dela â terra firme, he mais đ hũa boa legoa, & aqui ſe faz outra barra que ſe chama Goa a velha, onde a ilha tem hũa fermoſa praya. E no tempo que eſta terra foy de gentios eſteue hi a propria cidade de Goa, q̃ os mouros deſtruyrão: & foy muyto grãde & nobre, ſegundo ainda então parecia na ſoma de cantaria laurada, & em muytos piares que hi eſtauão. E neſta barra, ou pera melhor dizer, baya defronte Dagacim, ſe vem meter hũ rio que vem da terra firme por hũa comarca que ha nome Salſete. A mayor parte deſta ilha he cercada

de rochedo & vasa: a terra ẽ si he muy fermosa & viçosa de muytos & grandes palmares q̃ dã muito vinho, azeite vinagre & jagra, q̃ sabe quasi como açucar, & areçaes que dão areca com q̃ se come ho betele, & ẽ tudo isto se faz muyto dinheiro, & tem agora muytos Portugueses disso muyta renda. Ha tambem muytas hortas em q̃ ha muytas & muy singulares fruitas da terra, & muytas & muy sãdias agoas: ha muito arroz & outros ligumes & deles diferẽtes dos nossos & todos pa comer, & ha grãde soma de gergelim, de que se faz muy bõ azeite q̃ escusa o nosso, & he em tanta abastãça que se faz em lagares como ho nosso. Ha nela muito gado, de vacas & de bufaros, & muytos porcos & galinhas, & muyto & bõ pescado, & assi outros muytos mantimentos da terra & do mar. He muyto pouoada de gentios que se chamão canarins, hũs bramenes & outros doutras calidadas, tem muytas casas doração de seus idolos a que chamão pagodes: & ha per toda ela muytos & grandes tanques feytos de ladrilho (em que podẽ nadar nauios) pera se lauarẽ os gentios & mouros. Nesta ilha como digo duas legoas da barra pelo rio de Pangim acima, defronte doutra ilha chamada Diuari estaua situada a nobre cidade de Goa, não tão polida como agora, porẽ bẽ arruada & de boas casas altas de sobrados de pedra & cal & cercada de muros baixos, & tinha boa fortaleza & grandes almazẽs, & hũs paços do çabayo: era pouoada de mouros mercadores estranjeiros, muy honrrados & ricos todos brancos, & tambem de gentios naturaes da terra, & doutros filhos de mouros & de gẽtias que se chamauão neiteàs. Era cidade de grãde trato por ser de bõ porto & por hirem a ela muytas naos de Meca, Dadem & Dormuz com grande soma de caualos q̃ pagauã muytos dereytos, q̃ era a mayor parte da rẽda q̃ rẽdia a alfandega de Goa. Esta ilha cõ as duas q̃ disse, & outra chamada Chorão que està muyto perto dela erão do senhorio do reyno de Daquem cujo derradeiro rey a deu cõ estoutras tres ilhas, & com a terra do Balagate dẽtro na terra firme a hũ mouro seu vassalo que se chamaua çabayo por ser bõ caualeyro, & manhoso na guerra, pera q̃ a fizesse a el rey de Narsinga seu vezinho: & despois se leuãtou este çabayo como disse contra el rey seu senhor quando se lhe leuantarão os outros capitães que lhe gouernauão ho reyno. & despois que se ho çabayo leuantou fortaleceo a cidade mais que dantes, & mãdou fazer na entrada do rio de Pãgim os dous baluartes que disse, & ambos bẽ artilhados, & tinha neles alcaides & gente branca de goarnição que os goardauão, & assi na cidade em que de cõtino tinha hũ capitão cõ muytos turcos de peleja, porq̃ se não fiaua doutros pera fazer coeles guerra: & tinha a ilha tambem goardada que ninguẽ não entraua por mar nem por terra senão cõ muyto grande recado de goardas que estauão em todos os passos q̃ erão Pangim, Agacim, Benastarim, Gondalim & Daugim. E nestes se registraua todo ho homem que entraua na ilha, & lhe escreuiã todos os sinaes que tinha em seu corpo & donde era, & assi ho deixauão entrar. E isto fazia ho çabayo porque lhe não fizessem treiçã, & coela lhe tomassem a cidade, & assi ho fazia ho filho despois q̃ lhe sucedeo no senhorio.

Capit.ix. De como o gouernador chegou à barra de Goa, & de como dõ Antonio đ noronha tomou os dous baluartes dabarra.

PArtido Timoja, partiose ho gouernador pera Goa, à cuja barra chegou hũ dia a horas de vespera, & em chegando foy ter Timoja coele, & de caminho deu na fortaleza de Cintâcora, & a tomou & queimou, & nos ilheos de Goa se embarcou em sua armada, q̃ seria de ate doze cotias em q̃ leuaua boa gente de guerra. Surto aqui ho gouernador acordou em cõselho de mandar sondar ho rio ꝑa ver se poderião entrar as naos como dizia Timoja, & q̃ hiria a isso ho piloto mór em hũ batel com dom Antonio de noronha q̃ auia de ir tomar ho baluarte q̃ estaua na ilha de Goa abaixo de Pãgim: & auia dir em hũa fusta, & auião dir coele Simão dãdrade na sua, & Simão martiz no seu bargantim, & Iorge fogaça no seu batel: & q̃ entretãto q̃ dõ Antonio desse no baluarte da ilha, daria Timoja no outro da terra firme: & vista a disposição da barra que tornasse ho piloto mór com recado ao gouernador. Isto assentado partirãse os que auião dir, & tanto que aparecerão começarão os imigos de tirar dos seus baluartes, & logo Timoja se apartou com suas cotias a cometer ho baluarte da terra firme, & dom Antonio cõ os outros capitães cometeo ho da ilha ẽ que estaua çufogogi hũ mouro capitã de Goa, que tanto q̃ soube polas vigias q̃ tinha como a nossa frota parecia ao mar receãdo o que foy acodio logo cõ gente de caualo a socorrer a fortaleza de Pãgim, & dahi se passou ao baluarte da barra que estaua abaixo dela, & mandou dar fogo a essa artelharia que tinha: de que hũ pelouro deu na proa da fusta de dom Antonio & leuou hũ pedaço dela, & por muy pouco errou de ho matar. E cõ tudo ele com os outros capitães não deixarão de passar a uante & poiarão em terra, onde ho primeyro que poiou foy Iorge fogaça, & com ho seu guiã se meteo antre os immigos que erã muytos, & pelejauã cõ muyto esforço âs cutiladas & lãçadas, & os nossos tambẽ: & nisto foy ferido çufogogi em hũa mão cõ hũa seta da nossa parte q̃ lha passou pela palma, & como a dor era mortal não pode mais esperar & saiosse da peleja: o que sintindo os seus fugirão logo & desemparão ho baluarte, ficando algũs mórtos. Desemparado ho baluarte os nossos ho entrarão, & tomarão algũs mãtimentos, & armas que hi acharão, & dom Antonio mandou recolher os tiros que estauão nele: & fazendose isto chegou Timoja, que tambẽ tomou ho outro baluarte, cõ matar algũs dos immigos, & tomado o queimou. E ajuntado com dom Antonio se forão à fortaleza de Pangim onde se acolhera çufogogi, q̃ vendo quã asinha os nossos tomarão ho baluarte, temendo que fizessem assi à fortaleza por ele estar tã ferido que nãpodia estar cõ sua gẽte na peleja caualgou & foisse ꝑa Goa ho mais secretamente que pode. E cuydando os immigos que estaua na fortaleza quiserão defẽder a desẽbarcação aos nossos, & nã poderão por mais que trabalharã, & ferirã os nossos neles tã rijo q̃ os fizerã recolher ꝑa a fortaleza & entrarão coeles & matarão muytos & os outros fugirão sem morrer nenhũ dos nossos.

Capit.x. De como ho gouernador ſabẽdo o que dom Antonio tinha feyto entrou pera dentro de Pangim, & do recado que mandou â cidade.

TOmada a fortaleza d̃ Pangim foylhe poſto fogo, & aſſi à pouoaçã & ardeo grande parte de tudo. E por ſer ja q̃ſi noyte dom Antonio nã quis paſſar dali, & mãdou recolher a artelharia. E deſpois de recolhida q̃ era noyte mandou ho piloto môr com recado ao gouernador, aſſi do q̃ tinha feyto como da diſpoſição da barra, & da ſonda que tomara, & no caminho achou ho piloto môr Nuno vaz de caſtelo branco, que por mandado do gouernador hia em hũ batel a ſaber o q̃ era feyto, & õde ficaua dom Antonio: porque quando ele vio ho fumo da fortaleza de Pangim que ardia cuydou q̃ era em Goa, por amor do outeiro que eſtà ſobre pangim, que parecia da barra onde ele cuydaua que era a cidade, porque ainda não ſabia onde eſtaua. E com quanto Nuno vaz achou ho piloto môr, & ſoube ho recado que leuaua ao gouernador: todauia ho foy ſaber de dom Antonio, & ſabido tornou ao gouernador, poſto que era paſſada grãde parte da noyte. E eſtando já ho gouernador ẽformado de tudo, determinou de ao outro dia com a viração mãdar todos os nauios peq̃nos cõ a mais gente que podeſſem leuar: o que logo mandou dizer Nuno vaz a dõ Antonio, & que ſe poſeſſe acima donde chamão Rabandar, que he auante de Pangim hũa boa mea legoa da cidade, & q̃ ali eſperaſſe ate ele ir cõ os nauios, porque as naos grandes entrarião deſpois.

E ao outro dia como foy tempo ſe partirão os nauios pera onde eſtaua dom Antonio, que era onde lhe ho gouernador mandara: & hião coeles muytos paqueres de Cananor, & paraos de Cochim que ho gouernador ali deteuera, pera lhe ajudarem a deſembarcar a gẽte, porque tinha poucos bateys. E aq̃le dia a tarde deſpois de ho gouernador ſaber q̃ as naos grandes podião entrar pera dentro, tẽdo tempo, que então falecia: & deixandoas a recado ſe foy pera onde eſtaua dom Antonio, & achou â fala coele hũa cotia que ſayra da cidade, em que eſtauão algũs mouros, que em ſeu trajo parecião homẽs honrrados, que como virão ſurta a galé em q̃ hia ho gouernador, q̃ era a de Diogo Fernandez de beja, abalrroando coela ſaltarã dentro, & forãſe deitar aos pés do gouernador, beijandolhos: & fazẽdo os ele leuantar, lhe diſſerão q̃ erão mercadores Dormuz vaſſalos del rey de Portugal, & nauegauão com ſeu ſeguro. E ſabẽdo como ele eſtaua na barra lhe leuauão refreſco, de galinhas, carneyros, & fruytas q̃ lhe deſpois derão, & lhe diſſerão como ho capitã de Goa fora ferido na tomada do baluarte da barra: & por iſſo, & por os mouros verẽ tão aſinha tomados os baluartes, & por auer na cidade pouca gente darmas, & eſtar ho hildacão longe deſconfiauão os mouros de Goa de ſe poderem defender, & determinauão de ſe lhe entregar ſe ele cometeſſe a cidade. E por eſta noua lhes prometeo ho gouernador aluiçaras, & deixando cõſigo algũs deles deſpedio logo os outros pera que ſe tornaſſem â cidade, & diſſeſſem aos moradores dela que ele não auia de fazer guerra ſe nã a quem a quiſeſſe, & ſe eles a não quiſeſſem q̃

lha não faria, mas antes os deixaria viuer liures como viuião, & ainda mais se mais podesse ser, & os trataria como a Portugueses: & lhes quitaria a terça parte dos dereytos que pagauão ao hidalcão. E todos os que tinhão terras, rẽdas & soldos do hidalcão, ho teuessem como dantes, & ho mesmo vsaria com os pagodes & mezquitas: & q̃ assi mouros como gentios viuessem liuremente em suas seitas. Por isso que lhes rogaua que folgassem de ser vassalos delrey de Portugal, & de ho terẽ por senhor, & a ele por amigo. Sabido este recado por esses hõrrados da cidade, como ja estauão abalados pera se darẽ determinaranse em ho fazer, & disserão a çufogogi, que se ele quisesse pelejar cõ ho gouernador que pelejasse, porque ho não auião dajudar: dandolhe as rezões porque. E vendo ele isto não se atreuendo a defender se foy da cidade, & passouse pera a terra firme, pera se ir õde estaua ho Hidalcão.

Capit. xj. De como a cidade de Goa foy ẽtregue ao gouernador, & do q̃ fez despois dentrar nela.

Partido çufogogi esses mouros honrrados de Goa ẽ nome de todos os moradores dela mãdarão dizer ao gouernador pelos mouros Dormuz, que eles lhe entregarião a cidade, com condição que alem de todas as seguranças que lhe daua, de q̃ faria hũ seguro assinado por ele, lhe seguraria tambem as fazendas & pessoas, assi dos mouros como dos gentios. O q̃ ho gouernador fez, & isto somẽte aos mercadores & naturaes da terra, mouros, bramenes & canarins: porem que a fazenda dos lascarins, turcos, & doutra qualquer gẽte darmas que nã entrasse neste seguro, & fosse perdida pera el rey, & pera as partes. Do que os mouros forão contentes por não poderem al fazer, & lhe mandarão dizer que ao dia seguinte fosse tomar posse da cidade: o q̃ sabido por algũa gente darmas que auia nela fugio pera a terra firme. E ao outro dia com a viração se foy ho gouernador pera a cidade que estaua dali a tiro de bombarda, & chegãdose pera ela começou de se descobrir ho porto, em que auia muytas naos de mercadores, & outras varadas & começadas de fazer, & muytas fustas, & outros nauios. E pelos muros da cidade appareceo muyta gẽte, que saya a ver a nossa frota. E antes que ho gouernador chegasse ao cays forão esses principaes da cidade ẽtregarlhe as chaues dela, & fazendolhe sua reuerencia, lhe disse hũ em nome de todos. Esta tua supita vinda, & a tempo que esta cidade estaua desemparada, assi do hidalcão que foy nosso senhor, como dos lascarins que a goardauão, nos faz parecer que Deos ta quis dar pera se acrecentarem com tamanha cousa como esta, as outras muyto grãdes que tu & os frangues tẽdes feytas nestas partes. E pois ele quis mudar ho senhor a Goa nos outros ho não podemos estoruar, & ta entregamos. E doje por diante nos sometemos ao senhorio delrey de Portugal, & nos metemos debaixo de teu emparo, pera que nos trates como a seus vassalos, & nos fauoreças como a teus seruidores. E dizendo isto lhe deu as chaues, que ho gouernador tomou cõ muyto grãde prazer, louuando o que fazião, & ꝓmetendolhe o que lhe pedião. E dado

muytas graças a nosso señor pola muy grande merce q̃ lhe fazia: desembarcou no cays aos dezasete de Feuereyro do anno sobredito: & entrou logo na cidade pela porta da ribeyra cõ a gente feyta em escoadrões, & a bãdeira real, & tanjẽdo diãte suas trõbetas. E certo q̃ era muyto pera louuar ho señor deos vendo entrar os nossos tã pacificamẽte em hũa cidade de mouros tã poderosa sendo os nossos tã poucos. Entrado ho gouernador na cidade repartio logo seus capitães, & gente pelas portas dela, & pelos muros, em q̃ mãdou fazer estãcias muy bem artilhadas: & a fortaleza deu a dõ Antonio de noronha, porque auia de ser capitão: & ele se apousentou nas casas q̃ forã do çabayo, em q̃ achou muytas molheres do hidalcã, & moças q̃ lhe ali ficarão, & pela cidade muytos & bõs caualos Darabia & da Persia. E ẽ hũas grãdes casas dalmazẽ q̃ estauã ãtre a fortaleza & as casas do çabayo, estauão muytos mantimẽtos, muyto breu, muyta estopa, pregadura & cordoalha pa as naos, & fustas dos turcos q̃ se fazião pa a armada q̃ se ordenaua, o q̃ se pos em recado: nã somente o que estaua dos muros a dentro, mas tambẽ no dos muros a fora, assi como na fustalha, & naos q̃ estauã varadas, & outras q̃ estauã quasi feytas, & começadas de fazer: & antrelas estaua hũa quilha cõ codaste & roda, & muyta liação ja posta, q̃ dizião os nossos q̃ acabada seria de mil & duzentos toneys segundo ho fundamento da armação, & disse se q̃ ja lhe ardera outra daq̃le tamanho que tinhã feyta na primeyra cuberta. E nesta armada pos ho gouernador grãde vigia, porque lha não queymassem os mouros, q̃ esperaua de se apueitar dela: & despois disto ouue em seu poder todos os arrẽdamẽtos das tanadarias d̃ Goa que tinha na terra firme, & descobriolhos Crisnã, q̃ era então moço, & era filho doutro Crisnã, q̃ fora rendeiro daq̃la terra: & assi ouue os ĩtẽs de quanto rendia a alfandega de Goa, & o q̃ se pagaua de soldo, & mantimẽto aos lascarins q̃ estauão na cidade. E achou q̃ a alfandega rẽdia doze mil pardaos douro, & as ilhas anexas a ela cinco mil & as tanadarias da terra firme. s. Caste Antruz, & Bardes rendião sessenta & cinco mil, a fora outras muytas q̃ auia. E vendo ho gouernador quão grossa cousa era Goa, louuaua muyto a nosso señor por lha assi entregar, & dizia a seus capitães q̃ da sua mão a tinha, & pois era hũa cousa tamanha, assi na abastança dos mãtimentos como na grãdeza da renda q̃ era muy necessaria pera conseruação do estado da India delrey seu señor, & assi pa proueito de sua fazenda. E portanto lhe parecia muyto necessario q̃ a goardassem cõ todo ho boõ recado, & diligencia q̃ podessem: o q̃ se não podia fazer sem q̃ inuernassem ali todos aquele inuerno, porq̃ cõ sua estada faria a gẽte assento, o q̃ seria ao cõtrairo se se fosse logo por mais gẽte q̃ deixasse nela. E aprouado por todos este parecer, mandou ho gouernador entrar as naos grandes pera dẽtro, surgirão junto da cidade, & proueo os passos da ilha, q̃ se chamão tanadarias, q̃ em nossa lingoa querẽ dizer almoxarifados, q̃ assi ho sam, porq̃ os tanadares que estão neles arrecadão os dereytos das mercadorias q̃ entrão por eles. E estas tanadarias ẽtregou a algũs dos nossos, a que mãdou que nã deixassem entrar na ilha, nẽ sayr dela nenhũa pessoa sem leuar sua chapa como se costumaua dãtes. E esta chapa era como selo

se não que era aberta de parte a parte, & punhasse cõ almagra,& deu a estes tanadares escriuães,& piães gẽtios,& assi algũs dos nossos pera goarda dos passos:& deu a capitania de Goa a dõ Antonio,& a feytoria a Frãcisco coruinel,& a alcaydaria mór a Gaspar d̃ payua:& assi ꝓueo outros muytos officios.

Capit.xij.De como o gouernador mãdou duas embaixadas, hũa a el rey de Narsinga,& outra a el rey de Vẽgapor,pera fazer amizade coeles.

PRouidos os officios da cidade,proueo ho gouernador as tanadarias da terra firme,assi pera se não perderẽ,como ꝑa se arrecadar ho dinheiro que se lá deuia ao hidalcão,q̃ ho gouernador dizia q̃ se auia de pagar a el rey de Portugal,pois era señor de Goa cabeça daquelas terras do Balagate.E por quanto as tanadarias erão na terra firme,não ousou dauẽturar nelas nhũs dos nossos pera os ter là por tanadares,& quis atẽtar ho vao cõ gẽtios,& mouros dos moradores de Goa,fazendo cõta que naq̃les não se auenturaua mais, que hirense cõ ho dinheiro que estaua ainda no mato,& nã era del rey seu senhor,& nos nossos auẽturauase a vida, que lhos poderião matar a todos.E a cada tanadar destes deu hũ escriuão gẽtio,& quinhentos piães,q̃ todos auião de ser pagos do dinheiro q̃ arrecadassem:& encomendoulhes muyto q̃ trabalhassem por trazerẽ a gente da terra a obediencia del rey seu senhor.E por que ele receaua,que por ho hidalcã ser muyto poderoso lhe fizesse guerra,pera ver se podia cobrar Goa,determinou de se liar cõ elrey de Narsinga seu vezinho,pera q̃ ou ho ajudasse,ou fizesse guerra,como fazia ao hidalcão,& coisso lhe estoruasse que a não fizesse a ele:& pera isso lhe mandou a ẽbaixada,q̃ lhe ouuera de leuar Pero fernãdez tinoco,q̃ foy morto em Calicut.E fez ẽbaixador a hũ Gaspar chanoca, homem de boa casta,& caualeyro da casa del rey seu señor,que mandou bẽ acõpanhado,assi de gẽte de caualo dos nossos,como de piães da terra,& todos bẽ atauiados,& deulhe algũs caualos q̃ desse da sua parte a elrey de Narsinga. E a instrução da embaixada q̃ leuaua del rey de Portugal foy,q̃ ele folgaua muyto de ho ter por amigo,& que assi ho seria seu,& mandaua ao seu gouernador da India que ho fosse,& ajudasse sempre em suas guerras contra seus imigos,pedindolhe licença pera fazer hũa fortaleza em Baticalá,porque ali lhe era muyto mais necessaria que em outro nenhũ porto dos que tinha,por amor da carregaçã que se hi fazia pera Ormuz.E o gouernador lhe mãdaua dizer da sua parte,que el rey seu señor lhe mandara que tomasse Goa pera ho ajudar mais facilmẽte cõtra ho çabayo q̃ lhe fizera sempre guerra,& por esta causa tomara Goa:donde da parte del rey seu señor lhe mandaua aq̃les caualos.E se quisesse entẽder em cõquistar ho reyno de Daquẽ,q̃ ele ho ajudaria,& cometeria logo de fazer guerra ao hidalcão.E mãdou mais a Gaspar chanoca que de caminho fosse pela cidade de Vengapor,& falasse ao rey dela,& lhe desse de sua parte hũ presente de peças de borcado & dezcarlata,pedindolhe,que pola amizade que tinha cõ elrey seu señor,lhe deixasse cõprar em sua cidade duzentas seelas,& outras tãtas cubertas pera caualos,de que tinha

necessidade,& em companhia de Gaspar chanoca,mandou ho gouernador hũ frade de sam Francisco chamado frey Luis,pera que visse se podia conuerter el rey de Narsinga a nossa sctã fee.E indo Gaspar chanoca por Vegapor deu ho presente a el rey,que se escusou de dar licença pera se comprarẽ as selas,& cubertas,dizendo que a não podia dar sem consentimento del rey de Narsinga. E proseguindo Gaspar chanoca seu caminho,chegou a Bisnegar,õde estaua elrey de Narsinga,que ho mandou receber cõ grande solenidade,por ser embaixador de quẽ era, & fezlhe muyta honrra,& recebeo cõ muyto prazer a ẽbaixada,& presente: & mostrou grande contentamento do gouernador ganhar Goa.Porẽ despois se soube que lhe pesaua porq̃ auia medo aos nossos,& pareceolhe que tendo eles Goa lhe não hirião nenhũs cauallos Darabia,& da Persia,como hião quando era de mouros,& tudo isto dissimulou,mas não despachou ho embaixador dali a grande tempo.

Capit. iii. De como fortalecendo ho gouernador a cidade de Goa ouue hũa a motinação antre os nossos,& por cujo conselho.

ENtendẽdo ho gouernador ẽ fortalecer, assi os muros da cidade pera os fazer mais altos como a fortaleza,ordenou,que pera mais breuidade,& a obra ser mais forte que os nossos a fizessem,& repartioha per quartos pelos capitães: a que mandou que desse a cada hũ mesa aos de sua capitania.E pa este gasto lhe ordenou hũ tãto ẽ dinheiro cada mes,segundo a gente a q̃ auia de dar mesa.E juntamente coesta obra mandou acabar as naos que estauão começadas,& todas as despesas destas obras se faziã do dinheiro q̃ se auia das tanadarias da terra firme que estaua a obediencia del rey de Portugal,por q̃ aquela gente não he se não de viua quẽ vence,& tanto lhe daua pagarem aos nossos como aos mouros,& por isso pagauão sem trabalho,& hião a Goa tomar seguros do gouernador.O que ele vendo,& tendo a cousa por mais segura tirou os tanadares mouros, & mandou em seu lugar algũs dos nossos de baixa sorte:& estes arrecadauão os dereytos,& os mãdauã a Goa à feytoria. E vendo Timoja como as tanadarias estauã pacificas por el rey de Portugal pedio ao gouernador q̃ lhas arrẽdasse, & que ele tomaria a goarda delas sobre si,& cõ essa condição lhas arrẽdou ho gouernador por quarenta mil pardaos douro.E andando ho gouernador ocupado nestas obras que digo,começarã se de agastar algũs capitães cõ ho trabalho que era muyto grande,porq̃ nã somẽte trabalhauão de dia, mas vigiauão de noyte,que ho gouernador nã se fiaua da gente da terra. E dos capitães que se mais agastarão foy Ieronimo teixeira,Luis coutinho,Iorge da cunha, & Francisco de sousa mancias,q̃ mais cõ vergonha que com vontade seguirão ho gouernador:a q̃ apertauã muyto que lhes desse licẽça pera se hirẽ pa Cochim,porque tinhã necessidade de inuernar la,pera ho corregimento de suas naos.O que ho gouernador dissimulaua,& dilataua a reposta,pola necessidade q̃ tinha deles & de sua gẽte. E affirmouse que quando Iorge da cunha vio que ho gouernador lhe não daua licença,que lhe a motinou a gẽte ao que ho ajudauão dous da sua capitania,

hũ chamado Esteuão bayão,& outro Francisco de figueiredo. E ꝑuocarão obra de nouecentos homẽs q̃ nã comessem às mesas de seus capitães,& q̃ lhes pedissem hũ cruzado pera cada mes,& não lho querendo dar q̃ roubassem a cidade,& lhe posessem fogo. Do que sendo ho gouernador auisado deu em hũa casa,em q̃ estauão juntos quasi todos estes cõjurados,de que prẽdeo algũs,& despois por ser ho tẽpo que era os soltou,& por se achar que Iorge da cunha era mais culpado que eles,pelo que fizera,& ho não auia de castigar como merecia. E dali por diante nunca aqueles capitães cessarã de fazer requerimentos ao gouernador,pera q̃ os deixasse ir:& por ele nã querer darlhes licença,se pubricauão por muy agrauados dele. E durando estas cousas teue ho gouernador recado q̃ no porto de Baticalà estauã carregãdo certas naos de mouros sem terẽ seu seguro,& dizẽdo seus donos que lho não auião de pedir:& por isso ho gouernador as mandou tomar por Fernã perez dãdrade, Simão dãdrade seu irmão,& por Iorge da silueira,& eles não acharão mais de duas,& tomarãnas carregadas darroz,& daçucar. E sabẽdoho logo ho gouernador,deu licẽça a Ieronimo teixeira cõ suas importunações q̃ fosse inuernar a Cochĩ, & tornoulhe a capitania da nao q̃ lhe tinha tomada,& mãdoulhe que passasse por Baticalà,& leuasse as duas naos de mouros q̃ os nossos tomarã,& as entregasse em Cochĩ na feytoria:& ele ho fez assi, & foysse coele Iorge da silueira,ainda que foy contra ho regimẽto que tinha do gouernador que era que tornasse a inuernar a Goa, & disse se q̃ Ieronimo teixeira lho fizera fazer:mas ele deu por escusa q̃ ho seu piloto,& mestre se nã atreuerã a leuarlhe a nao a Goa por ser ja iuerno,& ser muyto mã đ bolina:& Fernã perez & seu hirmão tornarã a iuernar a Goa.

Capit.xiiii. De como Antão nogueyra tomou hũa nao de mouros no cabo de Goardafum:& de como leuando dõ Afonso de noronha pera a India se perdeo na costa de Cambaya,& morreo dõ Afonso,& os outros forã catiuos.

ANtão nogueyra que ho gouernador mandou de Cochĩ cõ recado a Duarte de lemos,chegou a çacotorà,onde ho não achou,q̃ era ido a Melinde muyto doente pera se curar, por ser a terra de bõs àres,& çacotorá muyto doẽtia. E q̃ndo se partio deixou mandado a Frãcisco pereyra de berredo capitão do nauio sam Ioão,q̃ leuasse pera a India a dõ Afõso de noronha:& despois de chegar Antão nogueyra de Cochĩ se perdeo ho nauio de Frãcisco pereyra cõ tempo que deu à costa:& despois disso embarcou,dõ Afonso,& Francisco pereyra cõ Antão nogueira ꝑa hirẽ darmada ate q̃ tornasse Duarte de lemos de Melinde. E andando antre ho cabo de Fartaq̃,& ho de Goardafum,toparão hũa nao de mouros de Cãbaya da cidade de Reynel. E vẽdo eles que os nossos os querião tomar poseranse em defẽsam,por q̃ erã muytos, tirandolhe às bombardadas,com que se defenderão bẽ quatro oras q̃ não lhe durou mais a poluora q̃ trazião,& por lhe falecer os poderão os nossos abalroar:& despois de abalrroados foy a peleja muyto mais aspera que dantes com muytas pedradas, frechadas & arremessos de lanças que os imigos tirauã,

& os nossos trabalhauão quãto podião polos entrar, mas nunca poderão ate q̃ aos mouros se lhe não acabou todo ho almazẽ cõ que se podião defender. E despois que não teuerão cõ que tirar tirauão cõ pedaços de jarras, & cõ panelas de manteiga quẽte feruendo. E em q̃nto ouue cõ q̃ pelejar semp̃ pelejarã: & de muyto feridos & cansados, forão entrados dos nossos, que em toda esta peleja não receberão nenhũ dano. Entrada a nao achouse nela muyta & muy grossa riqueza, porque auia cinco ãnos segundo os mouros disserão que andaua tratando fora de Cambaya. E por çacotorà não ter porto pera aquela nao inuernar seguramente, que era ja boca de inuerno, pareceo bẽ a dõ Afonso, & a Antão nogueyra & aos outros que arribassem à India, & que là inuernariã. E auido este conselho, pera q̃ a nao dos mouros fosse segura, passarão ho capitão dela, & esses mouros principaes ao nauio Dantão nogueyra: & na nao dos mouros poserão por capitão a Fernão Iacome cunhado de dõ Afonso, & derãlhe algũs dos nossos pera hirẽ coele, & assi se partirão caminho da India, indo dõ Afõso no nauio Dantão nogueyra, que por a nao andar pouco esperaua por ela: & nisto se deteuerão tãto, mais do que se ouuerão de deter, que q̃si começaua ho inuerno na costa da India. E indo alamar tanto auante, como Baticalà, deulhes hũ tẽporal de vento por dauante muyto grande, & não podẽdo a nao sofrer ho payro ouuerã darribar: & coesta pressa ho piloto mouro leuou a nao a Dabul, õde se perdeo na costa. E Fernão Iacome, & os outros forã catiuos, & leuados ao tanadar de Dabul, que os mãdou ao Hidalcão seu senhor & ho nauio correo ate a enseada de Cãbaya, & perdeose defrõte do lugar de Damão õde deu em hũ baixo, de q̃ os nossos ficarão sem esperança de saluação, por ser a terra de imigos. E cõtudo temendo dõ Afonso mais a morte do mar que a da terra, lançouse logo a ele em hũa boya do nauio pera escapar nela, cõ quãto lhe todos disserão q̃ ho nã fizesse, porq̃ ho rolo do mar era muy grande & que ho mataria, mas ele não quis se não lançarse: & dizẽ que aconselhado de dous mouros, que lhe disserã que eles ho saluarião. E assi se lançou tã bẽ hũ frade de sam Frãcisco q̃ hia coele de çacotorà, que se chamaua frey Antonio do loureyro, q̃ hia por custodio à India pera là fazer mosteiros da sua ordẽ. E indo dõ Afõso p̃a terra na boya, & chegãdo a ela aresaca dagoa que era grande ho tornaua ao mar, & ho rolo que era muyto mayor reuolueo a boya sobrele & deulhe na cabeça, & tantas vezes lhe fez isto que ho matou: porẽ frey Antonio escapou & sayo a saluo. E assi Francisco pereyra, Diogo correa, & os outros que se lãçarão despois que ho mar assessegou, & foranse a terra onde forão catiuos pela gẽte dela, por mãdado dhũ capitão delrey de Cambaya que ali estaua em hũa pouoação, que os estaua esperando. E este capitão que se chamaua Miacoje, era cunhado do capitão da nao dos mouros em q̃ se p̃deo Fernão jacome, q̃ como disse hia neste nauio, & como ele deu em seco fugio a nado pera terra, & contou a Miacoje como os nossos lhe tomarão por força a sua nao, & por isso se aluoroçou a gente da terra tanto contra os nossos que os querião matar a todos, & escassamente Miacoje os pode saluar em hũa casa, onde os mandou goardar por sua gẽte: & isto por amor de hũ mouro granadi q̃ ali estaua q̃ auia nome Cideale, q̃ vẽdo os nossos se foy a Miacoje, & lhe disse

q̃ os não consentisse matar,nẽ que recebessem nenhũ dano,porq̃ Meligupim señor daq̃la terra, & grande priuado del rey de Cãbaya,ho não auia de auer por bẽ,porq̃ ele trataua cõ mais de trinta naos que lhe os nossos podião tomar em vingança,& ainda por essa causa hiriã sobre aq̃le lugar,& ho queymariã, q̃ lhes lẽbrasse o q̃ ho visorey fizera ẽ Dabul por menos q̃ aquilo. E q̃ tãbẽ el rey de Cãbaya por rogo de Meligupim mãdaria queymar aq̃le lugar,por isso q̃ não bolisse cõ os catiuos,se não q̃ lhes fizesse honra:& porq̃ sabia que el rey de Cãbaya & meligupĩ folgariã de saber q̃ estauão ali aq̃les catiuos se hia logo a Chãpanel pera lho dizer. E por isto q̃ Cideale disse a Miacoje,teue ele muyto grãde cuydado de goardar os nossos,& teue bẽ que fazer em os defẽder da gente da terra,de q̃ muyta parte se foy à casa onde eles estauão pera a queymarẽ,& bradauão q̃ lhos dessem: & os nossos estauão em grande agonia vendo q̃nto se trabalhaua por sua morte.E nisto os foy ver Cideale,& em entrando lhes disse em castelhano, Deos vos salue Christãos,esforçay,porq̃ eu vos ajudarey em tudo o q̃ poder,porq̃ sey q̃ soys de muyto preço,& homens hõrados:& espero đ fazer por vos mais do q̃ fez Cideale ho torto pelos catiuos q̃ catiuarão em Diu,& eu não sam turco se não granadi:& disselhes como se hia a Champanel a dar cõta de seu catiueiro a Meligupĩ señor daq̃la terra,& ho mais q̃ dissera ao capitão q̃ os goardaua.E encomẽdãdo os a Deos se partio pera Chãpanel, onde contou a Meligupim o q̃ passaua acerca dos nossos.E porq̃ ele desejaua đ seruir a el rey de Portugal,& ter amizade cõ ho gouernador,cõtou logo a cousa a el rey,& fez coele q̃ mãdasse pelos nossos,pera q̃ esteuessem ẽ sua corte,& q̃ lhes mãdasse arrecadar a fazenda q̃ os da terra ouuerão toda antes q̃ se ho nauio desfezesse,E elrey de Cãbaya ho fez assi,& mãdou recado ao seu capitão q̃ a ouuesse:& ele fez grandes diligẽcias sobre a auer,& aos q̃ soube q̃ a tinhão mãdou dar muytos tormentos,assi pera confessarẽ se tinhão mais como porq̃ lha não derão pa el rey de Cãbaya pois era sua por costume do reyno.E coesta diligẽcia se cobrou toda a fazenda & se pos ẽ recado, & assi esteue ate q̃ despois se entregou a seus donos quãdo sayrão de catiueiro(como direy a diante)E ẽ quãto se ela arrecadaua Miacoje mandou os catiuos a Chãpanel,saluo a Frãcisco pereyra de berredo q̃ estauaua doẽte, & a outros sete q̃ ficarã coele:& a ele fazia Miacoje muyta honra por amor do capitão seu cunhado,q̃ lhe rogou que assi ho fizesse,porque q̃ndo hião pelo mar hũ nosso marinheiro lhe quisera dar cõ hũ pao,& Frãcisco pereyra lho tolheo,& ainda espancou ho marinheiro & daqui ficou ho mouro seu amigo: & por isso Miacoje lhe fazia muyto gasalhado. E estando ali naquele lugar mandaua aos nossos que apanhassem os cauacos de hũas naos que se ali fazião del rey de Cãbaya,& deu ho cuydado de mandar os outros a Francisco pereyra. E auendo dous meses que erão catiuos forão leuados com os outros à corte del rey đ Cãbaya,õde esteuerã ate que sayrão de catiueiro,como direy a diante.

¶ Capit.xv.De como ho Hidalcão se partio com grãde exercito pera tomar Goa:& como Timoja foy lançado das tanadarias da terra firme.

CHegado çufogogi capitão que foy de Goa em tempo dos mou

ros ao hidalcão, contoulhe como os nossos a tomarão, & como as tanadarias da terra firme estauão por eles: o que ho Hidalcão sentio muyto por ser cousa tão principal de seu senhorio & temerse que dali lhe conquistassem a terra firme, & por isto determinou de a tomar logo, o que lhe pareceo que poderia fazer facilmẽte porque tinha muy grossa gente, & ho gouernador muyto pouca: & mais que se a gẽte da ilha fosse da sua parte, como esperaua q̃ não auião os nossos de ter mantimentos, assi por os não poderem auer da terra por ele ser señor do cãpo, como por os não poderẽ auer per mar, porq̃ por ser inuerno não se podia nauegar a costa da India, & tãbem por os nossos nã poderẽ sayr de Goa: por esta rezão fazia conta de os tomar a todos, & a frota q̃ tinhão, & apagalos de todo na India. E coesta determinação fez paz cõ el rey de Narsinga, que foy disso contẽte, posto q̃ neste tẽpo tinha ouuida a embaixada q̃ lhe leuou Gaspar chanoca que não soube nada da paz do Hidalcão cõ el rey tão secretamente se fez, & el rey ho trazia em dilações sem lhe responder ate ver se ho Hidalcão tornaua a tomar Goa, pera q̃ se a não tomasse ẽtão aceitaria a amizade del rey de Portugal pelo dano que lhe podia fazer de Goa, & se a tomasse escusaria a amizade, porque sabia que lhe não era necessaria sẽ os nossos terẽ Goa. E por esta causa não quis tãbẽ el rey de Vengapor dar licença pera a compra das seelas & cubertas ẽ sua terra. Feyta esta paz partiose ho Hidalcão pa perto de Goa, & dali mandou recado aos mercadores de Goa, & a toda a outra gẽte da terra da determinação q̃ leuaua, & as causas que ho mouerão a tomar aquela empresa, rogãdolhe q̃ ho ajudassem leuantandose cõtra os nossos. E eles lhe mandarão prometer que entrando qualquer capitão seu na ilha se leuantarião logo cõtra os nossos, porque estauão os mouros muyto escandalizados do gouernador, porque mandara matar hũ seu caciz homẽ muyto hõrado ãtreles, & de grande credito, & mandouho matar polos seus alabardeiros, porque foy certo q̃ indose hũa moura fazer Christaã à cidade este caciz a afogou, porque a não pode tirar daquele proposito. E tẽdo ho Hidalcão certeza dos mouros & gẽtios que se leuãtarião cõtra os nossos, abalou pera a fralda do mar cõ seu arrayal, que era de muyta gente & foy ter à serra que se chama Dogate dõ de a terra firme de Goa se chama Balagate. E esta serra he doze legoas d̃ Goa & he tão alta que se gastã dous dias em sobir ao cume, onde he muyto chaã, & dali pa baixo muyto fragosa: & tẽ certos passos, & em cada hũ hũa fortaleza cõ gẽte de goarniçã. E da parte de Goa cerca esta serra as terras do hidalcão como muro, & q̃si ao pé dela està agora a cidade de Bilgão, õde ficou ho hidalcã cõ seu arrayal. E dali mãdou a Pulatecão seu capitão geral boõ caualeyro, & turco de nação, & assi a hũ capitão del rey de Narsinga cõ muytos turcos de caualo & gẽtios de pẽ que fossem lãçar Timoja fora das tanadarias que tinha arrẽdadas, & lãçado passassẽ auãte: & assentassem ẽ terra de Salsete defrõte da ilha de Goa da banda Dagaci, & de Benastari, per õde principalmẽte entrariã a ilha se podessem, & assi por outros lugares. E ẽ Pulatecão ganhar a terra q̃ tinha Timoja, não ouue nada q̃ fazer, por q̃ a sua gente tanto que soube a ida dos imigos fugio a mór parte dela pa Honor, & Timoja se foy cõ a outra pera Goa, leuãdo algũ dinheiro das rẽ

das que tinha arrecadado q̃ entregou à feytoria, de que se affirmou que ele sonegaua a mór parte. E tãto q̃ ho creo ho gouernador, & por isso ouue secreta mẽte algũ desgosto antrele & Timoja, & nunca se mais fiou dele. E sabẽdo ele a vida dos imigos sobre a ilha, acordou cõ seus capitães, que pera estar segura era necessario goardarense per mar, & per terra os passos do vao de Gondali, de Benastari & Dagaci: & a goarda do vao que agora he ho Passo seco deu a Francisco de sousa mancias, & a Francisco pereyra coutinho, e foy feyta hũa trãqueyra bẽ artilhada, & no mar estaua hũ nauio pegado cõ a terra firme. A goarda de Benastari se deu a Garcia de sousa, q̃ tinha em terra outra tranqueyra, & no mar estaua Ayres da silua no seu nauio. A goarda do rio Dagaci que era largo foy dada a Fernão perez dandrade, & forão coele Luis coutinho no seu nauio, & Diogo fernandez de beja na sua galé, & sayrão por Pangi, & entrarão por Goa a velha, & deitaranse todos tres defronte Dagaci junto dõde se ho rio estreita ꝑa Benastari ho mais perto que poderão da terra firme, de maneyra que podião pescar com sua artelharia qualquer cousa que decesse pelo rio de Salsete, onde se esperaua q̃ os imigos fizessem suas jãgadas pera passarẽ à ilha. E dentro no rio de Benastarim antre ele & Agaci mandou ho gouernador q̃ esteuesse Simão dãdrade na sua galé: & deu a goarda da praya de Goa a velha a jorge da cunha cõ sessenta de caualo dos nossos, & muytos piães da terra, de q̃ era capitão hũ Canari valente homẽ, que auia nome Menayque. E a fernão perez mandou ho gouernador q̃ mandasse piães gẽtios à terra firme sem saberẽ hũs dos outros a saber o que fazião os imigos: o q̃ Fernão perez fazia cõ muyto cuydado, & ho gouernador ficou cõ os outros capitães em goarda da cidade, & teue nela Timoja que nã quis q̃ fosse aos passos, porque se não fiaua dele. E como não sabia o q̃ lhe sucederia mãdou acabar cõ breuidade hũa das naos dos rumes, & deitouha ao mar, & pos lhe nome sã Ioã, & deu a capitania ď la a Nuno vaz de castelo branco. E nisto chegou Pulatecão, & assentou seu arrayal na terra firme da outra banda do rio de Benastarim detras dhũ oyteiro que està defronte da pouoação, que logo os nossos souberão.

Capit. xvi. De como Pulatecão assentou arrayal sobre a ilha de Goa defronte de Benastari, & de algũs recados q̃ ouue ãtrele & ho gouernador.

Passados q̃tro ou cĩco dias despois da vinda de Pulatecão, hũ dia pela sesta apareceo sobre ho oyteiro q̃ esta defrõte de Benastari hũ mouro cõ hũa bandeira de paz. E sabendoho Garcia de sousa lhe mandou mostrar outra, q̃ era sinal que lhe daua seguro. Então deceo ho mouro à praya, & preguntou em portugues aos nossos q̃ estauão da outra banda, quẽ estaua por capitão naq̃le passo. Garcia de sousa lhe disse o seu nome, & ele disse q̃ era Portugues, & auia nome Ioão machado, & fora degradado ď Portugal na armada de Pedraluarez cabral, & q̃ fora deitado em Melinde, dõde fora ter a Diu sabẽdo a arauia, & hi andara muyto tẽpo a soldo de Meliquiaz, & despois se fora ꝑa ho hidalcão, dizẽdo q̃ era turco, & assi ho cuydauão os mouros: & por isso ho hidalcão cõ quem viuia lhe dera hũa capitania de gẽte brãca, & ho estimaua muyto: porẽ que cõ tudo isso lhe lembraua que era Christão, & Portu-

gues,pelo q̃ deſejaua ho bẽ dos noſſos, E por eſſa cauſa lhes dizia q̃ Pulatecão trazia muyta gẽte,& ho hidalcão ficaua muyto perto dali,cõ muyto mais pa ſe ajũtar coele,& q̃ era por toda quarẽta mil homens os mais deles turcos,& gente branca do eſtreyto,& tinhão determinado de entrar a ilha:& q̃ folgara muyto de dizer iſto ao gouernador, pera lhe acõſelhar q̃ não quiſeſſe guerra cõ ho hidalcão que era muyto poderoſo,& mais em ſua terra,& q̃ lhe auia de tolher os mantimẽtos,& por ſer inuerno lhe não auiã de poder ir de fora: & por iſſo que ouueſſe boõ cõſelho,& lhe deixaſſe a ilha & a cidade antes de ſe ver em perigo.Garcia de ſouſa lhe diſſe que prmeyro ſe aq̃le rio tornaria de cor de ſangue,que os imigos entraſſem a ilha.E agardeceolhe muyto ſeu auiſo,dizendo q̃ ho mandaria dizer ao gouernador:que q̃ndo iſto ſoube pareceolhe manha de Pulatecão,pera ho eſpantar cõ ho poder de gẽte que trazia: & pera lhe contraminar a manha,mãdoulhe hũ recado por hũ caualeyro q̃ fora ſobrinho de Ioão da noua,q̃ auia nome Abraldez,& ſabia arauia & outras muytas lĩgoas.E eſte cõ ſeguro de Pulatecão,& arrefens que ficarão em Benaſtarí,ſe paſſou ao arrayal dos imigos:& diſſe a Pulatecão da parte do gouernador,que ele ſe eſpantaua muyto do hidalcão querer guerra coele,q̃ era capitão mór delrey de Portugal,com quẽ os mais dos reys da India,& aſſi outros ſeñores folgauã de ter amizade & paz,principalmente ſeus vezinhos, pelo que deuia muyto de folgar de ho ter por amigo,& eſtar coele em paz, porq̃ tendo guerra bẽ ſabia quãto mal lhe podia fazer em lhe tolher que não ouueſſe nenhũs caualos,porque os não podia auer ſe não por mar,onde ſabia bẽ quã poderoſo era el rey ſeu ſenhor, & tirandolhos,& deixãdo os ir a el rey de Narſinga,q̃ ho deſtruyria muy aſſinha,por iſſo que viſſe bẽ o q̃ fazia. Pulatecão reſpondeo que ho Hidalcã folgaria de ter paz,& amizade cõ el rey de Portugal,cõ tãto que não perdeſſe Goa,q̃ era a principal couſa de ſeu ſenhorio:que ſe ho gouernador lha ſoltaſſe em paz,que ele folgaria daceitar ſua amizade,& q̃ aceitãdoha daquela maneyra veria quanto a deſejaua,pois podendoho danar ho deixaua de fazer:& ou lhe alargaſſe Goa ou não,que lhe reſgataſſe as molheres & moças do hidalcão que tomara em Goa. Tornãdo A Braldez coeſta repoſta,Ioã machado que aſſi auia nome aq̃le Portugues que foy dar ho auiſo a Garcia de ſouſa,ſayo coele,dizendolhe que deſejaua muyto de falar cõ ho gouernador,pera lhe dizer couſas de muyta importancia,que lhe releuauão:mas pois não podia ſer que lhe dizia em ſoma que oulhaſſe bẽ por ſi,& que ſe foſſe em quanto podia, porque ho poder dos mouros era tamanho,q̃ deſpois de entrarẽ a ilha receaua que lhe tomaſſem a cidade ſem ſe poder valer.E tudo iſto contou Abraldez ao gouernador,que confiaua tãto na goarda que tinha nos paſſos,q̃ lhe parecia q̃ era impoſſiuel entrarſe por eles a ilha,poſto q̃ os imigos foſſem em gales,quanto mais que não podião ir ſe não em jangadas:& aſſi ho diſſe a ſeus capitães,por cujo conſelho reſpondeo a Pulatecão,que não auia de alargar Goa,nem reſgatar as moças,nem as molheres,porque as tinha por filhas, & eſperaua de as tornar Chriſtaãs,& caſalas cõ Portugueſes pa pouoar Goa coeles.E deſta repoſta ficou Pulatecão

muy espantado,porque sabia muy bẽ quã pouca gẽte ho gouernador tinha, & passou logo sua tenda ao lõgo do rio de Salsete,onde mandou fazer certas jangadas pera passar nelas sua gente ã ilha por quãto não tinha outros nauios em que a passasse.

Capit.xvij.De como as jãgadas dos imigos forão acabadas, & do mais que passou antrelas,& os nossos.

E Porque se temeo que se os nossos sentissem q̃ se faziã as jãgadas,lhas poderião ir queymar nos bateys ẽ hũa noyte muyto escura q̃ chouia, por ser entrado ho inuerno,mandou fazer na boca do rio hũa estacada,em q̃ mãdou fazer hũa estãcia de artelharia miuda, sem os nossos ho sentirẽ por amor da tormẽta q̃ fazia.E q̃ndo amanheceo q̃ Fernão perez vio a obra q̃ estaua feyta quis cometer de entrar ho rio cõ conselho dos outros capitães q̃ hião ẽ bateys .s.ele, Luis coutinho, Bernaldĩ freyre, & hũ Iorge dorta,q̃ despois q̃ esteue na goarda,mandou ho gouernador q̃ esteuessem coele,& Diogo fernandez lhes hia nas costas na sua galé:porẽ os nossos por mais q̃ trabalharã nũca poderã entrar ho rio cõ os muytos tiros q̃ lhes tirauão os imigos,E considerando q̃ receberião mòr perda nos muytos q̃ poderiã morrer em entrar ho rio,do q̃ receberião de ꝓueito se ho entrassem, não quiserão mais insistir ẽ ho entrar, & tornaranse onde estauão.E despois disto acabarão os imigos de fazer as jãgadas,que sam desta maneyra duas almadias grãdes cõ traues pregadas em ambas de duas muyto juntas,& taboas ꝓgadas por cima,& ẽ cada hũa destas cabia muyta gente:& nas proas & popas das almadias auiã dir os remeyros. Acabadas estas jangadas, determinãdo Pulatecão de ẽtrar a ilha,mãdou as hũ dia pola manhaã tirar do rio de Salsete pera ho rio Dagacim,tẽdo os nossos em tão pouco,que lhe parecia q̃ de dia poderia entrar a ilha.E coeste pensamẽto se quiserã os seus passar do rio Dagacĩ pera ho de Benastarí.O q̃ vẽdo Fernão perez cõ os outros capitães se partirão donde estauão aboga arrãcada,& se forão poer na boca do rio de Benastarí a esperalos:& por isso os imigos deixarão ho caminho q̃ leuauã, & meteranse ãtre hũ ilheo q̃ se chama ho dos bugios,& a terra firme,& deixaranse estar.E quando Fernão perez se foy pera a boca do rio esperando de pelejar cõ os imigos,Luis coutinho nã quis ir coele,& foysse meter no seu nauio,& deixou Fernão perez,q̃ preguntou a Iorge dorta que farião,& ele respondeo q̃ fizesse o que quisesse,porq̃ morreria coele. E vendo Fernã perez como os imigos se punhão em concrusam dẽtrar a ilha,mandouho dizer ao gouernador,q̃ foy logo por terra a Agacĩ cõ gente de caualo & de pẽ.E vendo da praya a cousa como estaua, & q̃ se não podia fazer nojo aos imigos,mãdou aos capitães q̃ esteuessẽ como estauã,& q̃ mãdaria a dõ Antonio q̃ se fosse ajũtar coeles no seu batel, parecẽdolhe que abastarião todos pera defender q̃ os imigos não entrassem ho rio, & de feyto abastarão se eles entrarã de dia.Ho gouernador não somente mãdou ajuntar cõ os outros a dõ Antonio, mas acrecentou a gente em todos os passos da ilha por onde parecia que se podia entrar: & encomendou a Iorge da cunha q̃ visitasse muytas vezes ho passo Dagacim,& mandou algũas cotias que andassem do Passo seco ate on

de estaua Simão dandrade visitãdo os passos & os nauios, pera q̃ lhe dessem recado do que passasse. E quando foy ao despedir das cotias não as achou, & preguntando por elas, disseranlhe algũs gentios & mouros seus amigos, que ho Xabamdar as furtara, & as mãdara aos imigos pera passarem â ilha, & mais q̃ lhe fazia fogos ẽ lugares secretos. E xabandar he officio antre os gentios & mouros, como antre nos patrão da ribeira: & este de Goa era gentio. E sabẽdo ho gouernador isto dele, mãdouho chamar estando â porta da ribeira, & pguntãdolhe pelas cotias, ele se começou de embaraçar de maneyra que pareceo a roindade, & por ela ser tamanha, não lhe quis ho gouernador mais esperar, & mãdouho matar pelos seus alabardeiros, o que os gentios sentirão muyto por ser principal antreles, & indinaranse muyto mais do que estauão pera se leuantar contra ho gouernador em os mouros entrando na ilha.

Capit. xviij. De como çufolari, & çufogogi capitães do Hidalcão entrarão a ilha cõ algũs dos imigos: & do que fizerã nesta ẽtrada Iorge da cunha, Francisco de sousa mancias, & Frãcisco pereyra coutinho.

VEndo Pulatecão que lhe contrariarão os nossos a entrada do rio de Benastarim, nã quis mais cometer a entralo de dia, & determinou de ho fazer de noyte, pera o que lhe logo sobreueo hũa muyto escura, & de grãde tormenta de vento, & de chuua: & como ele a vio assi mandou a çufolari hũ mouro valente caualeyro quẽ fosse por capitão da gente das jangadas, que serião ate mil homẽs, & que se fosse dereyto ao passo de Benastarim, & hi desembarcasse: & ho mesmo mãdou a çufogogi que fora capitão de Goa, que entrasse pelo passo de çancalim, onde estauão as cotias que lhe dera ho xabandar de Goa carregadas de gente, & que ele entraria despois. E duas horas ante manhaã fazendo a tormenta que digo abalou çufolari cõ as suas jãgadas, remãdo a boga surda ao lõgo da terra firme, pera que nã fossem sentidos dos nossos bateys, que estauão na boca do rio de Benastarim da bãda da ilha. Porẽ Fernão perez que estaua mais perto da terra firme os sentio logo, & mandãdo leuar fatexa, & dar fogo a hũ falcão que tinha lhes começou de tirar, ao que logo acodirão todos os outros capitães q̃ disse que ali estauão, & tirauão muyto a miude, de maneyra que fizerã deter os imigos que não passassem da boca do rio de Benastari: porque como as jãgadas erão grandes acerraualhes a artelharia, & fazialhes muyto nojo. Porẽ çufolari que tinha abocado ho rio, quãdo os nossos acodirão, sem ser sentido teue tempo de passar auante, & cuydãdo q̃ ho seguissem os nossos, trabalhou por tomar terra ho mais asinha que pode, & poiou antre a pouoação Dagaci, & a de Benastari cõ obra de trezentos turcos que leuaua em duas jangadas, & cõ ho grãde escuro que fazia forã dar em hũa vasa, õde atolarão, & se encherão todos de lama: & q̃ndo se assi virão não ousarão de passar dali, porque não vião por onde auião de ir, & esperarão a manhaã. E não poderão estar tão calados que Menayque ho capitão gẽtio q̃ por ali andaua com seus piães os não sentisse, porque sentia a reuolta q̃ hia no rio, & logo lhe pareceo que os

imigos querião entrar a ilha. E sabẽdo a verdade q̃ ali estauão imigos, como era amigo dos nossos, & muyto leal mãdou logo recado a Garcia de Sousa, q̃ era ho capitão q̃ estaua dali mais perto, & ele veo muyto de preissa cõ parte desses q̃ tinha, & os outros deixou a seu hirmão Pero de sousa pera goarda do passo. E ajuntandose Garcia de sousa com Menayque, erão tão poucos, & os turcos estauão em lugar tão forte que lhe não podião fazer nada. E parecẽdo a Garcia de sousa, que sendo algũa gẽte mais os poderiã desbaratar, mãdou dizer por Menayq̃ a Iorge da cunha q̃ andaua em Goa a velha, que lhe acodisse pera matarẽ aq̃les imigos. E com q̃nto lho Menayque disse, & quã poucos erão nunca quis ir coele, & se fora, sempre os imigos forão desbaratados: porq̃ como os imigos estauão desesperados de socorro pola resistencia que virã fazer aos nossos, vendo gente de caualo contrasi, & piães ouueranse de desbaratar logo, & estes desbaratados não ouuerão os da terra dousar de se leuantar contra os nossos, como despois leuantarão pola entrada daq̃les: & não somente não quis Iorge da cunha acodir à Garcia de sousa. Mas despois que vio que a ilha era entrada se foy caminho da cidade fugindo, como q̃ os immigos forã a pos ele, indo rodeãdo por lugares perigosos sem recolher os seus, q̃ fugião como homẽs desbaratados. E sabendo Garcia de sousa q̃ Iorge da cunha se não queria ajuntar coele, acodio a Benastarim, onde ouuia muytas bombardadas. E este era seu hirmão Pero de sousa, que cõ esses q̃ lhe ficarão pelejaua cõ çufogogi, que entrou por çancalim nas cotias, & veo a Benastarim, onde achou muy dura resistencia, assi de bombardadas como despois de lãçadas & cutiladas: porẽ como os nossos erão poucos, & eles muytos não pode a resistencia durar muyto. E a nossa estãcia foy entrada dos imigos com morte de Pero de sousa, & doutros nossos que cõ quanto vingarão bem sua morte com muytas dos imigos, eles ficarã señores da estancia cõ hũ camelo q̃ tinha. & cõ outra artelharia. E quando Garcia de sousa chegou, q̃ foy começando ho dia desclarer, ja achou os imigos senhores de Benastari: & como ho nã sabia ouuerão de matar se não fora Ayres da silua que lhe acodio no seu batel, & ho saluou com os seus. E ho desastre de estar este passo sem gẽte, pola ida de Garcia de sousa fez q̃ os imigos entrassẽ a ilha q̃ doutra maneyra a nã entrã estes sôs, & os de çufolari a entrarão, q̃ os outros nũca poderão, porq̃ dõ Antonio cõ os outros capitães & sua gẽte, matarão tãtos deles despois q̃ os abalrroarão, q̃ a agoa se tornou de cor de sangue, & aq̃les q̃ escaparão fugirão a nado pera a terra firme, & dos nossos não morreo nenhũ, posto q̃ algũs forão feridos: antre os q̃es foy Fernã perez. E acabada dauer a vitoria, com que dom Antonio estaua muyto ledo cuydãdo q̃ tolhera aos imigos q̃ não entrassem a ilha, foy lhe recado q̃ era entrada, & por onde: & mandoulho dizer Menayque, q̃ tãbem se foy logo caminho da cidade, & viosse em grande perigo ate chegar a ela, porq̃ os da terra lhe sayão muytos pa os matar, & ele se defendeo sempre muyto bẽ, no q̃ ganhou muyto louuor. E sabida a noua da entrada da ilha por dom Antonio, ouue conselho com os outros capitãos sobre o que farião. E assentou, que por quanto podia ser que ho passo de Benastarim teria ainda al-

gũ remedio, que ele & Bernaldim freyre ho fossem socorrer nos bateys, & de caminho se ajuntaria coeles Simão dãdrade na sua galê que estaua dentro no rio. E que Fernão perez, Diogo fernãdez de beja, & Luys coutinho ficassem onde estauã, & esperassem ate verem recado do gouernador, & assi se fez. E chegando dom Antonio com Simão dandrade, & Bernaldi freyre ao nauio Daires da silua acharão q̃ ja ele & Garcia de sousa, & outros muytos erã idos pera a cidade por lhe tirarem da estancia de terra muytas bõbardadas, & ho nauio ser muyto pesado & auer dir de vagar. E vendo dom Antonio que não auia ali remedio, & que estaua certo ser toda a ilha leuãtada, determinou de se recolher com os outros à cidade, & que assi farião os que ficauão em Agacim. E por ho nauio Daires da silua ser muy pesado como disse, & auer de ir muyto de vagar, & ser a pressa grande ho não quiserão leuar, & ho queymarão & meterão no fundo, despejandolhe primeyro a artelharia na galé. E isto feyto partiranse pera ho Passo seco, que estaua tambem tomado dos immigos que ho tomarão sem peleja: porque sentindo Francisco de sousa mancias, & Francisco pereyra coutinho que Benastarim era entrado dos imigos, embarcaranse logo no batel do nauio que tinhão: & foy tamanha a sua pressa, que podẽdo saluar a artelharia da estancia cõ a deitarem na praya do muro abaixo, dõde a poderão leuar no batel ao nauio a deixarão, & assi hũa escada de tres troços que tinhão pera a seruentia do mar: & se quando ouuirão as bombardadas da peleja de Benastarim lhe forão acodir ainda lhe poderão valer, que ho nã ganharão os immigos. E chegando dom Antonio cõ os outros ao Passo seco Pero gonçaluez piloto do gouernador q̃ estaua no nauio que ali ficou de Francisco de sousa, disse a dom Antonio o q̃ ele & Francisco pereyra fizerã: & porque ho nauio não podia ir se não com a maré, esperarão dom Antonio & os outros ate ser prea mar pera ho leuarem, temendo que os immigos ho tomassẽ. E neste tempo que esperarão esteuerã em grande perigo, porque os immigos lhes tirauão de terra muy rijo cõ a artelharia que tinhão na estancia, & assi cõ muytas frechadas, & os nossos tambẽ a eles ate que veo a maré que se forão.

Capit. xix. De como os mouros & gẽtios da cidade se leuantarão cõtra os nossos, & do que fizerão Nuno vaz de castelo branco, & outros. E de como sabendo ho gouernador q̃ a ilha era entrada dos imigos se recolheo â cidade.

ENtrada a ilha pelos immigos, & tomados os passos dela, ao outro dia pola manhaã foy dito ao gouernador que a ilha era entrada, & os passos tomados. E como ainda não tinha este recado dos capitães que estauão neles não creo de todo aquela noua: mas mãdou logo repicar ho sino da vigia, & tanger as trombetas, pera que se ajuntassem os nossos, & assi os piães da terra, a que el rey de Portugal pagaua soldo, & como eles estauão da leuanto não acodião como dantes, que logo sayão a q̃lquer repiq̃. No q̃ ho gouernador foy conhecẽdo q̃ estauã leuãtados, porẽ dissimulou, & mãdaualhes q̃ se fossem à pressa a Benastarim, pera q̃ indo lhe despejassem a cidade sem q̃ entẽdessem q̃ queria q̃ lha despejassẽ,

porque lhe derão trabalho se a nã despejarão:& eles se forão por se hirem a juntar com os immigos. E determinãdo ho gouernador de socorrer a Benestarim, cuydando que ainda nã fosse tomado, mandou là Frãcisco de saa com trinta de caualo,& algũs espingardeiros de pé. E despejada a cidade da gente da terra, ficando os capitães em suas estancias: nã lhe parecendo ao gouernador que a cousa estaua tão danada tornouse à ribeira(onde estaua quãdo lhe derão a noua) pera mandar por mar hũ camelo a Benastarim,& ele ir por terra a fauorecelo, por fazer crer aos Canarins que nã temia a vinda dos mouros:& ido deixou a goarda da porta da cidade a Nuno vaz de castelo brãco,& acõpanhauãno Dinis fernãdez, Ioão teixeira, Bastião roiz da moeda, Antonio fernadez homem preto, Diogo goterrez,& outros q̃ por todos erã dez. E nisto hiã calafates,& marinheiros dos nossos q̃ trabalhauã na ribeyra cõprar de comer à praça, q̃ se faz diante daq̃la porta da cidade. E os nossos que estauão sobrela virão sayr certos turcos & canarís,& matarão hũ calafate,& derribarão hũ clerigo muyto ferido. E entã acabarão de conhecer q̃ a gente da terra era leuantada cõtra os nossos,& foy logo dito ao gouernador: & ele mãdou a Nuno vaz q̃ saysse cõ obra de noue homẽs, & fosse dar nos imigos,& se recolhesse logo, porq̃ não cuydassem q̃ lhes auia medo. E eles vẽdoho sayr recolherãse às boticas dos mercadores de panos dalgodã q̃ ali tinhã,& tẽ hũa grande rua q̃ se chama dos bachares, porq̃ assi lhe chamão na lingoa da terra:& os q̃ se acolherão às buticas fecharão as portas, & por isso Nuno vaz nã achou mais q̃ o calafate que jazia morto,& ho clerigo que estaua ferido. E vendo ele que lhe não sayã nenhũs dos immigos passou auante pera ver se achaua algũs:& despois de ir boõ espaço por aq̃la rua virou per hũa trauessa, & foy ter a outra rua que hia pera a cidade,& indo por ela foy ter jũto de hũas casas grãdes de pedra & cal que tinhão hũa grande cerca, em que parecia aruoredo, como q̃ era pomar: & por cima desta cerca parecião muytas pontas de zagunchos muyto luzẽtes. E em hũ alpẽdere q̃ se fazia á porta desta cerca aparecerão algũs turcos, & arabios com zagũchos & cofos. Nuno vaz que vio que erão muytos dissimulou que não hia pera là, por nã hirẽ coele mais que noue dos nossos, a que disse que se tornassem: & tornandose que queria abocar a hũa trauessa q̃ atrauessaua da rua, porque hia pera as casas onde vio os immigos, aparecerão Dinis fernandez de melo, Bastiã roiz, Antonio fernandez, & Ioão teixeira, & outros que despois ho gouernador mandou apos ele, que lhe bradarã, dizendo, Acolheiuos q̃ vos tomã a rua: & isto pelos immigos que sayão da casa que erão muytos, & forão rijo cõtra ele. E chegando ele á boca da trauessa, chegauã eles tambem, que nã teue ele mais tempo que pera abaixar a lança, & dizer Sãctiago, ferindo neles,& em ele dando per hũa parte deu Dinis fernandez cõ os outros pela outra,& apertauão com os immigos muy brauamẽte, porem eles tinhão tanto esforço,& erão tão destros no pelejar que tomauã nos cofos os botes dalgũs da cõpanhia de Nuno vaz,& lançauãnos de si,& tomarão as lanças a dous,& derão coeles no chão: & ho mesmo quisera hũ dos immigos fazer a Nuno vaz, querendo

lhe acolher a lança debaixo do braço ẽ lhe tirando hũa lançada,como defeyto colheho:& em atẽdo assi tirou Nuno vaz por ela tão rijo que deu cõ ho mouro aos pès,& foy logo sobrele & matou ho com a espada tendo a lança com a mão.E Dinis fernãdez por lhe acodir se chegou tanto aos immigos que veo a braços com hũ deles,a que os outros acodirão,& ouuerãnno de matar se não fora por Bastião rodriguez & Nuno vaz que lhe acodirão ferindo muyto rijo nos immigos:& coisto foy a peleja tão trauada de espingardadas & lançadas de parte dos nossos,& de zagũchadas & pedradas da parte dos immigos que era cousa espantosa,& ajuntouse muyta gente da sua parte,porq̃ os mercadores gentios quando virão andar a cousa tão baralhada sayão das boticas com arcos que tinhão escondidos,& ajudauão os turcos,que contudo não poderão sofrer as espingardadas dos nossos que os ferião mortalmente,& derribarão cinco mortos,& os outros comeɔarão de se retirar pela rua dentro como que querião acolher là os nossos:& assi era porque tinhão muyta gente a que os nossos não poderã escapar se là forão. O que receando Nuno vaz,& tambem por ver quantos os immigos erão,& quão poucos os nossos os não quis seguir,& tornouse pera a porta da cidade indo ferido em hũa perna,que lha passarão cõ hũa frecha per baixo dhũ giolho,& leuou a adarga empenada doutras muytas,& foy ferido muyto Bastião rodriguez quando socorreo a Dinis fernandez,& tambem Diogo goterrez foy ferido em hũ pé de que ficou aleijado.E por Nuno vaz ir assi ferido,& os outros mandou ho gouernador a Gaspar de payua que goardasse a porta com outros:& nisto chegarão algũs da capitania de Iorge da cunha cõ muytos piães da terra a pos eles pera os matar,& assi mouros com bõbas de fogo que lhe vinhão lançãdo.E vindo assi acodirão da cidade algũs dos nossos espingardeiros,que os liurarão dos immigos,& os recolherão.E eles contarão ao gouernador como Iorge da cunha vinha desbaratado:& a pos estes vierão outros,ora dous ora quatro segũdo se ajuntauão,& sempre os seguiã os imigos como aos primeyros,& por hirẽ assi espalhados forão mortos tres de caualo & algũs piães:o que não fora se os Iorge da cunha leuara em hũ corpo,& desta maneyra entrarão os imigos a ilha passados algũs dias de Mayo q̃ era ja inuerno. E sabendo ho gouernador como erão ẽtrados por Benastarim,pareceolhe que era escusado ir là Francisco de saa com tão pouca gente como leuaua,& por isso lhe mãdou recado que se tornasse,& quem ho leuou ho achou quasi enuolto com os imigos, porque indo ele pera Benastarim em chegando às duas aruores vio os de tranés per outro caminho q̃ hia pera Benastarim,& logo endereyrou pareles. E ɔufolarim que os vio ir mandou despregar hũa bandeira q̃ lhe leuauão enrolada,pera que os nossos soubessem q̃ auia ali capitão.E cõtudo Francisco de saa não deixou de chegar aos imigos:& começando os nossos de se emburilhar coeles,deuse ho recado do gouernador a Francisco de saa que logo recolheo os seus & se foy pera a cidade:& os immigos ho seguirão de maneyra que a ele lhe foy forçado de voltar a eles muytas vezes cõ os seus,& assi foy ate a cidade,& nestas voltas ouue algũs feridos dambas as partes.E quãdo ho go

de ſaa chegou, andaua ho gouernador
na ribeira pera mãdar ho camelo a dõ
Antonio de quem lhe foy recado do q̃
tinha feyto, & como tudo era lâ entra-
do: & por iſſo perdeo a eſperança de po
der ſoſter a ilha, & ajuntou a gente que
tinha, & ſayo coela diante da porta da
cidade, pera recolher os noſſos que ſe a
colheſſem dos paſſos, & os defender
dos imigos ſe foſſem a pos eles. E eſtes
erão os moradores da cidade, que por
ſerem muytos fazião mais mal que os
proprios turcos que ainda erã poucos,
& ſe os da cidade ſe não leuãtarão pou
co aproueitara aos turcos por mais que
forão entrarẽ a ilha pera a tomar, que
nunca ho poderão fazer ſem ajuda da
gente da terra, que tambem ſe leuãtou
vendo leuantados os moradores da ci-
dade, ſe não Menayque & Timoja cõ
todos os de ſuas capitanias. E eſtando
aſſi ho gouernador recolhendo os noſ-
ſos q̃ hião dos paſſos ſendo aida hũ bõ
pedaço do dia por paſſar, decerão do-
us dos de Iorge da cunha ꝑ hũ oyteiro
abaixo, õde agora eſtà noſſa ſenhora
do mõte pera hũa porta da cidade que
ſe chama do mandouim, & hũ ſe cha-
maua dõ Anrique déça que hia diante,
& outro Antonio vogado q̃ hia detras,
& nas coſtas lhes hião muytos imigos.
E ẽ decendo pelo oyteiro matarão An-
tonio vogado, que ſe defendeo primey
ro muyto bẽ, & matou hũ mouro: & fi-
cãdo ele deixãdoho em poder dalgũs
que ho acabaſſem de matar, apertarão
tanto os outros com dom Anrique que
lhe deceparão ho caualo, & como era
perto dhũ eſteiro que ſe faz daq̃la bã-
da do mãdouim deitouſe do caualo em
lho decepando, & com muyto esforço
defendẽdoſe dos immigos ſe arremeſ-
ſou na vaſa do eſteiro, & ali ſe ſaluou,
porque logo lhe acodirão da cidade. Aſ
ſi eſteue ho gouernador ate bem tarde
recolhendo os noſſos, & goardando as
naos & fuſtas dos turcos q̃ eſtauão em
terra no varadoyro: & ſabẽdo q̃ todos
os dos paſſos erão recolhidos ſe reco-
lheo à cidade, & mandou recado a dom
Antonio que ſe recolheſſe cõ os outros
capitães que eſtauão no rio de Benaſta
rim: o que aſſi foy feyto.

Capit. xx. De como Pulatecão entrou na ilha de Goa com ho reſto da ſua gente, & pos cerco à cidade: & do q̃ ho gouernador fez deſpois diſſo.

SAbido por Pulatecão
como os moradores da
cidade, & aſſi todos os
da ilha erão leuãtados
cõtra os noſſos por ſua
parte, & os ſeus rece-
bidos pacificamente, paſſouſe à ilha cõ
todo ho reſto da gente que lhe ficaua
que ſerião bem dez mil homens todos
mouros & turcos gẽte branca, & esfor-
çada que ſabia muy bem pelejar. E co-
mo foy na ilha mandou aſſentar ſeu ar
rayal õde chamã as duas aruores obrã
de mea legoa da cidade caminho d̃ Be
naſtarim: & em quanto ſe as tendas aſ-
ſentauão foy ſua gente dar viſta à cida-
de, que polo pouco tempo que auia que
eſtaua em poder dos noſſos, ainda ho
gouernador ho não teuera de lhe man-
dar leuãtar os muros, & eſtauã baixos,
& fracos como os mouros os tinhão, &
algũa parte que ſe refizera à noſſa ma-
neyra eſtaua ainda por ẽxugar, de mo-
do que a cidade eſtaua bẽ fraca. E por
que os immigos ho ſabiã confiados em
ſua multidão, & esforçados com apou-
quidade dos noſſos ſe chegarã aos mu-

ros ho mais que poderão, tirando com muytas frechas: & assi trazião espingardões com que tirauão muytos farpões, & outros tiros de besta, & esteuerão a moor parte do dia neste jogo sem os nossos receberem dele nenhum dano antes fizerão muyto aos mouros ate que lhes foy necessario retirarse pera seu arrayal. E vendose ho gouernador cercado, porque os immigos se nã aproueitassem das naos, & nauios de remo que estauão varados dantes que lhe fosse entregue a cidade mandou que lhe posessem fogo: & ou por lhe nã ser bem posto, ou ou por os immigos acodirem logo a isso, fezlhe ho fogo muyto pouco nojo, & eles ficarão senhores da frota que estaua varada. E porque se ho gouernador receou que coela lhe queymassem a sua que estaua no mar, a mãdou muyto bem goardar por grã parte da sua gente, & com a outra se recolheo à cidade com determinação de se soster nela ate a sayda do inuerno, parecendolhe que pola guerra que cuydaua que ho Hidalcão ainda tinha cõ el rey de Narsinga não poderia mandar sobrele mais gente que aquela, & na entrada do verão chegaria a armada de Portugal, & com a gẽte que viesse pelejaria com os mouros, & os deitaria fora da ilha. E isto praticou com dõ Antonio seu sobrinho, & com dom Ieronimo de lima: a que parecendo assi bem ho gouernador: juntos todos os capitães, fidalgos & pessoas principaes de sua armada lhes disse. Ainda que senhores a ẽtrada dos turcos à primeyra face nos ameace com muyto grandes trabalhos & perigos immensos, bẽ creo eu que ho vosso esforço he tanto mayor do que eles podem ser por muyto grandes que sejão, que vos farà ver aquilo que não verão outros, em que ho medo teuer mais entrada q̃ em vos, porque estes taes assombrados dele nã vem mais que a fadiga dos trabalhos, que por derradeiro acaba coeles. E os taes como vos ainda que vem à fadiga que digo não deixão de ver quantos bẽs se seguẽ dela, assi como merecimẽto diãte de nosso senor em pelejar por exalçamento de sua sancta fé diante del rey meu senhor, pois coestes trabalhos lhe acrecentaes seu estado, & diante dos homẽs por amor do bem comũ: rezão tendes logo de vos arriscardes por hũ mal que acaba tão asinha a ganhar tantos bẽs que durão pera sempre, & polo que de vos conheço como companheiro de tantos ãnos. Bem sey que ho trabalho q̃ se nos aparelha vos não impedirà que ganheis os bẽs q̃ digo, & mais sendo eles ho fim pera que viestes: deueis de esperar em nosso senhor que nos ha de ajudar a alcançalo, especialmente nesta guerra, pera que vejão os mouros as grãdes marauilhas que fez com os nossos despois que conquistão a India, & que assi como os ajudou em tantas guerras, como vencerão pelejando com tantos immigos que cobrião ho mar & a terra, assi nos ajudarà, pera que defendamos esta cidade, que he a principal cousa da India, assi em fortaleza como em riqueza, & em que os mouros tem mais sua esperança: & por isso cõstituyão nela como vistes contra nos a cabeça da guerra. E se a sostemos a este impeto presente, crede me que não teremos mais necessidade de pelejar na India, & q̃ todos os reys dela hão de ter nossa amizade em muyta estima, & auerse por muyto ditosos de ter paz cõnosco, & cõfirmarão por verdadeira a opinião que tem de nos

de sermos mais valentes que os rumes, & se a perdemos ficamos de todo em descredito, porque os imigos não nos hão de disculpar que tinhamos fracos muros, nem poucos mantimentos: antes hão de multiplicar todo ho de nossa parte pera engrandecerem mais sua vitoria. E crede que com ho esforço dela, & saberem que nos podem vencer hão logo de fazer todos liga cõtra nos, & nos hão de perseguir ate nos tomar (o que Deos não queyra) aquilo que assentarão nossos antepassados, sendo muyto menos que nos, & por ventura não tambẽ apercebidos. Lembreuos senhores que temos âs costas toda a hõra da Christandade destas partes, & a do estado del rey nosso senhor: & posto que percamos a vida sobre soster estas duas cousas que alcançamos gloria pera sempre: & se se elas perderem com ficarmos viuos, que nã temos desculpa que nos salue de muyto grande pena, & que ficamos com vida peor que morte: doáuos mais as feridas da hõra que as da carne, porque as da carne tem remedio, & as da honra não tem nenhum: que ainda que se restaurem com se saber a verdade nunca se acaba de saber tão vniuersalmente que fique a mentira notoria a todos. Por isso oulhay o que vos cumpre, que eu nã sey que mais diga, se não que a defensa da cidade não pode mais durar com trabalho que ate a vinda da armada de Portugal que sera daqui a tres meses, & cõ ho bizcoyto & arroz que temos, & com ho gado que ha nas ilhas de Diuar & Chorão nossas vezinhas nos manteremos, em que pes aos moradores desta, que sem causa se leuantarão contra nos: & que me digais que vira ho Hidalcão com grande poder de gente, & que nos não poderemos despois sayr da cidade, eu sey certo que nã pode vir por amor da guerra que tem com el rey de Bisnegar, a quem por essa causa mãdey embaixador, & a estes immigos que nos tem cercados bem me atreuo conuosco a defenderlhes a cidade ate ho fim do mundo. E pois senhores estais todos nesta reputação, não somente comigo, mas com el rey meu senhor, & com todos os da India: peçouos polo que deueis a este credito que ho não percais: & porque conseruandoho com vos defender neste cerco ficais em paz, & ganhais tantas cousas como disse. A esta pratica do gouernador ajudarão tambem dom Antonio, dom Ieronimo, & outros dous ou tres capitães, dizendo que era muyto bem esperar ho cerco, & trabalharẽ por se soster ate a vinda das naos de Portugal, & todos os os outros se forão com seu parecer, ainda que algũs ho fizerão mais com vergonha que com vontade, como direy a diante. E assentado que defendessem a cidade, fortaleceoha ho gouernador ho melhor que pode, & fez seys estãcias em cinco partes do muro que estauão mais fracas, & destas era muyto mais fracas que todas onde se agora chama ho postigo do mãdouim, onde estaua quebrado hũ lanço do muro, & esta deu a dom Antonio de noronha, & outra â porta q̃ se agora chama de sancta Caterina deu a Ayres da silua, as outras deu a Simão dandrade, Iorge fogaça, dom Ieronimo de lima, & a Diogo fernandez de beja: & assi ordenou quartos que vigiassem de noyte, & de dia, & ele quis ser ho sobre rolda por a cousa estar mais a recado. E porque tinha necessidade de gente mãdou logo recado per hũa cotia a Iorge

da silueira & a Ieronimo teixeira que erão darmada a Baticalá, que na ora se fossem a Goa pera inuernarem coele fazendolhe a saber da maneyra que estaua. E com quanto lhe ho recado foy dado, eles não quiserão fazer o que lhe ho gouernador mandaua, dando por escusa o que tenho dito a tras.

Capitolo.xxj. De como Pulatecão com bateo a cidade, & da resistencia que achou nos nossos.

POsto que Pulatecão tinha por certo que a mayor dificuldade de tomar os nossos, auia de ser no ẽtrar da ilha, porque tanto que entrasse logo os tomaria: não ho teue assi despois que os seus forão dar vista à cidade na dura resistencia que acharão: & por isso mandou que ninguẽ cometesse mais os nossos sem ele ir em pessoa, parecendolhe que sem ele se não poderia tomar a cidade. E assentado seu arrayal hum dia pola manhaã fez seys esquadrões cada hum de quinhentos homẽs, & mandou que deissem combate aas estancias que os nossos tinhão feytas: & ele com outra muyta gente hia nas costas destes esquadrões pera os refrescar quando fosse necessario. Os immigos como hião muytos, & com ho esforço que lhe daua Pulatecão chegaranse quasi ao muro, tirando muytas frechadas, & farpões & quadrelos, & outros tiros que tirauão com espingardões: os nossos os receberão com muytas seetadas, espingardadas, & pedradas, & tão brauamente lhe resistirão que os fizerão quebrar do impeto com que vinhão. Ho gouernador neste tempo corria com muyta presteza todas as estancias esforçando os nossos, dizendolhes que se daquela vez sosteuessem a furia dos immigos, que dali por diante os acharião mais brandos. E eles recebião muy bem estas palauras, & como digo as punhão em effeyto, em tanto que era muyto pera espantar como sendo tão poucos, & estando com tão fraco emparo como era ho muro da cidade se podião defender a tamanho numero de gente, que somente ho retenir dos alaridos que dauão era pera fazer medo, quãto mais tanto genero darmas com que os combatião. E estando assi ho combate em peso, çufolarim que combatia a estancia de dom Antonio apertou tanto com os de sua capitania que os fez chegar ao quebrado do muro pera sobirem a escala vista: o que não podendo sofrer dom Antonio, mandou abrir hum postigo que ali estaa, & com algũs sayo a pelejar com os immigos, & ele & os que ho acompanhauão ho fizerão tam bem que por muytos que os immigos erão os fizerão retirar com grande dano. O que visto por Pulatecão mandou ceissar ho combate com muytas palauras injuriosas que disse aos seus porque não entrarão a cidade. E despois de ho combate durar bem quatro horas se recolheo pera seu arrayal, com muytos feridos & algũs mortos, & dos nossos não morreo nenhum, pelo que ho gouernador louuou muyto a nosso señor, & dando muyto louuor a todos os seus de quão bem ho fizerão mandou

curar algũs que forão feridos: & todos aquela noyte fizerão grande festa por lhes nosso senhor fazer tamanha merce, que assi se defenderão dos immigos. O que Pulatecão sentio muyto, & parecendolhe que tinha necessidade de mais do que ele cuydaua pera tomar a cidade, mandou fazer hũa estancia dartelharia no varadoyro das naos junto da porta que agora se chama de sancta Caterina, & mãdou assentar hi hum camelo que foy tomado em Benastarim, & assi algũs falcões & berços que se tomarão quãdo a ilha foy entrada. E esta estancia foy feyta de noyte, & quando amanheceo apareceo muyto medonha, & temerosa com os tiros que tinha, & com ser goardada de muytos turcos & rumes que fazião outro arrayal, & tinhão todas suas tendas embandeiradas & fazião grandes algazaras por quebrarem os corações aos nosso, & logo mandarão desparar a artelharia no nosso muro, principalmente na estancia de Ayres da silua que como disse estaua sobre aquela porta: a que ho gouernador logo acodio & achou ja os nossos às bombardadas com os immigos, que tambem lhe tirauão cõ algũs berços que tinhão. E dùrãdo ho combate por esta parte chegou Pulatecão com ho corpo de sua gente, & mandou combater polas outras, mas tão pouco fizerã os seus como no dia passado, posto que apertarão muyto com a estancia de dom Antonio por onde lhes parecia que poderia entrar a cidade: ao que ele com os que ho acompanhauão resistia muyto valentemente, & assi se tornarão os immigos sem fazerem mais que dantes, de que Pulatecão estaua muy agastado, & parecendolhe que por serem os seus poucos não entrauão a cidade, mandou recado ao Hidalcão, que ja sabia que vinha por caminho pera entrar na ilha que lhe mandasse mais gente, & que apressasse sua vinda dizendolhe ho aperto em que os nossos estauão, & quão bem se defendião. E entre tanto que este recado foy, ele não deixaua de mandar correr a cidade, & os immigos se chegauão tanto ao muro, que não ho podendo ho gouernador sofrer mandaua a Dom Antonio que saysse a pelejar coeles, o que ele fazia com muyto esforço, que sempre leuaua ho melhor dos immigos, posto que não auia dia que não pelejassem: porque nenhum se passaua que Pulatecão não mandasse combater os nossos, & não abastaua de dia, mas tambem de noyte, especialmente despois que sabido polo Hidalcão seu recado lhe mandou mais gente, que lhe vinha cada dia: & por isso como digo apertaua de cada vez mais os nossos pera ver se os podia tomar antes da vinda do Hidalcão, pera ganhar tamanha honra como aquela fora: & por isso não somente os combatia de dia mas todas as noytes lhes mandaua dar rebates per todas as estancias, principalmente pola de dom Antonio, & muytas vezes vinhão os immigos tão caladamente & de supito que os não sentião os nossos, nem os vião com ho grande escuro que fazia ate não sobirem sobre ho quebrado do muro, donde dom Antonio com os seus os derribauão por força, & certo que sofreo aqui coeles muyto grande trabalho, porque

não auia nenhũa noyte que não pelejassem, de maneyra que nem de dia nem de noyte nunca descansauão, & não era isto soo nesta estancia, mas em todas, que nunca se vio gente sofrer tanto trabalho como esta. Pois ho gouernador não se pode contar quão immenso era o que tinha, porque trabalhaua com ho spirito em cuydar como se auia de defender a tamanho numero de immigos, & abastados de tantos petrechos pera ho entrarem, & ele posto com tão pouca gente detras dhum muro tão fraco & tão baixo, & sem artelharia & com poucos mantimentos, & em inuerno que se não podia sair por não ser ho tempo pera nauegar. E sobre tudo sem nenhũa esperança de socorro, se não dali a tres meses & ainda. E pera descansar desta afriçao que trazia no spirito não tinha nenhum tempo, porque todo assi de dia como de noyte gastaua em correr as estancias pera ver como as defendião, & esforçar os que estauão nelas, & de não poder andar andaua a caualo, & assi a caualo comia, porque os imigos erão tão contínos que não dauão vagar pera mais. E coestas opressões, & outras, Iorge dacunha & Francisco de sousa mancias que não estauão bem com ho gouernador, começarão de dizer que ele queria softer a cidade, o que não podia ser por nenhũa via por ho numero dos immigos ser muyto grande em demasia, & eles muyto poucos & mal apercebidos pera se defender, que deuia dalargar a cidade & irse antes que ho inuerno fosse mayor, porque despois não se poderia ir. E isto na no dizião ao gouernador, se não nas estancias onde estauão, com que começarão dal uoraçar algũa gente que dizia em publico que ho parecer daqueles capitães era muyto boo. E ainda que ho gouernador foy auisado deste aluoroço, dissimulou que ho não sabia, nem quis falar nisso por não poer em disputa se era bem softer a cidade ou alargala, porque se viesse a isso poderia ser que aueria muytos a que parecesse bẽ ho parecer de Iorge da cunha & de Francisco de sousa, & seria ho aluoroço mayor: & pera dissimuladamente apagar ho que se leuantaua, rogo a dom Antonio & a dom Ieronimo de lima & a outros dous capitães de quẽ se fiaua, que como de si estranhassem a Iorge da cunha & a Francisco de sousa o que fazião, & que dissessem aa gente que ho gouernador fazia muyto mal de alargar a cidade, porque melhor seria auenturarse a defenderse nela, que auenturarse ao mar onde estaua certo perderse a armada: & eles ho fizerão assi, porem Iorge da cunha & Francisco de sousa não se quiserão desdizer do que tinhão dito, & affirmauão que ho gouernador fazia mal de softer a cidade.

Capitolo.xxij. De hum auiso que deu Ioão machado ao gouernador da determinação dos immigos contra os nossos, & do mais q̃ despois foy.

COmeçandose este aluoroço ãtre os nossos, hũa noyte foy dito ao gouernador que da banda do Mandouim falaua hum homem em

Portugues, dizendo que era Ioão machado que lhe queria falar, que lho chamassem, porque releuaua falarlhe. O que sabido polo gouernador, se pos sobre ho muro daquela parte: & sospeitando que seria algum auiso que lhe quereria dar do que os immigos ordenauão contrele não quis que ho ouuisse nenhum dos circunstantes, & por isso os mandou afastar dali. Ioão machado lhe disse que Pulatecão determinaua de lhe queymar a frota com cotias cheas de lenha seca, de & denxofre: porque queymada a frota, lhe não ficasse em que se podesse saluar, que bem tinha por certo que ho tomaria & a quantos estauão com ele como chegasse ho Hidalcão que tinha junta muyta gente de caualo & de pee pera vir sobrele: & que a gente que tinha era tão grossa que era escusado parecerlhe que lhe poderia resistir, & porque sabia que ho Hidalcão auia de vir muyto cedo lhe daua aquele auiso pera que se recolhesse aa frota em quanto tinha tempo. Isto dito foyse Ioão machado, com lhe ho gouernador agardecer muyto ho auiso que lhe daua, prometendolhe por isso muytas merces, & rogandolhe cõ grande instancia que ho auisasse de tudo o que os immigos ordenassem contrele. E ele lhe prometeo de ho fazer assi, dizendo que posto que andasse antre os mouros não deixaua de ser Christão, & desejar muyto de os nossos leuarem ho melhor dos mouros. Porem ho gouernador não acabaua de crer que isto era assi, & parecialhe que aquilo era ardil de Pulatecão pera lhe fazer medo, & que coele deixasse a cidade, do que ele estaua bem fora, porque lhe parecia que era vento a vinda do Hidalcão por amor da guerra que tinha com el rey de Narsinga, & fazia conta que se ja não teuera, que Gaspar chanoca que estaua por embaixador em Bisnegar lho escreuera, que não faltarião pera isso patamares, que por lhe darem dinheiro trouuessem as cartas. O que Gaspar chanoca não fez, porque como disse a tras ele não foy sabedor da paz que ho Hidalcão fez com el rey de Narsinga por ser muyto secreta. E com quanto ho gouernador fazia estas contas consigo, cõmunicou com dõ Antonio, & com dom Ieronimo de lima & Simão dandrade o que lhe dissera Ioão machado, & isto com juramẽto que ho não descobrissem a nenhũa pessoa porq̃ não atiçassem ho aluoroço que andaua antre os nossos, pera que despejassem a cidade: & assi lhe disse a rezão porque não cria que ho Hidalcão auia de vir sobre Goa: ao que eles disserão que se não fiasse nisso, porque como aquela cidade importasse tanto ao Hidalcão que bem poderia ser, que posto que perdesse algũa cousa em fazer paz com el rey de Narsinga, que a faria, & que Gaspar chanoca ho não poderia auisar disso por cousas que cada dia socedião sem homem cuydar nelas, & por isso que bem poderia vir ho Hidalcão sem ho ele saber, & que se viesse que auia de vir muyto poderoso, pelo que lhes auia de ser forçado de deixar a cidade, mas entre tanto que não vinha, ele a não alargasse & se defendessem ho melhor que podessem, posto que auia de ser com muyto trabalho, principalmẽte pola falta dos mã

timentos que tinhão, porque algũs que poderião auer das ilhas de Diuar & Chorão, auião de ser tão poucos que auião de comer por regra, mas que tudo se sofreria por não se alargar a cidade aos immigos. E assentados neste parecer, assentarão tambem que auendose a cidade dalargar que ho não dissesse ho gouernador se na mesma hora em que ho ouuesse de fazer, porque segundo os mais dos capitães erão de voto que se alargasse sentindo que ho gouernador imaginaua de a alargar em algũ tempo, apertarião coele que a alargasse logo, como de feyto apertarão despois que Ioão machado falou coele, & posto que não souberão o que lhe disse, parece que reuelandolhe a carne o que era. Dali por diante Iorge da cunha, Francisco pereyra coutinho, & Francisco de saa, & assi outros fazião pubricamente requerimentos ao gouernador que alargasse a cidade em quanto ho inuerno não era tamanho que não podesse sair da barra, por que despois não poderia, & mais que se não podião saluar na cidade por nenhũa maneyra. E não somẽte os capitães fazião estes requerimẽtos, mas tambem a gẽte miuda induzida por eles, & bradauão ao gouernador, dizendo que os não matasse. E como ele tinha os principais capitães por sua parte, que erão dom Antonio, dõ Ieronimo, Simão dandrade, Manuel de lacerda, Ayres da silua, Iorge da silua, Iorge fogaça & Diogo fernandez de beja, respondia a todos estes requerimentos, & a todos estes brados que ele sabia bem se se podia a cidade defender ou não, & que em quãto a afronta não fosse mayor, que ele não auia dalargar a cidade, nem eles lho auião daconselhar sẽ outra mayor causa da que tinhão. E vendo ho gouernador como este desauergonhamento de requerimentos hia tanto a uante que lhos fazião pubricamente, porque os que lho fazião não desemparassem a goarda das estancias em que estauão, requereo a cada hum dos que lho fazia que lhe desse a menajem de goardarem as estancias em que estauão, & de as não desempararem se não por seu mandado, & isto com lho requerer da parte delrey seu senhor: que eles fizerão mais com vergonha que com vontade. E como ho gouernador isto entendia, quasi que não dormia de noyte por roldar as estancias, pera ter nelas os que as ajudauão a goardar aos que estauão nelas por capitães, porque de noyte lhe dauão os immigos mayor trabalho com quererem entrar a cidade como ja disse: & pera ho gouernador saber a verdade se goardarião as menajẽs que tinhão dadas aqueles de que não confiaua, antes das horas que os immigos costumauão de vir mandaua fazer repiques falsos, & estes taes os ouuindo fugião com medo, & deles saltauão do muro por ser baixo, & fazião cousas muyto vergonhosas pera Portugueses: o que ho gouernador dissimulaua, porque não fazia aquilo pera mais, se não pera saber o que tinha neles.

Cap. xxiij. De como Pulatecão cometeo cõcerto de paz ao gouernador, & ele ho não quis, & de como chegou ho Hidalcão ao arrayal.

VENdo Pulatecão quão bem se os nossos defendião, & q̃ os não podia entrar andaua agastado de lhe suceder tão mal aquela empresa, em que ele cuydou de ganhar tanta honrra como fora tomar a cidade, porque esta era a conta que elle tinha feita quãdo viera cercar Goa. E porque sabia q̃ que a vinda do Hidalcão não tardaria, quis ver se podia ganhar por manha a honrra que não podera ganhar por força, & auer a cidade por concerto: & parecialhe que ho faria ho gouernador, assi por ter pouca gente como por não ter mantimentos cõ que se podesse soster. E pera esta negociação, escolheo a Ioão machado, que foy ao gouernador com recado, ficando em arrefens a Pulatecão Abraldez ho galego de que fiz menção a tras. E ho gouernador não quis que lhe falasse Ioão machado na cidade, porq̃ nã visse quão fraca estaua, que com tudo não se podia acabar de fiar dele, & faloulhe na galê de Simão dandrade que estaua aa porta do Mandouim, onde Ioão machado foy leuado em hũa almadia. E estando ambos sós sem outra pessoa algũa, porque se não soubesse ho recado q̃ Ioão machado trazia, disse ele ao gouernador que dizia Pulatecão que se lhe quisesse alargar a cidade q̃ ho deixaria ir em paz com todos os nossos & leuar quanto tinhão na cidade, com condição que lhe pagasse a valia de coréta caualos, & de certos alifantes que lhe morrerão quãdo decera da serra de Gate. E este partido lhe fazia porq̃ desejaua de ter amizade coele, por ser tão boõ caualeyro, & por saber q̃ ho Hidalcão seu senhor folgaria tambem de a ter; assi como a tinhão todos os outros reys & senhores da India, que do mais bem sabia quão pouca gente tinha pera se defender ao grãde poder que auia de trazer ho Hidalcão por quem esperaua cada dia, & que despois que ele viesse & soubesse quão fraco estaua, & quanta necessidade de tinha de mãtimẽtos como ele sabia, que lhe não quereria a cidade com nenhũ partido, se não tomalo. Ao que ho gouernador respõdeo muyto dissimulado, que quem dissera a Pulatecão que ele tinha pouca gente & muyta necessidade de mãtimẽtos que ho enganara, porque nas naos os tinha que lhe abastassem hũ anno, & com a gente que tinha não auia medo ao Hidalcão por mais q̃ teuesse: porẽ que por ele ser na India hũ senhor tão principal, & ele ter necessidade dauer de sua terra algũa madeira pa corregimẽto das armadas q̃ el rey trazia na India, assentaria paz coele com condições mais arrezoadas do que erão pag. rlhe os seus caualos & alifantes, em cuja morte ele não tinha culpa, pois estando dasse ssego na cidade que se lhe entregara, ho vinhão buscar sem ele desafiar ninguem: & quãto ao que lhe dezia de elle entregar Goa lhe não parecia rezão ella por ser del rey de Portugal seu senhor, de que tinha poder pera ganhar cidades, mas não pera as alargar despois de ganhadas, posto que perdesse sobrisso a vida E que se todauia se ouuesse de falar na paz, q̃ era necessario auer tregoas ate se acabar dassentar. Ioão machado disse ao gouernador q̃ ele diria aquilo a Pulatecão & ainda muyto mais pera abonação de quão seguro ele estaua

na cidade: porem que soubesse certo que Pulatecão sabia muyto bem como estaua pelos moradores da cidade, assi mouros como gentios que de attentarem muyto bem como ele estaua, & de ho saberem mandarão eles conselhar ao Hidalcão, que mandasse sobre Goa ou fosse pera se tomar, & que sem duuida que não tardaria dez dias: & que não tendo Pulatecão tomada a cidade antes de sua chegada lhe auião de queymar a frota, como lhe ja tinha dito: & despois tomar a cidade, & matar quantos estauão dentro. E pera lhe descobrir este segredo fizera ele por leuar ho recado de Pulatecão, & assi se offreceo muyto ao gouernador pera ho seruir em todo o que podesse. E porque esperaua de fazer muyto seruiço, assi a nosso senhor como a ele se não hia pera a cidade, & se deixaua andar antre os mouros, onde auia muytos annos que andaua contra sua vontade, mas que sempre sua tenção fora de ser Christão, & ho era. E ho gouernador lhe agardeceo muyto ho offrecimẽto que lhe fazia, dizendo que de cadauez que se ele quisesse tornar pera os nossos que ele lhe faria muyta merce em nome delrey senhor, & lha faria fazer, & que dissimulasse muyto bem, como ateli que era mouro, porque assi lhe poderia mais aproueitar. E despois que praticarão nisto hum pedaço tornouse Ioão machado pera ho arrayal, & deu a reposta a Pulatecão: que quando a ouuio ficou muyto espantado do coração do gouernador estando como estaua. E porem concedeo as tregoas por seys ou sete dias porque visse se ho podia atraer ao que ele queria, mas nunca pode. E neste tẽpo chegou ho Hidalcão ao arrayal sem os nossos ho saberem, mais que verem sinais disso na multiplicação dos mouros em muyto grande quantidade, assi de pee como de caualo. E sospeitandose isto erão tantos os requerimentos sobre ho gouernador que despejasse a cidade & se recolhesse aa frota que se não sabia dar a conselho, mas como visse que os immigos não cometião a cidade como dãtes, parecialhe que ainda ho Hidalcão não seria vindo. E nisto amanheceo hum dia hũa nao dos immigos metida no fundo que não parecia mais dela que hum pedaço do masto, & estaua no canal defronte do varadoyro das naos. E na noyte do dia em que ela assi apareceo entrou na cidade hũ bramene de Timoja que ho gouernador trazia por espia com outros no arrayal, & dissélhe como ho Hidalcão era vindo: & a causa de se aquela nao ali meter, era pera se tapar ho canal, porque tapado nã podesse sayr a nossa frota, que ho Hidalcão determinaua de mandar queymar com cotias cheas de lenha seca, & de breu & de enxofre, porque queymada a frota não terião os nossos em que se saluar, & então os tomaria: porque temia que querendo os tomar antes de ser a frota queymada se acolherião a ela, & fugirião. E sabido isto pelo gouernador communicouho logo com dom Antonio, & com os outros quatro que ja disse. E assentou com seu conselho, que pois a cousa hia daquela maneyra, & estaua claro não poder defender a cidade, & a frota juntamente por não ter a gente que abastasse,

nem artelharia, que lhe tomarão os immigos a mais quando entrarão a ilha: que ho melhor & mais seguro seria recolherse à frota, & defenderse nela antes que na cidade, porque os immigos nao tinhão frota em que podessem pelejar coeles. E na cidade como era fraca dos muros & eles muyto poucos, & os immigos muytos em demasia podianlhos derribar & entralos, & como não teuessem frota em que se acolher ficarião de todo perdidos: & ainda que por ser inuerno não podessem sayr da barra que passarião o que ficaua do inuerno naquele rio de Pangim, & ali se defenderião melhor dos immigos que na cidade.

¶ Capitolo.xxiiii. De como ho gouernador despejou a cidade, & a causa porque

TOmado este assento tão secretamente que ninguem ho não soube, logo na noyte seguinte mãdou ho gouernador ao piloto moor que fosse em bateys ver se poderia a nossa frota sayr por antre a terra, & a nao que os immigos tinhão alagada no canal: & achou q̃ si posto que muy estreitamente. Com que ho gouernador ficou muy desaluado por estar com grande medo que lhe teuessem ho canal çarrado. E logo mandou embarcar ho cobre da nossa feytoria, & outra fazenda: & assi essas poucas de peças dartelharia que lhe ficarão, mas não que ninguem soubesse ho pera que se fazia, mais que dom Antonio, & os outros. Porem logo se sospeytou ho pera que seria, com o que todos os que desejauão que se despejasse a cidade forão muyto ledos, & cessarã de seus requerimentos. E ho gouernador q̃ ja sabia ho grande poder de gẽte que estaua sobrele, receando que se fosse sentido que se recolhia ho entrassem os immigos, com que os nossos se verião em muyta afronta, mandou deitar por onde eles poderião entrar pães de cobre, & pastas, & fardos de pimenta, porque em quanto se ocupassem em apanhar esta fazenda se recolhessem os nossos. E estando nisto foylhe dito per Ioão machado que ho Hidalcão lhe queria mandar por ele hum recado que desse arrefens entre tanto que lhe ele fosse falar. E dado a Braldez em arrefens foy ho gouernador ouuir ho recado do Hidalcão aa galé de Simão dandrade como da outra vez: por que era tão rescatado que lhe parecia que ho Hidalcão, mais mandaua Ioão machado pera espiar como estaua, & que fazia, que pera lhe mandar recado: & com quanto tinha visto nele algũs sinaes, ou muytos pera se fiar dele. Todauia não podia acabar consigo que ho fizesse, por auer tanto tempo que conuersaua com os mouros, & parecialhe que os auisos que lhe daua seria com medo que ho não prendesse, & despois que se visse antre os immigos lhe discobreria ho seu segredo: & por isso lhe não queria falar se não na galee, onde lhe ele disse da parte do Hidalcão outro tal recado como lhe trouuera de Pulatecão. E despois de lhe ter dito o que lhe mandaua, lhe disse que ho Hidalcão lhe não mandaua aquele recado se não polo deter que não

fugisse em quanto se fazia prestes pera lhe queymar a frota, & ja que lha não queymasse, nem ho podesse tomar, queria ficar em paz coele pera lhe não tolher os caualos que lhe hião Dormuz, porque disto se receaua muyto: porem que a verdade era que ho Hidalcão desejaua de lhe fazer todo ho dano que podesse. E nem por isto lhe ho gouernador quis descobrir como se queria acolher aa frota, antes dissimulou coele, dizendo que auia de ver se podia soster a cidade ate ho verão que fosse a armada de Portugal & que quanto aa paz ele tomaria sobrisso conselho, & mandaria a reposta ao outro dia. E nesta pratica deteue ho gouernador a Ioão machado do meo dia ate quasi noyte, porque não disfesse ao Hidalcão que lhe vira embarcar algũa artelharia, que se nã pode esconder que ele não visse. Partido Ioão machado, & recolhido Abraldez, ho gouernador fez ainda recolher da feytoria a mais fazenda que pode: & despois concertou com dom Antonio, que pera seu recolhimento ser mais sem reboliço ele se embarcasse primeyro na galé de Simão dandrade, & dom Antonio ficasse na cidade, & mandaria matar quantos caualos auia nela, & despois recolheria a gente á porta da ribeyra, & se embarcaria coela em corpo porque não ouuesse algum desmancho. E isto andou ho gouernador dizendo aos capitães pelas estancias, pedindo a todos que se recolhessem com grande assesego, porque não fossem sentidos dos immigos, que soubessem que andauão todos muyto alerta a escutalos: & que se sintissem que se recolhião que auião logo de escalar a cidade, & entrarião coeles, & que lhes darião assaz de fadiga. E andando assi correndo as estancias oulhaua a cidade mostrando a magoa que tinha por a deixar tão cedo: & ouue algũs que lhe conselharã que mandasse pegar fogo aos paços do Hidalcão & ao almazem, em que auia muyta poluora, enxofre, & muytos tanques de azeite pera que os immigos se não lograssem daquilo. E hũ caualeyro chamado Ioão gonçaluez de castelo brãco lhe disse q̃ ho não fizesse porque pareceria desesperação de não tomar Goa, que ele esperaua de a tomar muyto cedo, & que melhor acharia então tudo que destruylo ho fogo: & mais que se os immigos vissem ho fogo que logo auião da diuinhar o que era & escalarião a cidade, que melhor se recolheria a gente com outro final que com aquele. O que pareceo bem ao gouernador, & mandou que se não posesse ho fogo, & que se recolhessem os nossos rẽdido ho quarto da modorra. E isto assentado embarcouse, & despejada a fazenda que se pode despejar da feytoria, & mortos os caualos que auia na cidade, rẽdido as horas que estauão ordenadas que foy aas duas despois de mea noyte começarão os capitães das estancias de se recolher com sua gente, & dom Antonio que lhes auia de ir nas costas (posto que ho gouernador tinha mandado ho contrairo) mandou dar fogo ao almazem. E como os immigos ho virão, & não ouuirão ho sino da vigia, pareceolhes o que era, & entrarã logo algũs per hum cano que estaua da banda do mandouim, & outros pelo quebrado do muro. E vendo recolher

dom Antonio derão auiſo aos de fora, de que entrarão mais,& pegarão com os que ſe recolhião às frechadas & lançadas:& dom Antonio,dom Ieronimo de lima,Manuel de lacerda, & outros fidalgos que ficauão nas coſtas,pelejarão tambem que ſoſteuerão ho impeto dos immigos ate que os que hião diãte ſe recolherão à porta da ribeyra. Porem os immigos deſpois que conhecerão claramente que a cidade ſe deſpejaua entrarão nela tantos,que ſe todos ouuerão de pelejar com os noſſos,eles ſe não poderão embarcar:mas não pelejauão todos,porque muytos ſe ocupauão em apanhar ho cobre,& a pimẽta que ho gouernador mandou deitar polas ruas,que aproueitou muyto. E cõ tudo como eles erão muytos,& carregauão muyto ſobre os noſſos,embarcaranſe eles com trabalho immenſo,pricipalmente dos capitães que forão por derradeiro ſoſtendo todo ho impeto dos imigos,de que chouião pedradas, frechadas & lançadas,& foy a peleja muyto grãde:& quis noſſo ſenhor que ſem nenhũ dano dos noſſos,ſe não de algũs feridos pouca couſa.

Capit.xxv.De como ſabendo ho gouernador que não podia ſayr da barra ſem grande perigo,aſſentou dinuernar no rio de Pangim:& do que aconteceo a Fernão perez dandrade,& a dom Ioão de lima.

DEſpois de ſe os noſſos embarcarẽ que ſeria manhaã clara foy forçado ao gouernador deterſe todo aq̃le dia diante da cidade pera ſe a frota leuar,porque era neceſſario fazer ſe de vagar por eſtar toda bẽ amarrada:& ſe não fora a muyta neceſſidade que tinha de ancoras mandara dar piques a muytas amarras,ſegundo aquele dia os noſſos forão perſeguidos dos immigos,porque em todo ele camanho foy nunca deixarão de tirar ou com artelharia,ou com eſpingardões, ou com frechas,com que algũs dos noſſos forão feridos. E ao outro dia derradeiro de Mayo em q̃ fazia tres meſes & meyo que ho gouernador eſtaua em poſſe da cidade:& em que auia vinte dias que os immigos entrarão a ilha começou a noſſa frota de ſayr com a decente dagoa pera Rabandar,porque antrela & a cidade queria ho gouernador ſurgir,pera hi ſe aparelhar porque não podia diante da cidade por amor dos tiros que lhe tirauão:& ho primeyro capitão que ſayo foy Franciſco de ſouſa mancias,& a pos ele os outros. E em a frota emparelhando com ho varadoyro,õde os immigos tinhão a eſtãcia com ho camelo,& outra artelharia pera combaterem a cidade,começarão de tirar coela aos noſſos com que lhe fizerão muyto nojo,principalmente no rey pequeno,em que hũa bombardada leuou dous negros em pedaços de quatro que eſtauão dando à bomba,& na capitayna deu outra hũ palmo do lume dagoa,& paſſou ho coſtado da nao cortando dentro hũ liame,& quis noſſo ſenhor que hia ja ho pelouro tão morto,que caindo em hum barril de plouora que eſtaua deſfundado,não fez nenhum nojo. E a nao frol da roſa, de que era capitão Bernaldim freyre, que eſtaua bem pegada com ho muro da cidade quando ſe leuou,

recebeo tãta oppressam de frechadas, & outros tiros que lhe tirauão com os espingardões, que conueo ao capitão mandar alargar hũa ancora, & deixala com ho cabre por se acolher, porque doutra maneyra mataranlhe toda a gẽte. E como foy em Rabandar com a frota, sabendo ho gouernador o que lhe acõtecera, porque sabia que tinha muyta necessidade da ãcora que lhe ficara, mandou a Nuno vaz de castelo brãco q̃ fosse no batel da mesma nao a tomala: & isto porque Bernaldi freyre era ainda mancebo, & pareceolhe que não teria animo pera ir leuãtar a ãcora por quanto se corria nisso grande perigo. E posto que Nuno vaz estaua ferido aceitou a ida. E estando leuando a ancora chouião as frechas sobre ho batel, & se não fora a padessada matarão quantos hião dentro, porem ferirãlhe muytos, & a hũ criado de Bernaldi freyre que hia com as costas na padessada da banda do muro foy ferido de hũ ferro quadrelo que tirauão os espingardões, & passando ho pades, & hũa espaldeira dhũ corsolete com que estaua armado ho trancou polas costas ate lhe passar ho peyto, & assi ho teue trancado ate que Nuno vaz se tornou, porque vẽdo ele que por leuar aquela ãcora lhe auiã de matar quãtos leuaua a quis antes deixar que perdelos, & mais porque lhe tinhão feridos muytos dos marinheiros. E tendo leuantada hũa braça do cabre se tornou pera a frota, & deu conta ao gouernador do que lhe acontecera. E naquilo chegou ho piloto mór, que vinha de ver a barra, & disse ao gouernador que por nenhũ modo podia sayr dela sem muyto perigo de se perderẽ as naos por ser ja ho tempo muyto verde. E sabido isto por ele chamou aconselho, & nele mandou ao piloto moor que dissesse como achara a barra, & o que lhe parecia do perigo das naos, & ho mesmo mandou a todos os outros pilotos & mestres que ali estauão jũtos, & ho piloto moor: & eles disserão que sem duuida estaua mais certo perderense as naos ao sayr da barra que saluarense. E sobristo lhe pedio ho gouernador seus pareceres, que dados forão diuersos, porque hũs auião por mayor perigo inuernar naquele rio, que o que se podia correr ao sayr da barra por amor da cõtinua guerra que lhe os immigos auião de fazer de terra pola estreiteza do rio: & que lhes auião de fazer muyto dano com a artelharia que lhes ficaua, & que auião de morrer de fome, porque não tinhão mantimentos, nem agoa, que melhor seria trabalharem por sayr da barra & verem se podião ao menos tomar a ilha Danjadiua que era perto, & onde ja inuernarão naos nossas. E os deste parecer forão Francisco de sousa mancias, Francisco de saa, Francisco pereyra coutinho, Iorge da cunha, Iorge fogaça & Ayres da silua. Os outros todos teuerão ho contrairo, dizendo que posto que ho perigo da guerra que se esperaua fosse grande que, que muyto mayor seria perderense quaesquer naos da frota, porque sem elas não lhes ficaua saluação, nem tinhão em que se defender, nem com que fizessem guerra aos imigos, porque lha não podião fazer se não por mar: & que se os mouros da India os acolhessem na terra sabendo que não tinhão armada que se ajuntarião todos contreles, & lhes poerião muy cruel cerco, & que se não tinhão mantimentos que não podia ser, que por intercessam de Timoja nã

ouuessem algũs da terra firme: & das ilhas de Diuar & Chorão, & da mesma de Goa em que farião saltos: quãto mais q̃ a guerra duraria hũ mes & meo & no mais que era bem pouco pera se a uenturarem a tanto como era perder a frota que tinhão. E deste parecer foy ho gouernador: e este se goardou muyto contra võtade dos que tinhão ho cõtrairo, especialmente de Iorge da cunha, que ele por si mesmo requereo ao gouernador da parte del rey que se fosse, & não inuernasse ali porque escãdalizaua ho pouo. E tanto insistio naquilo que lhe disse ho gouernador que se nã fizesse procurador de concelho, porq̃ ali auia dinuernar. E assentado isto assentouse que inuernassem antre Rabãdar & Pangi por ser ali ho rio mais largo, & as naos poderẽ hi melhor estar. E assi foy assentado, q̃ se mandasse Fernão perez dandrade no nauio sam Ioã, de que era capitão a Anjadiua a buscar mantimentos, & fosse coele Timoja q̃ era senhor dela pera lhos fazer vẽder, & logo partirão ãbos, E coeste assento mandou ho gouernador leuar ancora pera surgir onde digo: & despois que surgio tirou a capitania da nao a Frãcisco de sousa mancias, porq̃ quando se leuou de diãte da cidade Frãcisco de sousa foy demdar a barra de golpe sẽ saber sua determinação nẽ esperar por ela. Pelo que ho gouernador mandou a pos ele, pera q̃ ho fizessem tornar por força se não quisesse por sua vontade: & pera exemplo que outro capitão nã fizesse ho semelhãte a seu capitã mõr, lhe tirou a capitania da nao. E como ele esperaua de ser ali muyto cõbatido dos immigos apercebeose darrombadas, & toldos em todos os nauios, & padessadas nos bateys: & pos os nauios mais fortes onde se esperaua mayor perigo, & os fracos onde ho poderia auer menos. E conhecendo ele ho descontentamento que auia em algũs por inuernar ali corria as naos, & esforçaua a gente, dizendo que muyto pouco tempo auiã de sofrer aq̃le trabalho de se defender dos imigos: porem não era este o que a gente receaua, q̃ pera a peleja do mar assaz auia dela, & artelharia, mas não auia mantimentos se não hũ pequeno payol de biscoyto na nao frol da rosa, q̃ ho gouernador goardaua p̃a os doẽtes que auia na frota, & assi hũ pouco darroz & hũ pouco daçucar: & Fernão perez que hia com Timoja por mantimẽtos a Anjadiua indo defronte do dente da barra, andaua ho mar tão grosso q̃ lhe deu com ho nauio ã costa & perdeose, mas saluouse a gente & a artelharia, & despois mãdou ho gouernador por tudo, & nãoquis mais auenturar outro nauio vẽdo como se aquele perdera: nẽ Timoja não ousou de se ir. E por na frota auer grande necessidade dagoa por não ser ainda ho rio doce q̃ chouia pouco, mandou ho gouernador a dom Ioã de lima no batel dhũ nauio, de que era capitão que fosse da banda de Bardes a buscar agoa, & que visse se auia agoada q̃ abastasse ã frota. E estando dõ Ioão fazendo agoada por ser a terra toda cuberta daruoredo deu hũa grande cõpanhia dos immigos sobrele tão de supito que os não vio se não em ho cometendo: & com quanto se ele quisera defender deles cõ os seus, carregarão eles tanto q̃ os fizerão recolher ao batel, & quasi afogados, porque os apressauão muyto, & feriranlhe algũs de frechadas: & com tudo dom Ioão leuou agoa, porem pouca a respeyto da gente da frota.

Capit.xxvi. De como ho gouernador foy cercado de estãcias dartelharia de todas as partes do rio, & do muyto grãde trabalho que os nossos passauão, assi de fome como de guerra.

SAbendo ho Hidalcão como ho gouernador estaua tão de vagar no rio de Pãgim, & vendo que queria ter hi ho inuerno, determinou de lhe fazer ã guerra, & mandou logo fazer hũa estancia dartelharia na agoada de Bardès, onde dom Ioão tomara agoa, & deu ho cargo desta estancia a çufogo gi com gente darmas que ho acompanhasse: porem ho gouernador não quis que se tomasse ali mais agoa, & nã por medo que os nossos pelejassem cõ os immigos, mas porque a terra era cuberta daruoredo, & sem peleja lhe poderião os immigos fazer muyto dano. E auẽdo algũa necessidade dagoa quis nosso senhor que começou de chouer, & fezse ho rio doçe com ã agoa do mõte, & coisso não ouue na frota necessidade de se tomar agoa fora: & se isto não fora não auia saluaçã nos nossos, porq̃ como esta estãcia foy feyta logo se fizerã outras de todas as partes. Porq̃ vẽdo ho Hidalcão que não era necessaria na cidade a artelharia q̃ se tomara nos paços mãdouha leuar a estas estãcias. E ho camelo com outra artelharia sua & nossa foy posta na fortaleza de Pãgim pera defender que nã podessem os nossos passar pera a barra, & em hum oyteiro que està sobre a fortaleza mãdou apousentar Pulatecão com tres mil homẽs todos mouros estrãjeiros pa goardarem aquela fortaleza. E como estas estancias forão feytas começou a artelharia de tirar à nossa frota q̃ toda esta ua em lugar que lhe podião fazer nojo & hum tiro foy dar na nao de Bernaldim freyre, & matoulhe hũ marinheiro, & quebrou hũa perna a hũ gormete: & dali por diante tiraua esta artelharia tão amiude, que somẽte ho camelo deitaua cada dia cincoẽta pelouros pouco mais ou menos com que os nossos tinhão assaz fadiga, & recebião muyto dano, assi de mortos como de feridos, & não auia ninguem que ousasse de andar polas pontes das naos, porque logo lhe tirauão com a artelharia, & hũ dia matarão hũ marinheiro na nao do gouernador que hia pola coxia da ponte. E como os immigos sabião que aquela era a capitayna por amor da bandeira que tinha na gauia tirauão a ela mais q̃ a nenhũa outra, tanto que foy necessario ao gouernador alargarse dõde esta ua, & hirse lançar pegado com ho rio q̃ vem dantre a ilha de Diuar & a terra firme. O que visto pelos immigos fizerão ali outra estancia, onde poserão hũ tiro, que tambem fazia muyto dano ao gouernador, porem não tãto como ho camelo: os outros capitães tambem se mudauão por fugir do mal que lhes fazia a artelharia, o que era muyto grande trabalho por a gente estar doente & fraca da fome q̃ padecia, q̃ como disse por falta de mantimentos que auia era a regra muy apertada, & esta era darroz somente que não auia carne nẽ pescado mais que algũ que se tomaua de noyte. E pera ho gouernador ver se se podia dar a isto algũ remedio, porque a gente não pasmasse com desesperaçã falouse com Timoja & Menayque que estauão agasalhados na nao de Nuno vaz de castelo brãco. E dizẽdolhe eles que na ilha de Chorão & na de Diuar se poderia auer algum arroz & carnes,

mandou là dom Antonio com outros tres capitães em seus bateys, & hũ deles foy Ioão Nunez de lião:& partirão hũa antemanhaã, & hia coeles Menay que com algũs piães seus. E chegados à ilha de Chorão sayrão em terra, & Menayque hia diante descobrindo: & como tudo estaua leuãtado não acharão os nossos mais que hũ pouco darroz, & cinco vacas, & isto tomarão pagãdo ho muyto bẽ a seus donos, & sem lhe fazerem nenhũ mal por os não escandalizarem. E coisto se tornou dom Antonio à frota, mas aquilo não foy nada pera quanta gente auia nela, & por isso tornou à ilha de Diuar, onde andauão algũas vacas, & tomou algũas pelejando, porque os immigos acodirão logo das estancias ondestauão:& vẽdo que os nossos hião tomar as vacas as afastarão pera detras do oyteiro, em q̃ agora està a hermida de nossa senhora de Diuar. E coisto ficarão os nossos sem esperança de auer mais carne, como defeyto não ouuerão:& a regra do arroz se hia estreytando de cada vez, pera que abastasse, & era a fome tamanha que se armaua aos ratos, & comiãnos. E os que tinhão arcas encoyradas desforrauannas & deitauão os coyros de molho & comiãnos pisados, & os q̃ isto tinhã estauão contentes, mas a gente baixa q̃ não tinha mais que a sua regra sem outra nenhũa ajuda bradauão com fome, & dizião ao gouernador que lhes desse de comer pois os queria ter ali:& ele se via tão agastado com magoa de não poder dar o que lhe pedião, que era pera auer dó dele. E cõ tudo sempre mostraua grande animo, & dizia que esforçassem que ele tinha que lhes dar muy largamente, que se lho mais cedo dissessẽ que mais cedo lho dera.

E determinou q̃ fazer boa boca à gẽte com ho bizcouto de frol da rosa, & mãdou fazer rol de todos os que auia na frota pera saber quantos erão, porque ho bizcouto era tão pouco que pera abastar era necessario darse por onças: & porque pera isto auia necessidade de grande tento, não ho quis fiar de Bernaldim freyre, que era mancebo, nem de seu despenseiro, & deu a chaue do payol que ele tinha a Ioão gõçaluez de castelo brãco, que era escriuão da mesma nao frol da rosa, & mandoulhe que não desse ho bizcouto sem seu assinado:& isto lhe disse perante todos. E em secreto lhe mandou que sempre desse menos ametade ou a terça parte do q̃ fosse no mandado, segundo visse que era a soma que lhe mandasse dar, por que por ele esforçara gente, & lhe não dizer quão pouco bizcouto auia mãdaria sempre dar o que lhe pedissem:porem que ele fizesse o que lhe dizia em secreto, posto que lhe mandasse ho cõtrairo em pubrico, & ainda q̃ por sua pessoa lhe dissesse que comprisse o que lhe mandaua, porque vendo a gente q̃ ele mandaua dar quanto bizcouto lhe pedissem cuydaria que ho auia em abastança & esforçaria, & se se aqueixassem dele que não queria fazer o q̃ lhe mandaua que lhe não desse disso, por que ele sabia a verdade do que lhe mãdaua, & q̃ melhor seria dar a gẽte culpa a ele de não fazer o q̃ lhe mãdaua, que saber a verdade de quão pouco bizcouto auia, & irse pera os immigos com desesperação, & Ioão gonçaluez ho fez assi. E vendo as partes que ele não compria os mandados do gouernador tornauão logo a ele a fazerlhe queixume:& ele mostraua grande menencoria contra Ioão gonçaluez de nã

fazer o que lhe mandaua pois auia biz couto em abastança. E como a sua nao estaua perto de frol da rosa, bradaua logo por Ioão gonçaluez, & dizia que deisse ho bizco que mandaua dar, & q̃ ho deisse logo: porem ele fazia o que tinha por regimento. E as vezes se via ho gouernador tão enfadado coestes queixumes que punha a culpa a Ioão gonçaluez, & dizia que não sabia que lhe fizesse que era de sua cõdição: mas como a gente se não satisffazia coisto, bradaua ao gouernador q̃ ouuesse piedade deles, & que os não deixasse mor rer, & ás vezes ho apertauão tanto, prĩcipalmẽte despois q̃ conhecerão quão pouco bizcouto auia, que ele dagastado, & sem saber o que fizesse tiraua po las barbas, & dizia. Tomay aqui que agora não tenho outro mantimento q̃ vos dar, & consolaua os ho melhor que podia mostrãdo grãde magoa de lhes nã poder valer como desejaua: e partia da sua regra com aqueles que lhe parecia que tinhão mais necessidade, posto que todos a tinhão assaz. E os capitães que lhe querião mal vendo a necessida de que a gente tinha incitauãna cõtrele, q̃ se ele não inuernara ali como lhe eles disserão que esteuerão fora daquele trabalho, & porque ho eles adiuinhauão, lhe conselharão que não inuernasse: que era hũ maniaco q̃ os auia ali de matar de fome, & mais que auião de vir os immigos em jangadas, & os auiã de matar a todos. E coisto & cõ a fome que a gẽte passaua andauão todos muyto pasmados, & assombrados com medo, & tres dos nossos fugirão pera os immigos, hũ galego, hũ asturiano & outro. E estes descobrirão ao Hidalcã ho grande trabalho que hia antre os os nossos, & ho medo que tinhão dos immigos hirem sobreles. E sabendo ho gouernador como a gente começaua de fugir mandou vigiar grandemẽte sobrisso, tanto que mayor trabalho tinhão os capitães em ho fazer que em se defender dos immigos, que sabẽdo o que hia antre os nossos os apertauão muyto, com que a gente baixa de cada vez auia mòr medo. E tambem isto chegaua a algũs dos honrados, & auia hi taes que de siso conselhauão ao gouernador ardis pera que os immigos não tomassem as naos com jangadas. E ele vendo quão encarnado andaua neles ho medo não ousaua de lho tirar com rezões, porque via que lhe aproueitauão pouco, & que se lhe hirião pera os mouros com desesperação: mas dissimulando com prudencia agardecialhes os conselhos que lhe dauão aprouandolhos por muyto bõs, & dizẽdo que assi ho faria. E coesta manha os esforçaua, & sostinha em confiança de se poderem defender dos immigos: & despois disto metiasse em sua camara, & oulhaua pera ho ceo chamãdo muy deuotamente a nosso senhor, & pedindolhe por sua paixão que lhe valesse em tamanha agonia, & que tirasse ho medo aos que ho tinhão por seus peccados, que a eles ho atribuya & não a outra causa. E na verdade não auia algũa pera ho auerem, porque a sua nao, & a de dom Antonio estauão tão bem artilhadas, que elas somẽte abastauão pera pelejar com vinte naos de rumes.

Capitolo. xxvij. De como ho gouernador deu na fortaleza de Pangim, & desbaratou Pulatecá, & ho fez fugir, & tomou a artelharia da fortaleza.

Estando ho gouernador cõ todos os nossos nesta fadiga foy lhe dado hũ escripto de Ioão machado, em que dizia que sabendo ho Hidalcão pelos nossos q̃ fugirão ho aperto que tinhão da fome, determinaua mandar cotias cheas de lenha seca acesas pera lhe queymar a frota, & que fazia prestes oytenta nauios de remo, pera que fossem nas costas daquelas balsas de fogo, & matassem os nossos que se deitassem ao mar despois que a nossa frota ardesse. Vista esta carta pelo gouernador, mostrouha a dõ Antonio & aos outros capitães, & inuentarão que pera q̃ desuiassem as balsas da frota mãdassem poer nas proas dos bateys hũs garoupezes como os das naos, se não q̃ fossem mais pequenos, & q̃ teuessem hũs arpeos pera desuiar as balsas da frota. E isto se fez sem ninguem saber ho pera que, senão os que digo, porque se se soubera segundo a gente comum andaua aluoroçada com medo fugirão todos pera os immigos. Mas este apercebimento dos garoupezes foy de valde, porque as balsas não vierão: & assi ho tornou Ioão machado a escreuer ao gouernador, dizendolhe que todauia esteuesse apercebido, porque os immigos se apercebião pera hirem pelejar coele por mar, & que visse o que lhe cõpria porque erão muytos. Ho gouernador pelo medo que entendia q̃ os nossos tinhão, & ho receo que tinha de lhe fugirem se soubessem que os immigos queriã pelejar. Teue este auiso de Ioão machado tão secreto que ho não disse senão a dõ Antonio, & rogoulhe que pera mayor certeza do que auia de fazer que ele fosse ver aquela armada q̃ se fazia, & ele foy & achou que era assi: pelo qual comunicarão ambos que seria boõ tomarse a artelharia de Pangi, porque na peleja que se esperaua auião de receber dela muyto dano, & por isso era necessario tomarse ou encrauarse, porque nã podesse tirar tão asinha. E praticado isto primeyro com dom Antonio propolo despois ho gouernador em cõselho com todos os capitães da frota, a que pareceo bem, & assentarão que se fizesse. Pera o que tambem foy assentado que abastarião trezẽtos homẽs que ho gouernador escolhesse de hũ rol que se faria de todos os da frota. E porque Pulatecão não podesse acodir com sua gente à fortaleza ordenouse que ao mesmo tempo que se desse nela, que seria duas horas antemanhaã, se desse tambem no arrayal de Pulatecão que estaua sobre hũ oyteiro hũ tiro de bèsta donde os nossos auião de desembarcar, porque vendose ele assi cometer perderia ho tẽto dacodir à fortaleza. E ho dar no seu arrayal foy encomendado a dom Antonio, & a Simão dandrade, que com cem homens auião dir por este oyteiro que digo da parte do ponente, donde ficaua a cidade, & pela do norte auia de ir Simão martiz com algũs espingardeiros & bèsteiros a poerse em hũ passo estreito que ali estaua, porque se Pulatecão fosse socorrer a fortaleza (que era aquele ho caminho) lho impidisse. E da parte do sul, de que ficaua a barra esteuessem no mar Diogo fernandez de beja na sua galè, & Afonso pessoa na sua fusta bem pegados com terra defronte dhũ ressio que ali estaua pera que varejassem cõ a artelharia, & impedissẽ aos do arrayal, que podiã por ali socor-

rer aos da fortaleza, de que ho cometimento foy encomendado a Manuel de lacerda, que com Bastião de miranda, & Nuno vaz de castelo branco cometerião ho muro hũ pouco afastado da torre da fortaleza, & pegado coela cometerião dõ Ieronimo de lima, & Ayres da silua, Iorge fogaça, Fernã perez, dom Ioão de lima, & outros capitães. E em quanto estes pelejassem, Dinis fernandez q̃ auia dir em hũ parao cõ corẽta marinheiros, teria cuydado de recolher a artelharia, prĩcipalmẽte ho camelo, & coele os mais dos tiros q̃ podesse: & pera ho fauorecer auia dir ho gouernador no seu esquife. Isto assi assentado foy logo posto em obra, & ho gouernador mandou embarcar os que estauão escolhidos pera este feyto sem outros nenhũs mais, posto que muytos quiserão ir, & se offrecerão pera isso. E ho gouernador lho agardeceo muyto, & cõtentauaos cõ lhe dizer q̃ era mais seruiço del rey ficarẽlhe oulhando por suas naos q̃ hirẽ pelejar. Embarcados todos começarão de remar a boga surda, & partirão pera terra sem serẽ sentidos. E chegados a ela tangerão as trõbetas do gouernador, & os seus atabales, q̃ mandou leuar no seu batel. E foy tudo tangido cõ tamanho aluoroço q̃ parecia q̃ era ali junto ho mũdo todo. E em começãdo de tocar estes instormentos poyarão os nossos em terra cõ grãde ligeireza, & cada capitão foy cometer o q̃ lhe estaua encomẽdado. Dõ Antonio & Simão dandrade tomarão pelo oyteiro acima, q̃ ja disse caminho do arrayal dos imigos. E chegãdo a eles cometerãnos cõ tamanho impeto, que cuydarão q̃ era todo o mũdo sobreles, & mais como acc dauão toruados do sono, parecialhes q̃ era assi como digo: & fora de si cõ medo começarão logo de fugir, porq̃ na verdade os nossos apertauão muyto, matando & ferindo neles sem nenhũa piedade. Pulatecão q̃ se vio assi cometer, & ouuido ho grãde arroydo q̃ fazião os atabales & trõbetas cuydou q̃ toda a força dos nossos hia sobrele: & por isso determinãdo de se acolher à fortaleza, recolheo a mayor parte dos seus, & encaminhou pera ela. E chegando ao passo onde estaua Simão martĩz, achouse ẽbaraçado cõ as espigardadas, & setadas q̃ os nossos começarão de desfechar, cõ que derribarão algũs dos imigos. E como Pulatecão vinha descuydado de tal cousa, pareceolhe q̃ estaua cercado, & ho medo lhe fez crer q̃ não tinha outra saluação, se não fugir: o q̃ pode bẽ fazer por ir nas costas dos seus, q̃ fizerão como ele. E Simão martinz foy hũ pouco a posele, matando & ferido algũs, & nã quis ir mais auante por ter pouca gẽte, & os imigos serẽ muytos. E tãbẽ porq̃ a diante era a terra larga, õde se não podia tãbẽ ajudar como na estreyta: mas posto q̃ eles escaparão de Simão martiz, tornarão a cayr nas mãos de dom Antonio, de Simão dandrade, & dos seus q̃ carregando muyto sobreles os fizerão fugir per outro cabo, por onde não estaua Simão martiz, & não acharão lá tão pouco õde se acolher: porq̃ assi como os nossos poyarão q̃ cada hũ cometeo õde estaua ordenado, remeterão logo ao muro Manuel de lacerda, Bastião de mirãda, & Nuno vaz cõ os q̃ leuauão em suas capitanias. E por ser ho muro baixo sobião polas lãças, Manuel de lacerda foy dos primeyros que subio. E sentindo os imigos q̃ os entrauão, cõ quanto ho desacordo do sono ẽ q̃ estauão lhe pos logo algũ espanto, &

não deixarão dacodir ao muro, & co meterão muy rijo os nossos que estauão sobrele, & com hum bote dazagücho derão dele abaixo cõ Manuel de lacerda. E nisto sobirão Bastião de miranda, Nuno vaz de castelo brã co, & os que hião coeles: & tambem Manuel de lacerda que tornou logo a sobir, & assi todos os outros capitães com sua gente. E começouse tudo dencher de grande estrondo que se fazia dos brados, assi dos nossos, como dos immigos, & do tom dos golpes que dauão, com que os immigos forão tão assombrados de medo que se derão por perdidos, & tomarão por remedio fugirem per hũa porta da banda do sul, onde ficaua a barra. E ali defronte estauão Diogo fernãdez de beja & Afonso pessoa: & com quanto lhes ho gouernador defendeo que não sayssem em terra, era Diogo fernandez tão esforçado que vendo os immigos não se pode sofrer que não fosse a terra na sua barqueta, & leuou consigo oyto homens, & foy cometer aqueles primeyros immigos q̃ sayrão da fortaleza. E como ainda erão poucos auinhasse bem coeles, se não quando saem muytos de roldão, & achando ho com tão poucos remeterão a ele pera se vingar do mal que lhes era feyto, & tratauãno mal, & feriranlhe tres homens, pelo que foy forçado a Afonso pessoa varar a fusta em terra & acodirlhe. E porem era ho socorro ainda tão pequeno pera quantos os immigos erão q̃ tinhão a barba em teso, & pelejauão com muyto esforço. E nisto acabaranse de desbaratar os immigos da fortaleza, & despejando ha de todo derão lugar aos nossos capitães que podessem sayr apos eles, & Manuel de lacerda, & Nuno vaz seguirão apos algũs que tomarão pelo oyteiro acima caminho do arrayal, não lhe parecendo ainda que Pulatecão fosse de todo desbaratado. E dom Ieronimo de lima, dom Ioão de lima, Iorge fogaça, Fernão perez & os outros capitães seguirão a pos os outros que fugirão pera onde Diogo fernandez de beja, & Afonso pessoa estauão pelejando, a quem os immigos desapressarão do aperto em que os tinhão cõ a vinda dos nossos: & assi os que pelejauão como os que sayrão da fortaleza se desbaratarão de todo, & fugirão caminho da cidade, ficando deles mortos trezentos, & dos nossos nenhum, somente forão feridos algũs, antre os quaes forão Fernão perez dandrade & dom Ioão de lima. E estes trabalharão muyto em ajudar a Dinis fernandez a recolher ho camelo, leuando ho quasi nos braços, & assi a outra artelharia. E desbaratados os immigos que os nossos se ajuntarão todos, forão buscar a fortaleza se achauão nela algũs mantimentos: & recolhidos algũs poucos que acharão, & assi algũas armas tornouse ho gouernador pera a frota muyto ledo por desfazer aq̃la força q̃ os immigos ali tinhão, de q̃ recebião muyto grande dano.

Capit. xxviij. De como ho Hidalcão cometeo amizade ao gouernador, & ele a não quis, & a causa porque.

Muyto espantado ficou ho Hidalcão quãdo soube ho desbarato de Pulatecão, & a tomada da fortaleza de Pangim, &

que os noſſos leuarão toda a artelha ria ſendo tão poucos, & tão canſados da maa vida que tinhão, como ele muy bem ſabia. E eſte deſbarato de Pulatecão lhe fez perder dali por diante ho credito que tinha nele, & ho não encarregar mais de couſa nenhũa: & porque ſe temeo que os noſſos com ho fauor daquela vitoria não correſſem ate a cidade, mandou fazer hũa eſtancia em Rabandar dalgũa artelharia ſua: & deu a goarda dela a çufolarim, em que ja tinha grande confiança por ele ſer ho primeyro capitão que entrara na ilha, & deu lhe a meſma gente que Pulatecão tinha em Pangim, & ho meſmo poder. Mas dali por diante não podião os immigos fazer ho dano que faziã dantes aos noſſos: porque a artelharia com que tirauão não tiraua tão furioſa como a noſſa que era de metal & a ſua era de ferro. E vẽdo ho Hidalcão como os noſſos eſtauão deſaliuados do trabalho dos combates, & que por derradeiro lhe não podia fazer nenhum mal. E que como ho tẽpo deſſe vao q̃ ho gouernador ſe poderia ir liuremente, & lhe ficaria por immigo, que lhe ſeria grande perda por amor dos caualos Dormuz que lhe hião a Goa, que lhe podia tolher tomando as naos que não foſſem a Goa: & pola neceſſidade que ele tinha deles ſeria neceſſario auelos doutra parte, onde lhe auião de cuſtar muyto caros. E por eſta cauſa pois não podia danar ao gouernador, lhe pareceo bem telo por amigo, & fazer paz coele, o que ele cuydou que aceitaſſe por a neceſſidade em que eſtaua de mantimentos. E deu ho cuydado de fazer eſta paz a çufolarim que mandou recado ao gouernador por Ioão machado, dizendo que ho Hidalcão deſejaua de ſer ſeu amigo, como ho erão todos os reys & ſenhores da India. E pera fazer eſta amizade lhe pedia q̃ ſe viſſem ambos, ou mãdaſſe algũ de ſeus capitães, pera que falandoſe no mar a fizeſſem. E Ioão machado diſſe em ſegredo ao gouernador a cauſa porque ho Hidalcão deſejaua aquela paz: & a fora eſſa auia outra que lhe mais doya, que era dizerſe que el rey de Narſinga lhe queria tornar a fazer guerra, pera lhe tomar Rãchol, hũa ſua cidade que lhe ho Hidalcão tinha tomada, & ſe aſſi foſſe que ſe não poderia deter, & ſe auia de partir, por iſſo q̃ fizeſſe a paz a ſeu proueito: o que lhe ho gouernador agardeceo muyto, & reſpondeo a çufolarim, que ele lhe reſpõderia por hũ dos ſeus capitães. E eſte foy Fernão perez q̃ ſe vio coele, leuando hũa inſtrução do gouernador pera a maneyra de que auia daſſentar a paz, que era darlhe ho Hidalcão hũa das tanadarias da terra firme a mais perto de Goa pera el rey de Portugal ſeu ſeñor: & q̃ eſta não queria pera mais que pera mandar cortar nela madeira, & nã lhe ſer neceſſario pedila de cada vez que dela teueſſe neceſſidade: & que não cuydaſſe ho Hidalcão que ho fazia por amor da renda da tanadaria, porque el rey ſeu ſenhor era muyto rico, & não auia meſter mais renda. E quando nao quiſeſſe dar a tanadaria, que lhe deixaſſe fazer hũa fortaleza no paſſo de Benaſtarim, & coiſſo ficaria ſatiſfeyto: por que tendo aquela fortaleza, como era

tão perto da terra firme aueria facilmente a madeira que lhe fosse necessaria. Ouuidas por çufolarim estas duas condições com quanto ho gouernador as fazia muyto faciles não lhe parecerão se não muy duras de conceder, porque bem vio que erão armarse ho gouernador pera tomar Goa, & disse logo que ele não tinha poder do Hidalcão pera fazer amizade com taes condições como aquelas, que lhe parecia que abastaua pois ho gouernador estaua tã apertado não lhe fazer mais guerra, & darlhe mantimentos & deixalo ir, & que se deuia de contentar coisso, & não querer cousas impossiueis que ho Hidalcão não auia de fazer, & porque ho ele sabia lho daua logo por reposta. Fernão perez respondeo que ho gouernador não pedia cousas impossiueis, porque pera hum senhor tamanho como ho Hidalcão, o que ho gouernador pedia era muyto pouco, & posto que fora muyto que lho auia de conceder por ficar seu amigo, pois sabia que não ho sendo lhe podia fazer muyto nojo, impedindo que lhe não fossem nenhũas naos Dormuz a Goa com os caualos, de que ho Hidalcão tinha tanta necessidade como eles sabião, & que não cuydasse que estaua apertado, porque não ho estaua quẽ fazia guerra aos que ho tinhão cercado: & se ho dizia por algũs maos homẽs que fugirão da frota pareles, que lhe dirião que tinhão grande necessidade de mantimentos, que os não cresse porque isso dizião por disculpa da maldade que cometerão em deixar ho gouernador em tal tempo. E cõ todas estas rezões nã pode parecer bẽ a çufolarim ho dar da tanadaria nem ho fazer da fortaleza: porem ficou em aberto que falaria com ho Hidalcão, & que se ele fosse contente que se tornarião a ver, & se não que lhe mandaria a reposta por Ioão machado. E foy que ho Hidalcão nã queria: & disselhe Ioão machado que lhe não desse disso, porque a guerra del rey de Narsinga era certa, & que ho Hidalcão auia dacodir por força. E mais que se ho gouernador quisesse que ho podia catiuar facilmente, não indo a isso mais que ate quinze caualeyros dos principais de sua frota: & que se podia fazer, porque ho Hidalcão ficaua cada noyte soo na fortaleza da cidade com suas molheres, & algũs capados que ho seruião & toda a gente darmas se recolhia à cidade, & a casa em que ele dormia ficaua em hũa torre da banda do mar, & ali tinha certos cofres de dinheiro em ouro, que se tambem poderião leuar coele, porque indo os que ele dizia sobirião por hũa escada à torre, & primeyro que a gente acodisse da cidade ho poderião leuar com os cofres. E pera mais segurança que soubesse ele a noyte em que auia de ser, & que teria maneyra pera fechar de fora a porta da casa em que dormia ho Hidalcão. E parecendo isto bem à primeyra face ao gouernador fez sobrisso conselho, em que ho propos: & ouue algũs que disserão que não era bem que se cometesse: porque como auia de estar ho Hidalcão a tão mao recado que assi se podesse tomar, & q̃ parece mẽtira: & se ho fosse como estaua certo q̃ ho era perderſião quinze homẽs, que pera ho

tempo ſeria muy grande perda. Ou tros diſſerão que ſe deuia de fazer, porque aſſi como Ioão machado podia mentir, aſſi podia falar verdade: & ſe ele qui era fazer treição diſſera q̃ fora o gouernador ao feyto, mas pois dizia q̃ foſſem caualeyros, que falaua verdade: os quaes ſe ſe perdeſſem por tamanho ganho como aquele ſeria que não era nada. Ho gouernador com quanto lhe pareceo bem a primeyra poerſe aquilo em obra, deſpois que ouuio no conſelho os pareceres foy da parte dos que dizião que não era bem auenturarenſe a perder quinze homens dos principais, que pera ho tempo ſeria muyto grãde perda. E ho receo de os perder lhe fez deſconfiar que não ſeria aſſi o que dizia Ioão machado, & por iſſo não quis que ſe atentaſſe aquele feyto, de que deſpois Ioão machado deu muyta culpa ao gouernador, affirmandolhe que ſem duuida ſe acabara ſe ſe cometera. E então conheceo ho gouernador que ſe enganara.

¶ Capitolo. xxix. De como ho gouernador mandou enforcar hũ caualeyro chamado Ruy diaz, & de como ſe ſeguio por iſſo prender certos capitães.

NEſte tempo foy diſcuberto ao gouernador, por algũas peſſoas ẽ ſegredo, que Ayres da ſilua & Franciſco de ſouſa mãcias andauã damores cõ algũas moças mouras, que forão tomadas em Goa nas caſas do çabayo, que ele tinha com outras na camara do leme da ſua nao, pera mandar a Portugal aa rainha, & erão ainda mouras que foy cauſa de ele mais ſentir o que Franciſco de ſouſa & Ayres da ſilua fazião, & mais em tempo que tanta neceſſidade tinhão de darem bõ exemplo de ſi, & não fazerem couſa de que todos auião de receber muyto grande eſcandalo, & porque tam graue crime não ficaſſe ſem caſtigo, poſto que diſſo lhe peſou muyto, os mandou prender ambos ſobre ſuas menajens: ſobre o que ouue grande murmuração em toda a gente da frota, & os que não querião bem ao gouernador ho culpauão de prender aqueles capitães em tal tempo, & daqui ſe começarão muytos mexericos. E indo iſto aſſi ſoube ho gouernador que hum Ruy diaz natural Dalanquer filho dhum Ioão paçanha eſcriuão da hi entraua de noyte na ſua camara do leme pola parte de fora, & dormia com hũa moça moura destas que digo, pelo que ho gouernador ho mandou prender pera ho caſtigar crimemente. E mandando proceder contrele, ordinariamente julgou com ſeu ouuidor, que ſe chamaua Pero dalpoem, que Ruy diaz foſſe enforcado, & mandou ao ſeu meirinho que ho foſſe enforcar aa nao de Bernaldim freyre. E como iſto foy ſabido por Manuel de lacerda que tinha a Ruy diaz por parente, & ho agaſalhaua por tal na ſua nao, ficou diſſo muyto agaſtado, & mais porque ſabendoſe que ele era ſeu parente

ho condenauão a hũa morte tão ciuel & por isso se foy logo aa galee de Simão dandrade que tinha amizade coele, & com Fernão perez dandrade seu hirmão. E pediolhes que pois Ruy diaz era conhecido por seu parente, que pedissem ao gouernador que ho mandasse degolar, & não enforcar. E Fernão perez porque conhecia ho gouernador, & sabia que não auia de querer, quiserase escusar daquele negocio, dizendo que estaua ferido em hum braço, onde ho ferirão na tomada do camelo: mas não se pode escusar por lho rogarẽ muyto, não somente Manuel de lacerda, mas todos os outros capitães que se logo ajuntarão na galee como souberão ho caso, por serem amigos de Manuel de lacerda. E todos juntos com Lourenço de payua que era secretario do gouernador, consultarão que juntamẽte fossem pedir que Ruy diaz morresse degolado: & isto disse despois Lourenço de payua ao gouernador, mas outros disserão que ho conselho era que Ruy diaz não morresse, porque auia sospeita que ho gouernador ho mandaua enforcar de seu poder absoluto, porque não dera conta disso aos capitães, E logo despois desta consulta se embarcarão no batel de Manuel de lacerda, ele, Simão dandrade, Ayres da silua, Fernão perez & Iorge fogaça, pera hirem aa capitayna: & porque entretanto que hião se não enforcasse Ruy diaz que jaa estaua na nao de Bernaldim freyre de caminho perlongarão coela, & pediranlhe que deteuesse ho meirinho, que não executasse a justiça ate não hirem falar ao gouernador. E Bernaldim freyre que estaua agastado de se Ruy diaz enforcar na sua nao, disselhes que tambem queria ir coeles ao gouernador a pedirlhe que mandasse fazer aquela justiça em outra nao, & que Francisco de saa que estaua coele deteria ho meirinho, & assi lho rogarão eles. E ele despois de idos por ho meirinho querer enforcar Ruy diaz, lhe cortou ho baraço, & não consentio que ho enforcasse, requerendolhe ho meirinho da parte delrey que lhe deixasse executar a justiça, como ho gouernador mandaua, fazendo sobrisso grandes protestações, & a grita da gente da nao era muy grande, & assi ho aluoroço. O que vendo ho gouernador parecendolhe o que era, pera ir acodir meteose no seu batel com quarenta homens armados, & querendo abalar chegarão os capitães que digo, & saltarão logo dentro no batel do gouernador Simão dandrade, Manuel de lacerda & Fernão perez, & começarão de lhe pedir aquilo a que vinhão, & segundo ho aar que ele mostraua criasse que lhes concederia o que pedião, se não quãdo entra Iorge fogaça muyto menencorio, & disse ao gouernador que como mandaua ele enforcar hum caualeyro sem dar conta aos capitães, & sem lhes mostrar suas culpas. E indo ho gouernador pera Iorge fogaça pera lhe responder escorregou em hũa toste do batel & cayo, & deu hũa canelada, de que ficou logo como homem indinado, & disse aos capitães que entrassem na nao, & que laa lhes responderia: & despois de serem entrados todos dentro, lhes

preguntou por quẽ eſtauão os ſeus nauios. E eles reſponderão rindo que por quem auião deſtar, ſe não por el rey de Portugal, cujos vaſſalos eles erão pera fazerem o que ele mandaſſe. Diſſe então ho gouernador que por a onião q̃ cometerão, & deſaſeſſego compria a ſeruiço delrey ſeu ſenhor que foſſem preſos pois vinhão juntos em alcatea. E por ſeus peccados era neceſſario que ele foſſe ho carcereyro: & logo os mandou meter todos debaixo da cuberta de ſua nao preſos, & aſſi a Frãciſco de ſaa, por quem logo mandou, & a Iorge fogaça mãdou deitar ferros por amor das palauras que lhe diſſera. E iſto feyto mãdou enforcar Ruy diaz: & como ho gouernador prendeo eſtes capitães cõ paixão arrependeoſe dali a dous dias, porque como erão os principais da frota fazianlhe muyta mingoa, & por iſſo quiſera reconciliar coeles, & cometeo ho por dom Antonio, o que eles nunca quiſerão, & reſponderão que pois ho gouernador os prendera que preſos querião ir ate Cochim, & dali ate Portugal, nem quiſerão mais ſayr debaixo de cuberta. E vendo ho gouernador que inſiſtião em eſtar preſos, porque os ſeus nauios não podiã eſtar ſem capitães deu as capitanias a outros fidalgos. A galee de Simão dandrade a Antonio dalmada, ho nauio de Manuel de lacerda a dom Ioão de lima, ho Dayres da ſilua a Antonio de matos, & ho nauio de Iorge fogaça a outro.

Capitolo.xxx. De como ſabendo ho gouernador que os immigos auião de vir pelejar coele, mandou a dom Antonio que com outros capitães foſſe primeyro pelejar coeles: & de como ſe apercebeo pera iſſo.

COm a priſam deſtes capitães, que erão os principais da frota, ſe indinou muyto a gente cõtra ho gouernador & diziam muyto mal dele, principalmente eſſes capitães que lhe querião mal, & dizião ã gente que agora virião quão maniaco era, que em tal tempo prendia os capitães, de que tinha tanta neceſſidade: & que não tendo mantimẽtos não quiſera amizade com ho Hidalcão que lha offrecera, & não queria ſe não fazer ſua vontade, que era matalos a todos: nem auia outro remedio, ſe não morrerem com fome, pois nã tinhão que comer hum mes que ainda eſtaua por paſſar do inuerno. E iſto tudo ſabia ho gouernador muy bem, mas diſſimulaua por não prender tãtos. E eſtando aſſi a couſa mandoulhe Ioão machado que ſe fizeſſe preſtes, porque ſem duuida tal dia hia ſufolarim pelejar coele por mar, & que leuaua oytenta paraos cada hum com ſua bõbarda na proa, & muytos mouros: & que auia dir em hũa galee que ho viſo rey dom Franciſco tomara aos rumes, que ao recolher dos noſſos lhes ficara na ribeira, por não eſtar ainda acabada de concertar: & que tinha prometido ao Hidalcão de deſbaratar os noſſos, & tomalos, & tinha cõuidados muytos pera que foſſem ver como ho fazia. E mais q̃ auia de leuar diante as cotias aceſas pa queymar a noſſa frota. O q̃ ſabido polo gouernador aſſentou cõ conſelho de todos os capitães q̃ foſ-

sem pelejar com os immigos antes que viessem, porque vindo se punhão em risco de receber deles muyto dano por amor dos nossos bateys que erão poucos, & não se podião repartir pera pelejar com os immigos, & defender as naos se as quisessem queymar: o q̃ estaua certo fazerem, porque como os seus paraos erão muytos hũs podião pelejar, & outros dar fogo âs naos não auẽdo bateys que as defendessem, por isso era melhor buscar os immigos que esperar. E tambẽ indo os nossos em sua busca crendo eles que por cansados de fome, & de trabalhos nã estauão pera isso, lhes quebraria os coraçóes, de maneyra que com ajuda de nosso senhor os desbaratarião, & ficarião liures de os mais não cometerẽ. E assentouse q̃ dom Antonio fosse fazer este feyto cõ os outros capitães, & ho gouernador com os doẽtes & feridos ficasse na frota. E coesta determinação hũ dia antes do que Ioão machado dizia em que os immigos auião de vir (tendo ho gouernador posta sua frota em lugar que podesse socorrer a dom Antonio se fosse necessario) em começãdo a viração despois de comer, mandou Diogo fernandez de beja, & Antonio dalmada nas suas galès, & Afonso pessoa na sua fusta, & Ioão gonçaluez de castelo branco no parao de frol da rosa, que se fossem deitar a Rabãdar a ver se lhe sayã os immigos: & isto pera ver quantos serião, & ficauão os bateys prestes pera acodirem âs galès se lhe sayssem os immigos. E não sayndo mãdou ho gouernador que as galés & fusta passassem auante ate ficarem da cidade a tiro de bombarda grossa, & Ioão gonçaluez chegasse defronte da cidade pera auer vista da armada dos immigos, & que mostra fazia a gente de ser pouca ou muyta: & mandoulhe q̃ como visse a frota voltasse logo pa as galès, a q̃ mãdou que fizessem hũ certo sinal a hũa cotia de Timoja q̃ estaua a Rabandar pera lhe fazer ho mesmo sinal, pera co ele mandar os bateys. As galès & fusta forão surgir õde lhes mandarão, & cõcertarão sua apelação de guerra, & Ioão gonçaluez passou auante ao lõgo da ribeira bem esperto do remo, que assi lhe compria, porque em chegando ao varadoyro muytos paraos que ali estauão bem apadessados, & com as proas nagoa, & as popas ainda em terra lhe tirauão com sua artelharia, & por assi estarem não sayrão a ele. E com todos estes tiros não deixou de ir auante ate defronte do esteiro de Mandoui, onde estaua outra soma de paraos, & a galiota pera çufolarim, & a reuolta q̃ hia na ribeira acodio pelos muros muyta gẽte a velo E visto tudo por ele sem receber nenhũ dano se foy ajuntar com as galès, & como chegou fizeranse os sinais q̃ estauão ordenados, & coeles partio logo dõ Antonio, que foy no parao da capitayna, & forão coele Simão dandrade & Fernão perez dandrade, que com quanto estauão agrauados do gouernador, vẽdo que a cousa importaua a seruiço de Deos & delrey não se quiserão lembrar dagrauos & forão pelejar, & outro tanto fizerão os outros presos, que todos forão com os capitães q̃ mais lhe aprouue: & seriã por todos os que hião com dom Antonio bem trezentos homẽs. E chegado ele onde as galès estauão surtas com a fusta & parao, vio que estaua çufolarim da banda da ilha de Diuar com obra de trinta paraos, & andaua muyto soberbo com seu sombreyro, & mãdandose abanar

com hũ rabo de boy:& dabanda da cidade eſtauão ainda os outros paraos, q̃ erão cincoenta todos abicados nagoa, porem com toda a gente que auia de pelejar. Dom Antonio que vio aſſi os immigos dhũa parte & doutra, pareceolhe que ho querião tomar no meyo: & por iſſo fez dos ſeus bateys dous eſquadrões, & pera ſi tomou hũ de quatro com ho ſeu, & dos tres erão capitães dõ Ieronimo de lima, dom Ioão de lima ſeu hirmão & Garcia de ſouſa, ho outro era de ſeys, de que erão capitães Bernaldi freyre, Iorge da cunha, Luis coutinho, Antonio de matos & outros dous. E a eſtes encomẽdou que foſſem pelejar com os paraos que eſtauão da banda da cidade: & aſſi a eſtes como aos outros q̃ auião dir coele pedio muyto que não deſparaſſem toda ſua artelharia junta, ſe não que acabãdo hũ de tirar tiraſſe outro, & porq̃ os tiros erão berços, que aſſi como foſſem tirando lhes meteſſem logo as camaras pera q̃ ſempre tiraſſem, & que deſte modo os não poderião entrar os immigos: porq̃ doutra maneyra ſerião logo deſbaratados. E mandou que as galés & fuſta ſe leuaſſem & foſſem apos ele pera ho fauorecer.

¶ Capit. xxxj. De como dõ Antonio pelejou com çufolarim, & ho deſbaratou: & do que fizerão Simão dandrade, & Fernão perez dãdrade, & de como dom Antonio foy ferido mortalmente.

ORdenados aſſi eſtes dous eſquadrões, partioſe dom Antonio coeles pera a cidade, & em partindo começarão os immigos de deitar ao mar os paraos que eſtauão abicados da banda da cidade. E os imigos erão tantos na ribeira & pelos muros que tudo eſtaua cuberto deles, & a cauſa era porque çufolarim tinha conuidado a todos que ſayſſem a ver como tomaua os noſſos, que em vendo abalar os imigos arrancarão com grande furia, remetendo cada eſquadrão onde era ordenado. Dõ Antonio ſe foy dereyto pera çufolarĩ, q̃ como digo ſe chegaua parele muyto ſoberbo, fazẽdoſe abanar como que eſteueſſe em ſua caſa ſem temer nenhũ perigo, ſe não q̃ndo ele começou d̃ ſentir camanho era eſperar os noſſos tiros, q̃ tirando na ordẽ que diſſe começarão de varejar muyto furioſos por todas as partes leuando em pedaços algũs dos remeiros que hião deſcubertos, & aſſi outros dos homẽs darmas que ſe deſcobrião. E poſto que os imigos tambẽ tirauão com ſua artelharia nã lhes aproueitaua porque deſpararão todos juntos. E noſſo ſenhor parece q̃ quis goardar os noſſos que lhe nã fizeſſe nenhũ nojo, & por iſſo cobrarão eles muyto mayor esforço do que leuauão, & dãdo grandes gritas tirauão auante quanto podião. E era muyto pera eſpantar como quatro bateys noſſos ouſauão de cometer trĩta paraos, & hũa fuſta cheos dartelharia & de gente branca muyto coſtumada a pelejar, & a vẽcer, & muy bem apercebida pera a peleja: & que vinha toda com propoſito de não eſcapar nenhum dos noſſos de morto, ou de preſo: & a fora aqueles que eſtauão daquela parte outros muyto mais da banda da cidade, & na terra gente ſem conto, que ſomente os gritos & eſtrondo da artelharia erão pera eſpãtar aos noſſos, quanto mais ſaberẽ que ſe não podião ſaluar ſem ao menos deſbaratarem quantos eſtauão no

mar,& assi ho dizia dom Antonio aos seus esforçando os pa a peleja:ele mandou endereytar ho seu parao cõ a fusta de çufolarim determinando de a abalroar:o que çufolarim com toda sua soberba não ousou de esperar, & fugio, & foyse na bolta da cidade pera se meter no esteyro do Mandouim õde esta ua dantes:& ho mesmo fizerão os seus paraos,& não auia esperar hũ por outro,se não fugir quem mais podia,& os nossos depos eles. E os outros paraos que estauão da banda da cidade que pelejauão cõ ho outro esquadrão dos nossos bateys, tambẽ estauão em grande aperto,que lhe tinhão os nossos mortos muytos remeyros,& morta outra muyta gente.E como lhe falecião os remeyros,& vendo desbaratado ho seu capitão môr em quem tinhã sua confiança retiraranse pera terra ate hirem varar nela, temendo que os abalroassem os nossos:& ho mesmo fizerão os outros que fugião com çufolarim,tanto que poderão aferrar terra, & os que não poderão fugirão pelo rio acima. Os nossos que virão os immigos varar quiserão chegar a eles & aferralos,mas não poderão porque lhe tinhão atupido ho caminho com muyta madeira:& como os seus bateys demãdauão mais agoa que os paraos dos immigos não poderão nadar,& quasi que ouuerão de ficar em seco,& virãse em grande perigo com os muytos tiros q̃ lhes tirauão de terra,& assi frechadas, & virotes com espingardões. Neste tẽpo dom Antonio que hia a pos çufolarĩ não ho deixaua,& mandou apertar ho remo tanto que encaualgou a fusta & tolheolhe que se não acolhesse ao esteiro onde leuaua a proa,& por isso foy necessario a çufolarim mandar arribar ao lõgo da fortaleza,cujo muro & assi ho da cidade estaua cheo de frecheiros & espingardeiros,q̃ seruirão muy bẽ a dom Antonio que hia dando caça a çufolarim,que tiraua quanto podia caminho da porta que agora se chama de sancta Caterina. E passando dom Antonio ao longo da porta da ribeira, tiraranlhe com hũa bombarda grossa que lhe ouuera de quebrar ho parao em dous pedaços se lhe dera em cheo, mas quis Deos que lhe deu ho pelouro em hũ bordo de q̃ lhe leuou hũ pequeno:porem ele não deixou de seguir a fusta,que chegando à porta de sancta Caterina bem esperta do remo pos a proa em terra,& ficou hũ pedaço em seco.E como a gente que estaua na ribeira era muyta & lhe acodio logo:a força de braço poserão mais dametade dela em seco,& tão ligeiramẽte,que em a fusta ensecando, & em a gente puxando por ela,tudo foy hum. E tambem no mesmo tempo chegou dom Antonio rompendo por grandes nuuẽs de frechas & seetas que lhe tirauã de sobre ho muro da cidade & sem nenhũ dos seus receber algũ dano pos a proa na popa da fusta,onde hião auia dos pera saltar nela Simão dandrade, Fernão perez,Simão rangel,hũ Ioão deiras,& hũ arraes que fora paje do gouernador,& todos cinco saltarão logo na fusta,com cujo medo os immigos a despejarão.E indo dom Antonio pera entrar apos estes cinco em poendo ho pè na fusta veo hũa frecha do muro,& ferioho no lagarto da perna ezquerda em discuberto,& atormẽtouho de maneyra que não pode entrar,& cayo no seu parao,que com a grande pancada q̃ deu na fusta se alargou dela,ficando nela os cĩco q̃ digo sem mais entrar nhũ

dos q̃ hião no parao, porq̃ como virão dom Antonio por lhe acodir não curarão dos que ficauão na fusta, sobre quẽ logo carregarão os imigos, & os cercarão detodas as partes (saluo da banda do mar) tirandolhe como a aluo com zagunchos, com frechas, com pedras, & com setas, & tudo tão basto que os não errauão: & valialhes que andauão bem armados, especialmente os dous hirmãos, que eles erão ho emparo dos outros tres, defendendose dos imigos com muyto tento, & pelejando cõ grãde esforço, tanto que os immigos os nã poderão entrar com quanto erão tãtos como digo, & sobre ho muro muyto mais, q̃ tabẽ de lá tirauão por a fusta estar quasi ao sopẽ dele. E ali estaua ho Hidalcão, q̃ se posera cuydãdo q̃ auia de ver tomar os nossos, mas violhe fazer cousas por õde os despois teue em muyta estima segundo pareceo. E eles ho merecião por as cousas que fizerão por se defender, principalmente Fernão perez, & Simão dandrade, a que neste conflito derão por diante cõ hũ zaguncho em hũ corsolete que lhe passarão ho delgado dele, & ho ferirão hũ pouco, por onde se pode julgar quão forçosos braços auia antre os imigos, & quão boas armas tinhão. Em todo este trabalho em que os cinco estauão não auia quem os socorresse, porque os do parao de dom Antonio se afastarão coele, porq̃ virão que a ferida era mortal, que logo lhe derão grandes acidentes, & os outros bateys como digo que estauão ao longo da ribeyra, pelo canal estar atupido não podião nadar, & por isso não acodião: o que vẽdo hũ mestre da nao de Luys coutinho que hia coele no batel como homem esforçado, disse que se lhe despejassem ho batel, que não ficassem mais que seys ou sete marinheiros que ho podessem remar que ele ho faria nadar pelo canal, & hiria por Simão dandrade, & polos outros quatro. O que ele fez despejandolhe ho batel, & indo achou q̃ Diogo fernãdez de beja punha a proa da sua galé em terra pera poyar & socorrer aos nossos, & pa se tornar a alargar alargou hũa ancora por popa e q̃ndo vio hir ho batel teuesse, & louuou muyto ho mestre pelo que fazia, que por ho batel ser pequeno, & ir despejado ho leuou leuemente pelo canal por onde os outros não podião ir. E chegãdo à popa da fusta por onde não tinha ninguem que ho impedisse, foy socorrer os cinco com os sete marinheiros: & pelejando todos, se recolherão com muyto trabalho ao batel, saluo Ioão deiras que se deitou com os immigos, & ficou coeles: & em se os nossos recolhendo atarão hũ cabo na fusta pera ver se a podião leuar, & não poderão por estar muyto em seco, então a deixarão, & se forão ajuntar cõ os outros bateis que estauão ás bõbardadas com os imigo, de que matarão muytos sem dos nossos morrer nenhũ, se não forão algũs feridos: & posto q̃ este feyto foy muy grande, muyto mayor fora senão fora ho ferimento de dõ Antonio, que segũdo era esforçado & fauorecido da vitoria não se ouuera de contẽtar com a do mar, & ouuera de prouar aquela na terra ou queymar os paraos.

Capit. xxxij. De como faleceo dõ Antonio da ferida q̃ ouue na batalha, & de algũs recados que ouue antre ho Hidalcão & ho gouernador sobre concerto, q̃ por derradeiro não ouue effeyto.

Como os do parao de dom Antonio virão que ele estaua ferido, & tão mal, leuarãno à galé Dantonio dalmada, donde recolhidos Simão dandrade & os outros fizerão final de recolher. E recolhidos todos partiranse ja noyte pera õde estaua ho gouernador, que ficou muy agastado quãdo vio dõ Antonio tão mal, que logo aquela noyte lhe acodio febre, & continuauão os acidentes. E estando ele assi ao outro dia foy Ioão machado à frota à visitar da parte do Hidalcão a Simão dandrade & a Fernão perez, & dissellhes que lhes mandaua pregũtar como ficarão da peleja que teuerão na fusta, & que ficara tão contẽte deles por quão bem pelejarão que ho terião por amigo pera o q̃ lhe dele comprisse. E dissellhes Ioão machado que ho Hidalcão vira a peleja de sobre ho muro, & preguntara despois a Ioão deiras q̃ homẽs erão, & ele lho dissera, & seus nomes: & que ho Hidalcão se mostrara muyto magoado de não ter algũs vassalos como aqueles, & dera ẽ rosto coeles aos seus. E mais disse ao gouernador q̃ os mouros vendo assi pelejar aqueles homẽs, & a proa da galé de Diogo fernandez posta em terra, q̃ cuydarão verdadeiramente que querião os nossos saltar nela. E ho gouernador lhe disse que ho não fizerão, porque ele lhe defendera que ho não fizessem, & isto porq̃ lhe não queria dar tanto trabalho junto: & porem que lá viria seu tempo. E não lhe disse como dom Antonio estaua ferido porque ho não dissesse ao Hidalcão, & se ensoberbecesse coisso. E dada reposta per Simão dandrade & Fernão perez a Ioã machado, ele se foy pera ho Hidalcão, a quem contou o que lhe ho gouernador dissera, que estaua muyto triste, porq̃ aquele mesmo dia acodirão herpes a dom Antonio, de q̃ faleceo dahi a tres ou quatro dias. E sua morte foy muyto sentida, não somẽte do gouernador que era seu tio, mas de todos quantos auia na frota, porque afora ser muyto esforçado, & de muyto boõ conselho, era de tão boa condição que todos lhe querião bem: & com quãto auia a quebra que disse antre ho gouernador & Fernão perez dandrade, era ele tamanho amigo de dom Antonio que tomou cuydado de ho leuar a enterrar. E foylhe dada a sepultura na terra firme da bãda d̃ Bardês debaixo dhũ penedo perto do mar, donde despois per mandado do gouernador foy leuada sua ossada à sé da cidade d̃ Goa & enterrada na capela môr. E estãdo ho gouernador com esta tristeza da morte de dom Antonio, soube ho Hidalcão que era certo fazerse el rey de Narsinga prestes pera lhe ir tomar a cidade de Rachol, & por isso tornou a cometer amizade ao gouernador, & deu ho cuydado disso a çufolarim que mãdou recado ao gouernador por Ioã machado a quem ele disse a verdade, porque ho Hidalcão cometia amizade, & mais que era a noua tão certa que ho Hidalcão era ja passado à terra firme, & deixaua em seu lugar a çufolarĩ, por isso que dilatasse ho concerto, que a ida do Hidalcão não podia tardar muyto. E tendo ho gouernador este auiso mãdou a Pero dalpoẽ seu ouuidor q̃ fosse a terra pera falar cõ dous mouros honrados, que çufolarim mandaua pera assentarẽ este concerto. E os mouros estauão em terra, & ho ouuidor no mar em hũ batel, E estando falando sobre ho concerto que digo Ioão dei-

ras aquele que se passou aos imigos vi-
nha em cõpanhia daqueles dous mou-
ros, & como era homem baixo come-
çou de se gabar aos marinheiros q̃ hiã
no batel, mostrandolhes quão bẽ vesti
do andaua, & assi hũ caualo em que vi-
nha, & dizendo que tinha tanto soldo
cada mes, que aquela era a terra da ver
dade, que outro tanto deuião eles de fa
zer & não tirar pelo remo. O que ouui
do ho ouuidor disse aos mouros pelo
lingoa, que pera que trazião ali aquele
velhaco fugidio q̃ ho mãdassem calar:
& não querendo eles mandalo, disse a
hũ Ioão dilhães bombardeiro que hia
coele, que era muyto certo espigardei-
ro que tirasse com a espingarda a Ioão
deiras, & que se ho matasse que ele lhe
faria fazer merce: o q̃ Ioão dilhães fez
& derribou morto Ioão deiras, do que
os mouros ouuerão muyto grande me
nencoria, & se forão sem mais falar no
cõcerto. E tambem çufolarí ficou muy
to agastado, & mandou dizer ao gouer
nador que se espantaua muyto dele mã
darlhe matar aquele homem indo cõ
seguro: & ho gouernador lhe respõdeo
que ele não sabia parte de tal cousa. E se
gundo tinha sabido Ioão deiras fora
morto por sua culpa pelo que dissera,
& que não se espantasse de ho matarẽ,
porque a ele mesmo se tal cousa dissera
ho matarão os seus caualeyros que não
sufrião cousa mal feyta: & coisto ouue
por algũs dias interpolação no cõcerto.
E despois porque ho Hidalcão mãdou
preguntar a çufolarim o que tinha fey-
to tornou a mandar recado ao gouerna
dor, a quem Ioão machado disse que
lhe parecia que ho Hidalcão não auia
daceitar a amizade com as condições
que ele queria, porq̃ perdia nisso muy-
to: & tambem porque tinha por fama
q̃ ele não tinha nenhũs mantimentos.
E por ho gouernador não querer mais
falar em concerto com çufolarí, se não
com ho Hidalcão, vierã dous mouros
principais com poder do Hidalcão à
nao do gouernador, & por arrefẽs de-
les & de Ioão machado foy leuado A-
braldez ao Hidalcão, & esteue là dous
dias, q̃ tantos esteuerão os mouros cõ
ho gouernador sem se tomar nenhũa
cõcrusam no concerto, porque na ver-
dade ho gouernador pedia muyto po-
la amizade. E porque os mouros cres-
sem que ele estaua muyto abastado de
mãtimẽtos banqueteaou os naq̃les do-
us dias, como quẽ estaua muyto bẽ abi
talhado, & q̃ndo se forão mandoulhes
dar hũ par de sacos de bizcoyto, & hũ
barril de muyto boõ vinho, porque se
ho Hidalcão deixasse de lhe dar o que
lhe ele pedia pela amizade, cuydando
que estaua em falta de mantimentos, q̃
lho desse. E defeyto ho Hidalcão ficou
espantado quando lhe os mouros disse
rão os banquetes, & ho mais que lhes
ho gouernador dera, & porẽ nũca quis
aceitar a amizade com as cõdições que
ho gouernador queria, porque perdia
muyto mais do que ganhaua, & então
cessarão os concertos: mas em quãto se
falou neles nũca os nossos forão a terra
que lhes os mouros não enchessem os
bateys de refresco, & algũs que erão a
migos do gouernador ho mandauão
visitar coele.

¶ Capit. xxxiij. De como ho gouerna
dor mãdou os doẽtes q̃ tinha a Anja
diua, & de como ouue mãtimẽtos.

DEspois disto auẽdose os im-
migos por desenganados, q̃
auião sempre de leuar ho
peor dos nossos não os qui-

ſerão mais cometer. E ainda q̃ eles eſtauão liures da guerra, tinha os a fome ẽ tamanho trabalho que tomarão antes por partido ho da guerra, porque não auia dia que não adoeceſſem & outros morrião. E não dando ainda ho tẽpo lugar pera que ho gouernador ſayiſſe, determinou em conſelho de mandar os doentes que auia na frota na nao de Nuno vaz de caſtelo branco a Anjadiua, porque lhe dizia Timoja que ſe a nao podeſſe là ir, que ele iria tambẽ nela, & lha carregaria ali de mantimẽtos, pera ſe ſoſter em quanto lhe ho tempo não deſſe lugar pera ſayr & ir a Cananor. E com quanto ho gouernador ſabia que ho tẽpo não era pera ſayr, por esforçar a gente com eſperança dauer algũs mantimentos mandou carregar na nao os doẽtes da frota, que erão trezentos, & mandou a Nuno vaz que ſe podeſſe ſayr que ſe foſſe a Anjadiua: & ali por dinheiro, & por reſgate dalgũas molheres bramenas aueria mãtimẽtos que lhe mandaria no nauio Dantonio de matos que iria coele, & ele ſe iria cõ os doentes a Cananor. E entregues no eſprital, ſe iria a Cochim, & diria a Ieronimo teixeira, & a Iorge da ſilueira que ſe foſſem par ele a Cananor, & ho meſmo diria aos capitães das naos de Portugal, ſe foſſem chegadas, & tudo iſto lhe deu por hũ regimẽto aſſinado por ſua mão. Neſte tempo tinha çufolarim mandado aſſentar em Pangim hũa bombarda groſſa de camara pera mandar tirar aos noſſos quando ſe foſſem, que bem lhe parecia que não auiã de tadar muyto: & eſtaua na fortaleza muyta gente de goarnição. E porque ho gouernador ſabia iſto, mãdou a Nuno vaz que partiſſe de noyte, & que ho leuaſſem à toa. E partioſe na ẽtrada de Iulho: & emparelhãdo cõ a fortaleza de Pangim, parece que ſentirão os immigos a nao, & deſpararão a bõbarda, & acertou ho tiro na nao, & deu no cabreſtante do conuès, & leuoulhe a cabeça, & matou hũ dos noſſos, & eſcalaurou outros. E todauia Nuno vaz paſſou auante & foy ſurgir ẽ hũ poço antre Pangĩ & a barra pera ver ao outro dia por onde ſaya, & por lhe ho tempo não dar lugar pera ſayr eſteue ali ate meado Iulho. E vindo hũ dia no ſeu parao de dar rezão ao gouernador da cauſa porque não ſaya, lhe meterão da fortaleza dous pelouros no parao: & hũ deles lhe leuou a fralda dhũ çagote q̃ leuaua veſtido, & não lhe fez outro mal. E meado Iulho abonançãdo ho tẽpo algũa couſa ſayo Nuno vaz à toa: & indo defronte do baluarte da barra ſe ouuera de perder, por lhe tirarem dele os immigos hũa bombardada, com q̃ lhe paſſarão ho coſtado da nao pelo cõues, onde algũs dos noſſos recolhião à toa do cabreſtante, & deu ẽ hũs eſtrẽs que jazião ſobelos alcatrates, õde jazia hũ doente encoſtado com que ho tiro deu no meyo da nao, & os que leuauão a toa ſoltarão com medo ho ſocayro, & a nao ouuera de dar à coſta ſe logo não acodirã outros a tomalo, & Nuno vaz não pode ſurdir mais auãte que ate defronte dagoada, õde ſurgio por ſe mudar ho tempo ſupitamente, & ho mar tornar muyto groſſo, tanto que ho piloto moor que hia em dous bateys das toas diſſe a Nuno vaz que ſe tornaſſe & ele não quis. E vendo Timoja ho tẽpo tão forte ſayoſe da nao & tornouſe pera ho gouernador na ſua cotia, nem tam pouco ſayo ho nauio Dantonio de matos por eſta cauſa. Ali eſteue Nuno vaz ſurto ate ho quarto da prima ren-

dido, em que rẽdeo ho vento a loeſte, & aloeſnoroeſte com que ſayo ás voltas: & aſſi foy ate que em ſe poendo ho ſol aferrou Anjadiua, & ſurgio. E ao outro dia chegarão Antonio de matos & Timoja, que logo ſe partio pera Ancolá, que ſam dahi quatro legoas, dõde mandou dizer a Nuno vaz que foſſe lá com Antonio de matos, & ele foy deixando os doentes ẽ Anjadiua, em Tẽdilhões, & em Ancolá foy carregado Antonio de matos de muytos mantimentos que Timoja tinha feytos. ſ. carnes de porcos monteſes, & veados tudo ſalgado em jarras, & aſſi muytas galinhas, & muyto arroz: & diſto ſe leuaua tambem muyta ſoma aos doentes a Anjadiua. E feyto tudo iſto em quatro dias, partioſe Nuno vaz pera Anjadiua, & por achar ainda os doentes muyto fracos ſe deixou eſtar, & mandou a Antonio de matos que ſe partiſſe pera onde eſtaua ho gouernador.

Capit. xxxiiij. De como ho gouernador ſe partio do rio de Pangim pera Anjadiua, & do perigo que paſſou ao ſayr da barra: & de como chegarão naos de Portugal.

QVe com ſua chegada foy muyto ledo, pera refreſcar ſua gente primeyro que ſayſe ao rio cõ aqueles mantimentos que mãdou repartir polas naos. E acabado ho mes de Iulho como não ſe corria tamanho perigo na nauegação da coſta da India como dantes, determinou de ſe partir, & irſe concertar a Cananor pera tornar ſobre Goa, & tomala: o que então calou conſigo ſem dar conta a nĩguẽ. E vindos os quatro dias Dagoſto, ele ſe partio com toda a frota, que foy bem ſeruida de bombardadas, aſſi ao paſſar por diante da fortaleza, como por diante do baluarte da barra: & por ſer ainda ho tempo algũ tanto verde correrão as naos muyto riſco ao ſayr dela, & milagroſamente lhe goardou noſſo ſenhor frol dela mar, q̃ deu muytas pãcadas na area, & ho cirne tambẽ tocou: & frol da roſa ficou em ſeco da banda da terra firme defronte de Pangim. E porque a gente cõ medo ſe queria ſayr dela & deixala por perdida, ſe foy ho gouernador meter nela (por ſe não perder) & muyto contra vontade de todos os fidalgos & capitães da frota, que lhe fizerão grandes requerimẽtos que ſe não meteſſe na nao, porque como foſſe ſabido em Goa virião logo os imigos em ſeus paraos, & verſehião em perigo de ſe perderem todos. Mas ele não quis ſe não irſe á nao de fora da barra onde já eſtaua, dizendo que por ſaluar aquela nao del rey ſeu ſenhor pelejaria com quantos mouros auia em Goa, & ſe auenturaria aqual quer perigo, quanto mais que eſperaua em noſſo ſenhor que os immigos não auião douſar de vir, porque bem ſabião quã pouco auião de ganhar niſſo. E metido na nao eſperou nela ate vir outra marê com que ſayo fora com a nao ſalua. E no proprio dia indo ao cabo da rama ouue viſta de quatro naos de gauia que vinhão demãdar a terra: & eſtas erão de Portugal que partirão aquele anno, & era ſeu capitão mòr hũ fidalgo chamado Diogo mendez de vaſconcelos que el rey mandaua a deſcobrir Malaca, & erão ſeus capitães Balteſar da ſilua, Pero quareſma, & Ieronimo cerniche. E quando eſtas naos virão a frota do gouernador tã perto do rio de Goa

& os da frota virão a elas,& q̃ hião demandar a terra,ouue grande aluoroço assi em hũs como em outros cuydando que fossem rumes:& todos se poserão em armas pera pelejar. E ho gouernador mãdou dizer per Lourẽço de payua a Simão dandrade,Fernão perez,& aos outros capitães que ainda hião presos na sua nao,& debaixo de cuberta(que assi o querião eles)que lhes pedia que subissem peracima,pera q̃ cõ seu conselho ordenasse de pelejar com aq̃las naos se fossem rumes,& eles não quiserão ir:respondendo que com quẽ ho gouernador ouuera conselho pa os prẽder q̃ co esse se acõselhase do q̃ auia de fazer, q̃ quãdo conhecessẽ q̃ erão rumes eles se poeriã nos seus lugares a defẽder as naos del rey,& farião o q̃ sẽpre fizerão ate morrer. E requererão a Lourenço de payua como secretario que fizesse hũ auto do que lhes ho gouernador mandara dizer,& do q̃ eles respondião pera el rey de Portugal saber a verdade. E nisto forão conhecidas as quatro naos que erão Portuguesas polas cruzes das velas,& foy ho prazer muyto grande em todos. E Diogo mẽdez foy ver ho gouernador,& lhe disse como vinha de Portugal outra armada de cinco naos pera a carrega, de q̃ era capitão mòr hũ fidalgo chamado Gonçalo de siqueyra,& erão seus capitães Iorge nunez de lião, Manuel da cunha,Diogo lobo,& Lourẽço moreno que hia por feytor de Cochim. E indo ho gouernador na volta Danjadiua,foy ter coele Gõçalo de siqueyra cõ duas naos de sua conserua, q̃ as outras duas nã chegauão ainda. Coesta frota tamanha se foy ho gouernador a Anjadiua,onde esteue obra de q̃troou cico dias. E neste tempo lhe deu Diogo mẽdez as cartas que trazia del rey pera ele; em que lhe dizia que mandaua Diogo mendez a descobrir Malaca(se ainda não era descuberta)& assentar lá feytoria:& se ouuesse dir a isso,mandaua ao gouernador que lhe desse piloto q̃ ho leuasse a Malaca,& assi lhe desse conselho pera o que auia de fazer,& ajuda se fosse necessaria pa ho executar. E isto mesmo trazia Diogo mendez por regimento que mostrou ao gouernador, que despois de vistas as cartas falou cõ Nuno vaz de castelo branco,cõ Garcia de sousa & com Francisco serrão q̃ forão a Malaca com Diogo lopez,que lhe dissessem o que lá passara pera que soubesse o que auia de respõder a Diogo mendez. E sabido isto mandou ajũtar estes tres com todos os capitães & fidalgos da frota, assi os que andauão na India como os de Portugal,& perãte todos disse a Diogo mendez q̃ lhe trouuera hũas cartas del rey seu señor, em que lho encomẽdaua q̃ lhe dissesse perante aqueles fidalgos & capitães q̃ queria dele. Diogo mendez respõdeo que ele era capitão mòr daquelas quatro naos,em cuja carrega el rey seu señor tinha parte,& a outra era de mercadores,& hia pera fazer o que dizia ẽ seu regimento, como tinha dito. Em que lhe tambem sua alteza mandaua q̃ indo ter onde esteuesse sua senhoria que lhe pedisse piloto,conselho & ajuda:& isto era o que queria & lhe pedia da parte de sua alteza,& da sua. Mandou ẽtão ho gouernador a Nuno vaz, Garcia de sousa & a Francisco serrão que dissesse cada hũ por si o que acontecera ẽ Malaca a Diogo lopez. E isto dito disse ho gouernador a Diogo mẽdez,que bem ouuia como indo Diogo lopez de siqueyra a Malaca com mais

nauios q̃ os seus,& melhor armados ꝺ̃ artelharia & gente, viera de là desbaratado cõ lhe tomarẽ bateys,& gẽte que ficaua catiua sem ele poder resistir aos ĩmigos:q̃ como queria ele ir a Malaca com quatro naos tão podres como as suas,& tão mal armadas cõ artelharia de ferro & pouca gẽte:& ꝑa lhe ele dar ajuda não podia ser por quanto vinha de Goa cõ a cabeça q̃brada,õde ficaua hũa grãde armada de turcos,& se criaua hũa força muy ꝑjudicial pera ho seruiço de Deos & del rey seu señor,a q̃l ele determinaua de desfazer naq̃le verão,& q̃ se ho ele quisesse ajudar nisso ele lhe daria despois toda ajuda q̃ podesse pera ho feyto de Malaca. O que pareceo muyto bẽ a todos os q̃ estauão presentes:& Diogo mendez disse que ele não podia respõder sem falar com seus capitães:& pois todos estauão de caminho pera Cananor q̃ là lhe respõderia. E isto assentado,partiose ho gouernador pera Cananor.

Capit.xxxv. De como indo Francisco pantoja caminho de çacotorá pera trazer dom Afonso tomou a nao meri: & de como Duarte de lemos se partio pera a India.

Antes de sua partida mandou a Francisco pantoja q̃ fosse a çacotorâ com carta sua,em que escriuia a dom Afonso de noronha seu sobrinho(nã sabẽdo ainda q̃ era morto) que logo se viesse pera a India no mesmo nauio:& escreueo a Duarte de lemos se hi esteuesse a causa por q̃ lhe nã leuara a armada. E atrauessando Francisco pantoja aquele golfão da costa da India pera çacotorâ,lhe deu hũ grãde temporal,& durando ele forão vistos no mar muytos fardos de roupa:& logo pareceo a Francisco pantoja q̃ era algũa nao de mouros que alijaua cõ tormenta,porque tambẽ em algũs fardos que se tomarão,se conheceo q̃ era roupa de cambaya,mandou então Frãcisco pantoja pelo rasto dos fardos,& foy topar com hũa nao muyto grande que parecia ser doytocentos toneis,& era del rey de Cambaya, & auia nome meri: & era a mayor nao q̃ andaua naq̃le golfão,& muyto nomeada por sua grãdeza em muytas partes, & carregaua tanta mercadoria,que não hia nenhũa vez a Ormuz que não pagasse de dereytos na alfandega de vinte mil xarafins pera cima, & andaua por capitão dela hũ mouro chamado alecão parẽte del rey de Cambaya,& trazia consigo muytos mercadores honrados,& muyta gente de peleja. E a nao tinha ho masto cortado q̃ lho cortarão os mouros com a tormenta,& andauão tão cansados cõ os trabalhos dela, q̃ como lhes Francisco pãtoja mandou tirar logo se renderão. Tomada esta nao Francisco pantoja se foy coela a çacotorá, onde achou Duarte ꝺ̃ lemos q̃ hi iuernara,& achou por capitão da fortaleza a Pero correa hirmão de Diogo correa q̃ estaua catiuo ẽ Cãbaya,porq̃ falecera Pero ferreyra fogaça q̃ era capitão.& por Antonio ferreyra seu sobrinho q̃ era alcayde mòr,cuja era a subcessam da capitania estar doente lha não deu Duarte de lemos,& a deu a Pero correa. E aqui soube Francisco pantoja como no Abril passado partira dom Afonso ꝑa a India,& os outros q̃ ja disse,& todos teuerão,q̃ pois là não erão q̃ se perderião no mar,porque Alecão ho capitão de meri nã dizia como estauão catiuos

em Cambaya. E vendo Duarte de lemos a nao q̃ Francisco pantoja trazia, & sabendo quão rica era quisera a mãdar descarregar na feytoria: o q̃ Frãcisco pantoja contradisse, & se aqueyxou muyto: dizendo q̃ aquela nao não pertencia à feytoria de çacotorâ, nẽ ele lha podia tomar pois nã era da sua bãdeira, se nã da do gouernador Afonso dal buquerq̃, & que a ele a auia de leuar fazẽdo sobrisso grandes requerimentos & protestações: a q̃ Duarte de lemos respondeo que tambẽ ele era gouernador & capitão mór do cabo de Goarda fum ate Cãbaya, em cuios limites ele tomara aq̃la nao, & por isso q̃ a ele pertẽcia: quanto mais q̃ ainda q̃ não fora capitão mór, q̃ el rey seu senor mandaua que na mais perto fortaleza donde se tomaua apresa se ẽtregasse, & q̃ ele ho fazia assi. E mãdou descarregar da nao o q̃ lhe melhor pareceo, & ho mais cõ os catiuos deixou nela pera se leuar à India: pera õde se partio logo pera ir pedir a armada a Afonso dalbuquerque, porq̃ bem vio pelo q̃ lhe ele escriuia, & pelo que soube de Goa q̃ se não ajuntaria ho gouernador tão cedo coele, nem lhe mandaria a armada. E partindo caminho de Cananor, leuou consigo seu hirmão gaspar cão, & Frãcisco pãtoia.

Capit. xxxvi. Dalgũas cousas q̃ se fizerão na costa do Malabar estãdo ho gouernador em Cananor: & de como chegou Duarte de lemos a Cananor, & forão soltos, Simão dandrade & os outros.

Chegado ho gouernador a Cananor, sem sayr ẽ terra mandou logo Simão dandrade, & os outros presos que ja disse a Rodrigo rabelo capitão da fortaleza, & q̃ os não deixasse sayr dela sem seu recado, & todauia não deixaua de trabalhar por recõciliar coeles o q̃ eles não querião, & respõdião sempre a quẽ lhes nisso falaua q̃ não erão eles os homẽs q̃ se auião dagrauar por muytos grandes erros, quãto mais por tão peq̃nos como fora o que fizerão: & que não ficarião na India por nenhũ preço, se não q̃ se auião de ir pera Portugal. Do que pesaua muyto ao gouernador por eles serẽ homẽs antigos na India, & sabião muy bẽ as cousas dela, & erão muyto pera mandar & aconselhar como capitães prudentes, & pera pelejar como caualeyros muyto esforçados, que tudo tinhão quando era necessario: & por isso ho gouernador sentia muyto estarem agrauados dele, & quererẽse ir em tẽpo q tinha deles necessidade grandissima. E chegado ele a Cananor despachou logo pera Cochi a Bastião de miranda pera ir là correger a galè que fora Dantonio dalmada que por ser morto lha dera: & assi mãdou a Nuno vaz de castelo branco que fosse mandar fazer na sua nao as obras mortas que lhe ainda falecião, & entregoulhe dessas molheres que tinha das que tomara em Goa, pera que as leuasse a Cochi, & se apousentassem ẽ hũa torre da fortaleza, & teria cargo delas hũ Gonçalo afonso mealheiro. E indo Nuno vaz a trauez de Calicut, achou Ieronimo teixeira, & Iorge da silueira que hião embusca do gouernador: & sabẽdo que ficaua em Cananor forãse lá. E chegãdo ho gouernador, mãdou prender a Iorge da silueira, & lhe tirou a capitania da nao, porque contra seu mandado se fora inuernar a Cochim, & lhe leuara muyta gẽte, de q̃ despois

teue grande necessidade no cerco de Goa. O q̃ Ieronimo teixeira sentio grãdemẽte por ser notorio que por seu induzimẽto fora Iorge da silueira inuernar a Cochi,& por isso & polo passado que fizera em Goa quis dali por diante mal ao gouernador:& tambẽ chegou a Cananor Francisco marecos no nauio bretão,q̃ vindo cõ ho Marichal não passou & inuernou ẽ Moçambique,& assi se hia ajũtando pouco & pouco grãde frota pa ho gouernador tornar sobre Goa como determinaua,& pera isso se aparelhaua q̃nto podia. E porque entretanto não partissẽ as naos de Calicut cõ pimẽta pera ho mar roxo,mãdou goardar a sua costa a Simão miz caldeira,aq̃le boõ caualeyro do tempo do viso rey,& deulhe pera isso dous nauios,de q̃ ho fez capitão mór:& pedio a Diogo mẽdez de vascõcelos de quẽ ja tinha prazme de ho ajudar no feyto de Goa,que cõ as naos de sua capitania andasse darmada de monte deli ate Baticalá,pa tomar algũas naos se sayssem de Goa pera q̃lquer parte. E ẽ quãto hi ãdou não achou nada em que podesse fazer presa,& Simão martiz si que tomou hũa nao de Meca muyto rica,em q̃ se acharão muytas peças de grande preço,& soma de moeda assi douro como de prata:& antre os catiuos que se nela tomarão forão dous judeus q̃ despois ho gouernador fez Christãos,& a hũ foy posto nome Francisco dalbuquerque,& ao outro Alexandre datayde,que sayrão muy boõs homẽs & seruirão de lingoas. E pa melhor goarda daquela costa mandou ho gouernador a Garcia de sousa que cõ outros dous nauios a fosse goardar em outro cabo desuiado dõde andaua Simão martiz: & Ieronimo teixeira por dar desgosto ao gouernador meteo ẽ cabeça a Garcia de sousa q̃ não era sua honra ir õde andaua Simão martiz,que lhe nã auia dobedecer. E conselhoulhe que assi ho disesse ao gouernador,& foy coele aisso,& ajudauao tanto q̃ parecia ser mais ho caso seu que de Garcia de sousa. E entẽdendo ho gouernador a cilada dissimulou,dizẽdo a Ieronimo teixeira q̃ pera que falaua ẽ obediẽcia pois Simão martiz andaua em hũ cabo,& Garcia de sousa auia dãdar ẽ outro,q̃ não auia necessidade de mais q̃ de tomarẽ muytas naos. E insistido Ieronimo teixeira, ho gouernador ho mãdou ir,& ficãdo soo cõ Garcia de sousa desfezlhe a opinião que tinha,& fez q̃ fosse onde ho mandaua:& ele por hũ cabo & Simão martiz polo outro tomarão algũas naos,& por isso não partirão pera Meca outras muytas que estauão pa partir. E em q̃nto assi andauão na fi Dagosto ou na ẽtrada đ Setẽbro,chegou Duarte de lemos a Cananor:& posto q̃ a sua capitania não tinha vigor na India,& soube que estaua ali ho gouernador nã quis tirar a sua bãdeira đ capitão mór, o que lhe foy tachado. E cõ tudo ho gouernador lhe fez ho mais cortes & hõrado recebimento que pode:& como Duarte de lemos sabia da prisam de Simão dandrade & dos outros,pedio ao gouernador que os mãdasse soltar,porq̃ ele os queria ir ver,& não queria velos como apresos. Ho gouernador aĩda q̃ não tinha võtade de os soltar sẽ recõciliarẽ coele mãdou os soltar & ouue os por restituydos ẽ suas capitanias,saluo a Iorge fogaça por a descortesia q̃ lhe disse,& mãdou ho soltar sobre sua menajẽ,& os outros aceitarão as solturas, & não as capitanias,dizẽdo q̃ se auião dir pa Portugal,& por isso as nã q̃rião

Capit.xxxvij.De como soube Duarte de lemos q̃ elrey mãdaua q̃ se fosse pa Portugal:& d̃ como ho gouernador mãdou recado a el rey de Cambaya sobre os catiuos que tinha.

DEspois disto deu ho gouernador cõta a Duarte de lemos da causa porq̃ se não fora ajuntar coele. E como todos os capitães da India,& fidalgos q̃ andauão nela,lhe conselhauão q̃ tornasse sobre Goa,& a tomasse,se não que se ꝑderia a India:& que Diogo mẽdez de vascõçelos q̃ hia pera Malaca tãbẽ lhe dizia que ho ajudaria:o que pareceo bẽ a Duarte de lemos. E pa mais ratificação fez ho gouernador outro conselho ẽ que Duarte de lemos foy presẽte,em q̃ se assentou por todos que vista a necessidade que auia de se tomar Goa,& a q̃ ho gouernador tinha de gẽte pera esse feyto. E porquãto a moução pequena pa Malaca,q̃ he ẽ Dezẽbro era dahi a q̃tro meses:& Diogo mẽdez auia desperar por ela,que ajudasse ao gouernador no feyto de Goa. E a sua ida pa Malaca seria no Abril seguinte q̃ era a moução grãde & a melhor:& isto cõ condição q̃ ho gouernador lhe desse a esse tẽpo tudo aq̃lo de que teuesse necessidade q̃ lhe podesse dar. E assi lho ꝓmeteo ho gouernador:a quẽ tambẽ ali ꝓmeteo Duarte de lemos q̃ ho ajudaria no feyto de Goa,& assi todos os capitães das naos de carga. E com tudo ho gouernador lhe não quis dizer sua determinação acerca de Goa,porq̃ não queria q̃ ninguẽ entẽdesse que desejaua de a tomar,porq̃ se temia q̃ se ho entẽdessem que muytos por lhes parecer q̃ lhe danauão ho não q̃rerião ajudar,& por isso encobria tanto sua determinação,q̃ nos cõselhos não fazia mais que ꝑpor as causas que auia pa se tomar Goa,& não daua seu parecer nẽ assinaua, mas fazia assinar aos outros os seus:& de tudo mãdaua fazer autos pelo secretario pa que ninguẽ podesse negar o q̃ tinha dito & assinado. Neste tempo se tinha dado aconhecer ao gouernador Alecão capitão da nao meri por parẽte del rey de Cãbaya & trataua coele ꝑ meo de Francisco pantoja amizade & paz pa el rey de Cãbaya cõ condição q̃ ho soltasse:o que ho gouernador não q̃ria, porq̃ esperaua que sem isso auia el rey de Cambaya de querer paz coele por intercessam de Meliquiaz, q̃ sempre se mostrara seruidor del rey de Portugal,& que Alecão se resgataria por dinheiro. E nisto soube dos nossos q̃ estauão catiuos ẽ Cambaya,& pareceolhe q̃ seria algũ deles dõ Afonso seu sobrinho(por aĩda não saber q̃ era morto) & por isso começou de lãçar mais mão pela amizade que Alecão requeria pa ver se poderia auer por ele os catiuos; dissimulando que não sabia q̃ estauão catiuos,nẽ Alecão o queria descobrir por nã auer rezão pera se trocarẽ,porque não queria ele resgatarse se nã por amizade,& sobristo ouue cartas d̃l rey de Cãbaya pa ho gouernador. O que sabendo Duarte de lemos se mostrou muyto queixoso contra ele,dizẽdo que lhe tomaua o q̃ pertẽcia a sua capitania & perantele disse a Alecão que ele era capitão mór de Cambaya:& por isso a ele,& nã ao gouernador auião de ser dadas as cartas,& coele se auia de fazer a amizade,& assi outras palauras muyto soberbas q̃ ho gouernador dissimulou por amor que a capitania de Duarte de lemos chegaua ate Cambaya, & por tẽporizar coele que lhe deixasse

a armada ate tomar Goa, & disselhe. Tiremos nos os catiuos que la temos, & deixemos agora esses mandos:se me el rey de Cambaya aqui tẽ por vezinho, & sabe q̃ tenho naos,gẽte & poder del rey meu señor,não sera boõ que fauoreçais vos este feyto,& q̃ lhe respõdamos de maneyra q̃ ajamos os Christãos fora de seu poder.E todauia Duarte de lemos aperfiou muy menẽcorio,q̃ ele era capitão mõr de Cãbaya,& que a ele ꝑtẽcião as cartas,& coele se auia đ fazer a amizade,& despois đ feyta ele tiraria os catiuos.E agastado ja ho gouernador đle,lhe disse q̃ não ate Cãbaya,mas que ate Goa lhe deixaua seu poder:q̃ lhe rogaua muyto q̃ lhe castigasse os mouros de Goa,q̃ lhe derão muytos couçes no pescoço:& coisto se nã tomou nenhũa cõcrusam neste negocio. E o gouernador sofreo tudo isto a Duarte đ lemos,& outras muytas sobrãçarias q̃ lhe fazia, assi pola causa q̃ digo como pola ꝓuisam q̃ ele tinha de ser capitão ate Cãbaya,& não queria que parecesse q̃ desobedecia aos mãdados del rey seu señor que se ele prezaua de guardar ao pé da letra.E começãdo da uer desgostos antre ho gouernador & Duarte de lemos, chegou hũa nao da conserua de Gõçalo de siqueyra,em q̃ veo hũa via đ cartas ꝑa o gouernador, & vinha nela hũa ꝑa Duarte đ lemos, ẽ que lhe el rey mandaua q̃ entregasse ao gouernador a armada que trazia,& se fosse ꝑa Portugal, & outra carta ao gouernador q̃ lhe desse ẽbarcação ꝑa se ir ꝑa Portugal.E coeste recado ficou ele tẽperado,porq̃ dãtes não auia quẽ ho sofresse,nem ho gouernador pod a coele.E não se lẽbrando ele do passado não deixaua de ho tratar tão hõrradamẽte como dantes.E cuydãdo q̃ toda um quisesse ir coele a Goa como tinhã assentado,disselhe que não descobrisse a ninguẽ que el rey ho mãdaua ir pera Portugal,& que ele tambem ho faria assi,porque a gẽte que trazia lhe nã desobedecesse,& fosse coele a Goa em hũ corpo como andaua,pera que fosse mais hõrradamente:o que lhe ele teue muyto em merce,& ho ouue por gran de honra. E vendose ho gouernador desembaraçado da sujeição de Duarte de lemos apressou mais ho cõcerto da armada pera ir a Goa,& entretãto tornou a falar com Alecão sobre ho negocio que dãtes trazião pera ver se podia auer os catiuos a seu troco, & pera isto rogou a hũ chatim gẽtio morador em Cananor,que lhe fosse com reposta ás cartas del rey de Cambaya,em que lhe respondia que folgaria com sua amizade,& pedidolhe os catiuos a troco Dalecão.E encomendou muyto ao chatim que soubesse os nomes dos catiuos,& quantos erão:& Alecão escreueo também sobrisso a el rey de Cambaya. E coestes recados se partio ho chatim,& o que fez se dira a diante.

Capit.xxxviij.De como hũ principe de Cochĩ que andaua leuãtado sabẽdo que era morto ho rey velho que estaua no pagode,pedia ho reyno a el rey de Cochĩ que então reynaua, & de como querendolho el rey de Cochim entregar lhe foy contraria do pelos nossos.

Passando isto ẽ Cananor,morreo ẽ Cochĩ aq̃le boõ velho & leal amigo dos Portugueses q̃ fora rey ẽ tẽpo de Duarte pacheco q̃ estaua metido no pagođ.E segũdo seu costume como ja disse ho rey q̃ reynaua era obrigado por ley a meterse nele

& deixar ho reyno ao q̃ auia de ſer rey a pos ele, que era aquele principe: que quando el rey de Calicut foy ſobre Cochi (por lhe el rey não querer entregar os noſſos q̃ lhe deixara ho conde almirante) não quis ajudar el rey de Cochi a defender ho reyno, & lançouſe cõ el rey de Calicut q̃ lhe ꝓmeteo de ho fazer logo rey, & dali por diante ſempre andou cõ el rey de Calicut chamãdoſe principe de Cochi. Eſte ſabẽdo como ho rey q̃ eſtaua no pagode era falecido mandou dizer ao q̃ reynaua, q̃ ſegũdo ſeu coſtume ſe foſſe meter no pagode, & lhe deixaſſe ho reyno: & em lhe mãdãdo eſte recado foyſe meter cõ algũa gente de guerra que tinha jũta na ilha de Vaypi, & fezſe forte em hũ pagode q̃ hi eſta, dõde tornou a mãdar a el rey d̃ Cochi ho meſmo recado por algũas vezes de q̃ el rey eſtaua muyto agaſtado, & mandou ho dizer ao feytor, & alcayde mòr, & aſſi aos outros officiaes, q̃ derão cõta de tudo a Baſtião de miranda, & a Nuno vaz de caſtelo brãco, q̃ praticando ſobre o q̃ farião naquele negocio, determinarão de per todos os modos que podeſſẽ toruar que ho principe nã foſſe rey de Cochi nẽ entraſſe nele, & ſobriſſo ho matarẽ por quanto lhe não ꝑtẽcia ho reyno, & tinha ꝑdido ho dereyto dele porq̃ fora tredoro a el rey, cujo ſuceſſor era ẽ ajudar cõtrele a elrey de Calicut quãdo deſtruyo & queymou Cochi, matando primeyro a tres herdeiros do reyno: & a fora iſſo ſe ele foſſe rey pola amizade que tinha cõ el rey de Calicut ho auia dajudar & fauorecer cõtra os noſſos, & aſſi ho diſſerão a el rey de Cochi, q̃ folgou muyto coiſſo, & ho mãdarão tambẽ dizer da ꝓpria maneyra ao pricipe, q̃ não deu nada por ſuas ameaças, mas tinha jũta ſua gẽte, & trabalhaua q̃nto podia por entrar em Cochi. O que ſabido pelos noſſos, d̃terminarã de goardar os rios por õde ele podia ir. E forão a eſta goarda Nuno vaz de caſtelo branco, & Baſtião de miranda enſenhos bateys armados dartelharia, & bẽ fornidos de gẽte darmas, & corrião aqueles rios de noyte & de dia. E vẽdo el rey de Cochi como ho principe inſiſtia tanto ẽ auer ho reyno, & ſabia q̃ por ſeus coſtumes ho deuia dauer ſe hũa vez entraua nas ſuas caſas, por q̃ logo ele & os ſeus regedores, & vedores da fazẽda lhe auião dobedecer por rey, mandoulhe cometer pelo Caymal de Palurte ſeu vẽdor da fazẽda, q̃ ele lhe daria rẽda cõ que ſe mãteueſſe hõradamẽte õde quiſeſſe tirãdo Cochi, & q̃ deſiſtiſſe d̃ pedir ho reyno: & ho pricipe não q̃s, ãtes lhe mãdou dizer q̃ lhe deſpejaſſe as ſuas caſas, & lhe deixaſſe ho reyno q̃ era ſeu de dereyto ſegũdo ſeu cuſtume. E coeſta repoſta ficou el rey muyto triſte, & logo deſpejou as caſas & ſe mudou pa outras. O q̃ ſabido pelos noſſos ſe forã logo a ele Nuno vaz, Baſtião de miranda, & Diogo pereyra q̃ era eſcriuão da feytoria, q̃ ſe chamaua ho malabar dal cunha, que ſabia muyto bẽ a lingoa: & q̃ndo chegarão a el rey de Cochi acharão q̃ eſtaua coele el rey da pimẽta cõ muytos frecheiros & adargados. E el rey quãdo os vio moſtrou coeles muyto prazer & lhe fez muy alegre recebimento, & lhes deu conta do q̃ ho principe reſpondera a ſeu recado, & como ho eſtaua cõtando ao rey da pimenta: então lhe diſſe Diogo pereyra q̃ por eſſa cauſa vinhão ali. E lhe dizião da parte del rey de Portugal, & do ſeu gouernador da India q̃ ele ſe tornaſſe pa ſuas caſas, & as não deixaſſe, nẽ fizeſſe

cõta q̃ em Cochi auia dauer outro rey se não ele, & os q̃ decẽdessem dele por dereyto: porq̃ pera isso era ele rey por el rey de Portugal, & coroado por ele. E q̃ ho tirano q̃ queria vsurpar ho reyno, nã tinha dereyto nele polas rezões q̃ lhe ja derão, & por isso jurauão por seus juramẽtos verdadeiros q̃ ho auião de matar onde quer q̃ podessem. Ao q̃ el rey respõdeo q̃ ho tomassem viuo se podessem, & ho não matassem: & ho mais lhes agardeceo muyto, & lhes offreceo gẽte se a quisessem ꝑa os ajudar. E vẽdo el rey da pimẽta esta amizade dos nossos com el rey de Cochi, cõfirmou de todo a q̃ tinha coele, & lhe deu obediẽcia de seu vassalo cõ juramento de ho ser sempre, & isto por amor dos nossos: & de tudo se fez hũa escriptura que assinou. Isto feyto tornaranse Bastião de miranda & Nuno vaz a goardar os rios: e ao outro dia pola manhaã ficou Nuno vaz õde se chama ho peso & Bastiã de mirãda foy da outra bãda do rio de Crãganor. E estando ali Nuno vaz vio vir contrele hũ tõne grãde cõ hũ sombreyro aleuãtado: & cuydãdo que fosse ho pricipe, foy logo cõtra ho tõne, & por força fez q̃ se deteuesse, & soube que hia nele hũ señor d̃ Paliporto: que visto por hũ Christão da terra que hia cõ Nuno vaz pera conhecer ho principe, lhe disse que era aquele senhor, & ouuera ho Nuno vaz de matar, se não fora por hũ dos seus remeiros, que affirmou nã ser aquele ho principe, se nã hũ señor de Paliporto. E Nuno vaz ho deixou ir, sabẽdo primeyro dele como ho pricipe ficaua no pagode de Vaypi cõ tudo prestes pera se ir meter ẽ Cochi, & ficaua coele ho Mangate caymal, & tambẽ ho Nambiã de Parau que se ficaua embarcãdo ꝑa ir visitar el rey de Cochim, por ser grande seu amigo: o que cuydou Nuno vaz que seria manha do principe pera cõ ho nãbiã meter gẽte em Cochi ꝑa ho ajudar, & por isso indo na volta de Vaypi õde topou cõ ho Nãbiã q̃ trazia consigo tres tõnes de guerra carregados de gẽte, não ho quis deixar passar cõ aquele aparato, dizẽdolhe que a cousa não estaua ꝑa deixarẽ entrar gẽte estranjeira em Cochi, que se ele quisessẽ ir acõpanhado de ate trĩta nayres q̃ ho poderia fazer, & ho Nãbiã não q̃ria, & q sera forçadamẽte passar auãte, ao q̃ lhe Nuno vaz resistio. E nisto ouue tanta detẽça q̃ foy recado do Nãbiã a elrey de Cochi, q̃ mãdou dizer a Nuno vaz ꝑ Candagorà, q̃ Nãbiã era seu amigo, q̃ lhe pedia q̃ ho deixasse passar, do q̃ se Nuno vaz agastou muyto vẽdo ho pouco recado que el rey tinha em Cochi a tal tẽpo que assi deixaua ẽtrar nele gẽte: & disse a Cãdagora q̃ se el rey queria cõsentir q̃ entrasse ẽ Cochi pera ho despoer do reyno, q̃ ele nẽ os outros nossos ho não auião de cõsentir: & se el rey queria desistir do reyno q̃ eles ho sosterião ate ho mandarẽ dizer ao gouernador que hiria tomar posse dele. E cõtudo Cãdagorà insistia que deixasse ir ho Nãbiã com toda sua gẽte: o que Nuno vaz consentio, cõ tanto que Cãdagorà ficasse em arrefẽs ate ho Nãbiã ir a elrey & tornar. E sabẽdo ho principe a goarda q̃ estaua no caminho por õde ele auia dir ꝑa Cochi não quis ir acõselhado dos seus, & tornouse a recolher no pagode, õde os nossos nã forão por não terẽ gẽte cõ que podessẽ pelejar coele ẽ terra: & por isso acordarão q̃ eles & elrey de Cochi escreuessẽ ao gouernador o q̃ passaua, pedĩdolhe que acodisse logo, & assi ho fizerão.

Cap.t.xxix. De como ho gouernador chegou a Cochim, & ho principe a leuantado fugio de Vaypi com seu medo: & de como nenhũ dos capitães q̃ auião dir pera Portugal quiserão ir com ho gouernador a Goa, & do que dizião contrele.

SAbido isto pelo gouernador, embarcouse logo na nao de Jorge da silueira, & partiose pera Cochim leuando consigo a Gonçalo de siqueyra, & assi todos os outros capitães q̃ auião de ir aquele anno pera Portugal, saluo a Duarte de lemos que ficou com a outra armada da India com todo seu poder & mando, pera q̃ teuesse tudo prestes, & fossem a Goa em ele tornando de Cochĩ. E chegado ho gouernador a Cochim, ho alcayde mòr & os outros lhe derão cõta da afronta em que estaua el rey de Cochĩ por amor do principe aleuantado que lhe pedia ho reyno. E o que Nuno vaz & Bastião de mirãda tinhão feyto na goarda de Cochim pera ho prĩcipe se não meter de posse do reyno, & como estaua no pagode de Vaypi. El rey de Cochim como soube que ho gouernador era chegado ho foy logo ver, & lhe cõtou ho trabalho em que estaua, pedindolhe estreitamẽte que ho liurasse dele. E antes que lhe ho gouernador respondesse, quisera q̃ lhe fizera el rey de Cochĩ duas cousas que importauão muyto ao seruiço del rey seu senhor, & ao proueito de sua fazẽda, & a quietação de Cochim: a hũa foy que visto quãtos males os mouros de Cochim cometião contra os nossos consentisse que el rey seu senhor teuesse jurdição sobreles, & com aquilo ele mesmo ficaria mais senhor deles: a outra foy que mandasse aos mercadores de Cochim que dessem na feytoria a pimenta por cobre, & que ho deuia de fazer, pois por causa da nossa feytoria ele tinha dobrada renda que dantes. E dambas se el rey escusou mostrãdo como ho não podia fazer. E por ho gouernador estar de partida não apertou muyto sobrisso: porem prometeoa el rey de ho liurar da fadiga em q̃ estaua, affirmandolhe que não auia de consentir que outrẽ fosse rey de Cochĩ se não ele, & que ele ho ajudaria, porque assi lho mandaua el rey seu senhor, & não foy necessario fazer ho gouernador nada contra ho principe, porq̃ como ele soube que ho gouernador era em Cochim se retirou logo pera dentro das terras del rey de Calicut, õde os nossos não podião ir. E sabendo ho gouernador del rey de Cochim, & del rey da pimenta como auia carga pera as naos daquele anno, & pera as q̃ ficarão do outro, & pera hũa que trouuera Duate de lemos: tornou a propor em conselho cõ os fidalgos & capitães as causas q̃ auia pera tomar Goa, pa ver o q̃ lhe dizião. E eles disserão o q̃ tinhão dito, & assi ho assinarão: & ho mesmo tornarão a dizer em outro conselho, que sobrisso ouue. E despois que assinarão seus ditos, disse ho gouernador que a ele tã bem parecia muyto bem ver se podia tomar Goa, ou ao menos queymarlhe a frota quando a não podesse tomar: & despois de assinar seu parecer disselhes, Em cousa tão certa como he crer que cada hũ de vossas merces tem tãto cuydado do seruiço del rey meu señor como das suas cousas proprias, & que assi ho farão, parecia escusado lẽbrarlhes que ho fação, especialmente vendose tão claramente que lhes lembra,

como parece nos conselhos que me de-rão tantas vezes que tome Goa, tirãdo sempre ao fito que tomada seria gran-de seruiço del rey meu senhor, porque não se tomando perdersehia o que tẽ ganhado na India. Mas quando vejo q̃ este conselho não vem acompanhado dofrecimento de suas pessoas, & gente de suas capitanias pera este feyto, pare ceme muyto necessario lembraruos se nhores que a gente que eu tenho não he cousa nenhũa pera hũ feyto tão fa-çanhoso como este: & porque vos não pareça que falo de graça, eu não tenho mais que mil & duzentos homẽs, du-zentos & cincoẽta das naos de Diogo mendez, setenta da nao de Iorge Nu-nez de lião, trinta & seys do nauio de Francisco marecos, quarenta da nao de Duarte de lemos, & cem malabares os outros sam da ordenança da India. E estes como digo he cousa muyto pou ca pera cometer hũa cidade, de que a-gora sahi desbaratado que ha de estar a-percebida pera se defender da vingan ça que sabe que auemos de querer to-mar, porque este credito temos na In-dia. E se eu for pera isso, & por falta de gente não poder com sua resistencia, perdeseha de todo o que el rey meu se-nhor tem ganhado na India, com vir a lume a grande armada que hi fazẽ os turcos, cujas fustas ja não deixauão na uegar as naos de nossos amigos, & por isso eu fuy a Goa & deixei a ida do e-streito. E afora esta armada dos turcos que he tão boa gente de peleja como eu sey, farão logo corpo coela ho poder del rey de Cambaya, ho del rey de Ca licut & ho do grão soldão, a que nenhũ nosso podera resistir, os quaes todos estão liados & confederados pera nos deitarem fora da India, & com eu ir a Goa, de maneyra que cõ ajuda de nos-so senhor a tome dessarseha esta liga, porque ho çabayo ficara destroçado, & ho poder do soldão, nẽ ho del rey de Cambaya, nẽ ho del rey de Calicut nã terão onde se ajuntar, nem onde façã o corpo, porque não tinhão na India ou-tro lugar mais ꝓprio pera isso q̃ Goa. E pois senhores vedes ho pro & cõtra do seruiço del rey meu senhor, da sua parte vos requeyro, & da minha peço muyto que me ajudeis neste feyto cõ vossas pessoas, & com vossa gente: por que afora fazerdes o que soys obriga-dos ao seruiço de. S. A. ganhais muyta honra, que sem duuida sera toda vossa porque com vossa ajuda despois da de nosso senhor se fara este feyto tão hon rado que mais não pode ser. A esta pra tica do gouernador respõdeo logo Gõ çalo de siqueyra: dizendo que ele dera sempre de si muyto boa conta nos car-regos que lhe forão encomendados, & q̃ ele não fora á India pera pelejar, por isso que não auia dir a Goa. E tambem que as cousas da guerra erão incertas, & muytas vezes sahia ho fim delas bẽ desuiado do que se cuydaua, & se gasta ua mais tempo em se fazer hum feyto do que parecia antes que se começas-se, & assi poderia ser naquele, & q̃ se gastaria ho tẽpo da partida pera Por-tugal, & q̃ inuernarião na India ou em Moçãbique no q̃ el rey perderia muy-to, por isso que não podia ir a Goa. E ho mesmo disserão os outros capitã-es, não lhes lembrando o que tinhão prometido ao gouernador que irião co ele se fosse a Goa, parecendolhes que não fosse: o que lhes ele trouue a memo ria, & dissellhes q̃ ho feyto de Goa pra zendo a nosso senhor se podia acabar ate a entrada de Dezembro, & que ate

a fim dele era ho verdadeyro partir pera Portugal,& que entre tanto que eles fossem a Goa ficaria recado ao feytor de Cochim,que com ho alcayde môr lhes carregasse as naos,o que se faria facilmente porque auia carrega em abastança. E desta maneyra em chegando a Cochim da vinda de Goa se partiriã logo. Porem como os capitães não desejauão nada a honra do gouernador, & lhes parecia que naquele feyto lha ajudarião a ganhar nũca quiserão ir cõ ele por mais que nisso insistio com grãdes requerimẽtos. E vẽdo que lhe não aproueitaua nada, determinou de se tornar a Cananor,& encomẽdou a carrega a Gõçalo de siqueyra,que deixou em seu lugar pera que a fizesse cõ Antonio real alcayde moor & feytor de Cochim,& mandoulhes q̃ se carregassem primeyro as naos que ficarão na India do anno passado. E isto ordenado mandou chamar todos os capitães que auião dir pera Portugal,& perãte Gonçalo de siqueyra & outros fidalgos lhes disse,Senhores eu vos requeri da parte del rey meu senhor,& pedi muyto por merce da minha que fosseys comigo a Goa por importar tanto a seruiço de. S. A. como me tendes dito:digo uos q̃ me vou embarcar pera ir a Goa com ajuda de nosso senhor, quem me quiser seguir sigame. E logo se foy embarcar na galé de Bastião de mirãda, q̃ ainda não estaua bẽ acabada de concertar, & assi como se embarcou sayo pola barra fora,não indo coele mais q̃ Iorge da silueira na nao botafogo,que lhe ho gouernador deu pera ir aquele anno pera Portugal,& este quis ir com ho gouernador a Goa,porque vio que auia tempo pera ir & vir. E chegado a Cananor achou Duarte de lemos muyto fora de ir coele a Goa,como lhe prometera, porque entre tanto que foy a Cochim não faleceo quem andasse a Duarte de lemos com a cabeça ao derredor,& lhe dissesse que pera que queria ir a Goa ganhar honra pera ho gouernador,que se ele fora capitão moor como era dantes que fora bem ir: mas capitão raso que ho nã deuia de fazer, porque ho gouernador não ho auia de deixar ir da maneyra q̃ lhe tinha prometido,nem auia de fazer cousa algũa por seu cõselho,antes ho auia dabater. E neste conselho foy culpado Ieronimo teixeira,& não abastou mudarẽse Duarte de lemos & outos capitães q̃ estauão ẽ Cananor,mas faziã todos jũtos conselho,contra o que ho gouernador tinha determinado sobre a ida de Goa, dizendo que era impossiuel tomarse por sua fortaleza, & por estar nela grande multidão de gente,& que não seruia de nada tomarse pera o que compria ao seruiço del rey: & posto q̃ a ho gouernador tomasse,que a tornaria a perder como fizera da outra vez, & que eles não querião ficar cercados, & pder a viajem pera Portugal. & zõbauão muyto daq̃la ida,& dizião muyto mal dele: & escarnecião de Diogo mendez de vasconcelos,porque deixaua de ir a Malaca fazer seu proueito,& se hia a perder com ho gouernador,& se fiaua em suas palauras. E tão danada andaua a cousa pera estoruarem q̃ ho gouernador não fosse a Goa,que foy dito ao secretario ẽ segredo p Ieronimo teixeira q̃ dissese ao gouernador q̃ diogo mẽdez lhe queria fugir pa Malaca cõ os seus capitães. E isto era mẽtira,& por tal lho teue ho gouernador q̃ndo ho soube,& dissimulou cõ ho secretario. E vẽdo estes q̃ nã podião estoruar

a ida do gouernador, amotinarão bẽ quinhentos homẽs dos que auião de ir coele todos sãos, & os melhores da India, que quãdo ho gouernador se ouue dembarcar ficarão alapardados, & se forão por esses palmares fingindo que fugião porque ho gouernador os queria ter na India por força.

Capit. xl. De como ho princepe leuãtado quisera tornar a Cochi despois da partida do gouernador: & como foy desbaratado per Nuno vaz de castelo brãco, & per Lourenço moreno.

Partido ho gouernador de Cochi, soube o ho pricipe aleuãtado, & a determinação q̃ leuaua de ir a Goa. E vẽdo ho tẽpo desposto pera auer efeyto fazerse rey de Cochi tornouse a Vaypi cõ a gente que tinha dantes, & com outra que lhe deu el rey de Calicut. E sabido isto por el rey de Cochim socorreose logo a Gonçalo de siqueyra, pedindolhe ajuda: & ele mandou logo goardar os rios a Nuno vaz de castelo branco, que ficou em Cochi pera mandar acabar de concertar a sua nao, & assi a Lourenço moreno, & a outro, & todos tres forão em bateys armados. E antes que fossem foy discuberto a Gonçalo de siqueyra como ho princepe tinha dous tónes em hũa enseada cuberta daruoredo, pera se embarcar secretamẽte com hũ seu regedor, pera ao outro dia ante manhaã se ir meter ẽ Cochi. O que sabido por Nuno vaz, Lourenço moreno, & polo outro se deitarão secretamẽte hũ de hũa parte da enseada onde estaua ho principe, & outro da outra, que se não vião os bateys por estarem debaixo do aruoredo, & ho outro estaua mais afastado, & tinhã antre si seus sinais, & ali esteuerão toda a noyte. E querẽdo amanhecer chegou ho principe com sua gente, & ele se embarcou com ho seu regedor cada hum em seu tóne com algũs nayres pera ir mais dissimuladamẽte, & partirão ficandolhe a outra gente ã borda dagoa: E os nossos em ho pricipe emparelhãdo coele fizerão seus sinais, & remeterão aos tónes. E como ho principe cuydaua que hia muyto secreto, em os vẽdo deuse por perdido por quão pouca gẽte leuaua, & por isso mandou remar pera terra cõ tenção de fugir, & tomou terra em hũa grande vasa, por lhe terẽ tomado ho canal, & ali se lançou na vasa onde os nossos não poderão chegar por os seus bateys demandarem mais agoa que os tõnes: mas a pressa dos imigos foy tamanha que lhes ficarão os tõnes que os nossos tomarão, & acharã neles as insinias do principe, que erão ho seu sombreyro de pè, suas trombetas de marfim, & seus atabales: & assi hũs panos que se chamão purauás que sam dalgodão muyto fino cõ lauores douro. E posto que a gente do principe apareceo ẽ terra os nossos não quiserão sayr a eles, porque não podião por amor da vasa, & tornaranse pera a fortaleza, onde foy el rey de Cochi a saber aquelas nouas, que forão perale de muyto contentamento por saber q̃ ficaua seguro no reyno, pois o que ho pretẽdia perdera as insinias que forão dadas a el rey de Cochim pera sinal de sua vitoria. E porque ho principe vio quão mal lhe socedera naquela empresa, & por ficarem suas insinias a seu imigo (que antreles he grande agoyro) perdeo a esperança de ser rey, & nã

intentou mais de tornar a Cochim. E vendo Nuno vaz de caſtelo branco q̃ a ſua nao tardaua em ſe acabar de concertar, & que ſe chegaua a partida do gouernador pera Goa, quis antes ir coele que eſperar pola nao: & partioſe pera Cananor com recado del rey de Cochim, & de Gonçalo de ſiqueyra ſobre o que acontecera ao principe leuãtado: com que ho gouernador folgou muyto quãdo ho ſoube. E a eſte tempo eſtaua ele pera ſe partir pera Goa, porq̃ tinha auiſo de Timoja que ho Hidalcão eſtaua bem metido pelo ſertão da terra firme, porque tinha guerra com el rey de Narſinga ſobre Rachol, pelo q̃l auia de ter leuado muyta parte da gẽte q̃ eſtaua ẽ Goa. E ſabẽdo q̃ todauia Duarte de lemos não auia de ir coele a Goa não quis deixar de lhe comprir o que lhe tinha prometido, que era fazelo capitão mór das naos que ficarão do outro ãno pera hirem pera Portugal, que erão ſete, & deulhe hũa nao pera ſeu hirmão: & deulhe licença que foſſe carregar a Cochim ſeu ordenado, porque de ho conhecer por aſſomado não queria q̃ foſſe por nã auer lá reuoltas antrele & Gonçalo de ſiqueyra. E ele lhe deu ſua fé de não entẽder em Cochi em mais, que em carregar ſeu ordenado: & com todas eſtas boas obras, ele & os outros amotinarão os quinhentos homens q̃ diſſe.

¶ Capit. xlj. De como ho gouernador partio pera a cidade de Goa, & do conſelho que ouue ſobre a cometer.

PReſtes ho gouernador pera ſua partida, embarcouſe com mil & duzẽtos homẽs de peleja, os mil & cẽto Portugueſes, & os cento malabares q̃ hião debaixo da capitania dhũ nayre que fora goazil del rey de Cananor, muyto boõ homẽ & esforçado, & grãde ſeruidor del rey de Portugal. E eſta gẽte ſe embarcou em perto de trinta velas antre naos groſſas, nauios redondos, carauelas & galés, cujos capitães a fora ho gouernador forão eſtes: dõ Ieronimo de lima, dom Ioão de lima, Simão dãdrade, Fernão perez dandrade, Franciſco pereyra coutinho, Manuel de lacerda, Ayres da ſilua, Garcia de ſouſa, Duarte de melo, Franciſco pantoja, Pero dafonſeca de craſto, Baſtião de miranda, Antonio de ſaa, Diogo mẽdez de vaſconcelos, Gaſpar de payua, Balteſar da ſilua, Pero quareſma, Iorge nunez de lião, Anibal cerniche, Iorge da ſilueira, Manuel dacunha, Ruy galuão Iorge botelho, Diogo fernãdez de beja, Gaſpar cão, Simão martiz & Antonio de matos. E partindo ho gouernador em Nouembro foy ter a Honor & hi ſoube de Timoja que Goa eſtaua muyto forte, porq̃ tinha hũa tranqueira daltura de dez palmos, & de duas faces entulhada darea, que começaua onde agora ſam as caſas Dantonio correa que ſe chamaua naquele tẽpo ho eſteiro de Timoja, & acabaua abaixo do cays da cidade em hũ canto do muro que ſe ali faz, onde eſtá hum baluarte antes da porta que ſe agora chama de ſancta Caterina, & auia nela muytas eſtãcias dartelharia groſſa & miuda, ẽ cuja goarda eſtauão muytos turcos, & mouros brancos do mar roxo que ho Hidalcão trazia a ſeu ſoldo: & daquela tranqueyra pera dentro eſtauão as naos & fuſtas dos immigos, que por todos quãtos eſtauão na cidade ſerião ate noue mil homẽs, & ali cõcertou ho gouerna

dor com Timoja que fosse coele a Goa pera ho ajudar a tomala, & q̃ fosse por terra cõ a mais gente que podesse. E saindo ho gouernador do rio Donor foy a tormẽta tamanha que se lhe çoçobrarão dous bateys, em que se afogarão algũs homẽs, & perderanse muytas armas, & daqui foy ter á barra de Goa, onde quisera auer conselho sobre ho modo q̃ teria em cometer a cidade: & foylhe dito por todos os do conselho q̃ se não deteuessem, & que entrassem logo pera dentro, & assi como vissem assi farião: porque poderia ser q̃ estaria a cidade doutra maneyra do que dizia Timoja. E entrado dentro despejouselhe logo Pagi, & os nossos que sayrão em terra tomarão ainda algũs dos immigos & leuarãnos ao gouernador: & estes lhe disserão q̃ ho Hidalcão estaua na terra firme sobre a cidade de Rachol, que lhe el rey de Narsinga tinha tomada, & na disposição de Goa, concertarão com o que Timoja tinha dito. E com tudo ho gouernador mandou a dõ Ioão de lima que fosse no seu batel ver a cidade, & forão coele dom Christouão de lima seu hirmão, & hũ capitão da ordenança, & hũ Antonio de moura. E começãdo dom Ioão dempalhar com a trãqueyra, começarão de chouer sobrele as bõbardadas, & por se coser cõ terra ho mais que pode não recebeo delas nenhũ dãno: & fazendo remar muyto rijo foy perlõgãdo pola tranqueyra ate chegar á fortaleza defronte dhũ baluarte que estaua acima da porta da ribeyra q̃ tinha as bõbardeiras tapadas, & destapandose com a vista do batel lhe tirarão os ĩmigos cõ a artelharia, & chegou dom Ioão tão perto que os ouuia falar, & assi os que estauão em terra & pelos muros, q̃ erã muytos & todos gente limpa segundo mostrauão seus atabios. E visto por dõ Ioão muyto bem ao que hia, tornouse com muyto perigo, & da volta achou dom Ieronimo seu hirmão, & outros capitães que hião em bateys pera ho recolher receando que ho metesse no fundo a multidão dos pelouros. E indo assi todos ouuera hu pelouro dhũa bombarda grossa de leuar a dom Ieronimo. E escapãdo deste perigo & doutros chegarão õde ho gouernador estaua surto acima de Rabandar defronte de Banganim, & ali se passou â nao de Manuel da cunha, porq̃ soube q̃ dela melhor que da sua veria de rosto a trãqueyra da cidade que estaua dali muy perto, & assi a gente pelos muros & pelos oyteiros. E tambem estauão coele os capitães da frota pera verẽ ho mesmo cõ quãto a artelharia da tranqueyra varejaua amiude. E sabẽdo ho gouernador de dõ Ioão de lima o q̃ vira, ouue conselho cõ todos os capitães & fidalgos da frota: em q̃ despois de muytos debates, foy assentado que por quãto se não podia dar cõbate á cidade se não do mar, donde era impossiuel fazerse cousa que prestasse: era necessario tomarse a tranqueyra, & fazela despejar dos immigos, porque ganhada a ribeyra & a artelharia poderião mais a sua vontade escolher lugar pera ho cõbate antes que os immigos fossem socorridos: & q̃ ao dia seguinte em amanhecendo desembarcaria ho gouernador com todos os capitães: de q̃ Diogo mendez de vasconçelos, dõ Ieronimo de lima, dom Ioão de lima, Diogo fernandez de beja, Manuel de lacerda, Simão dandrade, Fernão perez dandrade, Antonio raposo, Gaspar de payua, Nuno vaz de castelo branco, Manuel

da cunha, Ayres da silua & Gaspar cão cõ ate quinhentos homẽs repartidos ẽ tres escoadrões cometerião juntamẽte a tranqueyra no meyo & nos cabos, & hirião assi repartidos, porq̃ tambẽ se repartissem os que a goardauão ẽ tres lugares, & teuessẽ menos força: & nas costas destes escoadrões hirião algũs mestres dos nauios com marinheiros, & bombardeiros que leuarião rocas de fogo, pera que em os capitães entrãdo a tranqueyra posessem fogo ã frota dos ĩmigos que estaua varada: & desta gẽte hiria por capitão Antão vaz ho mestre da nao de Diogo mendez por ser mais antigo que todos os outros. E entre tanto que estes capitães desembarcassem, ho gouernador cõ os outros cõ todo ho resto da gẽte soberia por aq̃las ladeiras onde agora estão nossa señora do rosayro & sancto Antonio, & se hiria dereyto ã cidade pa a porta dos bachares, porque saindo por ali gente pera acodir ã tranqueyra lhe atalhasse, & se não acodisse, se não pola porta de sãta Caterina somente, pera lhe dar nas costas, porque cometidos os immigos por diãte & por detras fossem mais asinha desbaratados: & quando não fosse necessario pera nenhũa cousa destas buscaria por onde entrasse na cidade daquela parte ate ho Mãdouim. E porque os immigos não acodissem todos aa tranqueyra, & se repartissem & teuessem menos força, ordenouse que as galés, & ho nauio de Bastião de mirãda com outros que demãdauão pouco fũdo fossem surgir do cays ate ho Mãdouim, & tirassem de noyte com a artelheria, porque cuydassem os mouros que naquele lugar auião os nossos de desembarcar, & acodissem ali & não fossem tantos na tranqueyra.

Capit. xlij. De como ho gouernador tomou a cidade de Goa em dia de sctã Caterina com grande destroyção dos immigos.

Tomado este assento, pedirão todos os do cõselho ao gouernador muyto estreytamente que ficasse nas naos, porq̃ sendo cousa que nosso señor não quisesse que lhe acontecesse algũ perigo que ficauão todos perdidos, & se perderia o q̃ el rey d̃ Portugal tinha na India. E ele respõdeo que por nenhũ modo auia de deixar de ir coeles, porque quando lhe acõtecesse o que eles receauão, cada hũ deles era pessoa pera ter ho cargo que ele tinha: & que lhe não repricassem mais nisso porque auia dir coeles, & assi ho fizerão. E tornandose a seus nauios os que auião de surgir do cays ate ho Mãdouim ho fizerão com muyto grande perigo & trabalho, porque não tinhão conto os pelouros q̃ lhe tirarão da trãqueyra. E surtos os nossos diãte da cidade no lugar que digo, dali a pouco ouuirão rumor de gente sobre ho muro daquela parte & crecia de cada vez mais, polo que pareceo que os ĩmigos cuydauão q̃ daquela banda auia de ser ho cõbate, & por isso acodião ali. E fazẽdose os nossos prestes pera o que auião de fazer, quãdo foy antemanhaã vinte cĩco de Nouẽbro de mil & q̃nhẽtos & dez em dia da bẽ auẽturada sancta Caterina de monte sinay, embarcouse ho gouernador cõ todos os capitães em seus bateys, & em rõpendo a alua saltou em terra cõ a bãdeira real, cõ grãde estrõdo de trõbetas & gritas: & tomãdo por aq̃las ladeiras por õde auia de ir, começou de sobir por elas acompanhado destes capitães, Francisco pereyra couti-

nho, Pero dafonseca de crasto, Antonio de saa, Baltesar da silua, Pero quaresma, Iorge nunez de lião, Iorge da silueira, Anibal cerniche, Ruygaluão, Iorge botelho, Antonio de matos, Bastião de miranda, & Simão martiz, q̃ todos leuauão a melhor gẽte q̃ tinhão. E os bombardeyros somente & algũa gente do mar ficauão oulhando polos nauios: & ho mesmo fizerão os outros capitães que auião de cometer a tranqueyra, que juntamente desembarcarão ẽ ho gouernador desembarcãdo, & a cometerão com grãde impeto dõ Ieronimo de lima, Manuel de lacerda, Diogo fernandez de beja: & dõ Ioão de lima no cabo que acabaua no canto do muro da cidade, Diogo mendez de vasconçelos, Gaspar de payua, Nuno vaz de castelo branco, & Gaspar cão no meyo: & no cabo q̃ acabaua no esteiro de Timoja, Simão dãdrade, Ayres da silua, Fernão perez dandrade, Manuel da cunha & Antonio raposo. E ẽ os nossos desembarcando começa a artelharia dos imigos a despatar da tran q̃yra, & cobrirse tudo de fumo, & soar muyto grande toruoada das bombardadas, que os nossos parecia q̃ não tinhão em cõta, assi rõpião por antre os pelouros, que sendo tão bastos não matarão nenhũs deles (o que foy milagre de nosso señor). E rõpendo os nossos por ãtre tamanhos perigos, chegarão ã tranqueyra, a que os imigos acodirão pela porta de sancta Caterina, & cõ os primeyros acodio ho capitão da cidade, & parou ali, mandando ã gente que acodisse a todas as partes, porque em todas a peleja era muy crua: & como os imigos erão sem conto pera os nossos, resistiãlhe fortemente a entrarẽ a tranqueyra, principalmẽte onde estaua ho capitão, que aqui era a môr força da peleja. E tambẽ aqui os imigos recebião mayor dano de mortos & feridos com seetadas, espingardadas & lançadas. E passada bẽ mea ora que pelejauão, começarão os do escoadrão de dom Ieronimo de sobir a tranqueyra hũs pertrecos que tinhão arrimados, outros por piques, & entrarão por força por mais que se os imigos defendião: & ho mesmo começarão logo de fazer os outros escoadrões, mas cõ tudo os immigos teuerão esforço & tornarão de nouo a pelejar, tão bem que se deteuerão hũ pedaço sem se retirar. E neste espaço ẽ que muytos forão mortos acabarão os nossos de romper a tranqueyra, & entrarão todos, & mesturaranse com os immigos cada hu por onde podia, que de muyto feridos (& mortos os que digo) se começarão de retirar pera a porta de sancta Caterina, que os de dẽtro da cidade tinhão mea aberta pera os recolherem, & acertouse que denuolta com algũs que se primeyro quiserão recolher, forão Diogo fernandez de beja, Dinis fernandez de melo, dom Ieronimo de lima, Vasco dafonseca, Antonio vogado Ioão lopez daluí, Gaspar cão, & outros ate dez. E recolhidos aqueles poucos de imigos, que os de dentro quiserão fechar a porta por que os nossos não entrassem, chegou Dinis fernandez, & meteo por antre as portas hũa chuça que leuaua & não a deixou fechar, ao que logo acodio Diogo fernandez de beja, & ajudou tambem a Dinis fernãdez, q̃ por mais q̃ os imigos carregarão de dentro nunca a poderão fechar: & bradando Diogo fernandez, & Dinis fernandez q̃ lhes acodissem, & esteuerão ẽ risco de lhe não poderẽ acodir, porq̃ cõ os muytos

mouros quasi que os nossos não podião romper nem podião ir se não hũ diãte do outro, & estes forão dom Ieronimo & os outros, & hũs trabalhauão por abrir a porta, outros pola defender dos inimigos que estauão de fora & querião entrar. E vendo estes como os nossos a defendião não curarão de entrar por ela, & tirarão ao longo do muro pera a porta dos bachares, & outros se hião pera ho oyteiro de sancto Antonio: & quãdo os mouros de dentro que trabalhauão por ter os nossos q̃ estauão na porta os virão fugir, & virão que os nossos começauão de recrecer, desesperados de a defender a deixarão: porẽ como homẽs acordados, & que determinauã de se defẽder, porq̃ se retirauão cõ os rostos nos nossos, tirandolhe muytas frechadas, porque os mais destes erão frecheiros. E cõ tudo assi como a porta foy aberta ẽtrou logo Dinis fernãdez, que ao entrar foy ferido em hũ braço, de que despois ficou aleijado, & Diogo fernandez de beja, dom Ieronimo de lima, Vasco dafonseca, Antonio vogado, Ioão lopez daluim, Gaspar cão, & outros fidalgos & caualeyros ate dez, & em eles entrando começarão de vir muytas pedradas, frechadas, & azagũchadas que tirauão muytos immigos q̃ estauão sobre ho muro daquela porta, & tão amiude q̃ parecia que chouião & fazião ter estes nossos que estauão dentro, mas nisto entrou Manuel de la cerda & apos ele dom Ioão de lima, q̃ ao entrar lhe derão tamanha pedrada na cabeça que lha fez incrinar, & ouue raho de matar se não fora ho capacete: & assi entrarão Mendafonso ho de tangere, & Ayres da silua que foy ferido de hũa frechada em hũ calcanhar, & isto do muro, & coestes entrarão algũs de suas capitanias, de que logo foy morto ho meyrinho da nao Dayres da silua & nas costas destes forão Gaspar de payua, Fernão perez dãdrade, Manuel da cunha, Antonio garcês & outros, que serião ate trinta, que cõ Ieronimo de lima & com os outros se fizerão em hũ corpo & derão nos immigos tão brauamente que os fizerão retirar, porem com muyto concerto, & retirauanse espalhados, hũs pera as casas do çabayo indo por onde agora he a orta de sam Francisco, outros pera a porta da cidade ao longo do lanço do muro que vay desta porta de sancta Caterina parela, & outros ao longo do muro que vay da mesma porta pera a da ribeyra. E vendo isto os nossos espalharanse tambẽ apos eles seguindo cada hũ ho capitão que conhecia, porque ja a ordem das capitanias era peruertida, & seguião pelos mesmos lugares por onde hião os mouros. E indo dom Ieronimo ao longo do muro pera a porta da cidade com outros capitães adiantouse deles, & desuiouse cõ Gaspar cão, Mendafõso, Antonio vogado, Vasco dafonseca, Ioão lopez daluim & outros ate quize apos os mouros que hião fugindo pera as casas do çabayo, & sobião per hũa ladeira que se fazia õde agora està a orta do mosteiro de sam Francisco, onde a este tẽpo estaua hũ tanq̃ & duas aruores, & mais acima õde agora he ho dormitorio deste mosteiro, se fazia hum mu ro que corria dali ate as casas do çabayo, de modo q̃ cercaua ho terreyro, que agora he da see, & destas casas que ficaua tão alto sobre aq̃la parte por onde hia dom Ieronimo, que sobião a ele per hũa grãde escada de pedra, & por isso era a cidade ali muyto forte. E ido dom Ieronimo cõ os que digo apos os

immigos vinhão ja outros de refresco acodir a estes,& aos que fugião pelas outras partes,& derão de roldão sobre dom Ieronimo & os de sua cõpanhia junto do tanque que digo:& foy aqui hũa muyto braua peleja,& bem pera espantar:porque sendo os immigos tãtos,que auia bem trinta pera cada hũ dos nossos,eles tinhão a barba em teso como homẽs que se não lembrauão da morte,com quanto todos estauão muyto feridos,principalmente Vasco da fonseca que cayo morto,& dom Ieronimo que de se lhe ir muyto sangue,& serem as feridas mortais cayo desmayado:& como ele estaua por escudo dos seus retiraranse em ele caindo,& tambem porque ho peso dos immigos foy tamanho que ho não poderão soster. com quanto aqui ja pelejauão Ayres da silua,& outros algũs que acodirão. & começando os nossos de se retirar Mendafonso de tangere que era muyto esforçado bradou,dizendo volta a eles,& Ayres da silua que estaua pegado coele,lhe disse que da boca lho tirara,& bradou q̃ fizessem volta:& eles ambos forão os primeyros que voltarã & os outros os seguirão.& apertarão com os immigos tão de verdade,ferindo os,& matando os que os fizerão retirar ate ho pé da escada que digo indo apos eles,& dom Ieronimo ficou desabafado,& como aqui a reuolta fosse muy grande,assi pola peleja como pola grita dos immigos,que cuydauão q̃ lhe não auião os nossos descapar,acodirão hi esses capitães que entrarão primeyro:& dos primeyros q̃ chegarão onde estaua dõ Ieronimo ainda viuo, forão dom Ioão seu hirmão,Gaspar de payua & outros.E dom Ioão se quisera deter coele polo assi ver tão ferido & fraco:& ele lhe disse q̃ nã se deteuesse,& fosse acodir aos nossos que pelejauão,& ele ho fez leuando as lagrimas nos olhos com magoa de ver como dõ Ieronimo ficaua,que acabou logo seus dias.E passando dom Ioão auante foy ajudar aos nossos,dantre os quaes sayo hũa voz que lhe disse. A senhor dom Ioão q̃ esta he a de Calicut,& isto porque se vião tão poucos antre tantos immigos:& disse dom Ioão que não seria se não vitoria que lhe nosso senhor daria.E a este tempo começarão de recrecer muytos dos nossos,porque os mais dos capitães que cometerão a trãqueyra erão entrados na cidade,& entrou coeles Diogo mendez de vasconçelos, fazendo tocar as trombetas pera esforçar os nossos q̃ estauão em muyto grãde trabalho,por serẽ todos tão poucos pera tamanha multidão dimmigos como auia na cidade,& Diogo mendez tomou pera a porta da ribeyra por onde vinha hũ grande corpo dimmigos, & antreles algũs de caualo:& Diogo mendez com os que hião coele,deu neles com tão grande furia que os fez retirar pera a porta da ribeyra ficando muytos mortos,& ido muytos feridos. E se despois de nosso señor Diogo mẽdez não acodira a este tempo,& não fizera retirar os immigos,ouueranse os nossos de ver em grande afronta & perigo segundo os mouros recrecerão pera os tomarem antreles,& os que defẽdião ho pé da escada,& matarẽnos a todos porque viã quão poucos entrauão dos nossos de fora pera os ajudar:& cõ a fugida destes os que defendião ho pé da escada começarão dafroxar,& retirarse por ela acima pera as casas do çabayo,& porem cõ grande tẽto:& a barafunda era muy grande,assi do arroy

do da gente,como da braueza das frechadas,pedradas,& zagunchadas que os immigos tirauão indose retirando porque não fossem os nossos apos eles como hião com quanto forão aqui feridos quasi todos:& Manuel de lacerda foy ferido na maçaã dhũa façe com hũa frecha,de que ho ferro lhe entrou todo na carne,mas nẽ por isso deixou de ir com os outros ate cobrarem encima ho terreyro,onde forão ter coeles Fernão perez dandrade que hia ferido & Manuel da cunha,que com algũs dos nossos hião socorrer a dom Ieronimo(que virão dali decima onde ja andauão quando cayo)& despois de serẽ encima no terreyro,vẽdo os immigos quão poucos erão,& que lhes nã hião mais nas costas,remeterão a eles com hum geyto de homẽs que auião vergonha de fugirem de tão poucos:& como os nossos ho erão não podendo sofrer ho peso de tamanho corpo como fazião os immigos retirarãse pera hũs degraos que estão a modo de theatro ao longo das casas doçabayo:& os immigos com quanto erão tantos & assõbrauão muyto aos nossos não se chegauão a eles,como que se lhes punha diãte algũa cousa de q̃ auião medo.E despois se soube q̃ vião hũ homẽ muyto grãde de corpo armado darmas brãcas de q̃ auião tamanho medo que não ousauão de chegar aos nossos:& creose que este homem era ho apostolo Sanctiago,em que ho gouernador tinha muyta deuação & era caualeyro da sua ordem.E não ousarem os immigos de se chegar aos nossos,lhes deu tamanha ousadia que tornarão sobreles,& derribarão morto hum de caualo que era abexim:& ho caualo deste foy tomado per hum criado de Manuel de lacerda, a quem ho deu,que logo caualgou nele trazendo ainda metido na façe hũ troço da frecha que ho ferio,& remeteo aos immigos de caualo,que serião ate oyto,& andauão diante dos de pee,& com a lança derribou algũs.E coisto & com Diogo mendez chegar ao terreyro desbarataranse os immigos de todo & fugirão sem ordem hũs pela banda do Mandouim & dali ate a porta dos bachares lançando se porcima do muro os que não podião sayr pela porta; & antrestes foy dos primeyros ho capitão da cidade,& os nossos os seguião, não dando vida a ninguem,não somẽte dos mouros mas dos gentios de qualquer genero & idade que fossem,porq̃ assi ho tinhão jurado por mandado do gouernador,por amor da treyção que fizerão.E despejandose assi a cerca & fortaleza,vinha ho gouernador cõtra a cidade,& sem a ver nem saber o que hia nela,se não ouuindo ho estrondo da artelharia,& despois a grita da gẽte,mandou saber por Simão martiz o que hia na cidade.E chegando ele aa porta de sancta Caterina achou algũs dos nossos que sayão a dar a noua ao gouernador,que despois de despedido Simão martiz tirou a diante,& chegãdo quasi aa rua dos bachares achou os mouros que fugião da cerca & da tranqueyra,& assi outros & deu neles,& porque se defenderão se deteue ele todo aquele espaço que os nossos esteuerão em perigo sem lhes poder acodir, & os nossos pelejarão tambem que poserão os immigos em desbarato & os fizerão fugir.E nisto foy dito ao gouernador o que hia na cidade,& querẽdo entrar pola porta dos bachares achouha fechada,porque quando os mouros se despejauão algũs deles se a-

jũtarão & tornarão a entrar,& resisti-
ranlhe dõ Ioão de lima & Manuel de
lacerda com outros,tão rijoque os tor-
narão a deitar fora,& porq̃ outros não
fizessẽ ho mesmo fecharão as portas.
E abertas entrou ho gouernador na
cidade com grande arroydo de trõbe-
tas porq̃ se ajuntassem os nossos.E en-
trãdo na cidade dando muytas graças
a nosso senhor por tamanha merce co-
mo lhe fizera,que quatrocẽtos ou qui-
nhentos homẽs forão os que a tomarã
a noue mil turcos, coracones & outra
gente branca do mar roxo toda boa gẽ
te de peleja:& ele ẽtrado na cidade,foy
ela despejada de todo dos imigos,apos
quem os nossos quiserão ir,mas ho go-
uernador não quis,dizendo q̃ eles esta
uão muyto cansados,& que se os immi
gos voltassem sobreles q̃ se virião em
grande perigo,& poderião perder o q̃
tinhão ganhado,que despois de descã
sados ho farião se os imigos não quis-
sem despejar a ilha:& então se apode-
rou da cidade,& mandou trazer os fe-
ridos, antre os quaes forão Simão
dandrade,que ho trouuerão muyto fe
rido da tranqueyra que là ficou,& assi
forão feridos Manuel de lacerda & dõ
Ioão de lima,a que ho gouernador bei
jou nas faces & os abraçou,dizendo.Fi
lhos que não sey que vos faça,se não q̃
romperey as vestiduras diante del rey
porq̃ vos faça merce,q̃ vos hõrrastes a
vos & a mi. E assi forão feridos outros
muytos capitães & fidalgos,que chega
rião q̃ si a trezentos,& morrerião trita
pou co mais ou menos:dos quaes forão
dõ Ieronimo de lima, Vasco dafõseca,
Antonio vogado,& Antonio garcés,q̃
primeyro q̃ morressem matarão muy
tos mouros,de que nesta tomada mor-
rerião ꝑto de quatro mil almas.E des-
pois de tomada a cidade,armou ho go
uernador muytos caualeyros,& hũ de
les foy Manuel da cunha, cujo padri-
nho foy Fernão perez dãdrade,& am
bos de dous fizerão aq̃le dia tão boas
cousas,q̃ merecerão muyto bẽ ho no-
me de caualeyros,& não sômente eles
mas quantos se acharão naquele feyto,
q̃ se começou em tõpendo a alua,& se
acabou às dez horas do dia,que foy co-
mo disse da bẽ auenturada sancta Ca-
terina,a cuja honrra & memoria esta
porta por onde os nossos entrarão se
chamou dali por diãte de sancta Cate-
rina,como agora se chama.

Capit.xliiij.Do grande & rico despojo que foy achado em Goa,& do mais que ho gouernador fez.

ARmados pelo gouerna-
dor os caualeyros q̃ disse,
mandou dar fogo ao arra-
balde,polo ter assi jurado
por a treyção q̃ lhe fizerã
os canarins q̃ morauão nele quando re
ceberão os mouros da outra vez q̃ se
lhe deu a cidade:& ho arrabalde foy to
do queymado & arrasado,& ho mes-
mo ouuera de ser na cerca se ho gouer-
nador não teuera necessidade dela pa
gasalhado dos seus. E tambẽ mandou
arrasar o arrabalde,porq̃ se os mouros
fossem sobrele q̃ não teuessem lugar ẽ
que assentassem estãcia pera lhe darẽ
bateria como da outra vez. Feyto isto
ordenou suas estancias dartelharia cõ
capitães pelos muros, & baluartes da
cidade pera goarda dela:& ho mesmo
fez nas naos dos rumes,de q̃ algũas a-
chou acabadas, & assi galeotas & fu-
stas:& a fora esta fazenda q̃ se tomou
forra pera el rey de Portugal,se achou

dentro na cidade muyta artelharia,& muytas armas & munições,& grande soma de diuersos generos de bõs mãti mẽtos.E assi foy achado muyto marfi & lacre,mercadorias de grãde preço ẽ toda a India,& duzentos & cincoenta quitais de cobre,q̃ tambẽ valião muyto,& a fora esta riq̃za & outra muyta de muyta diuersidade que se repartio antre el rey & as partes,q̃ todos ficarão ricos:se tomarão catiuos pera el rey q̃ renderão de resgate mais de vinte mil cruzados.E recolhido o gouernador à fortaleza õde auia de pousar,foy logo a ele Crisnâ pedir seguro pera os bramenes & gẽte da ilha,& assi pera os q̃ fugirão da cidade cõ medo dos nossos: & ho gouernador lho deu ꝑa todos,saluo pera os mouros ou neyteâs,nẽ pera nenhũs desta casta,porq̃ determinaua de os destruyr & desarreigar de Goa. E q̃ndo Crisnâ foy pedir este seguro leuou ao gouernador os liuros dos rẽdimẽtos da alfandega de Goa & suas tanadarias,& assi os em q̃ estauão os gastos da armada dos rumes,& os nomes dos reys & señores,& grandes mercadores q̃ dauão ajuda pera ela,& erão el rey de Calicut,el rey đ Cananor,el rey de Cambaya,muytos señores do mesmo reyno & do Balagate,& algũs mouros mercadores de Cochi,& hũ de Cananor chamado Mamele,q̃ da soma q̃ tinha ꝓmetida ficaua aĩda deuẽdo hũ resto,& assi os đ Cochi,& por isso despois ho gouernador lho mãdou pedir, pera q̃ soubessem q̃ sabia suas royndades & pouca lealdade.E sabẽdo os mouros & neyteâs de Goa a exceição q̃ ho gouernador fizera no seguro,não quiserão esperar ho effeyto de sua determinação,& em tres dias se despejarão da ilha,& os gẽtios ficarão.E sabendo ho gouernador a ida dos mouros,mãdou logo a esses passos dela homẽs baixos,que forão degradados de Portugal dous a cada passo cada hũ cõ cẽ piães canaris,& mãdoulhes q̃ seguissem ho alcãço aos imigos que fugião,& q̃ não desse vida aos q̃ tomassem:& não quis mandar a isto outros homẽs,porq̃ perdẽdose perdiasse muyto,& nestoutros não.E cõ quanto aqueles erão de baixa sorte,& degradados,lẽbrandolhe que erão Portugueses,cõprirão tambẽ o q̃ lhes ho gouernador mãdou q̃ matarã na terra,& fizerã afogar nos rios mouros & mouras sem cõto,& catiuarão algũas aluas & de boõ parecer q̃ leuarão ao gouernador,q̃ ele despois cõ ajuda đ nosso señor fez tornar Christaãs & as casou em Goa:& estes homẽs q̃ assi forão correr aos mouros,mandou ho gouernador tomar posse das tanadarias da terra firme:& assi ho fizerão, & entretãto ꝓueo ele as da ilha de Goa pera q̃ esteuesse a recado.E por ho seguro q̃ tinha dado aos gẽtios,lhe não quis bolir em suas fazẽdas,sômente q̃ pagassem ho tributo q̃ pagauão ao Hidalcão:& as dos mouros & Neyteâs tomou pera repartir pelos Portugueses, q̃ esperaua de casar em Goa,porq̃ cõ ajuda de Deos todo poderoso determinaua de fazer ali corpo de gẽte pera poder sostẽtar a India:o q̃ se podia fazer muyto bẽ por esta terra ser ꝓpria del rey de Portugal,& não emprestada como Cochi & Cananor,& muyto abastada de mãtimẽtos.s.trigo,arroz,carnes,& outros muytos q̃ lhe hião da terra firme,como ja disse.E por esta causa determinou de a fazer muyto forte, & pera a deixar assi se fosse fora da India,como esperaua:& porq̃ pera isso tinha necessidade de gẽte,fez cõ Diogo

mendez que ho ajudasse cõ a sua,& q̃ partiria pera Malaca na moução grande q̃ era em Março:porq̃ pera ho auiamento de sua partida pera Portugal, não montaua ir mais em hũa moução que em outra,pois auia desperar na India a cõ que partisse pera Portugal,& que em satisfação do seruiço que faria a el rey seu señor em dilatar sua partida pera Malaca,ele ho ajudaria como lhe tinha ꝓmetido,& mandaria logo hũ feytor a Cananor pera que entretanto lhe fizesse prestes as cousas necessarias pera sua viajem.E isto lhe disse ho gouernador perante algũs fidalgos,pedindolhe q̃ ho quisesse fazer. E vendo Diogo mẽdez camanho seruiço fazia naquilo a el rey,cõcedeo a dilação de sua partida,& ajuda pera fazer a fortaleza:& a mesma ajuda cõcedeo tambẽ Iorge Nunez de lião,prometendo ao gouernador de se não ir de Goa cõ sua gente ate não ser tempo de sua partida pera Portugal.E ho gouernador despedio logo pera Cananor ho feytor pera as cousas de Diogo mendez,em cõpanhia de Manuel da cunha,a que deu a capitania de Cananor q̃ vagaua porq̃ Rodrigo rabelo que estaua nela por capitão,auia dir ꝑa a de Goa,por ter hũa prouisam pera lhe ser dada hũa que el rey mandaua fazer em Baticalà ou outra qualquer que se fizesse. E chegado Manuel da cunha a Cananor achou ainda hi a Duarte de lemos & os outros capitães que não quiserão ir cõ ho gouernador ao feyto de Goa escusandose com a partida de Portugal,& quando souberão quão bem socedera:& como ho gouernador ficaua pesoulhes a todos muyto de suceder tambem,porq̃ ficarão mentirosos no que quiserão adiuinhar que aquele feyto auia de suceder mal,& com inueja de tanta honrra quanta se nele ganhou,dizião q̃ ho gouernador fizera mal de tomar Goa por q̃ a não a auia de poder soster,& q̃ lha auião de tornar a tomar como da outra vez,& q̃ era cousa de q̃ el rey não auia dauer nenhũ ꝓueito,se não perda:não lhe lẽbrando q̃ assinarão cĩco cõselhos em q̃ acordarão que sem se tomar Goa não se podia soster a India,& dizião muyto mal do gouernador,assacandolhe muytos falsos testemunhos sẽ lho merecer,porq̃ a todos tinha feytas boas obras:& sobre tudo muyto amigo do seruiço de Deos & del rey.

Capt.xliiij.De como ho gouernador começou de fazer a fortaleza & cerca de Goa,& do q̃ fizerão Fernão perez dandrade & Iorge botelho.

Chegado Manuel da cunha a Cananor,ẽtregoulhe Rodrigo rabelo a fortaleza,& partiosse logo ꝑa Goa õde achou ho gouernador trabalhando na fortaleza q̃ fazia muyto forte:& era ho mestre daq̃la obra Thomas fernãdez de q̃ faley no liuro segundo,& a pedra parela se ouue de muytos & muy bõs edificios de cãtolaurado q̃ auia ao derredor da cidade,& por toda a ilha,que por nã seruirẽ aos nossos,& assi pola necessidade que ho gouernador tinha os mãdou desfazer ꝑa fazer a fortaleza & cerca.E todas estas obras forão repartidas pelos capitães q̃ cõ a gẽte de suas capitanias trabalhauão nelas a q̃rtos,assi altos como baixos,& hũs erão cauouqueyros,outros fazião cal,& outros erão pedreyros,& quanto mais honrrados & fidalgos,tanto melhor trabalhauão & se prezauão do officio que lhe era dada polo gouernador:& ho desejo de ho fazerem lho fazia saber

sem ho nũca aprẽderem:& não sòmẽte tinhão os nossos trabalho na fortaleza, mas tambem na ribeyra, trabalhãdo em acabar a armada dos immigos & deitala ao mar, porque se tornassem que não ficasse a armada em terra como da outra vez. E a gente da terra se espantaua do muyto grande trabalho que tinhão:& tambem ajudauão a trabalhar em tudo:& as despesas que se gastauão nestas obras não custauão nada a el rey, porque todas se pagauão com ho grande despojo que se tomou na cidade de que lhe veo muyta parte, antes cõ pagarse assi a gente do seu soldo, & mantimẽto se poupaua pera del rey ho dinheiro em que se lhe ouuera de pagar, & isto foy assi & nã como despois algũs quiserão dizer, cuydando q̃ danauão ao gouernador q̃ fizera mal de tomar Goa, porque auia mais de custar a fazer & a manter do que ela rendia. E isto por lhe auorrecer ho trabalho que leuauão em fazer a fortaleza, que logo pola primeyra com ho aluoroço que tinhão lhe não pareceo nada:& despois que ho esprementarão, & virã que a gente adoecia coele, então lhes pareceo mal a tomada de Goa, & peor fazerse a fortaleza:& coisto dizião do gouernador mil males, que posto que ho sabia dissimulaua, fazẽdo a todos muytos fauores, assi com obras como com palauras, & porque naquele tempo era a moução da vinda das naos Dormuz a Goa pera trazerem caualos, & quiça que não virião por saberẽ que era dos nossos, no que se perderia muyto, mandou a Fernão perez q̃ fosse no seu nauio correr a costa do Balagate ate Chaul, mandandolhe q̃ quantas naos achasse, assi com caualos como com mantimentos, que a todos desse seguro em seu nome & as fizesse arribar a Goa, & trabalhasse por saber nouas Dormuz & do mar roxo se auia rumes, ou se esperaua que fossem à India:& lhe mãdasse logo as nouas como as soubesse, & mãdou por seus capitães pera seguirem sua bandeira, Pero dafonseca de crasto & Antonio de saa. E partido Fernão perez coeste regimento foy ter ao porto de Dabul, dando caça a hũa nao de mouros Dormuz que leuaua caualos, & os mouros não dizião que erão de lá:& metidos no porto vararão a nao em terra, & saluaranse em duas atalayas. O que visto por Fernão perez, & que não podia tomar a nao, mandou dizer ao tanadar de Dabul, q̃ lhe mãdasse logo toda a fazenda daquela nao, se não que não sayria do porto nenhũa vela que a não tomasse. E ho tanadar não somẽte mandou reposta, mas em surgindo tiraranlhe com algũs tiros dartelharia dhũ baluarte q̃ estaua na entrada da barra, & por isso Fernão perez desembarcou com sua gente & ho tomou por força sẽ receber nenhũ dano, & despois ho mandou derribar, & recolher os tiros que tinha. E feyto isto tornouse ao mar, onde andou ate março:& entretãto que Fernão perez isto fazia, Iorge botelho & Simão Afonso bisigudo partirão por mandado do gouernador em duas naos pera andarem darmada sobre ho porto de Calicut, assi pera tomarem hũa galé que ho gouernador sabia que auia de leuar pilotos ao mar roxo, pera que trouuessem rumes à India que dizião que estauão pera hirem, & pera que toruassem que de Calicut não fosse nenhũa nao a Meca, & andarão ãbos ali quatro meses sem sayr a galé, nẽ menos sayo nao nenhũa. E andãdo ali foy ter cõ Iorge

botelho hũa nao grande que trazia muyta gente branca com que pelejou, & morrerão na peleja algũs dos nossos porem dos immigos morrerão muytos,& a nao foy espedaçada das nossas bombardadas que quanto hia nela se perdeo, saluo algũs fardos de roupa, & cento & vinte mil cruzados em hũ cesto:& assi se estoruou que não fosse nenhũa nao de Calicut ao mar roxo.E coestas presas & outras que os nossos fazião se pagaua ho soldo,& mantimẽto à gente que ho gouernador trazia.

Capit.xlv.Do q̃ Duarte de lemos fez em Cochim,& do que Francisco de saa & Manuel da cunha fizerão em Cananor.

AVendo tãbẽ oyto dias ou dez q̃ Goa era tomada, despachou ho gouernador a Nuno vaz de castelo branco pera q̃ fosse a Cochi acabar de cõcertar a sua nao que là ficara,& acabada a carregasse de especiaria,& se tornasse a Goa pera ir coele ao mar roxo,onde esperaua dir,& deu lhe hũa carta pera el rey de Cochi,em que lhe escreuia ho feyto de Goa,& pedia que desse auiamento à carrega das naos com breuidade.E escreueo ao feytor q̃ fizesse acabar de cõcertar algũs nauios darmada q̃ estauão em Cochi & lhos mandasse logo.E chegado Nuno vaz a Cochim,foy dar a carta do gouernador a el rey,cõ quẽ estauão muytos mouros mercadores desses principais que ja tinhão noua da tomada de Goa,mas não muyto certa, & pesaualhes muyto.E el rey de Cochim folgou muyto douuir a tomada de Goa q̃ lhe Nuno vaz contou:& ainda q̃ Mamale macar & Chirinamacar hirmãos mouros ho ouuirão,com ho pesar que disso tinhão como homẽs desacordados preguntarão a Nuno vaz se era verdade o que dizia:& ele lhe disse que si,& q̃ era ainda muyto mais do que tinha dito:& Mamale que era ho mais velho meteo ho dedo na boca despantado(que assi fazẽ quando sespantão muyto)& disse. Agora acabou ho gouernador de dar volta à chaue da India ẽ fauor de seu rey.E andando Nuno vaz occupado no corregimento da sua nao, mandoulhe ho gouernador hũ regimento, em que lhe mandaua que das moças q̃ tomara em Goa a primeyra vez,que estauão em Cochi como disse,tomasse vinte quatro que logo hião nomeadas, & as repartisse por tres capitães dos que auião dir pera ho reyno,q̃ erã Gonçalo de siqueyra,Garcia de sousa, & Ioão nunez pera as leuarem de sua parte à raynha,& que as outras mãdasse vender em pregão & a recadasse ho dinheiro como q̃drilheiro mór q̃ era, & Nuno vaz ho fez assi.E estas moças mandaua ho gouernador à raynha pera seu seruiço por serem nobres & fermosas & as ter por virgẽs: porem neste tempo se soube que Duarte de lemos sendo elas mouras peccaua carnalmente com hũa delas,& assi outros cõ outras.E isto se soube,porque indo hũ dia Nuno vaz a velas pera lhes dar de vestir,sobindo pela escada sentio que bulia hũ degrao, & porq̃ lhe pareceo mal & a escada ser escura mandou trazer hũa tocha com que vio que ho degrao estaua fendido,& encerado por cima da fenda por se não enxergar:& parecendolhe aquilo algum misterio porq̃ Duarte de lemos pousaua ẽ hũa

hũa casa pegada com a torre em que estauão as moças, quis saber a causa da fenda daquele degrao, & enceramento dela: & pera isso mandou açoutar hũa moura velha que tinha cargo de seruir algũas daquelas moças, que confessou antes de a açoutarem, q̃ Duarte de lemos despregara aq̃le degrao, & por ele tiraua de noyte a moça que queria, & assi outros dous que tam bem tirauão as que querião, & as tinhã de noyte ẽ suas camas, & antemanhaã as tornauão: & isto por hũa casa a que hião ter da em que pousauão per hũa tauoa que tirauão dhũ repartimento q̃ as repartia, & a mesma confissam fizerão outras molheres. O que Nuno vaz escreueo ao gouernador a Goa: & assi de hũ grande aluoroço que Duarte de lemos fizera ẽ Cochĩ sobre a carregação da sua nao, porque querẽdo ho feytor carregar primeyro as naos que ficarão do anno passado, como tinha por regimento do gouernador. Sabẽdoho Duarte de lemos foyse ao peso õde pesauão a pimẽta leuando cõsigo seu hirmão, & os capitães da sua capitania, & assi outros homẽs, & disse ao alcayde mór & ao feytor que hi estauão que se não auia de dar carga a outrẽ primeyro que a ele, & quando lha não quisessem dar primeyro q̃ a tomaria ás cutiladas. E respondẽdolhe ho feytor mansamẽte que auia de comprir o que lhe ho gouernador mandaua: ele muyto menẽcorio começou de dizer que não tinha de ver com ho gouernador, nẽ ele podia mandar na sua carga. E por aqui começou de se soltar em muytas palauras soberbas & mal insinadas, assi contra ho gouernador como contra ho feytor, & contra ho alcayde mór, & quasi q̃ ouue arrancar das espadas, & se não acodira Gonçalo de siqueyra ouuera de ser hũ muyto mao recado, & ho alcayde mór sayo dali quasi arrepelado, & cõ a loba rasgada. E com tudo as naos que ho gouernador mãdaua se carregarão primeyro: do que Duarte de lemos ficou muyto menencorio, & tão brauo q̃ não podia ninguem coele, & sobre hũs serradores que serrauão madeira pera ho corregimento da nao de Nuno vaz q̃ ele quisera tomar, ouue tambẽ más palauras com ho alcayde mór, que lhe tolheo que os não tomasse, & jurou que a largaria as escoras aa nao pera que se fizesse em pedaços. E sobre ho mesmo caso ouue tambẽ rezões cõ Nuno vaz, & lhe disse q̃ lhe daria cõ a nao á costa. Porem não ouue os serradores, nẽ deu com a nao aa costa: & tudo isto com ho das moças escreuia Nuno vaz ao gouernador, & assi ho alcayde mór & feytor: & auisos de cousas de Calicut que erão necessario q̃ ho gouernador soubesse. E indo ter estas cartas a Cananor, forã tomadas per Frãcisco de saa, & p̃ Manuel da cunha capitão da fortaleza que era seu primo, & abrirannas, & virão o que dizião. E como Francisco de saa era grande amigo de Duarte de lemos auisouho do que hia nas cartas cõtrele: & não abastou a Francisco de saa & a Manuel da cunha abrirem estas cartas & não as deixarem ir ao gouernador, se não tomarão tambem as que mãdauão ho feytor & alcayde mór ao gouernador, em que hião cousas que releuaua muyto sabelas ele, pelo que compria ao seruiço del rey de Portugal. E ho mesmo fizerão a outras cartas que ho gouernador mandaua a Cochim: & assi abrirão hũa via de cartas que ho gouernador mandaua a el rey seu senhor, em que lhe escreuia ho feyto

de Goa,& como Duarte de lemos & os outros capitães não quiſerão ir coele tendolhe prometido de ir. E tudo iſto Franciſco de ſaa eſcreueo a Duarte de lemos com que ho fez eſtar peor com ho gouernador do q̃ eſtaua, & dizer dele piores couſas do que dantes dizia, & aſſi os outros todos. E eſta via q̃ foy aberta mandou ho gouernador a Manuel da cunha pera que a deſſe a Gonçalo de ſiqueyra q̃ a leuaſſe,& ele lha não quis dar,& deu a a Franciſco de ſaa, q̃ partio primeyro pa Portugal,q̃ como digo a abrio,& vio os ſegredos que hiã dentro:& deſtas ẽburilhadas ſe ſeguio muyto deſeruiço de Deos & del rey, aſſi em todos eſtes capitães que hião pera Portugal dizerem muyto mal do gouernador,& ſemearem grandes eſcandolos antrele & a gente da India cõ que lhe leuarão pa Portugal algũa da ordenãça dela,de q̃ ho gouernador tinha muyta neceſſidade. E indo Gonçalo de ſiqueyra & Duarte de lemos ter a Moçambiq̃ quando hião pa Portugal, acharão hi hũ Ioão ſerrão que hia por capitão de duas naos pera a India:& dizẽdolhe eles muyto mal do gouernador polo que eſcreuia deles a el rey:ele lhes diſſe q̃ não curaſſem diſſo porque el rey eſtaua muyto bẽ coele,& ſe auia por muyto bem ſeruido dele. E iſto os abrandou tanto que lhe eſcreuerão,pedindolhe perdão do paſſado,& pedindolhe que eſcreueſſe bem deles a el rey & mandarãlhe bem oytenta homẽs q̃ lhe leuauão enganados pera Portugal. E iſto ſoube deſpois ho gouernador por Ioão ſerrão quãdo foy ter á India.

¶ Capit.lxvj. De como el rey de Cãbaya mandou ao gouernador Diogo correa & Franciſco pereyra de berredo,& de como o gouernador tirou a capitania de Cananor a Manuel da cunha.

HO gouernador que nã ſabia nada deſtas cartas que ſe tomauã em Cananor, eſtaua muyto eſpantado de lhe não reſponderẽ de Cochim & julgaua mal que ho não fazia atribuindolho a ter pouca lembrança do ſeruiço del rey,& pouco temor de ho ele caſtigar por iſſo:ſe não quando começou de lhe ir aas orelhas o que era que ele não podia crer por a couſa ſer tão fea, que ſe não eſperaua dos que a fazião. E eſtando neſta duuida de iſto ſer aſſi,tirou ho dela Nuno vaz de caſtelo branco que chegou de Cochim com a ſua nao acabada,& carregada de eſpeciaria,& lhe contou tudo o que diſſe. E mandando ho gouernador pedir a Manuel da cunha a via das cartas que lhe mandara pera dar a Gonçalo de ſiqueyra,reſpondeolhe q̃ a dera a Franciſco de ſaa que a leuaſſe porque a fora partir primeyro que Gonçalo de ſiqueyra, ſoubera que eſtaua Gonçalo de ſiqueyra tão de vagar(por lhe el rey da pimenta entreter a com q̃ auia de carregar)que lhe parecera melhor dala a Franciſco de ſaa. E eſtãdo ho gouernador confuſo ſobre o que faria neſte caſo,porque ſentio muyto o que fizerão Franciſco de ſaa & Manuel da cunha por pjudicar tãto ao ſeruiço del rey & aſſeſſego da India, chegarão a Goa Diogo correa & Frãciſco pereyra de berredo q̃ eſtauão catiuos ẽ Cãbaya,& vinha coeles ho Chatĩ gẽtio de Cananor,q̃ o gouernador mãdara a ſaber delrey d̃ Cãbaya ſe q̃ria reſ-

gatar os nossos que laa estauão catiuos: & contarão ao gouernador como Miligupi, aquele priuado del rey de Cambaya, sabendo ao que ho Chatim hia, tomara ho negocio nas mãos, & fizera com el rey de Cambaya, que alem de dizer que era contente de resgatar os catiuos dera aqueles dous pera mostra do gouernador saber q̃ os nossos estauão catiuos. E estes dous forão escolhidos, por Miligupi ter coeles amizade, & p eles escreueo ao gouernador quãto desejaua de ho ter por amigo, & que era verdadeiro seruidor delrey de Portugal. E Diogo correa & Francisco pereyra, pedirão ao gouernador que os tornasse logo a mandar a Cambaya, ou mandasse resgatar os outros catiuos q̃ laa ficauão, porque quando lhes el rey de Cambaya dera licença pera hirem à India fora com aquela cõdição, & eles lhe derão suas fees de ho fazerẽ assi. E ho gouernador lhes disse que os mãdaria, ou mandaria resgatar os catiuos: porem como soube que dom Afonso seu sobrinho era morto arrefeceo disso, & mais polas grandes ocupaçoes q̃ tinha: & não mandou a Diogo correa porq̃ teue necessidade dele pera ho mandar por capitão de Cananor, por estar determinado de tirar a capitania a Manuel da cunha pelo q̃ sabia dele. E assi ho fez, & mandou a Diogo correa que tomasse a menajẽ a Manuel da cunha, & lho mandasse a Goa: donde despois de vindo, lhe ho gouernador tomou a menajem que não sayse da cidade. E esta foy a causa porque Diogo correa não tornou a Cãbaya, & tão pouco tornou Francisco pereyra: porque receandose ho gouernador que não passassem alguns mouros à ilha, lhe mãdou & a Duarte de melo q̃ em bateys armados rodeassem a ilha do passo seco ate Benastarim. E andando eles nesta goarda, tirando hũ dia hũ berço do batel de Frãcisco pereira deulhe ho rabo dele na canela de hũa perna, & fezlhe hũa grande ferida, de que ficou tão mal que foy necessario deixar a goarda do passo, & foyse à cidade, dõde despois ho gouernador (por ela ser muy p̃judicial pera feridas de pernas) ho mandou a Cananor pera se hi curar, porq̃ ho capitão era seu tio. E despois disto sucedeo ir ho gouernador fora da India, & por isso não mãdou mais recado a Cãbaya.

Capit. xlvij. Dos embaixadores que alguns reys & principes da India mandarão ao gouernador a fazer coele paz: & como o gouernador arrẽdou as tanadarias da terra firme a Merlao hirmão del rey Donor.



A neste tempo estaua ho gouernador de posse das tanadarias da terra firme da ilha de Goa, & tinha postos nelas tanadares Portugueses, & escriuães homens conhecidos. Na tanadaria Dantruz estaua por tanador hũ Diogo camacho, & por escriuão Diogo guisado: & na de Caste a pedraluarez que fora paje do conde dabrãtes, & Gaspar machado por seu escriuão: ẽ Cintacora Brás vieyra criado del rey & Diogo de salas: & em outras pos outros homens de menos calidade porque erão mais perigosas. E determinando ho gouernador de fortalecer & ennobrecer Goa pera o que disse, começou de casar daquelas moças que tomou em Goa, assi mouras como bramenas que tinha feytas

Christaãs & casaua as cõ homẽs Portugueses. E pera comouer outros a fazerem ho mesmo daua a estes que casauão tanadarias dos passos da ilha almoxerifados na alfandega, & na fortaleza: & assi esereuaninhas destes cargos, & dos da justiça a hũs perpetuos a outros por annos segũdo lhe parecia: E a estes & a outros em q̃ não cabião officios daua da fazẽda de raiz que fora dos mouros, & Neyteas, & aos criados del rey pagaua tambẽ em casamentos, & a algũs mais alẽ do q̃ era ordenado, & a todos daua grandes priuilegios de prihiminẽcias de suas pessoas, & de nã pagarẽ tributos: & assi muytos fauores mandandolhes cada dia presentes, chamando filhas a suas molheres, saindo a recebelas á porta da igreja q̃ndo lá hiã & fazendoas assentar em seus lugares, & indo as a visitar por sua pessoa muytas vezes, & tratandoas ꝓpriamẽte como a filhas, pelo q̃ se comouião os homẽs a casar: de maneyra que antes que ho gouernador partisse de Goa, casarã mais de cento & cincoenta homẽs, em que entrauão muytos criados del rey, & outros homẽs conhecidos. E era pa louuar a nosso senhor a inclinação com q̃ casauão sendo tão lõge de sua terra, & cõ molheres tão estranjeiras de sua natureza, & ẽ terra tão noua pareles & tão cercada de imigos, onde ho perigo estaua tão certo: & bẽ parecia que aqui lo era ordenado por nosso señor, pera que aquela cidade fosse a que agora he. E a fora os officiais que ho gouernador pos na fortaleza, fez juizes de que foy ho primeyro hũ Frãcisco da madureyra casado, & assi vereadores & almotacẽs. E porque sendo Goa do Hidalcão se lauraua nela moeda, mandouha ho gouernador tambẽ laurar, assi de prata como douro & de cobre, & mãdou a pagar a moeda dos mouros, & q̃ se cunhasse do cunho da Portuguesa, & a de prata se chamasse esperas, & meas esperas por amor da diuisa del rey que era espera, & a do ouro Manueis, por ho nome ser Manuel, & a do cobre leais, por amor da lealdade dos Portugueses: & tiroulhe ho nome de bazaruco, como lhe chamauão os mouros a esta moeda de cobre. E co isto se ẽnobrecia a cidade de cada vez mais, & crecião as mercadorias, & a noua dos nossos a terem romada: & do fundamento que ho gouernador fazia se diuulgaua cada dia por essas terras comarcãs, & dahi mais auante. O q̃ quebrou grandemẽte os corações aos reys & senhores da India, que todos cuydauão que com a armada que ali fazião, & com se fazer em hũ corpo ho poder do soldão, del rey de Cambaya, do Hidalcão & del rey de Calicut que lançarião os nossos fora da India, & os desarreygarião de la, porque assi estaua ho cõcerto feyto antre estes principes: & por isso todos os outros da India dauão ajuda pera a armada que se fazia em Goa. E quãdo a virão ẽ poder dos nossos ficarão enfreados de todo: & sabẽdo como ho gouernador queria fazer nela cabeça, dessesperando de os nossos não sayrẽ nũca da India, determinarã de pedir paz ao gouernador, & reformar as que tinhão dantes, & pagar as parias que pagauão. E ho primeyro foy el rey de Baticalá que auia muyto que as não pagaua, mandou logo coelas seu ẽbaixador, offrecẽdo ao gouernador lugar pa fazer logo a fortaleza ẽ seu porto, q̃ sabia q̃ el rey de Portugal desejaua de fazer. E o gouernador tomou as parias & cõcedeolhe paz & amizade & não quis a

fortaleza por nãoauer dela necessida-de. Ho senhor de Chaul tambem mãdou embaixador cõ as parias q̃ deuia do tempo do visorey, & assi mandou hũa nao carregada de mantimentos: & ho mesmo fizerão, Meliqaz capitão de Diu, el rey Donor, el rey de Venga por. E el rey de Narsinga tambem mãdou seus ẽbaixadores, & como soube q̃ Goa era tomada, não quis desistir da guerra que fazia ao Hidalcão, nem lhe quis pagar parias que pagaua dantes. E era fermosa cousa de ver todos estes ẽbaixadores quanto ennobrecião Goa, que parecia que estaua ali hũa grande corte. & ho gouernador os detinha pa q̃ hũs vissem os outros, & todos jũtos vissem fazer aquela fortaleza, de que se todos espantauão muyto, & muyto mais a gẽte da terra de tamanhos principes terem necessidade de paz cõ ho gouernador, & ja se contentauão de serem vassalos del rey de Portugal. E despois que ho gouernador vio que os embaixadores tinhão bẽ visto a fortaleza que fazia, & lhe pareceo q̃ não virião mais ẽbaixadores, começou de despachar aqueles, concedendo a hũs o que pedião, & respondẽdo aos outros que ele respõderia por seus embaixadores aos que os mandauão. Tambẽ neste tẽpo veo ao gouernador hũ embaixador de Merlao capitão gentio, & de grãde fama antre os gẽtios, que era sobrinho daquele rey Donor q̃ deu Mergeu ao visorey, & per sua morte pertencia ho reyno de dereyto a este Merlao que digo: mas seu tio por descontentamento que tinha dele lho tirou quãdo faleceo & ho deixou a outro hirmão de Merlao que era mais moço, que despois que reynou nũca mais pagou as parias que seu tio pagaua, & era grande immigo dos nossos, & cõ medo da tomada de Goa mandou as parias ao gouernador como disse. E este Merlao despois da morte de seu tio esteue sempre com gẽte sua de pê & de caualo nas terras de Batecalâ por serem perto Donor a que fazia guerra cõtinuamente pera ver se podia cobrar ho rayno q̃ era seu de dereyto. E sabẽdo que ho gouernador tomou Goa, mandoulhe dizer por este embaixador que digo ho agrauo q̃ lhe seu tio fizera em lhe tirar ho reyno, & a força q̃ lhe seu hirmão fazia em lho ter: & q̃ se ho quisesse receber por vassalo em nome del rey de Portugal que ele seria muyto contente de ho ser, cõ tanto que ho fauorecesse pera cobrar seu reyno, pera que não queria mais q̃ arrendar as tanadarias da terra firme de Goa: & cobrando ele ho reyno que era seu, ele pagaria as parias que seu tio pagaua, & seu hirmão queria pagar, & seruiria sempre a el rey de Portugal como seu vassalo & sua feytoria. E considerando ho gouernador a valentia de Merlao, & ho poder que tinha & valia antre os gentios, & que costumara sempre fazer guerra aos turcos, & p̃ duas vezes os teuera cercados ẽ Goa sendo capitão del rey de Narsinga, pareceolhe que compria muyto ao seruiço del rey seu senhor lançar mão deste homẽ & recolhelo: & que ele muyto melhor q̃ nenhũ dos nossos saberia gouernar a terra firme, & teria a gente assessegada por ser conhecido antreles. E respõdeolhe que era contente de fazer o que pedia, & mãdou por ele a Batecalâ, onde embarcou com sua gẽte & caualos, & foranno receber a Cintacorá, onde auia de desẽbarcar dous capitães dos nossos com dous mil piães da terra pa que ho acõpanhassem ate Goa, & mã-

dou cartas aos tanadares da terra firme por onde paſſaſſe que ho recebeſſem, & obedeceiſſem como a peſſoa del rey de Portugal. E iſto porque Merlao folgaſſe mais de fazer o que mandara dizer que faria, porque fazendo ho tinhe por muyto certo acrecentar grãde mente no proueito da fazenda del rey ſem lhe cuſtar gente nem outro gaſto. E todos os tanadares fizerão muyto bẽ o que lhes ho gouernador mandou. E vindo Merlao a Goa, lhe fez ho gouernador grande recebimento, & aſſi a outro gentio chamado Içarao, que fora capitão pricipal del rey de Narſinga, & a ambos de dous deu caualos & ioyas, & os mandou apouſentar muyto honradamente, & fez cõtrato cõ Merlao, q̃ tirãdo tres meſes de hũa paga de ſoldo que a gente da terra ficaua deuẽdo aos turcos, dali por diante pagaſſe da renda por as tanadarias q̃ el rey de Portugal tinha na terra firme corenta mil pardaos douro, que pola noſſa moeda erão trinta & oyto mil cruzados: & que lançandoſe fora da tanadaria de Põdà Melicagi mouro capitão do Hidalcão que ainda eſtaua nela, que ficaſſe tambẽ aquela tanadaria, & pagaria então cada no ſeſſẽta mil pardaos douro, que erão cincoenta & ſeys mil cruzados: & iſto pagaria ẽ quatro pagas, como ho pouo era obrigado de pagar ao Hidalcão. Feyto eſte cõtrato, & aſſinado por Merlao & polo gouernador: ele mãdou ajuntar todos os veiquibaris, que ſam capitães gẽtios, que antes da vinda dos mouros mãdauão a terra, & erão naturais dela, que os mouros tinhão lãçado fora do ſenhorio, & deſpois da tomada de Goa ho gouernador os recolheo, & agaſalhou. E a eſtes entregou ele Merlao pola mão, pera q̃ ho teueſſem por ſeu gouernador, dizendolhes ho cõtrato que tinha feyto coele. E todos ho receberão por ſeu capitão & gouernador cõ muytas feſtas & tãjeres a ſua vſãça: & perãteſtes entregou ho gouernador a Merlao a gouernança das tanadarias da terra firme. Pera õde ſe partio logo com Içarao acõpanhado de cinco mil piães da terra ſeus, & cincoẽta homẽs de caualo. E chegado às tanadarias tomou poſſe delas, & a gente da terra folgou muyto de ſer gouernada por ele.

Capit. xlviij. De como determinando ho gouernador de ir ao mar roxo, mandou a Diogo fernãdez de beja derribar a fortaleza de çacotorà: & do que ho gouernador paſſou com Diogo mendez de vaſconçelos.

TEndo o gouernador por noua certa que os rumes eſtauão em Adẽ pera vir à India a chamado d̃l rey de Calicut, & do Hidalcão, & del rey de Cambaya, pera que todos ẽ hũ corpo deitaſſem os noſſos fora da India, determinou de os ir buſcar & pelejar coeles, eſperando em noſſo ſenhor de os deſbaratar, & deſpois tornarſe a Ormuz, & inuernar hi & acabar a fottaleza q̃ deixara começada, porque ſentia muyto a treição que lhe fez Coieatar. E eſtando a fortaleza de Goa em tal ponto que lhe não falecia mais que a caua pera ſe acabar, mãdou a Diogo fernandez de beja que foſſe diante eſperalo a çacotorà, cuja fortaleza mandaria entretanto derribar & arraſar, & recolheria os noſſos q̃ eſtauão nela, & aſſi a gente da terra q̃ ſe quiſeſſe recolher coele. E mãdaua a derribar porque a gente da trrra geralmẽte era

mais amiga dos mouros que dos nossos & leuantauasse muytas vezes cõ eles quãdo lhe os mouros fazião guerra:& mais a terra era tão pobre de mantimẽtos que os nossos se não podião manter & por isso auião de ser muyto poucos, pelo que estauão em grande perigo se lhe os mouros,que auia muytos ao derrador fizessem guerra que lhe não podião socorrer da India tão asinha, & mais não seruia ali de nada aq̃la fortaleza,porque não queria el rey de Portugal trazer ali armada cõtra ho estreyto porque não podia inuernar em çacotorã polas causas q̃ digo:& mandou mais ho gouernador a Diogo fernãdez que ho esperasse em çacotorã ate a fim de Mayo,& quando não fosse ter coele q̃ se fosse a Ormuz com cartas q̃ lhe deu pera el rey Dormuz & pera Cojeatar que pagassem as parias a Diogo fernãdez,notificandolhe q̃ era gouernador da India,& que tinha tomada Goa,& dali se tornasse a Goa em Agosto,& se ajũtasse com a armada que hi achasse, & deulhe pera esta viajem ho rey grãde que foy de dom Ieronimo de lima, & assi a capitania mór de Antonio de matos,& de Gaspar cãoque mãdou coele. E partido Diogo fernandez pera çacotora foy dito em segredo a Diogo mendez de vasconçelos que ho gouernador honã auia de deixar ir a Malaca & hoqueria leuar ao mar roxo. O que sabido por ele não ho pode crer pola promessa que lhe o gouernador tinha feyta,& por quão bem ho tinha ajudado,que ele com a sua gente ajudou a fazer a fortaleza & cerca,& fez aquele baluarte que está sobre a porta que se chama ho de Malaca,por amor que aqueles q̃ ho fizerão hião pera la:& cõ tudo Diogo mendez disse ao gouernador perante algũs fidalgos q̃ ele tinha muyto bẽ comprido coele que se chegaua ho tempo pera a sua ida de Malaca,que lhe pedia que ho ajudasse como tinha prometido.E ho gouernador respondeo que ele lhe prometera de lhe dar toda a ajuda que podesse pera ir a Malaca,porque indo como hia não era seruiço del rey seu senhor,polo grãde perigo a que se auenturaua de ho matarem com quantos leuaua,& lhe tomarem as naos & mercadoria de que hião carregadas,porque muyto mais gente leuara Diogo lopez de siqueyra & mais naos,& melhor armadas que as suas, & não ousara de pelejar com a armada de Malaca.E pera ir como compria a seruiço del rey seu senhor,ho deteuera & pedira que fosse coele na tomada de Goa,cuydando que lhe podesse dar ajuda,que lhe não podia dar por quãto as cousas sucederão doutra maneyra q̃ ele cuydaua:porque bẽ sabia por quão certa se tinha na India a vinda dos rumes a ela.E pera seu assessego & credito del rey seu senhor,era necessario ir ele ao mar roxo a buscalos pera pelejar coeles,donde não podia tornar a inuernar à India,senão a Ormuz,õde tinha mandado del rey q̃ fosse acabar a fortaleza que ficaua começada,& assessegar el rey Dormuz nas pareas que auia de pagar:& pera isto não tinha ele tãta gente quanta lhe era necessaria,& ainda dessa que tinha de necessidade auia de deixar em Goa,ao menos quatrocẽtos homẽs Portugueses,porque se os mouros tornassem como da outra vez que achassem quem lhes resistisse:& por esta rezão lhe não podia dar,não sómẽte a ajuda que ele quisera mas nenhũa,do q̃ lhe pesaua muyto pola obrigação em q̃ lhe era:& pera ele ir a Ma-

laca, assi como viera de Portugal, que lhe não parecia bem porque tinha cartas de Ruy daraujo, em que lhe dizia q̃ ho Bendâra & el rey de Malaca esperauão que fosse sobreles grande armada a vingar o que fizerão a Diogo lopez: E coeste medo tinha tirado da prisam a ele, & aos outros: & apousentado em hũa casa, em que lhes mandarão dar algũa mercadoria da q̃ fora tomada na nossa feytoria, pera que Ruy daraujo começasse de tratar cõ os mercadores da terra, & a fora isto lhe fazia ho Bendâra cada dia mil auõdanças, dizẽdo q̃ desejaua de ser vassalo del rey de Portugal, & q̃ por isso castigara muyto rijo os que fizerão ho aleuantamẽto cõtra os nossos. E estando em Malaca coeste medo se ele fosse como viera de Portugal, perderião os immigos de todo ho credito dos nossos, & aluoraçarsehião pera fazerẽ o que fizerão da outra vez & começarião logo nos nossos q̃ tinhã em poder. E sua ida a Malaca não seruiria mais que disto, por isso q̃ não deuia dir lâ. E porq̃ ele não ficasse desauiado, & pola obrigação em que lhe era, & a amizade q̃ lhe deuia, lhe queria fazer hũ de dous partidos q̃l ele mais quisesse. Ho primeyro era que se quisesse ir coele ao mar roxo com suas naos que se obrigaria a carregarlhe a sua camara, & as de seus capitães & quintaladas de drogas. E as naos de pimenta q̃ ho seu feytor faria prestes no inuerno: & em quãto as naos andassem em sua companhia, a sua gente seria paga de soldo aa custa del rey, & isto por as naos serem de mercadores. Ho outro partido era que se por cansado nã quisesse ir coele, que lhe daria aquela fortaleza de Goa onde ficasse: porẽ que as suas naos auiã dir coele com ho partido que dizia: & q̃ nisto não sòmẽte faria a el rey muyto seruiço, mas que seguraria sua armada. O que ouuido por Diogo mendez, se agastou muyto, & respõdeo que ele auia dir a Malaca como lhe el rey mandaua, posto que soubesse q̃ os perigos de lâ erão em dobro. E começou de se a queixar do gouernador: q̃ muyto mãsamente lhe disse que se não agastâsse, & que cuydasse no que lhe cometia, & ho praticasse com os seus capitães & com seus amigos: & auido seu conselho, lhe desse ou mandasse a reposta. Ao q̃ Diogo mendez respondeo que aquela lhe daua por final, & q̃ logo se aparelhaua pa sua partida. E porque ho gouernador se começou dagastar desta reposta meteranse no meyo os que hi estauão, dizendo a Diogo mendez que se não agastasse, que sem payxão mãdaria depois dizer ao gouernador o q̃ assentaua cõ seus capitães, & logo ho fizerão ir pera apousada: & ho gouernador ficou dizẽdo aos que hi estauão por quãtas rezões vinha bem a Diogo mẽdez ir coele, rogando a todos que lho conselhassem, especialmẽte a Fernão perez dandrade que era grande seu amigo, q̃ ho fez assi, mas Diogo mendez nunca quis tomar seu conselho. O que sabido polo gouernador, porque via claramẽte que se Diogo mendez fosse a Malaca no mais que com ho apercebimento que tinha, não podia deixar de se perder: porque não parecesse que ho encõtraua como imigo, pos aquele feyto em conselho, & propondo nele tudo o que dissera a Diogo mendez, foy acordado por todos que ele nã fosse a Malaca da maneyra que estaua, & que a sua armada ficasse sobre ho gouernador pa dar cõta dela, & da pda q̃ recebesse el rey ou as partes por não ir a Malaca. Isto a

que Diogo mẽdez fugisse com a arma
da pos lhe pena de degredo, & perdi-
mento da fazenda que se não fosse de
Goa sem sua licença & a cada hũ dos pi
lotos de sua armada, mandou sopena
das vidas, & perdimento das fazẽdas,
que posto que se Diogo mendez quises
se ir eles não fossem coele, & sob a mes-
ma pena lhe descobrissem sua ida co-
mo a soubessem. E com tudo isto Dio-
go mẽdez determinou de ir a Malaca,
& por segurar ho gouernador dissimu
lou coele fazendoie muyto esquecido
de sua ida: & assi se fazia a todos, porq̃
ninguem sospeytasse que ele se queria
ir: & deu cõta de sua ida a seus capitães,
& Pero quaresma lha contrariou, dizẽ
do q̃ era escusado falar nisso, pois esta
ua certo não poder sayr da barra sem
ho gouernador ho saber, & como ho
soubesse auia de mandar apos ele, & pe
ra se defender seria necessario pelejar,
& farsehia hũ muyto mao recado, por
isso que não curasse de tal ida, & visse
se podia acabar por bẽ com ho gouer-
nador que lhe desse licença pera ir. O
que Diogo mendez não quis fazer, &
disse que fosse o que quisesse que não a
uia de deixar de ir a Malaca: & Balte-
sar da silua não estaua em Goa que a
doeceo & foyse curar a Cananor, &
Diogo mendez insistia em ir, porque
ho piloto de Baltesar da silua chamado
dalcunha ho pereyra, lhe dizia que ele
ho tiraria de noyte fora da barra & ho
leuaria a Malaca, & não deixasse de ir
porque se faria la muyto rico, & ho mes
mo lhe dizia ho seu mestre. E este pilo
to de Baltesar da silua, ho fora tambẽ
Dafonso lopez da costa quando com
os outros capitães fugio Dormuz ao
gouernador, & ele foy o que lhes pro-
meteo de os leuar à India, & por esta
promesa lhe deu Diogo mendez a ca-
pitania do nauio. E tambẽ Anibal cer-
niche disse a Diogo mendez que não
deixasse dir, porque ele ho seguiria. E
Diogo mendez fez conta que se os ou-
tros capitães não quisessem ir, que fa-
ria capitães os mestres das naos, & fa-
ziasse prestes quanto podia.

Capitolo.xlix. De como querẽdo Diogo mendez de vasconçelos fugir pera Malaca foy preso com outro capitão seu, & do mais q̃ se sobr isso fez.

ORdenando Diogo men
dez assi sua partida, sou
be o gouernador como
hum Duarte tauares es
cudeyro do conde da-
brantes que ele tinha por tanadar na
ilha de Chorão, fora fazer hũ salto na
terra firme, onde ho catiuarão os im-
migos: & cuydando ho gouernador q̃
se poderia ainda auer, mandou laa Dio
go mendez, Manuel de lacerda, Pero
dafonseca de crasto, & Nuno vaz de
castelo brãco com a gẽte das suas naos
& nos seus bateys. E chegando eles ao
passo deçancalim por onde Duarte tã
uares passara, poyarão na terra firme,
onde auendo lingoa da terra souberão
que Duarte tauares era ja muyto meti-
do polo sertão, que ho leuauão ao Hi-
dalcão. E vendo que não podião fazer
nada nem leuauão mantimẽto pera fa
zerem todos detença, acordarão que
Diogo mendez, & Manuel de lacerda
se tornassem pa a cidade, & Nuno vaz
& Pero dafonseca ficarião ẽ quãto lhes
abastasse esse mantimẽto que tinhão:
& assi se fez. E tornandose Manuel de
lacerda & Diogo mendez pera a cida-
de chegarão ja noyte: & como Diogo

tinha mãdado recado aos mestres das naos que esteuessem a pique, porque a quela noyte auião de partir: não curou de desembarcar na cidade, & foyse ás suas naos que estauão antre Rabandar & Pangim, & hi achou dos seus capitães Anibal cerniche somente, que Pero quaresma não quis, & Baltesar da silua não era vindo de Cananor. E estando as naos a piq̃, partiose logo Diogo mẽdez leuando os bateys as naos atoadas, & em toda a noyte não pode mais chegar que ate a baya da agoada, & ali lhe começou de vẽtar a viração que ho detinha, & assi Anibal cerniche & ho nauio de Pero quaresma, que ho de Baltesar da silua era ja fora da barra. Disto foy logo ho gouernador auisado por Manuel de lacerda que era goarda do rio de Pangi, & acodindo á ribeira despedio Iames teixeira em hũa fusta cõ hũ escriuão perãte quẽ req̃resse da sua parte a Diogo mendez que se não partisse & se tornasse pera dẽtro, & quãdo não quisesse que lhe tirasse por alto: & quando coisso não quisesse que ho metesse no fundo, & ho mesmo mandou a Dinis fernandez de melo, q̃ mandou em hũ parao despois de Iames teixeyra: & tambẽ forão outros bateys, antre os quaes foy ho de Manuel de lacerda, & mãdou a Simão dandrade que fosse por terra com gente de caualo, & se posesse fora na praya, & fauorecesse os q̃ mandaua nos nauios, & se lhe parecesse bẽ que fosse falar cõ Diogo mendez & lhe conselhasse que não posesse sua honrra no risco em que a punha. E assi mandou muytos bateys & paraos com gente pera que ajudassem os que hião diante, de q̃ chegou primeyro Iames teixeyra, & achou Diogo mendez que andaua ás voltas na baya da agoada pa sayr por lhe ser ho vento ponteiro, & a chou na boca da barra Duarte da silua deluas capitão da galé que fora de Diogo fernandez debeja, & fazia requerimentos a Diogo mendez q̃ se tornasse pera dẽtro, & por não querer lhe tirou naq̃la hora hũ tiro por alto, cõ que lhe derribou a verga grande, & Iames teixeyra lhe mandou tirar outro, cõ que lhe matou dous gormetes. E vendose Diogo mẽdez sem remedio de poder sayr amaynou & surgio: & mais porq̃ lhe disserão que estaua ali ho gouernador, cõ quẽ não queria pelejar, que cõ os outros bẽ ho fizera. E entretãto ãdaua tambẽ Dinis fernandez ás bõbardadas cõ Anibal cerniche, que quãdo lhe fazião requerimentos da parte do capitão mór que amaynasse, respondia que não conhecia outro capitão mór se nã Diogo mẽdez de vasconcelos, cuja bãdeira lhe elrey de Portugal mandara q̃ seguisse, nẽ quis nunca amaynar nẽ surgir ate que não vio que Diogo mẽdez amaynaua & surgia. Ho mestre da nao de baltesar da silua que andaua de fora quando vio surto Diogo mendez arribou a ele cõ a viração q̃ vẽtaua, & preguntoulhe em voz alta, q̃ todos ho ouuirão que lhe mandaua que fizesse, & ele respondeo q̃ surgisse, & assi ho fez. Surtas todas as naos, Rodrigo rabelo q̃ estaua em terra com muyta gente de caualo & de pẽ (& fora por mãdado do gouernador pera leuar Diogo mẽdez) se foy á sua nao, & nela & nas outras prẽdeo os pilotos, mestres & escriuães delas, & assi Anibal cerniche & despois mandou apregoar em todas, q̃ ho gouernador em nome delrey seu senhor ꝑdoaua aos outros todos, & lhes daua seguro de nũca receberẽ pena por ferẽ naq̃le feyto. E isto fez ho gouernador

por se lhe não amotinar a gente com medo. Feyto isto pedio Diogo mẽdez a Rodrigo rabelo q̃ comessem primeyro que partissem, porq̃ era tarde pera ser antes de comer, & assi ho fizerão, E em todo este tempo nunca Diogo mẽdez se queyxou do gouernador, nẽ disse nenhũa cousa contrele, & sempre se mostrou muyto ledo & prazenteiro. E acabando de comer deixou Rodrigo rabelo nas naos pessoas de recado, que ho gouernador mandaua que ficassem por capitães ate q̃ ele prouesse: & foy se pera Goa leuando Diogo mẽdez no batel de Manuel de lacerda, & Anibal cerniche & os mestres, pilotos & escriuães em outros a muyto recado, & no caminho acharão Nuno vaz de castelo brãco, que aquele dia à tarde se fora à cidade do paisso em que estaua. E como chegou mãdouho ho gouernador na sua nao, & que fosse coele ho seu ouuidor Pero dalpõem, pera q̃ requeresse a Diogo mendez que se não fosse, & quãdo não quisesse que ho metesse no fundo, & aos nauios da sua companhia: & vendo os Nuno vaz vir meteo se no seu batel com ho ouuidor & foyse pareles: & assi forão de companhia ate a cidade, onde chegarão bem noyte. E leuado Diogo mẽdez ao gouernador, & assi os outros, despois de falar coeles hum pouco forão postos em bõ recado: & dali a poucos dias ho gouernador com votos dos do conselho, julgou com ho seu ouuidor que Diogo mendez fosse degrado pera Portugal pera õde seria leuado nas primeyras naos que partissem cõ os autos de suas culpas. E entretãto estaria preso sobre sua menajem na fortaleza de Goa, & q̃ Pero quaresma perdesse a capitania da nao, & fosse degradado pera Portugal posto que não quisera ir com Diogo mẽdez, porque não disserão ao gouernador q̃ se queria ir como lhe ele tinha mãdado que dissesse, & em quãto não fosse pera Portugal esteuesse preso em Goa. E que Anibal cerniche fosse degolado, & assi os mestres & pilotos das naos fossem enforcados & perdidas suas fazendas pera el rey. E logo que a sentẽça foy dada, se veo a ela com exceição por parte de Antão vaz mestre de Diogo mendez, & do piloto Danibal cerniche, cõ priuilegio pera não morrerẽ ẽforcados, & por isso se mudou q̃ morressem degolados, & entre tãto que durou a dilação desta excepção forão enforcados ho piloto de Baltesar da silua & o mestre Danibal cerniche nas vergas das mesmas naos, em q̃ cometerão aquele delito: o que a todos pos muyto espanto, principalmente a algũs embaixadores que ainda estauão em Goa, & todos sayrão a ver aquela justiça: & quando souberão a causa por q̃ se fazia pareceolhes bem. E por amor destes embaixadores porque auião de saber a desobediencia de Diogo mendez a castigou ho gouernador tão rijo & pera exemplo dos nossos, & assi era necessario pera ho credito do gouernador: & despois que aqueles dous forão enforcados logo se ele moderou contra os outros, & deu suas vidas a hũ dos embaixadores q̃ lhas pedio por conselho dos nossos, leuando os ja a padecer, & mudoulhe a pena de morte em degredo pera outras naos, & despois reuogou a sentẽça Danibal cerniche em degredo pera Portugal por quanto era estranjeiro, & deu a capitania de sua nao a dom Ioão de lima, & a de Pero quaresma a Gaspar de payu, & a de Baltesar da silua a Iames teixeyra, & a de Diogo mẽ

dez a Fernão perez dandrade, que cõ licẽça do gouernador teue cõprimẽto com Diogo mendez sobre a tomar, & Diogo mendez foy muyto contente q̃ a ele tomasse, & logo Fernão perez se foy pera a nao & se ẽtregou dhũ cofre que tinha quatorze mil cruzados pera a armação da nao, de q̃ ho feytor dela a uia de ter a chaue, mas não ho auia da-brir sem Fernão perez.

Capit. l. De como indo ho gouernador pera ho mar roxo achou ho vẽto cõ trayro, pelo q̃l mudou sua ida pera Malaca.

Feytas todas estas cousas, ordenou ho gouernador sua partida pera ho mar roxo, assi polas causas que disse, como tambẽ por se escusar ho gasto de mantimento & soldo que faria á gente que tinha, & por escusar despesa que as naos farião se esteuessem ẽ porto, por q̃ de necessidade se auião de tirar a mõ te, & elas estauão ainda as mais pera na uegar. E assentada sua partida deixou ẽ Goa perto de quatrocẽtos homẽs com os casados, em que entrauão oytẽta de caualo: & os soldos desta gente se auião de pagar das rẽdas da ilha q̃ ficauão ar rendadas por doze mil cruzados, & tã bẽ das rẽdas das tanadarias da terra fir me, & assi de seyscẽtos mil rẽs porque ficaua arrẽdada a casa da moeda, ho ou ro & a prata somente porq̃ no cobre se ganhaua muyto pera el rey, & a fortale za ficaua muyto bẽ bastecida de mãti mẽtos. s. trigo, ligumes, arroz, mãteiga & carne: & bẽ prouida de muytas muniçoes & d̃ muyta artelharia, & por seu alcayde mór Francisco pantoia, & no mar ficaua por capitão mór Duarte de melo cõ algũs paraos & fustas, de q̃ fi-cauão por capitães algũs casados, & assi ficaua a nao lionarda, & ho rey peq̃no, & Sãcto spiritu pera as corregerẽ: & assi a rumesa que fora tomada ẽ Diu & hũa nao noua das de Goa que ainda estaua ẽ picadeiros, & outro nauio nouo dos turcos que seria doytẽta toneys, cõ regimento aos capitães q̃ no começo do mes Dagosto sayſẽ logo fora da barra pera goardarẽ ho mar & fazerẽ presas, & assi deixou encomendado ao capitão q̃ fizesse hũa torre em Benastarim pera defender a entrada aos mouros se quisessem por ali entrar, & a traça da torre ficaua a Thomas fernãdez: & no mesmo passo auia pedra laurada em abastãça. E prestes todas as cousas p̃a a partida do gouernador, ele se partio de Goa na fim de Março, & os capitães que hião coele, que hia em frol de lamar, forão Fernão perez na nao trindade, dom Ioão de lima na anunciada, Gaspar de payua em sancto Antonio, Iames teixeyra ẽ Sancta cruz, Bastião de miranda no bretão, Ayres pereyra na taforea, Iorge nunez de lião em Enxobregas, Dinis fernãdez de melo na nao çabaya que os mouros fizerão em Goa, Pero dalpõem em sancta Cateri na, Simão dandrade na joya, Antonio dabreu em Sanctiago, Nuno vaz de castelo brãco em sam Ioão: tãbẽ naos de Goa, Duarte da silua na galé grãde, Simão martiz na pequena, Afonso pessoa em hũa galeota de Goa, Simão Afõso besigudo em hũa carauela latina, Iorge botelho ẽ hũa redõda, Pero dafonseca de crasto em sancta Maria dajuda, Simão velho de soure na garça: doutra sancta Maria dajuda Mẽdafõso de tangere, Antonio de saa do rosayro. E aos dous dias de sua nauegação q̃ q̃ria dobrar os baixos de Padua, achou

ho vento tão ponteyro, & ho mar tão grosso que lhe foy forçado payrar. E sabẽdo ali por todos os pilotos & mestres que não podia ir a Ormuz por aquele vento ser geral, arribou a Goa, & na barra fez conselho, em que se acordou: que por aquela armada não fazer tamanho gasto como faria se inuernasse na India, seria seruiço del rey ir a Malaca onde estauão os nossos catiuos, & a fazenda del rey tomada. E feyto disto assento que os do conselho assinarão, mandouho ho gouernador dizer ao capitão de Goa, & mandoulhe mais algũa gente & dali se foy a Cananor, onde deixando por alcayde moor da fortaleza a Ruy galuão foy a Cochim, onde sabendo se que queria ir a Malaca ficarão muy tristes Cherinamarcar, & Mamalemarcar hirmãos, por amor do trato que laa tinhão, & coeles tambem Antonio real & Diogo pereyra, porque indo laa ho gouernador, & assentando feytoria ficauão eles sem mais trato: & por isso determinando de ho estoruar fizerão com el rey de Cochĩ que ho fosse ver aa nao, & lhe consellhasse que não fosse a Malaca porque era a moução gastada & perderschia, & quando não quisesse tomar seu conselho que lhe fizesse sobrisso requerimentos da parte del rey de Portugal, & eles não ousarão de os fazer, porque os ho gouernador não entendesse, porque sabião que era muyto prudente, & por isso entendeo ele muy bem os requerimentos del rey de Cochim quando lhos fez & não quis se não ir. E porque pera ir a Malaca algũs nauios de sua armada que auião mester corregidos corrião risco de se perderẽ por nã saber se lâ aueria onde se concertassem, deixou os ẽ Cochim cõ seus capitães, que forão estes, Pero dafonseca de crasto, Mẽ dafonso, Simão velho, Antonio de saa: & assi hũa nao noua que se fizera em Cochim, cuja capitania tinha Diogo pereyra de Cochim, & tambem ficou Manuel de lacerda no cirne por capitão moor de todos com regimento que entrando Agosto fosse logo correr acosta de Calicut, & despois se fosse a Goa aiuntar com Diogo fernãdez de beja, pera quem lhe deixou prouisam que com os seus capitães ho ouuessem por seu capitão moor, & assi Duarte de melo & os outros que ficauão em Goa: & por amor da gente que ficou aqui lhe não ficarão mais que oytocentos Portugueses & duzentos piães gentios despadas, & escudos, & frechas: com que se partio a vinte Dabril.

Capitolo. lj. Do

que aconteceo ao gouernador indo caminho de Malaca, ate achar el rey de Pacem.

PArtido o gouernador de Cochim, seguindo por sua viajem, q̃ queria acabar de passar a ilha đ Ceilão, lhe deu hum temporal de vento com que se perdeo a galé de Simão martiz, a que Fernão perez dandrade acodio tão asinha no seu batel que lhe saluou a gente toda, & assi hũ tiro dartelharia. E cessando a tormẽta que se fazia leste oeste com a ilha de çamatra, topou hũa nao de Cambaya que

hia pera Malaca,& os nossos a tomarão por hir sem seguro do gouernador, que vendoha foy muyto ledo, porque teue sua viajem por segura de que hia muy receoso: que cuydaua pelo que lhe disserão em Cochim que não seria a moução verdadeyra,& coesta nao assentou que ho era:& desta parajem donde se tomou esta nao ate auerem vista da ilha de çamatra,tomarão os nossos outras quatro naos tambẽ de Cambaya q̃ hião pera Malaca sem seguros,& todas leuauão muyta mercadoria & de muyto pço. Tomadas estas naos foy o gouernador aferrar ho porto da cidade de Pedir na ilha de çamatra como ja disse,& el rey de Pedir lhe mandou noue Christãos dos nossos q̃ fugirão de Malaca,& hũ deles era Ioão viegas,que deu ao gouernador recado damizade da parte del rey,& lhe disse que era grande amigo delrey de Portugal,& bem ho mostrara no boõ tratamẽto que fizera a ele & aos outros nossos despois que ali forão: & contoulhe como despois de Ruy daraujo lhescreuer,matara el rey ho Bẽdara por se lhe querer leuantar com ho reyno,& mais queria ho matar,& na cõjunção de sua morte fugira de Malaca pera Pacem hum mouro principal dela que auia nome Nahodebeguea xabandar dos guzarates,que fora ho principal que fizera leuantar Malaca contra os nossos,& despois disso quisera fugir Ruy daraujo & os outros catiuos,& forão sẽtidos na noyte em que ho querião fazer,& por isso se nã saluarão mais que ele sô oyto,& Ruy daraujo ficou com cinco, & que outros erão ja tornados mouros & leuados fora de Malaca. E assentada amizade com el rey de Pedir,partiose ho gouernador pera a cidade de Pacẽ tambem na mesma ilha de çamatra,& porque não pode fazer agoada em Pedir,mãdouha fazer no reyno de Achẽ onde estaua hũa pouoação de pescadores,& forão a isso dom Ioão de lima, Antonio dabreu,& Nuno vaz de castelo branco nos seus bateys:& dom Ioão & Antonio dabreu leuauão as pipas âs naos,& Nuno vaz ficaua ẽ terra fazendoas encher a oyto marinheiros q̃ estauão coele. E partidos dom Ioão & Antonio dabreu com ho primeyro caminho, começa de sayr gente de hum mato, em que estaua hũa cilada de mouros & todos trazião armas. Nuno vaz como os vio sayr, mandou de pressa chegar as pipas que tinha ao mar, & cercandose coelas lhes ficou detras com os oyto que tinha pera se defender dos immigos, de que sayo grãde soma da cilada, & cometerão os nossos muyto rijo com muytas frechadas, & cico deles que erão besteiros se defendião aas seetadas, que se isso & as pipas não forão não escaparão segundo a furia dos immigos era grande. E por Nuno vaz fazer sinal aa frota com hũa bandeira,lhe mandou ho gouernador acodir,& dom Ioão, & Antonio dabreu vendo a bandeira fizerão volta aa terra,posto que estauão perto da frota:& quando chegarão aueria quasi hũa hora que Nuno vaz & os outros se defendião, & tinhãolhe feridos tres homens, & os nossos tambem ferirão algũs dos immigos,que vendo ho socorro que vinha fugirão, & os nossos acabarão de fazer a agoada. E feyta ho gouernador seguio sua rota & foy surgir no porto de Pacẽ,õde se deteue algũs dias pa saber se auia carga pa as naos da armada de diogo mẽdez q̃ nã se achou:e

assi pera auer del rey de Pacem Nahoda begaea, que ele deseiaua dauer, & el rey andou em dilações, dizẽdoque ho daria, ate que mãdou dizer que era fugido: & soubesse que el rey ho deixara fugir pera ir dar auiso a el rey de Malaca, pera por isso ho perdoar. E tambẽ tinha ho gouernador vẽdidas duas naos das de Cambaya a el rey de Pacem por vinte cinco mil cruzados, & dilatouse tãto a compra que entẽdeo que ho não querião deter, & ficando coele ẽ amizade sem mais detença se partio. E nauegando ao longo da costa de çamatra tanto auante, como hũa ilha chamada Poluoreyra, ouuerão os nossos vista dhũ iungo grande que fazia mostra de setecẽtos toneys, & por ho vẽto ser pordauante não poderão as naos ir a ele, & forão por mãdado do gouernador os bateys de dom Ioão de lima, de Nuno vaz de castelo branco & de Dinis fernandez de melo sem os capitães hirẽ neles, somẽte dõ Ioão de lima, & assi foy ho batel do gouernador & ho de Pero dalpõem: & chegãdo ao iũgo hũs agora, & despois outros se ajuntarã ao derredor dele dizẽdolhe da parte do gouernador q̃ a maynasse, & mãdassẽ ho piloto â capitania. E o piloto q̃ era ho capitão & señor do jungo, & era jao & os que hião coele q̃ serião trezentos homẽs, disse que nã podia ir â capitayna, mas que mandaria lâ dous homẽs, & não deixaua seu caminho apercebẽdo os seus pa a peleja, & os bateys hião coele. E vendo os nossos que os imigos nã amaynauão, determinarão de abalroar coeles. E chegãdo a este tẽpo Afõso pessoa na sua fusta, aferrou primeyro por que era mais alta que os bateys: & sendo ele ho primeyro que quisera sobir ao jũgo foy ferido em hũa perna que os imigos lhe atrauessarão cõ hũa lança, tirando decima cõ muytas & cõ outros arremessos, & defenderão que os nossos os não aferrassem: & nisto a nao de Pero dalpoem q̃ estaua pto do jungo & lhe ficaua debalrrauento (que as outras estauão ajudauẽto) foy sobre ho jungo & quisera abalrroar, mas nã pode, & dizẽ que por culpa do piloto & do que hia ao leme, & escorrẽdo ho jungo ficoulhe aiudauẽto & não pode mais tornar sobrele, & assi anoyteceo. E sabẽdo ho gouernador o que passaua tẽdo ia tempo pera isso, ao outro dia âs dez horas ho foy aferrar, & entrarão os nossos os imigos por mais que se defẽderão, & em entrãdo matarão obra de corenta & ferirão muytos, & os nossos erão duzentos homẽs, de q̃ morrerão tres. Os imigos que se virão tratar tão mal, ordenarão hũ fogo artificial cõ azeyte de terra, & outros matereais que fazẽ grãde labareda mas nã queyma tanto como parece. E isto fazẽ quãdo se vẽ em taes apertos. E auisado ho gouernador disso leuaua ho seu batel muy bẽ esquipado com hũ cabo dado pelos escouuẽs, cõ tal recado que poẽdo os immigos ho fogo se podesse logo desaferrar, & assi ho fez recolhendose os seus na nao. E desaferrado ho iungo os immigos apagarão ho fogo: & apartãdose hũ pedaço da frota surgirão, & assi surgirão os nossos muyto perto deles. E nisto apareceo hũa pangueiaoa q̃ sam hũs nauios daq̃la terra cõprirlos & rasteiros, veleyros & remeyros em estremo, & nesta hia Nahoda E auẽdo os nossos vista dela, mãdou o gouernador a Nuno vaz, & a Ayres pereyra q̃ a fossem tomar: & forão, & Ayres pereyra chegou primeiro no seu batel: os marinheiros d̃ nahoda vẽdo os nossos

ir pareles lançarãse logo ao mar q̃ era
ꝑto de terra,& ele ficou sò & sò pelejou
tão brauamente que ferio todos os nos
sos,& de muyto ferido cayo ainda vi-
uo nem morreo ate que lhe não tirarão
hũa manilha que trazia em hũ braço,
& nela andaua hũ osso que se não pode
saber de que era,somente dizerse que
quẽ ho trazia nã podia morrer a ferro
& parecia ser assi segundo as grandes
feridas q̃ tinha aq̃le mouro,cuja mor-
te o gouernador tomou por boa estrea
de sua empresa,porque ele fora causa
de matarẽ os nossos em Malaca,& por
que se a panguejaoa não pode leuar ao
gouernador foy queymada despois de
a despejarẽ.E estando os nossos assi sur
tos sem hirẽ ao jungo q̃ eles chamauão
brauo por quão bem se defendera,apa
receo outro q̃ era de mercadores,que
hião de Ceilão & Choramandel pera
Malaca,& forão a ele dõ Ioão de lima
no seu batel,& Anrrique de saa no de
Nuno vaz de castelo branco,& Bastiã
de miranda & Simão afonso nos seus
nauios,& ho jungo amaynou logo co-
mo lhe mandarão q̃ amaynasse & sur-
gio jũto da poluoreyra.E surto mãdou
o gouernador meter nele a Ioão viegas
q̃ fez quadrilheiro pequeno,& achou-
se que estaua carregada de roupa fina
đ Paleacate & đ bẽgala,& doutras cou
sas q̃ forã aualiadas em cẽto & cicoẽta
mil cruzados:& nisto pareceo outro ao
mar,& Nuno vaz foy a ele por manda
do do gouernador, & como era tarde
não pode chegar se não noyte,& os q̃
hião nele nã quiserão amaynar.E apa-
relhãdose Nuno vaz ꝑa pelejar coeles,
saltou ho capitão & outros muytos em
hũ parao grande,& em hũa almadia q̃
trazião por popa,& saluaranse leuãdo
hũ cofre com quatorze mil cruzados,
segundo se despois soube doutros que
forão tomados no jungo,em que ainda
se achou fazenda que foy aualiada em
vinte mil cruzados.E leuado ho jungo
ao gouernador,soube dalgũs que fica-
rão nele que Ruy daraujo era viuo,&
despois da fugida dos outros nossos el
rey de malaca quisera por força fazer
mouro a ele & aos que ficarão ate fana
rẽ algũs deles,& q̃ passarã muytos tor
mentos porque negassem a fé de nosso
señor Iesu Christo.

Capit.liij.Do cõcerto que ho gouernador fez com el rey de Pacẽ despois de ho ter em seu poder,& de como chegou a Malaca.

EM todo ho espaço que
ficou deste dia despois
que ho gouernador se
desaferrou do jungo
brauo,ele nẽ outro ne
nhũ capitão o poderá
tornar a abalrroar,& porq̃ por a noyte
que sobreueyo não podia ser se não ao
outro dia,encomendou a todos os capi
tães que vigiassem com muyto cuyda-
do que se lhe não fosse,porque deter-
minaua de ho queymar se ao outro dia
se se lhe nã ẽtregasse,& eles teuerão tã
ta diligencia em fazelo fazer,que pa-
rece que desesperando os do iũgo dese
saluar. E sabendo por Fernão perez
dandrade que naquela frota hia ho go
uernador,determinarão de se lhe en-
tregar,pera o que ho outro dia quasi
aas dez horas se meterão dous deles
no parao do jungo,& foranse ao go
uernador,a que disserão que não sa-
bião que ele ali hia porque se ho sou-
berão logo se lhe ẽtregarão,& agora q̃
ho sabião ho fazião:o q̃ soubesse q̃ erão

mercadores de Pacẽ que vinhão com mercadoria da outra banda da ilha de çamatra, q̃ lhe pedião que goardaſſe a paz & amizade que eſtaua aſſentada com el rey de Pacem auia lannos. Ho gouernador porque vira quão bem ſe os do jugo defenderão, & q ho trajo da q̃les que lhe falauão não era de mercadores, pareceolhe q̃ era gente q̃ hia ẽ ajuda del rey de Malaca; & mais por a ſoſpeyta que teuera delrey de Pacem q̃ ho quiſera deter, & por iſſo apartou aq̃les dous homẽs, & preguntoulhes q̃ gente erão, dizẽdo q̃ lhe diſſeſſẽ a verdade, ſe não q̃ ficarião obrigados a grã de caſtigo, porq̃ ele ſabia algũa couſa do q̃ preguntaua: eles parecẽdolhes q̃ era aſſi, lhe diſſerão q̃ naq̃le jungo hia ho verdadeyro rey de Pacẽ a pedir ajuda aos ſeñores da ilha Dajaoa, pa q̃ ho reſtituyſem ẽ ſeu ſeñorio q̃ lhe tinha tomado aq̃le que ſe chamaua rey de Pacẽ, que ſẽdo gouernador de çoltãzina (que aſſi ſe chamaua ho rey q̃ hia no jũgo) ſe leuãtara cõ a terra, porque çoltãzina queria gouernar ho reyno ſem ele entẽder niſſo, o que ele não queria ſenã q̃ eſteueſſe metido em hũa caſa como ſtatua, & por iſſo ho deitou fora do reyno cõ ho muyto fauor & ajuda q̃ teue pa iſſo: & q̃ a detença q̃ ho rey de Pacẽ q̃ſera que ho gouernador fizera ẽ ſua terra fora por q̃ não topaſſe cõ çoltãzina, temendo q̃ ſe cõcertaſſe coele, & ſe fizeſſe vaſſalo del rey de Portugal por q̃ ho reſtituyſe em ſeu reyno. O q̃ ſabido polo gouernador folgou muyto cõ aq̃le acerto, & logo aſſentou de reſtituyr çoltãzina em ſeu eſtado ſe ele quiſeſſe ficar vaſſalo del rey ſeu ſeñor & ſeu tributario. E coeſta determinação ho mandou viſitar por Fernão perez dandrade, & por ele lhe mãdou hũ preſẽte dandoſſe por muyto ſeu amigo pera o q̃ lhe dele cũpriſſe, & q̃ ho meſmo fizera logo como ho achou ſe ſe lhe dera aconhecer, moſtrando que lhe peſaua muyto do mal q̃ fora feyto aos ſeus, o q̃ lhe ele teue muyto em merce deſculpãdoſe de ho não ir ver por eſtar doente. E por iſſo, & porque ho gouernador o queria granjear pa ho atraher a reſtituyrſe por ele em ſeu ſeñorio, & ficar por iſſo vaſſalo delrey ſeu ſeñor ho foy deſpois ver, & ele lhe diſſe ho meſmo que lhe mandara dizer, & q̃ teria a cidade a obediẽcia del rey de Portugal, & lhe pagaria cadãno pareas: & ho gouernador lhe deu palaura de ho fazer, porq̃ a fora a cauſa q̃ ho obrigaua como diſſe, ficaua el rey de Portugal cõ grande credito naq̃las partes, & mais era Pacẽ a prĩcipal couſa de çamatra, & muy importante ao trato de Malaca por amor da pimenta. E aſſentada eſta amizade ficou çoltanzina por ſeguro na companhia do gouernador, q̃ ſẽ lhe acõtecer mais outra couſa q̃ ſeja de cõtar, ſeguio ſua viajẽ, & foy demãdar os baixos de Capacia, & não entrou por õde ẽtrou Diogo lopez de ſiqueyra quando foy a Malaca, ſe não polo canal dos jungos q̃ he de doze braças peracima, & dali foy ter ao porto de Malaca ho primeyro dia de Iulho, õde achou muytos jũgos de diuerſas partes da q̃la banda do ſul de q̃ Malaca he a mayor eſcala, & aſſi auia naos doutras partes da bãda do norte: & ho gouernador ſurgio jũto da ilha das naos, que como diſſe eſtã hũ tiro d̃ bõbarda da cidade, õde foy grande aluoroço cõ ſua chegada, principalmẽte nos mouros que eſtauão no mar, temẽdoſe que lhes fizeſſe algũ dãno: o que ele podera fazer, mas não quis por abrãdar mais a el rey de Mala, pera que

por bẽ ficassem amigos, do que el rey estaua bem fora, porque da ida de Diogo lopez de siqueyra a Malaca perdeo muyto ho credito da valẽtia dos nossos. E com tudo porque não estaua tão fortalecido como lhe era necessario, dissimulou com ho gouernador mandandolhe dizer que a ele lhe pesara muyto do que fora feyto aos nossos em sua terra, tanto que mãdara por isso matar ho Bendàra que fora ho culpado neste caso, de que nunca soubera nada se não despois de feyto, que se ho soubera não consentira que se fizesse. E porque quiça ele não saberia como isto fora, lho mandaua dizer pera que ho nã culpasse: & tambem pera saber se hia de paz, ou de guerra, porque pera paz erão escusadas tantas naos: & que ele estaua muyto prestes pera a receber, & pera ter amizade cõ el rey de Portugal. Ho gouernador posto que lhe pareceo a disculpa enganosa, recebeo ha porque ouuesse Ruy daraujo & os outros nossos que estauão catiuos, & respondeo a elrey que ele sabia bem que a morte de Bendara fora pola treyção que ordenara aos nossos, & sabia q̃ ele tinha toda a culpa, & por isso lhe não daua nenhũa no que era feyto, nem hia se não pera paz & pera guerra a quem a quisesse: & que as naos que trazia não erão de carga se não da gouernança da India: porẽ que leuauão muytas & muy ricas mercadorias, & q̃ valiã muyto em Malaca, mas q̃ ele não auia de falar na paz nem assentar nenhũa amizade ate lhe não serem entregues os nossos, & a fazenda del rey seu senhor que fora roubada. Ao que el rey respondeo fora de proposito, dizendo que a fazenda que se roubara fora muyto pouca, & que os Christãos deles morrerão & outros se tornarão mouros, & erão espalhados por diuersas partes, que era necessario tempo pera os auer: que ele faria de maneyra que tudo se fizesse à sua võtade, & nã se passou mais este dia. E despois q̃ foy noyte forão falar ao gouernador cinco capitães chìs de cinco jungos da China que estauão no porto, & disserã lhe que tanto que ele chegara, que logo el rey de Malaca lançara mão deles, & de todos os capitães estranjeiros que estauão em terra, & assi de sua gente, pera que ho ajudassem a pelejar cõ os nossos, & que eles teuerão maneyra pera fugir, porque não querião ajudar el rey, que lhes tinha roubada sua fazenda como tirano, & homem sem verdade: & sobrisso lhe mandara aquele dia reter dous jungos pera a guerra que esperaua, & era certo que auia de querer, porque na cidade auia vĩte mil homẽs, & os dez mil muyto bõs de guerra & bẽ armados, & de laudeys, de laminas, despadas & escudos que lhe leuarão os guzarates, & a fora estes vinte mil que erão naturays, em que tambem entrauão muytos jaos, auia muytos turcos, rumes, coraçones & persianos, que erã muy bõs frecheiros, & mais tinha el rey vinte alifantes de guerra, & por isso a não duuidaria quando a quisessem coele. Ho gouernador folgou muyto com estes capitães chìs, & agardeceolhe muyto ho auiso que lhe derão, & prometeolhes de lhe restituyr os seus jungos, quer el rey de Malaca quisesse paz quer guerra, & eles se lhe offrecerão pera ho ajudar.

Capitolo .liiij. De como Ruy daraujo auisou ho gouernador de tudo quãto el rey de Malaca determinaua, & do mais que sucedeo.

DEspois destes recados dantre ho gouernador & elrey, se passarão dous ou tres dias q̃ lhe el rey nã mãdou nhũ o q̃ ele teue logo a mao sinal, mas dissimulaua pa ver se podia auer por bẽ os nossos. E nestes dias lhe mãdou Ruy daraujo recado por intercessã de Ninachatu q̃ sempre lhe fizera muyto boas obras: & por este lhe escreueo q̃ soubesse certo q̃ elrey d̃ Malaca sabia quantos Portugueses trazia & quantos malabares, & que tinha em muyto pouca cõta sua armada por amor do grande poder de gente que tinha que era tanto como lhe os chatins tinhão dito, & q̃ todos os estranjeiros trabalhauão muyto com el rey que nã fizesse paz coele, porque não auia dousar de cometer a cidade com tão pouca gente, & que vinda a moução de se tornar pera a India se tornaria: & posto q̃ ousasse de a cometer que lhe não desse disso pois tinha gente em abastança pera se defender, porque não auia ali nenhũ que não morresse sobrisso, & q̃ não gastasse quãto tinha. E os mouros de Cambaya insistião nisto grãdemẽte, & pera ajuda da defensa da cidade lhe derão corenta bombardas, & ajudauaos ho seu xabandar q̃ era estante de todos os mercadores de Cambaya, pessoa muy pricipal ẽ Malaca, & de muyto credito com el rey. E os mouros malayos lhe persuadião ho mesmo p seus cacizes que sobrisso lhe fazião muytas pregações, dizendo que os nossos erão arrenegados, ladrões & querião senhorear todo ho mundo, & como assentassem em Malaca não auião mais de deixar tratar nela os mouros & auião de tomar a terra pera si: porque dessa maneyra ho tinhão feyto na India, por isso que os não recebesse em sua cidade nem fizesse paz coeles. E a fora todas estas persuasões peitarão a el rey tão grossamente que a fora ele de si ser mal inclinado pa os nossos, se inclinou muyto mais, & desejaua de os destruyr. E mandara logo recado ao seu lasamane, que era almirante do mar, que andaua correndo a costa com grãde frota, que se fosse a Malaca & desse supitamente na nossa & a queymasse, & que algũa de pãgueiaoas que estaua da põte pera dentro sayria naquele instante, pera q̃ tomassem os nossos no meyo & não ficasse nenhũ, & entre tanto el rey se fortalecia de trãqueyras & cauas, & que a fora a gẽte que tinha & alifantes, tinha oyto mil tiros de fogo antre bõbardas & espingardões, & pera ho deter ate que viesse ho lasamane dissimulaua co ele, por isso que se não fiasse em suas palauras, nẽ falasse na paz ate não ser entregue dele & dos nossos que estauã catiuos, & da fazẽda que fora tomada, porque sem el rey fazer primeyro esta entrega não auia dauer paz nem amizade, nem fizesse conta dela. E isto vio ho gouernador claramente porque el rey insistia em fazer paz sem entregar os nossos nem a fazẽda, & tãtas vezes falou nesta paz sem fazer o que lhe ho gouernador pedia, que ele lhe mandou dizer que lhe não parecia boõ sinal de paz ter por força os nossos, porq̃ el rey de Pedir que tinha noue que forão ter coele fugidos, como fora em seu porto lhos mandara á nao antes de lhe falar em paz, & ele não queria mandar os q̃ tinha q̃ escaparão da destruição q̃ Bẽdara mãdou fazer neles. Ao q̃ elrey deu algũa escusa, & insistido q̃ se fizessẽ as pazes primeyro. E co isto armauãse pãguejaoas, & sayão fora da põte como q̃ fazião mostra & logo se tornauão pera

dētro, & em saindo despara a muyta artelharia na cidade. E ho gouernador dissimulaua a tudo fazendo q̃ ho não entendia. E hũ dia porque soubesse como se auia dauer com a cidade se viesse a pelejar, mandouha ver por quatro capitães, que forão em quatro bateys armados ao lõgo da ribeyra, a q̃ logo sayrão de dētro do rio vinte panguejaoas armadas. Ho gouernador que as vio, & se temeo q̃ pelejassem cõ os nossos, mandou em seu socorro outros, & cõ sua ida se tornarão as panguejaoas a recolher dētro no rio: & despois disto tornou ainda el rey a mandar ao gouernador os mesmos recados que dantes, & ele lhe respondeo como das outras vezes: acrecētando mais que se os nossos forão tomados ē guerra, ou por represaria, q̃ se não espantara de os não dar, mas sendo tomados debaixo de seu seguro andãdo desarmados, & sem auer causa pera que os espedaçassem que se espantaua muyto de não querer dar aqueles q̃ escaparão pois req̃ria amizade, & q̃ ho desenganaua que não auia de falar nela ate lhos não entregar, & que soubesse q̃ leuaua muyto trabalho cõ os seus q̃ ho importunauão muyto que pelejasse pois não auia concrusam naquele negocio. Ao que el rey não respondeo, & logo se passauão tres ou quatro dias que não mãdaua recado. E ho gouernador ainda q̃ entēdia que aquilo era desprezo sofriao por amor do q̃ digo, & assi porque el rey de Portugal lhe mandaua q̃ não fizesse guerra, se não despois q̃ de todo não podesse mais, que se isso não fora nem a ele lhe falecia juyzo pera entender ho pouco medo que el rey auia dos nossos, & q̃ tudo o que fazia era pera escarnio deles, nē lhe falecia animo pa se vīgar por guerra, & assi lho aconselhauão esses capitães homēs mancebos desejosos de pelejar polo seruiço de Deos & del rey de Portugal, & dizião que se não auia de sofrer tanto desprezo, & que tēpo era que se vingasse a treição que fora feyta a Diogo lopez de siqueyra. E ho gouernador dissimulaua, alegãdo ho regimēto que tinha, dizendo que quando de todo em todo el rey não quisesse o que lhe pedia q̃ então se vingaria. E vendo çoltanzina tamanha dilação, cuydou q̃ ho gouernador auia medo de pelejar com a cidade, nem menos teue que poderia escapar que não fosse tomado, & por isso fugio & se foy pa el rey de Malaca, & assi fugio a mais da gēte q̃ estaua coele, q̃ ho gouernador sentio muyto, & logo soube que çoltanzina estaua com el rey por auiso de Ruy daraujo, q̃ ho auisaua de quãto se fazia na cidade: & isto por meyo de Ninachatu.

Capit. liiij. De como Fernão perez dãdrade com outros capitães poserão fogo â cidade por mandado do gouernador, pelo q̃ el rey lhe mãdou logo Ruy daraujo & os outros nossos.

Entendendo ho gouernador ho mao proposito del rey, & determinando de lhe fazer algũa mostra de guerra pera saber que forças erão as suas, quis primeyro dar cõta disso a Ruy darauio & aos outros, & esforçalos, temendo que receberião dos imigos algum dano: & escreueolhe hũa carta, cuia sustancia foy, que ele era obrigado a morrer em iusta guerra por seruiço de Deos, & del rey de Portugal, seu señor & que aquela era

muy justa, pois via bem a determinação del rey, a que era necessario desenganalo com lhe poer as mãos:& que se por isso ele com os outros corressem algũ perigo que ouuessem paciẽcia. Ao que Ruy daraujo respondeo como caualeyro, & como Christão, & dizia q̃ não quisesse nosso senhor que a nossa armada recebesse reues nem abatimẽto por se dar vida a ele & aos outros, q̃ erão obrigados a morrer polo seruiço del rey de Portugal, cujos vassalos erã: que qualquer perigo q̃ padecesse ho tomaua das mãos de nosso senhor, & ho auia em boa ventura, que soubesse certo que elrey de Malaca não queria paz por lho estoruarem os estranjeiros & os guzarates de Malaca, por isso q̃ lhe posesse as mãos, & que fosse logo, porque quanto mais tardasse, tanto mais daua lugar a el rey que se fortalecesse. Mostrada esta carta polo gouernador em conselho, posto que ho parecer de todos foy q̃ dessem logo nacidade, quis ele primeyro fazer hũ requerimento a el rey, & apos isso algũa mostra d̃ guerra, resumindo no requerimento (q̃ foy assinado por ele & per todos os capitães) o que fora feyto a Diogo lopez de siqueyra, & as delongas que fazia sobre a entrega dos nossos & da fazẽda: certificandolhe que pois os não queria entregar q̃ lhe auia de fazer todo ho mal que podesse, desenganandoho que as naos que leuaua na sua armada não agoardauão moução, nem perdião viajem, nem querião carga, nẽ a deixauão tornar aos immigos del rey seu senhor, porque como lhe mandara dizer erão da gouernança da India, por isso q̃ lhe não daua estar ali mais dous annos que dez, & que se não quisesse se não guerra que fosse certo que auia de perder seu estado, & que sua fosse a culpa, porque não podia ter coele mais cõprimẽtos dos que ateli teuera, & que do que auia de fazer, lhe daua por sinal mudar hũ anel dhũ dedo ao outro, q̃ logo mudou perante ho messejeiro del rey de Malaca, por quem lhe mandou este requerimento. A que el rey respondeo q̃ ho seu coração era boõ, & que ele não tinha em conta Ruy daraujo nẽ os outros, & q̃ logo os mandaria: & nã hião com a reposta, porque lhes ficauão fazendo de vestir, & q̃ entretranto mãdasse tirar as nossas naos diante do porto, pera lhe parecer que nã estauão de guerra: & assi outras palauras boas, de que ho gouernador fez muy pouca cõta, porq̃ todas lhe parecerão enganos. Porem porque el rey não tiuesse achaque de não entregar os nossos & a fazẽda, mandou afastar os nauios de diãte do porto, & esperou cinco ou seys dias sem el rey comprir o que dissera, antes como ho gouernador soube por Ruy daraujo nestes dias, mandou assentar sua artelharia em todos os lugares, de que podia offender aos nossos. O que sabido polo gouernador, mãdou a Fernão perez dandrade, em q̃ tinha muyta confiança, que com dez capitães outros fossem em seus bateys a queymar algũas casas dos immigos que estauão metidas no mar, & assi a tres naos de Cãbaya, porq̃ os guzarates perdessẽ a cõfiança que tinhão de leuar sua carga nem trabalhassem por estoruar a paz. E vinda a preamar, partiose Fernão perez com os outros capitães, & pegados cõ as casas deranlhe fogo: & começãdo darder mandou el rey com muyto grã depressa Ruy daraujo & os outros, mãdando dizer ao gouernador q̃ lhe não fizesse guerra, porque nã queria se nã

paz,& que a fazenda ele a mandaria logo,que mandasse aos nossos que lhe nã queymassem a cidade.E Ruy darauio disse ao gouernador,que tudo o que el rey dizia erão mentiras,& que a sua armada de panguejaoas não sayra a pelejar c m os nossos bateys,porque ouuera el rey medo que entre tanto lhe fosse ho gouernador tomar a boca do rio com os outros bateys,& com a galé & fusta,& forçadamente pelejassem as panguejaoas:& que ele não queria que os seus pelejassem no mar sem ho Lasamane.E com tudo por ho gouernador comprir de todo com elrey,mandou cessar ho fogo das casas,porem q̃ se posesse âs naos de Câbaya polas causas que digo,& assi foy feyto. E nesta reuolta mandou ho gouernador tirar os dous jungos dos chins donde os imigos os tinhão,& mãdoulhos dar:& disse aos capitães que estauão liures pa fazerē o que quisessem,mas que lhes pedia muyto que se deixassem estar algũs dias pera verē como pelejauão os nossos,& ho fim que auia dauer Malaca pera leuarem nouas a sua terra. O q̃ eles fizerão dizendo que erão vassalos del rey de Portugal,& que ōde lhe seruirião serē remidos por seus vassalos q̃ estauão prestes com sua gente que ja tinhão cobrada pera ho seruirem se pelejasse,& que se a vitoria ficasse coele & os nossos teuessem assento em Malaca,que cadanno virião a ela cem jũgos carregados da China.

Capitolo.lv. De como vendo ho gouernador que el rey de Malaca queria coele guerra,assentou com seus capitães de dar na cidade.

Cobrado Ruy darauio & os outros nossos,mandou ho gouernador dizer a el rey que dali por diāte tomaria concrusam na paz que assentaria com certos apontamētos que lhe mandou, de que erão os principais,que lhe auia de dar lugar pera fazer hũa fortaleza, porque pelo que fora feyto a Diogo lopez não ousaria de deixar feytoria em Malaca,se não em fortaleza,& q̃ auia de pagar a dinheiro a fazenda que fora roubada na nossa feytoria:ao que elrey respondeo que tudo faria,mas nunca o quis comprir,nem nunca mais mãdou sobrisso nenhũ recado ao gouernador, & por seu mandado leuauão a vender â frota algũa especiaria & hũ papo dal mizq̃re,& algũas galinhas:& âs vezes como q̃ fazia escarnio do gouernador hia hũ daqueles q̃ lhe leuarão ho derradeyro recado,& falaualhe em outras cousas muyto fora da sustancia do recado que lhe leuara,& muyto esquecido de responder a bem de feyto,& isto tã sem nenhũa vergonha,como q̃ ho gouernador fora algũ doudo,& ele se espãtaua de tamanho desauergonhamēto,& de tanta soberba como el rey lhe mostraua,não somente nisto,mas em sayrē algũas vezes as panguejaoas fora da ponte com muytos espingardões tirados por cada parte,outras apareciã todas as estancias embandeiradas,& desparaua toda a artelharia,& outras vinhão echadiços da cidade,que diziã ao gouernrdor que auião logo de chegar ao porto tantos jungos armados,q̃ el rey mandaua vir pera ho goardarē: & tudo isto pera ho espantar & se ir. E tantas sobrāçarias recebeo,que não podendo mais sofrer,determinou de rōper a guerra com elrey,& pera saber q̃

modo tinha de defensam,& que soma de gente tinha,& onde estaua sua artelharia assentada,mādou dar na cidade hū rebate com bateys armados de bōbardas grossas,& assi duas barcaças cō pridas q̄ tinha tomadas.E neste rebate se vio que acodio da banda do norte onde estaua a pouoação dos mercadores muyto mais gēte,que da banda do sul onde moraua el rey,& que a ponte era ho lugar mais forte,& em que el rey tinha mais confiança,por ele estar ali cō a sua principal gente de guerra & com seus alifantes,& estar pegada cō a pōte a sua mezquita,que dizia Ruy daraujo que era hū lugar muy forte pera os imigos:& tambem pera os nossos se lha ganhassem,porque podião segurar sua embarcação cō pequenas trāqueyras,& ficaua em sua mão poderem pelejar com a gēte da pouoação grande,ou cō a da pequena onde moraua el rey:& entrādo por outro cabo acodiria todo ho pouo de Malaca,que era tamanho como ja disse,& mais ganhada a ponte ficaua a força dos immigos partida em duas partes,& hūa não podia socorrer a outra,se não pola ponte,que cem homēs poderião defender despois de ganhada a quanta força de gēte os cometesse,fazēdo como digo hūa tranqueyra pequena.E dizia mais Ruy daraujo ao gouernador,que se hūa vez ganhasse a ponte que não lhe seria necessario pelejar mais porque el rey se lhe entregaria: mas segūdo se despois vio,não foy assi,nē Ruy daraujo não sabia isto tambē como lhe parecia,& os capitães dos Chins que estauão melhor instrutos na força d̄ Malaca,& vião a dos nossos quam pouca era a seu respeyto por serem as dezanoue partes da gente menos que os immigos;cōselhauão ao gouernador q̄ não sayse em terra,dizēdolhe a grande força de gente que auia nela,que melhor tomaria os immigos a fome,porque como na terra não auia mantimentos de sua colheita,se lhe tolhesse ho carreto que lhe hia por mar,não terião que comer & entregarselhe hião.E porque isto era cousa muyto cōprida,& ho gouernador tinha necessidade de tornar à India na moução não quis esperar tanto,& chamando a conselho,disse aos que se ajuntarão q̄ lhe dissessem se auião de pelejar,porq̄ ele tinha pera si que não deuia de poyar ē terra,se não auendo de fazer fortaleza de qualquer maneyra que podesse ser,porque se não podia segurar Malaca doutro modo:porq̄ pera assentar feytoria sem fortaleza ē poder de tão maa gente como a de Malaca,lhe não parecia seruiço del rey seu senhor,& lhe parecia muyto grande ter ele feytoria em Malaca por ela ser escala de todo mūdo & tão principal como sabião:por isso que lhe dissessem todos seus pareceres.E todos forão de comū acordo que se deuia de castigar el rey de Malaca,& derribarse sua soberba,& se se podesse fazer fortaleza,q̄ se fizesse porq̄ seria muyto seruiço delrey d̄ Portugal. E coeste acordo,assentou ho gouernador que no dia seguinte,que erão vite quatro dias de julho vespera do apostolo Santiago,em que ele tinha singular deuação,se desse na cidade,& antemanhaã como ouuissem tanjer hūa só trōbeta se ajuntarião todos abordo da capitayna embarcados com sua gēte nos seus bateys,& assi na galē & na fusta,& q̄ desēbarcarião os capitães cō a gēte feyta em dous esquadrões,hū em q̄ fossem dom Ioão de lima,Gaspar de payua,Fernão perez dandrade,Iames tei

xeyra & Baſtião de miranda deſem-barcarião no cabo da põte dõdeſtaua a mezquita & as caſas del rey,& ele cõ a bandeyra real deſembarcaria no outro cabo da ponte da banda da cidade. E deſembarcarião coele Duarte da ſilua,Iorge nunez de lião,Simão dãdrade,Ayres pereyra,Ioão de ſouſa,Antonio dabreu,Pero dalpõem, Dinis fernandez,Simão martiz caldeyra,Simão afonſo beſigudo,& Nuno vaz de caſtelo branco,& que deſembarcados acodirião todos ao meyo da põte,& q̃ dali lhes diria ho tempo o que auião de fazer,porque como ele nã tinha viſto a cidade,não ſe ſabia determinar no q̃ faria. E ſabido polos capitães dos Chis como ho gouernador tinha aſſentado de peleiar,offreceranſelhe cõ toda ſua gente pera ho aiudarẽ,& ele lho agoardeceo,& não quis dizẽdo que a vitoria eſtaua nas mãos de Deos:& que ſe por ventura ele não ſayſe coela,& eles ho aiudaſſẽ,poderião deſpois receber mãs obras dos immigos tornãdo a Malaca, ou pelo meſmo feyto tomarião vingança em algũa gẽte ſua que ainda andaua em terra:& tambẽ não queria que foſſem feridos em ſuas peſſoas ou mortos algũs deles. Mas que lhes rogaua q̃ ſe poſeſſem todos na galé que auia deſtar mais perto dõde os noſſos auião de pelejar,pera verẽ como pelejauão,& deſſem diſſo nouas em ſua terra,& q̃ lhe empreſtaſſem as barcas dos ſeus jũgos pera a deſembarcação dos noſſos,porque os bateys da ſua armada não abaſtauão:& eles ho fizerão aſſi.

Capit.lvj. De como ho gouernador acometeo a cidade,& ganhou a põte & a mezquita com grande deſtruyção dos immigos:& de como ſe tornou a frota,& aa cauſa porque.

DO outro dia q̃ foy veſpera de ſantiago,chegarãſe os capitães cõ ſua gente a bordo da capitayna duas horas ante manhaã. E feyta per todos a cõfiſſam geral a hũ clerigo que os aſſolueo,abalou ho gouernador coeles:& em amanhecendo que os immigos os virão ir,começão de tirar cõ ſua artelharia q̃ tinhão aſſentada em ſuas eſtancias,de hũa & da outra bãda da põte,& era tanta & tiraua tão a miude que fazia tremer ho mar & a terra, & tudo era cuberto de fumo. E certo q̃ nunca ate aquele dia deſpois que os noſſos começarão a conquiſta da India,cometerão couſa tão forte como eſtaua aquela ponte.nẽ em que eſteueſſe tanta artelharia,nem que teueſſe tanta gẽte pera a defender,& tão determinada a morrer ſobriſſo como eſta:& jugando a artelharia dos imigos,receberão os noſſos dela algũ dano ate chegarem a terra,onde poyarão repartidos como eſtaua determinado dando hũs & outros hũa grande grita,& tanjẽdo as trõbetas,& os immigos derão outra,tocãdo tambem ſeus inſtormentos de guerra,que fazem hũ ſom aſpero & eſpantoſo,& aſſi era a couſa muyto eſpãtoſa; porque os imigos erão muytos em demaſia,& a mór parte deles bẽ armados darmas defenſiuas, & todos deofẽſiuas,hũs cõ arcos & frechas,outros cõ lanças & padeſes tão compridos como os de Biſcaya,& outros com zarauatanas cõ que tirauão hũas frechas curtas & delgadas emheruadas cõ tanta força que logo trancauão:& as feridas deſtas ſam ſem cura. De todos eſtes generos darmas forão os noſſos bẽ ſeruidos deſpois que chegarão as trãqueyras q̃

estauão dhũa banda & da outra da põte,& em ambas a peleja foy muy crua, & durou hũ boõ pedaço que os imigos se defendião valentemẽte:& assi morrerão deles muytos,& muytos dos nossos forão feridos. E cõ tudo os q̃ hião com ho gouernador como erão mais q̃ os outros que pelejauão na outra tranqueyra da bãda da mezquita entrarão primeyro,& fizerão recolher os imigos à boca da rua principal da cidade, onde se teuerão,& se defendião com muyto esforço. Dõ Ioão de lima, Fernão perez, Gaspar de payua, Bastião de miranda & Iames teixeyra como entrarão a tranqueyra da banda da mezquita forão dar cõ el rey,que vinha cõ muyta gente & a principal que auia na cidade,& trazia seus alifãtes armados cõ grandes espadas atadas nos dentes & seus castelos encima cheos de frecheiros,& el rey vinha encima dhũ destes alifantes diãte de todos:& foy este esquadrão tão medonho que essa gẽte miuda dos nossos auẽdo medo se começarão de retirar, & Fernão gomez de lemos & Vasco fernandez coutinho se deixarão estar quedos,& poserão as lãças no alifante del rey,& feriranno tão mortalmente que por mais que ho mestre q̃ ho mandaua o quisera fazer passar auante nũca pode,antes ho alifante ho acolheo cõ a trõba,& ho lançou fora de si,& cõ grande furia virou atras, & deu nos outros alifantes,& desbaratou os, & ele morreo: & aqui foy hũa muyto grande briga,porque vendo el rey que ho alifante fugia, lançouse fora dele,& começou de pelejar: porque os nossos erão ja muytos,que acodio logo dom Ioão de lima,& coele Martim guedez,& assi acodirão Fernã perez, Bastião de miranda,Gaspar de payua, Iames teixeyra,& sua gente vẽdo que seus capitães pelejauão. Dos immigos tambẽ auia muytos,& pelejarão muy brauamente,& forão mortos muytos, & el rey foy ferido em hũa mão de hũa lãçada,& saluouse polo nã conhecerẽ, q̃ doutra maneyra fora tomado,& forão feridos muytos dos nossos,principalmente os capitães & outros homẽs assinados que pelejauão na diãteyra:& como el rey foy ferido q̃ fugio, os seus se retirarão logo pera ho oyteiro onde estauão as suas casas,& fizerãse ali em corpo:os nossos os não quiserão mais seguir,por acodirẽ ao gouernador que estaua em grãde aperto. Por q̃ ao tẽpo que os nossos começarão de pelejar cõ el rey,se apartarão dele tres capitães seus cõ obra de setecentos dos imigos,& acodirão à põte pera a bãda da cidade & derão na traseira do gouernador q̃ pelejaua cõ tamanho peso de gẽte dos imigos,que nẽ ele nẽ os seus se podião valer hũs aos outros.E sentindo eles os imigos que lhe dauão na traseira,por q̃ se os seus não desbaratassem, mandou a Ioão de sousa, Ayres pereyra de berredo,& a Antonio dabreu q̃ cõ a gẽte de suas capitanias fizessem rosto aos imigos:& eles ho fizerão cõ tanto esforço,que sosteuerão ho seu impeto que não passassem da põte. E estãdo nisto acodirão os outros capitães que desbaratarão el rey,ouuindo a reuolta q̃ hia na põte,& derã nas costas dos imigos cõ grãde grita,ferindo os muyto rijo. E q̃ndo se eles virão tomados no meyo lançarãse todos ao rio cõ medo da morte,cuydando de se saluar,mas não poderão por q̃ ho peso da mõtante dagoa que hia pera dẽtro os leuou todos a terra,& os nossos os matarão, & antreles forão os tres capitães del rey,de q̃ hũ a

uia nome Tuambãdam homem muyto principal & priuado del rey sobre todos. Feyto isto tornarão estes capitães a acodir ao gouernador que estaua pelejando com ho corpo da gẽte na boca da prícipal rua da cidade porq̃ os imigos como erão muytos, & viã apouqdade dos nossos fazialhe rosto muy ousadamẽte, & pelejauão cõ muyto esforço: & todauia os nossos os fizerão retirar pola rua a diante ate dar em bocas doutras ruas que sayão a ela, & os immigos se meterão nelas. E vendo que aqui podião tomar os nossos no meyo, teueranse muy rijo. O que vendo ho gouernador, como sabia que el rey cõ sua gente ficaua do outro cabo, & podia vir sobrele: & porq̃ pera quão poucos tinha não podia entender em duas partes, recolheose à ponte com determinação de se fazer forte nela, & da bãda da cidade começou de fazer hũa tranqueyra cõ a mesma madeyra que ali tinhão os immigos, & mandou assentar logo hum par de tiros tambem dos que forão seus que varejauão aquela rua principal toda ao longo. E encomendou isto a Nuno vaz de castelo branco, & a Iorge nunez de lião, & q̃ feyta a tranqueyra a goardassem. E começando estes tiros de varejar, os immigos, se recolherão ás outras ruas da cidade: & porem não deixauão por outras partes por onde os tiros não varejauão de dar rebates aos nossos, & torualos do que querião fazer, & cõ muytos espingardões que tinhão sobre os terrados das casas lhe fazião algũ nojo: & no cabo da ponte da banda da mezquita, quisera ho gouernador começar outra tranqueyra, mas não pode polos muytos rebates que lhe dauão os immigos. E os nossos andauão tão cansados q̃ pelejar, & tão desuelados da noyte passada que se nã podião ter em pe, porque passaua de meyo dia & a calma era muyto grande, assi pola fazer como por se lhes dobrar cõ ho trabalho, o que os fazia enfraquecer, tanto que não auia quẽ os fizesse trabalhar, porque ja a natureza não podia sofrer mais trabalho & desfalecia, & não auia cõ que lhes tornar as forças, porque como os bateys erão poucos pera a gente desembarcar não ouue neles lugar pera mantimento, & tambem por ho gouernador polo dito de Ruy daraujo se confiar que se faria forte na ponte, & que dali mandaria por mantimẽto aa frota quando lhe fosse necessario: & mais q̃ como ganhasse a ponte el rey quereria paz. E quando vio que tudo era ao cõtrayro do que trazia imaginado, determinou de se tornar aa frota, porque pera mandar laa por mantimento não podia ser sem ir laa algũa gente, & qualquer que tirasse da que tinha, lhe fazia tamanha mingoa que mais não podia ser: & pera se fazer forte na ponte não podia, porque gẽte tão cansada como a sua não podia fazer tranqueyras, & sem elas postoq̃ se recolhesse na mezquita sem mantimẽto, estaua certa sua perdição, por quão certo tinha acodirem os immigos sobrele, & por isso determinou de se tornar aa frota. Mas nẽ por isso deixou de prouar se se podia fazer forte, animando os nossos a trabalharem. E vindo a viração, mãdou a Gaspar de payua que com cento dos nossos posesse ho fogo aa cidade daquela parte que estaua junto da ponte, & ho mesmo mandou a Simão martiz que fizesse da banda da mezquita onde estauão as casas del rey: & ambos ho fizerão assi, & dhũa banda & da

outra arderão muytas casas,& nas del
rey se queymou ho seu estrado,& hũa
cadeira dourada,& muytas alcatifas,
& cortinas de seda borladas douro,&
muyta riqueza. E ẽtre tanto ho gouer
nador deu conta a algũs dos capitães
de sua determinação de se recolher,di
zendo as causas porque:& pois sabião
por onde auião de desembarcar,& co
mo auião dir apercebidos,que espera
ua em nosso senhor de tornarem muy
to cedo a ganhar a cidade & ficar se-
nhores dela.E parecendo bem aos ca-
pitães o que ho gouernador dizia,mã
dou fazer sinal de se recolherem,& se-
ria ao sol posto,& ele foy ho primeyro
q̃ se recolheo,porque vendo a gente q̃
se recolhia se recolhesse logo,q̃ se des
mandauão algũs a roubar,que rouba-
rão duas casas del rey cheas de merca
doria,& isto leuarão da cidade , & se-
tenta & duas bombardas que estauão
naquelas estancias da ponte ; delas de
metal & outras de ferro,& hũas tirauã
pelouro de ferro cuberto de chumbo,
& outras de pedra.E isto feyto foy po-
sto fogo aa mizquita,de que ardeo ho
telhado q̃ era doia,& por dentro muy
tas obras que erão de madeyra : & alli
foy queymada hũa grande casa de ma
deyra que estaua assentada sobre hum
carro que tinha trinta rodas,cada hũa
tamanha como hum quarto. E esta ca
sa mandara fazer el rey de Malaca pe-
ra andar nela pela cidade el rey de Pão
que ele casaua com hũa sua filha,& ti-
nha pera isso aparelhadas grandes fe-
stas,& hũa das inuenções dela era esta
casa , que estaua toldada de seda por
dentro , & embandeirada por fora,&
toda ardeo.E vẽdo el rey de Pão o que
os nossos fizerão desta vez,fugio logo
pera sua terra. Feyta esta destruyção
que os nossos se embarcauão,acodirão
os immigos de todas as partes & fize-
ranlhe algum nojo de feridas , mas nẽ
então nem dãtes não morreo nenhũ,
& dos feridos tão pouco,se nã dos que
ferirão com setas heruadas,de q̃ mor-
rerão algũs a que não fizerão logo de-
fensiuos,porque a Fernão gomez & a
outros a que os fizerão viuerão , & os
feridos passarão de setenta,& dos im-
migos forão feridos sem conto & mor
rerão muytos.

Capitolo.lvij.De como hũ mercador jao principal homẽ de Malaca mãdou pedir seguro ao gouernador,& lho deu,& de como ho gouernador mandou hum messajeiro a el rey de Sião.

DEsta cidade como dis-
se auia muytos Iaos,q̃
sam os mais valentes
homẽs,& mais deter-
minados de todas a-
quelas partes,& antre
les auia dous principais que auião no
me , hũ Vtetimutaraja outro Q uate
patir:& estes competião ambos sobre
quem precederia na honrra,estado &
valia,& Vtetimutaraja leuaua sempre
auãtajẽ em tudo por ser mais rico de
dinheiro , que tinha mais jungos que
Q uate patir nem nenhũ outro merca
dor de Malaca,& tinha moor trato,&
mais poderoso de gente,porque tinha
seys mil homẽs Iaos seus catiuos os ma
is deles casados que morauão ao derrã
dor dele,& dhũ seu gẽrro & dhũ filho
que tinha. E era tão poderoso q̃ el rey
de Malaca lhe auia medo , & por isso
ho amimaua muyto , & ho deixaua ter
pouoaçã sobresi na pouoação dos mer

cadores, & por esta causa valia muyto mais sem preço que Quatepatir & desprezauase dele, que nunca lhe quis dar por molher hũa filha que tinha solteyra, & por todas estas rezões erão immigos. E vendo Vtetimuraja ho desbarato q̃ os nossos fizerão na ponte, & que não aproueitou a elrey ter a gente que tinha pera lhes resistir, temendose que ho gouernador tomasse a cidade, & destruyse tudo, quis segurarse pera isso, & mandoulhe hum grande presente de sandolos & outras cousas, mandandolhe pedir seguro pera toda sua familia, assi na terra como no mar. E por ho gouernador saber sua valia & poder & ho ter de sua parte, lhe concedeo ho seguro com condição que não fosse cõtrele: & pera ainda ho mais segurar, & fazer dele amigo, ho mandou tambem visitar com presentes, & por amor dele não tocou em nenhum jũgo Dajaoa. E posto que teue coele todas estas amizades, nem por isso ele deixou de dar ajuda a el rey de Malaca despois deste seguro. E mandandolho ho gouernador estranhar, respondeo que ele daua ajuda a el rey ainda que era pouca, & que ho fazia por ser estranjeiro, & não podia viuer em Malaca se ho assi não fizesse. E com tudo ho gouernador lhe manteue ho seguro por ter menos immigos com que pelejar. E segundo se despois soube Vtetimutaraja nã pedia este seguro ao gouernador se não pera se poupar & ficar inteiro, porque esperaua cedo por hũ grande senhor Dajaoa chamado Patehonum, que auia de ir sobre Malaca cõ hũa grande armada, que auia annos que fazia pera a tomar, & fazerse senhor dela, & pera isto mandaua diante tantos jaos a morar nela, & hião poucos & poucos pera dissimulação, porque quãdo fosse teuesse em terra grande corpo de gente que se leuantasse contra os malayos, & por esta rezão queria Vtetimutaraja estar inteyro com seu poder: & tambem fazia conta que tão desbaratados podião ficar os nossos ou os malayos quaesquer que vencessem, que lhe seria facil cousa acabar de desbaratalos com ho poder que tinha, & fazerse senhor da cidade, antes que Patehanum chegasse, & coesta determinação quis ho seguro. E ho gouernador por ter tambem de sua parte mercadores de Malaca, lhes mandou dizer por Ninanachatu que não q̃ria coeles nenhũa guerra, senão paz & amizade, & por amor deles não destruyra a cidade, & deixara de a roubar, porque esperaua de a soster coeles, o que eles crerão ainda que não mandarão reposta: mas dali por diante aconselharão a elrey que fizesse paz com ho gouernador, & se lhe offrecerão a pagar por ele a dinheiro a fazenda que lhe pedia. E el rey não quis assi por amor dos mouros estranieiros lho contrariarem, como por ele se auer por muyto iniuriado dos nossos lhe entrarem a cidade, & tornou a reformar todas as estancias que tinha, & fazelas muyto mais fortes, & assentar nelas muyto mais artelharia da que tinhão dantes. E a rua principal da cidade que começaua da ponte, mandouha atalhar com hũa tranqueyra, em que tambem mandou assentar artelharia, & polos lugares por onde os nossos desembarcarão mãdou meter

muytos abrolhos heruados: & pera mais animar os jaos liures que auia na cidade, mandoulhes pagar soldo. E de tudo isto foy logo ho gouernador a uisado por Ninachatu, o que quisera storuar q̃ não fosse auãte cõ mãdar le uar hũ jũgo grãde cheo de gẽte & dar telharia: & mãdou a Antonio dabreu q̃ hia por capitão q̃ fosse surgir junto da põte, & dali defẽdesse cõ a artelha ria q̃ se não fortificassem os imigos. E este Antonio dabreu era hũ fidalgo da ilha da madeira, & por ho jũgo ser grãde não pode passar do banco com quantos remedios lhe fizerão, nem menos outro mais pequeno, porque erão ja as agoas quebradas, & foy for çado esperar polas viuas. E vendo os Chins que a tomada de Malaca se di lataua, pedirão licença ao gouernador pera se hirem, & pedíranlhe ar roz, porque da cidade por causa da guerra não podião auer nenhum mã timento. E ho gouernador lho deu em abastãça, & assi lhes deixou leuar a pimenta que tinhão nos seus jungos, posto que sabia que era dhũ mouro malayo. E coestas honrras & fauores que lhes ho gouernador fez forão os Chins muyto contentes & dauão muytas graças a Deos por os tirar do poder de tão maa gente como os mouros malayos, & prometerão ao gouernador, que se os ele lançasse de Malaca que viria nela tanta riqueza dos Chins que se espantasse, porque polo mao trato que recebião dos mouros não vinhão ja tantos jungos como soyão. E porque hum senhor destes jungos que auia nome Pulata auia dir a cidade de Sião fazer mercadoria, lhe rogou ho gouernador que lhe leuasse hum messejeiro a el rey de Sião, que polos Chins sabia que era hum grãde principe muyto rico & poderoso de gente: & por isso ho gouernador desejaua de ho ter por amigo, assi pera se fauorecer coele como pera auer mantimentos de seu reyno, que era tão perto de Malaca como ja disse. E ho messejeiro que lhe mandou foy hum daqueles que forão catiuos com Ruy darauio que sabia a lingoa, por quem lhe mãdou hũa carta em que lhe dizia como ficaua no porto de Malaca, & o que tinha feyto, & o que determinaua de fazer, que folgaria muyto se ho ele quisesse fazer de mandar gente dos portos a pouoar Malaca despois de tomada: & isto lhe mandaua dizer porque sabia que el rey de Portugal seu senhor pola fama que tinha dele, & saber que era gentio, lhe era muyto afeyçoado, & folgaria de ter coele paz, amizade & trato, & coesta carta lhe mandou hũa espada rica. E coisto se partio ho messejeiro em companhia de Pulata.

Capitolo. lviii. De como ho gouernador se apercebeo pera tornar a peleiar com os immigos, & como assentou com os seus que ho fizesse.

Determinãdo o gouernador de tornar outra vez a cometer a cidade & ir prouido pera a tomar, & não tornar e tras, mãdou leuãtar algũas pipas pera coelas cheas de terra fazer tranqueyra sem trabalho, & assi mandou fazer machados, enxadas, & picões, porque de tudo teue necessidade da outra vez, & muyta soma dalmazem de setas porque não auia nenhũ.

E isto tudo & mãtimẽtos mandou carregar no jungo, porque coele determinaua dabalrroar a põte, & nele & nela se fazer forte. E vindas as agoas viuas, por q̃ ho iungo não podia ir sem muyto trabalho & perigo, mãdou a certos capitães (de que hũ foy Fernão perez dandrade, posto q̃ estaua ainda ferido) q̃ fossem em seus bateys pera ho goardarẽ, & pera ho leuarem a toa, & por a carrega que leuaua ser grande não ho poderão leuar sem se passarem nisso algũas marês, porque não podia ir sem a montante dagoa, & coela ainda surdia muy pouco espaço. E vendo isto os imigos, determinarão de ho queymar com balsas de fogo, o que ho gouernador soube logo por Ninachatu, que tinha muyto grãde trabalho de saber o que se ordenaua contra os nossos. E sabido polo gouernador ho ardil pa lhe queymarẽ ho iũgo, mandou fazer prestes todos os bateys da frota cõ garoupezes muyto compridos, & nas põtas arpeos com cadeas de ferro, & mãdou aos capitães que fossem dormir iunto do iũgo. E na primeyra noyte em que os imigos auião de lãçar as balsas com a decẽte dagoa, vẽ polo rio abaixo tres barcos bem compridos que vinhão ardendo com hũa chama muy forte, & furiosa que alomeauão tudo ao derrador por grande espaço, a que os nossos bateys sayrão logo dando a gente hũa grande grita, & com os arpeos dos garoupezes desuiarão as balsas que não chegarão ao iungo, nẽ lhe fizerão nenhũ nojo, & dali por diãte teuerão noue noytes este trabalho, porque em todas arreo lãçarão os imigos tres balsas em cada hũa, & as vezes quatro. E cõ todas estas balsas não deixauão estar ociosa a muyta artelharia que tinhão com que tirauão ao iungo por todas as partes, & muytos dos pelouros acertauão nele & ho passauão de parte a parte, principalmente despois que passou ho banco que estaua hum tiro de beesta da ponte, & erão os pelouros de ferro cubertos de chumbo do tamanho dos despera, & erão em tanto numero, assi estes como outros tiros despingardões, que se ho iungo não fora cercado darrõbadas nenhũ dos q̃ hião nele escapara de ferido ou morto. E cõ tudo Antonio dabreu foy ferido dhũ tiro despingardão que lhe deu polas queyxadas, & lhas passou quebrandolhe a mór parte dos dentes, & leuando lhe hũ pedaço da lingoa. E sabendo ho gouernador mandaua poer ẽ seu lugar Pero dalpõem & Dinis fernandez: do que se ele agrauou, dizẽdo que estaua ainda viuo, & tinha pés pera andar, & mãos pera pelejar, & lingoa pera mandar o que se auia de fazer, que em quãto teuesse vida nã auia dalargar ho lugar a ninguẽ, que da cama mandaria o q̃ se fizesse. E co isto não quis ho gouernador poer outros capitães no jũgo: & vẽdo q̃ ele estaua ja perto da põte & ẽ nado que podia surdir auante cõ qualquer toa, & que se mais dilatasse ho cõmetimẽto da cidade que lhe meterião ho jũgo no fundo, ou lhe matarião quãtos hião nele, determinou de a ẽtrar. E auẽdo dezasseys dias q̃ a cometera da outra vez, chamou a cõselho, & disse a todos os q̃ nele estauão. Deos nosso senhor he muyto boa testemunha, q̃ da primeira vez q̃ cõ sua ajuda, & por vosso esforço ẽtramos a cidade: eu a tornei a alargar cõtra minha võtade, assi por não irmos ꝓuidos pa ficar, como por vos assi parecer bem, porque doutra maneyra eu me não tornara aa frota,

posto que soubera perder a vida, por que nela não se perdia nada pois cada hũ de vos pode ter ho cargo q̃ tenho. E em perderse esta cidade, se perdia muyto sem comparação, assi do seruiço de Deos nosso senhor, como del rey de Portugal, cujos vassalos somos, porque ela he fonte de toda a especiaria, droga & riqueza de todo mundo: pouoada dos mais ricos mercadores que ha nele, viueiro do trato dos mouros que morão em todas as terras descubertas na India & fora dela, de que se todos mantem, & com que se todos sostem, porque sem Malaca não podem tratar em tantas partes como tratauão, nem podem abastar ho Cayro, Alexandria & Veneza de tanta especiaria, droga & riqueza, porque ela he a fonte de que corria pera Calicut antes que os nossos conquistassem a India. E lançados os mouros fora de Malaca, não somente se apagara ho fogo da seyta de Mafamede que não laure mais por diante, mas ainda parece ho mais certo caminho que pode ser pera os mouros despejarem a India, porque despois que lhe tirarão a mama de Calicut, se lhe tiramos esta não tem mais com que se mantenhão, pois em todas estas partes se não sabe outro de que se tire especiaria, se não deste que he a principal cousa com que tratão, & tomandolho nos com a despesa que se fez na armada que trouuemos, escusamos fazerense outras muytas, & muyto grandes em continuas armadas que sera necessario andarem no mar pera defenderem que não leuem a Meca tanta riqueza como leuão, o que podeis bem ver por oyto naos que aqui temos tomadas que leuão mais que vinte das nossas, pois que fara em quantas daqui partem cada dia a fora as dos estranjeiros: & este he ho caminho por onde hia mais pimenta a Meca que de Calicut. E com esta chaue de mea volta, que he tomar Malaca se çarra este caminho, & el rey meu senhor fica senhor de tudo: & posto que Malaca seja muyto grãde, & pareça trabalhosa de soster, isso seria se ho rey dela teuesse mais terra donde se podesse reformar o que ele não tem, se não se a perder fica de todo perdido, & que me digais que tomada por força se despouoara dos mercadores gentios, & despouoada deles não presta mais pera nada, nẽ auera hi mais mantimentos, porque por amor deles os trazem de fora. Digouos que abasta que fique Nina chatu, & seus parentes & amigos, a que por amor dele tenho dado seguro, que confiados nele hão de ficar, & estes farão tornar os outros que eu sey que hão de permanecer, porque como eles estauão costumados a viuer debaixo do poder & tirania dos malayos, sem verdade & sem justiça, desarrezoados & soberbos, & gostarem da nossa justiça, verdade, & frãqueza, mansidão, & brandura, & a maneyra de que el rey meu senhor manda que tratem aos que se fazem seus vassalos nestas partes: & não digo eu tornarem eles a pouoar Malaca, mas da India virão outros a viuer nela, & farão as paredes douro. Todas estas cousas que ditas tenho vos pus diante, pera me dizerdes outra vez, se vos parece bem fazermos fortaleza nesta cidade: porq̃ he

minha determinação de em quanto gouernar a India não desembarcar com gente, nem pelejar se não no lugar que ouuer de ser cõ fortaleza, porque auenturar a perder gente em cousa que não ha mais que tomala & deixala, não me parece que he seruiço del rey meu senhor, auẽturar a perder hũ homem por quanta riqueza se pode ganhar. Ouuidas todas estas cousas polos do conselho, a moor parte deles se affirmarão q̃ se deuia de tomar Malaca & fazer fortaleza, & lãçar os mouros fora, a outros lhe parecia muy dura cousa de pelejar cõ tanta gente quãta tinhão visto na cidade, & muyto mais dura fazer fortaleza, & dizião q̃ vendo os imigos que lhe entrarão suas tranqueyras, as tornarião a fazer tão fortes que as não podessem os nossos entrar sem muytos perderem primeyro a vida, & que os que ficassem a perderião tambem despois por ser muy demasiada a multidão dos immigos q̃ auia dentro, que com as frechas heruadas os matarião todos: & posto que se tomasse a cidade, que os nossos auião de ficar taes da batalha, que ficarião mais pera jazer em cama que pera fazer fortaleza, em que se não deuia de falar por ser ho tempo muy curto pera tornarem a India na moução: & que lembrasse ao gouernador quanto importaua tornar laa ãtes do inuerno por ho perigo em que ficaua Goa se ho Hidalcão tornasse sobrela. E porem como os outros que dizião que se tomasse Malaca erão mais, não se tomou ho parecer destes, & disse ho gouernador que ele tinha por sem duuida que nosso senhor queria que se tomasse Malaca, pera que ho seu sancto nome ali fosse louuado & exalçado, & ho sinal que tinha disso era, que sendo os mouros tão auisados & sesudos, & tendo prouadas suas forças com ficar desbaratados, & sem esperança de socorro de nenhũa parte querião ainda guerra, que nosso senhor lhes cegaua os entendimentos pera que não entendessem o que fazião. E assentado que se pelejasse, determinouse que ao outro dia que era sesta feyra dez dias Dagosto, duas horas antemanhaã com a preamar cometessem a cidade, & ho jungo abalroasse a ponte, & juntamente poyasse ho gouernador em terra com sua gente da banda da pouoação dos mercadores, & que não sayse em duas partes como da primeyra vez, porque os immigoa estarião melhor apercebidos pera sua defensam do que então estauão: & pera que a gente fosse mais aa sua vontade, fosse tambem a galee & a carauela latina. E pera que se impidisse que os immigos não acodissem tantos a defender a ponte, que hirião com ho gouernador duas barcas com algũas peças grossas dartelharia, que como ho jungo aferrasse a ponte porsehião dambas as partes da angra a tirar aos imigos que acodissem, & goardarião as costas aos nossos que auião de trabalhar em hũas tranqueyras que ho gouernador auia de mandar fazer pera sua segurança.

¶ Capitolo. lix. De como ho gouernador desbaratado ho poder del rey de Malaca lhe tomou a cidade, & ho fez fugir dela.

AO dia seguinte, dia do bem auenturado martir sam Lourenço duas horas ante manhaã forão todos

os capitães a bordo da capitayna com sua gente embarcada nos bateys, on de feyta a confissam geral,& assoltos per hum clerigo, partirão pera a cidade com preamar: & se muytas bõbardadas & espigardadas teuerão da outra vez muytas mais teuerão desta, porem nã deixarão de passar auante, & ho jũgo parecia hũa torre com suas arrõbadas & seteiras,& artelharia por proa,& por ambas as bandas, & com hũ masto & gauia,& nela muytas lanças,& arteficios de fogo & pedras,& em chegando â ponte abalrroou logo coela por mais que se os immigos defẽderão,ãtre os quaes a reuolta era muy grande, hũs por defenderem a ponte dos que hião no iungo,outros por defender a desembarcação do gouernador:& erão as bombardadas & espingardadas tantas da tranqueyra, a q̃ os nossos hião desembarcar,que parecia que acada pao estauão duas bõbardas, & a cada bombarda cinco espingardões.Com tudo isto os nossos romperão auante,& poyarão em terra cõ grande arroydo de gritas & tanger de trõbetas:& nisto começão de chouer da trãqueyra grande multidão de frechas, de zarauatanas & darcos, & muytas pedradas,& lanças darremesso,& ferirão bem oytenta dos nossos:mas eles a fora ferirem sem cõto dos imigos,matarão muytos,& como eles erão muito mais dos que os nossos podião ferir & matar, defenderanse hũ boõ pedaço primeyro que os entrassem. Entrada esta tranqueyra,apartaranse logo Dinis fernandez, Iorge Nunez de lião, Nuno vaz de castelo branco & Iames teixeyra,que por mandado do gouernador hião ordenados pera ganhar a mezquita com a gente de suas capitanias,& assi se apartarão outros q̃ tambẽ hião ordenados pera cometer a trãqueyra que atalhaua a rua grande da cidade,porque não acodissem ali os immigos,de que morrerão nela muytos pola defender,& por derradeyro ficou dos nossos.E deixando ho gouernador nela os capitães que digo cõ corpo de gente, foy logo com a gente de sua bandeira dar costas aos capitães a q̃ mandou tomar a mezquita, & estes quando forão acharão ja despejada a ponte por Antonio dabreu,que assi como abalrroou coela assi a axorou dos immigos que não ousarão desperar os tiros que ho iungo leuaua por proa,& recolheranse aa tranqueyra que estaua daquela banda antre a ponte & a mezquita:& os nossos capitães que hião tomar a mezquita,derão naquela tranqueyra,onde os immigos forão tão apertados, assi dos nossos por diante, como da artelharia das barcas que jugaua por detras, que alargarão a tranqueyra & foranse retirando pera a mezquita, & os nossos apos eles: de maneyra que indo ho gouernador pera lhe dar costas, achou que leuauão os immigos de vencida. E neste tempo acodio tambem el rey de Malaca pera ajudar os seus,& hia sobre hum alifante: & quando soube ho termo em que a cousa estaua, fez volta pera os seus paços, & hião coele obra de tres mil homens apadessados os mais deles. E Dinis fernandez de melo q̃ hia na dianteira dos nossos como chegou aa mezquita(que estaua despejada)não quis passar auante,nem seguir el rey posto q̃ chegou perto de sua gẽte,porque tinha o gouernador defeso a ele & aos outros q̃ não passassem da mezquita por cousa nenhũa: & tam-

bem segũdo se despois soube não quis Dinis fernandez, & os outros capitães seguir a gente que hia com el rey, porque por outra rua grande parecia infinda gente dos immigos que lhes ficaua nas costas se seguissem el rey. E vêdo ho gouernador ganhada a mezquita, deixou ẽ goarda dela Nuno vaz de castelo branco, Iames teixeyra, Dinis fernadez & Iorge nunez de lião. & tornouse à pôte a fazerse forte, onde achou ja fora do jungo pipas, enxadas, pàs & cordas que Antonio dabreu tinha mandado tirar pera se fazer das pipas cheas de terra hũa trâqueyra no cabo da ponte da banda da cidade, & outra da banda da mezquita: & entretâto que se as pipas enchião entrarão pera dentro da ponte as barcas com a artelharia, que postas dhũ cabo & do outro varejauão cõ os tiros fortemête & goardauão as costas aos nossos que trabalhauão nas trâqueyras da cidade que forão feytas breuemente, porque não somête os baixos, mas os altos trabalhauão a quê mais podia, & cõ muyto prazer cauauão area, & tomandoa âs costas enchião as pipas, & delas & de algũa madeyra fizerão duas tranqueyras, & ẽ ambas foy assêtada artelharia: & forão feytos toldos na ponte & no jungo pera se apousentar a gête. E entre tanto que se esta obra fazia, os imigos fazião assaz de nojo aos nossos cõ sua artelharia & espingardões, principalmête da banda da pouoação grãde, onde tinhão as bombardas & espingardões postos sobre os terrados das casas, & a estes não podia a nossa artelharia fazer nenhũ nojo. O que vêdo ho gouernador por atalhar ao que fazião, mandou a Gaspar de payua, Fernão perez, Simão dandrade, Pero dalpõem, Antonio dabreu, dõ Ioão de lima, Ayres pereyra, Simão martiz & Simão afonso, que repartidos em duas partes fossem com sua gente por duas ruas da cidade, & q̃ a corressem toda, & não dessem vida a cousa nenhũa. E ele pera os fauorecer se pos em corpo na rua principal com Bastião de miranda, Duarte da silua, Ioão de sousa, Iorge botelho, & Afõso pessoa. Entrados estes capitães pola cidade, acharã logo algũa resistêcia nos immigos, cõ que apertarão tão ousadamête que os leuarão de vencida, & metendose pola cidade, matarão tanta gente do pouo que não se pode crer, & com pressa se lançarão muytos ao mar, parecendolhe que laa se saluarião, & afogouse a mayor parte, & a outra foy morta por algũs dos nossos que acodirão em dous esquifes a fazelo: & desta maneyra forão desapressados, & acabaranse as tranqueyras. Recolhidos os nossos capitães de fazerem esta destruyção na cidade, mandou ainda ho gouernador tomar duas casas junto com a pôte da parte da pouoação grande & assestar artelharia nos terrados, & bastecelas de gente com capitães: & ho mesmo fez na mezquita, & forão os capitães, Iorge nunez, Nuno vaz, Dinis fernandez de melo, Iames teixeyra, Ayres pereyra & Bastião de miranda, & algũs dos bateys mandou entrar pera dentro da ponte, porque goardassem de noyte ho rio, & mandou aos q̃ estauão neles que tirassem os tiros que podessem em cada quarto da vigia, & os outros mandou os pera a frota, pera que a gente do mar que hia neles a ajudasse agoardar aos bombardeyros q̃ laa ficarão: & nestas obras que digo se gastou todo ho dia. E vinda a noyte

que ho gouernador se auia de recolher na pōte, foy primeyro visitar os nossos feridos que estauão agasalhados no jūgo, q̃ não forão mais que os q̃ disse, & nenhū nā morreo, & dos immigos forão mortos sem conto.

Capit.lx. Do q̃ ho gouernador fez em Malaca despois de a ter ganhada de todo, & do que el rey fez despois que a perdeo.

Ainda a noyte q̃ ho gouernador se recolheo com a gente bē cansada de tanto trabalho como leuou aq̃le dia, assentou com seus capitães de ao outro dia ē amanhecendo cometer a pouoação onde el rey viuia, q̃ ele não cometeo no mesmo dia que ganhou a pōte, porque em afortalecer se gastou a parte que ficaua por passar despois de ganhada. E como ho gouernador sabia ho grão poder de gente q̃ el rey tinha consigo, & quão boa era de guerra, & quão bē armada: & ele quão pouca tinha, pareceolhe q̃ era melhor irse metēdo pola cidade pouco & pouco a saluo da sua gente, que meterse de roldão cō perigo de se perder. E aq̃la he a prudencia do boō capitão tomar por manha o q̃ não pode ganhar por força: que se ho gouernador quisera logo esbarrōdar quiça q̃ se perdera segū do os jaos com que auia de pelejar sam determinados, & mais estando a soldo del rey que os auia danimar a pelejarē por amor do grāde tesouro que tinha, & sabia que entrando os nossos as suas casas lho auião de roubar. E isto que os nossos sabião os fez muy aluoroçados pa ao outro dia cometerē a pouoação onde viuião el rey & ho principe com seus mādarins, que sam os fidalgos. Porem el rey não quis esperar este cometimento, que bem lhe pareceo que auia de ser como a manhecesse: & como sabia q̃ aos nossos não se tinha nada, não quis perder ho tesouro pois perdia a cidade. E aquela noyte ho mandou carregar ē alifantes, & partiose āte manhãa cō ho principe, leuando consigo esses capitães que lhe escaparão na batalha, & assi os gouernadores da terra & seus mandarins, q̃ todos leuarão suas familias, & foyse el rey meter polo sertão ē quintaās coesta gente ate ver o que ho gouernador determinaua, q̃ lhe parecia q̃ nā quereria mais q̃ roubar a cidade & irse. E partido el rey soube ho ho gouernador em amanhecendo, & acodio logo com grande pressa, mandādo diante esses capitães com sua gente, q̃ quando sobirão ao oyteiro onde el rey moraua virāno ir tão longe que desesperarão de ho poder alcançar, & por isso ho não seguirão, & ficarão tão agastados de se lhes ir assi el rey com seu tesouro, que se quiserão vingar em queymar as casas del rey & do principe, & dos mādarís, & poserālhes ho fogo: do que pesou muyto ao gouernador porq̃ sabia quanto fato auia dauer dentro, & q̃ndo quis mādar apagar o fogo ja era tudo ardido, & perdeose ali muyto mouel & muy rico: & por isso ele defēdeo cō grādes penas q̃ ninguē não posesse mais fogo, & como os mouros acabassē de despejar a cidade, q̃ ele a mandaria roubar. E ē algūs dias q̃ se passarão nisso, sēpre o gouenador esteue na pōte & no jūgo, & ē algūas casas, e sēpre armada a gēte de dia & đ noyte cō grāde vigia, porq̃ os imigos como nā podião logo đspejar por serē muytos dauā muytos rebates. Neste tēpo pedirā os mercadores Pegùs seguro ao gouernador

pera hirem a sua obediécia,& derãlhe quinhentos cruzados porque lhes não mandasse buscar os seus jũgos,que erã seys,& ficarão em sua amizade:& apos eles lhe foy Timutaraja falar & ẽtregarselhe por seruidor delrey de Portugal, & seu:& disselhe que hũ filho seu que fora na batalha fora muyto ferido. Dessapressado ho gouernador dos rebates dos imigos,deu lugar que roubassem a cidade,saluo as casas de Ninachatu,q̃ estaua coele do primeiro dia q̃ ganhou a ponte. E repartidos os nossos em quadrilhas roubarão a cidade,& com quãto se não bolio com as casas dos Quelins,nem dos Pegùs,nem dos Iaós:somente nas dos Malayos,& Guzarates, & outros estrangeiros,se achou muyta & muy grossa riq̃za de mercadorias, & acharanse soterrados trinta & cinco marcos douro & vinte cinco de prata, & em hũ almazem delrey se achou infindo metal,& assi forão tomados passante de dous mil tiros dartelharia de metal & algũs poucos de ferro:& antre esta artelharia de metal se achou hũa bombarda grossa,que dizẽ que el rey de Calicut mandou a el rey de Malaca, & assi forão tomadas muytas armas:& com o que se tomou na cidade,& mercadoria que se tomou no porto,assi nas naos de Cambaya & em algũs jungos, & algũs jungos que se venderão,& outros que ficarão pera el rey, & assi em cĩco mil fardos darroz,ficarão pera el rey pagas as partes da gẽte passante de duzentos mil cruzados,a fora muytos escrauos & escrauas que se tomarão neste desbarato & despois dele. E porq̃ ho gouernador assessegasse a cidade & se tornasse a pouoar como dantes, fez gouernador & justiça dos Chatis,q̃lis, a Ninachatu, & assi de todos os outros gentios de Malaca, & tambẽ por lhe pagar q̃nto seruiço fizera no fauor que dera a Ruy daraujo & aos outros catiuos,& assi na q̃la guerra ẽ lhe dar auisos das determinações del rey de Malaca. E dos mouros fez gouernador a Temutaraja,que seria homẽ doytenta annos,& coestes dous se assessegou ho pouo de Malaca,& se tornou apouoar como dantes de mercadores,saluo dos Malayos,q̃ estes não queria ho gouernador consentir na cidade,nẽ onde os nossos os achauão lhe dauão vida. Neste tempo soube ho gouernador como el rey de Malaca se fora apousentar oyto legoas de Malaca ao lõgo dhũ rio q̃ se chama Muar,& deixou ho principe seu filho com seu arrayal,esperando como digo que deixasse ho gouernador a cidade:& por ho arrayal do principe estar perto do rio, mandou fazer nele estacadas muy fortes porque os nossos bateys não podessem lâ ir,& mais porque teue noua q̃ Lasamane estaua perto de Malaca com sua armada,& assi el rey da ilha de Linga que era sugeyto a el rey de Malaca,caualeyro mançebo, & muyto esforçado,& vinha socorrer a el rey de Malaca,& quãdo souberão que ho gouernador estaua de posse da cidade tornaranse. E sabẽdo ho gouernador a estacada que ho principe mãdara fazer,mandou logo lâ Gaspar de payua,Fernã perez,Simão dãdrade, Ayres pereyra,Frãcisco serrão,Iorge nunez & Ruy daraujo,que a fora a gẽte dos nossos leuarão mil & nouecẽtos homẽs da terra.s.mil Iaos q̃ deu Temutaraja,seyscẽtos gẽtios q̃ deu Ninachatu,& trezẽtos Pegùs q̃ derão os senhores dos jũgos de Pegù. E estes capitães chegãdo as estacadas as arrãcarão,& o prĩcipe como o soube fugio pa õde esta-

ua seu pay & ātes q̄ se leuātasse o seu ar
rayal derã os nossos nele,& tomarālhe
sete alifātes cõ seus castelos d̄ madeira
& suas seelas com andores destado la-
uradas de marfim, & pintadas douro
de pao muy bem assentado,& tītas de
muytas cores,& leuarão tudo ao gouer
nador,que andaua ocupado em fazer
hũa fortaleza de madeyra onde estaua
a mezquita,& por dētro desta fortale-
za no mesmo dia em que se começou,
mandou abrir aliceces doyto pês de lar
gura pera ho muro doutra de pedra &
cal,& quis fazer primeyro esta de ma
deyra,porque se auia dacabar primey
ro que a de pedra & cal,que se fazia de
cantaria,assi de sepulturas nobres co-
mo da mezquita, & doutros edificios
de que ho gouernador não sabia parte
nem Ruy daraujo lhe soube dar rezão
deles,& achouse cantaria,& tão fermo
sa que não podia mais ser:& muytas de
stas sepulturas q̄ erão de reys antigos
estauão metidas debaixo do chão,que
forão tiradas com muyto grāde traba-
lho:& assi acharão outra pedra de cabe
ça de que se fazia cal. E pera esta obra
em que os nossos trabalhauão muyto,
foy grande ajuda pera os aliuar do tra-
balho muytos malayos escrauos, antre
os quaes entrarão muytos escrauos ca-
sados com molheres,& filhos que forã
del rey de Malaca,q̄ os Iaos & Chatis
hião o buscar por esses matos por māda
do do gouernador,& ātreles trouuerã
outros malayos principais que ho go-
uernador mādou justiçar por saber cla
ramente que forão culpados na morte
dos nossos que forão mortos em tēpo
de Diogo lopez.E vendo quatro mer-
cadores dos principais de Malaca que
estauão com el rey ho fundamēto que
ho gouernador fazia da cidade,& sabē
do como se tornara a pouoar tornarãse
pera ela fugindo a el rey,que neste tēpo
estaua em muyto grande necessidade
de mantimētos porque não auia dõde
lhe fossem,& era a fome tamanha em
Muar q̄ os seus escrauos lhe fugião pa
a cidade,& ele & ho pricipe se ouuerão
dapartar por jornada de tres dias hum
do outro,& nã lhe aproueitou,que cre
cia a fome de cada vez mais. E vendo
eles que a sua gente os deixaua por essa
causa, & desesperados de tornar aco-
brar Malaca tão asinha,porque não fi
cassem sós de todo foranse pera ho rey
no de Pão,cujo rey como disse era gēr
ro del rey de Malaca,onde segũdo des
pois foy dito ao gouernador morreo
elrey de Malaca de fruxo de sangue,&
ho principe se chamou dali por diante
rey de Malaca,& se tornou a Muar le-
uando muytos mantimentos & gente,
& ali se fez forte com tranqueyras,&
com artelharia.

Capit.lxj.De como o gouernador por apagar a moeda dos mouros em Malaca,mandou laurar moeda:& da solenidade com que foy pregoada.

TOrnada Malaca apo-
uoarse como dantes,
estauão todos seus mo-
radores muyto contē-
tes da justiça em q̄ ho
gouernador os manti-
nha,& da verdade q̄ achauão nos nos
sos,& dizião que ateli nã ouuera nũca
aquelas duas cousas em Malaca,& que
estauão seguros dos roubos passados,
principalmente ho pouo que era mais
tiranizado.E coeste contentamēto mã
darão os mercadores seus jũgos carre-
gados pera os portos onde os custuma-

uão de mandar,& dali por diante hião
muytos a Malaca carregados de manti
mentos & despeciaria,com o q̃ ela esta
ua muyto abastada & rica,& porq̃ ne-
la não auia moeda se não dos mouros,
determinou ho gouernador de a man-
dar fazer, assi pera apagar de todo a
dos mouros,como pera que mandasse
poer na que se laurasse as insinias reaes
delrey seu senhor. E tomado sobrisso
ho parecer dos Chatins gentios,& ou
tros homẽs honrrados moradores da
cidade,mandou logo laurar moeda de
stanho,& de duas moedas pequenas q̃
se chamauão caixas,mãdou fazer hũa
a que pos nome dinheiro,& de dez di-
nheiros outra, a q̃ pos nome soldo, &
outra de dez soldos,a q̃ pos nome ba-
stardo:& porque não auia moeda dou-
ro nem de prata, nem nunca a ouuera
(se não por peso fazião os mercadores
suas compras & vẽdas) determinou cõ
cõselho dos q̃ digo d̃ mãdar fazer moe
da douro & de prata,& à do ouro foy
posto nome catholico & pesaua mil r̃s,
& a de prata outro tanto,& chamouse
malaques,& ambas forão do mais fino
ouro & prata q̃ se poderão afinar: por
que auia homẽs que sabião fazer prata
baixa & alta,& assi ouro. Acabada de
fazer aquela quãtidade de moeda,que
pareceo ao gouernador que abastaria
pera começar da pagar a dos mouros,
mãdouha apregoar d̃sta maneyra. No
alifante del rey cõ seu castelo cuberto
de veludo,hia aruorada a bandeyra re
al,& dentro no castelo hião Antonio
de sousa de Santarem, & hũ filho de
Ninachatu cada hũ vestido à sua ma-
neyra muyto ricos & galantes,& diãte
deles algũs alifantes adestro com seus
castelos tambẽ cubertos de panos de
seda,& diãte hião os nossos trombetas
& outros muytos instormentos da ter-
ra,& hião dous pregoeiros que pregoa
uão em lingoa malaya,que aquela moe
da era a que mandara laurar ho muyto
alto & muyto poderoso rey dõ Manuel
rey de Portugal & de Malaca pera pro
ueito dos seus moradores, & q̃ ho seu
capitão mòr & gouernador da India
mãdaua em seu nome que dali a vinte
dias não corresse mais a moeda dos
mouros sopena de perdimento da fa-
zẽda. E dando este pregão tocauão as
nossas trombetas,& despois todos os
outros instormẽtos,& Antonio de sou
sa com ho filho de Ninachatu espalha-
uão decima do alifante a moeda assi
douro como de prata & estanho,& as-
si correrão toda a cidade acõpanhados
de gente sem cõto,que hião pasmados
da grande solenidade cõ que esta moe
da foy apregoada. Isto acabado man-
dou logo ho gouernador poer caibo da
mesma moeda que se apregoou,& cois
so foy apagada a dos mouros, & dali
por diante correo a Portuguesa.

Capit.lxij.Em que se descreue ho grã de reyno de Sião,& de como el rey de Sião mandou hum embaixador ao gouernador.

OS capitães chins que leua-
rão ho messeieiro do go-
uernador pa elrey de Sião:
partidos de Malaca fizerã
seu caminho via da china,& daq̃la bã
da passando ho estreyto que se chama
de Cincapura,entrarão em hũ grande
rio,& dahi se forão nos paraos dos se-
us jungos pelo rio acim ate hũa gran-
de cidade q̃ se chama Vdiã onde esta-
ua elrey de Sião,que he muy grande se
nhor,assi de terra como de gẽte,& foy

ja mayor porque começaua na cidade de Tenaçarim em passando Pegu,& dali indo ao longo da costa se estendia ate a põte de Cincapura,de modo que tomaua do mar da enseada de Bẽgala ate a outra enseada em que a costa faz volta pera a China:& de Tenaçarĩ cortaua dereyto pelo sertão ate a mesma enseada,em que entraua ho reyno de Malaca,ho de Pão & outros reynos q̃ se lhe aleuantarão,& estão fora de sua obediencia.E com tudo he muy grãde señor,& tem muytos & bõs portos em ambas estas costas,& todos sam grandes cidades em q̃ se tratão muytas & muy ricas mercadorias. Em todo este reyno geralmente ha ouro,prata,beijoim q̃ he rezina daruores,lacre,estanho,a que os da terra chamão calim, almizq̃re,& assi muytos mantimẽtos: chamasse Sião por amor da principal cidade que se chama assi,que està metida pelo sertão trinta legoas ao longo dhũ rio tão largo & tão fundo,que nadão nele jungos carregados,he cidade muyto grande & populosa,& de ricos & fermosos edificios,& de muy grosso trato,abastada em grãde auõdança de muytos mantimentos,he ho principal assento dos reys deste reyno,& tẽ aqui hũs riquissimos paços & muy deleytosos com jardins de diuerso aruoredo,& de muytos generos de ruas cheirosas,& de muytos canos dagoa & tanques muy aprazíueis,& casas douradas de dentro & de fora.Este rey de Sião como digo he muy rico de thesouros, grão señor de terra,muy poderoso de gente,assi de pé como de caualo,& tẽ muytos alifante de guerra,he gentio, & assi ho sam todos os de seu reyno tirando os dos portos de mar que sam mouros:& estes se vão negociar ao sertão não lhe consentem leuar armas:tẽ os gentios deste reyno costumes muy desuairados das outras gẽtes. Dão as filhas a quem lhas gaba de fermosas, quando algum morre seus parẽtes ho comẽ assado,& assanno em tres paos q̃ estão empinados,& juntas as pontas hũas com as outras,& no meyo hũ gãcho de ferro em que ho morto està dependurado polas curuas sobre hũa grã de fogueyra,& em quãto ho assam ho chorão os filhos se os tem,& despois dassado começão de comer & apos eles os outros,& queymão os ossos naquela fogueira:& a rezão que dão porque fazem isto,dizem que porq̃ sua propria carne não pode ter melhor sepultura que eles mesmos.E chegando os capitães Chins a esta cidade Dudiã onde estaua el rey de Sião,mandaralhe dizer do porto como lhe trazião hũ messajeiro do gouernador da India por el rey de Portugal q̃ ficaua em Malaca,& logo foy aos paraos dos chins hũ capitão del rey de Sião com duzentos lancharas cheas de muyta gẽte:& sabẽdo do nosso messejeiro ao q̃ hia mãdou o dizer a el rey,que lhe mandou que lho leuasse:& assi ho fez,& forão coeles os capitães chins acompanhados de toda a gẽte das lãcharas.Indo ho nosso messejeiro pela cidade,assi por ir com grã de festa,como por ser homẽ de nação, & trajo tão nouo naq̃la terra todos sayão auelo:& acompanhado de grande numero de gente foy ter aos paços del rey,que achou em hũa grande sala assentado em hũa cadeyra alta destado dourada,& a sala paramentada de borcados,& ele vestido muy ricamẽte ao modo chim:& todas suas molheres & filhas assentadas dhũa banda & da outra da sala,acompanhadas de suas da-

mas atauiadas de borcados & de sedas & com muyto ouro & pedraria. E recebido ho messejeiro del rey com muyto gasalhado, deulhe a espada & a carta: & com tudo folgou muyto, principalmēte despois que ouuio o que dizia na carta que lhe ho messejeiro leo, & preguntou muy miudamente pelo que ho gouernador fizera em Malaca, & por el rey de Portugal, & seu estado de que ho messejeiro lhe deu rezão, porque era discreto: & por lhe el rey fazer hõrra lhe mandou mostrar toda a cidade, & assi hũ alifante branco que não ha outro no mundo, & tẽ el rey isto em tãta estima q̃ se chama señor do alifante branco. El rey ficou tão contente do q̃ o gouernador fez em Malaca, q̃ determinou de ter amizade coele, & mãdar lhe seu embaixador sobrisso, & pera fazer coele paz em nome del rey seu senhor, & despachou logo ho messejeiro que auia de tornar cõ os capitães chĩs, & mãdou coeles seu embaixador. E assi se partirão todos daq̃la cidade & forão por terra ate os baixos de Capacia, & ali sembarcarão ẽtres panguejaoas cõ que chegarão a Malaca, onde ho gouernador tinha os muros da fortaleza em tal ponto que começauão de fazer as ameas, & estaua muyta artelharia assentada. E os capitães chins lhe entregarão ho messejeiro, dizẽdo q̃ tinhão comprido o que deuião. E ho messejeiro lhe trouue hũa carta del rey de Sião pera ele, & hũ anel com hũ robi, & hum estoque douro, & hũa copa douro. E a mãy del rey de Sião lhe mandou hũas manilhas de pedraria & tres bucetas douro, & pera el rey de Portugal hũa carta do mesmo rey de Sião selada & carrada: & na carta do gouernador lhe daua el rey muytos louuores sobre ho feyto de Malaca, que tinha por muyto grãde, offrecẽdo seu reyno, sua pessoa, sua gente pera seruiço del rey de Portugal, & assi os mantimẽtos & mercadorias q̃ fossem necessarias de sua terra pa isso, & dandose por muyto grãde amigo do gouernador, & outras muytas cousas damizade. Ho gouernador fez muyta honrra ao embaixador del rey de Sião, & ouuiolhe sua ẽbaixada, & por não ser tẽpo pera se partir pera sua terra ho não despachou logo: & assi fez muyta honrra aos capitães chins a q̃ fez merce em nome del rey seu senhor. Apos este embaixador chegou outro del rey da Iaoa, que he hũa ilha grande q̃ està da banda de leste da ilha de çamatra, & tão perto que se apartão ambas per hũ canal de dez ou doze legoas de largo que tẽ muytas ilhas peq̃nas, & antrelas està çunda que he pedaço da de çamatra, em que ha muyta & muy boa pimẽta, & passada çũda està pa leste a ilha da iaoa, q̃ jaz leste oeste. A costa da banda do norte sera de cẽto & setẽta legoas, & a do sul não he aida discuberta, & por isso chamão os marinheiros ao q̃ he discuberto ho meyo desta ilha: tẽ na parte discuberta muytos portos q̃ sam cidades grãdes. s. Tũba, Panaruca, Cidayo & Agaci, & este he ho melhor porto & de moor trato. He esta ilha a mais abastada darroz, carnes, assi saluajẽs como domesticas que se sabe no mundo, & assi doutros mantimẽtos & todos muyto baratos, nace nela pimẽta, canela inda que tão delgada como papel, gingibre, ouro & cobre. A gẽte do sertão desta ilha sam gentios, & os dos portos do mar mouros: sam os naturais da ilha baços, grossetes aparrados & mal feytos, porẽ as molheres são aluas & de boõ carão, &

de fermosos corpos, grãdes musicas & engenhosas, & tratanse muyto bẽ. Os homẽs andão nuus da cinta pera riba sem nada na cabeça, trazem os cabelos tosões & arrepiados pa cima, & as barbas peladas, o que custumão por galãtaria: a mayor jura que fazẽ he por sua cabeça, & dizem que não ha dauer sobrela nada, & matão quem lhe põe a mão sobrela, & por não andarem hũs mais altos que os outros não fazẽ casa de sobrado. São muyto soberbos, mẽtirosos & tredoros: sam muyto ousados & pelejão sem medo. Suas armas sam boas lanças compridas de ferro, de folha doliueira sem espigão, trazẽ outras armas q̃ chamão crises que lhes seruẽ como a nos as adagas, trazẽ cimitaras como turcos, & padeses de pao muyto leue & estopento que os cobre dalto abaixo, trazẽ zarauatanas cõ que tirão frechinhas de palmo heruadas, & arcos tão compridos como arco de pelouro de corno de bufaro de duas peças, não estimão a vida por matarem hum grão senhor, & se adoecem prometẽ a Deos de tomarẽ outra morte mais hõrrada se lhe der saude, & como sam sãos vanse polo lugar õde morão & matão q̃ntos topão ate q̃ os matão. Sãotã soberbos q̃ desprezão todas as outras nações do mũdo, & crẽ q̃ não ha nenhũa tão boa como a sua: sam todos muy engenhosos ẽ officios machanicos & grãdes artilheiros, & por isso os estimão muyto na India, & fazem poluora, & sam bõs bõbardeiros: fazẽ muyto boas armas lauradas de tauxia & de motamo, & fazẽnas em horas & põtos por feytiços de que sabem muyto, & dizẽ que quẽ as traz q̃ não pode morrer em batalha nẽ ser vencido, & fazẽ outras q̃ matão como auentão sangue: & estas que fazẽ cõ feytiços estão em as fazer dez annos pera esperar pelos pontos, em q̃ as hão de laurar, & estas estimão os reys muyto. Sãogrãdes monteiros & caçadores, tẽ muytos caualos, cães & aues de caça, & leuão a caçar & a montear suas molheres em carretas cubertas cõ fermosos leytos de maçanaria & dourados. Ho principal rey desta ilha he gentio, & mora no sertão, & he grã senor de terra & poderoso de gẽte. Pola fralda do mar ha outros reys q̃ sam mouros & obedecem a este gentio, & as vezes se lhe rebelão & ele os torna a sugigar. Este rey sabendo q̃ ho gouernador tomara Malaca ficou muyto espantado, & determinando de ter coele paz & amizade, lhe mandou sobrisso seu embaixador, q̃ despois de chegado a Malaca & darlhe sua embaixada, lhe deu hũ presente da parte del rey, que forão hũa duzia de lanças com fundas de pao muy bẽ pĩtadas metidas nos ferros: hũ pano tão cõprido como hũ beirame, em que estauão pintadas todas as suas batalhas cõ suas carretas cõ castelos de madeyra q̃ tirauão caualos, & alifantes armados com castelos do mesmo, & el rey naq̃las carretas com quatro bandeyras, & pintado com seu estado, & cada cousa destinta por si, & tão natural que não podia mais ser, & deu lhe vinte sinos pequenos de sua vsança que sam de fuzileyra, & não da feição dos nossos, & tangense cõ paos como atabaq̃s, & tãgedores coeles, q̃ os tãgião acordadamẽte. E ho gouernador folgou muyto cõ a ẽbaixada d̃ste rey e cõ sua amizade por amor dos muytos mãtimẽtos q̃ auia ẽ sua terra, de q̃ Malaca tinha necessidade polos não auer nela, & fez muyta honrra ao embaixador, & mandouho muyto bem apousentar.

Capit.lxiij. Dos muytos ẽbaixadores que vierão ao gouernador dos reys comarcãos de Malaca.

DEstes dias chegou ao go
uernador hũ messejeiro
del rey de Campar que
he hũ peq̃no reyno na
ponta da grande ilha de
çamatra defrõte de Malaca, não ha ne
le se não matas daruoredos que dão ho
lenho aloes, a que na India chamão ca
lambuco: as aruores sam grandes, & co
mo sam velhas cortãnas & tiranlhe ho
lenho aloes, q̃ he ho seu amego ou cer
ne, & ho de fora se chama aguila. E am
bos estes paos sã de muyto preço, prin
cipalmente ho calambuco que val na
India a peso douro, & dão cheiro sua
uissimo esfregãdo ho ãtre as mãos, &
a aguila queimado. Este messejeiro del
rey de Cãpar, pedio seguro ao gouer
nador de sua parte, & assi hũa bandei
ra das armas reaes pera lhe ir falar, que
queria ser vassalo del rey de Portugal,
& ficaua no rio de Muar com dez lan
charas. E dandolhe ho gouernador ho
seguro & a bandeira, foy el rey a Mala
ca, & fezlhe ho gouernador grandissi
ma hõrra por ser aquele ho primeyro
rey que naquelas partes se fazia vassa
lo del rey seu senhor por sua võtade, &
deulhe muytas dadiuas. E ele lhe deu
de presente pera el rey de Portugal oy
to fardos de lenho aloes & aguila, & do
us de lacre. E feyto vassalo del rey de
Portugal, se tornou pera sua terra muy
to contẽte com muytas cousas que lhe
deu ho gouernador, que tambem des
pachou ho ẽbaixador del rey da Iaoa,
outorgandolhe paz & amizade da par
te del rey seu senhor, com cõdição que
ele deixasse trazer pera Malaca os mã
timentos q̃ os nossos quisessem trazer,
& mandoulhe peças de veludo & dez
carlata, & hũ alifante pequeno porque
os estimauão lá muyto. Tambẽ ho al
mirante do mar del rey de Malaca que
se chamaua Lasamane, homẽ discreto
& boõ caualeyro de idade doytenta an
nos sabendo ho fundamẽto que ho go
uernador fazia de soster Malaca, & q̃
ho rey velho que fora dela era morto,
& seu filho não tinha esperança de a co
brar, determinou de se ir pa ho gouer
nador, & mãdoulhe pera isso pedir se
guro & bãdeira. E ho gouernador lha
mandou, fazendolhe muytos offreci
mẽtos por ser da qualidade q̃ era: mas
ele não veo, & dissesse q̃ por lhe escre
uerem de Malaca que se não fiasse do
gouernador porque ho queria matar.
E isto lhe escreueo quem receaua que
vindo ele ho tirassem do mãdo q̃ tinha
& ho darem a Lasamane, q̃ receoso de
sua vida não quis ir a Malaca, & dei
xouse estar em Muar com a armada q̃
tinha, & cada dia vinhão ao goueana
dor embaixadores de muytos reys co
marcãos, assi da terra firme como das
ilhas: & erão tantos que se não fiaua de
les parecendolhe q̃ hião mais a espialo
que a pedir paz & amizade. E era tão
prudente que sempre fazia crer a estes
estranjeiros que tinha muyta gente de
guerra, tendo ele muyto pouca & a ma
is dela doente, & porẽ todos trabalha
uão: de que os estranjeiros se espãtauão
muyto. E tanto se estẽdia a fama do go
uernador por aquelas partes, que não
auia nenhũ rey nem senhor que não
quisesse sua amizade, & ele a daua a to
dos. E com ho gouernador ganhar Ma
laca se desfez quasi de todo ho trato da
especiaria dos mouros do mar roxo,
porque esta era a principal fõte de que

a leuauão & nã de Calicut. E ganhada malaca ficou aos mouros algũa eſpecia ria q̃ auião de Calicut,que era pouca couſa(a reſpeyto da q̃ leuauão de Malaca)por amor das noſſas armadas que goardauão a coſta do Malabar: & era Malaca tamanha couſa q̃ tinha neceſſi dade doutro gouernador com gente & armada como a India,porq̃ muyto ma is mouros & muyto mais groſſa riq̃za ha de Ceylão pera dẽtro,& muyto mo res mercadores & mais ricos do que ha na India.

Capit.lxiiij.De como Pulatecão ẽtrou hũa noyte na ilha de Goa cõ grãde poder de gẽte:& da treyção q̃ orde nou aos noſſos.

SAbẽdo ho Hidalcão q̃ ho gouernador era fora da India,& q̃ Merlao tinha pouca gente nas tanadarias on de ſtaua,determinou de lhas tomar,& pera iſſo mãdou Pulatecão ſeu capitão cõ tres mil homẽs em q̃ entrauão muytos turcos de caualo. E ſabẽdo Merlao ſua ida,lhe ſayo ao encontro cõ quatro mil piães da terra & trĩta de caualo, & deſbaratouho.E ſeguindolhe ho alcãço os turcos de caualo q̃ hião fazendo voltas aos de Merlao,matarão Içarao ſeu capitão, & cõ ſua morte ouue nos ſeus tamanho deſconcerto q̃ os turcos que hião deſbaratados ſe tornarão a fazer ẽ corpo,& voltãdo ſobre Merlao ho poſerão em deſbarato com tanta gente morta,q̃ lhe foy forçado fugir & deixar a terra,q̃ cobrada por Pulatecã cuydou dẽtrar a ilha de Goa como da outra vez,& mandou cometer a gente da terra que ſe leuantaſſe contra os noſſos, notificandolhe ſua determinação de tomar Goa.E como na cidade ja nã auia ſe nã gẽtios,& eſtauão eſcaldados da deſtruyção q̃ ho gouernador fizera neles pola treyção paſſada,não quiſerão conceder na q̃ lhe Pulatecão cometia que fizeſſem,antes Criſnã ho diſſe logo ao capitão,& como Pulatecão eſtaua de poſſe da terra firme:pelo que ele & Duarte de melo entenderão em goardar os paſſos da ilha cõ fuſtas & bateys que tinhão,& aſſi hũa carauele ta & hũ carauelão q̃ poſerão no paſſo de Naroá,porq̃ por ali podião paſſar da terra firme á ilha de Goa,pera o q̃ Pulatecão ſe apercebia quanto podia tẽdo feytas ſuas jangadas q̃ fez em Antruz,& aſſi algũas fuſtas de cayro que fez,pos em obra ſua paſſajẽ á ilha que fez meado Março ẽ hũa noyte de grãde eſcuridão & tẽpeſtade de vento & d̃ chuua,aſſi como da outra vez.E por que ſabia a grande vigia que os noſſos tinhão no rio de Benaſtarim & no paſſo Dagacim,não quis ir a nenhũ deles por não ſer ſentido,& lhe embaçarem a gẽte como fizerão da outra vez que ſe ouuera de pder,& foyſe ao ilheo dos bugios que eſtá defronte Dagacim & perto dele,& dali coſteãdo a ilha pera Goa a velha,ſe meteo por eſteiros & açudadas darrozais,onde deſembarcou com grande parte de ſua gẽte ſem ſer ſentido dos noſſos q̃ vigiauão ho mar por eſtarem apartados dali,& por a eſcuridão da noyte ſer grande,com que parece q̃ enganados os noſſos q̃ goardauão ho paſſo de Naroá no carauelão & na carauelta q̃ não virião os immigos,teuerão tão mà vigia que não ſintirão algũs capitães de Pulatecão,q̃ por ſeu mandado tambẽ entrarão por ali, & derão tão de ſupito nos noſſos que os matarão,& lhe tomarão ho carauelão,

& a carauelleta. E Pulatecão espalhou assi os seus, porque os nossos não podẽdo acodir a todos os passos da ilha entrassem por algũ, & por isso os mãdou tambem entrar por Benastarim, onde forão sentidos do tanadar, que com os que estauão coele por serem poucos fugirão logo pera Goa, & ho mesmo fez ho tanadar Dagacim, & os q̃ estauão no mar despois que foy manhaã q̃ souberão que a ilha era entrada dos immigos, que aquela noyte entrarão tantos que quando foy sol saydo tinha Pulatecão mais de mil & quinhentos homẽs consigo, & os outros não fazião se não passar da terra firme & ajuntarse coele em corpo: os da terra que morauão por ali ao derredor lhe forão logo dar obediencia. E como ele se temia que os nossos por serem poucos senão atreuerião a pelejar coele em batalha campal, & se auião de querer defender dos muros a dẽtro cõ que não poderia auer effeyto sua determinação que era tomar a cidade, intentou hũ ardil com que não somẽte os acolhesse fora dela, mas que se lhe não podessem lá acolher se os desbaratasse, & mãdou a hũ pião da terra que fosse muyto correndo a Goa & dissesse ao tanadar mòr que em Goa a velha estauão obra de duzentos mouros que entrarão a ilha, & que os Gãcares darredor vendo que não erão mais se ajuntarão & os tinhão cercados q̃ fossem os nossos asinha & q̃ os tomarião, & matarião antes que fugissem. E quãdo ho pião chegou a Goa coeste recado que foy pola manhaã, achou ho capitão a caualo com obra de corenta homẽs dos pricipais que inuernauão em Goa; que queria ir socorrer a Benastarim a pelejar coesses mouros q̃ lhe ho tanadar dissera que entrarão na ilha, & defender a outros que nã entrassem: & tinha mandado a Diogo fernandez que era adail que fosse descobrir dhũ cabeço contra Benastarim se parecião os immigos & que gente era. E em quãto Diogo fernãdez foy fazer isto com cico de caualo que forão coele, chegou ho pião canarim cõ ho recado falso de Pulatecão, & deuho ao tanadar mòr q̃ tambem estaua a caualo com ho capitão. E porque com aquela noua ouue aluoroço antre os outros piães, que erão seyscentos, preguntou ho capitão que era aquilo, & ele disse que não sabia o q̃ dizia aquele pião que lho preguntasse ele. E sabendo o que dizia, aluoroçouse logo ho capitão como homem mancebo pera ir matar aq̃les mouros, & pregũtou ao tanadar mòr que faria: dizẽdolhe ele que não sabia, não curou mais de ho preguntar a outrem. E sem tomar conselho sobre cousa de tanta importancia como aquela, nẽ esperar polo adail & pelos outros, se mudou do caminho que estaua pera fazer a Benastarim, & abalou pera Goa a velha cõ trinta & cinco de caualo com ho tanadar mòr & quinhentos piães, de que os trezentos erão canarins & os duzẽtos Malabares muyto bõs frecheiros, & era seu capitão hũ que fora goazil de Cananor valẽte homem de sua pessoa & muyto amigo dos Portugueses. E indo assi descobrio ho pião Canarĩ (que leuara o recado falso) aos outros piães a treyção que estaua ordenada aos nossos, cõselhandolhes que fugissem, porque assi ho auia ele de fazer: & assi ho fizerão que todos os piães Canarins se deixarão ficar poucos & poucos como que cansauão & escondianse, & tambẽ os Malabares ficauão atras d̃ cãsados; que ho capitão leuaua tamanha pressa,

que sobindo ao cume de hũa serra que
està sobre Goa a velha não hião coele
mais q̃ treze Nayques que sam como
cabos dsquoadra dos piães:& estes por
serem homẽs de vergonha & muyto a
migos dos nossos. E chegando ho capi
tão ao cume desta serra, vio quasi ao pê
dela em hũ campo obra de mil & qui-
nhentos mouros bem armados todcs
fechados em hũa pinha, & antreles cin
co capitães a caualo com seus sombrei-
ros & rabos com que os abanauão. Ho
capitão que era mais esforçado pera pe
lejar, que repousado pera capitanear,
como vio aquela gente preguntou ao
tanadar que farião: ao q̂ ele respõdeo
que não sabia porq̃ lhe parecia aquilo
royndade, pois via quanta auantajem
auia do numero daquela gente ao que
lhe dissera ho pião que leuara ho reca-
do que não parecia nem nenhũ dos ou
tros Canarins, que visse ele ó que que-
ria fazer.

Capit. lxv. De como o capitão de Goa pelejou com os immigos & os desbaratou: & como despois foy morto & desbaratado, & do que os nossos fizerão despois disto.

OVuida a reposta do
tanadar, preguntou ho
capitão aos nossos ho
mesmo que lhe pregũ
tara. E nã respõdẽdo
ninguem, disse ele. Se
nhores vos calaisuos, pois eu tambem
sou bomito vamos àuante. Ao que logo
respondeo Manuel da cunha como ho
mem desejoso de ganhar hõrra, auãte;
então disserão todos outro tanto. E di-
zendo isto decerão todos pola serra a-
baixo, q̃ era tão ingrime q quasi q̃ lhe
corriã as selas sobre os pescoços dos ca
ualos, que se os mouros teuerão acor-
do ao decer os matarão todos. E chega-
dos dous tiros de bésta dos imigos pou
co mais ou menos, deteueos ho capitão
& fezlhes hũa fala, dizendo. Bem ve-
dés senhores como estes perros estão
quedos, que não he se não cõ medo de
nos outros de nos verem tão determi-
nados a cometelos, & pasmão de ver
nossa determinação pola deferẽça que
ha de sua multidão á nossa pouquida-
de. Esperemos em nosso senhor que
pera sua destruyção nos troute aqui:
por isso señores como tiuestes ousadia
pera decer da serra, assi tende pera dar
des neles. E lembreuos q̃ os q̂ morrerẽ
terão certa a gloria pera as almas, & os
viuos a hõrra pera os corpos: & co isto
moueo pera os immigos que nunca se
desfizerão da pinha em que estauão.
O que vendo ho capitão, em chegãdo
deles hum tiro de pedra deteuesse, mã
dãdo ao tanadar que fosse com os seus
a trauar coele. E disse Pero coresma ao
capitão, que se auião destar com os im
migos aos itẽs q̃ receberião deles muy
to danno, porque no mais que hũa fre-
cha que cada hum lançasse abastaria
pera os matarem a todos, que dessem
Santiago & não esperassem mais. Ho
capitão lho teue em merce, & louuãdo
muyto seu conselho fez de todos hũa
fieira pera darem melhor nos imigos,
& correos duas vezes, esforçando os,
& dizendo que auia de ficar detras pe-
ra ver como cada hum fazia. E mandã
do tanjer as trombetas, dizendo San-
tiago foy ho primeyro que cometeo os
immigos, & os nossos coele, & os rom-
perão hũa vez, & dando logo volta os
romperão outra, deixando hũs mortos
& feridos das lanças, & outros pisados

dos cauallos,& dos nossos tambem forão feridos algũs poucos,antre os quaes foy mestre Afonso com hum zagũcho:porem os immigos se desbaratarão logo & fugirão contra ho mar jũto dondestaua Pulatecão, recolhendo a sua gente que passauão da terra firme em jangadas & fustas,& ajuntauanse ali em corpo coele que estaua a cauallo. E quando estes virão vir fugindo os outros & os nossos apos eles, começarão de fugir sem aproueitar a Pulatecão esforçalos,& remeterão ao mar pera se saluarem nas jangadas,& tão desatinados hião que se afogarão obra de trezentos, & os outros se espalharão pelo campo indo os nossos depos eles, & assi os piães Malabares que ja erão chegados,& eles às frechadas,& os nossos as cutiladas matarião bem quatro centos dos immigos,& tomarão os cauallos aos capitães. Pulatecão q̃ vio ho desbarato dos seus,como homem acordado determinou de se fazer forte,porque bem vio que estaua certo que fugindo, nem ele nem quantos fossem coele poderião escapar,porque os auiã os nossos de seguir,& como os seus hiã desbaratados não auião de fazer volta aos nossos por mais que os esforçasse. E porque ja não podia recolher todos por quão desmandados andauão, recolheose com os que mais prestes pode ajuntar, que forão oytenta turcos homens de preço, & que seruião muytas vezes de capitães, & que estauão bem armados, acolheose coeles a hũa mama de terra que se leuantaua naquele campo,& era cercada de pedra com duas ẽtradas,& antre hũa & a outra estaua hum padrão de pedra como que antigamente seruira de fortaleza. E vendo ho capitão fazerse aquele corpo,conheceo pelos sinaes que ali estaua ho capitão dos immigos, & assi ho disse a Manuel da cunha,pregũtandolhe o que faria,& ele disse que fossem auante,& ajuntou ho capitão consigo & com Manuel da cunha ate quatorze de cauallo,Pero coresma,Antonio correa,Francisco de madureyra, Fernão caldeyra, Fernão correa, Manuel de sousa tauares,mestre Afonso, Bastião rodriguez contador & escriuão da camara da cidade & outros quatro. Ho tanadar como vio a determinação do capitão,dissélhe que por nenhũ modo fosse cometer aqueles que erão liões,q̃ deixasse ajuntar os seus piães que ja comecauão de chegar, & que eles lhos matarião aas frechadas ou farião que se lhes entregassem, porque a cauallo não lhes podia fazer nojo pola colheita em que estauão: do que ho capitão parece que se agastou,& com soberba de sua grande & demasiada vitoria,disse que quem vencera mil & quinhentos homẽs não auia nada,que não auia de temer corenta ou cincoenta mouros fanados & alfenados. E vendo ho tanadar que não queria seu conselho calouse, & ho capitão cometeo os immigos,ele com Manuel da cunha,& algũs destes quatorze por hũa parte do padrão & os outros pela outra:& pera ainda os immigos os mais conuidarem a cometelos,sayrão ate quasi ho padrão. & como ho capitão & Manuel da cunha(que forão os primeyros)entrarão foranse recolhendo de vagar, & acolhendo os dentro da cerca, desfechão com seus zagunchos muy brauamente, & dos primeyros trancarão hum pelos peytos ao cauallo do capitão que logo lho derribarão & tomouho debaixo sẽ se poder leuãtar,& ao de Manuel

da cunha deranlhe hũa cutilada polas ancas com que tirou tantos couçes que deu coele no chão, & quaſi que ho capitão & ele cayrão ambos a hũ tẽpo,& logo forão mortos ꝑ algũs dos imigos, de que os outros ferirão muyto mal ſete ou oyto dos noſſos, & tanto que ouuerão por ſeu barato de ſe ſayr & não ir mais auante,eſpecialmẽte vẽdo morto ho capitão & derribado ſeu guião. E aqui parece q̃ noſſo ſeñor quis goardar eſtes porque ſe Goa não perdeſſe & a Chriſtindade da India não recebeſſe tamanha quebra,q̃ quando os noſſos ſayrão da cerca aſſi apertados nẽ Pulatecão os ſeguio,nẽ outros dos ſeus q̃ ali eſtauão juntos ſe lhe poſerão diãte ꝑa os deter & mal tratar,mas vẽdo os vir denodados lhe derão lugar q̃ ſe ſayſẽ. E quis noſſo ſeñor q̃ os noſſos ſe ajũtarão logo & forãſe caminho da cidade ſẽ falecer mais q̃ ho capitão & Manuel da cunha:& porẽ ho feyto foy tão façanhoſo q̃ mais não pode ſer,mas ho capitão não ſoube agardecer a noſſo ſeñhor a merce que lhe fazia,& quis atribuyr tudo a ſua valentia,não tomando ho conſelho do tanadar quando lhe diſſe q̃ não cometeſſe Pulatecão q̃ os ſeus piães lho matarião. E eſte tanadar ho fez ali muyto valentemẽte, que a fora matar muytos dos imigos ajudou com Pero coreſma a meter os noſſos ẽ acordo de ſe ajuntarem & hirẽſe logo pera a cidade,onde chegarão indolhe os immigos ladrando ate as duas aruores q̃ nunca ouſarão de çarrar coeles:nẽ o q̃ Pulatecão fez foy ſe não como deſeſperado de ſe nã poder ſaluar. E chegados os noſſos à cidade,foy grãde aluoroço na gente cõ a entrada dos mouros,& com a morte do capitão pola guerra q̃ ſe eſperaua,& quiſerão logo todos fazer ſeu capitão a Franciſco pantoja,q̃ por ſer alcaide mór era ſua a capitania: mas ele a não quis por a terra eſtar tão reuolta como eſtaua, & aſſi ho diſſe,o que lhe todos tacharão muyto. E vẽdo os officiaes da camara da cidade,& aſſi os da fazenda del rey,& todos eſſes fidalgos & caualeyros q̃ auia em Goa como Franciſco pantoja não queria ſer capitão,lhe fizerão aſſinar hũ auto q̃ ſe diſſo fez,& aſſinado elejerão todos ẽ camara por capitão a Diogo mẽdez de vaſconcelos poſto q̃ eſtaua preſo, viſta a neceſſidade q̃ auia de capitão, & q̃ pera ho tempo outro ho não podia melhor ſer,aſſi por esforçado, como prudente & autorizado. E deſpois de ho fazerem capitão Franciſco pantoja ſe arrependeo de ho não ſer,& requereo que ho fizeſſem,mas não lhe aproueitou. E feyto Diogo mendez capitão,Criſnà lhe diſſe que bem ſabia q̃ os turcos erão ſeus immigos por amor dos noſſos,& que eſtaua certo queymarenlhe as caſas & deſtruyrennos, que lhe pedia que os recolheſſe na cerca,& que hi ſe agaſalharião nas ruas em tendilhões,do que ho capitão foy contẽte, & a Criſnà deu caſas onde pouſaſſe com ſua familia, & os outros agaſalharanſe polas ruas da maneyra que digo, & hi tinhão ſuas mercadorias, aſſi de panos como de mantimentos, de que na cidade auia poucos ſe ho cerco foſſe perlongado, & por iſſo ho capitão mandou recolher na cidade quãto gado pode auer, fazendo conta que ho mandaria tirar a pacer com goarda ſe os immigos não aſſentaſſem ho arrayal perto da cidade: & ſe não que ho mandaria matar & ſalgar,que mayor medo auia aa fome que aos immigos cõ quanto não tinha mais q̃ duzẽ-

tos Portugueses que fossem pera pele-
jar, antre os quaes auia corenta de caua
lo, & tinha seyscẽtos piães Canarís &
Malabares, & a outra gẽte que se reco-
lhia na cerca era muyta, & ho mãtimẽ
to pouco parela, & por isso pos ele grã
de goarda no q̃ auia no almazẽ del rey
pera a necessidade. E porque ho arra-
balde a que ẽtão chamauão vila velha
(que era daquela parte onde agora está
a hermida de Santiago) não ficasse de
semparada, mandou ao tanadar moor
& a Araulu branco hũ valẽte canarim,
que cõ seus piães a goardassẽ & vigias
sem de dia & de noyte, & a defendessẽ
dos immigos se viessem, & por os mu-
ros da cerca & baluartes, ordenou suas
vigias & roldas, & proueo tudo como
era necessario.

Capit. lxvj. De como Pulatecão assen-
tado seu arrayal em Benastarim hia
correr á cidade, & de como lhe os nos
sos sayão & leuauão a melhor.

ENtrada na ilha toda a gẽte de Pulatecão que erão tres mil homẽs de peleja, turcos, coraçones, persios & canarins, em q̃ auia cento & cincoeta de caualo, recolheose ele a Benastarim onde assentou seu arrayal, assi por ser ho passo onde lhe podia mais asinha acodir socorro da terra firme, como por não ser mais de hũa legoa da cidade & estar a hi perto hũa alagoa pera dar de beber aos caualos & ao gado. E como assentou seu arrayal, começou de edificar hũa cerca de muro com algũs baluartes cõ determinação de fazer hũa fortaleza pera se recolher nela & defenderse do gouerna-
dor posto que socorresse a cidade; & q̃
daq̃la fortaleza a poderia o Hidalcão
tornar a cõquistar, & assi lho escreueo.
E tẽdo assentado seu arrayal, foy cõ to
da sua gẽte dar vista á cidade, & pos a
mòr parte dela em cilada, & mostrou-
se cõ a outra aos nossos, porq̃ parecẽdo
lhes poucos os ꝓuocasse a pelejarẽ coe
le, & q̃ os leuaria ate a cilada como que
fugia, & ali os mataria a todos, que não
ousaua de pelejar cõ os nossos ẽ batalha
cãpal, por quão escaldado ficou de ver
tão asinha desbaratados os seus quãdo
Rodrigo rabelo os foy buscar a Goa a
velha. E Diogo mendez como vio os
immigos, & q̃ erão poucos sayo a eles,
porẽ doendolhe ho cabelo de lhe terẽ
armada algũa royndade hia cõ grande
tẽto. E isto lhe fez q̃ chegando á cilada
ho tomarão os imigos apercebido, &
pelejou coeles cõ tanto esforço, assi seu
como dos seus que os desbaratarão cõ
matarem & ferirẽ algũs ficãdo os nos-
sos todos sãos, & tambem ho tanadar
mòr & Raulu ho fizerão muy valẽte-
mente. E desbaratados os imigos, reco
lheranse os nossos a cidade, & forão re
cebidos cõ grande festa: & dali por diã
te corrião os immigos muytas vezes a
cidade, & pelejauão cõ os nossos por re
cõtros & com voltas & poendolhe cila
das, porq̃ como disse não ousauão dou
tra maneyra. E sempre nosso señor se-
ja louuado os nossos leuauão a melhor
dos imigos & matauão muytos, & dos
nossos erão feridos algũs: & logo como
ho cerco começou, chegou a Goa Fran
cisco pereyra de berredo ẽ hũa fusta,
em que leuou trinta homẽs Portugue-
ses que lhe deu Diogo correa seu tio ca
pitão de Cananor õde se esteuera curã
do de hũa doẽça q̃ lhe dera ẽ Goa ãtes
que ho gouernador fosse pera Malaca.

E sabẽdo ele q̃ Goa estaua cercada, disse a seu tio q̃ se queria ir pera là, & ele mãdou coele aq̃les trinta Portugueses, cõ que ho capitão de Goa folgou muyto por ser em tal tẽpo, & deu a goarda de hũa estancia a Francisco pereyra, pera q̃ a goardasse cõ os que trouuera de Cananor, & mandoulhe dar hũ cauualo pera quãdo ouuessem de sayr aos immigos.

¶ Capit. lxvij. De como ho Hidalcão deu a conquista de Goa a seu cunhado Roçalcão, & do engano que Roçalcão fez aos nossos ꝑa ho ajudarẽ cõtra Pulatecão: & de como ho deitou fora da ilha & ele ficou nela, & cercou Goa.

SAbẽdo ho Hidalcão como Pulatecão ganhara as tanadarias da terra firme de Goa, & tinha senhereada a ilha & cercada a cidade, determinou de a tornar a cobrar, tanto q̃ fosse desocupado da guerra del rey de Narsinga: & pera entre tanto começar de fazer ho alicece, mãdou a hũ seu cunhado chamado Roçalcão boõ caualeyro & turco de geração q̃ fosse fazer hũa fortaleza no passo de Benastarim porque receaua de a fazerẽ ali os nossos & lhe tolherẽ a passajẽ pera Goa como ja disse, õde despois de acabada se recolheria & faria guerra à cidade ate a tomar, pera o q̃ lhe deu seys mil homẽs de peleja, turcos, coraçones, persianos, arabios & abexins, & deulhe prouisam pera Pulatecão lhe entregar a gẽte que tinha & se ir parele. E ꝑa sostẽtamẽto de tudo isto lhe deu as rẽdas das tanadarias da terra firme. E coeste despacho se partio Roçalcão, & chegou de fronte de Benastarĩ da banda da terra firme, dõde mandou recado a Pulatecão, q̃ nunca quis obedecer às ꝓuisões do Hidalcão, dizẽdo q̃ pois ele ganhara a ilha q̃ auia de fazer a fortaleza & conquistar a cidade. E vẽdo Roçalcão q̃ não queria obedecer às ꝓuisões que trazia, determinou de ho lãçar fora da ilha por força, pera o q̃ lhe pareceo que lhe era necessario ajuda dos nossos, que determinou dauer por engano, a que deu cor com algũs dos nossos q̃ forão catiuos na nao em q̃ hia Fernã jacome quando indo de çacotorà deu à costa ẽ Dabul q̃ ele trazia cõsigo, & andauão na capitania d̃ Ioão machado q̃ vinha coele: & assi andauão tambẽ Duarte tauares q̃ fora catiuo na terra firme despois do gouernador tomar Goa a segũda vez, & por este mandou Roçalcão dizer a Diogo mẽdez, q̃ ele vinha por mãdado do Hidalcão ꝑa destruyr Pulatecão q̃ andaua leuantado cõtrele, & tomara as tanadarias da terra firme sẽ seu mandado, & como tredoro lhe comia as rendas, q̃ se ele o quisesse ajudar a destruyr q̃ se liuraria da guerra q̃ lhe fazia: & q̃ ele lhe ꝓmetia q̃ fizesse paz coele em nome do Hidalcão, & ꝑa isso trazia os catiuos q̃ digo, & em final disso lhe mãdaua logo aq̃le: & assi outras palauras, mostrando quanto desejaua a paz. E cuydando Duarte tauares que aquilo era verdade, afeyçoouho ainda mais quando ho disse a Diogo mẽdez como Roçalcão trazia os nossos q̃ dizia, & com caualos & armas como liures & lhe fazia muyto gasalhado. E ouuindo Diogo mendez isto, & vendo algũa mostra em lhe Roçalcão mãdar Duarte tauares, creo q̃ falaua verdade, & assentou paz coele, & deulhe ajuda por mar contra Pulatecão que foy coela desbaratado, & deitado fora da ilha; no que Diogo mendez errou

muyto, porque sabendo que Roçalcão era cunhado do Hidalcão, que sabia q desejaua de cobrar Goa não ho ouuera dajudar, se não a Pulatecão que era auentureyro, & por ser soo, & não ter quem ho ajudasse, ouuera de folgar de se fauorecer com os nossos & ouuera de fazer corpo coeles, & por isso fizera q̃lquer partido q̃ lhe cometerã, & ouuera ho de manter polo que lhe releuaua. O q̃ estaua certo que Roçalcão não auia de fazer polas causas q̃ digo: & assi ho fez que entrado na ilha não deu os catiuos como foy cõcertado no assento da paz, antes mandou dizer a Diogo mendez q̃ lhe desse a fortaleza da cidade q̃ era a casa do Hidalcão & cabeça de seu reyno, que senão auia de dar a outrẽ se não a ele. E Diogo mendez lhe respõdeo que a cidade era del rey de Portugal, & que q̃ndo todos os q̃ estauão dẽtro perdessẽ as vidas que então a deixarião. O q̃ ouuido por Roçalcão, determinou de fazer guerra guerreada aos nossos, porque bẽ entẽdeo em sua reposta que os não auia de tomar facilmẽte, & mandaua correr a cidade de gente de caualo & de pê, & isto muyto amiude pera que os nossos saysem a pelejar coeles: & logo pola primeyra que os imigos hião todos, não queria Diogo mendez q̃ lhe os nossos saysem descubertamẽte, mas mandou os poer em ciladas antre valos & aruoredos q̃ então auia daquela parte, que entraua na vila velha indo de Benastari, & os imigos recebião muyto dãno dos nossos q̃ndo lhe sayão, porque como os tomauão de supito posto que erão poucos fazianlhe muyto dãno de feridos & mortos. E vẽdo Roçalcão ho ardil de Diogo mẽdez, mudou a seruẽtia do caminho por aquela parte, & entraua pola rua que agora he dos bachares, & tambẽ Diogo mẽdez teue ali ho mesmo ardil de cilada & sempre os imigos leuauão ho peor: do que eles andauão muyto agastados, prĩcipalmẽte os turcos q̃ presumião de muyto valẽtes. E estando hũ dia hũs poucos na tẽda de Ioão machado q̃ era seu capitão, começou de falar na guerra, & disse q̃ não cuydaua q̃ se os nossos defendessẽ tão bẽ, que auia neles muyto esforço. E auẽdo os turcos menẽcoria de Ioão machado gabar os nossos, disserão que se eles forão tão esforçados como tinhão a fama q̃ ja ouuerão de sayr a pelejar coeles, & trabalhar polos lãçar fora da ilha, & não sofrerẽ estar encurralados como gado, & por serẽ couardos ho sofrião, & q̃rião cõ manhas ganhar hõrra, & assi disserão outras muytas palauras em desprezo dos nossos. E cõ quãto isto pareceo mal a Ioão machado como a verdadeyro Christão q̃ era, não ousou de respõder como Christão por não dar de si sospeyta que ho era: mas disse aos turcos que mandassẽ hũ desafio aos nossos de tantos por tantos, & q̃ saberião se erão valẽtes ou nã. E os turcos que desejauão de se ꝓuar coeles de corpo a corpo, mandarão logo hũ cartel ao capitão, em q̃ dizia q̃ no arrayal de Roçalcão auia homẽs que desejauã de se ꝓuar cõ os nossos ẽ batalha particular, que se quisesse mandar algũs a isso que ho mãdasse dizer, & q̃ quãtos quisesse que saysem, tantos turcos acharião diante da cidade armados de terçados, adagas & cosos que auião de ser as armas com que auião de pelejar, & que as mesmas trarião os nossos. E o q̃ mais sobrisso sucedeo eu ho não pude saber: porem despois que Roçalcão pos ho cerco aa cidade, ele fez a guerra

maisaptada aos nossos do q̃ Pulatecão a fazia, & não auia dia q̃ lhe não corresse & desse cõbate: mas sempre os nossos cõ quão poucos erão lhe sayão, porque Diogo mẽdez era muy esforçado & sempre leuaua cõ ajuda de nosso senõr ho melhor dos imigos, & mayor medo auia da fome q̃ deles porque erão poucos pa a muyta gẽte q̃ sobreueo pera os gastar como ja disse.

Capit. lxviij. De como cayo hũ pedaço de muro da cidade cõ a tormẽta do inuerno, & do grande trabalho que os nossos teuerão em defender q̃ os imigos não entrassem por ali.

N Estes dias começou dentrar ho inuerno com suas tẽpestades d̃ grãdes chuuas & vẽtos como ha naq̃la terra, & cõ a força da tormenta arrunhou da parte d̃ fora hũ lãço do muro da cidade da bãda do Mãdouim q̃ estaua aĩda velho do tẽpo dos mouros. & cayo todo aq̃le pedaço q̃ arrunhou mas ficou daltura dhũ homẽ, & q̃s d̃s que isto foy de noyte, porq̃ se acertara de ser de dia q̃ os imigos ali esteuerão viranse os nossos ẽ muyto grande trabalho. E cõ tudo ho teuerão assaz em acarretarẽ algũs falcões q̃ assentarão sobre ho muro quebrado pa se defenderem dos imigos ate buscarẽ madeira pera fazerẽ ali hũa tranqueyra por q̃ a nã tinhão prestes. E despois q̃ foy manhaã q̃ os nossos a andauão buscãdo, sobreueo Roçalcão cõ sua gen... pa ẽtrar por aq̃le quebrado q̃ logo ho soube: ho capitão estaua ali cõ todos os q̃ tinha que podião pelejar, & mandou desparar os falcões q̃ estauão assestados, q̃ fizerão hũa grãde esborralhada nos imigos de muytos q̃ cayrão mortos feitos ẽ pedaço, & outros aleijados: porẽ erão tãtos q̃ nã deixauão de se chegar a lança darremesso, & os nossos se defẽdião tambẽ q̃ não lhes aproueitaua serẽ muytos. E assi durou a peleja todo aq̃le dia em peso sẽ nũca deixarẽ de peleiar: & nosso senõr quis fazer tanta merce aos nossos q̃ cõ quão poucos erão sempre teuerão ho rosto dereyto aos imigos, de q̃ matarão & ferirão muytos, & deles tambẽ morrerão algũs & forão feridos, & hũ deles foy ho tanadar, q̃ foy ferido de hũa espingardada, de q̃ despois morreo dahi a hũs dias, que foy muyto grande pda pera os nossos por ser muyto valẽte homẽ de sua pessoa, & grãde imigo dos mouros, & q̃ ajudaua muy bẽ a matalos. E estando assi na cama ferido, dizia q̃ lhe não pesaua de morrer, se não porq̃ não morria às cutiladas, matando q̃ntos mouros ele deseiaua de matar. Coesta grande perda dos seus, se recolheo Roçalcão ja quasi noyte, & tão destroçado ficou q̃ não podeo tornar ao outro dia, cõ que os nossos teuerão tẽpo pera fazer hũa tranqueyra naq̃le quebrado do muro, & fizerãna de palmeyras de duas faces entulhada de terra muyto forte, & assentarão nela artelharia. E parecendo todauia a Roçalcão q̃ poderia entrar por aquele lugar, & q̃ tomaria os nossos de sobresalto, foy logo aquela noyte muyto caladamẽte & chegou ao quarto da modorra, & cometeo a tranqueyra de supito cõ grande grita dos seus: os nossos que ali vigiauão ouuerãse tão esforçadamẽte q̃ sosteuerão este primeyro impeto dos imigos. E nisto acodio ho capitão com a gente de sua sobre rolda: & porque se temeo que os mouros coesta reuolta cometessem as outras estãcias & entrassẽ por q̃lquer delas mandou aos

que estauão nelas q̃ por nenhũ modo
as deixassem,& ele ajudou com os que
trazia a defender a tranqueyra, q̃ foy
tambem defendida que se afastarão os
imigos que ja estauão pegados coela:&
esteuerão assi pelejãdo ate amadruga-
da recebendo muyto dano dos nossos
de mortos & feridos,& dos nossos ne-
nhũ. E vẽdo Roçalcão quão pouco os
seus fazião,& ho dano que recebião,
recolheos & tornouse ao seu arrayal,&
tornou logo outra noyte com ho mes-
mo rebate,& fez tão pouco como esta.
E vẽdo ho capitão isto cuydando q̃ os
imigos ho fizessem mais vezes,man-
dou logo fazer muytos abrolhos de fer
ro q̃ mandou meter ao pé daquele mu
ro por onde os immigos cometião,que
tornarão ainda outras duas vezes de
noyte, & como não vião os abrolhos
estreparãse neles,& receberão muyto
mayor dano que das outras. O q̃ vẽdo
Roçalcão nã quis mais cometer os nos
sos de noyte,& porque lhes desse maa
vida mandaualhes tanjer hũa trombe-
ta donde a podessem ouuir,porq̃ ouui
doha cuydassem que hia ele & acodis-
sem à tranqueyra & não teuessem nhũ
repouso:& assi foy que acodião logo &
estauão nela toda a noyte esperãdo po
los imigos,sofrẽdo muyto grande tra-
balho,assi destarem armados como do
vento & chuua que fazia,& os imigos
estauão em seu arrayal descansados &
rindose deles,do q̃ Ioão machado mã-
dou auisar ao capitão por escripto, &
mais que Roçalcão tinha às duas aruo-
res hũa soma de piães q̃ vigiauão em
hũa estancia pera darem goarda a aq̃la
trombeta que mandaua tanjer,que se
os nossos dessem sobreles de supito q̃
matarião todos ou a mayor parte de-
les. E como Ioão machado era auido
por verdadeyro antre os nossos polo q̃
fizera quando ho gouernador esteue
cercado em Goa creolhe ho capitão o
que lhescreuia. E determinãdo de ma
tar os imigos que vigiauão as duas ar-
uores,mãdou a isso Diogo fernandez
adail com algũs nossos de caualo,& A-
raulo cõ seus piães,q̃ forão tão quieta-
mente que nũca forão sentidos dos im
migos se não quãdo derão sobreles,&
cercãdo os de todas as partes matarão
muytos & os outros fugirão pera ho ar
rayal de Roçalcão,& contarãlhe o que
os nossos fizerão,& ele dali por diante
não mãdou mais tanjer a trombeta:&
os nossos ficarão desapressados do tra
balho que leuauão de noyte.

Capit.lxix. De como pelo grande trabalho q̃ hia na cidade, assi de fome como doutras perseguições da guerra algũs dos nossos fugião pera os mouros:& de como Ioão machado se foy pera os nossos.

DEspois disto sabendo
Roçalcão q̃ festa era
ho domingo antre os
nossos,& como ho so
lenizauão & ouuião
missa pola manhaã,
determinou de cometer a tranqueyra
quãdo a ouuissem,& deitouse a noyte
do sabbado ẽ cilada ꝑto da cidade,por
q̃ ho nã vissẽ os nossos senão q̃ndo des
se neles. E ao domingo a horas q̃ lhe pa
receo q̃ estarião na missa,sayo de supi
to & deu cõ sua gẽte na tranqueyra, &
como ela era muyta(& os nossos no ma
is q̃ os ordenados á vigia)ẽtrarãna q̃ si
em a cometẽdo esses q̃ hião na diãtey
ra que serião bem cem homens. O que
visto por Roçalcão começou de bra-

bradar a todos que entrassem antes q̃ os nossos acodissem, lembrãdolhe que se aquele dia fossem valentes homẽs q̃ se lhes acabaria nele ho trabalho dos muytos dias que auião de leuar sobre ganharem aquela cidade, posto que todos morressem sobrela: mas nisto acodio ho capitão com quantos auia na cidade, & derão nos immigos com tão grande impeto ferindo os cõ as lanças, & outros cõ espingardadas & sètadas que os fizerão tornar pola tranqueyra fora ficando algũs mortos dentro, & dos nossos nã morreo nenhũ, & todos ho fizerão alí muy esforçadamente: & se assi nã fora a cidade esteue muy perto de se perder, & perderasse se entrarão mais mouros. E saydos os mouros, mandoulhes ho capitão tirar com a artelharia, & Roçalcão se tornou muyto descontente dos seus: & por se vingar dos nossos mandou assestar hũ camelo no oyteiro onde agora està a forca da cidade, que he muyto perto dela, & dõde se parece toda, & mãdaua tirar coele muyto amiude, & deitaua muytos pelouros dentro, o que fazia muyto nojo, não somente nas casas mas na gente q̃ sempre mataua algũs, & ãdauão os nossos tão assombrados deste tiro que não segurauão em nenhũ lugar, porq̃ nas casas & fora delas sempre fazia dnão. E coisto corria Roçalcão a cidade muytas vezes, & como os nossos lhe sayão mandaualhes tirar com ho camelo & fazialhes muyto mal: & este foy ho primeyro trabalho que começarão de sentir da guerra que era muy grande, & apos este outro muyto mayor, q̃ foy ho da fome que sobreueo despois que se gastarão os mantimẽtos q̃ tinhão os bachares da cidade gentios, que não ficarão mais que os que auia no almazẽ q̃ se dauão por muy estreyta regra: & estes erão arroz & algũa carne do gado q̃ ho capitão tinha viuo pera estas necessidades, & era a carestia tamanha que hũ fardo darroz custaua mil r̃s & hũa galinha hũ cruzado, & por mar não podião ir nenhũs mantimẽtos aos nossos, assi por ser inuerno como por amor de hũas fustas dos mouros q̃ estauão em Cintacorà, com cujo medo os gentios darredor não ousauão dir, que bem ho podião fazer em paraos cõ hirem ao lõgo da terra: assi que por esta causa de não poderem os mantimẽtos hir a Goa auia nela grande fome, principalmente antre a gente da terra, a q̃ se não daua regra do almazem se não aos que pelejauão, porque se a dessem a todos não auia remedio pera abastar dez dias, & por isso aos que pelejauão se daua regra somẽte, & os outros não comião mais que pescado cozido em agoa tal, & este fresco q̃ cada dia ho pescauão os pescadores, & de não comerẽ outra cousa adoecião muytos de corrença & morrião. E era piedade velos deitados por essas ruas doentes & mortos de fome, que não auia quẽ andasse por elas coeles & com ho gado, & erão as moscas tantas que não auia quẽ se valesse, & tambem despois que ho arroz faltou aos nossos adoecerão eles de corrẽça & morrião, & cada dia auia couas abertas, & coestes trabalhos começarão algũs dos nossos denfraquecer, & desesperar de poderem viuer, & pera escapar da morte fugião pera os immigos deitãdose de noyte do muro abaixo & estes erão espingardeiros & bèsteiros pera os receberem cõ melhor võtade, & como erão no arrayal dos immigos, preguntauão logo por Ioão machado nomeandoho por seu nome mourisco,

E isto cuydando que era mouro,& rogauanlhe que os apresentasse a Roçalcão,dizendolhe que vinhão com muyta vontade de ho seruir naquela guerra com suas bestas & espingardas.E Ioão machado por se encobrir fazia seu rogo:& Roçalcão folgaua muyto coeles, & eles lhe dizião ho estado em q̃ estauão os nossos.E estes por com prazer a Roçalcão se tornauão mouros,& todos estes erão entregues a Ioão machado, que era capitão da gente branca, que andaua muy agastado por se os nossos hirem pera os immigos & tornarense mouros.E indo se assi algũs dos nossos pera os imigos que serião ate sesenta, hũa sesta feyra dendoenças fugio hum caualeyro,q̃ se chamaua Fernão lopez homem de boa casta. E vendoho Ioão machado como andaua agastado,preguntoulhe que dia era aquele antre os Christãos:& ele lho disse,& a rezão porque lhe chamauão assi:ao que Ioão machado disse que lhe parecia q̃ goardauão muyto mal sua ley,& se não deuião de lançar com os mouros em dia ẽ q̃ ho seu Deos morrera por eles.E não passando mais sobristo, determinou Ioão machado de ẽ todo caso se ir pera a cidade pera esforçar os nossos, & darlhes maneyra como ouuessem mãtimentos,& mostrarlhe como os mouros não tinhão tanto poder que os entrassem por força.E esta determinaçã trazia ele de dias,& sobrisso se vira algũas vezes no campo com ho nosso capitão,dissimulando que lhe daua recado de Roçalcão,& mandou à terra firme polo seu dinheiro que lá estaua,& que lhe trouuessem dous filhos pequeninos que tinha de hũa moura,& mandou os trazer com proposito de os matar,porque os não podia leuar consigo sem ser sentido.& pareceolhe que se ficassem sem ele antre os mouros que se farião mouros,que ateli erão Christãos que ele mesmo os bautizaua quãdo nacião,& lhes insinou despois que forão de idade ho Pater nr̃ & outras orações que insinão aos meninos,com proposito de se ir ainda pera os nossos & leualos consigo:& por a necessidade que então auia de se ir,não quis deixar de se ir posto que os não podesse leuar. E porque se não seguisse o que receaua pedio perdão a nosso senhor se naquilo fazia peccado,& afogou os,& deu a entender que morrerão supito fazẽdo por eles grande prãto.E como ja tinha seguro do capitão,tomou a seu dinheiro & hũ dia fazendo que hia folgar pola ilha,leuou consigo todos os de sua capitania,& assi os nossos que andauão na terra firme,como os q̃ fugirão da cidade.E chegando ꝑto dela,disse aos nossos q̃ de la fugirão se se querião tornar coele parela,principalmente a Fernão lopez,& ele nem nenhũ dos outros nã quiserão se não os q̃ forão catiuos em Dabul q̃ se forão coele pera a cidade, onde foy recebido com procissam,& assi foy leuado à igreja,& ali forão dadas por todos muytas graças a nosso senhor por lhes fazer tamanha merce, como era trazerlhes aquele homẽ em tempo de tamanha necessidade.E certo que ela foy muy grande merce,por q̃ se Ioão machado não fora muy poucos ficarão na cidade que se não forão pera os mouros segũdo ho trabalho q̃ hia da fome & das doenças que dela nacião.E quando virão que ele que estaua fora deles & em lugar onde viuia tãto aa sua vontade se vinha meter neles sem nenhũ constrangimẽto,os que tinhão proposito de se ir pera os mou-

ros ſe arrepẽderão,& os que ho não ti-
nhão forão confirmados pera ho terẽ
nunca:& todos cobrarão nouo eſforço
pera ſoportarẽ a fome & ſe defenderẽ
dos immigos.

Capit.lxx. De como deſpois de paſſa-do Ioão machado pa a cidade apertou Roçalcão mais ho cerco, & de como Frãciſco pereyra de berredo foy por mantimentos a Batecalâ, no que paſſou grande perigo.

Nvyto ſentio Roçal
cão a ida de Ioão
machado pera os
noſſos,& mais por
ſer em tempo que
cuydaua que ſelhe
auiã dẽtregar por
amor da fome que auia antreles. E en-
tão duuidou muyto de os poder tomar,
porque irſe Ioão machado em tal tẽpo
não era ſem grande miſterio,& pregũ
taua aos arrenegados ſe ſabião a cauſa
de ſua ida,ou ſe auia algũ trato ãtre ho
noſſo capitao & ele,& eles dizião que
não ſabião,ſomẽte q̃ ſe falauão algũas
vezes no cãpo. E coiſto ficou Roçalcão
mais temeroſo,porq̃ ſe receou dalgũa
treyção com quãto lhe os arrenegados
dizião que não ſe receaſſe de nada,por
que os noſſos eſtauão tão trabalhados
da fome,que quãdo ſe bem podeſſem
defender que não farião tão pouco,&
q̃ lhes correſſe muyto amiude,& que
os tomaria ou ſelhe entregarião,& que
ho camelo que eſtaua na eſtãcia da for
ca,não canſaſſe de tirar porque eſte da
ua grande opreſam na cidade,em tãto
que ninguem ouſaua dandar por ela. E
ouuido Roçalcão iſto tornaua eſperar
de tomar a cidade & corrialhe quaſi ca
da dia,âs vezes de madrugada,outras
em amanhecendo,& à tarde,outras ao
meyo dia & em anoytecendo,pera ver
ſe podia tomar os noſſos de ſupito &
entralos:porem eles eſtauão apercebi-
dos a todas as horas q̃ parecia q̃ ſempre
ho eſperauão. E vẽdo ho capitão quão
amiude vinhão os imigos punhalhes
ciladas por todas as partes,& como vi-
nhão deſcuidados diſſo fazialhes muy
to dãno ſem receber nenhũ. E cõ tudo
Roçalcão não deixaua de mandar cor-
rer a cidade,& de cada vez cõ mais gẽ
te & ele hia coela as mais das vezes,&
muytas ſe chegauão os ſeus tanto aos
muros, principalmente de noyte que
ſobião por eſcadas q̃ ſempre trazião,
& chegauão ate as ameas,& auia muy
grandes pelejas,& os noſſos pola virtu
de de noſſo ſeñor ſempre ficauão com
a vitoria:porque ſem ſua ajuda não po
derão eles tanto tẽpo reſiſtir â muyto
grande força dos imigos ſendo eles ja
muy poucos,porq̃ a eſte tẽpo os mais
erão doẽtes q̃ não podião pelejar,ſe nã
fazião gẽte nos muros. E eſſes ſão aſſi
poucos como erão fazião grandes faça
nhas,mayormẽte ho capitão Manuel
de ſouſa tauares,ho adail Ioão macha-
do,Fernão caldeyra,Pero coreſma &
outros,de maneyra que ſempre os imi
gos leuauão ho peor. E cõ tudo Roçal-
cão não deixaua de perfiar em os perſe
guir de dia & de noyte cõ lhes correr,
& cõ nũca ho camelo da eſtãcia da for
ca eſtar quedo ſem deſparar,& pera q̃
não arrebẽtaſſe cõ tantos tiros,reſfria
uão no a cada tiro cõ vinagre. E eſtes pe
louros que de contino cayão na cidade
dauão muyta opreſam aos noſſos com
lhe danificar as caſas & matar algũs. E
os Canarins q̃ eſtauão agaſalhados pe
las ruas em tẽdas padecião dãno incõ-

portauel deste camelo, porque não auia dia que não matasse deles. E com todos estes trabalhos que os nossos tinhão, teuerão outro que quãto hia mais ho inuerno por diante tanto lhe mais cayão pedaços dos muros com as continuas tormentas de brauas chuuas & furiosos ventos, & isto por estarem ainda frescos. E estes lanços que assi cayão erão logo tapados com tranqueyras q̃ os nossos fazião, & ho esforço que tinhão lhe daua forças pera isso, que por via de natureza eles as tinhão assaz debilitadas, assi com comerẽ muyto mal como com dormirem peor, como com nunca deixarem de pelejar. E certo que não forão igoais aos trabalhos que leuarão neste cerco os que teuerão os da cidade de mutina nẽ os da fome que sofrerão os de perosa. E viuendo assi nesta fadiga, hum dia de sam Ioão pela manhaã (em que fazia tres meses que ho cerco duraua) aparecerão obra de duzentos mouros de caualo no oyteiro da forca com que vinha Roçalcão correr a cidade. E sabẽdo ho capitão sayo lhe no mais que com os nossos de caualo que erão ate oytenta, & sayo tão de pressa què tomou os immigos ao pé do oyteiro: & começando os nossos de trauar coeles escaramuça, saem de detras do oyteiro obra de seyscẽtos de pè que Roçalcão tinha em cilada, & começão de os querer cercar, pera que ficassem antreles, & os de caualo que ficauão cõtra ho oyteiro. O que vẽdo ho capitão apartou logo ametade, & mandou ao adail que cõ vinte, & a Ioão machado que outros tantos rompessem os immigos de pee por duas partes, & que os fizessem espalhar, & ẽtre tanto ele com os outros quarẽta teria ho rosto aos immigos de caualo, que vendo vir os seus piães apertarão muy rijo cõ os nossos: porem ho capitão com os seus quarẽta feytos em hum tropel resistio cõ muyto esforço a seu impeto fazendo os ter com lhe os nossos matarem & ferirem muytos, & entre tanto ho adail & Ioão machado romperão os de pee per duas partes, derribando algũs com as lanças & atropelãdo muytos com os caualos, & assi como os romperão tornarão sobreles outra vez & os romperão; pelo qual eles ouuerão tamanho medo que se espalharão & foranse ajuntar com os outros de caualo, & os nossos se ajuntarão tambem vendose liures do que os immigos lhe querião fazer. E cõ quãto nisto todos os nossos ho fizerão muy valentemẽte: ho peso dos immigos era tamanho que forão feridos muytos, antre os quaes foy ho adail, & foy morto hum de saa fidalgo cujo nome não pude saber. E estandoos nossos em grande aperto, souberãno na cidade & forão logo os piães em socorro: & sintindo os immigos sua vinda fugirão que nunca os Roçalcão pode ter: & ho capitão os nã quis seguir, assi polos muytos feridos que tinha, como porque em começando os immigos de fugir, lhes começou a nossa artelharia de tirar, que atelí não tirara por os nossos andarem mesturados coeles, & a artelharia matou tambem muytos, que os virão os nossos leuar às costas aos viuos. E passado isto, & ẽtrado ho mes de Iulho por a fome ir de cada vez em mór crecimẽto & apertar mais os nossos cõ adoecerem cada dia, mandou ho capitão por conselho de todos que fosse Francisco pereyra de berredo, que era capitão de hũa fusta a Baticalá, & trouuesse os mais mantimẽtos que podesse, & se achasse algũs paraos que lhos quisessem tra-

zer afrete que os tomasse pera isso, & cõ quanto a ida era muy perigosa por ser na força do inuerno Francisco pereyra foy de boa vontade, & quis Deos que nem da ida nem da vinda não correo nenhum perigo, se não em chegando â barra de Baticalà que se ouuera de perder com hum temporal, & despois disso negoceou tambẽ que leuou a Goa vinte paraos carregados darroz, & assi muytas galinhas & outro refresco, com que os doentes forão muy remedeados, & os sãos tomarão hum verde, & isto foy aîda no mes de Iulho. E despois disto em Agosto, mandou ho capitão a Bastião rodriguez da moeda escriuão q̃ então era da camara de Goa que fosse a Baticalà em outra fusta, & que a leuasse carregada de cobre, pera que a troco dela trouuesse mantimẽtos & ho outro vendesse, porque tinhã necessidade de dinheiro, & deulhe cartas pera dar aos capitães dalgũas naos que fossem de Portugal se os achasse da ida ou vinda: a que escreuia ho estado em que estaua, pedindolhes q̃ ho fossem socorrer, & não achãdo nenhũas naos deixasse as cartas na goada Danjadiua, & ele ho fez assi q̃ não achou nenhũas. & passando muyto perigo, assi da ida como da vinda, fez ao q̃ hia, & leuou mantimentos & socorro, & entrou pelo rio de Goa com a fusta toldada de pano vermelho & ẽbandeirada de muytas bandeiras, & tirou muytas bombardadas. O que vẽdo os immigos se lhes quebrou muyto os corações, parecẽdo lhes que vinha socorro aos nossos, porque entraua ho verão.

¶ Cap. lxxj. Do q̃ fez Diogo fernãdez de beja indo a Ormuz, & de como tornou a Goa, & do socorro que veo a Goa despois que ẽtrou ho verão.

ETras fica dito como antes que ho gouernador partisse de Goa, mandou a Diogo fernandez de beja com tres nauios que ho fosse esperar ao cabo de Goardafum, & q̃ se não fosse ter coele ate meado mayo, que se fosse a çacotorá & derribasse a fortaleza, & recolhesse os Christãos da terra que quisessem ir coele & dali fosse a Ormuz a pedir as pareas a Cojeatar & coelas se fosse a Goa. E partido coeste regimento, indo por sua viajem tomou hũa nao de mouros q̃ se lhe entregou em paz: & chegado ao cabo de Goardafum vẽdo que ho gouernador nã hia tornouse a çacotorà, & mostrou a prouisam delrey a Pero correá capitão pera se derribar a fortaleza, & a do gouernador como lha mandaua derribar. E derribada a fortaleza & recolhida a gẽte & artelharia, foyse a Ormuz & não achou hi Cojeatar nem el rey q̃ erão idos aa ilha de Baharem que lha tinhão tomada seus immigos, & leuarão consigo toda a gente de peleja, em tãto que não ficarão em Ormuz mais de duzentos homẽs que podessem pelejar, & bem ho podera Diogo fernandez tomar, mas não ousou por amor das pazes, & esperou a vinda de Cojeatar & del rey, q̃ tornarão muy vitoriosos que cobrarão Baharẽ & mais hũa cidade na costa da Persia q̃ se chama Catifa. E sabendo eles como ho gouernador gouernaua a India derão logo as pareas que deuião. Coeste boõ auiamẽto se partio Diogo fernandez pera a India, & chegou a Goa em fim Dagosto, onde foy muy bem recebido, assi do capitão como de todos por chegar a tão boõ tempo cõ gente que era tão neces-

ſaria como digo, que traria perto de cem homens & eſtes ſãos, & coeles ſe reformarão as eſtancias tirando os doẽtes & canſados que eſtauão nelas, & poendo deſtes, ſaluo os que erão da nao de Diogo fernandez (que ſerião bem quarenta) porque eſtes ho acompanhauão ſemp̃: & ele lhes daua de comer, fazia corpo por ſi por ſer peſſoa de preço & de muyto credito, aſſi cõ ho gouernador como com todos, & porem obedecia ao capitão, que a eſte tempo ſaya mais ſem perigo aos immigos quando lhe corrião. E logo deſpois de chegar Diogo fernandez lhe correrão hum dia hũs poucos de caualo: a que ho capitão ſayo com os ſeus de caualo, & Diogo fernandez não ſayo logo coele por andar a pee, que por não auer caualos pera os ſeus não quis ele andar a caualo. E deſpois de ho capitão ſer ſaydo da cidade que chegou aos immigos, ſayo Roçalcão cõ todos quantos tinha com que eſtauão em cilada. O que vendo ho capitão tornouſe a recolher pera a cidade donde Diogo fernandez ja ſaya acompanhado dos ſeus, & aſſi dalgũs piães da terra, & não ſabendo ho grande poder de immigos que vinha por virem por antre valos & aruores que por ali auia ſeguio ſeu caminho dereyto pela eſtrada de Benaſtarim, & indo aſſi foy dar de ſupito com os immigos, que como ho tomarão a pee poſeranno em muyto aperto: & a couſa ſe baralhou de maneyra que ſe ferião com as eſpadas tãto ſe chegauão hũs aos outros, & dos noſſos forão feridos quinze nas pernas, antre os quaes foy Manuel de ſouſa tauares, que aquele dia pelejou muy valentemente. E com tudo ſe ho capitão não acodira cõ os de caualo Diogo fernandez & os outros eſtauão em riſco de ſe perderem, poſto que pelejarão muyto bem & ferirão muytos dos immigos, & matarão algũs. E recolhidos os de pee, tornouſe ho capitão cõ todos pera a cidade ſem afronta, que não ho quis Roçalcão ſeguir. E deſpois diſto ouuerão os noſſos muytas pelejas com os immigos, em que fizerão muytas valentias, que porque as não ſoube particularmẽte as não eſcreuo principalmente, em hũa peleja em que ho capitão foy ferido de hũa frecha em hum artelho, & em quanto a peleja durou que foy hum boõ pedaço trouue metida a frecha, & deſpois de ſe recolher lha tirarão. E durando aſſi ho cerco, na entrada Dagoſto chegou a Goa hum Ioão ſerrão que fora de Portugal (com outro capitão que ſe perdeo) a carregar de gimgibre â ilha de ſam Lourenço, & por não achar carga ſe paſſou aa India, & foy ter a Goa onde deixou da gente que leuaua. E neſte tempo ſoube Manuel de lacerda que andaua na coſta de Calicut ho cerco de Goa, & por iſſo partio logo pera laa, & com ſua partida poderão partir ſeys naos de mouros de Meca que eſtauão em Pandarane, porem perderanſe cinco com tempo, & hũa que arribou a Baticalâ foy deſpois tomada. E partido Manuel de lacerda, chegou a Goa com ſeys nauios grandes, de que erão capitães ele, Pero dafonſeca de craſto, Mendafonſo de Tangere, Franciſco ſodrê, Simão velho & Antonio de ſaa natural Dalhandra. E com a vinda de Manuel de lacerda ſe esforçarão os noſſos muyto mais que dantes, porque forão coele bem cento & cincoenta homens, & aſſi leuoua mãtimentos em abaſtança. E ſabendo Ro

çalcão ho ſocorro que era vindo aa cidade por lhe moſtrar que ho não tinha em conta lhe corria mais amiude, & de noyte daua rebates moſtrãdo que a queria eſcalar que trazião os ſeus eſcadas & ſobião ao muro:porem não ſe poderão gabar diſſo,porque acodindo os noſſos matauão muytos deles. E vendo Roçalcão q̃ lhe não aproueitauão aqueles feros,deixou de os fazer & corria de dia, & tambem lhe ſayão os noſſos, & de todas as vezes ſaya Manuel de lacerda com ſua gente acompanhãdo a bandeira real,& algũas não ſaya ho capitão deſpois que veo Manuel de lacerda, & daualhe ho cargo de capitanear a gente por lhe fazer hõrra. E Manuel de lacerda ho fazia ſempre muy bem, & aſſi eſſes principais que forão coele de Cochim: & antreſtes erão Mendafonſo de tangere & Antonio ferreyra, & não auia vez que pelejaſſem com os mouros que não mataſſem muytos. E Roçalcão em vingãça diſto fazia amiudar os tiros do camelo da forca, que era o q̃ mayor oppreſſam daua aos noſſos q̃ as corridas dos immigos, & ſe os da cidade ſe atreuerão a poder trazer ho camelo bẽ ho forão tomar, mas não ſe atreuião por a diſtancia ſer grande. E paſſandoſe iſto aſſi veo ter a Goa hũa nao de Portugal, em que hia por capitão hum fidalgo chamado Chriſtouão de brito que aquele anno de onze partira de Liſboa a dezanoue Dabril com outro capitão doutra nao chamado dom Ayres da gama hirmão do conde almirante, & erão da conſerua de dom Goarcia de noronha que no meſmo anno partira de Liſboa pera a India por capitão moor de ſeys naos,ele de ſanta Maria dajuda, Pero mazcarenhas de ſanta Maria da luz, Manuel de craſto alcoforado de ſam Pedro, Iorge de brito de ſctã Ofemea, Chriſtouão de brito em Belem dõ Ayres na piedade. E as quatro primeyras em que hia dom Garcia (que ao ſayr da barra el rey foy ver em hum batel) leuarão tão mã viajem que chegarão a Moçambique em Feuereyro do anno de doze, como direy a diante. E Chriſtouão de brito & dom Ayres dobrarão ho cabo de boa Eſperança a vinte tres de Iulho,& forão ter a Moçambique a treze Dagoſto,& dõ Ayres ouue viſta de Baticala veſpera de noſſa ſenhora de Setembro, & da hi ſe foy a Cananor, & Chriſtouão de brito foy ter a Goa onde deu noua da armada que ficaua a tras,& no tempo que hi eſteue que forão algũs dias, a primeyra vez que Roçalcão correo a cidade lhe ſayrão os noſſos, q̃ foy hũ boõ quinhão de gente: pelejarão tão rijo com os mouros, que deſpois de matarem muytos os fizerão fugir & forão apos eles ate as duas aruores, & por os mais dos noſſos irem a pee & canſarem ſe tornarão pera a cidade. E eſta foy a primeyra vez deſpois que duraua ho cerco que os noſſos deſbaratarã os immigos & os fizerão fugir, porq̃ dantes não fazião mais que remeter a eles & recolherſe,& não que os deſbarataſſem, porque os mouros como ſe vião acometer não querião mais pelejar & hianſe:& os noſſos nã curauão mais deles por ſerem poucos & recolhianſe. E deixando Chriſtouão de brito ali da ſua gente,ſe foy pera Cananor,& da hi a Cochim.

¶ Capit. lxxij. De como Roçalcão acabou a fortaleza no paſſo de Benaſtarim,& do mais que ſe fez em Goa.

DEndo Roçalcão ho socorro q cada dia vinha a Goa,& que a não podia tomar nem fazerlhe mais mal que tela cercada apressouse a acabar a fortaleza de Benastarim, assi pera comprir o que lhe ho Hidalcão mandara, como pera se fazer ali forte se ho gouernador ho fosse buscar, que bem sabia que ho auia de fazer se tornasse aa India, & nem pola ocupação da fortaleza deixaua de dar rebates aa cidade como dantes: porem os nossos como disse não ho sentião, & ja viuião descansados, assi por serem muytos como por terem mantimentos em abastança que lhe hião por mar, & ate Meliquiaz sabēdo em Diu ho cerco de Goa por se mostrar seruidor del rey de Portugal & amigo do gouernador, mandou duas naos carregadas de trigo & doutros mantimentos, mandando ao capitão de Goa muytos offrecimentos, porque bem sabia que ho gouernador era fora da India. E tão pouco sentião os nossos ho cerco, que deu ho capitão licēça a Fernão caldeyra paje que fora do gouernador & casado em Goa, que fosse tratar pela costa ate Chaul com hum nauio que ho gouernador lhe dera em casamento com hum aluara que podesse fazer presas nas naos & nauios que não leuassem seguros do gouernador, ou não fossem vassalos del rey de Portugal pera quem daria a quinta parte do que tomasse. E esta licença se disse que ho capitão dera, mais por danar ao gouernador que pera goardar seu aluara, porque ainda que ele deuia de goardar seus mandados, entendiase em outro tēpo & não naquele em que Goa estaua em tanta necessidade de gente, & mais de tal homem como Fernão caldeira que era boõ caualeyro, & ho em que ho capitão fazia conta de danar ao gouernador era em acusar a sua licença a Fernão caldeyra, pera a ele executar em tal tempo, & mais que se Fernão caldeyra fizesse algum erro naquelas presas, que ao gouernador se auia de tornar a culpa & não a ele que era seu sudito, & auia de comprir seus mandados, o que ele não era obrigado a comprir em tal tempo. E assi deu ho capitão licença a algũas pessoas que se fossem pera Portugal, que não foy bem darlha, assi como a hum Gonçalo rabelo que rodrigo rabelo posera por tanadar na ilha de Chorão, & se foy sem dar conta do dinheiro que recebeo, nem ho entregar na feytoria, & mais roubou muyta fazenda a Rodrigo rabelo (cujo criado foy) despois de seu falecimento. E neste roubo foy hum aluara do gouernador q̄ ficaua na mão de Rodrigo rabelo per que fazia seu sucessor a Manuel de lacerda, se nosso senhor desposesse dele algũa cousa, & da capitania moor do mar a Diogo fernandez de beja. E todas estas licenças que ho capitão deu forão contra ho regimento do gouernador, que quādo se partio deixou com grandes defesas que a gente que ficaua em hũa fortaleza se não passasse pera outra, quanto mais ir tratar nem fazer presas nem irse pera Portugal. Tambem no tempo que ho gouernador esteue fora da India se fizerão algũas desordēs com as molheres desses Portugueses que casarão em Goa, sem ho capitão as querer casar: & dizião que ho fazia por serem os casamentos obras do gouernador a quem ele queria mal pelo

que lhe fizera como a tras disse. E dizem que os desfauoreceo muyto no tempo que foy capitão, principalmente no começo do cerco, dizendo ele & Pero coresma & outros que bem escusado fora casar ho gouernador homens em Goa, nem fazer dela ho fūdamento que fazia estando tão vezinha ao Hidalcão que era hum senhor tão poderoso que não auia de tardar mais em a tomar que em quanto se não desocupasse da guerra que tinha, & que ela tomada ficarião os casados bem auiados sem terem com que se manter, & casados com mouras & com gentias. E posto que ho Hidalcão não tomasse Goa logo, que continuamente lhe auia de fazer guerra ate a tomar, & os casados auião de leuar todo ho trabalho por defender suas fazendas: porque ho gouernador não auia de poer outros fronteiros. Porem nosso senhor que he piedoso quis que sucedesse tudo ao reues.

Capitolo.lxxiij. De como ho gouernador soube a treyção que Timutaraja ordenaua, & de como ho prēdeo & a outros que entrauão nela.

Prosseguindo ho gouernador a edificação da fortaleza de Malaca: & ela posta em ponto pera se defender dos immigos foy ele enformado que Timutaraja & seu filho, & mais hum genrro & hum neto se carteauão com ho rey moço que se chamaua rey de Malaca, offrecendose a ajudalo se aquisesse tomar. E pera melhor testemunho da verdade, forão dadas ao gouernador duas cartas, hũa de Timutaraja assinada por ele, em que se disculpaua a elrey de não poder fazer outra cousa, se não estar aa obediēcia do gouernador, offrecendolhe sua pessoa & a de seu filho, neto & genrro, com toda sua gente pera ho ajudar a cobrar Malaca. E a outra era delrey em reposta desta, rogãdolhe que esteuesse prestes pera quando lhe escreuesse que auia de ir sobre Malaca, porque esperaua de ser muyto cedo. E com quanto ho gouernador vio estas duas cartas que erão proua abastante pera castigar Timutaraja segundo merecia tamanha treyção, não quis logo bolir coisso pera ver se por bem ho poderia assessegar por nã fazer aluoroço na terra, de que se depois poderia seguir cousa que ho obrigasse a muyto, pera o que ele não tinha gente que ho podesse ajudar, porque os mais dos oytocentos Portugueses que trouuera estauão doentes, & muytos erão falecidos, assi do trabalho que tinhão em edificar a fortaleza & em mal comer & peor dormir, como da mudança do clima em que estauão & Malaca ser de sua natureza doentia. E sabendo Timutaraja a doença que hia antre os nossos tinha grande deligēcia em mandar cada dia saber por pessoas de que se fiaua quantos doentes auia & quantos morrião, & por saber que erã muytos & desprezar os que ficauão viuos por serem poucos & doentes, tomou ousadia de fazer treyção, não somente ajuntandose com el rey mas cõ sua gente & parentes quando el rey nã viesse, & matar todos os nossos & fazer se senhor de Malaca. E pera ter rezão de ho fazer, começou de querer ir contra as ordenações que ho gouernador tinha feytas acerca da gouernança da

terra, & daua lugar que a moeda dos mouros correſſe na pouoação onde ele moraua, por ele ſer cabeceira principal nela, nem quis ir com ſeu filho, neto & genrro ao apregoar da moeda, com o que ho gouernador diſſimulaua remedeando tudo ho melhor que podia pera não vir a rompimento de caſtigo, ſe não quando ſoube que Timutaraja ſem nenhum temor tinha tomada grão ſoma deſcrauos, aſſi del rey como de ſeus mandarins que ficarão quando el rey fugio da cidade, & os tinha ſonegados pertencendo eles por dereyto a el rey de Portugal, & aſſi com muy grande ſoberba & tiranica ouſadia roubou ho pouo de Malaca quando a el rey deſpejou, & aſſi aos mercadores que ſe tornarão pera ela com ſeguro do gouernador: & aſſi atraueſſou deſpois todos os arrozes que vierão de fora, em tanto que ja ho pouo padecia neceſſidade de mantimentos. E por derradeyro de todas ſuas diabolicas maldades, indo ho noſſo meirinho da fortaleza aa ſua pouoação leuaua hum Nayre Chriſtão que era ſeu pião: & parece que Timutaraja tinha dele algum queixume, mandouho tomar & prendelo com quanto lhe ho meirinho diſſe que ho não prendeſſe porque era Chriſtão, que ſe fizera algum nojo que ho mandaſſe dizer ao gouernador & que ele ho caſtigaria: mas ele não quis ſe não prendelo. E como ſe determinou em fazer treyção, fez fortes as ſuas caſas com cauas & paliçadas, & erão tamanhos os roubos que fazia & tão exceſſiuas as tiranias de que vſaua, que quaſi que não auia dia em que os mercadores, aſſi mouros como gentios não foſſem com queixume dele ao gouernador, & iſto porem ſecretamente, requerendolhe com gran de inſtancia que ho tiraſſe da terra que era tredor, ſoberbo & reuoltoſo, & que andara ſempre em diuiſam com el rey de Malaca & tentara por vezes de ſe lhe leuantar com a cidade, afirmando que eles não ficarião nela indoſe ho gouernador ſe Timutaraja ficaſſe. E Ruy daraujo q̃ tambẽ ſabia de ſuas maldades, dizia ho meſmo, & que ſe hiria, dando muytas & muy euidentes rezões pera que deſfizeſſe de todo ſua caſa, moſtrando por elas quão pouco neceſſario era pera gouernar Malaca. E iſto aconſelhou Ruy daraujo ao gouernador per muytos dias, em tanto ſegredo que ninguem ho ſabia ſe não eles ambos. E ſendo as maldades de Timutaraja tantas que ſe não podião ſofrer, principalmente de atraueſſar todos os arrozes, determinou ho gouernador de ho caſtigar & prendelo com ſeu filho, neto & genrro. E iſto determinado conſigo mandou os chamar, dizendo que queria auer conſelho coeles, & eles ſe eſcuſarão ſempre dir a ſeu chamado. E vendo ho gouernador que ſe chegaua ho tempo pera ſe partir andaua muy agaſtado de ho não poder acolher ſem lhe cuſtar mais que prendelo com os que digo, & não apertaua coeles que foſſem a ſeu chamado porque nã lhes pareceſſe o que era. E cuydando em algũa manha com que os prendeſſe, acertou que hum mouro Perſiano morador na cidade chamado Cojeabrahem, & grande liado de Timutaraja & muyto ſeu amigo, pedio ao gouernador ho officio de catual da cidade: & como o gouernador ſabia a amizade q̃ ele tinha cõ Timutaraja,

determinando de ho acolher por esta via respondeo a sua petição que não auia de dar os officios da cidade sem cõselho dos homens honrrados que morauão nela, que os chamasse todos pera isso: & que perante eles lhe daria ho officio que pedia. E Cojeabrahem disse isto a Timutaraja, rogandolhe que quisesse ir ao gouernador cõ seu filho, neto & genrro. E ele disse que seu filho estaua doente, & por isso não poderia ir laa: porem que iria ele com seu neto & seu genrro. O que sabido polo gouernador, não quis se não que fossem todos, porque os que não fossem presentes não se escusassem que ho não forão. E ouue sobristo recados, & por derradeyro foy Mutaraja com seu filho, neto & genrro, por hum recado que lhe ho gouernador mandou per Simão dandrade, que foy armado secretamente com oyto capitães & outros fidalgos, pera que não querendo ir todos, os prendesse. E porque a gente que fosse com Mutaraja não entrasse na fortaleza, & não ouuesse algum aluoroço na sua prisã & na dos outros, esperou os ho gouernador quando ouuerão de ir em hũa casa fora da fortaleza, bem acompanhado de fidalgos armados secretamente, & outra gente prestes, & os quatro entrarão nela. E sentados, dissellhes ho gouernador que antes de falarem em outra cousa, lhes fazia saber que certos mercadores de Malaca q̃ logo hi nomeou, se lhe queixauão deles que lhes deuião certa soma de dinheiro que lhes não querião pagar. E por quanto ho costume del rey de Portugal seu senhor era fazer justiça, assi dos altos como dos baixos, porque nisso erão todos igoaes, assi como em nacer & morrer, era necessario que ele como seu gouernador a fizesse deles, & por isso auião logo de pagar ou ficar na fortaleza ate que pagassem, & auia de ser sem armas, & lhas auião de dar. E Mutaraja disse que verdade era que deuião ho dinheiro que ele dizia, & que logo mandarião por ele & pagarião: porem que as armas era costume dos Iaos não as darem sem perder a vida: & seu genrro lhe disse que não era tempo de vsarem de seu costume, se não do dos Portugueses, pois erão vassalos del rey de Portugal, & logo deu ho cris que tinha ao gouernador & ho mesmo fez aos dos outros. E em quanto Mutaraja mandaua polo dinheiro, leuou os ho gouernador pera a fortaleza, não consentindo que nenhũ dos seus entrasse dentro. E despois que entrarão, mostrou a Mutaraja a carta que ele mandaua ao rey que se chamaua de Malaca. E confessandolhe que era ho sinal seu, mãdou a Ruy daraujo que a lesse alto pera a ouuirem aqueles fidalgos & capitães que estauão coele, & assi a que el rey lhescreuera. E ouuindo eles as cartas ficou fora de si, & oulhou pera ho filho, q̃ lhe disse em sua lingoa que esforçasse, porque dos grandes como ho gouernador, era perdoarẽ grãdes erros. E apos estas cartas leo Ruy daraujo os capitolos das culpas de Timutaraja, que ele negou, saluo a carta del rey & a queslhe ele escreuia, & quanto aos arrozes que a trauessara, disse que ho fizera pera ganhar neles & não a outro fim. Ho gouernador lhe disse que ate se aquilo prouar auião todos quatro destar presos na fortaleza, & entre tanto q̃ mandassem derribar as tranqueyras q̃ tinhão & çarrar as cauas q̃ mandarão fazer, & que ele lhes prometia de lhe goardar

ſua juſtiça tão inteiramente como que forão naturais Portugueſes, & entregou os ao alcayde moor pera que os goardaſſe.

Capit.lxxiiij. De como Timutaraja & hum filho ſeu & hũ neto, & hũ gẽrro forão degolados por tredores.

COm a promeſſa do gouernador moſtrarã os preſos algum contentamento, & mandarão logo fazer o q̃ lhes mãdou: & aſſi reſtituyrão per ſeu mandado o que tinhão roubado a muytos mercadores, & todos os eſcrauos que tinhão tomados que forão bem quinhentas almas. E logo ho gouernador entendeo em ſeu deſpacho, & proceſſouſe tanto pelo feyto que ſe veo a prouar contra os preſos tudo o que dizia nos capitulos de ſuas culpas. E foy dada ſentença contreles que morreſſem degolados com pregão na praça de Malaca que manifeſtaſſe ſua culpa. E dada eſta ſentença, quis ho gouernador poer em cõſelho qual ſeria melhor matarem eſtes homẽs ou telos preſos, porque ſe morreſſem logo, erão muyto poderoſos de gente & dinheiro, & ſua gente ſe poderia leuãtar & daria fadiga aos noſſos por quão poucos erão, & mais eſtando ho gouernador de caminho pera a India, & tendo os viuos eſtarião fora deſtas duuidas & ſua gente com receyo de lhos matarem eſtarião ſempre aſſeſſegados, que ſeria grande bẽ ate a terra ſer de todo aſſentada. E poſtas muytas rezões de cada parte, os mais dos capitães acordarão que os preſos foſſem degolados pera exemplo doutros: & poſto que ao gouernador parecia melhor que os teueſſem viuos, mandou executar a ſentença. E forão degolados na praça de Malaca pubricamẽte Timutaraja & ſeu filho, neto & genrro ao modo que ſe coſtuma em Portugal. E por mandado do gouernador eſteue dom Ioão de lima com muytos dos noſſos armados ẽ goarda da praça em quanto ſe eſta juſtiça fazia por ſe temer que a gente dos mortos fizeſſe algum aluoroço, mas não ouue nada. E os da terra vendo fazer juſtiça daqueles quatro homens que erão tão poderoſos ficarão muy paſmados, porque ſabião quãto erão timidos do rey que fora de Malaca: & todos folgarão com ſuas mortes por ſe verem liures da ſojeição que eſperauão deſpois da partida do gouernador, & aſſi algũs embaixadores eſtranjeiros que ainda eſtauão em Malaca ficarão fora de ſi, & dizião que não auia homẽ tão eſforçado como ho gouernador, nem de tamanho coração. E tinhão por tamanho feyto a morte de Mutaraja & dos outros, como deſbaratar & vencer ho rey que fora de Malaca.

Capitolo.lxxv. De como foy Antonio dabreu a deſcobrir a ilha das maças & as do crauo: & de como ho gouernador mandou hum embaixador a elrey de Sião.

NEſte tẽpo vierã ter ao porto de Malaca tres panguejaoas da terra de Menãcabo q̃ eſtá no topo da ilha de çamatra da bãda do ſul.

do sul q̃ he reyno onde cauão ouro,& o apanhão sobre a terra como ja disse. Estas tres panguejaoas trazião grande soma douro a vender a Malaca,& por isso ho gouernador fez muyta honrra & fauor aos donos delas. E porque isto era quasi na fim de Dezembro, que era a moução de Malaca pera as ilhas do crauo que agora sam as que chamã de Maluco:& assi pera a ilha de Banda onde ha a noz & a maça, despachou ho gouernador hũa armada pera ir desco brir estas ilhas,& deu a capitania mõr dela a Antonio dabreu, que era tão esforçado caualeyro como ja disse,& deu lhe a nao santa Caterina pera ir,& por piloto dela hum Luys botim,& por so ta capitão Dantonio da breu hum Frãcisco serrão na nao çabaya q̃ se tomou em Goa,& por seu piloto hum Gonçalo dolîueyra:foy mais Simão afonso bisigudo na carauela latina que ho gouernador mandou fazer redõda pera esta viajem,& ho seu piloto hum Francisco rodriguez. Ho feytor desta armada & das mercadorias que hião nela auia nome Ioão freyre, criado da raynha dona Lianor,& seu escriuão hum Diogo borjes criado delrey de Portugal. Hião nesta armada cento & vinte Portugueses & em cada vela vĩte escrauos pera a bomba, & todas muyto bem fornecidas de todo ho necessario, & a principal cousa q̃ ho gouernador deu ao capitão moor em regimento,& que lhe mais encomendou, foy que naquela viajem não fizesse presas nem tomadias, nem arribasse sobre nenhũa nao, nem lhe desse caça, nem sayse em nenhum porto, saluo hũa pessoa ou duas. & em todos os portos a que chegasse desse presentes aos reys & senhores da terra, ou aos gouernadores delas,& pera isso lhe deu escarlata baixa & outros panos somenos, & veludo de Meca, q̃ foy tomado em hũa nao de Calicut, & assi que não toruasse a carrega a nenhũa nao de Malaca nem doutras partes, assi nas ilhas do crauo como na das maças, ou fossem de mouros ou de gentios, antes lhes desse todo fauor & ajuda que lhes fosse necessario:& que do mesmo modo q̃ eles carregassem carregasse ele, goardando em tudo os costumes da terra, & em Maluco nem em Banda não saysem nenhũs criados dos capitães nem outras pessoas, saluo ho feytor & seu escriuão, & ate quatro pessoas que lhe pera isso ordenasse. E deu licẽça a todos os darmada que podessem resgatar ouro, prata, aljofar & pedraria sem pagarem disso nenhũs dereytos. Despachada esta armada, partiose na fim de Dezembro de mil & quinhentos & onze,& o que lhe sucedeo se dira a diante: & dous dias antes de sua partida, partio Naco da ismael chim em hum jũco seu pera Maluco que ho gouernador mandou carregar de mercadoria delrey de Portugal pera se vender em Maluco, por que não podia a armada leuar quanta era necessaria, & deu parte da carga a Nacoda que tinha molher & filhos em Malaca,& ficou por seu fiador Ninachatu, a quem ho gouernador deu parte da mercadoria que mandou carregar em outro jungo, que mandou a Pacem a carregar de pimenta pera os Chins & Guores quando viessem. E logo na entrada de Ianeyro do anno de mil & quinhẽtos & doze, despachou ho embaixador del rey de Sião, a quẽ fez muytas merces,& assi aos capitães Chis q̃ vierão coele,& mãdou ẽ sua cõpanhia seu ẽbaixador a el rey d̃ Sião, q̃

foy hum fidalgo chamado Antonio de miranda, a que deu hum presente pera el rey de Sião.s.hũas couraças de veludo carmesim, & outras armas brãcas muyto boas & bem goarnecidas: hũa adarga danta com hũs cordões ricos & hũa fũda de borcado, tres panos darmar grandes de veludo de cores & cetins antre talhados que forão del rey de Malaca, borlados douro, obra muyto rica & fermosa, hum bacio dagoa as mãos laurado de bestiães, hũa caldeira de prata & duas albarradas, & duas taças, tudo muyto bẽ laurado, hũa besta com seus tiros & gafa, & quatro ramais de coral muyto fino & grosso, & hũa peça dezcarlata: & com Antonio de miranda mandou cinco Portugueses escolhidos gentis homẽs a fora outros pera seruiço, de modo que hia hum honrrado embaixador. E tambem direy a diãte o que lhe sucedeo. E apos Antonio de miranda partio hum jũgo de Pegú, em que ho gouernador mandou outro embaixador a el rey, que foy hum gomez da cunha que tambẽ leuaua presente a el rey & carta damizade: & isto porque nesta cidade auia muytos mantimentos que podião ir a Malaca. E aa partida deste jango hum filho do piloto dele se deixou ficar em Malaca, tão afeyçoado estaua aos nossos, & ficarão coele seseta Pegûs que ho gouernador mandou assentar em soldo pera trabalharem na fortaleza.

Capitol.lxxvj. De como se leuãtou Patequatir contra ho gouernador, & de como o gouernador proueo Malaca querendose partir pera a India, & de como lhe fugio el rey de Pacé.

DEspois de degolados Mutaraja & os outros ho gouernador deu o cargo que tinha Mutaraja de gouernador dos mouros a hũ Ioa, q̃ auia nome Patequatir morador em Vpe homem honrrado & principal, & compitidor de Mutaraja, com que estaua mal, porque desprezando ho Mutaraja por auer que nã era tão rico como ele, lhe não quis dar por molher hũa filha que lhe pedio, & daqui ficou Patequatir seu immigo. E por esta causa & por ao gouernador parecer que sendo Patequatir gouernador ficaria a terra mais assentada, lhe deu a gouernança dos mouros. E seruindo este officio foy cometido pola molher de Mutaraja q̃ se quisesse casar com sua filha que lha daria por molher, & coela grãde tesouro, com condição que fizesse guerra ao gouernador, & trabalhasse por vingar a morte de seu marido, & que lhe daria ajuda de todos os seus escrauos, & de todos seus parentes & amigos, que passarião de seys mil homens: o que Patequatir aceitou. E aparelhado muy secretamente pera a guerra, deu hũ dia na pouoação grande a que começou de poer ho fogo & matar a gente, & a grãde grita acodio logo ho gouernador cõ os nossos: & foy hũa grande peleja antreles & os Iaos, em q̃ morrerão muytos & dos nossos forão algũs feridos, & Patequatir se recolhe pera Vpe, em que se logo fez forte com tranqueyras, & porque dali por diante corria a pouoação grande, conueo ao gouernador porque a não queymasse de noyte mandar logo fazer hua tranqueyra, que começaua no mar, & chegaua ate onde se fazia a terra alagadiça q̃

que seria espaço dhum tiro de bêsta & tolhia não poderem os immigos chegar aa cidade,& mais antre atranqueyra & Vpe faziasse hum esteyro que se enchia dagoa cõ maré,& em quanto se esta tranqueyra acabaua cada noyte mãdaua o gouernador vigiar a pouoação. E ela acabada deu a goarda dela a Afonso pessoa hum boõ caualeyro,& deulhe setẽta bêsteiros & espingardeiros:& pera a tranqueyra estar tambem goardada por mar,armou no cabo dela hũa albetoça com hũ camelo & esta ua amarrada aa tranqueyra,& a capitania deu a Afõso chainho & deulhe dez dos nossos pera que ho acompanhassem. E coesta tranqueyra assi goardada ficou Malaca muyto segura de Patequatir,que vendose atalhado daquela maneyra não curou mais de cometer a cidade,& mandou pedir ao gouernador que lhe perdoasse & lhe desse seguro,& que tornaria a sua obediencia. E ho gouernador lho concedeo,mas Patequatir não se fiou disso,& não quis tornar & ficouse assi. E por isso & por ser a moução da India,determinou ho gouernador de se partir,porque a fortaleza era quasi acabada a que pos nome a famosa,a barreyra era em quadra posto que ho corpo da fortaleza não fosse quadrado. A grossura do muro era doyto pés todo de cantaria:tinha a torre da menajem sobre a ribeyra do mar junto do paço da ponte,& dagoas viuas podia ali chegar hũa nao de duzentos toneys sem carga. Na quadra q̃ a fortaleza fazia ao monte se fazião duas torres que sonhereauão a coroa dele,& em cada quadra das torres que goardauão ho pé do muro auia bombardeiras com artelharia,& porque ho sitio da terra ho requeria assi,& a mezquita que ali estaua:era a fortaleza ẽtulhada em altura de mea lança darmas,& mais a torre da menajem podia receber socorro por mar,& tinha dẽtro em si hũ pedaço de cantaria,& outro ẽ outra torre,& auia agoa pera fazerẽ outros muytos. A igreja desta fortaleza era da auocação de nossa senhora danunciada. E determinãdo ho gouernador de se partir com conselho desses capitães,fidalgos & caualeyros que andauão coele,fez capitão da fortaleza Ruy de brito hũ fidalgo de Santarẽ,& alcayde môr & prouedor da fazenda Ruy daraujo,& capitão môr do mar Fernão perez dandrade. E por q̃ antreles não ouuesse deferenças de que se seguisse muyto deseruiço de Deos & del rey seu señor,mandou que Fernão perez desse a menajem a Ruy de brito,& que com seus capitães lhe obedecessem em tudo,& por tudo assi como a sua propria pessoa. E que fazendo nosso senhor algũa cousa de Ruy de brito q̃ ficasse Fernã perez por capitão da fortaleza,& por capitão môr do mar hum fidalgo chamado lopo dazeuedo que ficaua por sota capitão de Fernão perez,que ficaua na nao de dõ Ioão de lima,& lopo dazeuedo na carauela de Iames teixeira:& ficauão mais estes capitães,Ioão lopez daluim,que ficaua na nao de Gaspar de payua,Vasco fernandez coutinho no nauio de Bastião de miranda Pero de faria filho do comendador Aluoro de faria na galee de Duarte da silua,Ayres pereyra de berredo na nao de Nuno vaz de castelo branco,Christouão mazcarenhas na nao Santiago,Christouão garces na nao de Simão dandrade. E ficarão por escriuães da feytoria hum Francisco dazeuedo,Pero salgado & Ioão jorge,

por almoxarife dos mantimentos hũ
Iacome fernandez & seu escriuão Frã
cisco cardoso , almoxarife do alma-
zem Bras afonso,& seu escriuão Dio-
go camacho,que tambem ficou por ꝓ
uedor dos defũtos & do epirital,& por
meyrinho da fortaleza & da cidade,to
dos criados delrey ꝺ Portugal & de sua
mãy,& da raynha sua hirmaã.Ficarão
por gouernadores da terra(não tirãdo
a superioridade ao capitão da fortale-
za)Ninachatu dos gẽtios,& dos mou-
ros hũ Caciz,dos Iaos Duperagunata
raja,da pouoação da banda da fortale-
za a Tuão colascar jao de nação,& a
Ruy daraujo por determinador de se-
us agrauos,& apagador de suas deferẽ
ças,& que sempre interuiesse em con-
certo antreles. Deixou dordenado ao
capitão da fortaleza duzẽtos mil rs ca-
nãno,& cincoẽta quintais de crauo,de
q̃ pagaria ẽ Cochi a vintena,& em Por
tugal quarta & vintena,& ao alcayde
mór duzentos mil rs & cincoenta qui-
tais de crauo no primeyro anno,& da
hi por diante trinta,& dos trinta auia
de pagar quarta & vintena em Portu-
gal,& dos cincoenta vintena,& a Fer-
não perez capitão mór do mar cẽto &
cincoenta mil rs dordenado,de que se
ele agrauou muyto,& nã quisera ficar
nẽ os outros capitães por lhe nã deixar
mais ordenado q̃ certa cousa cada dia.
E ho gouernador insistio em ficarẽ ate
dizer que os prenderia:& por apacifi-
car a Fernão perez,lhe deixou hũ assi
nado seu de fora em que dizia que não
mandando dali a hũ anno quẽ seruisse
no cargo que lhe ficaua q̃ ele se podesse
ir pera a India,& hiria na nao em que
ficaua por capitão mór doutras duas q̃
forão da armada de Diogo mendez,&
que podesse carregar a sua camara de
drogas.E tendo ho gouernador deter-
minada sua partida,que era caminho
da India soube ho çoltanzina rey q̃ fo-
ra de Pacẽ,& mandou dizer ao gouer-
nador q̃ lhe dizião que se quiria ir de-
reyto à India,q̃ lhe pedia que lhe lem-
brasse q̃ lhe tinha prometido de ho re
stituyr em seu reyno. A que ho gouer
nador respondeo que bem lhe lembra
ua,& tinha muyta vontade pera ho fa-
zia:mas que não podia ser daquele fer-
ro,porque ele se deteuera em Malaca
mais do que cuydara,& que não podia
ꝑder a moução pera a India polo muy
to que lá tinha que fazer,que de laa ho
restituyria em seu reyno. E parecendo
a çoltanzina que erão aquilo de longas
& receando que ho gouernador ho le-
uasse à India,& que nunca mais tornas
se a sua terra,fugio tão secretamente q̃
nunca se soube pera onde fora.

Capit.lxx.vij.De como os mercadores de Malaca conselharão & requerão ao gouernador que se não fosse,& do que ele respondeo.

FAzendo ho gouerna-
dor prestes sua parti-
da,forãno ver os mo
radores,& esses prin-
cipais de Malaca,pera
lhe persuadirem q̃ se
não fosse dela,porque se receauão que
ido ele se ajuntasse Quatepatir com el
rey que se chamaua de Malaca,& a to-
massem ou lhe dessem grande opresã
com que se todos poderião perder,ou
lhes seria forçado irse dela.E hũ deles ẽ
nome de todos lhe fez esta fala na sua
lingoa. Não ha nenhum de nos ou-
tros que não estee fora de si com espan
to(muyto esforçado & famoso capitão

mais que quantos temos visto, & que quãtos ouuimos dizer) de tua singular prudencia, que tendo ganhada cõ trabalho tão immenso & com vitoria tão sobre natural, a môr cousa q̃ ha no mũdo & mais rica de todas as riquezas dele, queres a desemparar sem ter ainda de todo tomado aquele assento que he necessario pera permanecer, porque se a das por segura cõ desbaratares el rey & ho fazeres fugir com tanta gẽte morta & ferida, & perdido de todo seu estado & sobre tudo morto: ainda seu filho que representa sua pessoa, & diz q̃ he herdeiro de sua terra & da vingãça de sua morte está viuo, & oyto legoas daqui em sitio forte & com gẽte na terra, & grãde armada no mar, & muyto liado per parentesco & amizade com todos os reys comarcãos, q̃ tudo isto lhe da muyta esperança de estando tu na terra se restituyr em seu estado, quãto mais se te vir ido, porque então todos seus parentes & amigos, que cõ receyo de tua presẽça lhe negão sua ajuda, lha darão sem medo. E pera confirmação del rey fazer o que digo, não he mais necessario alegar se não que quando Patequatir por vingar a morte de quẽ ho engeitou de parente, com gẽte emprestada se atreueo aleuãtarse cõtra ti, que fara el rey contra os teus que sabe certo que lhe matarão seus parentes, seus vassalos, & que lhe tem por força a terra que foy de seu pay: & pera mais facilmente os desbaratar, ajuntara consigo Patequatir com seu poder, & que logo não tome a fortaleza a fome lha entregara, porque por guerra sempre faleceo mantimẽto em terra abastada, quanto mais nesta que não tem se não o que vem de fora. E posto que por teu muyto grande esforço não tenhas tudo isto em conta, & a façasq̃ os Portugueses tem fortaleza em que se emparar, armada no mar pa se defender & buscar mantimẽto. Lembrete que os mercadores fojem como do fogo dos lugares em que ha guerra, & que sò a fama de a auer neste fara fugir dele todos os mercadores q̃ soyão de vir a ele fazer suas mercadorias, & sẽ elas fica ele hũ deserto & terra esterile, & coelas hũa casa de tisouro de todas as riquezas do mũdo, porque? que se pode desejar delas, que se aqui nã ache? ouro a mõtes? prata & outros metais sem conto, especiaria & droga sẽ medida? Nã falo em lenho aloes, aguila, sandolos, almizquere, seda solta & tecida, beijoi & outros perfumes, roupa branca, porcelanas & outras cousas muy deleitosas aos humanos, porque sam tantas que enfastião a quem as tem em costume, & por cima de tudo ser propria & isenta del rey de Portugal & sem nenhũ sobrosso como sam as fortalezas da India, q̃ todas sã feytas demprestado em terra alhea, onde os Portugueses estão como parceiros, & nesta como moradores na terra de seu rey, õde ele sò reyna sem parçaria, em q̃ sempre ha discordia. E pois ha tantas rezões pera te não partires, te pedimos muyto de nossa parte, & te requeremos da delrey de Portugal que te não vas, porq̃ por seu seruiço gastaremos quantas mercadorias, quãtas fazendas & quanto dinheiro temos, com tanto q̃ te não vas de Malaca. Ao q̃ ho gouernador respondeo cõ muytos agardecimẽtos dos louuores, & conselho que lhe dauão, & dos offrecimẽtos que lhe fazião, & sobre tudo a boa võtade que entendia que lhe tinhão, & q̃ ele conhecia quão bẽ ho acõselhauão, porem que forçadamẽte lhe era neces-

sario ir visitar a India, principalmēte a ilha & cidade de Goa, que auia no mais de hũ anno que ganhara ao Hidalcão, q̄ era tão poderoso como eles ouuirião dizer, & que estaua tão vezinho dela: & se lhe não tiuesse dada algũa oppressam, no inuerno passado q̄ ele não esteuera na India, lha daria com cerco se passasse outro sem ele estar nela: & pera dar fauor a Goa hia visitar a India & não pera deixar Malaca, que bem sabia que era tudo o q̄ eles dizião, & por isso fazia dela muyto fundamēto: mas que nē por isso auia de deixar perder os lugares da India que se perderião com ele estar muyto tempo ausente de la, & o que ele determinaua destar de Malaca seria no mais que ho inuerno da India, que com o q̄ gastaria em sua viajem ate tornar seria hũ anno, em q̄ se muy bem poderia soster a gente que auia de deixar na fortaleza & na frota que ficaua no mar. E que posto q̄ não viessem neste tēpo mercadores a Malaca, da tornada que ele tornasse assentaria a terra de maneyra q̄ eles tornassem como dantes, & que se ele podera escusar de ir à India folgara muyto, mas q̄ nã podia por nenhũa maneyra: & assi lhe deu outras muytas rezões pera sua ida cõ grandes esperanças da tornada ser em breue, do que eles ficarão contentes.

Capit. lxxviij. De como nauegãdo ho gouernador pera a India, se perdeo a sua nao: & como foy morto Simão martinz com outros nossos: & do q̄ aconteo a Simão dandrade.

EAo outro dia despois disto deixando na fortaleza trezentos homēs Portugueses & muytos piães da terra, & na frota duzentos, se partio de Malaca não leuando mais q̄ tres naos & hum jungo, & nele leuaua muyta fazenda del rey seu señor q̄ lhe coubera do seu quinto, & assi algũa sua que valia na India: & hia por capitão do jungo Simão martiz, & hião cõ ele dez ou doze Portugueses, & assi hião mais sesenta Iaos casados, carpīteiros, calafates & ferreyros que leuaua pera a India que erão del rey, & auião la dinsinar outros escrauos del rey a estes officios. E a causa porque ho gouernador não meteo aquela fazēda do jungo nē os escrauos em frol dalamar que era a capitayna, foy porque fazia tanta agoa que temeo que se fosse ao fũdo, & por esta causa quisera ir na trindade q̄ era hũa das outras naos de sua conserua, & deixou de ho fazer porque vendo a gēte a rezão porque ele fugia de frol delamar não se queria ninguē embarcar nela, & todos q̄rião ir nas outras naos, & porq̄ ele desejaua de ir nela à India pera a renouar embarcouse nela, & nela nem nas outras não leuou mais gēte que a necessaria pera as marear. E continuando por sua viajem indo atraues da ilha de çamatra defronte da costa Dauru, deulhe hũa grande toruoada, & por a sua nao ser podre & fazer muyta agoa que não podia nauegar se não em tēpo feyto, pareceo bem ao seu piloto que surgissem, & assi se fez. E despois de surtos foy ho mar tão grosso q̄ fez caçar a nao & foy ter sobre hũa lagia, em que tocou, & como era podre fezse em dous pedaços, & a popa com ho masto grande que ficou mais sobre a lagia & assentou nela ficou ali sem a cobrir a agoa: & ho gouernador cõ os que estauão nela se saluarão, & assi algũ fato, porque acodio logo ho batel

da Tridade que estaua mais perto surta com as outras, & saluou o que digo, & da proa que acertou fora dalagia se não saluou nada, porque assi como se partio se foy logo a fundo. E foy cousa miserauel ver assi partir hũa nao, de q̃ a fora os q̃ digo se saluarão algũs a nado com se pegarem a arcas, & estes forão ter a Pacem, porque a reuolta era tamanha por acodirẽ ao gouernador que ninguẽ oulhou por estes. E ho gouernador cõ os outros foy leuado a nao Tridade, & ali se agasalhou pera ir ate a India: & coesta mesma toruoada com q̃ se perdeo a capitayna, se apartou Iorge nunez de lião capitão da nao Enxobregas, do iũgo de que hia por goarda por mandado do gouernador, por recear ho gouernador que os Iaos se leuãtassem contra os nossos, que como disse não serião mais que ate treze. E vendose os Iaos apartados da nao, leuantaranse contreles atando crises que leuauão escondidos em paos compridos como hastes, & feytas lanças deles peleiarão com os nossos, que se defenderão bem & por muytos que matarão dos Iaos forão mortos todos por derradeyro. E ficando os Iaos señores do iũgo, se forão à ilha de çamatra à cidade de Temião. E tornando ho gouernador a sua nauegação, passou muyto trabalho com a gente no golfão que se faz de çamatra a Ceylão, porque como a gente creceo na nao, & se deteuerão mais dias dos que cuydarão, faltoulhes a agoa, & morrerão todos com sede se lhes nosso senhor não deparara hũa nao de Dabul, q̃ foy tomada por força, & achou se nela muyta riqueza, & assi catiuos, & agoa: & logo dali a poucos dias topou outra nao, que se rendeo como lhe mãdarão que amainasse, & nesta tambem se achou agoa. E ho dono desta nao disse ao gouernador que era de Chaul, & que não trazia cartaz, ou seguro, por q̃ ho não trazião as naos dos lugares que pagauão pareas, & porq̃ Chaul as pagaua ho não trazia. E porq̃ ho gouernador temeo q̃ ho dono da nao lhe não falasse verdade, mãdou que ficasse na sua nao com algũs outros, & que a nao fosse em sua conserua ate Cochim pera hi saber se era como ele dizia: & na nao mandou que fosse Simão dandrade por capitão, & mandou que fossem coele quinze dos nossos, & ho piloto & marinheiros da nao ficarão nela pera a gouernarem. E cuydando eles que os leuauão catiuos, por se liurar hũa noyte sendo tanto auante como ho cabo de Comorim, gouernou ho piloto mouro a tal rumo, que se apartou muyto da cõserua do gouernador, & em amanhecendo foy aferrar porto na ilha de Cãdaluz hũa das principais das ilhas de Maldiua, onde estauão muytos Malabares de Calicut, cõ cuja ajuda os mouros da nao prenderão Simão dandrade & os outros nossos, & os atormentarão com muytas injurias & males que lhes fizerão, & não ousarão de os matar por amor do dono da nao que hia em poder do gouernador que ho mataria, & roubaranlhe quãto leuauão na nao, & despois disto os deixarão ir pera Cochim, onde chegados acharão ja ho gouernador.

Capitolo.lxxix. De como ho gouernador chegou a Cochim, & das nouas que achou da vinda dos rumes: & de como deu a capitania de Goa a Manuel de lacerda.

AOcabo de Comorim foy o gouernador ter a Cochim na entrada de Feuereyro de mil & quinhentos & doze,& hi foy recebido com grandes alegrias quando ho virão viuo,& souberão como deixaua Malaca,porque muytos cuydauão que fosse perdido,assi polo que Lourenço moreno & Antonio real disserão quãdo partio pera lá,como porq̃ despois de partido deitarão fama os mouros de Cananor & de Cochim que se perdera com toda a frota,& que auião os rumes de vir muy cedo à India ,porque assi lho escreuera Mirocem ho capitão mór q̃ fora da armada do soldão,que ho viso rey dom Francisco dalmeyda desbaratou ẽ Diu,& ele se acolheo à corte del rey de Cambaya que então reynaua,q̃ nũca ho mais deixou ir pera sua terra, & criasse porque não trouuesse rumes à India.E despois que este rey morreo que foy no anno passado de mil & quinhentos & onze,ho filho que lhe suceedeo,deu logo licença a Mirocẽ que se fosse,& quando se foy escreueo a el rey de Calicut,& assi a todos os reys da India nossos immigos,que se não hia se não pera trazer tantos rumes que deitassem os nossos fora da India,pedindolhes que se fizessem todos prestes pera os ajudar.E os mouros de Cochĩ & de Cananor forão os que mais assoalharão esta noua.E parecẽdo aos mouros de Cananor q̃ isto era verdade ,& assi de ser ho gouernador ꝑdido,começarão de fazer duas naos de quilha ꝑa mandarem a Meca carregadas despeciaria,& tornarẽ carregadas de rumes. E coesta reuolta que andaua na India, deu a chegada do gouernador muyto prazer.E sabẽdo ele o q̃ os mouros ꝓnosticauão de sua ꝑdição,mãdou soltar doze mouros hõrrados de Cãbaya & do Balagate & doutras partes q̃ trazia catiuos de Malaca,q̃ se fossem por onde quisessem pera que contassem a tomada de Malaca & como estaua na India.E eles ho apregoarão por onde forão,& nas terras donde erão.E sabẽdo ho gouernador a ẽtrada dos turcos na ilha de Goa & ho mais que era feyto despachou logo pera la oyto Catures Dantonio real carregados de gente,& mandou neles prouisam a Manuel de lacerda pera ser capitão de Goa,& Manuel de sousa tauares alcayde moor,& Diogo fernandez de beja capitão do mar,& escreueo a Manuel delacerda q̃ lhe mandaua aquela gente em quanto não hia,porque se ficaua apercebẽdo pera ir ho mais de pressa que podesse. E chegados estes Catures a Goa ,foy metido Manuel delacerda na capitania,& Manuel de sousa & Diogo fernãdez nos outros carrgos.E vẽdo Manuel delacerda a carta do gouernador sobre sua ida,respondeolhe logo que não deuia de ir,porque não tinha tanta gẽte que podesse tomar logo a fortaleza a Roçalcão,& pera estar ẽ Goa sem mais que seria grande abatimento terenlhe os mouros hũa fortaleza no rosto & ele não a poder tomar,por isso que não fosse ate as naos de Portugal não chegarẽ que auião de trazer muyta gente,& q̃ então hiria a Goa como cũpria ao estado del rey de Portugal & a sua honrra, & entre tanto ele esperaua em Deos de a cidade não correr nenhũ perigo,porque ele tinha seyscentos Portugueses com que a defender,a fora os piães da terra.E por este recado que foy em breue tẽpo ao gouernador,desistio ele de

ir a Goa & ficouse em Cochim, onde a chou bem q̃ concertar em desmãchos que se fizerão em quanto foy a Malaca. Primeyramẽte na justiça em que Antonio real & Lourenço moreno faziāo ausolutamente o que querião: & porque lhes foy dito que hum Simão rãgel natural de Coimbra praguejaua do que eles fazião degradaranno pera Goa, & mandarāno ẽ hũa nao de mouros mercadores de Cochim, que no caminho forão tomados por mouros de Calicut, que leuarão lá Simão ranjel catiuo, & hi ho venderão em pregão, & foy vendido a hum mouro do cayro q̃ ho leuou pera laa. E não somẽte fazião estas cousas & outras na justiça, mas outros muyto grandes excessos na fazẽda, fazẽdo gastos muy desordenados, assi como em fazerem hũa nao noua de que não auia necessidade & deixarẽ perder a nao cirne que era ainda pera poder nauegar, & com se correger escusara ho gasto da nao noua: & assi achou que tratauão em mercadorias defesas polo regimento del rey, & gastauão ho dinheiro que mandaua pera a carga da especiaria em outras cousas, & alfacauão ao gouernador que ele ho gastaua: & porq̃ ele quis apurar a verdade disto & atalhar q̃ ho não fizessẽ mais, lhe quiserão dali por diãte muyto grãde mal, & despois fez Antonio real capitolos dele como direy a diante.

¶ Cap. lxxx. Do q̃ o gouernador fez em Cochim, & de como hũ rey das ilhas de Maldiua se fez vassalo del rey de Portugal.

Tambem ho gouernador acodio a outros grandes males que auia em Cochĩ na nossa pouoação, que se fazião por estarem os gẽtios mesturados com os Christãos da terra; & as molheres Christaãs da terra mancebas do mũdo tinhão em suas casas de quinze ate vinte parentes gentios todos, & peccauão coeles carnalmẽte, & outras Christaãs peccauão nas casas dos gentios com mouros: & assi auia casas em que pousauão gentios & mouros de fora de Cochĩ que tinhão por officio ẽganar escrauos dos nossos q̃ lhe fugissem & os roubassem. E hia este roubo tanto auante q̃ muytos erão roubados de passante de cẽ cruzados: & nestas mesmas casas dos gentios tinhão muytos dos nossos parte com as gentias. E dando ho gouernador cõta de tudo isto a el rey de Cochim, ouue dele que lhe desse de marcação pera a nossa pouoação estar sobre si: & auida, mandou que so pena de morte todo ho gentio, assi homem como molher se despejasse logo da nossa pouoação nẽ tornasse mais a ela. E feyto isto tornaranse Christaãs bem quatro cẽtas pessoas gentias, em que entrarão algũs panicaes & outros honrrados. E neste inuerno mãdou o gouernador fazer em Cochim trinta catures que sam nauios de remo mais pequenos que bargãtis, & isto porque soube que entre tanto q̃ ele foy a Malaca, mandou el rey de Calicut fazer hũs sesenta nauios destes, & como as naos de Cochim sayão do porto hião a elas, & ou as tomauão ou as punhão em grande afronta, & tomauã paraos & pagueres que hião de Cananor pera Cochim pera a nossa fortaleza com cousas necessarias que os feytores mandauão de hũas às outras, & assi que hião de Goa, & pera pelejarẽ coestes catures, fez ho gouernador os que digo & pera outras cousas necessarias. Tambem neste inuerno por indu

ſtria do gouernador ſe tornarão ẽ Cochim Chriſtãos muytos moços filhos de homẽs honrrados,& pera ſerẽ melhor inſinados na fẽ catholica & terem melhor criação,mãdou os inſinar a ler & a eſcreuer em eſcola pubrica que ordenou pera iſſo,& achou obra de cem moços pera deprenderẽ.E neſte inuerno lhe foy dada hũa carta de q̃tro marinheiros noſſos q̃ ſe ꝑderão coele em frol delamar,em que dizião que forão ter a Açe hũ porto del rey de Pacẽ,que lhes fizera muyta hõrra,& os mãdara a Choramandel em hũ jungo de Chatins,que tambẽ por ſerẽ Portugueſes lhes fizerão muyto gaſalhado,& mãdauão pedir ſeguro ao gouernador pera ſuas naos & jũgos irem a Malaca como coſtumauão,& mais lho pedião pera hũ jungo q̃ hi inuernaua que leuaua roupa de algũs mercadores de Malaca & aſſi do rey que fora della,cuja parte lhe entregarião.O que ho gouernador lhes concedeo,& mais fez merce ao capitão do jungo da parte delrey,que valeria bẽ quinze mil cruzados,& neſte tẽpo lhe chegou hũ meſſegeiro de Merlao aq̃lle q̃ lhe arrendara as tanadarias da terra firme de Goa,que era rey Donor por morte do hirmão q̃ lhe tinha ho reyno por força:& mandoulhe por carta muytos agardecimẽtos da hõrra que lhe fizera emGoa,ſendo hũ pobre auentureiro,E aſſi ofrecimentos damizade & deſejos de ſeruir a el rey de portugal com todo ho reyno & cõ ſua peſſoa,& mandoulhe hũa trepeça q̃ fora del rey de Narſinga toda forrada douro & os pés feytos de torno,obra bẽ feyta & rica.E o gouernador lhe reſpõdeo pelo meſſejeiro,cõfirmãdoſe por muyto ſeu amigo ẽ nome delrey de Portugal,& ſeu,& mandoulhe hũ preſente:

E ſempre Merlao durou neſta amizađ,& pagou bẽ a rẽda de Mergeu q̃ ſeu hirmão não fazia.Na entrada deſte inuerno q̃ foy ẽ Mayo,chegou a Cochĩ Pero mazcarenhas capitão dhũa nao da conſerua de dõ Garcia de noronha, q̃ aquele anno partira por capitão mór da armada da carga.E partido de Liſboa,chegou ao cabo de ſancto Agoſtinho cõ toda ſua frota,& por ho não poder dobrar tornou à coſta de Guinẽ a buſcar vẽto pera nauegar,& foy ter as ilha de ſam Thome,onde fez agoada, & hi lhe adoeceo & morreo muyta gẽte:& ido dali cõ muyto trabalho parecendolhe q̃ tinha dobrado ho cabo de boa Eſperança,foy reconhecer a terra & achouſe atras dele.E tornando a ſua nauegação q̃ foy em eſtremo trabalhoſa,chegou a Moçãbiq̃ cõ toda a frota ẽ feuereyro de mil & quinhẽtos & doze, & então paſſauão por ali dõ Ayres & Chriſtouão de brito q̃ hião pera Portugal:& por ſer ja boca dinuerno da India & a gẽte ir muyto trabalhada, foy neceſſario ter ali ho inuerno da India, & deu licẽça a Pero mazcarenhas que lha pedio pera ſe ir à India na nao ſctã Ofemea de Iorge de brito q̃ era nauio peq̃no,& por iſſo dõ Garcia ho mandou à India cõ noua ao gouernador de como ficaua em Moçãbiq̃.E partido, chegou a Cochĩ na fĩ de Mayo & deu noua ao gouernador como dõ Garcia ficaua em Moçãbiq̃,& coela folgou ele muyto por dõGarcia ſer ſeu ſobrinho, & logo ẽtregou a capitania de Cochĩ a Pero mazcarenhas q̃ a trazia por elrey de Portugal.E q̃ſi no cabo do inuerno chegou ao gouernador hum embaixador dhũ rey das ilhas de Maldiua q̃ ſe mãdaua offrecer por vaſſalo delrey de Portugal,cõ tanto q̃ lhe reſtituyſe al-

gũas ilhas que lhe tinha tomadas hum mouro principal de Cananor chamado Mamale cõ ajuda dhũs hirmãos q̃ tinha, & elrey d̃ Cananor lhe tinha dado nome de rey. E ho gouernador aceitou este offrecimento, & prometeo de liurar el rey do Mamale, & assi ho fez despois fazendo cõ Mamale que renũciasse ho titulo que tinha de rey daq̃llas ilhas de Maldiua.

¶ Capit. lxxxj. De como os imigos tomarão abarcaça que goardaua a trãqueyra da banda do mar, & de como os nossos desbaratarão os immigos & cobrarão abarcaça com ho camelo que tinha.

Partido ho gouernador de Malaca, foy ho desmayo tamanho na gente da terra q̃ todos poserão toucas pretas, o que Ruy de brito & Fernão perez estranharão muyto a Ninachatu, & prometeranlhe de fazerẽ de tal maneyra a guerra a Patequatir que ho lãçassem fora de Malaca: & nisto veo noua q̃ Lasamane que estaua em Muar, se dizia que queria ir a Malaca pelejar cõ a nossa frota. E sabido isto foy acordado q̃ Fernão perez fosse buscar Lasamane & peleiasse coele, assi pera esforçar a gente da terra, como porq̃ no rio de Muar por ser lugar estreyto peleiaria melhor q̃ no porto de Malaca q̃ era largo. E em quãto Fernão perez lá foy, veo Quatepatir de noyte, q̃ fazia muy grande escuro, & cõ muyta gente q̃ trazia deu na nossa barcaça q̃ estaua no cabo da nossa tranqueyra, & tomãdoha sem se os nossos poderẽ valer leuouha coeles & cõ ho camelo q̃ tinha à sua fortaleza, & meteo ho camelo dẽtro, & mãdouho assestar defronte de hũa porta q̃ saya pa ho mar, pera que dali jugasse cõtra quẽ a cometesse. E ao outro dia q̃ isto acõteceo, logo pola manhaã chegou Fernão perez que se tornou por nã achar a armada do Lasamane: & sabẽdo a tomada da barcaça, disse a Ruy de brito q̃ lhe parecia q̃ logo se deuia de vingar aq̃la offensa, porq̃ se assi senão fizesse Catepatir cobraria mòr esforço do q̃ tinha, & a gẽte da terra mayor desmayo do q̃ andaua neles, & perderião de todo o credito dos nossos. E estas rezões deu no cõselho q̃ se logo fez sobrisso: & algũs lhas cõtrariarão, dizendo q̃ não era bẽ pelejar cõ a fortaleza da trãqueyra, pois ho gouernador cõ a gente q̃ tinha a não podera desbaratar: & eles não erão mais sãos q̃ duzẽtos & cincoẽta Portugueses. Ao q̃ Fernão perez disse q̃ o gouernador nã tiuera tãta necessidade de cometer a fortaleza como eles tinhão, & q̃ quãto era a serẽ poucos, q̃ nosso senhor os faria muytos no esforço, porq̃ pera isso erão Christãos. E ho parecer de Fernão perez se aprouou, assi polos nossos como polo Bẽdara & Catual q̃ estauão no conselho, & se offrecerão a ir cõ Fernão perez cõ mil & quinhentos piães da terra: & foy ordenado q̃ fosse coeles ao lõgo do mar Afonso pessoa com os espingardeiros & bẽsteiros q̃ tinha na tranqueyra: & Fernão perez auia de ir por mar ao lõgo da terra cõ seus capitães ẽ bateys & em calaluzes, & serião os nossos duzentos: & hião assi ao lõgo de terra, porq̃ se fosse cousa q̃ sayssẽ os imigos aos q̃ hião por terra, os defendessẽ cõ a artelharia dos bateys. E indo pto da fortaleza, mandou Fernão perez a Iorge botelho de põbal, q̃ era hũ dos capitães q̃ hião nos bateys q̃ desembarcasse primeyro q̃ todos, & pegasse cõ a trãqueyra, & visse a disposição dela:

& ele ho fez assi. E em saindo ho nosso camelo, começa de desparar muy rijo, & como disse estaua na porta da tranqueyra defronte do mar, q̃ estaua aberta, & estarião em goarda dele obra de cẽ mouros. E Iorge botelho & os q̃ hiã coele como nã tinhão em cõta os tiros do camelo, chegarão cõ muyta pressa à porta dõde ele estaua & entrarão: & começando de pelejar cõ os imigos q̃ estauão em goarda, acodio Fernão perez cõ os seus, & assi Afonso pessoa cõ os q̃ trazia por terra, & cõ sua chegada nã curarão os imigos d̃ mais resistẽcia & alargarão a porta, & os nossos entrarão todos: & Fernão perez mandou logo poer fogo, porq̃ se os nossos não carregassem d̃ muyta & muy rica fazẽda q̃ ali auia, & ẽtre tãto viesse Quatepatir cõ ho corpo da sua gente do q̃ se receaua, & os nossos não podessẽ pelejar cõ ho roubo & se desbaratassem como ele ja vira acõtecer algũas vezes, & por isso ele mesmo andaua mandãdo poer ho fogo cõ deixar os capitães cõ a mór parte da gẽte feyta ẽ corpo, pera q̃ resistissẽ a Patequatir se viesse, & fizessẽ entre tanto recolher ho camelo aos bateys, & querẽdoho os nossos fazer acharão ho cepo do camelo cheo de sangue fresco: & soubesse despois q̃ era do nosso cõdestabre q̃ fora catiuo na barcaça cõ os outros, a q̃ Patequatir mandou q̃ tirasse cõ ho camelo quãdo os nossos forão vistos, & por ele nũca querer tirar lhe cortarão os imigos a cabeça sobre ho cepo. E estãdo nisto deixaranse vir ꝑto de q̃trocẽtos mouros, & diãte deles tres alifantes cõ castelos, em q̃ hirião trinta ou quarenta frecheiros. E assi como os nossos os virão de supito, começão de bradar. Alifantes, alifãtes: & coisto fugio a mayor parte deles ꝑa os bateys, principalmẽte os q̃ estauão mais pegados cõ a tranqueyra. E jorge botelho q̃ estaua na dianteira cõ obra de trĩta dos do seu batel, se teue esperãdo os imigos, de q̃ bẽ sesenta se a diãtarão cõ hũ dos alifãtes q̃ era ho mais peq̃no de todos. E Iorge botelho como os vio mandou aos que estauão coele que dessem Santiago, & que não curassem do alifante se não do homem que ho regia que hia assentado na cabeça, porque este morto ho alifante se desbarataria por si mesmo: & assi ho fizerão, & remeterão com grande grita ao alifante chamando Santiago, & leuão o que ho regia espetado nas lanças. E assi como foy leuado q̃ ho alifante não teue quẽ ho gouernasse, atrauessouse, & ainda se bem não atrauessaua quando ho cõdestabre que hia no batel de Iorge botelho despara nele hũa espingarda & dalhe polo coração: & dando ho alifante hũ medonho hurro cayo morto. E neste instãte acodio Fernão perez sentindo a fugida dos nossos, & assi por ele sobreuir como pola morte do alifante se desbaratarão os immigos de maneyra que fugirão, & por a terra ser alagadiça & de vasa por amor dos muytos esteyros que ha nela, não quis seguir ho encalço, & mandou roubar muytos gudões, em que auia tanto crauo, noz, maça & sandolo, que de os nossos ho nã poderem leuar todo forão chamar ho pouo de Malaca que ho acabasse de leuar. E saqueado tudo & recolhido ho camelo & outra artelharia que estaua na tranqueyra, foylhe posto fogo, & assi aa pouoação que estaua despejada, & tudo foy queymado sem nunca Patequatir ousar de acodir. E isto feyto tornouse Fernão perez aa fortaleza, onde forão dadas muytas graças a nosso

ſenhor por aquela vitoria,q̃ foy muy
grande pera quanta gente tinha Pate
quatir,& pera quão poucos os noſſos
erão, de que nenhum não foy mor-
to,ſomente ouue algũs feridos,& dos
immigos muytos & muytos mortos:&
logo Patequatir ſe mudou dali pera
hũa enſeada hũa legoa abaixo, por
que he ho coſtume deſta gente não
eſtarem mais onde hũa vez ſam ven
cidos. E neſtoutro lugar pera onde ſe
foy, ſe fortaleceo de tranqueyras muy
to mais que dantes, & com ſua ida fi
cou ho pouo de Malaca deſabafado,&
com muyto credito nos noſſos & ſem
nenhum medo de Patequatir.

¶ Cap. lxxxij. De como Fernã perez tornou outra vez a cometer Quatepatir, & da perda que recebeo.

Deſpois deſta vito-
ria, pareceo bem a
Ruy de brito & a
Fernão perez com
conſelho de todos
os outros capitães
& fidalgos, q̃ Fer-
não perez tornaſſe ſobre Patequatir
em quanto a vitoria paſſada eſtaua
freſca. E iſto acordado, partio de Ma
laca hũ dia ante manhaã com os meſ
mos capitães & gente que leuara da ou
tra vez, & chegado a Vpe, que aſſi ſe
chamaua ho lugar onde eſtaua Qua
tepatir, deſembarcou com os ſeus
ſendo bem contrariado dos immigos,
com que pelejou hum pouco na pri-
meyra tranqueyra, porque erão tres
ou quatro. E deſbaratados com mor-
te de muytos deixarão a tranqueyra,
& Fernão perez a entrou com os ſeus,
& chegando aas primeyras caſas mã-
doulhes dar fogo:& por ſaber que a ter
ra era alagadiça & de muytos eſtey-
ros, & não ſe poder andar ſe não
por minhoteiras que era grande aju-
da pera os immigos que andauão le-
ues & deſpejados, & pera os noſſos
grande impedimento por andarem
armados, determinou com conſelho
de ſeus capitães de não paſſar mais a
uante & contentarſe com o que tinha
feyto & recolherſe,& tambem porque
os immigos erão muyto mais que da
primeyra, por lhe el rey de Malaca
mandar ſocorro, & deſpois que quey
mou algũas lãcharas que eſtauão em
hum eſteyro junto deſta tranqueyra,
começou de ſe recolher & embarcar-
ſe nos bateys muyto a ſeu ſaluo, bem
que os immigos lhe hião nas coſtas,
mas ſem fazerem couſa algũa. E re-
colhendoſe aſſi acertou de ſe embar-
car tanta gente em hum parao, em
que hia Ruy daraujo por capitão, que
não pode nadar com ho grande peſo
dela, & porque a maré vazaua. O que
vendo os immigos & entendendo o
que era, derão todos ſobre ho parao
com muyto grande grita, & começa-
rão hũs de tirar com lanças darremeſ
ſo & outros com frechadas, tratando
muyto mal os noſſos que eſtauão ne
le, & como eſtauão empilhados não ſe
podião defender: ao que Fernão pe-
rez que eſtaua embarcado acodio lo-
go bradando aos noſſos dos outros
bateys que eſtauão de largo que aco-
diſſem. E tornando eles pera iſſo, em
chegando a eles arremeſſanſe todos
neles a quem mais podia & com muy
grande deſordem, & Ruy daraujo ſe
lançou tambem, mas em ſe lançando
ficou preſo em hum tolete do parao po
la fralda de malha que leuaua, & co-
mo a preſſa era grande & ho tempo

pouco mataranno aas lançadas primeyro que se podesse desembaraçar do tolete, & sobrisso foy grande peleja dos nossos que acodião com os immigos que erão tantos que cobrião a terra & metianse pola agoa a pelejar com os nossos, & tanto os apertarão que se ouuerão de retirar, indo Fernão perez ferido, Pero de faria & outros muytos, & ficarão mortos Ruy daraujo, Christouão pacheco, Antonio dazeuedo capitão dhũa carauela, que primeyro que morresse pelejou muy valentemente, & assi forão mortos outros: de modo que donde os nossos tinhão a vitoria tornouse aos imigos. De que Patequatir ficou muyto mais soberbo do que era, & mandou logo esta noua a el rey que fora de Malaca, que lhe mandou disso muytos agardecimentos, pedindolhe muyto que continuasse a guerra, porque coela esperaua de cobrar Malaca, & que ele ho ajudaria no que podesse: & logo mandou ao Lasamane que estaua com sua frota no rio de Muar que he dez legoas de Malaca que sayse fora & tomasse os jungos que fossem pera Malaca ou quasquer outras velas, & que fauorecesse el rey Darguim & ho Dujentana & outros: & assi andaua fazendo guerra a nossos amigos & fauorecendo nossos immigos.

Capitolo.lxxxiij. De como Fernão perez foy buscar ho lasamane que estaua no rio de Muar pera pelejar coele, & do que fez: & de como chegarão da India Francisco de melo & Martim guedez.

TOrnado Fernão perez a Malaca muyto descontente polo que lhe acontecera, deuse a capitania da carauela Dantonio dazeuedo a Iorge botelho por seu boõ esforço & seruiço que naquela guerra fazia. E dali a algũs dias sabendo Fernão perez como ho Lasamane era fora do rio de Muar, partiose logo em sua busca pa pelejar coele, porq̃ ho desejaua muyto: & alẽ dos bateys leuou a galé de Pero d̃ faria & ho nauio de Iorge botelo, q̃ chegãdo pto do rio de Muar acertou dir diãte d̃ todos, & por isso foy logo visto da armada do Lasamane, & não virão os outros porque a frota estaua detras de hũa ponta. E sendo dito ao Lasamane que aparecia ho nauio, quis lhe fazer crer que lhe fugia, & meteose pera dentro do rio & pos se detras da ponta que digo pera ho tomar mais asinha. E Iorge botelho que ho entendia em a nossa frota sendo tanto auante como a põta detras de que ho Lasamane estaua, meteose no rio & passou a diãte da frota dos imigos cõ determinação de lhes atalhar que não podessem fugir da nossa frota se ho quisessem fazer. Ho Lasamane pola tẽçāo q̃ tinha deixou passar Iorge botelho, senão q̃ndo Fernão perez aboca ho rio cõ sua frota, dando os nossos grandes gritas, & começãdo de tirar muytas espingardadas. Ho Lasamane conhecẽdo o q̃ era, posto q̃ tinha corẽta lancharas & muytos calaluzes, & ele ficou seguro de lhe os nosses, receaua tãto os nossos que não ousou de pelejar coeles: & pa que ho não podessem aferrar, mandou logo alagar algũs calaluzes & lancharas q̃ estauão afastados da terra, pera que ficassem em bastida antrele & os nossos: & como a marẽ vazaua ficarão logo alagados, poderem chegar tão asinha. E nisto os tiros erão muytos de hũa parte

& da outra, assi de frechas como de setas, & espingardas, & bõbardadas, de que os imimigos tirauão em mais abastança que os nossos por terem muyto mais bombardas, & alli erão eles tambem muytos em demasia, porq̃ a fora os q̃ estauão na frota auia muytos em terra q̃ logo acodirão, & as frotas estauão tão perto dela que podião os imigos que estauão nela chegar aos nossos cõ as frechas, de q̃ ho ar andaua todo cuberto. E cõ tudo os nossos remarão auãte & chegarão a abalrroar os calaluzes & lancharas que estauão alagadas, & dali saltarão em outras que ho não estauão. E aqui foy a batalha em estremo aspera, porque como os q̃ andauão cõ ho Lasamane fossem Iaos que sam muyto ousados, chegauanse tanto aos nossos que se ferião com as espadas, & forão muytos deles mortos & dos nossos algũs feridos. E porque nisto vazaua muyto a marê & não ficarem os nossos bateys em seco, foy necessario mãdar Fernão perez que se afastassem, & eles afastados poderão a galê & a carauela jugar com a artelharia, & fizerão muyto grande dano nos imigos, & os bateys entre tanto poserão fogo ás lancharas & calaluzes q̃ tinhão tomados: & isto porq̃ por estarẽ em seco os nossos as não poderão tirar ꝑa se aproueitar delas, porẽ ardeo delas pouco, porq̃ em se os nossos afastãdo, os imigos que erão ẽ demasia muytos ho apagarão logo. E sobreuindo a noyte neste tẽpo, recolheose Fernão perez á galé & á carauela ꝑa curarẽ hi os feridos, & duraria esta peleja bẽ tres horas: & porque ao outro dia se não podessem sayr os imigos com a maré, fez Fernão perez hũa bastida diãte deles dos bateys & da galé & da carauela que tomaua ho rio de terra a terra. O que entendẽdo ho Lasamane, & parecẽdolhe que se perderia se esperasse ao outro dia a peleja dos nossos, aq̃lla noyte varou toda sua armada, & fez diante hũa tranqueyra de duas faces entulhada de terra em q̃ assentou sua artelharia, & coela ficou seguro de os nossos ho poderẽ entrar. E esta trãqueyra & varação de sua armada q̃ ele mandou fazer aq̃la noyte, foy feyta tão caladamente q̃ nũca ho Fernão perez sẽtio, & ele estaua espãtado de quão pouco arroydo se fazia em terra, pelo q̃ cria q̃ ho Lasamane era ido cõ toda sua gente & deixara a armada vẽdo q̃ a não podia saluar. E isto fazia ele porq̃ não ouuindo os nossos ho rumor dos seus lhe não tirassem cõ a artelharia. E em amanhecẽdo mandou dar hũa aluorada a Fernão perez de sinos, & doutros instormẽtos que os Iaos costumão na terra, & despois de bõbardadas: do q̃ os nossos ficarão muy espãtados, & muyto mais da obra q̃ estaua feyta. E por Fernão perez ter tão pouca gẽte como tinha, lhe não pareceo bẽ poiar em terra & pelejar cõ os imigos, & cõtẽtouse cõ lhe fazer do mar muyto dãno cõ os esbõbardear a môr parte do dia, & despois se partio ꝑa Malaca, õde achou Frãcisco de melo ho galego q̃ então chegara da India, q̃ o mãdara ho gouernador por capitão môr de Marti guedez, & de Iorge de brito, & vinhão cada hũ ẽ seu nauio fornecidos de cl. homẽs Portugueses, & dartelharia, poluora & outras munições, & mãtimẽtos, & aparelhos ꝑa tirarẽ nauios a mõte & ꝑa os cõcertarẽ: & ãtre a gẽte dos nauios hião ferreyros & carpinteiros, & mãdou o gouernador ꝑuisã ꝑa fazerẽ seys galés, & mãdou por patrão da ribeira đ Malaca a hũ Fernã trigo,

que deu industria pera se tirar amonte ho nauio de Vasco fernandes coutinho que fazia muyta agoa,& foy tirado cõ muyto trabalho,& tambẽ ho nauio de Iorge botelho,& este por ser pequeno foy logo corregido & tornado ao mar: & Fernão perez se foy aa ilha das naos onde estaua cõ os nauios grossos todo ho tempo q̃ não pelejaua,& isto por goardar milhor ho mar, q̃ não viessẽ os imigos por elle & tomassem a fortaleza de supito:porq̃ como todos os comarcãos ho erã,era necessario estar aa lerta,paq̃ tambẽ não lhe fezessem treição que a gente daquela terra vsa muyto.E sempre quando nacia ho sol & se punha,tinha Fernão perez muy grãde vigia se saya algũa vela donde estaua Quatepatir ou da banda do estreyto de Sabão:& a fora isto tinha muyto grande trabalho em ir muytas vezes buscar os imigos hũas vezes os da armada do Lasamane,outras os de Patequatir,a q̃ saya por esses esteyros nos bateys a queymarlhe suas lancharas q̃ lhe trazião por eles algũs mantimẽtos que lhe mandauão seus amigos.

¶ Capit.lxxxiiij.De como Fernão perez foy buscar mantimẽtos pa a fortaleza,& os trouue com grande perigo de sua vida,& da grande fome q̃ auia antre os immigos,

NEste tẽpo que estes dous capitães chegarão da India auia em Malaca muytos trabalhos, assi de doenças como de fome que hia em grande crecimẽto, por os mantimentos não acodirẽ como dantes,q̃ nenhũs mercadores ousauão dir a Malaca por amor da guerra:& chegou a pouquidade dos mantimẽtos a tãto q̃ nã comião os nossos mais,q̃ arroz cozido em agoa & sal,por regra,& no mais q̃ hũa vez ao dia,& a mesma esterilidade auia antre os imigos,& por isso cessou a guerra antre hũs & outros, & a fome foy causa de tregoas antreles sem falar nenhũ deles. E vẽdo Fernão perez ho destroço q̃ hia nos nossos cõ a fome,determinou cõ conselho de todos de ir ao estreito d Cincapura,por õde naqle tpõ q̃ era na fim d Setẽbro passauão jũgos da Iaoa carregados de mãtimẽtos pera partes õde tinhão valia:& deixando a mayor parte da gẽte de sua armada nos nauios grossos pera os goardar,se partio indo no nauio de Martĩ guedez,em q̃ ele tambẽ hia,& leuaua em sua cõserua Pero de faria & Iorge botelho,& assi outros tres capitães em tres lanchaars:& ho timũgão de Malaca, q̃ he o que arrecada as ancorajẽs das naos estrangeiras,& este hia por guia que sabia a terra. E chegado ao estreyto,achou no canal de Sabão hũ grãde jũgo da Iaoa q̃ estaua surto, que em vendo a nossa frota se quis fazer à vela,mas não pode Porq̃ Pero de faria mandou aptar tão rijo ho remo, q̃ antes q̃ desferisse estaua metido antrele & a terra,& impidiolhe q̃ nã chegasse a ela cõ muytas bõbardadas que lhe tiraua. E nisto chegarão os outros capitães & rodearãno,& os q̃ estauão dẽtro se renderão porq̃ os não metessem no fũdo. Tomado ho jũgo achouse q̃ era de Iaos q̃ o leuauão carregado de mantimẽtos & darmas. E do senor do jungo soube Fernão perez que leuaua aqueles mantimentos & aqueles armas a Patequatir , que escreuera a Iaoa q̃ lhe mandassẽ:& neste jũgo hia hũ seu filho,& por seu conselho se rẽderão os do jũgo cõ determinação d fazerẽ o q̃ despois fizerão,& logo Fernã

perez mandou baldear os mantimẽtos do jũgo nos nauios da sua frota,& a ela mandou tambẽ passar a gẽte,& ho capitão dele & esses hõrrados ao seu nauio,& ãdauão soltos porq̃ lhes mãdou tomar as armas:porẽ ficarão a cada hũ seu cris q̃ trazião secretos,esperãdo tẽpo pa fazerẽ o q̃ determinauão,& foy matarẽ Fernão perez & leuantarse cõ ho nauio,& cometeranno hũ dia pela sesta.E estando Fernão perez encostado,remeteo ho capitão do jũgo a ele & ferio pelas costas cõ ho cris q̃ trazia escõdido,& nã lhe deu mais de hũa sô ferida,porq̃ neste tẽpo remeterão os cõpanheiros aos nossos,q̃ lançando mão das espadas & lanças q̃ tinhão na tolda começarão de ferir os imigos,o q̃ embaraçou ho seu capitão de maneyra q̃ não pode dar a Fernão perez mais feridas q̃ hũa,porq̃ tambẽ algũs dos nossos se abraçarão logo coele.E foy o primeyro Martin guedez,q̃ antes de ho abraçar lhe deu cõ hũ marrão da nao cõ que ho derribou,& nisto acodirão outros & tomarãlhe ho cris & prenderãno,& não ho matarão porq̃ Fernão perez ho mandou assi.Os outros Iaos vẽdo q̃ não auia efeyto o q̃ começarão,derão consigo no mar esses q̃ poderão,& saluaranse a nado por ser ꝑto de terra, & os outros forão mortos & catiuos. E assessegado tudo,Fernão perez mandou meter a tormẽto ho capitão do jũgo,pera q̃ confessasse cõ que fundamẽto cometera matalo,& se vinhão mais jũgos ẽ socorro de Quatepatir. E ele confessou a causa porq̃ ho quisera matar,& q̃ ainda ficauão tres jungos em Cincapura,& q̃ nã auião de ir ate lhes não mandar recado. E assi disse como vinha ali ho filho de Quatepatir & mostrouho.Isto cõfessado,mãdou os Fernão perez prender a boõ recado pera os leuar a Malaca,pera õde logo partio cõ os mantimẽtos,& fez cõta q̃ certos tinha os tres jungos q̃ ficauão ẽ Cincapura,pois não auião de partir sẽ recado do capitão do jũgo. E chegado a Malaca foy grãdemẽte festejado por trazer tão boõ socorro,& em chegãdo logo despedio pera Cincapura a Lopo dazeuedo & a Iorge botelho,pera q̃ tomassẽ os tres jũgos q̃ lâ ficauão. E eles os tomarão sẽ lhes ficar gẽte algũa por q̃ toda fugio primeyro,& coeles ficou Malaca bẽ abastada de mantimẽtos,E tãbẽ chegou Gomez da cunha de Pegû cõ outro jungo cõ mantimẽtos,que deixaua assẽtada amizade cõ el rey de Pegû,& concertado q̃ mandasse mãtimentos a Malaca:& assi chegou Antonio de miranda do reyno Sião,õde foy muyto bẽ recebido.E neste tẽpo fugio da prisam ho filho de Quatepatir,q̃ estaua em estrema necessidade de mãtimẽtos polos que lhe tomarão,& assi muy falecido darmas & de gente,q̃ nẽ elrey de Malaca lhe podia socorrer por estar da mesma maneyra.

Capit.lxxxv.De como Fernão perez desbaratou Quatepatir & lhe tomou a fortaleza:& de como Quatepatir fugio pera a ilha da Iaoa.

SAbendo os nossos isto,& parecẽndolhes q̃ era tẽpo determinarão de o destruyr de todo & deitalo fora de Malaca: pera o que se ordenou que fosse Fernão perez & leuasse a galee de Pero de faria & a carauela de Iorge botelho, & os outros capitães nos bateys & calaluzes,em que hirião passante de duzẽtos Portugue-

ses antre sãos & doẽtes,& por terra ao longo da goa ho catual com mil & seys centos piaes da terra, os mais deles frecheiros,& da banda do sertão ho feytor Pero pessoa,a que se deu a feytoria despois da morte de Ruy daraujo com obra de setẽta espingardeiros & bestei ros. E confessados todos os nossos,& recebido ho Sanctissimo sacramẽto,partio Fernão perez de Malaca hũ dia ãte manhaã,& tanto que foy perto donde estaua Patequatir,desembarcou Iorge botelho per seu mandado com a gente de sua capitania,pera q̃ jũtamente com Pero pessoa cometeessem á fortaleza,ẽ quanto ele hia desembarcar com toda a gente defronte da porta principal da primeyra tranqueyra,donde ja estaua muyto perto Pero de faria na sua galé varejando com a artelharia tão fortemente que quasi não ousauão de se descobrir os immigos q̃ hi estauão. E ajũtandose Iorge botelho & Pero pessoa ambos derão Santiago cõ grande grita,& achando aberta a porta desta primeyra tranqueyra,entrou logo Iorge botelho diante com ate oyto homens, rompendo por muytas frechadas que os immigos tirauão de dentro,& entrãdo por muy bastas lançadas que lhe arremessauão. E vẽdo eles a concrusam de Iorge botelho que foy entrar,& vẽdo os que lhe hião nas costas,que não fazião se não despender em espingardadas,virão as costas & arremessanse pera dẽtro doutra tranqueyra que hia alem desta, cuja porta fecharão muy bem. A este tempo era Fernão perez desembarcado com toda a gente,& cada hũ cometia por onde podia pera entrarem a segunda tranqueyra q̃ estaua muyto forte,& que os immigos defendião com grande instancia,& a reuolta era muy grãde & perigosa: Iorge botelho & Pero pessoa que andauão dianteyros por aquela parte onde estaua a porta que era pequena,remeterão ambos a ela pera ver se a podião leuar fora do couce. E andando ambos nesta ocupação,meterão os imigos hũa lãça jaoa por debaixo das portas & ferio Pero pessoa em hũ pé,& como ele era muyto boõ caualeyro a menẽcoria disto lhe acrecentou a força de maneyra que ele & Iorge botelho derão com as portas fora do couce,& de dẽtro apareceo hũ muro de imigos que tinhão feyta hũa muy forte bastida de lanças com q̃ fer neauão sem descansar,& por cima delas vinhão infindas frechas assi darcos como de zarauatanas,& os imigos estauão assi medonhos porque estaua ali Patequatir que os animaua. E com tudo Pero pessoa & Iorge botelho se melhorarão dõde estauão,& passarão da porta pera dentro auendo hũ pouco q̃ pelejauão,& assi todos os outros por todas as partes da tranqueyra que os imigos defẽdião como homẽs que tinhão ali sua saluação & ela perdida ficauão perdidos. E vẽdo eles a porta entrada por Iorge botelho & Pero pessoa, por õde os nossos começauão de carregar, acodem com quatro alifantes armados com seus castelos. E os nossos que lhe tinhão perdido ho medo não fizerão conta deles,antes hũ Francisco machado christão nouo & alfayate natural de torres nouas da capitania de Iorge botelho em vendo ho alifante dianteiro que se chegaua a eles,foy ho primeyro que remeo a ele & feriolhe ho ayo com a lança,& apos ele outros & derão coele morto, & sobre ho alifante forão tãtas as espingardadas q̃ ho ferirão,& a dor das feridas ho fez virar

contra os seus. E coisto & cõ os nossos que entrarão de roldão apertarẽ muy rijo com os immigos, os fizerão fugir desbaratados, & em virando os dianteyros desbaratarão os traseiros & fugirão todos & mais dous alifantes, por que ho ferido morreo & outro foy tomado dos nossos, q̃ nesta peleja matarão tãtos dos imigos q̃ ho chão ficou cuberto deles, & assi deferidos q̃ senã poderão leuantar, & Fernã perez não quis seguir os viuos, assi por os nossos estarem muyto cansados, que durou a peleja hum pedaço, em que ho todos fizerão muy bem, como por ser a terra alagadiça & de vasa que se não andaua se não por minhoteiras. E vencidos os immigos sem falecer nenhũ dos nossos, somente auer algũs feridos, achouse tanta riqueza de mercadorias que por aqueles que forão na batalha as nã poderem leuar todas, mandou Fernão perez chamar os que ficauão em Malaca pera acabarem de leuar tudo, & todos vierão assi Christãos como mouros & gentios, que pasmauão de como os nossos poderão desbaratar os immigos em cousa tão forte como aq̃la era cercada de cauas cheas dagoa que se nã seruião se não por pontes muy estreytas. E roubado ho lugar, foy queymada toda a fortaleza: & carregados todos de muyto despojo, & assi os nauios, se tornou Fernão perez pera Malaca, onde foy recebido com grãde solẽnidade & forão dadas muytas graças a Deos polos desapressar daquele immigo que tãta opressam lhes daua, que ficou dali tão destroçado & com tão pouca gẽte, & sem nenhũas munições de guerra, & sẽ lugar em q̃ se podesse acolher, q̃ desesperado de tudo tomou por remedio acolherse a sua terra aa ilha da Iaca & fugindo per esses matos com sua molher & sogra & algũs poucos de escrauos, se foy embarcar onde tinha algũs nauios, & dali se partio pera a Iaoa. O que sabendo el rey que fora de Malaca ficou muyto triste & sem esperança de se restituyr em sua terra, & cõ tamanho medo de os nossos ho hirem buscar ao pago onde staua, que he hũa fortaleza em hũ ilheo hũa legoa pelo rio de Muar acima, leuou suas molheres & casa a ilha de Bintão, onde se começou de fazer forte, & dali hia aas vezes estar no pago como fronteiro, & dali mandaua ho Lasamane com sua armada a fazer saltos quando podia.

Cap. lxxxvj. De como Fernão perez foy ao estreyto de Cincapura, & de como Antonio dabreu que foy descobrir Maluco tornou a Malaca.

SAbido em Malaca q̃ Patequatir era fugido pera a jaoa temendo Ruy de brito & & Fernão perez que se não fosse laa refazer de gente & tornasse a fazer guerra a Malaca, determinarão q̃ Fernão perez ho fosse esperar ao estreyto de Cincapura por onde auia de passar, pa onde se partio logo no nauio de Martĩ guedez, & forão coele Iorge botelho no seu nauio, & outros homẽs principaes em lancharas, porque os nauios grossos ficauão com Lopo dazeuedo em goarda de Malaca, como ficauão sempre quãdo Fernão perez hia fora. E ẽtrando ele antre as ilhas de Bintão, ouue hũ dia vista da armada do Lasamane que andaua espalhada per antre stas ilhas, & ele bẽ descuydado da vin

andauão pescando, q̃ aquela armada era do Lasamane, passouse a hũa lanchara pera chegar a ele primeyro que se ajuntasse a sua armada: & isto por se a lanchara remar & ser mais ligeira q̃ ho nauio. E ajũtando as outras cõsigo, ho Lasamane como ho vio ir que ho conheceo fugio logo a vela & a remos caminho do estreyto de Cincapura, que he tão estreyto, que se se hũa nao atrauessar nele tomara de terra a terra, & por ali passam todos os jungos q̃ vẽ da China, Patane, Sião & de todas aq̃las partes do sul pera Malaca: do q̃ os nossos ficarão espantados quando ali chegarão, & parecialhes que fazião muyto em passarem cousa tão estreyta cõ ho nauio & a carauela: & estes forão os primeyros nauios nossos que passarão este estreyto. E vendo ho Lasamane a võtade que Fernão perez leuaua pera lhe chegar, alargou hũa pãguejaoa carregada darroz & munições de guerra, parecendolhe que occupados os nossos naquele despojo ho deixarião: mas não ho fizerão assi, & se não sobreuiera a noyte sempre ho alcançarão. E posto que ho Lasamane fugisse tanto de pelejar com Fernão perez, nẽ por isso deixaua de ser muy esforçado caualeyro, & tão nomeado antre os mouros, que em quanto ouuer gẽte em Malaca sempre durara sua fama: porẽ conhecia q̃ os nossos tinhão auantajem aos seus, & por isso nã queria pelejar com Fernão perez, & q̃ndo se queria louuar, dizia que muytas vezes começara de pelejar com os nossos & q̃ não fora desbaratado, o que auia por muyto polo q̃ digo, & por isso fugia a Fernão perez, q̃ como vio a noyte, & q̃ lhe não podia chegar deixou de ho seguir & surgio. E ao outro dia fez volta pera Malaça, onde achou Antonio dabreu q̃ chegara de descobrir Maluco, a que não chegou por culpa dos tempos lhe terçarẽ mal, & ele cõ Simão Afonso não pode mais chegar que âs ilhas Damboyno q̃ sam perto das de Maluco, & hi achou algũ crauo em poder de mercadores que ies gatou, & Frãcisco serrão foy ter perto de hũa ilha das de Maluco, que se chama Ternate, & hi se perdeo a nao, & ele se saluou com algũs no batel da nao & nele foy ter a Ternate, onde lhe ho rey desta ilha fez tanta honrra & gasalhado, & lhe deu tanta fazẽda, que ele se deixou ali ficar & não quis mais tornar a Malaca. E este Francisco serrão foy o que mandou enformação de Maluco a Fernão de magalhaẽs, q̃ fez despois treyção aa casa real de Portugal, querendolhe tirar estas ilhas da sua cõquista, & dalas à coroa de Castela, metẽdo em cabeça a Carlos quinto emperador & rey dela que estauão na repartição do mar, que coubera a Castela. E Antonio dabreu que não sabia da perdição de Francisco serrão, vẽdo q̃ não vinha despois de ho esperar muyto tẽpo, se tornou pera a ilha de Banda, que he hũa ilha grande, em que ha as aruores que dão a noz nozcada & a maça, que dizẽ que se parecem com os nossos pessegueiros, ao menos na frol, se não que he branca, & as aruores sam mayores, & nesta frol nace a noz: & a frol he a maça despois que se seca. A gente he como saluajẽ & carece de toda policia humana, nẽ tem rey, se não gouernãse pelos mais antigos: & nesta ilha achou tambẽ algũ crauo. E carregãdo de noz & de maça, se tornou a Malaca, que cõ a destruyção de Patequatir ficou pacifica, & abastada de mantimentos que vierão dali por diante.

Capit. lxxxvij. Do que paſſou em Goa ſendo capitão Manuel de lacerda, & de como foy morto Mēdafonſo de tanjere em Benaſtarim.

EMquanto iſto paſſaua em Malaca, Roçalcão q̃ eſtaua na fortaleza de Benaſtarim ſobre a cidade de Goa que tinha cercada por terra, lhe corria muytas vezes cuydando de afrontar os noſſos, que por ſerem muytos os não tinhão em nenhũa conta, & ſayanlhe ſempre ao encontro & leuauãnos de vencida, & fizeranſe neſtas eſcaramuças muy boas couſas da parte dos noſſos, que os mais deles erão muy bõs caualeyros, principalmēte eſſes homēs conhecidos, aſſi como Manuel de ſouſa, Mēdafõſo, Ioão machado, Diogo fernãdez ho adail, Diogo fernãdez de beja, Simão velho, Antonio ferreyra, Pero dafonſeca de craſto, & Diogo mendez, que fora capitão, que poſto q̃ hia debaixo da capitania doutrem ſempre ſaya aos mouros & fez muy boas couſas, principalmente hũa vez que os noſſos pelejarão com os imigos antre os bachares, & fugindo os que acompanhauão Diogo mendez ficou ele ſó ſobre hũ valado, & pelejou ali muy fortemente ate que lhe acodirão: & poſto q̃ os immigos erão muytos de que ele ſe defendeo tambem que nunca lhe poderão chegar poſto que ho ferirão de muytas frechadas. E outra vez que ho capitão ſayo aos immigos, em ſe recolhendo diſſe aos ſeus que ſe algũs dos immigos que os ſeguião ſe deſmandaſſem que teueſſem tento quando ele diſſeſſe volta que voltaſſem logo, & niſto deſmandaraſe obra de cento de caualo pera pegar cõ os noſſos, que voltarão logo polo ſinal que lhes tinha dado ho capitão, que em voltando eſcorregoulhe ho caualo & cayo, & por ſer ho perigo muy grande q̃ carregauão os immigos poleranſe os noſſos diante do capitão ate tornar a caualgar, em q̃ ouue detēça por lhe fugir ho caualo. E neſte eſpaço pelejarão os noſſos milagroſamēte, porque a peleja foy muy crua & chea de ſangue, aſſi dos imigos como dos noſſos & todo ho chão eſtaua cuberto de frechas: & tornando ho capitão a caualgar recolheo os noſſos, com que os immigos eſtauão tão pegados q̃ forão coeles quaſi ate a caua, & ali fez a artelharia muyto nojo neles, & coela ſe afaſtarão ficando muytos mortos & indo muytos feridos: & tambem dos noſſos ho forão muytos, & aſſi os caualos. E muytos outros feytos em armas ſe fizerão polos noſſos neſte cerco, q̃ não ponho particularmente porque os não pude ſaber por ordē, mas forão todos muy aſſinados & de muyta fama, com que ſempre os imigos leuarão ho peor. O que vēdo Roçalcão vingauaſſe em mandar tirar muyto amiude com ho camelo da força, & cayão os pelouros tão baſtos na cidade q̃ hũ dia eſtando ho capitão a hũa jenela da fortaleza cayo hũ pelouro dos que tiraua ho camelo, & ele vendoho mandou a hũ moço gentio que paſſaua que lho trouueſſe, & ho moço lho leuaua poſto na cabeça: & niſto vē outro pelouro & dalhe nele ſem fazer nenhũ nojo ao moço, & iſto foy a viſta de muyta gente. E ſendo neſte tempo dito ao capitão que tinhão os mouros hũas fuſtas em Benaſtarī, mandou ele a Diogo fernãdez q̃ foſſe ver ſe as podia tomar, & viſſe a diſpoſição da fortaleza pera mandar recado

disso ao gouernador que lho mandara pregũtar. E Diogo fernandez foy leuãdo consigo os capitães de sua armada q̃ hião nos bateys, armados & apadessados, & bem esquipados de gente, & forão pelo Passo seco. E chegãdo d'ãte da fortaleza acharão hũa muyto grãde estacada, & virão que as fustas estauão recolhidas ao rio Dagacim. E querendo Diogo fernandez la ir, mandou remar muyto rijo, que assi era necessario pera fugirem ás muytas bombardadas que os immigos tirauão da fortaleza: & passando os nossos com grande impeto, vẽ hũ pelouro & deu em Mẽdafonso de tigere q̃ hia em pê na popa do seu batel bradando que remassem, & matouho cõ outros dous. O que vẽdo Diogo fernandez & quão lõge estauão as fustas, não quis passar auante & tornouse ficando todos muyto tristes por a morte de Mendafonso q̃ era hũ especial caualeyro. E segundo se soube ele foy muyto cõtra sua võtade a este feyto por sonhar toda aquela noyte q̃ se via antre frades que cantauão respõso de finados: & carregado muyto coeste sonho nã quisera ir, mas foy por lhe não dizerem q̃ deixaua d'ir por couardo. E dali por diante não se fez mais neste cerco cousa assinada, se não sayrem os nossos quasi cada dia a pelejar cõ os imigos que lhe corrião. E como Roçalcão teue acabada a fortaleza de Benastarim, mandou passar a ela ho camelo da força & assestalo em hũ baluarte sobre ho mar, com que os nossos ficarão de todo desapressados do cerco. E Roçalcão mãdou tirar ho camelo tã cedo porq̃ se receou q̃ chegasse ho gouernador de supito & lho tomasse.

¶ Capit. De como dõ Garcia de noronha, & Iorge d̃ melo pereira capitães mores das naos da carga chegarão a Cochim, & de como ho gouernador se partio ꝑa Goa.

NEste anno de mil & quinhentos & doze partio de Lisboa ẽ Março Iorge de melo pereira pera a India por capitã mor de cinco naos com a sua: & cõ Iorge de melo hia Gaspar pereira que fora secretario do Viso rey dom Frãcisco dalmeida, & hia por proueedor da fazẽda del rey de Portugal na India & por secretario do gouernador. E chegado a Moçãbique com toda sua armada partirão ambos pera a India com onze naos, & chegarão a cochim em Setembro, & forão muyto bem recebidos do gouernador que folgou muyto com sua vinda, assi por dõ Garcia ser seu sobrinho & por leuarẽ muyta gente, de q̃ ele tinha necessidade pera ho feyto de Benastarim: & parece que nosso señor tinha cuydado dele, porq̃ como auia de fazer algũa cousa pera q̃ teuesse necessidade de gente logo lha ajuntaua, que assi foy quando ouue d'ir tomar Goa q̃ lhe ajuntou vinte tantas naos. E vendo ho gouernador q̃ Gaspar pereyra hia por seu secretario, & saber q̃ fizera naq̃le officio cõ ho viso rey algũas cousas que não ouuera de fazer, apontoulhe os erros que nisso cometera ꝑa se emẽdar deles & não fazer outros em seu tẽpo: & ele lho ꝓmeteo pedidolhe muyto q̃ ho fauorecesse. E logo neste tẽpo pedio Garcia de sousa a capitania de Malaca ao gouernador por itercessam de Iorge de melo pereyra: & querendo ho hũ dia ho secretario despachar, disselhe o gouernador q̃ Malaca era grãde cousa pera Garcia de sousa, & por is

so lha nã podia dar. E ho secretario foy logo dizer isto a Iorge de melo & a Garcia de sousa, auendoho de ter em segredo. E Garcia de sousa se começou dagrauar do gouernador, pedindolhe licença pera se ir pera Portugal se lhe nã deisse Malaca. E sabido polo gouernador como a cousa hia, disse a Garcia de sousa q̃ ao presente não podia entẽder em cousas de Malaca, que deixasse vir recado do que lá hia, & que então prouería: & coisto amansou Garcia de sousa. E pondose ho gouernador em ordẽ pera se partir pera Goa, ho secretario se começou descusar dir coele, dizẽdo que era doente, & que não podia ãdar apos ele nẽ sofrer ho seu trabalho, & que pera lhe aturar era necessario que despachasse em dias aprazados, & que não desse reposta ás partes sem ho mã dar chamar primeyro. Ao que ho gouernador respondeo que se espantaua muyto de lhe ele reqrer tal cousa, que antes lho ouuera de reprẽder se ho ele quisera fazer, pois sabia q̃ ho despacho das partes era hũa das cousas que na India cõpria muyto ao seruiço de deos & del rey, por isso q̃ as não auia de deixar de despachar õde quer q̃ lhe pedissem despacho, ou lhe dessem as petições, q̃ se não podia ãdar apos ele, que ele lhas mandaria, pera q̃ lhe posesse a vista, & que despois as assinaria ele: porem que dias aprazados que os não auia de dar, porque gastauão ho tempo de que na India auia muyto grande necessidade. E por isto se quisera ho secretario agrauar do gouernador & ficar em Cochi: mas ele não quis por atalhar a emborilhadas que entendia q̃ começaua de fazer antrele & el rey de Cochi, & tãbẽ por serem imigos ele & Lourẽço moreno & podersehia recrecer disso muyto grande deseruiço del rey & ꝑda de sua fazẽda. E vẽdo ho secretario como ho gouernador o q̃ria leuar a Goa, se agrauou muyto mais, & começou logo de afirmar q̃ Goa nã era ꝑa se soster sem el rey de Portugal estar nela, & q̃ não auia sua alteza dauer por bẽ que se matasse a gẽte Portuguesa sobre ho castelo de Benastarí que estaua muyto forte & não se auia de poder tomar sem isso. E tudo isto dissimulaua ho gouernador, posto que ho sabia, porq̃ não parecesse q̃ fazia caso disso. E tendo ele prestes sua partida, partiose em Outubro de mil & quinhẽtos & doze, & ele hia na nao santo Antonio de seyscentos toneys que viera aq̃le anno, & assi leuou outras naos da carga ꝑa lhe leuarẽ gẽte q̃ leuaua muyta, assi Portuguesa como Malabar, & hia coele dõ Garcia de noronha seu sobrinho q̃ era a segũda pessoa despois dele, & hia Pero mazcarenhas, que não quis ficar em Cochi dizendo ao gouernador que não ficaria indo ele a hũ feyto tão hõrrado como aquele auia de ser. O q̃ ho gouernador lhe teue muyto em merce, & ꝓmeteo lhe de lhe dar outra capitania melhor q̃ a de Cochi pois a deixaua ẽ tal tẽpo.

Capit. lxxxix Do q̃ ho gouernador fez em Cananor, & das nouas q̃ soube da determinão do Soldão, & da do Hidalcão acerca de socorrer a fortaleza de Benastarim.

PArtido ho gouernador de Cochi foy ter a Cananor pera ẽtregar a capitania da nossa fortaleza a Iorge de melo pereyra que a trazia de Portugal, & pera fazer q̃ desistisse Mamele do titulo q̃ tinha de certas ilhas de Maldi-

ua por quãto ho rey delas se fizera vassalo del rey d Portugal coessa cõdição, & em Cananor deu carta de vassalajẽ a seu ẽbaixador. E metido Iorge de melo de posse da capitania d Cananor, negociou ho gouernador cõ el rey que fizesse com Mamale, que desistisse do titulo q tinha de rey, & que tirasse das ilhas agente de guerra que lá tinha, & não ho querẽdo fazer acodiria a isso como era obrigado. E vendo Mamale como el rey das ilhas de Maldiua era vassalo del rey de Portugal, & o gouernador entendia naquilo, desistio do titulo que tinha, & mãdou pedir seguro ao gouernador pa lhe ir falar, & leuou lhe hũa pera dambar goarnecida douro & pedraria, & hũs diamães & esmeraldas, que despois ho gouernador mãdou a elrey d Portugal. E a fora Mamale desistir do titulo que tinha perãte ho gouernador, prometeolhe de logo mãdar vir a gente q tinha nas ilhas: & coisto se partio ho embaixador das ilhas de Maldiua. E porque ho gouernador sabia que ho feytor de Cananor & outros officiaes da fazenda tinhão todos tratos com os mouros, & auia antreles grandes onzenas do q se seguia muyto perigo à fortaleza, porque os mouros, que erão os que tomauão ho dinheiro a õzena não querião pagar, & sobrisso auia briga, & leuantauanse, & auia sempre grãdes aluoroços, & erão os nossos desacatados: do q ho gouernador reprendeo muyto ao feytor & aos outros officiaes perante Iorge de melo, & deu lhes por regimento q sopena de perdimento da fazenda & dos officios q nenhũ homẽ não trouuesse seu dinheiro em cõpanhia dos mouros, nẽ tiuessem coeles contas, nẽ lhes dessem dinheiro ao ganho; somente mandassem sua fazenda em suas naos apartada sobre si, & cõ sua marca. Aqui começou ho secretario de querer semear odio ãtre ho gouernador & Iorge de melo, a quẽ disse que não deuia de consentir q ho gouernador reprẽdesse em sua presença ho feytor nẽ os outros officiaes da fortaleza, que aquilo era seu pois era capitão, & q tinha muyta rezão de se agrauar do gouernador, pois sendo ele hũa pessoa principal & tãto pera se fiar em seu parecer & conselho, que não deuia de falar cousa nenhũa com os capitães sem ho primeyro praticar coele, & que assi ho ouuera de fazer sobre ho negocio das ilhas de Maldiua. E tãto ho persuadio a crer isto que Iorge de melo se agrauou do gouernador, & esteue abalado pera vender a capitania a Francisco pereyra pestana, & deixouho de fazer por lhe ho gouernador não dar licença pa isso, & assi ho disse ao mesmo Francisco pereyra que lha pedia. E daqui ficou Iorge d melo bazcolejado cõ o gouernador, de maneyra q não quis ir coele a Benastarim: porẽ ele não era obrigado a isso por amor da sua capitania. E assẽtadas as cousas de Cananor, ho gouernador se partio pa Baticalà, onde soube que estaua metida hũa nao de Mafamede maçari, q se hia de Calicut pa ho cayro como ja disse: & indo cõ tres naos atraues d çacotorá, lhe deu hũ tẽporal cõ que se lhe pdeo hũa das naos, & arribando às ilhas de Maldiua se lhe perdeo outra, & outra arribou a Baticalà, q foy esta q o gouernador hia buscar. E sempre Mafamede maçari escapou & se foy ao Cayro, leuando Simão rangel catiuo, que cõprou em Calicut como ja disse. E chegado ho gouernador à barra dẽ Baticalà, mandou dizer a Damechatĩ gouernador do lu-

gar que lhe mandasse entregar a nao pois era de Calicut que tinha guerra cõ el rey de Portugal:& Damechati a mãdou logo ẽtregar cõ a carga que tinha, que era de muyta especiaria & canela, & dali a mandou ho gouernador a Cochi pera se leuar a carga a Portugal. E estando ele aqui, lhe foy falar hũ judeu morador no Cayro de nação espanhol que falaua Portugues, q̃ lhe trazia cartas de cinco Portugueses q̃ estauão catiuos em Adẽ, & forão do Barganti de Duarte de lemos q̃ se perdeo como disse no segũdo liuro:& estes lhescreuião q̃ auia fama naq̃las partes q̃ ho soldão fazia fũdamẽto de tomar as portas do estreyto de Meca, & fazer hi hũa fortaleza, & de tomar a cidade Dadem. E por isto ser a cousa mais danosa q̃ podia sobreuir pera a cõquista da India, apertou ho gouernador q̃ lhe dissesse a verdade daq̃las nouas. E ele disse que auia dous annos que partira do Cayro, & q̃ então se soaua lá o que os nossos escriuião, & que ouuira dizer que ho soldão mandara ꝑ hũ embaixador pedir a el rey Dadẽ cẽ mil xerafins, & q̃ lhos não quisera dar, pelo q̃ ho Soldão lhe mandara dez mil frechas cõ outros tãtos arcos, & hũa arredoma đ balsamo, mandandolhe dizer que cõ aqueles arcos & frechas ho auia de matar, & em balsamalo cõ aquele balsamo:& cõ tudo el rey não quisera dar ho dinheiro. E este judeu conselhou ao gouernador que deuia aquele anno dir tomar Adẽ, & que em Honor estauão dous judeus que hũ deles que auia pouco que viera do cayro, lhe daria nouas mais frescas; & por isso ho gouernador foy á barra Donor, onde lhe ho judeu foy falar leuando consigo outro natural da cidade de Beja. E disseranlhe que aquele mesmo anno partirão do Cayro, & que era certo fazer ho Soldão armada ẽ Suez, de que estaua feyta grãde parte, & era sua determinação ganhar ecela as portas do estreyto & fazer hi hũa fortaleza, pa que lhe ho gouernador não podesse entrar ho estreyto, porque tinha disso muyto grande medo:& por essa causa queria tomar Adẽ, a cujo rey mãdara seus ẽbaixadores, como ho outro judeu lhe dissera, & que ele falara com ho derradeiro embaixador no sertão ondestaua el rey Dadẽ. E por ser seu amigo, lhe dissera q̃ aquele anno podia ir seguro á India, porq̃ não auião dir aquele anno rumes, se não pa ho outro, em que ho Soldão os auia de mandar pa tomarẽ a porta do estreyto & Adẽ, polo medo q̃ tinha de a ho gouernador tomar:& quẽ no ãno seguinte não tornasse a Adẽ, porq̃ se fosse seria roubado, & q̃ ele tinha isto por tão certo q̃ se auia de tornar a Ormuz. E ele & ho outro aconselharão ao gouernador, que ẽ todo caso tomasse aquele anno Adẽ & as portas do estreyto, & pediranlhe seguro pera irẽ a Ormuz, porq̃ não ousauão de tornar a Adẽ. E ho gouernador lho deu:& ali lhe foy tambem falar el rey Merlao, & lhe disse q̃ se apressasse muyto a tomar a fortaleza de Benastarí, porq̃ sabia certo q̃ ho Hidalcão fazia prestes vinte mil homẽs pera mãdar em seu socorro, & por isso se ho gouernador deu pressa em partir.

¶ Cap.xc. De como o gouernador chegou a Goa, & de como cercou per mar a fortaleza de Benastarim & lhe deu bateria.

CHegado ho gouernador a Goa, que se enformou do sitio do castelo de Benastarim, & das estacadas q̃ os

imigos tinhão feytas, assi no rio Dagacim como no de Benastari pera os não entrarem por mar, & assi de como Roçalcão tinha seys mil homēs, em q̃ entrauão trezētos de caualo. Ouue logo conselho com esses capitães & fidalgos que andauão coele & com os q̃ estauão em Goa, em que propos quão necessaria era Goa pa ho estado del rey se soster na India, & quanto perjuizo se lhe seguiria de se perder, de q̃ estaua muy certo se os imigos permanecessem naquele castelo que tinhão feyto, porque tinha sabido q̃ ho Hidalcão fazia prestes vinte mil homēs pera mandar em seu socorro que farião muy grande difficuldade pa se tomar ho castelo, & se ho eles tomaissem antes de chegar este socorro ficaua Goa segura de todo, & ainda q̃ ho Hidalcão viesse sobrela com quanto poder tinha, que não somēte se defēderião dele, mas ainda lhe farià muyto dāno. E praticado isto, & examinado polos do conselho, todos derão sua voz que ho castelo se deuia logo de tomar, saluo Frācisco pereyra pestana, que disse que ho gouernador deuia de carregar as naos da carga & mandalas pera Portugal, porq̃ a pimenta era o q̃ queria el rey de Portugal & não cercar aquela fortaleza. E ho gouernador lhe disse que lhe não preguntaua se acercaria, se não como a tomaria: & sobrisso lhe disse algūas palauras asperas: a que Francisco pereyra respondeo que lhas não dissesse, porque ele não era Frācisco pereyra coutinho a quem as dissera, se não sam Frācisco pereyra. E cō tudo assentouse que a fortaleza se tomasse, & q̃ se cōbatesse por mar & por terra, & primeyro se cercasse por mar, porq̃ se atalhasse ho socorro q̃ lhe podia vir, & assi os mantimētos q̃ lhe trazião da terra firme, & cuydassem os mouros q̃ per mar somēte os auião de combater, & ali posessem a força de sua defēsam & artelharia: & ho cōbate se lhe podia dar por mar & por terra, porq̃ auia gēte pera tudo, que erão quatro mil Portugueses com os que estauão em Goa, & assi Malabares & Canarins, & dos nossos erão quatrocētos da ordenança, de q̃ erão capitães hū Ioão fidalgo & hū Ruy gonçaluez de caminha: & foy esta a melhor & a mais gēte q̃ se nūca ajuntou na India ate aquele dia. Auido este cōselho, ho gouernador começou logo de se percebēr pera a execução, & mādou fazer arrōbadas muyto fortes ate meos mastos, assi ao nauio de Duarte de melo como à carauela de Ioão gomez cheira dinheiro, porq̃ determinaua dabalrroar coeles a fortaleza dos imigos. E por os muros serē mais altos do que eles erão, & lhe eles não matarē de cima a gente, mādou os toldar todos de taboado trincado, & porq̃ não çoçobrassem cō a altura das arrōbadas, mādoulhe arriçar pipas vazias dambos os bordos: & mandou a dō Garcia de noronha q̃ fosse cō certos capitães que hirião nos seus bateys, & assi coestes dous nauios & entrasse polo passo seco: & os capitães cō sua gente cortarião tāto da estacada q̃ os mouros tinhão feyta daquela parte, que os nauios podessem entrar & hirião abalrroar cō a fortaleza. E em partindo dō Garcia, partio ele cō a armada pera entrar per Goa a velha, & dali ir ter ao rio de Benastarim a outra estacada que estaua da bāda Dagaci. E indo dō Garcia cō os dous nauios & bateys ja perto de Benastarim, deu ho nauio de Duarte de melo em hūa lagia, em q̃ abrio & foyse ao fundo. E sabēdo isto ho gouernador, mādou a dō

García q̃ se tornasse,& q̃ fosse ter coele por Goa a velha,onde ho achou em muyto grande trabalho de fazer chegar os nauios à estacada pera a cortarẽ porque não podião ali nadar os nauios se não cõ marés:& ho gouernador andaua ẽ hũa fusta fazẽdo os leuar às toas aos bateys em que andauão os capitães dos mesmos nauios cõ sua gente,& todos tinhão muyto trabalho & ãdauão ẽ grande perigo,polas muytas & muy continuas bõbardadas que os mouros tirauão,que vendo eles a perfia que ho gouernador tinha de chegar por aq̃la parte,pareceo a Roçalcão que por ela ho queria cometer,& por isso mãdou ali passar toda sua principal artelharia, que fazia muyto nojo aos nossos,de q̃ algũs forão mortos,& a mayor parte dos nauios arrombados,especialmẽte do camelo q̃ fora nosso.E erão os tiros tão bastos,q̃ andando ho gouernador hũa vez em hũ catur pequeno de Malabares diante de todos os bateys, mostrandolhes por onde auião dir & animando os,vẽ hũ pelouro dhũ tiro pequeno & pescou ho Malabar q̃ hia gouernando ho catur & leuouho ẽ pedaços,& çujou ho gouernador cõ ho sangue de maneyra q̃ todos cuydarão que era morto,& parece que assi ho cuydarão os mouros tão perto estauão,& leuantarão hũa grande grita.O que entendẽdo ho gouernador,fez dar outra aos seus,& leuantouse em pé pera q̃ ho vissem os imigos:& trabalhou tãto naquele dia cõ os nossos,q̃ ao outro amanhecerão pegados de baixamar com à estacada ho nauio de Pero dafonseca de crasto,& a carauela de Ioão gomez cheira dinheiro,& estauão arriçados a ela com muy grossos aparelhos.E foy cousa despanto as bõbardadas q̃ lhe tirauão da fortaleza,& eles tambẽ a ela, & começarão logo darrancar das estacas,q̃ quãdo veo apreamar tinhão feyto lugar por onde caberia hũ batel, & assi forão cõ algũas marés arrancãdo tãtas q̃ ja podia caber a nao sam Pedro que seria de trezẽtos toneys,q̃ esta era a cõ que ho gouernador q̃ria abalrroar a fortaleza,& pera isso a leuaua marauilhosamẽte fortalecida cõ arrombadas de tauoado muy grosso & balas de Cayro & pipas por fora das amuradas, que parecia mais mõstruo que nao,& a meyo masto leuaua guindado hũ batel toldado de toldo de coyros crus pa emparar os q̃ hião dẽtro das panelas d̃ poluora & outros artefícios de fogo q̃ os imigos poderião deitar.E ao entrar desta nao,de q̃ era capitão Ayres da silua,foy cousa medonha ver as bõbardadas q̃ se tirarão,assi da parte dos mouros como da nossa,& mais quando eles virão q̃ ela queria abalrroar cõ ho baluarte em q̃ estaua ho camelo, q̃ pera fazer mais nojo aos nossos tiraua ao lume dagoa,o q̃ era grande impedimẽto pa a nao poder abalrroar cõ ho baluarte:& porq̃ a não metesse no fũdo,a mãdou ho gouernador desuiar dele,tẽdo ele ja cortado hũ braço dhũa vnha dã cora q̃ leuaua por proa dhũa bõbardada q̃ lhe ali acertou. E vẽdo ho gouernador ho impedimento q̃ lhe fazia ho camelo pera nã poer a nao õde queria, ꝓmeteo hũ grande preço ao seu cõdestabre se lho quebrasse,& mandoulhe pera isso embarcar hũa espera em hũa barcaça grãde cercada darrõbadas de cayro por dentro & por fora,pera que os tiros dos imigos embaçassem nas arrombadas.E aparelhada esta barcaça, foy posta de noyte defrõte da bõbardeira do camelo,que como digo ficaua

ao lume dagoa com a montante,& detras da barcaça estaua hũ parao a piq̃, pera que se por caso fosse arrõbada recolhesse ho condestabre & outros que estauão nela. E quãdo veo ao outro dia que os imigos virão a barcaça infiada com ho camelo & da maneyra q̃ estaua aparelhada,começão de lhe tirar cõ sua artelharia,& os nossos acodẽ logo com a sua,& assi a barcaça,& começas se ho mais espantoso jogo de bombardadas que se podia ver,de que saya tãto fumo que quasi se não enxergauão hũs aos outros,& durou todo aq̃le dia sem nunca ho condestabre poder acertar ho camelo,porq̃ como os tiros da fortaleza erão tão bastos não ho deixauão apõtar a sua espera pera acertar:& por isso lhe errou todo aquele dia,mas fez tanto dano no baluarte q̃ ho abrio todo,& se ho dia mais durara ho posera por terra,& os immigos tornarão a fazer de nouo na noyte seguinte & ficou muyto mais forte que dantes. E tãto q̃ ao outro dia foy manhaã , assi eles como os nossos tornarão ao jogo passado,q̃ durou muyto aspero ate a tarde. E tẽdo ho condestabre acabada dapõtar a sua espera,desfecha no camelo & metelhe ho pelouro dentro & felo em pedaços,matãdo ho bombardeiro dos imigos,que era hũ galego arrenegado q̃ fugira da cidade, & assi dous ou tres homẽs que ho seruião naq̃le mester:& a isto derão os nossos hũa grande grita de prazer. E quebrado ho camelo , mãdou ho gouernador chegar sem medo a nao sam Pedro,que se chegou tanto que quasi punha a ponta do garoupez no baluarte. E despois d̃ estar aqui surta,deixou ho gouernador encomendado a Ayres da silua que coela & cõ barcaças,& outros nauios que ficauão,des continuamente bateria à fortaleza, & foyse a Goa pa lha ir dar por terra. E deixando tudo a muyto recado se tornou por mar.

Capit.xcj. De como se ho gouernador tornou a Goa a fazer prestes pera ir cõbater a fortaleza por terra,& do que lhe aconteceo com os mouros q̃ forão correr a cidade.

Chegado ho gouernador a Goa,começou d̃ se fazer prestes pera ir combater os immigos por terra. E andando nesta ocupação , hũa sesta feyra pola manhaã veyo Roçalcão dar vista à cidade,por mostrar ao gouernador que ho não temia , & que ainda era señor do cãpo,& trazia obra de duzentos & cincoenta de caualo & muytos de pé:& apareceo às duas horas,& hũ facheiro q̃ estaua no oyteiro de nossa señora do monte como os vio derribou ho facho. E ho sino da vigia da cidade começou de repicar , ao que logo sahio Manuel de la cerda cõ a gẽte que tinha na cidade,q̃ como disse serião seyscẽtos Portugueses a fora os canarins. E a pos ele sahio Pero mazcarenhas com quatrocentos da ordenança. E assi sahio dom Garcia com muyta gente & outros capitães,sem esperarẽ por mãdado do gouernador que andaua por antre a vila velha a pee, vendo que soma de gẽte era a dos mouros, & quando assi vio ir os nossos sem esperarem seu parecer, mandou de pressa por hũ caualo em q̃ caualgou & se foy a pos eles pa os meter em ordẽ , posto que disso não auia necessidade, porque Pero mazcarenhas & dom Garcia os

meterão nela, & leuauão ordenadas ſuas batalhas, & que aueria mais de dous mil Portugueſes a fora Malabares & Canarins: & Manuel de lacerda hia com os da cidade diante de todos. E quando Roçalcão vio ir os noſſos naquela ordenança & tãtos, começou de ſe retirar pera a fortaleza, fazendo roſto aos de Manuel de lacerda que pegauão com os ſeus, & apertarão tanto coeles que fizerão apartar hum grande magote deles pera hũa vala dhũa alagoa que eſtaua contra ho paſſo ſeco: & em ſe eſtes apartando, foy ſobreles Ralu branco nayque canarim muy valente homem, & com ſeus piães começou de pelejar coeles, & acolherãſelhe ſobre a vala, & os ſeus ſe metião ſem nenhum receyo pola agoa pera lhes chegar: o que vendo Simão dandrade & dom Ioão deça & Ioão nauarro, & outros de caualo que ſerião ate dez, forão acodir aos Canarins, & fizerãno tambem todos, que fizerão ſaltar muytos dos mouros na alagoa, onde ſe afogarão muytos & outros forão mortos ás lançadas & frechadas. E lançados dali os mouros, forão os noſſos meſturarſe com os outros que andauão ſobre ho oyteiro de Benaſtarim aa calcada com os mouros que fugião ho mais que podião pera a fortaleza, onde por terem lugar de ſe ſaluar, & que não entraſſem os noſſos coeles de meſtura na fortaleza, poſerão fogo a hũa aldea que eſtaua derredor dela, & tamanha preſſa leuauão que os primeyros que chegarão entrarão logo na fortaleza & fecharão as portas ſem eſperarem por algũs que ficauão de fora, que chegados ao muro os alarão acima por toucas que lhe lançarão, & iſto a viſta dos noſſos, que por amor do fogo ſe detiuerão algum tanto que não poderão entrar cõm os mouros nẽ chegar quando alauão os que ficarão de fora. E com a menencoria diſto, remeterão aſſi como hião aos muros da fortaleza, a que dos primeyros q̃ chegarão forão Lopo vaz de ſam Payo & Pero mazcarenhas, que pos hum pique pera ſobir ao muro; com os da ordenança que tambem querião ſobir. E aſſi chegarão outros muytos fidalgos & caualeyros, muyto deſejoſos de pelejar com os mouros & lhes tomarem a fortaleza, & ſegundo ho deſejo que leuauão fizeranno ſe tiuerão eſcadas por onde ſobir, mas como a preſſa foy grande de ſayr a pelejar com os mouros, & não cuydarão de vir a tanto, não ouue a quem lẽbraſſe de as leuar, & como eles não podião ſobir, & os immigos tirauão muytas bombardadas, frechadas & pedradas, não ſeruio a arremetida dos noſſos ao muro mais que de ferirem obra de vinte, de que forão feridos Lopo vaz de ſam Payo de tres frechadas, & Ruy galuão & Manuel de lacerda que derribarão do caualo com hum penedo que lhe deu na cabeça, & acodiolhe dom Ioão deça que ho leuantou, & aſſi forão feridos outros a que não ſoube os nomes, & forão mortos de bombardadas Diogo correa, que fora capitão de Cananor, & Iorge nunez de lião capitão da nao Enxobregas, & hum Martim de melo. E vendo ho gouernador ho dano que os noſſos recebião ſem fazerem nenhum aos immigos, mandou os afaſtar, & recolheoſe ao oyteiro, onde os recolheo a todos. E ali perante todos beijou na face a Pero mazcare-

nhas porque quisera sobir ao muro polo pique, louuandoho grandemẽte desforçado: & isto porque lhe queria dar a capitania de Goa, & tiralaa Manuel de lacerda. E assi ele como outros ouuerão grande menencoria do gouernador beijar na façe a Pero mazcarenhas, & murmurarão disso: a que dom Ioão deça disse rindo que se calassem, porque se ho gouernador por cousa tão pouca beijaua na façe a Pero mazcarenhas, auia dali a poucos dias de beijar a eles no traseiro por outras muyto grandes que auião de fazer. E recolhidos todos os nossos, ho gouernador se foy pera Goa.

Capit. xcij. De como ho gouernador cercou a fortaleza por terra: & de cõmo dãdolhe bateria sayrão os mouros hũa noyte a darlhe rebate, & do que fizerão.

E Acabado de aparelhar todo o que lhe era necessario pera combater a fortaleza por terra, mãdou assentar sua tenda, & as dos outros capitães ao derrador da fortaleza, com muytos dos nossos que as goardassem ate ho outro dia, que foy acompanhado de tres mil Portugueses com os quatrocentos da ordenança: & hião coele estes capitães, dom Garcia de noronha, dom Ioão de lima, Pero mazcarenhas, Manuel de lacerda, Simão dandrade, Diogo fernandez de beja, dom Ioão deça, Diogo mendez de vasconçelos, Lopo vaz de sam Payo, Iorge dalbuquerque, Garcia de sousa, Fernão gomez de lemos, Duarte de melo, Ieronimo de sousa, Antonio de saldanha, Ruy galuão, Antonio de saa, Francisco pereyra de berredo, Gonçalo pereyra, Antonio ferreyra fogaça. E Anrriq homem, Ruy gonçaluez, Ioão fidalgo todos tres capitães da ordenança, & assi outros muytos fidalgos & caualeyros: & a fora estes nossos hião muytos piães Canarins & Malabares, cujos capitães erão Crisnã & Ralu branco, & diante de todos hia a artelharia de campo em carretões, & assi mantas parelas & bancos pinchados. E a goarda disto foy encomendada a Manuel de sousa tauares que era alcayde moor de Goa. E chegado ho gouernador a Benastarim, aquela noyte assentou suas estancias dartelharia que podessem bater os baluartes & lanços do muro da fortaleza, de que estauão as estancias no mais que trinta passos, & todos tinhão mantas porque os tiros dos immigos lhe não fizessem danno. E porque ho tambem não recebessem os bombardeiros antre estãcia & estancia, estauão pipas cheas de terra, detras das quaes se eles acolhião. E detras desta tranqueyra estaua a tenda de dom Garcia, & mais abaixo a de Pero mazcarenhas com as dos capitães da ordenança & a gente dela ao derrador delas, & assi a dos outros capitães, & todos detras do oyteyro de Benastarim que as emparaua da artelharia dos immigos que lhe não podesse fazer nojo. E quãdo amanheceo ao outro dia começou logo a nossa artelharia de bater ho muro & baluartes q̃ estauão naq̃la frõtaria, de que tambem lhe respõderão os immigos muy asperamente porq̃ tinhão

ali assentada parte da sua artelharia, & a outra tinhão da banda do mar, dõ delhe os nossos tambẽ dauão bateria, posto questauão ali mais pera tolherẽ socorro de gente & de matimẽtos aos immigos, que pera lhes darem bateria do mar, que por se não dar dele bem a foy o gouernador dar por terra: & era a reuolta muy grãde & medonha, por que se os nossos tirauão, na fortaleza não estauão quedos, & tão amiude que nem hũs nem outros se enxergauão cõ fumo, & assi a fortaleza como ho arrayal parecia que ardião em fogo. Mas com tudo os nossos fazião muy pouco nojo na fortaleza, por os baluartes que estauão naquela frontaria das nossas estancias serem todos mociços, nem no muro que era detulho ate as ameas: porem dentro na fortaleza fazião os nossos muy grande danno com dous quartaos que tinhão nas estãcias, com que lhe deitauão dẽtro muytas pedras & matauão muytos. E coisto se acharã os immigos muy salteados, & muyto mais com lhes faltarem os mãtimẽtos, porque lhes não acodião da terra firme como quando erão señores do mar. E vendose Roçalcão naquele estado, & que não podia fazer nenhum nojo aos nossos de dia, quisera lho fazer de noyte mandando acender feixes de palha, a cuja claridade os arrenegados tirauãoàs espingardadas aos nossos quãdo parecião, & este ardil tinhão quando fazia escuro: & porem os nossos se goardauão tambem que firião muy poucos. E vendose Roçalcão desespera do com ho aperto do cerco, determinou com conselho dos arrenegados de cometer os nossos hũa noyte & tomarlhes a artelharia, ou matar no arrayal muytos deles, ou ao recolher dos seus que os seguirião, & pera isso mandou estar prestes sua artelharia na noyte deste rebate que foy ao quarto dalua, porque então lhe pareceo q̃ os nossos dormirião melhor por estarem desuelados da vigia dos outros quartos, & quãdo acodissem teria ele acabado hũ façanhoso feyto: & coesta determinação sayo com muytos dos seus ao quarto dalua fazendo grande lũar. E ficãdo ele aa porta da fortaleza, remetẽ esses seus principaes capitães aas nossas estãcias, cuja goarda tinha Manuel de sousa tauares, que logo acodio como muy esforçado caualeyro que era: porem cõmo ho corpo dos immigos era grande, não pode resistir a seu impeto, & mais porque foy ferido. E neste cometimento alg[ũ]s dos immigos passarão das nossas estancias pera dentro & sem valer a dom Garcia acodir, ouuera de ser hũ grande desmancho se não acodira Pero mazcarenhas com os da ordenança, que començarão às lançadas com os immigos. & assi outros fidalgos & gente que acodio. E com tudo os immigos leuauão tamanha vontade de se prouar com os nossos, que algũs sem darem polos botes das lãças que lhes tirauão, çarrauão coeles pera os matarem aas adagadas, o que fizerão se não carregarão muytos dos nossos que os fizerão retirar pera a fortaleza, onde se recolherão cõ tanto tẽto que todos escaparão. E os q̃ estauão no muro como os virão apartados dos nossos, desfecharão tãtas espingardadas, frechadas & pedradas q̃ os fizerão recolher ao arrayal, onde antes q̃ chegassem pescarão algũs cõ a artelharia, a fora outros q̃ tinhão ferido do muro: de maneyra q̃ ainda q̃ não foy em todo, em parte comprio Roçalcão o que determinou: do que

ho gouernador ficou muy agastado,& mais porque se lhe forão assi os imigos sem se vingar deles.

Capit.xciij.De como Roçalcão fez cõcerto com ho gouernador pera lhe dar a fortaleza,& de como lhe foy entregue.

Sendo ho gouernador ho atriuimento dos mouros,logo na noyte seguinte mãdou fazer hũa caua aa nossa tranqueyra,pera que lhe os imigos não tornassem a dar outro rebate,& fortaleceoha mais do q̃ estaua,& dali por diante amiudou mais à bateria,porque se vingasse do passado.E entendendo que daquela parte era ho muro moçiço & os baluartes, mandou mudar das estācias pera jũto dhũ esteyro,onde se fezia hũa ilharga da fortaleza pera ver se acharia ali ho muro menos forte:& achouse que não era ali entulhado,porq̃ dos primeyros tiros foy vazado em claro.O que visto por Roçalcão desesperou de se poder defender,porque a durar mais a bateria lhe darião com ho muro no chão & ho entrarião,que bem sabia ele que onde os nossos punhão ho rosto que hião auãte. E determinãdo de ver se podia fazer paz com ho gouernador,mãdou pedir tregoas por hũ dos arrenegados, que aparecendo antre as ameas cõ hũa bandeira de paz,chamou Bastião rodriguez da moeda,que andaua falãdo com dõ Garcia,& dissellhe que dissesse ao gouernador que Roçalcão pedia tregoas,pera ver se poderia auer antreles paz,& que da sua parte pedisse a dom Garcia q̃ mandasse cessar a bateria em quanto se leuasse ho recado ao gouernador,& que ele tambem mandaria aos seus que não tirassem aos nossos.E assi foy mandado dhũa parte & doutra,& Bastião rodriguez leuou logo este recado ao gouernador,a que foy dito por algũs questauão coele que não concedesse as tregoas,porque Roçalcão as pedia pa entre tanto fazer outro muro por dẽtro:o que parecendo verdade ao gouernador,não queria cõceder as tregoas,nem as concedera se dom Garcia não acodira que lhas fez conceder. E por amor disso disse despois ho secretario q̃ Roçalcão dera seys mil cruzados a dom Garcia,& isto por dizer mal dele,& nã por ser verdade. E assentadas as tregoas antre Roçalcão & ho gouernador,forão ordenadas pessoas pera q̃ falassem na paz. Da parte de Roçalcão,forão dous capitães turcos de muyto credito & autoridade,que forão entregues ao gouernador,em cujo poder auião destar ate ho cõcerto da paz ser acabado:& da nossa parte auia destar em poder de Roçalcão Ioão machado com quem foy bastião rodriguez pa trazer reposta do que lhe mandaua dizer per Ioão machado,que era que visse como estaua sem remedio de saluação por não ter por onde lhe fosse socorro de gente nem de mantimentos, nẽ menos muros com que se emparasse dos nossos.E pois sua vida estaua no risco que via que deuia de querer paz, que por ele ser pessoa de tanto preço,& tão boõ caualeyro lha daria,com cõdição que lhe entregasse todos os nossos que durando ho cerco se lançarão coele,ou fossem mouros ou Christãos, & lhe auia de tornar a carauela & ho carauelão que se tomarão no passo de Noroã quãdo os imigos ẽtrarão a ilha & afora isso lhe auia dentregar todos

os caualos & toda a fustalha que teuesse, & se isto fizesse lhe daria a vida & a quãtos estauão coele, & quãto teuesse na fortaleza, & lhe daria passajẽ pera a terra firme. E ouuido este recado por Roçalcão, ouue conselho cõ seus capitães & pessoas principaes: & cõ seu parecer respõdeo ao gouernador q̃ todas as condições da paz aceitaua, saluo tornar os arrenegados, porq̃ lho defendia sua ley, & era por ela grande peccado. Mas ho gouernador nã quis outorgar a paz sẽ lhe entregarẽ os arrenegados, dizendo q̃ por cousa do mũdo os deixaria. E isto era porque erão espingardeiros, & fazião aos nossos muyto mal, & mais pera castigo q̃ outros não fizessẽ outro tanto. E tornandolhe Bastião rodriguez esta reposta, achou ho muyto triste & tão cansado do spirito q̃ se lhe pegaua a boca, & q̃ si que não podia falar. E vẽdo a determinação do gouernador, por conselho dos seus lhe outorgou a entrega dos arrenegados, cõ condição q̃ lhes desse a vida: & coesta reposta mandou ao gouernador hũ diamão de valia de noue mil cruzados, dizẽdo q̃ lho mandaua em sinal damizade, porque lhe parecia q̃ auia de ficar ẽ seruiço delrey de Portugal, & auia de ter necessidade do gouernador pa isso: porq̃ polo peccado que fazia em entregar os arrenegados, não ousaria dapparecer diãte do Hidalcão seu cunhado. E vẽdo ho gouernador ho diamão, nã ho quis tomar, & pelejou muyto cõ Bastião rodriguez porque lho trazia, & mais sem ho cõcerto ser acabado, q̃ dirião q̃ por amor do diamão ho fazia. & disselhe q̃ estaua em põto de lhe dar cõ hũ punhal polos peytos, & que logo leuasse ho diamão, & q̃ dissesse a Roçalcão que lhe prazia de dar a vida aos arrenegados. E tornãdo Bastião rodriguez coesta reposta, & dãdoa a Roçalcão passaua de mea noyte, & como lhe foy dada perante seus capitães, leuãtou se sem falar palaura & foyse a seu apousentamẽto, donde logo se passou aa terra firme cõ algũas de suas molheres, & cõ hũ arrenegado, q̃ se chamaua Fernãdinho, muyto valẽte de sua pessoa, de quẽ se ele fiaua muyto, & a q̃ fazia mais bẽ que aos outros, & ele lhe negoceou a passajem em hũa almadia que tomou fazendose que era dos nossos, & por ser de noyte, & lhe ouuirẽ falar Portugues ninguẽ não atentou nele: & Roçalcão se foy assi sem acabar a execuçã da paz, porq̃ cuydaua q̃ auia dẽtregar os arrenegados, nã ho podia acabar cõ sigo poloauer por peccado grandissimo, & por isso se foy sem ho dizer a nĩguẽ. E os capitães q̃ estauão coele, este uerão esperando hũ grande pedaço q̃ viesse, & vẽdo q̃ não vinha mandarãno chamar: & quãdo souberão que nã estaua na fortaleza, & se presumia ser ido polos sinais que auia disso, ficarão tão tristes q̃ não souberão de si parte, porq̃ lhes parecia q̃ por não ser a paz acabada dassentar de todo ficauão em grande perigo, & q̃ lhe não goardaria ho gouernador as cõdições pois Roçalcão era ido. E coesta tristeza se foy cada hũ deles a sua estãcia determinados de morrerẽ, & os arrenegados ficarão cõ Bastião rodriguez, tambem muyto fora de si como os mouros por terẽ ho mesmo temor que eles tinhão. E vẽdo os Bastião rodriguez daq̃la maneyra, lhes disse q̃ nã ouuessẽ medo, por q̃ ho gouernador ꝓmetera de lhe dar as vidas, & q̃ cria dele goardarlhes esta palaura. se eles cõfiados ẽ sua piedade se lhe fossẽ entregar aconselhandolhes q̃ assi

ho fizessem:o que eles fizerão de muy boa võtade. E ás duas horas despois de mea noyte se sayrão da fortaleza com Bastião rodriguez,o q̃ fizerão dificultosamẽte porq̃ os porteiros os não querião deixar sayr ate os capitães não mãdarẽ que saysem, ꝑmetendolhes Bastião rodriguez q̃ ho gouernador auia de cõprir o que tinha assentado cõ Roçalcão. E partido cõ os arrenegados,leuouos ao gouernador,a cujos pés se lãçarão pedindo misericordia:& ele disse q̃ ja lhes prometera as vidas,porem mãdouos arrecadar muy bẽ. E sabẽdo o que Roçalcão fizera,& o q̃ os capitães estauão ꝑa fazer,ao outro dia ordenou seus esquoadrões & foyse chegãdo á fortaleza cõ determinação que se os mouros se lhe não entregassem de não deixar nehũ a vida. E vẽdo os capitães como se chegaua á fortaleza,começarã de dizer hũs q̃ lhe abrissem as portas, q̃ ele guardaria o que tinha ꝑmetido, outros dizião q̃ se defendessem. E assi cõtra dizendo hũs aos outros,forão abertas as portas da fortaleza,& ho gouernador entrou nela cõ todos os nossos:& como essa gẽte miuda ho vio entrar se arremessarão ꝑa a bãda do rio, onde se lançauão hũs sobre os outros, & sobre taboas nadando,& outros pegados a rabos de caualos. E era grande espãto de ver como se lãçauão sem tão medo,& a braua reuolta q̃ hia,em que muytos se afogarã,& mais forão se ho gouernador não acodira a isso,mãdandolhes dar embarcação cõ muyta pressa,& apregoar q̃ sopena de morte nenhũa pessoa ousasse de lhe tomar nenhũa cousa sua nẽ tocarlhe nela,nẽ fazerlhes nenhũ nojo em suas pessoas:& por isso os que não teuerão tanta pressa de se lançar a nado passarão em paz & sem perigo cõ toda sua fazenda,& dos q̃ morrerão ficoũ algũa pouca,& q̃si todos os caualos ou os mais deles,& os q̃ escaparão a q̃ ho gouernador deu embarcação,se passarão á terra firme, onde se ajuntarão cõ muytos dos que forão a nado que estauão cõ Roçalcão, que tinha assentado seu arrayal,& estaua esperando reposta do Hidalcão,a q̃ escreuera ho feyto como passara,& pedidolhe ꝑdão dalgũa culpa se a tinha.

Capit.xciiij. Do recado que ho gouernador mandou a Roçalcão estando na terra firme,& da justiça q̃ fez nos arrenegados que se lançarão cõ os mouros no cerco de Goa.

DEspejada a fortaleza dos mouros & metido ho gouernador de posse dela,deu cõ todos os nossos muytos louuores a nosso señor por lha dar, porq̃ cõ ela ficaua a ilha de todo pacifica & sẽ se temer de ser entrada,posto q̃ ho Hidalcão viesse cõ todo seu poder. E ficãdo senhor daq̃la fortaleza,acharão os nossos algũ pouco de mouel q̃ ficou cõ pressa, & assi os caualos de Roçalcão quasi todos que ho gouernador tomou ꝑa el rey por virtude do cõcerto que tinha feyto cõ Roçalcão,& mãdou logo repayrar a fortaleza do dano que tinha recebido da bateria, & deixouse ali estar ꝑa saber o q̃ Roçalcão faria, que bẽ sabia ho recado q̃ tinha mandado ao Hidalcão,& q̃ lhe hia tardãdo a reposta. E como sabia q̃ ele estaua muyto agastado pelo q̃ lhe acõtecera & temeroso do q̃ lhe ho Hidalcão respõderia, quis cometelo cõ hũ partido,parecẽdolhe q̃ ho aceitaria pois estaua ẽ duuida: & mãdoulhe dizer por Bastião rodri-

guez que lhe pesaua muyto de sua ida ser tão supita, porque lhe quisera falar, & offrecerlhe sua ajuda, porque posto que ateli fossem immigos, dali por diãte determinaua de ser seu amigo. E como a quem ho tinha nessa conta, lhe acõselhaua q̃ se não fiasse ẽ nenhũ seguro q̃ lhe ho Hidalcão mandasse, porq̃ posto q̃ fosse seu cunhado tinha coele muyto grande priuãça çamalcão seu gouernador, & tanta q̃ mãdaua absolutamente todo ho Balagate: & este era seu immigo mortal, & auia dafear muyto suas cousas ao Hidalcão, & polo acolher & se vĩgar dele lhe mãdaria mil seguros, & por isso ele os não deuia daceitar, mas irse pa Goa pa estar mais seguro, & q̃ ho não matasse algũ dos seus a treyção por comprazer a çamalcão. E como ho Hidalcão estaua desgostoso dele polo desastre q̃ lhe acõtecera, nã lhe daria nada de sua morte: & q̃ se se ele quisesse tornar a Goa & ficar ẽ seruiço delrey de Portugal, que ele lhe daria ajuda cõ que tomasse as terras firmes de Goa cõ tanto q̃ desse ametade a el rey de Portugal, & q̃ a outra ametade cõ ho mais q̃ ganhasse fosse parele. E pa ho mais atraher a isto, lhe mãdou por Bastião rodriguez hũ bedẽ de pano azul muyto fino, cairelado, atorçalado & frãjado douro, & hũ alaude muyto boõ, & outras peças miudas todas muyto louçãs & pera folgarẽ coelas. E chegado Bastião rodriguez a Roçalcão deulhe ho presente do gouernador, & despois seu recado, a q̃ ele disse q̃ daria a reposta cõ conselho de seus capitães, & entre tanto mandou agasalhar muyto bẽ a Bastião rodriguez, a q̃ foy discuberto secretamẽte q̃ Roçalcão trataua cõ seus capitães de lançar mão dele, & dhũ Portugues que se chamaua Frutus de Ceyta q̃ ia hcoele pera ho seruir & os terẽ reteudos ate q̃ lhe ho gouernador mandasse os dous turcos q̃ dera ẽ arrefẽs de Ioão machado, q̃ ficarão la polo desarrãjo q̃ Roçalcão fez, & assi ficou Ioão machado. E sabido isto por Bastião rodriguez, mandou logo muy dissimuladamẽte a Frutus de ceyta pera Benastarim a dizer ao gouernador o q̃ passaua, & q̃ ele não hia porq̃ se nã atreuia a saluar, & se quando se fosse algũs mouros o quisessem deter, dissesse q̃ hia buscar hũ papel q̃ lhe esquecera, em q̃ estauão hũs apõtamentos de cousas q̃ o gouernador reqria a Roçalcão: & co isto se foy Frutus de ceyta. E sabẽdo Roçalcão como era ido, & que não podia reter mais que hũ sô homẽ, mudouse de sua determinação: & despachando Bastião rodriguez, não respõdeo nada ao q̃ ho gouernador lhe mãdara dizer, se não q̃ lhe disesse q̃ quãdo lhe concedera darlhe os caualos que lhe pedia, q̃ não fora sua tenção darlhe os caualos Darabia & da Persia, se não os de Cambaya: por isso q̃ lhe pedia q̃ lhe mandasse os seus caualos, & os dous turcos q̃ lhe dera em arrefens: & q̃ não ho fazẽdo assi que aueria guerra antreles, porq̃ tinha reposta do Hidalcão q̃ se deixasse estar, & q̃ cedo lhe mãdaria gente & recado do que auia de fazer. E tornada esta reposta ao gouernador, ele se foy pera Goa deixando a fortaleza a boõ recado, & não quis mãdar os dous turcos por amor dalgũs arrenegados q̃ andauã na terra firme, a cujo troco os esperaua dauer: & como foy em Goa, determinou de castigar os arrenegados q̃ tinha ẽ seu poder, cõ tanto q̃ não fosse matalos pola palaura q̃ tinha dada de lhes dar a vida, & disse q̃ lhes ꝑdoara a vida mas não a justiça: & isto

respondeo a algũs q̃ lhe disserão que quebraua sua palaura. E ho pricipal q̃ ho moueo a fazer isto, foy por ser exẽplo a outros q̃ não fizessem outro tãto, & tambẽ por não ficar sem castigo hũ crime tamanho como aq̃le foy. E a justiça foy cõ lhes mandar pubricamẽte & com pregão cortar narizes, orelhas, mãos dereytas, dedos das ezquerdas, & entregalos aos moços que lhes depenassem os cabelos das barbas & das cabeças, & q̃ os enlameassem, & injuriassem, & a Fernão lopez sobre todos por q̃ era de mais qualidade: & por derradeiro foy degradado pera Portugal, & eu ho vi na ilha de santa Helena, onde por seu rogo ho capitão da nao que ho leuaua ho deixou sò: & ali viueo muyto tẽpo, seruindo a nosso señor arrependido do peccado q̃ fizera. E disserãme q̃ assi ele como muytos dos outros sofrerão estes tormẽtos cõ muyta paciẽcia, dizendo q̃ mais merecião pelo graue peccado que cometerão.

Capit. xcv. Do que ho gouernador fez em Goa despois que tomou a fortaleza de Benastarim.

Pelo muyto q̃ ho gouernador tinha que fazer ẽ Goa, não pode ir a Cochia despachar as naos da carga pera Portugal, & por isso mandou dom Garcia que ho fosse fazer, & que leuasse esses nauios que lhe os mouros arrombarão & espedaçarão em Benastarim, pera que se corregessem em Cochi em quanto durasse a carregação das naos, & mãdou lhe tambẽ que despois de corregidos ãdasse sobre a barra de Calicut ate lhe mandar recado, & q̃ entre tanto deixasse hi algũs nauios q̃ lhe deu peraisso, porq̃ tolhessẽ a ida das naos dos mouros a Meca, & foy coele o secretario cõ achaq̃ de ir a Cananor polo seu fato q̃ lhe hi ficara: & como lá foy mãdou dizer ao gouernador q̃ era quebrado, & muyto mal desposto, & que lhe fazia muyto mal ãdar no mar, q̃ por isso nã podia andar nele que estaria em Cananor. E isto tudo era por não andar cõ o gouernador, a q̃ tinha odio polas rezões que disse. E ho gouernador q̃ bẽ ho entendia, mãdoulhe defender q̃ nã fosse a Cochim, & isto porq̃ temia que dãnasse el rey de Cochi contrele como começara de dannar. Porem ho secretario não quis fazer o que lhe mãdaua, & foyse a Cochim, onde fez o q̃ direy a diante. E desejando ho gouernador de tornar a fazer Goa tão nobre como era dantes, mandou aos capitães desses nauios q̃ ficauão coele em Goa q̃ fossẽ ate Chaul & fizessẽ arribar a Goa quãtas naos achassem q̃ trouuessem cauallos, q̃ sem eles nã se podia ennobrecer, & por amor deles vinhão a ela os mercadores do reyno de Narsinga, & do reyno de Daquẽ que trazião muytas & muy ricas mercadorias, no q̃ el rey de Portugal receberia proueito muy grosso em sua alfandega, & obrigaria a el rey d̃ Narsinga & ao Hidalcão a que terẽ paz coele. E cõ a diligẽcia q̃ ho gouernador fez em mandar estas naos a fazerem arribar as dos caualos a Goa, vierão a ela ter muytos, a q̃ ele mãdou fazer estrebarias em abastança, & deu muytos piães da terra ꝑa lhe darẽ herua: & mandou ao feytor de Goa q̃ lhes desse todo ho mãtimẽto necessario, & que despois faria conta com os donos dos caualos, & lhe pagarião o que deuessem, & mandou os apousentar

muyto bem,& darlhes todo ho neceſſario pera concerto de ſuas naos,& dar lhe carga deſpeciaria, maça,arroz & cobre:pelo qual as naos daq̃le anno forão mais ricas que outras nenhũas que foſſẽ doutros portos. E tudo iſto fazia pera prouoçar os mouros q̃ folgaſſem de ir a Goa,õde os mouros Dormuz q̃ vinhão nas naos que digo derão noua q̃ Cojeatar era finado,& ſocedera em ſeu lugar Rais Noradi,& q̃ os arabios tornarão a ganhar a ilha de Baharẽ,& que el rey Dormuz tinha recebida a carapuça do Xequeiſmael & hũ liuro de ſua ſeyta.De què ho gouernador ficou aſſaz agaſtado, porq̃ ſe lhe ordenaua mais trabalho em tornar a ganhar Ormuz do q̃ tiuera ſe tomara dantes aq̃la empreſa,& ſe nã fora terſe por tão certa a vida darmada do ſoldão às portas do eſtreyto pa fazer hi fortaleza,õde de ele determinaua dir pera ho eſtoruar,ele deixara de ir là por ir a Ormuz & ganhala antes q̃ ho Xexequeiſmael fizera mais pé nela. Tãbẽ neſtas naos que vierão com os caualos,foy achado hũ mercador mouro chamado Cojeamir,a que ho gouernador da primeyra vez q̃ tomou Goa entregou duas naos da terra carregadas de mercadoria del rey de Portugal,& cõ ho embaixador do Xequeiſmael,& cõ ho meſſejeiro q̃ lhe o gouernador mãdaua como atras diſſe,& por eſſe reſpeyto foy Cojeamir bem deſpachado em Ormuz.E ſabendo ele em vindo pera a India como Goa eſtaua leuantada contra ho gouernador,ſe meteo no porto de Dabul,& leuou os caualos q̃ leuaua ao Hidalcão, & por iſto que ho gouernador ſabia ho mandou prẽder em ferros & a hũ ſeu filho,& tomoulhe vinte tãtos caualos pelos que leuara ao Hidalcão.E a fama dos muytos caualos q̃ eſtauão em Goa forão nela em poucos dias mercadores do reyno de Narſinga a cõpralos pera el rey,& foy hũ meſſejeiro del rey de Vengapor cõ embaixada pera ho gouernador de grãdes deſejos de paz cõ el rey de Portugal, & de ho ſeruir na guerra contra ho Hidalcão ſe a quiſeſſe emprender,& offrecimento de mãdar a Goa muytos mantimentos,& de gouernar as tanadarias da terra firme de Goa & dar por elas o que daua Merlao quando as gouernaua, pedindo ao gouernador q̃ lhe deixaſſe tirar cadãno de Goa trezentos caualos. E coeſta embaixada folgou ho gouernador muyto, & reſpondeolhe por ſeu embaixador, que foy Gaſpar chanoca,q̃ mandou tambẽ cõ embaixada a el rey de Narſinga,de quem deſejaua dauer Baticalà,porque não teueſſe onde lhe foſſem caualos,& ficaſſe em neceſſidade de os cõprar todos em Goa,& mandoulhe dizer que deuia de dar Baticalà a el rey de Portugal ſeu ſenhor,pois todos os reys & ſenhores da India lhe tinhão dado lugares pera trato,& que lhe deixaria tirar de Goa todos os caualos que quiſeſſe. Tambẽ vierão ao gouernador dous ẽbaixadores do Hidalcão,por quem lhe mandou pedir paz & amizade,& licença pera cõprar caualos ẽ Goa:& o gouernador fez merce aos embaixadores & os deſpachou logo,& em ſua cõpanhia mandou por ſeu embaixador a Diogo fernandez a dail de Goa,& por ſeu lingoa Ioão nauarro,& mãdou coeles ho filho de Gil vicente por eſcriuão da embaixada,& todos bem veſtidos & ẽcaualgados:& hia coeles hũ capitão Canarim cõ trinta piães pera os ſeruir.E por eſte embaixador mandaua ho gouernador pedir

ao Hidalcão as tanadarias da terra firme de Goa, & que se as desse que lhe segurava Dabul, & não impidiria irlhe a gente branca do estreito, & lhe deixaria tirar de Goa quantos cavalos quisesse. Neste mesmo tempo chegou a Goa hũa nao de Meliquiaz, que mãdava ao governador carregada de mãtimẽtos, & nela hũ messejeiro por quem ho mãdava visitar & dar ho prolfaça da tomada de Malaca & de Benastarim: o que lhe ho governador agardeceo muyto, & despachou logo ho messejeiro com presente a Miliquiaz, com ratificação de grande amizade. E assi despachou hũ embaixador delrey de Cambaya q̃ avia sete meses q̃ andava coele, & viera ter a Goa com os cativos q̃ estavão em Cambaya q̃ el rey mandava ao governador, com quem determinadamente quis assentar paz como soube a tomada de Malaca, porque sem ela não era nada ho trato de Cãbaya. E pera se assentar esta paz, mãdou logo os cativos que seu pay ho rey passado sempre dilatara de dar: & na verdade Meligopi ajudou a isto muyto. E assi mandou el rey ao governador hũ terçado douro, & hũ catle laurado de pedraria falsa, porẽ muyto rica & galante, com hũas cortinas de seda brãca da China lauradas com ouro de pão. E não achãdo ele ho governador em Goa, esperou sabẽdo que era em Malaca, & como soube que estava em Cochim se foy lá, & lhe deu ho presente & a embaixada. A q̃ ho governador não respondeo logo, porque como ho assento daq̃la paz era cousa de muyta importancia, & por onde ele esperava de fazer fortaleza em Diu quisera ir em pessoa assentar esta paz & verse com Meligupim em currate ou em outro porto, & fazia conta de ho fazer despois da tomada de Benastarim, & por isso trouve ho embaixador consigo: mas quãdo soube as novas da armada do Soldão & quãto lhe relevava ir ao estreito, cessou d̃ sua ida a Cambaya, porq̃ se fosse perdia a navegação do estreyto, & se mandasse lá dõ Garcia não podia acodir ás torres que fazia nos passos de Goa, nẽ ao corregimento dos navios em Cochim, nẽ á carrega das naos do reyno. E avendo sua ida por impidada, lhe pareceo bẽ deixala pera quando ho nosso senhor trouvesse do mar roxo, & que de caminho iria a Cambaya, & entre tanto mãdou por embaixador a el rey de Cambaya a Tristão degã, hũ cavaleyro fidalgo da casa delrey d̃ Portugal, & por escrivão da ẽbaixada hũ Ioão gomez, cuja concrusam foy pedir fortaleza em Diu. E este ẽbaixador avia de ir na nao de Meliquiaz com ho embaixador del rey de Cambaya, a quem & ao messejeiro de Meliquiaz primeyro q̃ se fossem ho governador mandou mostrar a fortaleza de Benastari que ele fazia muyto forte, & ho lugar por onde sam Pedro abalroou coela: & isto porque Meliquiaz tevesse pouca confiança no baluarte de Diu, & assi lhe mãdou mostrar as estrebarias dos mercadores, & as del rey, em que estavão ate quatrocẽtos cavalos, & avião destar sempre pa qualquer necessidade que sobreviesse. E coisto lhes mandou mostrar muytas cubertas darmas q̃ se fazião pera estes cavalos, & duzentos espingardeiros & outros tantos besteiros que ordenava ẽ Goa pera estarem em frontaria, assi casados como solteiros: & os ẽbaixadores se espãtavão muyto de como tudo estava concertado, & assi ho contarão em Cambaya despois que lá forão.

Capit.xcvi.De como ho gouernador soube q̃ hũ embaixador do Preste que vinha pera el rey estaua preso ẽ Dabul,& que era ho Preste Ioão & onde teue seu senhorio.

DEspois da partida destes embaixadores,lhe foy dado recado p hũ mercador gẽtio, que em Dabul ficaua preso hũ Abexim que dizia ser embaixador do emperador de Ethiopia,a que nos chamamos Preste joão,& q̃ lhe trazia sua embaixada,& chegando a Dabul ho prendera ho tanadar da hi:& q̃ pedia muyto a sua senhoria que lhe mandasse pedir que ho soltasse & deixasse ir pera Goa,porque releuaua muyto a el rey de Portugal saber a ẽbaixada q̃ trazia.E sabido isto polo gouernador, mandou a Lopo vaz de sam Payo que fosse na sua nao a Dabul,& mandasse dizer ao tanadar da sua parte,q̃ sespãtaua muyto de prẽder ho embaixador q̃ hia pera el rey seu señor sem ter recebida nenhũa offensa de sua armada, q̃ lhe pedia q̃ logo lho mãdasse,se não q̃ seria necessario fazer o que ele não queria:& não ho querẽdo fazer se posse na boca da barra de Dabul & não deixasse sayr nenhũa nao q̃ nã metesse no fũdo.O q̃ foy escusado fazerse,por que sabido ho recado do gouernador polo tanadar,logo entregou ho ẽbaixador & Lopo vaz se foy coele pera Goa. E porq̃ no liuro primeyro toquey breuemẽte que ao emperador da Etiopia chamamos erradamẽte preste joão,direy agora como,segũdo Marco paulo escreue.Aq̃le q̃ se soya de chamar preste joão,teue seu señorio comarcão cõ as terras do grão cão de Cathayo,que ficaua antrelas & ho grande reyno de Deli,bẽ dentro no sertão da India.& era Christão,& foy vencido & morto em hũa batalha q̃ lhe deu ho grão cão de Cathayo q̃ lhe ocupou seu señorio, & nũca mais ouue preste joão:& segũdo isto o q̃ agora chamamos preste johão ho não he,nẽ menos tẽ tal nome ẽ sua terra,& assi ho diz Frãcisco aluarez no liuro q̃ fez das cousas do señorio deste preste,onde andou muyto tẽpo & soube todas suas particularidades,nẽ menos he bispo,pera q̃ se diga que de presbiter nome latino,q̃ quer dizer bispo se mudou em preste,porque na terra do preste ha hũ patriarca q̃ gouerna a igreja daq̃las partes,& q̃ ao pste lhe chamão vniuersalmẽte em sua lingoa neguz & agacé,q̃ na nossa quer dizer rey ou emperador.E tãbẽ lhe chamão precioso joão,segundo afirma Damiã de goys,homẽ de grande erudição & de marauilhoso engenho,& de curiosidade singular.E este nome precioso parece q̃ se corrõpeo em preste,& daqui lhe chamão os nossos,& outros preste joão.O q̃ reynaua a este tẽpo era Christão,& seus ãtecessores tambẽ teuerão a ley euangelica,& procederão da raynha Candacia em Etiopia,cuja terra foy aquela que el rey Salamão deu a hũ filho q̃ ouue na raynha Sabba,onde despois de Ierusalẽ forão os primeyros Christãos q̃ se conuerterão na primitiua igreja,de cuja conuersam foy causa ho apostolo sam Felipe,porq̃ indo ele por amoestação do anjo cõtra a parte do meyo dia pelo caminho que vay de Ierusalẽ pera Gaza a deserta achou ho mordomo da raynha Candacia que vinha de visitar ho tẽplo de Salamão cõ offerta da mesma raynha,& despois de lhe sam Felipe declarar hũa profecia de Isayas,da paixão de nosso

ſenhor que ele hia lendo, ou cantando, côuerteoho à ſctã fee catholica & bautizouho. E chegãdo ho mordomo a caſa da raynha, ela ſe côuerteo logo cô toda ſua familia, & deſpois fez baptizar todos os de ſeu reyno, ôde ſemp̃ durou a Chriſtadade ategora, & os ſuceſſores deſta ſctã rainha forã acrecẽtãdo ſempre neſte reyno ẽ tãta maneira q̃ veyo alargarſe tãto como agora pareçe, no q̃ tinha ho preſte q̃ então reynaua.

Capit. xcvj. Do ſeñorio do Preſte, & de ſeus coſtumes: & de como a mãy do preſte mandou hũ embaixador a el rey de Portugal.

QVe era emperador de Etiopia & ſeñor de quize reynos muyto grãdes & todos juntos. Tẽ eſte ſeu ſeñorio da banda do ſul ho mar roxo, em q̃ tinha algũs portos pouoados de mouros, que eſtauão leuãtados contr'ele, ſe não hũ que ſe chama ũa Maçuã & eſtà em ilha, & da bãda do norte os montes da lũa, do leuante ho Egipto, & do ponẽte os mõtes de Etiopia: a terra đ ſua natureza he groſſa, & daria tudo o q̃ ſemeaſſem, mas a gente não he pera iſſo, cõ tudo da muyto trigo & ceuada, & outros muytos legumes, como ẽ noſſa terra & doutros generos. Ha nela muytas carnes, & algũ peſcado dagoa doce, & do mar nenhũ por eſtarẽ os portos lõge: ha muyto boas agoas, muytas minas douro, de prata, deſtanho, đ cobre. Em toda eſta terra não ha nenhũa cidade nobre, nẽ caſtelos nem fortalezas, tudo ſam aldeas & lugares grãdes, mas nã paſſa nenhũ de mil & quinhentos vezinhos, & nenhũ não he cercado, as caſas cõmũmẽte ſam redondas & terreas, cubertas de terrados ou de palha cõ currais ao derrador pera ſe agaſalhar ho gado. A gẽte deſte ſeñorio he geralmẽte preta & baça & de boõ parecer, he magra & barbara, fraca & pera pouco: & aſſi tẽ poucas armas & rois, não comẽ mais q̃ hũa vez no dia & eſta à noyte, bebem vinho de mel, porq̃ ho não tẽ duuas, comẽ no chão em hũas gamelas grandes, & muytos comẽ carne crua, outros aſſada nas braſas. Tirãdo os fidalgos & religioſos todos andão nus da cinta pa cima, & hũa pele de carneyro polas coſtas atada do pê a mão: ninguẽ nã morre por juſtiça, & caſtigão cõ açoutes ou mẽbro cortado, ſegũdo a qualidade do crime, as demandas não ſe tratão ſenão verbalmẽte, não coſtumão eſcreuer hũs aos outros, & por recados mãdão dizer o q̃ querẽ. Neſte ſenhorio os mais ſam Chriſtãos, porq̃ tãbẽ algũs ſam mouros & gẽtios, porẽ eſtes ſam tributarios ao preſte: os chriſtãos tẽ em ſuas igrejas conegos & clerigos, & ſam muytas & de groſſas rẽdas, & por iſſo ſelhe não paga dizimo: & aſſi tẽ muytos moſteiros de frades & de freyras, tambẽ muyto ricos, aſſi de rẽdas como de jurdiçóes, & ſam da ordẽ de ſanto Antão, nẽ ha outra ordem em toda a terra do preſte, eſtão todos ſituados em mõtes & em vales, em muytos deles nã comẽ carne todo ho anno, & peſcado poucas vezes por ho nã auer na terra: os frades & os clerigos trazẽ as cabeças rapadas & as barbas cõpridas, os clerigos & conegos podẽ caſar, & ſe lhe morre a primeyra molher não caſam outra vez, morão todos em hũ circuito q̃ tem derredor das igrejas, & as molheres morã fora & lá vão eſtar coelas: os filhos dos conegos de neceſſidade hão de ſer co-

negos, & os dos clerigos não, se nã por sua võtade: as demandas das pessoas ecclesiasticas se tratão perãte a justiça secular. As igrejas sam suntuosas, & os seus adros sam cercados & fechãse nelas, & nos mosteiros se reza ho officio diuino cõ salmos & prosas em lingoajẽ caldeu, todas tẽ hũa cortina polo meyo da vissa cõ campainhas, & desta pera dẽtro não entrão se não os sacerdotes: outra tẽ polo meyo do corpo da igreja, & dela pa dẽtro não entrão se não pessoas dordẽs, & por isso muytos fidalgos & pessoas hõrradas se ordenão pa entrarẽ dẽtro. Ha nestas igrejas muytas imagẽs de nosso señor & de nossa senhora & dos apostolos, & não tẽ nenhũ crucifixo, porq̃ se ha a gẽte por indigna de ho ver: não se diz cada dia mais q̃ hũa missa, & esta cõ diacono & sodiacono, as epistolas & os auãgelhos se dizem ãs portas. Ho pão de q̃ se faz ho sacramẽto da eucharistia he hũ bolo cozido em hũa grãde fornalha com grande cirimonia, nẽ ho coze se nã hũ sacerdote, & o q̃ diz a missa nã mostra ho bolo ao pouo despois de cõsagrado como se faz antre os latinos. Todos os q̃ ouuẽ missa hão de comũgar ou a não hão douuir, & ho sacerdote lhes vay dar a comunhão ã porta da igreja, q̃ he do mesmo bolo q̃ cõsagrou: não tomão lauatorio, mas lauão a boca cõ agoa bẽta, nenhũa pessoa se ha dassentar nas igrejas, & por isso estão sẽpre ãs portas muytos caiados de trauessa pera se encostarẽ, nẽ pode ninguẽ entrar calçado nẽ cospir, nẽ falar. A vestimẽta com q̃ se diz missa, he feyta como camisa, & a estola furada polo meyo pera a meterẽ pola cabeça, não tẽ manipulo, nẽ amito, nẽ cito: os frades dizẽ a missa cõ os capelos nas cabeças, & os clerigos as tẽ discubertas. Nhũa missa se diz por esmola nẽ por defuntos, quãdo se fina algũa pessoa vão os clerigos cõ cruz & agoa benta & encenso, & despois de rezarẽ certas orações a leuão a enterrar muyto depressa, & ao outro dia leuão as offertas. Os Christãos desta terra se confessam em pẽ & assi os absoluẽ: os frades, clerigos & señores trazem nas mãos cruzes peq̃nas de pao, & a gente comũ pequeninas ao pescoço. Trazem tambẽ os clerigos & frades hũs cornichos d̃ cobre cõ agoa bẽta q̃ deitão aos hospedes cõ que pousam, & no comer & no beber deitão tres gotas. Celebrã as festas mouiueis no mesmo tẽpo que ãtre os latinos, as outras hũas, & outras não: ho seu anno se começa a vinte noue Dagosto, & he de doze meses, & cahũ tem trinta dias, acabados os meses sobejão cinco dias, & no anno bisexto seys, & chamanlhe cõprimẽto do ãno. Ho ieium da coresma se goarda muy estreytamẽte, mõrmẽte os clerigos & frades q̃ não comẽ mais de tres vezes na somana. s. terça feyra, quinta & sabbado: neste tẽpo não bebẽ nhũ vinho: a outra gẽte a ieiũa toda, nẽ come ninguẽ carne, nem ouos, nẽ leyte posto q̃ estẽ pera morrer. Todos os leygos, assi grãdes como peq̃nos jeiuão as quartas feyras & sestas do anno, tirando do natal ate a purificação, & da Pascoa ate a Tridade: Todos andão na somana santa vestidos de preto ou azul, nẽ falão hũs cõ os outros por dó da paixão de nosso señor, dizẽdo q̃ Iudas por beiio de paz trahio a seu señor. Tẽ muytas cirimonias iudaicas no goardar dos sabados, & ẽ outras. Q̃ñdo se da iuramẽto a alguẽ, vaisse aq̃le q̃ ho ha d̃ tomar ã porta da igreia, & vão coele dous clerigos q̃ tẽ hi encẽso & brasas. E poẽdo

o q̃ ha de iurar ambas as mãos nas por
tas da igreia,lhe diz hũ dos clerigos q̃
diga a verdade,& se iurar falso,q̃ assi
como ho lião come a presa no bosquo,
assi coma ho diabo a sua alma , & lhe
moa seus ossos como he moido ho tri-
go ãtre as pedras,& se disser verdade
q̃ a sua alma estẽ cõ os bẽ auẽturados,
& acada cousa diz Amẽ:e isto acabado
toma ho iuramẽto.E cõ tudo agẽte po
pular diz pouca verdade,aĩda q̃ he cõ
iuramẽto,saluo se iurão pola cabeça dl
rey. Teme tanto esta gente a excomu-
nhão,q̃ por não cayrẽ nela farão qual
quer cousa ainda q̃ seia ẽ seu periuyzo.
Ha no señorio do preste hum patriar
cha q̃ na sua lĩgoa se chama Abima,q̃
na nossa quer dizer padre.E este da or
dẽs,por q̃ não ha outro nenhũ bispo.E
falecido este,mãda ho preste pedir ou
tro ao patriarcha Dalexãdria. Ho pre
ste nã tẽ lugar determinado em q̃ mo
re,ãda sempre no cãpo cõ toda sua cor
te,& traz no seu arrayal ate seys mil tẽ
das antre boas & mãs:a somenos gẽte
de caualo he de mulas,& auera cõtinua
mẽte cincoẽta mil de mulas,os de caua
los sam tambẽ muytos,& os de pẽ não
tẽ conto.Tẽ sempre guerra cõ os mou
ros seus comarcãos q̃ faz por seus capi
tães,& quãdo ha necessidade vay ele ẽ
pessoa.Ho preste q̃ na q̃le tpõ reyna-
ua se chamaua Dauid de idade de õze
annos,& a raynha sua mãy gouernaua
seus señorios por ser muyto pera isso.
E gouernãdo ela a terra,forão ter ã sua
corte Ioão gomez hojardo, & Ioão sã
ches,& Cide mafamede,de q̃ disse no
liuro segũdo,q̃ leuauão cartas damiza-
de del rey dõ Manuel pera ho preste,
q̃ lhe derão nouas do q̃ os nossos faziã
na cõquista da India.E ouuido q̃ erão
Christãos que hião de muy lõge,dese-
iou de saber a verdade pera tomar cõe
les amizade & liança,& fazer iuntamẽ
te coeles a guerra aos mouros.E mãdou
a saber isto a hũ mercador christão na
tural do Cayro q̃ tinha coela grãde cre
dito chamado Mateus:& a este mãdou
muyto secretamẽte q̃ fosse ã India , &
hi falasse cõ ho goueenador , & da hi a
Portugal a ver aq̃le rey que mandaua
cõquistar a India,pa quẽ lhe deu hũa
carta ẽ nome do Preste seu filho,& assi
hũ pedaço do lenho da vera cruz feyta
em hũa cruz peq̃na. E pera ir mais en
cuberto quis q̃ fosse sô,por q̃ nã podia
sayr da terra do preste por nenhũa par
te q̃ não fosse de mouros,que se entẽde
rão q̃ era embaixador,& onde hia ma-
tarão no,por q̃ receauão q̃ ho poder dos
nossos se aiuntasse cõ ho preste & quẽ
çarrassem ho mar roxo.& por isto quẽ
a raynha sabia , determinou de man-
dar este embaixador secretamente .
E ele se partio pera a India,õde foy ter
ã Dabul,& hi foy preso polo tanadar,
por saber q̃ hia ao gouernador cõ reca
do do preste.E mãdandolho ho gouer
nador pedir por Lopo vaz de sã Payo,
lho deu:o q̃ sabẽdo despois ho Hidal-
cão,cuio vassalo era ho tanadar,esteuẽ
pera lhe cortar a cabeça.

¶ Capit.xcvij.Do que dizia a carta q̃
a mãy do preste mandaua a el rey de
Portugal,& do mais que passou em
Goa.

O Sabido pelo gouerna-
dor como ho embaixa
dor vinha & trazia a
cruz do lenho , sayo a
recebela cõ procissão
muy sonẽne , & ele &
todos a adorarão ẽ giolhos dando gra-
ças a nosso señor q̃ permitira tão grã-
de cousa,como era vir ẽbaixador dhũ

ſeñor tamanho como era ho preſte & Chriſtão. E foy leuada a igreja, õde deſpois foy poſta em hũa cuſtodia douro que lhe ho gouernador mandou fazer, a quẽ deſpois do embaixador contar a cauſa porq̃ vinha, & tudo o q̃ atras diſſe, lhe moſtrou a carta q̃ trazia do preſte pa el rey de Portugal, q̃ dizia.

¶ Em nome do padre, & do filho & do Spirito ſctõ, tres peſſoas em hũ ſõ deos. A ſaluação & graça đ noſſo ſeñor & redẽptor Chriſto Ieſu, filho de. N. ſeñora Maria a virgẽ, ho qual foy parido na caſa de Belẽ: a graça & benção ſeja ſobre o amado hirmão, ho Chriſtianiſſimo rey Manuel, caualeyro dos mares, ſugigador & forçador dos infieis & deſcridos mouros, proſpereuos ho ſenhor Chriſto, & vos de vitoria ſobre voſſos imigos, & alargue & eſtẽda voſſos reynos: pelos rogos & deuações dos meſſejeiros do redemptor Chriſto, os quatro euãgeliſtas, Ioane, Lucas, Marcos & Mateus, ſuas ſctidades & orações vos goardẽ. Fazemos ſaber ao amado hirmão q̃ a nos chegarão da voſſa grãde & alta caſa dous meſſejeiros, hũ ſe chamaua Ioane, dizẽdo q̃ era clerigo, & outro Ioão gomez, & diſſerã. Queremos mãtimẽtos & gentes. E pa eſto enuiamos a vos noſſo embaixador Mateus hirmão do meu ſeruiço, cõ licẽça do patriarcha Marcos q̃ nos da a benção, & mãda os clerigos a Ieruſalẽ, padre noſſo & de todo meu ſeñorio eſte yo da fé de Chriſto & da ſctã Trindade. E ele enuiou por noſſo mandado a hũ voſſa porto da India, dizendo que vos dariamos tãtos mantimẽtos como os montes: & aſſi vos dariamos gentes tantas como as areas do mar, & foy nos dito q̃ ho ſeñor do Cayro fazia armada de nauios pa mãdar cõtra voſſas armadas, & nos vos daremos tãtas gẽtes q̃ eſtẽ no eſtreyto de Meca. ſ. Beb, Almandeb, ou pera enuiardes a Iudã ou ao Toro q̃ façais deſterrar eſtes mouros de ſobre a façe da terra, & nos por terra, & vos hirmão por mar, que nos ſomos poderoſos em a terra, pera q̃ os offrecimẽtos & offertas que ſe apreſentão ao ſepulchro ſctõ, não as dẽ mais a comer aos cães. E eſte he ho tẽpo achegado da promeſſa q̃ diſſe Chriſto & ſancta Maria ſua madre, que diſſerão q̃ no derradeyro tẽpo ſe aleuãtaria ho rey da parte dos frãcos, & eſte daria fĩ aos mouros. E eſte he prometimẽto q̃ diſſe Chriſto & ſua madre, & todo o q̃ vos Mateus noſſo embaixador diſſer recebey como noſſa peſſoa & o crede, porq̃ ele he ho principal q̃ temos, q̃ ſe outro teueramos q̃ ſoubera ou entẽdera mais que ele, nos volo enuiaramos, & quiſeramos enuiaruos noſſa embaixada pelos voſſos q̃ ca enuiaſtes, & tememos de vos não apreſentarẽ noſſas couſas como queremos. E coeſte ẽbaixador Mateus vos enuiamos hũa cruz do lenho em q̃ foy crucificado noſſo ſenhor Ieſu Chriſto ẽ Ieruſalẽ, q̃ me foy de lá trazido, de q̃ fiz duas cruzes, hũa nos fica. & a outra vos enuiamos cõ noſſa embaixada: & ho dito lenho he preto, & leua hũa argola peq̃na de prata, & quiſeramos enuiaruos muyto ouro, mas cõ medo dos mouros q̃ ho tomaſſem nos caminhos por õde auia de paſſar, ho deixamos de fazer. E ſe vos ouuerdes por bẽ, do q̃ nos teremos muyto cõtentamẽto quererdes nos dar voſſas filhas pa noſſos filhos, ou tomardes noſſos filhos pera voſſas filhas q̃ ſera mais rezão, no mais ſe não q̃ a ſaluação & graça de noſſo recẽptor Chriſto Ieſu, & de noſſa ſeñora ſctã Maria virgẽ

se estẽda sobre vossos estados, & sobre vossos filhos & filhas, & sobre toda vossa casa amẽ. Mais vos fazemos a saber q̃ se ordenassemos nossas gentes q̃ encheriamos a todo ho mũdo, mas não temos nenhũ poder no mar. Christo Iesu vos queira ajudar, q̃ certo as cousas que tendes feyto na India sam milagrosas. E se quiserdes armar mil naos, nos as abastaremos de mantimentos.

¶ Vista polo gouernador esta carta, ẽ a menção q̃ fazia dos nossos, q̃ ele mesmo lãçara ẽ Felix andãdo no cabo de goardafũ, como ja disse, deu fe ao q̃ lhe disse Mateus q̃ era embaixador do Preste, & q̃ queria ir a Portugal cõ aq̃la embaixada. E ꝓmeteolhe q̃ naq̃lle ãno ho mãdaria ẽ hũa nao: & foy em hũa em q̃ auia dir Bernaldim freire por capitão, q̃ auia de partir mais tarde q̃ as outras & logo lhe ordenou nela seu gasalhado & lhe fez merce ẽ nome del rey ꝑa se a perceber, & encomẽdouho a Bernaldĩ freire. E ãdãdo nisto veyo da terra firme Diogo fernãdes, ho adail, q̃ fora cõ embaixada ao hidalcão, sobre q̃ soltasse a el rey as tanadarias da terra firme, em q̃ se não tomou nenhũa cõcrusam: assi polo hidalcã não querer, como por auer descõcerto antre Diogo fernãdez & Ioã nauarro q̃ hiá por sua lingoa, por mil desmãchos q̃ la fez, ate dizer q̃ era neto do turco, & q̃ sabia fundir artelharia, & q̃ não era christão se não turco, & queria ficar cõ ho hidalcão. E coisto fugio pola terra firme dẽtro, & tornou se mouro. E ho Hidalcão respõdeo ao gouernador q̃ ele alargaua de todo as ilhas de Goa, posto q̃ erão casa de seu pay & cabeça principal de seu reyno: & as terras ele as não daua então, porque auia vergonha dos outros señores do reyno de Daquẽ, que lhe lançauão cada dia ẽ rosto q̃ os nossos lhe tomarão Goa, & que lha não podera defender. E cõ tudo q̃ vẽdo ele a amizade do gouernador assentada por algũs dias, quẽ não parecesse q̃ lhe daua as terras com medo & por força, q̃ então faria o que ho gouernador pedia, que deixasse assi estar tudo ate que tornasse do mar roxo, & que os dereytos q̃ as mercadorias pagassem em Goa, saindo por suas terras que não pagariáo outro dereyto nẽ nhũ, nẽ menos as q̃ fossẽ de sua terra, ou doutras partes & passassem por ela pera Goa, não pagarião mais dereytos que os q̃ era costume q̃ pagassem, & q̃ não tolheria a seruẽtia de Goa ꝑa a terra firme, nẽ que lhe leuassem muyta soma de mantimẽtos. E porẽ ho alargar das ilhas de Goa foy fazer de necessidade virtude, porq̃ bẽ sabia ele q̃ a fora a fortaleza do passo de Benastari, fazia ho gouernador hũa torre em Pangim, & outra na ilha de Diuari, õde se agora chama ho passo de Noroâ, & outra no passo seco. E a pos a tornada de Diogo fernãdez, se vio ho gouernador cõ Roçalcão no passo de Benastarim, por lhe ele mãdar muytas vezes requerer que se vissem ali: & a concrusam desta vista foy pedirlhe Roçalcão ꝑdão de lhe não agardecer ho offrecimento q̃ lhe mandara fazer por Bastião rodriguez quãdo se fora de Benastarim, & fazendo muyto grandes offrecimẽtos de seruidor del rey de Portugal, a q̃ ho gouernador respõdeo desapegadamẽte q̃ nẽ os aceitaua nẽ engeitaua. E despois disto forão algũs dos nossos ao seu arrayal, & assi vinhão de lá cada dia a Goa, & os moradores da ilha que fugirão ꝑa a terra firme por amor da guerra acabarão de se tornar, os gentios somente, & tornarão a laurar & a prouei

tar a terra, & antreftes tornarão muytos officiaes q fazião bombardas & efpingardas, q tambẽ fugirão da cidade cõ medo que a tomaffem os mouros, & dali por diante fe fazião muytas bombardas de ferro, & tão boas efpingardas como em Bohemia.

Capit. xcviij. De como dõ Garcia foy a Cochi fazer a carrega pa ho reyno, & como Nãbeadari affentou co ele paz antre o gouernador & el rey de Calicut, & com que cõdições.

Dom Garcia que hia pera Cochim, affi a fazer a carrega das naos do reyno como pera mandar correger os nauios que ficarão efpadaçados do combate de Benaftarim, em paffando por Calicut deixou hi algũs nauios darmada pera goardarẽ ho porto que não faiffem naos pa ho mar roxo, & daqui fe foy a Cochim, onde os nauios forão corregidos, & as naos carregadas com muyta diligẽcia. E neftas efcreueo ho gouernador a el rey feu fenõr a vitoria de Malaca & ho feyto de Benaftarim cõ todo ho mais q fe paffara na India, & affi lhe mandou hũ robi grãde, de muyto preço q lhe mandara el rey de Pegû, & a raynha outro cõ as tres bucetas douro & manilhas de pedraria que lhe mandou a mãy del rey de Sião, & hũs chagueres de coyro pera effriar a goa, & fam de muyta eftima, porq as peles fam cortidas cõ hũa cõpoftura q val muyto, & ficão cõ hũ cheiro muy fuaue, & mais hũas peças de pano dalgodão branco finiffimo do reyno de Deli. E ao pricipe mãdou ho catele de pedraria q lhe mandara el rey de Cambaya, & hũ punhal douro & pedraria, & dous moços Iaos peq̃nos, & affi outras peças ricas pera a infante dona Ifabel, q defpois foy emperatriz, & pera a duquefa de Bragaça himaã del rey. E andando dõ Garcia nefta ocupação, lhe foy dada hũa carta de Nambeadari principe de Calicut, em q lhe fcreuia q fe ho gouernador quifeffe fazer paz cõ el rey de Calicut, que ele faria coele q a fizeffe. Ao q dõ Garcia refpõdeo que ele ho não fabia, porq elrey de Portugal mandaua ao gouernador q a não aceitaffe polas muytas vezes q el rey de Calicut a tinha quebrada: porẽ que cõ tal condição a poderia ele fazer, & tal feguraça poderia dar q ho gouernador quebraria ho regimẽto del rey. E defpois de auer antreles algũs recados fobrefte concerto, offreceofe ho principe de fazer com el rey q deffe fortaleza ẽ Calicut no lugar q ho gouernador quifeffe, & que lhe daria ametade dos dereytos que tinha dos feguros das naos q hião a feu porto. O que dõ Garcia efcreueo logo ao gouernador, do q ele foy muyto contente, & affentou em ho fazer pofto q tinha recado del rey feu fenõr pera deftruir Calicut: & ifto lhe fcreuia el rey por induzimento del rey de Cochim & del rey de Cananor, a quẽ pefaua mortalmente de Calicut eftar em paz, porq eftando de guerra tinhão feus portos pouoados de muytos mercadores q trazião muytas mercadorias, & pagauão muyto grãdes dereytos, & por efta caufa ho nã querião eles deftruir, ainda q ho podião fazer ajũtandofe ambos de dous, & diffimulauão fazẽdo q não podião, & eles mefmos ho foftinhão, mandãdolhe mantimẽtos nas fuas naos & armandolhe paraos, & ẽtão efcreuião a elrey de Portugal q el rey de Calicut era ho mais mao homẽ que podia auer no mundo. E ho

mesmo fazião escreuer aos feytores das fortalezas de Cochi & de Cananor & a seus escriuães, & ao secretario, & eles ho faziáo porq̃ os reys escreuessẽ bem deles. E vẽdo ho gouernador quã to mais proueitosa era esta paz que a destruyção de Calicut, determinou de a aceitar, & porq̃ estaua pera ir ao mar roxo, onde tinha necessidade de leuar grande armada, & deixando algũa sobre Calicut, nem deixaua cousa q̃ lhe fizesse dano, nem leuaua de que se podesse aproueitar no estreito, & por isso escreueo a dõ Garcia q̃ aceitasse a paz, & se fosse logo a Goa, porque auia dir ao mar roxo, & que se chegaua a moução, & quando fosse leuasse consigo a Pero mazcarenhas, que auia de deixar por capitão de Goa cõ seu consentimẽto, & auia de leuar consigo Manuel de lacerda, polo auer assi por seruiço del rey seu señor, & que ficasse a capitania de Cochim a Iorge dalbuquerq̃. E dõ Garcia se vio cõ Nambeadarim ẽ Crãgalor, & assentarão ambos q̃ mandasse ho gouernador dous homẽs dautorida de pera acabarẽ dassentar cõ el rey de Calicut onde auia de ser a fortaleza. E concertado isto, partiose dõ Garcia pa Cananor, onde achou Bernaldim freyre & Francisco pereyra pestana que forão ali abarrotar. E despois de partido dõ Garcia querẽdo hũ dia ho embaixador do preste castigar hũa sua escraua por algũa cousa que lhe fizera, bradou ela & gritou de maneyra que acodio ho capitão da fortaleza cõ muyta gẽte, & achando as portas fechadas as mãdou q̃brar & ẽtrou dẽtro cõ grãde oniáo, & a escraua do embaixador como ho vio, lhe disse q̃ era molher do ẽbaixador, & que ele a queria matar & lhe dava vida que a não podia sofrer, nã por outra causa, se não porque ho reprẽdia de peccar cõ hũ seu moço no vicio cõtra natura, q̃ lhe requeria da parte de Deos & del rey de Portugal q̃ a tirasse de seu poder. E deu por testemunhas outras escrauas q̃ ho ẽbaixador tinha. O que ho embaixador contradisse em tudo, affirmandoho cõ juramento, & q̃ aquela não era sua molher, se não escraua: & segundo se despois disse assi era, porem ao embaixador não lhe valeo. E ho capitão lhe tirou a escraua de casa, & tambẽ as outras & entregouas a Bernaldim freyre, & ele & ho secretario q̃ lhe aquilo fez fazer, disserão logo que Mateus não era ẽbaixador do preste se não truão, mouro & espia dos rumes & do Soldão, q̃ o mãdauão à India a saber o q̃ elrey determinaua d̃ fazer. Não lhe lẽbrando q̃ de Venezianos q̃ andauão em Portugal, ou podião lá ir, ho podia ho soldão saber mais dissimuladamẽte ou por mouros mercadores q̃ hião a India, & dizião mais q̃ sabẽdo ho gouernador isto mãdaua Mateus a portugal como verdadeiro ẽbaixador, & q̃ se ele fora amigo do seruiço del rey q̃ ho não ouuera de mãdar, se nã quey malo, & por isto não fez Bernaldĩ freyre nhũa hõrra nẽ gasalhado a Mateus antes toda a desonrra & vituperio, assi na viajẽ como em Moçãbiq̃, onde inuernarão: & ẽ Portugal, ele & cartas q̃ leuaua do secretario pa el rey, q̃ si q̃ lhe fizerão crer q̃ Mateus era truão enganador, & por esta causa. E escreueo des pois el rey ao gouernador, dandolhe a chaq̃s sobre lhe mãdar Mateus por ẽbaixador, em tãto q̃ foy necessario ao gouernador escreuerlhe muytas rezões por õde era verdadeyro ẽbaixador, principalmẽte despois que deu ẽ Adẽ, dõde se lançarão na nossa frota certos

Abexis catiuos do feytor q̃ ho Soldão tinha em ajuda, que disserão que conhecião Mateus, & que sabião certo que a mãy do preste tinha nele muyta confiança, & ho mãdaua a muytas partes cõ recados dimportãcia. E coisto ꝑdeo el rey de Portugal a sospeyta que tinha, & ho despachou & mandou com Lopo soarez, como direy a diante.

Capit. xcix. De como Pateonuz foy sobre Malaca com hũa grossissima armada, & do que os nossos fizerão.

PAssando assi estas cousas na India, Fernão perez capitão mór do mar de Malaca vẽdo q̃ ela estaua segura de guerra, determinou de se tornar ꝑa a India, & porq̃ tinha recado do gouernador q̃ se fosse na mouçã o de Ianeiro se quisesse, & q̃ leuasse consigo as naos de carga que leuara Diogo mendez. E estãdose apercebẽdo pera sua partida, veo noua ã fortaleza que Pateonuz senhor de Iapora na ilha da Iaoa passara polo estreyto de Sabão cõ hũa grande armada, & assi era. E este Pateonuz era mouro, & muy esforçado caualeiro & fora vassalo do rey gentio da Iaoa, cõtra quem se reuelou como outros senhores mouros que se chamauão reys, & ãtes q̃ o gouernador fosse a Malaca auia ãnos que fazia hũa grossissima armada, assi com seu cabedal como com ajuda doutros señores seus parentes & amigos, & isto cõ tẽçã o de ir sobre Malaca, & tomala ao rey q̃ então reynaua & fazerse rey dela: & coesta determinação mandaua ele muytos Iaos morar a Malaca pera os ter de sua mão quando fosse, & estaua confederado cõ Mutaraja, aq̃le que ho gouernador mandou degolar, q̃ lhe tinha ꝓmetida toda sua ajuda. E acabada a armada não disistio de sua determinação, posto q̃ soubesse q̃ Malaca estaua em poder dos nossos, porque lhe disserão q̃ erão muyto poucos & que facilmente os poderia tomar, por amor da sua armada que era muy poderosa, q̃ seria bẽ de trezentas velas antre jungos, lancharas & calaluzes, & chea de gẽte q̃ era espanto. E Pateonuz leuaua por sota capitão hũ grã señor seu parẽte, em q̃ tãbẽ auia muyto esforço, & ho jũgo de Pateonuz era ho mayor q̃ se nũca vira naq̃las partes, & ho sota capitão apos ele. E fornecida esta armada como digo, partiose pera Malaca, & passando ho estreyto de Sabão foy visto dalgũs de Malaca, q̃ ho forão logo dizer a Ruy de brito, q̃ ho disse a Fernão perez, ꝑa q̃ fosse saber q̃ armada era aquela, & se era tamanha como dizião: & Fernão perez se partio logo a ver se via os imigos, & forão coele Ioanes impolim em sancto Antonio, & Lopo dazeuedo, Iorge botelho, Iorge de brito, Martĩ guedez, & Pero de faria nos seus nauios, & forão todos ate Sabão & não virão nenhũa cousa daq̃la armada, porq̃ como sayo do estreyto de Sabão se meteo logo por outro estreyto que chamão dos Saues, & foy por ele ate se poer defronte de Malaca pera tomar ali lingoa & saber o q̃ fazião os nossos, & por isso não pode Fernão perez a ver vista dela. E crendo que era mentira a noua de sua vinda, tornouse a Malaca: & fazendo se prestes pera a viajem da India, & estando perto sua partida, pareceo ao mar hum dia aa tarde a armada, que era tamanha como disse, & como vinha espalhada, quasi que cobria quãto os nossos alcançauão cõ a vista; do

q̃ eles ficarão espãtados, q̃ não crião q̃ se podesse ajuntar tamanha armada, & logo Fernão perez se foy a terra pa mandar embarcar a artelharia das naos de sua cõserua que ja tinha descarregada pera se melhor carregarẽ de mercadoria. E andando nisto, falãdo ele cõ Ruy de brito sobre se pelejarião cõ os imigos, se leuantarão de palaura ẽ palaura, que Ruy de brito como superior d̃ Fernão perez ho mãdou prẽder por lhe não querer obedecer como ho gouernador mandaua ẽ seu regimẽto. E preso Fernão perez, determinou Ruy de brito de peleiar ao outro dia com a armada dos imigos, & hila buscar õde estaua, por q̃ lhes parecesse que a não tinha ẽ cõta, & por isso sembarcou aq̃la noyte na galé de Pero de faria: & como lhe parecesse que tinha muyta necessidade da aiuda de Fernã perez, mãdou ho soltar, mãdãdolhe dizer que se fosse pa a sua nao: o que Fernão perez fez (posto q̃ estaua muyto agrauado) porque vio que em tal tẽpo como aquele, & em que ho seruiço del rey estaua em tamanho perigo, que os homẽs da sua qualidade por lhe acodir não se auião de lembrar dagrauos del rey quãto mais de seus capitães, & por isso se recolheo logo â nao. E ẽ amanhecẽdo â nossa armada se fez aa vela pa ir buscar a armada dos imigos, q̃ no dia passado não pode aferrar porto, & cayo abaixo da fortaleza obra de tres legoas, & surgio ao longo de terra. E erão os nossos estes capitãs, Pero de faria, cõ quẽ hia Ruy de brito, & Ayres pereyra de berredo, que era alcayde môr da fortaleza & ficaua nela por capitão: Fernão perez, Iorge de brito, Frãcisco de melo, Martĩ guedez, Ioão lopez daluim, Iorge botelho, Lopo dazeuedo, Antonio dabreu, Vasco fernandez coutinho, Christouão mazcarenhas, Christouã garces, Afonso pessoa, & Simão afõso bisigudo hia cõ Fernão perez, por ser ho seu nauio podre & não a ꝓueitar de todo pera nada. E todas as nossas velas hião embandeiradas & defesta cõ trõbetas & atabales, fazẽdo grãdes alegrias por q̃brarẽ ho coração aos imigos, & ao longo da terra hia Ninachatu & Tuão mafamede cõ a gente dela pera ajudarẽ de terra se podessem, & quãdo não, pera q̃ soubessem os imigos que tinhão os da terra contra si, & que ajudauão os nossos.

¶ Capit. c. De como os nossos começarão de pelejar com os imigos, & da causa porque não acabarão.

Indo os nossos cõ esta ordẽ forão ter cõ os imigos vẽtãdo a viração cõ que se eles começarão de fazer â vela, & estauao todos embandeirados & cõ grãde alegria de gritas & fêstas & grãde estrondo de seus sinos & doutros instormẽtos que costumão na guerra, & era ho arroido tamanho q̃ parecia destruirse ho mũdo, & sô ele abastaua pera os nossos sẽdo tão poucos auerẽ miedo, quãto mais tanta gẽte & tão bẽ armada & atabiada doutros muytos & muy ricos atabios, q̃ era fermosa cousa & espantosa de ver. E ho mesmo espãto punha ver a pouquidade dos nossos cometer tamanho numero de gente & tão sẽ medo, q̃ parecia q̃ os não tinhão em conta: em tanto que Iorge botelho que leuaua ho nauio mais ligeiro que os outros, se adiantou & sô chegou primeyro aos imigos, de que se logo apartarão ate quinze caluzes, & a remo endereytarão parele dando grande grita como que ho tinhão nas vnhas,

o q̃ ele nã crẽdo pos a proa neles & passoulhes polo meyo sem lhe tirar nẽ fazer nenhũa mostra de peleja: & como hia à vela, & eles à remo nã lhe poderã chegar. E passando ele por eles, não parou ate ho jũgo de Pateonuz, q conheceo ser a capitayna, assi por trazer bandeira na gauea, como por ser ho mayor de toda a frota: de maneyra que indo Iorge botelho pa abalrroar coele, vio que agauea do seu nauio não chegaua ao chapiteo da popa do jũgo, & por isso deixou de ho aferrar, & começou de lhe tirar às bõbardadas q̃ lhe ficauão ao lume dagoa, porẽ ho iungo era tão forte q os pelouros tornauão pera fora, & o mesmo fez aos da galé de Pero de faria q̃ vinha à pos Iorge botelho, & tãbẽ se pos às bõbardadas ao iũgo. E nisto chegou ho resto da nossa frota, & a dos imigos neste tẽpo se acabou de fazer aa vela, & se çarrou toda como hũa espesa mata: o q̃ vendo Iorge botelho & Pero d̃ faria se tirarão à fora porque os não colhessẽ no meyo, q̃ os matarão todos às frechadas & lãçadas pola grãde altura dos iungos, & por esta rezão nenhũ dos nossos ousou daferrar com os imigos, que cõ suas gritas & estrõdo q̃ digo assi çarrados tirarão caminho do porto de Malaca, indo os nossos depos eles às bõbardadas cõ que lhe fizerão assaz de dano atè ho sol posto que surgirão os nossos pegados cõ terra, se não Iorge botelho, que por ser ho seu nauio muyto veleyro & ligeiro ficou antre os imigos esbõbardeãdo os & assi os outros ate noyte. E despois danoytecer, aiũtaranse todos os nossos capitães & outras pessoas principais da armada na galé de Pero de faria, & Ruy de brito lhes disse q̃ bẽ viã quã poderosa a frota dos imigos vinha, & a gẽte mais esforçada q̃ auia naqlas partes, & eles quão poucos erão, & metidos ẽ nauios muyto peqnos a respeito dos q̃ traziã os imigos: & q̃ se fossem desbaratados q̃ se perderia aqla fortaleza, & q̃ tãbẽ pola multidão dos imigos, q̃ auia medo que se repartissem, & q̃ em quanto hũs pelejassẽ no mar cõ a frota, pelejarião outros em tera cõ a fortaleza, em que não auia quẽ a defendesse por quã poucos là ficauão, & estes doẽtes & fracos, que sobristo lhe dessem seus pareceres. E despois q sobristo ouue muytos & muy diuersos, disse Fernão perez que por se escusar ho perigo da fortaleza, Ruy de brito se deuia logo de recolher a ela, & defendela cõ essa gẽte que teuesse, assi nossa como da terra, & q ele ficaria cõ a que estaua na frota, cõ que pelejaria cõ a dos imigos, q̃ esperaua em nosso señor de desbaratar, porq̃ ainda q̃ fossem muytos & os seus jũgos tão altos q̃ se não podião aferrar, ele os queymaria com panelas de poluora & meteria no fundo cõ artelharia, & que nisto nã tenha duuida porq̃ os imigos a não trazião: & q̃ quando lhe acõtecesse algũ desastre, q̃ a gẽte que estaua na fortaleza abastaria pa a defender ate q̃ mandassẽ pedir socorro à India, o que seria em breue por ser a mouçã pa ir là & tornar da hi a sete meses. E parecẽdo isto bẽ a todos, & feyto disso auto, & assinado por todos, foy Ruy d̃ brito leuado à fortaleza na galé em q̃ estaua, & despois que foy là mudouse do que deixaua assentado cõ Fernão perez & cõ os outros capitães. E fazendo nouo cõselho cõ os q estauão na fortaleza, acordou coeles que a nossa armada não era poderosa pa resistir ao peso d̃ tãtos como trazia Pateonuz, e porisso os nossos q̃ estauão no mar se deuiã recolher.

taleza,& q̃ a galé & nauios peq̃nos se gête do mar q abastasse pa os marear se fossem pa a India a dizer ao gouernador ho perigo em que ficaua a fortaleza pera lhe mandar socorro. E este acordo assinado por todos, foy leuado a Fernão perez & aos outros capitães cõ reqrimento q̃ se fossem pa a fortaleza. O q̃ visto por Fernão perez, respondeo cõ conselho dos outros capitães, q̃ pois Ruy de brito dera a menajẽ ao gouernador por aq̃la fortaleza que a defẽdesse cõ a gente que tinha, & q̃ ele cõ aq̃les fidalgos & caualeyros q̃ ali tinha, & a armada q̃ lhe ho gouernador ẽtregara, esperaua ẽ nosso señor de desbaratar os imigos, & q̃ assi ho veriáo como amanhecesse: & coisto se tornou o que leuou ho requerimẽto de Ruy de brito, & ele ido disse Fernão perez aos q̃ ficauão coele. Não tenha señores tãto poder a descõfiança q̃ tẽ os da fortaleza q̃ nos mude do proposito em que estauamos q̃ a manhaã cõ ajuda de N. señor pelejaremos cõ os imigos & desbaratarmolos cõ a ajuda, q̃ espero ẽ sua misericordia q̃ nos dara pera isso, do q̃ oje vi grandes sinais & muy verdadeiros, q̃ bẽ vistes quão pouco pfiarão ẽ nos cometer, sendo eles tãtos & nos tão poucos, & vindo cõ determinação de nos destruir por saberẽ certo quão poucos eramos, pois se seu esforço & valẽtia fora tãto quãto pmete ho numero deles, & juntamẽte a võtade q̃ traziáo pera nos sumir: naq̃le primeyro impeto de sua chegada ho ouuerão de executar cõ nos aferrar logo, porq̃ segũdo a opiniáo cõ que partirão de sua terra, q̃ os muytos vẽcẽ os poucos, auiáo de dar a vitoria por muy certa da sua parte, & pera ficarẽ coela nos auiáo logo daferrar, & mais tẽdo muyta confiança de si & nenhũa de nos. E pois ho nã fizerão quando não sabião como nos defendemos, não ho farão sabẽdo como offendemos, antes nos hão de ter medo, porq̃ muyto mayor ho hão dauer agora cuydando nas muytas bõbardadas, & espingardadas de q escaparão, do que ho teriáo quando andassem em voltas na peleja: & isto está clara, porq̃ niguẽ não ha medo ao perigo se não quem se vio nele. E eu tenho perami q̃ ho começo da nossa peleja doje foy obra de nosso señor q̃ quer q̃ a Christindade permaneça nestas partes, & a manhaã ho aueis q̃ ver craramẽte na vitoria q̃ nos ha de dar cõtra estes cães, q̃ porq̃ sam do diabo, teue ho mesmo diabo poder pera meter em cabeça a Ruy de brito & aos do seu conselho q̃ era impossiuel resistirmos a tãtos imigos, não atẽtãdo quão fracamẽte se ouuerão oje no primeyro cometimẽto. Por tanto señores vos peço q̃ isto vos lẽbre cõ ho mais q̃ vos tenho dito, & q̃ não vos esqueça, q̃ pois pelejamos por seruir a deos & a el rey, q̃ nosso señor he seruido de sosternos esta fortaleza, como quis q̃ Duarte pacheco de q̃ ja ouuirieis dizer sosteuesse a de Cochim cõ menos gente do q̃ nos somos cõtra ho poder del rey de Calicut q̃ era tres vezes mais q̃ ho de Pateonuz, & mais q̃ ao primeyro jũgo q̃ lhe meterdes no fundo ha de fugir: & como somos poucos, ho menos fũdamẽto q̃ aueis de fazer, ha de ser dabalroar coeles, se não queymalos, & trabalhar polos meter no fundo.

Capit. cj. De como Pateonuz sem ousar de pelejar cõ Fernão perez, lhe fugio com toda sua frota, & da grãde destruyção que os nossos fizerão nela.

EA cabadas co isto suas rezões,cõ que todos ficarão ꝑsuadidos pera a batalha.E assentado q̃ desse cõ aq̃la ordẽ,cada hũ se tornou a seu nauio,& se aperceberão todos,assi das almas como dos corpos pera entrarẽ naq̃la peleja,que certo era muy temerosa porq̃ os nossos ao mais q̃ podião ser,serião trezentos homẽs,& os imigos de vinte cico mil pera cima,& os mais esforçados & melhor armados,& mais determinados q̃ auia do cabo de boa Esperãça ꝑa dentro pera q̃lquer das quatro partes do mũdo.E cõ quanto os nossos sabião isto não os temião,antes a gẽte comũ parecẽdolhe q̃ os assombraua, toda a noyte cantarão & foliarão, & dauão muytas gritas,& eles tambẽ lhe respõdião cõ outras,& cõ muyto tanger dos seus sinos.E na cidade se fazia o mesmo,em q̃ auia grãde duuida de poderẽ os nossos escapar daq̃le lãço:& aquela noyte todos esses Iaos principais da cidade,& tambẽ algũs Malaios forão visitar Pateonuz,q̃ acharão em cõselho cõ todos os seus capitães sobre o que farião contra os nossos,porq̃ receaua de pelejar coeles no mar pelo grãde dano q̃ recebera dos nossos tiros,& parecialhe melhor desembarcar & cercar a fortaleza.E estes q̃ digo q̃ forão da cidade visitalo,ouuidos os pareceres de seu conselho,lhe cõselharão q̃ não pelejassem cõ os nossos no mar,porq̃ tinhão muyta poluora & artelharia,& que os auião de meter no fundo:& tambẽ se desembarcassem ficando os nossos no mar q̃ lhe auião de queymar a sua frota & ficarião perdidos, porque tendo os nossos ho mar, eles não podião fazer aa fortaleza nenhum nojo, antes ho receberião muy grande,porque os nossos erão muyto esforçados, & sabião muytos ardis:& que o que deuia de fazer era meterse no rio de Muar, & dali mandar recado a el rey de Bintão que lhe mandasse sua armada que trazia artelharia,& ajuntada a sua cõ ela desbaratarião a nossa, & despoys tomarião a fortaleza.E parecendo isto bẽ a Pateonuz,mandou q̃ se leuasse a sua frota toda ante manhaã.E assi se començou de fazer a voga surda,mas não foy tão calada q̃ os nossos ho não sintissem:& sabẽdoho Fernão perez,se meteo logo no seu esquife,& correo os nossos nauios,dizẽdo do mar aos capitães q̃ dessem muytas graças a Deos,porq̃ sem peleja lhe fugião os imigos,q̃ se leuassem porq̃ se lhe não fossẽ,& q̃ lhes encomendaua muyto q̃ trabalhassem polos queymar & meter no fundo,& q̃ nenhũ desseá vela ate lhe não ver desferir ho traq̃te:& assi ho fizerão.E saido ho sol ambas as armadas tinhão as velas desferidas cõ ho terrenho q̃ vẽtaua:& Pateonuz q̃ vio a determinação dos nossos,quiserasse acolher,& começou de fugir cõ todos os seus,& os nossos derão apos eles,& em os alcançãdo começão de lhe deitar panelas de poluora & outros artificios de fogo com q̃ os iungos começarão de arder.E como isto foy tão de supito & tãto cõtra a esperança q̃ os imigos trazião de ser a vitoria sua,por serẽ tãtos como erão,foy tamanho ho desmayo destes,em cujos iũgos se ateaua ho fogo,q̃ não teuerão acordo pera mais q̃ pera se deitarẽ ao mar,& recolherse aos nauios de remo, & os outros tirauão muytas frechadas, porem não fazião mais que gastalas deualde,& os nossos empregauão bẽ seus tiros, que assi como metião a hũs nauios no fundo,assi desaparelhauão

outros & lhes ferião & matauão muyta gente. E vendo Fernão perez a cousa como hia, temendose q̃ falta de poluora lhe não fizesse alcançar a merce q̃ lhe nosso señor fazia, mãdoua buscar à fortaleza & outras munições pera fauorecer mais sua vitoria, & mãdou chamar toda a gẽte daterra q̃ fosse roubar ho despojo que ficasse dos imigos, porq̃ os nossos não auião de poder roubar tãto. E sabẽdo Ruy d̃ brito a vitoria q̃ os nossos hião alcançando, mãdou desparar a artelharia da fortaleza & fazer grandes alegrias. E sabendo a gente da terra a causa disso, ficarão todos pasmados, porq̃ por a grande valẽtia dos imigos, não se lhe podia meter em cabeça que auião de ser vencidos, mas por mais valentes que erão de cada vez se achauão peor & perdião mais gẽte. O q̃ conhecẽdo Pateonuz, amarrouse cõ cinco jungos de seus parentes porque nestes confiaua mais, & ho seu sota capitão se amarrou cõ outro iungo tẽdo q̃ os nossos os aferrarião, & mandarão aa outra frota q̃ ainda não era queymada, que os rodeasse & lhes ficasse como bastida: & isto porque virão q̃ não tinhão remedio pera fugir porq̃ os nossos os alcãçauão, & assi era q̃ chegarão a eles antre as onze & as doze do dia. E parece q̃ quis nosso señor que se aiuntassem assi os imigos, pera q̃ os nossos sem andarẽ a caça coeles fizessem a espantosa destruyção q̃ fizerão. & ẽ chegando Marti guedez q̃ foy ho primeyro os deseu nauio, lhe deitarão panelas de poluora em hũa pangueiaoa com q̃ lhe fizerão saltar ao mar a gente q̃ trazia, & apos isso aferrarão cõ hũ iungo & começarão de peleiar cõ os imigos, peleiando muy esforçadamẽte: & Ioão lopez daluim aferrou cõ outro q̃ trazia obra de duzẽtos laos, & ele não trazia mais q̃ trinta & dous homẽs. E cõ tudo abalrroou ho iungo por mais cõtrariado q̃ foy dos q̃ estauão nele & entrou dentro, & dos outros capitães, hũs aferrauão, outros queymauão, & não auia nenhũ que não fizesse brauezas nũca cuydadas, & assi durou a cousa bẽ quatro horas ou cicõ, q̃ de toda a frota dos imigos não ficou mais por queymar q̃ a capitayna, & sota capitayna cõ os iungos cõ que estauão amarradas, q̃ as outras assi velas de gauea, como de remo todas forão gastadas do fogo, & morta muyta gente, & outra se saluou nos iungos que digo. E por isso & por eles serẽ aterosos ẽ demasia, estauão muy afoutos: ho q̃ conhecẽdo Fernão perez, mãdou passar à sua nao os capitães de tres ou quatro nauios da sua armada, & coeles sua gẽte com determinação dabalroar com Pateonuz, ou cõ ho seu sota capitão, porq̃ pera quanta gente eles tinhão a q̃ ele trazia era muy pouca, & ainda assi não era muyta. E isto feyto seguio Pateonuz, que entre tanto que se deteue nisto se hia acolhendo, & os outros nauios hião apos ele: & como lhe o vẽto seruia a popa, alcançou a sota capitayna que hia mais traseira, & determinando de a aferrar, mandou a Frãcisco de melo capitão da nao sã Christouão q̃ achou iunto consigo q̃ aferrasse pola proa, & ele aferraria por popa, & assi foy feyto, & cõ muyto grande perigo dos nossos, que como os imigos fossem muytos & muy valẽtes, peleiauã como homẽs q̃ nisso tinhão sua saluação: & assi ferirão muytos dos nossos & matarão algũs, antre os quaes foy Simão afonso besigudo, & Fernão perez foy ferido tão mortalmẽte q̃ cayo. E cõ tudo os nossos ho fazião tãbẽ que dauão

que fazer aos immigos & tinhão muy tos mortos. E estando a cousa em peso sem se declarar a vitoria por nenhũa das partes chegou Iorge botelho, & quando ouuio a reuolta que andaua no jũgo, quisera abalrroar coele, mas não pode & por isso aferrou com ho outro que andaua atraquado coele, & entra por ele com sua gente. Os imigos q̃ ho sintirão entrar, repartense logo ẽ duas partes, & hũs ficarão pelejando cõ os de Fernão perez, & outros acodirão ꝺ roldão a Iorge botelho, & como ele tra zia poucos foy tamanho o peso dos im migos que não ho podendo sofrer lhes foy forçado recolherse ao seu galeão, & os immigos forão de volta coele, & a ptauão rijo: mas nisto Fernão perez que se tornou aleuãtar, pelejou tão bra uamente com ajuda dos seus q̃ venceo os imigos com que pelejaua: & ficando muytos mortos no jũgo, se lançarão ou tros ao mar, & estes muyto feridos. E assi como estes forão desbaratados, a codio logo a Iorge botelho, & ambos de dous com sua gente tratarão os imi gos de maneyra que não escaparão se não algũs muyto feridos q̃ se deitarão ao mar, que com seu sangue se tornou logo vermelho: & assi como os dous jũ gos forão despejados, assi lhes foy po sto ho fogo: & ficãdo bem ateado, deu Fernão perez caça a Pateonuz que se hia acolhendo com os cinco jungos, q̃ lhe não ficauão mais de toda a armada que leuara. E dandolhe os nossos caça, deffizeranlhe todos os altos ás bõbar dadas: & indo Fernão perez pera ho abalrroar ja q̃ si noyte, deixasse vir hũa tormoada tão forte que os espalhou a to dos, & a nossa frota correo muyto ris co de se perder, principalmẽte as naos grandes que erã perto de terra, & sur girão em duas braças, & todas muyto espalhadas & assi os outros nauios: & os jungos dos immigos tambem surgi rão, & assi Iorge botelho que lhes hia mais perto que todos. E ao outro dia se achou sô coeles, porque Fernão perez & os outros esgarrarão muyto, & como foy manhaã Iorge botelho se pos a pe lejar com os jũgos que tinhão cercado ho de Pateonuz, & queymou os, & me teos no fũdo sem lhes valer frechadas sem conto que lhe tirarão, & quisera fa zer outro tanto ao de Pateonuz, & nã pode por lhe falecer a poluora, do que ele tirou hũ estormento pelo escriuão do galeão, pera que se soubesse que ho jungo não se deixaua de queymar por sua culpa, & não aferrou coele por ser tão alto como disse que era: & ainda q̃ ho não fora, fora doudice aferrar com vinte homẽs que ele teria ou pouco ma is, com passante de mil homẽs que an darião no jungo. E feyta a diligencia q̃ digo pera sua honrra, tornouse a Mala ca, onde Fernão perez chegara aquela manhaã cõ a frota, & ainda estaua na ilha das naos, & dizendolhe Iorge bo telho como deixaua ho iũgo de Pateo nuz, & que hia por poluora pera ho a cabar de queymar, mandoulha dar & logo se Iorge botelho partio em busca do iungo, que não achou, porque tanto que ele foy ido logo veyo gente da ter ra & tirouho á toa pera ho alto. E dali se foy Pateonuz não leuando mais jũ gos que aquele de sesenta que leuara de sua terra, a fora os nauios de remo, que tudo foy queimado & morta a mais de sua gente, que forão bem oyto mil ho mẽs, & ele foy ferido: & ainda aquele jungo hia tão arrombado de bombar dadas que escassamente se podia ter so bre a agoa, & leuaranno com grandissi

motrabalho a ſua terra: & Pateonuz
ho mãdou varar,& ho teue ſempre bẽ
goardado,& quãdo outros ſeñores ho
vinhão ver & conſolar de ſeu deſbara
to lhe dezia que elle eſtaua conſolado,
porq̃ naquella viagẽ ganhara muyta
honrra,pois pelejára cõ a mais esforça
da gente que auia no mundo, & que ſe
ſaluara naquele jũgo, que ele teria ſem
pre goardado pera teſtemunho de ſua
honrra, que os Iaos ouuerão por tama
nha q̃ ainda agora falão neſte feyto,&
por ele ho fizerão deſpois rey de hũa
cidade chamada Adema. Eſſi que por
ſe Pateonuz ir ho não achou Iorge bo
telho,& não ho achando ſe tornou pa
a ilha das naos,& ſe foy dali cõ Fernão
perez aa fortaleza,com os outros capi-
tães & gente que fora na peleja,de que
forão mortos muy poucos. E chegados
aa fortaleza,foy Fernão perez recebi-
do,aſſi dos noſſos como dos da terra,
com tanta honrra & alegria que mais
não podia ſer,porq̃ coeſta vitoria fica
rão todos liures de guerra & de fome,
& com muyta abaſtança. E porq̃ a for-
taleza ficaua ſegura,& ſe acabaua ho
anno que Fernão perez prometera ao
gouernador de ficar em Malaca,& por
eſtar deſcõtente de Ruy de brito,par
tioſe pera a India no mes de Ianeiro de
mil & quinhentos & treze,& forão cõ
ele Lopo dazeuedo no ſeu nauio,& An
tonio dabreu em ſanto Antonio,& na
ſua nao foy coele Vaſco fernandez cou
tinho por ſer deſfeyto ho ſeu nauio,&
a capitania mõr do mar ficou a Ioão lo
pez daluim.

Capit.ciij. De como ho gouernador diſſe a ſeus capitães que auia dir a Adẽ: & de como ſe partio.

HO gouernador que
eſtaua em Goa fazẽ
do a fortaleza no paſ
ſo de Benaſtari, lhe
acabou a cerca em to
do Ianeyro de mil &
quinhentos & treze:& aſſi acabou hũa
torre de quatro ſobrados toda de cãta
ria com ſuas goaritas em cada quadra,
& outra torre pegada neſta,que ficaua
daltura com ho ãdar do ſeu primeyro
ſobrado,& eſtaua ſobre ho rio, & era
enmadeyrada ſobre groſſos piares,&
cuberta a modo deirado que fazia ro-
ſto aa terra firme pera õde jugaua a ar
telharia groſſa,& ao pẽ da torre gran-
de eſtaua hũ poço dagoa. E aſſi mãdou
edificar outra torre em Pangim, de q̃
as paredes parecião ſobre a terra,& ou
tras no paſſo de Noroa & no paſſo ſe-
co. E tẽdo ho gouernador iſto neſte põ
to,ſabendo que vinha dõ Garcia,em-
barcouſe pera hirẽ ao mar roxo,& deſ
pois de ele vido fez ainda detẽça obra
de cinco dias,em que deſpachou a hũ
Franciſco nogueyra,& a Gonçalo mẽ-
dez que fora feytor de Cananor pera
q̃ foſſem ãbos de dous aſſentar a paz
cõ el rey de Calicut & lhes dar fortale-
za como ho principe tinha dito a dom
Garcia. E partidos eſtes tendo ho go-
uernador juntos os ſeus capitães na ſua
nao,lhes diſſe que as couſas que ele ti-
nha por regimento del rey,não as auia
de poer em cõſelho ſe as faria ou não,
& por iſſo lhes noteficaua que a deter-
minação del rey ſeu ſenhor era q̃ foſſe
a Adem pera a tomar ſe podeſſe,& deſ
pois entrar ho eſtreyto de Meca. E cõ
tudo ſe ouueſſe algũs incõueniẽtes pa
aquela ida que lhos diſſeſſem:todos diſ
ſerão que não ſentião nenhũ,mas que
era neceſſario fazer aquela viajem que

el rey mãdaua que se fizesse, & assi ho assinarão em hũ auto que se disto fez, & despois se tornarão os capitães aas naos & nauios da frota, q erão dezoyto com hũa carauela. E os capitães a fora o gouernador, erão estes, dõ Garcia de noronha, Manuel de lacerda, Lopo vaz de sam Payo, dom Ioão de lima, dõ Ioão deça, Pero dafonseca de crasto, Simão velho, Fernão gomez de lemos, Ayres da silua, Simão dandrade, Antonio raposo, Duarte de melo, Ruy galuão, Iorge da silueira, Garcia de sousa, Diogo fernandez de beja, & Ioão gomez cheira dinheiro. E hião nesta frota mil & sete cẽtos homẽs Portugueses, & mil Canarins & Malabares: & deixaua ho gouernador quatro centos dos nossos ẽ Goa a fora os da terra, & seys fustas no mar, & por capitão môr delas Ioão machado, & na fortaleza de Benastarim por alcayde môr Ruy pereyra, & assi ela como a de Goa muy bem basticidas dartelharia. E ao outro dia despois deste conselho que digo, q era em Março de mil & quinhentos & treze, se partio da barra de Goa leuãdo a rota do cabo de Goardafũ, & por achar bonanças no Golfam, se deteue mais dias do que leuaua gizado, pelo q lhe faleceo a agoa, & por isso a foy tomar a çacotorá, dõde algũs mouros fartaquis que hi estauão fugirão cõ medo da nossa frota. E antes que ho gouernador surgisse, mandou a Ioão gomez q fosse espiar a ponta de Calancea se auia nela algũ barco de Fartaque, pera que ho tomasse por não ir dar noua de sua ida ou algũa nao do estreyto, q fizesse hi agoada. E tornandose Ioão gomez sẽ achar nada, topou hũa nao de Chaul que hia pera ho estreyto, q ho gouernador reteue pera se ajudar do seu piloto na carreyra Dadem porque ho não leuaua. E porque ele sabia camanha cousa era Adem, & quão prestes tinha ho socorro, quis ir dali determinado no modo que auia de ter no combate, porque pouco mais ou menos tinha enformação do sitio Dadẽ: & ajũtando seus capitães, lhes disse. Todos señores sabeis que em muyto mór medo põe ho perigo que se não espera, que aquele pera que homem vay apercebido. Isto digo a proposito da cidade Dadem q himos cometer, do que seus moradores estarão bem descuydados, porque de lhes parecer que na India teremos muyta ocupação, estarão descuydados da nossa ida: & quãto menos apercebidos esteuerem parela, tanto mayor espanto terão de nossa chegada, q como louuado seja nosso señor tem noua de quanto nos ajuda na India, hão de crer que pois os himos buscar, que auemos de fazer a eles o que fizemos a outros, E coeste credito muyto môr medo nos hão dauer se os cometemos em chegãdo do que auerão se ho dilatarmos, porque auẽdo dilação pode ser q entrarão em si, & conhecerão q sam homẽs, & que tẽ armas offensiuas & defensiuas, & quererão prouar dita, & mais tendo ho socorro tão perto que lhe não tardara nada. E por isso não auendo algũ impidimento que nolo impida, logo em chegando lhe ponhamos as mãos, ou polas portas com vay & vẽs se as fecharem, ou polos muros a escala vista. E assentado isto se partio, & em saindo de çacotorá, lhe deu hũ temporal de vẽto sul & sueste muy grande, em tãto q as nossas naos cõ a força dele perderão os catures que leuauão por popa, & forão assi ate aferrar a terra da costa do cabo de Goardafum pera dentro. E co-

ſteando dali foy a frota auer viſta Dadem.

¶Capit.ciij.Do ſitio da cidade Dadẽ & de ſua nobreza,& de que ſenhorio he.

QVe hũa cidade porto de mar na coſta Darabia trinta legoas das portas do eſtreyto de Meca,& eſtá ẽ doze graos da bãda do norte,a ſua cerca era então mayor que a Deuora,& a pouoação de dẽtro do tamanho de beja.Era muyto fermoſa de caſas altas de ſobrados & terradas porcima, de muytas genelas & chaminês a noſſa maneyra,& tudo acafelado de geſſo.E aſſi os muros,torres, cobelos & baluartes, pelo q̃ ſe parece de longe.Eſtá quaſi como em ilha ſituada ao pé de hũa ſerra q̃ vẽ do ſertão acabar no mar,& he talhada a piq̃ & nela çarrão os muros da cidade,& a ſerra por ſua fortaleza,eſcuſa ali tanto lanço de muro quanto ela ocupa,& por iſſo ho não ha ali: & deſta banda eſtauão duas torres & hũ baluarte bẽ artilhados.Eſta ſerra que digo ſe chama aizina & he toda de pedra ſem nenhũa aruore nẽ herua,ao pé dela ſe faz ho porto da cidade,em que geralmente ancorão as naos eſtrãjeiras & chamaſſe focate.Tẽ mais neſte porto ao pé da meſma ſerra hũa ilheta q̃ ſe chama Cira, & a traueſſa dela hũ molde ao porto q̃ lho abriga dos leuantes,& no cabo deſte molde tẽ na terra firme hũ baluarte muy forte:& eſta ilha não tem agoa. Tem eſta cidade duas portas, hũa da bãda do ſertão outra da bãda do mar, tem outro porto q̃ ſe chama Hugufu detras deſta ſerra da banda do leuante abrigado de todos os ventos & de boõ fundo, mas não he de tanta ſeruentia como ho de focate:& deſta banda ſaẽ do mar hũ eſteyro cõ que a cidade fica quaſi em ilha,porq̃ ho eſteyro não ſe torna ao mar,mas fazſe em alagoas per hũ campo,per que atraueſſa hũa grande eſtrada a cidade,& ho eſteyro tem hũa ponte grande & fermoſa por onde ſe ſerue a cidade da terra firme,q̃ ſe chama Zebid,onde ho xeque Dadẽ eſtá ho mais do tẽpo. Deſte porto de Hugufu a duas legoas defronte da ſerra Dadẽ eſtá hũa aldea chamada Rubaca,em que auerá dezaſeys poços dagoa,donde vay por canos cayr em hũ grande tanqne hũa legoa da cidade,& não ha nela outra pa beber ſe não eſta porque he a terra tão quẽte & ſeca que logo ſe faz dous tres ãnos que não choue,ſe não ſe ha algũa toruoada.Pela cumiada deſta ſerra daizina eſtão muytos caſtelinhos q̃ parecem do mar, & ſam tantos que parece que forão mais pera fermoſura da cidade que pera fortaleza,& fazenſe neles fogos de noyte quãdo ha immigos,pera que ſocorrão da terra.E com quanto eſta terra he ſeca,a cidade he muy abaſtada de mantimentos.ſ.carnes, trigo, fruytas como as noſſas,arroz que lhe vay da India, & he ho ſeu porto de grãde eſcala,pricipalmente deſpois que os noſſos ganharão a India,porq̃ as naos do eſtreito de Meca cõ medo das noſſas armadas não podião nauegar em ſeu tẽpo verdadeiro,& por ſer tarde quãdo tornauão da India não podião entrar ho eſtreyto & ficauão em Adem,& por iſſo ſe forão hi morar muytos mercadores de Iudá, & coeſtes & com os que dantes morauão ſe fez de grande trato & ha ſempre no ſeu porto muytas naos de Iudá que lhe leuão cobre,azougue, vermelhão,coral,panos de ſeda & de

laã,& assi de Barbora & Zeyla com ouro & marfim,& do Malabar com especiaria & droga,de Cambaya cõ roupa dalgodão & muytas cousas ricas. He pouoada de mouros & dalgũs judeus, sam todos brancos,assi homens como molheres,& comunmente bem despostos,falão lingoajẽ Arabica:he gẽte muyto viciosa & mimosa,& tratasse muyto bem no comer & no vestir,vestẽse de panos dalgodão muyto finos, & de seda & de laã,não sam pera fazer guerra fora de suas casas,mas se os cometem defendẽse bem:os fidalgos andão a caualo,porque ha antreles muytos & muyto bõs,& assi camelos de q̃ se seruem nos seruiços de casa. Tem senhor sobre si,que se chama Xeq̃,grão senhor de terras & de tesouros,estaua sempre no sertão,como disse em boas cidades. E em Adẽ tinha hũ gouernador de nação Abexim chamado Mira mergena valente caualeyro com muyta gente de guerra.

Capit.ciiij. De como ho gouernador surgio no porto Dadẽ,& se apercebeo pera a combater.

Despois do gouernador auer vista Dadem,que foy á quinta feyra da cea á noyte. Ao outro dia que foy sesta feyra dẽdoenças ao meyo dia,chegou ao porto,& com quanto hia determinado,que em chegãdo se lhe desse combate,não pode ser por vẽtar logo tanto leuante,& tão rijo que as nossas naos corrião risco,& mais porque não poderão entrar no mais abrigado do porto,por amor das naos q̃ ho tinhão ocupado,assi estranjeiras como naturais,que serião bẽ sessenta. E por isso aos nossos lhes conueo surgir quasi fora do porto,& com a tormenta que fazia se deteuerão hũ pedaço em segurar a frota das amarras,que naos ouue hi que se não segurarão cõ menos de quatro ancoras. E esta tormenta & detença,começou de ser causa de se não tomar a cidade,porque se a cometerão em chegãdo,estauão os mouros tão medrosos da supita vinda dos nossos que se não ouuerão de defender,nem sômente tinhão portas à porta q̃ estaua da bãda do mar. E como Mira mergena vio q̃ ho não cometião,mandou logo pedir socorro aa terra firme,& fortaleceose ho melhor q̃ pode. E pera antreter ho gouernador com enganos de paz,despois dacalmar ho vento,mandoulhe preguntar per hũ mouro de Cananor quem era,& que queria. E ho gouernador lhe respondeo que era capitão geral,& gouernador da India por el rey de Portugal,& q̃ vinha ali pera poer aquela cidade a sua obediẽcia,& despois ir buscar os rumes a Iudá & a çuez pa pelejar coeles,por q̃ lhe dizião os mouros da India q̃ fazia lá ho Soldão hũa armada pera a mãdar â India cõtra os Portugueses,& por lhes escusar trabalho & saberem quão pouco os temia os hia buscar. E ho gouernador deu assi esta reposta,porque sabia que os mouros sam muyto rebolões,& hão grãde medo de feros. E Mira mergena algũ tanto ouue medo destes,& mãdou hũ presente ao gouernador de carneyros, galinhas & muytas fruytas,dizendo q̃ a cidade era del rey de Portugal,& que se auia de fazer nela tudo quãto ele quisesse. Ho gouernador pera mais assombrar os mouros,& os prouocar a se lhe entregarem,fez que não queria tomar ho presente,dizendo q̃ os não auia de

tomar ate não assentar amizade. E por ho messejeiro de Mira mergena apressar que ho tomasse, & que desse a amizade por assentada: o gouernador lhe disse que oulhasse bem o q̃ dizia, porq̃ cõ aquela cõdição tomaua ho presente & q̃ assi ho dissesse a Mira mergena & que se ele estaua a obediẽcia del rey de Portugal que abrisse as portas da cidade, & recebesse sua bãdeira & gẽte, porque assi ho fazião os reys & senhores da India. E mandou dizer aos mercadores estranjeiros & naturais, senhores das naos que estauão no porto que se viessem pera suas naos, & que lhes daua seguro, & lhes faria tornar o que lhe os nossos tinhão ja tomado, E isto lhes mandaua dizer pera os tirar fora da cidade & ficar menos gente a Mira mergena, porque vendose com pouca se ẽtregasse mais asinha. E porẽ como ele andaua com enganos, respõdeo ao gouernador, q̃ como ele estaua naq̃la cidade por mão do Xeque, cujo gouernador era, não a podia entregar sem fazer coele algũ comprimento, q̃ ja lho tinha mãdado dizer, & que entre tãto lhe pedia q̃ se vissem ambos na ribeira da cidade cada hũ com vinte homens. E os mercadores respõderão que se as suas naos não forão ja entradas dos nossos que eles se forão parelas, mas pois ho erão q̃ melhor estauão na cidade. E logo pareceo ao gouernador nestas repostas, que os recados passados de Mira mergena erão dissimulações. E porque era tarde & não auia tempo pera nada, quis tambem dissimular coele: & respondelhe que era escusado verense ambos, se não dentro na cidade, & aos mercadores que lhes prometia de lhes mandar tornar tudo quanto dissessem q̃ lhes faltaua, por isso que não deixassem de ir pera suas naos. E como Mira mergena vio que por aquele dia ho gouernador não podia cometer a cidade, & que tinha tempo pera se fortaleecer, escreueo logo hũa carta pera ho desenganar, em q̃ dizia que os mercadores naquela terra fazião o que ho senhor dela ou seu gouernador lhes mãdaua, & por isso a cada hũ deles & não aos mercadores auia descreuer, q̃ eles lhe responderião, & que mal podera ele cuydar q̃ indo os frangues pera tomar Adem, se auião de contentar dhũs poucos de paos. E entendendo ho gouernador por esta carta que auia de tomar a cidade por força, chamou acõselho os capitães da frota somẽte, & disselhes. Pois nosso senhor por sua piedade nos quis fazer tamanha merce, q̃ fossemos os primeyros Portugueses que cometamos esta cidade, rezão he q̃ confiados em sua misericordia nos esforcemos, & façamos de maneyra que se não possa dizer por nos, que se outros vierão ho fizerão melhor, & se assi ho fizeremos vingaremos as brasfemias com q̃ estes perros offendem a magestade diuina, & ganharemos fama, & aquiriremos proueito com tão boõ seruiço, como sera ganhar hũa cidade tão populosa, escala de toda a nauegação dos mouros do mar roxo, & chaue de toda a fortaleza do estreyto, que tomada tira toda a esperança ao Soldão de mandar armadas aa India, & a nos de todos os sobre saltos em q̃ nos põe cada dia a vinda dos rumes, & tirara a esperança dela aos mouros da India, & acabarão de se entregar por vassalos del rey meu senhor, no que receberemos grande descanso com ficar liures do trabalho da guerra: & pois acabada esta que temos antre as mãos se acaba pera nos tanta

fadiga, posto que agora a leuemos cõ pelejar não nos pareça se não descanso pois coela ho alcançamos:& toda nossa vitoria consiste ẽ pelejarmos tambẽ q̃ ganhemos a porta da serra,& se a nã ganhamos não fazemos nada, porque como somos poucos,& ho socorro dos immigos esta certo ser muyto endemasia, tendo esta porta por sua tornarão a entrar facilmente,& por força nos hão de fazer recolher aas naos,& se lhe tomamos esta porta por mais q̃ venhão leuemente lhe defenderemos a entrada pola fortaleza do lugar por onde ha de ser. Por isso senhores vos peço muyto que isto leueis na memoria, despois de vos lembrar que pelejais por amor de nosso senhor. Todos responderão que assi ho farião,& que com sua ajuda esperauão de poder acabar aquele feyto,& que do mais tinhão confiança em sua piedade que proueria tudo como era necessario. E ali se assentou que a cidade fosse cometida pela banda do mar, que era hũ lanço de muro tamanho como da porta doura de Lisboa ate a da ribeyra.& que os capitães fossem repartidos em duas partes,& hũa em que entrarião Manuel de lacerda, Ayres da silua, dom Ioão de lima, dom Ioão deça, Garcia de sousa, Iorge da silueira, Duarte de melo, Antonio raposo, Ioão gomez cheira dinheiro,& Ioão fidalgo capitão da ordenança, hirião com ho gouernador & escalarião a cidade pela parte que digo. E os capitães que ficauão, que erão Simão dandrade, Diogo fernandez de beja. Lopo vaz de sam Payo, Ruy galuão, Pero da fonseca de crasto, Simão velho & Fernão gomez de lemos irião com dom Garcia,& em os que fossem com ho gouernador começando descalar, cometerião a porta da cidade, que estaua pera ho mar, neste lanço por onde auia de ser ho combate,& alem desta porta escalaria Ioão fidalgo coma sua gente da ordenança:& tanto que sobissem ao muro, trabalhasse logo por ganhar a serra. E não pareceo bẽ que a cidade se escalasse por mais partes q̃ por esta, porque os nossos erão poucos como disse & tinhão poucas escadas,& por muytas partes não poderão dhũ golpe poer gente no muro que corresse por ele sem medo & decesse à cidada, o que seria ao contrayro escalando por aquela sô parte, E isto assentado, entẽderão todos em se confessar:& nesta noyte ou na passada fugio da cidade hũ Abexim Christão, que fora catiuo dos mouros indo em romaria pera Ierusalẽ,& estaua em Adem. E deste soube ho gouernador que Mateus ho embaixador do preste que na India dizião, que ho nã era, se não espia do Soldão, q̃ era homẽ em que a mãy do preste tinha muyta confiança,& q̃ ho mãdaua cõ recados a muytas partes. E assi lhe deu muyta enformação do preste & de seu senhorio. E como estaua catiuo nã lhe soube dizer nada do que os imigos determinauão, se não affirmar lhe que se os nossos pelejassem bẽ que a tomarião:& assi era, porq̃ Mira mergena se soube despois que estaua desconfiado dos seus ho ajudarem,& toda sua confiança tinha nos estranjeiros,& assi lho disse,& os animou pera a peleja, lembrãdolhe quão pouco duraria sua ley naquelas partes se os nossos tomassem a cidade,& que muy cedo tomarião a casa de Meca & a destruyrião, o que seria muy grande desonra de sua ley. E assentou coeles que toda sua força fizessem em defender a serra, onde

ſe recolherião ſe os noſſos entraſſem à
cidade,& que dali ſe reſtaurarião com
ho ſocorro que eſperauão, & fizerão
tranqueyras nas bocas das ruas q̃ ſayão
pera a ſerra,em que aſſẽtarão artelha-
ria,& aſſi taparão a porta do mar com
lemes de naos,tamanha era a preſſa q̃
não poderão com mais,& eſperarão o
que os noſſos farião.

Capit.c v. De como a cidade Dadẽ foy leſcalada pelos noſſos, & do que hes acontoceo.

AO outro dia ante mã-
nhaã,que foy veſpora
de Paſcoa,ſe ẽbarcou
ho gouernador cõ to-
dos os capitães & gẽte
da frota,& em rompẽ
do ho dia abalarão pera a cidade,& hũ
capelão do gouernador que hia coele
no ſeu batel leuaua veſtida hũa ſobre-
peliz,& nas mãos aruorada hũa cruz
de prata com hũ crucifixo,& dezia al-
to como aquela imagẽ que vião repre-
ſentaua a de Deos verdadeyro crucifi
cado por lhes dar a gloria do paraiſo,
por iſſo ſe deuião desforçar pera exal-
çar ſua ſctã fe,& aſſi outras couſas cõ
que mouia todos a deuação,& coiſto
chegarão a terra,em que poiarão ſem
nenhũ trabalho,porque os immigos
eſtauão todos recolhidos na cidade,&
algũs aparecião ſobre ho muro,mas
tão poucos que não abaſtauão pera re
ſiſtir aos noſſos,que coiſto receberão
muyto grande danno,porque os capi-
tães que hião ordenados pera eſcalar,
ou por cobiça da gloria da primeyra
entrada na cidade,ou por ſe prezarem
mais de bõs caualeyros que de bõs ca-
pitães quiſerão ſobir primeyro que a
ſua gente.E ho primeyro que pos a ſua
eſcada no muro foy dom Ioão de lima,
& logo ſobio por ela com hũ paje ſeu
chamado Diogo eſtaço natural Deuo
ra que lhe leuaua ho ſeu guião,& hia
diante dele.E vendo os mouros q̃ eſta-
uão ſobre ho muro ſobir eſtes dous a-
codirão logo ali,& começarão de lhes
tirar muytas frechadas,zagunchadas
& pedradas:& de tudo iſto foy morto
Diogo eſtaço,& dom Ioão ferido de
ſeys feridas & piſado de muytas pedra
das,pelo q̃ ninguẽ quis ſobir a pos ele.
E vendo que ninguem ſobia & que ſó
não podia reſiſtir aos que lhe cõtraria
uão tornouſe a decer,bradando ſe auia
algũs caualeyros que quiſeſſem ſobir
por aquela eſcada & pos ſe ao pé dela.
Acodio então dom Garcia de noronha
& diſſe que ele queria ſobir:o que lhe
dom Ioão eſtoruou, dizendo que não
era bem que ſobiſſe,porque acontecẽ-
dolhe algũ deſaſtre ſe pderia muyto,
& por iſſo não ſobio dom Garcia & ſo
birão outros.Neſte tempo tinha ja ſo-
bido ao muro Iorge da ſilueira, q̃ foy
ho ſegundo que ſobio a pos dom Ioão
& hũ criado ſeu coele,& ſobio ſẽ cõtra
dição por os mouros q̃ eſtauão ſobre
ho muro eſtarem afaſtados daquele lu
gar onde ſobio, & logo aruorou ſeu
guião,dizendo. Vitoria, vitoria. E os
noſſos que tinhão poſtas as eſcadas al-
uoraçaranſe tanto vendo ho ſobre ho
muro,que começarão muyto de preſſa
a ſobir por elas,& ſobio logo dõ Ioão
deça,& coele Gaſpar cão & hũ Iorge
dorta & outros ate oyto homẽs:& iſto
ſem reſiſtencia,por ſer perto donde ſo
bira Iorge da ſilueira.E com quanto os
mouros que eſtauão no muro erão pou
cos,não fugirão logo em vendo ſobir
os noſſos,antes reſiſtião muy fortemẽ
te,pricipalmẽte ō de ſobião Manuel de

lacerda & Ioão gomez cheira dinheiro
& forão feridos algũs dos nossos, antre
os quais foy Antonio ferreyra fogaça,
q̃ foy derribado da escada abaixo. E co
mo os capitães erã os primeiros q̃ sobiã
& a sua gẽte ficaua sem quẽ os mãdas-
se, começa dauer tamanha desordẽ no
sobir, & carregar tanta gẽte sobre as es
cadas q̃ começarão de quebrar, & a pri
meyra foy a de Garcia de sousa, ido ele
tão ꝑto do muro que sentindo quebrar
a escada lançou as mãos a ele & ficou de
pẽdurado. Ho gouernador estaua ali
muyto agastado de ver a desordẽ dos
capitães no sobir, & assi de sua gẽte, bra
dando a todos q̃ se não desordenassem
porẽ aproueitaua pouco, q̃ ho aluoroço
dos nossos era tamanho, & assi a desor
dẽ, que nem dauão polos brados do go
uernador nẽ polas pancadas q̃ daua ꝑa
meter a gente em ordẽ. E vẽdo ele que
brada a escada de Garcia de sousa, mã
doulhe acodir cõ outra por onde se de
ceo: & Garcia de sousa não quis tornar
a sobir ao muro por escada & foyse ao
longo dele, & logo hi ꝑto estaua hũ co
belo q̃ tinha hũa bõbardeira rasteira
cõ hũa bõbarda q̃ Garcia de sousa cõ
outros da sua nao afastou & entrou por
ali coeles, q̃ serião ate seséta homẽs, & a
possouse do mesmo cobelo cõ determi
nação de se fazer ali forte ate ẽtrar ma
ís gẽte, pera q̃ feytos em corpo decessẽ
à cidade & pelejassem com os mouros
q̃ parecião muytos & estauão recolhi
dos pera a bãda da serra sem ousarẽ ate
então de resistir aos nossos, q̃ como di
go se apressauão muyto a sobir polas
escadas sem dar pelo q̃ ho gouernador
lhes dizia, q̃ temẽdo o q̃ foy mandou
aos alabardeiros da sua goarda q̃ poses
sem as alabardas por forquilhas de bai
xo das escadas pera as ajudarẽ a soster
q̃ não quebrassem, mas tudo isto não a
proueitou nada, & as escadas q̃brarão,
& quebrarão as alabardas & os alabar
deiros cayrão debaixo da gẽte, de que
hũs forão escalaurados outros pisados,
& cõ tudo aleuantaranse logo. E neste
tẽpo quebrou tambẽ a escada dos da or
denança, tendo ja sobido sobre ho mu
ro Anrriq̃ homẽ hũ dos seus capitães
cõ obra de cẽ homẽs, & Ioão fidalgo
ho outro capitão estaua ao pẽ do mu
ro, a q̃ ho gouernador logo mandou q̃
fosse ao lõgo dele contra a serra, & tra
balhasse por sobir a ela, & dali decer à
cidade, õde se ajuntaria cõ Anrriq̃ ho
mẽ que tambẽ hia pera la. E mandan
dolhe ho gouernador isto, tornou so
bre os nossos onde quebrarão as esca
das, & achou de posse do cobelo a Gar
cia de sousa & cõ seu guião leuantado:
& assi outros polo muro q̃ estauão en
cima qñdo as escadas q̃brarão, q̃ forão
Vicẽte dalbuquerq̃, Ruy palha de Sã
tarẽ, Ioão gõçaluez de castelo branco,
Manuel da costa feytor das ꝑsas, Ioão
datayde, & dõ Aluaro de crasto. E os
nossos muyto aluoroçados q̃ carrega
uão todos ao pé do cobelo pera entrar,
& porq̃ não cabião pola bõbardeira,
mandou ho gouernador destapar ou
tra tambẽ rasteira q̃ estaua no muro a
partada desta tãto espaço quãto ocupa
ua a roda do cobelo: & por esta q̃ ho go
uernador mandou abrir aparecerão
muytos mouros ẽ hũ terreyro q̃ se ali
fazia, a q̃ ho gouernador mãdou logo
tirar pelos besteiros & espingardeiros q̃
os fizerão afastar pera hũa ilharga, &
os nossos começarão dẽtrar, & ho pri
meyro foy ho clerigo q̃ leuaua a cruz,
pedindo a todos por amor de nosso se
nhor q̃ entrassẽ, & logo entrarão. Ay
res da sil[illegible], Antonio raposo, Duarte

de melo com ate cor ẽta homẽs. E nisto chegou ali dõ Garcia, q̃ indo cometer a porta q̃ lhe era encomẽdada q̃ comettesse, achou as portas muy bẽ fechadas q̃ não erão fortes, & tinhão hũas gretas porq̃ se via o q̃ estaua dẽtro, q̃ era pouca gẽte, nẽ em duas torres q̃ goardauão a porta dhũa banda & da outra. Bradarã então os capitães por hũ vay & vẽ que dõ Garcia mandara leuar pa quebrarẽ a porta, & os q̃ ho leuauão po serão tão pouca diligẽcia q̃ quãdo chegou tapauão de dẽtro a porta de pedra & barro sem os nossos poderẽ estoruar q̃ a não tapassẽ, & nas torres & sobre ho muro auia muytos mouros q̃ derribauã de cima grãdes pedras, & cõ hũa derribarão a Simão dãdrade: & assi se acabou a porta d etapar. O q̃ vẽdo dõ Garcia, & parecẽdolhe trabalho perdido estar ali mais, por lhe nã matarẽ os nossos se foy õde estaua ho gouernador, rogando aos capitães & à outra gẽte q̃ estaua hi toda jũta q̃ entrassẽ pola bõbardeira q̃ mãdara abrir, & dõ Garcia tambẽ lho ajudou a rogar, mas nenhũ dos capitães quis ẽtrar. E a causa disso, foy porq̃ dõ Garcia não entraua, q̃ mostraua q̃ era capitão mór & eles capitães pequenos, & ouuerão isto por tamanha desonrra q̃ não quiserão entrar. & se dõ Garcia entrara, eles ẽtrarão. E ho porq̃ tambẽ deixarão dẽtrar, foy com enueja de Garcia de sousa q̃ entrou primeyro q̃ todos, & se se tomara a cidade, ele ouuera de leuar toda a hõrra, & não querẽdo entrar, não quis ẽtrar a outra gẽte, q̃ se entrarão a cidade fora tomada, porq̃ segũdo parecia os mouros não ousauão de bolir consigo. E bẽ se vio, porq̃ despois dentrarẽ Antonio raposo, Ayres da silua cõ outros que disse aida q̃ erão poucos, nã ousarão os mouros de os cometer. E esperando Ayres da silua q̃ entrasse mais gẽte pera se fazer em corpo & dar nos mouros q̃ ali parecião polas bocas das ruas que erão muytos, posse naq̃le terreyro q̃ se fazia diante do cobelo em q̃ estaua Garcia de sousa, & vẽdo q̃ tardaua a gẽte em entrar, requereo a Garcia de sousa que decesse do cobelo & se ajũtassẽ todos, & darião nos mouros. E ele lhe pedio q̃ sobisse & q̃ se farião fortes naq̃le cobelo ate entrar mais gẽte, porq̃ assi ho fizera ho cõde de Monsanto na tomada Darzila, & q̃ isto seria melhor que irẽ cometer os mouros sendo tão poucos, pois dali a pouco os podião cometer sendo muytos, & estaua mais certo desbaratalos do q̃ então estaua. E Ayres da silua não quis, o q̃ tambẽ foy causa de se a cidade nã tomar. E em quãto estauão nestas praticas polos rogos q̃ dõ Garcia fazia à gẽte q̃ entrasse, pois os capitães não querião entrar, hũ homẽ que tinha ho guião de Manuel de lacerda (cujo nome não pude saber) fincou a lança na area, & arrãcãdo da espada, & embraçãdo a adarga, disse q̃ lhe dessẽ lugar q̃ queria ẽtrar, & entrou, & apos ele entrarão hũ Ioão de meira & frey Christouão çarnache, caualeyro da ordẽ do spirital de sam Ioão de Ierusalẽ, q̃ agora he comẽdador de Poiares jũto de Lamego, Baltesar mõteiro do porto, Anrriq̃ figueyra filho dhũ alcaide de Lisboa, & Ioão de caminha q̃ agora he vẽdor da ifante dona Isabel: & estes erão da capitania de Manuel de lacerda, q̃ nã quis ẽtrar coeles nẽ entrou mais ninguẽ. E cuydando eles que entrassem, passarão auante, & forão dar Santiago nos mouros, assi Ayres da silua & os outros que estauão coele, & então deixarão de tirar os nossos espigar

deiros & besteiros porque os não mataßem. E cuydando os mouros que entraßē mais dos noßos, deixauãse estar com quanto erão muyto mais que eles, & defendianse dali muy bem, & os noßos matarão algũs deles, a fora muytos que os espingardeiros & besteiros tinhão mortos pola bõbardeira. E estãdo nisto, Anrrique homē que ficou no muro com os q̃ diße da ordenança foy correndo por ele ate chegar à serra onde sobio pera decer à cidade, & os mouros que estauão nela ho não deixarão, & resistiranlhe tão fortemente cõ frechadas, & galgas que deitauão pela serra abaixo q̃ ho fez fugir cõ lhe matar algũa gente, & tão desmandada vinha que desbaratou a de Ioão fidalgo que queria sobir, & aßi hũs como os outros se desordenarão de maneyra que aida que ho gouernador acodio pera os fazer tornar à sobir nunca pode. E entēdēdo Mira mergena ho desbarato dos da ordenãça que hião cometer a serra, & que nem polo muro nem polas bombardeiras não entrauão dos noßos mais que os que diße, ouue os que estauão dētro por perdidos: & armado de hũa saya de malha & de hũ capacete encima de hũ caualo, ajũta dos seus hũ boõ golpe pera ir sobre os noßos. E paßando polo pé do muro onde estaua Iorge da silueira, como ho muro da parte de dentro não era daltura dhũ homem, lançou hũ mouro mão da haste do seu guião & leuouho: o que vēdo Iorge da silueira como era caualeyro de muyto esforço, lançouse logo do muro abaixo antre os imigos pa cobrar o seu guião, & começou de ferir neles, em que fez muyto pouco danno porque acodio logo Mira mergena, & encontrouho cõ ho caualo & derribouho, & ali foy morto: & tambē ho ouuera de ser dõ Ioão deça q̃ estaua abaixo do cobelo de Garcia de sousa, & saltou em baixo pa lhe acodir, & quando ho vio matar retirou se pera ho muro, dondelhe deu a mão hũ bombardeiro chamado Gales, que ho ajudou à tornar a sobir, & dali se defendeo com outros algũs dos mouros que ali ficarão pelejando coeles. E Mira mergena paßou auante & deu em Ayres da silua & nos outros noßos que estauão pelejando com os seus que cobrarão coração com a vinda de Mira-mergena, & derão tão rijo nos noßos que os fizerão retirar pera ho pē do cobelo onde estaua Garcia de sousa, & neste retirar forão muytos dos noßos feridos, principalmente Ayres da silua, que dizem que ficou quaſi sem acordo & Ioão de meira, a quem quaſi decepa rão hũa perna, & Ioão de caminha ouue hũa frechada em hũ dedo da mão dereyta de que despois ficou aleijado, & ficarão tão mal tratados q̃ se os mouros apertarão coeles ouuerãnos de matar a todos, mas não ousauão de se chegar muyto porq̃ ficauão descubertos da bombardeira por õde lhe os noßos espingardeiros & besteiros q̃ estauão de fora tirauão. E Garcia de sousa que estaua no cobelo, nē os outros que estauão sobre ho muro nã lhe podião acodir, porque tinhão bē que fazer em se defender dos mouros q̃ neste tpo os aptauão muyto cõ frechadas & pedradas, & eles lhe nã podião fazer nenhũ nojo porq̃ não tinhão lãças, q̃ como auião descalar não as leuauão, & tambē erão tantos, & ho cobelo tão peq̃no q̃ se nã podião reuoluer, & nē podião valerse a ſi nē acodir aos q̃ digo, q̃ noßo señor saluou milagrosamēte d̄ nã serē todos mortos, porque estãdo neste cõ

flito, vendo os mouros que lhes não podião chegar cõ medo de se descobrir aos nossos espingardeiros, determinarão de os queymar, & foy com feixes de palha que algũs poserão nas pontas das lanças pera lhe chegarem de longe & se não descobrirem. E este ardil da palha inuentarão por não terẽ nenhũs artefícios de fogo, & ele foy o que fez saluar os nossos, porque posto ho fogo na palha foy tão grande ho fumo que se não vião hũs aos outros. E vendo os nossos como nosso senhor os ajudaua, sayranse com muyta pressa, & os muy to feridos leuão os outros aas costas & a rasto, & assi se saluarão com sua ajuda, que ele parece que foy o que ordenou que os mouros os quisessem queymar daquela maneyra, que doutra nenhũ ouuera de ficar viuo.

Capit. cvj. De como morreo Garcia de sousa & se saluarão os nossos que ficauão no cobelo.

Com tantas desordẽs, como polos peccados dos nossos aqui ouue pera não se tomar a cidade, ficarão os mouros tão vitoriosos que logo se ajuntarão todos diãte do muro & do cobelo, & cõ grãde furia chouiã sobre os nossos pedradas, frechadas & zagunchadas, que vendo como eles os não podião offender polas causas que disse, chegauanse a eles tão sem medo q̃ os ferião a bote de zaguncho. E Garcia de sousa preguntou ao gouernador (que bem via de fora ho aperto em q̃ ele estaua) q̃ faria, & por ele ser tão esforçado caualeyro como era ainda em tamanho perigo, não queria fazer cousa que se podesse chamar couardia, & por isso se não quis deitar do muro abaixo como algũs fizerão por lhe dizerem de fora que ho fizessem. E ho gouernador estaua tão agastado de perder assi hũa cidade, que por desordẽs perdera, que lhe não respondeo: & dõ Garcia ordenou cordas pera lhe darẽ com lanças atadas hũas nas outras perã se decer por elas com os seus. E vendo Garcia de sousa que lhe não respõdiã ho gouernador, parecendolhe que nã tinha saluação, quis antes morrer como caualeyro que como desesperado, lançandose do cobelo abaixo que era muyto alto, & tomando consigo a Gaspar cão, & a Diogo estaço Deuora tio do outro Diogo estaço, que leuaua ho guião de dom Ioã de lima, pos se diante de todos, & com grande furia lançarão mão dalgũs zagunchos dos immigos que lhes leuarão das mãos, & coeles se poserão por escudos dos outros, & certo que defẽderão que não entrassem os immigos coeles: & Diogo estaço foy ferido de hũa pedrada no nariz q̃ quasi lho quebrou, & ouuera de cayr da grande dor que sentio, & Gaspar cão foy ferido de hũa frechada per hũ hombro, a fora terem ambos as adargas empenadas de frechas, & assi Garcia de sousa, a que tambem derão hũa frechada na testa por debaixo da borda do capacete que lhe chegou aos miolos, & dela cayo morto. E neste tempo estaua ainda dom Ioão deça sobre ho muro, que se não quis deitar abaixo como os outros, posto que lhe dizião que ho fizesse em quanto se não acabauão daparelhar as cordas. E ele não querẽdo, respõdeo a Manuel de lacerda que lho dizia, que o que seu pay nẽ auôs nũca fizerão não auia ele de fazer q̃ se ho quisessẽ saluar q̃ posessem hũa escada,

& que deceria como sobira. E então se remedeou hũa escada de pedaços atados & por ela se deceo, & despois de decido ele, deu aos do cobelo hũa corda posta em duas lanças atadas hũa na outra tão alto era ho cobelo. E tomada a corda que era tão comprida como ele foy atada nas ameas do cobelo, & por ela se deitarão os nossos abaixo. E ja neste tempo se recolhia ho gouernador, & dom Garcia com os outros capitães, & sua gente com muyto grande desordem, & como por força porque recebião muyto dano de dous tiros q̃ Mira mergena mandou assestar nas duas bombardeiras por onde os nossos entrarão, & tambem porque começaua dẽcher a mare cõ que se cobria a praya da cidade. E coesta pressa se embarcarão logo os capitãas como virão ẽbarcar ho gouernador & dom Garcia, & quasi que ficaua a gente por embarcar: & se os mouros sayrão a este tempo poderão os nossos verse em grande perigo, o que vendo Manuel de lacerda, nã se quis embarcar & deixouse ficar ate se embarcarem todos, & mais mãdou recolher todos os pedaços das escadas, porque não ficassem por testemunhas do desarranjo dos nossos. E estando nisto sendo os do cobelo todos deitados abaixo, apareceo sobrele Gaspar cão, que estaua na escada, õde se pos despois da morte de Garcia de sousa, & ali defendia a entrada aos imigos, & tão embebecido estaua na peleja que não sentio que se recolhião os outros, & quãdo se achou sô foy demãdar as ameas, onde as cordas não estauão. E Manuel de lacerda & Antonio ferreyra fogaça q̃ estaua coele & outros, lhe bradarão q̃ se fosse onde estauão, o que ele não pode entender por os mouros estarẽ quasi pegados coele, & a grita ser muy grã de de dẽtro & de fora. E não achando ele as cordas, fez ho sinal da cruz & deixouse cayr do cobelo abaixo, & quebrou hũa perna, & polas feridas que trazia lhe arrebẽtou muyto sangue, & despois morreo disto na ilha de Camarão, & apos ele saltou hũ bombardeiro da nao de Garcia de sousa q̃ trazia hũa bẽsta debaixo do braço, & este ficou são. E despois de todos ẽbarcados, se embarcou Manuel de lacerda sendo despois de meyo dia, õde logo foy chamado do gouernador pera conselho, sobre se hirião tomar ho baluarte do mol de que atrauessaua da ilha de Cira aa cidade, de que os immigos tirauão aas nossas naos (que estauão quasi pegadas coele) muytas bombardadas, especialmente aa nao de Manuel de lacerda que estaua mais a tiro. E estando ho gouernador em conselho com seus capitães como ho mandaria tomar, ho mestre da nao de Manuel de lacerda, que se chamaua Aluaro marreyro sem saber ho conselho em que ho gouernador estaua, começou de se agastar com as bombardadas que tirauão aa nao. & disse que não auia ele de sofrer que lhe tirasse hũ negro: & isto dizia polo bombardeyro mouro. E ajuntando os marinheiros da nao, saltão no esquife, & cõ essas armas que tinhão, que erão lanças & espadas, foy abalrroar ho baluarte, & como nele não estaua mais que ho bombardeyro que tiraua como vio os nossos fugio, & ho baluarte ficou em poder dos marinheiros, que acharão dentro vinte sete peças dartelharia de ferro, & antrelas auia algũas que tirauão pelouro de pedra do tamanho dos nossos camelos: & quãdo ho gouernador acabou ho cõselho

com os capitães que tomassem ho baluarte:ele era tomado,de q̃ ficou muyto ledo,& fez muyta honrra & mercé a Aluaro marreyro & aos que forão cõ ele naquele feyto,& mandou recolher a artelharia.E com a tomada deste baluarte,a gente que estaua muy escandalizada de se não tomar a cidade,se aluoroçou de maneyra q̃ dizia que lhe desse bateria,& que desembarcassẽ pera isso a artelharia, & coela derribassem hũ lanço do muro pera entrar. O que ho gouernador não quis,dizendo que pera isso era necessario fazer detença, & que não tinhão agoa em abastança, nẽ a poderião tomar se não na ilha de Camarão q̃ estaua das portas do estreito pera dentro,onde não podião ir se não com a mouçã dos leuantes q̃ estaua no cabo,& acabãdoselhe a agoa de necessidade auião dinuernar naquele porto,& punhãse em cõdição de se perder,& ꝑa tornar a tras auião desperar dous meses & meyo pera se acabar ho inuerno da India,& nã podião tomar nenhũ porto dos nossos, quanto mais q̃ naqueles dias que ali esteuessem poderia vir à cidade tamanho socorro q̃ eles nã poderião coele,& por isso lhes era forçado não se deterem. Porem a verdade era querer ir ho gouernador a çuez & a ver vista da armada do Soldão & pelejar coela,ou quando não ir a Maçuã ꝑa saber a verdade do preste, & fazer hi fortaleza se a não podesse fazer nas portas do estreyto,& quãdo não podesse,ir inuernar a Ormuz & tomala.Mas isto nã dizia ele a ninguẽ, & trabalhou dali por diante ẽ reuocar a frota fora do porto à toa,no que se deteue dous dias,em que mandou descarregar essas naos que estauão no porto & queymalas.E assi mãdou descobrir ho porto Dugufu per Simão dandrade,Manuel de lacerda,Pero dafonseca de crasto & Simão velho, q̃ forão em seus bateys pelo esteyto ate se poerem onde virão os piares da ponte q̃ disse.

Capit.cvij. De como ho gouernador se partio pera ho estreyto,& da descripção deste estreyto.

SO gouernador como tinha ẽ segredo a sua ida ao estreito tanto que teue a frota fora do porto Dadem a derradeyra ou segunda oytaua de Pascoa se fez aa vela caminho das portas do estreyto(que sam trinta legoas Dadẽ) sem tomar parecer de pilotos nem dos capitães,do q̃ todos teuerão muy grãde descontẽtamẽto.E os pilotos se ajũtarão & lhe forão requerer que não fosse ao estreyto,porque não podião laa nauegar se não com leuãtes,cuja mouçáo não duraria mais que ate fim Dabril,que seria muy cedo,& pera se tornar aa India que seria inuerno,& que a não poderião tomar,& q̃ se perderião: & pera inuernarem no estreyto não tinhão se nã a ilha de Camarão,q̃ ainda que teuesse agoa não tinha mãtimẽtos & que morreria a gente à fome,que olhasse oq̃ fazia porque se hia aperder. E ho mesmo requerimẽto lhe fizerão os capitães.E ele respondeo que sabia o que fazia,porque era por mandado del rey.E ainda q̃ eles vião todos q̃ era assi como dizião,& conhecião claramẽte q̃ hião a morrer,a lealdade Portuguesa os forçaua ir por sua võtade soltos sem irẽ presos cõ quẽ sabião q̃ os leuaua õde se auião bẽ dauẽturar à morte.E prosseguĩdo sua viajẽ pos nela dous dias por amor do roĩ tp̃o q̃ lhe fazia & achou q̃ toda aq̃la costa era lipa &

parcel de boõ fundo pera furgir em qualquer parte.& isto ate as portas do estreyto a que os mouros chamão Babel Mandeb,q̃ estão em altura de doze graos & dous terços da bãda do norte:he aqui ho mar muyto estreyto,& por isso lhe chamão as portas. Da bãda do sul vay a Abexia terra do preste a que os mouros chamão Ajẽ,& he na Ethiopia:& da banda do norte vay a Arabia deserta ou Petrea a q̃ eles chamão a ilha darabia.Nesta boca ou portas do estreyto está hũa ilha a que os mouros chamão Mihũ & jaz atrauessada neste estreyto da banda Darabia, he toda de pedra grossa,& miuda solta,não ha nela nenhũa agoa,nẽ aruore nem herua,& choue nela muy poucas vezes.Antresta ilha & a terra firme se faz hũ canal daltura de doze braças de menos largura hũ pouco que Dalmada a Lisboa,& passam por ele todas as naos dos mouros que vão pera dentro do mar roxo.E defrõte desta ilha está outra ilheta tambẽ sem agoa , em que morão os pilotos que leuão as naos que vão a Iudá que os mouros chamão rubés,& sam grandes sabedores daquele mar no conhecimento dos baixos,& leuão por cada hũa ate trinta cruzados, & de Mihum a esta ilheta se passa de baixa mar a pê enxuto.Fazse mais outro canal antre Mihum & a terra do preste,que tem de fundo altura de vinte cinco ate trinta braças,& de largura como de Lisboa onde chamão de barra a barra,& por este nauegão poucas naos:chamão os mouros a este mar na lingoa arabiga bahar quezũ , que quer dizer na nossa mar çarrado , porẽ mar roxo como lhe nos chamamos he mais ꝑprio vocabulo,por auer nele muytas malhas dagoa vermelha como sangue. E da causa desta vermidão não pude mais saber,senão que se causa do reuoluimẽto da agoa com as marés,no que parece q̃ a lugares he ho fundo deste mar darea vermelha,& ainda se afirma que he todo,porque nele não ha correntes dagoas se não mõtante & jusante que ẽtra dẽtro & sae pera fora,& por ser aparcelado & de pouco fundo, quando faz vento rijo se he ponẽte corre a agoa mais rijo pera fora,& se he leuante pera dentro,& estes dous vẽtos sam os naturais que cursam neste mar, & terrenho poucas vezes,nem ha nele trauessões nẽ toruoadas nẽ outras nehũas tormentas,& em todo tempo se pode nauegar em hũs nauios peq̃nos q̃ se chamão geluas q̃ andão a remos,& à vela se lhe faz tempo pera isso. Das portas deste estreyto ate a cidade de çuez que he no cabo dele ha trezentas & cincoenta & cinco legoas,que he ho comprimento,& no mais largo tẽ trinta legoas,em que os mouros fazẽ tres repartições pera sua nauegação,& fazem deste mar doze gemas q̃ sam tres singraduras de dez legoas cada hũa,& repartẽnas assi.Fazem quatro gemas (que he hũa singradura)de mar çujo ao longo da costa Darabia ate çuez cõ ilhas,baixos & parceis,que tem de fũdo de noue ate doze braças,& as nossas naos podẽ nauegar por ele cõ boõ tẽto de dia mas não de noyte,& outras quatro tambẽ de mar çujo ao longo da terra do preste ate hũ porto q̃ se chama coçaez,que está quasi norte sul cõ ho Toro na costa Darabia ao pee do monte Sinay trinta legoas de çuez,& fazem outras quatro gemas de mar lipo pelo meyo do estreyto a q̃ chamão mar largo,que tẽ fundo de vinte cinco ate corẽta & cinco braças,porẽ he tão

estreyto que os q̃ vão por ele vẽ terra dambas as bandas. E os rubães que se tomão não sam pera este mar limpo, se não pera quando sam tempos contrayros, pera buscarẽ qualquer das costas & lhe darem surgidoyros, & antre aq̃las ilhas & baixos: porque por este mar largo mandão a via os pilotos que vão da India, & nele a meyo estreyto estaa hũa ilha que se chama Zebelçocor, & alem dela contra Iudã está outra que se chama çeibão, & tẽ boõs portos. Das portas do estreyto ate a ilha de Camarão da bãda Darabia he tudo señorio do xeque Dadem, & ao longo do mar sam tudo aldeas, nem ha portos principais, somente põtas, que hũas abrigão de leuãtes outras de ponẽtes: & da ilha de Camarão ate perto da cidade de Iudã q̃ sam cento & sesenta legoas, tinha seu senhorio hũ grande senhor mouro chamado ho Xarife de gizem, q̃ teria seyscentos de caualo. E de Iudã ate Toro que sam cẽto & trinta legoas era de Xarife porcate señor de Meca, & assi dalgũs alarues que morauão por esses desertos: & de Toro ate çuez ha trinta legoas, & era do senhorio do Soldão. E nauegando ho gouernador caminho das portas, mãdou diãte a nao de Chaul que leuaua em sua conserua, & vinte Portugueses nela, pera q̃ lhe tomassẽ hũ rubão de que tinha necessidade pa sua viajem: & assi ho fizerão. E ho gouernador chegou com toda a frota aas portas do estreyto vespera da vespera da pascoela. E dando muytas graças a nosso señor de ser ho primeyro gouernador que fora ali ter com armada, & onde nunca chegara nenhũ Christão, mãdou saluar as portas com artelharia de toda a frota, & despoys cõ as trõbetas, cõ grãdes gritas & festas de folias: & foy toda a frota embãdeirada & surgio das portas pera dentro no pouso dos leuantes.

Capit. cviij. De como ho gouernador chegou aa ilha de Camarão.

Porque leuaua pouca agoa não se quis mais deter pa ir a Maçua onde desejaua de fazer fortaleza, por ser do senhorio do Preste, porque vio que era ali mais proueitosa que nas portas, nem em Camarão. E tomados os rubães de q̃ tinha necessidade seguio a rota de Zebelçocor, & porq̃ de lá por diãte auia de nauegar polo mar çujo da bãda Darabia, por onde as nossas naos não podião nauegar se não de dia, mãdou pubricar pola frota q̃ dali por diante auia de surgir duas horas ãtes de sol posto, porq̃ não se fizesse algũ mao recado se surgissem d̃ noite. E surgindo aq̃le dia tomarã os nossos duas naos de Barbora & de zeila, q̃ hião pa Iuda carregada de mãtimẽtos: & da gẽte dela algũa foy tomada, outra se saluou a nado. E despejadas as naos forão q̃ymadas, & aos mouros mãdou ho gouernador decepar as mãos, & cortar os narizes & orelhas, & mãdou os lãçar em terra q̃ era do senhorio do xeq̃ Dadẽ, & assi ho mãdou fazer dali por diãte a q̃ntos mouros tomou, somẽte aos de Camarão. E proseguindo daqui sua viagẽ, querẽdolhe os rubẽs dar porto ẽ hũa enseada dũ lugar chamado Luia arribarão a terra: & ho rubão do gouernador q̃rendose mostrar mais sabedor q̃ os outros, bradou q̃ fossem â orça q̃ ñto podessem, & por aq̃le caminho não dobraua hũa põta & restiga detras dõde auião de surgir. E indo sondãdo, mĩgoaua ho cordel de tres & q̃tro braças de cada golpe, como fundo dalfaques,

& não de parcel. E nisto deu à não em hũ bãco questaua em fundo de quatro braças & mea:& ho gouernador que se vio naquele perigo, prometeo a nossa senhora de mãdar fazer em Goa à sua honrra hũa casa da auocação de nossa senhora da serra, que assi era ho nome da sua nao, & assi a mandou fazer despois, & mandou ao seu piloto q̃ surgisse no baixo, cuydando que fosse mais baixo a diante. E não querendo ho piloto, lhe disse ho gouernador que lhe cortaria a cabeça. E ele respondeo que cortasse, porque se surgisse que se perderia a nao, que logo sayo do baixo em cinco braças & meya, & então surgio, & assi surgirã Lopo vaz de sam Payo, dõ Ioão deça, Pero dafõseca de crasto, Fernão gomez de lemos & Simão velho que hião na esteira do gouernador & dom Garcia, Simão dandrade, Manuel de lacerda & Aires da silua q̃ hião ao pego, & todos lhe forão acodir em seus bateys. E os outros capitães q̃ hião diante não surgirão, pelo que ho gouernador auẽdo disso menẽcoria, mãdou a Lopo vaz de sam Payo que ficasse na sua nao, ordenando como se tirasse da li, porque ainda não estaua segura de todo, & foy ẽ hũ batel a pos os outros capitães & mandou os surgir, & forão lhe todos ajudar a tirar a nao do banco reuocandoa cõ os bateys, & sayo segura ao pego, & sem fazer nenhũa agoa, & dali mãdou diante a dom Garcia cõ algũs capitães nos bateys de seus nauios, pera que se posessem nos portos da ilha de Camarão que estaua perto, & deteuessem os mouros se a quisessem despejar:& quãdo os nossos chegarão acharão que os mouros a despejauão, & se hião pera a terra firme com medo do gouernador que sabião que vinha, & os nossos tomarão algũas geluas, em q̃ catiuarão homẽs & molheres, & tomarão hũa nao do Soldão & outra de mercadores q̃ estauão surtas & duas q̃ estauão varadas. E despois disto chegou ho gouernador ą Camarão q̃ està da bãda Darabia em quinze graos da parte do norte, & està tão longe da terra firme como de Lisboa à Almada: por antrela & a terra firme passam as naos que vão pera fora do estreyto, & pera dentro. Tem boõ porto & seguro de todos os ventos & boa tença das ancoras. A terra em si he areosa, & somẽte em hũa parte que he alagadiça do mar, tem algũ aruoredo de mangues, porẽ muyto pequenos, tẽ muyta agoa, & em muytas partes, & ẽ todas ha termedays derua tamanhos como hũ punho, & esta cria ho gado tãto como se fosse muyta & viçosa, & assi ha muyto na ilha & gordo, & no mar muyto & boõ pescado. Aqui fazẽ todas as naos que nauegão ho estreyto suas agoadas & carnajẽs, & era grande escala Dadẽ. Foy antigamente pouoada de muytos mercadores que tratauão na terra do preste, de que trazião muyto ouro, & Darabia lhe hião muytos mantimẽtos de trigo, carnes & fruytas como as nossas:& aĩda ho gouernador achou muyto rasto de quão nobre fora em outro tẽpo, assi em edificios antigos de casas como de mezquitas, & tudo de cantaria, & aqui achou que vẽtauão jà os ponentes, que erão cõtrairos pera passar auante, & por lhe os rubaẽs dizerem q̃ ainda auião de tornar leuantes, se deu tanta pressa em fazer agoada, & carnajem, que a fez em sete dias, & neles forão tomados algũs mouros que ficarão na ilha sem poderem passar à terra firme, & antreles hũ que fora xeq̃ da ilha

de Dolaqua,& da de Maçuã,& da ẽ q̃ se pesca ho aljofar,& hũ seu sobrinho. E tornãdo os ponẽtes,ho gouernador se partio muyto cõtra võtade de todos os da frota,parecendolhe que podesse chegar a Iuda.E era ho clamor da gẽte miuda muy grande cõtrele ,dizẽdo que os leuaua a morrer,& ele bem ho ouuia,mas dissimulaua.E estãdo de Iuda no mais q̃ quatro dias de caminho, tornarão os ponẽtes,& sobre perfia se deixou ali estar surto ate se lhe acabar a agoa que tinha,& acabada se tornou a Camarão a tomar outra,& se tornou donde surgira dantes por lhe dizerem os rubaẽs que como sayse da banda do sul hũa estrela a que eles chamão taria tornarião dous ou tres dias de leuantes & que ho poerião da bãda da terra do preste,que era nauegação de dous dias & hũa noyte,& ali desejaua ele de ir pera fazer fortaleza ẽ Maçuã por amor da amizade do preste q̃ era Christão & poderoso,& imigo dos mouros,& q̃ lhe daria socorro,assi de gẽte como de mantimẽtos.E esperando pola estrela que digo, apareceo no ceo hũ sinal de cruz muyta clara & resprandecente,sobre que veo hũa nuuem que em chegãdo se partio em duas partes sem tocar na cruz nem encobrir sua claridade. E ho gouernador com todos os q̃ virão esta cruz a adorarão em giolhos chorãdo cõ deuação:& daquela cruz tomou ho gouernador sinal que queria nosso senhor que fosse pera aquela parte,& assi ho disse a todos os capitães & pilotos que chamou pera isso , & que bem poderião ir ás voltas.E os pilotos disserão que não podião nauegar sem vẽto, & que assi como ho gouernador dizia irião dar em algũs baixos onde se perderião todos,& então se deixou ho gouernador estar surto ate q̃ entrou Mayo.E vẽdo que não auia remedio pera tornarẽ leuantes se não dali a dous meses & meyo , tornouse a Camarão , & despois que chegou lhe resgatarão da terra firme os catiuos que tinha , q̃ deu por mantimentos.E lhe foy dada hũa carta de Mira mergena , em que dizia que se espantaua muyto de serẽ os frangues os homẽs que conquistauão a India,& tinhão tamanha fama:& porem que a tinhão porque pelejauão com homẽs molharis,que como pelejarão cõ homẽs como erão os Dadẽ logo se soubera a verdade. Ao q̃ ho gouernador respõdeo que a fama dos Portugueses era verdadeyra,& que não tinhão ganhada a India a homẽs molharis,se nã a turcos & a mouros do mar roxo,& se as escadas não quebrarão q̃ ele perdera a vida & mais a cidade,& que em os nossos sobirem tãtos veria que homẽs erão,& como desejauão de pelejar.Porem ainda que Mira mergena isto escreueo,nem ele nem ho xeque Dadẽ estauão sem muyto grãde medo desta entrada do gouernador no estreito.E tanto que ho xeque Dadem soube que os nossos poserão as escadas na cidade, logo ho mandou dizer ao Soldão pola posta de camelos corredores,& foylhe ho recado em quize dias.E ho Soldão lhe respondeo q̃ se os frangues tinhão entrado ho mar roxo,que goardassem bem seus portos,& q̃ ele goardaria os seus:& esta reposta deu porque estaua mal coele.E Mirocem que isto soube, despejou logo Iudá com medo dos nossos,& ho Soldão ficou tão assombrado coesta noua polo q̃ sabia do que os nossos tinhão feyto na India q̃ partio logo pera Çuez,cuydando q̃ os nossos auião ali dir desembarcar.E no cayro ouue

grande reuolta, porque foy logo fama que assi como ho gouernador entraua polo estreito, assi os Christãos da Europa auião de dar por Alexandria entrando polo Mediterraneo, & que ho Xeque ismael era chegado com seu arrayal sobre Alepo que está no cabo do deserto. E coesta noua ho gouernador de Damasco polo Soldão não quis ir a seu chamado, & se leuantou: & os mouros estauão todos muy assombrados, cuydando que se lhe çarraua ho caminho per mar pera a casa de Meca, que perdia nisso grande perda, por as mais das esmolas que tinha lhe irẽ per mar em hũa nao chamada mucumari, que tinha pera isso.

Capít. cix. De como não ouue effeyto a paz que ho gouernador deixou assẽtada cõ el rey de Calicut, & doutras cousas que fizerão na India.

PArtido o gouernador pera ho mar roxo, foy ẽ Cananor a desord tamanha cõtra ho seruiço del rey de Portugal, que ho feytor nosso que então era tornou a dar dinheiro a õzena aos mouros, ficando defeso polo gouernador que se não desse, & deu mil & quinhẽtos cruzados a Pocaracẽ, hũ mouro principal de Cananor que tinha cõprados ao feytor de Goa caualos del rey, em que se montauão doze mil cruzados q̃ auia dacabar de pagar despois que os vendesse. E estando ele em Cananor pa se ir caminho de Narsinga a vender os caualos, receandose ho feytor de Cananor q̃ nã tornasse de la, pediolhe ho dinheiro que lhe tinha dado: ao q̃ ele disse q̃ não podia ate nã tornar de Narsinga pera õde os tinha empregados nos caualos: do q̃ ho feytor se queixou ao capitão, dizendo q̃ Pocaracẽ fugia pa Narsinga, & q̃ deuia aq̃le dinheiro a elrey d̃ Portugal, & crẽdo o ho capitão, mandoulhe q̃ ho fosse prẽder à pouoação dos mouros, porque ho não pode auer em outra parte, o q̃ foy contra ho regimento del rey, q̃ mandaua que nenhũ capitão de fortaleza prẽdesse nenhũ mouro nẽ gẽtio principal da terra onde a fortaleza esteuesse: & isto por se a terra não aluoroçar cõtra os nossos, como se aluoraçou desta vez, porq̃ indo ho feytor pa prender Pocaracẽ acodio a gẽte da terra com suas armas, & derão sobrele, & se nã o fugira matarãno: & a gẽte ficou tão escãdalizada, q̃ quatro dias esteue leuãtada cõtra os nossos, & ninguẽ não ousaua de ir à pouoação dos mouros. E assi ficara a cousa se se ho capitão não socorrera ao q̃ fora goazil de Cananor, q̃ ho gouernador fez tirar por ser imigo do seruiço del rey de Portugal, & defendera ao capitão & officiaes da fortaleza que não falassem coele por essa causa, nẽ ho deixassem ir à ela. E coeste fez ho capitão que fizesse cõ el rey de Cananor q̃ prendesse Pocaracẽ: q̃ preso bradaua q̃ não deuia nada q̃ esteuessem a conta, & mostraua as cartas q̃ tinha compra dos caualos & ho seguro do gouernador pa os leuar a Narsinga, req̃rendo q̃ ho não prẽdessem, porq̃ por sua prisam se perderião os caualos, E cõ tudo não ho soltarão ate q̃ não pagou ho dinheiro cõ todo seu ganho: & em quãto esteue preso foy roubado polo goazil, & por Mamele ho mouro q̃ se chamaua rey das ilhas de Maldiua, q̃ ambos querião mal a Pocaracẽ, porq̃ era seruidor del rey de Portugal & amigo dos

Portugueses cujos imigos eles erão. E vẽdose Mamale fauorecido, nãoquis desistir do titulo q̃ tinha de rey como ficara ao gouernador:& tambẽ porque ho secretario q̃ estaua em Cananor dizia q̃ ele sabia certo q̃ aquele anno auia de vir de Portugal outro gouernador, & q̃ pera este se deuião de goardar os q̃ ouuessem dassentar paz ou vassalajẽ com el rey de Portugal. E como era secretario criãno todos, & cõesta fama q̃ deitou se deixarão de fazer muytas cousas do seruiço del rey de Portugal, & a principal foy a paz de Calicut que ficaua tão assentada. E el rey sabẽdo o que Gaspar pereyra dezia da vida doutro gouernador, despedio a Francisco nogueyra & a Gõçalo mendez, dizẽdo que pois auia de vir outro gouernador q̃ coele assentaria a paz. E assi despois que ho secretario foy em Cochi, disse a el rey de Cochim tantos males q̃ lhe vinhão desta paz, q̃ lhe fez desejar de a estoruar, & pera ho poder fazer ajudou a hũ grão señor cõtra el rey de Calicut q̃ tinha cõele guerra, porq̃ sendo seu vassalo ho não queria ajudar ẽ suas guerras. E esta ajuda lhe deu el rey de Cochim, porq teuesse rezão de dizer ao gouernador q̃ não fizesse paz cõ el rey de Calicut porque tinha guerra cõ ele:& isto porque estaua no cõtrato de pazes que ele fez cõ el rey de Portugal em tẽpo do viso rey, que el rey de Portugal ho ajudasse sempre cõtra el rey de Calicut. E tambẽ Lourẽço moreno, Antonio real, & Diogo pereyra de Cochim erão cõ Gaspar pereyra em aconselharẽ a el rey de Cochim que fizesse isto, porq̃ querião todos mal ao gouernador, polos reprẽder de muytas cousas que fazião contra ho seruiço delrey seu señor. E a mesma fama de vir gouernador deitou ho secretario em Cochim:& em tanta dissolução hiã estes quatro, que Lourenço moreno finãdose em Cochi, Afonso pessoa q̃ viera de Malaca cõ Fernão perez dandrade, tomou hũas cartas que ele trazia pera ho gouernador, em que lhe screuião culpas de Ruy de brito, & abrio as cõ hũ Iohão viegas, q̃ tambẽ viera de Malaca, & mandou ho terlado das cartas a Ruy de brito cõ lhe dizer cujas erão, pelo q̃ Ruy de brito se vingou despois de quẽ as escreueo.

Capit. cx. Como el rey de Bintão quisera por treyçao tomar Malaca, & não pode.

VEndo el rey de Bintão que he a treyção de Mutaraja podera auer effeyto pa tornara cobrar Malaca, hẽ ele tinha possibilidade pera a tomar por força, andaua muyto agastado por isso & nunca em outra cousa imaginaua:o que entẽdendo hũ mouro escriuão de sua fazẽda, Bengala de nação, dissellhe q̃ se não agastasse, porq̃ ele lhe prometia de lhe tomar a fortaleza de Malaca, com tanto que lhe desse cartas suas de credito pera homẽs principais da cidade. E sabẽdo el rey de Bintão ho ardil por õde se ho escriuão fundaua, como sabia dele q̃ ho saberia fazer, deulhe as cartas de credito que lhe pedia, & assi muyto dinheiro cõ que se partio caminho de Malaca, fingindo q̃ era mercador que se hia de Bẽgala assentar la, & mostrou logo aparato de ter grande & rico trato, o que foy causa de ser logo conhecido do capitão & do feytor, cõ que tomou muy estreita amizade, & como era muy sagaz & manhoso nessas cõpras & vẽdas daua muytos ardijs

com que aproueitaua muyto a fazenda del rey de Portugal,& assi a do capitão,feytor & de todos os outros officiaes da fortaleza cõ o que teue grãde amizade com todos & muyta familiaridade,principalmẽte cõ ho capitão & feytor com quẽ tinha entrada cada vez q̃ queria,& parele nã auia neles ocupação nenhũa,& em todo ho tẽpo ẽtraua na fortaleza,que era o que ele desejaua pa effeytuar sua treição.E como teue segura esta familiaridade com ho feytor & capitão, descobriose a esses mouros principais de Malaca,pera quẽ trazia as cartas del rey de Bintão,& deulhas dizendo pera oque vinha,& que el rey de Bintão lho encomẽdaua, porq̃ sem sua ajuda não podia dar fim ao q̃ desejaua,& disselhe a familiaridado q̃ tinha com ho capitão & com ho feytor,& q̃ a do feytor estimaua muyto mais que a do capitão,porq̃ não auia medo se nã ao feytor que lhe parecia pa muyto,& por isso determinaua de ho matar primeyro que ho capitão,que polo que conhecia dele se ele ficasse viuo,posto q̃ matasse todos os outros da fortaleza, ele sô abastaria pera a cobrar,& que ja tinha dentro na fortaleza quem ho ajudasse,q̃ erão certos homẽs principais de Bintão que forão catiuos,& estauão presos no apousentamento do alcayde môr, & tinha quem lhos soltasse por peita,dando a entẽder que era pera fugirem,& q̃ não queria deles outra cousa se não que lhe acodissem como ho capitão,feytor & alcayde moor fossem mortos & ho liurassem dos nossos que auião dacodir,& que teuessem pera isso prestes a mais gente que podessem. O que lhe eles prometerão,mostrãdo q̃ folgarião muyto de ser Malaca tirada do poder dos nossos.E posto q̃ ho desejauão nã ousauão de bolir cõsigo, porq̃ não tinhão cabeça q̃ os regesse.E q̃ se ele acabasse o q̃ dizia,alẽ de fazer tamanho seruiço a Mafamede como a q̃le seria,eles ho farião ho mais principal de Malaca despois del rey. Animado co isto ho escriuão a fora a ousadia q̃ tinha de seu natural pera fazer qual quer treyção,buscou dia pa fazer esta & nã curou desperar mais,porq̃ nesta cõjunção adoeceo ho capitão,não que esteuesse ẽ cama,mas não saya da fortaleza,& assentou de fazer o que determinaua hũ dia ao meyo dia,q̃ era ho tẽpo pera isso mais desposto,porq̃ então repousauão todos. E ho capitão,& ho feytor estauão sôs, & auia menos gẽte na fortaleza q̃ em nhũa parte do dia.E tẽdo dado auiso aos mouros pa q̃ esteuessẽ prestes,foyse â fortaleza âs horas q̃ digo,& entrou logo dẽtro & deixou â porta ate trinta homẽs q̃ sempre trazia consigo,q̃ sabião parte do feyto,& estauão auisados que como ouuissem rumor matassem ho porteiro,& ẽtrassem & matassem dos nossos quãtos podessem. E entrado na fortaleza,foyse primeyro a casa do feytor,& antes que entrasse a ele pos se a hũa genela que estaua parede meos com hũa casa do alcayde môr,onde os catiuos de Bintão estauão presos,q̃ por peitas que derão lhes foy aquele dia deixado ho trõco aberto.E posto â genela,tirou hũa carta que trazia escripta em sua lingoa , em q̃ dizia aos catiuos como hia matar ho feytor,que matassem eles ẽtre tãto ho capitão que estaua soo,& leoha tão alto q̃ os catiuos a ouuirão & entẽderão & fizeranse prestes : & ele entrou onde estaua ho feytor soo em sua camara lãçado em hũ esquife pa dormir a sesta, & começou de lhe dar conta de seus tra

tos. E vindo sono ao feytor, reboluеose pera a outra parte, & em se reboluendo leua ho escriuão dhum cris & dalhe hũa crisada que ho passou de parte a parte: ho feytor como era muyto esforçado & de grande acordo, dà consigo fora do esquife & lançasse por hũa escada abaixo caminho da porta da fortaleza, bradando. Treyção, treição, & ho escriuão confiado nos q deixaua à porta que ho acabarião de matar não quis ir a pos ele, & ele correndolhe grandes enxurrados de sangue chegou à porta da fortaleza, & çarrou ho postigo que estaua aberto, metẽdo dous ou tres dedos do ferrolho polas armelas, bradãdo. Treyção, treyção, & não pode mais meter porque cayo morto. E isto foy tão de supito que os do escriuão que estauão de fora não poderão acodir, porque parece que quis nosso senhor que desatentassem da porta, & quando acodirão era fechada, & ainda algũs meterão os crises polas gretas, cuydando q ferissem quẽ fechaua ho postigo, que se eles acodirão a fortaleza fora tomada. Os catiuos em ouuido os brados do feytor, sairão logo dõde estauão, & quis Deos que acharão dous criados do alcayde moor com que se deteuerão em os matar, & aos brados destes se pos ho capitão em saluo, çarrando muy bem suas portas. E sentindo esta volta tres nossos que estauão na torre da menajẽ, bradarão muyto alto que auia teição na fortaleza, ao q logo acodirão oyto dos nossos assi desarmados como andauão q forão mortos polos do escriuão que estauão aa porta da fortaleza, & eles tambem não viuerão muyto, porque como os nossos acodirão matarãnos logo. E buscando maneyra pera abrir ho postigo da porta da fortaleza, ẽtrarão dentro, & matarão ho escriuão & os catiuos de Bintão. E ouuindo os mouros ho rume que hia na fortaleza, cuydando que teuesse ho escriuão sua treyção posta por obra, acodirão todos com suas armas pera se leuantar contra os nossos, & quando os acharão senhores da fortataleza & morto ho tredoro, dissimularão, & disserão ao capitão que lhe hião acodir, & fizeranse muyto de nouas da treyção do escriuão, & mostrarão folgar muyto com sua morte: porẽ a eles lhes pesou assaz de ele não leuar auante ho que começou, que eles fazião conta que a fortaleza era del rey de Bintão, & assi esteue ela tomada se ho nosso senhor não atalhara por sua misericordia, porque a fora a cousa estar assi armada, auia neste tempo pouca gente em Malaca, porque Ioão lopez daluim capitão moor do mar era aa Iaoa com tres nauios pera trazer certos bahares de crauo que hi mãdou Nacoda ismael do emprego q leuou à Maluco, & sendo laa Ioão lopez, indo ter ao porto on de Pateonuz tinha varado ho seu jũgo em que escapara à Iorge botelho, mandoulhe grandes presentes porque lho não queymasse, & dizendolhe quanto se honrraua de ho ter ali, & offrecẽdose por muyto grande amigo dos Portugueses. E Ioã lopez aceitou sua amizade, & prometeolhe de nã fazer nenhũ mal ao jungo. E tomando ho crauo que hia buscar, tornouse à Malaca, onde tãbem ao tempo desta treyção não estaua Iorge botelho que era darmada sobre Bintão. E neste mesmo dia pelejou com certas lancharas del rey, & as desbaratou cõ morte de muytos mouros, & sem morrer nenhum dos nossos. E por amor desta treyção se não fiou dali por diante de nenhum mouro na for

taleza,& quando entrauão nela era cõ muyto recado. E ſabendo el rey de Bintão a fim q̃ ouuera ho ſeu eſcriuão, perdeo a eſperança por hũs dias de poder tomar Malaca por nenhũ ardil.

Capitolo.cxj. De como ho gouernador inuernou na ilha de Camarão, & das cauſas porque não fez hi fortaleza.

FIcando o gouernador aquele inuerno em Camarão, mandou dar pendor a todos os nauios da ſua frota:& pera ſaber ſe da pedra da ilha ſe poderia fazer cal, mandou que ſe fizeſſe. E quando a gente vio que ſe armaua forno pera iſſo, & deſpois fazerſe cal, ficou toda paſmada cuydando q̃ queria ho gouernador fazer fortaleza, & darlhe nouo trabalho ſobre o que tinhão paſſado na viajem, & paſſauão em inuernar naquela ilha ſem terẽ que comer, & trabalharem no pendor que ſe daua aos nauios da frota, & aſſi ho dizião. E ho gouernador ho ſabia, mas diſſimulaua:& bem quiſera ele poder deixar ali hũa fortaleza, mas não ſe atreueo a fazela, porque pera a deixar ſegura tinha neceſſidade de ver primeyro ho porto de çuez pera ſaber que força tinha criada ho Soldão, porque ſendo grande ficaua a fortaleza em perigo de ſe perder, ou era neceſſario pera ſua ſegurãça ficar ho gouernador ſobrela com toda a frota, porque pera ir â India & mandarlhe de laa ſocorro, não podia ſe não em Feuereyro, & ele auia de partir pera a India em Agoſto, & pera ficar com toda a frota em goarda da fortaleza não podia ſer, que lhe era forçado tornar aquele anno aa India, porque quando partira de laa não ſabia ainda nenhũa noua de Malaca, nẽ deixaua aſſentado de todo a Calicut nem a Diu, que vendoho tanto tẽpo fora da India, ſe poderião fazer em corpo & darlhe oppreſam cõ tomar algũa fortaleza. Aſſi que ſegurando ho eſtreito com a fortaleza de Camarão, que não ſeguraua ſem ver çuez arriſcaua a India que era o principal daquela conquiſta. E pera tambem deixar parte de ſua frota ſem ſaber o que hia em çuez, era muyto pouca couſa pera pelejar com a armada do Soldão que ſe dezia ſer muy grande, & que leuaria nas vnhas a noſſa que ficaſſe, & ela leuada leuarião tambem a fortaleza. Aſſi que ſe teuera fora a duuida de çuez, cuja viſta foy a principal cauſa que ho fez entrar no eſtreito, podera fazer a fortaleza em Camarão, & deixarlhe no mar algũas carauelas latinas & nauios de remo, porque podem em todo tempo nauegar ho eſtreito, & atraueſſalo de hũa banda a outra, & ſenhorearão toda a coſta Darabia da porta do eſtreito ate ho Toro, porque os lugares que jazem neſta coſta ſam pequenos, & por ſe nã verem deſtruidos pagarão parias, com que os noſſos, aſſi os da fortaleza como da armada que lhe ficara forão pagos de ſeus ſoldos & mantimentos, & deſta maneyra dera eſta fortaleza grande trabalho aas terras do Xeque Dadem que jazião naquela coſta, porque lhes tolherão os mantimentos que lhes vão de Barbora, Zeyla & doutros lugares da terra do Preſte. E não auendo armada do Soldão em çuez, não auia outra que podeſſe impedir a noſſa, por que ſe não podia fazer por não auer

em todo ho mar roxo lugar em que aja madeira pera iſſo nem ferro, nem outros materiais neceſſarios pera fabrica de nauios, ſaluo das geluas que diſſe que ſam como grandes barcas: E algũas naos groſſas que, a Cambaya & ao Malabar as vão fazer. Aſſi que por cauſa do gouernador não auer viſta de çuez, ouue por eſcuſado fazer fortaleza em Camarão por todas eſtas rezões: & com quanto ſe não fez fortaleza, a gente como digo leuou aſſaz de trabalho com ho pendor das naos & nauios da frota, & com grandes doenças, & com não auer na ilha que comer mais que algũs camelos que ficarão amontados com a fugida dos mouros, que leuarão conſigo quanto gado auia na terra: & tambem comia a gente deſſe peſcado que peſcaua. E paſſado ho mes de Iunho, vendo ho gouernador que ſe lhe chegaua a moução pera a India, & que lhe era forçado não entrar mais polo eſtreito deſte ferro, mandou a Ioão gomez que foſſe na ſua carauela fora ao mar & tomaſſe algũa gelua pera ſaber nouas do eſtreito & da armada que ho Soldão teria em çuez, & que viſſe ſe podia aferrar a ilha de Maçuã ou a de Dolaqua, & Dolaqua eſtaa em quinze graos & meyo da banda do norte, & nouenta & cinco legoas da porta do eſtreito da banda da terra do Preſte, de cujo ſenhorio foy: he pequena, & não tem agoa ſe não de ciſternas, & eſtas em abaſtança, & aſſi tem muytos mantimentos que lhe vão da terra firme que eſtaa a viſta dela, aſſi como riba tejo de Liſboa. Tem eſta ilha muyto boõ porto. E por lhe vir muyto ouro da terra do Preſte, era pouoada de muytos mercadores mouros que não obedicião ao Preſte com quanto a terra era ſua. E partido Ioão gomez, nunca pode topar nenhũa gelua, nem pode aferrar eſta ilha na carauela por lhe ſer ho vento contrairo, mas chegou tão perto que foy laa no ſeu eſquife: & eſtando quaſi pegado com terra, vio nela muyta gente & toda armada de terçados, arcos & frechas, & preguntarão aos noſſos que querião. E dizendo eles que ſaber, ſe lhe comprarião algũas mercadorias, diſſerão os mouros que não auia ali mercadores, ſe não gente de guerra, que goardaſſem ſuas mercadorias. E coeſta repoſta ſe foy Ioão gomez, & correo a ilha em redondo & deſcobriolhe toda a coſta, & por lhe ho gouernador não mandar que chegaſſe aa terra firme não chegou, & não foy a Maçuã porque eſtaua dali dez legoas, & foy ver a ilha de Nura onde ſe peſca ho aljofar que eſtaa derrador de Dolaqua. E ho aljofar he muyto & muy fino, & dali ſe tornou pera Camarão, leuando eſtas ilhas pintadas pera ho gouernador as ver.

Capitolo. cxij. Da cauſa porque ho gouernador não quis fazer fortaleza na porta do eſtreyto, & do que fez em Adem.

CHegado Iohão gomez a Camarão q̃ foy meado Iulho, partioſe ho gouernador pera a porta do eſtreyto, onde chegado, ſayo na ilha de Mihum pera ver ſe ſe podia fazer ali fortaleza, & por lhe não a-

char agoa,& por não ver ẽuez:& por amor do Xeque Dadem que estaua muy perto,& por não ter dõde se pro uesse de mantimentos,lhe pareceo escusado fazela.E pareceolhe melhor pe ra goardar aquele porto, mandar alí cadãno hũa armada,em q̃ aueria menos trabalho de se prouer de mantimẽtos que hũa fortaleza.E tambem considerou que ainda que fizesse fortaleza & lhe desse hũa armada, que auia destar alí ho menos do tempo,porque estaua certo que desapegandose da fortaleza pera algũa parte,ou dando caça a algũas naos de mouros, que auia de ser cousa muy trabalhosa tornar tão asinha ao porto se não com outros ventos,& entre tanto ficaria a fortaleza sô & em muyto grande risco.E por todas estas rezões a não quis fazer,& por sinal que fora alí ter,mãdou aruorar em terra hũa cruz feyta de duas antenas, & mandou que dalí auante se chamasse aquela ilha a da vera cruz, donde se partio pera Adem:& em partindo mãdou a Ruy galuão(por ter dele experiẽcia desforçado caualeyro)que fosse por capitão moor de Ioão gomez a descobrir a cidade de Zeila que está cinco legoas da porta do estreito pera fora, na costa da Ethiopia em onze graos da bãda do norte,cuja comarca dá muyto trigo,muyta ceuada & muyto milho;ha grãde criação de gado grosso & miudo de q̃ se ordenha multidão de leyte,de que se faz manteiga sem medida:& de tudo isto se carregão naos pera fora,& assi de muyta cera brãca que ha na terra.Criãse tambem nela muytos cauallos,& nace infindo encenso macho.Esta cidade he de grande trato; he rasa & bem arruada,as casas sam de pedra & cal,& de sobrados & cubertas de terrados:tẽ as genelas & portas lauradas de maçanaria:he pouoada de mouros, que pola mayor parte sam pretos, assi homẽs como molheres,& outros sam brancos,tratanse muyto bem, assi no comer como no vestir,& andão a cauallo. Chegado Ruy galuão a esta cidade quisera auer pratica com os da terra como leuaua por regimento do gouernador,& por eles não quererem, lhes queymou quantas naos estauão no porto,porq̃ não leuassem mantimẽtos aos lugares do mar roxo,que assi lho mandou o gouernador:& nisto ho fez Ruy galuão muy esforçadamente,& aqui se deitou cõele hũ Abexim Christão q̃ fora catiuo do feytor que ho Soldão tinha em Iudá.E feyta esta destruyção no porto de Zeyla,partiose em busca do gouernador q̃ hia caminho Dadẽ, & chegou ao seu porto sem lhe acontecer no caminho cousa algũa.E surto no porto, achou muytas naos grossas & geluas varadas em terra bem pegadas ao muro,& assestada nelas muyta artelharia,que logo começou de jugar em surgindo a nossa frota, & assi auia na ilha de Cira mais fortaleza que dãtes. & no alto da serra desta ilha estaua armado hũ trabuco q̃ tiraua pedras darrezoada grandeza,que tambem logo começou de lançar; porem quis nosso senhor que não fez nenhũ nojo aos nossos.E segundo pareceo pelo muro da cidade,auia nela mais gente que da outra vez, & muyto mais artelharia & melhor,& deitaua tamanhos pelouros como os nossos camelos,como se despois vio,que tornauão a tirar com os pelouros cõ que lhe os nossos tirauão. E como ho gouernador surgio,os mercadores da cidade lhe mandarão cometer resgate das naos que tinhão no

porto. A que ele respondeo que as não auia de dar, se não por cinco Christãos Portugueses que tinhão catiuos em Adem, que forão catiuos no bargantim de Grigorio da quadra como atras disse. E os mercadores não mãdarão a isto reposta, & segundo despois pareceo foy polo remedio que tinhão achado pera lhe não queymarem as naos que tinhão em terra. E vendo ho gouernador que lhe não vinha reposta, quiserase vingar dos mouros com tomar a cidade, & tambem porque auia desperar no porto ate a lũa noua Dagosto, & mais quatro dias alem que erão obra de quinze dias de detença, & no cabo deles era ho verdadeyro tempo pera ir demandar a costa da India. E por todas estas cousas quisera cometer a cidade, & ver se a podia tomar. E chamados todos os capitães a conselho, proposlhe sua determinação, que por todos lhe foy contrariada, dizendo que era cousa muy fora de rezão por vir na frota muy pouca gente & a mais dela doẽte, que quasi não auia quem mareasse as naos se não os fidalgos que estes hião menos doentes, & na cidade auia dobrada gente da que acharão da outra vez, & ela muyto mais forte, de maneyra que parecia que se perderião se a cometessem. E vendo ho gouernador que todos erão contrele no cometer da cidade, buscou hũ ardil pera cometer tomala sem parecer a ninguem que a cometia, & foy dizer que lhe queymassem as naos que estauão varadas, porque como elas erão os instrumentos com que negociauão suas fazendas & tratauão coelas, tanto mõtaua queymarenlhas como queymarlhe a cidade, porque tão desabrigados ficauão sem elas como sem ela. E isto dizia com tenção que vendo os mouros queymarlhes as naos sayrião da cidade a defendelas, & os nossos lhes auião de querer resistir, & dali se trauaria a peleja antreles de que poderia resultar tomarse Adem como se tomou a Goa, o que podera ser se os nossos forão tantos como forão no feyto de Goa, & tão sãos. E porque os capitães sabião que não era assi, forão tambem contra o que ho gouernador dizia, dizendolhe que posto que os mouros ficassem perdidos de todo cõ perderem as naos, muyto mais se perderia em perderse hũ sô dos nossos, pois estaua certo ainda que hum soo podesse queymar as naos correr muyto grande risco, quanto mais indo tantos como ele dizia que fossem, que de necessidade auião de morrer algũs, & estes auião de ser dos fidalgos q̃ não auia outros, & que se ele daria cincoẽta naos por hũ Portuges qualquer q̃ fosse, como queria auenturar cincoenta fidalgos por quatro naos. E vendo ho gouernador como lhe contrariauão em tudo, ouue menencoria, & coela disse que verdade era q̃ daria cincoẽta naos por hũ Portugues, porẽ que auẽturaria cincoẽta fidalgos por quatro vacas, & que ele nã queria que os fidalgos queymassem as naos, senão os marinheiros, & que eles ho farião sem os homẽs dar mas: & foyse muyto agastado pera a carauela de Ioão gomez que ja era chegado cõ Ruy galuão, & ali ajũtou obra de cẽ marinheiros cõ mestres & pilotos & deulhes por capitão a Ioão teixeira bõ caualeiro, & como foy noyte mandoulhe q̃ saltasse ẽ terra & q̃ymasse as naos & ẽ partido deitolhes a bẽção, dizẽdo. Meus caualeyros a benção de Deos

vã conuoſco, queymaime as naos deſ
ſes cães, que vos aueis de fazer me-
lhor que os homens darmas. E coiſto
partirão muyto ledos indo ele em ſua
companhia no ſeu eſquife, em que le
uaua ſuas trombetas, que tocarão cõ
hum ſom muy eſperto em os noſſos
ſaltando em terra, a que acodirão o-
bra de trinta mouros que eſtauão em
vigia das naos, & os noſſos como os
virão, hũs remeterão a eles, & outros
aas naos a lhe poer fogo com poluo-
ra: porem não pegou nelas ſe não
tão pouca couſa que lhes não fez ne-
nhum nojo, & iſto por os mouros as
terem cheas dagoa receandoſe de lhas
os noſſos queymarem. E vendo eles
quão pouco danno lhes fazião, con-
tentaranſe com matar os mais dos
mouros que vigiauão, & ſem acodi-
rem outros da cidade ſe tornarão os
noſſos a recolher. E ho gouernador
lhes fez muyta honrra, principalmẽ
te a Fernãdafonſo meſtre da nao ſan
cta Maria de ſerra, & a Domingos
fernandez ſeu piloto, & a Bertola-
meu gonçaluez meſtre da nao ſam
Gião que ho fizerão dauantajem dos
outros.

Capitolo.cxiij. De como ho gouerna-
dor chegou a Diu, & do que paſſou
com Meliquiaz.

DEndo ho gouerna-
dor que nã podia fa-
zer nhũ mal aos imi-
gos, & que auia aĩda
ali deſtar tãtos dias,
trabalhou por tomar
ho baluarte do molde que atraueſſaua
da ilha de Cira aa cidade, & tomado
fez aſſeſtar no alto dele hum came-
lo noſſo com que forão derribadas
muytas caſas da cidade, & aſſi lhe deſ
mãcharão duas vezes hũ trabuco q̃ os
mouros tinhão armado: & iſto fez hũ
Ioão Luis fundidor dartelharia muy-
to boõ bombardeiro. E aſſi mandou
ho gouernador chegar bem ao muro
da cidade ho nauio de Ruy galuão,
que eſcolheo pera iſſo. E eſtando cer
cado de grandes arrombadas, eſbom
bardeou muy ouſadamente as naos
q̃ eſtauão varadas, & lhes fez muyto
danno, de modo que a cidade ficou
aſſaz dãneficada. E ſendo quatro di-
as Dagoſto, partioſe ho gouernador
com toda a frota pera a India, & a-
uendo viſta do cabo de Goardafum,
correo a coſta do reyno de Vlcinde
(que he a primeyra India ate ho rio
Indo). E chegando aa coſta de Cam-
baya, auendo viſta da cidade de Mã
galor & da de Pate, foy demandar a
ponta de Diu, & por ſer tarde a não
quis dobrar, & ſurgio com toda a fro
ta, ſomente Simão velho & Ieroni-
mo de ſouſa que hião diante, que do
brarão a ponta & forão ſurgir defrõ
te de Diu: do que ho gouernador ou-
ue muyto grande menencoria, porque
leuaua em tenção de tomar Diu ſe ho
achaſſe em deſpoſição pera iſſo, o que
ele fizera ſe aqueles dous capitães não
forão diante, porque Meliquiaz eſta
ua em hũa quintaã ſua duas legoas de
Diu, & tinha conſigo toda a gẽte dar
mas. E tanto que os noſſos nauios ſur
girão, foylhe dado auiſo per fumaças
& recolheoſe aa cidade com toda ſua
gente: & quando ao outro dia chegou
ho gouernador não pode fazer nada
do que trazia determinado, & prẽdeo
Simão velho & Ieronimo de ſouſa por
ſe adiãtarẽ dele & ſurgirẽ primeiro, &
mãdouos meter debaixo da cuberta da

sua nao, & mandou que perdessem as capitanias dos nauios que tinhão. E despois de passada aquela menencoria os soltou & lhas tornou a dar. E surto ho gouernador, Meliquiaz ho mandou visitar, mostrandose muyto ledo por sua vinda, & mandoulhe tanto pão, & tantas vacas & galinhas, & tantos carneyros, & tanta soma de fruita que abastou a toda a frota, & mandoulhe dizer que lhe perdoasse de lhe mandar tão pouca cousa, porque ele não era mais que hum almoxarife delrey de Cambaya, & que ele ho iria ver aa nao. E ho gouernador lhe respondeo que lhe não podera mādar cousa com que mais folgara que aquele refresco, & que ho tomaua como dhum homem que tinha por muyto grande seu amigo, & que folgaria muyto de ho ver pera falar coele cousas que importauão muyto aambos, & mandoulhe algũas peças, com que he pareceo que folgaria. Porem Miliquiaz não ho foy ver nem ao outro dia, nem em tres mais que ali esteue, porque com quanto tinha paz coele, não se fiaua dele pera ho ir ver aa nao, & cada dia ho mandaua visitar com refresco, & lhe mandaua dizer que ho iria ver: & mandoulhe pedir que lhe mandasse os capitães pera os ver & festejar, pois ho não podia fazer a ele como desejaua. E ho gouernador os mandou pera verem Diu & sua disposição, & Miliquiaz lho mostrou & todos seus almazées com as munições de guerra que tinha, & assi sua armada de fustas, & banqueteou os & festejou os ho mais que pode, & a todos deu peças, & todos se tornarão muyto contentes dele pera ho gouernador, a que contarão que Diu não era tão forte como dizião, & que era mais fortificado com artelharia que por natureza de seu sitio, como disse no liuro segundo. E nestes dias que ho gouernador aqui esteue, concertou com Meliquiaz por recados que deixasse ali hum feytor com cobre & especiaria pera se gastarem em Diu & comprar roupa, & outras cousas que tinhão valia em çofala & em Malaca, & que podesse ali mandar fazer hũa soma de bizcoyto, por quanto auia trigo, & se poderia fazer sem nenhũa opresam: & deixou por feytor da mercadoria que auia de ficar a hum Fernão martinz euangelho & hum Iorge correa por seu escriuão. E pera fazer ho bizcoyto a hum Christão nouo chamado andrade. E pesando despois a Miliquiaz de se fazer este bizcoyto por lhe os mouros dizerem que era pera ho gouernador tornar coele ao mar roxo, ordenou de fazer como Andrade teuesse parte com hũa moura com que fugio pera ho sertão, & assi não ouue ho bizcouto effeyto. E vendo ho gouernador que Miliquiaz não ho queria ir ver aa nao, & entendendo bem ho porque, determinou de se ir, & mandandose despedir, se fez hũa manhaã aa vela caminho da India, & como ho Miliquiaz vio aa vela, sayo com toda sua armada que serião bem cem nauios de remo todos artilhados & apadessados & fornidos de muyta gente. E sabendo ho gouernador que Miliquiaz ho hia ver per hũa fusta que mandou diante, virou sobrele com toda a armada, & saluando ho com toda a artelharia & grita dos nossos & arroydo de trombetas, chegou Miliquiaz a bordo da capitayna na mais peqna fusta da sua armada, & ele

mesmo a gouernaua:& ho gouernador se pos abordo & fezlhe muyta cortesia, & falarão hũ pouco, pedindo ao gouernador muyto perdão de ho não poder seruir como desejaua, & q̃ era seruidor del rey de Portugal, & seu. E dandolhe o gouernador muytos agardecimẽtos, lhe mãdou deitar na fusta quatro mouros de grãde resgate q̃ leuaua catiuos, & cõ grandes offrecimẽtos damizade dhũ & doutro se despedirão. E ho gouernador seguio a rota de Chaul, dizẽdo aos fidalgos da sua nao q̃ aq̃le mouro sabia muyto, & q̃ sempre tinha leuãtado hũ pé pera dar hũ couce, & q̃ ho não quisera ir ver ã nao estando surto, porq̃ podera ser q̃ se entrara dentro q̃ ho não deixara sair, & q̃ viera despois de ir à vela por lhe mostrar a sua frota.

Capit. cxiiij. De como ho gouernador achou em Chaul Tristão dega com reposta da embaixada com que foy à el rey de Cambaya.

Partido o gouernador de Diu, mandou diãte a Antonio raposo no seu nauio, que fosse dizer à Goa como hia, & a Ruy galuão & a Ieronimo de sousa ho mesmo a Cananor & a Cochi. E ele se foy dereyto à Chaul, onde Nizamaluco lhe mandou fazer grãde festa, & mãdou muyto refresco & assi as pareas q̃ deuia. E por seu consentimẽto deixou tãbẽ aqui ho gouernador feytoria com fazẽda pera se feytorizar, & mais deixou hũ Ioão faleiro pa fazer duas carauelas: & assi mãdou daqui leuar muyto salitre, enxofre, linho, trigo & arroz. E aqui achou Tristão dega que tinha mandado com embaixada a el rey de Cambaya sobre lhe dar fortaleza em Diu, & vinha coele hũ messejeiro do mesmo rey q̃ deu de sua parte ao gouernador hũ caualo muyto grande & fermoso com hũas cubertas daceiro, & hũa sela do mesmo à sua maneyra & hũa adaga de sua pessoa, & pera el rey de Portugal hũa douro: & assi deu hũa carta del rey ao gouernador, em que lhe dizia q̃ faria tudo o que ele pedia por seu embaixador como lhe diria Miligupi em sua carta à que se referia. E Miligupi escreuia ao gouernador q̃ el rey de Cambaya era contẽte de dar feytoria em Diu, & fortaleza, & que cadãno se gastarião em Cambaya corenta mil quintais de cobre a preço de nouenta xerafins ho bahar, & assi se gastarião outras mercadorias de Portugal, & das de Cãbaya darião ao feytor de Diu as q̃ quisesse, & q̃ el rey de Cãbaya queria mandar a Malaca hũ ftãte dos Guzarates, & que pedia seguro pero quantas naos de Cambaya lá fossem: & q̃ rogaua muyto ao gourenador que lhe mãdasse a nao meri. E Tristão dega disse ao gouernador que achara el rey de Cambaya na raya de seu reyno com hũ poderoso campo de gente de pé & de caualo, & q̃ tinha guerra cõ el rey do Mãdo seu vezinho, & que quando ho vira lhe fizera muy boõ recebimento, & ho mandara agasalhar muyto bem, se não que tardara bem tres meses em ho despachar, dizẽdo que ele sabia que auia de vir outro gouernador de Portugal, & que isto sabia certo, porque ho secretario da India ho dissera ao seu embaixador que mandara ao gouernador quando viera de Malaca. E se tão cedo auia de vir outro gouernador, que pera que era fazer nenhũ concerto pois o que viesse

ho desmãcharia se lhe viesse à võtade: & q despois de muyto trabalhosamẽte lhe fazer perder ho credito de vir outro gouernador, nã auia remedio pera conceder fortaleza em Diu, se não feytoria, & isto acõselhado de Meliquiaz, a quem Meligupim lhe dissera que pesaua muyto de se fazer fortaleza, & q el rey daua fortaleza em Maim, ou em hũa ilha que està no canal de Goga, onde outra vez a daua, mas o gouernador a não quis aceitar, & em Mai disse Tristão dega que era muyto longe de Cãbaya, & q farião as mercadorias muyto custo em as leuar lâ, & que a ilha não tinha boõ porto pa as nossas naos. E por derradeiro dissera el rey que ele diria a Miligupi o que escreuesse ao gouernador, & pois ele escriuia que el rey daua fortaleza em Diu que assi seria: porem não foy assi segũdo direy a diante. E cõfiado o gouernador que seria verdade, despachou logo ho messejeiro del rey de Cambaya, a quẽ escreueo muytos agardecimẽtos da fortaleza em Diu, & que el rey seu senhor por ho amor, amizade & trato que folgara de ter coele, não mandara nũca fazer guerra a sua terra, & se suas naos & gente tinhão recebido algũ danno, fora por ajudarem seus imigos, assi como fizerão em Malaca & em Adẽ. E a Miligupi escreueo agardecimẽtos da parte del rey seu senhor mais miudamẽte por fazer bẽ as cousas de seu seruiço, dandolhe muyta esperança de receber por isso grandes merces, & q dissesse a elrey de Cãbaya q ele tinha corregida a nao Meri pera lha mandar, & que logo lha mandaria: & pa a leuar ficou homẽ messejeiro delrey de Cambaya com ho gouernador, & mandou estas cartas a elrey. Despachadas estas cousas em Chaul, partiose ho gouernador pera a vila de Danda que he de seu señorio, onde sabia q estaua metida hũa nao de mouros do Cayro, q partindo de Calicut cõ outras pera Iudà arribarão com ho temporal que disse à costa da India & meteranse por esses portos de Cãbaya ate mõte deli. E esta vila de Danda està na costa ãtre Chaul & Dabul: he muyto viçosa & abastada de mantimẽtos, & tẽ hũ muyto boõ porto em que podẽ entrar carracas quanto mais naos, tem defronte seys braças da terra firme hũa peqna ilha em que os mouros (de que Danda he pouoada) tem hũa fortaleza do tamanho dos paços decima d Lisboa: he em si muyto fermosa com muytos jardins de diuersos aruoredos & de muytos tanques dagoa que a fazẽ grãdemẽte fresca, & tem ao derredor grandes varzeas que dão muyta soma darroz, & de linho. E esta ilha foy a primeyra cousa que os turcos ganharão quando tomarão a ẽpresa do reyno de Daquẽ, & dali ho começarão de conquistar. E chegado ho gouernador, mãdou dizer ao tanadar de Danda que bẽ sabia que aqla nao q ali estaua era de mouros do Cayro nossos imigos que lha deuia dẽtregar como à capitão mòr del rey de Portugal, cujo vassalo era Nizamaluco señor de Chaul, q tambẽ ho era daquela terra: & cõ licença q ho tanadar de Danda mandou pedir a Nizamaluco pera entregar a nao, a entregou assi casco como aparelhos & toda sua carga q forão tres mil quintaes de pimẽta & gingibre. E em quanto ho gouernador ali esteue, andou costeando aqla ilha de Danda de q tinha noticia, & desejaua de a tomar aos turcos, q sabia q era hũa das boas cousas q auia naqlas partes, & q era abatimẽto seu terẽna turcos,

& sabia q̃ tẽdoa q̃ ficaua el rey de Portugal señor de Chaul de todo & de toda sua comarca: & pera se soster aq̃la fortaleza não erão necessarios mais de cẽ homẽs que a mesma ilha manteria, & a mais se mais quisessem, & q̃ estaua ꝑto de Goa: & despois escreueo sobrisso a el rey seu señor, mas não ouue effeyto. E ẽtregue ho gouernador da nao q̃ digo, soube q̃ os mouros leuarão per hũ esteiro dali a cĩco legoas hũs corẽta fardos de pimẽta, mãdou por eles a lorge dorta. & a Afonso Anrriquez ẽ dous bateys armados, & os donos da pimẽta quãdo os virão ir não ousarão de lhes resistir, & fugirão deixando a pimenta q̃ eles leuarão ao gouernador, q̃ se partio logo ꝑa Dabul, õde sabia que estauão outras naos de mouros da conserua q̃ digo, & mandou as pedir ao tanadar, q̃ respõdeo q̃ escreueria sobrisso ao Hidalcão seu señor & faria o que lhe mãdasse. E porq̃ ho gouernador vio q̃ auia dauer detẽça ate ir recado ao Hidalcão & tornar, não quis esperar, & tã bẽ não quis tomar as naos por ter paz cõ ho Hidalcão, & desejar dauer dele as tanadarias da terra firme de Goa, & quis ter cõprimẽto coele desperar sua reposta. E como digo porq̃ auia dauer nisso dilação, & era necessario não se deter, deixou a Lopo vaz de sam Payo na sua nao surta na boca da barra d̃ Dabul cõ regimẽto q̃ não deixasse sair as naos nem outras nenhũas ate não ver seu mandado, & mandou ficar coele a Vicente dalbuquerque na nao de Pero dalbuquerque seu primo: & mandãdo dizer ao tanadar que lhe leuasse a Goa a reposta do Hidalcão, se partio ꝑa la.

Capit. cxv. De como partio de Portugal Ioão de sousa de lima por capitão môr das naos de carga, & do que lhe aconteceo.

NEste anno de mil & quinhẽtos & treze, partio d̃ Portugal por capitão môr darmada da India hũ fidalgo chamado Ioão de sousa de lima. E os seus capitães a fora ele forão Anrriq̃ nunez de lião & Frãcisco correa. E partindo de Lisboa a quatorze de Março, forão todos jũtos ate ho cabo de boa esperãça, õde se apartarão cada hũ por seu cabo cõ hũ grande tẽporal q̃ lhes deu naq̃la parajẽ. E seguido a capitayna sua rota, foy ter so a Moçãbique a vinte dous de Iunho da era sobredita, q̃ foy a mais breue viajem q̃ ate então se fizera. E estãdo ali esperando polas outras naos, chegou Anrriq̃ nunez despois dele dez ou doze dias: & vendo q̃ não chegaua Francisco correa, não se quis mais deter, porq̃ tinha detença em Melinde, a cujo rey leuaua hũ presente del rey de Portugal, & cartas ꝑa ho soster em sua amizade. E partido ꝑa Melinde, chegou la ẽ obra doyto dias, & deu ho presente a el rey, & assi a carta de muytas palauras damizade, q̃ el rey de Melinde muy bẽ merecia por quão fiel seruidor fora sempre del rey de Portugal, & quão verdadeyro amigo dos nossos, socorrẽdolhe sẽpre ẽ suas necessidades & agasalhando os como a seus vassalos. E em quãto se Ioão de sousa aqui detinha, Francisco correa q̃ se apartou dele cõ ho tẽporal seguio sua viajẽ pera Moçãbiq̃: & cuydando q̃ fazia boa viajem hia por isso muyto soberbo, dizẽdo q̃ metido em hũa pipa leuaria hũa nao a India. E indo assi, foy por fora da ilha de sam Lourenço sem ho saber: & auendo vista dela, cuydou q̃ era Moçãbique, & foy a demandar. E chegãdo perto de terra co

nheceo a ilha,& como sabia muyto em vez de tirar caminho da India,rodeou a ilha pa ir a Moçãbique.E leuãdo esta rota despois de rodear a ilha q hia bẽ ẽpegado,foy ter âs ilhas de sam Lazaro:& indo por elas,começou daparecer hũ fogo em terra,& algũs dos nossos a tẽtarão parele ,dizẽdo q parecia sinal que lhe fazião.E ho piloto disse q não era nada,q não auia alí de que fazer sinal,& sem lançar prumo pera saber q fundo auia por ali,indo quasi onde parecera o fogo(q auia hũa hora q vião) supitamẽte foy dar a nao em hũ parcel onde assentou na area & abrio ,& por ser a agoa baixa se poderão os nossos saluar no batel & no esquife da nao,a q fizerão arrõbadas,& metẽdo ho matimento q poderão & ho cofre del rey se partirão pa Melide,õde chegarão q si mortos cõ fome & cõ medo de se pderẽ no mar.E chegados a Melinde ,remedeou os ho capitão môr cõ soldo q lhes pagou dos cofres del rey.E vindo hũa vez de terra Anrriq nunez de lião & Francisco correa pera as naos , fazia ho mar tamanho escarceo cõ ho vento grãde q vẽtaua q çoçobrou ho esquife em q hião,& afougouse Francisco correa cõ outros algũs , & Anrriq nunez escapou ás costas de hũ marinheiro q ho saluou:& despois disto partiose Ioã de sousa pera a India & coele Anrrique nunez,& chegarão a Goa quando ho gouernador estaua no porto de Diu q vinha Dadẽ.O q sabido por Ioão de sousa,partiose pa Cochi,pa ele & Anrique Nunez descarregarẽ a carga q as naos leuauão & carregarẽ despeciaria.

Capit.cxvj.De como ho gouernador ouue as seys naos de mouros q arribarão â costa da India.

CHegado ho gouernador â Goa,achou hi hũ presente dhũs panos ricos da Persia q se chamão camarabãdos,q sã douro & seda,& hũ anel dhũ diamão de preço.E isto lhe mãdou hũ ẽbaixador do Xequismael,q ele mãdara a el rey de Daquẽ & ao Hidalcão cõ grãdes & ricos presentes,pa q tomssẽ as suas carapuças & os liuros da sua seita q eles não quiserão tomar.E este ẽbaixador pola fama q achou do gouernador,& pola q auia dele no cãpo do Xequismael,desejou de ter coele amizade & conhecimẽto,& por isso lhe mãdou aquele presente,& não achando o q ho leuou ao gouernador,o deixou cõ recado parele q como chegasse ho iria ho embaixador visitar & tornouse parele. Assi tambem achou ho gouernador em Goa hũ judeu Portugues morador em Ierusalem , que lhe deu da parte do goardião de sam Francisco de Ierusalẽ hũas cõtas tocadas em muytas reliquias,& hũa cãpainha da capela de nossa señora do mesmo mosteiro com q tangião â missa,& por serẽ aqlas duas peças de muyta estima lhas mãdaua. E este judeu disse ao gouernador q ho goardião ficaua no cayro , onde fora a chamado do Soldão,& assi achou hũa carta do Hidalcão q lhe mandou por hũ Bramene sendo ele ao mar roxo,& hũ diamão rico & tres turquesas,& dizia na carta q mandasse hum homem de peso pa se acabar â paz q estaua comẽçada,porq Digo fernãdez que lá fora não leuaua mais poder q pera pedir as terras de Goa:õde estãdo ho gouernador lhe foy dada outra carta do hidalcão,em q lhe pedia muyto q lhe quisesse alargar as duas naos q estauão ẽ Dabul,assi por serem de mouros seus amigos,como por selhe fazer naqlo hõrra

muyto grande, pois sendo os mouros nossos imigos, valia ele tanto por amigo del rey de Portugal que escapauão em seu porto. Ao q̃ ho gouernador respondeo que bem sabia de quanto os senhores sentião fazerẽ os vassalos cousas contra seu regimento. E que ele era vassalo del rey de Portugal & seu gouernador, & que no regimento que tinha nenhũa cousa lhe era tão encomẽdada como a destruyção dos mouros, principalmente dos q quisessem guerra coele, & os de Calicut (q̃ erão os por que lhe rogaua) a quiserão sempre com os nossos, & à treyção matarão muytos deles em tempo de Pedraluarez, & por isso não podia fazer o que lhe rogaua, & mais que oulhasse ele sem paixão, q̃ se tendo a mesma causa que el rey seu senhor tinha, hũ seu capitão fizesse o que lhe ele rogaua quanto folgaria coisso, & que pena lhe daria se ho fizesse, & por hi veria se era rezão que fizesse o que lhe rogaua. E vista polo Hidalcão esta reposta do gouernador, ouuesse por satisfeyto, porem quis que pois ho não fazia por seu rogo que ho fizesse por justiça, dizendo q̃ aquelas naos por dereyto erão suas, & que forão à costa com tẽpo, & pois estaua isto claro que como lhas queria tomar. Ao q̃ ho gouernador respondeo q̃ ir à costa se chamaua quando hũa nao se fazia em pedaços, ou abria & se perdia a mercadoria, mas que as naos estauão sãas & com toda sua carrega, & que entrarão ẽ seu porto como ẽtrauão outras naos, & por isso não erão suas, q̃ os dereytos da mercadoria bem os podia leuar como señor do porto, porem que as naos & especiaria erão de nossos immigos. E pois ele desejaua a amizade del rey seu senhor & sua, não deuia de receber seus immigos no seu porto. E vẽdo ho Hidalcão que nem por ali ho podia leuar, cometeolhe que fizesse algũ partido com os mouros, porque não ficassẽ de todo destruydos, & que nisto receberia muyto boa obra. E porq̃ não parecesse ao Hidalcão q̃ ho gouernador chegaua ao cabo coele, & porque fazia ho proueito del rey seu señor cõ fazer prazer ao Hidalcão, fez concerto cõ os donos das naos que lhe dessem ametade da especiaria de graça, & a outra lhes pagaria com mercadorias. E estando pera acabar este cõcerto, veo ter à barra de Dabul hũa nao de mouros de Magadaxó, que auendo vista dos nossos porq̃ nã podião fugir encalharã cõ a nao em terra, pera õde logo fugirão, & Lopo vaz tomou a nao q̃ achou carregada de cera & de marfim, cõ que pagou ametade da especiaria que auia de pagar aos mouros com mercadorias. E desta maneyra ouue de graça toda a especiaria, que foy tanta que a carregou na sua nao, & na em que estaua Vicẽte dalbuquerque & foyse a Goa, onde ho gouernador fez ho mesmo partido q̃ fizera com os mouros que estauão em Dabul, com outros de Calicut què estauão em Cangicar, por ser tambem porto do Hidalcão, & isto sem lhe ele falar nisso pera ho obrigar. E em goarda desta nao de Cãgicar estaua Antonio nogueira capitão de hũa nao. E sabẽdo ho gouernador q̃ estaua outra em Baticala, mandou la a Antonio raposo com recado a Damechati gouernador por el rey de Narsinga, que com medo do gouernador a entregou logo, & outro tanto se fez em Mangalor, õde tambẽ arribara outra nao de Calicut, & foy lá Fernão gomez de lemos. A ssi que das seys naos que partirão pera Iudá como

disse nenhũa não passou de çacotorã, ẽ cuja parajem lhes deu a tormenta com q̃ arribarão à costa da India, & todas forão tomadas & descarregadas pera se carregarem as naos que auião dir aquele anno pera Portugal, saluo duas q̃ ho gouernador deu a el rey de Calicut que lhas mandou pedir, dizendo que erão suas, & isto quando lhe pedio paz & lhe deu fortaleza em Calicut.

Capit. cxvij. De como el rey de Narsinga mãdou hũa embaixada ao gouernador sobre os caualos de Goa.

Estando ho gouernador em Goa, chegou hũ embaixador dl rey de Narsinga, q̃ lhe trazia sua embaixada sobre fazer paz & amizade com el rey de Portugal, cõ determinação de fazer guerra ao Hidalcão, & a outros senhores do reyno de Daquẽ: & assi que ho gouernador deixasse ir aos seus portos que tinha naquela costa os caualos Darabia & da Persia q̃ auião de ir a Goa. E a primeyra vez q̃ ho ẽbaixador foy ver ho gouernador, lhe deu hũas manilhas douro & pedraria, & assi algũs aneys & outras joyas ricas, & panos de Bisnegar que lhe el rey de Narsinga mandaua de presente, & a pos isto lhe propos sua embaixada. E como ho gouernador desejaua muyto q̃ el rey de Narsinga fizesse guerra ao Hidalcão pera que se saysem os turcos do reyno de Daquem: ho primeyro põto da ẽbaixada sobre que praticou foy esse, persuadindo com muytas rezões ao embaixador por õde el rey de Narsinga deuia de fazer esta guerra, a que lhe ajudaria com todo ho poder del rey seu senhor, & mais tolheria q̃ não viesse mais gente branca ao Hidalcão do estreyto. O que pareceo bem ao embaixador, & lhe affirmou q̃ el rey de Narsinga estaua muyto abalado pera fazer esta guerra, & mais se fossem os caualos a seus portos como pedia. Ao q̃ ho gouernador respõdeo que antes ele daria os caualos a el rey de Narsinga que ao Hidalcão, mas deixalos ir a seus portos, pola perda que el rey seu señor perderia na renda dos dereitos que tinha deles. Que darlhe os caualos ãtes q̃ ao Hidalcão entẽdiase comprandolhe ele os dereitos, ou fazendo a isso hũ partido que fosse boõ pera ambos, & com condição que ele teuesse com el rey seu señor verdadeira paz & amizade. E ho embaixador disse que não trazia comissam pera ho cõcerto dos caualos: porem ho gouernador entendeo nele outra cousa, & por isso falou em al, o q̃ logo se pareceo porque dali a dous dias ho ẽbaixador tornou ao gouernador, & dissellhe que posto que não trazia comissam del rey de Narsinga pera fazer partido coele sobre os caualos, que lhe daria polos dereytos de mil caualos sessenta mil pardaos, mas que os mercadores q̃ os trazião os não auião de vẽder se não a el rey de Narsinga, & que lhe auia de dar hũa fusta das nossas q̃ fosse em sua goarda ate Honor. E que el rey de Narsinga quando mandasse a Goa por estes caualos, mandaria todas as mercadorias que soyão dir ao porto de Baticalà, & que as daria pelo preço q̃ là valião. E ho gouernador não quis, & pedia cem mil pardaos, & mais que auião os mercadores de vender os caualos a quem quisessem, porque nã se fazendo assi este partido, el rey seu señor ꝑdia muyto nos dereytos dos caualos,

Q

& mais desfaziasse ho porto de Goa, q̃ coestes caualos ficaua dos melhores da India,& mais assentãdose Ormuz como ele esperaua em nosso senhor,& el rey de Portugal quisesse que os caua los fossem a Goa & não a outro nenhũ porto(o que podia tolher com a arma da q̃ trazia)sem nenhũ cabedal podia ganhar tanto como na mina.E por isso por mais que ho embaixador apertou sobre ho gouernador assentar no parti do dos sessenta mil pardaos nũca quis, & despediohe com hũ presente pera el rey de Narsinga em nome del rey seu senhor,& forão dous caualos Arabios de preço de setecentos pardaos cada hũ,& vintoyto couados de veludo pre to & trīta de damasco,& seys barretes vermelhos.E primeyro q̃ se fosse, lhe mãdou o gouernador mostrar as estre barias & caualos que el rey seu senhor tinha em Goa,& os alifantes:& assi as galés que mandaua fazer.

Capit.cxviij. De como faleceo el rey de Calicut,& lhe sucedeo Nambea darim seu irmão.

SAbendo ho gouernador que não ouuera effeyto a fortaleza que deixara assentado quese fizesse em Calicut,& a causa porque, como foy ẽ Goa despedio dõ Garcia de noronha q̃ se fosse a Calicut,& tornasse a refor mar a paz que assentara com Nambea darim,q̃ tinha pera isso comissam del rey de Calicut,& que pedisse a forta leza no lugar em q̃ lha dãtes dauão,& dandolha começasse logo de a edificar. E partido dom Garcia de Goa,foy ter a Cananor,onde soube as reuoltas que forão sobre a prisam de Pocaracé quã do ho gouernador era ao mar roxo,E achou Pocaracem vsurpado de sua fazenda que lhe ho nosso feytor tomara por consentimẽto del rey de Cananor que fauorecia contrele ho goazil q̃ era seu imigo por ele ser muyto amigo do seruiço del rey de Portugal:o que sabẽ do dom Garcia ho fauoreceo,& disse lhe que se não agastasse pelo que lhe fo ra feyto & pola perda q̃ recebera,porq̃ ho gouernador lhe faria justiça & lhe satisfaria sua perda,& leuouho cõsigo pera lhe ajudar no negocio de Calicut, porquãto era conhecido do çamorim & de Nambeadarim & tinha credito coeles.E chegando ele a Calicut,soube que el rey de Calicut era falecido,& so cederalhe Nambeadarim seu irmão q̃ ãdaua occupado em assentar cousas do reyno pelo que não podia entender no negocio a que dom Garcia hia,& por is so ele se ouue dir pera Cochim a fazer a carrega das naos que auião de partir aquele anno pera Portugal, & deixou Pocaracé em Calicut pera que quãdo visse tempo conselhasse a el rey de Cali cut,que pois ele sendo principe procu rara tanto que el rey seu irmão fizesse paz com elrey de Portugal & lhe desse fortaleza em Calicut,que agora q̃ era rey ho fizesse pois podia. E chegando dom Garcia a Cochim,soube como a el rey de Cochim lhe pesaua muyto da paz cõ el rey de Calicut,& muyto ma is del rey de Portugal ter fortaleza na cidade,porque tendoha temia que tor nasse Calicut a sua prosperidade, & q̃ se desfaria ho porto de Cochim & ele perderia muyto de suas rendas,& tor naria a ser tão pouca cousa como dãtes. E assi soube q̃ ele & elrey de Cananor, a quẽ pesaua tambem desta paz,cõse lhauão secretamẽte a el rey de Calicut

que não fizeſſe a paz,nem deſſe forta‑
leza,& que ſe quiſeſſe proſeguir a guer
ra de ſeu anteceſſor contra os noſſos,q̃
eles ho ajudarião com toda a deſpeſa q̃
lhe foſſe neceſſaria pera a guerra.E aſ‑
ſi tambẽ ſoube que el rey de Cochim
tinha muyto grande peſar de ſe tomar
Goa & ſoſterſe,que recebia niſſo grã‑
de perda:porque não auendo hi Goa a
uião os da noſſa armada inuernãdo na
India dinuernar em Cochim,& hi ſe a
uia de reformar a armada,& pera iſto
acodião muytos mantimẽtos a Cochĩ,
de cujos dereytos ele leuaua tres mil
cruzados,a fora outras couſas em que
ficaua muyto dinheiro dos noſſos com
que Cochim ſe fazia muy rica,o q̃ não
auia de ſer inuernãdo os noſſos ẽ Goa.
E foy certo que el rey de Cochim indu
zido de Antonio real & de Lourenço
moreno q̃ querião mal ao gouernador
eſcreueo a el rey de Portugal muytos
males de ſe ſoſter Goa como lhe eles
tambẽ eſcreuerão,principalmẽte An‑
tonio real em que el rey tinha muyto
credito,por ſe lhe ele moſtrar em ſuas
cartas muyto dorido de ſua fazenda &
grande aproueitador dela.E aos capitã
es & homẽs que lhe parecia que auião
de falar cõ el rey,moſtraualhe em Co
chim as boas obras q̃ ho gouernador
mandaua fazer,& dizialhes que diſſeſ
ſem a el rey que ele as fazia,& as q̃ ele
fazia que não erão boas,dizia q̃ ho go
uernanor as mãdaua fazer:& coiſto fa
zia com el rey de Cochim que nas car‑
tas que eſcreuia a el rey que ho abonaſ‑
ſe,dizendo quanto ſe doya de ſua fazẽ
da & quãto aproueitaua ſendo tudo ao
contrairo.E em tãto ho abonaua el rey
de Cochĩ que eſcreueo a el rey,q̃ quã‑
do ho principe herdeiro de Cochim
quiſera tomar ho reyno q̃ lhe reſiſtio
Gõçalo de ſiqueyra & os outros capitã
es como ja diſſe,q̃ Antonio real & Lou
rẽço moreno forão os q̃ ho ſoſteuerão
em ſeu eſtado,o que ſe ſoube pola repo
ſta q̃ el rey de Portugal eſcreueo a eſta
carta q̃ ho gouernador vio.E por eſtas
cartas taes q̃ el rey de Cochim eſcreuia
a el rey de Portugal,& aſſi Antonio re
al,Lourenço moreno & Gaſpar perey‑
ra,mãdaua ele naquela armada q̃ poſeſ
ſe ho gouernador em conſelho com os
fidalgos & capitães da India,ſe era bẽ
ſoſterſe Goa ou não,& que lhe mãdaſ
ſe o gouernador os pareceres de todos,
pera fazer o que foſſe mais ſeu ſeruiço.
E iſto cõ outras couſas,mandou a Gaſ
par pereyra q̃ ho diſſeſſe ao gouerna‑
dor,a quẽ Gaſpar pereyra queria mal
como diſſe,& por iſſo ſendolhe dadas
eſtas lembranças ẽ Cochim,começou
logo de dizer pubricamente que el rey
lhe mandaua que foſſe ver Goa,& que
ſe lhe pareceſſe que não era pera ſe ſo‑
ſter que a mandaſſe derribar:& mais
que mandaua que ſe não fizeſſe paz cõ
el rey de Calicut antes ho deſtruyſem:
& iſto tudo por lhe parecer q̃ dãnaua
ho gouernador,& lhe fazia perder ho
credito com a gente.

Capit.cxix. Do q̃ ho gouernador fez em Cananor.

Deſpachadas pelo gouerna‑
dor em Goa as couſas que ti
nhão diſſo neceſſidade,par
tioſe pera Cochim.E eſtan
do na barra de Goa ãtes de ſua partida
forão hi ter coele Fernão perez dãdra
de & outros fidalgos que ho hião ver,
& pedirlhe licença pera ſe irem aquele
anno pera Portugal:& Fernão perez
lhe deu cõta de como fora deſbaratada

a grande frota de Patehonuz,& da disposição em que deixara Malaca. E seguindo daqui sua rota foy ter a Cananor,onde foy necessario deterse pera tornar a soldar muytas cousas que se fizerão contra ho seruiço del rey seu senhor em quanto ele foy ao mar roxo,assi como não disistir Mamele do titulo de rey das ilhas de Maldiua,& mãdar fazer guerra ao rey da ilha de Candaluz,& em se tornar a Cananor ho goazil que ele tinha feyto cõ el rey que ho lançasse fora por ser inmigo do seruiço del rey seu señor,& querer grãde mal aos nossos,& tambem porque soube a morte do çamorim & da sucessam de Nambeadarim no reyno de Calicut. E estando aqui soube que era feyta hũa conjuração antre Antonio real,Lourẽço moreno,Diogo pereyra de Cochĩ, ho vigayro geral, & Gaspar pereyra pera tratarem todos com a fazenda del rey seu senhor & ganharem coela quãto podessem,& assi ho fazião que aquele anno comprarão oytocentos quintais de calaim & obrigaãrse a pagalo em pimenta a seus donos,& Antonio real compraua soldos aos nossos a cincoẽta por cento & pagaualho em cobre,que lhe tornaua logo a comprar por muyto menos do que valião. E desta maneyra todos os portos da costa da India erão cheos de cobre,& assi de muyta pimẽta que vendião aos mouros, o que era muyto defeso por el rey de Portugal. E assi Antonio real & Lourenço moreno fazião que dauão ho cobre dante mão aos vendedores da pimenta pera a feytoria:& Diogo pereyra hiase a serra com dinheiro seu & compraua a pimẽta muyto barata,& na feytoria vẽdia a polo preço que valia nela. E assi fazião outras muytas cousas cõtra ho regimẽto del rey de Portugal ẽ muyto seu deseruiço & destruyção de sua fazẽda. O que sabido pelo gouernador,destruyo esta cõpanhia,& de Cananor mãdou que ho vigayro geral se fosse aquele anno pera Portugal,pera onde tambem ouuera de mãdar Antonio real se não soubera que se queria ir,& a Diogo pereyra mãdoulhe q̃ não esteuesse mais em Cochim & se fosse logo pera Goa. indo primeyro a Cananor pera se ver coele,& mãdou chamar Gaspar pereyra pera ho trazer cõsigo pois era secretario. E se lhe não fora por dar desauiamento á carrega das naos de Portugal, ouuera de priuar do officio de feytor a Lourenço moreno & mandalo pera lá: & isto sem nenhũ deles saber a causa porque,nem ho gouernador quis que a soubessem porque os não auia de castigar como merecião,por ho grande credito que tinhão com el rey seu senhor, em tanto q̃ os isentaua dele,& lhe mãdaua que não entendesse miudamente em sua fazenda. E chegado Gaspar pereyra a Cananor como se vio com ho gouernador,que foy na camara da sua nao,disselhe das lembranças que el rey de Portugal mandaua que lhe fizesse, dizendo q̃ não ouuesse por mal fazer lhe sua alteza aquela honrra & merce, & confiar aquilo dele,porque ho mandara á India com grandes carregos. E ho gouernador porq̃ ho conhecia, & sabia que el rey não mandaua aquelas lembranças se não por sua enformação & dos outros q̃ disse,riose do q̃ lhe dizia,& disselhe que ele não se escãdalizaua de lhe. S. A. mãdar q̃ fosse seu lẽbrador das cousas que comprião a seu seruiço, antes lhe fazia nisso a mayor merce do mundo,porque como ele era homẽ não podia acertar ẽ tudo,& mã

doulhe que lhe mostrasse as lẽbranças, que forão estas.

Que posesse em pratica com os capitães & fidalgos da India se lhes parecia bem sosterse Goa, & lhe mãdasse seus pareceres.

Que não se tomasse nenhũa nao Dormuz, por quanto el rey pagaua pareas & era seu vassalo.

Que se não occupassem as naos da carga em cousa que lhes desuiasse não partirem a tempo, & que se corregessem com tempo pera se não dilatar sua partida.

Que dali por diante se não dessem quintaladas se não aos capitães, porq̃ dantes dauanse a outros officiaes.

Que em nenhũ lugar da India se não dessem casamentos a nenhum dos nossos que casassem neles.

Que se tirassem os acrecentamentos dos soldos que dera ho viso rey.

Que se fizesse paz com el rey de Cambaya.

Que se cometesse a Meliquiaz que desse fortaleza em Diu, & q̃ el rey ho faria senhor de Diu.

Que Timoja fosse recolhido pelo gouernador, & muyto bẽ tratado.

Que não leuassem os meyrinhos das fortalezas nenhũas penas.

Que se fizesse paz com Malaca & ouuesse laa feytoria.

Que se tomasse Adem.

Que se aproueitasse bem a fazenda de sua alteza.

Que mãdasse insinar dos escrauos del rey a calafates, pedreiros, carpinteiros & a outros officios machanicos de edificar.

Que se tomasse assento de paz com Calicut.

Que se fauorecesse el rey de Cochi contra el rey de Calicut.

Que se mandasse Gõçalo fernãdez pera Portugal.

Que se prendesse Fernão caldeira paje q̃ fora do gouernador, & assi hũ Nuno vaz, & que os mandasse presos pera Portugal, & que se mandasse pera laa Ioão serrão que el rey cuydaua q̃ estaua ainda na India.

Que se assentasse paz com toda a costa do Malabar.

Que se buscasse algũa maneyra pa não auer tantas despesas na ribeira de Cochim

Que lhe mandasse certas joyas.

Que se prouesse el rey de Cananor de cousas de que se agrauaua.

Que lhe mandasse os quadrilheiros & escriuães que achara culpados em furtos.

Que lhe mandasse algũs frades da terra do Preste se os ouuesse na India.

Que lhe mandasse dizer porque fizera Antonio real a nao noua ẽ Cochi.

Que se fauorecesse el rey Donor cõtra Merlao seu irmão.

Que entendesse em certas culpas q̃ se punhão a Diogo pereyra de Cochi.

¶ Ouuidas estas lembranças polo gouernador, disse a Gaspar pereyra que bem sabia ele que as mais daquelas lẽbranças não auia necessidade de lhas fazerem, porque as que podião auer effeyto ele teuera cuydado de as poer em obra: & quãto a Goa ele a tomara com parecer de todos os fidalgos & capitães da India, que ho derão em quatro cõselhos que teuera sobrisso, & q̃ ho tornaria a tomar sobre o que el rey seu senhor mandaua aos que estauão em Cananor por sua pessoa, & aos q̃ estauão ausentes lho mandaria pedir por escripto, & que ele faria as instruções & car

tas pera ver como fazia o que el rey seu senhor mãdaua:& assi foy feyto. E quãto aos fidalgos & capitães que estauão em Cananor, ho gouernador os ajũtou em conselho, & disselhes estando Gaspar pereyra presente.

Capitolo.cxx. Do que se determinou em conselho acerca do que el rey de Portugal queria saber de Goa.

QVe a el rey seu senhor fora escripto da India q̃ recebia grande deseruiço em se soster Goa, assi pelas grandes despesas que erão feytas nela, como por outras que parecia que se auião de fazer de necessidade, & por ser a terra muyto doẽtia, & morrer nela muyta gente, como porque ho Hidalcão & assi os rumes auião de trabalhar pola ganhar, & pera isso lhe auião de fazer guerra cõtinuamente: & que as rendas de que se fazia fundamẽto q̃. S. A. teria nela como tinha do çabayo, era impossiuel podela ter, porq̃ ho çabayo a tinha a poder de muyta gẽte de soldo q̃ trazia na terra firme, q̃ sua alteza não podia trazer.

E tambẽ lhe fora escripto da India que Goa he porto principal pera se meterem nele rumes vindo à India, como estauão metidos nele quando ho gouernador foy sobrela a primeyra vez que se lhe deu, & que era muyto grãde incõueniente pera seu seruiço deixala, assi por isso como por estar tão perto de Cananor & de Cochim, cujas fortalezas podião receber dela grãde dano se fosse dimigos, & mais por a ilha ser muyto fertil & poder manter quanta gente esteuesse nela, & ser abastada de madeira & officiaes pera corregimẽto das naos, & assi materiaes pa todas as munições d̃ guerra q̃ fossẽ necessarias.

E mais lhe fora escripto que ho Hidalcão folgaria de fazer qualquer boõ partido com ficar seu tributario, & q̃ ficasse na ilha sua fortaleza forte & segura pera se defender, assi dos imigos de fora, como dos da terra, com tanto que a ilha ficasse por sua. Proposto isto aos capitães & fidalgos que estauão jũtos, derão todos seus pareceres, & concluyrão todos que Goa se deuia de soster por estas rezões.

Porq̃ el rey pera soster as fortalezas da India, & lhe auerem medo os mouros dela & do mar roxo, & crerem que fazia fundamento de as soster, era necessario ter na India hũ corpo de gente em terra, assi pera se tirar dos grandes gastos que lhe fazia a armada q̃ trazia, como pera dali acodir às fortalezas se teuessem necessidade, porque trazer somente armada a fora o que gastaua, andaua auenturada a perderse cõ hũa toruoada que sobreuiesse, & parecia q̃ não fazia fundamento da India nẽ de soster as fortalezas que tinha nela, por que perdida a armada ficauão elas perdidas por não terem gente que as defẽdesse, & auendo hũ corpo de gẽte em lugar forte, posto que se perdesse a armada ficaua cabedal com que se podesse restaurar, & cõ que se defendessem as fortalezas. E ho lugar pa estar este corpo não se podia achar de Diu ate Ceylão mais conueniente que Goa, assi por seu boõ porto como pola fertilidade da ilha, & pola abastança que tinha de carnes, pescados, trigo, arroz & doutros mantimentos, assi de sua colheita como das quatro ilhas de seu senhorio, & doutras terras comarcãs, & ser muyto sadia, assi de agoas como de

ãtes:& se os nossos forão doentes fora com ho trabalho quando fizerão a fortaleza,& q̃ ho sitio da ilha era muyto forte,& assi ho da fortaleza,porq̃ não tinha combate se não pela banda da vila velha que era a quarta parte.E da bãda do mar tinha as tres, & que não era trabalhosa cousa sosterse, porque sempre se sosteuera por muyto tẽpo a todo ho poder de gente q̃ ho Hidalcão mãdara sobrela,de que fora morta muyta & dos nossos nenhũs,& ja estaua desẽganado de a poder tomar, & por isso cometia paz.E segundo a experiencia que tinhão da guerra passada,& cõ as fortalezas que Goa tinha nos passos abastarião quatrocẽtos homẽs ꝑa a defender a todo ho poder do mundo sem nenhũa oppressam,& leuãdo cada hũ destes seyscẽtos rs de soldo cada mes, & hũ cruzado de mantimento,fazião de gasto por anno doze mil cruzados, que se pagarião do que Goa rẽdia,porque as quatro ilhas estauão arrẽdadas por treze mil pardaos segundo ho gouernador mostrou por carta de Frãcisco coruinel feytor de Goa q̃ lhe screuera então:& em quãto fora ao mar roxo renderão os dereytos dos caualos cinco mil pardaos afora os doutras mercadorias,q̃ forão dous mil & nouecẽtos, q̃ erão vinte hũ mil por todos no q̃ elrey não punha nada de sua casa:& mais q̃ aqueles homẽs auião de fazer ho mesmo gasto,assi como assi estando em outra parte da India,& sem fazerem ho proueito q̃ ali fazião,porque os q̃ estauão nas fortalezas de Cochi & de Cananor,não fazião mais q̃ goardar o q̃ lhe metião dẽtro:e os de goa não somẽte ho goardauão,mas se elrey ali quisesse ter mais gente,poderia comer as rẽdas das tanadarias de Caste,Antruz & bardes,q̃ sam na terra firme,que cõ as rendas de Goa,erão perto de dozẽtos mil pardaos,cõ que se podiã pagar todos os nossos q̃ esteuessem em Goa, & sobejaria dinheiro,& el rey seria temido:& creriã os mouros q̃ fazia fundamento de ganhar a India,& ho Soldão perderia a esperança que tinha de mandar armada pera lançar os nossos fora della,porq̃ das quatro cabeças(que erã elle,el rey de Cabaya,elrey de Calicut & ho hidalcão) que determinauão de se fazerẽ em hũ corpo pera lançarẽ os nossos fora da India,ho hidalcão era a principal,& por ser senhor de Goa,de que se fazia todo fundamento,assi ꝑa a frota como pera se ajuntar gẽte por sua abastança,& estar em parajẽ,por õde de necessidade auião de nauegar todas as naos da India pera qualquer parte, & dali fazião conta de saltear com sua armada,assi as nossas q̃ fossem de Portugal & a nossa armada da India, & as naos de nossos amigos q̃ por ali auião de passar.E pois nosso senhor dera a el rey hũa cousa tão boa & tão principal na India como era Goa,& de q̃ os imigos fazião tãto fundamẽto ꝑa lhes fazer mal,q̃ el rey a deuia de soster ꝑa lho fazer a eles,& mais pois era sua sẽ mestura de ninguem,como as fortalezas de Cochim & de Cananor,& seus vassalos,& dali podia señorear sem cõtradição ate Chaul,& ate Cintãcora, & lançar fora do reyno de Daquem os turcos que ho senhoreauão,q̃ erão mais pera temer por estarem na India q̃ os rumes que vinhão por mar & erão estranjeiros. E por todas estas rezões se deuia de soster Goa,& não alargarse nem ao Hidalcão cõ ser tributario del rey & ficar fortaleza nossa na ilha. Tomada esta cõclusam,que se assinou por

todos os capitães & fidalgos, mandou ho gouernador fazer tres vias dela pera a mandar a el rey seu senhor, como mandou por tres capitães que hião a quele anno pera Portugal.s.Ioão de sousa de lima, dom Ioão de lima & Antonio dabreu.

Capitolo.cxx. De como ho gouernador assentou paz com el rey de Calicut, & de como se começou de edificar a fortaleza.

IA dantes disto ho gouernador tinha mandado falar a el rey de Calicut polo goazil q̃ fora de Cananor, & por Pocaracem que acabassem de fazer a paz que ficara começada com seu antecessor, pedindolhe que pois sendo ele principe procurara tanto de a fazer, que a fizesse agora que era rey. E ele bem desejaua de a fazer, mas tinha muytos que lhe contrariauão que a não fizesse, não digo ainda de Calicut nem de seu reyno, mas de fora: & estes erão os reys de Cochĩ & de Cananor polas causas que ja disse. E todauia despois que Gaspar pereyra foy fora de Cochim, que não matinou a el rey de Cochim que lhe pesasse desta paz: dom Garcia que ho persuadia a lhe não pesar, ho achou mais obediente aa rezão que dantes, & assi ho escreueo ao gouernador, que reprẽdeo Gaspar pereyra na camara da sua nao. E pera lhe mostrar quão mal fazião, ele & outros que prouocauão a el rey de Cochim que lhe pesasse da paz com el rey de Calicut, mostroulhe hũ capitulo de seu regimento, em que lhe el rey seu senhor mandaua, que dando lhe el rey de Calicut fortaleza fizesse paz coele: & deulhe juramento que nã dissesse a ninguem daquele capitulo, porque el rey de Cochim não teuesse achaq̃ de se agrauar del rey seu señor, como tinha pera se agrauar dele por a paz que fazia com el rey de Calicut, a quem ho gouernador foy falar duas vezes sobresta paz fazendolhe grandes abastanças de cousas que lhe el rey seu señor faria se desse fortaleza & outras cousas q̃ lhe pedia, q̃ el rey de Cochĩ, & el rey de Cananor, & algũs dos nossos lhe fazião entẽder que erão falsas, que ho gouernador lhas prometia por que lhe desse fortaleza, & despois de a fazer as não auia de comprir, porque auia de vir outro gouernador. E a fora el rey de seu natural ser boõ & fiel, & inclinado a toda virtude, prouocaranno muyto a não crer estas cousas, a raynha, que era a sua molher principal, & tambem hũa sua irmaã dele: & não somente não quis crer o que lhe ellas dizião, mas ainda por lhe algũs mouros de Calicut contrariarem que não fizesse esta paz, os lançou fora da cidade & os não cõsentio nela, não estimãdo os dereytos que lhe pagauão de suas mercadorias, que erão muytos, & a algũs senhores seus vassalos que erão da mesma openião, respõdeo que ele queria restaurar Calicut a seu estado primeyro, & não acabalo de destruyr como seu irmão começara em ter guerra cõ os nossos, & isso não se podia fazer se não por paz, & por isso a fazia, & não deixaria de a fazer posto que lhe custasse do seu: & assi ho fez, que deu fortaleza ao gouernador da segunda vez que foy a Calicut no lugar em que

ele quis, & que teuesse elrey hi feytoria, onde lhe daria pimenta quanta quisesse a troco de mercadorias que foy cousa que se nunca vio na India, & que ho gingibre se comprasse na praça ao preço da terra, porq̃ não ouuesse nisso nenhum ẽgano, & que pagasse a valia da fazenda que se tomara em tempo de Pedraluarez, & pagasse de tributo cadanno a metade da renda dos seguros das naos, de que cõ a paz auião dir ao porto de Calicut grande soma delas, & por isso tambem a renda dos dereytos auia de ser muyta. E a fora esta fortaleza de Calicut segurar muyto ho estado da India a elrey de Portugal por Calicut ser hũa das quatro cabeças da India que fazião conjuração pera deitarẽ os nossos fora dela, com que ho Soldão que era a quarta ficaua de todo desesperado disso, forraua el rey de Portugal ho gasto do castelo de cima de Cochim que não sostinha se não por amor da guerra de Calicut, & cento & cincoenta mil r̃s que daua cadanno ao senhor de Repelim porque não ajudasse a el rey de Calicut, & deixasse vir de sua terra pimenta a Cochim, & tença que pagaua a Candagorâ, & a outros escriuães gentios por negociarem a pimenta, & mais com a fortaleza & feytoria de Calicut, se podia escusar ho gasto da feytoria de Cananor que era sem nenhum proueito: & tambem darse esta fortaleza foy hum grande açoute pera os mouros, & desesperarem de os nossos poderem sayr nunca da India, a fora os que tinhão recebidos com a entrada do gouernador no mar roxo por saberem que não podião nauegar por ele seguros. E com a entrega das naos dos mouros do Cayro que se fez em Danda, Dabul, Cintâcora, Baticalâ, & Mangalor, que virão que era de puro medo dos nossos que se tinhão por tão arreygados na India & tão poderosos nela, que conuinha aos reys & senhores dela fazerlhe a vontade pera que os não destruyssem: & por isto que el rey de Calicut sabia folgou de dar fortaleza ao gouernador. E el rey de Cananor posto que da primeyra lhe pesaua coesta paz & a estoruaua, por derradeyro lhe pareceo bem, & entrou nela pera a ter com el rey de Calicut, & mandou por seu embaixador aconselhar a el rey de Cochim que fizesse outro tanto, & deixasse a guerra pois ho çamorim era morto.

E assentada esta paz de tanta honrra & proueito pera el rey de Portugal, começouse a fortaleza de edificar perto do çarame del rey na ribeyra do mar no pouso das naos de Calicut, & remanso do arrecife, que lhe podião socorrer por mar sem trabalho. Era mestre da obra Thomas fernandez, que ho foy das outras fortalezas: goarda della, & dos nossos Francisco nogueyra, a que ho gouernador prometeo que feyta a torre da menajem & a porta çarrada, se chamasse capitão dela. Feytor & pagador das obras hũ Gonçalo mendez, & seu escriuão Iohão Serrão. El rey de Calicut deu muyto grande ajuda nesta fortaleza, assi com muytos pedreyros, carpinteiros, como com muyta gente de trabalho, & assi com grande soma de cal, & de pedra, & abastança doutros materiaes necessarios, mostrãdo sempre muyto boa võtade a esta obra: & fauorecendo os nossos com amor, & mandando aos seus que lhe fizessem todo boõ gasalhado que podesse ser. E

pera mayor ratificação da paz que tinha assentada, nas naos que estauão de caminho pera Portugal, mandou hum embaixador a el rey de Portugal pola confirmação desta paz, porque coessa condição a assentou ho gouernador. E escreueolhe, que desejando ele de ter coele paz & amizade despois q̃ reynara, deixara de prosseguir a guerra, & posto que a teuesse assentada cõ seu gouernador, pa mor firmeza queria que fosse confirmada por ele per carta assinada de seu sinal & selada de seu selo, em que lhe pedia que se posesse que lhe mandaria quantas mercadorias se podessem gastar em Calicut, & que mandasse hi carregar algũas das naos que mandaua aa India. E estas que ouuessem de carregar em seu porto, fossem dereytas a ele sem descarregarem primeyro em outro, porque ho aueria ele por grande merce, & que esta carta & reposta de sua embaixada, lhe mandasse per hum homem honrado, que lhe fosse dirigido por embaixador, porque coisso tornaria Calicut a seu primeyro estado & cobraria ho credito que tinha dãtes, & que esta merce lhe merecia pois fizera a paz de tão boa vontade & com as condições que ho gouernador quisera, & deixara por amor de sua amizade as mercadorias dos mouros do Cayro, & as do Soldão, de que recebia muyto proueito. E assi lhe fazia nesta carta offrecimẽto pera lhe deixar fazer no rio de Chale as naos & galés que quisesse porque era pera isso: & coesta carta deu ao embaixador hum presente de muytas joyas douro & pedraria de preço. E tambem ho gouernador escreueo a elrey, pedindolhe muyto que confirmasse o que assentara com el rey de Calicut pois ho fizera com sua autoridade.

Capitolo.cxxij. De como ho gouernador soube que dauão capitulos dele a el rey de Portugal.

FAzendose a fortaleza em Calicut, & estando ho gouernador em Cananor, lhe disse hũ dia Antonio raposo estando soo coele q̃ Gaspar pereyra mandaua capitulos dele a el rey de Portugal: & que a maneyra porque ho soubera, fora que ho mesmo Gaspar pereyra lhe descobrira que dom Ioão deça, Manuel de lacerda, dom Ioão de lima, Fernão gomez de lemos, Ioão gomez cheira dinheiro & Gonçalo pereyra tinhão feytos capitulos do gouernador, que assinasse ele tãbem neles, ou escreuesse a sua alteza so brisso, & que ele lhe preguntara que auia de escreuer. Ao que Gaspar pereyra respondeo, que bem sabia ele que ouuera ho gouernador hum cofre cheo douro dos mouros de Benastarim, & por isso os alargara sem conselho dos capitães, & que ninguẽ não sabia parte disto se não dõ Garcia seu sobrinho. E que isto sabia ele, porque estando ho gouernador pera dar combate aa fortaleza, lhe mandara dizer dom Garcia que ja tinha acabado: & em lhe dizẽdo aquilo, dissera ele a Gaspar pereyra q̃ estaua coele. Afastaiuos asi pera laa: & era porque não ouuisse o que dom Garcia lhe mandaua dizer q̃ lhe dauão q̃ era ho cofre cheo douro como despois soubera. E Antonio raposo lhe dissera, q̃ ele estaua a esse tẽpo no mar na sua nao q̃ não sabia parte disso, mas q̃ lhe mostrasse os capitulos q̃ auia dassinar,

& ele lhos mostrara,& diziāo q̃ ouuera hũ cofre douro ẽ Benastarí por deixar ir os mouros ẽ saluo: q̃ das presas que tomaua não daua a gente suas partes se não o q̃ queria, que não daua de comer aos capitães, que não daua os officios nem as capitanias aos criados del rey, q̃ nunca falaua verdade cõ os reys & senhores da India, q̃ deixaua gouernar a India a Francisco dalbuquerque, & a Alexandre dataide christãos nouos q̃ trazia por seus lingoas. E acabãdo ele Antonio raposo douuir estes capitulos, lhe dissera que queria ver os assinados deles, & por ventura os assinaria, & q̃ Gaspar pereyra lhe respõdera que não fizesse assi, mas que escreuesse sobrisso a el rey & ao bispo dagoarda. E preguntando ele de q̃ maneyra auia descreuer, lhe dissera q̃ escreuesse a el rey, q̃ bem sabia. S. A. quantos desejos teuera sempre de ho seruir, polo criar & ser sua feytura: & por isso era obrigado a lhe descobrir & dizer toda a verdade da India, porq̃ não ho fazẽdo assi, lhe parecia q̃ erraua a Deos & a ele, & apos isto poería os capitulos. Ao que Antonio raposo respõdera que aquilo era cousa de muyto peso, por isso era necessario cuydar nisso: & isto pa lho descobrir. E o gouernador lhe disse q̃ se calasse, & ouue dele a minuta dos capitulos, não pera os toruar, mas pa mostrar a verdade das cousas da India, & a grande malicia de Gaspar pereyra, a quẽ despois disto tomou em hũa casa cõ dõ Ioão de lima, Ioão gomez cheira dinheiro, Iorge de melo & Diogo fernandez de beja: & dissélhes que lhe releuaua muyto, q̃ lhe dissessẽ hũa cousa que eles sabião, & q̃ lhes juraua polo juramẽto dos sanctos euãgelhos, em q̃ pos a mão de lhes nũca ir mal por sua causa se lhe dissessem a verdade, antes os louuaria muyto. E dizẽdo eles q̃ lhe dirião o q̃ soubessem, dissélhes q̃ Gaspar pereyra q̃ ali estaua dizia q̃ eles cõ outros capitães q̃ nomeou fazião capitulos dele, q̃ lhe dissessem se era verdade, ou se sabião quẽ os fazia, porq̃ ele mandaua os mesmos capitulos a el rey seu señor se lhos eles nã quisessem mãdar. E todos affirmarão pelo juramẽto dos euangelhos q̃ tal não fizerão, nem sabião quẽ ho fizesse: leolhe então os capitulos. E tornãdo eles a jurar q̃ os não fizerão, nẽ sabião quem os fizesse, mãdou fazer hũ auto do q̃ passaua a Antonio dafonseca escriuão dante ho seu ouuidor q̃ estaua presente, & ouuio tudo: & aq̃les capitães ho assinarão, mostrãdose muy espantados dos capitulos, & de dizer Gaspar pereyra q̃ eles cõ outros os fazião, & dissérão ao gouernador q̃ lhe pregũtasse dõde ho sabia. E ele disse q̃ não era necessario, q̃ ele sabia o q̃ auia de fazer. E sabido isto pelos outros capitães, conselhauãno que mandasse Gaspar pereyra pera Portugal, cõ escreuer a el rey a causa porq̃ ho mandaua, & assi ho auto q̃ se fizera sobre os capitulos. E o gouernador não quis, dizẽdo q̃ faria primeyro tirar deuassa pelos capitulos ao mesmo Gaspar pereyra, & q̃ coela ho mãdaria pa Portugal, pera q̃ el rey lhe desse ho castigo q̃ merecesse: o q̃ não pareceo bẽ aos capitães, & dizião que pera assessego da India era bem mandalo a Portugal. E vendo ele q̃ se descobria sua maldade, & q̃ ho gouernador mandaua fazer autos dele pera os mandar a Portugal, começou de dizer que ho gouernador ho fazia por mal q̃ lhe queria, polas lẽbrãças q̃ el rey mãdara q̃ lhe fizesse, & por q̃ lhas fizera. E ho gouernador foy tão

prouido que manhosamente lhe fez confessar perante testemunhas, oq̃ lhe respondeo quando lhe fez as lembranças, & fez tirar as testemunhas & autuar seus ditos, porque se temeo de mudar Gaspar pereira sua reposta em algũ tempo.

Capit.cxxiij. De como foy discuberto ao gouernador que Antonio real mandaua delle capitulos a el rey de Portugal.

Desta conjunção foy dito ao gouernador per hũ Antonio madeira q̃ ho anno passado mandara Antonio real hũa carta a el rey de Portugal que lhe escreuera Diogo pereyra de Cochĩ, cujo terlado lhe ele vira em hũ saco, & a lera, & que dizia nela muyto mal dele a el rey. E se lhe não parecera que ele estimaua pouco os mexericos que Antonio real escreuia a el rey das cousas da India, que ele terladara aquela carta & outras que vira que ele escriuia a el rey, que lhe não lembrauão tambẽ como a do anno passado, posto que lhe não lẽbraua toda. E como isto era cousa que tanto importaua ao gouernador, rogoulhe q̃ lhe disse se o que lhe lembraua, & que fosse fielmente. E ele lhe disse que escreuera, q̃ despois que ele gouernaua a India não gastara ho tempo se não em guerrejones com nigrinhos nuus & sem armas, & em fazer fortalezas em lugares de pouco proueito & de muyto gasto, & em matar gente sem necessidade, & q̃ sempre punha sua pessoa em saluo, & em lugar sem perigo: & que nunca se fizera fortaleza de tão pouco proueito, & de tanto gasto, & de tantas mortes domẽs como a de Goa, & que lhe parecia mais seu seruiço mãdala desfazer q̃ sostela, porque ho Hidalcão comia as rendas dela & aproueitaua as terras, & el rey não tinha dela nenhum proueito, & isto podia saber per seus feytores & escriuães.

E que não cresse el rey q̃ os homẽs q̃ ho gouernador casaua na India erão os que ele cuydaua, & que ate ho presente não erão casados se não bargãtes que fugião cada dia pera os mouros, polos enganos & falsidades que lhe ho gouernador fazia nos casamẽtos, que despois de os ter casados, descontaua a cada hum corenta ou cincoenta pardaos polas molheres em seus soldos, & cuydando que tinhão molheres, achauãse cõ escrauas, & como a taes as tratauão. E estas sam as molheres que forão tomadas em Goa, & ho gouernador tinha aquela maneyra pera as vender & aproueitarse delas.

Que casara ho gouernador hũ criado seu chamado Fernão caldeira, a q̃ deu em dote de casamẽto hũ nauio cõ certas fustas com regimento & poder, como se fora gouernador: & por virtude do tal poder tinha roubada toda a India & aluoroçada toda a costa, & tinha tomadas muytas naos de Cãbaya & Dormuz, & doutros muytos lugares de paz, & lhe rompia os cartazes & seguros, & despois as metia no fundo, & mataua a gente delas por não ser descuberto: que vindo ho gouernador de Malaca, lhe fora feyto queixume dele, & por lhe não dizerem os mouros que lhe não fazia justiça dele, ou se não presumir que consentia no que ele fizera, mandara tirar hũa inquirição á sua võtade por Pero dalpõe que era seu ouuidor, & por Francisco coelho

seu escriuão, que leuauão todalas partes que erão dos defuntos de Malaca, por serem priuados do gouernador, & fazer coeles todolos enganos & fallsidades que queria fazer na inquirição, & por muyta fazenda que lhe Fernão cal deira peitou, ho liurou de tudo o que tinha feyto.

¶ E q̃ ho gouernador nunca era farto de naos pera fazer guerrejones, & não tinha carrego das naos da carga, de q̃ elrey auia dauer mais proueito que dos guerrejones: & pa saber se era assi, lhe mãdara a nao nazaré pera se ir nela, & a leuar carregada, & q̃ ho gouernador a tomara sem necessidade, se não por lhe fazer mà obra & toruar sua ida, & por se doer pouco da fazẽda del rey, & não lhe lembrar a gãrde perda que recebia em não carregar, & porq̃ fazia sempre tudo a seu saluo, que fizera cõselho com mestres & pilotos se mãdaria esta nao ou nã, & todos lhe disserão q̃ mãdasse q̃ estaua pera isso. E ele lhes dissera que iria a seu risco de todos, por isso que vissem o que faziáo, & q̃ a fossem bem oulhar outra vez, & outras ameaças, & eles então com medo se disdisserão, dizendo que não era pera ir: & estes erão os proueitos que fazia na India.

¶ Que não sabia porq̃ el rey não vsaua ho costume Ditalia, que era tomar conta a todo ho capitão & gouernador na fim do anno do que fizera nele: porque sabẽdo q̃ selhe auia de tomar cõta, não fazia as cousas que ho gouernador fazia, & que homẽ era Gaspar pereyra pera lhe tomar esta conta.

¶ Que a issenção que lhe elrey mãdara de Pero mazcarenhas quisera q̃ fora do gouernador, porque soubesse el rey que qual quer capitão q̃ esteuesse ẽ Cochim deuia de ser isento do gouernador da India, porque doutra maneyra não se faria a carga das naos a tẽpo diuido: porq̃ ao tẽpo que elas auião de carregar se hia ele darmada, & leuaua quãtos calafates & carpinteiros auia na India & todalas cousas necessarias pa adubio das naos & muy desnecessarias pera onde hia, nem menos deixaua em Cochim barca nem batel pera a carregação das naos, se não leuaua tudo pera os guerrejones.

¶ Que quando se partio pera ho mar roxo lhe não deixou nenhũa gente da ordenada à fortaleza nẽ quẽ vigiasse, & q̃ deixou a torre da menajẽ, & hũa sala & duas torres cheas de putas, onde não entraua nenhũ homem sopena de morte, & aq̃les erão os homẽs darmas que deixaua em goarda da fortaleza.

¶ Que quãdo viera de Malaca se ajũtara em Cochim com sessenta putas q̃ mandara trazer de Goa & as tinha em hũa torre, & assi como acabaua de comer se metia cõ coelas, o q̃ fizera todo aquele inuerno, em que nenhũa pessoa lhe podera falar, nem despachar coele, & que Mafamede não teuere mais deleyte com moças virgẽs do que ele teuera aquele inuerno, & que a gente andaua clamando sem a ele querer ouuir.

¶ Que não sabia pera que el rey queria que ouuesse na India igrejas, nem pera que mãdaua là vigayros, pois não auião de valer aos homẽs: q̃ Ioão Fernandez vigayro geral que laa mandara fora desonrrado & tirado da igreja pola defender. E que ho gouernador fizera vigayro de sua mão a hũ frade bebado bombardeiro chamado frey Iohão, porque lhe descobria as confissões: & vendo os homẽs que lhe não valião as igrejas fugião pera os mouros.

¶ Que ho anno que ele fora capitão de Cochim,& Diogo pereyra feytor q̃ se correjerão muytas naos pera andar darmada ,& carregarão muytas pera Portugal,& não se gastarão mais de trinta & tãtos mil cruzados,& despois de Lourẽço moreno ser feytor erão gastados cento & tantos mil,não se corregendo ametade das naos que forão corregidas no tempo que Diogo pereyra fora feytor:q̃ homẽ era Diogo pereyra mais sufficiẽte pera ser feytor de Cochim que Lourenço moreno,& de seu cõselho,lhe deuia el rey de dar a feytoria,porque tinha mais cuydado de lhe aproueitar sua fazenda que denrrique cer,o que não fazião Lourenço moreno nem ho seu capitão môr.

¶ E que andando ele seruindo el rey em varar as naos,que mandara ho gouernador entrar de noyte em sua casa dous rapazes seus criados pera lhe casarem com duas escrauas suas,como casarão,& lhe roubarão muytas cousas de casa:& vẽdo despois que era mal feyto remetara ho feyto ao vigairo mais cõ vergonha que com vontade,& disse q̃ ho que dizia era ho terço porq̃ ho mais lhe esquecia,& que dizia por derradeiro que goardasse elrey as cartas que lhescreuia,& que indo ho gouernador a Portugal lhas mandasse ler perãtele: & se não prouasse tudo,q̃ lhe mãdasse cortar a cabeça,& q̃ aq̃las cartas forão nas naos sctã Maria da luz,& sctã Maria dajuda,& hião cõformes cõ as que Ioão serrão escreuera a elrey sobre Fernão caldeira,& q̃ seu filho de Ioão serrão as leuara. E q̃ ho notairo destas cartas fora Diogo pereyra,porque Antonio real não sabia notar,somente dizia a Diogo pereyra os casos sobre q̃ queria escreuer,& ele escriuia com aquela cor que lhe parecia necessaria. E as notas destas cartas ficauão na mão Dantonio real,& dali as terladaua em boa letra hũ Garcia gõçaluez que viera de Portugal com Gaspar pereyra ,& que ele lera todas as terladadas por ser seu amigo.

Capit.cxxiiij. De como ho gouernanador mãdou tirar testemunhas sobre os capitulos q̃ Antonio real daua dele

Sabido isto pelo gouernador,assentou consigo pelos capitulos que Gaspar pereyra queria dar dele,& polos q Antonio real tinha dado,que por enformação dambos de dous lhe mandara el rey seu senhor fazer as lembranças que lhe mandara fazer acerca de Goa & doutras cousas,& deu muytas graças a nosso senhor por lhe descobrir aquela mina de cartas,& dondelhe vinha ho mal pera ho remediar com tempo,antes que lhe fizesse dano. E pera se mais affirmar se era verdade o que lhe dissera Antonio madeira,mãdou chamar a sua casa Diogo pereyra que estaua em Cananor,& segurandoho por juramento de nunca lhe fazer mal nem lhe ser feyto por sua causa,lhe preguntou a verdade dos capitulos que lhe dissera Antonio madeira. Ao que ele respondeo que bem conhecia que lhe tinha errado,q̃ lhe perdoasse polo amor de Deos , & que lhe diria a verdade. E dizẽdo ho gouernador que lhe perdoaua,lhe confessou algũas cousas ,falando como quem auia medo que não ousaua de falar. O que conhecendo ho gouernador , lhe disse que se espantaua muyto dachar Anto-

nio real quem fosse por ele ao inferno, & ele não quem quisesse ir ao paraysó com dizer a verdade a el rey: & a isto lhe tornou Diogo pereyra outra vez a pedir perdão. E perdoandolhe ho gouernador, & segurandoho de não rece ber nenhũ mal por dizer a verdade, lhe confessou todos os capitulos q̃ lhe dissera Antonio madeira, & q̃ era verdade que ele fizera a carta em q̃ forão, & isto com juramento, & q̃ dizia muy to mais cousas que aquelas dos capitu-los, & assi em outras que escreuera ãtes dela. E ho gouernador lhe disse q̃ era necessario auerlhe todos os terlados da quelas cartas pera mostrar a el rey seu senhor os enganos q̃ lhe Antonio real tinha escripto, se não que seria necessa rio mandar a Portugal a ele Diogo pe-reyra pera q̃ desse rezão de tudo a sua alteza, & por ele se tiraria hũa inquiri-ção de quanto tinha escripto. E ouuido ele isto, lhe pedio por amor de nosso se nhor q̃ não fosse el rey sabedor de tal cousa, prometẽdolhe dauer os terlados que lhe pedia, & que ho da carta que di zia Antonio madeira lhe daria logo, & assi lho deu. E auido este terlado, o go-uernador mãdou ao bacharel Antonio de vilhana ouuidor da India que cõ ho seu escriuão tirasse por testemunhas Antonio madeira & Garcia gõçaluez acerca dos capitulos que virão que An tonio real mandara dele a el rey na car-ta que lhescreuera, & assi em outras, & ambos testimunharão os capitulos que atras disse, & conformarão ambos em seus testemunhos, se não que Garcia gonçaluez disse mais que Antonio ma deira, que na ida de Malaca & tomada dela morrerão ao gouernador setecẽ-tas pessoas de doẽça, de trabalho & de fome, & que ho proueito q̃ el rey auia dauer ele ho veria: & que querendo ho gouernador partir de Malaca, lhe leua-uão os doentes pera os mandar leuar à India, & ele não queria mandar que os leuassem, & dizia que coeles auia de so ster Malaca pelo que eles morrião de pasmo, & quando se fora pera a India ninguem ho soubera, se não quãdo se fizera à vela, ao que à gente acodira à praya. E fora cousa espantosa as pragas que lhe rogauão, & apupadas que lhe dauão por se ir assi, & que a gẽte anda ua cramãdo sem lhe nũca dar as partes que lhes vinhão das presas, nẽ lhes pa-gar soldo: & que as presas erão de quẽ primeyro chegaua, & que alargara os mouros de Benastarim porque lhe pei tarão, & que faria el rey bem de mãdar por dous judeus que trazia, que sabião quãtas royndades fazia, & q̃ erão seus lingoas, secretarios & despenseiros: & que por estes saberia como passauão as cousas da India. E tiradas estas duas te stemunhas, foy tambem tirado Diogo pereyra por testemunha se escreuera aqueles capitulos a Antonio real, & ju-rou que si. E despois de tudo isto estar assi feyto, veo ter Antonio real a Cana nor nas naos q̃ se hião pera Portugal q̃ auião hi dabarrotar. E ho gouernador ho mãdou chamar à camara da sua nao estando coele muytos fidalgos & capi-tães, assi dos que hião pera ho reyno como dos que ficauão na India, & esta ua hi ho ouuidor da India & Antonio da fõseca seu escriuão, & Gaspar perey ra: & perante todos mandou ler os di-tos das testemunhas pelos capitulos. E lidos, lhe foy dado juramento por Gas par pereyra, que ho mandou ho gouer nador, se era verdade o que dizião a-q̃les capitulos, & se sabia quẽ os fizera: jurou que não sabia parte daqueles ca-

pitulos nem os mandara fazer, nẽ era verdade o que se continha neles. E des pois disto mandou ho gouernador ler perante todos a carta que Diogo pereyra dissera que Antonio real escreuera a el rey: & lida ho ouuidor da India deu juramento a Antonio real que jurasse se escreuera ele aquela carta a el rey, & assi outra que lhe tambem escreuera Diogo pereyra. E ele jurou que era verdade q̃ Diogo pereyra escreuera hũa carta que ele mandara a el rey per Manuel de crasto capitão da nao sctã Maria dajuda. E dizendolhe ho gouernador que desse ho terlado dela, ele disse que ho não tinha. E de tudo isto que se aqui passou foy feyto hũ auto pelo escriuão do ouuidor, que ho gouernador mandou a el rey com os ditos das testemunhas sobre os capitulos, pera q̃ soubesse a verdade: & algũs cuydarão que ele quisesse castigar Antonio real, porem ele não quis nẽ por todas estas cousas lhe deixou de dar boa embarcação, nem a ele nem a Gaspar pereyra, & a Diogo pereyra disse nenhũa mà palaura, se não quando leo a carta pubricamente, lhes disse que se espantaua de serem tão immigos das cousas do seruiço del rey seu senhor, & tão enuejosos de as verem acabadas com boõ cuydado, que trabalhauão com seus enganos & falsidades de dãnar hũ homem que com tanto desejo & amor ho seruia na India. E porque muytos dos fidalgos & capitães isto sabião, tiuerão grande descontentamento de ver a falsidade dos capitulos, & pera dizerem a verdade a el rey, lhescreuerão os mais deles hũa carta em que se assinarão, & quisesanna meter no maço do gouernador pa el rey, mas ele nã quis porq̃ não cuydasse el rey que a pedira: & como Gaspar pereyra queria mal ao gouernador por lhe tornar esta carta em vituperio dizia que ele fizera fazer aquela carta aos capitães, não pera a mandarem a el rey, se não pera q̃ enganassem coela ao gouernador que não deteuesse aquele anno a Antonio real & ho deixasse ir pera Portugal. E parecendo a Gaspar pereyra q̃ faria pesar ao gouernador, conselhou a Antonio real que antes de sua partida mostrasse ao gouernador pubricamente hũa carta que tinha del rey assinada por ele, & passada pola chãcelaria da capitania de Cochim, & outras duas cartas, hũa pera fazer hũ nauio, & outra pera poder tratar com pimenta: & isto pera lhe mostrar quãta merce lhe el rey fazia & quanto folgaua cõ seu seruiço. O que ele fez estãdo ho gouernador bem acompanhado de capitães & fidalgos que forão coele ao mar roxo & leuarão lá a vida que disse, que todos embruscarão vẽdo tãtas merces a hũ homem que leuaua boa vida ẽ Cochim, & logo murmurarão daquilo: & por isso pesou muyto ao gouernador do alardo que Antonio real fez de suas cartas, & secretamente ho reprẽdeo disso. E ele lhe disse q̃ ho diabo ho tomara, & que Gaspar pereyra lho fizera fazer, & descobrio ao gouernador ho concerto per juramẽto, q̃ ele, Diogo pereyra, Lourenço moreno, ho vigayro & Gaspar pereyra tinhão feyto pera tratarem com a fazenda del rey, & isto dizia porq̃ se hia pera Portugal. E acabadas as naos dabarrotar ẽ Cananor, partiranse pera Portugal & forão cinco bẽ carregadas despeciaria.

Cap. cxxv. De como o gouernador fez ẽtẽder a el rey d̃ Cochi q̃ nã era agrauado na paz cõ el rey de Calicut.

EStando ainda ho gouernador ẽ Cananor, chegou hi ho messejero do embaixador do Xeque ismael, q̃ fora à el rey de Daquẽ, & ao Hidalcão, que como disse ho fora buscar a Goa & não ho achou por ser no mar roxo, E sabẽdo ho embaixador q̃ era vindo, tornou ao mãdar visitar, & não ho achando ho messejeiro ho foy buscar a Cananor, onde soube que estaua, & deulhe ho recado do ẽbaixador, q̃ era q̃ sabendo ele as grandes cousas q̃ tinha feyto na India, desejaua muyto de ho ver, & por ho nã poder fazer ho mandaua visitar, & offrecerselhe por amigo. E deste messejeiro soube ho gouernado, q̃ assi ho embaixador pera el rey de Daquem & pera ho Hidalcão, como o que fora a elrey de Cambaya, leuaua cada hũ cem ẽcaualgaduras, & baixelas de prata de seu seruiço: & que os reys a que hião dirigidos não quiserão tomar as carapuças que lhes leuaua da parte do Xeque ismael nẽ os liuros da sua seita. E vendo ho gouernador que ho messejeiro do embaixador era inclinado a ver as cousas dos nossos, mandoulhe mostrar a fortaleza, & porque estaua de caminho leuouho cõsigo, & detendose em Calicut, lhe mãdou tambem mostrar a fortaleza, que estaua em tanta altura que podião assentar nela artelharia, & era quadrada & na quadra q̃ ficaua na banda do mar estauão duas torres de fora do muro, & antrelas da parte de dentro estaua a torre da menajẽ pegada no muro em que estaua, & ao pé dela hũ postigo pequeno pera receber socorro por mar. Nos outros dous cãtos que ficauão da banda da cidade tinha duas torres, & hũa mayor hũ pouco que baluarte & mais alta na porta da fortaleza que ficaua daquela parte, & suas bombardeiras ao derredor, & as torres q̃ goardauão ho pé do muro. E vista esta fortaleza, em cuja goarda ficou no mar dom Garcia com parte da armada ate ser tẽpo de se recolher, partiose ho gouernador pera Cochim, onde despachou ho messejeiro do embaixador, & lhe deu hũ presente que lhe leuasse, & se mostrou muyto grande amigo do Xeque ismael, & lhe mãdou pedir por sua carta q̃ da sua parte fizesse muytos offrecimentos damizade ao Xeque ismael, & q̃ tudo faria por amor dele, porque sabia q̃ el rey de Portugal se aueria por muyto seruido disso. E por estas palauras & boõ gasalhado, mãdou despois ho xeque ismael hũ embaixador ao gouernador, como direy a diante, & despachou bem hũ Miguel ferreyra que lhe mandara com recado. E despois q̃ ho gouernador foy em Cochim, com quãto el rey se daua por agrauado dele pola paz com el rey de Calicut, & por q̃ lhe dizião que a carregação das naos auia la de ser dali por dãte, foy ho ver. E praticando sobristo, disselhe ho gouernador que não tinha rezão de se agrauar da paz cõ el rey de Calicut, porque el rey de Portugal lhe tinha bẽ satisfeyto os seruiços que lhe fizera, & q̃ a guerra que tinha dantes com Calicut era pola treyção que fizera ho çamori, & pois era morto, el rey seu senhor que ria auer piedade dos mercadores gentios de Calicut, & del rey, que se metia em suas mãos, & mais não sendo sua tẽção de fazer guerra se não a mouros, como se via nos lugares que lhes tinha tomado, & por isso se el rey de Coulão fizesse como el rey de Calicut tambẽ

se lhe daria paz. E por esta ser a tēção
del rey seu senhor, & ele ganhar coele,
deuia de querer paz com el rey de Ca-
licut & não agrauarse, que bem via ele
que ho preço da pimenta de Cochim
& os custos que fazia ate Portugal, não
deixauão ganhar nela cousa q̃ abastas
se âs desordenadas despesas que fazia
com a grande armada que trazia na In
dia por amor da guerra. Ao que el rey
de Cochi disse que bē via tudo, porē
que ele auia de ter guerra com Calicut,
porque assi o queria seu costume. E ho
gouernador lhe respondeo que se a te-
uesse pareceria contrariar as cousas del
rey, como era Calicut pois tinha nela
tanta parte: & q̃ a obrigação pera lhe
fazer guerra era muy pouca, ou nhũa,
pois ho çamorim era morto q̃ fora cau
sa da guerra. E a isto preguntou el rey
onde se faria a carrega das naos, & ho
gouernador disse que õde a especiaria
fosse mais barata, que assi ho fazião os
mercadores, & pois ho fazião, que assi
ho auia de fazer el rey seu senhor, q̃ re
zão era que teuesse a sua mercadoria a
liberdade que tinhão as dos mouros. E
coestas & cõ outras rezões que ho go-
uernador deu a el rey de Cochi, ficou
ele desagrauado do gouernador, & ou
ue por bem a paz com que dantes lhe
pesaua.

Capit. cxxv. De como ho gouernador deu a capitania de Malaca a Iorge dalbuquerq̃, & mandou Diogo fernãdez de beja com embaixada a el rey de Cambaya.

ENtrado Ianeiro do an
no de mil & quinhētos
& q̃torze, quisera se
ho gouernador fazer
prestes ꝑa ir a Ormuz
a ver se podia acabar ē
paz a fortaleza q̃ lhe ficara começada,
mas não pode porq̃ achou que as naos
& nauios de sua armada ādauão todos
tão abertos & fazião tanta agoa que se
hirião ao fundo se nauegassem, & que
de necessidade se auião de tirar a mõte
pera se corregerem. E vendo ele q̃ não
podia sayr aq̃le anno fora da India, pos
em conselho se inuernaria em Goa, ou
ē Cochim ꝑa fauorecer a fortaleza de
Calicut, em que ainda aquele ãno auia
que fazer. E chamando aconselho, foy
acordado que dõ Garcia por amor da
fortaleza de Calicut inuernasse ē Co-
chim com a gente cõ que lhe podesse
socorrer auendo disso necessidade, &
q̃ ho gouernador cõ ho resto da gente
fosse inuernar a Goa: & isto porq̃ em
Cochim não auia dinheiro pera pagar
mantimēto aos lascaris, nem auia mer
cadoria pera lhe ser dada em descõto,
porque ho feytor a tinha toda vēdida
aos mouros (com que tinha trato) fiada
por tres annos, que enriquecião coela,
& el rey não tinha cõ que pagar aos q̃
ho seruião: do q̃ ho gouernador reprē
deo ho feytor muy asperamēte, & lhe
disse que como não tinha ele dinheiro
pois deuia de ter ho cabedal de seys na
os que se perderão & se saluarão os co-
fres, & q̃ não tornarão pera Portugal,
& assi diuidas dos mouros do anno pas
sado, que passauão de quinze mil cru-
zados, & de tudo isto a armada não fi-
zera nenhũ gasto, nē fora nela hũ vin
tem pera se pagar soldo nem mantimē
to aos Lascaris, porq̃ tudo se pagara de
algũa pimenta que ele leuara ao estrei-
to. Ao que ho feytor não respondeo pa
laura, achandose alcançado, & ho go-
uernador não apertou mais coele, por
q̃ lhe defendia el rey que não entēdes-
se miudamente em sua fazenda, & isto

a petição do mesmo feytor & Dantonio real quando estaua na India, porq̃ se temião do gouernador que bem sabião quanto oulhaua pola fazenda del rey. E sabẽdo ele que auia dir inuernar a Goa, despachou a hũ seu parente que auia nome Iorge dalbuquerque por capitão de Malaca, porque por algũs respeitos que sentia serem seruiço de deos & del rey, mandaua vir Ruy de brito pera a India: & coesta capitania q̃ deu a Iorge dalbuquerq̃, conuidou primeyro a Pero mazcarenhas, & pola nã querer lha deu. E ao mesmo Iorge dalbuquerque que deu hũ regimento de cousas que auia de fazer em Malaca, & lhe deu algũa gente q̃ leuasse em hũa nao em q̃ auia dir. E deixandoho prouido de tudo, partiose de Cochim, & de caminho visitou a fortaleza de Calicut q̃ estaua em boa altura: & prouida tambem a de Cananor, se foy caminho de Goa, & chegado a ela, porq̃ por carta de Meligupim tinha promessa de lhe el rey de Cambaya querer dar fortaleza & feytoria em Diu, pareceolhe bẽ com conselho de lhe mandar sobristo seu ẽbaixador pera auer effeyto. E ho embaixador foy Diogo fernandez de beja, & coele Iames teixeira por sota ẽbaixador, & hũ Francisco paez escriuão da ẽbaixada, & ligoa Duarte vaz, & hião com Diogo fernandez per mãdado do gouernador algũs caualeyros criados del rey, & a todos ho gouernador fez merce pera se atauiarem pera esta ida: & Diogo fernandez & eles auião de ir na nao rume, & ate Chaul auia dir em sua conserua a nao Enxobregas, que dali a auia Diogo fernãdez de mandar a Diu pera õde hia carregada de mercadoria que se auia de entregar a Fernão martinz euangelho que laa estaua por feytor, & q̃ Chaul auia Diogo fernandez de ir desembarcar a hũa cidade chamada çurrate na enseada de Cambaya, donde lhe auia de ser dado caminho por terra pera õde esteuesse el rey de Cambaya. E tudo isto era assi ordenado por Meligupi senhor de çurrate, & primeyro que Diogo fernãdez partisse de Goa, q̃ foy em Feuereyro, mandou diãte pedir seguro a el rey de Cambaya por Pero queymado, & por hũ bramene chamado Anagapatu, pera ele & pera toda sua cõpanhia, & isto como que lho mandaua pedir de çurrate, porque quãdo hi chegasse ho achasse & fizesse menos detença. E partido Diogo fernãdez, despachou ho gouernador a Pero dalbuquerque seu primo que fosse ao cabo de Gardafum fazer presas, & desse vista a Adem, & da hi fosse a Ormuz a recadar as pareas que se deuião de dous ãnos, & soubesse del rey & do seu goazil, se lhe deixarião acabar a fortaleza que deixara começada, & ter hi feytoria. E mais lhe mãdou que fosse descobrir a ilha de Baharem de que tinha fama que era muyto rica, & deulhe a capitania moor de quatro naos, ele capitão de hũa, & das outras Ruy galuão, Antonio raposo & Ieronimo de sousa. E despachado, se partio pera ho cabo de Gardafum.

Capit. cxxvij. De como Pero dalbuquerq̃ foy a Ormuz, & do q̃ lá fez.

Onde chegado tomou duas naos de Meca que hião de Cambaya, & sentidoho os mouros arribarão a Ormuz bem cincoenta naos cõ medo dele, & na antrada de Mayo se foy a Ormuz, em que ja não reynaua el rey ça

fardim,que ho mãdara matar Raix noradim por ser goazil despois de morto Cojeatar,a quem el rey çafardim não queria que sucedesse no goazilado:& morto el rey çafardim sucedeo no reyno seu irmão Raix turuxa que fez goazil a Raix noradim,& destes foy Pero dalbuquerque bẽ recebido,& porq̃ ele auia de ir descobrir Baharem,não se quis mais deter,& seguio sua rota pera esta ilha,que està no sino persico,ou mar da Persia duzentas legoas Dormuz em vinte tres graos & meyo:he ilha grãde,& muyto viçosa dagoas,ortaliça,& daruoredo. He pouoada de mouros que obedecião a el rey Dormuz,de cujo senhorio soya de ser,& então a tinha tomada hum capitão do Xexeque ismael:nace ao derredor dela no mar muyto aljofar & perlas que os morados dela pescão & vẽdẽno a mercadores estantes que ganhão muyto,& ho senhor da terra tem disso grandes dereytos,& daqui leuão os mercadores este aljofar & perlas,não somẽte per toda Persia & Arabia,mas pa a India.E sendo Pero dalbuquerque cõ sua armada tanto auante como estaa Baharem,achou que os ponentes ventauão ja muyto,que lhe impedirão sua viajẽ,& porque pera esperar por leuantes se yria muyto tarde pera tornar à India ao prazo que lhe posera ho gouernador,não se quis deter & tornouse pera Ormuz,& chegando a Reyxer dous dias de caminho de Baharem,achou hi Mirabuçaqua hum capitão do Xeque ismael que dali começaua de fazer guerra por mar a el rey Dormuz,& tinha tomadas vinte terradas que ele ali trazia darmada,& por rogo de Pero dalbuquerque as alargou.E ficando muyto amigos,partiose Pero dalbuquerque & tornouse a Ormuz,onde inuernou. E estando aqui,falou com Raix noradim,& com el rey Dormuz,& pediolhes da parte do gouernador a fortaleza que hi deixara começada.Do que se eles escusarão,dizendo que el rey a tinha tomada pera si & a metera com os seus paços:& pera que queria ho gouernador fortaleza naquela cidade,pois ela era del rey de Portugal & lhe pagaua pareas,que se quisesse hi ter feytoria tão segura podia estar sua fazenda como em sua casa,quanto mais que esperauão cada dia recado del rey de Portugal,que o que ele mandasse que isso farião,porque pareceria mal não esperarem por reposto da embaixada que mandara ho rey que falecera. Pero dalbuquerque vio que aquilo era escusa,& não quis falar mais nisso,& pedio as pareas que se deuião,que erão dez mil xerafins que lhe pagarão:& tambem em quanto aqui esteue vendeo algũas presas q̃ fez nesta viajem,que tomou a mouros de Meca nossos immigos que nauegauão sem seguros do gouernador. E por fazer estas sem peleja as digo assi em soma.E elas vencidas,assomou ho dinheiro a trinta & cinco mil xerafins,que com os das pareas erão corenta & cinco mil a fora hũa nao carregada de roupa branca que ficou por vender:& vindo ho tempo,se partio coeste dinheiro caminho da India.

Capitolo.cxxviij. De como chegou Iorge dalbuquerque a Malaca,& foy entregue da capitania.

CHegado Iorge Dalbuquerque a Malaca,q̃ foy em Iulho de mil & quinhẽtos & quatorze,mostrou a

prouiſam que trazia do gouernador a Ruy de brito perãte todos os officiaes da fortaleza & outras peſſoas principaes dela, & aſſi perante ho capitão do mar & ſeus capitães, em que lhe mandaua entregar a capitania de Malaca, & que ele ſe foſſe pera a India, a que Ruy de brito obedeceo, & lhe entregou logo a fortaleza, dandolhe Iorge dalbuquerque hum conhecimento de como a recebia, & com quanta gente, & com quantas peças dartelharia, que foy feyto por hum tabalião pubrico. E como Malaca eſtaua em paz & muyto farta, & abaſtada, não teue Iorge dalbuquerque q̃ fazer logo pola primeyra mais que leuar boa vida, & Ruy de brito ficou em Malaca ate Dezembro que era a moução da viajẽ da India. E eſtãdo ele pera ſe partir, chegou a Malaca el rey de Campar de que ja diſſe atras que fora ho primeyro que pedio amizade ao gouernador, & ſempre dali por diante foy muyto amigo dos noſſos, nem então não hia ſe não a viſitar ho capitão de Malaca, & ſaber ſe tinha neceſſidade de ſua ajuda, porque a daria de muyto boa vontade ate perder niſſo ſeu eſtado. E recebendo muyta honrra de Iorge dalbuquerque, & merce em nome del rey de Portugal, ſe tornou pera ſua terra deſpois deſtar algũs dias em Malaca. E por eſta amizade que Iorge dalbuquerque entendeo nele, deſejou de ho fazer bendara de Malaca, que era tamanho officio q̃ no tempo del rey de Malaca era a ſegũda peſſoa depois dele: & ſabendo dele que ho ſeria ſe lho ho gouernador deſſe, mandoulho pedir per hũa carta que lhe eſcreueo per Ruy de brito quando ſe foy, dizendolhe que muyto mais ennobrecida auia deſtar Malaca com ſer bendara el rey de Campar que Ninachatu hum mercador, porque aſſi gentios como mouros ſe deſprezauão de ſer mandados por ele, & não ſe deſprezarião de ho ſer por el rey de Campar: & aſſi outras muytas rezões que ſam largas de contar.

Capitolo. xxix. em q̃ ſe eſcreue ho reyno de Cambaya, & de quão poderoſo he ho ſeu rey, & dõde começarão os reys de Cambaya.

DEſpachado Diogo fernandez de beja, partioſe caminho de Chaul com ſua companhia ẽ Feuereyro, & por ho tempo ſer ja quaſi contrairo à ſua viajem, chegou laa em vinte ſete dias, & dali mãdou logo a nao Enxobregas a Diu, & ele ſeguio ſua viajem pera Currate hum lugar do reyno de Cambaya, que he dos principaes reynos da India, confina do leuante que he polo ſertão com dous grandes & ricos reynos, hum ſe chama Mandou, outro Sangâ, & do ponente com ho mar Indico, & do norte com ho reyno de Dulcinde, & aqui começa a ſua coſta em hũa cidade chamada Mangolor: & dura ate quaſi Chaul que he da banda do ſul, que he ho primeyro lugar do reyno de Daquem com que Cambaya comarca por eſta parte. E a coſta he de muytas legoas, & ha nela muytas cidades de bõs portos que ſam muyto ricas. He geralmente muyto abaſtado de todo genero de mantimentos, em tanto que em qualquer parte dele ſeys legoas de terra, podem abaſtar de mantimẽtos ſeys

meses a hum grande exercito. He terra muyto viçosa & de muytas caças, assi de monte como de ribeyras: he de grande criação de gado grosso & miudo. Criãse tambem muytos caualos, ainda que pequenos, de fora lhe vem muyto ouro & grande soma de prata: ha nele hũa pedraria dalaquecas, de que se fazem muytos brincos que vão ter aas nossas partes. He pouoado este reyno polo sertão de gẽtios, & nos portos de mar pola mayor parte de mouros, antre os gentios ha hũs que se chamão resbutos, que quando os reys deste reyno erão gentios (porque agora sam mouros) erão caualeyros & defendião ho reyno, & ho gouernauã, & despois que os mouros ho tomarão recolherãse aas montanhas sem nunca se lhe quererem entregar, & ali viuem, & dali lhe fazem guerra às vezes & eles se gouernão per si que não tem rey nem senhor que ho faça. Ha outros gentios a que chamão Baneanes, que não comem cousa nenhũa que padeça morte, & tem por ley de a não matar, nem ver quando a matão, & os pobres lhes leuão aues viuas & dizẽlhe que as querem matar, & eles as comprão por mais do que valem porque as não matem, & despois as soltão, & tambem comprão os condenados aa morte pela mesma causa, & tanto estimão de matar que quando acendem candeas tẽ nas em alenternas por se não matarem nas candeas as berbeletas. E se lhe comem algũs piolhos, mandão chamar outros da sua ley que viuem apartados do mundo como hermitães, & tẽ nos por santos, & estes lhos tirão & os põe em si por seruiço dos seus idolos. Estes Baneanes tem os mouros em tanta veneração, que onde quer que os achão catiuos os resgatão logo, sam muyto namorados, & andão bem atauiados ao seu costume, & casam, & tem molheres muyto fermosas. Ha outros gentios que se chamão Bramenes, que sam antreles sacerdotes, & tem em grande reuerẽcia ho numero de tres, & confessam auer hum soo Deos verdadeyro, criador de todas as cousas, & que sam tres em hũa soo pessoa, & quando rezão, rezão tres vezes a estas pessoas, & tem que Deos verdadeyro tem outros muytos deoses que gouernão por ele, em que tambem crem, pelo que parece que aquela terra foy de Christãos, & por tempo se veo aperder a Christindade nela. E estes bramenes achandose onde estão nossas igrejas, ẽtrão nelas & adorão as imagẽs, preguntando sempre por santa Maria, como que tem dela conhecimento. Destes não casam se não os hirmãos mais velhos, & no mais que hũa soo vez, & com hũa soo molher, nem ela não casa mais morto ho marido. E ele a mata com peçonha se lhe faz adulterio, tirando se ho cometem com os irmãos de seus maridos, porque a estes he licito dormir coelas. Neste reyno dizem que ha sesenta mil pouoações antre grandes & pequenas, & muytas sam cercadas & arruadas, & de casas altas de pedra & cal como em espanha: chamasse do guzarate & tambem de Camba, por amor de hũa cidade que tem ho mesmo nome, que he hũa das principaes de todo ele, està oyto legoas do mar por hum pequeno rio acima por onde lhe leuão as mercadorias que lhe vão per mar, & he muyto grande & fermosa com casas lauradas por dentro de maçanarias & pinta

das douro, & de diuersas côres, & todas com jardins muyto frescos, & tem derredor muytas hortas de singulares agoas, & muy sabrosas fruytas. Ha nela grandes mercadores, assi gentios como mouros, naturaes & estranjeiros, & todos muyto ricos, que tratão em todas as partes, & tem em todas muyto credito, & tem nelas seus feytores & estantes. Estes se vestẽ de sedas & brocados, & calção no inuerno brozeguis, marroquis laurados douro, & çapatos de pontilha, & nas cabeças fotas muy ricas, & costumão muyto cheiros & perfumes & outros deleytes: ha muytos officiaes machanicos que fazem obras tão sotis como em Frandes, & tecem panos dalgodão brancos & pintados, brocadilhos, veludos, cetins, chamalotes & alcatifas. E assi ha grandes lapidairos & falsificadores de pedraria. Costumanse nela hũas carretas com leytos de tauoado pintados, & çarrados com porta, que tem pera vista hũas janeletas de gelosia, & estas carretas trazem caualos, & andão coelas homens a ganhar pola cidade em leuar pessoas de hũas ruas pera as outras, assi a ver parentes, ou amigos, ou fêstas, ou pera ver a cidade, & ali vão muy secretamente, leuando dentro musica de vozes, & instormentos aa sua maneyra com que se desenfadão. Ha tambem como disse outras muytas & muy ricas cidades pela costa, & pelo sertão, & as mais da costa estão na enseada que disse que faz este reyno, que começa em Diu, & acaba em outra cidade chamada Damão. E nesta enseada enche a maré & vaza tanto que espraya duas & tres legoas & mais, & he muyto perigosa por auer nela muytos rochedos, & ha antreles grandes pégos, em que se as naos não ficão de baixa mar perdense nos rochedos, & por isso he necessario entrar nos portos desta enseada com pilotos da terra. As naos de Cambaya sam sem quilha & cosidas com cayro como as do Malabar, & carregão muyto, porque não tem cubertas. El rey de Cambaya he mouro, & tem bem seyscẽtas molheres com que dorme, & seruesse com muyto grande estado, & muy polidamente como os reys nas nossas partes: & por ser senhor de tamanho reyno tinha muyta renda, & muyto grande tesouro, & trazia gente sem cõto em sua corte, principalmente darmas de caualo, & sam bõs caualgadores, trazem escudos redondos, & algũs sayas de malha, & os caualos acubertados. Antresta gẽte darmas os mais sam estrajeiros. s. Turcos, Abexins, Mamelucos, Coraçones, Turquimaẽs, Arabios & Persios, que se ajuntão aqui, assi por a riqueza da terra, como polos grandes soldos que lhe pagaua el rey. Trazia tambem el rey muytos alifantes, que compraua por muyto dinheiro, com que fazia a guerra a seus immigos: trazem nestes alifantes castelos de madeyra em que andão quatro & cinco frecheiros ou espingardeiros, & se os alifantes nã fossem tão doridos pelejão muyto bem, porque ferem os caualos & a gente dos immigos com os dentes: porem se sam feridos fojem logo, & desbaratão os da sua parte. Estes reys de Cambaya auia pouco que erão reys, que soyão de ser capitães do emperador de Deli hum grandissimo rey no no sertão da India: & era senhor deste reyno, & do de Dulcinde, & do de

Sangà, do Mando, do Daquem, de Narsinga, & deste de Cambaya & tinha em cada hum hum capitão que ho gouernaua. E concertandose todos de lhe tomarem ho senhorio, se lhe leuantou cada hum com ho reyno que gouernaua, & se chamou rey dele, & ele ficou soomente com ho de Deli em que residia. E este rey que então reynaua em Cambaya, era ho quarto contando do primeyro que se leuãtou: & hum destes foy criado com peçonha, que assi ho quis seu pay polo não matarem coela: porque os reys destas partes costumão muyto mandarse matar hũs aos outros coeste genero de morte. E as molheres com que dormia por não morrerem lauauanse todas com çumo de limões, & despois comião outras cousas cõtra a peçonha.

Capitolo.xxx. De como Diogo fernãdez de beja chegou a çurrate, & partio da hi pera Champanel.

PRosseguindo Diogo fernandez sua viajem chegou aa boca do rio de çurrate por õde ela estaa obra de duas ou tres legoas do mar: he hũa cidade pequena rasa com casas como ja disse, & chegou aqui a quinze de Março. E sabendo na barra como não era ainda vindo Pero queymado com ho seguro del rey, ho mandou pedir ao regedor da cidade, que era mouro & chamauase Destrocão, que logo lho mandou, & que lhe fosse feyto grande recebimento, que assi lho tinha mandado el rey de Cambaya que ho fizesse, porque sabia que auia de ir ho nosso embaixador, & sayrão a recebelo Meâcoje & Meâbabu capitães del rey, & hum irmão de Meligupim acompanhados de muyta gente & leuarão caualos pera os nossos & carretas pera ho seu fato: & Destrocão não sayo coeles por estar doente de boubas. E recebido ho embaixador com muyto amor dos capitães mouros leuaranno aa cidade a casa do regedor, de que tambem forão muy bem recebidos, & lhe mandou logo dar hũa cabaya que he trajo da terra, & outras aos que hião coele que assi costumão de fazer aos estranjeiros, porque vestindose do trajo da terra parece hum grande sinal damizade, & que estão seguros na paz, & ho embaixador as não queria tomar, dizẽdo que não auião de tomar cousa algũa se não do rey com que viuião. E dizendolhe ho regedor que el rey de Cambaya lhas mandaua dar, & que ho aueria por grande desonrra se as não tomasse, as tomou & vestio logo com os de sua companhia, dizendo que ho fazia pois era del rey de Cambaya, & por estarem em sua terra, & por comprirem seu costume. E dali foy ho embaixador leuado aa sua pousada, que foy em hũas casas de Meligupim que erão grandes & ricas. E logo ao outro dia mandou ho embaixador hum presente ao regedor por Duarte vaz & Francisco paez, & assi por outros dos nossos, mandandolhe dizer que pois por lhe fazer honrra tomara as cabayas, que tomasse aquele presente por amor do gouernador, & por lhe fazer a ele honrra, & que lhe perdoase por ho presente não ser segundo seu merecimento, porque como era homem que andaua sempre com as armas aas costas, que não po-

dia dar cousas ricas: & assi mandou presentes a todos os capitães, & ao irmão de Meligupim, & ao seu feytor, & todos os receberão de boa vontade & folgarão coeles, posto que ho regedor se encareceo em tomar ho seu. E mandados estes presentes, forão visitar ho embaixador, ho filho herdeiro de Meligupim, & duas filhas por lhe fazer honrra, que he a mayor que se pode fazer, & a estes deu ho embaixador algũas peças ricas. E logo neste comenos se começou de soar que Meligupim estaua agrauado del rey de Cambaya, & se fora da corte por algũs desfauores que lhe fizera, & que el rey partia muyto de pressa socorrer a hũa fortaleza que se lhe leuantara, & era muy longe. E sabẽdo ho embaixador isto, não quis partir pera a corte ate não saber a certeza de tudo, & por se escusar do regedor que lhe dizia que partisse, disse que não era vindo ho seguro del rey, com que chegou Pero queymado a vinte sete de Março, & trouue hũa carta del rey pera ho regedor, em que dizia que desse aos nossos todo ho necessaria pera seu caminho ate a cidade de Madaua, onde ho embaixador auia dir falar a el rey, & outra de Meligupim pera ho gouernador, em que se auia por mofino de não estar na graça del rey como dantes pera ho seruir, como sempre desejara. E ambas as cartas hião abertas, & ho embaixador as vio: & sabendo ele por Pero queymado ho desfauor de Meligupi, & que se fora pera a cidade de Champanel, & el rey ido a socorrer ho castelo que se lhe leuantara que era muyto longe, quiserase dali tornar pór ter regimento do gouernador que por nenhum modo inuernasse em Cambaya, hora ouuesse concerto antre el rey & ele, hora ho não ouuesse. E que ho tempo da moução pera tornar aa India, era ja tão curto que como abalassem de çurrate auião por força dinuernar em Cambaya, pera o que não leuauão a despesa necessaria por ho gouernador fazer conta que não auião laa dinuernar, & se ho fizesse seria com seu grande abatimento & desonrra, & com passar ho regimento que lhe ho gouernador dera: & por isso determinou de se tornar de çurrate tanto que chegasse a nao rume, em que ho embaixador mandara ver per ho capitão della os lugares em que se podia fazer fortaleza. E determinando de se tornar ho mandou dizer ao regedor, dizendo as rezões que pera isso tinha, que elle contrariou com dizer que como se auia de tornar tendo seguro del rey, & estar tudo prestes pera seu caminho por seu mandado, & que conta lhe daria se fosse sem ir a ele pois vinha a isso, & que se de todo se quisesse ir que primeyro ho auia descreuer a el rey, & vindo seu recado farião o que mandasse. E vendo ho embaixador a vontade do regedor, & por não ser chegada a não deixouse estar ate ver o que el rey respondia ao regedor que lhe logo escreueo, & ele escreueo a Meligupim tudo o q̃ passaua, pedidolhe q̃ lhescreuesse miudamẽte o q̃ era bẽ que fizesse, & lhescreuesse o q̃ lhe mandara dizer ẽ segredo por Pero queymado, & a Ganapatu pa lhe ho gouernador dar a isso credito. E nisto chegou a nao rume, & ho ẽbaixador se quisera ir, & nã foy por ho regedor lhẽ baraçar a ida dizendo que auia deescreuer a el rey como a nao era chegada,

& deulhe a entẽder q̃ ſabia onde fora, & que ſoſpeytaua a que. E por entender no regedor que ho não auia de deixar ir, & dandolhe a entender que ficaua por fazer a võtade a el rey de Cambaya ficou, & ho regedor mandou moſtrar ao lingoa & eſcriuão da embaixada hũa carta del rey, em que lhe eſcreuera q̃ em todo caſo foſſe ho ẽbaixador velo. E tẽdo p̃ſtes ſua partida ſe partio aos vintoyto de Março p̃a a cidade de Madauã onde el rey eſtaua. E ho regedor & feytor de Meligupim lhe derão trinta & tres caualos, que tãtos erão neceſſarios pera os que auião dir a caualo, & doze carretas pera ho fato, & vinte piães da terra frecheiros, & hum capitão de gẽte de caualo chamado Meãçamadim. E com toda eſta companhia que era muy grande começou ho embaixador ſeu caminho, & ſendo hũa jornada ou duas de çurrate, lhe derão a repoſta de Meligupim ã ſua carta em que aprouaua ſua ida a el rey. E deſpois deſta carta, mais a diante lhe foy dada outra ſua, em que dizia que tãto que aquela viſſe ſe foſſe a Champanel onde ele eſtaua, que he hũa cidade das mayores qu el rey tem & a mais forte. Eſtaa no ſertão trinta legoas do mar ſituada em hum grande campo, em que ſe leuanta hũa ſerra pequena em redõdeza, mas muyto grãde em altura, em tanto que pola parte mais baixa tem quatrocentas braças daltura, & he toda cercada de rochedo. Neſta ſerra eſtà ſituada a cidade cercada de muros & torres, & dentro deſta primeyra cerca tẽ outras ſeys & todas de muros muy fortes: a primeyra cerca não tem mais que hũa ſoo entrada por hũa porta muyto alta feyta ao picão, & entrão por baixo do chão trinta ou corenta braças. E diãte deſta porta eſtaua hũa caua muyto funda de largura de cem paſſos com hũa põte leuadiça. Neſta cidade eſtão hũs paços dos reys de Cambaya, que ocupão tanto eſpaço como Euora, & ſam cercados de muro, q̃ ſe ſerue por tres portas de ferro, & dentro não pouſa mais que el rey com ſuas molheres, & os recebedores de ſuas rendas que andão na corte, & os officiaes de ſua caſa, & eſtão os almazẽs de armas & munições de guerra, & todo ho mais ſam jardins que dão fruytas como as noſſas com fontes de jaſpes, & eſtão todos ao derredor de muytas caſas de prazer, de que as mais ſam de hum ſobrado, & as outras terreas, & quaſi todas abertas por duas partes, & hũas tẽ as paredes lauradas douro & dazul, & outras brãqueadas com betume de geſſo & claras douos, & outras confeyçẽes com que ficão tão aluas & reſprandecentes que fazem perder a viſta, & ho chão he ladrilhado dazulejos: feria eſta cidade de cento & trinta mil fogos.

Capitolo.cxxxj. De como ho embaixador ſe vio com Meligupim na cidade de Chãpanel, & de como ſe partio pera a corte delrey de Cambaya.

Deſta cidade chegou ho ẽbaixador aos quatro dias Dabril ao meyo dia, & deceoſe em hũa horta pera ali ſe deſpir dos veſtidos de caminho, & ir ver Meligupim, que ſabendo que era chegado, lhe mãdou caualos p̃a ſua peſſoa & p̃a os de ſua cõpanhia, & mãdou muyta gẽte de caualo q̃ ho acõpanhaſſe & muytos tan‐

geres que ho acompanharão ate á casa de Meligupi, q̃ ho sayo a receber â primeyra casa das suas, & lhe fez todo ho gasalhado que se podia fazer: & ho embaixador lhe deu ho presente que lhe ho gouernador mandaua, & mais hũa carta, & despois lhe mostrou ho presente que ho gouernador mandaua a el rey de Cambaya. E porque Meligupim ho ouue por pouco, conselhou ao embaixador que lhe acrecentasse mais hum bacio dagoas mãos de prata dourado per partes, & hũa albarrada do mesmo, & hũa adaga forrada douro, punho & bainha, & muyto bem obrada, & estas tres peças erão do embaixador. E sabendo Meligupim como ho gouernador mandaua pedir a el rey hũa fortaleza em Diu pera goarda da muyta fazenda que el rey seu senhor auia hi de ter: & pera conseruação da paz, disse que era muyto bem pedir fortaleza, posto que Meliquiaz escreuera muytas vezes a el rey que ho gouernador lhe pedia em Diu hũa fortaleza, & que lha não desse, porque a não queria se não pera lhe tomar sua terra: & não lhe dando fortaleza, não ouuesse medo de lhe tomar Diu que estaua muyto forte. E passados tres dias, partiose ho embaixador pera Madauà onde el rey estaua, mandandolhe Meligupim dar caualos, & a Iames teixeira pera ho caminho, & outros que leuassem a destro pera a entrada dalgũs lugares, & assi outras carretas, & quatro camelos que lhe leuassem tẽdas se lhe fossem necessarias: & assi mandou coele hum homem principal de sua casa & seu capitão ate Madaua cõ seys de caualo & vinte de pee, & ho auisou que não pousasse se não õde lhe aquele seu capitão dissesse. E antes de chegar a Madauã (que he hũa cidade mayor que Champanel & mais nobre de edificios) foy aquele capitão dizer ao goazil moor del rey de Cambaya que se chamaua Codamacão a vinda do embaixador. E por quãto el rey era aa caça, & não se sabia certo se tornaria aquele dia, mãdou Codamacão dizer ao embaixador que ficasse aquela noyte em hũa sua horta junto da cidade ate lhe mandar recado. E ao outro dia logo pola manhaã, mãdou Codamacão hum turco principal de sua casa com trinta de caualo, & diante muytas trõbetas & outros instormentos, pera que fosse com ho embaixador a sua casa on de auia de pousar em hum apousentamento apartado sobre si. E os nossos hião espantados da multidão da gente que auia na cidade, assi de caualo como de pee, & todos com atauios muy custosos, & assi da nobreza dos edificios da cidade, & a gente que se ajuntaua a ver os nossos lhe impidia que não podessem passar, & deteueranse muyto ate chegar a casa de Codamacão, à cuja porta estaua Melique quadragi filho do regedor de çurrate que era paje del rey esperando polo embaixador, a que fez muyto grande cortesia, & ho leuou a Codamacão. E despois de seu recebimento ho embaixador lhe deu ho presente que lhe leuaua do gouernador, que forão duas peças de cetim, hũa roxo outro pardo: & outras duas, hũa de camarabãdo verde, & outra de damasco branco. Dezoyto couados de graã, & hũa albarrada de prata, & alem disto hũa taça que ho embaixador acrecentou mais de sua casa, porque nele estaua ser seu despacho boõ ou mao por ser ho mais priuado que el rey aaquele tẽpo tinha: & assi lhe deu a carta

do gouernador. E mostrãdo Codamacão que folgaua muyto com ho presente, recolheose ho embaixador pera as suas pousadas, que erão muyto boas & cercadas, & em que todos os que hião com elle couberão aa sua vontade. E Codamacão lhe mandou muyto largamente de comer: & ao outro dia antes de comer lhe mandou recado do paço que fosse falar a el rey, que assi ho mandaua, & pera hirem, lhe mandou muyto bōs caualos, & a todos os seus, & foy coele Melique quadragi, & muyta gẽte de caualo & de pé que forão do paço pera isso, & com muytos & diuersos instormentos. E com muy grande aparato abalarão pa ho paço, indo ho embaixador & todos os nossos muyto bẽ vestidos. E leuauão ali tres dos nossos ho presente que ho gouernador mãdaua a el rey, que era hum colar douro esmaltado, & hũ punhal forrado douro, bainha & tudo, & anilado que parecia muyto bem, & a adaga do embaixador posta em hũa arelhana douro, & ho seu bacio dagoas mãos & albarrada. & hũa peça de borcado verde da Persia, & duas da China, & noue couados de veludo preto, & assi chegarão aos paços que erão terreos (que assi os tinha ho emperador de Deli quando senhoreaua Cambaya.) E entrado ho embaixador nos paços com Melique quadragi, despois de passar por muytos patios & casas chegarão a hum muyto grande, onde a hũ cabo em hũa capelinha defronte da porta estaua el rey deitado em hum catle vestido em hũa cabaya branca de pano dalgodão fino, & na cabeça hũa fota do mesmo, & muyta gẽte em pee posta em ordem dhum cabo & do outro todos grandes senhores & capitães de gente que tinhão muyta renda: & em ho embaixador ho vẽdo lhe fez hũa mesura ao nosso costume com todos os nossos. E logo ele & Iames teixeira por seu mandado se chegarão pera onde estaua, & junto do catle, lhe fizerão cada hum sua mesura. E el rey os recebeo com muyto gasalhado, & postos ambos empee junto de Codamacão & doutros señores, forão os outros nossos de dous em dous fazer suas mesuras a el rey que assi ho mandou ele, & dali se tornarão onde estauão, & mostrando a todos muyto bõ rosto, & dando a entẽder que folgaua de ver a nossa cortesia. Feyto este recebimento, lhe apresentou ho embaixador ho presente que digo, com que el rey mostrou que folgaua muyto, tomãdo algũas peças na mão, principalmẽte ho veludo preto, & oulhandoas & falando nisso com aqueles senhores que hi estauão. E visto ho presente, tomou a carta do gouernador, q̃ ele leo logo, & lida lhe disse como ho gouernador lhe mãdaua sua çalema, & estaua a seu seruiço com toda a armada, & com todos os Portugueses: folgou ele muyto coisso, & preguntou polo gouernador como lhe hia & onde ficaua. E esta pratica foy desta maneyra, falaua ho embaixador ao seu lingoa, & este falaua a outro del rey, & ho del rey falaua a outro que ho dizia a el rey, porque assi ho costumaua, & se costuma ainda agora & tẽno por grãde estado. Acabada esta pratica, mandou el rey a Melique quadragi que leuasse ho embaixador & aos nossos a hũ cabo do patio a darlhe as cabayas, as do embaixador & de Iames teixeira de brocado & as dos outros de veludo, & eles as vestestirão, dizẽdo ho embaixador q̃ ho fazião por lho el rey mãdar, mas q̃ aq̃le nã era seu

costume. Vestidas as cabayas, tornarão outra vez a fazer reuerēcia a el rey ao nosso modo, & ele disse ao ēbaixador q̄ se fosse embōra pa a pousada, & q̄ dissesse tudo o q̄ queria a Codamacā & q̄ logo seria despachado: & assi se tornou acompanhado como foy, & sendo na pousada, chegou Melique q̄dragi, & coele hū homē que trazia hu bacio grande cheo de moedas de prata mouriscas, que se chamão midrafaxaos, & deu os ao ēbaixador, & a Iames teixeira da parte del rey que lhos mandaua pera lauajem das camisas, & eles se poserão em os não tomar, dizendo q̄ ho não costumauão. E por lhe ele dizer q̄ el rey ho aueria por injuria, & lhe pareceria que desprezauão suas cousas, & aueria muyto grande menencoria, os tomarão, & assi duzentas tangas q̄ lhe el rey mandou dar cada dia pera seu comer, que erão quinze pardaos douro. E tudo ho embaixanor mādaua entregar a Pero queymado pa q̄ o gastasse.

Capit. cxxxij. De como ho ēbaixador foy despachado del rey de Cābaya, & de como se tornou a çurrate.

AO outro dia falou ho ēbaixador com Codamacão, & lhe disse como ho gouernador mādaua pedir a el rey hūa fortaleza em Diu, porque assi lhe escreuera el rey seu señor q̄ ho fizesse, porque dandolha aueria sua amizade cō el rey de Cambaya, & sua fazenda estaria mais segura, porque auia de ser muyta, & ele auia de ter por isso grandes proueitos. Ao que Codamacão disse, q̄ como pedião agora fortaleza em Diu, se ateli não pedirão se não feytoria, & q̄ el rey a começara de dar a Tristão degā quando lá fora com embaixada, & pa amizade & trato abastaua feytoria, porq̄ nome do fortaleza era muyto grande cousa. Ao q̄ ho embaixador respondeo que el rey de Portugal não auia de fiar sua gente & fazenda de nenhūa terra na India sem fortaleza, & ainda muyto boa por não matarē a gēte, & lhe roubarem a fazenda como fizerão em Galicut, Coulão & em Malaca, em q̄ se teuera fortalezas como então tinha em algūs deles tudo esteuera seguro, & não fora quebrada a paz nē a amizade: & porq̄ el rey seu senhor a queria ter verdadeira cō el rey de Cābaya pedia fortaleza em Diu, quanto mais q̄ pera hū tamanho señor como ele era não deuia dauer por muyto hūa fortaleza em seu reyno sendo dhū rey seu amigo, & de que auia de ter muyta honrra & ꝓueito. E assi lhe deu outras muytas rezões pera se lhe dar a fortaleza. E passando sobristo muytas miudezas, disse Codamacão q̄ por amor do guernador ele diria tudo a el rey, & ho despacharia ho mais cedo q̄ podesse. & assi ho fez que dahi a dous dias que forão a vinte Dabril lhe deu ho despacho, dizēdo que dizia el rey que posto que ele tinha dada feytoria em Diu ao gouernador, & ate então lhe não mandara falar em fortaleza, lhe prazia dala em çurrate, ou feytoria em qualquer lugar de seu reyno onde a ho gouernador quisesse. E isto disse ho Codamacão com hū contentamento como que tinha acabada grande cousa, ou ho fazia com malicia por temporizar com ho embaixador, que na verdade se ele quisera el rey dera fortaleza ē Diu, porem ele não quis por não encontrar a Meliquiaz que não queria ver lá fortaleza nossa. Ouuido ho despacho polo

embaixador, agardeceo a Codamacão ho trabalho que nisso leuara, & a boa vontade que tinha, & disselhe que não auia daceitar fortaleza se não em Diu, que assi lho mandara ho gouernador, por Diu ter boõ porto & poderem as nossas naos entrar dentro, & que se podião tirar a monte se fosse necessario & inuernar hi, o que não podia ser em çurratē, onde a fora estes incõueniētes auia outro, que era ficarē as nossas naos tres legoas do porto. Do q̄ se Codamacão mostrou muyto descontente, dizēdo que como não punha na cabeça o q̄ el rey daua. E ho embaixador disse que punha por serem palauras del rey, mas que não podia aceitar fortaleza se não em Diu, & que ele deuia de pesar muyto bem (pois era pessoa em q̄ el rey cõfiaua tanto) quanto proueito & honrra era del rey de Cambaya o q̄ lhe ho gouernador mandaua pedir, & que deuia daconselhar a el rey que ho fizesse, porque seus portos se tornassem a ēnobrecer, & a render o que rendião, & ainda muyto mais: & que as suas naos lhe trarião seguramēte toda a riqueza do mūdo & nauegarião seguras. E tãtas rezões lhe deu, que ele disse que por amor do gouernador tornaria a falar a el rey, & pera que teuesse disso mais lembrāça & ho fauorecesse, lhe mãdou ho embaixador hū barnegal de prata & hū castiçal que erão seus, dizendo que lhe mandaua aquilo por ser cousa de Portugal cõ que lhe parecia que folgaria, & assi disse ele que folgaua. E dali a quatro dias lhe disse que dizia el rey, q̄ polo irem ver de tão longe, era contēte de dar ao gouernador fortaleza em hū de quatro lugares, Bombaim, Currate, Maim, Doubez, & feytoria ē Diu ou onde quisesse, & q̄ escolhesse hūa cousa daq̄las se hia por paz, porq̄ ele não auia de tornar a falar a el rey porque aueria grande menencoria, & que se qual quer daquelas cousas não quisesse, que lhe não parecia boõ ho coração do gouernador. E com tudo isto ho embaixador não quis aceitar nenhūa daquelas fortalezas, & deulhe as rezões que lhe tinha dadas, porque a não aceitaua em çurrate. E corrēdo por esta materia de palaura em palaura, disse Codamacão que se auendo paz antreles as suas naos auião de nauegar seguras, não leuando nenhūa especiaria pera Adem ou pera ho estreito, se lhe tolheria ho gouernador que não fossem lã. Ao que ho embaixador respondeo q̄ não era rezão, que tendo el rey de Cambaya paz & amizade com el rey de Portugal mãdasse suas naos a Adem & ao estreito, com quem ele tinha guerra, porque a verdadeira amizade auia de ser amigo damigos, & imigo dimigos, E disto não podia fugir el rey de Cambaya, porq̄ assi ho leuara despachado Tristão degã: o que Codamacão negou, posto q̄ lho mostrarão polo liuro do escriuão de Tristão degã, & disse q̄ não sabia parte de tal despacho nem doutro nenhū se não teuesse a chapa del rey, q̄ he ho seu selo, & mais que não sabia que proueito vinha a el rey de Cambaya da amizade del rey de Portugal se lhe tiraua a nauegação do estreyto donde recebia ho mayor ganho de suas rendas, & se ele isto não teuesse, que não sabia q̄ a uantajem lhe fazião, pois a Meliquiaz q̄ era seu escrauo tinha ho gouernador dados mais priuilegios. E ho embaixador lhe disse, que posto que el rey de Cābaya não podesse mandar ao estreito, que podia mandar a Ormuz, a Malaca, Pegû, Martabão & Bengala, ōde

se fazia tanto proueito, & mais que em Adem & no estreito, & assi em outras partes q̃ tinhão paz com el rey de Portugal, & estauão a seu seruiço: & q̃ soubesse q̃ ho gouernador estaua prestes com a armada da India esperando pola de Portugal pera ir logo sobre Adẽ, & a moução passada deixara de mãdar lá muytas naos por rogo de Meliquiaz, que lhe mandara pedir que ho fizesse assi por se não perder Cambaya de q̃ erão lá muytas naos, & que ele faria cõ el rey de Cambaya que lhe desse fortaleza ẽ Diu, & por isso ho gouernador as deixara de mandar. E assi lhe disse, que se Adem fizesse concerto com ho gouernador, que tendo el rey de Cambaya paz com el rey de Portugal poderião as suas naos ir lá não leuando especiaria. E com tudo isto Codamacão disse que não auia de tornar a falar a elrey no despacho: & desesperado disso, ho embaixador lhe pedio que lhe mandasse fazer ho despacho que lhe el rey daua pera ho leuar ao gouernador, & lhe dar rezão de si. E feyto ho despacho, se foy ho embaixador despedir delrey, q̃ a fora as cabayas q̃ lhe derão como da primeyra vez, lhe mandou dar a ele & a Iames teixeira senhas, adagas ricas, & senhas peças de camarabandos: & Codamacão lhes deu pera ho gouernador hum terçado rico & hũas peças de beatilhas muyto finas do deli que antreles seruem de fotas, dizẽdo que aquilo mandaua el rey ao gouernador ẽ sinal damizade, & lhe mandaria hũa alimaria chamada ganda, que lhe leuarião a çurrate.

Capit. cxxxiij. De como ho embaixador foy inuernar a çurrate, & despois se partio pera Goa.

Despedido ho ẽbaixador, partiose ao outro dia, q̃ forão vinte seys Dabril auendo dez que estauão em Madaual, & ele & os seus tornarão nos caualos & carretas de Meligupim, q̃ esperarão todo este tempo pera os tornar a çurrate, & no caminho achou hũ Portugues chamado Antonio afonso, q̃ lhe ho gouernador mandaua com cartas & com dinheiro, & chegou a çurrate a oyto de Mayo, onde lhe foy forçado inuernar por amor dos ponẽtes, que erão ja tão forçosos q̃ derão à costa cõ as naos & zãbucos, & mais não tinha embarcação em q̃ podessem ir. E auendo dez dias que era chegado, chegou a ganda, que era hũa alimaria quasi da grossura de hũa pipa & curta dos braços & das pernas, & toda cuberta de cõchas pelo corpo, saluo a barriga, & a cabeça como de porco, & no meyo da testa hum corno muyto agudo de comprimento dhum palmo ou mais. E estas alimarias se criã em desertos do sertão da India, & chamanlhe os Indios gandas, & cuydo q̃ sam os Rinocerõtes que Diodoro diz que pelejão cõ os alifantes & os matão. Esta trouue hũ capitão del rey de Cãbaya bem acompanhado de gente, & assi a entregou ao embaixador cõ grã de festa de tangeres. E ho embaixador lhe deu hũa peça de cetim branco, & dez pardaos em dinheiro. E inuernando ho embaixador em çurrate em Iulho, mandou Pero queymado a Madaual com cartas a Codamacão sobre sete escrauos Christãos q̃ lhe fugirão do caminho indo pera çurrate, que soube q̃ estauão em sua casa. E lidas por Codamacão as cartas, nã quis dar os escrauos, & disse a Pero queymado q̃ os to

masse se os achasse, & nem respondeo ao embaixador nem menos a Melique quadragi, a quem escreueo sobre ho caso. E vendo ho embaixador que não tinha remedio pera auer os escrauos, entendeo em buscar embarcação: o q̃ sabendo Meâbabu & Meâcoje, lhe disserão que não buscasse embarcação, por q̃ eles tinhão cuydado de lha dar quãdo fosse tempo, que assi lhe tinha mãdado el rey de Cambaya, & q̃ lhe dissessem quantas naos auião mester pera lhas fazerem prestes. E dizendo ho embaixador q̃ os feytores de Meligupim tinhão cuydado de lhe buscar a ẽbarcação por seu dinheiro, eles ho não quiserão consentir, & que auião de tomar a embarcação que lhe el rey daua, pedindolhe que a tomassem, porq̃ lha darião muyto boa. E aconselhandolhe os feytores que a aceitasse, ho fez assi, & disse q̃ abastaria hũa nao de ate trezentos & cincoenta candis que he hũa medida que se costuma na terra, & outra pequena pera leuar a Ganda. E aos vinte dias Dagosto fizerão trazer hũa nao grande & boa ao cays de çurrate, q̃ ho embaixador disse que abastaua pa tudo, & q̃ não auia necessidade de mais: & pedindo ho mestre da nao ho frete ao embaixador, disselhe que ho pedisse a Meâbabu & a Meâcoje, que tinhão cuydado de ho pagar, & mãdou lhes dizer por seu recado que não pagara ho frete pelo que lhe eles tinhão dito, & eles fizeranse muyto menencorios do mestre & ameaçarãno, & mandarão dizer ao embaixador que se laa mais fosse que ho lançasse pola porta fora. E isto tudo era falso, porque eles quiserão q̃ ho embaixador pagara ho frete, porque lhes ficara ho dinheiro que tinhão del rey pera ho pagar, & assi a matalotajem que fosse necessaria. E vẽdo que era necessario pagar tudo pelo q̃ tinhão dito ao embaixador pois ele se pegaua a isso, fizerão fugir ho mestre da nao & os marinheiros, & fingirão que lhe pesaua disso, & fizeranse muyto menencorios do embaixador, dizendo que ele os fizera fugir. E tãtas cousas fizerão, que desesperando ho embaixador dauer por eles embarcação, a ouue dos feytores de Meligupim que lhes tinha mandado q̃ lha dessem & assi tudo ho de q̃ teuesse necessidade pera sua viajẽ: & eles lhe buscarão tres zambucos, q̃ se chamão cotũbas ã custa de Meligupim. E auẽdo Meâbabu & Meâcoje menencoria disto, mãdarão hũa noyte lançar polas ruas de çurrate bem cincoenta vacas mortas & acutiladas, & lãçarão fama ao outro dia que os nossos fizerão aquilo: & assi ho disserão aos feitores de Meligupĩ, que erão Baneanes, porque os indignassẽ contra os nossos & lhes não dessem embarcação: porq̃ se não pode fazer mayor pesar aos baneanes que matarlhe vacas, que elles adorão. Porẽ os feitores não ho crerão, porque sabião q̃ os nossos se fechauão com sol: & assi lho disserão, & que sabião a verdade, q̃ os mouros matarão as vacas. Que não contentes cõ esta treição, vendo que lhes não aproueitaua, quiserão deter ho embaixador com dizerẽ que lhe auião de ver ho fato quando se embarcasse: & estiuerão dous dias sem ho mandar ver, mãdandolhe ho embaixador muytos recados sobrisso, ate que foy Iames teyxeira falarlhe, acõpanhado de sete ou oito criados del rey, & leuou ho despacho del rey, & ho seguro que lhe tinha dado, & faloulhes muyto aspero porq̃ os não despachauão, & querião q̃ per-

dessem mais tempo do que tinhão perdido. E eles se desculparão, & então apertarão muyto q̃ lhes querião pagar a embarcação. E despois de gastadas sobrisso muytas palauras, disse Iames teixeira q̃ a embarcação era paga per Manichete feytor de Meligupim que se auiessem coele, cõ tanto q̃ não ficasse descontẽte. E coisto ficarão amigos, & lhe mostrarão hũa carta de Meliq quadragi, em que dizia que el rey soubera como ho ẽbaixador se queria ir, q̃ dizia que se fosse embora cõ todos os seus, & q̃ lhe mandassem algũs panos, & que lhos não mandauão por q̃ adoecera Godamacão que os auia de despachar, que se os nossos quisessem esperar q̃ lhos mãdarião, & ho ẽbaixador não quis. E recõciliado com Meãbabu & Meãcoje cõ que esteuera de quebra polas cousas passadas, se foy embarcar com os nossos, com ho mesmo aparato que foy recebido quãdo chegou, & partiose pera a India a treze de Setẽbro.

Capit. cxxxiiij. De como Iorge botelho, & outros capitães desbaratarão el rey de Linga, & do mais que passou em Malaca.

NEste tempo chegou recado do gouernador a Iorge dalbuquerque q̃ mandasse chamar el rey de Campar, & q̃ ho fizesse bẽdara de Malaca. E porque Iorge dalbuquerque sabia que Iorge botelho era muyto conhecido em toda aq̃la terra & sabia a lingoa, rogoulhe q̃ fosse por el rey de Campar, & mãdou coele outro capitão que se chamaua Aluaro vaz, & deulhes hũa fusta & duas lancharas em que fossem com algũs dos nossos & gente da terra. E indo Iorge botelho pera Campar, achou noua que el rey estaua cercado por el rey de Linga vassalo del rey de Bintão q̃ era muy boõ caualeyro, & isto por ser amigo dos nossos: & por q̃ Iorge botelho soube que a gente que tinha era muyta, & a sua quasi nada mãdou ho dizer a Iorge dalbuquerque & pedirlhe ajuda, & ele mandou Tristão de Miranda, Antonio de miranda dazeuedo, Ayres pereyra de berredo todos capitães, & por seu capitão mór Francisco de melo, & a fora a gente Portuguesa que serião cẽ homẽs, hião sete ou oyto lancharas cõ gente da terra. E partidos de Malaca chegarão â boca do rio de Campar õde estaua Iorge botelho, & dali entrarão todos ho rio & forão por ele ate a ẽtrada dhum esteyro, onde ho rey de Linga tinha feyta hũa tranqueyra muyto forte, & tinha ali sua gente & armada, & fazia a guerra a el rey de Campar, cuja cidade estaua polo esteyro acima. E entrando os nossos por este esteyro, acharãno tão estreyto, & cercado de ribas tão altas q̃ senão atreuerão a ir por ele, porque temerão q̃ sabẽdo os inimigos sua ida acodissem logo, & os matassem de cima das ribas sem se eles poderem defender, & mais como ho esteyro era tão estreyto poderlhe hião queymar a frota. E por isto pareceo bẽ a todos q̃ se tornassem, & se posessem no rio largo â boca do esteyro, & ali tolherião os mantimẽtos aos inmigos, que por esta causa sayrião a pelejar coeles, como sayrão tanto que ho souberão, & era hũa frota doytẽta lancharas, em que andauão bem seys mil homẽs os mais deles frecheiros, não sômente de frechas darco, mas de zarauatana, & os nossos serião setecentos homẽs, cẽ Por

tugueses & os outros da terra. El rey de Linga hia diãte a remos em hũa lãchara tamanha como hũa grande galeaça & leuaua nela duzentos homẽs cõ paueses q̃ os cobrião todos, & lanças muy boas, & como a maré decia rija hia a lãchara a todo tira, & dá de supito com Iorge botelho q̃ estaua em hũa lanchara na boca do esteyro com obra de vinte Portugueses, despigardas, & bestas, & algũs frecheiros da terra: & em ele vendo a lanchara del rey, mãda despa rar sua artelharia que deu pelos remeyros de hũa banda, & leuou algũs deles mortos, & os outros cõ medo deixarão ho remo, & baquearanse que foy causa de se atrauessar a lanchara na boca do esteyro, & por ser estreyto encalhou sẽ poder passar, & as outras q̃ hião apos dela se deteuerão nela, & ficarão amõtoadas, que parece que foy milagre de nosso señor, porq̃ segundo a multidão de gẽte que erão, os nossos ouuerão de passar mal. E como Iorge botelho vio aquilo, começa desforçar os seus, dizẽdo que Deos era coeles, & lhes daua os immigos nas mãos, que os aferrassem: & assi se fez, porẽ eles não ousarão desperar, que em os nossos abalrroando se lançarão ao rio, por mais que el rey de Linga lhe bradou q̃ ho não fizessem. E vendo ele que lhe não aproueitaua, lãçouse tambẽ & foyse a terra nadãdo. E nisto acode Francisco de melo cõ os outros capitães, & ẽtrão pola lanchara del rey & dão nas outras, q̃ assi se hião despejando como os nossos entrauão, & todos se acolhião a terra sem ousarẽ de os esperar. E tudo isto como digo foy milagre de nosso senhor, porq̃ dou tra maneyra não era possiuel que tanta multidão de gente como erão os immigos, ouuessem tamanho medo de tão poucos como erão os nossos, q̃ ouuerão aqui muyto despojo. E desbaratados os immigos, veo el rey de Campar q̃ logo soube a noua, & derãlhe a lanchara em que andaua el rey de Linga, que ele estimou muyto por se auer antreles por grande hõrra, & as outras, delas forão tomadas, & as mais queymadas. E sabendo elrey de Campar ho recado q̃ lhe leuauão pera ir gouernar Malaca, fezse prestes ate ho outro dia com molher, filhos & toda sua casa: & os nossos se partirão coele, & na boca do rio acharão Ioão lopez daluim com certas lanchoras que lhes apresentou hũa prouisam de Iorge dalbuquerque, em q̃ lhes mandaua que lhe obedecessem todos, & fossem coele sobre Bintão pera ho destruyrem. E como todos os mais daqueles capitães erão fidalgos, desprezaranse de ir debaixo da capitania de Ioão lopez a hũ feyto tão honrrado como fora tomarse Bintão, de q̃ ele auia de leuar toda a honrra, & por isso ordenarão como não fossem, & tornaranse todos a Malaca. E por Iorge dalbuq̃r que entẽder as cousa como fora, os prẽdeo a todos: & ao outro dia soltou Iorge botelho, & rogoulhe que fosse cõ Ioão lopez a Bintão, porque cõpria muyto a seruiço del rey seu senhor destruyrse aquela força q̃ ali se começaua de criar: & que sendo caso q̃ não podessem entrar Bintão, que se tornasse Ioão lopez pera Malaca, & ele ficasse laa cõ toda a armada, porq̃ tolhesse os mantimẽtos a el rey, & lhe fizesse todo ho mal que podesse, & nã se fosse da hi sem seu mãdado. E partido Ioão lopez pera Bintão, ordenouse a cousa de maneira, que nem ele ho entrou, nem Iorge botelho ficou laa, & tornaranse pera Malaca, onde sabẽdo Ninachatu que el rey de

Campar hia a Malaca pera ser bendãra, crẽdo que ficaua desonrrado se lhe tirauão ho officio, quis antes morrer honrrado, & matouse com peçonha q̃ comeo: & logo el rey de Campar foy leuantado por bendara com muyto grande festa, & muyto grãde prazer de todos, & despois que ele gouernou se ennobreceo Malaca muyto mais q̃ dãtes.

Capitolo. cxxxv. De como chegou aa India Christouão de brito capitão moor das naos da carga: & de como ho gouernador determinou de ir sobre Ormuz.

Estãdo ho gouernador em Goa, em Setẽbro de mil & quinhentos & quatorze chegou hi Christouão de brito, que partio aquele ãno de Portugal por capitão mõr da armada pera a India, de que forão capitães a fora ele Francisco pereyra coutinho, Luys dantas & Ioão de melo: & com Christouão de brito hia Nicolao ferreyra, que fora por embaixador delrey Dormuz ho antecessor do que reynaua, a el rey de Portugal sobre lhe confirmar sua amizade, & descarregalo que não pagasse cadanno mais de dez mil xerafins de pareas, porque pagaua quinze mil, fazendose muyto pobre, & que não podia pagar tanto. E ho embaixador como foy ẽ Portugal, quis lhe nosso senhor dar graça pera que se fizesse christão, & deixasse de ser arrenegado como era dantes. E deixando a falsa seita de Mafamede, reconciliouse com a sancta igreja catholica, o que foy feyto com grande festa que el rey mãdou fazer: & reconciliado disse a el rey a verdade Dormuz, & camanha cousa era & quanto rendia, & quão tiranizado estaua por Cojeatar: por isso que não a largasse cousa nenhũa das pareas, & q̃ ho deuia de mãdar tomar. E el rey por temporizar cõ el rey Dormuz, respõdeolhe acerca das pareas que na India tinha seu gouernador sobre quem descarregaua todos os negocios dela, q̃ ele faria nisso o que lhe bem parecesse que lhe mandasse recado. E ao gouernador escreueo o que escriuia a el rey, & que se podesse tomar Ormuz sem ho destruyr que ho fizesse, encomẽdandolhe muyto que se lã fosse q̃ ficassem as cousas da India tão seguras que não recebessem nenhũ trabalho, porque cõseruar ho ganhado era mais q̃ ganhalo de nouo: & tomando Ormuz fizesse a igreja principal da auocação de nossa senhora da conceição, assi como a de Lisboa. E vẽdo ho gouernador esta carta, posto que estaua determinado pera ir a çuez pelejar com a armada do Soldão, mudouse desta determinação por estas rezões, porque posto q̃ fosse grãde cousa desbaratar a armada do Soldão que cadãno abalaua a India cõ sua vinda, & estoruar a romaria dos mouros a Meca, & cõcertarse cõ ho Preste, não fundia mais nem aproueitaua, que tolher aos mouros as mercadorias que leuauão polo mar roxo que não indo ficauão as que hião de Portugal de muyto mõr preço: & porem acabado do gouernador desbaratar a armada do Soldão, auiase de tornar ã India, & pagar mãtimẽto ã gẽte das feytorias del rey, & soldo que se lhe deuia, & elas ficauão muy desprouidas de dinheiro & mercadorias, porq̃ a carga das naos & ho mao cuydado dos feytores ẽgolia tudo & a gente ficaua sem remedio. E indo a

Ormuz, senhoreãdoho de todo como esperaua em nosso señor teria ali com que prouera gēte, & poderia espalmar a armada, & esperar a dos rumes no tē po verdadeyro em q̃ podiã ir à India, & ganharsehia tanto no trato dos caua los pera os leuar a Goa, q̃ el rey de Nar singa & ho Hidalcão andauão a quem mais daria por eles, & ou aueria por isso Baticalá, ou a terra firme de Goa: & a fora isto melhorauasse grãdemēte o estado del rey na India, cõ ter por seu hũ reyno tão rico como aq̃le. E ele ga nhado, dali poderia mais facilmente tã par ho mar roxo q̃ da India porq̃ lhe ficaua mais pto, & fechandose ho mar roxo, dauasse saida à especiaria por Or muz, do q̃ resultaua muy grossa rēda a el rey de Portugal, como o gouernador tinha por esperiēcia no anno q̃ entrou ho mar roxo, q̃ forão a Ormuz mais sē senta naos do q̃ dãtes hião. E por estas rezões mudou a ida do mar roxo a Or muz; E o q̃ lhe fez ainda assentar mais nisso, foy q̃ chegou Pero dalbuq̃rq̃, & lhe disse q̃ el rey Dormuz tomara a cã rapuça do Xeq̃ ismael, & a sua oração, & que Raix noradim goazil Dormuz Persio de nação lhe parecera muyto in clinado a entregarse Ormuz ao xeque ismael: & que era homē velho & tinha consigo muytos filhos, & estaua ē sua mão ho tesouro del rey, & sua fazēda, & q̃ ho Xeque ismael começaua de fa zer guerra a Ormuz, & contoulhe o q̃ passara cõ ho seu capitão que estaua ē Reixer. E dissélhe tambē das muytas naos q̃ achara ē Ormuz por amor de sua ida ao cabo de Goardafum, q̃ cuy dauão os mouros q̃ auia dētrar ho mar roxo. E assentando ho gouernador de ir a Ormuz, calouho consigo & come çouse daperceber pera isso, dizendo q̃ era pera ho mar roxo: & nisto chegou Diogo fernãdez de Camabaya, onde fora por embaixador & trouue a repo sta que disse. E determinandose ho Gouernador em sua ida a Ormuz, partiose pera Cochim pera ver a for taleza de Calicut, que achou quasi aca bada, & era da maneyra que disse, & chegado à Cochim despachou as naos pera Portugal, em que mandou a gãda a el rey & algũas joyas de preço dessas que lhe mandauão os reys & senhores da India. E prouidas as fortalezas, de Cochi, Calicut & Cananor, tornouse a Goa com toda a armada que auia de le uar a Ormuz: & porque lhe ho Hidal cão tinha mandado dizer, que lhe mã dasse hũ homem de confiança por em baixador, & que assentaria coele suas cousas, porque por cartas não auião nũ ca dacabar. Mandou ho gouernador a isso Ioão gonçaluez de castelo branco em que confiaua muyto, & deulhe sua instrução do que auia de pedir ao Hi dalcão, que erão as tanadarias que auia de Banda ate Chandagará q̃ erão vite legoas, & quando não quisesse que des se as de Antruz, Bardés & Salsete, & se as não quisesse dar liuremente q̃ as des se, com condição que lhe dessem a ter ça parte do q̃ elas rendessem, & q̃ esta terça lhe pagarião em caualos ou alifã tes. E que alem de por esta causa ficar paz perpetua & amizade antrele & el rey de Portugal, lhe concederia que os mercadores que trazião os caualos, os não vendessem a outrem se não a ele, no que ganharia cento & cincoēta mil pardáos. Porē elrey de Portugal ganha ua outro tanto se lhe dauão estas tana darias, & assi hia na instrução q̃ Ioão gonçaluez se deixasse andar cõ ho Hi dalcão ho mais tempo que podesse. E

partiose de Goa em Feuereyro acompanhado de dez Portugueses de caualo, & obra de cem piães da terra, porq como hia a negocio de tanta importancia, mãdouho ho gouernador coeste estado, peraq ho teuesse ho Hidalcão em muyta estima, como teue despois q lá foy, & fezlhe muyta honrra & gasalhado. E Ioão gonçaluez lhe deu hum presente que lhe mandaua ho gouernador, que era hũ alifante & dous caualos & hũas coyraças postas ẽ veludo azul, & hũ estoque, & hum punhal ricos, & duas peças de graã. E ho Hidalcão estaua ẽ seu arrayal hũa legoa de Visapor a principal cidade de seu senhorio, õde ainda que tem muytas he seu costume andar sempre no campo. E ho Hidalcão não tomou nenhũa concrusam cõ Ioão gonçaluez, dizendo que dera as tanadarias por lhe ho gouernador dar a compra dos caualos se ele ouuera destar na India pera sempre, mas que auia de vir outro: & que se lhe outrem desse mais pelos caualos q lhos daria, & por isso não auia dassentar partido com nenhũ gouernador se não com el rey de Portugal. a quem queria mandar seu ẽbaixador. E esta foy a reposta que deu despois de Ioão gonçaluez andar lá onze meses.

Capit. cxxxvj. De como ho gouernador chegou a Ormuz.

Prouida a fortaleza de Goa pelo gouernador de todo ho necessario, & assi hũa armada de sete fustas que auia de ficar na costa com a nao rume, ẽbarcouse com todos os capitães da frota, que erão dõ Garcia de noronha capitão da nao nazarẽ em que hia o gouernador; Ayres da silua da nao bota fogo, Diogo fernandez de beja da nao frol da rosa, Pero dalbuquerque da nao bastiayna, Simão dandrade da nao Enxobregas, Vasco fernandez coutinho da nao garça, Iorge de brito da nao sancta Ofemia, Lopo vaz de sam Payo da nao santa Cruz, Antonio raposo do nauio ferros, Ruy galuão doutro, Pero ferreyra dataforea, Nuno martinz raposo da carauela anũciada, Ioão de meira da carauela sam Iorge, Ioão gomez da carauela Santiago, Francisco pereyra da carauela sã Nicolao, Ioão pereyra da carauela Sãtiago, Fernão deresende doutra, Siluestre corço da galé grãde, Manuel da costa da galé Santiago, Ieronimo de sousa da galé sam Vicente, Fernandeanes do bargantim Santiago, Pedro corço capitão doutro. E chamados estes capitães a conselho, & assi dom Ioão deça capitão de Goa, & dom Sãcho de noronha alcayde mór, & Nicolao ferreyra ẽbaixador del rey Dormuz, perante ho secretario Pero dalpõe lhes disse q ele tinha sua armada prestes, & a gente embarcada, que serião mil & quinhentos Portugueses, & seyscentos Malabares: & que el rey seu senhor lhe mãdaua entrar ho mar roxo & fazer fortaleza em Adẽ, & que sobrisso lhe escriuia cadãno, & assi sobre Ormuz, que desejaua de ho ter & ser senhor dele, segundose cõtinha mais largamente em hũa carta q mostrou que sua alteza lhescreuera aquele ãno, & que tinha por noua certa que el rey Dormuz tomara a carapuça do Xeque ismael & sua oração, & q se dizia antre os mouros (como sabia ho embaixador Nicolao ferreyra) que Ormuz se auia

dentregar ao Xeque ismael. E por lhe
el rey escreuer muyto apertadamente
sobre Ormuz, queria saber deles seus
pareceres sobre este feyto Dormuz, se
seria mais seruiço del rey ir com aquela
armada seguralo do Xeque ismael, ou
ir sobre Adem & entrar ho mar roxo.
E dando cada hũ deles sobristo seu pa-
recer q̃ assinarão, acordarão cõ ho go-
uernador que era muyto mais seruiço
delrey ir segurar Ormuz que a nenhũ
dos outros cabos: & q̃ seguro Ormuz
dele, se podia mais facilmẽte tomar A-
dem, & entrar ho mar roxo que da In-
dia. E assentado isto sem ho saberem
mais que os que forão presentes no con
selho, partiose ho gouernador ꝑa Or-
muz quarta feyra de ciza vinte hũ dia
de Feuereyro, de mil & quinhentos &
quinze: & aos vinte seys de Março qua
si sol posto foy surgir no porto Dor-
muz. E em chegando foy a ele hũ mou
ro chamado Acem ale da parte del rey
a darlhe a boa hora de sua vinde, & di-
zerlhe que vinha pera sua casa, & man
doulhe por ele hũ presente de fruyta se
ca, & cousas daçucar. E ho gouenador
respondeo a Acem ale, que se aquilo as
si fosse como lhe el rey mãdaua dizer,
que ele ho trataria como a filho, nẽ vi-
nha ali senão pera cõseruação da terra.
E porque não entrasse mais gente dar-
mas da que estaua na cidade, mandou
vigiar a ilha per algũs capitães, & que
não ẽtrasse nenhũ nauio sem ser visto,
& achando neles gẽte darmas a matas-
sem: o que mandou dizer a el rey pera
que ho mandasse pregoar. E auẽdo do
us dias que era chegado, mandou a ter
ra Nicolao ferreyra a dar a el rey a re-
posta de sua embaixada, ficando por
arrefens hũ sobrinho de Raix noradi.
E a reposta foy ꝑ duas cartas, hũa em
q̃ el rey de Portugal remetia a reposta
da petição de Raix çafardim ao gouer
nador, & a outra sobre ho mouro caça-
dor da onça que el rey mandara coela
ao papa. E sabendo ho gouernador q̃
el rey dormuz não dissera nenhũa cou
sa a Nicolao ferreira sobre a reposta de
sua ẽbaixada, per cõselho dos capitães
lhe mãdou pedir por Diogo fernãdez
de beja & polo secretario a fortaleza q̃
deixara começada pera se acabar: & lhe
mandasse dar apousentamento na ci-
dade pera os capitães por quanto auia
destar nela oyto meses, & que mãdasse
abrir a porta da fortaleza q̃ estaua ꝑa
ho mar, & çarrar outra que estaua aber
ta pera os seus paços. E el rey lhe man-
dou pedir a fortaleza que estaua come
çada por estar tão perto dos seus paços,
& que lhe daria lugar pera fazer outra
õde quisesse, & lha faria á sua custa: do
que ho gouernador foy contente, com
tanto q̃ lhe desse el rey em arrefens hũ
filho de Raix noradim, & hũ seu sobri
nho de comprir o que prometia. E so-
bristo ouue aida algũs recados por sos-
peitarẽ os mouros que pederia ho go-
uernador ꝑa fazer a fortaleza as casas
del rey ou a mezquita.

Capit. cxxxvij. De como ho Xeque ismael mãdou hũ embaixador ao gouernador sobre amizade com el rey de Portugal.

ESTando ho gouerna-
dor neste porto Dor
muz chegou hum Mi
guel ferreyra q̃ ele ti-
nha mandado ao Xeq̃
ismael com cartas, em
que lhe offrecia amizade & liança com
el rey seu senor, & sua ajuda cõtra seus

immigos. E como ho Xeque ismael tinha fama do que ho gouernador fizera na conquista do reyno Dormuz, & na India despois que começou de a gouernar: & assi sabia ho gasalhado que fizera ao messejeiro do seu ẽbaixador, & os offrecimentos damizade que lhe mandara por ele, folgou muyto de ter por amigo hũ rey tão poderoso como ho de Portugal, & a seu gouernador. E não sômẽte despachou bem a Miguel ferreyra, fazendolhe muytas merces, mas ainda despachou hum embaixador com cartas damizade pera el rey de Portugal, & pera ho gouernador: & assi presẽtes de cousas ricas. E este foy Coge alijão ho messejeiro que ho foy a visitar da parte do embaixador, que foy por seu mandado ao Hidalcão, em cuja companhia foy Miguel ferreyra, & estaua em Ormuz quãdo ho gouernador hi chegou. E sabẽdo ele per Miguel ferreyra como ho ẽbaixador do Xeque ismael estaua na cidade, mandou por ele algũs dos capitães da frota que forão nos seus bateys vestidos dos melhores vestidos que tinhão, & os bateys embandeirados, & com muytos atabales & trombetas, de modo que ho embaixador foy leuado com grande festa. E ho gouernador estaua com todo seu estado vestido darreyo cõ quãtos estauão coele, & a tolda da nao armada & alcatifada. E em chegando ho embaixador, desparou a artelharia da nao, de que ele ficou espantado, & assi de ver a muyto grande magestade cõ que ho gouernador estaua, que parecia hum muy poderoso principe, assi em sua pessoa como na companhia dos capitães & fidalgos que estauão coele. E recebido ho embaixador por ele, que se assentou, lhe deu duas cartas em lingoa Persiana, hũa pera el rey de Portugal, & outra parele. E a pera el rey de Portugal tornada ẽ nossa lingoa, dizia.

Ao grande rey senhor de grandeza, & senhor dalta coroa, & da hõrra antre os reys. Este yo dos reys da ley do mexias: arreyo dos reys Christãos, rey grãde & grande antreles, rey de grande coração, & senhor bem auenturado, caualeyro de Portugal & de sua grandeza, assi como rosas de boõ cheiro, assi sã suas merces, & como almizquere de boõ cheiro, cheira ho muyto amor com que vos escreui tudo isto, porque he assi, & todo meu coração & vontade he que sempre seiais grande & de alto estado, que vosso lugar he alto. Façouos saber q̃ em hum tẽpo boõ, hũ de meus seruidores foy por onde estaua ho grãde senhor gabado & escolhido dos reys: ho vosso grande gouernador, & arreyo dos gouernadores Christãos capitão moor, meus homẽs chegarão a elle. & lhes fez muyta honrra, & lhes amostrou amor & amizade, & os aiudou & despachou bem, & mos enuiou. E não ha duuida q̃ este feyto foy damor, que nossos corações tinhão em ausencia, do que foy causa ho vosso gouernador, & ho declarou, assi como ho sol he claro, & por isso lhe mandei meu embaixador Coge aliião pera mais affirmar & enfortalecer ho amor & amizade, assi como vos melhor quiserdes, & seia sempre esta boa amizade antre nos, & nossos messeieiros, & cartas vão sempre & venhão, & aia sempre cadea damor.

E a carta do gouernador, tornada tãbẽ da mesma lingoa Persiana, dizia.

Pera ho grande senhor que tẽ ho mando, & esteyo dos gouernadores, & grandes da ley do Mexias. Caualeyro grãde, & forte lião do mar de grande coração. Senhor capitão mór, que em meus olhos & minha graça & coração, muyto me contentastes. & sois grande em minha võtade: & isto he verdade, assi como ho he, q̃ ha claridade quando amanhece, nem ha duuida nisso, como a não ha em cheirar ho almizquere, & quero que sejais sempre grande & aleuãtado em bẽ, & q̃ sejais sempre alumiado em vosso caminho, assi como vosso coração deseia. Façouos saber como veyo Coge alyjão, & me disse vosso amor, & vossa boa vontade, & algũas palauras q̃ lhe dissestes, que passarão antre vos & ele, mas disse muyto bem ditas, & me obrigarão a acrecentar amor & amizade ãtre nos. & por tãto vos mandei Coie alyjão, pera que vos diga algũas cousas que lhe disse, & volas faça entender: & peçouos que façais o que vos ele pedir, & que ho nã detenhais, & ho despacheis cedo, & mo enuiay: & mandaime algũs mestres bombardeiros, & eu os contentarey como elles quiserem. Isto vos peço por nossa amizade que ho façais, q̃ toda minha esperança he em vos, & sempre vão & venhão nossos messeieiros: qualquer cousa que vos de mim cõprir mandaimo dizer, & cõfiay muyto em minha amizade.

Lidas pelo gouernador estas cartas, esteue cõ ho embaixador hũ grande pedaço praticando em muytas cousas, & disselhe que ho despacharia muyto cedo, & tornouho a mandar a terra pelos capitães que forão por ele.

Capit. cxxxviij. De como Raix noradim goazil Dormuz entregou ao gouernador a fortaleza.

Andádo os recados del rey Dormuz pera ho gouernador acerca de dar a fortaleza pa se tomar cõcrusam, foy Raix noradĩ falar ao gouernador, & forão por ele algũs dos nossos capitães com grande solenidade, o que ho gouernador fazia por lhe ganhar a võtade & fazer a fortaleza em paz, como lhe mandaua el rey seu senhor. E em arrefens de Raix noradim ficou na cidade Diogo fernãdez de beja: & por Raix noradim ter os pés muyto inchados de corrimentos & não poder sobir aa capitaina, lhe falou ho gouernador na galé de Siluestre corço, cuja popa estaua alcatifada, & armado hũ dosel de borcado, & ho gouernador assentado em hũa cadeira rica destado, & tinha vestido hũ pelote de damasco p̃to, & hũa loba do mesmo aberta polas ilhargas, & hũa carapuça de veludo preto, & calças destamete de milão, & hũ colar dombros que valia tres mil cruzados, que ele mãdara fazer pera ho estado da India, & na cinta hũa espada rica: & todos os capitães forão vestidos de fẽsta, & assẽtados. E chegado Raix noradim, ho gouernador se leuantou, & mandoulhe dar hũa cadeira em que se assentou. E despois de lhe dar as encomendas del rey Dormuz, disselhe q̃ tinha q̃ falar coele algũas cousas de segredo: & logo ho gouernador mandou despejar a popa da galé. & não ficarão mais que dom Garcia & hũ sobrinho de Raix noradim & Acem ale, & Alexandre dataide lingoa & ho secretario. E ficando sós, disse Raix noradim ao gouernador, que posto q̃ ele tinha feyto merce a el rey Dormuz da fortaleza que estaua começada, com tanto q̃ lhe desse lugar pera fazer outra, porq̃ os materiaes parela serião muyto maos dajũtar, ele lhe tornaua a fazer seruiço da q̃ estaua começada como a seu pay

(que nessa conta ho tinha) & assi espe-raua q̃ ho fizesse coele como cõ filho, & mais sendo ele & todo ho reyno del rey de Portugal, & seu. E porem q̃ pera mais segurança da gẽte da terra, & dos mercadores ele lhe prometesse cõ jura mento em sua ley que fossem sempre amigos damigos, & imigos dimigos, & ele juraria por parte dl rey Dormuz outro tãto, & que sempre estaria a obe diẽcia & mãdado del rey de Portugal, & ao seu q̃ estaua em seu lugar, & assi ho jurarão ambos cada hũ em sua ley, & assinarão hũ auto que disso fez ho secretario. E isto acabado deu o gouer-nador hũa cabaya de brocado a Raix noradim que logo ali vestio, & mãdou lhe deitar ao pescoço hũ ramal de cõ-tas douro grossas que tinha cem cruza dos: & mandou dar a seu sobrinho ou-tra cabaya de cetim cramesim com os botões douro, & a Acem ale cincoenta cruzados & cinco couados dezcarlata, & mandou a el rey per Nicolao ferrey ra, que foy em companhia de Raiz no radĩ hũ colar douro esmaltado, & por Acẽ ale hũa bandeira das armas reais de Portugal, pera que a mandasse aruo rar sobre seus paços por sinal de paz & obediẽcia. E assi foy feyto cõ grande festa de desparar toda sua artelharia, a q̃ a nossa frota respodeo: & isto se fez a te ho meyo dia do derradeyro de Mar ço, que foy vespera de ramos. E logo da li ate noyte mandou Raix noradim co meçar dabrir a porta da torre qua saya ao mar. E ao outro dia domingo de ra-mos a mandou ho gouernador acabar dabrir, & mãdou dõ Aluoro de crasto & Antonio dazeuedo com gente arma da, pera q̃ esteuessem em goarda dos que abrião a porta, que foy abera quasi ao sol posto, & logo os nossos se mete-rão na torre & ficou ẽ seu poder: & co-mo anoyteceo a foy o gouernador, ver indo coele dõ Garcia & algũs fidalgos & caualeyros, & ã entrada se assentou ẽ giolhos de prazer, & deu muytas gra-ças a nosso senhor por lhe tornar aq̃la torre tãto em paz. E logo a segũda fey ra mandou cercar toda a ponta em que estaua a fortaleza de hũa paliçada de cestos cheos darea & sua padessada por cima, & ãtre cesto & cesto hũa bõ-barda, & isto pera a fortaleza ficar ma is segura se os mouros quisessem fazer treyção como da outra vez: & tambem pera segurança dos officiaes que auião de trabalhar de dẽtro da paliçada, assi como pedreyros, ferreyros, & carpin-teiros, q̃ logo começarão de trabalhar, & assi mandou arrãcar pedra, & cauar gesso q̃ se cozia pera se fazer cal. E em goarda desta gente, porque estaua afas tada da cidade mandou estar Frãcisco pereyra com ho seu nauio, onde se re-colhião de noyte os que trabalhauão na pedreira. E dali a dous dias se come çou de descarregar mercadoria pera a feytoria. E dõ Garcia se foy a terra pe-ra estar la coeles & fauorecer a fortale-za, & ho gouernador ficou na frota cõ outros. E desta maneyra tinha ho mar & a terra muyto seguros, não somente da parte dos nossos, mas tambẽ da del rey Dormuz, q̃ cada dia mãdaua de co mer ao gouernador, & assi tinha cuy-dado dele como se fora seu pay. E Raix noradĩ lhe acõselhaua q̃ ho fizesse, & folgaua muyto cõ a vinda do gouerna-dor, porq̃ esperaua de ser vingado por ele de hũa muyto grãde treyção q̃ lhe tinha feyta hũ seu sobrinho chamado Raix hamet, q̃ sendo ele goazil ho me teo dentro no paço cõ dous irmãos se-us, & ho fez goarda mór del rey, a quẽ

fazia que lhe fizesse merce & hõrra. E
auendo hũ anno que estaua no paço, co
meçou de pedir a elrey Dormuz que
ho fizesse goazil, & lhe desse as casas
que forão de Cojeatar. Do que se elrey
escusou per muytas vezes: & pólo tirar
daquele proposito ho mandou darma
da fora Dormuz, dizendo a Raix no-
radim a causa porque. E porem Raix
hamet não quis laa ãdar muyto, & tor-
nou com ho mesmo proposito, & com
muyto mayor soberba. E estãdo Raix
noradim doente em cama hũa noyte
de grande tempestade com ajuda de
seus irmãos que dormião dentro no pa
ço, entrou na camara em que elrey dor
mia com sua molher tendo dentro no
paço toda a gente q̃ fora coele darma-
da. E tomandoho pola mão com hum
terçado nuu sobrele, lhe disse q̃ se via
ele que ho podia matar. E elrey cõ me-
do da morte se lhe lançou aos pés dizẽ-
dolhe que faria tudo quanto quisesse,
& que ho não matasse. E ele lhe deu a
vida com condição que auia de gouer-
nar ho reyno, & ter em seu poder a ele
& a toda sua casa & fazẽda & seu tesou
ro, & por sua mão se auia de gastar, &
assi auia de ter ho seu sinete, & q̃ auia
de fazer tudo quanto lhe mandasse: &
q̃ Raix noradim teuesse nome de goa
zil, mas que não auia de gouernar ne-
nhũa cousa. E assi se fez por Raix nora
dim estar doente & não poder acodir,
& ele ter muyta gente & se apossar do
paço, & ter elrey como preso, que ho
não deixaua sayr dele sem ir em sua cõ
panhia, nem falar com ninguem sem
estar presente. E como elrey Dormuz
& Raix noradim andauão disto muy-
to sentidos, determinarão de se vingar
de raix hamet pelo gouernador, a quẽ
Raix noradim ho mandou dizer por
Alexandre dataide, pedindolhe q̃ lhe
fizesse justiça daquele tirano, & que se
ele quisesse fazelo que elrey lho man-
daria dizer, porque auia tamanho me-
do de Raix hamet q̃ ate não saber sua
vontade não queria bolir com nada.

Capitolo .cxl. De como o gouernador mãdou matar Raix hamet por seus capitães.

E Logo ao outro dia, falãdo
el rey com Alexandre da-
taide em cousas que lhe ho
gouernador mandaua re-
querer, lhe disse aa poridade que Raix
hamet que hi estaua ho tinha preso, &
fora de todo seu poder, que ho dissesse
assi a seu pay ho gouernador (que assi
lhe chamaua por lhe ele chamar filho)
E sabẽdo ho gouernador isto, ordenou
de se ver em terra com Raix noradim
como que auião de falar sobre seus ne-
gocios, & mandou por ele a Antonio ra
poso, & a Nuno martinz raposo & ho
secretario, & acõpaharão Raix mado
far irmão de Raix hamet, & muytos
mercadores honrrados naturais Dor
muz, que beijarão a mão ao gouerna-
dor, que lhes disse que pois elrey Dor-
muz era vassalo delrey seu senhor, q̃
lhe auião ali de jurar, q auião d̃ ser sem
pre fieis a elrey Dormuz, obedecẽdo-
lhe ẽ tudo, & gastãdo por ele as vidas,
& fazẽdas se cõprisse, & q̃ nã conheces
sẽ por gouernador delrey, & do reyno
se nã a Raix noradi: & assi ho jurarão
todos, & tãbẽ Raix madofar, posto
q̃ se mostrou nisso hũ pouco rigoroso.
E ho gouernador lhes jurou de os man
ter em justiça, & defender elrey de to-
dos seus imimigos. E isto fez porque ne
nhũ daqueles obedecesse mais a Raix

hamet,& se não aluoroçassem quando o tirasse de gouernador. E feytos estes juramẽtos,ficou sò com Raix noradi, que lhe cõtou perante ho secretario & lingoa toda a treição de Raix hamet, pedindolhe muyto da parte del rey,& da sua q̃ os liurasse daq̃le tirano. E ele lho prometeo,& disselhe que por isso dera aquele juramẽto aos mercadores, & concertarão ambos que se visse com elrey no madraçal õde pousaua Simão dandrade q̃ era perto da fortaleza(& estes madraçais sam como antre nos os estaos),& que ali lãçaria mão de Raix hamet,& ho prẽderia:& disto lhe mãdaria a certeza do que elrey queria q̃ se fizesse, porque ainda ho não sabia. E despois desta vista,cõcertarão polo secretario & por Alexandre dataide, q̃ ao outro dia que era quinta feyra fosse a vista no madraçal como assentarão. & não estauão cõ ho gouernador mais que os capitães & fidalgos da armada, & estarião desarmados,& ho seu paje lhe teria as suas armas,& desta maneyra iria el rey. E a q̃ita feyra à noyte foy ho gouernador à terra a falar com dõ Garcia,& com os outros capitães,a q̃ em conselho deu conta do q̃ esperaua de fazer. E assentouse que indo Raix hamet ali ho prendessem logo,& pera isto fossem todos os fidalgos & capitães armados secretamente:& que Pero dalbuquerque fosse ho primeyro que lançasse mão dele,& q̃ não deixassem entrar com el rey mais que ele & Raix noradim,& Acem ale ho lingoa,porq̃ o gouernador se temeo q̃ Raix hamet pola tirania q̃ fazia se temesse dalgũa cousa,& leuasse armados secretamente os que entrassem cõ el rey,& se ho prẽdessem,aueria hi algũa briga em que morrerião algũs. E parece q̃ ho gouernador adiuinhou,porque assi ho tinha Raix hamet determinado,& dissesse despois q̃ pera matar ho gouernador & os nossos capitães que fossem sem armas. E afora isto se assentarão mais outras cousas que se auião de fazer neste feyto. E ao outro dia hũa hora ante menhaã foy ho gouernador a terra com todos os capitães que estauão no mar, & leuauão todos sua gente armada,& assi tinhão os que estauão em terra:& tambẽ os Malabares estauão prestes com suas armas. E toda esta gente ficou na praya,& ho gouernador com os capitães & fidalgos armados secretamente,& ẽcima vestidos muyto ricos, se meteo no madraçal de Simão dandrade. E vendo Raix noradim a nossa gẽte armada,mandou armar a del rey, pregũtando primeyro ao secretario se ho mandaria: & naquela gente del rey entrauão obra de duzẽtos de Raix hamet,q̃ se armarão de sayas de malha afora os que auião de ir com el rey q̃ as leuauão secretas. E armados estes de Raiz hamet das armas descubertas, pos elle hũ terçado & hũa adaga muyto ricos,& foyse primeyro à casa do gouernador,que ja tinha ouuido missa:& como era soberbo entrou logo dentro como homẽ desassegado,& foy ter onde estaua ho gouernador,q̃ ho recebeo muyto bẽ,dizendo que folgaua cõ sua vista,& preguntoulhe por elrey. E despois de dizer que vinha atras,disselhe o gouernador q̃ como trazia ele armas, pois estaua no concerto q̃ nenhũa das pessoas q̃ entrasse cõ el rey naq̃lla casa auia de trazer armas,por isso q̃ as tirasse. E ele dãdo a ẽtẽder q̃ se não entẽdia aq̃lo nele sayose pa fora. E ẽ saindo chegou elrey à porta,& Raix noradi & seu filho Raix xarafo, cõ muitos fidalgos

a pé derredor del rey, & diãte as trõbetas & atabales do gouernador fazendo grande arroido. E em elrey descaualgãdo, & entrando no recebimento do madraçal, achou Raix hamet, q lhe disse q não entrasse, porq ho gouernador tinha dẽtro homẽs armados. E fiandose el rey no gouernador disse q auia dentrar. E ouuindo isto Alexandre datayde, que estaua pegado cõ el rey, tomou pola mão a Raix hamet, & como que ho queria segurar, disselhe. Ora vem cá, quero que vejas que não he nada o que dizes, porque tudo he por seruiço del rey. E leuãdo ho assi pela mão, chegou coele aa porta da casa onde ho gouernador estaua, & segurandose Raix hamet com el rey que lhe ficaua nas costas entrou logo, & após ele el rey, com quem entrarão Raix noradim & Raix de lamixa seu filho, & Acem ale. E logo dom Garcia que goardaua aquela porta a mãdou fechar a Manuel velho & a Diogo homem que tinha consigo, & não deixarão entrar Raix madofar irmão de Raix hamet, que quisera entrar dentro com a gente que leuaua armada secretamente pera matar ho gouernador & os nossos. E quis nosso senhor q pera se aquele feyto fazer sem perigo, que entrou Raix hamet diante del rey, que se entrara coele ouuera da uer briga sobre ho entrar dos seus, que quiserão entrar por força: mas dõ Garcia cõ algũs capitães fecharão muy bẽ as portas: & entre tanto Alexandre da tayde chegou cõ Raix hamet onde ho gouernador estaua, que se leuãtaua da cadeira pera ir receber el rey: & vendo Raix hamet aïda cõ as armas, disselhe que as tirasse, q não vinha assi bẽ: & dizẽdo isto deteuese. E raix hamet esforçandose nos armados secretos que lhe parecia que auião dentrar cõ el rey, parece que quisera fazer o q tinha determinado, & todo aluoroçado foy com a mão ao terçado: & ho gouernador q tinha olho nelle em ho vẽdo ir cõ a mão leuou ho polo braço, & olhãdo pera Pero dalbuquerque, disselhe. Tomayo lá. E dizendo isto abalou pera el rey. E pero dalbuquerque se meteo rijo ãtre ho gouernador & raix hamet, q neste instante querendo poer em obra seu proposito lançou mão ao gouernador dhũa beca de veludo que tinha, & ele holançou de si dizendo a Pero dalbuq̃rque q ho tomasse. E em lançãdo mão dele acodẽ todos esses fidalgos & capitães q hi estauão, & juntamẽte arrancão hũs de punhaes, outros despadas, & em hũ momento ho passarão todo, & derão coele no chão morto, sem ele poder bradar: & aïda não foy no chão quãdo foy despojado de quãto trazia & ficou nuu & assi ho deitarã na praya por hũa porta que saya a ella. E fora não se ouuio nenhũa cousa do rumor q nisso ouue por amor das nossas trõbetas q tangião todas, que assi ho mãdou ho gouernador pera q com ho ruydo do tanger não se ouuisse o rumor, & mais q̃ não cuydasse a gente del rey que não deixarão entrar, q se fazia algũ mal em sua pessoa. E q̃ndo cayo Raix hamet estaua el rey ja perto do gouernador: & vendo assi matar aquelle homẽ, cõ se ver dentro sem ter dos seus mais dos que digo, assi ele como elles ficarão sem sangue com medo, & se poderão fugir fugirão. E ho gouernador que isto entendeo, chegouse a ele cõ ho barrete na mão, rindose, & pedindolhe perdão de se matar aquele tredoro em sua presença, porque a sua descortesia de querer arrancar do terçado, & de lhe lançar

mão da beca lhe fizera mãdar que ho matassem. E por entender em el rey, que estaua tão fora de si que lhe não podia respõder, ho começou dabraçar & esforçar, dizẽdo que não fizera aquilo se não por seu seruiço, que aqle tirano lhe tinha tomado ho reyno & ho trazia catiuo, & por isso ho matara. E a isto disse el rey q̃ fizera bem. E Raix noradim que conheceo q̃ ho gouernador falaua verdade, ajudou tambem el rey a cobrar esforço. E neste tempo a sua gente q̃ ficou de fora, & assi a de Raix hamet fazião grande matinada, bradãdo & prouando suas forças de quebrar as portas, & começauão de as picar cõ machadinhas, & sempre fizerão algũa cousa se não sobreuierão nesta conjũção os capitães da ordenança com sua gente, & metense por antre os mouros & a porta do madraçal, & ficarão senhores dela fazẽdo apartar os mouros: que assi se assentara no conselho do dia passado, que se fizesse tanto que el rey fosse dentro.

Capitolo. cxlj. De como os irmãos de Raix hamet se forão Dormuz, & ficou tudo em Paz.

Quãdo os mouros virão vir os nossos da ordenãça & senhorearse da porta, & virão que os nã quiserão deixar entrar com el rey, nem entrarão coele mais que tres pessoas, crerão que era morto ou preso: & assi ho disserão esses seus, & ho mesmo disserão os de Raix hamet por ele. E como ali estaua junta a mór parte do pouo da cidade, começouse despalhar esta noua por eles, & aleuantouse hũ rumor tão grãde que era cousa despanto, porque hũs bradauão por el rey outros por Raix hamet, & Raix madofar os aluoroçou de maneyra (certificandolhe que elrey era morto ou preso) que se indinarão contra os nossos, & começauão de querer trauar peleja coeles. E assi forã se ho gouernador não acodira a isso, q̃ ouuindo os brados que hião fora, & imaginando o que os mouros auião de sospeitar pelas causas que ouue pera isso, rogou a el rey que se sobissem a hũ terrado do madraçal, & dissesse a gẽte que estaua em sua liberdade: & assi foy feyto, & sobio coeles Raix noradim. E vendo a gente el rey & Raix noradim, fizerão grandes alegrias, & ele lhes disse que esteuessem quedos & não bolissem consigo se não que mãdaria matar quem fizesse ho contrairo: & mandou que toda sua gente se apartasse a hum cabo, & ho mesmo mandou Raix noradim a hũ seu filho que era capitão de certa gente del rey, & assi foy feyto. O que vẽdo Raix madofar, se doeo de ser feyto algum mal a seu irmão, & começou de bradar por ele, & dizia que lho dessem ou lho mostrassem. E el rey lhe disse que ele com todos seus irmãos se fossem logo fora da sua cidade, & do seu reyno, & lhe despejassẽ suas casas: Ao que ele respondeo que si faria, com tanto que lhe dessem seu irmão: & vendo que lho não dauão se recolheo com sua gente aos paços del rey (onde Raix hamet deixou por goarda seu hirmão Raix ale) & apercebeose pa se lhe dessem combate, porque ele não se temia del rey, nem deu por algũs recados que lhe mandou sobre lhe despejar os paços & se sayr da cidade, nem ho fizera se não fora com medo do gouernador que ho mandou ameaçar pelo embaixador do Xeque ismael se não

deſpejaſſe os paços, & fez moſtra de
ho mandar cōbater cō mandar trazer
das naos todas as eſcadas q̃ trazião, &
obra de cincoēta tiros encarretados q̃
mādou leuar ao terrado da noſſa torre
que eſtaua pegado com os paços. E vē
do iſto Raix modafar, & ſabēdo q̃ ſeu
hirmão era morto, não quis q̃ lhe fizeſ
ſem outrotanto. E cō ſeguro do gouer
nador & del rey que os deixauão ir com
ſuas molheres, filhos, parētes, criados,
& toda ſua fazenda, & aſſi lhe darião
hũa pouca que tinhão mādada á India
& lhe dauão embarcação & não māda
rião a pos eles, ſe forão: indo primeiro
ho eſcriuão do theſouro del rey ver ſe
leuauão algũa couſa dele ou doutra fa-
zenda ſua, de que não leuando couſa al
gũa ſe forão embarcar ao cabo da cida
de, & partirão pera a terra firme. E q̃n
do foy ao deſpejar do paço ho gouerna
dor ho mandou entregar a hũ filho de
Raix noradim. E poſto que ho gouer-
nador ho podera tomar, & aſſi el rey q̃
tinha em ſeu poder, não quis eſpeitan
do a muytas couſas de que tinha neceſ
ſidade que lhe faltarião, aluoroçādoſe
a terra, que eſtaua certo aluoroçarſe. E
por tambē goardar a fē a el rey, que ſe
lhe metera nas mãos: a que trabalhaua
muyto por fazer crer que ele não fora
a Ormuz ſe não pera ho conſeruar &
acrecentar ſeu eſtado.

Capit. cxliij. De como fugirão ſete dos noſſos pera a terra firme, & do que Raix noradim fez ſobriſſo.

Este negocio durou ate ho ſol poſto: & todo eſte tēpo el rey eſteue ſobre ho terrado, em q̃ ſe foy moſtrar à gente, & ali comeo, & todos ho viāo, & aſſi quanta corteſia & ga
ſalhado lhe fez ho gouernador, & deſ-
pejados os paços & tudo pacifico, el rey
ſe foy pareles, indo diante os noſſos ata
bales & trōbetas, & as ſuas, & apos elas
a ſua gēte darmas, & logo el rey armado
em hũas coraças de veludo brāco cō to
das as outras peças darmas neceſſarias
q̃ ho gouernador lhe deu q̃n eſteue no
terrado, por lhas ele pedir, q̃ lhe pare-
cerão bē algũs dos noſſos q̃ vio arma-
dos daq̃la maneira. E hia a caualo, & de
tras dele a pé dom Garcia & outros ca-
pitães & fidalgos dos noſſos: & Raix
noradim & outros ſenhores & fidalgos
dos ſeus. E hũ pouco acima do madra-
çal dōde el rey ſayo, eſtaua ho gouerna
dor eſperando cō algũs capitães dos
noſſos tambē a caualo, & aſſi muyta gē
te armada: & ajũtādoſe el rey coele cō
tinuarão caminho dos paços. E era fer-
moſa couſa de ver a gente ſem cōto q̃
hia, & eſtaua polas ruas, & ſobre os ter
rados pera ho ver. E porque ho caua-
lo do gouernador era fazedor, não po-
de ir junto com el rey, & hia diante fa-
zendo terreyro, que doutra maneyra
não poderão romper polas ruas ſegū-
do a gente era muyta, & toda bradaua
dando graças ao gouernador porq̃ lhe
leuaua ſeu rey tão honrradamente. E
chegados aos paços q̃ ſam a fortaleza
da cidade, ho gouernador perāte toda
aq̃la gente, & ho embaixador do Xeq̃
iſmael & ſeu capitão a entregou a el rey
& a Raix noradim ſeu goazil. E eles cō
feſſarão q̃ a recebião de ſua mão. E quā
do o gouernador ſe eſpedio del rey, ele
ſe lhe abaixou todo, dizēdo q̃ era ſeu
pay, & como filho conheceria ſempre
aq̃la merce q̃ lhe fizera: & por ſer noy
te ho gouernador foy dormir aa noſſa
torre. E doſpois deſta morte de Raix
hamet ficou a cidade muyto aſſeſſega-

da, & teue muyto credito no gouernador que queria sua cõseruação, & mais vendolhe fazer tanta honrra a el rey, & que lhe podera tomar a cidade & a fortaleza se quisera pois a teuera em seu poder. E ao outro dia mãdou ho gouernador logo pola manhaã visitar el rey, que lhe mandou dizer que auia dous meses que não dormira tambem como aquela noyte, & fez muyto gasalhado aos nossos, dizẽdo que leuarão por ele muyto trabalho no dia passado. E Raix noradim lhe daua tambem muytos agardecimẽtos, & logo aq̃la noyte mandou el rey tirar a vigia que estaua nos seus paços da parte da nossa fortaleza, & assi as bombardas q̃ tinha dantes daquela banda. E ao outro dia despois da morte de Raix hamet que foy sesta feyra, foy el rey á mezquita a fazer sua oração o que auia muytos dias q̃ não fazia. E porq̃ el rey tiraua desta oração do xeque ismael algũa cousa q̃ Raix hamet acrecẽtara nela, & ho embaixador se aqueixou disso ao gouernador, dizẽdo que el rey ho fazia por seu medo, mãdou ele pedir que ao menos ate sayr ho embaixador do Xeq̃ ismael com que auia de mãdar hũ dos nossos por ẽbaixador dissesse a oração como dãtes, & assi foy feyto. E tambem por rogo do gouernador forão degradados Dormuz muytos sodomiticos q̃ auia na cidade que tinhão putaria dhomẽs, assi como antre nos de molheres: & por seu rogo fez el rey cõprar obra đ doze mil xerafins da nossa mercadoria que erão necessarios pera as obras da fortaleza, & não quis pedir dinheiro tão cedo a el rey posto que ho deuia, porque não parecesse q̃ viera a Ormuz com necessidade dele, & pera deixar criar mais rayzes na amizade, que el rey tinha de cada vez mais coele: & auendo quatro dias q̃ fora a morte de Raix hamet; ho foy ver & leuoulhe diante hũ presente, em que entraua hũ caualo selado cõ hũa sela goarnecida de prata, & hũ terçado, & adaga, & cinta ricos goarnecidos douro anilado, & duas peças de brocadilho & tres de seda, & pa dõ Garcia outro caualo selado & hũa peça de brocadilho, & duas doutra seda, & pera cada capitão hũa de seda, outra de brocadilho. E nesta vista pedio ao gouernador algũs mouros catiuos q̃ andauão a remo nas galés, & ele lhos deu cõ tanto que lhe desse remeyros a soldo. E despois desta vista por rogo do gouernador, mandou el rey apregoar que ninguẽ não trouuesse na cidade arco nem frechas, & isto cõ cor q̃ se temia dalguẽ ho matar por amor de Raix hamet. E a verdade era por tirar as frechas aos mouros, que erão as armas de que se mais temia. E porq̃ ja tinha tiradas estas armas, pera q̃ ficasse tão senhor dos mouros que lhe não podessem fazer treição como da outra vez, & assi pa que teuesse sempre sua gente prestes, pos em costume q̃ todos os seus capitães quando sayão fora de casa leuauão sempre sua gente armada de lanças, adargas & espadas, & mais q̃ cada quatro dias ou cinco fosse cada hũ per si ver el rey, & leuasse a gẽte desta maneyra dentro ao paço. E el rey folgaua de os ver assi, & muytas vezes fazia merce de caualos aos capitães. E continuando se assi isto, aos dezoyto dias de Mayo achou o gouernador menos dos nossos Pantalião mestre dos calafates, Ioão afonso calafate da nazaré, Antonio frz marinheiro q̃ fora a Malaca cõ ho gouernador, & hũ galego seu homẽ da goarda, & outro q̃ se chamaua dalui

to q̃ ja fora mouro,& dous homẽs da ordenãça & hũ escrauo Christão q̃ fugirão todos pera a terra firme. E sabendo ele isto mandouho dizer a el rey, pedindolhe muyto que lhos ouuesse, porque ele faria merce a quem lhos trouuesse. E el rey & Raix noradim poserão tal diligencia sobrisso que se ouuerão. E aos vinte hũ dia de Mayo trouue Iorge dorta sete da terra firme, ôde foy por eles por mandado do gouernador,& ele os mãdou justiçar muy cruamente, saluo a Ioão afonso calafate,& a Antonio fernandez marinheiro, porq̃ ho ajudarão a saluar na nao em que se perdeo indo de Malaca pa a India,& do escrauo fez merce a Ieronimo de sousa, que tambem foy pera dar goarda a hũa terrada em q̃ foy Iorge dorta.

Capit.cxliij. De como ho gouernador mandou a Fernão gomez de lemos cõ embaixada ao Xeque ismael,& de como chegou ao seu campo.

Assessegado assi este aluoroço, porq̃ se chegaua ho tempo da partida do ẽbaixador do Xeque ismael despachou ho o gouernador muyto bem, & despois de partido, porque ho Xeq̃ ismael lhe mandara rogar que lhe mãdasse hũ homẽ principal com que assentasse amizade, pera q̃ a ouuesse por firme, lhe mandou hũ embaixador pera isso. E este foy hũ fidalgo chamado Fernão gomez de lemos, que por ir da parte de tão alto principe como era el rey de Portugal a outro dos mayores de toda Asia, quis que fosse bem acompanhado, assi de gente de caualo como de pé,& foy por sota ẽbaixador outro chamado Ioão de sousa,& por escriuã do ẽbaixador hũ Gil simões moço da camara del rey de Portugal,& mãdou coeles hũ boõ presente, como direy adiante. E prestes de todo ho necessario pera seu caminho q̃ auia de ser por terra, partio Fernão gomez Dormuz cõ sua companhia a hũ sabado à tarde cinco de Mayo,& passado à terra firme ao porto de Bander q̃ està na terra firme tres legoas Dormuz, foy ter coele ao domingo pola manhaã Habrahem beque hũ mouro capitão do Xeq̃ ismael, que auia muytos dias que estaua em Ormuz,& se hia pa a corte do Xeque ismael,& Fernão gomez hia em sua cõpanhia. E este era senhor de hũa cidade chamada Draguer,& passouse primeyro à terra firme q̃ Fernão gomez pera lhe comprar camelos,& tinhalhe comprados corẽta, que tantos lhe erão necessarios pera as cargas que leuaua, & dali em companhia da Brahẽ beque partirão pa ho campo do Xeq̃ ismael q̃ estaua dali a muytas jornadas quasi no cabo da Persia que eles andarão em tanto espaço que a hũa sesta feyra vinte dias de Iulho chegarão aa cidade de Caixão dez Iornadas donde estaua ho cãpo. E à entrada desta cidade, os sayrão a receber Mirabuçaca,& os embaixadores del rey de Daquem & do çabayo, donde partirão todos jũtos:& tẽdo os nossos andadas trezẽtas & vinte cinco legoas despois que partirão Dormuz aos vinte tres Dagosto chegarão ao campo, donde os sayo a receber ho gouernador do Xeq̃ ismael acõpanhado dalgũs capitães,& leuaua dous mil & quinhẽtos de caualo. E entrados no meyo do campo onde estauão as tẽdas deste gouernador, mandou ele armar junto delas as dos nossos:& despois de serem apousentados, mandou ho xeq̃

ismael visitar a Fernão gomez, mandandolhe a boa hora de sua vinda, & coisso muytas fruytas de que aquele dia fizera grande pescaria.

Capit.cxliiij. Em que conta como se leuantou ho Xeque ismael & ho senório que tem.

ESte grande principe chamado Xeq̃ismael, a que comũmẽte chamamos çufio, & ẽ lingoa pſiana Xatamaz, & Xà, veo a ser tamanho senhor, & tão poderoso por esta maneyra. Seu pay foy mouro, & chamouse Aidar, & foy xeque de hũa vila chamada Ardeuil, & doutros lugares & aldeas na Persia: foy casado com hũa filha del rey de Guilão tambẽem Persia de q̃ ouue quatorze filhos & cinco filhas, & antrestes foy ho Xeq̃ ismael, que quando naceo foy tirado seu nacimento por muytos astrologos, que disserão dele muyto grandes cousas, de q̃ muytas forão despois assi, & hũ deles ho furtou a seu pay sendo de idade de dez annos, & ho leuou a hũ lago q̃ està em Armenia de comprimento de dez legoas, & de largura de seys, em que se fazem tres pequenas ilhas muyto viçosas daruoredo, em que morão muytos religiosos armenios, & ẽtregou o a hũ deles pera que ho criasse. E ele ho fez assi, & lhe insinou a sua lingoa, & a ler & escreuer nela. E passados algũs annos sendo ho pay do Xeque ismael morto em hũa batalha por seus immigos, & presos seus filhos, & tomada sua terra. Foy aquele astrologo polo Xeq̃ ismael, & contoulhe a morte de seu pay & prisam de seus irmãos, & perda de sua terra, & que polo saluar desta destruyção sabendo o que auia de suceder ho posera naquelas ilhas, onde tornaua por ele por ser chegado ho tempo em que auia de começar de fazer o que achaua por astrologia. E certificandolhe que auia de ser hũ dos grandes pricipes de toda Asia, ho leuou ao reyno de Guilão, cujo rey era seu auô, a quem ho astrologo contou todo seu nacimento, & por isso lhe deu sua ajuda de gẽte de caualo, pera ir cobrar seu senhorio, o que ele fez logo com grande destruyção de seus imigos, & quanto se roubou tudo deu aos soldados que ho ajudarão, sem que ter pa si nenhũa cousa, & recolheo pera si quantos mal feytores auia pola terra, a q̃ fazia muytas merces, & não sómente os do seu senhorio, mas doutros algũs q̃ despois tomou, & como todos ouuião a fama da nobreza que vsaua com os seus soldados, acodirão tãtos a receber seu soldo que em pouco tempo se ajũtarão coele corẽta mil homẽs de caualo. E como se vio assi poderoso de gẽte, quis fazer outra seyta que no modo de oração & algũas cousas outras era differente da de Mafamede, dizẽdo que assi ho mãdaua Ale, hũ homem que os mouros teuerão por propheta santo, de que ho xeque ismael dizia ser ho parente mais chegado, que affirmaua ser mais santo q̃ Mafamede & mais estimado de Deos, & contradizẽdo q̃ Mafamede não fora propheta. E diuulgada esta seyta antre os seus pera serẽ conhecidos dos outros mouros que fossem da seyta de Mafamede, mandou que todos os da sua trouuessem nas cabeças hũs barretes ou carapuções vermelhos que terião doze verdugos ao comprido, & hũa tromba em lugar de cucuruto que sayria fora hũ palmo. E

estes carapuções com os liuros da sua seyta mandou a todos os reys & xeques da Persia, rogãdolhes q̃ fossem de sua openião, ameaçãdo os q̃ ho não quisessem ser q̃ os auia de destruyr, como destruyo a muytos q̃ o nã quiserão fazer. E por desprezo da seyta de Mafamede derribaua os alcorões, & fazia estrebarias das mezquitas, & desfazia as cidades, & mataua a gẽte cõ diuersos generos de tormentos, pelo q̃ muytos xeq̃s & reys cõ medo tomarão sua seyta, & se fizerão seus vassalos, & tributarios, & ẽ pouco tpõ se fez señor de toda pſia & dãbas as armenias, & de grã de parte Darabia, & da India primeyra, sem q̃rer q̃ lhe chamassem rey, nẽ emperador, nẽ quis nunca assentar em nenhũa cidade de seus señorios, em q̃ ha muytas & muyto grãdes & abastadas, principalmẽte ẽ Persia: & andaua sempre no cãpo cõ hũ arrayal de trinta & cinco mil tẽdas brancas feyto todo ẽ ruas por tão boa ordẽ que parecia hũa cidade muy bẽ assentada. As tẽdas do Xeque ismael estauão no meyo do arrayal, & jũto coelas as d̃ suas molheres, & ao derredor se fazia hũ grãde terreyro, q̃ estaua despejado õde sayão as bocas das ruas principaes do arrayal. E cõ q̃nto assi andaua no cãpo, seruiasse cõ muyto grãde estado, & tinha todos os officiaes d̃ sua casa, & corte, assi mòres como peq̃nos, como tẽ os principes, & todos tinhão muyta rẽda, & era ho seu cãpo hũa muyto grãde & fermosa corte, em q̃ andauão reys seus vassalos & grãdes capitães. E os reys erão, el rey de Guilão, el rey de Xiruão, el rey de Mazãduão, & a fora estes lhe pagauão pareas quatorze reys q̃ não andauão coele no cãpo, & assi tinha outros muytos q̃ erão seus vassalos, mas não pagauão pareas. Dos principaes capitães q̃ andauão coele erão, Dormiscão que tinha trezẽtos mil cruzados de rẽda, col tanquiler señor da cidade de Xiraz, & seu veador q̃ tinha trezẽtos & cicoẽta mil, Mirzahotẽ gouernador da cidade de Caixão q̃ tinha duzẽtos & cincoẽta mil: outros dous capitães estauão fora do cãpo por frõteiros cõtra ho turco, & hũ tinha trezẽtos mil cruzados de rẽda, & outro trezẽtos & cincoẽta mil. & corenta & oyto capitães, outros de muyta gẽte q̃ nenhũ nã decia de cicoẽta mil cruzados de rẽda. E todos estes & os officiaes da casa & corte do Xeq̃ ismael tinhão q̃ si tamanhas tẽdas como as suas, & por dẽtro entretalhadas de cetins & veludos de cores, & tinhão as cordas de seda q̃ era fermosa cousa de ver: & cada hũ destes capitães & señores tinhão trõbetas & atabales, q̃ cada dia ao poer do sol tangião hora & mea por ordenança q̃ atroauão todo ho cãpo. Andauão mais neste cãpo muytos embaixadores de reys & grãdes señores, & antreles hũ del rey de Iorgia Christão q̃ confina cõ as terras do Xeq̃ ismael: ãtre toda a gẽte deste campo q̃ era sem cõto, assi de caualo como de pẽ, tinha ho Xeque ismael pera goarda de sua pessoa cinco mil de caualo, q̃ chamão corchis, & destes ho vigiauão cada noyte mil homẽs armados darmas defensiuas & offensiuas, & em pẽ, & cada hũ tinha nas mãos dous seixos peq̃nos, & de q̃ndo ẽ quãdo tocauão hũs cõ os outros, começãdo hũ primeyro, & respõdendo logo os outros q̃ fazião grãde matinada. E a estes q̃ assi vigiauão, se daua ao outro dia de comer da cozinha do Xeq̃ ismael, q̃ he casado & tẽ tres molheres pricipais filhas de tres reys seus vassalos del rey de Guilão, de

Xiruão de Mazãduão. E cada hũa trazia cõsigo noue noues de damas, filhas de grãdes senores & homẽs principaes, a fora muitas escrauas de muito preço q̃ são grãdes musicas asi de cãtar como de tanger harpas, frautas, & outros instormẽtos de cordas. E estas cõ suas tẽdas logo junto das do Xeque ismael. A este apousento chamão arame: & he muy suntuoso & rico porq̃ todas as tẽdas são de sedas de diuersas cores com muitos entretalhos de borcado & tela douro & de prata. E cada hũa destas rainhas tem noue setes de camelos pretos de guedelha cõ muytos cascaueis pelos peitos & pelas mãos pera leuarẽ suas tẽdas & fato. E afora este arrayal ẽ q̃ se apousenta ho Xeque ismael cõ sua gẽte de corte & de guerra: ha outro de cinco ou seis mil tẽdas em q̃andão quãtos oficiaes machanicos & mercadores são necessarios pera hũa nobre cidade & este se assenta hũa legoa ou duas dessoutro do Xeque ismael.

Cap. cxlv. De como Fernão gomez de lemos deu ao Xeque ismael a ẽbayxada & presente q̃ lhe leuaua.

Despois q̃ le mãdou visitar Fernã gomez lhe mãdou ho gouernardor deçear & dali por diãte ẽ quãto andou no cãpo dauã sempre de comer a ele & aos nossos à custa do Xeq̃ ismael & assi pa seus caualos & velas de cera pera se alomearẽ & tudo ẽ muyta abastãça. E ao outro dia que foy sabado foy ho Xeque ismael à caça & irião coele oito mil de caualo ele no meio de todos q̃ lhe não chegaua ninguẽ cõ hũ tiro de pedra, sòmente ho seu gouernador q̃ hia falãdo coele. E este dia deu ho gouernador bãquete a Fernão gomez & a todos os de sua cõpanhia & foy por ele à sua tenda el rey dos Lôres & foy tãbẽ cõuidado ho embaixador del rey de Gorgia. E ho embayxador cõ todos os seus erão homẽs de grãdes corpos & mẽbrudos & muyto aluos & atauiados pobremẽte de camisas colchoadas d̃ grossura de q̃tro dedos por amor do grãde frio q̃ faz ẽ sua terra: ho mais erão roupas forradas de cabritas ate as carapuças. E calçauão botas ao nosso modo. Estas tẽdas do gouernador erão muyto ricas, os q̃ comerão no bãquete forão muytos & antre todos se fez a hõrra principal a Fernão gomez & durou ate noite em que ouue muytos & diuersos mãjares: & diuersidade de vinhos & fruytas & em quãto comerão sẽpre tocarão muytos instormẽtos de musica ao nosso costume: & antes de se começar ho banq̃te deu ho gouernador a todos os nossos camisas de seda & cabayas de borcado, & vestidos destas roupas comerão: acabado ho banq̃te passou ho Xeq̃ ismael q̃ tornaua da caça & os nossos sairão fora das tẽdas pera ho ver & em ho vendo poserão todos as cabeças no chão & ho gouernador se foi parele com hũ barrete dos nossos na cabeça, q̃ ho Xeque ismael folgou, muyto de ver & despio hũ roupão de cetĩ verde forrado de raposos & mãdou o a Fernão gomez, & assi muytas truitas de q̃ fizera grãde pescaria: A quarta feira seguinte q̃ Fernão gomez auia de dar ho preseute q̃ leuaua ao Xeque ismael forão porele à sua tenda muytos capitaẽs cõ muyta gẽte de caualo q̃ ho leuarão muy hõrradamẽte & tãgendo diante muytas trõbetas & a tabales, & a tiro despigarda da tẽda do Xeq̃ ismael foy descarregado dos camelos em q̃ hia ho presẽte q̃ lhe leuauão, q̃ forão hũ falcão & hũ berço

de metal com todo seu aparelho pera poderem tirar: seys espingardas cõ todo seu comprimẽto, hũ corpo darmas brancas todo inteiro com sua fralda de malha fina, dous corpos de coiraças postos em veludo carmesim cõ suas escarcelas à redonda, hũa espada cõ ho punho bocal & conteira douro, & bainha de veludo preto cõ hũs botões de fio douro & borlas de retros verde, com hũas cintas goarnecidas douro, hũ punhal douro, & anilado ẽ hũa arelhana douro, quatro bêstas com todo seu almazem, duas lanças com os aluados, & cõtos forrados douro batido, hũa carapuça de veludo negro da feyção das do Xeque ismael cõ cento & oytẽta & hũ rubis de preço encastoados ẽ ouro, duas manilhas douro, hũa muyto grãde cõ hũ robi tãbẽ grãde, & seys peq̃nos, & vinte noue diamães, & a outra mais pequena com hũ olho de gato grãde, & dous robis meãos, & vinte dous pequenos, & sesenta & dous diamaẽs de corja com tres esmeraldas meãs & seys pequenas, q̃tro aneys douro, anilados os tres deles cõ tres robis grandes muyto finos, outro com hũa çafira, & vinte sete robis ao derredor, hũa joya de pescoço com hũ robi grande finissimo, & tres meãos, & vinte pequenos cõ duas turq̃sas, & tres perlas da feyção de perinhas, & hũa muyto grande, hũa pera dambar com cem robis & sessenta diamães pequenos cõ hũa cadea douro da relhana, cinco portugueses douro, & cĩco cruzados, & cinco catholicos douro da moeda de malaca, đ mil & corẽta r̃s cada hũ, & cĩco manueys douro da moeda de Goa de trezẽtos & corẽta r̃s, & cinco tostões, & trĩta quintaes de pimenta, & vinte de gingibre, & dez de crauo, & cinco de canela, & vinte daçucar, & hũ de cardamomo, & dez desta nho, & dez de cobre, & duas faraçolas de bejoim, & seyscentas peças de beatilhas de Bengala. E descarregado tudo, isto perante ho gouernador & as beatilhas mandou leuar a homẽs de noue ẽ noue, & a outros as joyas & peças em bacios de prata: & outros leuauão nos braços as armas brancas & coiraças, & assi outros as outras cousas todos a fio, q̃ occupaua grãde espaço: & nesta ordẽ atrauessarão perante ho Xeque ismael arredados hũ tiro de pedra da sua tenda, q̃ ho vio tudo muyto bẽ. E passado forãlhe falar Fernão gomez & os q̃ hião cõ ele, em cõpanhia do seu vêdor & do seu porteiro mor: ele estaua em hũa tenda ẽtretalhada de borcado & veludo azul, assentado em hũ estrado de hũ couado em alto, alcatifado de muy ricas alcatifas & almofadas: & tinha diãte de si hũ tanq̃ dagoa em q̃ andauão algũas truytas. Da sua mão dereita estaua elrey de guilão q̃ parecia homẽ de sessẽta ãnos: & jũto dele o capitão da goarda irmão do gouernador da casa do Xeq̃ ismael, & outros dous capitães. E da parte ezquerda Dormiscão & el rey dos Lores. ho ẽbaixador del rey de Gorgia, & outros dous capitães, e outros detras. E polo cãpo aueria. xxx. mil pessoas. Chegado Fernã gomez diãte dele beyjoulhe ho pé & despois a mão: e outros primeiro q̃ lha beyjassem, beyjarão ho chão tres vezes. E despois de lhe Fernão gomez dar a carta q̃ lhe leuaua Dafonso dalbuquerq̃, mãdouho assentar ãtre el rey de Guilão & ho capitão da goarda: & aos outros daq̃lla bãda. E assentados pregũtou ho Xeque ismael a Fernã gomez polo seu nome & polos dos outros nossos, & ele lhos disse: & o Xeq̃ ismael mandou aos reys & capitães q̃ estauão

coele que lhos nomeaſſem, & ele tambem os quis nomear, mas nem ele nem eles os poderão pronunciar, ſomente ele pronunciou ho nome de Fernão gomez, & cayolhe tanto ẽ graça que mãdou ao ſeu gouernador que da hi por diante ſe chamaſſe Fernão gomez de lemos: & iſto com muyto riſo, que aſſi era ele homem riſonho & bem aſſombrado, & ſeria de trinta & cinco ãnos, groſſo & deſtatura meaã, aluo & cheo do roſto cõ a barba rapada & ho buço comprido. E deſpois de preguntar a Fernão gomez polo noſſo Papa ſe era viuo, & quantos reys auia na Chriſtindade, & de que idade era elrey dom Manuel, & quantos filhos tinha, & ſe era ho gouernador da India rey, mandou trazer as armas brancas, coyraças, lanças, eſpingardas & bẽſtas, & tudo lhe pareceo muyto bem.

Capit. cxlvj. De como Fernão gomez de lemos, & os noſſos que hião coele comerão com ho Xeque iſmael.

Acabada eſta pratica em que ho Xeque iſmael não preguntou mais que o que digo, diſſe ele a Fernão gomez q̃ auia de jãtar coele: & antes que poſeſſem a meſa ao Xeque iſmael, foy dado de comer à gẽte que eſtaua de fora da tenda, & derãlho ſem toalhas, & deſpois de ho terẽ diante, derão agoas mãos ao Xeque iſmael em hũa bacia de prata com hum agomil do meſmo, & alimpouſe a hũa toalha de ſeda azul laurada douro, & deſpois lhe eſtenderão diante hũa alcatifa, & ſobrela hũas toalhas redondas de ſeda liſtradas & ſobrelas muytas & diuerſas igorias em bategas de prata: & a eſta meſa nã chegaua outra peſſoa ſe não ho trinchante que lhe cortaua engiolhos, & em outras meſas comerão Fernão gomez, & os de ſua companhia com aqueles reys & capitães que digo na meſma tenda. E ho Xeque iſmael não começou de comer ate que as igoarias não forão poſtas a todos os outros: & por fazer honrra a Fernão gomez & aos noſſos mandaualhes de todas as ſuas igorias, poſto q̃ todas erão hũas, & ſobre meſa vierão muytas fruytas verdes, & daçucar ſobre que bebeo muyto vinho, que aſſi ſe coſtuma: & ho Xeque iſmael era o que mais bebia, & bebia por hũa taça de pedra encaſtoada ẽ outra douro, & leuaria mea canada, & por hũa porcelana douro q̃ leuaria outro tãto, & ho vinho era puro, & ele ho deitaua por ſua mão: & mãdou ao gouernador que deſſe de beber aos noſſos, & cada vez que lhes daua de beber lhe moſtraua a taça, & ſe não era bem chea mandaualhã encher, & de cada vez que ele bebia moſtraua a taça chea aos noſſos, dizendolhes que ele ſô bebia mais que eles, ao que Fernão gomez reſpõdeo que bebiria, porque ſeria ho ſeu vinho agoado, & por iſſo ho xeque iſmael lhe mandou dar a porcelana por onde bebia chea como eſtaua, pera que viſſe ſe era ho vinho agoado, & mandoulhe que a bebeſſe, & Fernão gomez deſcãſou tres vezes em a beber: & deſpois mandou dar aos noſſos hum fraſco de vinho que tinha diante, & aſſi eſteue rindo & folgando coeles das dez horas do dia que começou ho jantar ate a noyte, & mandoulhes dar camiſas acolchoadas, & cabayas de borcado forradas de cetim: deſpois diſto ſe mudou ho arrayal pera da

li a quatro legoas,& os nossos forão cõ as molheres do xeq̃ ismael, & dos grãdes de sua corte que serião bẽ seys mil, & hião a caualo como homẽs, os mais deles brancos com xareis de borcado, & elas vestidas de sedas & borcados, correndo & escaramuçãdo. E em todo ho tempo que Fernão gomez esteue no arrayal recebeo muyta honrra do Xeque ismael, & lhe fez muyta merce, porque se gloriaua ele muyto de dizer que não sómente os senhores mouros Dasia lhe mandauão seus embaixadores, mas ainda os frangues que habitauão em ponente lhos mandauão desejando sua amizade, & por isso fazia aos nossos muyta honrra. E estando aqui ho arrayal, fez ho Xeque ismael hum mõte, & foy desta maneyra. Mandou cercar tres ou quatro legoas de terra muy fragosa, & de serras muy altas, & isto por muyta gente posta em ala que leuarão diãte de si muyta caça ate a ajũtarem em hũ grande campo, & ali foy cercada da gẽte como que esteuera em hum curral, & perante Fernão gomez que mandou chamar pera ho ver entrou naquela cerca em que aueria ate mil & quinhẽtas cabeças dalimarias. s. veados, gazelas, carneyros, bodes brauos, vssos, adiues, lobos, & porcos, de q̃ despois de matar muytos ás frechadas, matou muytos com hum terçado, & fẽdia hũa daquelas alimarias por grãde que fosse em duas partes dandolhe polo lombo da cabeça ate ho rabo, & assi andou ate que cansou, & então ẽtrarão Dormiscão, & ho capitão da goarda, & ho gouernador, que acabarão de matar todas aq̃las alimarias. E feyto isto, bebeo ho Xeque ismael sobre pipinos, & amoras de silueira, & mãdou dar de beber a Fernão gomez, a que preguntou se caçaua assi el rey de Portugal: & disselhe que ja lhe acontecera em dous montes matar de hũa vez vinte mil cabeças, & doutra cincoenta & duas mil. E acabada esta caça que digo do Xeque ismael, se foy a pescar truytas com hũa tarrafa que deitaua por sua mão.

Capit. clvij. De como ho Xeq̃ ismael despachou a Fernão gomez de lemos, & de como mandou outro embaixador ao gouernador Afonso dalbuquerque.

A Vendo hum mes que Fernão gomez estaua no arrayal, ho gouernador por mandado do xeq̃ ismael lhe deu a reposta de sua ẽbaixada, que foy esta.

Que se el rey de Portuga desejaua sua amizade, como lhe mãdaua tomar a cidade Dormuz que era sua, & lhe pagaua dous mil xerafins de pareas, q̃ as palauras nã respondião cõ as obras. E com tudo que ele era seu amigo, & folgaria com sua amizade.

Equanto a mandar embaixadores a Portugal a viajem era muy longa, assi por mar como por terra, & auer despetar a reposta seria cousa muy longa pa contra ho turco que ele determinaua dentrar aquele anno seguinte.

E acabando a guerra do turco, esperaua de entender na de Meca, pera o que tinha boa maneyra.

E pois ho gouernador da India lhe prometia passajẽ pera sua gente cõtra Arabia, que ele mandaria Abrahem beque, & Bedim jambeque seus capitães com doze mil homẽs pera tomarem Catifa, & Baharem que erão seus que

se lhe leuãtarão, que lhe pedia que lhe desse embarcação pera esta gente, & naquilo ho queria esprementar por amigo.

E quanto aa sua gente que a mandasse defender que não andasse com ho çabayo, que ho çabayo era de sua ley, & trazia sua diuisa, que não pareceria bem defendelo: porem que mandaria rogar ao çabayo que fizesse paz com ho gouernador da India que era seu amigo, & fizesse tudo o que lhe pedisse.

E quanto ao que lhe mandaua dizer acerca de suas fortalezas fronteiras Dormuz, que elle escreuia aos capitães delas que fizessem tudo o que lhes ho capitão moor mandasse, & q̃ ao mais da embaixada, elle escreuia miudamente ao gouernador.

E coesta reposta deu ho gouernador da parte do Xeque ismael a Fernão gomez trezentos cruzados, & hũ terçado goarnecido douro, & cento & cincoenta cruzados a Francisco de sousa, & outro tanto a Gil simões escriuão da embaixada, & ho mesmo a Gaspar martinz lingoa. E despedido Fernão gomez & os nossos do Xeque ismael pera se partir, que foy aos quinze de Setembro, lhe mandou dizer que esperassem na cidade Tabriz, porque queria mandar outro embaixador ao gouernador: & assi ho fez Fernão gomez, & ali lhe foy feyto grande recebimento, & deteuesse ali vintedias esperando polo embaixador que foy ter coele, que era hum mouro muyto hõrrado chamado Habedalá calipha, por quem ho Xeque ismael mandou ao gouernador cinco caualos muyto fermosos, & hũa séla douro, & muytos vestidos de borcado forrados de seda, & muytas peças de borcado & de sedas, & camelos carregados de fruytas, & de vinhos de xiraz que sam os melhores daquela terra. E partidos de Tabriz todos em companhia, forão por outro caminho desuiado do que Fernão gomez leuou quando foy com Habrahẽ beque: & chegados aa cidade de Lara onde fazem as tangas larins, cujo rey he tributario do Xeque ismael, partirão pera Ormuz, onde não acharão ho gouernador, como direy no quarto liuro.

Capit. cxlviij. De como ho gouernador ouue em seu poder a artelharia del rey Dormuz, & de como mãdou os reys cegos pera a India.

Com todas as mostras damizade que ho gouernador via em el rey Dormuz, & em Raix noradi como atras disse sempre se recataua deles, porque a fora serem mouros, & não goardarem nenhũa verdade, sabia que Raix noradim lhe auia de pesar em estremo com a nossa fortaleza em Ormuz, porque auia de perder ho mando que tinha dantes, & por isso a auia de contrariar se podesse, & mais tendo muytos filhos que ho ajudassem, muytos parentes & muyta valia, & como a rezão lhe fazia ter esta sospeyta trabalhaua por atalhar a tudo hode que se podesse seguir o que sospeytaua, & por isso quis auer toda a artelharia que el rey tinha. E fingindo ter necessidade dela por amor dos rumes que esperaua, mandoulhe dizer por dom Garcia que bem sabia a noua que auia da vinda dos rumes que vinhão buscalo, & porque ele cõ

ajuda de nosso senhor esperaua de pelejar coeles naquele porto & desbaratalos diante delle, mandaua recolher algũa artelharia que tinha na fortaleza: & porque não era rezão que ficasse sem ella, lhe pedia que lhe emprestasse quanta teuesse. E ho gouernador disse a dom Garcia que se não sayse do paço ate a artelharia não ir diante dele, & quando a el rey não quisesse dar por sua vontade que lha tomasse por força: & pera isso mandou coele a môr parte dos capitães com a gente de suas capitanias armados os mais deles secretamente darmas defensiuas, & mandou lhes que assi como fossem entrando polos paços, assi fossem tomando as portas pera q̃ fizessem mais facilmẽte ao que hião. E elles ho fizerão assi, que quando dom Garcia chegou a el rey, ja todas as portas ficauão tomadas, & deulhe ho recado, não estando mais presentes que ho secretario & Alexandre detaide lingoa & Raixnoradim, & outros senhores & fidalgos estauão hi, porem afastados que não ouuião. E dado ho recado, respondeo Raix noradim que quanto el rey tinha tudo era do gouernador, & tudo lhe daria, & que fora escusado pedilo por tal pessoa se não pelo menor de sua casa. E ainda que ele isto disse foy mais por necessidade que por vontade, porque bem entendeo o que lhe pedião, & como, & quisera dilatar com fazer que se não achaua a chaue da casa da artelharia, no que dom Garcia apertou tanto por ser tarde que fez quebrar os cadeados da porta do almazem, & tanto que foy aberta mandou logo tirar a artelharia & poela na praya, o que se acabou passadas tres horas da noyte. E era fermosa cousa de ver, porque a fora serem muytas peças erão todas grossas, & os falcões erão tamanhos como esperas, & tinha cada hum duas camaras, & daqui a mandou ho gouernador logo recolher; & ao outro dia lhe leuarão a artelharia que estaua nas torres ao derredor da cidade, assi grossa como miuda, de que a môr parte era de metal, & toda muyto boa. E assi mandou el rey por rogo do gouernador vir de Mazcate, & Calayate hũa galê & dous bargantins com toda sua artelharia que lâ andauão darmada. E auida esta artelharia, ho gouernador mandou pedir a el rey algũas casas velhas que estauão junto da fortaleza da banda do sertão, dizendo que tinha necessidade de as meter com a fortaleza, porq̃ ho chão que tinha pareia era muyto pequeno pera se poderem alojar mil & quinhẽtos homẽs, & mantimentos pareles, & estrebarias pera cem caualos, & a feytoria que auia destar dentro: & a fora isso que a fortaleza era cercada dagoa com preamar dagoas viuas, & não podião ir aa cidade se não per mar o que era muy grande opressam pera os que morassem dentro, por isso que lhe auia de dar seruentia por aquelas casas, & assi lhe mandou dizer que bem sabia como trazia muyta gente de soldo, & que lho pedião, & que a mercadoria que se vendia escassamẽte abastaua pera mantimento, & que lhe pedia que esteuessem aa conta sobre ho dinheiro que lhe deuia das pareas, & que lho desse, mandandolhe por apontamentos os annos que erão pagos, & a quem os pagarão, & quanto a cada hum, & os que tinhão por pagar. E estes recados se derão primeyro a Raix noradim que sofreo mal pedir ho gouernador as casas dizendo q̃

erão apousentamẽtos del rey, & pousauão nelas muytos cegos de sangue real cõ suas molheres. E despois de muytas rezões disse que a cidade & ho reyno estauão nas mãos do gouernador, que fizesse o q̃ quisesse, & quãto ao dinheiro das pareas, feyta a conta se achou serem diuidos oytenta & cinco mil xerafins, de q̃ Raix noradim quisera tirar a quinta parte, dizendo que ho viso rey lhe tirara cinco mil xerafins de quinze mil que auia de pagar cadãno, & por isso, lhe auião de contar a dez mil por ano. E ho secretario lhe disse que era escusado falar nisso ao gouernador, porq̃ ho contrato que ele fizera cõ el rey çafardim antecessor do que reynaua, lhe entregara ho reyno com condição que das rẽdas dele pagasse cadãno quinze mil xerafins a elrey de Portugal. & que bem sabia ele as muyto grandes despesas que erão feytas naquela armada, & em outras que ali vierão que lhe auião de ser pagas aa custa do reyno, que assi ho tinha ho gouernador protestado a Cojeatar & a el rey çafardim quãdo se lhe leuantarão com a fortaleza, & cõ os Christãos q̃ lhe tomarão, que seria boõ não lembrar estas cousas cõ pedir a quinta parte do que diuia, & a Raix noradim lhe pareceo assi, & rogou ao secretario que ho não dissesse: porem o q̃ ho secretario respondeo foy por instrução do gouernador, q̃ logo se receou de Raix noradim falar na quita que fizera ho viso rey. E por derradeiro falã do Raix noradim com el rey, deranse as casas ao gouernador, & ho dinheiro se começou de pagar & foy pago pouco & pouco: & neste tempo foy ho gouernador visitar el rey ao paço, & primeyro que chegasse sayo Raix noradi fora das portas a recebelo. E chegando a elas sayo de dẽtro Raix delamixà porteiro moor del rey, & disselhe que ele lhe entregara aquela porta, que estaua ali como hum seu escrauo. E el rey ho foy receber tres ou quatro casas antes daq̃lla em que auião destar: & em chegando a ele que se abraçarão, foy pera lhe beijar a mão com prazer, ou com medo, & ele a tirou muyto rijo fazẽdo lhe hũa mesura quasi cõ ho giolho no chão, & el rey ho beijou na cabeça, & ho leuou abraçado ate onde se assentarão, chamandolhe sempre pay. & que não tinha outro bẽ se não ele. E ho gouernador fazendolhe grandes offrecimentos. & quando se foy tornou el rey coele ate onde ho fora receber, & ou porque ho gouernador ho liurara da tirania de Raix hamet, ou por lhe auer medo era lhe tão sujeito que ate quando auia dir aa mezquita lhe mandaua pedir licença, & nenhum dia passaua sem ho mandar visitar, & lhe mandar muytos presentes de fruytas & outras cousas de comer: & Raix noradim ho visitaua quasi cada dia, & falaualhe muytas vezes na morte de Raix hamet, dandolhe por isso muytos agardecimentos, & todos os mouros comũmente lhe tinhão muyto amor, & por outras terras por onde hião dizião dele tanto bẽ, & engrandecião tanto suas cousas que muytos reys & senhores do sino p̃sico pera dẽtro ho mãdarão visitar per seus ẽbaixadores, pedindolhe amizade, & mãdandolhe grãdes presẽtes. E os primeyros forão el rey de Làra q̃ lhe mandou dous caualos, & Mira bucaca gouernador de Baharẽ polo xeq̃ ismael, q̃ tãbẽ lhe mãdou caualos, & cada dia ẽtrauão ẽ Ormuz muytos destes ẽbaixadores, & a corte del rey Dormuz se ẽnobrecia coeles cadauez mais.

E vendo ho gouernador que Ormuz estaua tão assentada que não auia cousa que a podesse aluoroçar se não os cegos de sangue real, de que se poderia tomar algum filho que se fizesse rey, porque assi ho fazia quem em Ormuz queria ser tirano, mandou os pedir a Raix noradim & a el rey com dissimulação que os queria ver & falar coeles, & mandoulhos, & erão por todos quinze que forão reys Dormuz, & cada hũ tinha molheres, filhos & criados que era hũa grande familia. Estes todos mandou despois ho gouernador pera a India na nao Belem em que se foy dom Garcia muyto contra vontade do gouernador por se ir em tal tempo, & forão entregues ao mestre, piloto, & ao escriuão da nao per conhecimento, pera que os entregassem ao capitão de Goa & ao feytor que os teuessem a boõ recado. E a fora ho gouernador mandar estes pera Goa por não darem toruação no reyno, mãdou os porque se a pagasse alinhajem real, & se el rey Dormuz morresse sem filhos ficaria ho reyno a el rey de Portugal, que tirados os gastos que erão necessarios fazerense nele recolheria ho resto do que rendesse poendo hũ gouernador que ho regesse. E com a ida destes cegos ficou a terra sem nenhũa sospeita dauer nela aluoroço.

Capitolo. clix. De como el rey de Campar que era bendâra em Malaca foy degolado por treyção del rey de Bitão.

Neste tempo el rey de Cã par q̃ era gouernador dos mouros & gentios em Malaca, fazia tambem seu officio que a nobreza da terra hia de cadauez em crecimento, & muytos fugião de Bintão & se tornauão a morar a Malaca por amor del rey de Campar, do que el rey de Bintão tinha muyto grande dor porque se via destruyr sem nenhũ remedio, porque de quantos tinha buscado pera atraer a el rey de Campar em sua amizade nenhum lhe aproueitaua. E como desesperado, pera se vingar dele, mandou aos de sua armada que lhe tomassem dous ou tres paraos de Malaca da gente da terra q̃ hia tratar por esses rios, & tomados leuaranlhos, & preguntou aa gente donde era como que ho não sabia. E sabendo que erão de Malaca, queixou se com aquelles que os tomarão, dizendo logo em sua presença, que pera que os tomauão que erão todos seus filhos pois erão de sua terra, & mandou os pera Malaca com lhes fazer merce, dizendolhes que se fossem logo pera suas casas, & que dissessem aos outros moradores que cedo seria em Malaca, porque seu filho el rey de Campar lhe auia de dar a fortaleza. Chegados estes a Malaca, disserão a muytos o que passarão com el rey de Bintão, & ho que lhe ouuirão. E isto souberão os filhos de Ninachatu, que como querião mal a el rey de Campar por amor que lhes parecia que fora causa da morte de seu pay, disserão no logo Bertolameu perestrelo que chegara então da India por mandado do gouernador pera ser feytor de Malaca, & prouedor da fazenda, & coele seu irmão Rafael perestrelo pera ir descobrir a China. E com Bertolameu perestelo tinhão os filhos de Ninachatu muyta amizade, & por isso lhe disserão o que ouuirão del rey de Campar,

que ele logo disse a Iorge dalbuquer-
que,que enformandose dos que ho ou-
uirão a el rey de Bintão teue q̃ era ver-
dade,& consultou com Bertolameu pe
restrelo de mandar cortar a cabeça a el
rey de Campar.E affirmandose neste
conselho com outros algũs mais,come
teo a Iorge botelho que ho fosse prẽ-
der,& ele lhe disse que oulhasse bem
o que fazia,porque bem sabia quão ma
nhoso era el rey de Bintão,& q̃ matara
a seu filho pera ter coisso entrada em
Malaca,que lhe parecia que vrdira a-
quilo pera fazer matar el rey de Cam-
par,porque lhe não queria dar a forta-
leza por treyção,& que lhe lembrasse
quãto el rey de Bintão perdia em elrey
de Campar gouernar Malaca,por quã
ta gente se lhe hia parele despois que a
gouernaua,& por quão contente os da
terra estauão dele,& que ate aquele dia
juraua q̃ sempre conhecera dele muy-
ta amizade cõ os nossos,& muyta leal-
dade pera ho seruiço del rey de Portu-
gal:& q̃ lhe deuia de crer isto pois lhe
mandara que fosse espia,& que nunca
lhe sentira tal cousa,& que assentasse
bem no que auia de fazer,& que não
ficasse aquilo com tão mao conselho,
como fora ho com que ho gouernador
mandara degolar Tuão timutaraja de
que se seguira tanta guerra a Malaca.
E com tudo isto Iorge dalbuquerque
estaua tão determinado em matar el
rey de Campar,que mandou a Iorge
botelho sopena de cair em crime dele-
sa majestade que ho fosse prender,di-
zendo que não auia ninguem que ho fi
zesse.E isto tudo foy em casa de Iorge
botelho,que vendo que não podia al
fazer se foy a casa del rey de Campar,
que posto que entẽdeo que ho hia prẽ-
der como não tinha culpa foyse coele
à fortaleza com muyto repouso:& Ior
ge botelho ho ẽtregou pola mão a Ior-
ge dalbuquerque,dizendolhe que não
matasse ho inocente,& assi outras cou
sas em seu fauor.E por Iorge dalbuq̃r
que ter tirada a inquirição pelos que fo
rão leuados a el rey de Bintão do que
lhe ouuirão,parece que tinha dada sen
tença contra el rey de Campar q̃ mor
resse degolado,& logo dali ho forão de
golar à praça cõ pregão que pubricaua
a causa de sua morte,que ele primeyro
que ho degolassem disse muytas vezes
que ho matauão sem culpa:& muytos
ouue que disserão que Bertolameu pe-
restrelo teuera a culpa de sua morte,
prouocãdo a Iorge dalbuquerque que
ho mandasse matar.E se foy assi ou nã
Bertolameu perestrelo não durou des-
pois mais de dezasete dias,& despois
dele morto partio seu irmão Rafael pe
restrelo a descobrir a costa da China
em hũ jungo,leuando dez dos nossos
em sua companhia,& foy lá,& tornou
a malaca com fazer muyto grande ga-
nho na mercadoria no que leuou.

Capit.cl.De como Iorge botelho foy descobrir ho rio de Siaca,& da treyção que lhe quisera fazer el rey de Bintão.

COm a morte del rey de campar fica
rão os nossos ẽ grã
de descredito com
a gẽte da terra que
todos afirmauão q̃
el rey de Campar
morrera sem culpa,& que fora treyção
del rey de Bintão,& tinhão os nossos
em conta de muyto crueis,& por isso
muytos mercadores fugirão de Mala-

ca, & como se soube por derrador não ousauão de ir a ela pelo que sucedeo na cidade grande fome, em tanto q̃ muytos morrião dela, & ho arroz da fortaleza se daua por regra muy estreyta. E pera se buscar & auer antes q̃ faltasse de todo, determinou Iorge dalbuquerque em conselho que se descobrisse hum rio chamado Siaca, que hia ter a Menancabo, porque não auia outro de que se mais perto ouuesse mantimẽtos, posto que ho rey delle era sugeito a elrey de Bintão. E no mesmo cõselho se acordou que fosse Iorge botelho descobrilo, porque era muyto conhecido antre todos os daquelas partes, & tinha coeles grande credito, & sabia a lingoa, & foy no nauio santa Helena com duas lancharas em sua companhia em que hião algũs dos nossos, & os mais era gente da terra, & quãdo partio fizeranse por elles muytas orações em Malaca pola necessidade que auia de trazer mantimentos. E chegado ao rio entrou por ele: & era fermosa cousa de ver, porque dhũa parte & doutra auia muytas quintãs, que se chamão duções na lingoa da terra, em que auia muytos laranjais, & outras aruores de fruyto. E ho rio a lugares era de largura de tiro de bombarda, & de berço, & de besta. E não podẽdo Iorge botelho tomar lingoa, porque toda a gente fugia com medo da nossa frota, meteo ẽ hũa almadia obra de dez Christãos de Malaca que leuaua, & mandou os diante pera que tomassem lingoa, o que eles fizerão, & tomarão dous homẽs, & hum deles fora catiuo de Iorge botelho, que ho catiuou andando darmada, & lhe deu despois liberdade: & assi ho disse ele a Iorge botelho, que lhe deu algũs panos & outras cousas, & mandoulho que fosse diante, & dissesse aos da terra que não fugissem, porque não hia fazer guerra se não paz com el rey de Siaca, & dali por diante nunca mais ninguem fugio, & quasi cada dia hião falar a Iorge botelho, & lhe dauão nouas del rey de Siaca, & que tinha seu assento em hũa pouoação à borda do rio onde era mais estreyto. E chegado ali el rey, mandou logo saber dele o que queria, ele respondeo que assentar paz & amizade em nome do capitão de Malaca, & que hũs de hũa terra fossem seguros à outra. E como aqui auia muytos da propria terra que conhecião a Iorge botelho, disserão tantos bens delle a el rey que folgou dassentar a paz & amizade, que lhe offrecia, & despois dassentada quisera Iorge botelho passar auante ate Menãcabo, & verse cõ ho rey da mina grãde (que ha ali muytas douro como ja disse) pera assentar coele trato & amizade, porq̃ como ouuesse trato hirião os mercadores a Malaca com ouro, & leuarião tambem mantimẽtos, & querendo lá ir soube como passando dali era ho rio tão baixo que não auia de poder ir por ele: & por isso lhe escreueo hũa carta, em que lhe cõtaua sua determinação, pedindolheq̃ pois là não podia ir ouuesse a amizade por assẽtada, & mandasse os seus mercadores a Siaca a fazerẽ coele mercadaria: porq̃ leuaua muyta roupa, & mãdou coesta carta oyto christãos de Malaca, & hũa guia q̃ lhe deu elrey de siaca. Partidos estes coesta carta, chega ao outro dia hũ embaixador del rey de Bintão a el rey de Siaca sẽ o Iorge botelho saber. E era a ẽbaixada, q̃ se elrey de Siaca desse a cabeça de Iorge botelho a elrey de Bitão

que ho casaria cõ hũa sua filha,& par-
tiria coele seu estado pelo meyo, por
q̃ Iorge botelho era o q̃ ho destruya. E
como esta promessa del rey de Bintão
era tamanha, venceose el rey de Siaca:
& determinando de a ganhar mãdou
logo apos os que leuauão a carta de Ior
ge botelho pera os fazer tornar. E que
rendo nosso senhor que isto não ouues
se effeyto, ordenou q̃ morasse naq̃la po
uoação hũ homẽ, que q̃ndo foy a bata-
lha dos nossos cõ Patehonuz, Iorge bo
telho tomou ẽ hũ jungo cõ sua molher
& filhos q̃ hia catiuo,& ho soltou cõ to
da sua familia. E lẽbrado este de tama-
nho beneficio, sabẽdo a treyção que se
ordenaua cõtra Iorge botelho, logo na
quella noyte se foy a nado ao seu nauio
secretamente,& contoulhe o que passa
ua:& que aquela noyte se despouoauão
todos os duções da gente nobre q̃ mo-
raua neles, pera el rey consultar coeles
como faria,& q̃ auia de mandar pedir
ajuda a el rey de Bintão quãdo ho não
podessem tomar. E dado este auiso, tor
nouse com muyto boa paga que lhe Ior
ge botelho deu por ele. E sabendo ele a
treyção q̃ se lhe ordenaua, deixou ho
nauio & meteose em hũa das lãcharas,
& com as outras duas se pos a sombra
de terra porque ho não vissem:& reco
lhendose os grandes da terra pera a po
uoação, tomou hũ parao grande em q̃
achou hũ vẽdor da fazenda del rey de
Siaca,& prẽdeo o debaixo de cuberta,
mandando dizer a el rey q̃ ho mesmo
auia de fazer a ele pola treyção que lhe
ordenaua:& se Iorge botelho leuara gẽ
te que ho ajudara, ele destruyra el rey
de Siaca.

Capit. clj. Como Iorge botelho assentou amizade com el rey de Menãcabo,& de como Francisco de melo pelejou cõ hũa armada del rey de Bintão,& a queymou.

EVendo que não podia,&
temendose q̃ lhe matassẽ
os seus messejeiros que mã
daua a el rey de Menanca-
bo, determinou de ir a diã
te ate onde podesse nadar ho nauio,&
as lancharas,& dali buscaria maneyra
pera mandar recado a el rey, se os seus
messejeiros fossem mortos, que nosso
senhor lhe quis goardar por mais que
el rey de Siaca trabalhou por lhos ma-
tar. E indo ter coeles aq̃les que ele man
daua a isso, ouuerãlhe medo porque se
lhe defenderão muyto bẽ,& fizerãnos
fugir,& a guia tambem fugio coeles. E
vendose os messejeiros sem ela forão
se a Campar, que era hi perto õde auia
muytos q̃ conhecião a Iorge botelho:
& algũs destes sabẽdo q̃ os messejeiros
erão seus,& onde querião ir leuarãnos
a el rey de Menãcabo, q̃ como disse he
gentio & señor de grande soma de mi-
nas douro,& quãdo soube que erão de
Malaca,& vio a carta que lhe leuauão,
fezlhe muyto gasalhado,& respondeo
a Iorge botelho que folgaua muyto de
ter amizade & trato com os nossos, &
pois ho seu nauio não podia chegar aa
sua cidade, que ele mandaria laa os seus
mercadores a tratar coeles. E assi os
mandou, & a mercadoria que leuarão
foy ouro,& mantimentos & aguila,
que na terra não ha outra, a cujo tro-
co tomarão a roupa do nauio, & assi
quanto pano os nossos leuauão, que
não lhes ficarão ceroulas, nem cami
sas que tudo lhes tomauão por ouro.
E estando aqui Iorge botelho, recean-
dose Iorge dalbuquerque que el rey

de Bintão mandasse sobrele, mandou a Francisco de melo ho galego que ho fosse fauorecer, & deulhe a capitania mór de hũa armada de noue lancharas, cujos capitães a fora elle, forão Francisco fogaça, Ioão salgado, Carlos carualho, Ruy mẽdez, Diogo mendez Cristouão diaz, Diogo diaz & outro cujo nome não soube. E sabẽdo elrey De bintão como esta armada hia ẽ busca de Iorge botelho, mãdou logo outra peraq̃ fosse pelejar coela & a tomasse: & assi ho nauio d̃ Iorge botelho, & foy de vinte quatro lãcharas. E seys delas erão muyto grãdes aque na sua lingoa chamão garopos. E sẽdo a nossa armada dentro no rio onde estaua Iorge botelho, chegou a dos imigos & entrou tã bẽ dẽtro. E a duas legoas da foz achãdo q̃ ho rio se fazia em dous braços, & não sabẽdo porq̃l irião os nossos repartirã se em duas partes de doze lãcharas cada hũa, & huãs forão por hũ braço & outras por outro, o que foy logo sabido por Francisco de melo. E chamando a conselho os outros capitaẽs acordarão de ir receber os imigos ao caminho, assi porlhe mostrarẽ q̃ os não temião & lhe q̃brarẽ coisso os coraçoẽs, como por temer q̃ a gẽte da terra se leuãtasse contreles vẽdo ho poder dos imigos q̃ era grãde por serẽ bẽ mil homẽs & eles q̃ não chegauão a cẽto. E indo em busca dos imigos derão cõ hũa parte das lãcharas q̃ hião todas encadeadas em ala, por cercarem todo ho rio q̃ os nossos não podessem fugir, q̃ cuydauão eles q̃ ho auião de fazer em os vendo. E estando coesta soberba como virão os nossos derão hũa grande grita & tocarão seus instrumẽtos de guerra & os nossos desparatão sua artelharia, & assi forão ate chegarem hũs aos outros & Ioão salgado foy aferrar com hũ dos garopos q̃ trazia mais de cẽ homẽs & ele algũs dez ou doze, & como os imigos erão tãtos, entrarão coeles logo de roldão ferindoos de muytas frechadas & lãçadas, & por muyto bẽ que os nossos pelejauão forão todos feridos & mortos os mais deles sem lhe nenhũ dos capitaẽs poderẽ acodir por todos terẽ assaz q̃ fazer em se defender dos imigos q̃ trabalhauão quãto podião polos aferrar, & eles porq̃ os não aferrassem jugãdo cõ sua artelharia & tirãdo lhe cõ muytas lãças de fogo & panelas de poluora q̃ lhe lãçauam dẽtro nos nauios com q̃ se pegou ho fogo neles, porque dos primeyros saltou nos outros por estarem todos encadeados, & assi se ateou q̃ se não podia apagar: & arderão dez cõ os mais dos q̃ estauão dẽtro & os dous fugiram quando virão sua destruiçam & foram varar em terra, por onde a gẽte deles fugio, & a dos outros toda foy morta de fogo, & isto se fez do meo dia ate a vespera, & os nossos a fora os mortos q̃ disse ficarão todos feridos, & muyto cansados. E auẽdo mea hora q̃ isto era passado, quãdo acodem as outras doze lancharas dos immigos, que parece q̃ achandose perto ouuirão ho tõ das bombardadas, & acodião: & quando os nossos as virão ficarão muyto tristes por quão cansados & feridos estauão, & Francisco de melo os esforçou, dizẽdo que esperassem em nosso senhor, que os não liurara dos primeyros pa os deixar morrer a mãos daqueles, & q̃ lhe auia dacabar de dar a vitoria, pa q̃ vissem os imigos camanho era seu poder. E nisto chegarão os immigos, & começouse a peleja muyto mais braua q̃ dãtes, & os nossos não pelejauão se não cõ a artelharia &

cõ artificios de fogo, & foy medonha cousa de ver a perfia que teuerão os immigos sobre aferrar os nossos sintindo que tais estauão, & eles por se defẽder. E sobristo meterão duas lancharas dos immigos no fundo. & arrombarão algũas das outras, & matarão muyta gente, & nisto sobreueo a noyte que os apartou, & por os immigos terem muytos mortos da nossa artelharia, & queymados dos artefícios de fogo. E sabendo o q̃ acõtecera ás outras doze lãcharas, não ousarão desperar & forão se à q̃la noyte caminho de Bintão: & he de crer q̃ nosso señor ho quis assi, porq̃ se tornarão a pelejar segũdo os nossos estauão cansados & feridos não escapara nenhũ. E morrerão ali logo & despois na fortaleza trita & cinco, & foy muyto não morrerẽ mais, tantas forão as feridas & tamanhas. E vẽdo Frãcisco de melo como os imigos erão idos, & que Iorge botelho podia ficar seguro & acabar sua mercadoria q̃ aida não tinha acabada, deixouho & foyse a Malaca pera se curarẽ os feridos. E ficando Iorge botelho, sobejou ainda muyto ouro aos Menãcabos de q̃ eles teuerão algũ desgosto. E sintidolho Iorge botelho, disselhe q̃ se fossem coele a Malaca, & q̃ lá ho acabariáo de gastar, & q̃ se lhe obrigaria a tornalos a trazer seguros, cõ tanto q̃ primeyro auião de cõprar a roupa da feytoria q̃ outra nhũa: & assi se fez, & leuou os a Malaca õde quãdo chegou ja não era capitão Iorge dalbuquerq̃, se nã Iorge de brito copeiro moor q̃ foy com Lopo soarez, como direy no quarto liuro.

Capit. clij. De como partio de Portugal por gouernador da India Lopo soarez, & de como chegou laa.

Neste anno de mil & quinhẽtos & quize, ouue el rey de Portugal por seu seruiço q̃ o gouernador Afonso dalbuquerq̃ descansasse de seus trabalhos & se fosse pera Portugal, & deu a gouernança da India a Lopo soarez q̃ lá fora por capitão môr de hũa armada, como disse no liuro primeyro, & deulhe hũa frota de treze naos grossas, cujos capitães a fora ele forão Christouão de tauora, q̃ leuaua a capitania de çofala, dõ Goterre castelhano, q̃ leuaua a de Goa, Simão da silueira, q̃ leuaua a de Cananor, Iorge de brito copeiro mõr, q̃ leuaua a de Malaca, Diogo mẽdez de vascõcelos, q̃ leuaua a de Cochi, Afõso lopez da costa, Lopo cabral, Aluaro barreto, Simão dalcaçoua pa ir á China, Aluaro telez por capitão de Calicut, Francisco de tauora, dõ Garcia coutinho. E nesta frota foy Mateus ho ẽbaixador q̃ mandou a may do preste como disse atras, pera q̃ Lopo soarez ho mãdasse ao preste cõ hũ embaixador q̃ lhe el rey de Portugal mandaua q̃ foy hũ fidalgo chamado Duarte galuão de muyto merecimẽto por muyto seruiço q̃ tinha feyto a os reys de Portugal do tpõ del rey dõ Afõso ho quito ate aq̃le, assi ẽ tomadas dos lugares dalẽ, como em ir por capitão ẽ armadas de socorros q̃ estes reys mãdauão a seus amigos, como ẽ ir por embaixador muytas vezes aos reys da Christindade, & ao ẽperador sobre cousas de muyta importãcia, em q̃ mostrou ser muyto prudẽte, negociando sempre a muyto cõtẽtamẽto dos reys q̃ ho mãdauão. E por isto q̃ el rey dõ Manuel dele sabia lhe daua a capitania de tres naos pera ir na mesma conserua do gouernador: o q̃ ele não quis aceitas, dizẽdo q̃ era velho, & não queria carregos q̃ lhe

desassessegasse ho spũ, & mais fazẽdo aq̃la viajẽ pera seruir a nosso señor, & ajuntar a Christindade de Ethiopia cõ a nossa. Coesta frota q̃ digo, se partio Lopo soarez a sete Dabril. & cõ toda a frota foy ter a Moçambique, õde achou dous nauios, de que era capitão mór hũ Ruy figueira q̃ fora descobrir a ilha de sam Loureço pa assentar feytoria, & não a podendo assentar se foy a Moçãbique. E aqui deixou ho gouernador a Christouão de tauora pera ir ser capitão de çofala, & deu a sua nao a Fernão perez dandrade q̃ auia dir assentar trato & amizade na China, & ẽ Bẽgalá, & auia dir por capitão mór de tres naos q̃ logo leuara ordenadas de Portugal. E partido ho gouernador de Moçãbique, foy surgir na barra đ Goa a dous de Setẽbro do mesmo ãno, estãdo Afonso dalbuquerq̃ em Ormuz. E q̃ndo foy sabido ẽ Goa q̃ hia outro gouernador, assi os nossos como os gẽtios & mouros ficarão muyto tristes, & dizião q̃ el rey de Portugal não q̃ria a India pois tiraua de gouernador Afonso dalbuquerq̃, que parecia q̃ nosso señor fizera pa a gouernar. E não ouue na cidade nenhũ aluoroço cõ a vinda do gouernador, q̃ deixou ẽ Goa por capitão a dõ Goterre, & tirou a dõ Ioão deça, & de Goa foy ter a Cananor, cuja capitania deu a Simão da silueira, & viose cõ el rey de Cananor, a q̃ deu hũ rico colar q̃ lhe mãdaua el rey de Portugal: & de Cananor se foy a Cochi a despachar as naos de carga, & deu logo hũa armada a seu sobrinho dõ Ioão da silueira, pera q̃ fosse fazer presas ás ilhas de Maldiua.

¶ Capit. cliij. De como el rey de Baharẽ, & el rey de Baçorá & outros reys & grandes señores mouros mandauão visitar o gouernador, & outros ho hião ver.

Restituydo ho gouernador na cidade Dormuz, & feyta a fortaleza per q̃ el rey de Portugal tornou a ser señor do reyno como era dãtes sem a el rey Dormuz aproueitar ser vassalo do Xeq̃ ismael & pagarlhe pareas: foy ho espãto disto muyto grãde p toda Persia, & Arabia, & da hi por outras prouincias, & nestas duas não falauão os reys & señores delas ẽ outra cousa, & tinhãno por muy grãde marauilha: & não auia nenhũ que não teuesse ao gouernador ẽ muyto grãde cõta & estima, por ho reyno Dormuz ser a cousa mais rica & poderosa de todas aq̃las partes, & ho gouernador ir de tão lõge acõquistalo, & por isso desejauão todos sua amizade & liãça. E os primeyros q̃ lhe mãdarão sua ẽbaixada damizade cõ presentes, forão el rey de Lara vassalo del rey Dormuz, & el rey de Baharẽ, & đ catifa ẽ Arabia, tambẽ seu vassalo, cujo ẽbaixador deu ao gouernador da sua parte tres caualos arabios, & hũa carta que dizia na nossa lingoa.

Pera ho grãde rey, & amerceador ho melhor dos reys neste tpo o q̃ he nomeado em todas as lingoas, Rey do mar & señhor de lugares, ho capitão moor a que Deos acrecẽte sua vida: despois das saudes & amizades, vos faço saber como estou de saude & paz. Façouos saber como nos el rey ho honrrado soubemos de pouco tpo pa ca como viestes a Ormuz, & como soys amerceador & fazedor đ iustiça, & assi vay vossa fama por todo ho mundo, & folgay muyto que antre mĩ & vos vão sempre messeiros:

La mando meu meßageiro a voßo seruiço, & vos leua tres caualos, posto que não seião pertencẽtes, se achar algũs bõs logo volos mãdarey. Recebey a tenção do amor & da amizade, se algũa cousa mandardes, mãdaimo dizer porque ho farey, enuiouos minhas encomendas.

E apos este embaixador chegou outro de Mirabuçaca capitão geral do Xeq ismael na frontaria de Arabia muyto grande senhor em sua terra. E este ten do tãbẽ fama do gouernador, pola võtade que sabia que lhe tinha ho Xeque ismael seu senhor lhe mandou por hũ seu embaixador ofrecimentos damiza de cõ hũa carta que dezia em nossa lin goa.

Ao grande senhor de mando, gouernador & grande capitão dos grãdes, & mayor dos mayores, capitão de muytos capitães deste tempo, lião bem auenturado, capitão mor & gouernador das Indias. Este somenos seruidor & verdadeiro em amor, deseioso de vos fazer muytos seruiços como seruidor: mil vezes vos enuio dizer que sou voßo seruidor & quero voßo bẽ: & digo a brados que sou voßo seruidor, & por isso me foy necessario fazer esta carta. La vos mãdo Coge alachatim Mafamede a voßo seruiço, que vos diga o que lhe diße acerca de noßa amizade, & de sermos ãbos hũ. Tẽdeo por firme & por certo, & não seiaes esquecido de nos: escreueime sempre qualquer cousa ou seruiço que de mĩ quiserdes, & mandaimo que eu ho farey, & nisso me fareis muyta merce: Não vos escreuo mais, se não que deos acrecẽte voßo estado.

E despachados estes dous embaixadores muyto bẽ, & mandãdo ho gouernador coeles seus embaixadores a estes reys, despois de laa serẽ lhe veyo outro embaixador del rey de Baçora em Arabia no cabo do sino Persico, cujo embaixador lhe deu outra carta que dezia.

Faço saber ao grã capitão, o que faz iustiça & mãda no mar & na terra, & o que faz bẽ no mar & na terra: noßas vontades sam todas hũas, & nos a voßo mandar & obediẽcia. Voßo fazer de iustiça he aßi como todos ho querem, & de vos amerceador quero que nos hõreis como hõrrastes a Bẽjabeque, & a Mirabuçaca com cartas & meßagẽs. Nos que remos pazes a voßo seruiço, & tudo o que vos quiserdes em toda cousa, & em o que poder a terra he voßa, & os vaßalos voßos, & os filhos filhos voßos: & ẽ tudo o que mãdardes vos obedeceremos. La vay a voßa merce Cide ho honrrado Mafamede, em lugar de minha pessoa: se voßa merce mandar algũa cousa a ele ho diga, & ele nos escreuera, & nos obedeceremos, ou mãday coele voßo meßegeiro. Minha tenção he, que não auemos mester entre nos medianeiros, & o q̃ mandardes a Cide, mandailho como se ho mandasseis a mĩ: & os vaßalos meus sam voßos, não os engeiteis de voßa vista.

Tambẽ a este embaixador fez ho gouernador muyta honrra, & despachou ho muyto bẽ, fazendolhe merce, porq̃ soubessem os mouros qnam bẽ acertaua quem ho queria ter por amigo. E os mouros de Ormuz se espãtauão muyto destes reys & senhores mandarem

seus ẽbaixadores ao gouernado,& ma-
is q̃ndo lhes eles cõtauão a grãde fama
q̃ hia dele por suas terras,& coestes ẽ-
baixadores & cõ outros era a gẽte tãta
ẽ Ormuz q̃ não cabia, & parecia hũa
corte de hũ grande rey,& não auia dia
q̃ ho gouernador não fizesse merce a
estes ẽbaixadores,& os mouros da ter-
ra se espantauão como tinha tanto que
dar. E vendo ho gouernador como os
reys & senhores comarcãos folgauão
com sua amizade pera os prouocar que
folgassem mais coela & a desejassem,
mandaualhes tambem seus embaixa-
dores,mãdãdolhes presentes de muy-
to preço,pelo q̃ de todos era cada vez
mais estimado por os mouros serẽ muy
to inclinados a lhe darẽ:& dhũs aos ou
tros hia a fama,q̃ não auia nenhũ que
nã desejasse de ho ver,& muytos mou
ros honrrados vinhão de muyto longe
a Ormuz no mais que a velo: & algũs
q̃ não podião ir & assi senhores mãda-
uão grãdes pintores q̃ lho tirassem pe-
lo natural,pera q̃ ho vissem pintado. E
todas estas diligencias fazião pola grã-
de fama q̃ auia antre os mouros de seus
muyto grandes feytos nas armas,& de
suas singulares virtudes:de modo que
ho tinhão todos em muyto grãde esti-
ma & veneração. E dos embaixadores
& doutros mouros q̃ ho hião ver & ti-
rar polo natural erão cada dia tãtos na
fortaleza que se não podião os nossos
defẽder deles,& se os deitauão fora pe
dião com muyta piedade q̃ lho deixas
sem ver,porq̃ não hião a mais q̃ a velo.
E esta importunação dauão porq̃ ho
gouernador saya poucas vezes fora
por se achar mal de camaras,& quãdo
hia fora da fortaleza,erão sem cõto os
mouros q̃ ho estauão esperando,& pa
chegarẽ a ele,& ho verem bẽ, hũs lhe
fazião orações de seus grãdes louuores
ẽ sua lingoa,& outros lhe dauão algũa
cousa,& lhe beijauão a mão com que a
tomaua,& ele como os via detinha ho
caualo pera lhe falarẽ, & eles ficauão
muyto contẽtes & dizião de cada vez
mais bẽ dele. E hia sua fama em tanto
crecimento, que nunca foy tamanha
de capitão de nação algũa. E indo sua
doença de camaras de cada vez peor,
aos vinte seys dias de Setembro fez a
juntar todos os capitães de sua arma-
da,& lhes disse que bem vião q̃ era ve
lho,& doente de hũa doẽça q̃ mataua
estando falãdo:& porq̃ ele por essa cau
sa queria ꝓuer a conseruação do reyno
Dormuz & daq̃la fortaleza q̃ fazia,
lhes rogaua a todos q̃ lhe dessem as me
najẽs de obedecer a pessoa ou pessoas a
q̃ ele cometesse seu poder despois de
sua morte ate el rey seu señor prouer.
E todos disserão q̃ aquilo era muy bẽ
feyto,& q̃ nosso señor lhe daria saude,
como ele & eles desejauão. E dandolhe
suas menajẽs,fez o secretario Pero dal
põe hũ auto dissoq̃ todos assinarão. E
cercandose ja neste tẽpo a fortaleza de
muro,mandou fazer prestes sua arma
da pera se partir pera a India:& vindo
ho mes Doutubro por se achar peor,
fez seu testamẽto. E aos vĩte dias deste
mes,mãdou dizer a Pero dalbuq̃rque
seu sobrinho pelo secretario,q̃ por ele
sentir del rey Dormuz q̃ folgaria q̃ ele
ficasse por capitão daq̃la fortaleza,&
assi os nossos,& tãbẽ pola ele merecer,
lhe fazia merce dela em nome del rey
seu senhor com quatrocẽtos mil r̃s dor
denado cadãno,& duzentos quintaes
de pimenta ao meyo,& dali por diãte
teuesse cuydado dela. Polo que lhe foy
beijar as mãos ao outro dia,& ele lhe
deu ho regimẽto que lhe auia de ficar,

E assi lhe ẽtregou hũa armada de tres nauios, & hũa fusta pera seruiço da fortaleza, & goarda da costa dos noutaqs que sam cossairos. E os capitães forão dos nauios, Ioão de meira, Fernão de resende, Iorge dorta, & da fusta Antonio homem: & porque ho guernador de todo nã podia sayr fora por sua doẽça, se mandou despedir del rey Dormuz pelo secretario, mandandolhe pedir pdão de ho não ir ver por sua doẽça com muytos offrecimentos. O que el rey lhe mandou muyto agardecer, mostrãdo muyto pesar de se achar tão mal, & quiserão ir ver se lhe ho secretario não conselhara que não fosse, porq̃ no não auia de poder ver se não no batel, & por isso el rey não foy, & mãdou lhe pedir que lhe não deixasse por lingoa Nicolão ferreyra por quanto era homem reuoltoso, & que lhe poderia ordenar algũa cousa por onde el rey de Portugal perdesse ho credito dele. E ho gouernador ho fez assi, porque el rey lho merecia por quão seu amigo se mostraua, que cada dia ho mandaua visitar por Acem ale, mandandolhe sempre muytos presentes, & acodindolhe sempre com dinheiro pera as despesas da fortaleza, & mandandoho visitar muytas vezes por Raix noradim.

Capitolo.cliiij. Das nouas que ho gouernador soube da India, & de como faleceo de sua doença chegando aa barra de Goa.

SEndo o gouernador prestes tudo o q̃ era necessario pa sua partida, partiose aos oyto dias de nouembro, & ẽbarcouse pola festa na nao de Diogo fernandez de beja, & esteue o que ficaua do dia & a noyte seguĩte defrõte da pedreira. E ao outro dia se fez aa vela, & logo ao sabado foy ter coele Acem ale com duas terradas carregadas de refresco. s. vacas, carneyros, galinhas & fruytas que el rey Dormuz lhe mandaua, & assi muytas conseruas & bizcoutos. E segundo se entẽdeo em Acem ale, ele hia ver se era ho gouernador morto, porque como embarcou pela festa, & ho não virão nenhũs mouros embarcar, cuydarão que era morto, & assi ho disserão a el rey: & mais porque auia dias que ho não virão, nẽ falara a el rey antes de se ir embarcar: & porque despois de ser no mar se achara melhor, mandou q̃ lhe falasse Acem ale, que quãdo ho vio lhe beijou a mão com muyto grande prazer polo ver viuo, & disselhe que lhe mandaua el rey Dormuz aquele refresco, & saber como hia. E dandolhe ele agardecimentos disso, lhe mandou dizer como se achaua melhor despois que fora no mar, encomendandolhe muyto a fortaleza, porque era a melhor cousa q̃ tinha no reyno pera cõseruação de seu estado, & fez merce a Acem ale de trinta xerafins, & dez a cada hũ dos mestres & pilotos das terradas q̃ erão quatro, & mandou os conuidar com vinho de Portugal, & assi se forão contentes a Ormuz, onde disserão que ho gouernador hia viuo. E sendo ele tão auãte como Calayate, pareceo hũa nao de mouros ao mar que vinha da India, & por saber nouas da India, mandou, que a fizessem arribar aa capitaina, & que lhe leuassem ho capitão & piloto dela, & deu juramẽto dos santos euãgelhos a Alexandre datay de lingoa, q̃ nenhũa cousa lhencobrisse das nouas

que os mouros dessem da India:& ele ho fez assi,& os mouros hião de Cambaya,& desculparanse ao gouernador de não arribarem a ele logo,porq̃ lhes pareceo q̃ não hia ali pola palas poucas naos que virão,& disserão que lhe trazião cartas de Cideale ho torto,& hũ embaixador do Xeque ismael que estaua em Cambaya,em que lhe escriuião que era chegado â India Lopo soarez por gouernador com hũa armada de doze naos.E indo logo polas cartas,achouse que era assi,& que todas as fortalezas da India vinhão prouidas de capitães,& hũ deles era Diogo mendez de vasconcelos pera Cochim,& Diogo pereyra por feytor que ele mãdara presos pera Portugal polos insultos que fizerão,como atras disse,& assi contaua os nomes de todos os capitães,& dizia na carta de Cideale q̃ lhe não escriuia Meliquiaz polo grande pesar que tinha de ho el rey de Portugal mãdar ir da India,que lhe parecia que não seria bem irse pera Portugal, pois el rey conhecia tão mal as suas caualarias,& lhe galardoaua tã mas seus seruiços.E despois de idos os mouros, ho gouernador com grande paixão q̃ teue del rey de Portugal mandar Diogo mendez & Diogo pereyra com carregos mandando os ele presos,que era sinal que ho não ouuera por bem,disse muyto agastado.Mal com el rey por amor dos homẽs,& mal com os homẽs por amor del rey:acolhamonos â igreja velho coytado.E despois que se lhe foy ho impeto daq̃la paixão cõ algũas palauras consolatorias que lhe disserão sobrisso,deu graças a nosso senhor por em tal tempo chegar gouernador â India estando ele tão perto da morte, & não podia ser se não q̃ falaua el rey cõ algũ anjo,que ho auisaua das cousas de que a India tinha necessidade:& q̃ lhe parecia que nosso senhor tinha cuydado dela pois a socorrera em tal tempo. E primeyro q̃ se os mouros partissem lhe mandou tomar todas as cartas que leuauão doutros mouros de Cambaya pera algũs Dormuz,porque não soubessem que era chegado outro gouernador que temia que desse aquela noua toruação aa fortaleza.E dali por diãte se achou de cada vez peor, de maneira que sabado quinze dias de Dezembro â noyte que foy surgir na barra de Goa auia quatro dias q̃ trazia saluço,& estaua tão fraco que logo arreuessaua quãto comia.E despois de surto,veo ter co ele frey Diogo vigayro geral da India, q̃ ele mandou chamar polo capitão do bargantim:& assi veo mestre Afonso medico q̃ lhe leuarão algũ vinho vermelho fresco de Portugal q̃ desejaua: & aq̃la parte da noyte esteue sempre ẽ seu acordo falando com seu confessor, & hũa hora antes que falecesse se lhe toruou a fala.E estandolhe lendo a paixão de que era muyto deuoto,& em q̃ dizia que leuaua sua esperança de saluação,deu a alma a nosso senhor domingo ante manhaã dezaseys de Dezembro de mil & quinhentos & quinze,vestido em ho abito de Santiago,de cuja ordem era caualeyro,que sempre teue por patrão & auogado diante de nosso senhor,a quem muyto deuotamẽte pedio perdão de seus peccados antes de seu falecimẽto.E falecido foy posto na tolda da nao sobre hũ catle que estaua cuberto com hũ pano de brocado,com hũa almofada do mesmo â cabeceira, & como tinha ho rosto descuberto pa-

recia q̃ eſtaua dormindo, & niſto era
ho pranto muy grande na nao, aſſi de
ſeus criados como dos outros, & dali ſe
eſpalhou polas outras naos, õde todos
tinhão grande ſentiméto por perderẽ
tal gouernador. E ſendo menhaã clara
chegou Simão dãdrade q̃ ficara atras,
& querendo entrar pera dentro do rio,
mandaranlhe dizer os outros capitães
que eſperaſſe pera acõpanhar ho cor-
po do gouernador ate a cidade. E ele nã
quis ſe não irſe, moſtrando grãde pra
zer de ſeu falecimento, cuydando que
daua niſſo cõtẽtamẽto a Lopo ſoarez.

Capit. clv. De como foy ſepultado ho corpo do gouernador, & de ſuas no taueis virtudes.

DEſpois que aprouue a
noſſo ſenhor de leuar
deſta vida eſte tão eſ-
forçado & famoſo ca-
pitão, foy aberto ſeu
teſtamẽto, em que ſe
achou que mandaua que ſeu corpo foſ
ſe enterrado em noſſa ſenhora da ſer-
ra que eſtá na cidade de Goa, õde logo
foy recado pera q̃ os clerigos & leygos
ſe percebeſſem pa as derradeiras hõr-
ras que auião de fazer a quem ganhou
aquela cidade, õde ho rebate de nouas
tão triſtes deu aſſaz de toruação, eſpe
cialmẽte ouuindo dobrar os ſinos, q̃ a
todos certificarão ſer a noua verdadey
ra, que ainda algũs a não podião crer.
E como todos tinhão amor de pay ao
gouernador, hũs polos caſar, & lhes
dar fazẽda pera ſuſtẽtamẽto de ſuas vi
das, outros porque por natureza ſe in-
clinauão a iſſo polas virtudes que auia
nele, não ouue nenhũ que não moſtraſ
ſe no roſto a magoa que tinhão no cora
ção, & hũs com os outros fazião ajũta-
mẽtos por eſſas ruas falando na morte
Dafonſo dalbuquerque, q̃ trazia â me
moria a muyta honrra & louuor que ga
nhara na vida, aſſi em ſeruir a noſſo ſe
nhor como a el rey, affirmando todos
que nũca iria aa India outro tal. E niſto
chegou ho ſeu corpo ao cays, onde ho
eſtauão eſperãdo os clerigos & frades
com ſuas cruzes, & todas as confrarias
com ſua cera, & ho capitão da cidade
com todos os fidalgos & gente outra q̃
auia nela. E tirado no batel no catle em
que hia, foy poſto em terra pera ho en-
comẽdarem. E como vinha veſtido no
habito de Santiago, & hũa rede douro
na cabeça com hũa carapuça & beca de
veludo negro, & a barba branca q̃ lhe
chegaua ate a cinta & ho roſto deſcu-
berto com os olhos meyos abertos pa-
recia viuo. & quãdo aſſi ho virão todos
que conhecerão ho deſemparo que ho
eſtado da India recebia por ſua morte,
foy tamanho ho choro que todos aleuã
tarão, que mais forão lagrimas que os
clerigos chorarão que palauras q̃ pro-
nunciarão pera ho encomendar. E to-
mãdoho coeſte pranto debaixo de hũ
palio que leuauão fidalgos, começarão
de caminhar pera noſſa ſeñora da ſer-
ra. E entrando pola cidade parecia que
ſe fundia toda cõ gritos das molheres
que ele caſara, que todas ſayrão a velo.
E poſtas todas em cabelo, & dando cõ
as mãos nos roſtos lamentauão ſua or-
findade, dizẽdo hũas que perdião pay
& outras ſenhor: & aſſi ho chorauão co
munmente Chriſtãos, gentios & mou
ros, & ẽ toda a cidade ſe não ouuia ou-
tra couſa ſe não choros, ſoluços & ſuſ-
piros, & coeles foy aq̃le corpo leuado a
noſſa ſenhora da ſerra, õde deſpois de
ſe dizerem em hũa pregação ſeus grã-

des louuores foy sepultado,& posta so bre sua sepultura hũa essa de veludo ne gro & damasco,por se não achar veludo que abastasse:& sobre a essa foy dependurada a bandeira que leuaua nas batalhas,& suas exequias durarão hũ mes,& da hi por diãte se lhe disse cada dia hũa missa,que ele deixou pera sempre.E despois de ser sepultado,ainda ho pranto durou na gẽte o que ficaua, do dia & toda a noyte seguinte,não sòmente nos nossos,mas nos gentios & mouros,porque todos ho tinhão por pay:& assi os emparaua ele,& os mantinha em paz & ẽ justiça,porq̃ a fora ho esforço que lhe nossosenhor deu pera a guerra,dotoulhe tanta prudẽcia que nenhũa cousa lhe ficaua por saber que fosse necessaria pera boa gouernãça da repubrica.E posto que algũs ho quiserão tachar de mal sofrido antes de ser gouernador,& dizião que era doudo, & por isso acõselhauão ao viso rey que lhe não entregasse a gouernança como el rey de Portugal mãdaua por sua prouisam,do que se vio ho contrairo despois que lhe foy entregue,que lhe sobejaua sofrimento & paciencia,em tanto que indo hũ dia por hũa rua,algũs que lhe querião mal por lhe não pagar seu soldo,por mingoa de não ter dinheiro, lhe deitarão ourina de hũa janela & ho molharão:& ele dissimulou fazẽdo q̃ ho não entẽdia,nem sòmẽte quis entender aqueles que hião coele que lho disserão.E outra vez hũ homẽ por priuar coele,disselhe q̃ outros dizião mal dele pubricamẽte,& ho injuriauão cõ nomes muy infames,que seria bẽ que os castigasse.E ele respondeo q̃ ho não auia de fazer,porq̃ eles tinhão rezão pois continuamẽte trabalhauão,& ele lhes não podia dar ho galardão de seus trabalhos:& desgastados disso se espãtaua como lhe não fazião mal,quanto mais dizerẽno dele,q̃ folgaua muyto de quebrarem sua furia no que tocaua a sua pessoa,antes que no que tocaua ao seruiço delrey seu senhor.Vindo outra vez a ele hũ lascarĩ cõ grãde necessidade segundo mostraua a pedirlhe algũ soldo do que lhe era diuido,não lho podendo ele dar polo não ter rogoulhe q̃ por algũs dias ho buscasse emprestado por seus amigos.E escusandose ho lascarim,dizẽdo q̃ ho não achaua sem penhor,& que não tinha outro que desse se não suas armas,q̃ lho desse ele,& lançãdo mão á barba acertou de tirar quatro ou cĩco cabelos sem ho q̃rer fazer, & quando os vio mostrou que os tirara por sua vontade & por cõtentar ho lascarim,deulhos dizendo que buscasse dinheiro sobreles,porq̃ não tinha outro penhor que lhe dar.E ho lascarim muyto ledo leuou os cabelos,& achou dinheiro sobreles com que suprio sua necessidade.E o que tinha os cabelos ẽ penhor,sabendo q̃ ho gouernador tinha dinheiro foylhe dizer q̃ os desempenhasse:o que ele fez muyto ledo,& lhe fez merce por dar ho dinheiro sobre os seus cabelos.E estas obras não erão se não de quem por siso,& nã por doudice queria temperar tantas vontades como auia na gente de sua armada. E coestas manhas & com outras soube tambem granjear ho cargo que tinha, que estando tantas mil legoas de Portugal,& com tão pouca gente como disse tomou aos mouros a cidade de Goa,& a de Malaca,& a fortaleza de Benastarim,& fez a de Calicut,& conquistou por força darmas ho reyno Dormuz, & despois de se lhe leuantar ho tornou a sugigar,& fazia tremer toda a India,

& tendo tão pequena armada a sabia repartir, de maneyra que continuamẽte trazia nauios darmada de Cochim ate Chaul que goardauão aquela costa em quanto duraua ho verão, de modo que nem hũ grão de pimenta se podia tirar da India sem sua licença, nẽ podia entrar na India por mar nenhũ estrãjeiro que ho não soubesse. E era tão diligente no proueito da fazenda del rey seu señor q̃ sempre em Goa, & outros lugares que se presumia dauer cerco, tinha ẽ suas feytorias certas casas cheas de trigo, arroz, carnes, pescados & outros mantimẽtos, de q̃ ele tinha as chaues: & quando via que não auia cerco, daua ho trigo & ho arroz aos casados ẽ descõto de seus mãtimẽtos. E co este regimẽto não auia necessidade dalmazem de mantimẽtos, nem se gastauão ordenados cõ os almoxarifes deles como agora. E hũ homẽ de cada hũa das feytorias tinha cargo de comprar estes mantimentos. E a fora estas cousas fez outras muytas que serião largas de cõtar, mas falando em soma nenhũa virtude lhe faleceo pera ser tão singular capitão como ho forão os singulares q̃ ouue antre barbaros, gregos & latinos. E sobre tudo temeo sempre muyto a nosso senhor, & foy muyto amador de seu seruiço, & teue grande deuação na sua sacratissima paixão, & na sua gloriosa madre nossa señora, tanto que nũca por menencoria que ouuesse jurou por eles, nem pos neles a boca irosamente, nem em nenhũ santo, nem dizia mais que renego da vida em que viuo. E por ser muyto amigo do seruiço del rey, teue muytos immigos, & foy muyto manifico nas cousas que comprião a honra del rey, & a sua, & muy liberal pera os pobres: foy muyto airoso, & bem apessoado, discreto, & tinha graça em tudo o que dizia, & foy muyto dado a dizer palauras sentenceosas, & folgaua de as ouuir.

LAVS DEO.

Foy impresso este terceiro liuro da historia da India em a muyto nobre & leal cidade de Coimbra por Ioão de Barreyra, & Ioão Aluarez empressores delrey na mesma vniuersidade. Acabouse aos doze dias do mes Doutubro. De M. D. LII.

Tauoada deste liuro terceiro.

Fim da tauoada.

Os liuros quarto & quĩto da hiſtoria

do deſcobrimento & cõquiſta da India pelos Portugueſes.

Com priuilegio Real.

.M. .D. LIII.

Tauoada do quarto liuro.

Prologo no quarto & quinto

liuros da historia do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses. Dirigido á serenissima & excelentissima Princesa dona Joana nossa senhora. Por Fernão lopez de Castanheda.

Antiguo custume he em Persia, & q̃ se guarda ẽ toda Asia serenissima & excelentissima Princesa nossa senhora/nenhũa pessoa visitar sem presente a elrey, nem a outras pessoas reaes: porque se tem por grande sinal damor & obediencia: custume muyto notauel & digno de ser vsado em toda parte: porq̃ são nossos senhores na terra, & na que he sua viuemos: & temos nossas fazendas & nos dam leys per q̃ somos gouernados & regidos: & finalmẽte nos mantem em paz & em justiça que he parte da bem auenturança deste mundo. Polo que não somẽte os deuemos de visitar com presentes do q̃ temos, mas ter as vontades muy prõptas pera seu seruiço. E seguindo eu este custume auẽdo de visitar. V. A. como seu vassalo lhe quis fazer hũ presente: mas de q̃ se pode ele fazer a. V. A. princesa tão singular dos bẽs dalma & da fortuna sobre todas tã excelentemente dotada, q̃ cõ ho muyto q̃ lhe deles sobeja podião outras ser bẽ auẽturadas. Deyxo agora a nobreza & antiguidade de vosso esclarecido sangue de todas as partes, dos mais excelẽtes ẽperadores Dalemanha, de tãtos & tão famosos & bẽ auẽturados Reys do antigo & muyto nobre sangue dos godos, & basta ser. V. A. filha daq̃lles dous lumes do mũdo/Carlos quinto rey dos Romãos & Empador Dalemanha & rey de Castela & doutros ẽ espanha & fora della, & senhor de grãdes senhorios: cuja boa fortuna foy em tãto crecimẽto q̃ per seus capitães rompeo cõ estrago espãtoso ho cãpo de Frãcisco Rey de França, que nele estaua em pessoa com poder que parecia inuenciuel, & ho desbaratou & prẽdeo com muytos senhores de Frãça: a quem ho Turco terror do mundo entrando com seu temeroso exercito por Vngria volueo as costas & não ousou dir auante cõ medo de pelejar com sua magestade que tinha diãte: & cõ ardentissimo zelo da gloria do eterno Deos todo poderoso & da religião christaã, esquecido dos immensos trabalhos da guerra, penetrou polas frialdades grandissimas da alta Alemanha, & desbaratou aquelas duas crueis & danosas bestes, cabeças & colunas da pessima & abominauel heresia luterana ho duque de Saxonia & ho Lantgrauio: & someteo todas aquelas terras que estauão corruptas desta maluada heresia a santa Se Apostolica: & fez outras muytas & muy notaueis cousas, que deixo por não parecer que screuo historia. Ho outro lume do mundo foy sua molher a emperatriz dona Isabel vossa may, exemplo de todas as virtudes, q̃ com tanto assessego gouernou Castela, & os outros Reynos despanha: em tantos annos que. S. M. foy ausente, que nunca seus vassalos ho acharão menos, & pera que lhe não faltasse nenhũa cousa pera ser a mais bem auenturada princesa do seu tempo, casou com ho muyto alto Principe dom Johão nosso senhor herdeiro da real casa de Portugal, & de seus grandes senhorios, nacido do vosso real tronco que não tem enueja a nenhũ dos principes Cristãos assi em ser zeloso do culto diuino, piadoso pera os pobres & necessitados, manifico liberal & benigno pera todos: amigo dos caualeiros, & muy prõto ẽ ouuir suas façanhas: & muyto dado a todo estudo das boas letras, em quẽ se achão todas as boas & virtuosas inclinacões que conuem a hũ bom principe, & sobre tudo lhe deu nosso senhor hũ singular dom, que he tão sogeito a rezão que

posto que lhe pareça q̃ lhe tẽ feitos grandes erros, com lhe darem rezão fica
logo satisfeito. E pera que me detenho eu em cousas tam notorias, nem pera
que he ter isto por muyto, pois não se espera menos de. S. A. sendo filho do
muyto alto ⁊ muyto poderoso Rey dõ Johão nosso senhor, ⁊ da muyto esclare
cida Rainha nossa senhora vossos padres, que assi ho souberão criar ⁊ institu-
ir, que juntamente com a boa inclinação natural de que ho eterno Deos ho do
tou sayo tal como he. Pois considerando eu serenissima Princesa a singulari-
dade ⁊ excelencia de vossa real pessoa ⁊ vossa manificencia, não achey de que
lhe fizesse melhor presente que de cousas que sam de muyto mor preço que ou
ro, nem prata, nem outras riquezas. Estes são os milagrosos feitos ẽ armas
que os Portugeses cujos descendentes hão de ser vossos vassalos fizerão no
descobrimento ⁊ conquista da India: porque de que tem os Principes ⁊ se-
nhores mais necessidade que de bõs vassalos, que os fazem ser amados de se
us naturais ⁊ temidos de seus imigos, que lhes segurão seus Reynos, ⁊ acre
centão outros a seus senhorios, com que os fazem ricos, ⁊ estendem por toda
a terra seu nome com muyto grande louuor ⁊ fama. E bem sentia isto aquele
grande Rey Dario quando disse que queria tantos Zopiros como erão os
grãos da romaã, por ser Zopiro tam esforçado ⁊ prudente na guerra que lhe
conquistou Babilonia, ⁊ assi fizerão outros muytos ⁊ bõs vassalos muy gran
des ⁊ assinados seruiços a seus senhores, como as historias antigas ⁊ moder
nas dão testemunho: que cotejados cõ os que fizerão os Portugueses ficão
muyto abaixo deles, pois os das outras naçoẽs acabarão, ⁊ os seus sempre
permaneçem: os Assirios, os Medos, os Persas, cujas monarchias forão
de tantos Reynos, de cidades tam notaueis, de gente sem conto / emnobreci-
das com tam grossas riquezas, fortificadas com tão medonhos ⁊ espãtosos ex
ercitos que cobrião a terra ⁊ secauão os rios, todos acabarão ⁊ se desfizerão
em pouco tempo: ⁊ estes Reynos no mundo tam celebrados ficarão sugeitos
a outros. A monarchia dos Gregos ⁊ dos Romãos que forão muyto mayo-
res que estoutras, ⁊ q̃ pareceo que auião de someter todo mundo a seu imperio
quasi que não durarão nada pera ho começo que leuauão: ⁊ assi outras muy-
tas de barbaros, gregos, ⁊ latinos, que se apagarão: de maneira q̃ não ha ne-
nhũa memoria delas. O que tudo foy por culpa dos vassalos destes monar-
cas, que ou por treiçoẽs ou por outras maldades forão causa de se apagarem
⁊ desfazerem. O que não se pode dizer dos Portugueses, que criãdo este Rey
no de Portugal de tam pouca cousa como começou, seruindo a seus Reys cõ
esforço ⁊ lealdade sobre as outras naçoẽs, não somente ho engrossarã em Es-
panha, nem se contentarão de ho estender por Africa: mas abrindo nouos mares
⁊ descobrindo nouos mundos, dobrando aquele espantoso cabo de boa esperan-
ça, estenderão ho senhorio de Portugal ⁊ ho fizeram conheçer em Ethiopia,
Arabia Persia, ⁊ nas Indias. E não descansando ainda aqui seus brauos cora-
çóes / ho leuarão ate a riquissima China pela banda do norte: ⁊ ate as odoriferas
ilhas de Maluco pela bãda do sul: cousa nunca cuidada em nenhũ tempo, nem q̃
entrasse em pensamẽto humano pera se fazer. ⁊ forão de geração em geração tam
leais todos, que sem temor de immẽsos trabalhos, sem receo de medonhos pe-
rigos sostiuerão ho senhorio de Portugal nestas partes, arreigando ho de cada
vez mais. Em tãto q̃ parece que a terra, ho mar, ⁊ a gente se cõuidão pera ho rece
ber. Rezão tenho logo serenisima ⁊ excelẽtisima princesa de fazer a. V. A. presen
te das cousas de mayor preço que se achão nestes reynos, q̃ sam os milagrosos
feitos em armas q̃ fizerão os Portugueses no descobrimento ⁊ conquista da In-
dia, para que saiba. V. A. que sam os melhores vassalos q̃ podẽ ser: ⁊ como a tais
os trate, fauoreça, empare ⁊ ajude.

Tauoada do quinto liuro.

Fim da Tauoada.

Ad inuictissimum Lusitaniæ, & Algarbiorum Regẽ. Ioanem. III. &c. Ferdinandus Coronellus de historia Indica nunc recens edita.

IOannes, quem Turca timet, quem Maurus adorat,
Quemq; pharetratæ Persidis ora tremit.
Cui Parthus, cui cedit Arabs, cui punica tellus
Seruit, & occiduo terra fretumq; solo.
Inclyta perpetuis cur non tua gloria fastis
Crescet, & ætherei surget ad astra poli?
Cum tua lysiades acri gens aspera bello
Ausa sit ignotam fluctibus ire viam.
Perq; procellosum numerosis classibus æquor
Cogat in assueto barbara regna iugo:
Qua vagus Euphrates, quà deuius exit Orontes,
Quaq; fluit gelidis barbarus ister aquis.
Iamq; pererrato superest nil deniq; mundo,
Per freta longa tuus nauita vicit iter.
Quaq; patet domitis tua magna potentia terris,
Intemerata dei crescit vbiq; fides.
Rex igitur merito tibi quis celeberrime regũ
Non grates imo pectore semper agat?
Cum tua stent adeo sacris onerata trophæis
Limina, sint armis tot freta victa tuis.
Maximæ rex regum tituli, insignibus ambit
Quem decor, & tantis ornat imaginibus.
Viue diu patriæ, nec te plaga lucida cæli
Auferat è nostro ciuibus orbe tuis.
Candidus astra petes sero, cum nulla super sint
In terris hominum quæ dare iura queas.
Tunc iam lysiadasq; tuos, gentemq; beatam
Aspicies superos promeruisse Deos.
Qui bene pro patria quondã cecidere sub armis,
Qui bene pro Christi relligione iacent
Felices animas, iam nunc super æthera raptos,
Non vos indecores desinet ulla dies.
Non vos liuor edax, non vos longæua uetustas

Arguet in patrio non cecidisse solo.
Dum Phœbus superos pulcherrimus ambiet orbes,
Dum Thagus auriferas in mare vertet aquas.
Vix vnquam virtus sine nomine vestra iacebit,
Non erit in cineres fama sepulta suos.
Nam casus rerum varios durosq; labores
Castanheda sacro proferet ore potens.
Vincet & eternis inimica silentia libris,
Tollet & obscuro nomina vestra situ.
Ille quidem patriæ facta immortalia nunquam
Defraudata suis laudibus esse sinet.
Quæ tibi tot victis rex inuictißime terris.
Gratatur forti parta trophæa manu.

Eiusdem in authorem epigramma.

Liuius historiæ quondam celeberrimus author
Duxit ab æterna posteritate decus.
Dum scribit latium, commißaq; prælia, nec non
Mißa sub hesperium Punica regna iugū.
Tu quoq; lusiadum scriptor facunde tuorum,
Immortale tuū nomen ad astra feres.
Nam licet exiguæ laudis res ipse referres
Te tamen at fandi copia proueheret
At cum facta tuis scriptis ingentia narres,
Eueniet merito gloria summa tibi.

Amici cuiusdā Castanhedæ ad ipsum.

Iam uarijs exculta modis facundia tantū
Dicendi est lumen, copia, visq; tibi.
Vt licet exiguam rem scribas, arte magistra
AEternæ facias posteritatis opus.
At modo quam scribis tanta est, vt vel sine docto.
Artifice, haud vnquam thura timere queat
Ergo scriptori cum res amplißima par sit
Quod scribetur opus die fore qualle putas.

Ho quarto liuro da hiſtoria do

deſcobrimento ⁊ conquiſta da India pelos Portugueſes: no tempo que a gouernou Lopo Soarez/ do conſelho del rey dom Manoel de glorioſa memoria: ⁊ capitão dos ginetes do Principe.

Feyto por Fernão Lopez de Caſtanheda.

¶ Capitulo primeyro. De como foy reformada a paz com a Raynha de Coulão.

Deſpois q̃ ho gouernador foy ẽ Cochim como diſſe no liuro terceiro: entendeo logo na carrega da pimenta q̃ auia de mãdar pera Portugal. E como parte dela ſe auia de fazer em Coulão que algũ tanto eſtaua aleuantado, como diſſe no liuro ſegundo: mandou ho gouernador lá certas naos pera que carregaſſem. E foy por eſcriuão dſta carrega hũ João aluarez de caminha. E iuntamente mandou ho gouernador quem reformaſſe a paz com el rey de Coulão: mas a quẽ ſe deu eſte cargo não lhe ſoube ho nome: E quẽ quer que foy aſſentou a paz com hũa irmaã del rey de Coulão que ſe chamaua raynha: por ter algũa parte na cidade ⁊ aſſi em ſua comarca: ⁊ gouernaua aquella terra por el rey q̃ ho mais do tẽpo eſtaa no ſertão como diſſe. E os capitulos das pazes forã eſtes, que a raynha mandaſſe fazer aa ſua cuſta a igreja do orago do apſto ſam Thome que os mouros queimarão ⁊ derribarão quando matarão ho feytor Antonio de Sá: como diſſe no liuro ſegundo: ⁊ que lhe foſſem tornadas as rendas que tinha aſſi de terras como de dereitos que lhe pagauão. E aſſi pagaſſe a raynha pola fazenda del rey de Portugal que fora tomada a Antonio de Sá quinhentos báres de pimenta: que polo noſſo peſo ſam dous mil quintaes: ⁊ que auia de dar carrega de pimenta ás naos que hi foſſem carregar, polo preço de Cochim. E q̃ el rey de Portugal mandaria ter em Coulão mercadorias que a gente da terra compraſſe. E a tudo iſto ſe obrigou per hũa eſcriptura a raynha, ⁊ aſſi os regedores ⁊ pulás: q̃ ſam os fidalgos/ de ho comprirem ⁊ goardarẽ. E iſto fizerão por lhes ſer muyto neceſſaria eſta paz pera conſeruação da terra. E logo começarão de pagar os dous mil quĩtaes: ⁊ foy dada carrega aas naos que deſpois de carregadas ſe tornarão a Cochim: donde partirão cõ as outras pera Portugal.

¶ Capit. ij. De como os mouros de Baticalá ſe leuantarão: ⁊ matarão .xxiiij. Portugueſes.

VEndo os mouros da India que era falecido Afõſo dalbuqrque a q̃ auião medo como a meſma mor

te:⁊ que auia outro gouernador de que não tinhão experiencia: determinarão desprementar que tal era: ⁊ assi como vissem que fazia, assi ho temerião, ou não terião em conta. E os que logo começarão de fazer esta experiencia forão os de Baticalá: em cujo porto estaua Simão dãdrade cõ hũa nao d que era capitão carregando pera Ormuz: ⁊ andando algũa gente desta nao em terra trauarão os mouros com eles brigas, em que forão mortos .xxiiij. Portugueses, ⁊ os outros escaparão no batel. E não podendo Simão Dandrade castigar aqle insulto ho mandou dizer ao gouernador ⁊ partiose pera Ormuz.

¶ Capit. iij. De como ho gouernador visitou as fortalezas da costa da India: ⁊ do mais que fez.

Partidas pera Portugal as naos da carga, despachou ho gouernador pera Malaca a hũ fidalgo chamado Jorge d brito que era copeiro mor del rey de Portugal, q̃ hia prouido da capitania da fortaleza, ⁊ partio em hũa nao, ⁊ foy em sua cõserua em outra Antonio pacheco que leuaua a capitania mór do mar: ⁊ ambos chegarão a Malaca a saluamẽto, ⁊ forão entregues de seus carregos. E partidos estes capitães partiose ho gouernador a visitar as fortalezas da costa, que atelli não fizera por amor da carregação das naos. E a primeira q̃ visitou foy a de Calicu. Cujo rey estaua muyto agastado pola morte d Afonso dalbuquerque: ⁊ por ser antes de auer reposta da embaixada q̃ mandara a el rey dõ Manuel: ⁊ mays por ho gouernador não querer que mandasse certas naos com pimenta a Adem, que lhe Afonso dalbuquerque tinha concedido q̃ mandasse, porq̃ era de fora do contrato que ambos fezerão sobre as pazes, não ho queria ho gouernador consentir. E sobre isto se quis ver cõ el rey: ⁊ sobre a maneira de que auia d ser a vista ouue grãdes altercações porque ho gouernador queria q̃ lhe fosse el rey falar á fortaleza, ⁊ el rey queria que se vissem no çarame: ⁊ cada hũ se injuriaua de yr onde ho outro estaua: ⁊ sobr isto se gastarão doze dias: ⁊ ho gouernador quisera quebrar a paz ⁊ recolher a gente da fortaleza se lho não cõtrariarão os capitães ⁊ fidalgos. E por fim d tudo virãose antre a fortaleza ⁊ a cidade, não leuãdo cada hũ mais d tres homẽs. E com tudo não tomarão cõcrusam se mãdaria el rey as naos ou não: ⁊ com tudo mandou as despois. E se ele não desejara muyto d cõseruar a paz que tinha, ela ficaua quebrada. E daqui se foy ho gouernador a Cananor, ⁊ dahi a Goa: ⁊ foy surgir no porto de Baticalá: ⁊ sabendoho ho seu rey cuydou q̃ ho hia destruyr por amor dos Portugueses que hi matarão os mouros: ⁊ por isso quis temporizar code, ⁊ mandoulhe muyto refresco, ⁊ tres mouros velhos: dizendo que lhos mãdaua pera fazer deles o q̃ quisesse por quanto aqueles forão causa do arroido em que matarão os .xxiiij.

Portugueses. E coeste comprimẽto se ouue ho gouernador por satisfeyto, ⁊ se partio pera Goa: o q̃ deu grande ousadia aos mouros pera lhe perderem ho medo. E dali por diante ouue ladrões pela costa que roubauão os amigos dos Portugueses, ⁊ a elles mesmos se os achauão desapcibidos. E ido ho gouernador por sua viagem, lhe deu hum temporal com que se acolheo a Anjadiua: donde mandou dõ Aleixo d̃ meneses a Ormuz por capitão mór de sete naos carregadas d̃ mercadoria pera a feytoria, ⁊ mandoulhe q̃ soubesse se auia noua darmada de rumes no estreito pera os ir buscar: ⁊ elle foyse a Goa, cujos moradores, principalmente os casados sabendo que leuaua por regimento q̃ a derribasse se achasse q̃ não era necessaria, lhe derão por apõtamẽtos quanto rendia a alfandega, ⁊ quãto rendião as tanadarias dos passos, ⁊ os dereytos dos caualos Dormuz, ⁊ assi as ilhas comarcãs. E co isto muy viuas rezões, de quão importante era pera se soster na India ho estado del rey de Portugal, ⁊ offerecendose por cima de tudo a defẽdela ⁊ sostentala á sua custa com lhe el rey somente dar artelharia: ⁊ por amor disto não quis o gouernador poer em conselho se era bẽ derribarse Goa, ⁊ deixou ha estar, ⁊ tornouse a Cochim, onde auia dinuernar.

Capit. iiij. De como Fernão perez dandrade partio de Malaca pera a China, ⁊ de como arribou com tempo.

E De Cochim espedio logo hũa carauela pera Moçambique cõ recado aos capitães das naos de Portugal que hi fossem ter ho ãno seguinte, q̃ se fossem ajuntar coele em Judá ate õde esperaua de ir buscar os rumes, pera que ho ajudassem se ouuesse de pelejar, porq̃ a gente que tinha era pouca. E partida esta carauela, despachou ho gouernador a Fernão perez dandrade pera ir a Bẽgala ⁊ á China: ⁊ ouue antreles desgosto muyto grande, porq̃ não leuãdo Fernão perez de Portugal embaixador dirigido pera elrey da China se não quẽ elle quisesse: deu o gouernador este officio a hũ Thome pirez que fora boticairo do principe dom Afonso, ⁊ deulhe ho gouernador este cargo por ser homem discreto ⁊ curioso, ⁊ pera conhecer muytas drogas q̃ lhe dizião q̃ auia na China, ⁊ com Fernão perez foy hũ Antonio lobo falcão por capitão dũ nauio. E nauegãdo por sua viagẽ foy ter a Pacẽ na ilha de çamatra, onde auia de carregar de pimenta pera a China, por ser lá de muyto preço. E pera fazer esta carrega estaua já em Pacẽ Joãnes impolim que fora cõ Antonio Pacheco na conserua de Jorge de brito: ⁊ hia fazer esta carrega a Pacẽ por valer lá a pimenta mais barata que em Cochim. E chegado Fernão perez a Pacẽ, achou q̃ tẽdo Joãnes a nao carregada lhe ardera. E vendo Fernão perez q̃ não tinha carrega pera ir á China, ⁊ q̃ não podia carregar outra vez por se lhe gastar a

mouçāo determinou de ir a Bengala, ⁊ primeyro mādou por Joānes a el rey de Pacē hūa carta del rey dō Manuel em reposta doutra sua damizidade, rogādo lhe q̄ quisesse consentir sua feytoria ē Pacē, q̄ lhe era necessaria pera ho trato da China: ⁊ tambē lhe mādou hū presente. E sabēdo el rey como lhe leuaua Joānes a carta ⁊ ho presēte, mādou ho receber polos principaes d̄ sua corte todos em cima dalifantes cō grande magestade, ⁊ per sua pessoa ho recebeo muyto bē, ⁊ se mostrou muyto contente cō a amizade del rey de Portugal, ⁊ d̄ querer ter feytoria ē sua cidade, pera o q̄ deu consentimēto per hūa escriptura assinada por ele ⁊ por algūs senhores principaes do reyno. Isto feyto, determinādo Fernāo perez de ir a Bēgala foy primeyro a Malaca pera hi tomar a nao espera, q̄ era da ordenança da sua capitania: ⁊ chegado lá nāo achou a nao q̄ era darmada: E Jorge de brito capitāo de Malaca quādo soube q̄ ele hia pera a China ⁊ queria ir a Bengala, lhe req̄reo muy estreitamēte q̄ em todo caso fosse á China por se presumir q̄ estaua lá preso Rafael perestrelo cō os outros q̄ forāo no jungo, como disse no liuro terceyro: ⁊ posto q̄ lhe falecesse a nao espera, lhe daria a nao santa Barbora. E cō quanto Fernāo perez se quisera escusar de ir por ser gastada parte da mouçāo nāo pode, ⁊ partio e leuando a carrega de Malaca, ⁊ forāo ē sua cōserua Manuel falcāo ⁊ Antonio lobo falcāo ē dous nauios, ⁊ hū Duarte coelho ē hū jungo: ⁊ partio d̄ Malaca a .xv. dagosto de mil ⁊ quinhentos ⁊ dezaseys, ⁊ meado Setembro chegou junto da enseada de Caucōchina: ⁊ foy de noyte com os outros capitāes dar cō terra, onde milagrosamēte os saluou nosso senhor q̄ se ouuerāo de perder ē hūs baixos. E por lhe ser ja ho vento por dauante pairarāo aqui doze dias. E vēdo que era por demais por ser a mouçāo gastada, arribarāo a Malaca, ⁊ Duarte coelho pedio licença a Fernāo perez pera ir inuernar a Siāo / que conhecia ho rey de quando lá fora cō Antonio de miranda ⁊ sabia que auia de fazer proueito. E tornado Fernāo perez a Malaca achou Rafael perestrelo que era chegado da China cō tamanho ganho no emprego q̄ leuou q̄ fez d̄ hū vinte ⁊ certificou que os Chis queriāo paz ⁊ amizade com os Portugueses, ⁊ q̄ era muyto boa gente.

¶ Capit. v. Do q̄ acōteceo a Anrrique leme em Pegú.

Despois da partida d̄ Fernāo perez pa Malaca q̄ quisera ir a Bengala, vendo Joānes q̄ nāo tornaua foy se a Malaca na nao que hi ficaua carregando, cō tençāo de fazer lá a mesma feytoria que ouuera de fazer em Pacē. E ho capitāo de Malaca, chegado elle lá / deu por rogo de Jorge dalbuquerque que ainda estaua em Malaca a capitania da nao a hū Anrrique leme pera que fosse a Martabāo porto de Pegú com fazenda del rey / ⁊ deulhe sessenta Portugueses pera irem

coele, τ ido tomou no caminho hũ jungo de mouros mercadores de Pegú, τ leuouho consigo pera ho mandar a Malaca carregado darroz, τ não podendo tomar Martabão arribou á boca do rio onde está Pegú, nouenta legoas por ele acima á borda dagoa: τ a dezoito está hũa cidade chamada Cosmi que he ho porto de Pegú: onde por cõsentimẽto do gouernador da terra foy leuada a fazẽda que hia na nao com hũ feitor, τ algũs dos nossos pera estarẽ coele ate se acabar de vender τ Anriqueleme ficou na nao a boca do rio, τ com ho jungo em sua cõpanhia, τ começandose a nao de carregar souberão os senhores do jũgo que os nossos tomarão que estaua na barra carregãdose darroz, τ escãdalizados disto se forão queixar a el rey de pegú cõ grandes brados dizendo que os nossos sem nenhũ temor trazião ho seu jungo quelhe tomarão sem nenhũa rezão pois tinhão paz coeles, pedindolhe q̃ lhes fizesse justiça, τ os matasse a todos pois erão ladrões que se ho não forão, não tomarão ho jungo, nẽ lho trouuerão diante dos olhos, τ ouuido isto por el rey, porque queria ter contẽtes os mercadores de que lhe vinha muyto proueito mandou logo recado ao regedor de Cosmi que mandasse tomar todos os nossos que estauão na feytoria/ τ quãdo não que os matassem. E ho regedor os quisera auer por maña, mas não pode porque ho feytor se goardaua, que foy logo auisado per mercadores gentios do que el rey mãdaua. E vendo os mouros senhores do jungo que estauão em Cosmim/ que se não podia ho feytor nẽ os nossos auer por manha, ajuntaranse com outros muytos, τ assi algũs gentios, τ derão na feytoria com grande impeto, em que aueria quatro dos nossos com ho feytor τ oyto Jaos escrauos del rey de Portugal que logo acodirão á porta da feytoria com espingardas/ béstas τ lanças defendendose tão valentemente, que não somente tolherão aos immigos que entrassem mas ainda matarão algũs: o que visto polos mouros poserão fogo á feytoria que logo começou darder por serem as casas cubertas de palha. E vendo ho feytor ho fogo, τ que não tinha remedio sayose por detras das casas em que batia ho rio, onde se meterão ate a cinta/ que logo os immigos acodirão sobreles com grandes gritas τ frechadas sem conto/ τ pedradas. E era cousa despanto/ τ milagre euidẽte como se defendião todos doze sem os immigos lhes poderẽ empecer em espaço de quatro oras que durou esta briga. E no cabo chegou ho batel da nossa nao onde se recolherão τ se forão á nao que estaua no rio. E logo ao outro dia aparecerão por ele abaixo obra de q̃trocentos paraós cheos de gente armada τ com muytas jangadas de rama seca, pera que se não podessem tomar a nao a queymassem coelas. E vẽdo os Anrriqueleme, τ conhecendo ao que vinhão deixou ho jũgo despejando a gente dele na nao/ τ em hũa champana com que se carregaua, em que mandou logo apõ-

tar toda sua artelharia: τ em os paraós chegando perto a mãdou desparar neles. E os immigos como erão muytos não deixarão de a cõbater/ tirando multidão de frechadas, cercando a não de todalas partes. E passando hũ pedaço que a artelharia começou de jugar atroouse toda a nao cõ a furia dos tiros/ τ por ser podre τ passada do bicho começa de cuspir ho breu por onde era furada, τ ficauão os buraquinhos descubertos: τ sendo muytos, entroulhe tanta soma dagoa que nem com bombas, nem cõ baldes se não podia esgotar, o que deu assaz de trabalho aos nossos, porq̃ se trabalhauão em esgotar a nao/ falecião pera se defender dos immigos que os combatião continuamente sem descançar/ que ho podião fazer por serem tantos como disse: τ se se querião defender deles entrauaos a agoa de modo que os metia no fundo: assi que não sabião a qual acodissem, τ tres dias continos teuerão este trabalho/ que tãto durou a peleja sem nunca terem nenhũ repouso, porque comião pelejando: τ toda a noyte vigiauão com medo que lhe não queimassem os immigos a nao. E cõ trabalho tão immenso aprouue a nosso señor de os tirar do rio/ leuando os ho batel á toa, τ assi hũ calaluz de Malaca, τ a champana. E vendo os immigos que os seguião que sayão pela barra tornaranse, sendo hũa hora ante do sol posto. E os nossos ficarão tão cansados τ tão rouquos do muyto bradar que não podião falar nem deitauão mais que vẽto: τ tudo isto se fez sem nenhũ ser morto nem ferido, τ dos immigos muytos, τ muytos paraos arrõbados, τ outros metidos no fundo. E tudo isto erão milagres de nosso Deos todo poderoso. E vendo ho capitão que a nao se não podia soster pola muyta agoa que fazia/ repartio a gente dela τ artelharia, τ mantimentos na champana, calaluz τ batel que leuou a este fim: τ ainda a gente não era toda acolhida quãdo a nao se foy ao fundo τ ficou a gauea por cobrir/ τ dali seguio sua rota pera çamatra, τ no caminho se perderão ho batel τ ho calaluz com hũ temporal, τ morrerão neles vintoyto dos nossos τ vinte Jaos. E ho capitão com os outros τ algũs mercadores de Cosmi que se forão coele pera viuerem em Malaca foy ter ao porto de Pédir em çamatra, τ hi os recolheo ho rey τ os teue cõ muyto gasalhado tres meses/ ate Fernão perez tornar a Pacẽ/ onde tornou despois darribar da viagẽ da China, como direy a diante.

Capitolo vj. De como dom Aleixo de meneses chegou a Ormuz τ prendeo Simão dandrade.

Partido dom Aleixo de meneses pera Ormuz com as naos de sua conserua chegou coelas a saluamẽto/ τ mandou entregar a fazenda delas na feytoria. O que fauoreceo muyto os nossos que lá estauão por estarem muyto tristes pola noua da morte Dafonso dal-

buquerque que ja sabião, ⁊ temião
que os mouros se aleuantassem. E
estando dom Aleixo em Ormuz da
ua mesa aos que querião ir comer
coele, que erão muytos: ⁊ hũ dia es-
tãdo comẽdo ẽtrou hũ fidalgo cha-
mado Martim afonso de melo ain-
da moço / ⁊ deu hũa grande cutila-
da polo rosto a outro chamado
Francisco degá que comia á mesa
de dom Aleixo. E segundo se despo
is soube, foy a causa de lha dar ter
lhe dado Francisco de Sá hũa bo-
fetada quando hião pera Ormuz,
onde Martim afonso se aqueixou
disso a Simão dandrade que ja lá
estaua, ⁊ a outros seus parentes q̃
lhe aconselharão que se vingasse on
de podesse, ⁊ ele não achou outro
melhor lugar que aquele: ⁊ assi co-
mo lhe deu á cutilada se acolheo / ⁊
dom Aleixo com quantos estauão
á mesa foy apos ele ate a pousada
de Simão dandrade onde se meteo,
⁊ dali foy logo passado por detras
aos paços del rey, donde foy posto
em saluo / ⁊ por isso ho não pode dõ
Aleixo prẽder. E sabẽdo como quã
do fora a dar a cutilada sayra da
pousada de Simão dãdrade, aquei
xouse muyto coele polo consentir.
E ele disse que Martim afonso fize
ra muyto bẽ de se vingar / ⁊ ele em
lhe dar ajuda pa isso, ⁊ assi outras
palauras: pelo que dom Aleixo ho
prendeo sem lhe querer goardar hũ
aluara do gouernador em que ho
isentaua de dõ Aleixo: ⁊ por mais
requerimentos que lhe fez Simão
dandrade lho não quis goardar, ⁊
tomoulhe a capitania da nao ⁊ deu
ha a Frãcisco pereyra de berredo.
E em quanto esteue em Ormuz ho
teue preso na sua nao: ⁊ assi ho leuou
ate a India, õde ho gouernador ou
ue por bẽ feito o q̃ fizera dõ Aleixo.

¶ Capit. vij. Da segunda armada que fez ho Soldão pera mãdar á India cõtra os nossos: ⁊ a causa porque lá não foy.

O liuro segundo foy
dito ho desbarato da
armada do Soldão /
de que Mirocem foy
por capitão mór á In
dia / ⁊ como ele se foy despois da
India. E como ho Soldão tinha
grande desejo de lançar os nossos
fora da India / ⁊ assi ho tinha de-
terminado / não desistio de sua de-
terminação, ⁊ começou logo de
mãdar armar outra frota mayor
que a primeyra / que foy armada
em quatro annos: ⁊ posta no mar
⁊ aparelhada pera nauegar se affir
ma que custou oytocentos mil crũ
zados. E erão estas velas seys ga-
lés reaes cada hũa de vinte sete bã
cos de tres remos em banco / ⁊ no
ue sotis cada hũa de vinte cinco de
tres remos em banco, ⁊ doze fus-
tas / hũas de vinte sete bancos ou
tras de vinte cada hũa de dous re
mos em banco: ⁊ fez pera esta fro-
ta seys mil homẽs de peleja em q̃
entrauão setecentos Mamelucos
⁊ trezentos Turcos / ⁊ mil mou-
ros mogaueres de Tunez ⁊ d Gra
da que falauão espanhol, de que os
quinhentos erão espingardeiros /
⁊ os cento bombardeiros, de que
os vinte erão mestres dartelharia

& darteficios de fogo, & os outros se chamauão seruidores, & dous mil frecheiros & outros tantos de lanças & espadas. E destes os quinhentos armados de sayas de malha, & dez darmas brancas & cinco de coyraças: & antre toda esta gente auia cincoenta Christãos. A artelharia desta frota forão cento & dez tiros grossos de metal, basaliscos, cães/ pedreiros & outros. E trezentos & vinte cinco berços de metal/ & muyta poluora/ & grande quantidade de pelouros de toda sorte. Armada esta frota deu ho Soldão a capitania mór a hũ Turco chamado çalmão rex que fugira ao Turco cõ sete galés de que andaua por capitão, & lhas fora vender & assentara coele viuẽda. E ja antes disto em tempo q̃ Afonso dalbuquerque gouernaua a India / sabendo çalmão rex que ho Soldão queria mandar esta frota á India foy lá primeyro por seu mandado pera ver a nossa armada/ & hũ nosso calafate ho conheceo que ho vio em Chaul/ & ho disse a Afonso dalbuquerque. E tornado ele da India/ disse ao Soldão que facilmẽte esperaua de desbaratar a nossa frota / porque era de nauios dalto bordo, que não podião nauegar sem vento/ & a sua era de galés, que posto que não ouuesse vento andauão a remos: & como tomasse os nossos em calmaria os auia de meter no fundo. E esta foy a causa porque lhe ho Soldão deu a capitania mór da armada que digo, & mandoulhe que fosse pola cidade de Iudá & se ajũtasse com Mirocem que hi estaua & faria o que lhe mostrasse per hũ regimento que lhe tinha mandado. E partio de çuez no começo Doutubro de mil & quinhẽtos & quinze, & no caminho se lhe perdeo hũa das galés com cento & cincoenta homẽs: & chegou a Iudá a quatro de Nouembro / & a dezanoue partio dali com Mirocem que tinha duas naos que leuara de Diu que fez como as nossas, & hũ galeão & dali forão ter a Camarão/ õde lhe Mirocem mostrou como ho Soldão mandaua que fizessem ali ambos hũa fortaleza, em que Mirocem ficaria com quinhentos Mamelucos. E passados oyto meses que a fazião, escreueo Mirocem hũa carta dameaço ao rey Dadẽ por estar escandalizado dele de sem rezões que lhe fizera quando passara desbaratado da India. E por amor desta carta mandou el rey Dadem que não vendessem mantimentos aos de Mirocem, que por essa causa concertou com çalmão rex q̃ fizessem guerra a el rey Dadem/ & Mirocem lha foy fazer com dous mil homens / & prometeo cem cruzados a cada hũ se tomassem hũa cidade chamada Zebit sobre que foy que está sete legoas pelo sertão. E com a esperãça da promessa a tomarão / & na peleja matarão hũ filho dõl rey Dadem. E tomada a cidade apertarão os soldados com Mirocem q̃ lhes comprisse sua promessa dos cem cruzados. Do que se ele escusaua, dizendo que lhos não podia dar pois roubarão quanto auia

na cidade. O q̃ lhe eles nã quiserão leuar em conta ⁊ quiserãno matar se ele não pedira espaço pera mandar pedir dinheiro a çalmão rex/ que sabendo o que passaua/ porq̃ não tinha dinheiro mandou dizer aos soldados que ele ficaua por fiador do dinheiro que esperassem, ⁊ a Mirocem que fugisse: pera o que ele buscou maneyra ⁊ fugio ⁊ foyse pera çalmão rex, que despois q̃ ho teue mandou recado aos soldados q̃ se fossem embarcar/ ⁊ q̃ lhes pagaria: ⁊ que não esperassem por Mirocẽ que era morto. E eles não quiserão sem lhes pagar primeyro. E determinando çalmão rex com Mirocem de ir sobre Adem/ posto que tinha pouca gente mandou rogar aos soldados, que pois ho não querião ajudar que deitassem fama que ficauão em Zebit pera irẽ por terra a Adem õde ele hia, ⁊ eles ho fizerão assi/ ⁊ Salmão ⁊ Mirocem forão sobre Adẽ/ a que derão combate/ ⁊ tomarão hũ baluarte, ⁊ derribarão hũ lāço de muro: mas não a poderão tomar, ⁊ por não terem gente não quiserão passar á India ⁊ tornarãse a Camarão. E isto tudo soube dom Aleixo em Ormuz, q̃ vindo ho tempo de sua partida se partio pera a India.

¶ Capit. viij. Do que passou Fernão caldeira com dom Goterre, ⁊ de como foy morto na terra firme.

Quãdo ho gouernador hia de Portugal pera a India, que chegou a Moçambique: hia na nao de dom Goterre hũ Fernão caldeira que fora page Dafonso dalbuquerque, q̃ por mexericos fora preso a Portugal, onde despois de se liurar lhe fez el rey merce, ⁊ lhe deu licẽça pera se tornar á India, ⁊ foy na nao de dom Goterre que hia por capitão de Goa/ onde ele tinha sua molher ⁊ casa/ ⁊ por auer hũa deferença em Moçambique cõ dõ Goterre não quis ir mais coele, ⁊ tomou secretamente hũ nauio, ⁊ foyse com outros caminho da India/ onde cuydou dachar Afonso dalbuquerque que lhe valeria. E como soube que estaua em Ormuz, ⁊ por amor da fortaleza que fazia não auia de tornar se não tarde/ desesperou de se poder saluar de dom Goterre que auia de ser capitão de Goa onde auia de morar/ ⁊ por isto determinou de se acolher á terra firme pera Ancoscão capitão de Pondá, ⁊ leuou muyta fazenda com que tratasse: ⁊ despois de ser lá tomou Ancoscão coele tamanha amizade que não se apartaua nunca dele ⁊ daualhe todos os proueitos que podia, de modo que se fez muyto rico. E determinando dom Goterre de ho matar polo de Moçambique, despois que foy em Goa trabalhou por isso, mãdando algũs que ho matassem/ principalmente hum João gomez escriuão da feytoria de Goa, homẽ esforçado que fez que hia agrauado de dõ Goterre, ⁊ q̃ fugia pera os mouros: ⁊ por ser Christão ho agasalhou Fernão caldeyra, ⁊ dauálhe dos seus caualos em que andasse: ⁊ fazia com Ancoscão que lhe

fizesse honrra. E não desistindo cõ tudo isto João gomez de ho matar esperou tempo pera isso, ate que hũ dia saiy o Ancoscão a folgar pola terra a cavalo, & sendo hũa legoa do passo de Benestarim, adiantou-se João gomez com Fernão caldeyra & matou ho á treição com hũa lança a vista Dancoscão, que avẽdo disso muyto grande menencoria mandou apos João gomez que se acolhia a Benastarim, & foy tomado & trazido diãte Dancoscão, que por sua mão lhe cortou a cabeça. O que sabido por dom Goterre, ficou muyto mal com Ancoscão com que dantes estava bẽ, & determinou de se vingar dele.

¶ Cap. ix. De como forão mortos quatro dos nossos no sertão de Cochim.

Invernando ho governador em Cochĩ, hũ fidalgo chamado Gaspar da silua foy folgar á terra firme & levou em sua companhia seu irmão Christovão de sousa, Jorge de brito, Lopo de brito, Aires da silua, Pero ferreyra & Antonio ferreyra. E andãdo á caça de pavões como a gente da terra lhes queria mal saltou coeles hũ caimal bem acompanhado de Naires, dizendo q̃ matavão os pavões que erão dos seus pagodes. E posto que os Portugueses se desculpavão q̃ ho não sabião, não lhes valeo, & ho Caymal os quisera matar todos, & fizerão os recolher aos tones cõ muyta afronta, ficando mortos quatro criados destes fidalgos, que forão presos em chegando a Cochim per mandado do governador, porque forão sem sua licença. E neste inverno faleceo Diogo mendez de vascõcelos capitão de Cochim antes de ter acabado ho tempo de sua capitania. E por ho governador ter por elrey de Portugal estas vagantes, deu esta ao feytor Lourenço moreno de que era grande amigo: do q̃ se Aires da silua aqueixou ao governador por entrar na vagante de Diogo mendez, & por lhe não desfazer seu queixume com lhe dar a capitania ficarão de quebra. E passado ho inverno chegou dom Aleixo de meneses a Cochim, & contou ao governador o que soubera da armada do Soldão.

¶ Capit. x. De como ho governador partio pera ho estreito a buscar a armada do soldão.

Com a nova que dom Aleixo deu ao governador da armada do Soldão, determinou ele de a ir buscar ao estreito como tinha em seu regimẽto. E como ja começava de deitar ao mar a armada q̃ tinha varada, assi como as velas erã aparelhadas assi as mãdava caminho d Goa, õde se avia dajũtar a frota q̃ avia d levar. E ele se partio apos elas por derradeiro, & d caminho foy visitãdo as fortalezas & provẽdo as do necessario. E por quãto ele determinava d fazer hũa fortaleza ẽ Coulão pa ter segura a feitoria q̃ lá ouvesse dstar.

E pa este negocio era necessario hũ homem de siso, escolheo pera isso hũ caualeyro de Coimbra chamado Eytor rodriguez/em que tinha muyta confiança, que estaua prouido da feytoria de Cananor/ ꝛ por saber que ele melhor que outro saberia assentar a terra de Coulão ꝛ tratar a gente dela, ouue por mais seruiço del rey mandalo lá por feytor que estar em Cananor. E assi lho disse, ꝛ ele ho aceitou por seruir el rey, que era seu criado ꝛ caualeyro de sua casa. E dandolhe ho gouernador ho regimento do que auia de fazer ho despachou de Cananor a seys de Janeyro pera Cochim dõde se partio pera Coulão. E ele partido, se partio tambem ho gouernador: ꝛ chegado a Goa achou muytos mantimentos/muyta poluora ꝛ muytas munições que lhe dom Goterre tinha prestes. E fazendo aqui alardo da gente ꝛ dos nauios da frota achou menos Jeronimo de sousa hũ fidalgo capitão dũ nauio. E assentando que era fugido, ꝛ que não podia ser em outra parte senão nas ilhas de Maldiua/ determinou de ho mandar lá buscar, porque por as ilhas estarem de paz poderia hi fazer muyto dãno com as fazer leuantar: ꝛ mandou ho buscar por dom Fernando mõrroi, a q̃ mandou que por ir por capitão dũ nauio dalto bordo fosse pola banda do mar das ilhas, ꝛ assi por João gonçaluez de castelo brãco capitão de hũa galé, a que por esse respeito mãdou que fosse por antre as ilhas ꝛ a terra firme/ ꝛ a ambos deu regimento que se achassem Jeronimo de sousa, ꝛ não quisesse tornar coeles que ho metessem no fundo. E despois disto ho gouernador se embarcou pera se partir, ꝛ estando embarcado soube dom Goterre per gẽtios da terra firme que estauão prestes quatro capitães do Hidalcão pera entrar na ilha como ho gouernador partisse/ pelo que dõ Goterre apertou com ho gouernador que lhe deixasse mais de quatrocentos homẽs que lhe deixaua, ꝛ mais artelharia que a que lhe ficaua. E ho gouernador lhe respondeo que abastauão os homens ꝛ a artelharia que lhe ficaua: ꝛ quando os mouros ho apertassem tanto que deixasse os passos da ilha ꝛ se recolhesse á cidade/ ꝛ despois tornaria ele ꝛ os tomaria: o que ele não podera fazer antes se os mouros tomarão qual quer deles, tomarão tambem a cidade. E deixando ho gouernador Goa desta maneyra, se partio pera ho estreito na entrada de Feuereyro de mil ꝛ quinhentos ꝛ dezasete, cõ hũa armada de trinta ꝛ seys velas. s. quinze naos com a sua em q̃ hia por capitão dom Aleixo de meneses, dom João da silueira, dom Aluaro da silueira, dom Diogo da silueira, Aluaro barreto, Antão nogueira, Antonio raposo, Jorge de brito/ Aires da silua, dom Garcia coutinho, Afonso lopez da costa/ Francisco de tauora, Gaspar da silua/ Duarte de melo, Gonçalo da silueira. E dez nauios ꝛ carauelas, de que forão capitães, Pero ferreyra, Antonio ferreyra fogaça, João gomez cheira dinheiro/ Tristão de gá/ Lopo de vilhalobos/

Garcia da costa / Pero lopez de sam Payo. Francisco de gá. Fernã d resende, ho pintor: τ oyto galés, capitães Lopo de brito / Christouão de sousa. João de melo / Dom Aluaro de castro, Dinis fernãdes de melo / Dom Afonso de meneses. Antonio dazeuedo. Antonio d miranda dazeuedo, τ hũ carauelão, τ hũ bargantim. E hũ jungo em que hião quinhentos naires del rey de Cochim / τ por capitão Diogo pereyra de Cochim. E nesta frota leuou tres mil Portugueses / τ Duarte galuão que hia por embaixador ao Preste / τ Mateus embaixador do mesmo Preste. E partido de Goa foy fazer agoada a çacotorá / τ seguindo sua viajẽ pera Adem ouue vista dela hũ dia pola menhaã seys legoas alamar, τ ali surgio τ teue conselho com os capitães τ fidalgos da frota, a que declarou que auia de pelejar com os rumes se esteuessem no mar τ não na terra / porque assi ho leuaua por regimẽto delrey seu senhor: τ deu a dianteira a dõ Garcia coutinho. E se os rumes nã estiuessem no porto que surgiria diante da cidade pera tomar pilotos que ho leuassem ate as portas do estreito / τ ali mandou aos capitães das carauelas τ das galés que fossem ao longo da costa / τ que as velas que achassem Dadẽ lhes não fizessem mal. E chegado ao porto Dadem com toda a frota / não achando os rumes surgio dentro na baya / τ saluou a cidade com a artelharia τ com as trombetas, τ os capitães fizerão despois outro tãto / o que durou bem duas horas / τ da cidade não respondeo ninguem. E estãdo pera fazer conselho do q̃ faria / chegarão á capitaina tres mouros hõrrados em hũa barquinha com hũa bãdeira de paz / τ postos diante do gouernador lhe derão as chaues da cidade da parte do regedor dela / dizendo q̃ a cidade τ ele erão del rey de Portugal. E ho gouernador as não quis, dizẽdo q̃ por então não se queria deter em assentar amizade por quanto hia muyto de pressa em busca dos rumes, que cuydando dachar naq̃le porto fora ali ter: τ pois os não achaua auia dir buscalos a Camarão τ a Judá / pera q̃ queria q̃ ho gouernador Dadem lhe desse pilotos / τ da volta assẽtaria coele paz τ amizade. Do que se logo muytos espantarão não tomar ho gouernador a cidade que lhe dauão em paz / nem tomar conselho se faria ali fortaleza ou não. E tornãdo os mouros com esta reposta ao regedor Dadẽ / ficou ele muy desaliuado do medo que tiuera, τ mandou de noyte fazer muytos fogos polos muros τ torres em sinal de festa / τ tanger muytos instormẽtos. E ao outro dia mãdou ao gouernador tantos paraós carregados de refresco que cobrião ho mar, τ assi quatro pilotos q̃ ho leuassem ate as portas. E sem mais ho gouernador fazer conselho do que faria se partio pera as portas do estreito: ao domingo seguinte que era ho de Lazaro, mandando diante a Diogo pereyra no jungo pera tomar Rubaẽs / τ hi tomou

hũa não de mouros, com que espe-
rou pelo gouernador/ ho qual che-
gou quasi noyte ás portos/ ꝛ logo
se partio q̃ foy bẽ mao conselho po-
los baixos ꝛ ilhas que auia dali pe-
ra dentro/ ꝛ quando vay hũa frota
tamanha como aquela era, pera ir se
gura ha de surgir das portas pera
dentro com sol ꝛ leuarse coele, ꝛ assi
lhe sobreueo logo hũ tẽporal tão fu
rioso, que esteue toda a frota em ris-
co de se perder. E a galé de dom Al
uaro de castro desapareceo, ꝛ creose
que a comeo ho már: ꝛ ãtre os fidal
gos que se nela perderão foy Jorge
galuão filho de Duarte galuão. E
correndo a frota esta tormenta foy
amanhecer sobre hũas ilhas em q̃ se
ouuera de despedaçar se não ama-
nhecera.

¶ Capit. xi. De como ho gouerna-
dor soube que çoleimão rex era
senhor de Judá: ꝛ tinha hi vara-
das as galés: ꝛ determinou de pe
lejar coele.

DEstas ilhas tornou
a proseguir sua via-
gem, ꝛ ora cõ ponen-
tes, ora com leuãtes
chegou a vitelegoas
de Judá: ꝛ aqui apareceo hũa gelua
que tãto que vio a nossa frota se foy
dereita a ela: dizendo os q̃ hião nela
que erão dezoito, q̃ erão Christãos
que vinhão fugidos de Judá. E le
uados ao gouernador, disserãlhe q̃
erão calafates ꝛ carpinteiros: ꝛ que
trazião sete turcos, ꝛ que trabalha
uão nas galés q̃ çoleimão rex tinha
varadas em Juda. E contarão ao
gouernador toda a historia de Mi
rocem, ꝛ de çoleimão rex: ꝛ que par
tidos Dadem antes dabocarem ás
portas do estreito lhes dera hũ tem
poral com que a galé de çoleimão se
perdera da frota ꝛ fora ter a Zeila:
ꝛ Mirocem a Camarão: donde sem
esperar por çoleimão se fora a Ju-
dá/ ꝛ mandára varar as galés: ꝛ as
duas naos ꝛ ho galeão ficarão por
não serem agoas viuas. E hi soube
ra como ho Turco desbaratára ho
Soldão, ꝛ ho matara, ꝛ lhe tomara
toda sua terra: pelo que quando So
leimão rex chegou a Juda, Miro-
cem ho não quisera recolher na ci-
dade, com medo de lha tomar por
treição. E sabendo xarife parcate
senhor de Meca (que he como papa
antre os mouros) a imizade q̃ auia
antrestes dous, fez paz antreles:
mas logo Mirocẽ a quebrou: que-
rendo matar çoleimão com peço-
nha. Que sabendoho saltou em casa
de Mirocem pera ho matar: ꝛ ele
fugio pera Meca: ꝛ por isso çolei-
mão ficou señor de Juda, ꝛ leuãtou
logo bãdeira polo turco: ꝛ escreueo
a xarafe parcate que logo lhe man-
dasse Mirocem, senão que não seria
amigo do Turco, porque aquele ho
mẽ ho tinha muyto deseruido. E
ele lho mandou preso, auisando aos
que ho leuauã que ho matassem no
caminho, como matarã. E depois
disto se dezia q̃ çoleimão rex queria
ir ao cairo dar obediẽcia ao Turco
E q̃ estaua tã desapercebido de gẽte
q̃ não teria mais de .cccc. ate .ccccc.
turcos: ꝛ Judá estaua fraca cõ hũ
muro baxo, ꝛ hũa fortaleza peq̃na,
q̃ tomariã facilmẽte: por não auer lá
ꝟdadeira noua deir o gouernador

q̃ ſabendo como as galees dos ru-
mes eſtauão varadas em Iudá pu-
bricou pola frota que as auia dir
queymar. E na paragẽ onde ſoube
eſtas nouas lhe deu hũ ponẽte muy
to brauo com que a nao dantonio
raposo por ſer velha ſe foy ao fũdo,
& apartaranſe da frota a nao de dõ
Ioão da ſilueira & ho iungo de Dio
go pereyra, que deſpois forão ter a
Camarão. E eſte ponẽte durou o-
bra de quinze dias, & durando tãto
fez crer a todos que era de todo a
mouçã o dos ponentes: & por iſſo &
por auer dias q̃ na frota auia muy-
ta falta dagoa cõ que adoecia muy-
ta gente dizião todos que arribaſ-
ſem a Camarão a tomar agoa. Do
q̃ ho gouernador ſe indinou grãde-
mente, & dizia q̃ os iudeus & couar-
dos dirião aquilo & não os caualey
ros: iurãdo que não auia darribar
a Camarão, mas q̃ os auia ð meter
onde lhes não foſſem boõs os pés
nẽ as mãos, & ali auia deſperar ate
paſſar ho ponente, & quando duraſ
ſe tanto que arribaria a Camarão,
& tornando os leuantes auia de tor
nar a Iudá & tomala, porq̃ não par
tira da India ſe não pera iſſo. E vẽ-
do a gente que adoecia, & q̃ começa
uão algũs de morrer: aqueixauãſe
pubricamente do gouernador & ti-
nhãlhe odio, & braſfemauão delle:
mas a elle não lhe daua diſſo nẽ que
ria tomar ho conſelho de ninguem,
& daua a entender que de ſeu poder
abſoluto queria fazer tudo. E com
quanto a gẽte via que iſto era mal,
era tão obediente que morrião por
não deſobedecer: & muytos fidal-
gos teuerão deſgoſto cõ ho gouer-
nador ſobreſta cõtumacia, & hũ de-
les foy Duarte galuão, que ſempre
diſſe que ele não auia de pelejar cõ
os rumes, nẽ queimar as galés. E
andando coeſte temporal, forão os
mouros da terra dar auiſo a çolei-
mão rex que eſtaua em Iudá de ca-
minho pera conſtantinopla a cha-
mado do Turco. E como ſe ſoube
na cidade a ida do gouernador, foy
ho medo tamanho nos mouros q̃ a
começauão de deſpejar. E como ço
leimão iſto ſoube deſembarcouſe de
hũa galee em q̃ eſtaua embarcado,
& foyſe a terra, & deteue a gente cõ
boas palauras: & aiũtando a mais
que pode dos alarues da comarca
fortaleceo a cidade, aſſeſtando muy
ta parte de ſua artelharia ao longo
da praya: de modo que ſe os Portu
gueſes paſſaſſem lhes ficaſſem de ro
ſto & os meteſſe no fundo.

¶ Capit. xii. De como ho gouerna dor chegou á cidade de Iudá, & a cauſa porque a não tomou.

PAſſados eſtes quinze di-
as de ponẽte, acodio hũa
bafugẽ de leuante com q̃
a frota chegou a Iudá, q̃
he hũa cidade na coſta Darabia cẽ
to & oytẽta legoas das portas do eſ
treito & .clxv. de çuez q̃ he no cabo
dele em vinte hũ graos & meyo lar-
gos da banda do norte. A duas le-
goas do porto tẽ muytos baixos, ẽ
q̃ ha muytos penedos, & daqui tem
dous canays per q̃ entrão pera ho
porto & vão ẽ voltas, hũ de leſte oeſ
te, outro de nordeſte ſudueſte, & quẽ
vay por eles leua ho prumo na mão

e sam tã estreitos que escassamente cabe hũa nao por cada hũ: e por isto esta barra he muyto perigosa. Ho sitio desta cidade he em terra tão seca, que não ha nenhũ aruore, do nem verdura deruas, e muyto pouca agoa doce, porq̃ choue poucas vezes: seria a este tempo de mil vezinhos. As suas casas de pedra e cal sobradadas, e de muytas genelas e chemines. He muyto abastada de mantimentos que lhe vão de fora, e de muytas mercaderias porque ali se ajuntauão todas as q̃ hião da India pera o cayro e Alexandria: e as destas duas cidades pera á India. A sete legoas desta cidade pera ho sertão está a maldita casa de Meca, a que os mouros fazem suas romarias (como os Christãos fazem ao sancto sepulcro de Hierusalẽ) por estar nela ho çancarrão, q̃ chamão do abominauel Mafamede. Chegado ho gouernador a estes baixos que digo foy surgir com toda a frota hũa legoa da cidade, a vista dela na praya: donde tambẽ a frota foy vista: e começarãlhe a tirar cõ a artelharia q̃ estaua na praya. E os pelouros erão tam furiosos que fazião chapeletas no mar, e todos de ferro coado: e muitos cayrã na frota. E na capitaina se pesou hũ que pesaua setenta arrates. E daqui mandou ho gouernador sondar os canaeis por dõ Afonso d meneses, e por Dinis fernãdes de melo: que despois de sondados lhe forão dizer a maneira dos canaeis: e q̃ bẽ poderião as galés entrar por eles, porẽ que sempre auião de ficar com os costados de rosto com a artelharia dos imigos, pelo q̃ não auiã de poder jugar com a sua q̃ leuauão nas proas, e por isso não poderião fazer nenhũ dano co ela, ãtes receberiã tãto da de terra, q̃ ou os meteria no fundo/ ou os mataria a todos antes que chegassem a terra. O q̃ ouuido polo gouernador praticou o q̃ faria nisto cõ dõ Gonçalo coutinho: e cõ Afonso lopez da costa, que erão os dous mais ãtigos capitães da frota: e assentou coeles que se podesse mãdar encrauar a artelharia que os imigos tinhão na praya que desse na cidade: porq̃ cõ a artelharia encrauada ho faria sem perigo. E quando não se podesse encrauar que não desse na cidade, por que estaua certo matarlhe a artelharia quantos leuase, quando lhe não meteisse as galés no fundo: e porq̃ a artelharia se podesse milhor encrauar, que mãdasse queimar as duas naos, e ho galeão que estauão surtos no porto: porq̃ cõ a reuolta do fogo perderião os imigos ho tẽto da artelharia. E isto assẽtado falou ho gouernador secretamente cõ dous christãos q̃ fugirão de Judá na gelua, encomendãdolhes q̃ quando fossem queimar as naos lhe fossem encrauar a artelharia dos imigos. O que eles logo duuidarão de fazer auendo por inconueniente a muyto grande vigia q̃ os rumes tinhão, e cõ tudo ho gouernador os mandou em hũa almadia, de volta cõ certos capitães q̃ forão em bateis cõ algũa gente a q̃imar as naos e ho galeão. E como todos os da frota estauão aluoroçados e desejosos de dar na cidade/ não sabendo a tenção com

que ho gouernador mandaua quei mar as naos cuydarão que se qria contẽtar coisso: τ logo disserão que não auia de dar na cidade (τ assi se soube que ho disse Soleimão rex) τ foy sobreisso grande murmuração per toda a frota. E posto q̃ as naos forã queimadas os dous christãos não poderão encrauar a artelharia por a grande vigia que os mouros tinhão. E com quanto isto foy muy to secreto soubeiselogo, porq̃ eles ho disserão a Gaspar da silua, em cuja galé se agasalhauão: τ ele ho disse a outros de q̃ se rompeo. E sabẽdo o gouernador como se a artelharia não podera encrauar ficou muyto triste τ agastado, por perder tamanho gosto como trazia pera dar na cidade: τ tamanha honrra como fora queimar a frota do soldão, τ destruir aqla cidade, onde ele fora ho primeiro capitão Portugues que chegára: τ tão imenso trabalho co mo leuou cõ todos os da frota em chegar ali. E com muyto grãde magoa de tantas perdas, que não podia encobrir no rosto, assentou de não dar na cidade, com receo de perder quantos leuaua. E pera ho dizer aos capitães, fidalgos, τ pessoas prĩcipaes da frota, ao outro dia ás noue horas chamou a cõselho: τ jũtos lhes disse. ¶ Bẽ sabeis todos como por mandado del rey meu senhor viemos buscar a frota do soldão pera pelejar coela, esperando ẽ nosso senhor de a desbaratar, τ desapressar a India dos rebates q̃ tinha cadãno cõ a esperança de sua ida: τ não a achãdo em Adẽ, nẽ em Camarão, nos foy forçado chegar a esta cidade cõ tãtos trabalhos, fadiga τ perigos como passastes. E cuydãdo de a achar no mar a achamos varada, τ os rumes em terra tão fortalecidos como vedes: τ eu sey que estão per dom Afonso de meneses τ τ Dinis fernãdes de melo, porquẽ mandey sondar os canaeis per q̃ auiamos dentrar no porto: que me disserão que sam em voltas: τ tam estreitos, que as nossas galés em q̃ fazia conta dentrarmos não podẽ entrar se não hũas diante das outras: τ sempre com os bordos no rosto da artelharia dos imigos, q̃ primeiro que tomemos terra nos podem matar a todos τ meternos no fũdo: τ nos a eles não podemos fazer nenhũ dãno, por não ficarẽ nunca a tiro da nossa artelharia que vay toda de proa. E ainda que eu tenho regimẽto del rey meu senhor que não pelejasse em terra se não no mar: cõ fiãdo em nosso senhor que nos ajudaria quisera pelejar coestes rumes ẽ terra, se não fora ho perigo grandissimo da entrada em q̃ nos podemos perder. E respeitando a ele, τ não ao desgosto que nos ha de ficar de não pelejarmos, não diga nenhũ de vos o que disserão os cayados, que pelejassem pois ali estauão: porq̃ posto que nossa vinda aqui fosse coessa determinaçã, não se ha dauer respeito senão ao q̃ podemos fazer a nosso saluo: porque cometermos esta cidade com ficarmos vencidos não me parece q̃ he esforço pois lhe não podemos fazer nenhũ nojo: τ eles a nos tanto, que nos matarão antes que tomemos terra: quanto mais q̃ a gente que temos q̃ pode pelejar he

muyto pouca, assi pola que morreo, & he doente como pola que nos falece da nao de dõ Joã da siluera meu sobrinho, & os malabares q̃ nos auiã de fazer grande ajuda cõ suas frechas. E ainda esta pouca q̃ ha pera pelejar he necessario que se reparta, & fique dela goardando a frota: porque os imigos a não queimẽ em quanto formos. Assi q̃ nos fica tão pouca gente pera cometermos a cidade que não faremos nada. E acõtecẽdo o q̃ eu receo perdesea a India porq̃ não terão os seus reys q̃ temer pera se leuantar cõtra as nossas fortalezas, q̃ sam as que importão ao estado del rey meu senhor, & q̃ymar as galees do soldão nenhũa cousa, & tomar esta cidade menos: porque elas achandoas no mar sam nossas: E ela posto q̃ não se tome não se perde nisso nada, pois por ser tão lõge da India não se pode soster: & pareceme muyto mal auenturarse gente em cousa que se ha de deixar. E acabando de dizer isto os primeiros q̃ falarão forão dom Gonçalo coutinho, & Afonso lopez da costa: & sem darẽ seus pareceres, disserão: q̃ quẽ tinha visto mais cousas q̃ ho gouernador, nem quẽ era mais esforçado & por el rey saber que era assi confiara dele a India, & pois a cõfiaua, & a ele lhe parecia q̃ não era bẽ cometerse a cidade, que pera q̃ era mais cõselho de niguẽ, se não tomarse ho seu que era ho principal. Do que todos os outros ficarão muyto escãdalizados, porq̃ crerão que ho gouernador tinha praticado ho caso com aqueles dous, & por seus pareceres somẽte, & polo seu, não queria pelejar, sem tomar mais ho de ninguẽ, & q̃ deles fazia conta, & não dos outros. E os mais vẽdo a cousa como hia, se forão cõ ho parecer daqles dous. E outros mais azedos forão cõtra isso qrendo dar rezões por onde era necessario pelejar dizẽdo: Que cousa vergonhosa seria, & com q̃ os Portugueses perderião todo o credito, não pelejar hũa frota tam poderosa como aquela parecia, com todo ho poder do soldão, quanto mais cõ tam pouco como tinhão sabido q̃ estaua naquela cidade Porque os mouros auião de saber muyto bẽ a muyta gente q̃ se embarcara naquela armada, que passauão de tres mil pessoas, & não auião de adiuinhar a q̃ lhe morrera na viagẽ: nem a q̃ lhe faltaua, nem a q̃ estaua doente: & vendo que não pelejauão crerião que era de medo: pelo q̃ todo o que ate li tinhão dos Portugueses auião de perder, & não os terião em conta, o que era tão necessario que não fosse como soster as fortalezas da India, aque os mouros logo porião cerco como perdessem ho medo a quẽ as auia de defender: & por isso somente era necessario pelejar, que posto que se corresse perigo no desembarcar, não era tamanho, nẽ tamanha perda morrerem nisso algũs homẽs, pois não auião de morrer todos, camanho era perderse ho credito dos Portugueses & camanha seria crerẽ os mouros como estaua certo crerẽ que por medo & não por outra causa deixauão de pelejar. E mais que pera q̃ era fazerse tamanho caso da artelharia dos imigos, que parecia desesperar

da misericordia de nosso señor, que tancas vezes liurara na India os Portugueses de muytos mayores perigos que aqueles: ⁊ que assi os liuraria entã: porq̃ não mostraua ele seu poder se não õde ho humano desfalecia: ⁊ por isso auião de pelejar. E cõ todas estas rezões, como erão mais os que forão de voto q̃ não pelejassem, não se tomou ho parecer destes.

¶ Capit. xiiij. De como ho gouernador se partio pera Camarão, ⁊ da muyta gente q̃ lhe morreo.

PUblicado pola frota q̃ ho gouernador não auia de dar na cidade, foy ho escandalo tamanho em toda a gente q̃ era cousa espantosa: ⁊ dezião sem nenhũ medo que não podia ser mayor judaria q̃ aqia, não cometer hũa cidade tão pequena com tanta gente ⁊ tão esforçada: ⁊ cõ tãtas munições: q̃ tinhã poder pera pelejar cõ ho turco, quãto mais com aquela cidad: ⁊ outras cousas q̃ a gẽte da guerra diz q̃ndo os seus capitães não fazẽ as cousas que lhes parece bẽ. E os q̃ erão do tempo dAfonso dalbuquerq̃ traziã á memoria seus cometimentos sem medo: seu esforço ⁊ suas grandes vitorias. E dezião todos muytas injurias contra ho gouernador por não cometer a cidade: ⁊ cõtra os capitães porq̃ lho consentião. E bẽ ho sabia elle / mas não ousaua de falar, ⁊ estaua muyto triste. E pera ver se podia amansar a gente deitou fama que auia dir com os nauios peq̃nos á costa dAbéxia a leuar Duarte galuão ao porto de Maçua: ⁊ assentar amizade com ho preste. Mas ne cõ isto se contentou a gente: ⁊ mais por amor que se deteue ho gouernador algũs dias por causa do tempo que era contrairo pera a partida: ⁊ forã neste espaço os da frota muyto apressados dos tiros dos imigos. E passados quatro dias se lançou na frota hũ Christão chamado Lourẽço catiuo d Soleimão rex, que disse na galé de Gaspar da silua onde foy ter primeiro, que porq̃ não desembarcaua ho gouernador, ⁊ que esperaua mais, porq̃ Soleimão rex estaua cõ muyto grande medo dele: ⁊ assi quãtos estauão na cidad: ⁊ a tinhão despejada de suas fazẽdas, pera que se ho gouernador a ẽtrasse as terẽ em saluo, ⁊ que se ele desembarcara em chegando, q̃ ainda achara tudo. E de tudo isto q̃ Lourenço dezia / não disse mais nenhũa cousa despois q̃ ho gouernador falou coele. E neste tẽpo virão da frota poer em terra a borda dagoa hũa vara aruorada cõ hũa carta pendurada. E cuydando os Portugueses que era algũ auiso forão algũs por ela, ⁊ derãna ao gouernador, que vio que era de Soleimão rex escrita em castelhano. E dizia que estando ele de partida pera o cayro soubera sua vinda, pelo q̃ deixara de partir, porq̃ pera tal ospede como ho gouernador / era necessario tal homẽ como ele pera o agasalhar: ⁊ tẽdolhe as pousadas prestes ho via partir sem querer pousar, q̃ folgaria de saber a causa. E entendẽdo ho gouernador a rebolaria de ço

leymão, e como zombaua dele. Res pondeolhe por escripto, dizendo q̃ ele ho fora buscar a Adẽ e a Camarão pera pelejar coele, no que perdera duas naos e hũa galé/ e polo nã achar fora ali ter cuydando de ho achar no mar õde lhe mostrasse a võtade que trazia: e q̃ ho achaua em terra onde não podia sayr/ e por isso não pelejaua coele, mas q̃ se hia inuernar a Camarão, õde se ele quisesse ir por todo Agosto veria quãto melhor gasalhado lhe fazia do q̃ ele fazia a ele. E deixada a carta em terra foy tomada e leuada a çoleymão, que não repricou nem foy buscar ho gouernador a Camarão, porque sabia q̃ no mar os Portugueses auião de leuar a vitoria. E despois disto dous ou tres dias se partio ho gouernador pera Camarão, dizendo q̃ não queria ir a Maçua por nã partir a armada e ficar pouca cousa em cada parte: porque çoleymão rex tinha armada, e sabẽdo que hião apartados sayria a eles, e darlhes hia fadiga. E proseguido sua viagem pera Camarão, esteue a gente em risco de morrer toda de sede, por auer tão pouca agoa na frota/ que pera abastar não se daua a cada pessoa mais de meo q̃rtilho dagoa pera todo ho dia/ sendo aq̃la paragẽ tão quente de seu natural, q̃ não podem os homẽs viuer sem se lauarem todos muytas vezes e os abanarẽ: e mais era grande calmaria, com que se deteue na viagem ho tres dobro do que se ouuera de deter cõque a gẽte mais desmayaua/ e muyta morria de pura sede que se lhe secauão os bofes e outra adoecia. E era medonha e piadosa cousa de ver os gemidos e clamores q̃ todos fazião contra ho gouernador polos leuar a morrer sem fazer nenhũ seruiço a Deos nẽ a el rey: e assi chegou a Camarão em Mayo, que se mais tardara hũ dia quasi toda a gente lhe morrera, porq̃ algũs nauios chegarão sem bocado dagoa. E se passarão na viagẽ trabalho de sede, em terra passarão immẽso de fome: porque como a ilha estaua despouoada não se acharão mãtimentos, e na frota hião tão poucos que ninguem não comia mais que arroz cozido e hũa vez no dia/ e quẽ podia pescar algũ pescado mesturado coele: e coesta fome lhe morreo aqui grande soma de gente principalmente da do remo/ e cayão mortos como que fora peste/ e de fracos não podião os viuos soterrar os mortos, e nunca se tamanho desbarato vio ð gẽte como este foy. E cuydando ho gouernador q̃ podesse auer algũs mantimentos da terra firme mandou lá/ e os mouros q̃ erão immigos e sabião como ho gouernador não pelejara em Judá não somẽte não quiserão dar os mantimentos, mas ainda matarão algũs Portugueses, e ho mesmo aconteceo na ilha de Dalaca, mandãdo ho gouernador ho carauelão a Maçua a saber se poderia hi mandar Duarte galuão pera ir da hi ao Preste, e antre os mortos foy ho capitão do carauelão, por cuja morte deu ho gouernador a capitania ao piloto q̃ se chamaua Pero vaz deuera, e não foy necessario mãdar o gouernador Duarte galuão, por

que foy nosso señor de ho leuar des
te mundo/nesta ilha tão apartada
de sua natureza/que foy grande
perda por ser homẽ de tanto preço
como disse no liuro terceiro.

¶ Capit.xiiij. De como Eytor ro
driguez de Coimbra cõ licẽça da
rainha de Coulão fez hũa casa
de feytoria en Coulão.

Eytor rodriguez q̃ hia
por feytor a Coulão/
despois q̃ partio d Co
chim chegou a Coulã
ho primeyro dia de feuereyro de
mil z quinhẽtos z desassete, z logo
foy falar á rainha de Coulão, a
quẽ deu hũ presente q̃ lhe leuaua
da parte do gouernador, z outros
aos seus regedores. E estando jũ
tos ela z eles lhes requereo como
leuaua por regimento q̃ per virtu
de da capitulação das pazes q̃ es
taua feyta mandassem logo fazer a
igreja do apostolo sam Thome/z
pagassem cento z sessenta z seys bá
res de pimẽta q̃ ficarão deuẽdo do
anno passado dos quinhẽtos que
auião de pagar como disse atras.
E responderão q̃ estauão muyto
prestes pera cõprir toda a capitu
lação das pazes/porem que logo
não podia ser por a rainha estaua
pera partir ao outro dia a fazer
guerra a el rey de Tranuancor seu
vezinho que a tinha desafiada/z
por isso não podia deixar aquela
empresa/z tambem por ter sua gẽ
te junta z os pulás que auião dir
coela: z que em quanto fosse deixa
ria dada ordem pera que se ajun
tassem os materiaes pa edificação
da igreja q̃ se auia de fazer. E a mes
ma rainha disse apartadamente a
Eytor rodriguez que lhe rogaua q̃
em quanto ela fosse á guerra não a
pertasse sobre os dereytos z rẽdas
da igreja que se auia de fazer, que
ela era obrigada a restituyr por tu
do ser dado a Pulás z Naires muy
principaes que ho não auião dalar
gar sem ela ser presente. E apertan
do sobrisso em sua ausencia poderia
suceder hũ mao recado de que lhe
pesaria muyto, por isso lhe aconse
lhaua q̃ esperasse ate sua tornada/
porque ela compriria tudo como
era obrigada: z que nisto descansas
se, porque ela desejaua muyto de cõ
seruar a paz que estaua assentada,
z que era grande seruidor del rey d
Portugal. O que lhe Eytor rodri
guez agardeceo muyto de sua par
te/z se lhe offereceo muyto pera a
seruir: z vendo a boa vontade que a
chaua nela pera ho seruiço del rey
de Portugal pediolhe apousenta
mẽto pera pousar com seu escriuão
z homẽs da feytoria, em que podes
se bem agasalhar as mercadorias q̃
leuaua/z quando não ouuesse este
apousentamẽto lhe desse lugar pera
fazer hũa casa pera isso, que assi ho
leuaua por instrução do gouerna
dor/de quem sabia em segredo que
determinaua de fazer ali hũa forta
leza trazendo ho Deos do estreito,
por isso que se lhe dessem licença pe
ra fazer a casa a fizesse em lugar que
fosse boõ pera fortaleza. E a rainha
lhe respõdeo/que posto que aquilo
era fora da capitulação, das casas,
que ela desejaua tanto de seruir a el

rey de Portugal/ ⁊ de ter paz coele
que era contente de dar lugar pera
se fazer a casa õde lhe a ele parecesse
bẽ/ ⁊ ao outro dia lho assinaria cõ
os regedores q̃ a isso auião de ser
presentes. E com quanto a rainha
isto prometeo tão leuemente, teue
grandes contradições pera se com
prir: porq̃ como os mouros da ter-
ra ho souberão ⁊ lhes pesaua em es-
tremo de os Portugueses ali assen
tarem, porq̃ tinhão certo deitalos
fora, conselharão aos regedores q̃
por nenhũ modo cõsentissem fazer-
se aquela casa, porque com nome de
feytoria se auia logo de tornar for-
taleza com q̃ os Portugueses lhe
auião de tomar a terra, que assi ho
costumauão os Portugueses, ⁊ cõ
nome de feytorias tinhão feytas to
das suas fortalezas, ⁊ fizerão com
outra rainha q̃ se chamaua de Co-
morim por ser irmaã del rey de Co
morim, ⁊ com dous filhos seus q̃
conselhassem ho mesmo á rainha d̃
Coulão ⁊ aos regedores. E com tu
do nunca poderão mouer a ela nẽ a
eles, porque ela por desejar muyto
a paz os abrandou de maneyra que
forão muyto contentes de dar licẽ
ça pera se fazer a casa: ⁊ tambem a
grande diligencia que pos Eitor
rodriguez em os peitar ⁊ persua-
dir q̃ lhe dessem lugar pera fazer a
casa. E juntos com a rainha lhe de
rão a licença, mostrandose todos
muyto desejosos do seruiço d̃l rey
de Portugal: ⁊ porq̃ ho lugar on-
de se auia de fazer esta casa foy dei-
xado ẽ escolha de Eitor rodriguez,
escolhe ho detras do circuito da
igreja que fora de sam Thome/ ⁊
tão perto do mar que se podia che
gar a ele com hũa pedra/ começou
logo de fazer hũ grande cerco de
taipa com hũ poço dentro de muy
to boa agoa.

¶ Capit. xv. Do risco q̃ correrão os Portugueses que estauão ẽ Coulão em quanto ho gouernador foy ao estreito.

ASsinado ho lugar em q̃
Eitor rodriguez auia de
fazer a casa á rainha se
partio pera sua guerra
deixando ho muyto encomendado
aos regedores, q̃ ho fauorecessem
⁊ ajudassem em tudo o de que teues
se necessidade. E prosseguindo ele
sua obra despois de ter feyto ho
cerco que digo, começou de fazer
hũa casa sobradada cõ as paredes
de taipa ⁊ cuberta dola/ ⁊ nã ficou
pessoa em Coulão que a não fosse
ver quando a fazião: ⁊ os mouros
dizião aos gẽtios q̃ aquilo era for-
taleza/ ⁊ que dali auião os Portu
gueses de tomar a cidade. E como
os gentios crẽ ligeiramente qual
quer cousa crião isto, ⁊ indinauão
se muyto contra os Portugueses
principalmente despois que a casa
foy acabada/ ⁊ fazião lhe mil sobrã-
çarias ⁊ dauão lhe encontros onde
os topauão/ ⁊ vindo ho inuerno
se desauergonharão mais a isso/
porque sabião que ho gouernador
era ao estreito. E os mouros lhes
fazião crer q̃ os rumes ho auião d̃
matar com quantos hião coele: ⁊
tanto affirmauão isto q̃ passando
por junto dos Portugueses lhes

brãdião as espadas nos olhos, pera os prouocarem a ira com que desembainhassem coeles pera terẽ causa de se leuantarem/ que doutra maneyra não ousauão com medo dos regedores que estes fazião que se teuessem em si. E como Eitor rodriguez isto entẽdia mandou aos Portugueses q̃ não fossem á cidade nem sayssem do cerco da feytoria, ⁊ dissimulaua com tudo por não vir a rõpimento ⁊ lhe acontecer como a Antonio de sá. E assi esteue nesta opressam ate que veyo noua de como ho gouernador era viuo ⁊ ficaua em Ormuz: ⁊ q̃ não ousarão os rumes de sayr de Iudá a pelejar coele: ⁊ isto quebrou muyto os spiritos aos mouros, ⁊ temendo que ho gouernador os castigasse polo passado/ não vsarão de mais sobrançarias cõ os nossos/ ⁊ tambẽ os gentios. E neste tẽpo veyo a rainha de Coulão de sua guerra que tambẽ fauoreceo Eitor rodriguez, ⁊ os que estauão na feytoria ⁊ ficarão em paz.

¶ Capit. xvj. De como dom Fernãdo de monrroi ⁊ Ioão gonçaluez de castelo brãco tomarão duas naos de mouros nas ilhas de Maldiua.

PArtidos dom Fernãdo de mõrroi ⁊ Ioão gonçaluez de castelo branco em busca de Ieronimo de sousa forão ter ás ilhas de Maldiua/ ⁊ tomando a cada hũ por seu cabo como leuauão por regimento do gouernador, não acharão Ieronimo de sousa, mas derãlhe noua q̃ fora ali ter, ⁊ q̃ se fizera logo na volta de Melinde, õde se ouue tão mal com ho piloto ⁊ com ho mestre do seu nauio q̃ lhes fez lembrar como ele hia leuantado, ⁊ a pena q̃ tinhão por irẽ coele, pelo q̃ determinarão de ho prender ⁊ leualo ao gouernador. E assi ho fizerão, ⁊ preso Ieronimo de sousa, se partirão com ho nauio pera ho cabo de Goardafum õde esperauão dachar ho gouernador: ⁊ neste caminho por ho nauio fazer muyta agoa se mudarão a hũa nao, ⁊ nesta mudãça se soltou Ieronimo de sousa/ ⁊ foy despois ter a Goa, ⁊ por isso dom Fernando nem Ioão gõçaluez ho não acharão. E andãdo em sua busca toparão duas naos del rey de Cambaya que auia annos que andauão fora de Cambaya tratãdo por muytas partes, ⁊ por isso trazião muyta riqueza/ ⁊ andaua por capitão delas hũ mouro chamado Cogeaquim que foy catiuo cõ quãtos vinhão nas naos q̃ forão tomadas (posto q̃ el rey de Cambaya estaua de paz) porq̃ não leuauão cartazes. E despois de Cogeaquim catiuo, comeo ⁊ durmio cõ tanto repouso/ ⁊ tanto desagastamento como se estiuera em sua casa. E espantandose daquilo dõ Fernando ⁊ Ioão gonçaluez: disselhes ele que não se agastaua porq̃ aquilo era ventura (a que os mouros chamão nacibo) ⁊ q̃ quando partira de sua casa partira pera ser seu feytor ⁊ seu catiuo, por isso q̃ não se auia dagastar. E não achando dom Fernãdo ⁊ Ioão gonçaluez mais presas/ ⁊ por se chegar ho inuerno, partirãse pera Cochim, ⁊ dali pera Goa, onde leuarão as naos.

¶ Capit. xvij. Do que fez dõ João de Monrroi indo darmada de Goa ate Chaul.

Em quanto dom Fernãdo e João gonçaluez forão ás ilhas de Maldiua mandou dõ Goterre capitão de Goa a dom João de mõrroi seu sobrinho com sete fustas darmada ao longo da costa ate alem de Chaul pera fazer presas e segurar a nossos amigos q̃ por ali nauegassem e forão por seus capitães domingos de seixas, Anrrique de touro, palos cerueira/ Pero jorge e outros dous a que não soube os nomes. E indo assi darmada foy ter ao rio do pagode onde ate Baçaim tomou hũa nao de mouros do mar roxo carregada d mercadoria, e os mouros escaparão por fazerem varar a nao/ e acolherãse a terra sem pelejarem: e estando na barra de Baçaim foy ter coele hũ Aluaro da madureyra que auia dias que andaua leuantado e forasse pera os mouros, e disse a dom João que se queria tornar pera os nossos, q̃ lhe fizesse esmola dalgũ dinheiro pera se vestir. O que dom João fez de boa võtade, e prometeolhe que se quisesse tornar pera os nossos de lhe auer perdão de dom Goterre do leuãtamento que fizera/ e com o que lhe deu e ajuntou polos da armada forão duzentos pardaos / com que Aluaro da madureyra disse que se hia a Chaul atauiar do que tinha necessidade, e que lá ho esperaria. Porẽ não ho fez assi/ antes se foy a Dabul, e disse a Miralmelique onde dom João ficaua com a armada e que auia de passar a vista de Dabul, que se lhe quisesse dar a capitania mór das suas fustas q̃ erão quatorze que ele hiria tomar dõ João e quantos hião na sua armada. E Miralmelique sabendo que Aluaro da madureyra era ja mouro e nã Christão, foy contente de ho fazer capitão mór das suas fustas. E nã sabendo dom João disto nada partiose de Baçaim caminho de Goa e foy ter a Chaul donde em saindo achou a armada de Meliquias que era de quatorze fustas / e andaua por capitão delas hũ valente mouro chamado Xequegi que fora ali esperar dom João pera pelejar coele, e em os nossos saindo do rio começarão delhe tirar ás bõbardadas/ e os nossos a eles, e apertarãnos tão rijo que lhes foy forçado porẽse de balrrauento dos nossos/ e fugirem pera ho mar, e os nossos os seguirão hũ pedaço e tomarão hũa fusta de q̃ a gente se lançou ao mar, e assi fugio/ e por os immigos fugirem não os quis dõ João seguir mais e seguio auante caminho de Goa. E neste mesmo dia indo alamar de Dabul foy topar com Aluaro da madureyra que ho esperaua com sua armada toda encadeada como que queria pelejar: e dõ João disse aos seus que os cometessem/ e logo arribarão todos pera os immigos com determinação de os abalrroar/ e hião desparãdo toda sua artelharia, e os immigos parece que ouuerão medo de os esperar e desencadearanse, e poendose hũ

pouco ás bombardadas cõ os nossos ficando de balarrauento, fugirão ao remo/saluo hũa fusta q̃ foy varar em terra ⁊ fugio a gẽte/⁊ os nossos a tomarão com a artelharia que tinha. E vendo dom João que não auia por ali mais que fazer tornouse a Goa com as duas fustas que tomou.

¶ Capitolo. xviij. Da entrada que fez Dom Fernando monrroi na terra firme de Goa/ ⁊ de como foy desbaratado ⁊ forã mortos muytos dos que leuaua.

Recolhidos dõ João ⁊ dom Fernando a Goa/⁊ começando de entrar ho inuerno, determinou dõ Goterre de se vingar Dancoscão tanadar de Pondá por amor de João gomez que lhe matara. E ccesta determinação fez grande festa de touros ⁊ canas em dia do Spirito sancto. E as festas acabadas ajuntou a gente de cauallo que serião sessẽta homẽs/⁊ seyscentos piães da terra em que entrauão trinta dos nossos bésteiros ⁊ espingardeiros, ⁊ saindo de Goa tomou ho caminho pera Benastarim ja de noyte. E chegando ás duas aruores fez deter a todos/⁊ ali lhes declarou como hião a Põdá a destruyr Ancoscão por comprir muyto a seruiço del rey fazerse assi/⁊ mandou que fosse por capitão da gente de caualo dom Fernando seu irmão, ⁊ irião coele dom João seu sobrinho, ⁊ outros fidalgos. E da gente de pé fosse por capitão Joã machado que era tanadar mór da ilha de Goa. E disselhes que os mandaua a taes horas/ porque como Ponda era perto, podião lá chegar antemanhaã ⁊ dar no lugar/cujos moradores estauão sem nenhũa sospeyta de sua ida, ⁊ por isso os poderião tomar ás mãos, principalmente ao Tanadar/ que folgaria muyto q̃ lhe leuassẽ viuo: porem que se lhes amanhecesse antes de chegarem a Pondá que não cometessem nada, ⁊ se tornassem, porque ele não queria que pelejassem nem que se posessem a perigo/ ⁊ coisto forão passar a Benastarim da banda da terra firme a gente em almadias/⁊ os caualos a nado/ ⁊ passados abalarão dom Fernando ⁊ João machado com sua gẽte pera Pondá ficando dom Goterre com algũa gente em goarda das almadias, pera que quando seu irmão tornasse achasse em q̃ passar. E partidos dom Fernando ⁊ João machado, João machado q̃ hia diãte chegou primeyro perto de Pondá ⁊ por isso esperou por dom Fernando: ⁊ neste tẽpo tomou dous piães de Pondá que vigiauão a terra, ⁊ destes soube que no lugar não auia nenhũa sospeita dos nossos nem se temião deles. E chegado dom Fernando/ disselhe João machado o que soubera dos piães, ⁊ pois a causa principal de sua vinda era pera tomarem Ancoscão que lhe parecia que os seus piães por irem de

sarmados/ ꝛ saberem a terra ꝛ a lingoa dela ho farião melhor que os nossos de cavalo q̃ hião armados ꝛ embaraçados com os cavalos, ꝛ se auião dembaraçar mais por ser ainda de noyte/ ꝛ por isso estarião melhor em goarda dos piães: ꝛ q̃ assi lhe parecia melhor que irem la os nossos/ ꝛ como dom Fernando pretẽdia esta honrra não quis que a ganhasse João machado/ ꝛ disse lhe que pois a terra estaua sem sospeita de sua ida que bem poderião esperar que amanhecesse ꝛ verião oque fazião / ꝛ darião todos no lugar ꝛ farsebia ho feyto melhor que de noyte: ꝛ a isto ajudarão Jeronimo de sousa ꝛ Jorge de magalhães / ꝛ João rodriguez pesso / ꝛ João machado lhe disse que pois assi queria, que assi se fizesse, mas que prouuesse a Deos que se não arrepẽdesse de não tomar seu cõselho, q̃ era muito bõ. Mas não ho tomou dom Fernando/ porque auia de ser o que foy: ꝛ como ainda auia hũ pedaço por passar da noite não poderão os nossos estar tam calados que nã fossem sentidos: ꝛ foy dado auiso a Ancoscão, que se leuantou muyto de pressa/ ꝛ com a mayor parte da sua gente se passou logo alẽ de hũ rio que passaua por junto do lugar: ꝛ fez hũ corpo de sua gente/ esperando ate ver o que os nossos querião fazer/ que em amanhecendo entrarão no lugar/ cuydando dom Fernando que tinha muyto certo Ancoscão: ꝛ quãdo achou ho lugar despejado vio quam mal fizera em não tomar ho conselho de João machado. E nisto algũs dos nossos assi de pe, como de cavalo vendo estar os immigos em corpo, creceolhes a cobiça de pelejar: ꝛ passando a ponte conuidauãnos pera isso, escaramuçando coeles, porque tambem lhe sayrão algũs que mostrauão ter boa vontade de pelejar. E vendo dom Fernando que aquilo não seruia de nada/ mandou dizer a João machado que estaua diante com a gente de pé, que fizesse volta porq̃ se hia. E dandolhe lugar passou João machado auante: ꝛ dom Fernando lhe ficou nas costas. Ancoscão que vio que os nossos se hião sem fazer mais nada/ pareceolhe que era com medo/ ꝛ com isso cobrou mais esforço/ ꝛ foy dar nos nossos / tirandolhe muyta soma de frechadas/ ꝛ feriranlhe tam de rijo os cavalos/ ꝛ os que estauão encima deles/ que desmayarão/ ꝛ começarão de fugir, ꝛ derão nos de diante/ que tambẽ se desmandarão. Os immigos os seguirão: ꝛ como sabião que auião de passar por hum passo estreito polo pé de hũas ribas / parte delles os forão esperar sobrelas/ ꝛ outra parte os hia seguindo. E em chegando a aquele passo, como os immigos que estauão sobre as ribas ficassem muyto senhores dos nossos/ apertaramnos tam brauamẽte/ ajudandolhe os debaixo, que matarão muytos dos de pe, ꝛ dos de cavalo ficarão quarenta antre mortos ꝛ feridos/ ꝛ estes que forão feridos ficarão ali catiuos, E antre os mortos forão Jorge de magalhães / João Machado/

⁊ João rodriguez peſſoa. E foy tamanho ho medo dos noſſos que os mais deles deixarão as armas pera fugirẽ melhor/ ⁊ a dom Fernando matarãlhe ho caualo/ ⁊ ſe lhe logo não acodirão com outro ou uerãno de matar, ⁊ aſſi foy ferido ho caualo de dom João/ ⁊ ſe os imigos ſeguirão ho alcanço aos noſſos nenhũ não ouuera deſcapar: ⁊ não os ſeguirão, porque ho primeyro morto dos noſſos que acharão foy hũ João rodriguez peſſoa que cuydarão que era ho capitão por leuar boas armas/ ⁊ por iſſo não quiſerão ſeguir os noſſos, que deſpois que virão q̃ os imigos os não ſeguião ſe ordenarão ⁊ forão ate chegar onde dom Goterre eſtaua eſperãdo que lhe leuaſſem Ancoſcão, ⁊ ſem ele ſe tornou a Goa com tamanha perda como foy perderenſe corenta dos noſſos. E vencida a batalha por Ancoſcão recolheo ho deſpojo que forão caualos, armas ⁊ catiuos/ que ſerião ate dezoyto/ ⁊ niſto foy dado hũ recado do Hidalcão a Ancoſcão que ho foſſe ſeruir em hũa guerra que tinha com Nizamaluco ſenhor de Chaul, ⁊ ſendo forçado a Ancoſcão de ir, temeo que ficando de guerra com dõ Goterre que lhe tomaria aquelas tanadarias que auia pouco que lhe dera ho Hidalcão, ⁊ por iſſo mandou dizer a dom Goterre q̃ ele não tinha culpa no dãno que fora feyto a dõ Fernando/ ⁊ q̃ queria ſer ſeu amigo/ ⁊ ſe ho quiſeſſe tambem ſer ſeu ⁊ ter coele paz como dantes que lhe daria os Portugueſes que lhe ficarão catiuos. E pera ſe iſto aſſẽtar ſe ho quiſeſſe auia lá de mãdar hũ homem honrrado pera que ho aſſentaſſem. Do que dom Goterre foy contente por ver q̃ tinha a culpa do paſſado/ ⁊ por João gõçaluez de caſtelo branco ſer homem de confiança, ⁊ ter conhecimento cõ Ancoſcão do tempo que fora ao Hidalcão por embaixador/ como diſſe no liuro terceyro, ho mãdou a Ancoſcão com q̃ aſſentou de nouo paz ⁊ amizade, ⁊ entregue dos catiuos q̃ erão dezoito ſe tornou a Goa.

¶ Capit. xix. De como o gouernador queimou a cidade de Zeila/ ⁊ do que lhe fizerão ẽ Adem.

Gouernãdo o gouernador em Camarão cõ tãtos trabalhos de fome/ doenças ⁊ mortes como ja diſſe: pola neceſſidade dos mantimentos que ho apertaua ſe partio na entrada de Julho poſto q̃ era cedo pera os ir tomar a Zeila/ ou a Barbora ou a Adẽ. E leuando a rota pera Zeila, tardou algũs dias mais dos coſtumados por lhe ſerem os ventos contrairos. Eſta cidade eſtá na coſta de Ethiopia a cĩco legoas das portas do eſtreito de fora delas: eſtá em onze graos da banda do norte. Na terra em que eſtá aſſentada ha muyto grande criação de gado aſſi groſſo como miudo, de q̃ he bem abaſtada de manteiga ⁊ de leyte. Colheſſe tambẽ grãde multidão d̃ trigo/ ceuada ⁊ de milho, d̃ maneira q̃ he muy groſſa de mãtimẽtos.

Dá tambem a terra muyta soma dencenso macho ⁊ de mel/ de que se faz muyta cera branca que seruẽ de mercadoria. A cidade he de bõ tamanho ⁊ rasa á borda do mar: he de casas de pedra ⁊ cal ⁊ de sobrados cubertas de terrados como as Dadẽ. Seus moradores sam mouros ⁊ mercadores de grande trato ⁊ pola mayor parte sam pretos/ assi homẽs como molheres ⁊ algũs brancos, ⁊ tratanse bem. Estes forão auisados por recado dos pilotos Dadẽ que hião cõ ho gouernador como hião lá/ ⁊ por isso a despejarão eles de toda sua fazenda, molheres ⁊ meninos, ⁊ ficarão algũs homẽs, ⁊ assi os senhores de certas naos que hi estauão de fora que tinhão consigo algũa gẽte de peleja. E sabendo eles da maneyra que ho gouernador hia/ determinarão de lhe não dar cousa algũa ⁊ defender sese podessem: ⁊ por isso lhe não mãdarão recado despois de chegar/ antes se mostrarão pola praya com suas armas, ⁊ por isso determinou ele de dar na cidade ⁊ destruyla. E acordado nisso com seus capitães/ ao outro dia em amanhecẽdo se embarcarão todos com sua gẽte, ⁊ os primeyros que desembarcarão forão dom Garcia coutinho ⁊ dom João da silueira: a que ho gouernador deu a dianteira, ⁊ ele desembarcou por derradeiro: ⁊ porque tinha mandado que ninguem não bolisse consigo ate ele não desembarcar/ esteue a gente queda na praya/ o que vendo os mouros começarão de tirar das naos que estauão varadas algũas bombardadas, ⁊ outros se mostrarão nas bocas das ruas. O que vẽdo ho gouernador esteue suspenso no que faria/ porque parecia auer gente na cidade pois lhe não fugião: ⁊ por derradeiro mandou a dom Garcia ⁊ a dõ João que dessem cada hũ por seu cabo onde parecião os mouros: mas não teuerão que fazer, porque detendose ho gouernador tanto em se determinar/ não poderão Gaspar da silua ⁊ Aires da silua, ⁊ Antonio ferreyra fogaça sofrer as algazaras q̃ os mouros fazião, ⁊ remeterão a eles com sua gente/ ⁊ elles lhe sayrão ao encõtro como homẽs determinados: ⁊ vendo que os nossos lhe tinhão ho rosto como erão poucos retirarãse logo pera dẽtro da cidade, ⁊ os nossos carregarão sobreles ⁊ leuarannos ás lãçadas fora da cidade antes de chegarem dom Garcia ⁊ dõ João. E Simão dandrade mãdou dizer ao gouernador que podia entrar/ porq̃ a cidade era despejada. Do q̃ ho gouernador ouue muyto grande menencoria, parecendolhe q̃ Simão dandrade lhe mandaua dizer aquilo polo injuriar: ⁊ que daua a entender q̃ outrẽ lhe leuara a honrra de despejar a cidade, ⁊ disse contrele muyto más palauras, ⁊ mandou despois que se passasse da nao de Francisco de tauora seu cunhado (com quẽ andaua preso) pera a galé de João de melo ⁊ isto polo auexar. Entrada a cidade acharão os nossos preso ho comitre do bragãtim d̃ Grigorio da q̃dra capitão da armada de Duarte de lemos q̃ se perdeo como disse no liuro segũdo, ⁊ disse ao gouernador que auia no

de annos que estaua ali catiuo. E recolhidos algũs mantimẽtos da cidade/ ho gouernador lhe mãdou logo dar fogo, porq̃ se a gente não embaraçasse com ho roubo ꝛ tornassẽ os mouros sobreles ꝛ os desbaratassem. E posto fogo á cidade ardeo toda em quatro dias q̃ não ficou casa nẽ cousa nenhũa que não fosse queimada/ ꝛ como ho gouernador estaua no porto nunca os mouros ousarã dacodir ao fogo/ ꝛ queimaranse grande soma de mãtimẽtos que fizerão assaz de mingoa aos nossos. Queimada a cidade/ que foy hũa cousa bẽ espantosa de ver: partiose ho gouernador pera Adem, ꝛ chegãdo mãdou dizer a Mira mergena que lhe mandasse vender agoa ꝛ mantimentos por seu dinheiro. E sabendo ele como ho gouernador vinha, ꝛ ho pouco que fizera em Iudá perdeolhe ho medo/ ꝛ por fazer escarnio dele deteueo dez ou doze dias cõ promessa de lhe dar mantimẽtos/ ꝛ polo deter daualhe cada dia tão pouca cousa/ que quãdo se desenganou achou que tinha gastado do que trazia ho tres dobro do q̃ lhe derão da cidade: ꝛ então conheceo ho erro q̃ fez ẽ se não prouer em Zeila ꝛ queimar os mantimentos que queimou. E porque muytas naos de sua armada os não tinhão/ ouue de tornar a tras pera os tomar ẽ Barbora. E Dadẽ atrauessou á costa de Ethiopia, onde ela está vinte legoas de Zeila: o que foy má pilotajem por que ouuera dir pola banda Darabia ate se poer leste oeste com barbora: porque daq̃la bãda fazião as agoas reuessa ꝛ hião brandas: ꝛ da bãda de Ethiopia erão as corrẽtes tamanhas que hião pera ho estreito com os ponentes que afracauão naq̃le tẽpo (por ser fim Dagosto) q̃ podia mais a agoa q̃ ho vẽto/ ꝛ não se podia nauegar por aq̃la bãda.

¶ Capit. xx. De como despois do gouernador partir Dadem lhe morreo muyta gente/ ꝛ a frota foy ter a diuersas partes: ꝛ de como ele foy a Ormuz.

E por isso a nossa frota nã podia surdir auãte, ꝛ foy necessario pairar o q̃ foy com assaz de trabalho da gente que morria de sede ꝛ de fome. E andãdo assi sobreueo hũ dia hũa toruoada de ponente: ꝛ como ho gouernador andaua enfadado dauer quinze dias que pairaua em dando esta toruoada que lhe seruia pera a viagem Dormuz, determinou de se ir pera lá ꝛ não ãdar ali mais, ꝛ mãdou dar á vela sem fazer sinal que se partia: o que vẽdo os capitães das naos grossas se fizerão tambem aa vela os que poderão, ꝛ assi outros nauios que se atreuerão a sofrer ho vento ꝛ seguirão apos ho gouernador q̃ se foy caminho Dormuz sem mais curar de Barbora/ nem desperar polas outras velas da frota, q̃ ficarão em grande risco de lhes morrer quanta gẽte leuauão á sede, porque as galés ꝛ outros nauios dalto bordo pequenos, ꝛ assi algũas naos grossas que não poderão sofrer a vela com a toruoada ficarão com a necessidade dagoa que digo ꝛ cada dia adoecia ꝛ morria gente, que era piedade ver como pere-

ciāo cō sede: ⁊ ainda q̄ hião ao lōgo da terra / ninguē pola primeyra hia buscar agoa / porq̄ ouuirão dizer q̄ se não achaua naquela terra por ser muyto seca. E porē ho grande aperto em que estauão lhes fez irē ver se auia agoa / ⁊ os primeyros q̄ ho fizerão forão Gaspar da silua, Christão de sousa / Aires da silua ⁊ acharão muyta agoa / assi de chuuas q̄ auia pouco que passarão, como abrindo fontes. E a gēte da terra os recebeo mansamente, ⁊ lhes venderão algūas cabras ⁊ carneiros / ⁊ apos estes forão os outros capitães de q̄ algūs quādo isto foy não leuauão ja mais q̄ mea pipa dagoa: ⁊ hū destes foy dō Aluaro da silueira q̄ acertou de ir soo sem outra cōpanhia a buscar agoa, ⁊ pola nā achar se meteo tanto no estreito que quādo quis sayr não achou vento q̄ ho ajudasse q̄ era passada a moução / ⁊ por isso ouue dinuernar no estreito, ⁊ andou dū cabo pa ho outro a buscar onde inuernasse, no q̄ passou assaz de trabalho ⁊ fadiga: ⁊ lhe fizerão da terra mil treições em q̄ lhe matarão algūa gēte. E foy ter a hū porto, ōde achou hū mouro que se chamaua Adão / por isso lhe pos assi nome / ⁊ ali inuernou não tēdo mais de vinte quatro pessoas de cēto ⁊ trinta ⁊ quatro homēs q̄ leuaua quando partio de Judá q̄ todos os mais dos outros lhe morrerão de sede. E inuernando aqui saindo hū dia dō Aluaro em terra a fazer agoada, ficando ele soo cōm hū Jeronimo doliueira filho Santão doliueira goarda mōr da rainha dona Lianor / ⁊ com hū Mēdafonso criado do barão / foy morto por eles ambos por dizerē que tinha injuria dode palaura a Jeronimo doliueira em vido na nao como injuriaua a outros com fauor de ser capitão ⁊ sobrinho do gouernador. E despois da morte de dom Aluaro, Jeronimo doliueira ⁊ Mendafonso se tornarão á nao, onde não bolio ninguē coeles por os q̄ estauão nela serē os mais doentes: ⁊ despois da hi a dias como os da nao ouuessem por afronta andar assi antreles quē lhes matara ho seu capitão, leuantouse hū João rodriguez pao, valente caualeyro, ⁊ tendo costas ē hū Martī correa ⁊ outros matou por sua mão ás punhaladas a Mēdafonso sem ho ninguem ajudar / ⁊ foy preso Jeronimo doliueira, ⁊ assi foy leuado á Jndia onde esta nao foy ter despois de ho gouernador lá ser / ⁊ Jeronimo doliueira foy degolado por sentēça de Diogo lopez de sequeira q̄ chegara de Portugal por gouernador: ⁊ assi passarão muyto trabalho todos os q̄ ficarão no estreyto / ⁊ lhes morreo muyta gente ⁊ forão deles ter á Jndia em diuersos tēpos despois de ho gouernador lá ser, ⁊ outros forão ter a Ormuz / onde acharão ho gouernador q̄ indo pera lá foy ter a Calayate, dōde mādou pera a Jndia dō Aleixo de meneses cō poderes d̄ gouernador, pa q̄ soubessē na Jndia q̄ era viuo: ⁊ cō dō Aleixo mādou a Pero vaz deuora capitão do carauelão, cō recado a el rey de Portugal do q̄ lhe acōtecera no estreito, ⁊ as causas porq̄ nā fora a judá, nē a Maçua, nē fizer a fortaleza

nas portas do estreito que el rey de Portugal não ouue por boas. E de Calayate se foy a Ormuz, deixãdo hi toda a frota/ ⁊ em Ormuz achou tudo tambem assentado por Afonso dalbuquerque, que não teue que fazer mais que verse cõ el rey Dormuz, ⁊ deranse presentes hũ ao outro/ ⁊ ficarão grandes amigos.

¶ Capit. xxi. De como ho Hidalcão mandou çufolarim seu capitão com trinta mil homẽs sobre a ilha de Goa.

DEsacupado ho Hidalcão da guerra de Nizamaluco por cõcerto que ouue ãtreles, determinou de tomar a ilha ⁊ cidade de Goa, parecendolhe que ho poderia fazer por ho gouernador ser fora da India, ⁊ que não poderia ser socorrida por não auer gente pera isso. E coesta determinação fez trĩta mil homẽs de peleja, em q̃ entrauão cinco mil de caualo, ⁊ fez capitão deles a çufolarim, de q̃ faley no liuro terceiro: parecendolhe que entraria na ilha assi como da outra vez/ ⁊ mandoulhe que a fosse tomar, dandolhe a capitania das tanadarias de Pondá ⁊ Salsete. E sabendo dõ Goterre q̃ chegaua, onde claramente se via q̃ hia pera Goa escreueolhe hũa carta (porq̃ dãtes erão amigos ⁊ se escreuião ⁊ visitauão cõ presentes) ⁊ dizia nela que fosse boa sua vinda/ ⁊ q̃ lhe fizesse boa prol cõ as terras de Goa, que dizião que lhe dera ho Hidalcão: ⁊ que folgaua muyto polo ter por vezinho. E mandou ao portador desta carta que soubesse o que çufolarim determinaua/ ⁊ a certeza do numero da gente que trazia. çufolarim recebeo bẽ este portador, ⁊ por sospeitar q̃ hia espialo mais q̃ a leuarlhe carta deteueo obra doyto dias, porq̃ dom Goterre não fosse auisado de sua determinação que era ẽtrar na ilha de Goa da maneyra que entrou quando a cidade se entregou a Afonso dalbuquerq̃ como disse no liuro terceiro. E despois de dõ Goterre mãdar outro messegeiro a çufolarim por ver que tardaua ho primeyro, lhe respondeo elle por escripto, dizendo que hia tomar Goa que ho Hidalcão dera a Afonso dalbuquerque ate quando lhe aprouuesse. E sabendo dõ Goterre q̃ a determinação d̃ çufolari. era entrar pelo passo de Benestari/ ⁊ polo caminho q̃ leuaua auia dir ao longo do passo de çancalim/ mãdou la dõ Fernando por mar cõ dez fustas darmada, de q̃ a fora ele forão por capitães Anrrique de touro/ Palos çerueira/ Domingos d̃ seixas/ Pero jorge/ Pero gomez casado ẽ Goa ⁊ outros q̃tro/ ⁊ leuaria pto de cẽ homẽs, ⁊ logo ẽ chegãdo não virão nenhũa gẽte. E parecẽdo a dõ Fernãdo q̃ ainda os imigos não erão chegados quiserasse tornar/ se não quãdo sae multidão deles dãtre ho mato dãdo grãdes alaridos/ ⁊ sayrão tão de supito que deitarã hũa grãde nuuẽ de frechas primeyro q̃ os nossos desparassem a artelharia, ⁊ matarão hũ marinheiro, ⁊ os nossos lhe matarão muytos d̃spois q̃ começou d̃ jugar ⁊ esteuerão coeles hũ bõ pedaço ás

bombardadas, ate que se retirarão pera o mato, ꝛ tirauão dãtrele muytas frechadas. E porq̃ podiã fazer dãno aos nossos não quis dõ Fernãdo ali estar mais: ꝛ contẽtouse cõ ho dano q̃ tinha feito aos imigos, ꝛ porq̃ lho não fizessem mandou afastar as fustas hũa ꝛ hũa: ꝛ tornou se pa goa, õde partio na madrugada seguinte pa o rio Dagaci: ꝛ indo ao lõgo das prayas do de Benastari, da bãda da terra firme achou muyto mais gente q̃ ao dia dãtes, por ir ali çufolari. E os imigos vendo os nossos lhes derão hũa çurriada cõ espigardões ꝛ frechadas: ꝛ os nossos outra de bõbardadas, cõ q̃ matarão muytos: ꝛ antreles foy o que leuaua ho sombreyro a çufolarim, que se soube despois q̃ se baqou cõ medo das bõbardadas, por nã ter por onde fugir, se não por hũa ladeira em que ficauão a melhor tiro. E em quanto os imigos passarão este ue ali dom Fernãdo: ꝛ matou muytos: ꝛ despois se foy poer na boca da rio Dagacim, pera goardar aq̃les rios. E por assi parecer bẽ a dõ Goterre ꝛ seruiço delrey de Portugal tirou da alcaydaria mór do passo seco a João gonçaluez de castelo branco que estaua nela: pera ajudar a seu irmão a goardar aqueles rios por saber bẽ da guerra pela muyta experiencia q̃ tinha dela, ꝛ ser muyto esforçado. E mandou q̃ hũa noyte fosse ele com a metade das fustas correr ho rio de Põda, ꝛ seu irmão ficasse na boca do rio de Benastari com a outra metade: ꝛ outra noyte fosse seu irmão, ꝛ ficasse João gonçaluez. E isto porque se temia de os mouros entrarẽ em jangadas por aq̃le rio, como no tẽpo dAfonso dalbuquerque, como disse no liuro .iij.

¶ Capit. xxij. Do que fez dom Goterre capitão de Goa despois q̃ se vio cercado.

Tendo dõ Goterre como ho cerco não se escusaua dobrou logo a gente em todos os passos da ilha E porque sabia q̃ quando Afonso dAlbuquerque deixara Goa se lhe leuantara a gente da terra, porq̃ lhe não fizessem outro tãto a todos os casados, gentios ꝛ mouros tomou as molheres ꝛ os filhos, ꝛ meteolhas na cidade, onde lhes deu gasalhado: ꝛ a eles mandou q̃ ajudassem a guardar os passos da ilha aos nossos, o que fizerão de boa vontade por amor das molheres ꝛ filhos q̃ tinhão em penhor. E pera q̃ tiuesse mantimentos em abastança ꝛ lhe não falecessem, mandou tomar quãtos auia na cidade, assi aos da terra como aos nossos: ꝛ mandou os meter nas casas que forão do çabayo: pera dali os dar de sua mão a seus donos: porq̃ os não gastassem sẽ regra ꝛ despois lhes falecessem. E porq̃ tambẽ os cocos sam mantimẽto mandou apanhar quantos auia nos palmares ꝛ recolhelos nas casas que digo. E cõ isto mandou certas espias ao arrayal dos imigos pera ter auiso do que çufolarim determinasse: ꝛ ele por terra visitaua cada dia todos os passos porque lhes não faltasse nada pera sua defensam: ꝛ daua esforço á gente, que

não ouuessem medo aos immigos por mais que fossem, porq̃ com aju-da de nosso senhor os auião de des-baratar. E seu irmão dõ Fernando por mar/ ⁊ João gonçaluez de castelo braço como disse corrião todos os rios sem estarẽ nunca quedos.

¶ Capit. xxiij. De como çufolarim assentou seu arrayal na terra fir-me/ ⁊ do ardil q̃ dõ Goterre teue pera se matarẽ muytos mouros.

Entre tanto que dõ Goterre isto fazia assentou çufolarim seu arrayal detras daqueles outeyros, que vão ao longo do rio de Benastari/ ⁊ chegaua ate a baya Dauacim, porq̃ ali determi-naua de mandar fazer jangadas pa passar á ilha de goa, como fizera da outra vez, que passou em tempo de Afonso dalbuquerq̃: o que ele não pode nunca fazer, porq̃ era tão espi-ado polos nossos, que como as jãgadas erão no mar logo dõ Fernãdo: ⁊ João gonçalues se lhe punha diãte com a sua armada. O q̃ vendo çufolarim não ousaua de cometer a entrada da ilha: ⁊ com tudo não deixaua d̃ mostrar que ho queria fazer, ⁊ daua muytos rebates de noite, a q̃ dom Fernãdo ⁊ João gonçaluez a-codião logo, que cõtinuamẽte estauão no mar sofrendo imenso trabalho de grãdes tormẽtas de chuuas ⁊ de vẽtos, que as armas ⁊ os vestidos lhes apodrecião nos corpos a eles ⁊ aos outros. E todo ho mes d̃ Julho sofrerão este trabalho, cõ os que andauão co eles, sem nunca dormirẽ senão de dia. E muytos se acostumarão a dormir em pé, como q̃ dormissem em cama. E vendo a gente da terra que estaua cõ os nossos que çufolarim não ousaua dentrar perderã todo ho medo q̃ tinhã que entrasse na ilha: ⁊ os piães pedião a dõ Goterre q̃ os deixasse ir furtar ao arrayal dos imigos/ ⁊ q̃ assi lhe farião a guerra, pois não podião doutra maneira. E ele lha deu, mandando apregoar que por cada cabeça de mouro ou de turco daria hũ pardao douro a quẽ lha leuasse: ⁊ os piães pola ganhar hiãse ao arrayal ⁊ como andauão do mesmo modo que os do arrayal, não os desenferẽçauão deles, ⁊ podião andar por onde querião: ⁊ como vião tempo não fazião se não matar nos imigos: ⁊ tomadas as cabeças as leuauão a dõ Goterre, ⁊ dauãlhas cõ grãdes festas de tangeres: ⁊ dom Goterre lhes pagaua logo: no q̃ gastou muyto, porq̃ as cabeças erão muytas, que ho premio que daua por elas fazia não se estimar ho perigo q̃ cu-stauão. E vẽdo dom Goterre ir tão de vagar a entrada de çufolarim, escreueolhe que pera q̃ tardaua tanto em entrar a ilha: ⁊ que se determinaua de ho fazer q̃ lhe mandasse dizer ho dia, ⁊ q̃ lhe tiraria as fustas do rio, ⁊ a gẽte da terra pera poder de-sembarcar: cõ cõdição que auia de ir em pessoa com sua gente. E ele respondeo por escripto em letra q̃ nunca se soubeler.

¶ Cap. xxiiij. De como çufolarim começou de dar bateria á nossa fortaleza: ⁊ como lhe os nossos q̃brarão hũ camelo com q̃ a dauã.

cia/⁊ os nossos cortarão as cabe-
ças aos rumes pera as leuar a dõ
Goterre/⁊ recolheranse á fusta sem
nenhũa afronta: do que çufolarim
ficou muyto injuriado quando ho
soube. E continuando os nossos a
bateria ao seu muro, lho desfizerão
em poucos dias, ⁊ sabendo cada
dia ho Hidalcão nouas do que so
cedia no arrayal, ⁊ quão pouco no
jo çufolarim fazia aos nossos, ⁊ por
ser ja verão mandoulhe que leuan-
tasse ho cerco ⁊ se fosse. E ele ho fez,
⁊ ficando a ilha decercada/os Ca-
narins que estauão nos passos se
recolherão pera suas casas com su-
as molheres ⁊ filhos que tinhão
na cidade/⁊ ficarão com grãde cre
dito nos nossos por quão bẽ se defẽ
derão/⁊ perdido todo quanto ti-
nhão dãtes nos mouros por quão
pouco fizerão. E leuantado ho cer-
co veose logo pera a cidade ho em-
baixador do xeque ismael que esta-
ua na terra firme/onde se foy quan
do começou ho cerco fingindo que
hia visitar hũ seu amigo/⁊ isto com
medo de lhe parecer que por os nos
sos serẽ poucos ⁊ os mouros muy-
tos auião de vencer: ⁊ tambem che-
gou dõ Aleixo de meneses que hia
de Mazcate/⁊ deu noua do gouer-
nador que ficaua em Ormuz/⁊ foy
se logo a Cochim a fazer a carga pe
ra as naos de Portugal.

¶ Capit. xxvj. De como chegou á Jndia Antonio de saldanha por capitão mór de cinco naos, ⁊ de como o gouernador chegou Dormuz, ⁊ do que fez a Fernão dalcaçoua.

DOnde este ãno de mil
⁊ quinhẽtos ⁊ dezasete partio Antonio
de saldanha por capi
tão mór de cinco na-
os/cujos capitães forão a fora ele
dom Tristão de meneses, Manuel
d lacerda/Pero corresma, ⁊ Rafael
catanho/⁊ despois Dantonio de
saldanha poucos dias partio Fer-
não dalcaçoua hũ fidalgo q̃ el rey
mãdaua á Jndia pera vedor de sua
fazenda isento do gouernador/por
que ele cõ ho cuydado ⁊ ocupação
da guerra não podia entender na
fazẽda como compria a seruiço del
rey: ⁊ Fernão dalcaçoua foy por ca
pitão mór de tres naos com a sua q̃
era del rey, ⁊ as duas hũa de dom
Nuno manuel, ⁊ outra de Duarte
tristão hũ mercador/⁊ esta arribou
ao Brasil onde inuernou: ⁊ Fernão
dalcaçoua dobrou cõ a outra ho ca
bo ⁊ dobrado achouse cõ Antonio
de saldanha, ⁊ não querẽdo ir cõ ele
se apartou de sua conserua com tem
po, ⁊ despois se ajuntarão em Mo-
çambique, donde forão ter a Jndia
⁊ surgirão na barra de Goa: nã sen
do ainda o gouernador vindo Dor-
muz. ⁊ Fernão dalcaçoua não quis
esperar pelo gouernador q̃ lhe des-
se a posse de seu officio ⁊ tomou a
logo/tirando em Goa ho cuydado
da fazenda del rey a dom Goterre
que ho tinha ⁊ entendia em tudo o
que ho feytor fazia. E nisto ouue ã
treles algũ escandalo/por interui-
rem mexericos que dom Goterre
não fazia o q̃ deuia, ⁊ daqui mãdou
Fernão dalcaçoua hũ Fernão mar
tiz euãgelho a Diu cõ fazẽda dl rey

pa a vẽder lá como feytor. E parti-
do Fernã dalcaçoua de Goa foy ẽtẽ
dendo por essas fortalezas no que
tocaua á fazenda del rey ate Co-
chim. E nisto chegou ho gouerna
dor a Goa que vinha Dormuz/ ꝛ
quando soube da vinda de Fernão
dalcaçoua ꝛ ho officio que trazia/
com quelhe tiraua a metade do mã
do que tinha, mostrouse disso muy
to agrauado, ꝛ dizia pubricamente
que se ele teuera parentes em Por-
tugal que Fernão dalcaçoua não fo
ra á India aquele officio, mas que
os não tinha, ꝛ logo lhe quis mal.
E esses a que Fernão dalcaçoua ti-
nha tirado dentenderem na fazẽda
indinauão ho gouernador mais cõ
trele, dizendo que não era pera se so
frer ter ele vẽdor da fazẽda que mã-
dasse mais que ele: ꝛ assi ho fez ho
gouernador/ q̃ chegado a Cochim
mostrãdolhe Fernão dalcaçoua a
prouisam de seu officio, ele a beijou
ꝛ mãdou que se comprisse, mas por
debaixo disso tinha maneyra com
q̃ lhe tiraua ho poder dusar de seu
officio/ ꝛ todos ho ajudauão a isso
porque por amor dele querião mal
a Fernão dalcaçoua, ꝛ não ho via
ninguem. Do que ele andaua muy-
to acanhado ꝛ corrido/ ꝛ não ousa
ua de bolir consigo. E tanto foy is-
to auante que ainda que sabia que
pera ho anno seguinte auia dir por
gouernador da India Diogo lopez
de sequeira/ disse ao gouernador q̃
se q̃ria tornar pera Portugal/ cõ
q̃ ele folgou muyto ꝛ deulhe a nao ẽ
que fora Antonio de saldanha, com
quem lhe tambem pesaua muyto
na India, porque leuaua a capita-
nia mór do mar/ ꝛ tiraua este cargo
a dom Aleixo de meneses seu sobri-
nho, a quẽ ho gouernador ho tinha
dado, ꝛ isto se dizia pubricamente.

¶ Capit. xxvij. De como Fernão perez dandrade tornou a partir pera a China/ ꝛ da discrição da China: ꝛ de seus costumes.

Estando Fernão pe-
rez dãdrade em Ma
laca despois darri-
bar da viagẽ da Chi
na, ouue algũ escan-
dalo antrele ꝛ ho capitão, porque
Joãnes impolim feytor de Pacem
que se fora a Malaca pera estar hi
se arrependia ꝛ queria tornarse a
Pacem com Fernão perez que auia
dir lá carregar pera a China, ꝛ por
que ho capitão não queria, ele se a-
colheo por manha á nao de Fernão
perez, onde ho capitão ho quisera
mandar tomar por força. E tendo
prestes pera isso a frota d Malaca/
conheceo a pouca rezão que tinha ꝛ
ho grande deseruiço del rey que se-
ria/ ꝛ arrependeose. E despois de
partido Fernão perez pera Pacem
faleceo de doença, ꝛ antes de seu fa-
lecimento entregou a capitania a
Nuno vaz pereyra seu cunhado a
quem tomou a menagem por ela ꝛ
lha fez dar aos officiaes da fortale-
za: do q̃ Antonio pacheco capitão
mór do mar se agrauou muyto/ di
zendo que a sucessam da capitania
era sua, porque quando Afonso dal
buquerque tomou Malaca que se
foy pera a India, deixou hũ regimẽ
to que falecendo ruy de brito pata-

lim que ficaua por capitão lhe socedesse Fernão perez dandrade que ficaua por capitão mór do mar / e que na feytoria estaua hũ aluara del rey de Portugal, em que mandaua que ate não verem regimento seu se vsasse dos que Afonso dalbuquerque deixara. E com tudo isto Nuno vaz não desistio da capitania / antes prẽdeo Antonio pacheco e Pero de faria sobre suas menagẽs por fazerem bando contrele. E porem Antonio pacheco não se ouue por preso, e estaua na ilha das naos onde tinha sua armada / e faziase doẽte por não ir á fortaleza / que não queria ver Nuno vaz: com quanto ho ele mandaua visitar e mostraua não ser seu immigo / se não que ho que fazia era por fazer justiça. E estando a cousa neste estado, chegou Fernão perez de Pacem pera ir á China / e nesse tempo que esteue em Malaca os quisera concertar e nũca pode: e deixãdo os assi se tornou a partir pera a China no mes dẽ Junho de mil e quinhentos e desasete, e foy na nao espera que seria de duzentas toneladas / e em sancta Cruz Simão dalcaçoua / e Pero soarez em sancto Andre, e Jorge mazcarenhas em Sanctiago, e foy tambem coele Jorge botelho em hũ jungo dũ mercador de Malaca chamado Curiaraia, e Manuel da raujo em outro de Pulata, e em outro seu Antonio lobo falcão, e era hũa armada de sete velas com que partio pera á China, cuja costa está pouco mais de quinhentas legoas de Malaca nauegando pera leste. He hũa prouincia muy grã de segundo se diz, abastada de todos os generos de mantimentos que se podem pedir, e assi de todas as fruytas que ha em espanha: ha nela muytas minas douro, prata e de todos os outros metaes, criasse nela muyta seda e muy fina de que fazem muytos damascos, cetins / veludos / tafetás / borcados e borcadilhos, reubarbo, canfora e canela muyto fina, azougue, pedrahume, porcelanas: e em tudo isto tratão os mercadores chins que sam muytos e muy ricos e nauegão em grandes jungos pera fora da China, e assi ha muyto almizqre, âbar e he pouoada de muytas e grandes cidades cercadas de muros / torres e cauas em que ha muy nobres edificios, assi de templos como de casas em que morão seus moradores, que todos sam gentios: posto que em muytas cousas parece que ouue Christãos naquela terra. Adorão hũ soo deos e tẽno por criador de todo mũdo: e adorã tres imagẽs domẽ / e tal he hũa como a outra / e todas sam hũ homem soo. Adorão duas imagẽs de molheres que crẽ que sam sanctas, hũa se chama Nãmá e tẽna os mareantes por auogada, e eles principalmente lhe tem muyta deuação, e lhe fazem grande festa / a outra se chama Conhãpuça que dizem que foy filha dũ rey da China / e que se foy de casa de seu pay a fazer vida solitaria em que acabou seus dias: esta dizem que goarda a terra, tem a sua imagem hũa pomba de bico vermelho. Tem tambem outras diuersas imagẽs que adorão e todas

em sumptuosos templos, a que eles chamão varelas ꝛ sam da feyção que contão os historiadores que forão as piramides do Egipto / ꝛ sam obrados muy ricamente, ꝛ assi as suas imagẽs que tem em altares da maneyra dos nossos. Nestas varelas morão frades que seruem a Deos ꝛ celebrão ao pouo os officios diuinos a sua maneyra / ꝛ reuestense com ornamentos como quãdo antre nos os sacerdotes dizem a missa, ꝛ sam tres ꝛ rezão em hũ altar por hũ liuro escripto em lingoagem que antreles he como antre nos ho latim, porque não a entẽdem todos, ꝛ destes liuros tem estes frades muytos. Nestas varelas ha dormitorios, crastas ꝛ outras officinas como nos nossos mosteiros / ꝛ tem relogios de sol / ꝛ sinos de metal muyto bem feytos com letras douradas, ꝛ tangẽnos com martelos / ꝛ os frades vestem hũas lobas compridas amarelas ꝛ andão rapados, ꝛ não tem mais rẽda que quanta lhes he necessaria pera comer / ꝛ deles não comem carne nem pescado. E assi como ha varelas de frades / as ha tambem de freyras: tem os Chins lingoa propria, ꝛ no tõ da fala parecem alemães. Sam assi homẽs como molheres aluos ꝛ bem despostos / ha antreles homens letrados em diuersas sciencias que se lem em escolas pubricas / ꝛ de que se imprimẽ muytos ꝛ bõs liuros, ꝛ sam os Chins homẽs de singulares engenhos / assi nas artes liberaes como nas machanicas, porque ha officiaes dẽ todos os officios que fazem obras muy primas como vemos nas porcelanas / cofres, cestos ꝛ outras cousas muyto polidas que vem de lá. Vsasse antreles geralmẽte toda a policia do mundo: ꝛ cuydão eles que a não ha em outra parte se não na China, nem tem por homem ho que não he chim. Tratanse todos muyto bem assi no vestir como no comer: ꝛ comem em mesas altas cõ toalhas / goardanapos ꝛ facas, ꝛ as igorias apartadas em prateis / ꝛ tudo o que comem tomão com garfo, ꝛ isto por limpeza: sam geralmente homẽs fracos pera guerra / porem tem boas armas. s. corçoletes com suas peças, terçados de ferro morto / alabardas / roncas, lanças ꝛ frechas ꝛ algũas bombardas de ferro. Ha antreles graos de honrra, ꝛ segundo sam honrrados assi se seruem: os fidalgos que se chamão mandarins andão a caualo, ꝛ quando vão polas ruas despejanlhas os homẽs baixos que estão nelas. He gente muy obediente a seus mayores ꝛ goardão em estremo os regimentos de seu rey / que não ha mais que hũ em todo ho senhorio da China, ꝛ he hũ dos mores principes que se sabe no mundo assi de tesouros como de gente, ꝛ he gentio, chamasse filho de deos ꝛ senhor do mundo: traz hũa letra que diz que a paz ho senhor de cima a deu, ꝛ que nunca a ninguem quis q̃ a não achasse: ho seruiço de sua pessoa he com capados: tem muytas molheres ꝛ muytas mancebas, ꝛ todas morão de dẽtro de hũa muy grande cerca õde el rey tem os seus paços / ꝛ ali tem cada hũa seu apou

sentamẽto/ ⁊ tẽ molheres q̃ as ser-uẽ ⁊ capados. Os reys da China soyão de ser antigamente por eley-ção/ ⁊ de pouco tempo pera ca her-da ho filho primeyro de qualquer de suas molheres ⁊ não das mance bas, os outros que não herdão es-tão em cidades deputadas pera is-so metidos em fortalezas cõ grãdes goardas ⁊ ali estão cõ suas molhe-res ⁊ tẽ muytas maneyras de desen fadamentos, ⁊ não saem dali se não com licença del rey ⁊ vão em andas que não vem por onde vão. El rey tem posta ley em seu reyno que to-do homẽ que for fora da China a outra terra não torne a ela sopena de morte, porque tẽ que não ha no mundo milhor terra que a China nẽ mais abastada de todas as cou-sas necessarias pera a vida huma-na/ ⁊ quẽ vay a outra terra he pera lhe fazer treição. E os Chins que tratão fora da China morão na ilha da Veniaga que está dezoyto legoas da cidade de Cantão princi pal da costa da china ⁊ grande por-to de mar. El rey da China não des pacha nenhũa cousa da gouernãça de seu reyno/ ⁊ pera todas as cou-sas tẽ officiaes que gouernão por ele, na justiça que he mór officio do reyno, tẽ tres homẽs grãdes letra-dos que se chamão colous: ⁊ hũ se chama colou grande, outro colou pequeno/ outro mais peq̃no: estes sam homẽs velhos ⁊ conhecidos por muyto bõs homẽs/ ⁊ vẽ a mere cer estes cargos por letras ⁊ por bõ dade, ⁊ seruẽ primeyro em outros officios mais baixos ate chegarem a ser tutões que sam gouernadores de comarcas: ⁊ despois Achancis que sam secretarios, ⁊ dali sobem a colous que he officio supremo. E es tes officios de colous vẽnos a ter homẽs baixos/ que não se olha se não que sejão velhos bõs homẽs ⁊ letrados. Ha outros officios que chamão tutões, ⁊ conquões ⁊ com pins: ⁊ estes todos tres se chamão conselho ⁊ gouernão cidades/ ⁊ ho principal deles he ho tutão: ha de ser homem letrado, velho ⁊ bõ ho-mem/ ho compim he ho segundo ⁊ he capitão da guerra ⁊ não he letra do/ ho conquão he ho terceiro, ⁊ tẽ cargo das cousas da fazenda/ ⁊ ho somenos deste conselho. Co estes anda outro que se chama ceiui, que ha de ser letrado ⁊ conhecido por bõ homem/ este despacha com ho tutão as cousas da justiça ⁊ tẽ car-go de tirar as inquirições ⁊ deuas sas geraes que manda a el rey. E tẽ grandes poderes/ ⁊ ho seu officio não dura mais q̃ hũ anno, os dos outros durão por annos. Ha ou-tros officios menores que estes, q̃ se chamão puchancis, amechacis, tocis, itaos, pios que sam almiran tes ⁊ ticos que não soube de que ser uião, ⁊ de cada hũ ha tres, grãde, pequeno, mais pequeno. Estes of-ficiaes todos andão em andores ⁊ trazem sombreiros de pé/ ⁊ cada hũ segundo tem ho officio assi tem estas insinias mais ricas ou menos ⁊ por elas sam conhecidos, ⁊ assi por hũas tauoas que lhes leuão diante em que vão escriptas as hõr ras dos officios, ⁊ assi lhe leuão diãte maças hũas de prata outras destanho segũdo he ho officio. Ho

mais hõrrado sõbreiro he o d seda amarela d tres rodas, ⁊ o mais baixo de tafetá preto de duas tres. Todos andão muyto ou pouco acompanhados de gẽte darmas sẽgũdo a dinidade do officio/ ⁊ assi lhe fazẽ grãdes ou peq̃nos recebimẽtos q̃ndo entrão nas cidades em q̃ gouernão, ⁊ assi lhe despejão as ruas por onde passam, porq̃ quãdo vão por elas leuão diãte homẽs q̃ bradão q̃ lhas despejẽ / ⁊ ao Ceiui as despejão de todo sem parecer ninguem.

¶ Capit. xxviij. De como Fernão perez chegou ao porto da ilha da veniaga/ ⁊ de como se lhe ouuera de perder a frota estando no porto.

Continuando Fernão perez por sua viajem chegou ás ilhas da China em Agosto/ ⁊ hũ dia atarde ouue vista delas/ ⁊ assi de hũa armada d doze jũgos q̃ ali andaua, ⁊ anda sempre naq̃le tẽpo pera goarda dos jungos que vão tratar a China/ de Sião, Malaca, Patane ⁊ outras partes/ q̃ lhe nã fação mal os cossairos ⁊ ladrões d q̃ na China ha muytos: assi no mar como na terra. E Fernão perez não se sobresalteou co esta frota, porque polos Chins d sua cõpanhia sabia q̃ a auia dachar, ⁊ por ser tarde ⁊ auer de nauegar por antreilhas não quis passar auãte ⁊ pairou ali aq̃la noyte, em q̃ disse a seus capitães q̃ mãdassem fazer prestes sua artelharia/ ⁊ fosse a gẽte apercebida pera pelejar se por vẽtura os Chins ho quisessem fazer: porẽ que fossem de maneyra q̃ eles ho não entẽdessem, ⁊ q̃ por nenhũ modo fizessem sinal d guerra sem seu recado/ ⁊ q̃ fossem como homẽs pacificos cõ suas naos ẽbãdeiradas. E assi ho fizerão, ⁊ ao outro dia começarão de nauegar leuando os jũgos de Malaca no meyo, ⁊ Fernão perez hia diante ⁊ Simão dalcaçoua de tras, ⁊ nas ilhargas hião Martim guedez ⁊ Jorge Mazcarenhas: ⁊ podião ir assi por ser ho mar brando ⁊ ho vẽto a popa/ ⁊ nesta ordẽ tirarão dereytos pera a ilha da Veniaga. Os Chins estauão cõ suas gauias postas ⁊ castelos armados, ⁊ partindo se em duas partes tomarão os nossos no meyo, ⁊ começarão de tirar algũas bõbardinhas q̃ trazião/ ⁊ dãdo grãdes gritas chegauãse aos nossos: ⁊ vẽdo q̃ eles não bolião cõsigo nẽ fazião mostra de querer em pelejar afastauanse, ⁊ cõ quanto os Chins isto fazião como os nossos disso não recebião dãno deixauãse ir como quẽ hia de paz ⁊ não d guerra, ⁊ assi forão ate chegarẽ á ilha da veniaga onde surgirão, ⁊ esta ilha está tres legoas da costa, ⁊ os Chĩs lhe chamão Tamão/ ⁊ nos outros da veniaga: porq̃ naquelas partes chamão ao trato da mercadoria veniaga: ⁊ nesta ilha se faz ho trato da mercadoria dos mercadores estrãgeiros q̃ vão tratar á China que se apousentão em hũa grãde pouoação q̃ hi ha, ⁊ dali nã pode ir nenhũ a algũ dos lugares da costa sem licẽça do conselho de Cantão hũa cidade q̃ está dali dezoyto legoas, ⁊ ainda quãdo vão não entrão dentro ⁊ pousam nos arrabaldes ⁊ ali fazẽ

seus tratos. E pera se isto assi fazer ⁊ armar as frotas q̃ andão por aq̃la parajẽ/ reside ho Pio, q̃ he como almirante de toda aq̃la costa ẽ hũa villa chamada Nantó q̃ está tres legoas da veniaga, ⁊ dali faz saber ao cõselho de Cãtão os jũgos q̃ vẽ ⁊ dõde sam ⁊ o q̃ querẽ, ⁊ q̃ fazẽda trazẽ: ho conselho determina o q̃ se ha de fazer/ ⁊ se he cousa noua escreue ho logo a el rey pera q̃ seja auisado do q̃ passa. Chegado Fernão perez ao porto desta ilha achou hi Duarte coelho q̃ partira coele a primeyra vez q̃ partio ď Malaca, ⁊ inuernou em Sião como ja disse, ⁊ auia hũ mes q̃ chegara, ⁊ pelejou no caminho cõ trinta ⁊ tres velas de cossairos q̃ ho teuerão q̃si rendido cõ lhe matarẽ muyta gente, ⁊ milagrosamente ho saluou nosso senhor ⁊ lhe deu maneyra pera poder fugir, ⁊ nesta peleja fez Duarte coelho façanhas q̃ se não podẽ escreuer. E enformãdose Fernão perez desta ilha por Duarte coelho/ mandou dizer ao capitão moor da armada dos Chins q̃ ele era capitão mór daq̃la armada del rey de Portugal, q̃ desejando deter paz ⁊ amizade com el rey da China lhe mãdaua seu ẽbaixador q̃ ali trazia, ⁊ por isso nã quisera trauar coele peleja/ pedidolhe q̃ lhe desse piloto q̃ ho leuasse á cidade de Cantão. Ho capitão mór lhe respõdeo q̃ fosse muy bẽ vindo/ ⁊ q̃ polos Chins q̃ forão a Malaca se sabia noua dos Portugueses: ⁊ pois vinha por amizade q̃ goardasse os costumes da terra q̃ erão fazer saber sua vinda ao Pio de Nantó/ ⁊ q̃ este lhe diria o q̃ auia de fazer/ porq̃ a ele nã cõuinha mais q̃ goardar ho mar. E tendo Fernão perez esta reposta, lhe chegou logo recado do Pio, em q̃ lhe pregũtaua que gẽte erão, ⁊ dõde vinhão/ ⁊ q̃ buscauão. Fernão perez ho disse ao messegeiro, ⁊ q̃ polas obras q̃ ho gouernador Afonso dalbuquerq̃ fizera aos Chins q̃ achara no porto de Malaca q̃ndo a tomou poderia saber ho desejo damizade q̃ el rey de Portugal tinha cõ elrey da China ⁊ isso ho obrigara a mandarlhe seu ẽbaixador cõ hũ presente q̃ lhe leuaua/ pedindo muyto ao Pio que lhe desse hũ piloto q̃ o leuasse a Cãtão pera mãdar dali ho ẽbaixador q̃ trazia: ao q̃ ele respõdeo q̃ mãdaria recado ao cõselho ď Cãtão como era chegado, ⁊ segũdo a determinação do cõselho assi faria, porq̃ se não podia fazer doutra maneyra. E cuydando Fernão perez que aquilo fosse logo, sayose pera fora do porto com os nauios Portugueses com que determinaua de ir a Cantão/ ⁊ deixou dentro os jungos: ⁊ estando assi de fora esperando por despacho/ sobreueo tamanho temporal de vẽto q̃ se ouuerão de perder todolos nauios cõ darem á costa se lhe não cortarão os mastos: ⁊ assi escaparão pola misericordia de nosso senhor/ ⁊ este temporal não fez nenhũ nojo aos jungos por estarẽ dentro no porto. E ficando a nossa frota desenmasteada/ quisera Fernão perez auer remedio de terra pera a ẽmastear/ mas não pode porq̃ nunca os Chins lho quiserão dar: ⁊ isto porque não sabião o que ho conselho de Cantão determinaria.

E vendoſe Fernão perez ſem reme-
dio, remedeouſe cõ ho ſeu, ⁊ do maſ
to do nauio de Martim guedez en-
maſteou ho d Jorge mazcarenhas,
⁊ com ho da nao de Simão dalcaço
ua enmaſteou ho nauio de Martim
guedez: ⁊ a nao de Simão dalcaço
ua ẽmaſteou com ho maſto da ſua
que mandou meter no porto, onde
mandou a Simão dalcaçoua que
ficaſſe por capitão mór em quanto
ele hia a Cantão, pera onde logo
partio indo no nauio de Martim
guedez: ⁊ leuando em ſua compa-
nhia Jorge mazcarenhas no ſeu/ ⁊
aſſi os bateys das naos ⁊ dambos
os nauios/ artilhados ⁊ apadeſſa-
dos/ ⁊ partindo da ilha da venia-
ga foy ſurgir no porto d Nató que
eſtá na entrada de hũ rio de hũa le-
goa de largo/ ⁊ por ele acima eſtá a
cidade de Cantão obra de vinte cin
co legoas de Nantó.

¶ Capit. xxix. De como vendo Fernão perez que ho Pio lhe não queria dar deſpacho ſe partio pera Cantão/ ⁊ do ſitio de Cantão.

SUrto Fernão perez ho
Pio ho mandou viſitar
⁊ lhe mandou muyto re-
freſco/ mandandolhe di-
zer que não podia dali paſſar ſem
recado do conſelho de Cantão, ⁊ fa
zendo ho doutra maneyra lhe pare
ceria que vinha mais de guerra que
de paz. E Fernão perez lhe mãdou
dizer pelo feytor da armada que ja
lhe mandara dizer pelo ſeu meſſe-
geiro que a principal cauſa que mo
uera a el rey de Portugal ſeu ſeñor
a mandalo á China fora de deſejar
a amizade de ſeu rey/ ⁊ pera ſe aſſen
tar leuaua ali hũ embaixador, o que
lhe parecia que nunca aueria effey-
to com tamanha detença tamanha
vſauão coele, ⁊ porque coela ſe per-
dia muyto do ſeruiço del rey ſeu ſe-
nhor/ lhe requeria da parte del rey
da China/ ⁊ da ſua lhe pedia muy-
to por merce que lhe deſſe hũ piloto
que ho leuaſſe a Cantão ⁊ licença
pera ir lá: ⁊ diſto lhe mandaſſe logo
a repoſta, porque ſe lha não deſſe
conforme a ſeu requerimẽto, ele paſ
ſaria auãte ⁊ iria a Cantão como
lhe el rey ſeu ſenhor mãdaua, ⁊ pro
teſtaua de não encorrer por iſſo em
nenhũa deſobediencia contra elrey
da China nem em quebra dos coſ-
tumes de ſeu reyno: ⁊ que ele Pio
ficaſſe obrigado a toda a perda ⁊ a
todo ho dãno que ſobriſſo recreceſ-
ſe/ pois não fazia o que compria ao
ſeruiço del rey da China, não eſtan
do ali pera outra couſa. E mandou
ao feytor que cõ a repoſta do Pio
ou ſem ela tiraſſe hũ eſtormento cu-
ja ſuſtancia foſſe eſte recado que lhe
mandaua/ ⁊ mandou ho feytor bẽ
acompanhado de criados del rey
todos veſtidos de feſta/ ⁊ diãte as
ſuas trombetas. E coeſte aparato
chegou ho feytor ao Pio/ que ou-
uindo ho recado de Fernão perez ⁊
ſuas proteſtações ſe eſpantou de a-
uer nos noſſos tãta rezão, q̃ fazião
ſuas couſas por tão boa ordẽ, porq̃
os tinha por barbaros como os
Chis tẽ a todas as outras nações
⁊ reſpondeo ao feytor que diſſeſſe a
Fernão perez que ele lhe mandaria
a repoſta per ſeu meſſegeiro/ ⁊ foy

que esperasse Fernão perez ate ho outro dia queteria recado do Tutão de Cãtão que era seu superior/ que o que ele mandasse isso faria. E parecendo isto dilações a Fernão perez mandou dizer ao Pio que esperaria pola reposta do Tutão ate que a viração vẽtasse, porque coela iria por diante, ꝛ assi ho fez ꝛ nos bateys que hião diãte dos nauios hia ho seu piloto sondando. O que sabido pelo Pio lhe mandou hũ piloto que ho leuasse á cidade de Cantão, que como disse he por aqle rio acima: que he fermosa cousa de ver por auer nele muytas ilhetas ꝛ delas se cobrem dagoa com prea mar, ꝛ todas sam verdes ꝛ viçosas de rua: ꝛ seruẽ de pacerem nelas grã de multidão dadens ꝛ de patos que leuão ali em jangadas grandes q̃ sam cerradas como casas/ ꝛ tẽ hũa porta por onde saem as adens ꝛ os patos voando/ ꝛ ao recolher se recolhem ao som de hũ sino que tem cada jãgada, que conhecem tambẽ, que ainda que tanjão quatro sinos cada hũas acodem ao de sua jangada. Na terra de hũa banda ꝛ doutra deste rio ha muytos lugares murados, que tem muytas quintas/ hortas/ ꝛ muytos parques, ꝛ toda a terra muyto aproueitada: ꝛ por isso he muyto abastada de todolos mantimentos, E junto da cidade he ho rio de largura de tiro de berço daltura de sete braças/ ate tres: ꝛ ancorão ali grandes jungos ꝛ a cidade está perto dele, ꝛ será de cerca algũa cousa mayor que Euora: ꝛ tem os muros de largura de cinco braças, ambas as faces sam de cãtaria de pedra vermelha ꝛ mole, he entulhado de terra ate ho meyo/ ꝛ ameado cõ ameas de seteiras ꝛ está sempre muyto limpo de ruas por ordenança da cidade. Tem este muro em roda setenta ꝛ oyto torres de sua altura todas entulhadas: ꝛ em cada hũa está hũa vigia que tem hũ masto aruorado pa se poer hũa bandeira no tempo de suas festas. Tem mais esta cerca sete portas: ꝛ ꝛ pola largura do muro: cada porta tem quatro portas, hũa defronte da outra antes que cheguẽ á derradeira, E cada portal tẽ no muro hũ postigo ð cada ilharga: ꝛ as portas sam forradas de ferro: porẽ sam mais fermosas q̃ fortes. Sobrestas portas ha grandes casas de vigia: em q̃ cabẽ quinhentos homẽs/ que tem ali suas armas defensiuas ꝛ offensiuas: com que guardão aquelas portas de dia ꝛ de noite. No muro da parte da cidade não he tambẽ repairado como da banda de fora: E por ele ser tão largo como digo ho entulharão de terra, ꝛ donde se ela tirou ficou hũa fermosa caua ð grã de altura que se enche dagoa da bãda do rio: ꝛ não do sertão porq̃ vay por hũ alto: ꝛ não pode sobir ali agoa. Esta caua tẽ sete põtes correspõdẽtes á porta da cidade: ꝛ todas sam grãdes ꝛ bẽ obradas/ ꝛ tomarão toda sos dous terços da cidade q̃ não tẽ outra fortaleza senão as casas do Puchanci, q̃ he o q̃ a gouerna em ausencia do Tutão, estas tẽ algũa aparẽcia de fortes: ꝛ porẽ não ho sam ꝛ sam terreas, porq̃ não ha na cidade nenhũa casa que ho não seja (a rezão não pude saber) ꝛ

ſam todas de taipa acafeladas por
fora cõ cal de caſcas doſtras/ ꝛ for
radas por dentro de madeira groſ
ſa, ꝛ pintadas fermoſamente/ ꝛ to
das tem oratorios com retauolos
ꝛ imagẽs dos idolos dos Chins.
Tem todas pateos lageados de
fermoſas pedras, ꝛ poços dagoa
que não he boa, ꝛ as mais delas
tem aruores ás portas que fazem
ſombras, tem a cidade de ſeu muy
tas caſas pera os officiaes que a
gouernão, ꝛ ſam pera ver de fermo
ſas: todas as ruas tem portaes nos
cabos ou começos a modo de ar-
cos triumphaes/ ꝛ ſam de madeira
muyto bem laurados ꝛ pintados
ꝛ ha destes mais de quinhentos.
Ha tambem neſta cidade muytas
varelas que ſam as caſas doração
dos Chins/ aſſi moſteiros como
igrejas em que ha muyto ſingula-
res agoas. Tem eſta cidade hũ ar-
rabalde de mayor pouoação que a
cerca/ ꝛ eſtendeſſe ao longo do rio/
ꝛ he muyto comprido ꝛ eſtreito: ꝛ
aſſi nele como na cerca ha gente ſem
conto, fidalgos a que chamão man
darins na lingoa Chim/ mercado
res ꝛ officiaes macanicos: ꝛ vendẽ
ſe aqui couſas tão lindas que he
couſa deſpanto. Por ordenança da
cidade as ſuas portas ſe fechão
em ſe poendo ho ſol, ꝛ abrenſe em
ſaindo/ ꝛ iſto por amor dos muy-
tos ladrões que ali ha. E aſſi niſto
como no mais he tambem regida
que não tem enueja as milhores
regidas Deuropa/ ꝛ he ley do rey-
no não entrar da cerca pera dẽtro
nenhũa peſſoa eſtrangeira ſe não ſe
for Chim/ ꝛ por iſto ha no arrabal
de gente ſem conto como ja diſſe.
ꝛ no rio ꝛ na caua eſtão continua-
mente de dez mil paraós grandes
pera cima ꝛ todos cheos de gente
ꝛ em muytos morão como em ca-
ſas, ꝛ he de maneyra que parece que
quaſi ha tanta gente no rio como
na cidade/ porque tudo he cuber-
to dela: ꝛ não he marauilha porq̃
ali não ha peſte, nem guerra/ nem
fome.

¶ Capitolo. xxv. De como ho capitão mór chegou a Cantão, ꝛ de como deſpois chegarão ho Cõquam/ Compim ꝛ ho Tutão.

HO piloto q̃ ho Pio
mandou a Fernão
perez não ouſou dẽ
trar em nenhũ dos
noſſos nauios nem
nos bateys ꝛ foy
em hũ parao ſeu, ꝛ ſeguia ho a noſ-
ſa frota ꝛ poſerão tres dias em
chegar a Cantão, porque Fernão
perez ſurgia de noyte. E chegado
ao porto da cidade ſurgio pegado
com a ponte principal/ ondeſtaua
hũ cais de cantaria ao noſſo modo,
ꝛ dali ſaluou a cidade com toda ſua
artelharia/ tẽdo os nauios emban-
deirados, ꝛ ao eſtrondo da artelha
ria acodio ao cais toda a gente da
cidade a fora a que eſtaua no rio em
paraós como ja diſſe. E eſtando
Fernão perez ſurto mandoulhe ho
Puchãci grãde de Cantão dizer/
que ſe eſpantaua muyto vindo ele
de paz ſegundo lhe tinhão dito/
moſtrar que vinha de geurra no
q̃ fazia contra as leys que tinhão

que defendião nenhũa pessoa natural nem estrangeira, não tirar diante daquela cidade nenhũ tiro dartelharia, nem aruorar bandeira nem lança: ⁊ pois ele vinha de paz que assi ho deuia de fazer. Ao que ho capitão mór respondeo/ desculpandose de não saber suas leys, ⁊ por isso vsara do nosso costume que era tirar sua artelharia em final de festa ⁊ damizade, ⁊ por essa causa embãdeirara suas naos/ ⁊ não por quebrar suas leys nem costumes, que ele ajudaria a goardar com todas suas forças como vassalo del rey de Portugal muyto grande amigo del rey da China, ⁊ por isso mandaua assentar coele paz ⁊ amizade. E coisto ficou ho messejeiro do Puchanci satisfeyto / ⁊ disse ao capitão mór que se não agastasse de ho não despacharem logo, porque não podia ser ate não vir ho Tutão que era sobre ho Puchanci ⁊ sobre os outros, ⁊ este ho despacharia logo que ja erão a chama lo a hũa cidade vinte legoos daquela polo rio acima como ja disse. E tambem como os nossos chegarão forão preguntados os idolos dos Chins se hião os nossos por seu bem ou não/ ⁊ hũs dizião que por bem outros por mal / porem que dali por diante goardassem melhor sua cidade / se melhor se podia goardar. E assi ho fizerão eles, ⁊ ho capitão mór não consentia q̃ nenhũ Chim entrasse nos nauios, nem que nenhũ dos nossos fosse a terra, ⁊ ho refresco que querião mãdauão no comprar aos paraos que estauão no rio/ nem menos consentio que nenhũ jungo dos que entrarão despois dele surgissem junto dos nossos nauios, ⁊ assi ho mãdou dizer ao Puchanci, que foy disso contente. E assi ele como os mãdarins da cidade ho mandauão visitar a miude com muytos presentes. E passados dous ou tres dias de sua chegada chegou a Cãtão ho Conquão grande/ que como disse he hũ dos tres do conselho ⁊ da gouernança ho menór: ⁊ era capado como ho sam os destes cargos/ ⁊ veyo polo rio muyto acompanhado, ⁊ sayo com grande aparato ⁊ da hi a cinco dias chegou ho Compim grande, tambem pelo rio ⁊ com muyto mor aparato que ho Conquão/ porque tambem seu officio he mayor que ho do Conquam por ser capitão da guerra como disse: ⁊ ho Conquão ho sayo a receber com toda a cidade. E sabendo ho capitão mór sua chegada ho mandou visitar, com cuja visitação ele mostrou que folgaua muyto/ ⁊ assi com ver os nossos. E respondeo ao capitão moor que sua chegada fosse embora/ que como chegasse ho Tutão em que estaua todo ho poder de seu despacho que logo seria despachado, ⁊ ele veyo seys dias despois do Compim, a que se fez muyto mais solēne recebimento que a nenhũ dos outros. E vinha ho Tutão pelo rio abaixo em hũ parao marauilhosamente laurado de maçanaria ⁊ cozido todo em ouro/ ⁊ toldado ⁊ embandeirado de bandeiras de sedas de coores / que alem de ser muyto fermoso era muyto rico.

⁊ acompanhauão muyta gẽte que vinha ẽ outros paraós laurados da mesma maneyra ⁊ pĩtados dou ro ⁊ dazul, ⁊ toldados ⁊ embãdeirados pelo mesmo modo. E era a gente tãta que ho acompanhaua/ ⁊ a diuersidade de instormentos q̃ trazia/ que parecia ẽtrar hũ grãde principe. E este dia foy embandeirada toda a cerca da cidade/ assi polos muros como polas torres ⁊ ẽ cada hũa estaua hũ masto grosso com hũa verga atrauessada cõ hũa bandeira tamanha como hũ papafigo de hũa nao: ⁊ estas de diuersas ⁊ alegres cores, ⁊ todas de seda, ⁊ assi a dos muros que erão muytas. Ho Cõquão/ ⁊ ho Cõpĩ cõ todos essoutros officiaes sayrã a receber ho Tutão acompanhados de toda a gente da cidade/ ⁊ todos vestidos de festa. E em ele desembarcando no caes, desparárão cinco camaras de falcão que estauão ceuadas pera isso/ porque ho tem por grande festa. E sobido ho Tutão em seu andor foy rodeado de muyta gẽte darmas q̃ antre os Chĩs se chamão laboes, ⁊ abalando pera a cidade hião algũs destes bradãdo diante q̃ despejassem as ruas q̃ hia ho Tutão. E assi se fazia / ⁊ com toda esta solẽnidade chegou ás suas casas onde ho deixou a gẽte que ho acompanhaua.

¶ Cap. xxvj. De como ho capitão mór mãdou recado ao Tutão, ⁊ foy escripto a el rey de sua chegada. E de como deixãdo ho embaixador em Cantão se tornou á ilha Daueniaga.

Sabendo ho capitão mór q̃ ho Tutão era vindo/ mandoulhe recado pelo feytor da causa de sua vida naq̃la terra/ ⁊ do embaixador q̃ trazia pera el rey da China, ⁊ do presente que lhe auia de leuar, pedindolhe que ho despachasse logo. Foy ho feytor bem atauiado com os q̃ ho acompanhauão que erão muytos criados del rey ⁊ leuaua diante as trombetas do capitão mór. E chegado a casa do Tutão que sabia que ele hia, achou ho acompanhado do Comquão ⁊ do Compim, ⁊ ho Tutão estaua da mão ezquerda por ser auido por lugar mais hõrrado antre os Chĩs ⁊ defronte deles estaua ho Ceiui que tira as deuassas como ja disse. E de todos ho feytor foy muy bẽ recebido: ⁊ ouuido ho recado do capitão mór / respondeo logo ho Tutão que sua vinda fosse muyto boa/ ⁊ que tinha coela grande cõtentamẽto por estar enformado de sua bondade ⁊ dos outros Portugueles: ⁊ que el rey seu senhor recebia muyta honrra em ser visitado de reys, que estando no cabo do mundo querião sua amizade: que prazeria a Deos que seria pabẽ, ⁊ cõtẽtamẽto de todos: ⁊ coisto outras alegres ⁊ corteses palauras/ ⁊ cada hũ dos outros officiaes fez sobristo sua fala ao feytor/ mostrãdo o cõtẽtamẽto q̃ tinhão pola vida do capitão mór, ⁊ pola amizade q̃ el rey de Portugal q̃ria cõ el rey da China/ q̃ sabião q̃ auia de folgar coela, ⁊ q̃ logo lhe escreueriã: ⁊ ate nã verẽ sua reposta nã poderia

dou coele a Garcia da costa irmão Dafonso lopez da costa/ ⁊ ambos forão em naos. E chegado a Diu mandou recado a Meliquiaz por João fernandez de Santarem escriuão da sua nao: ⁊ por Meliquiaz ser muyto amigo de Manuel de lacerda, folgou muyto cõ sua vinda: ⁊ assi lho mandou dizer/ mandandolhe muyto refresco, ⁊ pedindolhe que não desembarcasse ate que ho seu patrão do mar ho não fosse receber. E ao outro dia ho mãdou cõ muytas fustas todas toldadas ⁊ embandeiradas ⁊ artilhadas/ ⁊ com muytos tangeres: ⁊ quando Manuel de lacerda desembarcou, ho recebeo Meliquiaz com muyto prazer, ⁊ lhe fez muyta festa todo aquele dia, porque de noyte Manuel de lacerda se recolheo á sua nao/ ⁊ assi ho fez em hũ mes que ali esteue, ⁊ ajuntaranse aqui muytos Portugueses, porq̃ a fora a que trazia Manuel de lacerda estaua ali João gonçaluez de castelo branco na sua carauela ⁊ outros nauios. E estãdo assi entrarão no porto de Diu algũas das fustas de Meliquiaz que vigiauão ho mar: ⁊ auendo vista da armada Dantonio d saldanha que hia pera ho cabo de Goardafum forão dar recado a Meliquiaz/ ⁊ quãdo virão em Diu tãtos Portugueses/ ⁊ aquela armada no mar cuydarão que era algũa treyção pera tomar a cidade, ⁊ ho mesmo pareceo a Meliquiaz quãdo ho soube/ ⁊ por isso meteo na cidade mais gẽte da que tinha: ⁊ esta que veyo de refresco dauão muytos encõtros aos nossos que andauão na cidade, ⁊ fazialhe outras sobrãçarias. E não as podendo eles sofrer ho disserão a Manuel d lacerda, que logo ho disse a Meliquiaz/ pregũtandolhe que era aquilo. E ele lho disse/ dizendo que se não esteuera na cidade que os mais dos Portugueses forão mortos. E Manuel de lacerda lhe estranhou muyto cuydar ele q̃ per treição lhe auião de querer tomar a cidade, tendo amizade ⁊ paz: ⁊ disselhe que el rey de Portugal não costumaua de tomar as fortalezas por treição, se não por guerra quando se lhe não querião dar. E co isto se segurou Meliquiaz ⁊ mandou despejar a cidade: ⁊ passado hũ mes em q̃ se vendeo a fazenda que Fernão martnz feytorizaua/ quiserasse Manuel d lacerda partir ⁊ leualo: mas ele se escondeo por não ir coele, ⁊ dizião que com medo do gouernador por estar ali da mão de Fernão dalcaçoua. E vendo Manuel de lacerda q̃ ho não podia leuar/ partiose com todas as velas que estauão em Diu ⁊ foyse a Cochim/ onde achou ho gouernador.

¶ Capit. xxxiiij. De como ho gouernador foy iuernar a Cochi.

DE Goa se partio ho gouernador pera Cochim/ onde auia dinuernar, ⁊ hi achou grãdes brigas antre Afonso lopez da costa ⁊ Lourenço moreno. E a causa fora porq̃ hũ seu criado sabendo que ho comprador Dafonso lopez tomara hũ pouco de pescado a hũ seu moço

saltou na cozinha do mesmo Afonso lopez τ tomou quãto pescado hi achou, pelo q̃ Afonso lopez ho foy espancar á sua casa: do que Lourẽço moreno se ouue por muyto injuriado por ser homẽ honrrado/ τ dali por diãte andaua acompanhado de muytos homẽs armados de lãças τ doutras armas como que esperaua de vingar a injuria que dizia ter recebido, τ hũa noyte saltou com hũ irmão Dafonso lopez da costa pera ho matar: o que não pode fazer. E vendo isto algũs fidalgos que estauão em Cochim / porque a cousa não viesse a mais τ se seguisse mór mal/ pedirão a Aires da silua capitão da fortaleza que mandasse a Lourenço moreno que não trouuesse homẽs armados/ τ q̃ndo não quisesse senão trazelos que ho prẽdesse. O que ele fez: do que Lourẽço moreno se ouue por muyto mais injuriado que dantes, τ chegãdo ho gouernador a Cochim lhe fez queixume assi Dafonso lopez como Daires da silua, τ ajudou ho a isso Diogo pereyra de Cochim seu amigo muyto grande τ priuado do gouernador/ τ ambos lhe afearão ho caso grandemente: τ por isso τ por ele estar algũ tanto desconte Dafonso lopez, sem se mais enformar da cousa como passara, ho prendeo logo na pousada / defendendo que não pousassem seus irmãos coele, τ sem nenhũa ordem de juyzo tirou a capitania a Aires da silua τ degradou ho pera Malaca/ pera onde determinaua de mandar dom Aleixo de meneses com poder de gouernador pera concertar a deferença que lá auia antre Nuno vaz pereyra τ Antonio pacheco sobre a capitania da fortaleza: o que soube por Verissimo pacheco irmão Dantonio pacheco que chegara então de Malaca, τ lhe disse que despois da partida de Fernão perez pera a China/ Nuno vaz se concertara com Antonio pacheco / pera q̃ gouernassem ambos Malaca: no q̃ se ele fiando se fora pera a fortaleza da ilha das naos donde estaua. E despois dalgũs dias vindo hũ dia ambos da igreja/ ho tomarão vinte homẽs q̃ Nuno vaz pera isso tinha τ leuarãno á fortaleza, onde Nuno vaz ho mandou meter na coua. E sabendo ele Verissimo pacheco a prisam de seu irmão se acolhera no nauio con ceição de que era capitão, assi polo não prẽderem como pera vir dizer ao gouernador este caso como passaua, τ pera concertar esta deferença τ meter ẽ posse da capitania de Malaca a Afonso lopez da costa que a trouera de Portugal / queria ho gouernador mandar dom Aleixo.

¶ Capit. xxxiiii. De como dom Aleixo de meneses chegou a Malaca τ achou q̃ lhe fazia guerra el rey de Bintão.

Prestes a armada em que auia dir partio de Cochim ẽ Abril / indo ele ẽ Santiago menor/ τ Afonso lopez da costa na espera peq̃na, τ Duarte de melo q̃ leuaua a capitania mór do mar de Malaca em hũ jungo: τ irião nestes nauios bẽ trezentos Portugueses, τ muy

ta artelharia ⁊ munições ⁊ mantimẽtos de que Malaca tinha necessidade. E vendo Aires da silua que ho mandaua ho gouernador nesta frota degradado sẽ nenhũa causa/ determinaua ð ho matar ás punhaladas ⁊ irse pera os mouros: ⁊ tirarâno disso Christouão de sousa/ Francisco de sousa tauares ⁊ Manuel de lacerda. E todauia ãtes de sua partida quis perguntar ao gouernador a causa porque ho degradaua, ⁊ foy lho pregũtar indo coele estes tres. E o gouernador ho não quis ouuir antes ho ẽpurrou muyto rijo dizendo que se fosse. E partido dom Aleixo em Abril de mil ⁊ quinhẽtos ⁊ dezoyto chegou a Malaca, onde achou que el rey de Bintão era vindo ao Pago hũ lugar dezoyto legoas ð Malaca pelo rio acima, ⁊ tinha feyta hũa fortte trãqueyra em Muar cinco legoas de Malaca no mesmo rio, ⁊ tinha hi muyta gente/ assi na terra como no mar em lancharas/ ⁊ por capitão hũ valẽte mouro malayo chamado çancotea de raja: ⁊ este corria a Malaca por mar ⁊ mataualhe os pescadores que andauão pescando, ⁊ assi outros nossos amigos q̃ hião tratar cõ suas mercadorias: de modo que ninguem ousaua de sayr fora, ⁊ não somente fazia isto no mar, mas tambem salteaua a terra muyto amiude que ninguem estaua seguro. E chegado dom Aleixo soltou Antonio pacheco ⁊ meteo de posse da capitania da fortaleza Afonso lopez da costa, ⁊ da do mar Duarte de melo/ que logo sayo ao mar com sua armada/ cujos capitães forão ele, Diogo pacheco, Pero de faria ⁊ assi outros, mas nem por isso a armada dos imigos deixaua de correr como dãtes, ⁊ ouue muytos recontros com a nossa armada ⁊ sempre lhe fugia leuando a peor. E assi andarão ate q̃ Fernão perez veyo da China, como direy adiãte quando os nossos destruyrão esta tranqueyra de Muar.

¶ Capit. xxxv. Em que se escreuem as ilhas de Maldiua, ⁊ o que ha nelas. E de como dom João da silueira assentou paz ⁊ trato com el rey de Maldiua.

Partido dom João da silueira ð Cochim, seguio sua rota pera as ilhas ð Maldiua, q̃ se affirma serem seisenta legoas da costa do Malabar ou pouco mais/ ⁊ he hũ grandissimo arcepelago delas: ⁊ dizem os mouros nauegantes q̃ sam doze mil ⁊ corẽta ⁊ oyto, ⁊ começão ao mar de monte Deli õde estão os baixos de Padua/ ⁊ vão por aq̃la corda contra Malaca. E como disse na discrição do Malabar, tẽ os mouros q̃ estas ilhas forão terra firme/ ⁊ que se fez em ilhas com ho mar q̃ cobria a terra do Malabar/ ⁊ correo pera esta ⁊ fela em ilhas/ ⁊ ho Malabar ficou terra firme. E isto parece ser assi por quam juntas estas ilhas sam hũas com outras ⁊ quam pequenas, que andãdo eu antrelas ho vi: as primeyras sam quatro pequenas ⁊ rasas como ho sam quasi todas, ⁊ hũa delas se chama Maldiua, ⁊ desta se chamão todas

em geral as ilhas de Maldiua, ꝛ nesta ha hũ rey ꝛ em outra ilha que se chama Cãdaluz ha outro/ ꝛ a estes obedece a gẽte das outras/ de que muytas sam despouoadas por amor da grãde multidão de mosquitos que ha nelas. E nas q̃ estão da banda do sul dizem que ha muyta prata ꝛ muyto boa/ ꝛ em todas ha muytos palmares que dão coquos de cujas cascas se faz ho cayro, que he boa mercadoria pera toda a India, em q̃ fazem dele toda a cordoalha que se nela gasta, assi pera naos ꝛ nauios como pa outras cousas. Ha nestas ilhas muyto pescado q̃ seco lhe chamão moxama q̃ leuão por mercadoria a muytas partes/ ꝛ assi hũs buzios brancos pequenos a que chamão cauris que seruẽ de moeda miuda em Bengala/ porque sam mais limpos que ho cobre de que a auião de fazer/ que dizem que lhe çuja as mãos. Fazẽse nelas muytos ꝛ muy ricos panos douro ꝛ de seda, ꝛ dalgodão que antre os mouros valem muyto pera seu vestir: põe tambem aqui ás toucas os melhores viuos douro ꝛ de seda q̃ em outra parte do mũdo/ ꝛ assi ha muytas tartarugas cujas cõchas sam muyto boa mercadoria pera Cambaya. Achasse tambem nelas ho mais ambar ꝛ ho mais fino que se acha em outra parte algũa, ꝛ dizẽ os seus moradores que se faz desta maneyra. Bem dentro no arcepelago destas ilhas/ nas mayores delas ha muytas eruas cheirosas de que se mantem hũas grandes aues que se crião nestas ilhas, ꝛ a que os moradores chamão anacangripasqui. Estas aues se amei(?)ão ẽ hũas rochas questão nas mesmas ilhas ao longo do mar, ꝛ ali deitão seu esterco que he ho ambar: ꝛ he de tres qualidades/ ho primeyro he brãco ꝛ este he muyto fino/ ꝛ achasse nas mesmas rochas que fica pegado assi como as aues ho deitão, ꝛ chamãlhe os da terra ponábambar/ que quer dizer ambar douro / ꝛ val mais que todos porque se acha pouco/ ꝛ com muyto mór trabalho que os outros dous que sam pardo ꝛ preto/ que se fazem do branco: que estando nestas rochas que digo per tempo vẽ a cair no mar cõ grandes tempestades de ventos, ꝛ caido este ambar em grandes pedaços anda no mar ate q̃ sae em algũas prayas, ꝛ chamanlhe cuambar / q̃ quer dizer ambar dagoa, porque por ser muyto lauado tem perdida grande parte da fineza/ ꝛ a outro chamão manimbar/ que quer dizer ambar de pescado/ ꝛ he preto: porque tem que sendo pardo foy comido de Baleas ou doutros peixes muyto grãdes que ha antrestas ilhas / ꝛ não ho podendo disistir ho tornarão a lãçar assi preto, ꝛ este val pouco por ter perdida quasi toda sua virtude. Os moradores destas ilhas pola mayor parte sam gentios ꝛ tem a lingoa malabar, mas em Maldiua ꝛ Candaluz ha muytos mouros malabares: sam os moradores homẽs pequenos ꝛ não prestão pera guerra/ ꝛ assi tem poucas armas. Sam geralmente grandes feyticeiros, em tanto que visiuelmẽte lhes vem falar os diabos: tem como disse dous reys que tem grandes te-

souros de prata ⁊ dambar. E indo dom João da silueira por sua viagẽ despois de fazer algũas presas em naos de mouros nossos immigos foy ter á ilha de Maldiua pera assentar trato com el rey/ com quẽ se vio em terra com arrefens que lhe derão. E el rey ho recebeo com grande festa estãdo acompanhado de muytos senhores seus vassalos, ⁊ ele atauiado ao modo dos reys do malabar, que assi se serue em toda maneyra de seu seruiço/ ⁊ assi tem os paços como eles. E vendose dom João com el rey assentarão paz perpetua: ⁊ que ho gouernador podesse mandar assentar feytoria em sua terra/ onde lhe mandaria vender todo ho cairo de que teuesse necessidade/ ⁊ assi as outras mercadorias que auia nas ilhas, onde dõ João esteue esperando a moução pera Bẽgala/ ⁊ assi ficou ate q̃ veo.

¶ Capit. xxxvj. De como ho capitão mór do mar Antonio de saldanha foy fazer presas ao cabo de Goardafum, ⁊ do que lá fez.

HO capitão mór do mar Antonio d saldanha que partio de Goa pera ho cabo de Goardafum chegou a ele com toda sua armada em que leuaria passante de trezentos dos nossos/ ⁊ hi fez algũas presas nessas naos de mouros que sayão do estreito pera a India a comprar suas mercadorias: ⁊ como ho mais do que leuão quando vão he dinheiro/ fez ho capitão moor com os outros capitães muy ricas presas. E daqui andãdo a vista da cidade Dadem foy ter ás portas do estreito com determinação dẽtrar nele ⁊ saber algũa noua da armada dos rumes, de que todauia se tinha sospeita que auia dir á India. E poendo sua determinação em conselho com seus capitães/ foy acordado que não entrasse no estreito, porque se entrasse seria forçado inuernar nele por ser tarde, ⁊ inuernando lhe morreria toda a gente: ⁊ por isso cessou de sua determinação ⁊ foyse inuernar a Ormuz: ⁊ fazendo volta pera isso se determinou que desse na cidade de Barbora que está dali a vinte cinco legoas tornando pera ho cabo de de Goardafum na costa de Ethiopia em onze graos da banda do norte abastada de muytos mantimentos que ha na mesma terra/ em que tambem ha muyto ouro/ marfim ⁊ cera que lhe trazem do sertão: ⁊ por isso he de grande trato/ ⁊ vão a ela muytas naos Dadem, ⁊ do reyno de Cambaya com suas mercadorias, ⁊ leuão destas da terra. Seus moradores sam mouros ⁊ todos falão arauia: tem rey sobre si tambem mouro/ ⁊ paga parias ao preste ⁊ leuantaselhe aas vezes. E chegando ho capitão mór com sua armada ao porto desta cidade achoua despejada de todo que os seus moradores fugirão com medo dos nossos sabendo que tornauão das portas do estreito: recẽãdo que dessem neles. E primeyro que se fossem da cidade a despejarão de suas fazendas: ⁊ por isso os nossos quan-

do desembarcarão / nem acharão quem lhes resistisse, nem menos acharão que roubar, & não teuerão mais que dar fogo á cidade que ardeo toda. E isto feyto tornouse ho capitão mór a embarcar com sua gẽte, & partiose pera Ormuz onde foy ter em Mayo & hi inuernou / & em Agosto se tornou pera a India.

¶ Capit. xxxvij. Em que se escreue ho grande & abastado reyno de Bengala

Dom João da silueira q̃ estaua em Maldiua esperando pera ir a Bengala, partiose vinda a mouçã, & sem lhe acõtecer cousa que seja de contar a noue dias de Mayo de mil & quinhẽtos & dezoyto foy surgir na cidade de Chetigã cidade de Bẽgala, que he hũ reyno dos mayores & mais ricos & abastados reynos de toda a India. Tem cento & vinte legoas de costa pouco mais ou menos ao longo daquela enseada a q̃ os Cosmografos chamã signo gãgetico por amor do rio ganges que se vay ali meter no mar Indico per duas bocas / & outras tantas legoas tem pelo sertão ao lõgo do Gãges / dũa parte & doutra: de modo que ocupa grande parte de terra, de que algũa he montuosa & a outra chaã: he geralmente muyto abastado de mantimẽtos, & muyto mais que todos os outros reynos da India, assi de trigo como darroz, de gado grosso & miudo de que ha criação sem conto: & assi ha muyta caça de montaria & dalteria ria, & de muyto pescado & fruytas / & tudo tão barato que parece cousa impossiuel / porque hũ boy por grãde que seja não val mais que duas tangas que pola nossa moeda sam seys vinteis, hũa duzia d' boas galinhas hũa tanga, hũ fardo darroz que sam tres alqueires dez r̃s, & assi ho mais. Fazse em todo este reyno muyto & bõ açucar, & leuãno ẽ fardos pera outras partes / & fazense muytas conseruas de gengibre, de que ha muyto & de fruytas despinho & doutras. Criãse tambem neste reyno muytos caualos do tamanho de facas Dingraterra: nace geralmẽte por toda esta terra muyta pimenta longa / & grande soma dalgodão de que se fazem muytas sortes de panos muyto delgados / hũs brancos & outros pintados / & todo ho fiado de que se tecem he fiado em roda. Metesse por este reyno como disse no mar ho rio gãges por dous braços & da foz dũ á do outro ha oytẽta legoas: os gẽtios deste reyno tem a sua agoa por santa / a rezão disso não a pude saber, vão todos alauarse nele, & assi doutras partes: & he hũa das grandes romarias que ha antreles, & crem que lauandose com a sua agoa ficão limpos de todos seus pecados, em tanto que a el rey de Narsinga porq̃ não se pode lá ir lauar lhe trazẽ cada somana pola posta hũ barril da goa & lauasse coela. Ho nacimento dele não se sabe onde he: estão situadas ao longo dele dũa parte & doutra muytas & muy fermosas cidades, principalmente hũa que se cha

ma gouro que está por ele acima cẽ legoas do mar/ ⁊ será de bẽ feytas quatro legoas de comprido/ ⁊ a largura he pouca: he rasa porem muyto forte/ porque de diãte acerca ho ganges, ⁊ por detras hũa alagoa grande ⁊ funda que nadarão nela naos de quatrocentos toneis: ⁊ detras desta alagoa vão grandes matas em que se crião muytos alifantes, tigres, onças ⁊ outras alimarias brauas: ⁊ porque estas matas fortalecem a cidade não querem os reys de Bẽgala que se cortem, ⁊ por isso sam muyto bastas. Ha nelas muytos ⁊ nobres edificios, assi de mezquitas como de casas de senhores que andão na corte del rey de Bengala/ que aqui tem seu assento em hũs sumptuosos paços q̃ sam tamanhos como a cidade Deuora, as casas sam terreas lauradas dou ro ⁊ dazul, ⁊ tem muytos patios ⁊ jardins/ ⁊ muyto abastada ꝺ mãtimentos. He pouoada de mouros ⁊ de gentios, ⁊ morão nela muytos estrangeiros, assi Persianos como Coraçones, Rumes ⁊ Abexins / q̃ vindo ali ter cõ suas mercadorias se deixarão ficar vendo a grossura da terra. Os Bẽgalas sam homẽs bẽ apessoados, discretos ⁊ muyto falsos: as molheres sam fermosas, ⁊ assi hũs como os outros se tratã muyto limpamẽte em seu vestido/ ⁊ sam muyto dados a comer bem ⁊ a beber/ ⁊ a outros vicios/ ⁊ ser uense nobremente/ ⁊ os mais dos seruidores sam capados por amor das molheres de que sam muy ciosos/ ⁊ pera lhe oulharem por suas fazendas. Ha em Bengala outras muytas cidades/ assi polo sertão, como ao longo do ganges q̃ aqui estreita mais que em outras partes: ⁊ do gouro a vĩte legoas polo ganges acima acaba ho reyno de Bengala em hũa fortaleza chamada Gori que está da banda dalem: ⁊ dizem os mouros q̃ ainda dali a cem legoas se nauega este rio. Na costa do mar não tẽ este reyno mais que dous portos em duas cidades hũa chamada Chetigão vinte legoas dũa das fozes do ganges: ⁊ neste porto se carregão ⁊ descarregão principalmẽte as mercadorias que vẽ doutras partes a Bẽgala ⁊ de Bẽgala pera outros reynos: ⁊ a alfandega desta cidade rẽde muyto a el rey de Bengala: ho outro porto se chama Sategão na outra foz do gãges oytẽta legoas por mar de Chetigão, mas não he de tamanho trato nem a sua alfandega não rende tanto como estoutra. El rey de Bengala he mouro ⁊ seruesse com grãde estado ⁊ muyta policia, ⁊ por estado tẽ tres generos de musicas, a do seu reyno, de Narsinga ⁊ de Cambaya / ⁊ de todos tem muytos musicos, ⁊ tẽ hũ cantor mór q̃ tem doze mil cruzados de renda. Das portas a dẽtro se serue com capados que por tempo faz grandes senhores ⁊ gouernadores ꝺ cidades q̃ na lingoa da terra se chamão lascares: no betele q̃ come lhe lanção canfora de borneo, de q̃ val na India a cincoẽta cruzados ho arratel/ ⁊ desta cãfora que vay no cuspo que ele cospe em hũ cospidor douro tẽ ho seu camareyro dous mil cruzados de

rẽda. He muyto mais rico de tesouro q̃ nenhũ rey da India, ꝛ muyto poderoso de gẽte/assi de caualo como ð pé, ꝛ por isso lhe obedecẽ ꝛ pagão pareas algũs reys ꝛ senhores seus vezinhos/ ꝛ por ele ser mouro muytos gẽtios do reyno se tornarão mouros.

¶ Cap. xxxviij. De como dõ João da silueira aportou na cidade de Chetigão, ꝛ do q̃ lhe aconteceo.

DEspois de dom João da silueira partir de Maldiua pera Bengala foy aferrar sua costa a noue dias de Mayo de mil ꝛ quinhẽtos ꝛ dezoyto, em q̃ surgio na barra da cidade de Chetigão: muyto abastada dagoa, tanto q̃ por cada rua corre hũ ribeiro ꝛ seruesse por pontes, as casas terreas ꝛ de taipa cubertas dola. Cidade de grande trato por auer nela muytos mercadores ꝛ todos ricos, ꝛ por isso se tratão muyto bẽ: ꝛ he gouernada por hũ gouernador a q̃ os da terra chamã lascar/ ꝛ he vassalo del rey de Bengala. E sabẽdo ele q̃ o capitão mór estaua na barra cõ medo de lhe fazer mal por se achar desapercebido pera se defender, lhe mandou pedir paz cõ hũ presente de refresco. Ao q̃ ho capitão respõdeo q̃ era contente de lhe dar paz/ ꝛ por estar doente se não via logo coele a pa assentarẽ do modo q̃ auia de ser, q̃ como se achasse melhor se verião ꝛ a assentarião E sabẽdo ho Lascar q̃ tinha espaço pera se fortalecer, fortaleceose logo cõ hũa tranqueira de duas faces q̃ mandou fazer diante do porto ẽtulhada darea, ꝛ artilhada cõ algũas bombardas roqueiras cõ determinação de se defender dos nossos. E mandandolhe ho capitão mór dizer q̃ lhe mandasse vẽder algũs mãtimẽtos. Respondeo q̃ os não auia na terra. O q̃ ele tendo a mao sinal por saber q̃ toda Bengala era muy abastada deles, não quis gastar mais tẽpo, ꝛ mandou tomar per Tristão barbudo hũa champana q̃ estaua surta no porto carregada darroz, q̃ era dũ Chatim da mesma cidade, ꝛ aos brados q̃ derão os que estauão na champana acodio grossa gẽte darmas da cidade á praya/ ꝛ começarão ð tirar frechadas aos nossos q̃ leuauão a Chãpana / que vẽdo tanta gẽte junta deteueranse tirandolhe bombardadas. E como se a cousa assi trauou mandou dom João em socorro de Tristão barbudo ho seu batel cõ gente ꝛ artelharia, ꝛ assi João fidalgo na sua galeota/ ꝛ cõ sua vinda se ateou a peleja de maneyra q̃ durou ate noyte sem dos nossos morrer nenhũ ꝛ dos imimigos muytos. Do q̃ ho Lascar ficou tão menencorio q̃ determinou de se vingar/ ꝛ logo aq̃la noyte mãdou fazer prestes cẽ calaluzes que tinha, ꝛ antemanhaã se ẽbarcou neles cõ sua gẽte q̃ seria obra de cinco mil homẽs os mais deles frecheiros. E sabẽdo dõ João ho apercebimẽto dos imigos por suas espias/ apercebeose tambẽ pera ho dia seguinte/ ꝛ fez embarcar a mór parte de sua gẽte nos bateys do seu nauio ꝛ da carauela/ ꝛ no bargantim, ꝛ na galeota: ꝛ mãdou a João fidalgo q̃ vindo os imigos fosse pelejar coeles leuando esta gẽte q̃ serião cẽ

to ⁊ cincoẽta homẽs portugueses/ ⁊ ele auia de ficar no nauio ⁊ na galeota pera lhe dar costas ⁊ fazer tirar cõ a artelharia auẽdo disso necessidade: porq̃ dali lhe auia de dar muyto mór ajuda q̃ indo coeles á peleja. E como os nossos estauão prestes pera receber os imigos, em os vẽdo abalar ja menhaã clara lhe sayrão tirandolhe a galeota/ ⁊ ho bargãtim q̃ hião diãte muytas bõbardadas/ ⁊ assi a capitaina ⁊ a carauela, ⁊ como os imigos vinhão muyto jũtos começão os tiros de dar por eles ⁊ fazerlhe algũ dãno d̃ que eles começarão dauer medo/ ⁊ mais por não leuarẽ artelharia que não tinhão outra senão a q̃ ficaua na tranqueira/ que posto q̃ jugaua não fazia nenhũ nojo aos nossos, q̃ de cada vez lho fazião mayor/ arrõbandolhe algũs calaluzes dos diãteiros. E parecẽdo ao Lascar que por esta causa os q̃ hião diante auerião medo mandou os mudar pera tras/ ⁊ ele pos se na diãteira cõ os traseiros/ ⁊ estes como vinhão de nouo, ⁊ cõ ho Lascar q̃ os esforçaua perfiarão hũ pedaço por aferrar os nossos/ sofrendo ho impeto da nossa artelharia q̃ fez neles assaz de dãno: ⁊ os nossos q̃ bẽ ho vião não os deixauão aferrar, porq̃ pera q̃ntos os imigos erão irlhes hia muyto mal se os abalrroassem, ⁊ por isso ho não consentirão desparãdo sem pre sua artelharia em roda viua: ⁊ rõpẽdo por antreles muytas vezes de q̃ lhe arrombarão muytos calaluzes, ⁊ lhe matarão ⁊ ferirão muyta gente/ cõ o q̃ desmayarão, de maneyra q̃ por mais que ho Lascar os esforçaua nũca os pode ter ⁊ fugirão pera terra, ⁊ os nossos os não quiserã seguir por serẽ tãtos ⁊ eles tão poucos, ⁊ cõtẽtaranse cõ o que tinhão feyto ⁊ cõ lhe tomarẽ cinco calaluzes. E vẽdo ho Lascar q̃ os nossos ho não seguirão deixouse estar no mar pa ver o q̃ mais fazião ⁊ eles não fizerão mais q̃ tornarse pera ho capitão mór, q̃ lhe fez muyta festa por sua vitoria, ⁊ acrecentou sua armada cõ os cinco calaluzes dos imigos: ⁊ vẽdo ele q̃ se trauaua a guerra nã quis estar tão perto da cidade, receãdo que lhe posessem de noyte fogo á frota/ ⁊ determinãdo de ir pousar jũto dũ ilheo q̃ se fazia ao mar mea legoa da cidade/ mandou lá João fidalgo na sua galeota a sondalo pa ver se tinhão bõ surgidouro. E ho Lascar q̃ ainda estaua no mar vẽdo apartar a galeota da outra frota, despois q̃ vio pera õde hia pareceolhe q̃ a poderia tomar porq̃ fazia calma, ⁊ nã lhe poderião socorrer a capitaina nẽ a carauela/ ⁊ esforçãdose nisto ⁊ nos seus remeiros q̃ remarião rijo, vẽdo q̃ a galeota era q̃si pegada cõ ho ilheo, arrãca do porto cõ toda sua frota a boga arrãcada, dãdo os seus hũa grita cõ prazer de lhe parecer q̃ tinhão a galeota tomada. O q̃ vẽdo ho capitão mór mãdou logo ho bargãti ⁊ os dous bateys a socorrela, a q̃ os imigos por serẽ muytos ẽ demasia apertarão tãto q̃ por mais bõbardadas nẽ espingardadas q̃ os nossos tirarão não deixarão de chegar á galeota, ẽtão se seruirã os nossos dalgũas panelas d̃ poluora q̃ tinhã mas forão tão poucos que logo se

gastarão: ꝛ os imigos os ẽtrarão/ posto que sobrisso foy hũa aspera peleja em que os nossos ho fizerão muy esforçadamente, derribando muytos dos imigos: q̃ como erão demasiadamente mais que os nossos os entrarão ferindo os todos de muytas frechadas. E durando assi a peleja/ ꝛ estando os immigos hũs pelejando com os nossos ꝛ outros pegados cõ ho leme da galeota/ ꝛ atoandoa pera a leuarem á cidade, posto q̃ os nossos pelejauão chega Tristão barbudo ꝛ os bateis ꝛ rompem pelos imigos como corisco/ principalmẽte Tristão barbudo que chegou primeyro, desparando sua artelharia ꝛ lançãdo os seus muytas panelas de poluora q̃ leuauão nos calaluzes dos imigos que logo começauão de arder/ ꝛ os imigos com medo se lançauão ao mar: ꝛ coeste ardil em muy pouco espaço foy a galeota desapressada dos imigos que a tinhão cercada, ꝛ como João fidalgo ꝛ os seus ficarão somente cõ os immigos que estauão dentro na galeota logo os fizerão despejar/ que todos se lançarão ao mar com medo/ ꝛ ela ficou chea doutros muytos q̃ os nossos matarão: ꝛ aprouue a nosso senhor q̃ nenhũ dos nossos não morreo/ nem então nẽ despois de muytas feridas de q̃ todos ficarão feridos. E desapressada a galeota que se fez em corpo cõ ho bargãtim ꝛ bateys desbaratarãse os imigos ꝛ fugirão pera a cidade, ꝛ passando por diãte da capitaina ꝛ da carauela forão seruidos de muytas bõbardadas: ꝛ assi se recolherão com muytos calaluzes queymados ꝛ metidos no fundo ꝛ muyta gente morta ꝛ ferida. E vendo ho Lascar quão pouco ganhaua na guerra, tornou a mandar pedir paz ao capitão mór por hũ Chatim de Choramandel/ prometendolhe de lhe consentir trato na cidade/ ꝛ darlhe todos os mantimẽtos de que teuesse necessidade, ꝛ disto deu arrefens com que a paz ficou segura: ꝛ d'spois q̃ se começou a conuersação dos nossos com os da cidade/ foy a amizade tanta que ho capitão mór tornou os arrefẽs, ꝛ assi ficou ali ate passar ho inuerno q̃ hi auia de ter: mas como ho Lascar era homem de pouca fee ꝛ cheo d' treição, não durou muyto ẽ goardar a fee q̃ prometera, ꝛ logo q̃brou a paz: cuydando q̃ por ser inuerno poderia tomar os nossos/ ꝛ ajũtando muyto grande frota deu sobre os nossos q̃ se defenderão tambem q̃ os fizerão afastar: ꝛ assi se tornou a guerra a renouar, ꝛ ouue muytas pelejas ãtre os nossos ꝛ os imgos/ assi no mar como na terra/ ꝛ quis nosso senhor q̃ os nossos vencerão sempre. E vendo dõ João q̃ a guerra hia em crecimento/ foyse do porto pera a barra por tirar os nossos dopressam, ꝛ não se foy de todo por ser ja inuerno. E estando aqui soube hũ dia que polo rio acima dali a hũa legoa estauão na borda dagoa certas jangadas de fogo que os immigos querião lançar pera lhe queimarem os nauios. E porque isto era cousa de muyto perigo/ determinou dom João de lhe atalhar com mandar queimar as jangadas onde estauão/ ꝛ assi por conse-

lho de todos mandou lá Tristão barbudo capitão do bargantim, q̃ foy/ ⁊ não achãdo nada se tornou: ⁊ tornandose ja a vista da frota ho alcançarão cinco lancharas em q̃ hião trezentos frecheiros. E receãdo dom João que tomassem Tristão barbudo ho mandou socorrer per hũ Gaspar fernãdez caualeyro fidalgo morador em Pombal, que mandou no seu batel com quinze Portugueses, ⁊ o batel leuaua hũ falcão. E como Gaspar fernandez era muyto esforçado fez remar ho batel tão rijo que chegou primeyro ás lancharas que ho bargantim/ ⁊ cõ a furia dos remeyros foy enuistir com hũa que hia na dianteira, ⁊ em chegando a ela se deitou dentro cõ seus companheiros, posto que os immigos perfiarão bem cõ lãçadas ⁊ frechadas por lhes defender a entrada, mas não poderão: ⁊ em os Portugueses entrando matarão algũs deles ⁊ os outros com medo se lançarão ao mar ⁊ saluarãse na terra que era perto. E sendo esta despejada tornouse Gaspar fernandez ao batel com os outros ⁊ remete a outra lanchara q̃ vinha parele: ⁊ porẽ os mouros não ousarão desperar ⁊ forão varar em terra dõde forão as frechadas tantas sobre Gaspar Fernãdez ⁊ seus cõpanheiros que os tratarão muyto mal de feridas, ⁊ porque lhe não podião chegar virarão sobre as tres a que Tristão barbudo tiraua ás bõbardadas. E os mouros como virão que ho batel hia contreles tendo ja desbaratadas as outras duas lancharas fugirão ho mais que poderão/ ⁊ Gaspar fernandez as não seguio por estar muyto mal ferido de hũa frechada em hũa perna q̃ não se podia ter/ ⁊ assi os outros tambẽ, de que morreo hũ filho do mesmo Gaspar fernandez/ que com a ajuda de nosso senhor foy o que desbaratou as lancharas com seus cõpanheiros, sem Tristão barbudo ter que fazer/ posto que sua vontade foy boa pera ho ajudar. E desbaratadas as lancharas se forão pera dom João a cuja vista se fez este feyto/ ⁊ a quem Gaspar fernandez leuou a lãchara que tomou. E proseguindo ho inuerno por diante foy a agoa tanta que choueo que apodreceo toda a enxarcia dos nauios da armada/ ⁊ dom João com toda sua gente passou muyto má vida, assi cõ a grãde inuernada como com fome: ⁊ vendo a frota sem enxarcia ⁊ que não podia nauegar mandou em hũa aldea de pescadores que estaua hi perto tomar quãtas redes tinhão/ ⁊ delas mandou fazer em terra cordas pera as enxarcias. E estando nisto veyo ho Lascar com muyta gẽte pera ho estoruar/ ⁊ ouue hũa muyto grande peleja antreles ⁊ os nossos. E despois disto tornou a auer paz antre ho Lascar ⁊ dom João, de q̃ se ele não fiou sem lhe o Lascar dar arrefẽs/ ⁊ ẽtregue deles se tornou ao porto õde ainda esteue quinze dias fazendo fazẽda.

¶ Capit. xxxix. Como vẽdo ho Lascar de Chetigão q̃ não podia tomar ho capitão mór lhe armou hũa treição/ ⁊ de como ho nosso senhor liurou dela.

EM este tempo que era ja no cabo do inuerno lhe chegou hũ ẽbaixador q̃ dizia ser do señor da cidade Darracão / ꝛ da sua parte lhe deu hũ rubi que despois foy aualiado em seys cẽtos cruzados, ꝛ quatro paraós carregados de mantimentos, dizẽdolhe da parte do senhor Darracão, que pola fama que tinha delrey de Portugal desejaua de ter amizade coele ꝛ que teuesse trato em sua terra. E sabendo ele que estaua naquele porto, lhe mandaua pedir que quisesse ir ao seu, onde acharia mais verdadeyra amizade que naquele, porque a gẽte daquela terra ondestaua era muy falsa ꝛ enganosa: ꝛ bem lhe pesaua das mentiras ꝛ enganos que ho Lascar de Chetigão vsara coele ꝛ sabia que auia dusar se hi mais esteuesse, por isso que se fosse pera a sua cidade ꝛ lá assentaria feytoria. E isto tudo era mentira / que vẽdo ho Lascar que não podia desbaratar dom João: quis ver se ho podia desbaratar com este ardil que concertou coeste senhor Darracão tambem vassalo del rey de Bengala / a que se mandou queixar da destruyção que dom João fizera em Chetigão. E cuydando dom João que a embaixada era de verdade, partiose com ho embaixador que lhe disse q̃ dali a Arracão não auia mais doyto legoas / que era por hũ rio acima em cuja foz achou muytos calaluzes ꝛ lancharas que agoardauão por ele com muyto refresco: ꝛ dos que estauão nelas foy recebido cõ grande festa, ꝛ por dito do embaixador entrou por este rio acima, onde, lhe dizia que estaua a cidade / ꝛ que poderião ir por ele os seus nauios / ꝛ dez legoas por ele acharão hũa estacada, ꝛ ali estreitaua ho rio tanto que escassamente a capitaina podia caber: ꝛ a fora isso era ho aruoredo tão basto dũa parte ꝛ doutra que cobria ho rio. Dom João não quis passar dali, parecendolhe que lhe querião fazer treição, ꝛ dissimulou com ho embaixador / dizẽdo que ho seu nauio não podia passar, ꝛ q̃ ho não auia de deixar soo: q̃ se ho senhor Darracão ali quisesse vir se não q̃ se tornaria. E coeste recado se foy ho ẽbaixador ꝛ não tornou mais: ꝛ vẽdo dõ João q̃ passauão seys dias sem tornar não esperou mais ꝛ tornouse crendo de todo q̃ aquilo era treição, ꝛ tornando se achou no meyo do rio começadas grãdes estacadas q̃ os mouros fizerão despois q̃ ele passou, pera q̃ lhe tolhessem a passajẽ ꝛ lhe tomassem os nauios ꝛ ho matassem com quantos hião na frota: o que se fizera se não se tornara tão asinha / ꝛ ele não achou ninguem nas estacadas porq̃ os q̃ as fazião fugirão sabẽdo q̃ se tornaua. E vẽdo ele q̃ nã vinha ho señor Darracão nem seu recado não quis mais esperar ꝛ partiose pa a ilha de Ceilão onde sabia q̃ ho Gouernador auia dir fazer hũa fortaleza. E partido leuantouselhe João fidalgo, ꝛ tornouse a a boca deste rio Darracão a fazer presas ẽ naos que sabia q̃ auião de sair delle, ꝛ pera dissimular mãdou hũ presente ao senhor Darracão por dous dos nossos / mandandolhe dizer que ho

capitão mór ho deixara ali pera assentar paz coele por quanto não podera esperar sua vinda por ser tarde ꝛ ter muyto q̃ fazer ẽ outra parte. E vendo ho senhor Darracão os nossos que lhe leuarão este recado com ho presente mandou os logo matar: ꝛ ja que se não pode vingar no capitão mór quilo fazer ẽ João fidalgo/ mãdando muytas lanchas ꝛ calaluzes com gente de guerra pera que ho tomassem, q̃ assi ho ouuerão de fazer se nosso senhor ho não liurara milagrosamente, pelejando com os immigos quasi todo hũ dia em que quasi ho teuerão entrado ꝛ lhe ferirão corẽta dos seus, ꝛ não teue outro remedio senão cortar as amarras com que estaua surto/ ꝛ com ho vento que ventaua acolheose sem os immigos ho poderem alcançar, ꝛ dali se foy ꝛ andou por outras muytas partes em que lhe matarão algũs homẽs ꝛ catiuarão outros sem fazer nenhũa presa, ꝛ por derradeyro tornouse á India onde gouernaua Diogo lopez de sequeyra que lhe perdoou.

¶ Capit.xl. De como Jorge mazcarenhas foy a terra dos Lequios ꝛ do que lá passou.

Despois d Fernão perez estar em Cantão soube que passada a cidade de Cãtão bia hũa terra muy grande ao sueste q̃ se chamaua Lequia: terra muyto rica douro ꝛ d prata, sedas soltas ꝛ tecidas, porcelanas ꝛ outras mercadorias como na China: ꝛ por isso auia lá grandes mercadores. E pera saber se era assi mandou laà Jorge mazcarenhas que foy ter a hũa cidade chamada Chincheo/ em que lhe pareceo que auia mais rica gente que em Cantão/ ꝛ que vsauão de mais policia, ꝛ soube que dali hião cadãno quatro jungos a Malaca antes q̃ fosse del rey de Portugal carregados douro ꝛ de prata em barras/ ꝛ cõ outras mercadorias mais ricas q̃ a da China/ ꝛ trazião em retorno mercadorias da India/ ꝛ com medo dos nossos não forão laa mais: ꝛ dos Chins se prouião das taes mercadorias/ ꝛ por isso cõprarão bem as que Jorge mazcarenhas leuaua/ ꝛ ele os prouocou a dizerem que hirião dali por diante a Malaca. Mas não ho fizerão despois assi, porem em quãto ali esteue achou muyta amizade ꝛ boa cõuersação na gente daquela terra, que he gẽtia ꝛ alua ꝛ toda fermosa/ ꝛ tratasse muyto bem.

¶ Capit.xlj. De como sabendo ho capitão mór Fernão perez ho aperto em que estaua Malaca se partio da ilha da veniaga/ ꝛ de como chegou a Malaca.

Despois d partido Jorge mazcarenhas pera Lequia / chegou de Malaca á ilha da veniaga ho jũgo de Jorge aluarez que deu recado ao capitão mór de como a sua partida chegara a Malaca dõ Aleixo de meneses cõ Afonso lopez da costa ꝛ ao q̃ hia: ꝛ q̃ Malaca ficaua apressada del rey de Bintão por estar no pago ꝛ trazer no mar grãde armada.

E por ho capitão mór saber como ficaua Malaca, & a necessidade que tinha de socorro, determinou de se partir na entrada do mes de Setẽbro por ser ẽtão a propria moução/ porque no meyo auia grandes temporaes & çarrações: & tambem por que a este tempo era ja chegado recado del rey da China que fosse ho embaixador. Assi que por tudo isto determinou ho capitão de se partir pera Malaca/ pera o que mandou por terra recado a Jorge mazcarenhas que estaua na cidade de Chincheo que se fosse á ilha da veniaga como foy: & ele vindo mandou ho capitão mór recado ao Tutão de Cantão como se partia, encomẽdãdolhe muyto ho embaixador q̃ hi ficaua de caminho pera elrey da China. E ficando assi assentada a paz na China/ & sabidas polo capitão mór muy miudamente as cousas dela pera as contar a el rey de Portugal que por isso se deteue quatorze meses naquela terra/ partiose pera Malaca na entrada de Setembro de dezoyto/ leuando muyta riq̃za assi douro como doutras cousas, que todos os da armada hião grandemente ricos. E chegado ao estreito d Cincapura achou hi hũa nao nossa de q̃ era capitão Diogo pacheco que dom Aleixo mandara ali darmada, pera que esperasse Fernão perez & se aiuntasse coele pera ho aiudar se lhe saisse a armada del rey de Bintão, porque se temia que viesse desapercebido de gente & dar telharia. E aiuntandose Fernão perez cõ Diogo pacheco foyse a Malaca, onde chegou estando a fortaleza ẽ muyta necessidade, assi de mãtimentos como de dinheiro & mercadorias que não auia nela cousa algũa: & Fernão perez deu dessas mercadorias q̃ trazia. s. seda solta / damascos, cetins, pedrahume, cobre, pregadura, & outras cousas que em Malaca tinhão muyta valia/ & logo se venderão muytas delas a Guzarates que estauão em suas naos no porto de Malaca/ & do dinheiro que derão por elas se pagou soldo á gente que coisso se remio em algũa maneyra da fome q̃ padecia, & dali quisera Fernão perez ir a Bẽgala pera assentar lá paz & trato como trazia por prouisam del rey de Portugal/ visto como em Malaca não auia necessidade dele por auer hi gẽte que abastasse. E não foy por dom Aleixo lho defender por hũa prouisam do gouernador, dizẽdo que era mais seruiço de sua alteza irse dereyto á India, & isto por ter dada aquela ida a dom João da silueira seu sobrinho que lá foy como disse. E sabendo Fernão perez como não auia dir a Bengalá, entregou la mercadoria que leuaua pera lá na feytoria de Malaca que se vendeo aos Bengalas q̃ ali vinhão naquele tẽpo/ & coisto ouue dinheiro na feytoria por hũs dias, & Fernão perez esperou em Malaca pola moução pera se ir á India com dom Aleixo,

¶ Capit. xlij. De como ho gouernador se partio pera a ilha de Ceilão a fazer hũa fortaleza: & de como mouros de Calicut acõselharão a elrey de Ceilão que lhe não desse fotaleza.

HO gouernador como disse innernou em Cochim este anno de dezoyto, ⁊ nele fez prestes sua armada pera no verão seguinte ir fazer hũa fortaleza á ilha d Ceilão como lhe el rey mãdaua em seu regimẽto: ⁊ neste inuerno mandou por terra ao capitão de Goa que na fim Dagosto mandasse a Cochim a seu irmão dom Fernando monrroi com as oyto fustas de Goa pera ir coele a Ceilão. E tẽdo tudo prestes ⁊ prouida a fortaleza de Cochim se partio pera Ceilão quasi meado Setẽbro. E apressouse tãto a partir porque não chegasse antes de sua partida Diogo lopez de sequeyra que esperaua que fosse aquele anno por gouernador da India, ⁊ se fosse antes de sua partida ficaua ele cõ seu trabalho perdido. Assi q̃ partindo como digo foy ele em hũa galé de que era capitão Denis fernãdez de melo: ⁊ a fora esta galé hião outras quatro / de que hião por capitães Christouão de sousa, Gaspar da silua / Antonio de mirãda dazeuedo / Manuel de lacerda, Lopo de brito ⁊ dom Fernando mõrroi com suas oyto fustas q̃ hião debaixo de sua capitania, ⁊ assi leuaua mais outros capitães cujos nomes não pude saber nẽ ho numero dos nauios da armada, q̃ leuaua doytocentos ate nouecentos homẽs todos Portugueses q̃ não queria outros pera a guerra. E passados q̃tro ou cinco dias q̃ partio de Cochim, chegou a Ceilão com toda a frota: ⁊ indo pera tomar ho porto de Columbo sobreueolhe vento ponteiro / ⁊ por não querer pairar errou ho porto de Colũbo ⁊ foy aferrar ho de Gale / õde em outro tempo fora ter dõ Lourenço dalmeida como ja disse / ⁊ neste porto se deteue hũ mes ⁊ meyo por amor do tempo que não terçaua pera poder ir a Columbo / ⁊ em todos estes dias esteue sempre no mar, ⁊ dos nossos capitães sayrão muytos em terra a fazer a carnajem. E andãdo hũ dia Antonio de miranda ⁊ Manuel de lacerda em terra / sobreueo muyta gente armada ⁊ cometeo os nossos que se poserão em som de pelejar coeles / mas eles se retirarão logo, ⁊ os nossos se ajuntarão que andauão espalhados ⁊ se cõcertarão / ⁊ Manuel de lacerda se pos diãte / ⁊ Antonio de miranda de tras, ⁊ coesta ordem se forão ẽbarcar seguindo os immigos apos eles ⁊ os nossos fazião muytas voltas pa os fazer deter, ⁊ assi se embarcarão sem nenhũ perigo. Desta maneyra esteue neste porto ate que concertou ho tempo com que se foy a Columbo, ⁊ surgindo aqui mandou recado a el rey dizendolhe da parte delrey de Portugal seu senhor que pola amizade que tinhão auia dias / lhe rogaua muyto que lhe deixasse fazer hũa fortaleza em hũa põta q̃ tinha aquele porto / ⁊ não pera mais que pera ter segura hũa feytoria que ali tinha determinado de assentar pera proueito dambos de dous, ⁊ pera ter gente com que ho ajudasse quando teuesse dela necessidade, ⁊ a segurança da feytoria não a queria dele nem de seus vassalos os q̃ erão gẽtios, que bem sabia que todos erão muy

to leaes ⁊ verdadeyros/ſe não por amor dos mouros que erão immi-gos dos noſſos/⁊ como tratauão em ſua terra receaua que fizeſſem o que fizerão em Calicut: ⁊ por eſta cauſa queria a fortaleza. Ao que el rey reſpondeo que era contente. E neſte tempo eſtauão em Columbo algũs mouros de Calicut,⁊ ſabẽ-do como el rey concedia a fortaleza ficarão muy agaſtados vendo que de todo lhe cortauão as raizes nos melhores portos q̃ auia na India pera ſeus tratos/porque bẽ ſabião da fortaleza q̃ ſe fazia em Coulão:⁊ por iſto ſe ajuntarão algũs deſſes principaes/⁊ diſſelhe hũ deles.

¶ A amizade q̃ ha tãto tempo que temos coutigo,⁊ a grande obriga-ção que ſabes em que te ſomos por boas obras que nos fizeſte,nos da ouſadia pera te reprender do q̃ nos dizem que tẽs feyto/⁊ pera te acon ſelhar ſe ainda podes tomar conſe-lho:porque eſte bem podes crer que to daremos bõ polas cauſas q̃ di-go. E eſpantamonos muyto de no lo não pedires antes de conceder a fortaleza aos frangues que nos di-zem que concedeſte/o que não pode mos crer pola pouca neceſſidade q̃ tẽs diſſo ou nenhũa:porque ſe tu fo ras hũ reyzinho tão pobre que ou-ueras denrriquecer com a amizade dos frangues/nos meſmos fora-mos de parecer que os conuidaras com a fortaleza,⁊ não q̃ eſperaras que ta pedirão:mas tu es tão grã-de ſenhor de terra,tão poderoſo de gente/tão rico de teſouros que te não falta nada pera ſeres hũ muy-to grãde ſenhor,muyto rico ⁊ muy to poderoſo. E tudo iſto queres eſ-curecer ⁊ apagar com dar licença q̃ gente eſtrangeira tenha fortaleza ẽ tua terra,que não he outra couſa ſe não hũ freo pera te enfrearem de ca da vez que teuerem de ti deſgoſto,⁊ mais os frangues de que temos tã ta experiẽcia que ho fazem aſſi:que ja que ſe eles querẽ aſſentar em tua terra hão deſtar á tua võtade ⁊ não tu á ſua,porque ⁊ quẽ ganha mais niſſo tu ou eles:tu ſem eles muyto bem podes vender tua mercadoria a tantos ⁊ tão diuerſos mercado-res como ta cada dia vem buſcar,⁊ eles não te trazẽ outra ⁊ tẽ neceſſi-dade da tua,nem podem viuer ſem ela,⁊ tu ſem a ſua:⁊ ainda ſe de tua terra ouuera nauegação pera ou-tras ⁊ temeras que te tomaſſem tu-as naos cõ que eles ameação a muy tos,tambẽ por eſta cauſa parecera bem dares lhe fortaleza por te liura res de ſuas mãos,mas não tendo nenhũa neceſſidade por hũa via nẽ por outra de te meteres nelas ⁊ fa-zerelo es muyto de culpar/⁊ q̃ di-gas que tomas exemplo em el rey de Calicut que lhe quis reſiſtir ⁊ nã pode,faze tu como ele fez,porque ja pode ſer que te terce melhor a vẽtu-ra que a ele,⁊ ſendo aſſi ficas ho ma is honrrado rey de toda a India a-cabando aquilo em q̃ muytos prin cipaes dela faltarão/⁊ não ſendo não ſeras de culpar pois fizeſte o q̃ podeſte:nem perdes nada,porq̃ tua propria terra te da a renda que tẽs, ⁊ não ho mar como a el rey de Cali-cut/⁊ os frangues não podẽ viuer ſem ti,⁊ tanto ás de ganhar coeles por paz como por guerra,antes em

atentares coeles pera te liurar de ſujeição te terão em melhor conta/ por iſſo não lhe des fortaleza tão leuemente, ⁊ defendelhe a deſembarcação, que tẽs gente ⁊ poder pera iſſo, ⁊ nos te ajudaremos. E ſe os frãgues querem o que ha em tua terra venhão carregar a ela como fazẽ os outros mercadores, ⁊ não ta tomẽ com nome de tratar nela/ porq̃ nenhũ dos que nela tratão te pedirão nunca fortaleza. Co iſto q̃ os mouros diſſerão a el rey o perſuadirão tanto que ſe arrepẽdeo de dar a fortaleza/ ⁊ fizeranlhe quebrar a paz: ⁊ tẽdo aſſentado de ho fazer aſſi andando ainda recados antrele ⁊ ho gouernador pera ſe aſſentar onde ſe auia de fazer a fortaleza/ mandou lançar mão dalgũs noſſos que forão a terra deſſa gente baixa/ ⁊ mãdou os prender.

¶ Capit. lxiiij. De como ho gouernador ſayo em terra ⁊ deſbaratou os imigos ⁊ ſe fortaleceo nela, ⁊ de como lhe el rey pedio paz ⁊ ele começou a fortaleza.

E Tãto que forão preſos como el rey tinha ſua gente junta, ⁊ tudo preſtes pera a guerra mãdou na noyte ſeguinte fazer na ponta que ho gouernador pedia hũs valados que ſeruião de tranqueira/ ⁊ ſobreles mandou aſſentar algũas bombardas de ferro que lhe derão os mouros/ ⁊ aſſi algũs eſpingardões ⁊ pos ſua gente que era muyta em goarda daqueles valos/ ⁊ os mouros coeles/ ⁊ amanhecendo começarão de tirar coeſſas bombardas q̃ tinhão aos noſſos q̃ eſtauão no mar. E ſabido iſto pelo gouernador cõ cõſelho dos capitães ⁊ fidalgos da frota/ determinou de ſayr em terra a pelejar com os immigos ⁊ tomarlhe a ponta por força/ ⁊ fazer a fortaleza, ⁊ hũ dia ãte manhaã ſe embarcou com toda ſua gẽte nos bateys, ⁊ em amanhecendo abalou pera terra/ onde deſembarcou primeyro que todos cõ a bãdeira real, ⁊ deſpois os outros capitães. Os immigos neſte tempo não fazião ſe não jugar com ſua artelharia/ defendendoſe muyto rijo, ⁊ ferirão ⁊ matarão algũs dos noſſos, ⁊ hum deles foy Veriſſimo pacheco. E cõ tudo os noſſos paſſarão auante tirando muytas eſpingardadas ⁊ ſetadas, ⁊ chegarão aos valos, ⁊ pelejarão com os immigos que ſe defenderão hũ pouco cõ muyta viueza, ⁊ apertados dos noſſos deſempararão os valos ⁊ fugirão ſẽ nenhũ concerto: ⁊ Chriſtouão de ſouſa os ſeguio com a gente de ſua capitania ate hũ ribeiro dagoa que era hũ pedaço dos valos fazendo neles muyta deſtruyção/ ⁊ paſſando os immigos ho ribeiro fizerão roſto aos noſſos, ⁊ por ſer hũ pouco longe dõde ficaua ho gouernador, não quis Chriſtouão de ſouſa paſſar dali ⁊ tornouſe pera õde ele ficaua. E chegando a ele lhe diſſe. A ſenhor que trazeis aqui caualeyros que cõquiſtarão ho mũdo. E ele em vez de os louuar mais/ reſpondeo que pelejauão como beſtas. E por ſer ja tarde ⁊ ho lugar não ſer forte, não pareceo ao gouernador que os noſſos fi

cariāo ali seguros aquela noyte, ⁊ por isso se tornou á frota cō proposito de tornar ao outro dia a terra como tornou com toda sua gente/ ⁊ achando despejada a ponta dos immigos mandou fazer nela hūa trāqueira q̄ chegaua de mar a mar por ela ser estreita. E feyta a trāqueira breuemente foy logo assentada algūa artelharia pera a defender dos immigos se viessem, ⁊ os nossos se alojarão detras desta tranqueira q̄ ficauão goardados d' todo perigo. E sabido por elrey a determinação do gouernador que pois fazia tranqueira determinaua d' fazer por força a fortaleza / arrependeose de ter tomado ho conselho dos mouros: ⁊ vendo que em que lhe pes se auia de fazer a fortaleza/quis mostrar q̄ era por sua vontade, ⁊ polo seu regedor mandou dizer ao gouernador q̄ ele conhecia ho erro que fizera em quebrar a palaura que lhe dera de fazer paz coele ⁊ darlhe fortaleza. E arrepēdendose de seu erro lhe pedia perdão, ⁊ pedia q̄ lhe esquecesse ho passado ⁊ fossem amigos: ⁊ q̄ ele era muy contente de consentir que fizesse a fortaleza ⁊ pera isso lhe daria toda ajuda de que teuesse necessidade. Ao que ho gouernador respōdeo que pois el rey lhe não goardara a palaura q̄ lhe tinha dada que não auia de fazer paz coele sem pagar algū tributo a elrey seu senhor, porque a fortaleza ele ganhara por força a terra em que a auia de fazer ainda que ele não quisesse. E vendo el rey que ho gouernador estaua apoderado na terra/ ⁊ que lhe poderia fazer muyto mal por a sua gente não ser boa de guerra/mandoulhe dizer que pagaria ho tributo se fosse cousa arrezoada ⁊ com que podesse. E ele lhe pedio dez alifantes cadāno/ ⁊ quatrocētos bahares de canela, ⁊ vinte aneis cō senhas pedras finas das q̄ se achauā na ilha, do que el rey foy contente. E feyta disso hūa escriptura que el rey assinou, começou ho gouernador de fazer a fortaleza de pedra ⁊ barro pola acabar mais asinha, porque era detēça fazerse cal parela, se lhe hia chegādo ho tēpo em q̄ se auia dir pera Portugal se viesse gouernador como esperaua: ⁊ por ter el rey contente/ ⁊ que se lhe não leuantasse outra vez mādoulhe algūs presentes com q̄ ho cōfirmou ē sua amizade.

Capit. xliiij. De como Diogo lopez de sequeira partio pera a India por gouernador dela, ⁊ de como chegou lá.

DEste āno de mil ⁊ quinhētos ⁊ dezoyto em que se acabauão tres annos q̄ auia q̄ Lopo soarez gouernaua a India, mādou elrey de Portugal por gouernador dela a Diogo lopez de sequeira seu almotacē mór, que como disse no liuro segūdo fora descobrir Malaca. E despachado de todo ho necessario pera sua partida, partio de Belem a vintesete de Março do sobredito anno leuādo hūa armada de dez naos grossas/cujos capitães forão ele/ Garcia de sá, Ruy de melo que leuaua a capitania de Goa/dom João de lima que hia prouido da dr Cali

cut, dom Aires da gama irmão do conde almirãte: por capitão de Cananor Gonçalo rodriguez Dalmada, João gomez cheira dinheiro, Pedro paulo filho d Bertolameu, Pero cabreira & outro. E toda esta frota bem fornida dartelharia & de boa gente de peleja, porque leuaua ho gouernador por regimento q fizesse hũa fortaleza em Diu, & que fosse descobrir ho porto de Maçuá & leuasse lá Mateus que dizia ser embaixador do Preste: & achando que era verdade mandasse coele outro ẽbaixador ao Preste pois Duarte galuão falecera. E partido ho gouernador de Belem, chegou a Moçambiq, & aos sete d Setẽbro á barra de Goa & sem vsar do officio de gouernador, se partio indo correndo essas fortalezas em que tão pouco não vsou dele, porque sabia que Lopo soarez tinha hũa prouisam que gouernasse a India ate partir pera Portugal, & por isso não se quis ẽtremeter nas cousas da gouernança nem pousar na fortaleza: o que lhe todos louuarão muyto & ho teuerão por muyto humano.

Capitolo. xlv. De como Afonso lopez da costa foy cõ os outros capitães pera tomar a tranqueira de Muar & se tornou sem ho fazer, & dũ ardil com que elrey de Bintão quisera tomar Malaca.

Chegado Fernão perez a Malaca com sua armada, & não cessando a guerra que elrey de Bintão fazia aos nossos requereo Afonso lopez da costa a dom Aleixo que tinha os poderes do gouernador, que pois ali estauão juntos tantos dos nossos que fosse sobre a tranqueira de Muar & a tomasse, pera que lançasse elrey de Bintão donde estaua & a nossa fortaleza ficasse liure da guerra que lhe fazia. E dom Aleixo mostrou hũ regimento do gouernador em que lhe mandaua q ele em pessoa não saisse em terra a fazer guerra: porem que mandaria coele todos aqueles capitães que a fosse ele fazer. Pera o que se logo aperceberão per mãdado de dom Aleixo que ficou em goarda da fortaleza: & Afonso lopez da costa se partio pera Muar hũ dia de madrugada & hia em hũa galeota, & hião coele Duarte de melo capitão mór do mar, Diogo pacheco, Pero de faria, Fernão perez dandrade, Simão dalcaçoua, Jorge mazcarenhas & outros capitães em galeotas, lancharas, & em bateis todos artilhados & apadessados, & leuauão trezentos Portugueses, & antreles cento & vinte fidalgos & caualeiros todos escolhidos, & tres mil homẽs da terra: de que erão capitães ho Bẽdara & ho Lascar, & hia hũa soma de gente pera fazer hũ honrrado feyto. E indo assi chegarão a tiro de bombarda da fortaleza, & não poderão passar dali por ser baixamar de todo. Do que todos ficarão muyto tristes por irem muyto aluoroçados pera pelejarem cõ os immigos com esperança em nosso senhor que os desbaratarião. Afonso lopez da costa se pos ẽ cõselho

cõ aqles fidalgos ꝛ capitães, ꝛ cõ ho Bẽdara ꝛ Lascar sobre o q̃ faria / ꝛ disserão algũs q̃ seria bõ desembarcar ali ꝛ ir por terra ate a tranqira, ꝛ q̃ os bateys fossem no mais q̃ cõ os remeiros ꝛ hũ bombardeiro em cada hũ pera poderem ir, ꝛ assi pelejarião com os immigos: o que ho Bendara ꝛ Lascar contradisserão, dizendo que aquela terra era toda alagadiça dambas as bandas do rio / ꝛ os Malayos costumauão muyto meter estrepes vntados derua, ꝛ que assi lhe parecia que deuia destar aquela / por isso que não era siso ir por terra, que ou auião dir abalrroar com a tranqueira ou se auião de tornar. E coisto acordarão Afonso lopez ꝛ os outros do conselho que esperassem a marẽ, ꝛ coela irião aferrar a tranqueira, ꝛ entre tanto estarião ás bombardadas com os immigos que lhe não auião de fazer nojo, polas arrombadas que leuauão. E assi ho fizerão, ꝛ ás bombardadas começarão dũa parte ꝛ da outra / ꝛ algũs dos nossos forão feridos que morrerão despois / ꝛ antreles foy hũ fidalgo chamado Aluaro de sousa. E estando nisto recreceose hũa paixão antre Afonso lopez da costa ꝛ Jorge mazcarenhas por onde se desmanchou a determinação em que estauão / ꝛ sem fazer mais nada se tornarão pera a fortaleza, o que foy causa dos immigos cobrarem mór coração contra os nossos, ꝛ os perseguirem mais que dantes / ꝛ como a sua armada andaua sempre no mar não ousaua ninguem de trazer mantimentos a Malaca / pelo que veyo a ser a fome tamanha que coela ꝛ cõ ho muyto grãde trabalho da guerra começarão todos dadoecer / ꝛ não ficarão sãos mais que cento ꝛ vinte / ꝛ estaua a fortaleza em grande perigo de se perder se el rey de Bintão fora sobrela / mas ele que ho não sabia / ꝛ parecendolhe que a não poderia tomar por guerra / aproueitouse de seus ardis pera a tomar por manha. E pera saber que taes estauão os nossos / porq̃ não podia tomar lingoa que lho dissesse, mãdou seu embaixador ao capitão sobrelhe cometer pazes: ꝛ pera mór dissimulação lhe mandou hũ alifãte de presente, a que mandou dar peçonha determinada que não durasse mais de trinta dias / porque neste termo esperaua dacabar sua treição. E assi mandou pedir ao capitão que lhe mandasse seu embaixador pa se acabarẽ dassentar estas pazes. E cuydãdo dõ Aleixo q̃ isto tudo era verdade polas mostras q̃ via de ser assi / cõ conselho de todos aqles fidalgos ꝛ capitães q̃ ali estauão mãdou hũ embaixador a el rey d Bintão cõ sota ẽbaixador / ꝛ deu lhes instrução dos capitulos das pazes. E chegado este ẽbaixador a el rey de Bintão / esteue ele determinado de o matar ꝛ a q̃ntos hião coele, ꝛ teue sobrisso cõselho cõ os seus q̃ lhe cõselharão q̃ o nã fizesse, porq̃ fazẽdo o impederia dauer effeito o q̃ tinha ordenado pa tomar a nossa fortaleza, ꝛ por isso o nã fez ꝛ fazẽdo lhe muyta hõrra / ꝛ dãdolhe dadiuas muy ricas os tornou a mãdar a Malaca, cõcedẽdolhe as pazes cõ q̃ntas cõdições o ẽbaixador leuaua /

E cuydando el rey que os nossos es
tarião descuydados / cõfiados na
paz que estaua assentada pos ẽ obra
sua treição / ⁊ logo despois de pou-
cos dias que ho nosso embaixador
foy em Malaca mandou hũa frota
de setenta lancharas bem fornidas
de gente ⁊ dartelharia / em que hia
por capitão mór hũ que sendo rege-
dor de Pacem matou ho rey q̃ era
nosso amigo ⁊ se fez rey, ⁊ pera se se-
gurar no reyno se confederou com
el rey de Bitão / ⁊ ho foy ajudar na
guerra cõtra os nossos. E por ter-
ra mandou tambẽ el rey de Bintão
muyta gente deitarse em cilada so-
bre a fortaleza: o que pode fazer por
a terra ser muyto cuberta daruore-
do muy basto / ⁊ de grãdes ⁊ altos
heruacais ⁊ sẽ nenhũs caminhos /
⁊ por isso se a gente podia esconder
sem ser vista, ⁊ ainda q̃ ho fosse os
da terra não ho auião de dizer / por
que parecendolhe que os immigos
estauão dauantajem querião antes
seguir a sua parte que a dos nossos.

Capit. xlij. De como el rey de Bitão pos em execução hũ ardil pera tomar a nossa fortaleza / ⁊ de como os seus forão desbaratados pelos Portugueses.

Posta esta cilada acodirã
os immigos por már / ⁊
hũa manhaã muyto ce-
do sendo baixa mar che
garão á ilha das naos ondestauão
algũs dos nossos, ⁊ assi nas naos
que ali estauã surtas: ⁊ assi como os
imigos vinhã auiados, de caminho
desembarcarão muytos deles na
ilha: ⁊ supitamente derão sobre os
nossos q̃ ainda dormião bẽ descuy-
dados de tal vinda, por estarẽ cõfia
dos nas pazes. E como os imigos
os tomarão de supito poderão ma
tar algũs primeiro que entrassem ẽ
acordo d̃ se defender: o q̃ os imigos
não esperorão / ⁊ recolheranse logo
E em q̃nto isto fizerão hũs: outros
se chegarão ás nossas naos ⁊ deita
rão nelas fogo, que por estarẽ mo-
lhadas do orualho da noite passa-
da, ⁊ a menhaã ser muyto fria não
pode pegar nelas mais q̃ em algũas
obras mortas. A grita da gente foy
logo ouuida na cidade / donde não
poderão acodir por ser baixa mar.
E como ouue maré sayrão algũs ca
pitães nossos / sem ho capitão do
már, com obra de quarenta homẽs
em algũas lancharas: ⁊ foranse de-
reitos aos imigos, que em os vẽdo
abalar começaranse de retirar pera
ho mar / como q̃ fugião: ⁊ isto porq̃
os nossos lhes parecia q̃ erão a mór
parte dos que estauão na fortaleza:
⁊ os mais sãos, ⁊ q̃ alargandose eles
ao mar sayrião os da cilada, ⁊ to-
marião a fortaleza, ⁊ eles entre tãto
tomarião a frota, ⁊ assi ficarião se-
nhores de tudo. E porem os nossos
porq̃ vião que a frota dos imigos
era muy grande: ⁊ que no mar lar-
go os cercarião ⁊ tratariã mal, por
serem poucos / não quiserão passar
auante: ⁊ tambẽ por ser tarde, ⁊ não
terem ainda comido / ⁊ estarem fra
cos. E vendo os immigos que os
não seguião fizeranse ao mar: ⁊ os
nossos se tornarão a Malaca, onde
desembarcarão a tempo q̃ os da ci
lada começauão d̃ sayr pera tomar

a fortaleza, ⁊ pera isso vinhão todos ajuramentados/per juramento que fizerão a el rey de Bintão/ que ou eles auião de tomar a fortaleza ou morrerem sobrisso todos/ ⁊ pera segurança de ho comprirem como lhe eles tinhão prometido/ lhe deixarão suas molheres ⁊ filhos em penhor. E ja a este tempo os nossos erão saydos da fortaleza á pouoação dos da terra q̃ estaua alem da ponte/ ⁊ repartiranse polas bocas das ruas/em q̃ muyto de pressa assestarão algũs tiros dartelharia com q̃ impedirão aos immigos que não chegassem á fortaleza: ⁊ nisto chegarão os nossos que hião do mar, ⁊ ajuntaranse coeles ⁊ teuerão os immigos que não passassem, ⁊ ajudauãnos os da terra que se ajuntarão logo coeles/ ⁊ deixaranse alí estar porque vião q̃ se não afastarião os imigos como homẽs que todauia determinauão de romper. E assi era/porque esperauão por mais gente, que chegou aquela noyte cõ muytos alifantes, ⁊ cometerão a nossa tranqueira que estaua daquela banda ao longo do mar: o que os nossos virão por fazer lũar muy claro/assi os que estauão em terra como outros que andauão em bateys armados ao longo da terra. E assi hũs como outros começarão de tirar com sua artelharia/ que desparou nos alifantes que estauão diante: que espantados do estrõdo das bombardadas ⁊ cõ medo delas fizerão volta muy rijo sem os seus ayos os poderem ter: ⁊ em voltando tomarão tão de supito os que lhe ficauão detras q̃ derribarão muytos deles ⁊ os trilharão/ ⁊ arrebentarão: passando por cima deles / ⁊ ficauão tantos mortos ⁊ aleijados que era pasmo, ⁊ se os nossos forão mais que poderão sair a eles matarão muytos sẽ conto/ mas por serem poucos não quiserão que saissem, que eles bem se conuidauão pera isso. E coesta perda deixarão os immigos de cometer aquela vez os nossos, não porem que se afastassem de sua vista/ ⁊ sete dias com suas noytes tornarão a cometer os nossos / que a tanto se estendia ho termo em que eles tinhão jurardo a el Rey de Bintão que tomarião a nossa fortaleza / que todos quantos alí pelejauão tinhão isto jurado. E os nossos ho fizerão tão esforçadamente ajudando os nosso senhor q̃ aqui supria com sua misericordia, que sempre os fizerão afastar, ⁊ por derradeyro fugir desbaratados ficando deles muytos mortos, ⁊ indo muytos feridos, ⁊ dos nossos não morreo nenhũ. E não aproueitando nada este ardil / tornouse el rey de Pacem muyto triste pera el rey de Bintão: E por vingança ja que não podia empecer aos nossos em outra cousa mandou matar alguũs que estauão tratando em Pacem/ por onde se soube que ele era leuantado. E porem el rey de Bintão não deixou por isto de fazer guerra aos nossos ⁊ correrlhe com sua frota que continuamente trazia por mar ⁊ daualhe assaz de fadiga, ⁊ a mór era dos mantimentos quelhes tolhia.

¶ Capitolo.xlvii. De como Duarte de melo capitão mór do mar de Malaca foy com outros capitães sobre a trãqueyra de Muar ꝛ a tomou. E de como dom Aleixo mandou dom Tristão de meneses a Maluco assentar amizade com os seus reys.

Estando a cousa neste estado/ deu nosso senhor maneyra aos Portugueses pera tomarem esta tranqueira de Muar, de que lhe fazião tanto dano. E assi foy que neste tẽpo vinha da ilha Dajaoa hũ grãde senhor Jao que com sua molher ꝛ casa hia morar a Malaca, parecendolhe que da hi trataria melhor q̃ Dajaoa/ ꝛ leuaua tres jũgos carregados de fazenda ꝛ de seus escrauos, que erão muytos ꝛ todos casados: que assi ho costumão naquela terra como ja disse. E em indo pera Malaca foy tomado da frota del rey de Bintão ꝛ leuarãlho com sua molher, que por parecer bẽ a el rey de Bintão trabalhou por auer parte coela sẽ ho Jao ser disso sabedor/ ꝛ pera ficar coela mais á sua vontade lhe deu a capitania da frota que trazia contra Malaca/ dandolhe esperança que ainda ho auia de deixar ir pera Malaca com sua casa. E cuydando ho Jao que seria assi/ aceitou a capitania ꝛ seruia a ho melhor q̃ podia pera lhe ganhar a vontade que ho deixasse ir. Do q̃ el rey de Bintão estaua bẽ fora por amor de sua molher/ ꝛ dilataualhe a licẽça de dia em dia: o que entendendo ho Jao determinou de fugir pera Malaca/ ꝛ fugio hũa noyte do Pago õdestaua com el rey de Bintão, ꝛ acolheose em hũas lancharas polo rio abaixo/ ꝛ chegando á tranqueira que se fechaua de noyte com portas chamou as goardas/ ꝛ nomeãdose lhe abrirão, ꝛ ho deixarão ir cuydãdo que hia correr a Malaca como fazia outras vezes. E saido da tranqueira não tardou mea hora que chegarão certas lancharas que hião apos ele por mãdado del rey de Bintão que logo soube q̃ era fugido/ ꝛ por acharem que era ja fora da tranqueira ho não quiserão seguir, ꝛ ele não parou ate Malaca ꝛ foyse pera a nossa fortaleza/ ꝛ deuse a conhecer ao capitão: dizẽdolhe a causa porque hia/ ꝛ contou lhe que a trãqueira não era tão forte com muyta parte da banda da terra como da banda dagoa, ꝛ que se a cometesse por terra a tomaria, ꝛ que ele mesmo iria com a gente que fosse por terra, ꝛ que obrigaua a cabeça a tomarse logo. O que foy posto em conselho, em que algũs disserão que aquilo parecia treição das que el rey de Bintão costumaua/ ꝛ que se fundaria em mandar gente ou tela em cilada como auia pouco que fizera pera tomarem a nossa fortaleza em quanto os Portugueses fossem sobre a tranqueira/ porque sabia que auião de ficar poucos/ ꝛ pois eles erão tão doẽtes ꝛ os sãos tão poucos/ que seria muyto grande perigo repartilos ẽ duas partes, q̃ se não deuia dir sobre a trãqueira se nã goardarse a fortaleza del rey q̃

era o que mais importaua ate que a tranqueira se podesse tomar sem perigo: ꝛ outros disserão que se aquilo fora treição q̃ ho Jao não ousara de vir com aquele ardil/ porque tinha certo matarẽno tanto q̃ a treição se entendesse/ ꝛ mais estãdo ele em poder dos Portugueses com quẽ queria ir por terra a dar na trãqueira/ que de necessidade se auia d̃ tomar com ajuda de nosso senhor/ porq̃ doutra maneyra não podião ser liures do trabalho q̃ padecião, porque tomandoa, logo os imigos se auião de mudar pera outra parte como costumauão / ꝛ não tinhão outra se não ho pago que ja era mais longe, ꝛ lhe darião menos opressam/ ꝛ mais que ja terião algũ folego primeyro que os immigos lá assentassem. E quanto ao perigo em que dizião q̃ ficaua a fortaleza por se a gente repartir que não irião sobre a tranqueira mais de cento ꝛ vite dos nossos/ ꝛ os outros ficariã: que ainda q̃ não fossem todos sãos abastauão pera defẽder as estãcias aos immigos, posto que viessem ꝛ ficaria hũa lanchara esquipada pera que em vindo fossem chamar os que fossem sobre a tranqueira que por ser perto tornarião logo. E praticados estes dous pareceres ꝛ bẽ examinados foy determinado que fossem sobre a tranqueira/ porque sem a tomarem não se podião desapressar daquela guerra / ꝛ que não fosse lá mais que Duarte de melo com seus capitães que iria por mar com sessenta Portugueses / ꝛ quinhentos frecheiros Malayos / ꝛ por terra iria hũ fidalgo chamado Manuel falcão cõ outra tanta gẽte ꝛ iria coele ho Jao, ꝛ Afonso lopez, dõ Aleixo ꝛ os autros que lá forão da outra vez ficarião ẽ goarda da fortaleza com ho resto da gente. Isto assentado partiose Duarte de melo indo ele em hũa galé ꝛ leuaua hũ batel grande cõ quatro falcões por bãda ꝛ hũ tiro grosso por proa pera aferrar a tranqueira: ꝛ assi todos os outros capitães leuauão seus bateis ꝛ lancharas bem artilhados ꝛ com arrombadas/ ꝛ por terra foy Manuel falcão cõ a gẽte que digo/ ꝛ partirão vespera de todos os sanctos de noyte / a horas que ao outro dia pela menhaã chegarão todos juntamente sobre a tranqueira, de que Duarte de melo desembarcou com sua gẽte obra de dous tiros de bésta/ ꝛ mandou aos bombardeiros que a varejassem dali com a artelharia, que tãbem começou de tirar cõ a sua aos Portugueses/ que nẽ por isso deixarão de desembarcar ꝛ ajuntarse com os outros q̃ hião por terra/ em que se acharão com muyto trabalho ꝛ perigo por ela ser toda alagadiça ꝛ chea destrepes / ꝛ auer muyta lama de grande chuua que fora na noyte passada/ ꝛ ainda então auia algũa: ꝛ os nossos não tinhão por õde ir se não por algũas veredas tão estreitas que não podião ir se não a fio / ꝛ por isso se ferirão algũs nos estrepes de q̃ morrerão por serem eruados/ ꝛ antrestes morreo ho Jao que hia cõ Manuel falcão/ que com quãto hũ seu escrauo ho leuaua ás costas não deixou de se estrepar. Coeste tama

nho trabalho ꝛ perigo chegarão á trãqueira rompẽdo per antre muytos pelouros q̃ lhe dela tirauão/ ꝛ dos primeyros q̃ chegarão forão Manuel falcão, ꝛ Antonio lobo falcão seu sobrinho/ ꝛ Manuel falcão foy logo ferido de hũa bõbardada q̃ lhe espedaçou hũa perna/ ꝛ cayo ao pé de hũa palmeira quasi morto, ꝛ os nossos ficarão sem capitão/ porque Duarte de melo ficaua com a sua gẽte detras da de Manuel falcão q̃ quando desembarcou ja ho achou diante/ ꝛ por ser a terra tão apertada ficou detras, ꝛ caindo Manuel falcão da maneyra q̃ digo, hũ João fernandez de Santarẽ escriuão da nao de dõ Aleixo que se ali acertou disse a Diogo pacheco q̃ hi estaua. Señor pois ho capitão he ferido/ ꝛ vedes ho perigo em que estamos façamos corpo cõuosco ꝛ day Santiago na tranqueira, porque se tardarmos matarnos hão estes tiros/ ꝛ ele disse q̃ não queria tomar aq̃le cargo pois lho nã derão: porẽ q̃ desse Sãtiago ꝛ q̃ pelejaria como lascarim. E dizẽdo isto ajũtaranse coele Manuel pacheco seu irmão/ Antonio lobo falcão/ Diogo brandão do Porto, João guedez d Sãtarẽ/ João fernandez/ ꝛ todos jũtos na dianteira da outra gente remeterão á tranqueira com q̃ ja os nossos nauios estauão á bateria, ꝛ começouse hũa muyto braua ꝛ mui ferida peleja, porq̃ dambas as partes erão os pelouros tão bastos q̃ se não enxergaua nada cõ ho fumo da artelharia/ ꝛ as espingardadas não tinhão cõto, ꝛ as frechas / assi darco como d zarauatanas cobriã ho ár/ ꝛ ho chão cuberto de sangue dos feridos. E assi durou a peleja bẽ duas horas, porq̃ os imigos defendianse como homẽs q̃ querião antes morrer q̃ perder ho lugar em q̃ estauão, ꝛ soubese q̃ durando assi ho cõflito da peleja/ hũ valẽte mouro chamado çançarná de raja disse ao seu capitão q̃ da outra vez q̃ os nossos vierão sobre a tranqueira q̃ ele pelejara muyto valentemente/ ꝛ q̃ a ele capitão se dera toda a hõrra ꝛ a ele não, q̃ se auia desaluar ẽ quãto tinha tempo ꝛ q̃ ele morreria. E acabãdo de dizer isto fugio, ꝛ parece q̃ adiuinhou a morte do capitão, porque em pouco espaço despois de sua fugida foy morto de hũa espingardada q̃ lhe tirou hũ dos nossos chamado Gonçalo fernandez gancho/ ꝛ ele morto os seus se desbaratarão ꝛ fugirão, ꝛ a trãqueira ficou em poder dos nossos cõ grãde mortindade dos imigos ꝛ antreles forão mortos quasi trezentos rajas que sam homẽs como antre nos cõdes ou outros senhores de titulo q̃ hião dar socorro a elrey de Bintão ꝛ forão catiuos muytos com hũ filho del rey de Sião que hi estaua tambem ajudando a el rey de Bintão. E despois deste ser conhecido ho mandou ho capitão a seu pay que mandou por isso hũ jũgo carregado de mantimentos com que se os Portugueses restaurarão. E vendose Duarte de melo com aquela vitoria seguio auante com proposito de ir ate ho Pago onde estaua el rey de Bintão que era dali treze legoas / ꝛ deitalo fora / ꝛ a quatro ou cinco legoas pelo

rio acima achou ho tão entulhado
& atrauessadas nele tantas aruores
que os immigos tinhão lançado a
este fim que nunca pode passar/ &
por isso se tornou, & mandou des-
truyr de todo aquela fortaleza em
que achou sessenta tiros ẽcepados
& outras muytas armas. E coeste
despojo & muyto grande vitoria se
tornou pera Malaca, onde foy re-
cebido com grande solẽnidade. E
com tudo el rey de Bintão não de
sistio da guerra que fazia a Mala-
ca, & sempre lhe corria sua armada
que de cada vez era mais poderosa,
& ele fez outra fortaleza no Pago
õde estaua: & dali fazião tambem por
terra os saltos que dantes fazião.
E despois desta vitoria de Muar
ja em Dezembro despachou dom
Aleixo dom Tristão de meneses/ &
mãdou ho a Maluco no nauio San
tiago em que Jorge mazcarenhas
viera da China/ & deulhe cartas
del rey de Portugal/ & presentes
pera os reys das ilhas de Malu-
co que fossem seus amigos & lhe dei
xassem ter trato em suas terras pe-
ra auer ho crauo que lá auia. E des
pachado dom Tristão partiose dõ
Aleixo pera a India em Dezembro
do anno de mil & quinhentos & de
zoyto.

¶ Capitolo. lxviij. Do que aconte-
ceo em Malaca despois da parti
da de dom Aleixo de meneses.

E Coele se foy a mayor
parte da gente que esta
ua em Malaca por sa-
berem que estaua muy
escandalizado Dafonso lopez da co
sta, que por ser de forte condição se
soltara em falar cõtrele algũas cou
sas em sua ausencia: o que ele sabia,
& por isso lhe não deu muyto da gẽ-
te que se foy coele. Do q̃ pesou grã-
demente a Afonso lopez por quão
pouca lhe ficaua ficãdo de guerra,
& era tão pouca que por conto não
chegauão a mais de setenta Por-
tugueses. O que logo soube el rey
de Bintão/ & determinando de to-
mar a fortaleza & a nossa pouoação
mandou cometer pazes a Afonso
lopez, & tão desapegadamente que
se gastarão algũs dias sem auer cõ-
crusam/ & os embaixadores del rey
hião muytas vezes com embaixa-
da a Afonso lopez q̃ de de cada vez
que hião os mandaua saluar com a
artelharia da fortalez em que se ga-
staua muyta poluora que despois
fez grande mingoa. E nestes dias
destas embaixadas fez el rey mil &
setecentos homẽs, & por mar hũa
armada doytenta & cinco lancha-
ras: & como quer que as embaixa-
das andauão sobre pazes parecia a
Afonso lopez que a cousa estaua se-
gura. E esperando hũ dia polo em-
baixador del rey de Bintão pera se
tomar concrusam nas pazes/ ex q̃
aparece na propria manhaã a arma
da que digo cõ quinhentos homẽs
que derão logo no porto & poserão
fogo a duas naos de mercadores
que hi estauão & a hũa galé nossa de
semmasteada sem lhe os nossos po-
derem acodir por ser a maré vazia &
sem ela não poderem nadar os nos-
sos nauios pera irem ao porto. E es
tando os nossos da banda do mar
ouuirão hũa grãde grita no sertão

da parte da nossa pouoação q̃ está junto da fortaleza. E esta grita dauão mil ꝛ duzentos dos immigos que hião por terra cometer a cidade com muytos alifantes armados: ꝛ repartidos em duas partes auia de cometer hũa a pouoação grande ꝛ outra a pequena que era a nossa/ com que Afonso lopez ficou muy agastado por os nossos serẽ tão poucos como disse: ꝛ por isso ꝛ por não saber se os da terra lhe terião ordenada algũa treição não ousaua de sayr da fortaleza em pessoa pera pelejar com os immigos que não lhe falecia esforço pera isso: posto q̃ os seus erão poucos. E com tudo por mostrar aos immigos que os não temia / ꝛ que ho soubesse tambem a gente da terra/ mandou a hũ Fernão de lemos que com dez dos nossos se fosse á entrada da ponte ꝛ acodisse á pouoação grãde, ꝛ a hũ Frãcisco fogaça mandou que acodisse com doze pela parte da nossa pouoação/ ꝛ assi hũs como os outros cõ quanto virão a demasiada auantajem que lhe os immigos tinhão determinarão de pelejar coeles esperãdo que Afonso lopez os socorresse/ ꝛ esperãnos com muyta ousadia, ajudando os tambẽ a gente da terra que logo acodirão ho Bẽdará ꝛ ho Lascar cõ seus piães, ꝛ os ĩmigos se forão emburilhar coeles ás frechadas ꝛ azagayadas, ꝛ começouse hũa peleia muy trauada. E vendo Afonso lopez como a gẽte da terra era em aiuda dos nossos acodiolhe com a gente que lhe ficaua leuando diante dous berços encarretados com que fizerão muyto grande dãno nos immigos / matando muytos por andarem juntos / ꝛ co isso os fizerão afastar: ꝛ os nossos tambem se retirarão obra dũ tiro de pedra pera a fortaleza. E como neste tempo começou dencher a maré, mandou Afonso lopez a Duarte de melo capitão mór do mar que acodisse ao porto, ꝛ apagasse ho fogo q̃ andaua ateado nas naos, ꝛ deulhe trinta homẽs que se repartirão por cinco lancharas ꝛ hũ bragantim, hũ batel grande de que erão capitães a fora Duarte de melo/ Francisco fogaça/ dom Rodrigo da silua, Diogo mendez, Fernão figueira/ Carlos carualho, ꝛ Grauiel gago/ ꝛ cõ tão pequena armada pera camanha era a dos immigos com a esperãça em nosso senhor se forão chegando a eles dãdo grandes gritas de prazer por parecer que os não temião. E chegando a tiro de berço começa de desparar a artelharia dũ cabo ꝛ do outro/ ꝛ acertou que em a lanchara de Grauiel gago tirãdo a primeyra bombardada selhe acẽdeo fogo na poluora com que abrio a lanchara ꝛ se foy supitamente ao fundo, ꝛ quantos ãdauão nela dos nossos se afogarão por estarem armados. E durãdo a peleja foy morto Diogo mendez capitão doutra lanchara de hũa bombardada que lhe leuou a cabeça, ꝛ por derradeyro os nossos ho fizerão tão esforçadamente que deitarão os immigos fora do porto, matando algũs. E desacupado ho porto apagarão ho fogo que andaua nas naos ꝛ na galee. E assi acabou a peleja daquele dia no mar ꝛ na terra/

& com quanto os immigos se retira
rão não se forão de todo, porq̃ era
sua determinação de tomar a forta
leza, & posto que pola primeyra não
leuassem ho melhor dos nossos nẽ
por isso cessarã de sua empresa, porq̃
como erão muytos & os nossos
poucos parecialhes q̃ os vencerião
por derradeyro, & que por poucos
que matassem os enfecariāo. E por
isso os da terra assẽtarão suas estã-
cias hũ pedaço da cidade onde se re
colherão, & os do mar surgirão jũ-
to de hũa ilha perto do porto acuja
sombra esteuerão: & como foy me-
nhaã tornarão a cometer os nossos
por mar & por terra, & pelejarão coe
les ate as dez horas do dia que se re
colherão a suas estancias / & torna-
rã a pelejar da vespera ate a noyte.
E isto fizerão dezasete dias conti-
nos em que derão muyto grande o
pressam & trabalho aos nossos / q̃
milagrosamẽte saluou nosso señor
de serem todos tomados segundo
andauão cansados / & feridos & des
uelados de não dormir / porq̃ vigia
uão cõ medo que os imigos os não
tomassem / & de que sempre leuarão
a vitoria pola piedade de nosso se-
nhor. E cuydando os immigos do
mar q̃ acabo de tanto tempo não es
tariāo os da nossa armada pera lhe
resistir, os quiserão aferrar / & acha
rão neles tão poderosa resistẽcia co
mo se aquele fora ho primeyro dia
da peleja: & por isso nã quiserão ..
is brigas coeles, & fugirão que não
tornarão mais, & ho mesmo fizerão
os da terra, de que morrerão nestes
dias muytos, q̃ dos do mar acha-
rão por conta que forão duzentos,
& quinze q̃ acharão soterrados na
ilha em que se acolhião / & dos nos-
sos não morrerão mais de quinze ẽ
todas estas pelejas. E com quanto
el rey de Bintão soube quão pouco
nojo os seus fizerão aos nossos nã
desistio da guerra, & foyse assentar
em hũ lugar q̃ se chamaua Pago
donde a fazia de cada vez mayor as-
si por mar como por terra.

Aqui faz fim ho quarto liuro da historia da India. E seguese ho quinto no tempo q̃ a gouernou Diogo lopez de sequeira.

Liuro quinto da historia do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses no tempo que a gouernou Diogo lopez de sequeira por mandado do inuictissimo rey dom Manuel de gloriosa memoria.

Feyto per Fernão lopez de castanheda.

¶ Capitolo .j. De como Lopo soarez entregou a gouernança da India a Diogo lopez de sequeira & se partio pera Portugal.

Reformada a amizade ãtre ho gouernador Lopo soarez & el rey de Ceilão desembarcou ho gouernador & apousentouse em hũa tẽda de dentro da nossa tranqueira, & tẽdo quasi acabada a fortaleza que seria na fim de Nouembro, chegou dom João da silueira de Bengala dõde partio como disse/ & o gouernador lhe deu a capitania da fortaleza / & por ser ainda mancebo deu a capitania mór do mar a Antonio de mirãda dazeuedo homem antigo na India & que sabia bẽ da guerra/ & deu lhe hũa armada cõ que andasse naquela parajem pera goarda da fortaleza, como pera fazer presas nas naos de nossos immigos. E isto assi ordenado partiose o gouernador pera Cochim com determinação de fazer em Coulão outra fortaleza por ter licença do rey de Coulão pera fazer hũa casa forte, & ter praz me da raynha pera coeste nome de casa forte lhe deixar fazer hũa fortaleza por peita que por isso lhe auião de dar. E ho gouernador cessou desta determinação por saber que era chegado Diogo lopez de sequeira por gouernador, & prosseguio pera Cochim, onde foy recebido cõ muyta honrra de Diogo lopez de sequeira que foy coele ate a fortaleza, & dali por diante ho visitaua muytas vezes: & não quis entẽder em nada da gouernança da India em quanto Lopo soarez esteue nela saluo em repartir os nauios, & despachou Joã gomez cheira dinheiro pa as ilhas de Maldiua, onde elrey de Portugal mandaua que fizesse hũa fortaleza & fosse capitão dela. E porque sabia que Baticalá estaua leuãtado mandou a dom Afonso de meneses em hũa galé darmada que fosse surgir sobre a barra de Baticalá, & lhe tomassem as naos q̃ saissem de dẽtro: & ho mesmo mandou a Christouão de sousa q̃ fosse fazer a Dabul, q̃ foy em hũa galé por capitão mór de Ruy gomez dazeuedo & de Lourenço godinho que hião em duas carauelas, & mandoulhe que fosse por Goa & tomasse duas fustas das q̃ lá estauão: & por rogo d̃ Lopo soarez sentenceou Diogo lopez ho feyto da justiça contra Geronimo doliueira que matou dom Aluaro da silueira como ja disse/ & foy degolado. E feyta a carrega das naos en-

tregou Lopo soarez a India a Dio
go lopez de sequeira per hũ estormẽ
to pubrico/ declarando a gente que
ficaua nas fortalezas/ ⁊ as peças
dartelharia. E isto feyto partiose
Lopo soarez pera Portugal, onde
chegou a saluamento.

¶ Capit. ij. De como ho gouerna-
dor tornou el rey de Baticalá aa
obediencia del rey de Portugal.

Partido Lopo soarez
ho gouernador se par
tio pera Goa em Ja-
neyro de mil ⁊ quinhẽ
tos ⁊ dezanoue deixã
do por capitão de Cochim hũ fidal
go seu sobrinho chamado Antonio
correa em quãto Aires da silua não
vinha d Malaca, ⁊ tirouha a Lou-
renço moreno, ⁊ leuou toda a arma
da da India, ⁊ de caminho visitou
as fortalezas de Calicut ⁊ de Cana
nor/ ⁊ foy ter com dom Afonso de
meneses que estaua sobre a barra d
Baticalá, cujo rey sabendo que ho
gouernador ali estaua foy o seu me-
do tamanho de ho destruyr q̃ logo
lhe mandou pedir perdão do leuã-
tamento passado, ⁊ pedirlhe que ho
tornasse a receber por vassalo dl rey
de Portugal, porq̃ estaua prestes
pera pagar ho tributo que dantes
pagaua, ⁊ mais pagaria tantos mil
pardaos pera os gastos da arma-
da. E ho gouernador foy contente,
⁊ assi se fez: ⁊ isto feyto partiose pe-
ra Goa.

¶ Capit. iij. De como Christouão
de sousa foy darmada sobre Da-
bul: ⁊ do que lhe lá aconteceo.

Partido Christouã
de sousa pera Da-
bul foy ter a Goa
onde pedio a Ruy
de melo que estaua
por capitão na va-
gãte de dom Goterre que lhe desse
as duas fustas que ho gouernador
mandaua, ⁊ dãdolhas tornou a sua
viagẽ pera Dabul/ ⁊ por ser ja tar-
de achou os noroestes muy rijos q̃
lhe erão por dauante/ ⁊ ho não dei-
xauão surdir indo alamar: ⁊ por is-
so ⁊ por a carauela de Ruy gomez
ser zorreyra deu a longa, porque cõ
ho emparo da terra lhe pareceo que
não fossem os ventos tão rijos. E
com tudo a carauela de Ruy gomez
não pode ter coele nẽ cõ as outras
velas ⁊ ficou a tras. E indo Chris-
touão de sousa assi soube que dẽtro
no rio de Citapor estaua carregan-
do hũa nao de mouros nossos imi-
gos pose na boca do rio/ ⁊ mãdou
a hũ capitão dũ Catur que leuaua
em sua conserua que fosse tomar a
nao. E vendo ho os mouros que a
carregauão entrar dẽtro no rio fu-
girão pera terra ⁊ deixarão a nao
só/ ⁊ ho capitão do Catur a atoou
⁊ aleuou a Christouão de sousa/ q̃
metendo nela quẽ a goardasse a le-
uou em sua conserua/ ⁊ daqui leuã-
do sua rota abatida foy surgir na
barra de Dabul, onde soube por al
gũs da terra que lhe forão vender
refresco, que em quanto se deteuera
em Citapor a tomar a nao passara
Ruy gomez ⁊ fora ter a Dabul, on-
de lhe logo sayrão as fustas. E estã
do coele ás bombardadas se lhe a-
cendera ho fogo na sua poluora cõ

que a carauela foy toda queimada ⁊ quantos estauão nela saluo hũa molher Portuguesa que os mouros catiuarão: ⁊ que aueria sete ou oyto dias que aquilo acontecera. O q̃ Christouão de sousa creo por achar ainda algũa madeyra da carauela/ ⁊ ficou muyto triste por aquele desastre/ ⁊ quiserase vingar dos mouros selhe sayrão, mas nũca ousarão/ nem ele não foy buscalos por estarem muyto dentro do rio. E auẽdo obra de doze dias que aqui estaua forão os ventos tantos ⁊ tão brauos que não podendo ele nem os outros sofrer a amarra lhe foy forçado arribarem a hũa ensea da chamada dos Malabares que era abrigada pera estar hi ate amainar aquele vento, ⁊ hi queimou hũa pouoação por ser d' nossos imigos. E amainãdo ho vẽto da hi a algũs dias se tornou a Dabul/ onde soube que em quanto esteuera na enseada dos Malabares encalando ho vẽto chegara hũa nao de Cananor em que hia por capitão hũ escriuão da nossa feytoria que leuaua fazẽda del rey de Portugal pera se vender em Cambaya (⁊ esta passou de noyte pola enseada onde estaua Christouão de sousa ⁊ por isso a não vio) ⁊ chegando defronte de Dabul lhe sayrão as fustas ⁊ meterãna no fundo com bombardadas. E vendo Christouão de sousa que ho dãno que as fustas fazião hia em crecimẽto / determinou dentrar no rio ⁊ vingarse, ⁊ porque não tinha mantimentos os foy tomar a Chaul aa nossa feytoria ondestaua por feytor hũ Diogo paez/ ⁊ em tornãdo de lá pera Dabul quis dar em Calaci hũ ugar de mouros cinco legoas dele por ser de sua jurdição/ ⁊ estaua metido por hũ rio acima obra de mea legoa. E chegando á foz do rio deixou ali a galé ⁊ a carauela surtas por não poderẽ nadar nele, ⁊ ẽtrou no Catur fustas ⁊ bateys em q̃ leuaria ate cento dos nossos/ ⁊ chegou ao lugar tres horas ante manhaã/ mas fazia hũ lũar tão claro que parecia dia. Os immigos tanto que sentirão os nossos fugirão logo/ ⁊ a rezão de os sentirẽ tão asinha foy porque esta gẽte a mór parte da noyte anda acordada: os nossos seguirão hũ pouco a pos os immigos ⁊ deixarãnos por ser noyte, ⁊ tornaranse a queimar ho lugar q̃ era grãde ⁊ auia nele muytas mezquitas/ ⁊ queimarãno todo despois de ho roubarẽ/ ⁊ assi duas naos que hi estauão varadas. Isto feyto recolheo se Christouão d' sousa á praya pera se embarcar, ⁊ hi esperou por algũs marinheiros q̃ ainda ficauão roubando. E estando assi esperando so breueo hũ Tanadar dũa tanadaria dali a duas legoas, ⁊ sabẽdo do dia dãtes que os nossos estauão na foz do rio d' Calaci hialhe socorrer ⁊ leuaua trezentos piães Canarins todos frecheiros/ ⁊ em os nossos os vendo aluoraçaranse muyto/ ⁊ disserão a Christouão de sousa que fosse pelejar coeles, do que ele foy cõtente/ ⁊ assi pera isso como pera recolher os marinheiros que lhe ficauão no lugar abalou logo pa eles, ⁊ eles mostrando muyto esforço ho sayrão a receber/ ⁊ ho cercarão por diante ⁊ polas ilhargas tirãdo fre-

chadas sem cõto: Christouão d sousa porq lhe não frechassē os seus estando jũtos mãdou os espalhar da mesma maneyra q se os imigos espalhauão, posto q lhe algũs disserão q melhor seria apinhoarēse pa hũa parte τ ficarē os imigos descubertos á nossa artelharia q lhes tirasse do rio q os despachasse logo: τ Christouão de sousa não quis / parece q por de desejar de pelejar. E espalhados os nossos / trinta espingardeiros τ algũs bésteiros q auia antreles desfecharão nos imigos τ fizerãnos afastar, τ os nossos se começarão d recolher espalhados como digo, τ tãto q quasi se nã vião hũs aos outros. E os imigos q virão este descõcerto acodirão logo sobreles apertãdo os muyto cõ frechadas τ ferindo dessa gēte baixa q hia mal armada, q cõmeçou d fugir cõ menos cõcerto do que leuauão: sem Christouão de sousa nē os outros capitães os poderē ter, τ vēdo ele isto deixouse ficar cõ os imigos, ficãdo coele Frãcisco de sousa tauares τ outros principaes τ fazião volta aos imigos pera os deter, τ eles se retirauão pera os cansar, τ despois voltauão sobreles. E assi forão ate a praya voltãdo hũs aos outros bē qtro vezes em q a peleja foy bē ferida assi dũa parte como doutra: τ tã perfiada q em chegarē os nossos á praya gastarão bē tres horas, τ cõ os feridos q se hião embarcar τ cõ os outros q fugião se desfizerã os nossos tãto q nã chegarão cõ Christouão de sousa á praya mais q ate trinta homēs / τ ainda aqui da pertado dos imigos se nã achou mais q cõ dez pera sembarcar de q hũ era Frãcisco de sousa tauares, τ aqui passou Christouão de sousa grãde perigo, τ esteue qsi pdido porq erão ja ēbarcados todos os nossos senã ele cõ os dez q digo, τ a maré ēchia τ daualhes a agoa pola cinta / τ os imigos chouião frechas sobreles / τ coesta fadiga qsi q nã podião ajudar a ēbarcar Christouão de sousa q ho não podia fazer sem ajuda por ir armado em hũ arnes inteiro / τ era necessario tomarēno ē peso pera ho meterē no batel / τ os imigos nã dauão vagar pera isso. E vēdo eles o q os nossos tinhão em ho fazer τ cuydãdo q nã auia quē lhe resistisse meteranse pola agoa, τ chegauanse aos bateys τ ás fustas lãçãdo mão dos remos pa os tomar: τ quis ds q a este tpo estaua ja Christouão de sousa embarcado τ os outros q ho ajudarão, τ vēdo a ousadia dos imigos mãdoulhes tirar cõ a artelharia / de q logo fugirão ficãdo muytos mortos / τ dos nossos morreo hũ bõbardeiro τ forão feridos trinta. Feyto isto porq Christouão de sousa trazia por regimēto do gouernador q ate a ētrada de Janeyro fossē em Goa as duas carauelas q leuaua pera irē cõ Antonio de saldanha a Ormuz / mandou a Lourēço godinho q se fosse / τ ele ficou com a galé / fustas τ catur, τ cõ tão pouca gēte q não era nada pa a das fustas de Dabul q era muyta τ elas bē artilhadas foyse a Dabul τ surgio na barra, õde achou João gõçaluez d castelo branco q por mãdado de Lopo soarez estaua ē goarda dela com tres fustas / τ per hũa carta que lhe

Christouão de sousa deu gouernador se partio pera Goa.

¶ Capit. iiij. De como ho gouernador despachou certos capitães pera diuersas partes.

De Baticalá se foy ho gouernador a Goa, donde mãdou Antonio de saldanha capitão mór do mar cõ hũa armada ao cabo d goardafum a fazer presas, & a saber se estauão os rumes ẽ Judá pera os ir buscar como trazia por regimento. E sabẽdo aqui como fora queimada a carauela de Ruy gomez dazeuedo & metida no fũdo a nao de Cananor/ parecẽdolhe q̃ fora por culpa de Christouão de sousa ho mandou logo chamar por Antonio raposo capitão dũ nauio cõ quẽ mandou João gõçaluez d castelo brãco q̃ auião de ficar ẽ Dabul/ & por ser ja ẽtrada dinuerno q̃ndo chegarão não foy necessario ficarẽ lá, & tornaranse cõ Christouão d sousa a Goa dõde se forão a Cochi por ja lá estar ho gouernador. A q̃ Christouão d sousa mostrou como não tinha culpa na carauela nẽ na nao: & por isso ho gouernador lhe pedio perdão d ho mãdar assi vir de Dabul. E por q̃ ho gouernador foy auisado q̃ em Coulão auia algũ aluoroço d guerra por hũa fortaleza q̃ hi queria fazer ho feytor Eytor rodriguez/ mãdou lá João gõçaluez d castelo brãco cõ tres fustas darmada/ & q̃ não auẽdo q̃ fazer ẽ Coulão fosse fazer presas ao cabo de Goardafũ & tornasse a inuernar a Cochi: & assi por ho gouernador saber de dõ Aleixo de meneses, & de Fernão perez dãdrade/ & doutros fidalgos q̃ chegarão de Malaca ho aperto em q̃ ficaua cõ a guerra del rey de Bintão q̃ era necessario mãdarlhe socorro: determinou de lho mãdar por Antonio correa filho Daires correa que foy morto ẽ Calicut ẽ tempo d Pedraluarez cabral/ a que tinha dada hũa viagem pera a China, & q̃ de caminho iria por Malaca. E por neste tẽpo lhe mostrar Simão dandrada de hũ aluara del rey per q̃ mandaua q̃ querẽdo ele ir á China despois de vir de lá Fernão perez seu irmão q̃ fosse. Não deu ho gouernador esta ida da China a Antonio correa, se não a de Malaca somẽte, & a ida da China deu a Simão dãdrade a que despachou logo, & se partio em hũa nao: & apos ele partio em outra hũ fidalgo chamado Garcia de sá com gẽte em socorro Dafonso lopez da costa: & despois mãdou ẽ hũa armada de tres velas por capitão mór a Antonio correa/ a q̃ deu em regimẽto q̃ de cercada Malaca fosse assentar pazes cõ el rey de Pegú/ & das tres velas forão capitães, ele d hũa nao, Antonio pacheco d hũa carauela que leuaua a capitania mór do mar d Malaca/ & hũ Frãcisco de sequira ẽ hũ bargãti. E nesta armada q̃ partio de Cochi a seys d Mayo forão cẽto & cicoẽta Portugueses.

¶ Capit. v. De como a raynha de Coulão deu consentimento pera se fazer fortaleza.

Desejãdo Lopo soarez no tẽpo q̃ gouernaua a Jndia de fazer hũa fortaleza em Coulão, ouue licença

del rey de Coulão pa fazer hũa casa forte em que a fazenda del rey de Portugal esteuesse segura, porque ho nã estaua na casa q̃ estaua feyta. E esta licẽça ouue cõ determinaçã de cõ nome de casa forte fazer hũa fortaleza, porq̃ tinha pera isso consẽtimẽto de Alepãdari: q̃ assi se chamaua a raynha d̃ Coulão, ꝛ coeste fundamẽto tornaua d̃ Ceilão (quãdo lá foy fazer a fortaleza) se não achara certeza d̃ ser chegado por gouernador da India Diogo lopez d̃ sequeira / q̃ auisado por Eytor rodriguez feytor de Coulão do q̃ passaua a cerca da fortaleza, lhe deu comissam pera q̃ por hũ aluara prometesse á raynha tres mil rajas q̃ sam moedas da terra q̃ val cada hũa trinta ꝛ tres r̃s ꝛ hũ terço em q̃ pola valia da nossa moeda se mõtauão cẽto ꝛ trinta ꝛ dous mil r̃s, ꝛ a Chaneipulá seu gouernador ꝛ muyto grãde priuado mil fanões de Cochi q̃ val cada hũ desasseys r̃s, em q̃ pola moeda portuguesa mõtão desasseis mil r̃s: ꝛ isto porq̃ dessem consentimẽto pa se fazer a fortaleza, ꝛ algũa desta copia lhes auia logo de ser paga / ꝛ a outra despois da fortaleza acabada: ꝛ isto porẽ sẽ ser feyta guerra aos Portugueses / nẽ por el rey de Comori, nẽ pola raynha ꝛ seus filhos / nẽ menos por ela raynha de Coulão. Do q̃ ela foy muyto cõtẽte / offrecendose cõ seus pulás a morrerẽ cõ toda sua gẽte sobre se a fortaleza fazer ꝛ darẽ pera a edificação d̃la toda a ajuda q̃ podesse ser / posto q̃ sabião q̃ auião danojar nisso muyto ao rey grãde de Coulão, ꝛ cobrar por imigos ho rey de Comori ꝛ a raynha ꝛ seus filhos: ꝛ porem q̃ lhes nã daua nada disso por seruirẽ a el rey de Portugal por cujos vassalos ꝛ seruidores se tinhão como se propriamẽte forão Portugueses. E pera mayor segurança a mesma raynha por sua pessoa entregou Eytor rodriguez a hũs tres irmãos Naires q̃ morauão ao derredor dõde auia d̃ ser a fortaleza que viuião cõ a raynha de Comori, ꝛ erão grãdes senhores ꝛ punhão em cãpo seyscẽtos Nayres de peleja, ꝛ ho mais velho auia nome Unireypulá, ho meão Balapulágoripo, ꝛ o mais moço se chamaua coulegorripo. E estes todos tres tomarão sobre si ho feytor ꝛ prometerão de ho ajudar em q̃nto podessem: ꝛ Eytor rodriguez se cõcertou muyto secretamẽte cõ Unireypulá q̃ ho ajudasse, ꝛ q̃ em q̃nto durasse a obra da fortaleza lhe daria cada dia hũa raja. E sendo ho gouernador auisado d̃ tudo per Eytor rodriguez, lhe deu comissam pera q̃ começasse a obra. E como ẽ Coulão foy sabido q̃ se auia de começar, foy cousa despãto ho rumor ꝛ aluoroço q̃ se leuãtou, assi antre os mouros como ãtre os os gẽtios: aqixãdose todos disso. E el rey d̃ Comori ꝛ sua irmaã ajũtarão muyta gẽte, dizẽdo q̃ era pa irẽ sobre Eytor rodriguez, ꝛ o matarẽ cõ q̃ntos estauão coele. E sendo ho gouernador auisado d̃ste aluoroço mãdou lá como disse a Ioão gõçaluez d̃ castelo brãco por capitão mór de tres fustas ẽ socorro: mas nã foy necessario porq̃ a raynha de Coulã ꝛ Chaneipulá erão tão verdadeyros seruidores del rey d̃ Portugal

⁊ deſejauão tãto ſeu ſeruiço q̃ apa-
zigoarão tudo,⁊ a raynha d̃ Como
rim ceſſou de ſua furia,cõ quãto fi-
cou ẽ grande odio cõtra os noſſos.
E vẽdo João gõçaluez como ali nã
auia q̃ fazer foyſe ao cabo d̃ Como-
rim,dõde ſẽ fazer nenhũas preſas
ſe tornou a Cochim.

¶ Capit.vj. De como Eytor rodri
guez de Coimbra começou d̃ edi
ficar á fortaleza de Coulão.

A Pacificandoſe mais a
couſa d̃terminou Eytor
rodriguez de começar
ſua obra:⁊ encomẽdãdo
ſe a noſſo ſenhor/ho mais diſſimu-
ladamente q̃ pode começou hũ dia
dabrir os aliceces dãdo ele as pri-
meyras enxadadas/⁊ ajudãdo ho
Chriſtouão de bairros ⁊ Duarte
varela ſeus gẽrros,⁊ aſſi hũ Luys
Aluarez q̃ eſtaua por capitão d̃ hũa
galé,⁊ Gaſpar ferraz ⁊ Afonſo fer-
raz ſeu irmão/⁊ ho padre Frãciſco
aluarez vigairo da igreja d̃ ſã Tho
me,⁊ outros q̃ per todos fazião nu
mero de vinte ſete Portugueſes ⁊
dous pedreyros da terra/⁊ quãdo
dous mil Naires q̃ ali tẽ ho rey grã
de de Coulão(pera cõſeruação do
eſtado da terra)virão os grãdes a-
liceces q̃ abria Eitor rodriguez tor
naranſe a aluoroçar,dizẽdo q̃ erão
pera fortaleza ⁊ não pera caſa,pelo
q̃ ele os mãdou atupir ⁊ ficarão ma
is eſtreitos,porẽ de largura de dez
palmos,⁊ aſſi como hia abrindo aſ
ſi hia fazendo a parede da cerca da
fortaleza q̃ fez de cõprimẽto doytẽ
ta ⁊ cinco palmos ⁊ de largura de
ſetenta ⁊ cinco,⁊ tẽdo a parede dal
tura dũ homẽ:aſſẽtarão os nayres
del rey d̃ Coulão q̃ tamanha cerca
não era ſe nã pera fortaleza/⁊ aquei
xaranſe diſſo á raynha de Comori
porq̃ tinhão a de Coulão por ſoſpei
ta nas couſas dos Portugueſes/a
quẽ ſe queixou logo a raynha d̃ Co
morim,dizẽdo q̃ ho não auia de ſo
frer/⁊ mãdou a ſua gẽte q̃ ſe poſeſſe
ẽ armas. O q̃ ſabido por Eytor ro-
driguez nã quis ir cõ tamanha obra
auãte,por apacificar a gente ⁊ não
ter dõde ſe defendeſſe ſe lhe fizeſſem
guerra/⁊ atalhou ho vão da cerca
cõ hũa parede ficãdo a hũa parte a
caſa da feytoria,⁊ a outra a fortale
za/com q̃ proſſeguio auãte,dizẽdo
q̃ era a caſa da feytoria. Porem os
Naires del rey de Coulão,nẽ a ray
nha de Comori ⁊ ſeus dous filhos
não aſſeſſegauão nẽ perdião os ciu
mes q̃ tinhã daquilo ſer fortaleza/
⁊ hora lhe tolhião os pedreiros,ho
ra os cauouq̃iros: outras vezes ſe
ajũtauão pa irẽ ſobre Eitor rodri-
guez,⁊ d̃ tudo ho auiſaua a raynha
de Coulão ⁊ ſeus pulás/apreſſan-
do ho,q̃ ſe poſeſſe na mayor altura
q̃ podeſſe: porq̃ lhe parecia q̃ auião
os imigos de pelejar coele. E ele ho
fazia aſſi,encomẽdandoſe ſempre a
noſſo ſenhor de quẽ era muyto ami
go q̃ ho ajudou ate poer hũa torre
no primeyro ſobrado. E por ſer aui
ſado q̃ dia de Paſcoa auião os imi
gos de pelejar coele deſtapou ẽtão
as bõbardeiras q̃ ateli teuera çar-
radas por não ẽtẽderẽ que era for-
taleza/⁊ aſſeſtou nelas ſua artelha-
ria. E recolhido dentro na torre cõ
a gente q̃ digo/amanheceo aſſi dia

de Pascoa: o q̃ deu tamanho espã-to aos imigos q̃ não ousarão de ho cometer cõ medo da artelharia: do q̃ a raynha de Coulão & seus pulás ficarão muyto ledos, & mandarão dizer a Eitor rodriguez q̃ não temesse dali por diante aos imigos, porque ja não auião dousar de ho cometer, & quando ho quisessem fazer q̃ ela com todos seus vassalos auião de morrer sobre ho defender. O que lhe ele agardeceo muyto/ pedindolhe que os deixasse chegar aa fortaleza pera ver como pelejauão os Portugueses: porẽ os imigos não ousarão de ho fazer/ & dali por diante abrandarão da furia q̃ trazião, nẽ fizerão mais sobrançarias aos Portugueses. E neste tempo foy ali ter hum fidalgo chamado Garcia da costa de Santarẽ cõ hũa galé de que era capitão/ q̃ ho mandou ho gouernador pera fauorecer & ajudar Eitor rodriguez: o que ele fez cõ muyto cuydado & diligẽcia.

¶ Capit. vij. Dũ grande seruiço q̃ a raynha de Coulão fez a el rey de Portugal.

Com muyto grande trabalho, assi do inuerno q̃ era muy forte cõ chuuas & cõ vẽtos/ como cõ temores de guerra hia Eitor rodriguez proseguindo ẽ sua obra/ não somẽte na fortaleza mas na da igreja do apostolo sam Thome, q̃ tãbẽ começou/ porq̃ a raynha de Coulão, & ho regedor & outros pulás lhe fazião dar toda a pedra & outros materiaes q̃ erão necessarios pera estas obras. E assi tinhão todos cuydado delas como se forão Portugueses/ não lhes lembrãdo q̃ fazião nisso pesar ao rey de Coulão, nẽ que escãdalizauão a raynha de Comori & seus filhos/ nem qu cayão em odio do pouo. O que parececia milagre de nosso senhor terẽ os gentios tanta fee & amizade cõ os Portugueses q̃ assi os fauorecião. E de tudo isto Eitor rodriguez auisaua ho gouernador, q̃ lhe mandou q̃ fosse assi cõ a obra como hia, porq̃ seria coele na entrada Dagosto. E cõ quãto Eitor rodriguez tinha este trabalho de fazer a fortaleza, não deixaua de ẽtẽder na pimẽta q̃ auia de cõprar pera a carregação das naos q̃ se esperauão aquele anno: & soube q̃ erão abertas na serra duas grandes estradas per que andauão a formiga tres mil boys de Charamandel, dõde leuauão arroz a Coulão & Caicoulão, & ẽ retorno pimẽta de seus termos. E vẽdo ele camanho perjuyzo isto era pera acarregação das naos de Portugal/ queixouse disso aos regedores de Caicoulão, req̃rẽdolhe q̃ vedassem q̃ nã se leuasse aq̃la pimẽta. Ao q̃ respõderão q̃ nã podião fazer nisso nada por sayr a pimẽta de lugares de Bramenes a q̃ não podião ir á mão: & por isso ho rey de Caicoulão perdia seus dereytos/ mas não podia al fazer se não perdelos. E vẽdo Eytor rodriguez ho mao remedio q̃ ali tinha/ escreueo ho ao gouernador: q̃ não achando pera isso remedio lhe não respõdeo, & então se socorreo ele á raynha de Coulão por saber quanto desejaua ho

seruiço del rey de Portugal/ ⁊ pediolhe que mãdasse por quinhẽtos dos seus Naires fazer hũ salto na cafila dos boys de Choramandel/ ⁊ que os escarmentassem de maneyra que não fizessem mais aquele caminho/ ⁊ que prometia de dar cem cruzados por cada cabeça de homẽ q̃lhe dessem da cafila. E a raynha por seruir el rey de Portugal se cõcertou com hũ rey irmão doutro/ per cuja terrra as cafilas caminhauão que lhe daria quinhentos Naires pagos á sua custa com que fizesse guerra a seu irmão porque deixaua passar a cafila por sua terra, porque não passando por ela nã tinha caminho por outra parte. E este mesmo rey que auia de fazer a guerra a seu irmão, antes de a começar fez com os quinhentos Naires da raynha de Coulão hũ salto na cafila de Choramandel em que matou cinco homẽs dos que hião nela/ ⁊ tomou muytos boys ⁊ grande soma de pimenta, com que os outros ficarão tão escarmentados que desistirão de todo daquele officio/ ⁊ logo as estradas forão çarradas: do que a raynha d Coulão mãdou pedir aluissaras a Eytor rodriguez notificandolhe o q̃ era feyto, ⁊ que em satisfação daquele seruiço que fizera a el rey de Portugal, ⁊ do gasto que fizera com os quinhentos Naires a que pagara hũ mes de soldo, queria que lhe esperasse aquele anno por duzentos ⁊ oytẽta bares dꝫ pimẽta que diuia: ⁊ isto por estar pobre ⁊ gastada das guerras passadas, o q̃ lhe Eytor rodriguez fez: cõ que ela ficou muyto contente.

Capitolo. viij. De como ho gouernador foy ver hũ pará que se fazia antre hũs Caimaes na terra firme/ ⁊ do que lhe acõteceo.

No começo deste inuerno que ho gouernador teue em Cochim sucedeo auer hũ pará antre certos Caimaes vassalos del rey de Cochim ⁊ del rey de Calicut sobre certa deferença que tinhão. E este pará quer dizer na sua lingoa batalha de desafio/ em que se ha dauerigoar a verdade, ⁊ assi como hum rey ou senhor faz a outro qualquer offensa: ho offendido desafia o que ho offendeo pera se darem batalha campal, ⁊ ajuntão pera isso toda sua valia damigos ⁊ vassalos: ⁊ se ho offendido tem mais gente que o que ho offendeo dalhe a batalha em pubrico, ⁊ se não ho mais secretamente que pode. E sabendo ho gouernador que se daua esta batalha a mea legoa de Cochim polo sertão foy a ver acompanhado de quinhẽtos homens em que auia algũs fidalgos, ⁊ todos com capas ⁊ espadas somente: ⁊ foy ho gouernador ẽ tónes polo rio ate õde se auia de dar batalha, ⁊ ali desembarcou, ⁊ ãtre os q̃ auião de dar batalha/ ⁊ os q̃ a auião de ver serião q̃tro mil homẽs a fora os nossos. E começada a batalha/ quis hũ nosso bõbardeiro fauorecer ho Caimal del rey de Cochĩ cõtra ho del rey de Calicut, ajudãdoho cõ hũa espada dam

bas as mãos. O q̃ vẽdo ho Caimal como q̃ria mal aos nossos / remete cõ parte de sua gẽte a algũs deles q̃ ãdauão espalhados: tirãdolhe muy tas frechadas: ao q̃ ho gouernador acodio logo / ꝛ recolheo os nossos: ꝛ feytos todos ẽ hũ corpo se quise ra tornar se ho deixarão / porq̃ os naires como homẽs escãdalizados dos nossos os seguião, apertando os com frechadas muyto bastas: ꝛ por se o gouernador desembaraçar não quis q̃ os nossos trauassẽ coe les / sẽ não q̃ se defendessem: porque erão muytos ꝛ se a batalha se tra uasse passarião os nossos mal por serẽ poucos: ꝛ por isso ho gouerna dor se recolhia ho melhor q̃ podia / ꝛ os imigos apertauão todauia tã rio q̃ ho punhão ẽ muyto perigo, o q̃ vẽdo algũs fidalgos se poserão diãte dele pera ho emparar das fre chas, ꝛ ho primeyro foy Christouã de sousa q̃ logo foy ferido de hũa ẽ hũ braço, de q̃ despois foy aleijado ꝛ assi forão feridos outros ꝛ mor tos cinco / ꝛ antreles forão Diogo de pina filho de Ruy de pina. E des pois q̃ os imigos virão q̃ os nossos não querião pelejar coeles / ꝛ tam bẽ por acodirẽ aos companheiros q̃ ficauão na batalha deixarão os ir. E vendose ho gouernador desa pressado dos imigos fez recolher os mortos, ꝛ foyse a Cochi onde te ue ho inuerno / em q̃ mandou cõcer tar a armada pa ho verão seguinte.

¶ Capi. ix. De como mouros de Cambaya matarão a João go mez nas ilhas de Maldiua com outros nossos.

Atras fica dito como João gomez cheira dinheiro foy ás ilhas de Maldiua pa fazer lá hũa fortaleza: ꝛ despois q̃ foy ẽ Maldiua achou q̃ era ali escusada fortaleza / ꝛ q̃ abastaua hũa feytoria pa ho trato q̃ ali auia dauer. E assi ho fez ꝛ ele ficou por feytor, ꝛ tẽdo mãdada hũa nao fora em q̃ forão algũs cria dos seus q̃ nã ficarão coele mais q̃ ate oyto dos nossos ꝛ algũs da ter ra q̃ seruião na feitoria forão ali ter certas naos d̃ mouros d̃ Cãbaya, q̃ como erão nossos imigos ꝛ virão João gomez cõ tão pouca compa nhia / determinarão de ho matar ꝛ tomar q̃nto estaua na feitoria. E as si ho fizerão, ꝛ João gomez morreo defendẽdose tão esforçadamẽte co mo ele pelejou sempre nas pelejas ẽ q̃ se achou q̃ era muyto valẽte caua leyro: ꝛ assi acabou seus dias com q̃ntos estauão coele, ꝛ despois de mortos roubarão os mouros a fei toria ꝛ leuarão tudo sem ho rey da terra ousar de resistir por nã ter gẽ te de peleja. E ho gouernador quã do ho soube nã pode fazer nada na quilo por os mouros não serem de lugar certo.

¶ Capit. x. De como despois Dan tonio correa socorrer Malaca se partio pera Pegú a assentar a mizade.

Partido Antonio correa ẽ socorro de Malaca se guio por sua viagẽ, ꝛ in do atraues d̃ Ceilão por ser inueruo lhe deu hũa tormẽta cõ q̃ se apartarã dele os outros nauios

ꝛ ele ficou só, ꝛ assi foy ter a Pacē: ꝛ dali foy ter a Malaca õde estaua Afonso lopez da costa ē tamanho a perto de guerra como disse, assi por mar como por terra que lhe fazia el rey dō Sintão q̃ estaua ē hũa pouoação por dentro dũ esteiro q̃ se chama Pago q̃ sae do rio de Muar, ꝛ tinha ali hũa forte fortaleza de madeira, ꝛ mandaua sua armada pola costa de Malaca, ꝛ fazia arribar ao pago todos os jũgos q̃ hião a Malaca/ ꝛ outras quaesq̃r velas q̃ leuauão mercadorias ou mantimētos, E por esta causa não hia nenhũa vela a Malaca, pelo q̃ estaua ē grande aperto de fome, ꝛ valia hũa ganta darroz q̃ não leua mais q̃ hũa canada hũ cruzado ꝛ hũa canada de vinho ho mesmo/ ꝛ por falta dle auia dias q̃ndo Antonio correa chegou q̃ não se dizia missa, ꝛ os imigos vinhão muyto amiude correr por terra a fortaleza/ ꝛ por os nossos serē poucos ꝛ muyto doētes não ousauão de sayr a eles / nē somēte fazer trāqueiras fora da fortaleza pera dali defenderē ho impeto dos imigos, porq̃ temião q̃ ali os tomassē segundo erão muytos ꝛ sobejos ꝛ eles poucos por ja a este tpo Simã dādrade ser partido pera a China ꝛ leuar cõsigo toda a gēte q̃ fora coele da India. E por ho capitão de Malaca estar neste tamanho aperto folgou em estremo cõ a chegada Dantonio correa q̃ com os mātimētos q̃ leuaua da India desaliuou algũ tanto os da fortaleza da fome q̃ padecião: ꝛ dali por diāte se disserā missas por amor do vinho q̃ leuou, ꝛ começouse de sētir menos ho cercor: ꝛ porq̃ os nossos ficassem mais desapressados tomou Antonio correa cargo de defender hũa trāqueira q̃ estaua da bāda da fortaleza hũ pedaço afastada dela/ ꝛ cõ sua defēsam ficauão os da fortaleza liures dos rebates passados. E assi foy/ porq̃ vindo os imigos como dātes acharão na trāqueira Antonio correa bē acõpanhado despigardeiros ꝛ de bēsteiros ꝛ dalgũas peças dartelharia/ de q̃ os imigos receberão algũ dāno, ꝛ por serem muytos ho não estimarão nē deixarão de correr como dātes/ ꝛ q̃si q̃ dauão cada dia rebates, pricipalmēte despois q̃ entēderão ho socorro q̃ era vindo porq̃ então insistião mais q̃ da primeyra ē vēcer os nossos/ porq̃ não cuydassem q̃ cõ medo do socorro afroxauão de lhe fazer guerra/ ꝛ cõ isto dauão assaz q̃ fazer a Antonio correa cõ contino trabalho dos rebates q̃ lhe dauão/ a q̃ acodia com muyto perigo de sua vida ꝛ q̃brātamēto do corpo/ ꝛ fadiga do spirito porq̃ não comia nē dormia senã armado: cõ tão imēso trabalho viueo dous meses sem nunca lhe neste tpo matarem nenhũ dos da sua companhia / antes matando ele ꝛ eles muytos dos immigos: com que se escarmentarão de maneyra que afastarão seu arrayal pera mais lõge/ ꝛ afroxarão muyto de suas corridas. E ficādo os nossos mais desaliuados da guerra ꝛ mais seguros pareceo bē a Antonio correa de ir a Pegú, assi pa assētar paz cõ el rey pera os nossos irē lá tratar ꝛ virē delá mātimētos a Malaca, como pera os trazer logo pola necessida•

de q̃ auia deles. E despachados os jũgos da China τ doutras partes q̃ com sua estada ẽ Malaca se atreuerão a partir, partiose pa Pegú na nao em que fora da India/ τ foy pr meyro a Pacẽ carregar ď pimẽta q̃ era bõ emprego pera lá. E carregada a nao partio do porto de Pedir quarta feyra q̃torze de Setembro do anno de dezanoue, τ dahi seguio sua rota pera Pegú.

¶ Capit. xi. Em q̃ se escreue ho reyno de Pegú τ seus costumes.

Este reyno ď Pegú he na enseada de Bẽgala da bãda do sul por õde comarca cõ outro chamado Tenaçari/ τ do norte cõ ho de Bẽgala, de q̃ está cẽto τ vinte legoas pola costa do mar per hũa põta q̃ se chama de negrais, τ em a do brãdo ẽtrão logo em hũ rio grãde q̃ se chama Cosmi onde começa ho reyno de Pegú: q̃ tera de costa ate cincoẽta legoas. Da bãda do ponẽte tem ho mar indico τ do leuãte ho reyno de Brema τ Dauá, q̃ se estendẽ per hũa corda de serras muy altas q̃ tẽ desta parte de q̃ ha ao mar em hũas partes trinta τ ẽ outras corẽta legoas, q̃ he a largura deste reyno, em q̃ ha muytas mõtanhas cõ grãdes matas ď alto τ espesso aruoredo em q̃ se crião multidão dalifantes, de vacas τ bufaras brauas τ pórcos mõteses τ veados, com q̃ os da terra fazẽ muytas mõtarias principalmẽte os grãdes senhores. Ha neste reyno muytas minas douro/ mas nã se tira polo rey defẽder porq̃ nã q̃reria tirar a gẽte outros metais de q̃ ha muytos na terra: ẽ que se da tambẽ muyto lacre τ muyto fino/ τ ha nouidade dele muyta τ pouca: procede de hũ genero ď formigas q̃ ho crião/ ho bõ he ď canudo/ ho somenos he de pão. Ha robis sem cõto/ τ os melhores q̃ ha ẽ outras partes/ çafiras/ espinelas τ outra pedraria: de Sião lhe vem muyto beijoim τ almizquere. Ha grãde criação de caualos do tamanho de facas dirlanda/ τ assi tẽ ho andar, τ todo ho ãno não comẽ mais q̃ erua: destes se seruẽ assi na paz como na guerra: dasse nesta terra geralmẽte muyta soma darroz, τ criãse infinitos pórcos τ galinhas grãdes τ boas, ď vacas τ outro gado miúdo ha arrezodamẽte/ τ assi ha muyta diuersidade de fruytas: de modo q̃ he muyto abastada de mãtimẽtos, τ por isso os leuão por mercadoria pera õde os nã ha. He esta terra toda muyto sádia/ assi pa os naturais como pera os estrãgeiros, τ não se cria nela nenhũ bicho peçonhẽto: he toda cortada de grãdes rios q̃ nacẽ nas serras q̃ disse τ deles sam muyto altos, τ ẽtra a maré neles: a mayor parte das pouoações sam ao lõgo deles, τ se he em parte estreita sam as casas de hũa parte τ da outra/ τ cada casa tem hũ paraó peq̃no pera seu seruiço. A pricipal cidade ď todo este reyno se chama Pegú/ de q̃ ele toma ho nome situada ao lõgo do rio de Cosmi em q̃ estão outras cidades notaues assi como Dixára, que está na põta da barra/ τ Dalá mais acima τ Degũ quatro legoas da barra/ Sirião τ Cosmi que está dezoyto legoas da costa τ ateli chegão os jũ

gos ou naos estrãgeiras, & dali vão em champanas da terra ate Pegú q̃ he auante oytẽta legoas ou pouco menos. E assi estão outras cidades ď Cosmi ate Pegú a q̃ não sou be os nomes/ & muytas delas sam cercadas de muros & cobelos a nossa maneyra, & tudo ď cal & ladrilho. Ha outro rio principal ate cincoẽta legoas deste, q̃ se chama Martabão de cujo nome está em sua praya situada hũa fermosa cidade sete legoas da barra tãbẽ porto pricipal em q̃ se fazẽ as jarras martabanas q̃ leuão á India/ & assi outra muyta louça de massa de porcelana, porem não tão fina como a da China, nẽ daquelas cores & pinturas. Nestes rios & em outros muytos ha muytos & bõs pescados diuersos dos nossos saluo saués: vendese ho pescado viuo em paraós cheos dagoa. A gente deste reyno comũmẽte he fermosa / principalmente as molheres: os homẽs sam ď meaã estatura de membros grossos, baços como mulatos fracos pera guerra: suas armas sam espadas de ferro morto do tamanho das nossas & muyto mais largas cõ bainhas de pao: tẽ padeses tão altos como hũ homẽ de coyros dalifantes cõ verniz por cima & capacetes do mesmo. E tambẽ costumão armar a cabeça & costas cõ hũas peles dũs bichos q̃ tem conchas muyto fortes, & laudeis acolchoados: tẽ lanças de ferros compridos & pelejão a pé & a caualo & em alifantes, & nos rios em paraós. Tem algũas espingardas & bombardinhas de ferro & algũas poucas de metal com letras chins, no q̃ parece que aquela terra foy senhoreada deles em outro tẽpo, porque tambẽ ha ainda sinos dos chis cõ as suas letras/ & assi idolos. Ho capitão que he vencido na guerra quando torna pera sua casa não se serue polas portas porq̃ se dantes seruia, se não por outras ate restaurar sua honrra. Ha neste reyno grãdes officiaes doficios macanicos/ assi douro como prata/ ferro & pao, & pintores muy singulares. A gẽte natural deste reyno he gẽtia (ainda q̃ algũs sam mouros) adorão idolos ď diuersas feyções hũs de figura domẽ dũ palmo daltura/ & dahi ate do tamanho dũ gigante, & outros tã altos como a mais alta torre & muyto bem obrados, & estes de cal & tijolo os outros de metal & de pao, & todos dourados & pintados de muytas cores, & deles tẽ tres rostos: & dizẽ os Pegús q̃ significão ao deos grande criador do mundo, & os outros a outros sanctos q̃ forão de boa vida & caualeyros. Adorão tãbẽ a hũs edificios q̃ chamão varelas feytos ao modo das dos Chins como disse atras, saluo que sam todas moçiças ď cal & tegelo reuocadas por cima dũ betume de lacre, & por cima dourado douro de pão, & nas põtas tẽ hũs barões de ferro cõ hũa poma & sombreiro de metal cercado de cãpainhas/ & nestas pomas metẽ peças douro & pedraria q̃ offrecẽ: a menor varela destas he daltura de quatro braças, & daqui pera cima em grande quãtidade, assi como se escreue que erão as piramides do Egipto. Em todas as pouoações deste reyno ha

muytas & hũa mayor que todas; na cidade de Degũ está hũa tão alta que se vé a mór parte do reyno/ & a esta vay muyta gente em romaria por hũ certo dia do anno. Estas varelas adorão por deos, & dizem q̃ assi como ele he grande assi as fazẽ grandes, & ao derrador delas ha casas de idolos & outras em q̃ pregão. Tem esta gẽte tambem outros templos como mosteiros em que morão os seus sacerdotes a q̃ chamão Rolis homẽs caridosos, principalmente aos estrangeiros, & em hũs morão trezentos & em outros quatrocentos: estes trazẽ as cabeças rapadas/ & arrancão os cabelos da barba: vestem hũas roupas de mãgas que lhes chegão ao peito do pé & encima outros panos compridos & estreitos a maneyra de stolas. Estes não conhecem molheres despois que se metẽ nestas casas & he lhes defeso: viuẽ apartados da conuersação dos outros homẽs. Estes mosteiros sam de madeira muyto fortes & dourados em muytas partes, tẽ sinos grandes & peq̃nos como os nossos/ & deles mayores que os que estão em Santiago de Galiza, com letreiros & muytos lauores ao derredor, & vsam destes sinos nas cerimonias de sua seita. Antrestes Rolis ha hũs principaes a que os outros obedecẽ, & em todo ho reyno ha hũ sobre todos que tem por homẽ sancto. Destas casas hũas tem rẽda que lhes dotou quẽ as edificou/ ou dos lugares onde estão, outras sam pobres/ & os que viuem nelas se mantem desmolas. Tambem ha destas casas de molheres que rogão a deos polos defuntos que as fundarão. Tẽ tambem outras casas que não seruẽ se nã de ter idolos como em tesouro/ principalmente hũa em especial em q̃ ha tantos grandes & pequenos que assomão a cẽto & vinte mil, & cada dia metem muytos que offerecem pessoas: a casa em que estão he muyto grande & de grande comprimento, cõ hũs poyaes altos de tigelo, & polas paredes hũs vãos como almarios cheos de idolos peq̃nos & por cima os grandes: em cada lugar ha hũa casa pubrica que serue destarẽ nelas ataudes doutra feyção dos nossos com muytos lauores dourados & tamanhos q̃ sam necessarios doze & quĩze homẽs pera os leuar, & nestes leuão os finados a q̃imar a certo lugar fora das pouoações, & segundo a calidade da pessoa assi leua ho ataude, & assi lhe fazem ho fogo com que a queimão, que a hũs ho fazem com sandolos & a outros com outra lenha, Crem q̃ ha outra vida despois desta, mas não como nos cremos, jejuão por sua deuaçã trinta dias no anno & não comẽ se não á noyte: neste tẽpo ha muytas pregações & outras cirimonias de suas idolatrias. Tẽ que quẽ leua ho alheo que na outra vida fica catiuo da pessoa a quẽ ho leuou, tem q̃ matar cousa viua pa comer q̃ he mao, & muytas vezes mãda elrey apregoar por sua deuação q̃ não matẽ nẽ pesquẽ/ & a pena não se executa muyto porq̃ quẽ tẽ cargo disso lhes dá lugar porq̃ lhe peitã, & por isso afogão os porcos ẽ rios q̃do os q̃rẽ matar nã morre nhũa pessoa por justiça, &

quando comete crime porq̃ mereça morte degradãno pera os lugares da costa ou pera algũas ilhas. Ha taixa pera hũ homem que mata outro pagar certa cousa segundo a calidade do morto a seus erdeiros ou a seu senhor/ todo ho natural deste reyno que tem senhor quando morrelhe fica a fazẽda/ ⁊ os herdeiros fazem hũ presente ao senhor segũdo he a cantidade da fazenda, ⁊ ele lhe faz merce dela: ⁊ desta maneyra do pião ao caualeyro, ⁊ dahi pera cima ate el rey. Casam os homẽs cõ hũa só molher, ⁊ deles com duas ⁊ tres o que os outros tem por má cousa: ao tempo que as molheres andão pera parir lhes fazẽ no quintal das casas em que morão hũa casa de terra ⁊ canas como sam as outras/ ⁊ nestas estão trinta ou corenta dias despois de paridas/ ⁊ tem por mal entrarem em suas casas sem passarem estes dias. A gente deste reyno comũmente he bẽ ensinada ⁊ de melhor condição que outros nenhũs gentios/ ⁊ falão verdade/ ⁊ mais chegada aos nossos costumes que outros algũs, ⁊ comẽ o que nos comemos o que outros não fazem: ⁊ parece q̃ serião Christãos sem trabalho se os conuersassem ⁊ doutrinassem / tratanse todos bem. Ha antreles homẽs letrados em outra lingoa que tem a fora a propria como antre nos ho latim, escreuẽ em papel com tinta ⁊ tem escripturas antigas: a cortesia que vsam he leuantar as mãos diante do rosto, ⁊ se a pessoa he de mór calidade que a que lha faz não responde assi, mas faz hũ geito disso: vsam de muyta policia os nobres em seu seruiço/ ⁊ seruense das portas a dẽtro com anãos de que ha muytos no reyno/ ⁊ assi com molheres pequenas corcouadas detras ⁊ diante ⁊ quebrãnas em crianças pera este fim porq̃ não emprenhem, ⁊ nestas tem suas senhoras grande confiança. Tem estes nobres muytas maneyras de folgar a fora montear q̃ costumão muyto/ ⁊ hũa he meterense em paraós que tẽ, assi grandes como pequenos deles de hũ soo pao, ⁊ d̃ tal maneyra que leuão por banda cem remeyros de pãgayo/ ⁊ dourados ⁊ pintados, ⁊ no meyo hũa casa de madeira do mesmo modo, ⁊ nas proas hũa deuisa: ⁊ ha outra feição de paraós que tem por cima outra ordem de remos compridos, ⁊ os remeyros vestidos de librẽ. E metidos os senhores nestes paraós/ apostão com outros a quem mais remara, ⁊ leuão instrumentos que tãgem ⁊ remão ao seu som: cousa muyto pera ver/ ⁊ el rey vay ver esta festa a hũa casa que tem pera isso no meyo do rio, ⁊ ali está ho preço da aposta, ⁊ os juyzes que ho determinão. E os da aposta sam muytos, ⁊ infinita gente polo rio ⁊ pola terra a ver esta festa em que se fazẽ grãdes gastos. Andão estes senhores em andores muyto ricos pintados ⁊ dourados/ deles cubertos ⁊ outros descubertos ⁊ leuãnos dez ⁊ doze homẽs. Ho andor del rey ⁊ de seus filhos sam deferentes dos outros ẽ terẽ os tirãtes forrados de marfim, ⁊ tẽ por honrra irẽ acõpanhados de muyta gẽte de pé: os estrãgeiros não podẽ andar nestes

andores se não per merce del rey. Neste reyno não se laura moeda, ⁊ correm por ela hũas bacias velhas de q̃ se seruirão ⁊ sam de fuzileira/ por peso se compra tudo coelas: ho peso comũ se chama biça q̃ he dous arratẽs ⁊ meyo ⁊ tem cem miticaes ⁊ comprado ẽ ouro ⁊ leuado a Choramandel ou á India val de mil ⁊ quinhentos ate mil ⁊ seyscẽtos rs como outra mercadoria. Ha neste reyno grandes ⁊ ricos mercadores que tratão todos em lacre, ⁊ na pedraria que disse, ⁊ em almisquere/ ouro, prata ⁊ beijoin, ⁊ mantimẽtos/ ⁊ jarras martabanas ⁊ outra louça branca que se faz na terra: ⁊ todas estas mercadorias vem doutras partes, de que trazẽ emprego de cousas q̃ não ha na terra. Elrey he gẽtio ⁊ seruesse cõ grãde estado/ poucas vezes tem guerra com seus vezinhos: ho mais do tempo reside na cidade de Pegu em que tẽ hũs muyto grandes paços de madeira aleuantados do chão muyto polidos com ouro ⁊ pinturas: sam cubertos de telha mourisca, tẽ grãde terreyro diãte, ⁊ ao derredor deles sam tudo alpẽderes ou estrebarias dalifantes ⁊ de caualos. He muyto dado á caça, principalmẽte dalifantes/ de que toma muytos ⁊ feytos mansos manda vender os que lhe sobejão: traz na sua corte muytos fidalgos ⁊ senhores: tẽ por agouro ver abutre, ⁊ por isso nos seus paços estão sempre vigias pera q̃ os enxotem. Tem por costume ho principal senhor do reyno ser amo do principe ⁊ sua molher lhe dá ho leyte, porq̃ sendo seu amo não aja treição por sua causa. Seruese elrey de capados de Bengala que vem por tempo a ser grãdes senhores no reyno ⁊ a mandalo: ⁊ acha el rey q̃ lhe sam leaes/ ⁊ que não pretẽdẽ se não seu seruiço porque não tem outrẽ. Em hũa cidade deste reyno a q̃ não soube ho nome está junto dela na borda de hũ grande rio hũ templo ⁊ diante dele no rio ha hũa grande soma de peixes quasi do tamanho de tubarões que tem tres ordẽs de dentes ⁊ as bocas muyto grãdes/ ⁊ sam tão domesticos que batendo com a mão nagoa ⁊ chamando os por certo nome, acodem muytos abrindo a boca, ⁊ a gente lhe mete arroz nela. Cousa muyto pera espantar por ho rio ser grande ⁊ de maré perto do mar não se mudarem dali ⁊ serem continos: ⁊ dizem que sam daquele templo, ⁊ tem que quẽ mata algũ que não viue despois hũ anno.

¶ Capit. xij. De como Antonio correa assentou pazes ẽ Pegú.

Partido Antonio correa pera este reyno d Pegú foy surgir na barra de Martabão a vinte sete de Setembro, onde as agoas corrẽ tanto que em deitando ancora acẽdeo ho auste fogo no escouuem, ⁊ ele surto acodirão logo pilotos da barra pera ho meterẽ no rio como meterão, ⁊ foy surgir diãte d Martabão, ⁊ dali mandou por embaixador a el rey de Pegú que estaua bẽ corẽta legoas polo sertão a hũ Antonio paçanha natural Dalanquer ⁊ por seu escriuão hũ Belchior car

ualho, ꝛ pa ho acõpanharẽ algũs dos nossos ate sete ou oyto, ꝛ assi forão coele piães da terra. E chegado Antonio paçanha á cidade de Pegú falou a el rey / ꝛ despois de lhe dar hũ presente que lhe leuaua, lhe deu a ẽbaixada da parte del rey de Portugal, cuja concrusam foy assentarẽ amizade ꝛ trato / ꝛ que pera isso hia aquele seu capitão Antonio correa q̃ ficaua no porto d' Martabão, onde poderia mandar hũ homẽ principal de seu reyno / pera q̃ ambos em nome del rey de Portugal ꝛ dele assentassem as pazes. Do que el rey foy cõtente, ꝛ despachou logo pa isso a hũ çamibelegão principal de sua casa / ꝛ assi ho rolaz mór do reyno, que como disse tem por santo pola grande austinẽcia q̃ faz. E chegados todos a Martabão viose Antonio correa em hũa mezquita com çamibelegão ꝛ com ho Roliz mór. E leuou consigo ho seu capelão com sua sobrepeliz / porque ele ꝛ ho Roliz auião tambẽ de jurar as pazes em suas leys / ꝛ na mezquita se assentarão todos quatro no chão sobre hũa alcatifa. E çamibelegão tirou de hũa buceta de marfim hũa folha douro batida do tamanho de hũa nossa de papel escripta de suas letras, em que se cõtinhão os capitolos das pazes da parte del rey de Pegú q̃ ele auia de jurar: ꝛ disse a Antonio correa que lha mandaua el rey de Pegú pera a leuar ao gouernador da India q̃ a mandasse a el rey de Portugal / ꝛ ho Roliz disse q̃ prouuesse a deos que fosse aquilo por bem. E tudo isto declaraua hũ lingoa ꝛ logo tirou hũ grande maço de olas em que estaua escripta sua seita: ꝛ as letras erão tudo ós com pontos hũs com mais outros com menos: ꝛ ele ꝛ çamibelegão ꝛ Antonio correa poẽdo todos tres as mãos sobre aquelas olas jurarão cada hũ por si em nome de seu rey de manterẽ ꝛ goardarem a paz ꝛ amizade segundo se continha nas capitulações. E despois fizerão ho mesmo juramento Antonio correa, çamibelegão ꝛ ho nosso capelão sobre ho cancioneiro geral q̃ ho capelão acertou dabrir nas obras de Luys da silueira: na que fez sobre ho ecclesiastés d' Salamão q̃ começa vaidade das vaidades, ꝛ não quis que fosse ho liuro dos euangelhos / porque lhe não pareceo rezão jurar por eles a quẽ não cria neles, ꝛ mais porque sabia que aqueles não auião de goardar ho juramẽto senão em quãto lhes fosse necessario gardalo. E juradas as pazes / ꝛ ficando os nossos em grande amizade com os da terra começouse antreles ho trato: ꝛ ficou aqui Antonio correa ate ho mes de Junho do anno de vinte que era a moução pera Malaca.

¶ Capit. xiij. De como Antonio pachéco ꝛ outros forão catiuos pelos Achẽs ꝛ a causa porq̃.

Despois de partido Antonio correa pera Pegú Afonso lopez da costa capitão de Malaca que estaua muyto carregado cõ Antonio pacheco ser capitão mór do mar q̃ lhe auia medo por ter dous irmãos

⁊ sentia de si que por sua forte con-
dição lhe podia dizer algũa cousa
de que se escandalizasse, ⁊ leuantar-
sehia contrele. E deitando sobristo
suas contas achou que ho melhor
seria não ho ter ali/ ⁊ por isto bus-
cou achaque pera fazer autos dele,
dizendo que ho desacataua/ ⁊ q̃ ja
se leuantara cõtra Nuno vaz perey
ra sendo capitão/ ⁊ prẽdeo ho ⁊ pre
so ho mandou pera a India na nao
espera de que era capitão Gaspar
da costa irmão dele Afonso lopez/
⁊ indo de viagẽ forão dar hũa noy
te na ilha de Gamispola onde se per
deo a nao/ ⁊ a gente se saluou. E estã
do ali sem remedio pera se tornarẽ
a Malaca forão hi ter certas lãcha-
ras del rey Dachẽ, que andauã dar
mada/ ⁊ como erão imigos dos nos
sos pelejarão coeles, ⁊ por serẽ muy
tos os matarão despois de se defen
derẽ muyto bẽ/ ⁊ matarẽ muytos
imigos. E ãtonio pacheco, Gaspar
da costa. Diogo fernãdes. Grigorio
gonçalues do Algarue/ ⁊ outros
tres ꝺ muyto feridos cayrão, ⁊ assi
os tomarão ⁊ forão catiuos. E des
pois os mandou Garcia de sa resga
tar sendo capitão de Malaca na va
gante dAfonso lopez da costa, que
adoeceo despois disso: ⁊ porq̃ sabia
quão dificultosamente ali auia da
uer saude polos áres de Malaca se
rem muyto roins/ determinou de
se ir pera a India pera ver se podia
lá sarar. E porq̃ não tinha em q̃ se
ir reconciliou cõ Garcia de sá, com
quẽ estaua mal: ⁊ cõcertou coele que
lhe daria ho tẽpo q̃ tinha por seruir
da capitania: ⁊ q̃ lhe desse ele a sua
nao. E sabendo isto ho alcaide mór
quisera ir á mão a isso: ⁊ porse em
dereito cõ Afonso lopez: ⁊ ãbos ou
uerã sobrisso palauras rois. E por
derradeiro a capitania ficou a Gar
cia de sá: ⁊ Afõso lopez partio pera
Cochim em Dezẽbro do ãno ꝺ .xix.
⁊ la morreo despois, antes q̃ ho go
uernador chegasse do estreito.

¶ Capi. xiiij. Do q̃ ho gouernador fez em Cochim na entrada do verão: ⁊ de como Antonio de saldanha chegou Dormuz.

DEterminãdo o gouerna
dor de ir no ãno seguinte
a queimar as galés dos
rumes q̃ estauão ẽ Juda
⁊ fazer hũa fortaleza, fez se prestes
naq̃le inuerno do ãno de .xix. ⁊ passa
do ho inuerno, porq̃ não podia par
tir senão dali a cinco meses, mãdou
entre tãto fazer guerra á costa de cã
baya por hũ fidalgo chamado Chri
stouão de sa, que agora he frade da
ordẽ de sam Frãcisco/ a q̃ deu a capi
tania mór de tres galés: cujos capi
tães a fora ele forão dõ Jorge de me
neses/ ⁊ Jorge barreto ꝺ beja: ⁊ mã
doulhe q̃ na entrada de Janeiro fos
se coele em Goa. E a causa do gouer
nador mãdar fazer esta guerra a cã
baya era/ porq̃ Meliquiaz capitão
de Diu cõtra as pazes q̃ assẽtara cõ
Afonso dalbuquerq̃ trazia dissimu
ladamente fustas pola costa q̃ mata
uão os nossos se os achauão de bõ
lãço, ⁊ tomauão as naos de nossos
amigos/ finalmẽte q̃ era hũa guer-
ra encuberta: ⁊ por isso ho gouerna
dor mandou a Cristouã de sa q̃ não
perdoasse a nenhũa cousa de Cãba
ya: o q̃ ele fez assi despois q̃ foy na

costa/ τ desejaua muyto de topar
cõ Xequegi capitão das fustas de
Meliquiaz q̃ nũca a ousou de sair sã-
bẽdo q̃ Christouão de sá ãdaua po-
la costa/ onde fez muytas presas τ
matou muytos mouros, τ despois
se foy a Goa como lhe ho gouerna-
dor mandara: τ tambẽ na entrada
do verão chegou Antonio de salda
nha á põta de Diu vindo Dormuz
õde fora inuernar, τ ali fez algũas
presas cõ os seus capitães, prĩcipal
mente Diogo de saldanha seu sobri
nho capitão de hũa nao, τ Lourẽ-
ço godinho capitão de hũa carauel-
la/ q̃ abalrroarão ambos hũa nao
de mouros q̃ foy ter á barra d̃ Diu
τ aferrandoa pelejarão cõ os mou-
ros q̃ se defẽderão hũ pouco/ τ des
pois se rẽderão τ os nossos capitã-
es ẽtrarão a nao τ a roubarão de
muyto dinheiro, τ nã foy tão secre
tamẽte q̃ ho não soube Antonio de
saldanha, τ fez sobrisso tantas dili-
gẽcias q̃ ouue a mayor parte do di
nheiro/ τ dahi se foy a Goa τ de
Goa a Cochim ao gouernador q̃ lá
estaua.

¶ Capit. xv. De como partio de Portugal por capitão mór da armada da India Jorge dalbuq̃rque, τ de como dõ Luys de guzmão arribou ao brasil por lhe q̃brar ho leme.

NEste anno de mil τ quinhẽtos τ dezanoue partio pera a India hũa armada de dezasete velas grossas de q̃ foy por capitão mór Jorge dalbuquerq̃ que ẽ tẽpo Dafonso dalbuquerq̃ fora capitão de Malaca, τ hia prouido da mesma
capitania na vagãte Dafonso lopez
da costa. Forão os capitães da fro
ta ho doutor Pero nunez pera vẽ-
dor da fazenda da India cõ hũ regi
mẽto em que el rey tiraua ao gouer
nador todo ho poder/ τ mãdo que
dantes tinha na fazenda τ ho daua
a ele Pero nunez, τ assi ho auia por
iseuto da jurdição do gouernador
nos casos ciueis τ crimes. E co este
officio leuaua mil cruzados dorde-
nado cadãno/ τ q̃ podesse mandar
cadãno polo India cẽ quintaes de
pimenta cõprados polo seu dinhei-
ro/ τ assi cẽ quintaes de cobre que
compraria a el rey pelo preço q̃ lhe
custauão na casa da India, τ q̃ mã-
dasse cadãno a Portugal tres cai-
xas forras τ dous escrauos, τ leua
ua vinte homẽs pagos aa custa del
rey pera ho acompanharẽ. Ho ou-
tro capitão foy Diogo fernãdez de
beja pera capitão da fortaleza que
el rey de Portugal cuydaua que es
taua feyta ẽ Diu/ Rafael catanho,
τ Rafael perestrelo pera irẽ aa Chi
na nas naos em q̃ hião: τ ho outro
capitão q̃ hia em hũa nao de dõ Nu
no Manuel/ Pedreanes frances,
Christouão de mẽdonça, Manuel
de sousa/ Pero da silua/ Jacome
tristão, dom Diogo de lima, Lopo
de brito pera capitão de Ceilão/
João rodriguez Dalmada, Garcia
chainho pera feytor de Malaca, τ
outro capitão a q̃ não soube ho no-
me/ τ dõ Luys de Guzmão hũ fi-
dalgo castelhano q̃ hia ẽ hũ galeão.
Partidas estas naos de Lisboa ar
ribou dõ Diogo de lima a Portu-
gal/ τ nã foy aq̃le ãno: τ os outros
seguirão auãte todos em conserua

ho mais do tẽpo, ſaluo dõ Luys de guzmão q̃ logo ſe apartou: ⁊ auẽdo quinze dias q̃ paſſara as Canarias ouue viſta de hũa carauela. E ſabẽdo dõ Luys do ſeu piloto, q̃ era da Mina ⁊ ho dinheiro q̃ poderia trazer / diſſe q̃ pera q̃ querião mais India q̃ tomala, ⁊ irenſe polo eſtreito de Gibꝛaltar, ⁊ em leuãte ſe farião mais ricos. E iſto diſſe ſecretamẽte ao piloto como q̃ ho atentaua pera ver ſe ho faria: ⁊ ho piloto fez q̃ cuydaua q̃ ho dizia zombando / ⁊ aſſi lhe diſſe tambẽ que não tomaſſem a carauela. E eſte piloto era Poꝛtugues natural de Liſboa, ⁊ parecendolhe muyto mal o q̃ lhe diſſera dõ Luys em ſe apartando dele ho cõmunicou cõ quatro irmãos q̃ hião no galeão naturaes Deuoꝛa, cujos apelidos erão galuões caualeyꝛos muyto eſfoꝛçados ⁊ de grandes eſpiritos / poꝛq̃ iſto ſempꝛe foy natural nos deſte apelido: quelhe pꝛometerão / q̃ ſe dom Luys quiſeſſe fazer o q̃ não foſſe rezão q̃ lhe reſiſtirião. E eſtes ſe apartarão logo da cõuerſação de dõ Luys ⁊ não comerão mais coele nẽ jugarão, em tanto q̃ bẽ entendeo ele q̃ ho entẽdião / ⁊ q̃ lhe compꝛia dandar dereyto / poꝛq̃ lhe nã auião de ſofrer outra couſa / pelo q̃ determinou d̃ fazer coꝛpo de gente q̃ teueſſe de ſua mão, ⁊ fez hũ rol de todos os caſtelhanos q̃ hião no galeão ⁊ achou ſerẽ cincoẽta: ⁊ a eſtes mãdou dar do vinho ⁊ da agoa q̃ ele bibia q̃ era ho melhoꝛ dizẽdo q̃ ho fazia poꝛq̃ erã fidalgos: ⁊ aſſi começou de fazer outras ſoberbas aos Poꝛtugueſes. E a pꝛimeyꝛa deſpois deſta foy querer tomar hũa pipa dagoa ⁊ outra de vinho a hũ Franciſco fernandez ourivez q̃ foꝛa ſeu oſpede ẽ Liſboa ⁊ lhe fizera lá muytos ſeruiços, ⁊ pera lhos pagar ho fizera ir á India. E tomandolhe ele aſſi ho ſeu vinho ⁊ agoa / poꝛ ſe queixar diſſo, dizendo q̃ outras merces eſperaua dele, quiſera ho mandar meter na bõba. Ao q̃ logo acodio ho piloto com os galuões, dizẽdo q̃ não fazia juſtiça cõ ſoõ que lho não auião de cõſentir. E receando dom Luis que ho fizeſſem / ⁊ que ſe leuantaſſe a gente coeles, poꝛque os que tinha poꝛ ſi erão poucos diſſimulou cõ Frãciſco Fernandez ⁊ não lhe tomou as ſuas pipas nẽ ho mandou meter na bõba, ⁊ diſſe ao piloto que pera q̃ trazia punhal: ⁊ iſto poꝛ hũ que trouue daquele dia em q̃ lhe diſſe que tomaſſem a carauela dá Mina / ⁊ reſpondeolhe muyto creſpo: q̃ queria ele ao ſeu punhal que lhe não fazia nenhũ perjuyzo: mas q̃ fizeſſe ele como fazião os frades q̃ todos bebiã ho vinho roim ⁊ ho bõ, ⁊ q̃ nã auia antreles excepção, ⁊ aſſi fazião os q̃ hião pera a India: ⁊ q̃ ſe não daua vinho eſcolhido nẽ agoa ſe não aos capitães ⁊ ao piloto ⁊ meſtre, ⁊ ſe lho não quiſeſſe dar q̃ lhe não daua nada / poꝛem que folgaria de ho ver dar a outra gente. E dõ Luys ſe calou / nẽ nenhũ dos ſeus não falou nada: ⁊ dali poꝛ diante ſempꝛe ouue deſgoſtos ãtre ho piloto ⁊ ele ⁊ ele não ouſaua de bolir polo ver homẽ deſpꝛito. E indo aſſi tanto auãte como ho cabo de boa Eſperãça, lhes ſobꝛeueo hũ tempoꝛal com q̃ lhe quebꝛou ho leme poꝛ baixo da

cana obra de hũ couado: ⁊ por dali por diante não gouernar bẽ (ainda q̃ ho remediarão) disse ho piloto q̃ se não atreuia a dobrar ho cabo cõ aq̃le leme/ por aquela tormẽta não ser nada pera outras que auião de vir/ ⁊ por isso fez ho capitão conselho sobre arribarẽ, ⁊ acordarão q̃ arribassem ao Brasil porq̃ dali não perderião viajẽ ⁊ irião inuernar a Moçambiq̃: porq̃ tornãdo a Guiné, onde algũs dizião que tornassẽ auiã d̃ tornar a Portugal. E coeste acordo se fizerão na volta do Brasil, de que ouuerão vista despois de trinta dias/ ⁊ correndo algũs portos dele sem acharẽ madeira de que podessẽ fazer leme/ forão ter a hũa baya grãde õde ho piloto/ capitão ⁊ carpinteiro sayrão a ver a terra cõ obra de trinta homẽs: ⁊ despois de acharẽ muyto aruoredo de que se poderia fazer ho leme/ em se querẽdo tornar ao galeão, parecẽdo ao capitão q̃ se poderia ali vingar do piloto das deferenças que teuera coele veolhe a falar nelas, ⁊ a dizerlhe más palauras. E ho piloto posto q̃ não tinha da sua parte mais q̃ hũ primo seu ⁊ ho carpinteiro, ⁊ ho capitão tinha os outros que erão vinte seys, não lhe sofreo o q̃ lhe dizia, ⁊ leuãdo de hũa lãça que trazia enrrestou no capitão que arrancou da espada/ ⁊ assi os da sua parte: ⁊ ho primo do piloto ⁊ ho carpinteiro fizerão ho mesmo, ⁊ começou se antreles hũ brauo jogo de cutiladas, que ho piloto era valẽte homẽ ⁊ fazia terreyro cõ a lança ⁊ ho primo ⁊ carpinteiro lhe goardauão as costas. O que vẽdo ho capitão/ ⁊ q̃ nã se acabaua a cousa tão asinha como ele cuydaua/ disse ao piloto: Aa irmão comigo. E ele respondeo cõuosco pesatal. E co isto lhe cometeo ho capitão amizade ⁊ a fizerão logo, ⁊ jurarão todos de ter segredo no que passara/ porque se não escandalizasse do capitão a gente do galeão/ que ficou ho carpinteiro ferido, ⁊ por isso se não pode ter segredo ⁊ q̃si que se rõpeo, mas como nã foy de todo ninguẽ fez cõta disso.

¶ Capit. xvj. Das brigas que dõ Luys d̃ guzmão ouue cõ ho seu piloto, ⁊ de como os brasis matarão pto de sessẽta dos nossos.

Passado isto mandou ho capitão ho mestre a terra pera mãdar fazer ho leme ⁊ leuou ho carpinteiro assi ferido como estaua, ⁊ forão coele dous bombardeiros que leuarão dous berços com que fizerão hũa estancia pera se defenderẽ se a gente da terra lhe quisesse fazer mal: ⁊ isto porque sabião que de sua natureza comẽ os estrangeiros. E começãdose de fazer ho leme começou de crecer muyta gẽte da terra/ que he da maneyra que ja disse no liuro primeyro, ⁊ auia aqui formigas muyto grãdes ⁊ peçonhẽtas, ⁊ criauão em aruores em ninhos que hi fazião da feyção q̃ antre nos os fazẽ as andurinhas. Trazia esta gẽte os mantimẽtos q̃ auia na terra, como tambẽ cõtey a tras/ ⁊ dauãnos aos nossos por anzolos/ alfinetes ⁊ outras cousas baixas, ⁊ não auia quẽ os entẽdesse se não por acenos,

⁊ de cada vez crecião mais a ver os
nossos ⁊ ho galeão: de q̃ se muyto
espantauão mostrando q̃ nunca tal
virão/ ⁊ conuersauão com os nos-
sos pacificamente ⁊ eles coeles/ ⁊
forão algũs a hũa pouoação q̃ esta
ua dali a hũa legoa. E auendo oyto
dias que se isto cõtinuaua leuou ho
piloto ho leme velho a terra p̃a lhe
tirarem os ferros q̃ tinha pera ho
nouo que se acabaua: ⁊ não podẽdo
os nossos alalo pola area em q̃ ato-
laua muyto ajudarãlhe duzentos
Brasis mandandoos a isso hũ que
os chamou cõ hũa cabaça chea de
pedras com que fez muyto grande
rogido/ ⁊ destes auia muytos ãtre
aquela gente. E alado ho leme õdes
taua a estancia dos nossos foyse ho
piloto ondestaua ho arrayal dos
Brasis que era de redes armadas
sobre estacas ou presas a aruores/
⁊ nelas dormião. E vendo os Bra-
sis hũa molher que ho piloto leua-
ua todos se chegauão a vela como
a cousa noua ⁊ dizião tumargatu q̃
parece que antreles he palaura des-
panto. E estãdo assi chegou hũ ho-
mẽ que parecia de corenta annos al
to de corpo ⁊ bem desposto ⁊ nu, ⁊
trazia ho cabelo enrrodilhado ao
derredor da cabeça, ⁊ trazia hũ cin
to d̃ lobo marinho forrado dossos
dalimarias/ ⁊ na cinta hũa espada
despinha de peixe de cinco palmos
de comprido ⁊ na mão hũ manchil
de ferro muyto velho: ⁊ em chegã-
do q̃ falou, logo todos os outros se
calarão ⁊ esteuerão prõtos a ouuir
o que diria, no que pareceo que era
señor deles, ⁊ logo foy dali hũ bra-
dando como pregoeiro/ ⁊ quantos
ho ouuião se assentauão calados a
ouuir o q̃ pregoaua. Isto feyto mã
dou este que parecia rey ou senhor
dar ao piloto muyta soma de mãti-
mentos/ ⁊ isto segũdo parecia cuy-
dando que fosse ho capitão do ga-
leão, porq̃ ele leuaua hũ pelote ver-
melho ⁊ hũa espada na cinta/ ⁊ hũa
adarga noua embraçada, ⁊ os ou-
tros nossos ho acompanhauão/ ⁊
dandolhe tambẽ ho piloto dessas
cousas q̃ leuaua tornouse pera õde
se fazia ho leme. E estando comẽdo
chegou ho carpinteiro (que ãdaua
ja em pé) do arrayal cõ outro nosso
⁊ disserão. Day ao demo esta gente,
q̃ nos leuarão a hũa aruore em cujo
pé auia hũa abelheira, ⁊ acenarã-
nos que fizessemos ho buraco mór
do que era: ⁊ feyto cõ hũa machadi
nha q̃ tirauão os fauos disserãnos
que nos fossemos/ ⁊ não querendo
nos fazelo logo encararão bẽ cento
os arcos em nos cõ as frechas em-
bibidas, ⁊ por isso nos viemos. E
dizendo mais que se despachassem
dali ⁊ q̃ se acolhessem ao galeão, ⁊ q̃
não fosse mais ninguẽ ao arrayal:
cõtrarioulhes ho piloto/ dizẽdo q̃
era muyto boa gẽte ⁊ pacifica. E a-
cabãdo de comer tornouse ao arra-
yal cõ certos dos nossos, dõde dahi
a obra de hũa hora vẽ grande nu-
mero de Brasis a correr ⁊ gritãdo,
trazẽdo algũs as armas do piloto
⁊ de seus companheiros como que
os deixauão mortos, ⁊ vão sobre
os nossos que erão sessenta ⁊ tres q̃
estauão na estancia, donde começa-
rão de jugar os berços que não fi-
zerão nenhũ nojo nos imigos por
se baquearem todos, ⁊ como erão

muytos inuestirão com a estancia, de que os nossos se começarão a defender ás cutiladas o q̃ fizerão por espaço de hũa hora recolhendose á praya: ⁊ neste tempo poucos ⁊ poucos forão dos nossos mortos cincoẽta ⁊ tres, ⁊ os dez q̃ ficauão se lãçarão ao mar ⁊ antreles forão ho mestre ⁊ ho carpinteiro, q̃ com os oyto se saluarão no batel, q̃ chegou nesta conjunção: ⁊ ho mestre se foy logo ao galeão, ⁊ disseo ao capitão/ a q̃ não pesou nada da morte do piloto ⁊ dos galuães ⁊ dos outros q̃ hião coele por se ver desapressado pera o que parece q̃ ja determinaua de fazer/ ⁊ ele foy a terra cõ corenta homẽs pera trazer os lemes, ⁊ os imigos se afastarão com medo porque hião todos armados ⁊ recolherão os nossos os lemes ⁊ do velho acharão menos hũa femea, ⁊ assi a ferramẽta do carpinteiro ⁊ do calafate. E tornado ho capitão ao galeão deteuesse ainda ali tres dias pera se acabar ho leme, ⁊ nestes dias repartio ho fato do piloto polos castelhanos de sua valia/ ⁊ pera si tomou hũ pelote de graã, que mãdou desmanchar ⁊ fazer pola feyção dũ q̃ tinha a figura do damadis d gaula q̃ estaua pintado em hũ seu liuro, dizẽdo q̃ no mundo auia dauer dous Amadises, ⁊ q̃ hũ era ja morto, ⁊ ele era ho outro/ ⁊ co isto outras muytas rebolarias: ⁊ sabendo dũ marinheiro chamado Joaõ velho que ho leuaria a Moçambiq̃ deulhe a pilotajẽ do galeão ⁊ partiose despois do leme acabado. E auẽdo cinco dias q̃ partira sem fazer caminho se não ao mar/ fez meirinho do galeão a hũ castelhano chamado sãto torrezno/ porq̃ morrera no Brasil o q̃ ho era: ⁊ logo aq̃le dia atarde ho meirinho pedio a todos da parte do capitão as chaues das caixas dizendo q̃ as queria ver pera ver se achaua nelas fazẽda q̃ era furtada dos q̃ morrerão em terra/ ⁊ cuydãdo todos que era aquilo assi lhe derão as chaues leuemente: ⁊ auidas pelo capitão mãdou tomar quãtas espadas/ punhaes ⁊ coyraças os nossos leuauã nas caixas: ⁊ isto aos Portugueses somẽte, pelo q̃ algũs deles se forão ao capitão, ⁊ disserã lhe que pera q̃ lhe tomaua as armas ⁊ ele respõdeo q̃ pera não pelejarem hũs cõ os outros: ⁊ se não fizessem mais maos recados do q̃ erã feitos

¶ Capit. xvij. De como dõ Luys d guzmã se aleuãtou cõ ho galeão de que hia por capitão, ⁊ do q̃ fez aos portugueses q̃ ho não quiserão seguir.

Isto feyto logo ao outro dia pola menhaã amanheceo ho capitão na tolda armado em hũ arnes transado, ⁊ hũ estoque nuu nas mãos, ⁊ coele ciquoenta armados os mais castelhanos ⁊ os outros estrangeiros de que se confiou: ⁊ fez vir diante de si a Frãcisco fernãdez ouriuez/ cujo ospede fora em lisboa: ⁊ despois de lhe mandar deitar hũs grilhões lhe disse q̃ se cõfessasse porq̃ ho auia de matar, porq̃ tinha determinado de lhe dar a morte cõ o piloto ⁊ cõ os galuães polas rezões que passarão. E sem ho mais querer ouuir ho mandou

confessar por hũ clerigo, que estaua cercado daqueles armados. E ho capitão passeaua pola tolda rezãdo muyto alto, & de quãdo em quãdo apressaua ho clerigo que acabasse a confissam. E neste tempo os Portugueses estauão no côués muyto tristes vendo & ouuindo tudo o q̃ passaua/ & por não terem nenhũas armas não podião resistir ao q̃ ho capitão fazia: & ẽtão virão que por lhe não resistirem lhe tomarão as armas & acharãse muy alcãçados, & como eles estauão desarmados & os castelhanos armados deixarãse estar no conués/ & tambem porque algũs q̃ quiserão subir á tolda os nã deixarão os castelhanos per mãdado do capitão, q̃ não fazia senão apressar ho clerigo que acabasse de confessar ho seu ospede, & ele se detinha pa ver se se lhe hia aqla furia/ & não selhe indo acabouse a confissam: & acabada foyse ho capitão ao seu ospede q̃ ho esperou assentado ẽ giolhos com as mãos aleuãtadas pedindolhe pola paixão de nosso senhor que ho não matasse, & ele não dando por isso com muyta crueza lhe tirou hũ reues com ho estoque que tinha: & cortoulhe hũa mão cõ q̃ se ele quisera emparar/ & chegoulhe ás queixadas, & logo ho vazou com hũa estocada com que morreo, & apos isso ho mandou deitar ao mar. Feyto isto despejou a tolda dos armados pera ho conués ficãdoso o na tolda com ho mestre a q̃ mandou dar ao apito: ao que se todos ajuntarão ao pé do masto per mandado do capitão/ q̃ lhes disse. As leys imperaes & as q̃ agora fazem os reys defendem com graues penas os leuantamentos cõtra os reys & principes, ou contra os que tem suas vezes, principalmente cõtra seus capitães q̃ andão na guerra, ou que vão perela: porque pera ela ter boõ effeyto ha dauer tanta paz antre os que a hão de fazer como em hũ conuento de frades, porque doutra maneyra em vez de a terem com os contrairos a terão consigo/ & por isso em leuante onde se a guerra mais exercita que ẽ outras partes. Os capitães tẽ tamanhos poderes que por muy pouca cousa enforcão soldados, & lhes mandão cortar as cabeças/ quãto mais por tamanhas como he leuantarse contra hũ capitão: & porque eu soube certo por proua abastante pera mi que aquele homẽ me queria matar ho matey & nã por crueza como cuydarão algũs/ porque eu tinha recebido dele boas obras sẽdo seu ospede/ & isto me lẽbraua pera ho saluar se podera/ mas não pude porq̃ hũ tredoro não se pode poupar por mais boas obras que tenha feytas: & se não castiguey este delito logo como ho soube foy porque erão mais na conjuração, & ho principal era ho piloto de quem não podia fazer justiça por ser a segũda pessoa despois de mim & mais poderoso que eu: & se eu quisera castigalo como merecia ouuera bandos & perderamos nos todos: & Deos que sabia a determinação que ele trazia contra mi sem lho eu merecer permitio q̃ morresse no Brasil tão neiciamẽte como morreo, que ho mao pensamento que trazia ho cegou pera q̃

não conhecesse que ho auião de matar mostrãdolho nosso senhor tão claramente: e porque aquela peçonha que ainda ficaua naqle homem vos não empeçonhentasse a todos ho matey/ no que fez o que deuia/ porque com sua soo morte atalhey as de muytos/ e não pus a cousa em processo de justiça, porque a proua não era bastante pera ho condenar por esta via, e ajudeyme das leys da guerra e do poder que dão aos capitães, de que sey que el rey de Portugal não deixa vsar aos seus/ e não quer que va tudo se não per via ordinaria de processos/ e não perdoa a homem que mata outro, e por isso eu não ousarey de tornar diante dele, nem menos dir aa India diante de seu gouernador/ e quero me ir a outra India que he mais segura e onde todos faremos mais proueito/ e esta he no mar de leuante õde andaremos a toda roupa, e eu vos seguro que em hũ anno ganhemos mais do que valera a carregada especiaria que este galeã podera trazer da India/ e ali leuaremos muyto boa vida refrescãdo cada dia em terra o que não ouueramos de fazer na India, por isso quẽ quiser ir comigo diga mo/ e quem não tambem/ porque eu lhe dou a fee de fidalgo de lhe não ter por isso má vontade, e de ho deitar na primeyra terra que tomarmos. Isto dito chamou logo cada hũ por seu nome pera fazer rol dos que quisessem ir coele e dos que não, e aos q̃ lhe dizião que si daua juramẽto de lhe serem leaes e morrerem coele/ e soos dezaseys Portugueses ouue que não quiserão ir coele nem eles os pode conuerter a isso por mais que lho persuadio, e outros ouue que se assentarão no rol dos que auião dir, e a estes que não quiserão lhe mandou lançar grilhões/ dizendo que ho fazia por não fazerem algũa reuolta/ prometendo de os lançar na primeyra terra que tomasse: e pera os ter mais seguros do q̃ ele receaua mandou os meter de noyte em hũa corrente e dormião no conués, e mandou poer ao pee do masto hũ mandado seu e assinado por ele, em que dizia que dali por diante qual quer Portugues que fosse ao fogão em quanto lhe fizessem de comer que fosse açoutado e pregada a mão dereyta no masto, e a mesma pena teria todo o q̃ de noyte não dissesse: ou da vigia/ sou foão vou fazer tal cousa, e quem como fosse Aue Maria por nao não fosse requerer sua regra/ e quem mijasse na amurada do nauio. E dali por diante como quem se temia tinha de contino doze homẽs armados que ho goardauão aos quartos. Diuulgado este mandado acertarão dous Portugueses de pelejar no fogão e ele os mãdou açoutar/ e pregar as mãos no masto. Do q̃ os Portugueses ficarã muyto indignados contrele/ e se arrepẽderão muyto de se assentarẽ no rol, nem lhe darem as fés de lhe serem leaes/ porq̃ vião que lhe não goardaua a que lhes dera, e conceberão tamanho odio contrele que ho matarão se teuerão armas/ mas não as tinhão/ que cõ q̃nto se assentarã pa irẽ coele/ ele não se fiaua deles.

E cada dia enuentaua achaques pera lhes fazer mal/ porque ho não querião seguir, com quanto lhes deu sua fe/ que lhes não tiuesse por isso má vontade.

¶ Capit. xviij. De como dõ Luys mandou enforcar cinco Portugueses: ꝛ do mais que fez: ꝛ de como deixou ho galeão ꝛ fugio.

Determinado dõ Luys de se leuantar disse ao mestre do galeã que se tornassem/ ꝛ q̃ ho metesse polo estreito de Gibraltar / porq̃ la ele sabia por onde auia de ir, prometendolhe delhe cortar a cabeça se ho assi não fizesse. E ho mestre não podendo al fazer/ lhe pedio hũ estormento pera sua guarda, ꝛ saber el rey de Portugal que ele não tinha culpa: ꝛ elelhe deu logo ho estormento ho mais autentico que pode ser: ꝛ dali fezerão volta pera ponẽte. E indo assi disse hũ dia dom Luys que ele sabia que os presos determinauão de ho matar: ꝛ por isso os queria mandar enforcar que se cõfessassem: ꝛ logo mãdou dar tratos de polé a hũ deles cõ doze camaras de falcão/ pera q̃ confessasse a verdade se ho querião matar: ꝛ dissesse se sabia se entrauão todos nesta conjuração ou deles. E com dór dos tratos o que os recebia disse sem ser assi/ que os da cõjuração erão trinta. E nisto se pareceo que com medo ho dezia/ porque os nossos não erão mais ď desaseis ꝛ os outros não falauão coeles. E porisso disse dõ Luys q̃ndo lho ouuio q̃ la hião algũs dos seus: ꝛ mandou logo chamar hũ João esteuẽs portugues, que cuydando q̃ era pera lhe dar tratos se deitou ao mar. E então affirmou mais dom Luys que era verdade o q̃ dezia: ꝛ mãdou enforcar cinco dos presos, ꝛ querẽdo enforcar ho carpinteiro do galeão, pediranlho os castelhanos, dizendo que lhe desse a vida, pois fizera ho leme sem que não poderão nauegar: ꝛ dom Luys lha deu, ꝛ aos outros que estauão pera enforcar: ꝛ dali por diante deixou os outros: ꝛ indo ja na volta das ilhas/ desejando ho mestre de lhe fugir/ disselhe que ali auia hũa pouoação de Portugueses de sessenta vezinhos/ que iria ali fazer agoada ꝛ carnagẽ de q̃ tinha necessidade. E isto com determinação de ver se podia ali fugir. E dom Luys lhe disse que fossem/ ꝛ assi forão ate auer vista das ilhas ꝛ surgirão antre ho ilheo do coruo ꝛ a ilha das froles: ꝛ estãdo hi pera mãdar a terra chegou hi hũ mercador da ilha terceira em hũa carauela pera a leuar carregada de trigo: ꝛ vẽdoa dom Luys meteose no seu esquife com algũs homẽs armados secretamente: deixãdo por capitão hũ castelhano chamado Bezerril: ꝛ chegando á carauela disse ao senhorio dela, que dom Luys de gusmão capitão daquele galeão por el rey ď Portugal/ que hia pera a India lhe mandaua hũa carta que lhe logo deu/ em que dezia/ que indo ele pera a India arribara por lhe q̃brar ho leme q̃ fora fazer ao Brasil, onde

os Brasis lhe matarão ho piloto ꝛ outra muyta gente, ꝛ por isso lhe fora forçado tornarse pera Portugal/ ꝛ hia muyto destroçado q̃ lhe pedia por amor de Deos ꝛ da parte del rey de Portugal que fosse coele ate lá ꝑa lhe acodir se teuesse necessidade. E cuydando ho mercador q̃ era assi por seruir a seu rey foyse logo ao galeão cõ o piloto ꝛ outros/ ꝛ de todos dõ Luys deitou mão ꝛ prẽdeos ꝛ tomou ho dinheiro que ho mercador leuaua ꝑa cõprar ho trigo q̃ erão sessenta mil rs. E passados todos os da carauela ao galeã deu a capitania dela a Bezerril, artilhãdolha/ ꝛ apadessãdolha muy to bẽ: ꝛ deulhe por mestre ꝛ piloto a hũ Portugues q̃ era casado tres vezes em Portugal ꝛ por isso fugira delá, ꝛ por isto se fiaua tãto dele dõ Luys como dũ castelhano. E preguntando dõ Luys ao mestre do galeão pola pouoação da ilha leuou ho á ponta delgada, ꝛ não ho quis leuar ao proprio porto / porq̃ dali determinaua de fugir/ ꝛ dom Luys mandou a terra hũ castelhano a dizer da sua parte q̃ quẽ quisesse trocar carnes por azeites ꝛ vinhos que fosse ao galeão. Isto sabido logo forão a ele tres homẽs principais q̃ lhe leuarão hũ grãde seruiço de refresco/ ꝛ ele os prendeo, ꝛ porque lhes disse que os não auia de soltar ate lhe não darem cada hũ dez ou doze vacas que as mandassem pedir a suas molheres. E tẽdo ele mandado este recado apareceo outra carauela, q̃ determinãdo dõ Luys de tomar mandou sete marinheiros ao esquife dandolhe os remos q̃ tinha em seu poder, porque selhe não fossẽ cõ ho esquife. E estãdo os marinheiros esperando por ele no esquife/ disse hũ deles aos outros. Que oulhais. E outro respõdeo. Corta cabo pesatal. E estes erão Portugueses: ꝛ cortado ho cabo foranse pera terra remando a todo tira/ ꝛ derão auiso á carauela q̃ dom Luys quisera tomar q̃ tambẽ fugio. E os marinheiros chegados a terra, requererão na pouoação que prendessem ho castelhano q̃ lá andaua / porq̃ dom Luys era leuantado, ꝛ assi foy feyto: ꝛ os vezinhos da pouoação q̃ serião vinte vigiauãse dali por diãte de dia ꝛ de noyte hiã dormir por esses matos. Passãdo assi isto apareceo hũa naueta que vinha de guiné: ꝛ vista por dom Luys mandou a ela Bezerril na carauela, ꝛ que lhe mandasse amainar de sua parte/ ꝛ se não que a metesse no fundo/ ꝛ ela amainou logo, ꝛ ho capitão, mestre ꝛ piloto forão leuados a dõ Luys, q̃ os ameaçou cõ tratos se não dissessem o que trazião: ꝛ eles ho disserão logo que erão trezentos escrauos/ algalea/ marfim ꝛ pao vermelho, ꝛ q̃ a armação era d̃ Duarte belo hũ armador de Lisboa/ ꝛ abaldeado no galeão quanto vinha na naueta, assi mercadoria como mantimentos passou a ela os presos que leuaua. E em quãto se isto fazia, determinando ja ho mestre do galeão de fugir pedio licẽça a dom Luys pera ir ver hũa sua irmaã que auia dias que lhe dissera q̃ tinha ali q̃ auia muyto tempo q̃ a não vira: ꝛ por se dõ Luys não fiar dele ho não deixou ir a terra, mas

mandouho na bateira da carauela cõ dous castelhanos q̃ ho nã deixassem sair se não q̃ lhe falasse do mar. E chegados perto da terra ho mestre teue tal manha q̃ juntamẽte os empurrou ⁊ deu coeles no mar, ⁊ ele se lançou apos eles, ⁊ em quãto os tomauão se acolheo a terra leuãdo consigo ho estormento q̃ lhe dõ Luys dera, q̃ sabendo q̃ ho mestre era fugido mãdou hũ cunhado seu irmão de sua molher q̃ era Portuguesa cõ hũ seguro seu ao mestre pera q̃ se tornasse. E o cunhado como foy em terra mandoulhe dizer que se fosse pa ladrão. E despois disto esteue ali dõ Luys q̃tro dias com calmaria, ⁊ vindolhe vẽto se partio pera as Canarias/ ⁊ no caminho tomou hũa carauela carregada de pastel q̃ hia pera Frandes ⁊ hũ nauio carregado de pescado/ ⁊ tendo q̃tro velas chegou ás Canarias ⁊ tomou porto na Gomeira onde vẽdeo toda a fazẽda q̃ leuaua, ⁊ logo se rompeo q̃ hia leuantado cõtra el rey de Portugal/ ⁊ sobristo ouue taes rezões cõ ho capitão q̃ lhe mãdou tirar ás bombardadas á fortaleza/ dõde lhe tambẽ tirarão ⁊ quebrarão a verga do galeão/ q̃ vendo ele q̃ não podia nauegar sem ela por não ter outra mudou ho fato ⁊ artelharia dele á carauela de bezerril: ⁊ deixãdo ali ho galeão ⁊ as outras velas se foy na carauela caminho de Seuilha.

Capit. De como os mouros matarão a Manuel de sousa ⁊ corẽta dos nossos em hũa agoada/ ⁊ como despois se ꝑdeo ho galeão

Neste tẽpo q̃ isto sucẽdeo a dõ Luys d̃ Guzmão, se apartou tãbẽ da cõserua de Jorge dalbuquerq̃ por mais não poder fazer outro capitão da frota q̃ auia nome Manuel de sousa ⁊ hia ẽ hũ galeão, que despois de passar muyto trabalho de tormẽtas foy ter na paraje de Moçambiq̃ na fim de Setẽbro/ ⁊ parecẽdolhe q̃ poderia ainda passar á India nã quis tomar Moçambiq̃ (posto q̃ tinha necessidade dagoa) ⁊ passou auante, ⁊ como ja os leuãtes cursauão fez muy pouco caminho por serẽ por dauante/ pelo q̃ lhe foy forçado ir buscar a costa do cabo de Goardafũ pera tomar agoa, porq̃ por falta dela leuaua a mais da gẽte doẽte, ⁊ cada dia lãçaua mortos ao mar. E indo coesta fadiga seguio tanto por aq̃la volta q̃ ouue vista de çacotorá / q̃ não pode tomar por ho vento ser porcima dela q̃ lhe ficaua ponteiro, ⁊ por isso arribou á costa: ⁊ auendo vista de terra se deixou ir ao lõgo dela caminho de Melinde pera ver se achaua õde tomasse agoa, ⁊ foy ter a hũ lugar d̃ mouros chamado Mãtua em cujo porto surgio, ⁊ surto se foy a terra cõ ho piloto leuando corẽta homẽs armados pera tomar agoa por força quãdo não podesse doutra maneyra. E chegado a terra achou hũa muy boa fonte afastada do lugar, ⁊ começando de tomar agoa chegarão algũs da terra a vender galinhas ⁊ outros mãtimẽtos mostrãdo q̃rer paz. No q̃ cõfiados os nossos, descuidarãse tãto q̃ lhes ficou ho batel em seco bẽ mea legoa do mar cõ a vazante da maré o que

vẽdo Manuel de sousa chamou os nossos & meteo-se coeles aleuar ho batel pa ho mar a força de braços & de peitos. E vendo os da terra q̃ andauão naq̃la fadiga ajũtanse per to de dous mil homẽs cõ suas armas/ & dando nos nossos os matarão todos q̃ não ficou nenhũ & tomarão ho batel: os do galeão leuarão logo ancora porq̃ lhes não fizessem outro tanto/ & sem ter quẽ mãdasse auia tomarã por remedio mãdala ho contra mestre q̃ sabia disso algũ pouco, & foranse ao lõgo da costa quasi sem esperãça de saluação/ porq̃ por serem os mais muyto doẽtes auia tão poucos q̃ mareassẽ as velas q̃ não podião marear mais q̃ ho traquete, & coele nauegauão pera Melinde, porq̃ por não auer quẽ soubesse mandar a via não podião seguir outra rota/ & indo assi chegarão a outro lugar de mouros chamado Hója, em cujos moradores acharão paz & amizade & lhe venderão mantimentos/ & por isso se deteuerão seys dias no seu porto/ & por hũ desastre lhes ficou ho mestre em terra cõ seys homẽs sãos: o que lhe fez muyta mingoa, porq̃ não ficarão mais q̃ seys sãos q̃ podessem marear ho galeão/ & assi forão caminho de Melinde a Deos & a vẽtura sem saberẽ onde era porq̃ não tinhão quẽ mandasse a via/ & por isso errarão Melinde passando ao mar dele/ & forão dar em hũa ilha jũto de Quiloa onde ho galeão deu em hũ baixo & ali se ꝑdeo/ & os mouros da terra se ajuntarão todos & matarão quantos hião no galeão, saluo hũ moço que era sobrinho do mestre, q̃ elrey de Zambizar tomou pera si. E mortos os nossos ajũtaranse os reys de Quiloa/ de Zanzibar, de Pẽba & de Monfia & partirão antre si quanto se tomou no galeão, que acabou desta maneyra com os que hião nele.

¶ Capit. xx. De como Jorge dalbuquerque com algũs capitães de sua armada inuernarão em Moçambique & outros passarão á India.

Passando estes capitães estas desauenturas/ ho capitão moor Jorge dalbuquerq̃ foy ter a Moçãbiq̃, onde por ser tarde inuernou com sete capitães da frota q̃ tambẽ hi forão ter. E estes forão ho doutor Pero nunez, Diogo fernandez de beja/ Rafael catanho/ Rafael perestrelo/ Pedreanes frances/ Christouão de mendoça & Jacome tristão. E Pero da silua/ Lopo de brito/ Garcia chainho, João rodriguez dalmada & outros passarão á India, & forão ter a Cochim estãdo hi ainda o gouernador a q̃ disserão a frota q̃ partira de Portugal, & q̃ lhes parecia q̃ Jorge dalbuquerq̃ cõ os outros capitães inuernauão em Moçambiq̃. E por ho gouernador saber se era assi & por ter necessidade deles pera a viagẽ do estreito q̃ auia de fazer ẽtrando Agosto os mãdou buscar a Moçãbiq̃ per hũ Gõçalo ð Loulé capitão de hũa carauela/ a q̃ mãdou q̃ lhes dissesse q̃ ho fossẽ buscar pelo estreito ate Judá pera onde ficaua de caminho.

¶ Capit. xxi. De como o gouernador foy ver a fortaleza de Coulã.

DEspachado Gonçalo de Loule, ⁊ dando ho mar jazigo partiose o gouernador pa Coulão a dar remate á fortaleza ⁊ fauorecer os Portugueses q̃ lá estauão: ⁊ ẽ quãto hia deixou por gouernador a dõ Aleixo demeneses peraq̃ a cabase de fazer a carrega da especiaria q̃ auia dir pera potugal. E ele foy em hũa gale acõpanhado doutras duas, a cujos capitaẽs não soube os nomes nẽ do q̃ passou ẽ Coulão, saluo q̃ esteue hi passãte d̃ tres meses dãdo remate á fortaleza aq̃ foy posto nome são Thome por hõrra deste bẽ auẽturado apostolo: cujo sitio he forte por natureza ⁊ em lugar q̃ pode bẽ defender a ẽtrada do porto aos imigos cõ hũ poço de agoa muy sabrosa q̃si pegada coela. A cerca da fortaleza tinha de canto a cãto oytẽta ⁊ cinco palmos ⁊ de vão setenta ⁊ cinco: fizerãse tres torres, a da menagẽ ⁊ outras duas q̃ ficão ẽ Triãgulo/ q̃ quãdo jugasse a artelharia hũa nã podesse fazer nojo a outra. E cõ tudo não se pode acabar esta obra cõ quanto ho gouernador hi foy ⁊ esteue ate Nouembro, q̃ como digo forão tres meses: ⁊ na fim de Nouembro se tornou pera Cochim dõde d̃spachadas as naos da carrega se foy a goa õde tinha toda a armada q̃ auia de leuar a Judá/ onde determinaua de ir aq̃le anno de vinte ⁊ pelejar cõ os rumes ⁊ queymarlhe as galés ⁊ fazer hũa fortaleza ẽ Judá ou em Adẽ onde visse que era melhor, pera q̃ tinha juntos todos os petrechos necessarios, ⁊ d̃ Goa despachou por capitão de Ceilão a Lopo d̃ brito, ⁊ por capitão mór do mar Antonio de brito seu irmão, ⁊ porq̃ tinha carta do hidalcão q̃ queria coele amizade ⁊ q̃ mãdasse hũ homẽ de confiãça com q̃ a assentasse, determinou de mandar a João gõçaluez de castelo branco q̃ lá fora ẽ tempo Dafonso dalbuquerq̃/ ⁊ sabia a terra ⁊ lingoa.

¶ Capit. xxij. De como João gonçaluez de castelo branco foy por embaixador ao Hidalcão.

E Deulhe hũa carta de crẽça pa o Hidalcão ⁊ hũa instrução do q̃ lhe auia de dizer, q̃ era folgar muyto cõ sua amizade, ⁊ q̃ folgaria de fazer o q̃ lhe requeria.
E q̃ auendo amizade ãtreles ele daria maneyra como mandasse hũ embaixador a Portugal ⁊ escreueria a el rey tudo o q̃ lhe comprisse/ ⁊ pera ser melhor despachado q̃ iria coele a Portugal ho mesmo João gõçaluez q̃ lhe mandaua, q̃ não hia lá por outro respeito se nã pera lhe dizer o q̃ queria delrey de Portugal.
E pera q̃ visse q̃ queria cõcrusam na amizade lhe não queria pedir as tanadarias de Banda ate Cintacora como Afonso dalbuquerq̃/ somẽte pedia a Dãtruz pola necessidade q̃ tinha de madeira pera as armadas da India.
E q̃ lhe pediria as fustas de Dabul ⁊ apertaria muyto q̃ lhas desse todas, ⁊ não q̃rẽdo lhe desse a mayor parte/ ⁊ sobrisso lhe apontaria os muytos Portugueses que mata-

rão em nauios que tomarão.
E lhe diria q̃ era cõtẽte de dar segu/ro ás naos d̃ Dabul pera nauegarẽ como as d̃ Cãbaya, ⁊ tãbẽ dasſẽtar feitoria em Dabul: ⁊ lhe daria licença pera mãdar duas naos a ceilão a carregar dalifantes: ⁊ pera mãdar por caualos a Ormuz: cõ tanto que fossem pagar os dereitos a Goa: ⁊ lhe daua seguro pera seus mercadores leuarẽ a Goa suas mercaderias ⁊ tirarem outras.
E q̃ se algũs portugueses andassem na terra firme lançados cõ os mouros ele lhes desse seguros em nome dele gouernador: ⁊ por este capitulo os auia por bõs ⁊ firmes.
E mais lhe deu hũ presente pera ho hidalcão, cõ que se partio d̃ Goa na entrada de Feuereiro bẽ acõpanhado: ⁊ foy ter ondestaua ho hidalcão que não quis dar a tanadaria q̃ ho gouernador pedia. E a cabo de hũ ãno se tornou pera Goa.

¶ Capi. xxiiij. De como indo ho gouernador pera a cidade de Juda se lhe perdeo a nao em q̃ hia. E de como não podẽdo ir a Juda foy surgir á ilha de Maçua.

Endo ho gouernador pstes sua partida pera Juda / entregou a gouernãça da India a dõ Aleixo de meneses a q̃ mandou q̃ fosse inuernar a Cochi: ⁊ partiose ho gouernador pera Juda a treze de Feuereiro d̃. M. D. xx. cõ hũa frota de. xxiiij. velas. s. dez naos grossas, de que erão capitães ele, Diogo d̃ saldanha, Antonio ferreira fogaça / Simão guedez de sousa. Fernã gomez de lemos. Pero da silua. Pero gomez teixeira ouuidor geral. Antonio d̃ brito caçador mor del rey d̃ Portugal. Antonio raposo. E dous galeões / capitães Antonio de saldanha ⁊ dõ João de lima. E cinco galés cujos capitães forão Cristouão de sousa. Geronimo de sousa. Cristouão de sa. Dinis fernãdes de melo. Jorge barreto de beja E q̃tro nauios redondos / capitães Miguel da mouta. Gaspar doutel, Nuno fernãdez de macedo. Anriq̃ de macedo. E duas carauelas latinas capitães Lourenço godinho: ⁊ Pero vaz de vera, ⁊ hũs bargãtins pera seruiço da frota. Partido ho gouernador d̃ Goa aos noue d̃ março / chegou a Mete onde despois d̃ fazer agoada mandou queimar ho lugar / q̃ estaua despejado: E seguindo daqui sua rota pera ho estreito, aparecerã por dauãte da frota hũs marruazes de mouros / a q̃ os outros capitães se forão em os vendo: E querẽdo ho gouernador ser dos primeiros q̃ chegasse a eles, porq̃ os não roubassem / mandou deixar ho caminho do pego q̃ leuaua ⁊ rodear por derredor de hũa rastinga / por onde cuydou q̃ atalhaua: posto que contra vontade do piloto, q̃ disse q̃ auia medo de ir dar em algũ baixo: como foy dar por ho gouernador não querer se não que fosse por õde dezia: ⁊ ali se perdeo a nao: ⁊ acodindo logo algũs nauios que hião perto saluarão a gente com algũ fato / porem a fazenda grossa, artelharia ⁊ munições pera a fortaleza que se auia de fazer / tudo se ali perdeo,

& o gouernador se passou ao galeão Dantonio de saldanha/ & dali tornou a sua viagem pera Judá, & chegou ás portas a dezaseys de Março/ & ali esteuerão muytos dos nauios da armada quasi em seco: & nisto atrauessou hũa gelua que foy tomada pola galé de Jeronimo d sousa, & de treze mouros que hião nela soube ho gouernador que erão vindos a Judá mil & duzentos homẽs em ajuda dos rumes, que armarão seys galés que mandauão a Zebit õde estaua hũa cõpanhia de rumes/ & isto pera que os concertassem cõ elrey Dadem com quẽ estauão em discordia: & cõcertados esteuessem em Adẽ a sua obidiencia/ cõ condição q̃ dali lhes deixasse fazer guerra aos nossos que hi fossem fazer presas. E estas galés sabendo q̃ ho gouernador hia, fugirão logo pera Judá onde forão dar nouas de sua ida. E sabẽdo o gouernador q̃ erão passadas, prosseguio sua viagẽ pera Judá indo polo mar mayor, & cõ muyto trabalho de surgir muytas vezes & dar vela outras tantas, & andar muyto pouco, se pos cento & vinte legoas de Judá/ & estãdo ali surto com vento contrairo hũs a vista dos outros/ desesperado de poder ir auante chamou a conselho todos os capitães da frota/ & preguntoulhes q̃ faria cõ tempos tão desuairados como ali achauão. Ao que todos responderão q̃ erão geraes/ & q̃ não podião ir por diante se não cõ muyto trabalho & risco de andarem ali hũ mes, & por derradeiro nã poderẽ chegar a Judá. E pois Lopo soarez quando lá fora chegara naq̃le tempo a quinze legoas dela & nelas posera quinze dias/ q̃ farião eles que estauão cẽto & vinte: por isso era perfia escusada querer ir mais auãte, & era perder tempo. E parecendo isto a todos os capitães & pilotos/ acordarão que deixassem a viajem de Judá, & pois a deixauão fossem á costa da Abexia ao porto da ilha de Maçuá q̃ lhe Mateus dizia/ dõde se podia ir á corte do Preste. E não se atreuendo os pilotos mouros que hião na frota ir a Maçuá sem tornarem a auer vista da ilha de Ceibão onde tornárão, & com muyto trabalho & fadiga foy a ver vista da ilha de Dolaca na primeyra oytaua de Pascoa: & seguindo dali pera Maçuá no proprio dia em se poendo ho sol virão os nossos nele hũa bandeira preta de feyção de rabo de galo, & muytos affirmauão per juramento que a virão bolir. E aos dez dias Dabril chegou ao porto da ilha d Maçuá, que estara dous tiros de bésta da terra firme em quinze graos da bãda do norte/ em q̃ auia hũa muyto grande pouoação de mouros/ q̃ posto que a terra era do Preste não lhe obedecião por estarem no mar. Sam todos pretos assi homẽs como molheres, & ãdão nús da cinta pera cima: sam grandes mercadores & muyto ricos, principalmente douro que lhes trazião do sertão onde tratauão, & assi marfim, mel, cera & escrauos Christãos que eles fazião tornar mouros/ & depois de tornados erão muyto mais imigos dos Christãos q̃ os mesmos mouros: de q̃ erão muy estimados

por serem valentes homẽs. Os moradores desta ilha sabendo que ho gouernador hia fugirão com medo despejãdoa de todo: ꝛ foranse pera hũ lugar da costa chamado Arquico que estaua duas legoas da ilha/ ꝛ ali tinha ho Preste hũ capitão a quem se os mouros entregarão cõtandolhe a causa porque: ꝛ sabendo ele como ho gouernador hia despedio hũ recado parele.

Capit. xxiiij. De como ho gouernador chegou ao porto d Maçuá/ ꝛ de como soube que Mateus era verdadeyro embaixador do Preste.

No porto desta ilha de Maçuá estauão duas grandes naos de mouros de Cãbaya/ ꝛ assi muytas geluas de mouros doutras partes, que como virão a nossa frota se leuarão logo, ꝛ dando a vela se acolherão por esse estreito a diante, ꝛ Jeronimo de sousa deu caça ás naos ꝛ aferrou com hũa que queymou ꝛ ho bargãtim foy apos as geluas ate defronte Darquico hũa boa vila de casas de pedra ꝛ cal, de que se espantãdo os nossos/ como não podião alcãçar as geluas se poserão a olhala: ꝛ nisto virão vir de terra hũa almadia com tres homẽs que abordãdo com ho bargantim se lançarão dentro/ preguntando aos nossos por aravia q̃ homẽs erão, ꝛ por ela lhes foy respõdido que erão Christãos vassalos del rey de Portugal / ꝛ dous deles ẽ ho ouuindo beijauão os pés ao capitão com prazer, dizẽdo. Christão, Christão Jesu Christo filho de sancta Maria/ pedindo lhe q̃ os leuasse ao capitão mór da nossa frota/ porq̃ lhe leuauão hũa carta do capitão Darquico ꝛ cõtarãlhe como ele soubera dos mouros de Maçuá q̃ aq̃la frota era de Christãos/ ꝛ hũ deles pedio licẽça pera lhe ir affirmar q̃ si era ꝛ logo se foy, ꝛ os dous ficarão, de q̃ hũ era Christão Abexim ꝛ outro mouro/ ꝛ ãbos forão leuados ao gouernador que ja estaua surto, que sabẽdo cujos erão lhes fez muyto gasalhado com grande aluoroço por se ver ẽ terra de Christãos, ꝛ despois ho Christão lhe deu a carta que lhe leuaua, ꝛ assi hũ anel de prata que lhe ho capitão mãdaua ẽ sinal de paz, q̃ ele tomou com muyta festa por ser seu, ꝛ mandou ler a carta que dizia q̃ ho capitão Darquico daua muytas graças a nosso senhor deos por que erão compridas as profecias q̃ eles tinhão naquela terra q̃ dizião que auião de vir Christãos á ilha de Maçua/ ꝛ por isto q̃ eles sabião desejauão muyto sua vinda: ꝛ pois ho gouernador era ho señor do mar que ordenasse da terra o que lhe bẽ parecesse, porque ele com a fé que tinha de ser aq̃la frota de Christãos não despejaua a vila ꝛ os estaua esperando/ pedindolhe que lhe mãdasse hũ sinal de paz ꝛ damizade. E ouuidas estas palauras polos da capitaina/ chorauão os mais com prazer de se ver naq̃la terra de Christãos que auia tãto tempo q̃ estaua escõdida. Ho gouernador despois de dar de vestir aos do capitão, mãdoulhe hũa bandeira de damasco

branco com hũa cruz vermelha em sinal de paz, τ respondeolhe cõ outra carta, τ tornou os a mandar no bargantim/ τ quando partio despa rou toda a artelharia da frota em sinal de festa, τ antes do bargantim chegar a terra hũ pedaço lançouse ho mouro a nado, pera q̃ fosse dar noua primeyro que ho bargantim chegasse da bandeira q̃ leuauão ao capitão. O que sabido em Arquico foy ho aluoroço tamanho assi nos Christãos como nos mouros/ que bẽ duas mil almas forão corrẽdo á praya: τ vendo ho bargantim que chegaua ao porto deitauãse no mar com grande alegria τ pegauão dele pera o leuar a terra. E nisto veo ho capitão da vila τ recebeo a bãdeira com grande reuerencia / adorando a cruz τ fazendo muyto gasalhado aos nossos / mandou ordenar sua gente em procissam τ coela foy a bãdeira leuada á vila/ τ foy aruorada sobre as suas casas: τ porq̃ lhe ho gouernador escreuia q̃ se queria ver coele / τ assi ver algũs frades dũ mosteyro chamado Bissam q̃ estauão dali a vinte legoas mandou os logo chamar, τ ho barnegais a quẽ ele era sugeito. E barnegais he nome do oficio que naquela terra he como condestabre/ marichal ou fronteiro mór: τ estendiase sua jurdição da vila Darquico ate a cidade de çuaquẽ que sam sessenta legoas polo sertão/ τ era vassalo do Preste τ tinha cõtinuamẽte guerra com hũ rey mouro comarcão daq̃la terrra. E isto feyto mãdou ho dizer ao gouernador/ que entre tanto foy ver a ilha de Maçua pera repartir polas naos muytas cisternas dagoa doce q̃ lhe dizião q̃ auia nela: τ assi achou q̃ erão .xlix. τ todas cheas τ fechadas cõ chaue pera ho tempo da necessidade. E repartidas as cisternas pa as naos fazerẽ agoada, vio toda a ilha pera leuar dela enformação se ainda em algũ tẽpo quisessẽ mãdar fazer ali hũa fortaleza, τ vio q̃ tinha muyto bõ porto çarrado τ de bõ fundo: τ a parte da ilha onde estauão as cisternas era de pedra τ a outra parecia furtada ao mar, τ mandandoa medir achou q̃ tinha mil τ duzentas braças de roda/ τ q̃ era comprida, τ no meyo onde era mais estreita tinha ꝺ largura .ccxl. τ em hũ dos cabos duzentas τ sessẽta τ em outro .ccl. E auia na terra grãde criação de vacas/ τ muytas gazelas/ τ tantas lebres que as matauão os nossos a pé, τ do mais era muy desposta pera se fazer nela quãto quisessem. E tornandose ho gouernador pera o galeão vio vir por terra hũ homẽ de caualo cõ quatro boys diante/ τ parecẽdolhe q̃ seria algũ recado parele mandou chegar ho esquife a terra/ τ ho de caualo se chegou á agoa bradãdo. Christãos Christãos. Jesu Christo filho de sancta Maria, τ trazia hũa carta grande de porgaminho estẽdida, τ pitada nela a imagẽ de nossa senhora cõ ho menino Jesu no colo/ τ de cada parte hũ anjo τ abaixo os apostolos. E apresentando os boys ao gouernador ẽtrou cõ outros dous no esquife tão sem medo como que conuersara sempre cõ os nossos. E ho gouernador os recebeo muyto bẽ τ beijou a imagẽ muyto cõtente

de ver ho acatamento ⁊ veneração
que os Abexins fazião á imagẽ: ⁊
preguntando ao q̃ a trazia a cauſa
de a trazer, reſpõdeo q̃ pera teſtimu
nho de ſua chriſtindade, ⁊ q̃ ho ca-
pitão lhe mandara q̃ a leuaſſe/ de q̃
tambẽ lhe deu hũa carta em q̃ lhe eſ
creuia o que tinha feyto. E eſtando
eſte homẽ com ho gouernador/ pre
guntou a Alexandre dataide q̃ era
ho lingoa ſe ouuera na India noua
d hũ homem q̃ ſe chamaua Mateus
q̃ fora a buſcar os noſſos á India.
E ſabẽdo iſto ho gouernador pera
ſaber a verdade d Mateus diſſe ao
lingoa q̃ fizeſſe q̃ não ſabia dele na-
da/ ⁊ que lhe preguntaſſe que homẽ
era. E ho Abexim lhe contou quem
era, como eu ja diſſe no liuro tercei-
ro quando a raynha Helena ho mã
dou á India: ⁊ chegados ao galeão
ho gouernador mandou por Ma-
teus que hia cõ Pero gomez teixei-
ra, ⁊ como ele chegou foy couſa eſ-
tranha ho grande prazer q̃ os Abe
xins moſtrarão coele ⁊ beijauãlhe a
mão: ⁊ ele cõ muytas lagrimas da-
ua graças a noſſo ſenhor q̃ ho dei-
xara chegar a tẽpo em q̃ ſe moſtraſ-
ſe ſer ſua embaixada verdadeyra ⁊
outras boas palauras: ⁊ mandou
dizer ao capitão q̃ mandaſſe dizer
ao Barnegais ⁊ aos frades de Bi-
ſam q̃ vieſſem logo em todo caſo. E
ſabido em Arquico que Mateus
eſtaua no porto de Maçua ao ou-
tro dia ho foy ver muyta gẽte ⁊ pre
guntauão por abima Mateus. E a
bima em ſua lingoa quer dizer pa-
dre como ja diſſe/ ⁊ aſſi ho honrra-
uão eles beijandolhe as mãos ⁊ os
veſtidos . que os noſſos folgauão
muyto de ver por ſe certificarem q̃
fora verdadeyro embaixador, ⁊ não
echacoruo como algũs immigos
dafonſo dalbuquerq̃ deitarão fa-
ma q̃ era quando foy á India ⁊ deſ
pois em Portugal / por õde eſteue
em deſcredito ate aquele tempo.

Capit. xxv. De como ho capitão darquico foy falar ao gouernador/ ⁊ deſpois ho forão ver noue frades do moſteiro de Biſam.

AO outro dia ſabendo ho
gouernador que erão fu-
gidos pa terra tres dos
noſſos da galé de Jorge
barreto, mãdou ho ouuidor geral
a terra que os foſſe buſcar/ ⁊ q̃ pe-
diſſe ajuda ao capitão Darquico ſe
lhe foſſe neceſſaria: ⁊ tambem lhe
pediſſe da ſua parte que não tardaſ
ſe mais em ſe ir ver coele / porq̃ ele
por não deixar a frota ſoo ho nã fa-
zia. E ſabendo ho capitão como os
noſſos erão fugidos os mandou lo
go prender da hi a cinco legoas on-
de os tomarão: ⁊ ao outro dia ſe foi
com ho ouuidor a ver ho gouerna-
dor acompanhado de muyta gente
⁊ foy por terra, ⁊ chegãdo a tiro de
béſta do mar deſparou a noſſa fro-
ta toda ſua artelharia, de que ele fi-
cou tão eſpantado que não foy ma
is por diante ⁊ tremia todo. O que
entendendo ho ouuidor lhe diſſe a
cauſa do deſparar da artelharia:
mas ele não ſe ſegurou coiſſo ⁊ dei-
xouſe eſtar quedo, poſto que chega-
rão algũs fidalgos q̃ ho gouerna-
dor mãdou pera ho acompanharẽ
ate a capitaina. E ho ouuidor que

entẽdia seu medo não quis apertar coele que fosse á capitaina, porq̃ receou que entrasse nele algũa desconfiança, & por isso ho foy dizer ao gouernador, aconselhandolhe que fosse a terra a verse cõ ho capitão. O q̃ ele fez leuando Mateus consigo, & despois de se receberem com grãde amor abraçãdose, assentaranse em tres cadeiras: & ho capitão fora do medo que tinha começou de dizer que daua muytas graças a nosso senhor Deos por se comprir hũa profecia que tinhão que dizia q̃ auião de vir Christãos ao porto de Maçuá: & pois era comprida que lhe pedia da parte de Deos todo poderoso que se goardasse antreles aquela paz & amizade que ele mesmo Deos mãdara ter aos seus discipulos em nome de todo pouo Christão. E q̃ presopondo ele que isto auia assi de ser, ho vinha ver & a q̃tos vinhão coele como a Christãos, & que auia tão longo tempo que se desejauão naquela terra, & que fosse certo que hia pera fazer quanto lhe mãdasse, somente porque era Christão & por trazer consigo Christãos, & que ao mesmo viria ho Barnegais que chegaria ate tres dias. E ho gouernador lhe respõdeo que a paz & amizade estaua muy segura da sua parte, & assi de todos os nossos: porque ele não viera ali se não pera esse fim, & segurouho quanto pode, & por a calma ser grande se deteuerão pouco. E ho gouernador lhe deu em final damizade hũa espada & outras cousas com que ele folgou muyto: & coisto se despidirão, & o capitão caualgou em hũ caualo q̃ trazia a destro, & tomando hũa lança correo ho cãpo com muyta desenuoltura tár. E chegado a Arquico, chegarão hi noue frades do mosteiro de Bisam que hião falar ao gouernador, que sabendo sua vinda mandou logo lá ho ouuidor pera que viesse coeles, & coele Alexandre dataide pera lingoa, & forão por terra em caualos, & assi tornarão com os frades que hião a pé por lho mandar assi a sua regra. E sabẽdo ho gouernador como hião os sayo a receber á borda dagoa nos bateys que hião todos embãdeirados & cõ as trõbetas, & dali os leuou com grãde festa de folias ao galeão, onde todos os clerigos da frota & os cãtores do gouernador os estauão esperando no bordo do galeão com suas sobrepelizes vestidas & hũa cruz leuãtada, & ate os frades entrarem cantarão ho cãto de Bñdictus dñs Deus Israel. E em os frades entrando tomarão a cruz & adorarãna com tanta deuação & reuerencia que não auia quẽ não desse muytas graças a Deos de ho ver: & despois de adorarẽ a cruz fizerão muyto acatamento a Mateus. Despois disto o gouernador lhes mandou dar de comer na sua camara tamaras, nozes & outras fruytas, porque não comião carne nem pescado, & enformandose deles particularmente do seu mosteiro & da sua regra deulhes licença pera q̃ fossem com Mateus á nao em que ele vinha. E despois destarem lá hũ pedaço se tornarão pera Arquico & foy coeles ho ouuidor q̃ ho gouernador mandou pera ir ver ho mosteiro de Bisam, & ver o que lhe os

frades disserão dele/ ⁊ deulhe hũa carta pera ho proprio capitão Darquico que chegara de casa do Barnegais onde era, que estoutro q̃ disse não era ho proprio ⁊ ficara em lugar do outro, ⁊ mandoulhe hũ presente.

¶ Capitolo. xxvj. Do sitio do mosteiro de Bisam / ⁊ da regra que goardão os seus frades.

Chegado o ouuidor a Arquico/ ⁊ sabendo ho capitão que queria ir ao mosteiro de Bisam mãdou a hũ seu irmão que fosse coele com quinze piães, ⁊ deulhe duas mulas pera dous dos nossos que hião coele: ⁊ ho mayoral dos frades porq̃ não auia dir logo mandou coele hũ frade chamado Esteuão/ ⁊ partido Darquico começou de caminhar por hũa terra despouoada em que auia muyta caça d̃ veação ⁊ muytas gazelas. E ao outro dia começou de topar em magotes muyta gente de pé ⁊ de caualo / que vinhão em mulas: ⁊ estes erão da companhia do Barnegais q̃ vinha. E despois desta gente achou quatro mulas a destro ⁊ quatro caualos tamanhos como os Dandalozia, ⁊ hũ pedaço atras vinha ho Barnegais, ⁊ hũ tiro de besta dele se deceo ho irmão do capitão Darquico ⁊ lhe foy falar, ⁊ ho Barnegais não deixou dãdar em quanto lhe ele falou. Ho ouuidor em chegando ao Barnegais deceose pera lhe falar / ⁊ ele deteue hũa mula em que hia: ⁊ era homem de boa estatura magro ⁊ lãçado hũ pouco por diãte. Seria de sessẽta annos: vinha vestido de pano branco dalgodão ⁊ cuberto com hũ bedem muyto fino. Chegãdo ho ouuidor a ele beijoulhe a roupa sobre hũ giolho, ⁊ disselhe que era Christão que vinha na frota que el rey de Portugal mandara ao porto de Maçuá/ pera seruiço de Deos ⁊ do Preste ⁊ exalçamento da fee catholica. Ho Barnegais lhe disse que sua vinda fosse muyto boa/ ⁊ que auia de ser com muy grãde trabalho pois era de tão longe, ⁊ por falar com ho gouernador se abalara de sua terra/ ⁊ pois hia ao mosteiro de Bisam que tornasse logo/ porque desejaua de falar coele antes de se ver com ho gouernador/ ⁊ mãdaua coele mais gẽte, ⁊ ele não quis. E apartado do Barnegais começou de caminhar por antre hũas serras ao longo de hũa ribeira terra muyto grossa ⁊ viçosa, em que auia tãta criação de gado vacuũ que vio por onde hia bem oyto mil vacas, ⁊ na coroa de hũa daq̃las serras ẽ hũ escãpado estaua hũa horta dortaliça ⁊ larãgeiras, ⁊ junto coela hũa cerca q̃ cercaua hũ mosteiro, em q̃ o ouuidor entrou, ⁊ á porta da igreja ho recebeo hũ frade velho ⁊ deulhe a beijar hũa cruz, ⁊ despois entrarão na igreja que era quadrada sem capela mór ⁊ na cabeceira tinha hũ altar quadrado que não chegaua á parede cuberto de panos pretos ⁊ não auia outro/ ⁊ estaua nele a imagẽ do anjo sam Miguel, ⁊ afastada deste altar atrauessaua hũa corrediça de seda que chegaua de parede a pare-

de/ ⁊ por todas elas estauão pintadas muytas imagẽs de sanctos / ⁊ antrelas a figura de sam Jorge como a nos temos/ ⁊ a de Moyses cõ as tauoas da ley, ⁊ todas cubertas cõ panos. E neste mosteiro não estauão mais q̃ oyto frades/ ⁊ as celas erão redõdas cubertas de palha cõ curucheos ⁊ cruzes nas põtas deles/ ⁊ tinha hũa boa horta em que auia parreyras/ limoeiros, figueiras ⁊ pesseguetros cõ pessegos limpos da frol ⁊ era em Abril/ ⁊ daqui se partio ho ouuidor pa ho mosteiro de Bisam que está sobre ho pico d hũa serra cercado ao derredor onde chegou despois de vespera, ⁊ aa porta da cerca ho receberão algũs frades cujos habitos erão tunicas ⁊ mantos de teadas grossas amarelas ⁊ os capelos feytos como murças/ ⁊ cada hũ tinha encima da cabeça hũa cruz, ⁊ coeles estauão quize moços de q̃torze ãnos cada hũ, que erão orfãos ⁊ criauãnos os frades por amor de Deos: daqui foy leuado a outra cerca q̃ cercaua a igreja a cuja porta ho fizerão descalçar porq̃ auia dentrar dentro: foy aqui recebido de sete frades cõ capas de borcado de Meca da maneyra que tẽ os nossos frades nas féstas, ⁊ os cinco tinha cada hũ sua cruz leuantada/ ⁊ os dous senhes retauolos de nossa senhora. Coestes estaua ho mayoral do mosteiro tambem com hũa capa cõ hũ pedaço de seda lançado em cruz ao pescoço/ ⁊ assi outros frades sem capas / ⁊ hũ deles tomou ho ouuidor pola mão ⁊ ho meteo na igreja q̃ era feyta pela vitola da do outro mosteiro: ⁊ no altar tinha hũ retauolo grãde de pao em q̃ estauão as figuras da sanctissima Trindade todas tres de hũa igoaldade ⁊ idade/ ⁊ nos cãtos do retauolo as imagẽs dos q̃tro euãgelistas como as ha ãtre nos. Auia mais outro altar em que estaua hũ crucifixo com nossa senhora de hũa parte ⁊ sam João da outra, ⁊ hũa imagẽ de nossa senhora do pranto muyto deuota/ ⁊ outras duas imagẽs. E assi auia outros dous altares de nosso senhor ⁊ de nossa senhora/ ⁊ polas paredes muytas pinturas de santos. Tambẽ lhe foy mostrada a sanchristia/ em q̃ auia muytos ornamentos de seda ⁊ muytos calizes douro ⁊ de prata, ⁊ outras peças do culto diuino: ⁊ assi lhe forão mostradas todas as officinas do mosteiro/ de que não faltaua nenhũa pera ser como os nossos, mas não tinha mais que hũ sino ⁊ este de cobre sem badalo/ ⁊ tãgiãno cõ hũ maço: ⁊ por derradeyro lhe mostrarão hũa sepultura alta cercada de candieiros que acendião ás vezes. E visto ho mosteiro assentouse ho ouuidor com ho mayoral dele que auia nome Samara christus, ⁊ coeles cinco frades velhos ⁊ muyto magros que parecião de boa vida/ ⁊ ho mayoral lhe contou que auia trezentos ⁊ cincoenta annos que aq̃le mosteiro fora edificado por hũ homẽ sancto chamado Phelipo cuja sepultura era aquela grande que vira/ ⁊ q̃ os frades daquele mosteiro ⁊ todos os outros da terra do Preste erão da ordẽ de sancto Antão/ ⁊ q̃ se mãtinhão todos de seus trabalhos, que cauauão ⁊ roçauão

⁊ fazião por aqlas serras muytas lauoiras,⁊ tinhão grande criação de gado ⁊ de mulas que vendião pe ra suas necessidades,porq̃ as elmo las erão poucas ⁊ os dizimos leua uaos ho Barnegais:⁊ disselhe que a ley euangelica fora pregada naqla terra polo euãgelista sam Mateus, cuja ossada estaua em Alexandria/ ⁊ q̃ tinhão a briuia em q̃ não tinhão mais que tres liuros desdra/ ⁊ que tinhão as epistolas de sam Paulo: ⁊ q̃ costumauão de se cõfessar como cometião ho peccado. E q̃ crião q̃ nosso senhor dera poder a sam Pe dro de absoluer ⁊ condenar / ⁊ que ele deixara ho mesmo poder a seus subcessores. E a causa porq̃ não re conhecião por superior ho nosso Papa era por ser muyto longe dali a Roma,⁊ auer muytos mouros ⁊ turcos no caminho. E a isto lhe dis se ho ouuidor selhe queria dar hũa carta do bediẽcia pera ho nosso Pa pa ⁊ outra pera el rey de Portugal ⁊ ele disse q̃ si/mas tornou logo a di zer que era ja noyte. E ao outro dia era sabado,⁊ que não auia de falar coele nẽ fazer nada,porq̃ ho goarda uão á honrra de nossa senhora assi como ho domingo/ ⁊ por isso não a uia de screuer/nẽ ele auia de poder a goardar pois vinha tão depressa/ mas quelhe daria hũ liuro que mos trasse a el rey d̃ Portugal ⁊ ao Pa pa,pera que vissem em que crião os Christãos do Preste/ ⁊ logo lho deu,⁊ era de oytauo em letra da sua lingoa. E co isto se despedio dele / ⁊ ele foy leuado a hũa cela em q̃ esta uão duas tauoas por cama ⁊ hũa pedra á cabeceira/ ⁊ hũa manta pe ra cubertura. E estas camas ti nhão os frades / porque em tudo tratauão muyto mal seus corpos ⁊ fazião aspera pendença, de que parece que se nosso senhor seruia ⁊ ouuia suas orações, ⁊ que esta uão por fortaleza da Christinda de que jazia daquelas serras pera dentro:nem he pera crer outra cou sa estando tão cercada da seita de Mafamede ⁊ não se lhe pegar na da:porque da banda do estreito ti nha ho rey de Zeila ⁊ de Barbora ⁊ toda aqla corda,⁊ da outra parte Magadaxó, ⁊ outros reys com q̃ tinha guerra:⁊ da bãda do Cayro a traués de çuaquẽ sessenta legoas acima d̃ Maçuá tinha hũ rey mou ro senhor daquela terra dantre ho Preste ⁊ ho Cayro cõ que ho Bar negais tinha sempre guerra como ja disse. Assi q̃ estar esta terra tão in teira com sua Christandade tendo tão má vezinhãça não era sem grã de misterio de nosso senhor. E assi recolhido ho ouuidor a sua cela/la uoulhe hũ frade os pés com agoa quẽte,⁊ despois lhe deu de cear pão de trigo/ ⁊ de ceuada,⁊ mel ⁊ cebo las,⁊ vinho de mel,porque ho não auia duuas,nẽ lhe deu outras igoa rias porque os frades não comião carne nem pescado,⁊ pera ho cami nho lhe deu da parte do mayoral duas gamelas de farinha ⁊ muy tas cebolas/⁊ limões:porque não auia dachar que comer. E ao outro dia que era vespora da pascoela em amanhecendo se partio ho ouuidor pera Arquico/ ⁊ chegou laa ho do mingo seguinte.

¶ Capit. xxvij. De como ho gouernador se vio com ho Barnegais ꝛ jurarão ambos de dous amizade em nome de seus senhores.

Onde achou aida ho Barnegais q̃ ho gouernador sabẽdo q̃ hia pera Arquico ho mãdou receber por Antonio de saldanha/ ꝛ por Antonio de brito caçador mór del rey de Portugal: q̃ forão muyto bem atauiados/ assi de suas pessoas como dos q̃ os acompanhauão, em q̃ entrauão trinta espingardeiros ꝛ outros tantos bésteiros, ꝛ forão ter cõ ho Barnegais duas legoas alẽ Darquico: ꝛ sabẽdo ele quẽ erão fezlhes muyta hõrra ꝛ mostrou muyto prazer cõ sua vista/ ꝛ quando se tornarão pera a frota lhes disse que dissessem ao gouernador q̃ logo ao outro dia ho iria ver. Mas ele não foy, porq̃ hũs mouros questauão ẽ Arquico moradores de Maçuá pesandolhe desta amizade q̃ nosso senhor ordenaua antre ho gouernador ꝛ ho Barnegais, porq̃ sabião q̃ auião de ser lãçados da terra: ꝛ por isso persuadirão ao Barnegais q̃ não fosse falar ao gouernador/ porq̃ como estaua tão poderoso no mar prẽdelo hia ꝛ nã ho soltaria ate lhe não dar grãdes tesouros/ porq̃ os nossos erão muyto cobiçosos: ꝛ tãbẽ por ele ser mais honrrado q̃ ho gouernador/ deuia ho gouernador vir onde ele estaua. E vẽdo ho gouernador como ele não hia mãdoulhe recado per hũ Fernão diaz que sabia a lingoa: pedindolhe que fosse porq̃ compria muyto a seruiço de Deos ꝛ do Preste. E ele respõdeo q̃ fosse ho gouernador a Arquico ꝛ hi se verião, E tendo dada esta reposta chegou ho ouuidor, ꝛ sabendoa lhe foy logo falar/ ꝛ mostrando que a não sabia/ lhe disse q̃ queria esperar pera ho acompanhar quando fosse ver ho gouernador. E dizendolhe ele o que tinha dito a Fernão diaz/ respondeo ho ouuidor q̃ por nenhũ modo podia ho gouernador deixar a frota: ꝛ ainda que podera pois ele era Christão ꝛ dezia que desejaua de seruir a Deos, que não deuia dauer por mal ir ver quem ho hia buscar de tão longe/ ꝛ não pera seu interesse se não pera exalçamẽto da fé de Jesu Christo nosso senhor. E sobristo ouue antreles muytas palauras/ persuadindolhe ho ouuidor que fosse, ꝛ ele escusandose: ate que ho ouuidor lhe disse que ho gouernador não deixaua dir se não porq̃ as naos não podião chegar a Arquico nem os outros nauios grandes/ ꝛ que podendo ele fora: ꝛ q̃ os verdadeyros Christãos nã deuião de ter pontos donrra sobre o q̃ compria a seruiço de Deos: ꝛ ho mesmo lhe disserão ho capitão Darquico ꝛ outros fidalgos (q̃ se souberão q̃ os mouros erão causa daquelas duuidas matarãnos a todos). E vendo ho Barnegais a perfia q̃ todos tinhão coele/ disse q̃ se visse ate onde as nossas galés podião chegar, ꝛ que hi viesse ho gouernador ꝛ ali se virião. E disto não aprouue ao gouernador quando ho soube, parecendolhe q̃ aquilo era algũa roindade/ ꝛ mandou lá Antonio de saldanha sobrisso, que não pode mais

acabar se não que se visse õde as gales podessem chegar. E ho gouernador ho não quis por não parecer outra cousa ao Barnegais: τ ao outro dia se partio nas gales τ nauios pequenos, τ nos bateys em que auia de desembarcar, em q̃ leuaua muytas armas alastradas pera irem secretas que não sabia o que aconteceria. Ho Barnegais estaua ja esperãdo bem afastado do mar com duzẽtos de caualo τ dous mil de pé. Ho gouernador desembarcou com toda a gente / τ deixandoa posta em ordem ao longo do mar apartouse cõ os fidalgos (cujos pajes hião armados pera ho Barnegais ver as nossas armas) τ meteose em hũa tenda que mandou armar pera esta vista: τ ainda sobrisso ouue debates, porque ho Barnegais não se queria abalar donde estaua, dizẽdo que fosse lá ho gouernador. E por importunações de Mateus τ Dantonio de saldanha cõsentio q̃ mouessem a pé ele τ ho gouernador ãbos a hũa dõ destauão, τ q̃ no lugar em q̃ se ajũtassẽ se falarião: τ ajũtaranse hũ bõ tiro de bésta do mar em hũ grãde cãpo verde, τ por este espaço ficou deles agẽte dũ τ do outro. Cõ o gouernador hião os capitães da frota, τ cõ ho Barnegais cĩco señores dos q̃ vierão coele: τ abraçãdo se cõ muyta cortesia se assẽtarão em hũas alcatifas / τ cõ todos os rigores passados estauão tão cõtẽtes d̃ se verem q̃ todos lho ẽxergauão / τ ãbos derão muytas graças a deos polos ajũtar. E ho gouernador comecçou logo, dizẽdo. Ho muyto poderoso rey de Portugal meu señor desejãdo de prosseguir a guerra q̃ seus antecessores fizerão sempre aos mouros: cõ que não somẽte lhe ganharão a terra de Portugal / mas outra muyta ẽ Africa, desejãdo de os destruyr a continuou sempre do tẽpo q̃ reynou ategora: τ não se contẽtãdo cõ a q̃ faz em Africa a mãda fazer na India, τ no estreito d̃ Meca por ser certo q̃ nele tẽ os mouros suas rayzes, q̃ ele queria destruyr d̃ todo: não estimando os grãdes gastos τ despesas que nisso faz com ho trabalho de seus vassalos / porque he pera seruiço de nosso senhor Deos. E tẽdo ele por noua q̃ ho ẽperador da alta Ethiopia era Christianissimo, desejãdo sua amizade por este respeito mãdou aos seus capitães móres τ gouernadores da India q̃ mãdassẽ descobrir polo estreito se ha algũ porto de seu señorio: τ como ho misericordioso d̃s ajuda bõs desejos, assi ajudou a executar este / inspirãdo na raynha Helena mãy do Preste q̃ mãdasse sua ẽbaixada a elrey meu señor por Mateus q̃ aqui está: o q̃ parece nã ser sẽ misterio muy grãde: τ q̃ quer nosso señor q̃ se ajũtẽ estes dous prĩcipes pa total destruyção dos mouros: τ q̃ assi como lhe a ele aprouue q̃ ho apostolo sã Mateus denũciasse naq̃la terra a ley euãgelica: q̃ assisteue por bẽ que por outro Mateus que era ho embaixador soubesse el rey meu señor ho desejo q̃ ho Preste tinha de sua amizade: pera que ajuntando ambos seus poderes desarreygassem daquelas partes a seita de Mafamede, τ por esta causa mandou el rey meu senhor seu embaixa-

dor com Mateus pera assentar cõ ho Preste paz ꝛ liãça pera sempre, q̃ morrera como Mateus sabia: ꝛ dali se não podera mais tornar ao estreito. E eu meey por muyto dito so dos impedimentos que sucederão pera isso/pera eu ser ho corretor desta amizade ꝛ liança, ꝛ ser ho primeyro por quem elrey meu senhor ha de ter verdadeyra noticia do Preste, ꝛ quãdo vim ao estreito foy meu intento ir primeyro a Judá a pelejar com a armada dos rumes, ꝛ da volta despejar dos mouros as ilhas de Dolaca ꝛ de Maçuá ꝛ entregalas aos capitães do Preste ꝛ fazer com sua licença hũa fortaleza, que não podera ser por se me perder hũa nao em que trazia os pertrechos pera isso. E coisto acabou. E ho Barnegais respondeo. Louuado seja ho poderoso Deos pera sempre / que permitio que se comprissem as proficias que tinhamos do ajũtamẽto dos Christãos cõnosco. E bem creo eu que pera isso auer effeyto inspirou ho Spiritu sancto na raynha Helena que mandasse Mateus por embaixador a elrey de Portugal/pera que com ho Preste fossem irmãos por liança, pois ho sam em Jesu Christo nosso senhor/ ꝛ no cuydado que tem de fazer aos mouros. E pera isto auer effeyto abaley eu de tão lõge como venho, ꝛ pa a guerra dos mouros ho Preste dara toda a ajuda de gẽte ꝛ dinheiro que for necessaria: ꝛ se ele visse despejadas Dolaca ꝛ Maçuá auer se hia por mór senhor do que he: ꝛ mais se visse em qualquer delas hũa fortaleza dos Portugueses que ele fara á sua custa somente que eles agoardem. E despois desta pratica ꝛ concerto que fizerão, q̃ ho gouernador mandasse hũ embaixador ao Preste em nome del rey de Portugal. Jurarão ambos cada hũ em nome de seu senhor amizade ꝛ liãça pera todo sempre: ꝛ ho Barnegais jurou primeyro, dizendo em voz alta. Eu juro neste sinal da cruz em que padeceo nosso senhor em nome do Preste meu senhor ꝛ no meu de sermos amigos dos amigos do Christianissimo rey de Portugal, ꝛ immigos de todos os seus immigos/ ꝛ amigos de todos os seus vassalos ꝛ seruidores / ꝛ immigos dos immigos da fé de nosso senhor Jesu Christo: a que peço q̃ se goarde antrenos aquela paz ꝛ amizade que ele mandou q̃ se goardasse antre os seus apostolos. E ho gouernador fez outro juramento pelas mesmas palauras.

¶ Capit. xxviij. De como ho gouernador mãdou dom Rodrigo d' lima por ẽbaixador ao Preste.

JUrada esta amizade com muyto grande alegria de todos que se chegarão logo de hũa parte ꝛ doutra esteuerão ainda ho gouernador/ ꝛ ho Barnegais falãdo em algũas cousas: ꝛ ho gouernador lhe deu dous corpos d' coiraças ricas ꝛ hũ arnesiteiro ꝛ espadas/ adargas ꝛ punhais ꝛ dous bedẽs d' seda ꝛ outras peças ricas. E despedidos hũ do outro recolheo se ho gouernador aos bateis, ꝛ ate se embarcar não quis ho Barnegais partir: ꝛ isto por cortesia, ꝛ despois se partio pera Arquico, dõde

aquele dia mandou ao gouernador
hũ cauallo ꝛ hũa mula ꝛ cincoẽta va
cas que ele repartio pela frota, em q̃
auia grande aluoroço, principalmẽ
te antre os fidalgos, por se abrir ca
minho pera exalçamẽto da fé catho
lica em lugar õde todos trazião tão
pouca esperança de se achar: porq̃
todos (como disse) tinhão a Mate-
us por mintiroso nem fazião conta
de mais que de ho poer em terra/
ꝛ vendo ho contrairo aluoraça-
uanse todos com prazer de suce-
der tambem, ꝛ a muytos tomaua
desejo de irem por embaixadores/
assi pera seruirem a Deos ꝛ a el rey
de Portugal, como pera verẽ a cor
te do Preste: ꝛ algũs pedirão esta
ẽbaixada ao gouernador, ꝛ ele a deu
a hũ fidalgo chamado dõ Rodrigo
de lima/ ꝛ por sota embaixador ꝛ es
criuão da embaixada hũ Jorge da-
breu deluas/ ꝛ lingoa dela João es-
colar/ ꝛ forão coeles hũ Lopo da
gama ꝛ Francisco aluarez clerigo ꝛ
outros ate treze. E despachado dõ
Rodrigo ꝛ Mateus se partirão pe
ra Arquico leuando dõ Rodrigo es
tas peças pera ho Preste/ quatro
panos darmar de figuras muyto fi
nos/ hũas coyraças de veludo car-
mesim cõ as outras peças doura-
das, ꝛ hũa espada ꝛ hũ punhal dou
ro/ ꝛ dous berços de metal cõ suas
camaras dobradas, ꝛ dous barris
de poluora. ꝛ hũ mapa com todas
as terras que el rey tinha na India
cõ cruzes postas nelas, ꝛ ẽ algũas
imagẽs de nossa senhora, ꝛ hũs or-
gãos. ꝛ hũ crauicordio, ꝛ hũ tange
dor pareles, ꝛ pera a raynha Hele-
na mandou hũa meada daljofar
grosso com hũa cruz de rubis/ ꝛ pe
ra ho mosteiro de Bisam incenso ꝛ
pimenta ꝛ panos de seda pera orna
mentos ꝛ hũa campã, ꝛ panos pera
vestiaria dos frades, ꝛ a Mateus
mãdou dar algũas peças de que se
ele contentou/ ꝛ ho gouernador ꝛ
Antonio de saldanha forão coeles
hũ pedaço. E Darquico forão ao
mosteiro d Bisam õde se finou Ma
teus. E dali partio dõ Rodrigo pe
ra a corte do Preste: de cuja parti-
da os mouros daquelas partes fi-
carão muyto tristes q̃ temião muy
to ajũtarse ho poder delrey de Por
tugal cõ ho do Preste ꝛ destruyrẽ-
nos, ꝛ dizião que pois frota de ta-
manhas naos como o gouernador
leuaua chegara á ilha de Maçuá, ẽ
cujo caminho auia tantos baixos
ꝛ ilhas que dali por diante cada dia
irião lá as nossas armadas, ꝛ che-
garião ate çuez, ꝛ parecialhes aqui
lo caminho pera se destruyr sua sei-
ta como tinhão por profecia d muy
to tempo: ꝛ cõ medo do gouernador
despejarão os mouros a ilha de do
loca ꝛ se forão pera a terra firme. E
despois da partida de dõ Rodrigo
ho gouernador a mãdou queimar/
ꝛ dahi se partio pera Ormuz.

¶ Cap. xxix. Do q̃ acõteceo a Gõçalo d loule indo pera Moçãbique ꝛ como ouue a artelharia do galeão de Manuel de sousa.

GOnçalo de loule que hia
cõ recado do gouernador
aos capitães q̃ inuerna-
uão em Moçambique des-
pois q̃ atrauessou ho golfão q̃ ou-
ue vista de terra foy ao longo dela

ate Magadaxo:em cujo porto quei
mou duas naos q̃ estauão á geiua
sem achar nenhũa resistencia nos
mouros,⁊ dali foy ter a Pate,⁊ q̃-
rendo entrar no porto pera tomar
agoa/como ho seu piloto não sabia
ho canal por õde se entraua deu em
seco sobre area em que a carauela fi-
cou assentada. E entẽdendo os nos
sos que com a maree tornarião a na
dar esteuerão esperando ate ho ou-
tro dia que tornasse:⁊ amanhecẽdo
virão vir da cidade obra de trezen-
tos paraós pequenos carregados
de gente que chegando a tiro de bõ
barda da carauela pararão poẽdo
se todos a fio oulhando a carauela,
⁊ assi esteuerão ate que veo a maree:
⁊ então se apartou hũ dos paraós
remando ⁊ chegouse perto da cara
uela/⁊ hũ dos que vinhão nele fal-
lou os nossos em lingoa Portu-
gues,⁊ pregũtando q̃ buscauão na
quela terra. Ao que os nossos res-
ponderão q̃ buscauão mãtimẽtos/
⁊ porque achauão pouco fundo nã
ousauão dentrar no porto, rogan-
dolhe que os leuassem a ele ⁊ q̃ lho
pagarião. E parece q̃ os mouros
por se não fiarem dos nossos nã se
quiserão atoar cõ a carauela/⁊ dis-
serão que se fizessem á vela,⁊ que os
seguissem/⁊ que assi os leuarião. E
os nossos tornarão a replicar que
os leuassem á toa/⁊ por eles nunca
quererẽ lhes atirarão cõ hũ falcão
pera lhes fazer medo:que eles ouue
rão tamanho que fugirão pera os
outros/que logo começarão de re-
mar ⁊ chegarse pera a carauela tan-
gẽdo muytos instormẽtos de guer
ra:os nossos que se temerão que os
aferrassem os imigos desparарão
hũ camelo q̃ deu no principal parаó
⁊ meteo ho no fundo ⁊ a gẽte ficou
sobre a agoa nadando,⁊ por lhe aco
dir çoçobrarão outros tres pa-
raós com ho peso da gẽte. E vendo
os outros que ficauão nos paraós
ho dãno q̃ lhes podia fazer a nossa
artelharia fugirão pa a cidade dei-
xando os q̃ andauão nadando/que
visto por Gõçalo deloule como fica
uão desemparados mandou a hũ
Martĩ correa q̃ cõ outros sete fosse
no batel a matalos. E ele ho fez assi
⁊ matou muytos/⁊ recolheo defa-
dado de matar hũs tres,de que hũ
era homem velho,⁊ recolhendo os
chegou hũ mancebo a bordo pedin
do q̃ ho recolhessem porq̃ se afoga-
ua de cansado/⁊ por não caber no
batel ⁊ Martim correa auer medo
de çoçobrar ho não quis tomar,⁊
ele morreo logo de hũa lãçada que
trazia:ao que ho mouro velho deu
hũ grande sospiro/⁊ os outros do
us começarão de chorar,⁊ os nos-
sos se forão pera a carauela,⁊ como
ho capitão estaua desesperado d' po
der entrar no porto por não ter quẽ
lho insinasse/disse q̃ dessem tormẽ-
to aos tres catiuos ⁊ q̃ eles ho insi-
narião:⁊ q̃rendo começar no velho
ele acenou aos dous q̃ ho dissessem,
⁊ hũ deles ho mostrou:⁊ achãdo ho
piloto da carauela doze braças se
fez á vela ⁊ entrou no porto õde sur
gio antre hũas naos q̃ hi estauão,⁊
nã auẽdo quẽ resistisse as roubarã
os nossos de muyta riq̃za q̃ acharã
nelas,⁊ nã cabẽdo todo ho despojo
na carauela o q̃ sobejou carregarão
ẽ hũ zãbuco pa o leuarẽ atoado ate

Melinde/onde esperauão de vẽder o q̃ leuauão,⁊ ali lhe resgatarão ho mouro velho q̃ era senhor de Pate posto que então ho não sabia Gõçalo de loule:⁊ partido daqui foy ter a Melinde ⁊ mea legoa da cidade achou ho mestre que fora do galeão de Manuel de sousa ⁊ outros seys q̃ em hũ paraó hião fugidos de Moja ondesteuerão catiuos ate então, ⁊ em Melinde soube como se perdera ho galeão ⁊ quẽ ouuera ho despojo. E determinando Gõçalo de loulé de cobrar toda a artelharia do galeão leuou de Melinde hũ mouro de Moçambique q̃ sabia ondestaua, que era na ilha de Zanzibar, na de Pẽba ⁊ na de Monfia. E passando Gõçalo de loulé por estas ilhas lha derão os reys com medo ⁊ cobrou toda a artelharia que nenhũa ficou senão a q̃ tinha el rey de Mõbaça. E cobrada esta artelharia foy ter a Moçambique na fim de Feuereyro despois de passar hũa muyto grande tormenta.

¶ Capit. xxx. De como Jorge dalbuquerque polo recado do gouernador se partio em busca dele cõ algũs capitães dos que inuernarão co ele.

E Chegado a Moçãbiq̃ deu ho recado q̃ trazia do gouernador a Jorge dalbuquerque/⁊ elle ho praticou com os outros capitães:⁊ acordouse que Jorge dalbuquerque com Diogo fernandez de beja/Christouão de mẽdoça/Rafael catanho ⁊ Rafael perestrelo fossem buscar o gouernador,⁊ ho doutor Pero nunez ficasse por ser vedor da fazenda,⁊ com os outros capitães se fosse dereyto á India, porque se ho gouernador tardasse no estreito como podia ser teuesse naos que mãdasse carregadas pera Portugal. E isto assẽtado partiose Jorge dalbuquerq̃ cõ os capitães q̃ digo ⁊ cõ Gõçalo de loulé q̃ndo foy tẽpo ⁊ seguirão sua derrota pera ho cabo de Goardafum que he de quinhentas legoas de Moçambique/⁊ ali achou nouas como ho gouernador era entrado no estreito:⁊ querendo Jorge dalbuquerque entrar nele os feytores das mais das naos da conserua q̃ erão de mercadores lhe requererão muyto estreitamente da parte del rey de Portugal q̃ nã leuasse as naos dos mercadores ao estreito que se podião perder,⁊ perderião vender sua mercadoria se inuernassem no estreito ⁊ muyto mais em não ir a Portugal ho anno seguinte/tirando disso estormẽtos ⁊ fazendo suas protestações sobre Jorge dalbuquerque que fosse obrigado a pagar todas as perdas que recrecessem aos mercadores de as suas naos entrarem no estreito/pelo que Jorge dalbuquerque não quis entrar tomãdo certidão do q̃ lhe os feytores requerião:⁊ moueo ho tambem a não entrar parecerlhe q̃ seguraua mais coisso ho seruiço del rey,⁊ tomou seu caminho pera Ormuz, õde determinaua desperar ho gouernador. E seguido por sua viagẽ cõ grãdes tormẽtas ate ho cabo d̃ Roçalcate/⁊ como ho dobrou o deixarão ⁊ foy surgir no porto de Calayate,⁊ ali esperou ho gouernador por lhe parecer assi melhor.

Capit. xxxj. De como Jorge dalbuquerque mandou prender Raix xabadim regedor de Calayate, e do grande dãno q̃ receberão os nossos querendoho prender.

Ao tẽpo q̃ Jorge dalbuquerq̃ chegou a esta vila estaua nela por regedor hũ mouro chamado Raix xabadim cunhado de Raix xarafo goazil Dormuz. E este Raix xabadim estaua mexericado com el rey Dormuz/ q̃ ho tinha mandado chamar muytas vezes: e ele receando o q̃ era nunca quis ir, o q̃ mais indinou el rey e deseiaua de ho prẽder / e não ousaua fazelo de praça por saber que era bõ caualeyro/ e q̃ se auia de defender cõ a gente que tiuha. E descontente disto soube que hũ Duarte mendez de vascõcelos q̃ andaua darmada naq̃la costa tinha muyto estreita amizade e conuersação cõ Raix xabadim em tanto que muytas vezes se hia coele darmada, e por isto lhe escreueo hũa carta muyto secretamente em q̃ lhe pedia q̃ manhosamente prendesse Raixxabadim/ porq̃ sabia que ninguem ho podia fazer melhor: prometẽdolhe por isso muytas merces. E se por vẽtura naquela conjunção chegassem ali algũas naos de Portugal, que lhe pedisse da sua parte aos capitães que lhe prẽdessem Raix xabadi: e ho mesmo escreueo dõ Garcia coutinho capitão da fortaleza de Ormuz. E tendo Duarte mendez este recado como chegou Jorge dalbuquerque lhe foy dar conta dele mostrandolhe as cartas q̃ tinha / que tambẽ Jorge dalbuquerq̃ mostrou aos capitães da frota com quẽ pos ho caso em conselho, e assentouse que se prendesse Raix xabadim na noyte seguinte, e no começo dela irião os capitães da frota cõ a melhor gente de suas naos ajuntarse por popa da galé de Duarte mẽdez e no seu batel iria em seu lugar dom Sancho anrriquez seu cunhado e genrro que hia por capitão mór do mar de Malaca, e no de Diogo fernandez porq̃ estaua doente e sangrado iria Diogo rabelo seu cunhado, e Duarte mẽdez iria a casa de Raix xabadim ás horas q̃ costumaua / e dom Sancho lhe iria nas costas cõ a gente: e em Duarte mendez entrãdo entraria coele e prẽderião Raix xabadim. E assi ho quiserão fazer, mas não poderão / porq̃ parece que ele entendeo a cousa e estaua a recado / e nã quis mãdar abrir a Duarte mẽdez: e chegãdo dom Sancho com a gente quando vio q̃ não queriã abrir quis q̃brar as portas e entrar por força, ao q̃ acodio a gente darmas de Raix xabadim q̃ estaua defrõte das suas casas alojada ẽ tẽdas/ e começouse hũ jogo de lãçadas muy aspero/ e ẽtre tanto dom Sãcho entrou por força em casa de Raix xabadim cõ Duarte mẽdez/ e hũ Eytor de valadares / e Rafael catanho, e como não erão mais achárão dẽtro quẽ lhes resistisse, pejando muy fortemẽte, e todos quatro ho fazião muy esforçadamẽte. E estando neste perigo/ a gente de Raix xabandim peleiou com os nossos de maneyra q̃ os fez retirar pera a praya ferido e matãdo neles/ e

como os fizerão retirar acodirão a Raix xabadim q̃ entẽdendo q̃ ho q̃rião prẽder se deitou de hũ terrado abaixo por hũas cordas ⁊ fugio, ⁊ ficarão os seus q̃ tinha das portas a dẽtro/ q̃ dom Sãcho ⁊ os outro tres fizerão recolher aos terrados das casas, ⁊ eles ficarão senhores dos baixos. E sintindo q̃ os imigos tornauão sobre as casas ⁊ não vendo nenhũ dos nossos fecharão as portas ⁊ poseranse de dentro pera se defender se lhas quebrassem/ ⁊ quando os mouros virão que os não podião entrar poserão fogo ás portas pa os queimar: ⁊ nisto quis nosso senhor q̃ acodio Diogo fernãdez de beja cõ gente/ que cõ quanto estaua doente ⁊ sangrado não se podē sofrer sem se achar naq̃le feyto, ⁊ acodio despois que a peleja foy trauada. E indo polo mar ouuio a grãde grita que hia em terra, ⁊ chegãdo a ela com muyta pressa achou os nossos encãtoados na praya ⁊ muytos feridos/ ⁊ algũs mortos: ⁊ sabẽdo a cousa como passaua esforçou os nossos ⁊ remeteo coeles aos mouros/ ⁊ apertou os tão rijo que os fez fugir porque cuydarão que q̃ntos auia na frota hião sobreles: ⁊ leuando os de vencida foy ter ás casas de Raix xabadim onde dom Sancho estaua com os outros em grande perigo. E Rafael catanho lhe bradou de hũa genela que mandasse matar ho fogo que estaua pegado nas portas / porque mataua a ele ⁊ aos outros / ⁊ querendo os nossos apagalo começarão de chouer sobreles zagunchadas ⁊ frechadas q̃ os mouros tirauão de sobre os terrados doutras casas, que ja os q̃ estauão nas casas de Raix xabandim erão fugidos por cordas per q̃ se deitarão. E apagado ho fogo sayo de dentro dom Sancho q̃ estaua muyto ferido ⁊ apos ele os outros. E sabẽdo Diogo fernãdez que Raix xabadim era fugido, não teue mais q̃ fazer ⁊ mandou embarcar os feridos que forão cincoenta ⁊ mortos vinte/ ⁊ dos mouros nã morrerão mais de tres: ⁊ todo este dãno receberã os nossos por Duarte mendez saber mal ordenar ho feyto ⁊ dom Sancho ho seguir nele. E por este feyto ficarão os nossos em muyto descredito com os mouros, ⁊ Raix xabadim com grãde fama ꝺ caualeyro esforçado por lhe saber tambem resistir.

¶ Capit. xxxij. Da grãde tormẽta que o gouernador passou saindo do estreito / ⁊ como se perdeo a galé de Jeronimo ꝺ sousa, ⁊ dos que morrerão nela.

Partido ho gouernador/ Diogo lopez de siqueira da ilha de Dolaca pera ir inuernar a Ormuz seguio sua viagem/ ⁊ aos sete dias de Mayo passou por Camarão, ⁊ aos quinze passou as portas do estreito ⁊ foy surgir õde se perdeo a sua nao de q̃ ainda cobrou tres ancoras / ⁊ a vinte hũ dias dele chegou a Adẽ, onde passados tres dias se partio pera Ormuz ⁊ na parajem da ilha da Madeira achou muyto grandes çarrações ⁊ tormentas com que os mais dos bateys dos nauios çoçobrarão: ⁊ assi abrio a galé ꝺ Jeronimo ꝺ sousa ⁊ se foy ao fũdo

nha & meteose dentro com treze ou quatorze fidalgos que hião coele, dizendo que pois todos auião de morrer que melhor seria saluarense os fidalgos que os outros. E hũ destes era hũ Pero da silua dalcunha ho cafre irmão Dafonso telez senhor de Cãpo mayor & ouguela/ & quisera meter na barquinha hũa arca encoirada / que Jeronimo de sousa não consentio que se metesse dizendo que os faria çoçobrar/ & q̃ se ele não deixaua meter mais gẽte por irem boyãtes & não çoçobrarẽ como queria leuar hũa arca que pesaua por tres homẽs, & nã lha quis deixar meter: do que Pero silua auendo menencoria, disse que pois a sua arca não hia na barquinha que não auia dir nela & tornouse á galé dizẽdo que esperaua em Deos que se auia de saluar melhor que os que hião na barquinha. E vẽdo hũ seu primo chamado Manuel galuão filho de Duarte galuão que se tornaua á galé, tornouse coele por ser muyto seu amigo: & Jeronimo de sousa se foy vendo q̃ de todo em todo Pero do silua não queria se não ficar na galé, onde não tardou muyto que não morreo cõ quantos ficarão coele por se a galé ir ao fundo & não auer quem lhe acodisse. E Jeronimo de sousa se foy na barquinha com Anrrique homẽ filho d̃ João homem & Pero borges / & outros fidalgos ate onze/ & tirarão caminho da costa Darabia onde por milagre de nosso senhor chegarão a cabo de dous dias, escapando de mares muy grossos & altos. E desembarcados acodio logo a gẽte da terra que erão mouros, que conhecẽdo serem Christãos como lhes querião grande mal começarão logo de os atormentar com pancadas/ bofetadas, & arrepelões: & como eles não vião tempo nem tinhão cõ que resistir sufrião tudo com paciẽcia pera ver se podião escapar da morte. E despois de roubados de quanto leuauão vestido / q̃ ficarão nús se forão ao longo do mar preguntando por Calayate, õde se querião ir assi por ser de nossos amigos como por terem por certo q̃ ali auião dachar a nossa armada ou algũs Portugueses/ & forão assi ao lõgo do mar caminho de cem legoas descalços & despidos/ q̃ era cousa piadosa de ver como hião torrados do sol & magros de muyta fome, & de grande sede que passauão, & cortados d̃ muytas pãcadas q̃ recebião dos mouros & fracos do immenso cançasso & fadiga sem comparação que lhes causaua ho caminho: & assi forão ter a hũa cidade vinte legoas de Calayate/ cujo senhor era vassalo del rey Dormuz, & quando soube que os nossos hião assi os mandou leuar perante si/ & os deteue algũs dias pera tornarem ensi & se esforçarem, & fezlhe nestes dias tanto gasalhado & bõ tratamento q̃ mais não podia ser. E despois de vestidos dãdolhe dinheiro pera ho gasto do caminho os mandou a Calayate & coeles certos criados seus pera q̃ fossem seguros.

¶ Capit. xxxiij. De como o gouernador foy ter a Calayate & dahi a Ormuz onde inuernou.

EScapãdo ho gouernador daquela grãde tormenta q̃ digo não deixou de ir com mares muyto groſſos ꝛ çarrações ate ho cabo de Roçalgate, que ſe faz na entrada do eſtreito da Perſia/ õde entrado com a armada achou grande calmaria q̃ não ſe afaſtauão as velas dos maſtos: ꝛ á cauſa era começar ali ho verão/ ꝛ da tormẽta paſſada ſer ja inuerno na coſta que dura do cabo de Goardafum ate ho de roçalgate q̃ começa no mes Dabril ꝛ acaba em Setembro: ꝛ por iſſo os noſſos acharão tamanhas tormẽtas por aq̃la coſta. E pareceo couſa de admiração que em eſpaço de duas legoas auia em hũ cabo calmaria ꝛ ho ſol eſtaua muyto claro, ꝛ em outro ho ceo muyto eſcuro ꝛ nuuẽs muyto groſſas ꝛ grande tormenta. E chegado ho gouernador a Calayate ondeſtaua Jorge dalbuquerque ſoube do deſmãcho que ſe fizera na priſam de Raix xabadim: ꝛ muyto agaſtado diſſo tirou a capitania da galé a Duarte mẽdez de vaſconcelos polo achar culpado/ ꝛ ho prendeo ꝛ aſſi outros: ꝛ porque auia dir inuernar a Ormuz nã quis leuar mais que as galés ꝛ nauios pequenos/ ꝛ as naos groſſas ꝛ galeões deixou os q̃ foſſem inuernar a Mazcate debaixo da capitania de Jorge dalbuquerq̃, onde ſe deſpois forão. E pera eſtes capitães darem meſa á gẽte que ficaua coeles fezlhe merce do dinheiro del rey pera ſua deſpeſa/ ꝛ todos ho tomarão/ ſaluo Franciſco de ſouſa tauares capitão da nao ſancta Cruz: a q̃ ho gouernador a deu naq̃le porto/ ꝛ por ſeruir el rey deu meſa á ſua cuſta em que gaſtou muyto por ſer nobre fidalgo, ꝛ prezarſe muyto de fazer tudo bem feyto. E ho gouernador ſe foy a Ormuz onde teue ho inuerno com grandes feſtas que lhe fizerão el rey/ ꝛ Raix xarafo.

Capit. xxxiiij. De como foy por capitão mór da armada pera a India Jorge de brito, ꝛ do que aconteceo ao galeão de Ruy vaz pereyra com hũ peixe.

ANtes diſto ſe foy d̃ Portugal agrauado del rey dom Manuel hũ Fernã de magalhães (de que fiz menção no liuro terceyro) ꝛ coeſte agrauo ſe foy pera ho emperador Carlos rey de Caſtela/ a q̃ fazẽdo crer que as ilhas de Maluco erão ſuas (como direy a diante) foy por ſeu mãdado por capitão mór d̃ hũa armada a deſcobrilas. E ſabido iſto por el rey dom Manuel, quis atalharlhe com mandar hũa armada a eſtas ilhas pela via da India/ pera que prendeſſe a Fernão de magalhaes ſe lá foſſe ter. E pa eſte feyto eſcolheo hũ fidalgo chamado Jorge de brito (de que faley tambẽ no liuro terceiro) por confiar dele que ho faria bem, ꝛ em muyto ſegredo lhe diſſe ſua determinação com juramento que a não deſcobriſſe a nenhũa peſſoa ſe não na India/ ꝛ mais lhe diſſe que faria hũa fortaleza ẽ hũa das ilhas de Maluco onde lhe melhor pareceſſe/ ꝛ deulhe quinhẽtos homẽs pera leuar a Maluco, ꝛ

artelharia τ munições pera esta for
taleza, τ assi officiaes q̃ nela seruis-
sem. E todos estes officios deu el
rey a quẽ Jorge de Brito lhe pedio
que os desse, τ por não ser descuber
to pera onde Jorge de brito hia di-
zia em todas as prouisões dos offi
cios que erão pera onde Jorge de
brito fosse. E por el rey ẽcobrir ma-
is sua ida lançou fama que hia fazer
hũa fortaleza na ilha ð çamatra, τ
a fora isto deulhe el rey prouisões
pera ho gouernador da India que
lhe desse a armada τ a gente que lhe
pedisse: τ sobre tudo lhe deu a capi-
tania mór da armada que aquele an
no de vite auia dir pera a India. E
os capitães de sua conserua forão
Gaspar da silua q̃ leuaua a capita-
nia da fortaleza de Chaul que el rey
mandaua fazer, Pero lopez de sam
Payo capitão doutra que se auia
de fazer nas ilhas ð Maldiua, Pe
ro lourẽço de melo que leuaua hũa
viagem pera a China, Andre diaz
alcayde pequeno de Lisboa que hia
pa fazer a carga, Lopo dazeuedo/
Pedro Paulo, Manuel de sousa
capitão do galeão reys magos que
auia de ficar na India/ Ruy vaz pe
reyra doutro galeão q̃ auia nome
sam Rafael/ que tambem auia lá de
ficar. E o que acõteo a esta armada
na viagem eu ho não soube, somẽte
a Ruy vaz pereyra que a vinte sete
de mayo sendo cincoẽta legoas das
ilhas de Tristão da cunha, lhe deu
hũa grande tormenta de vento: τ lo
go a hũ sabado vespera da Trinda
de na paragẽ do cabo ho seguio hũ
peixe muyto grande dos q̃ chamão
peixes sombreiros/ τ rodeando ho
galeão tres ou quatro vezes da der
radeira ho aferrou pola bãda de bõ
bordo leuãdo ele metidas todas as
velas com vento galerno, τ tanto q̃
ho peixe ho aferrou teueo quedo co
mo se esteuera surto/ τ tinhao cingi
do com a cabeça na amura, τ ho ra-
bo no leme: com que deu nele duas
pancadas que derribou dou gorme
tes que hião a ele / τ era tão grosso
que chegaua com hũa espadana á
mesa da goarnição τ muytos lhe
poserão a mão nela. E receando ho
piloto τ ho mestre q̃ çoçobrasse ho
galeão: mandarão amaynar ho tra
quete da gauea, τ ho cõdestabre ho
quisera ferir cõ hũ pique τ não lho
cõsentirão/ τ socorreose ho capitão
a nosso senhor/ τ hũ clerigo se reues
tio/ τ com hũas reliquias na mão
começou de rezar, τ quis nosso se-
nhor que auendo hũ oytauo dora q̃
ho peixe tinha aferrado ho galeão
ho desaferrou, τ deitou pola boca
duas ou tres vezes grãdes golpes
dagoa no chapiteo / τ tornou apos
ho galeão que seguio ate ho quarto
da madorra rendido. E cõtinuãdo
daqui Ruy vaz pereyra sua viagem
foy ter a Moçambique, õde soube
que ho gouernador inuernaua em
Ormuz, τ por ser muyto cedo ho
foy esperar a Mazcate.

¶ Capit. xxxv. De como Antonio correa despois de chegar a Malaca foy sobre a tranqueyra do Pago τ a desbaratou τ fez fugir os immigos.

VInda a moução de Pe
gũ pera Malaca/ par-
tiose Antonio correa
leuando a sua nao car-

regada delacre ꝛ doutras mercado rias/ ꝛ seys jũgos carregados dar roz/ vinhos, azeites ꝛ carnes. E de caminho foy ter a Pacem, onde achou tres naos de mercadores de Bengalá carregadas de mercadoria: de que era capitão mór hũ capado chamado Gormale, ꝛ querendo Antonio correa que fossem a Malaca pera pagarem lá os dereytos de sua mercadoria na nossa feitoria lhe daua Gormale hũ conto de rs / ꝛ q̃ ho deixasse ficar em Pacem/ ꝛ que ali pagaria os dereytos a hũ feytor nosso que hi ficasse, ꝛ não querẽdo Antonio correa bo leuou cõsigo caminho de Malaca/ dandolhe seguro de lhe nã ser lá feyto nenhũ mal. E passando polos baixos de Capacia em dia de corpo de Deos q̃ foy vespera de sam João deu a sua nao em seco ꝛ ficou na vasa sem perigar ate que tornou a nadar com a maré ꝛ dahi foy ter a Malaca õde achou por capitão Garcia de sá, ꝛ foy muito bẽ recebido dele ꝛ de toda a gẽte: porque polos muytos mãtimẽtos que trouue ficou a terra tão abastada q̃ oytenta gantas darroz valião hũ cruzado valendo dantes ho mes mo quatro. E ho Lascar dizia que Antonio correa era sancto que tirara a fome da terra: ꝛ tambem coesta fartura/ a gente del rey de Bintão que tinha cercada Malaca leuãtou ho cerco, ꝛ se recolheo ao Pago onde el rey estaua. E porq̃ estando ele ali sempre auia de mandar correr a Malaca ꝛ darlhe muyta opressam, assentarão Garcia de sá ꝛ Antonio correa que era necessario lãçado da li fora/ ꝛ que Antonio correa ho fos se fazer, ꝛ fosse por capitão mór, ꝛ pera isso partio de Malaca a quize de Julho, ꝛ forão coele estes capitães/ Duarte de melo/ Duarte furtado, Duarte coelho/ Anrriq̃ leme/ Manuel pacheco/ Bertolameu da fonseca capitão das lancharas de Malaca, Frãcisco de sequeyra, Carlos carualho/ Diogo diaz, Christouão diaz/ Ruy mendez, João salgado. ꝛ outros a que não soube os nomes que por todos erão trinta em nauios redõdos, carauelas, galés/ lancharas ꝛ hũ Bargantim/ ꝛ em todos quatrocentos ꝛ cincoẽta ho mẽs ate quinhẽtos. s. cẽto ꝛ cincoẽta dos nossos ꝛ trezẽtos dos da terra/ ꝛ ele hia em hũa galé ꝛ foyse dereyto ao rio de Muar que he largo ꝛ alto como ja disse ꝛ bẽ pouoado d̃ gẽte dũ cabo ꝛ do outro ꝛ dambas as bãdas he aruoredo tão alto ꝛ tã basto que não se vé ali sol se não ao meyo dia: por este rio dẽtro ate seys legoas se faz hũa boca dũ estreito q̃ se chama Pago, ꝛ por ele acima esta ua hũa pouoação muyto grãde do mesmo nome em que el rey de Bintão moraua em hũas grãdes ꝛ sumptuosas casas cercadas todas destancias dartelharias, ꝛ ho esteiro atrauessado de muytas ꝛ fortes estacadas: ꝛ na entrada dele pelo rio grande estaua hũa fortissima tranqueyra de duas faces muyto larga ꝛ ambas de paos ferros q̃ sam quasi tão grossos como mastos ꝛ da mesma dureza do ferro que não apodrecem nagoa, ꝛ entulhado de troços dos mesmos paos ꝛ doutros com hũa porta no meyo que se fechaua por onde entrauão ꝛ sayão

as suas lancharas: ⁊ nesta trãqueyra estauão assẽtados arrezoadamẽte de tiros dartelharia/ ⁊ em goarda dela hũ capitão del rey de Sintão com muyta gẽte de peleja, ⁊ por isso como pola fortaleza da trãqueyra parecia a el rey de Sintão q̃ estaua ali muyto seguro, ⁊ não somẽte a nossa armada que ele sabia q̃ auia de ser pequena, mas a mais grossa do mũdo a não auia de desbaratar. E entrado Antonio correa por este rio que he todo em voltas foy por ele ate a trãqueyra dos immigos ⁊ surgio na derradeyra volta detras de hũa ponta ondestaua seguro de sua artelharia, ⁊ ficaua tão ꝑto da tranqueyra que ouuia ho tõ da fala dos immigos/ ⁊ de noyte mandou espiar a tranqueyra por hũ Jorge mesurado feytor da sua nao que sabia bem a lingoa malaya/ ⁊ foy em hũ balanco q̃ se rema de pangayo/ ⁊ por isso não leuaua mais q̃ hũ soo remeiro, pelo que não foy sentido nem visto com a grande sombra do aruoredo. E chegando á tranqueyra ouuio os falar hũs cõ os outros/ ⁊ dizião que esteuessem prestes porque os frangues estauão á porta: ⁊ passado ho quarto da madorra tornou com recado a Antonio correa a que contou o que ouuira/ ⁊ que no rumor da gẽte parecia que era muyta. Antonio correa chamou logo a conselho/ ⁊ os capitães da armada ⁊ pessoas principaes dela: ⁊ despois de lhes contar o que lhe Jorge mesurado dissera/ disselhes. Se nesta guerra senhores foreys tão nouos como eu sou, ⁊ eu tão antigo como vos: parecerame que era necessario esforçaruos pera esta batalha: mas pois eu q̃ sou nouo nela estou esforçado com a confiãça que tenho em nosso senhor, ⁊ por vos ter em minha companhia, que fareis vos que quasi tendes de juro vencer a estes mouros/ ⁊ vos mostrou nosso senhor tantas vezes seu poder em os vencerdes sendo tão poucos ⁊ eles tãtos que cobrião a terra ⁊ ho mar: por isso ey por escusado querer dar esforço a quem ho tem pera si ⁊ pera mi, se não dizeruos que prazendo á nosso señor como for manhaã daremos na tranqueyra, leuãdo diante Duarte de melo na sua carauela pera q̃ nos faça caminho ⁊ possamos sobir polos mastos ⁊ ẽxarcia dela: ⁊ nenhũ de vos tirara com sua artelharia ate que eu não faça sinal com hũa espera que leuo. E isto assentado tornarãse os capitães aos nauios/ ⁊ postos em ordem como foy manhaã abalarão a remo pa a trãqueyra/ ⁊ a carauela hia á toa, ⁊ em descobrindo a ponta desparou a artelharia dos immigos com ho seu espantoso impeto, ⁊ por estar dalto não fez nojo aos nossos, que tambẽ em descobrindo a põta começarão de jugar com suas bombardas, começãdo primeyro Antonio correa com a sua espera ⁊ ajuntouse ho fumo delas com o que as dos ĩmigos lãçauão, ⁊ fezse dambos hũa neuoa tão grossa ⁊ negra que tudo ficou escuro: porẽ os nossos pelouros varejauão tão rijo pola tranqueyra q̃ os immigos se espantarão ⁊ fugirão vendo que neste tempo chegou Duarte de melo á tranqueyra ⁊ abalrroou coela/ o que eles não cuy

dauão que podia ser / ⁊ por isso fugirão, pelo que os da carauela que em abalrroando começarão de subir pola enxarcia não acharão na tranqueyra quem lhes resistisse, o q̃ disserão aos outros ⁊ abrirãlhes as portas por õde ẽtrarão muyto ledos com grandes gritas de louuores a nosso senhor, principalmente Antonio correa por alcãçar tão facilmente hũa tão famosa vitoria como aquela foy, porque tanto mõtaua vẽcer cõ ho medo q̃ lhe ouuerão, como pelejando. Entrados os nossos acharão muytas panelas darroz cozido ⁊ outras igoarias q̃ os immigos tinhão pera almoçar que estauão ainda quentes / de q̃ almoçarã: ⁊ despois apanharão algũas alcatifas que acharão ⁊ recolherão aos nauios vinte peças dartelharia de metal / em que auia algũs berços com as esperas delrey de Portugal.

¶ Capit. xxxvj. De como el rey de Bintão com toda sua gẽte fugio do Pago por medo dAntonio correa, ⁊ como foy queymada ⁊ destruyda aquela força.

E Como a principal cousa daq̃le feyto era lançar fora do pago a elrey de Bitão: determinou Antonio correa de ho fazer / ⁊ assi ho disse aos seus capitães: com que assentou que Duarte de melo ficasse na boca do estreito com ho seu nauio de fora no rio, ⁊ ele cõ os pequenos ⁊ bateys entrasse polo estreito: ⁊ assi se fez indo ele diante de todos em hũ batel apadessado por lhe não fazerẽ nojo as frechas q̃ os imigos lhe poderião tirar de terra. E porque foy auisado que tinhão serrado quasi todo aq̃le aruoredo dambas as bandas do rio pera ho derribarem nele com cordas q̃ lhes tinhão atadas nas pontas tanto q̃ os nossos entrassem por ele pera co isso lhe impedirem a passajem: leuaua diante de si hũa mãchua ⁊ vinte carpinteiros nela cõ machados pera desfazerem as aruores em troços ⁊ desembaraçarem ho caminho / que tãbem estaua atrauancado com as estacadas, ⁊ por isso leuaua ele aparelhos no seu batel pera q̃ os q̃ hião nele fossem arrãcãdo as estacadas: como arrancarão com muyto trabalho / ⁊ co ele cortarão tambem os carpinteiros o que os imigos derribarão em os nossos entrando. E co estes embaraços fizerão os nossos algũa detença em chegar ao pago / porem chegarão cõ muyto grãde espanto dos imigos que sempre cuydarão q̃ os estoruassem tãtos impedimentos. E vendo el rey como hião ajuntou sua gente que era muyta ⁊ muytos alifantes de castelos junto das suas casas que estauão em hũ teso dũa bãda do esteiro que partia a cidade polo meyo a q̃ daua seruentia hũa ponte de madeira q̃ ho atrauessaua / ⁊ os imigos estauão a vista dos nossos fazendo lhes grãdes rebolarias de gritas / ⁊ desparando sua artelharia: de que os nossos não fizerão conta, ⁊ com grande impeto poyarão em terra / ⁊ primeyro Afonso valẽte q̃ era ho alferez, ⁊ Antonio correa que quise

ra leuar a gente em ordem, mas não pode: porque nem ela tinha sufrimẽto pera isso/ nem a multidão de frechas que os immigos desparauão os deixaua: ꝛ do meyo do teso arremetem a eles chamando polo apostolo Santiago, correndo a quem primeyro chegaua aos immigos/ que vendo a furia dos nossos, ꝛ representandoselhe diante o q̃ tinhão passado pera chegar ali, ou poendo lhes nosso senhor hũ terror muy grande como he de crer, sem mais pelejar começão de fugir a quẽ mais podia, ꝛ os nossos apos eles derribando muytos mortos por esse chão ꝛ deixarannos logo por não saberem a terra que não quis Antonio correa que lhes sobreuiesse algũ perigo. E á porta das casas del rey fez muytos caualeyros por memoria de tão famosa vitoria como aquela foy sem dos nossos ser nenhũ ferido nem morto/ ꝛ dos immigos muytos ꝛ catiuos: ꝛ saqueadas as casas del rey ꝛ a cidade, em que se ouue muyto ꝛ muy rico despojo a fora a artelharia foy tudo queymado/ ꝛ assi a frota del rey que estaua recolhida no estreito em que auia bem cem calaluzes, lancharas ꝛ mãchuas ꝛ algũs dourados nas proas ꝛ popas em que el rey costumaua dandar: ꝛ estes estauão cheos de poluora ꝛ de lenha, ꝛ porque os nossos os não leuassem lhes poserão os immigos fogo em fugindo/ ꝛ a dous destes dourados mãdou Antonio correa apagar o fogo ꝛ meos queymados os leuou a Malaca/ ꝛ desta vez ficou el rey de Bintão tão destroçado q̃ se acolheo a Bintão que era perto de Malaca/ pera onde se partio Antonio correa despois de queymar a tranqueyra/ ꝛ laa foy recebido com muyta festa pola liurar de tamanho cerco ꝛ de fome tão apertada.

❡ Capit. xxxvij. Do façanhoso feito que cinco dos nossos fizerão defendendose de Rajaçudamecé ꝛ de sua gente que matarão quasi toda ꝛ lhe tomarão hũa lãchara.

Sendo Antonio correa ẽ Pegũ/ el rey de Pacem que era tirano ꝛ tinha tomado ho reyno ao proprio rey que matara leuantouse contra os nossos que estauão em Pacem ꝛ erão vinte quatro criados de dom Aleixo de meneses ꝛ de dom João de lima, ꝛ todos forão mortos ꝛ tomarãlhe muyta fazenda que tinhão del rey de Portugal/ ꝛ destes fidalgos, ꝛ doutras partes que valia setenta mil cruzados, ꝛ pola guerra que el rey de Bintão fazia a Malaca não se tomou disto vingança/ ꝛ despois que Antonio correa a liurou do cerco, mandou Garcia de sá a Manuel pacheco em hũa nao em que andasse darmada de Pacem ate Achem, ꝛ não deixasse entrar em nenhũ destes dous portos nauio algũ nem sayr, nem consentisse que sayssem deles a pescar/ porque esta era a mayor guerra que se lhe podia fazer, ꝛ deulhe vinte dos nossos antre soldados ꝛ marinheiros: ꝛ partio Manuel pacheco pera laa quasi na fim

dagosto, τ como chegou foy logo sentido / porque nem lhe ficou pescador que não tomasse / nem deixaua entrar nenhũ nauio estrangeiro τ se aperfiauão metia os no fundo. E andãdo assi por lhes faltar agoa mandou Manuel pacheco fazer agoada em hũ rio chamado Jacapari hũa legoa do de Pacem τ forão no batel a fazela no mais de cinco homẽs / Antonio paçanha Dalanquer, João dalmeida de quintela criado Dantonio correa / Antonio de vera do Porto / Francisco gramaxo moço da camara da condesas trabesa τ ho barbeiro da nao, τ os remeiros, τ a nao ficaria hũa legoa a lamar. E feyta agoada, τ tomados palmitos começarão de se sayr do rio: τ nisto acode sobreles tanta soma de gẽte dambas as partes do rio que foy cousa despanto velos τ as gritas que dauão, τ as frechas quelhes tirauão / porque todos estauão magoados deles pola guerra quelhes fazião, τ como os nossos não leuauão arrombadas que os emparasse, fizerãnas das adarjas poendo as dianteiras nos bordos do batel / τ as costas hũs nos outros / τ em pouco tempo todas as adargas forão empenadas: τ quis nosso senhor que nenhũ não foy ferido, τ com muyto trabalho sayrão do rio tirando caminho da nao: τ indo quasi a meya legoa dela / não poderão surdir por mais que os remeiros remauão por crecer a maré τ ventar a viração q̃ tinha era contreles. E estando nesta fadiga ex que saem do rio de Pacem tres grandes lancharas cõ mil homẽs de peleja segũdo se despois soube: τ hia por capitão delas hũ mouro Jao muyto valente caualeyro / que auia nome Raja çudameci capitão mór do mar del rey de Pacem / τ as Lancharas hião hũas das outras a tiro despingarda / τ a capitaina hia diante, τ enxergaua se logo pola bandeira que leuaua, τ todas hião a boga arrancada por chegar ao nosso batel / τ os q̃ hião nele vendo que da nao lhe não podião acodir por não auer em que: τ que a capitaina dos immigos lhes hia chegando / τ que não tinhão remedio se nosso senhor não acodia, encomendaranse a ele muyto deuotamente / τ assi a nossa senhora: τ esforçados co isso acordarão que tanto que os immigos abalrroassem coeles trabalhassem polos entrar pola proa da lanchara, porque como era estreita poderse hião ali ajudar deles melhor que em outra parte / τ mais que em a lanchara abalrroãdo pegasse ho barbeiro com as mãos nela τ a teuesse ho mais que podesse. E assi ho fez / que em os immigos chegando lançou as mãos na lanchara τ a teue como a podera ter hũa abalrroa, τ com quanto as gritas que os immigos dauão / τ os instormentos que tangião, τ as frechas que tirauão era pera espantar a muytos, quanto mais a tão poucos como erão os nossos: eles confiados em nosso senhor τ em sua gloria madre, bradando por eles de todo coração se arremessarão na proa da lanchara, τ dali com esforço milagroso começão ás lãçadas com os immigos τ matar / assi os

lascarins como os remeyros que a nenhũ perdoauão. E os immigos que hião muyto fora delhes parecer que seria por os nossos não serẽ mais de quatro ꝛ eles polo menos trezentos assi remeyros como lascarins: vẽdo que os nossos pelejauão daquela maneyra começarão de se lançar ao mar / ꝛ outros se retirarão pera a popa da lanchara ondestaua Rajaçudameci que se pos diãte dos seus pera resistir aos nossos ꝛ durou aqui a peleja q̃si hũa hora em que os nossos forão todos feridos: mas eles pelejarão tambẽ com ajuda de nosso senhor / q̃ he de creer que os ajudaua: que não somente matarão a mayor parte dos immigos / ꝛ outros fizerão lãçar ao mar muyto feridos / ꝛ ho derradeyro foy Rajaçudameci ferido de cinco lançadas, que parece que se lançou mais pera se vigar da fraqueza dos seus que pera saluar a vida, porque despois que foy no mar nadando com os pés ꝛ com hũa mão / com a outra mataua quantos podia alcãçar com hũ rico terçado q̃ trazia: ꝛ assi andou ate que se sumio debaixo dagoa, ꝛ as duas lancharas que ficauão a tras vendo aquela desbaratada / ou despois que começarão de ver que ho auiã de ser não ousarão de passar ꝛ tornaranse: no que parece bem que quis nosso senhor dar vida aos nossos / porque segũdo estauão feridos ꝛ cansados se os immigos chegarão a eles ali acabarão suas vidas: ꝛ com vitoria tão milagrosa como esta foy ficarão senhores da lanchara ꝛ se forão pera a nao despois que vazou a maré: on de todos derão muytas graças a nosso senhor por tamanha merce como aquela foy: com que os imigos ficarão tão espãtados q̃ assi auião medo dos nossos assi como do fogo ꝛ não ousauão de bolir consigo. E recebendo el rey de Pacem perda grandissima desta guerra, mandou dizer a Manuel pacheco que pagaria a fazenda dos nossos que fora tomada em sua terra, ꝛ que fizesse paz coele: ꝛ assi ho assentarão ate saber de Garcia de sá se era contente, ꝛ ele ho foy despois q̃ el rey de Pacem comprio o que dizia, ꝛ Manuel pacheco leuou a lanchara que os nossos quatro tomarão a Malaca: ꝛ por memoria do milagre que nosso senhor fez lhe mandou fazer hũ alpẽdere cuberto ꝛ a pos nele sobre hũs vasos pera que durasse pera sempre. E vinda a mouçâo pera a India como quer que Malaca ficaua liure da guerra: partiose Antonio correa pera Cochim ꝛ leuou cõsigo aqueles cinco por quem nosso senhor fez ho milagre.

¶ Capit. xxxviij. De como se leuantarão contra Eytor rodriguez capitão da fortaleza de Coulão a raynha de Coulão ꝛ a d' Comorim.

Eytor rodriguez capitão ꝛ feytor da fortaleza de Coulão tendo a quasi acabada despois d' ho gouernador ser partido pera ho estreito, mandou dizer á raynha de Coulão per Gaspar ferraz ꝛ Luys alua

rez escriuães da feytoria / que lhe mandasse pagar setenta ⁊ cinco bares de pimenta que lhe quebrarão no peso da que comprara pera a carrega das naos / como lhe os seus feytores ⁊ corretores ficarão de pagar: ⁊ assi duzentos ⁊ oytenta bares de pimenta que deuia da soma que ficara de pagar pola fazenda que se tomou a Antonio de sá quando ho matarão / ⁊ que lhe mãdaua pedir esta diuida porquanto acabaua no anno seguinte seu tempo ⁊ se auia de ir pera Portugal / ⁊ auia de dar conta pelo que tinha necessidade de arrecadar o que lhe diuião, porque o que lhe sucedesse não auia de querer arrecadar as diuidas que ele fizera. Ao que ela respondeo que pagaria os duzentos ⁊ oytenta bares que deuia do cõcerto das pazes: porem que se ouuera dauer respeito pera lha quitarẽ ao grãde fauor ⁊ ajuda que dera pera se fazer a fortaleza que sem isso não podera ir por diante: ⁊ quanto aas quebras da pimenta que as não auia de pagar, porque não se pagauão em Cochim nem em Caicoulão. Ao que ho capitão repricou / dizendo que se fizera seruiço a el rey de Portugal / que ele era tão manifico que lho pagaria muyto bem / porque assi ho vsaua com aqueles que ho seruião. E quanto aa quebra da pimenta tambem a deuia de pagar ou mandar aos corretores que a venderão que a pagassem: porque aqueixandose ele da pimenta que era molhada lhe disserão ho regedor, ⁊ escriuães, ⁊ corretores que se pesasse a pimenta / ⁊ se deitasse ao sol tres ou quatro bares / ⁊ despois de seca se repesasse ⁊ o que se achasse que quebraua que ele a faria pagar aos corretores, ou a pagaria, ⁊ q̃ isto se assentara. Ao que a raynha respondeo como dãtes ⁊ ho mesmo fez ho regedor, mostrandose ambos muyto descontẽtes Heytor rodriguez: ⁊ a mesma reposta derão outra vez que lhe ele tornou a mandar outro recado como ho primeyro. E de tudo Eytor rodriguez mandou fazer hũ auto pelos mesmos escriuães que leuauão os recados, porque ho gouernador quando tornasse do estreito soubesse como passaua a cousa / ⁊ lhe não posesse culpa se a raynha se aleuantasse contra a fortaleza: o que ele receaua porque sabia quão aluoroçada era aquela gente, ⁊ quãto se escandalizaua de qualquer cousa, principalmente se tocaua em seu interesse. O que ele bem receou, porque tanto que a raynha vio que lhe pedia a pimenta de verdade / ⁊ que não podia deixar de a dar, agastouse coisso muyto: porque sempre seu fundamento foy que a não auia de pagar ⁊ lha quitarião polo muyto fauor que deu a se fazer a fortaleza / ⁊ coesta tenção ho daua. E vẽdo que lhe saya em branco tomou pera remedio de nã pagar nenhũa pimenta leuantarse ⁊ fazer guerra aa fortaleza / ⁊ mais que via ho tempo desposto pera isso por a pouca gente que auia na fortaleza que a defendesse / ⁊ ho pouco socorro que podia ter por ho gouernador ser fora da India ⁊ leuar consigo toda a gente darmas dela. E pera

poer em obra sua determinação/ persuadio á raynha de Comorim que a ajudasse a esta guerra com dous filhos que tinha/ & que logo tomarião á fortaleza & matarião quantos Portugueses estauão dentro. E concertadas ambas/ chamarão tambem em sua ajuda algũs mouros. E tendo entre si feyto este concerto/ esperando tempo pera ho executarem/ acertarão hũ dia sessenta Bigairis de irem da parte de Comorim pera a fortaleza carregados de conchas dostras & de lenha pera fazerem cal, & hia coeles hũ homem Heitor rodriguez: o que sabido por Matanatriuiri hũ dos filhos da raynha de Comorim/ mandou certos Naires seus/ & assi algũs mouros que lhe espalhassem a lenha & concha & os espancassem. O q̃ eles logo fizerão, & ho Portugues que hia com os Bigarins fugio pera a fortaleza, & contou o que passaua a Eytor rodriguez, que não lhe parecendo ainda o que era porque aquilo fora feyto per Naires da parte de Comorim se mandou aqueixar ao regedor delrey de Comorim per Luys aluarez & Gaspar ferraz escriuães da feytoria. E sendo lhe feyto este queixume, ele dissimulou: dizendolhe que lhe pesaua muyto do mal que os Naires fizerão: & quãdo Eytor rodriguez quisesse mandar leuar algũa cousa pera a fortaleza da parte de Comorim que lho mandasse dizer, & que ele daria hũ mãdado pera que não fizessem mal a quem a trouuesse: & ho mesmo queixume mandaua Eytor rodriguez á raynha de Coulão, mas ela nã ho quis receber/ & fezse partida de Coulão. E porque ele foy auisado que se dizia na parte de Comorim que se lá fosse ter algũ Portugues que lhe auião de cortar as pernas & matalo, mandou ho preguntar á raynha de Comorim se era assi/ & isto per hũ Malabar escriuão da feytoria que não ousou de mandar laa Portugues. E a raynha & seus filhos responderão que ateli fora sua vontade de os Portugueses irem a Coulão: mas que dali por diante se algũ laa fosse que ho auião de mãdar matar. O que sabido por Eytor rodriguez mandou que nenhũ Portugues não fosse mais a Coulão. E auendo dous dias que isto assi andaua soube que hũa nao de Malabares q̃ estaua no porto tomaua hũa noyte pimenta/ & auia dacabar de carregar no mar/ & lhe auião de leuar a pimenta em tónes: & tendo vigia quando hião os mãdou tomar por hũ João de Chaues meirinho da fortaleza que foy em hũ catur, & tomou sete tónes carregados de pimenta com quantos remeiros hião neles. O que sabendo a raynha de Coulão os mandou logo pedir a Eytor rodriguez, & ele não lhos quis mandar/ dizendo que lhe pedia que lhos deixasse castigar porque lhe tinhão leuado mais de seys mil bares de pimẽta, & por isso erão catiuos del rey de Portugal: porẽ q̃ ele falaria cõ os officiaes da fortaleza/ & q̃ tudo se faria muyto a seu seruiço como sẽpre se fizera: do q̃ a rainha ficou muyto descõtẽte. E cõ quãto Eytor rodriguez lhe mãdou os remeiros ao outro dia ela os nã

quis ver/ ⁊ ho regedor de Coulão
que estaua coela disse a Luys alua-
rez que os leuaua, que pera que os
leuauão então se lhos não quise-
rão mandar quando lhos pedião.
E como ja tudo esteuesse muyto dã
nado contra os Portugueses, co-
meçarão os Naires que hi estauão
de dizer que matassem Luys alua-
rez ⁊ os que hião coele: o que lhe ho
lingoa disse: pelo que ele nã esperou
reposta da raynha ⁊ foyse ho mais
asinha que pode pera a fortaleza on
de achou acolhidos muytos Chri-
stãos de Coulão, que fugirão pera
lá com medo de Matanatriuiri que
os mandaua matar por amor dos
remeyros que estauão presos: ⁊ lo-
go a raynha de Coulão ⁊ a de Co-
morim defenderão geralmente que
nenhum official da terra não fosse
mais trabalhar nas obras da forta
leza/ nem leuassem lá mantimẽtos:
E assi se fez. O que vẽdo Eytor ro-
driguez ho escreueo logo a dom A-
leixo de meneses que estaua em Co
chim/ pedindolhe que lhe mãdasse
vinte bésteiros ⁊ espingardeiros
pera defender coeles a fortaleza: pe-
dindolhe tambem que lhe mãdasse
algũ dinheiro de que tinha necessi-
dade pera acabar duas torres que
estauão por acabar. A que dom A-
leixo respondeo que não auia espin-
gardeiros nem bésteiros q̃ todos
ho gouernador leuara ao estreito/
nem tão pouco tinha dinheiro que
virião as naos de Portugal ⁊ en-
tão lho mandaria. E vendo Eitor
rodriguez tão mao remedio, bus-
cou dinheiro que tomou a õzena cõ
que acabou sua obra.

¶ Capit. xxxix. De como a raynha de Coulão ⁊ a de Comorim quiserão tomar a fortaleza por treição ⁊ não poderão.

Determinãdo as ray
nhas de Coulão ⁊ de
Comorim de tomar
a nossa fortaleza: pa-
recendolhes que por
guerra lhes seria di-
ficultoso, determinarão de a tomar
por treição: o que concertarão com
aqueles tres irmãos malabares q̃
atras disse. s. Unirey pulá, Salapu
lá goripo, Coulegoripo que mora-
uão com a raynha de Comorim. E
a maneyra da treição auia de ser fin
gindo terem agrauos dos filhos
da raynha de Comorĩ/ ⁊ auião de
cometer Eytor rodriguez que que-
rião viuer com el rey de Portugal
⁊ seruilo: ⁊ fingindo medo de serem
sintidos não auião de querer falar
lhe na fortaleza se não na igreja de
sam Thome ⁊ isto de noyte/ onde se
fosse ho matarião com quantos fos
sem coele/ ⁊ com gente que estaria
prestes tomarião a fortaleza. E isto
assentado fazianse os tres irmãos
muyto amigos Deitor rodriguez/
mandandolhe muytos auisos fin-
gidos do que as raynhas determi-
nauão: no que ele não atẽtaua pola
amizade que dantes tinhão coele.
E com tudo não hião á fortaleza,
mas mandauanlhe muytos auisos
figidos, ⁊ mostrauanse grandes
seus amigos ⁊ seruidores del rey
d Portugal ate fingirẽ de quererẽ
tornar a assẽtar a paz q̃ estaua q̃bra

da: ⁊ nisto andarão algũs dias ate que mandarão dizer a Eytor rodriguez q̃ ho não podião acabar. E chegado ho inuerno em que determinarão de executar a treição q̃ trazião forjada, mandarão dizer a Eytor rodriguez per hũ Christão de Caycoulão chamado Matias/ que a fora ho rey grãde de Coulão estar muyto mal coeles por ajudarẽ a fazer a fortaleza/ ⁊ assi os principaes ⁊ pouo da terra: indo hũ dia a casa de Ramatreuiri filho da raynha de Comorim/ ⁊ ele os não quisera ver ⁊ fizeraq̃ dormia, no q̃ lhes fizera muyto grãde desfauor/ ⁊ mais que aquilo lhes parecia vespera de os destruyr/ o que temião muyto por verem a terra tão aluoroçada contra a fortaleza, ⁊ que se querião vingar do odio q̃ lhe tinhão pola ajudarem a fazer: ⁊ por outra parte posto que assi não fosse/ ⁊ quisessem as raynhas que eles lhes ajudassem contrele naquela guerra q̃ sabia que lhe auião de fazer, que ficauão destruydos, porque sabião que elas não auião de leuar ho melhor da guerra, ⁊ eles não ganharião mais que ficarenlhes os Portugueses por immigos/ o que eles não querião por nenhũ preço: por isso se os ele quisesse receber pera viuerem cõ elrey de Portugal, ⁊ lhes dar ho soldo que lhes daua ho rey grande, que assentarião viuenda cõ el rey de Portugal ⁊ serião seus pera sempre/ ⁊ morrerião na guerra q̃ esperauão. E vendo Eytor rodriguez como ambas as raynhas estauão de guerra: ⁊ que aqueles tres irmãos ho ajudarião muyto nela, assi por serem principaes da terra, como por ajuntarem a hũ repique seys centos Naires/ ⁊ serem tão vezinhos da fortaleza: pareceolhe bẽ aceitar ho partido que lhes cometião/ sobre o que se conselhou com Matias/ ⁊ despois cõ Christouão de bairros seu genrro / ⁊ alcayde mór da fortaleza, ⁊ assi cõ outros officiaes ⁊ homẽs hõrrados dela. E per todos foy acordado q̃ os tres irmãos se deuião de tomar por criados del rey de Portugal/ com lhe darẽ a moradia ⁊ soldo que tinhão do rey grande de Coulão, que erão corenta cruzados a cada hũ por anno: ⁊ ho soldo ⁊ ordenado da terra quando de suas pessoas ⁊ de seus Naires se quisesse seruir na guerra. E isto assinado por todos os que forão no conselho / mandou Eytor rodriguez dizer aos tres irmãos por Matias que fossem sós á fortaleza pera assentar coeles a viuenda com el rey de Portugal: do que se eles mostrarão muyto alegres, porem escusaranse de ir á fortaleza, porque não fosse sentido da gẽte da terra o que querião fazer: mas que á boca da noyte se ajuntarião coele na igreja de sam Thome onde leuaria os principaes da fortaleza ⁊ perante eles lhes juraria de comprir o que assentasse coeles: ⁊ isto com tenção de terem quinze mil homens em cilada/ ⁊ em quanto hũs matassem Eytor rodriguez ⁊ os que ho acompanhauão/ os outros entrarião de supito na fortaleza que auia destar aberta, ⁊ a tomarião. E não caindo ainda Eytor rodriguez nesta treiçã, lhes respõdeo

que buſcaſſem outra maneyra pera
aſſentar ſeu partido, porq̃ bẽ ſabião
que auia hũ anno que não ſaya da
fortaleza nẽ auia de ſayr por nhũa
maneyra, ⁊ q̃ndo os irmãos virão
que não podião acolher Eytor ro-
driguez / diſſerão que pois ele não
podia ir á igreja que dizião que foſ-
ſem na noyte ſeguinte ſeus gẽrros
ho alcayde mór / ⁊ Duarte varela ⁊
Luys aluarez eſcriuão da feytoria,
⁊ eles abaſtarião pera fazerem o q̃
ele fizera: ⁊ iſto pera os matarem /
porque ſabião que como mataſſem
eſtes que erão os principais com q̃
ſe Eytor rodriguez auia de defẽder
facilmente leuarião a fortaleza nas
mãos. E quis noſſo ſenhor que quã
do foy a boca da noyte em que auia
de ſer a treição q̃ Eytor rodriguez
ſe achou mal ſentido / ⁊ mandou di
zer aos tres irmãos que por eſſa re-
zão não podia praticar com ho al-
cayde mór / nẽ com os outros que a
uião dir, o que auião de fazer que fi
caſſe pera outro dia / ⁊ que ele lhes
mandaria dizer quãdo. E paſſados
dous dias lhes mandou dizer que
aquela noyte foſſem á igreja ⁊ ſe fa-
ria ho concerto. E como eles eſta-
uão deſapercebidos pera a treição,
reſponderão que aquele não era bõ
dia pera fazer mudança que ficaſſe
pera outro q̃ foſſe bõ: ⁊ logo apos
aquela repoſta lhe mãdou dizer Da
lapulá goripo ho principal da trei-
ção que na meſma noyte queria ir á
fortaleza pera aſſentar coele por ſi ⁊
por ſeus irmãos. E como tudo erão
mẽtiras nã foy, ⁊ fez eſperar Eytor
rodriguez ate mea noyte: ⁊ em ama
nhecẽdo lhe mandarão todos tres
outro recado, que eles não hião aa
fortaleza por lhe dizerem ſeus parẽ
tes que não ſe fiaſſem dele / ⁊ por iſ-
ſo não ouſauão dir / que lhes man-
daſſe por arrefens ſeus genrros ⁊
outros homẽs honrrados que fi-
caſſem em ſua caſa em quãto foſſem
aa fortaleza / ⁊ q̃ irião logo. E iſto
com determinação de então acaba-
rem ſua treição pera o que tinhão
quize mil homẽs como dãtes: mas
quis noſſo ſenhor lembrarſe dos
Portugueſes, ⁊ abrio os olhos do
entendimento a Eytor rodriguez /
pera que viſſe claramente a treição
que lhe querião fazer, ⁊ reſpondeo
que não queria coeles partido ne-
nhũ que eſteueſſem como dantes.

¶ Capit. xl. De como as raynhas mandarão cercar a fortaleza.

VEndoſe os tres irmãos
deſeſperados de poderẽ
fazer a treição q̃ deter-
minauão, diſſerão no aas
raynhas: que conſultarão coeles
que pois não podião tomar a forta
leza por treição q̃ a tomaſſem por
guerra, porque não podia ſer q̃ tão
poucos Portugueſes como eſta-
uão nela a defendeſſem a tanta gẽte
como elas tinhão / ⁊ mais em inuer
no que era ja ho mar çarrado por ſe
rem dezanoue de Junho: ⁊ parecia
que não podião ſer ſocorridos / ⁊ lo
go ajũtarão bẽ. xv. mil naires ⁊ por
capitães os tres irmãos, a q̃ derão
cuydado daq̃la ẽpreſſa. E tẽdo eſta
gẽte jũta pera darẽ na fortaleza hũ
Arel grãde ſeruidor delrey de Por
tugal ⁊ amigo de Eytor rodriguez
ẽtrou d̃ ſupito na fortaleza cuberto

cõ hũ pano por não ser conhecido/ ꝛ lhe disse que se goardasse porque estaua muyta gente junta dos immigos pera ir logo pelejar coele. E isto dito sem mais detença se tornou a sayr: o que ouuido por Eytor rodriguez mãdou cortar hũas palmeyras que fazião hũ ẽcuberto dõde lhe podião dar combate. E andãdo hũs sete ou oyto homẽs cortãdoas/ acodio Balapulá goripo agrauandose de as cortarem/ ꝛ apos ele se descobrirão tão desupito quinze mil homẽs q̃ os Christãos da terra que morauão ao derredor da fortaleza não teuerão tempo de meter nela suas fazẽdas: ꝛ ho melhor que poderão se acolherão a ela cõ suas molheres ꝛ filhos: ꝛ isto poderão fazer porque a artelharia da fortaleza jugaua muyto rijo que assi ho mãdou Eytor rodriguez como vio os immigos/ com que matou deles obra de vinte cinco em quanto durou ho combate que foy ate noyte/ ꝛ eles roubarão ꝛ queymarão as casas dos Christãos da terra q̃ se acolherão á fortaleza/ ꝛ matarão hũ Portugues chamado Jeronimo vaz que ãdaua fora da fortaleza por hũ homizio, ꝛ dous escrauos ꝛ hũs quatro carpĩteiros ꝛ pedreiros da terra/ porq̃ trabalhauão na fortaleza. E nesta reuolta deitarão muyta peçonha no poço da fortaleza ꝛ em outro seu vezinho, que matou logo quantos peixes andauão neles, ꝛ despois ho mandou Eytor rodriguez alimpar ꝛ fazer nele hũ forte repairo pera ho defender aos immigos, que logo assentarão algũas estãcias com bombardas roqueyras q̃ mouros q̃ ali inuernauão lhe emprestarão das suas naos, ꝛ coesta artelharia tirauão á fortaleza ꝛ com muytas frechas: mas por ser a artelharia fraca não lhe fazião dano/ ꝛ porque a nossa lho não fizesse muyto fizerão muytas cauas pera se acolherem: ꝛ isto de noyte que de dia não ousauão de trabalhar por não se descobrirem a artelharia/ com q̃ os Portugueses tirauão posto que era de noyte atinando ao tõ das enxadadas. E coestes tiros perdidos matarão algũs dos immigos/ que tambem tinhão tento quando os Portugueses falauão, ꝛ tirauão muytas frechadas pelo que era necessario aos da fortaleza de vigiarẽ armados: ꝛ noue dias continos teuerão este trabalho/ ꝛ assi de corridas q̃ os imigos fazião á fortaleza de q̃ sempre ficauão no campo passante de vinte mortos cõ a artelharia, ꝛ dos Portugueses forão feridos algũs de frechadas ꝛ antreles foy Duarte varela genrro Deytor rodriguez q̃ tinha consigo ate trinta homẽs de que cinco estauão muyto doẽtes: ꝛ coestes esperaua em nosso senhor de se defender a tamanha multidão dĩmigos como defendeo não tendo na fortaleza mais que arroz/ porem pera oyto meses/ ꝛ este se comeo na fortaleza cozido em agoa tal em quanto durou ho cerco, ꝛ ás vezes ratos pera que lhes parecesse que comião carne.

¶ Capit. xlj. De como dõ Aleixo de meneses mandou socorrer a fortaleza de Coulão per dom Afonso de meneses.

NA hora q̃ os imigos
poserão cerco sobre a
fortaleza, hũ Chatim
de Cochim seruidor
del rey de Portugal
que estaua em Coulão / partio lo-
go pera Cochim ꝛ foy dizer a dom
Aleixo de meneses o que passaua. E
vendo ele ho perigo em que ficaua a
fortaleza por a pouca gente q̃ tinha
pera a defender / mandou em seu so
corro dõ Afonso de meneses filho
do conde dom Pedro muyto esfor
çado caualeyro, que foy em hũa fus
ta com dezanoue homẽs mal arma
dos ꝛ sete deles espingardeiros, ꝛ
hũ pouco de biscoito, ꝛ duas pipas
de carne / ꝛ duas carteirolas de pol
uora: ꝛ com quãto era inuerno quis
nosso senhor dar jazigo ao mar que
a fusta foy a saluamento ꝛ ẽ poucos
dias chegou ao porto de Coulão /
onde os immigos a seruirão com as
saz de frechadas ꝛ bombardadas ꝛ
com hũ espingardão ferirão ho co-
mitre da fusta de hũa perigosa fe-
rida: ꝛ dom Afonso se vio em grãde
fadiga porque não tinha parao em
que podesse desembarcar, nẽ Eytor
rodriguez não tinha nenhũ que tu-
do lhe queymarão os immigos. E
vendo que não auia outro remedio,
mandou hũ homem a nado, que fos
se dizer a dom Afonso que se chegas
se tanto a terra, que posesse nela ho
esporão / ꝛ que desembarcaria com
gẽte que lhe mãdaria da fortaleza /
ꝛ mandou ho alcayde mór com vin
te homẽs: ꝛ em saindo da fortaleza
começou de jugar a artelharia que
estaua daquela banda, porque em-
baraçasse os immigos que por serẽ
tantos não tinhão em conta os pe-
louros. E vendo que dom Afonso
desẽbarcaua poserão fogo ás suas
bombardas, ꝛ desparauão frechas
sem conto / ꝛ foy hũa bem perigosa
desembarcação. E com tudo aprou
ue a nosso senhor q̃ nenhũ dos Por
tugueses não foy ferido / ꝛ todos se
recolherão ẽ saluo á fortaleza com
as armas ꝛ adargas bem cubertas
de frechas: ꝛ cõ este socorro chega-
uão os que estauão nela a cincoẽta,
com que os immigos teuerão gran
de desprazer parecendolhes que de
cada uez que a fortaleza teuesse ne-
cessidade de socorro lho mãdarião
de Cochim. E os mouros q̃ hi in-
uernauão ꝛ desejauão muyto d ver
tomada a fortaleza lhes dizião que
não se enganassem. porque em Co-
chim não auia mais gente com que
podessem socorrer á fortaleza posto
que disso teuesse necessidade / porq̃
a leuara ho gouernador toda ao es-
treito: ꝛ mais que aquela fusta não
hia pera mais que pera leuar a Co-
chim os que estauão na fortaleza /
por isso que trabalhassem pola arrõ
bar porque os não leuasse: ꝛ despo-
is tomarião a fortaleza. E cuydan-
do os Naires que isto era assi assesta
rão hũa bombardeta grossa na fus
ta ꝛ afadigauãna muyto rijo, ꝛ ma
taranlhe hũ remeyro. O que vendo
Eytor rodriguez assentou com dõ
Afonso que fossem tomar aquela
bombarda, pera o que sayrão hũa
ante manhaã com trinta homens
ꝛ remeterão aa estancia, ꝛ derão
nos Nayres que a goardauão : a
que acodio logo Salapulá goripo
que era ho capitão daquela estãcia,

⁊ começarão d pelejar ⁊ logo Duarte varela a que era encomẽdado que com certos homẽs tomasse a bombarda remeteo a ela pera a tomar/ mas acharãna liada no repairo cõ hũs cabres tão fortes que nũca os poderão cortar com as espadas: ⁊ vendo que a não podião leuar a deixarão/ ⁊ tambem porque a gente recrecia muyto q̃ foy forçado a Eytor rodriguez recolherse o q̃ fez cõ algũa afrõta/ ⁊ ficarão sete dos immigos mortos, ⁊ mais leuaranlhe a camara da bombarda com q̃ por hũs dias lhe impidirão q̃ não podesse jugar ate que fizerão outra, ⁊ dos Portugueses não foy nenhũ ferido. E não deixãdo ainda os immigos de perseguir a fusta com outras bombardas miudas, acordarão dom Afõso ⁊ Eytor rodriguez de a mandar a Cochim. E assi ho fizerão, ⁊ por ho mar ãdar ja muyto grosso não pode mais chegar que á calé ⁊ hi inuernou, ⁊ como a fusta se partio de noyte que os immigos a não virão partir, q̃ndo foy menhã que a não virão cuydarão q̃ a gẽte da fortaleza se fora nela como lhe os mouros dizião, ⁊ mais porque não parecia ninguẽ pola fortaleza: ⁊ os mouros lho affirmarão mais. E cuydando as raynhas que era assi mandarão a seus capitães que dessem na fortaleza ⁊ a tomassem: pera o que se ajũtarão todos cõ grãdes alegrias de gritas ⁊ de tãger de trõbetas, ⁊ melhorando suas estãcias remeterão á fortaleza ⁊ começarão de lhe dar bateria cõ suas bombardas/ ⁊ porque a principal era a porta da fortaleza/ ⁊ Eytor rodriguez se temeo que a quebrassem mandou poer algũs homẽs em hũa goarita que estaua sobre a porta pera q̃ a defendessem com grãdes pedras ⁊ panelas de poluora/ ⁊ fez seu capitão a hũ Pero lourenço criado del rey de Portugal, ⁊ ele pos se embaixo no patio da fortaleza com vinte homẽs armados ⁊ mandou abrir a porta pera que os immigos entrassem se quisessem. E vendo eles a determinação dos Portugueses nã ousarão de cometer a porta, mas tirauão multidão de frechadas, ⁊ os Portugueses espingardadas ⁊ bõbardadas/ ⁊ assi esteuerão bẽ duas horas ⁊ se tornarão os imigos a recolher a suas estancias ficãdo mortos obra d trita ⁊ dos nossos nhũ.

¶ Ca. xlij. Do q̃ socedeo na guerra aos Portugueses ⁊ aos imigos.

Vendo as raynhas ⁊ os principes quão pouco dãno fazião aos da fortaleza estauão muyto agastados, em tanto que quiserão disistir da guerra se os mouros lhes nã forão á mão estranhandolho muyto: ⁊ prometendolhe que os Portugueses se auião dentregar/ assi de cãsados de se defenderem como da fome q̃ os auia da pertar. E desesperados de socorro por ho gouernador ser ao estreito õde os rumes ho auião de desbaratar/ ⁊ não auia da uer quẽ socorresse a fortaleza, por isso que esperassem de a tomar/ ⁊ fizeranlhe outra camara á bombarda grossa tal como a que lhe tomarão

os Portugueses ꝛ deitaua pelouro de ferro ꝺ peso de dez arratẽs cõ que tornarão a tirar á fortaleza/ ꝛ lhe desmancharão os curuchéos das torres, com quãto erão muyto fortes: porem nas paredes dos muros não amegauão os pelouros nada, ꝛ não auia dia q̃ não metessem na fortaleza cẽto, assi desta bombarda como doutras mais pequenas: ꝛ Deos seja louuado nunca ferirão nem matarão ninguem, saluo hũ escrauo de dom Afonso de meneses. E com toda esta opressam q̃ os da fortaleza tinhão/ principalmẽte de comerem tão mal como digo sintiãse tão esforçados pa fazer mal aos imigos q̃ quasi todolos dias sayão da fortaleza a cortarlhe os palmares/ que era a mayor offensa ꝛ dãno q̃ lhes podião fazer, ꝛ assi ho sintiã eles muyto, especialmente Matanatriuiri que estaua por capitão de hũa estãcia onde era a principal destruyção dos palmares q̃ os Portugueses fazião por terem ali os imigos grande colheita: de que os Portugueses sẽpre nestas saydas matauão algũs dos que lho sayão a defender. E ho capitão desta gẽte que saya era as mais das vezes dõ Afonso que neste cerco seruio muyto bem. E vendo Eytor rodriguez como os imigos sayão a defender ho cortar das palmeyras, mandou lhe deitar hũa cilada detras dũs valos dobra de quinze espingardeiros ꝛ bésteiros, ꝛ mandou a Duarte varela que cõ dez homẽs fosse cortar as palmeiras da parte da estãcia de Balapulá goripo, que logo sayo a lho defender com algũs Naires/ de que os da cilada matarão sete ou oyto/ ꝛ Duarte varela se recolheo, seguindo ho os imigos: a que fez rosto junto do poço como muyto bõ caualeyro que era/ ꝛ mandou aos bésteiros ꝛ espigardeiros que deissem hũa çurriada nos imigos/ ꝛ assi ho fizerão: ꝛ hũ Simão aluarez criado de Eytor rodriguez acertou a Balapulá goripo hũa espingardada por ambas as coxas q̃ lhas vazou ꝛ q̃brou lhe ho osso dũa que logo cayo no chão: ao que Duarte varela acodio pera ho tomar ꝛ coele Luys aluarez escriuão da feytoria, Afonso ferraz/ Antonio da costa, Diogo de gouuea, Pero lourenço ꝛ outros caualeyros, ꝛ trauouse hũa braua peleja por sobreuir tanta gente dos imigos que quasi afogaua os nossos, ꝛ por isso não poderão catiuar Balapulá goripo/ ꝛ Duarte varela foy ferido cõ hũa espada na sola ꝺ hũ pé, ꝛ Afonso ferraz foy ferido doutra de q̃ despois morreo/ ꝛ Antonio da costa de duas frechadas/ ꝛ assi outros: ꝛ recolheranse com muyta afrõta/ ꝛ nem por isso deixauão de sayr a cortar os palmares, o que fazião cada dia/ ꝛ de cada vez matauão gente aos imigos ꝛ lha ferião/ ꝛ dos nossos não morrerão mais que estes q̃ digo. E assi durou ho cerco ate oyto dias Dagosto em q̃ acontecerão outras muytas cousas que não escreuo por ordẽ por as não saber particularmẽte, mas os Portugueses ho fizerão sempre tãbẽ cõ ajuda de nosso senhor q̃ os imigos se espãtauão: ꝛ assi foy este hũ dos hõrrados q̃ os portugueses fizerão na India.

¶ Capit. xliij. De como a raynha de Comorim pedio paz a Eytor rodriguez ⁊ se leuãtou ho cerco da fortaleza.

Desenganadas as raynhas d Coulão ⁊ de Comorim q não podião tomar a fortaleza pois ho não poderão fazer ẽ perto de dous meses que estauão sobrela, arrependeranse muyto de terẽ começada a guerra/porque vião que fizerão nisso sua perda. E a raynha de Comorim quisera que pedirão paz ao capitão, ⁊ a de Coulão lhe disse que ele auia destar escãdalizado delas ⁊ nã auia de querer paz/que melhor seria mandala pedir a dom Aleixo de meneses q ficaua por gouernador. No q a raynha d Comorĩ não quis consentir, dizendo que a quem ela fizera a guerra a esse auia de pedir a paz. E a raynha d Coulão nã quis se não mandala pedir a dõ Aleixo/ a quem mandou hũ seu pulá pedindo perdão do que fizera/⁊ prometẽdo de ser dali por diante muyto fiel a el rey de Portugal/pedindolhe que mandasse lá com quẽ assentasse a paz/porque não se atreuia a assentala com Eytor rodriguez. E dom Aleixo despachou logo pera irẽ fazer este negocio Diogo pereyra de Cochim, ⁊ Cherinamarcar ⁊ Patemarcar mouros que fossem coele. E ẽtre tanto que hião a raynha de Comorim q desejaua dassentar paz com Eytor rodriguez mãdoulhe recado por hũa molher Christãa da terra chamada Cochicale muyto conhecida dos Portugueses, que chegou á porta da fortaleza hũa noyte dos oyto dias Dagosto rendido ho quarto da prima: ⁊ conhecida quem era despois de chamar/ ⁊ dizendo que queria falar a Eytor rodriguez da parte da raynha de Comorim/foy leuada diante dele: ⁊ ficando com dom Afonso ⁊ com ho alcayde mór/⁊ Luys aluarez escriuão da feytoria. Ela lhe disse q a raynha de Comorim ẽganada pela de Coulão q lhe auião de tomar a fortaleza per hũ ardil q Salapulá goripo ⁊ seus irmãos tinhão ordenado pera isso, se leuantara cõtrele ⁊ lhe fizera guerra, do que se arrependia muyto ⁊ confessaua que errara: ⁊ lhe pedia q quisesse coela paz, porque queria ser muyto grande seruidor del rey de Portugal/⁊ daria pera a fortaleza toda a prouisam de mantimentos de que teuesse necessidade: ⁊ dali por diante mandaria a seus filhos ⁊ a sua gẽte que mais não fizessem guerra á fortaleza. E preguntada por Eytor rodriguez se trazia algũa carta de crẽça da raynha: ⁊ dizendo que não/ lhe respondeo que a trouuesse ou viesse algũ pulá principal coela, ⁊ que então responderia a bem de feyto. E ela disse que si traria, porq a raynha desejaua muyto a paz: ⁊ assi foy que logo ao outro dia á noyte ao q̃rto da modorra tornou ⁊ coela Chanei pulá muyto pricipal na casa da raynha que entrou com seguro Deitor rodriguez/a quem despois de dar hũ grande presente de mantimẽtos da parte da raynha, lhe confirmou tambem com hũ seu recado ho mesmo que Cochicale lhe dissera a noy

te passada, pedindolhe que alē de cōfirmar a paz lhe quisesse dar seguros pera as suas naos nauegarē, τ que deuia de folgar de lha cōfirmar por a nossa fortaleza estar em sua terra, τ ser feita contra sua vontade τ de seus pulás: τ mais por não q̄rer mandar assentar paz cō dō Aleixo como fizera a raynha de Coulão, se não co ele. E contou a Eytor rodriguez como sabendo a raynha q̄ Diogo pereira estaua em Caicoulão, q̄ vinha por mandado de dom Aleixo pera assentar as pazes cō a rainha de coulão, lhe mādara dizer q̄ não entrassem em Coulão, se não que se acharia mal. E de tudo isto Eytor rodriguez mādou muytos agardecimentos á raynha, τ da sua parte lhe outorgou a paz, prometēdolhe que quando se ouuesse dassentar de todo, ele apresentaria ho muito grāde seruiço q̄ ela fazia a el rey d Portugal em desistir da guerra τ socorrer á fortaleza a tam bō tempo. O q̄ ela estimou muyto, τ fez logo afastar a sua gente de guerra: τ mādou aos seus areys que mandassem aos pescadores de sua terra que leuassem cada dia pescado á fortaleza. E tambē a raynha de Coulão desistio da guerra: τ Eytor rodriguez ficou desapressado dela, sem em todo ho tēpo que durou lhe ferirē nem matarē mais que os que disse.

¶ Capit. xliiii. De como Cherina marcar, τ Patemarcar mouros estoruarão que a raynha de Coulão não assentasse a paz que cometia, τ de como se fez despois.

Sabendo Eytor rodriguez como Diogo pereira τ Patemarcar τ Cherina marcar estauão em Caiecoulão, τ não ousauā de passar dali cō medo do raynha d Comorim, escreueo a Diogo pereira que se fosse em hū tóne por mar á fortaleza, τ que os mouros se fossē polo rio: τ assi ho fizerão. E chegado Diogo pereira a fortaleza disse a Eytor rodriguez como dō Aleixo ho mādaua ali pera reformar a paz cō a raynha de Coulão: a cujo req̄rimento aqueles dous mouros vinhão. Do que se Eytor rodriguez aqueyxou muyto, dizēdo que aq̄les mouros erā imigos dos portugueses, como ho erão quantos auia na India, τ que lhe parecia que por sua causa se não auia de fazer a paz, que ele não cōcedesse sem a raynha comprir logo hūs apontamentos, q̄ forão os seguintes.

¶ Que dētro naquele anno auia de pagar duzentos τ oytēta bares de pimenta que deuião a el rey pola fazēda que fora tomada a Antonio de sa: τ assi setēta τ dous bares q̄ deuia da quebra do peso da pimenta da carga do anno passado: τ mais treze bares que se montauão em certo dinheiro que lhe deuia, como estaua per conta certa.

¶ E auia de pagar todo quanto se roubara assi aos Portugueses, como aos Christãos da terra, quādo se pos ho cerco á fortaleza: τ assi todo ho dāno que receberão em quanto durou a guerra descrauos q̄ fugirão pera os imigos: τ mais auia logo de corregeer todo ho daneficamē

to que na fortaleza fosse feyto.

¶ E que os dereytos da igreja de sam Thome que ho modelcar dos mouros tinha tomados despois da guerra lhe fossẽ logo tornados: ⁊ por castigo disso se dessem pera sempre á igreja de sam Thome todos os dereytos que pertencião á mezquita dos mouros. E que os mouros de Cochim, Cananor ⁊ doutras partes que ajudarão naquela guerra não podessem mais tornar a Coulão / somente terião hi seus feytores.

¶ Que Salapulá gorippo ⁊ seus irmãos pola treição que quiserão fazer em tomar a fortaleza mudẽ sua viuenda pera hũa legoa da fortaleza/ ⁊ achando os de Changuacheri pa a fortaleza os podessẽ matar.

¶ Que a raynha de Coulão ⁊ a de Comorim ⁊ os regedores pola treição ⁊ guerra que fizerão pagassem cem bares de pimenta, ⁊ assi se obrigassem a dar dous mil bares pera a carrega que se esperaua de fazer/ ⁊ isto polos preços de Cochim.

¶ E que disesse á raynha ⁊ ao regedor q̃ se não quisessem outorgar ⁊ comprir estes apontamentos que soubessem certo que em todos os portos del rey de Coulão não ficaria nao assi suas como destrangeiros q̃ não fossem tomadas ou metidas no fundo como de immigos.

¶ E coestes apõtamẽtos foy Diogo pereyra falar á raynha de Coulão indo coele Luys aluarez escriuão da feytoria, ficando por eles arrefens na fortaleza: ⁊ forão coeles Patemarcar ⁊ Cheirinamarcar/ que tanto que lhes foy lido perãte a raynha ho apontamẽto que dizia que auia de pagar a quebra da pimenta, não ho poderão sofrer/ ⁊ apartandose logo com a raynha lhe disserão q̃ se auisasse que por nenhũ modo assentasse a paz com a condição daquele apontamento/ porque não somente ela era perdida em pagar a quebra da pimenta ⁊ poer tal costume / mas os mercadores de Cochim ⁊ de todas as outras partes em que vendião pimẽta a el rey de Portugal. E como a raynha cria muyto nestes mouros/ tomou seu conselho ⁊ não quis assentar a paz: ⁊ assi se tornou Diogo pereyra coeles pera a fortaleza sẽ tomar nenhũ assento com a raynha. E este auiamento derão em os dom Aleixo mandar a Coulão: do que se Eytor rodriguez aqueixou muyto cõ Diogo pereyra, porq̃ logo foy certificado do conselho que derão aa raynha, ⁊ disselho desenganando os que se a raynha não pagasse a q̃bra da pimenta q̃ ela perderia mais do que ganhaua, ⁊ ho mesmo auia de ser dali por diante em Cochĩ ⁊ nas outras partes onde se compraua pimẽta pera carregação das naos. E vendo Diogo pereyra que sua estada em Coulão era debalde tornouse a Cochim cõ os mouros, ⁊ com quanto não se tomou assento na paz, não tornarão as raynhas a fazer guerra á fortaleza ⁊ despois se fez a paz.

¶ Capit. xlv. De como ho gouernador partio Dormuz pera a India ⁊ os nossos tomarão duas naos de mouros/ ⁊ do mais que passou.

HO gouernador que inuernaua em Ormuz deixando assentado tudo o que era necessario se partio pera a India na fim dagosto/ & foy ter a Mazcate onde estaua a armada dos nauios grossos/ & ali forão ter coele os mouros que hião em goarda de Jeronimo de sousa & dos outros nossos. E sabendo ho gouernador o que passaua, fez merce aos mouros, & mandou por eles hũ rico presente a seu señor polo gasalhado que fizera aos nossos: & despois se partio pera a India & leuou a rota da ponta de Diu / & naquela trauessa topou per diuersas vezes duas naos de mouros que forão tomadas & hũa se rendeo sem peleja/ & outra tomou por força darmas Ruy uaz pereyra (que se ajuntou em Mazcate com ho gouernador) & ajudou ho Nuno fernandez de macedo/ & foy tomada cõ morte de muytos mouros que se defenderão valentemente. E tomadas estas naos foy se ho gouernador dereyto á põta de Diu com determinação de ho tomar se ho achasse pera isso, que assi dizia que lho mandaua el rey seu senhor se lhe não dessem nele fortaleza: & porem que fosse sem morte de gente. E isto não dizia ele de praça, somente que hia pera recolher Fernão martinz euangelho que estaua hi por feytor auia ãnos: & chegado á barra surgio & mandou chamar Fernão martĩz, de quem soube que Meliquiaz não estaua em Diu que ho mandara el rey de Cambaya fazer guerra aos resbutos, & que em seu lugar deixara Meliquesaca seu filho/ & por seu gouernador hũ seu parente mouro & tartaro de nação chamado hagamahmut / & q̃ Diu estaua forte com baluartes que tinhão muyta artelharia: & de contino estauão no porto cincoẽta sessenta fustas bem artilhadas. E sabido isto polo gouernador chegou ali Gaspar da silua, que como disse leuaua a capitania de hũa nao da armada de Jorge debrito: q̃ passado ho inuerno partio coele de Moçãbique onde inuernou/ & foy tanto abaixo que foy ter a Diu/ & conhecẽdo a nossa frota se chegou a ela/ & deu ao gouernador hũa via de cartas que lhe trazia del rey de Portugal, em que lhe mandaua q̃ não lhe querẽdo el rey de Cambaya dar fortaleza em Diu que fizesse guerra a Cambaya & procurasse por tomar Diu com ho mayor resgoardo que podesse que lhe não matassem gẽte. E sabẽdo ho gouernador q̃ Diu estaua tão forte / dissimulou pera outro tempo/ & mãdou dizer a Melique, que pois se pay ali não estaua que não se queria mais deter/ & foy se a Goa com determinação de tornar sobre Diu com grãde armada. E sabendo em Goa como aquele inuerno fora morto d̃ noyte João viegas alcayde mór da fortaleza / não fez sobrisso nada: posto que se dizia pubricamente que ho mandara matar ho capitão, & d̃ Goa se foy a Cochim, onde achou Jorge de brito cõ os capitães q̃ inuernarão coele saluo Gaspar da silua: & Jorge de brito lhe deu cartas del rey de Portugal/ em q̃ lhe mãdaua fazer muytas cousas como direy a diante.

¶ Capi.xlvi. De como Meliqueaz mandou hũ embaixador ao gouernador pera saber se se apcebia pera ir a Diu.

Meliq̃ saca filho de Meliq̃az capitão de Diu vẽdo a pouca detença que o gouernador fizera no seu porto. E sabẽdo despois a frota que fazia em Cochĩ, porque logo se soube pelos mouros, sospeitou se seria pera ir sobre Diu: porque ainda q̃ a paz estaua assentada ãtre seu pay ꝛ elrey de Portugal bẽ saba iq ue a tinha quebrada, cõ trazer as fustas que trouuera dar mada todo ho tẽpo de Lopo soarez assi cõtra os nossos / como cõtra seus amigos / ꝛ q̃ ho gouernador podia cõ rezão fazerlhe guerra: ꝛ q̃ faria aquela armada pera ir sobre Diu, ꝛ por cõselho de Hagamahmut, pera saber se era assi ꝛ abrãdar ho gouernador dalguã colera se a teuesse: mãdoulhe hũ ẽbaixador, que foy hũ mouro hõrrado chamado Camalo / a q̃ principalmẽte encomendou muyto que trabalhase por saber ou ẽtender cõ q̃ determinação ho gouernador fazia aquela armada: ꝛ deulhe hũa carta de crença pera ho gouernador a quem mandou dizer que lhe pesara muyto de se ir tão asinha do seu porto / por lhe não poder fazer parte dos seruiços que desejaua como seruidor del rey de portugal ꝛ muyto grande amigo dos seus gouernadores, ꝛ pois ho não podera ver ho mandaua visitar por aquele embaixador / ꝛ saber se mandaua dele ou de sua cidade algũa cousa: porque ho faria como vassalo del Rey de portugal q̃ era. E mandoulhe hũ carro triunfal muyto fermoso ꝛ marchetado cõ muytos laços de marfim, ꝛ pera ho tirarem quatro bois dandadura, q̃ são de muyto preço: ꝛ tinhão os cornos muyto bẽ dourados / ꝛ este mouro foy em hũa naueta: ꝛ chegado a Cochim deu sua embaixada ao gouernador ꝛ ho carro q̃ lhe leuaua: cõ que elle folgou muyto pera ho mandar a elrey seu senhor, como mandou nas naos q̃ aquele ãno forão cõ a carrega pera ho reyno. E sendo ho gouernador auisado por algũs q̃ ho sospeitarã que Camalo vinha a descobrir terra se era pera Diu a armada que se fazia: não ho quis despachar ꝛ deteueo com dissimulações ate que ho leuou consigo quando partio pera Diu / porque não fosse dar noua a Meliqueaz que hia.

¶ Capit.xlvii. De como Meliq̃saca ꝛ Hagamahmut souberão que ho gouernador hia a Diu ꝛ de como se fortalecerão.

Espachadas as naos da carga que auião de ir pera portugal: partiose pa goa pa da hi se ir a Diu ꝛ leuou em sua conserua ho embaixador de Meliqueaz, que entẽdendo bem ho porque ho gouernador ho detinha como se vio no mar apartouse hũa noite dele, ꝛ tirou seu caminho pa Diu

onde chegado contou a Melique-
saca ꝛ a Hagamabmut o que en-
tendera no gouernador, ꝛ como
lhe fugira: ꝛ caindo ele na mesma
sospeita que ho seu embaixador ti-
nha/ fortaleceo logo Diu ho mais
q̃ pode. Do baluarte do mar ao da
terra atrauessou hũa cadea de fer
ro muyto grossa: q̃ se leuãtaua ꝛ a
baixaua, pa ha nossa armada não
poder entrar. E se fosse caso que se
aquela cadea quebrasse ou cortasse
mandou a de dentro dela poer cer
tas naos cheas d̃ pedra ꝛ de terra
cõ rõbos por baixo tapados pera
que em a cadea quebrando os des-
tapassẽ ꝛ se fossem ao fundo/ ꝛ im-
pedissem que a nossa armada não
podesse entrar no porto. E fortale
ceo os muros ꝛ baluartes d̃ mais
artelharia do q̃ tinhão, ꝛ detras
desta cadea estauão as suas fustas
muyto bem artilhadas, ꝛ a fora a
muyta soma dartelharia: ꝛ muni-
ções que tinha/ aiũtou a mais gẽ-
te de guerra q̃ pode a fora a que ti-
nha de contino que era toda esco-
lhida. E assi ficou Diu hũa força
grandissima.

¶ Capi. xlviij. De como ho gouernador se partio pera Diu/ ꝛ chegou ao seu porto.

DEspois que ho ẽbai
xador del rey d̃ Cã-
baia desapareceo da
conserua do gouer-
nador: seguio ele por
sua viagem: ꝛ visitã-
do de caminho as fortalezas da
costa foy ter a Goa: onde despois
de sua chegada, chegou Antonio
correa de Malaca: q̃ achãdo noua
ẽ Cochi da rota q̃ ho gouernador
leuaua/ se foy logo apos ele pa ser
no feyto d̃ Diu. E acabãdo ho go-
uernador de se fazer prestes de to-
do em Goa: se partio pera Chaul
onde ho estauã esperando parte da
armada: que com a que hia coele se
auia dajuntar ali toda. E chega-
do a barra de Chaul fez no mar
conselho com todos os capitaẽs
da frota/ ꝛ fidalgos/ ꝛ pessoas pri
cipais q̃ hião nela. Em q̃ declarou
como lhe el rey mãdaua tomar
Diu se lhe não dessẽ nele fortaleza:
ꝛ ali foy assinado per todos q̃ Diu
se deuia de tomar se lhe não dessem
fortaleza, porque não se toman-
do se criaria ali hũa força que des
pois daria muyto que fazer/ ꝛ q̃
pera ho trato de Malaca cõpria
muyto a seruiço del rey de Portu
gal: de ter fortaleza ẽ Diu. Isto de
terminado mandou ho gouerna-
dor a hũ fidalgo chamado Pero
lourenço de melo capitão de hũ
galeão, que por saber bẽ das cou-
sas da guerra fosse diãte/ com hũ
caualeiro chamado Jorge diaz ca
bral q̃ tinho ho mesmo saber: que a
prendera ẽ Italia cõ muytas mos-
tras de grande valẽtia/ ꝛ que vissẽ
ãbos a desposição d̃ Diu: ꝛ por on
de se poderia cõbater auẽdo disso
necessidade: ꝛ assi mãdou coeles al
gũs capitaẽs de fustas ꝛ bargan-
tis. E abalou apos eles com todo
ho resto da armada que seria bem
doitenta velas, antre naos gros
sas/ galeões/ nauios redondos/
gales/ carauelas/ fustas/ ꝛ bar-
gantis, de que os capitaẽs princi-

pais/forão dom Aleixo de menesses/dom Johão de lima/Christouão de sá Christouão correa, Ruy vaz pereira, Pero lourēço de melo, Dinis fernãdez de melo, Francisco de mendoça, Andre de sousa chichorro/ Lopo dazeuedo/ dom Jorge de meneses/ Diogo fernandez de beja/ Frãcisco de tauora/ Antonio de brito de sousa/ Geronimo de sousa, Frãcisco d sousa tauares, Antonio raposo/ Rafael perestrelo/ Rafael catanho/ Jorge dalbuqrq, Jorge d brito/ Andre diaz/ Pero da silua/ Antonio correa, Aires correa, Fernão gomez de lemos, Nuno fernãdez de macedo, Gõçalo d loule, Antonio de brito, Gõçalo pereira, Gaspar doutel, e Manuel velho. E nesta armada hião perto de tres mil Portugeses: e ela muyto bē apercebida dartelharia/ e de grãde soma de muniçoēs de guerra: q̄ a parecer de todos era pa tomar Diu. A cuja barra ho gouernador chegou na entrada de Feuereiro, e ao surgir da armada: por Christouão correa e Gõçalo de loule hirē surgir diante de dom Johão de lima que ja estaua surto: ouue ele menēcorea, e por não ter lugar onde surgise diante deles: se não á lagia leuouse e foy surgir sobrela. E por dom Johão surgir naquele lugar: parece que cuidarão algũs capitães q̄ era pera baterē a cidade per mar. E começouse toda a gēte daluoraçar, e poerse em armas: e de certos nauios tirarão algũas bõbardadas/ e foy a cousa de maneira, q̄ os mouros cuidarão verdadeiramēte q̄ os q̄rião cometer: e se os portugueses ho fizerão tomarã a cidade por auer nela pouca gēte/ e essa cõ grãde medo: porē acodirã todos aos muros e baluartes. E Hagamahmut e Meliq̄ se mãdarão logo q̄ixar ao gouernador dizēdo: q̄ se auia pazes ãtrele e Meliq̄az, q̄ como lhe q̄ria tomar a cidade. E ele respõdeo q̄ não q̄ria/ que aquilo era desmãdo de gēte de guerra: que esteuessem seguros. E mandou logo a todos os capitaēs que esteuessem quedos: e a dõ Johão de lima: que se leuasse donde estaua e saisse pera fora: e querēdo ho ele fazer não pode por vazar a mare/ e ouuera de ficar ē seco: e perderse ho galeão se lhe não acodirão ē bateis cõ q̄ ho rebocarão pera fora. E se os mouros q̄ estauão nos muros poserão fogo a sua artelharia meterão muytos dos nossos nauios no fundo. E sabēdo ho gouernador ho risco q̄ correo ho galeão de dõ Johão de lima/ e pola reuolta de q̄ foy causa: ouue tamanha menēcoria q̄ ho mãdou chamar e prēdeo tirandolhe a capitania do galeão. E passada esta furia q̄ lhe algũs fidalgos falarão ho soltou/ e lha tornaua a dar: e ele a não quis agrauãdose muyto do gouernador, e tornouse pera Cochi. E ho gouernador deu a capitania do galeão a Nuno fernãdez d macedo: e a sua carauela deu a Manuel de macedo seu irmão.

¶ Capt. xlix. De como ho gouernador se vio cõ Meliquesaca e com Hagamahmut.

Meliquesaca e Hagamahmut que virão no seu porto hũa frota tão poderosa como ho gouernador leuaua/ouuerão grãde medo de ho gouernador q̃rer tomar a cidade: e se algũa esperança tinhão de não ser assi, era a nossa feitoria que estaua ẽ Diu. E por isso prẽderão Fernão martĩz euangelho ho feytor: e outros q̃ estauão coele/ pera que não fugissẽ pera a frota. E despois dauer algũs recados antreles e ho gouernador sobrelhes mãdar pedir Fernão martĩz e eles lho não quererem dar. Foy concertado antreles que se vissem: ho que tambem Hagamahmut não queria consentir por que se receaua que nesta vista fosse tomado pelos nossos com Meliquesaca/ e por derradeiro se virão ãbos cõ ho gouernador õde se chama a calbeta: e este lugar escolheo ho gouernador por ser enformado por Pero lourẽço de melo e por Jorge diaz cabral, q̃ tinha a cidade daquela parte ho muro baixo: e se fazia ali hũa grande praya, e que se podia dar cõbate ou escalar a cidade. E pera ho gouernador ho ver cõ os outros capitães: quis que a vista fosse ali/ e que ele estaria no mar com algũs capitães. E Meliq̃saca e Hagamahmut em terra com algũa gente, e assi se fez. E a concrusão de sua pratica foy dissimular ho gouernador que não hia pera tomar Diu/ nem fazerlhe guerra: somente hia cõ aq̃la armada por mandado del Rey de Portugal seu senhor: pera da sua parte pedir a Meliqueaz que lhe deixasse ali fazer hũa fortaleza em q̃ podesse ter segura sua feitoria/ porque lhe não acontecesse ho que em Calicut, Coulão / e Malaca, acontecera/ e não querendo que a fizesse: q̃ não deixasse estar hi mais sua feitoria / e q̃ sobristo lhe dissessem ho que determinauão. E eles respõderão que Meliqueaz não estaua na cidade/ e que eles não podião dar fortaleza: nem entregar lhe Fernão martĩz com a feitoria sem licença de Meliqueaz: porque em quanto a tiuessem na cidade estarião seguros de lhes não fazer guerra: e isto disse Hagamahmut por que entendeo no gouernador que lhe auia de fazer guerra. E posto que ho gouernador repricou a esta reposta, não tomarão outra cõcrusão: e assi se apartarão. E Hagamahmut fortaleceo logo aq̃le lugar: porque como era muyto prudente entendeo bem ho gouernador que determinaua de dar na cidade por aquele lugar. E aqui se fez despois hũ baluarte/ a que os nossos chamarão de Diogo lopez por se chamar assi ho gouernador que foy causa de se fazer/ em se entender nele que auia de cometer por ali a cidade que com hum baluarte naquele lugar ficaua forte de todo.

¶ Capit. l. De como ho gouernador se mudou, do conselho que tinha de tomar Diu: e de como mandou ver ho rio de Madre faba pera fazer hi fortaleza.

DEspois disto não se soube a causa porque afroxou ho governador do impeto cõ que hia pera tomar Diu/ & esfriou tãto disso: que sem querer cõselho pubrico ẽ que propojesse as causas que auia pera ho não tomar, & cada hũ dissese ho q lhe parecia. Chamou hũ dia a sua camara (onde estaua so cõ ho seu secretario) a cada hũ dos seus capitães: & fidalgos da frota. E dizialhes bẽ sabeis que foy aqui nossa vinda por mãdado del rey meu senhor pera tomar esta cidade/ que eu cuidey q podessemos tomar: pola calheta que os mouros fortalecerão logo, depois que virão que eu vi quam fraco estaua ho muro da quela bãda/ & pera sairmos em terra & escalala, os muros sam muyto altos/ & nela ha muyta gente: vede o q poderemos fazer, & pera lhe darmos bateria do mar, dizemme os bombardeiros que lhe não poderemos fazer nojo/ porque não tirarão certo com ho arfar dos nauios, agora vede ho que vos parece. E quando os capitães, & fidalgos: se virão perguntar da quele modo tendo assentado quanto importaua tomarse Diu/ se Meliqueaz não desse fortaleza: ficarão muy espantados daquele modo de fazer conselho. E entendendo no governador que não queria pelejar todos por lhe fazer a vontade/ dizião que não pelejasse, & do que cada hũ dizia fazia ho secretario hum termo & assinauamno. Mas Francisco de sousa tauares que tinha do governador que se Diu se combatesse esteuesse antre ho baluarte do mar & ho da terra na sua nao: por lho assi pedir/ não lhe parecendo bem ho que ho governador dizia/ não quis dizer senão a verdade, & disselhe que por mais gente que aquela cidade tiuesse/ nem por mais altos que os muros fossem: que deuia de desembarcar & trabalhar por escalar a cidade/ porque não ho fazendo assi pareceria grande couardia/ & os mouros perderião de todo ho credito que tinhão em nos: & terião ousadia de andar com suas fustas. E outro tanto fez Diogo fernandez de beja que lhe disse com grande menencorea, que ja era tempo que se não fossem saõs de Diu & que não se auião de ir ate lhes não qbrarẽ os braços & as pnas/ & q nũca auião d ter outro tempo como aqle pa tomar Diu. E cõ tudo ho governador não quis pelejar: do q se todos espãtauão muyto & auia ãtreles grãde murmuração. E quando a gente darmas vio que se tardaua em dar combate a cidade: ficarão todos muyto descontentes/ polo grande aluoroço que leuauão pera a combater, & muytos dagastados dizião mal do governador: & que não podia ser senão que fora peitado de Meliquesaca que não pelejase por não tomar a cidade: & assi outras cousas q diz a gẽte miuda quando os prĩcipes ou capitães não fazẽ as cousas segũdo seu parecer: & depois disto foy Fernão martĩz ho feytor d Diu cõ recados d Meliqsaca

⁊ de Hamabmut ao gouernador
⁊ tornou a eles cõ repoſta ſobre lhe
darẽ lugar pera fortaleza, ⁊ que ſi
caria a hi Diogo fernãdez de beja
cõ gente ⁊ nauios pera a fazer. E
Diogo fernandez foy a terra al-
gũas vezes ver ho ſitio onde ſe fa-
ria, ⁊ tomar medidas do chão que
ſeria neceſſario/ ⁊ tudo erão diſſi-
mulações. E neſte tẽpo mãdou ho
gouernador Antonio correa ao
rio de Madre faba cinco legoas d
Diu, a ver ſe ſe poderia hi fazer for
taleza porque bẽ ſabia que a não
auia d fazer ẽ Diu/ ⁊ mãdou coele
Iohão de Coimbra piloto mor da
India pa ſõdar ho rio ⁊ hũ Diogo
de la puẽte meſtre das obras de pe
draria pera ver ho ſitio da terra,
⁊ ſe auia pedra pera fazer cal: ⁊ fo-
rão ẽ hũa cotia por irẽ mais diſſi-
muladamẽte/ ⁊ ẽtrados dẽtro na
barra do rio forão Iohão de coim
bra ⁊ Diogo de la puẽte por ele aci
ma na barquinha da cotia ate a
pouoação de Madrefaba pera to
mar ẽformação daquilo a q̃ hião:
⁊ vẽdoos os mouros hir daquela
maneira como ſão ſoſpeitoſos/ ſoſ
peitãdo q̃ hião fazer algũ mal prẽ
derãnos ⁊ mãdarãnos a Melique
ſaca/ ⁊ auẽdo viſta da cotia ẽ que
Antonio correa ficaua/ eſ bõbarde
arãna de maneira q̃ correo muyto
perigo d a meterem no fundo: ſem
Antonio correa ſe poder ſair por
ſer enchente de mare: ⁊ ſayoſe com
vazante ſem mais eſperar porque
bem ſoube que erão preſos Iohão
de coimbra ⁊ Diogo de la puẽte, q̃
achou em poder do gouernador
quando chegou a ele, que lhos ti-
nha Melique mandado logo co-
mo lhos derão. E eles diſſerão ao
gouernador que ſe podia fazer hũa
boa fortaleza em Madrefaba.

¶ Capitolo .lj. De como auendo ho gouernador dir inuernar a Ormuz deixou na India em ſeu lugar a dom Aleixo d meneſes.

E Por iſſo determi-
nou ho gouernador
de a fazer naquele
rio pois não podia
em Diu: porque da
li aueria trato pera
Malaca: ⁊ pera çofala ⁊ faria tan-
ta guerra a Diu q̃ Meliqueaz aue
ria por bem de ter verdadeira paz
com os noſſos, ⁊ ſe forçadamen-
te não ouuera dir inuernar a Or-
muz cometera de fazer logo a for-
taleza/ mas não podia por eſta ida
que auia de fazer: ⁊ determinou
de fazer a fortaleza quando torna
ſe/ ⁊ que teria mais tempo pera
iſſo. E em ſua auſencia deixou ho
poder de gouernador a dom Alei-
xo de meneſes: a quem mandou pe
ra Cochim cõ as gales pera hi in-
uernar, ⁊ que na entrada do ve-
rão ſeguĩte tornaria coelas a Ma
drefaba onde ho acharia fazendo
a fortaleza. E deſpachou a Iorge
dalbuquerq̃ pera Malaca: ⁊ que
foſſe com dom Aleixo ate Cochim
onde lhe daria embarcação, ⁊
aſſi a Iorge de brito pera Malu-
co ⁊ Rafael catanho ⁊ Rafael pe-
reſtrelo pera a China / nas ſuas
naos: ⁊ todos forãa debaixo da bã
deira de dõ Aleixo ate Cochim.

¶ Capi.lij. De como ho gouernador mandou pedir a Nizamaluco senhor de Chaul lugar pera fazer hũa fortaleza: & se partio pera Ormuz.

PArtido dõ Aleixo de meneses, por ho gouernador ter necessidade de mantimẽtos pera a viagẽ Dormuz foy tomalos a Chaul: & deixou no porto de Diu a Diogo fernãdez de Beja por capitão mor de Manuel de Macedo & de Anrique de macedo capitães d duas carauelas, pera que recolhesse Fernão martinz & a feitoria/ que bẽ sabia q̃ lhe não auião Meliq̃ nem Hagamahmut de dar fortaleza. E mandoulhe q̃ tãto que ouuesse a feitoria/ q̃ lhes pubricasse a guerra/ & se fosse a Ormuz. E despois disto como digo se partio pera Chaul: & por os noroestes serẽ rijos se foy á ilha de Danda, que tinha porto abrigado, & hi lhe leuarão os mãtimentos. E de Danda mãdou Fernã camelo por embaixador a Nizamaluco senhor de Chaul pera que lhe deixasse fazer hũa fortaleza em Chaul: & ele es pedido, se partio pera Ormuz na fim d Feuereiro: & forão coele estes capitães Nuno fernãdez de macedo/ Christouão de sá/ Ruy vaz pereyra. Pero lourẽço de melo/ Lopo dazeuedo, Frãcisco de sousa tauares. Francisco de tauora. Antonio de brito de sousa/ Pero da silua. Ayres correa. Antonio correa Gaspar doutel, Gonçalo pereira/ & Manuel velho. E despois de ir ter a Mazcate foy fazer agoada a Teuhi ou Teiue como lhe todos chamão. E partido dahi na entrada de Mayo dia de sancta Cruz, apareceo hũa nao de mouros q̃ vinha de Ormuz: & ho primeiro capitão que chegou a ela foy Frãcisco de sousa tauares: & entregandose lhe os mouros a leuou ao gouernador/ que posto que soube q̃ era de Cãbaya/ & que leuaua seguro/ lho não quis goardar/ por amor da guerra que lhe auia de ser feyta, & mandou tomar a nao pera el rey & quãtos hião nela: & forão achados nela vinte mil pardaos em tangas & fazenda que valia mais/ & ho gouernador pedio a Francisco de sousa tauares que fosse nela te Ormuz pa ir bẽ goardada: & ele o fez assi.

¶ Capit.liij. De como Diogo fernãdez de beja ouue Fernão martinz/ & os outros que estauão ẽ diu, & se foy pera Ormuz.

DIogo fernãdez de beja q̃ ficaua no porto de Diu pera fazer a fortaleza: bẽ entendeo, q̃ lhe não auia Melique saca de dar lugar pera a fazer: & que tudo aquilo forão manhas pa antreter ho gouernador que não tomasse a cidade: & q̃ ho fizerão ali ficar por dissimulação/ cuydando q̃ tendoo em Diu teriã a nossa paz segura. E tendo ele isto por certo/ trabalhou por auer Fernão martinz & os outros na nao/ em que não ouue tamanha goarda despois q̃ se ho gouernador foy como dantes. E por isso ouue facilmente a fazenda del rey com cor

de ser ho fato dos nossos que esta-
uão em terra. E despois de ser a
fazenda na nao recolheose Fernão
martiz hũa noyte com os outros:
& logo ao outro dia Diogo fernã
dez mandou pubricar a guerra a
Meliquesaca, mandandolhe dizer
que despois de Meliquiaz assen-
tar paz com Afõso dalbuquerque:
os gouernadores da India lha
goardarão sempre/ & ele não: porq̃
logo em tempo de Lopo soarez ar-
mara fustas & fazia guerra a nos-
sos amigos/ & mandara fazer re-
presaria no nosso feytor que nunca
quisera dar ao gouernador com
quanto lho mandara pedir tantas
vezes: & cuydando que ho engana
ua lhe prometera fortaleza que ho
gouernador sabia que lhe nã auia
de dar, nẽ ho deixara ali pera mais
que pera ver se podia auer ho fey-
tor & os outros nossos, & que ago
ra que os tinha soube se que el rey
de Portugal mandaua quebrar a
paz/ & que lhe fizessem guerra da-
li por diante: & que lho fazia saber
porque os Portugueses não fa-
zião guerra aa treição como os
mouros se nã de praça. E despois
que Diogo fernandez mandou es-
te recado a Meliquesaca, disselhe
Fernão martiz que se fossem logo
porque as fustas de Diu auião de
sayr logo a pelejar coele/ & que cor
ria risco porque andauão cõ muy-
ta gẽte & artelharia. E Diogo fer
nandez se rio/ dizendo que se vies-
sem q̃ as meteria no fundo/ & vin-
da a maré sayrão logo as fustas &
Agamahmut por capitão mór, &
mãdou jugar toda artelharia mui
fortemẽte, & que se chegassem aos
nossos nauios & que os cercassem/
principalmẽte a nao de Diogo fer
nandez/ em que ferirão muytos &
matarão algũs, & apertarão tão
rijo pera a cercarem com quãto os
nossos lhe tirauão com artelharia
que a Diogo fernandez lhe pare-
ceo mal esperalos que erão muy-
tos em demasia, & estaua ja em tã-
to aperto que lhe foy necessario
cortar as amarras cõ que estaua
surto, porque não ouue vagar pe-
ra leuarem as ancoras/ & ho mes-
mo fizerão os outros nauios, &
dãdo aas velas acolherãse todos
tres a Ormuz: õde chegarão auẽdo
dez dias q̃ o gouernador chegara.

¶ Capit. liiij. De como partirão de Cochim Jorge dalbuquerq̃ pera Malaca & Jorge de brito pera Maluco.

Dom Aleixo de meneses
que foy pera Cochim
despois que laa chegou
despachou Jorge dalbu
querque que auia dir por capitão
pera Malaca/ & seu genrro dom
Sancho anrriqz por capitão mór
do mar. E sendo prestes a armada
que auia de leuar, se partio de Co
chim a vinte cinco Dabril de mil &
quinhentos & vinte hũ/ & ele foy ẽ
hũa nao q̃ auia nome sancta Bar-
bara, & Rafael catanho que hia pe
ra a China em outra, & Dinis fer-
nandez de melo em hũ nauio: & iriã
nestas tres velas perto de duzen-
tos homẽs darmas todos Portu
gueses & ãtreles muytos fidalgos

⁊ gẽte escolhida/ ⁊ despois de par
tido Jorge dalbuquerq̃ partiose
Jorge de brito pera ir a Maluco a
seys dias do mes d̃ Mayo/ ⁊ leuou
hũa armada de oyto velas/ de que
a fora ele que hia nũa nao forã por
capitães Christouão correa dum
galeão/ Francisco godiz/ ⁊ Chris
touão pinto de dous nauios de ga
uia: ⁊ Lourenço godinho de hũa
carauela, ⁊ Antonio de brito seu
irmão de Jorge de brito doutra q̃
ficou em Cochim acabando de se a
parelhar/ ⁊ Gaspar galo de hũa fu
sta. E em toda esta armada não le-
uou mais de trezẽtos homẽs/ por
que os que hião dirigidos pera ir
coele lhe fugirão quasi todos como
souberão que auião de ir a Malu-
co, q̃ ho descobrio ho gouernador
tanto que vio as prouisões de Jor
ge de brito/ ⁊ isto por lhe q̃rer mal.

Capit. lv. De como dom Jorge de meneses foy em ajuda del rey de Cochim contra el rey de Calicu.

NEste tẽpo auia guer
ra antre os reys de
Cochĩ ⁊ de Calicu,
como semp̃ ate li fo-
ra: ⁊ a causa era por
amor da morte dos
principes de Cochim que ho rey d̃
Calicu passado matara na batalha
que ouue coeles no passo do vao: ⁊
porque queymou Cochim ⁊ ho de
struyo como disse no liuro primei-
ro desta historia: ⁊ mandaua ho co
stume dos reys de Cochim que q̃l
quer deles auia de vingar esta inju
ria, cõ matar qualquer rey de Ca
licu, ou outros tãtos dos seus prĩ
cipes, como forão mortos pela gẽ
te de Calicu no passo do vao: ⁊ que
auia de fazer outra tal destruyção
em Calicu como fora feito em Co-
chim, ⁊ despois lauarse el rey de co
chim nos tanques del rey de Cali
cu: ⁊ co isto ficaua satisfeito ⁊ vin-
gado de sua injuria. E porque ain
da nenhũ rey de Cochim tomara
esta vingança duraua a guerra an
tre le ⁊ ho de Calicu/ que como era
mais poderoso de gente, hialhe sẽ
pre melhor na guerra: ⁊ porisso el
rey de Cochim pedio socorro a dõ
Aleixo de meneses que ficaua por
gouernador/ que posto que el rey
de calicu era amigo del rey d̃ Por
tugal, não negou ho socorro a el
rey d̃ Cochim polo soster que não
fosse desbaratado, ficaua el rey de
calicu mais poderoso, do que era
cousa muyto perjudicial pera ho
estado del rey de Portugal: ⁊ man
dou em sua ajuda a dom Jorge de
meneses filho de dom Rodrigo de
meneses caualeiro de muyto esfor
ço, com que mandou trinta Por
tugueses besteiros ⁊ espingardei-
ros com que pelejou tã valentemẽ
te em ajuda del rey de Cochim cõ
tra el rey de Calicu, que ho desba
ratou muytas vezes: ⁊ em que dõ
Jorge fez cousas muyto assina-
das que não conto particularmẽ
te/ porque as não soube se não em
soma. E vendose el rey de Calicu
desbaratado tãtas vezes recolheo
se pera suas terras que dantes an-
daua polas del rey de Cochim/
que não sabia seruiços nem honr-
ras que não fizesse a dom Jorge q̃

teue consigo todo ho inuerno com licença de dom Aleixo pera estar seguro del rey de Calicut.

¶ Capit.lvj. De como sabendo el Rey de Portugal quã mal se gastauão as rendas do reyno Dormuz, mandou recolher o que sobejaua do gasto do reyno: ꝛ pera ho saber mandou que ouuesse officiaes Portugueses nalfandega Dormuz.

Quando Afonso dalbuquerque tomou a primeyra vez Ormuz despois d desbaratar Cojeatar ꝛ sua armada fezse elrey Dormuz que ẽtão era vassalo del rey de Portugal por se dar por vencido. E pedindo mia a Afonso dalbuquerque / fezse vassalo del Rey de Portugal / ꝛ confessou per hũa escriptura pubrica assinada por ele ꝛ por Cojeatar, ꝛ polos principais Dormuz, ꝛ assinada de seus selos q̃ da mão del rey d Portugal recebia ho reyno, ꝛ se obrigaua dali por diãte a pagarlhe vinte mil xarafins de parias cadãno: ꝛ este contrato mostrou el rey de Portugal despois a doutores theologos que lhe dissessem se ho reyno Dormuz era seu / ꝛ dizendolhe que si, ho teue dali por diante por seu. E sabẽdo que era tiranizado polos goazis Dormuz q̃ gastauão mal trezentos mil cruzados que lhe dizião que rendia a massa do reyno, determinou de saber se era assi, ꝛ achando ser verdade auelos ꝛ fazer deles todo ho gasto do reyno ꝛ ho resto ajũtalo em thesouro. E pera isto quis poer officiaes na alfandega Dormuz ꝛ nas outras dos outros lugares do reyno ꝛ mandou ao gouernador por hũa prouisam q̃ foy na armada de Jorge de brito que fosse meter de posse estes oficiaes que mandaua / ꝛ fizesse duas fortalezas em Ormuz a fora a que estaua feyta, hũa no Bãdel que era onde descarregauão as naos / ꝛ outra em outra parte, porq̃ pera segurãça da terra erão ambas ali necessarias, ꝛ q̃ as prouesse ambas dartelharia ꝛ de gente / em que entrarião oytẽta homẽs de caualo: ꝛ q̃ nenhũ dos nossos pousasse na cidade se não que se recolhessem todos a estas fortalezas porque esteuessem ali seguros se se el rey Dormuz quisesse aleuantar por amor dos officiaes que se punhão, ꝛ que posesse no mar boa armada pera mór segurança da terra. E pera capitão Dormuz mandaua el rey de Portugal a Diogo de melo cõ grãdes poderes que arribou da ilha da madeira como ja disse / ꝛ ficou dom Garcia coutinho na capitania em que dantes estaua. E assi mãdaua el rey de Portugal que ouuesse em Ormuz almotacé mór Portugues / ꝛ que dali por diante ouuesse balãças ꝛ pesos como os d Portugal, ꝛ que dissesse ho gouernador a el rey Dormuz q̃ aquilo não auia de ser mais que aquele anno, pera o que ele despois saberia, ꝛ assi lho escreueo pedidolhe q̃ se não escãdalizasse, porq̃ tudo era pa seu ꝓueito. E despois de ho gouernador estar em Ormuz deu a carta del rey de Portugal a el rey Dormuz que lhe

escreuia sobre aquilo ꝛ pediolhe licẽça pera ho executar. E elrey Dormuz ficou bem salteado com tal noua, porque vio q̃ aquilo era tomarlhe ho reyno/ ꝛ mostrou que daua licença de boamente/ porq̃ lhe pareceo que se a não desse que ho priuarião do reyno: ꝛ disse ao gouernador que era necessario falar aos officiaes mouros pera lhes tirar ho escandalo q̃ disso auião de ter. E em vez de lho tirar aqueixouselhe do q̃ lhe fazião, do que se todos indinarão muyto, ꝛ dizião que não era pera se sofrer. E Raix xarafo que era goazil por morte de Raix noradim seu pay foy o que mais sentio isto q̃ nenhũ por amor do seu mando que era mór que ho de todos: ꝛ como ele era muyto prudente, ꝛ via que ho tempo não era por eles/ conselhou a el rey ꝛ aos officiaes que dissimulassem, ꝛ não mostrassem nenhũ descontentamento polo q̃ ho gouernador fazia, porque se ho mostrassem lembrarlhe hião temerse de se leuantarem, ꝛ temẽdose disso deixaria tãta força em Ormuz, assi no mar como na terra que não podessem coela posto que se quisessem leuantar/ por isso que fizessem muyto bõ rosto: porque quanto ho gouernador lho visse melhor tanto mais segurária: ꝛ disse a el rey q̃ lhe dissesse q̃ ho reyno Dormuz era del rey de Portugal/ que podia fazer dele o q̃ quisesse, porque de tudo ele ꝛ seus vassalos erão contẽtes/ ꝛ assi ho disse el rey, ꝛ que posesse ho gouernador os officiaes quando quisesse. E auido este cõsentimento, forão postos os officiaes q̃ el rey de Portugal mãdaua prouidos pera isso/ que erão Manuel velho por juyz dalfandega ꝛ proueedor das rẽdas do reyno, Ruy varela por thesoureyro/ ꝛ por escriuães Miguel do vale, Ruy gõçaluez da costa, Vicente diaz/ Nuno de crasto, Diogo vaz, ꝛ quatro mouros: de que hũ auia nome Cojebamet, homem antigo na alfandega Dormuz/ ꝛ que sabia muy bem os segredos dela/ ꝛ este os disse a Manuel velho que por seruir el rey peitaua este ꝛ outros pera q̃ lhe descobrissem a verdade do que rendia ho reyno: ꝛ assi estaua cõ Manuel velho por goazil dalfandega Raix delamixa irmão de Raix xarafo homem fiel ꝛ grande amigo dos nossos. E postos estes officiaes nalfandega/ pos se tambem por almotacẽ mór hũ João lopez/ q̃ mandou por seu regimento que ouuesse em Ormuz pesos ꝛ balanças como ẽ Portugal: do que se todo ho pouo escandalizou muyto/ ꝛ dizião que ja ho reyno Dormuz era de todo dos nossos/ ꝛ q̃ os mouros erão seus catiuos. E porem el rey era muyto bem tratado, ꝛ dauaselhe largamẽte ho necessario pera seu gasto: ꝛ Raix xarafo era somente ao que vinha mal deste partido/ porque se lhe tiraua gastarense per sua mão as rẽdas do reyno ꝛ tiranizalo, o que então não podia fazer.

¶ Capit. xlvij. De como tendo el rey d̃ Narsinga desbaratado ho Hidalcão mandou dizer a Ruy de melo capitão de Goa que fosse tomar as tanadarias da terra firme, ꝛ de como as tomou ꝛ ficarão del rey de Portugal.

PAssando se isto ẽ Ormuz sucedeo na India, que estando ho Hidalcão pera ir cercar Goa com seys cẽtos mil homẽs de pé & de caualo & cem bombardas grossas com determinação de a tomar: querendo nosso senhor acodir a tamanho perigo como este fora pera os nossos, se leuantou supitamente guerra antre ho Hidalcão & el rey de Narsinga/ & em hũa batalha foy ho Hidalcão desbaratado & fugio com perder muyta gente. E proseguido el rey de Narsinga a vitoria/ lhe tomou a cidade de Rachol & a de Bilgão, & outras muytas: pelo que aquelas tanadarias da fralda do Balagate vezinhas de Goa ficarão desemparadas. E como el rey de Narsinga por ser tão rico como ja disse nã tinha necessidade delas, & desejaua de auer todos os caualos que hião a Goa, & que ho Hidalcão não ouuesse nenhũ / mandou dizer a Ruy de melo capitão đ Goa q̃ ele tinha ganhado por força darmas ao Hidalcão a cidade de Bilgão com toda sua comarca ate ho mar/ em que auia tanadarias que rendião mais de cincoenta mil pardaos douro/ de que fazia doação a el rey de Portugal pera todo sempre por amor da amizade q̃ sempre desejara de ter coele, & por amor da auer todos os caualos q̃ hião a Goa que fosse ele entre tanto tomar posse das tanadarias. E despois de vido ho gouernador lhe mãdaria seu embaixador pera assentarem suas cousas. E Ruy de melo lhe respondeo com muytos agardecimentos assi de sua parte como do gouernador, prometẽdolhe que acerca dos caualos se faria tudo o que fosse rezão/ & que ele ficasse contente. E determinando de ir tomar a tanadaria de Salsete que estaua mais perto, ajuntou duzẽtos de caualo dos nossos todos moradores em Goa/ de que ele hia por capitão/ & perto de setecentos de pé os mais deles dos nossos/ & espingardeyros & bésteiros, cuja capitania deu a Ruy jusarte de melo seu sobrinho: & passandose a Salsete em almadias & jãgadas, como não achou ninguem que lhe resistisse tomou logo posse daq̃la tanadaria por el rey de Portugal. E assentada a terra que assentou em obra de dez dias se tornou pera Goa deixãdo por tanadar mór a Ruy jusarte, a que deixou vinte cinco de caualo dos nossos & cincoẽta espingardeiros de pé/ & seys cẽtos piães da terra os mais deles frecheiros/ & ordenados por suas capitanias: deixandolhe por regimento que tomasse posse das tanadarias de Pondá & Bardés, & posesse nelas tanadares Portugueses logo nomeados/ que lhe obedecerião. E Ruy de melo não se deteue mais, porque não era necessario que como não auia quẽ defendesse a terra abastaua Ruy jusarte com aquela gẽte pera a tomar & assentar. E tornado ele pera Goa, Ruy jusarte se foy a Pondá/ & tomãdo posse dela pos hi por tanadar a Antonio raposo alcayde mór de Goa & casado nela & despois tomou as outras & Ruy jusarte tinha seu assento em

terra de Salsete no pagode de Bardes: ⁊ tinha por seu feytor a hũ dos nossos casado em Goa que auia nome João lobato/ ⁊ por seu escriuão Aluaro barradas, ⁊ eles arrecadauão as rendas de todas as tanadarias que Ruy jusarte visitaua dali dondestaua. E auendo dous meses que estaua em posse delas teue por certeza que hião sobrele dous capitães do Hidalcão, que se hia restaurando da rota de Rachol. E como perdia tanto naquelas tanadarias quis ver se as podia cobrar/ ⁊ pera isso mandaua aqueles dous capitães que digo ambos Canarins/ hũ chamado Manaique ⁊ outro Rapanaique com tres mil piães, ⁊ não mandaua outra gente, assi por auer os nossos por poucos como por ter necessidade dela pera a guerra que ainda tinha com el rey d Narsinga. E sabido isto por certo de Ruy jusarte/ mandou logo recado a Ruy de melo que amanheceo hũ dia em Salsete com toda a gente de cauało de Goa que era a que disse. E junto cõ Ruy jusarte esperarão q̃ viessem os immigos: que não vierão cõ medo do socorro que era vindo a Ruy jusarte: ⁊ sabẽdo Ruy de melo que estauão recolhidos em tres aldeas determinou de ir sobreles, ⁊ logo naquele dia q̃ chegou á mea noyte partio pera lá por não ser sentido ⁊ chegou lá antemanhaã, ⁊ posta sua gente em ordem deu na primeyra aldea. E sentindo ho capitão dos immigos os nossos não se atreuendo a lhe resistir fugio logo/ o que vẽdo sua gente fez outro tanto: de modo q̃ os nossos não teuerão trabalho coeles/ ⁊ Ruy de melo mãdou que dessem nos da terra cuydando q̃ se defendessem, o que eles não fizerão polo que Ruy de melo mãdou que os não matassem/ porem que os catiuassem: ⁊ forão catiuos cento ⁊ trinta almas/ ⁊ logo os outros capitães fugirão/ ⁊ Ruy de melo tornou a assentar a terra: ⁊ sabido pola ela ho desbarato destes capitães nã ousarão outros de tornar a buscar os nossos que ficarão em paz.

¶ Capit. lviij. De como Raix xarafo prouocou ho sogro del rey Dormuz que ho fizesse leuantar contra os nossos.

Vendo Raix xarafo como os officiaes Portugueses permanecião na alfandega Dormuz tinha disso tamanho descontentamento, como a quem se tiraua ho vso do dinheiro que ela rendia que ele gastaua dantes á sua vontade: ⁊ auendo isto por injuria lhe daua muyto tormento: ⁊ com grande trabalho ho encobria: porque não entendẽdo ho gouernador o que ele sentia não se apercebesse pera o que determinaua de fazer que era leuantarse/ ⁊ nisto era todo seu cuydado: porque leuãtandose ⁊ deitando os nossos fora Dormuz, não somente lhe parecia que ficaua liure da sugeição em que estaua, mas ainda ficaria senhor del rey ⁊ do reyno assi como ho erão os goazis antes que esteuesse a obediẽcia del rey de Portugal. E trazendo este proposito não lhe achou outro melhor remedio pera que ouues

se effeyto que prouocar ao sogro del rey Dormuz que lhe parecesse bem este leuantamēto. E nisto ouue pouco que fazer, porque ele era hū Xeque que antre os mouros sam auidos por sanctos / e este era tão immigo dos nossos q̄ dizia aos mouros que muyto mór merecimento tinha hū mouro de matar hū frangue que de dar quāto tinha desmolas e fazer quantas romarias ouuesse no mundo. E como ao Xeque lhe pareceo bem leuantarse elrey cō tra os nossos, começou de lho conselhar : e como todos os mouros pola mayor parte sam desagardecidos logo el rey tomou seu conselho sem lhe lembrar em quanta obrigação era aos nossos que ho liurarão do catiueiro em que ho tinha Raix hamet : e tendo ho Afonso dalbuquerque em seu poder, e assi a cidade lha tornou / e a ele deu liberdade, e fez rey liure com tanta honrra como disse no terceyro liuro. E determinado el rey de se leuantar, e matar todos os nossos: mandou fazer gente á terra firme per hū mouro chamado Miramahmet morado, em que Raix xarafo tinha gran de confiança: e assi tornou elrey em sua graça a Raix xabadim, aquele que Jorge dalbuquerque quisera prender em Mazcate como disse atras / e mandoulhe per sua carta questeuesse na fortaleza Dorfacão, e ali estaria com gēte de guerra ate ver seu recado.

¶ Capit. lix. De como ho capitão mór Antonio correa pelejou em Baharem com el rey Morim e ho desbaratou.

Neste tempo estaua leuantado contra el rey Dormuz hum rey seu vassalo e tributario, q̄ se chamaua Mocrim rey da ilha de Baharē, de q̄ ja faley no liuro terceyro e senhor de hūa cidade chamada Laçá no sertão Darabia, duas jornadas do mar dōde se criāo os melhores caualos Darabia, e tem grande comarca / e dela parte a Cafila, que daquelas partes vay a Meca, cujo caminho he jornada de dous meses porque vay de vagar : e assi era senhor de hūa fortaleza que ha nome Catifa na terra firme Darabia dez legoas de Baharem. Este era casado com hūa filha do senhor de Meca e tinhāno os mouros por sancto / e era muyto esforçado e valente caualeyro : e despois que se leuantou cōtra el rey Dormuz e lhe nāo quis pagar as pareas que pagaua dātes trazia muyto grande armada de terradas que passauão de cento e corē ta, e esta fazia arribar a Baharem quātas naos hião dos lugares daquele sino persico pera Ormuz: com o q̄ el rey perdia muyto do q̄ rēdia a sua alfandega: a fora as pareas q̄ perdia de Mocrim. E vendo ele como lhe ho gouernador punha officiaes Portugueses na alfandega pera recolherem as rendas que rendesse, disselhe que pois era vassalo del rey de Portugal que lhe tornas se Mocrim a sua obediencia, dando lhe conta do que passaua auia annos. O que lhe ho gouernador cō cedeo: e determinando de ho fazer assi disse a Antonio correa seu sobri

nho que elelhe tinha dada a capita
nia mór de hũa armada que auia de
mandar á ponta de Diu a esperar
as naos de presa ate que ele fosse: τ
que auia de mandar outra a Saba-
rem dizendolhe a que, que visse se a
queria antes. E ele a quis por ser de
mais honrra que de proueito, τ dei
xou a da ponta de Diu. E sabendo
Diogo fernandez de beja que hi es-
taua como Antonio correa engeita
ra a capitania mór da armada de
Diu por ir a Sabarem / foyse logo
ao gouernador τ mostroulhe hũ al
uara del rey pera lhe dar a capita-
nia mór da armada de Diu que ate-
li nã mostrara pola não tirar a An-
tonio correa por ser muyto seu ami
go, τ ho gouernador lha deu. E a-
ceitada por Antonio correa a ẽpre-
sa de Sabarem/partiose pera lá a
quinze de Junho de mil τ quinhẽ-
tos τ vinte hũ τ hia em hũ galeão: τ
forão seus capitães Gonçalo perei
ra que hia em outro/ τ Fernandea-
nes de souto mayor que hia em hũa
galé, τ João pereira em hũa caraue
la/ τ Lourenço de moura, τ Chris-
touão çarnache em duas fustas/ τ
em outra outro, cujo nome não sou
be: τ nestas velas hião quatrocẽtos
Portugueses/ τ hia coele Raix xa-
rafo capitão mór da armada delrey
Dormuz que era de duzentas terra
das em que hião tres mil mouros
mil τ quinhentos frecheiros τ ou-
tros tantos lanceiros, τ no cami-
nho lhe deu hũ temporal que fez ar
ribar a frota del rey Dormuz/ τ os
nauios da nossa, saluo a capitaina τ
a carauela de Johão pereyra/ τ coe
le somẽte chegou a Sabarem τ sur
gio diante de hũa cidade do mesmo
nome muyto grande de casas grã-
des de pedra τ cal com chaminés, τ
varãdas pera sol τ gelosias nas ge-
nelas τ ali tinha el rey Mocrim seu
assento/ τ por esperar por Antonio
correa, de que tinha certeza q̃ sabia
bem da guerra estaua bem apercebi
do/ τ tinha a cidade cercada da ban
da do mar de hũa tranqueira de du
as faces de largura de dez palmos
entulhada de terra τ darea com al-
gũs portaes pa seruẽtia da praya/
τ assentada nela muyta artelharia,
τ goardauãna doze mil Arabios
postos em estancias, τ tinha trezen
tos d cauałlo a mayor parte acuber
tados/ τ quatrocentos Persianos
frecheiros, τ vinte rumes espingar
deiros cõ algũs outros que tinha
insinados a esse officio. E chegado
Antonio correa a Sabarem surgio
ao mar ondesteue seys dias esperan
do por sua armada que se ajuntou
coele no cabo deste tẽpo, saluo duas
fustas/ de q̃ hũa arribou a Ormuz
τ a outra veyo despois de ele ter des
baratados os immigos. E chega-
dos os nauios, τ assi a armada del
rey Dormuz quis Antonio correa
saber a gente que tinha pera ver se
podia poyar em terra, τ não achou
mais de duzentos τ vinte homens
que fossem pera poyar em terra/
de que os cento erão fidalgos
τ criados del rey / τ os cincoenta
espingardeiros τ besteiros. E os
outros homens darmas dos da
India, τ a outra gente era do mar
que auia de ficar em goarda da ar-
mada: τ com quanto se achou com
tão pouca gente/ τ sabia que a dos

immigos era tanta como disse as-sentou de poyar em terra com conselho dos outros capitães ⁊ dos principais da frota: esperando todos em nosso senhor que os ajudaria / ⁊ quisera cometer os immigos vespera de Sãtiago, se não fora por Raix xarafo, que por certas cirimonias de sua seyta não quis então: ⁊ por isso alargou a cousa pera os vinte sete de Julho / que foy hũ sabado ⁊ quisera cometer com sua gẽte por hũa parte, ⁊ que Raix xarafo cometera com a sua por outra pera se ver o que cada hũ fazia. E ele nã quis / dizendo que el rey de Portugal ⁊ el rey Dormuz erão irmãos / por isso auia sua gente de ir junta: ⁊ isto era com medo segundo despois pareceo. E acabado ho conselho / os capitães se tornarão a seus nauios. ⁊ eles com sua gente se confessarão ⁊ encomẽdarão a nosso senhor: porque ho feyto era muy perigoso por a gente dos immigos ser tãta, que auia bẽ trezentos pera cada hũ dos nossos: porẽ Antonio correa tinha tamanha confiança em Deos ⁊ em nossa senhora que esperaua de leuar a vitoria, ⁊ toda aquela noyte se lhe encomendou muy deuotamente. E quando veyo ao sabado pola manhaã se embarcou cõ sua gente nos bateys ⁊ barquinhas da frota / ⁊ Xarafo com sua gente por ser muyta se pos em grandes jangadas de madeira que os paraós das suas terradas auião de rebocar: ⁊ saindo ho sol abalou Antonio correa com todos os seus pera terra leuando a dianteira Ayres correa seu irmão que hia cõ ho seu guião, ⁊ hião coele cincoenta homens espingardeyros ⁊ besteiros ⁊ assi algũs fidalgos. E como ja era baixa mar ⁊ diãte da cidade fosse ho mar muyto aparcelado tocarão os bateys a tiro despingarda dela: ⁊ não podendo dali passar arremessouse logo a gẽte na agoa que lhe daua pola braga sem auer quem a podesse ter. Antonio correa sayo tambem pola agoa ⁊ mandou ficar nos bateys a hum Tristão de crasto homem de confiãça / a que mandou que não recolhesse nos bateys ninguem sem seu recado. El rey Mocrim estaua neste tẽpo na tranqueyra com sua gente, esforçandoa como valente caualeyro ⁊ fazendo jugar sua artelharia que desparaua muy amiude, de q̃ Deos milagrosamente liurou os nossos / que sayrão na praya bem cansados: ⁊ logo Ayres correa que leuaua a dianteira como disse arremeteo aa tranqueyra com os que ho acompanhauão per antre muytas frechas sem conto ⁊ pelouros despingarda que os immigos tirarão: despois que os nossos forão na praya que por mais que elas forão não deixarão de remeter á tranqueyra / onde logo os espingardeyros ⁊ besteiros matarão muytos mouros / ⁊ dos nossos forão feridos Ayres correa de duas frechadas ⁊ outros muytos. E estãdo em grande perfia / os nossos por entrar ⁊ os mouros por lho defender: chegou Antonio correa com a bandeira ⁊ com ho resto da gente em corpo, ⁊ deu Santiago nos mouros per hũa aberta que estaua antre a tranqueyra ⁊ as casas, ⁊ foy ho impeto dos nossos tão fu-

rioso que fizerão retirar os mouros pera dentro da cidade matandoos ás lançadas. E nisto acodio el rey com hũ tropel de gente de cavalo, ꝛ hũ grande magote doutra de pé diante, ꝛ dão nos nossos tão desupito, ꝛ apertandoos tão rijo ferindo muytos deles que os fizerão retirar pera a praya: andando el rey sempre diante dos seus ꝛ poẽdose nos lugares mais perigrosos ꝛ pelejando com tanto esforço que era cousa despanto: ꝛ como os imigos fizerão retirar os nossos carregavão de cada vez outros de novo, ꝛ como as suas lanças erão muyto mais cõpridas que as dos nossos chegavãlhe sem lhes eles poderem chegar: ꝛ por isso recebião muyto dãno tanto que não ho podendo os nossos sofrer se retirarão bem pera junto dagoa. E foy a revolta tamanha que Ayres correa foy derribado com grandes feridas de lanças ꝛ frechas ꝛ carregarão sobrele muytos mouros pera ho matar ꝛ ferirãno de treze lãçadas despois de derribado/ ꝛ se não fora por Aleixo de sousa ꝛ Ruy correa q̃ lhe acodirão matarãno: mas eles pelejarão ambos tão valentemente, ꝛ matarão ꝛ ferirão tantos mouros que os fizerão afastar ꝛ livrarão Ayres correa ficando ambos muyto feridos. E certo q̃ fizerão hũ feyto dino de grande memoria, ꝛ em que ganharão muyta honrra: ꝛ por outra parte tambem Antonio correa teve assaz que fazer, porque mandava como capitão/ ꝛ pelejava como soldado com que tinha dobrado trabalho de todos ꝛ andava muyto cansado ꝛ ferido no braço dereyto/ ꝛ assi a mayor parte de sua gente/ porque toda pelejou aqui com maravilhoso esforço ajudando os nosso senhor: porque doutra maneyra não he de crer que tão poucos como os nossos erão resistissem a tão grande multidão de immigos/ matãdo ꝛ ferindo muytos deles: ꝛ a el rey matarã nesta revolta dous cavalos em que andava/ hũ primeyro ꝛ despois outro: ꝛ tambem os mouros ficarão tão cansados ꝛ feridos que lhes conveo apartarense pera descansar/ o que foy grande folego pera os nossos que tambem fizerão ho mesmo. E Antonio correa mandou levar seu irmão ꝛ outros muytos feridos aos bateys. E isto feyto que sentio que os nossos estavão algũ tãto descansados tornou a arremeter aos mouros/ bradando todos por nossa senhora: ꝛ parece que polos seus rogos desfechou nesta arremetida hũ dos nossos espingardeiros a sua espingarda em el rey ꝛ ferio ho em hũa coxa tão mortalmẽte que lhe foy forçado sayrse da batalha/ ꝛ co ele algũs de cavalo dos mais hõrrados. E ele ido como os mouros se virão sem capitão fugirão a quem mais podia/ ꝛ por Antonio correa ter a sua gente muyto ferida ꝛ cansada, ꝛ ele estar do mesmo modo deixou os ir ꝛ nã os quis seguir/ posto q̃ muytos bradavão que os seguissem: ꝛ contentouse cõ a merce que lhe nosso senhor fez em lhe dar hũa tão famosa vitoria como esta foy em obra de duas horas sem dos nossos morrerem mais de cinco, ꝛ hũ deles foy hũ fidaldo cha

mado Jorge pereyra, ⁊ hũ mouris-
co Christão, dAntonio correa, que
em toda a batalha ho defendeo da
morte/ adargando ho sempre com
hũa adarga/ ⁊ de muyto frechado
cayo morto: ⁊ forão feridos sessen-
ta ⁊ tantos os mais deles de lança
das a mão tente, ⁊ dos mouros a fo
ra el rey Mocrim que morreo dahi
a dous ou tres dias morreo ho go-
uernador d Baharẽ: pessoa muyto
principal ⁊ seys homẽs principais
seus parentes/ ⁊ trinta de caualo ⁊
trezẽtos de pé, ⁊ muytos feridos: ⁊
forão mortos muytos caualos des
pigardadas. E por hõrra desta tão
famosa vitoria, deu despois o muy
to alto ⁊ muyto poderoso rey dom
João de Portugal ho terceyro, a
Antonio correa que podesse meter
em hũ quarto do escudo das suas
armas a cabeça dũ rey mouro/ que
agora tras/ ⁊ outra por timbre no
elmo em memoria da del rey Mo-
crim que lhe despois foy cortada.

Capit.lx. De como morreo el rey Mocrim. E de como Antonio correa mandou a sua cabeça ao gouernador com a noua da vitoria, ⁊ da sepultura que lhe foy feyta.

Vencida a batalha che-
gou Raix xarafo a An
tonio correa com sua
gente: com que ate li es-
teuera na goa sem desembarcar, es-
perando o que sucedia aos nossos.
E se eles forão vẽcidos presumiose
que se ouuera de leuantar cõtreles.
⁊ isto estaua claro polo odio q̃ lhes
tinha, ⁊ polo q̃ deixaua ordido em
Ormuz. E Antonio correa dissimu
lou coele ho desauergonhamẽto de
desembarcar a tal tempo, ⁊ mãdou
aos seus mouros que seguissem ho
alcanço aos immigos. E eles reme
terão pola cidade mostrãdo que ho
fazião/ mas despois que forão den
tro não ho quiserão fazer ⁊ meterã
se a roubala: onde logo Antonio
correa entrou com a bandeira tan-
gendo as trombetas diante/ ⁊ foy
ter ás casas del rey que erão muy
grandes ⁊ sumptuosas/ ⁊ junto de
las achou hũa galeota q̃ os rumes
tinhão feyta, que algũs lhe cõselha
rão que mãdasse queymar: mas ele
não quis. E feytos ali muytos ca-
ualeyros, fidalgos ⁊ outras pesso-
as honrradas que lho requererão.
não quis mais passar auãte por ser
tarde q̃ era meyo dia, ⁊ tornouse aa
frota pera fazer curar os feridos, ⁊
deixou a cidade em poder de Raix
xarafo: que tomou dela posse por el
rey Dormuz, ⁊ de caminho mãdou
Antonio correa poer fogo a cẽto ⁊
corenta ⁊ sete terradas q̃ el rey Mo
crim tinha. E na noyte seguinte es-
tando todos dormindo se acendeo
ho fogo na bitacora da capitaina/
⁊ foy a reuolta tamanha que todos
os feridos se leuantarão a acodir/
⁊ era ho fumo tamanho q̃ não auia
quẽ podesse decer abaixo a apagar
ho fogo, ⁊ despois de muyto traba
lho foy apagado. E nesta enuolta
quebrarão os pontos das feridas
q̃si a todos os feridos, ⁊ foy necessa
rio tornarẽnos a curar: mas niguẽ
ho sentio com ho grãde prazer que
tinhão da vitoria passada. Ao ou-
tro dia foy Antonio correa a terra

com os que poderão ir coele pera lã çar a galeota que disse ao mar: ⁊ aquele dia lhe fez ho terreyro com muyto grande trabalho por a tranqueyra dos immigos estar diante q̃ nã era ainda derribada: ⁊ ao outro dia a lançou ao mar com muyta fadiga/ porq̃ os nossos erão poucos ⁊ não podião, ⁊ os de Xarafo não ajudauão: ⁊ Antonio correa ajudaua como qualquer com quanto estaua ferido no braço dereyto, em que padeceo grande dor, ⁊ por auer a galeota pera el rey sufria tudo. E lançada ao mar lhe pos nome Mocrina por amor del rey Mocrim: ⁊ deu a capitania dla a hũ Gaspar correa. Hauendo cinco dias que fora a batalha, foylhe dito por hũ mouro da terra, ⁊ por outro de Raix xarafo q̃ el rey Mocrim era morto, ⁊ ua noyte seguinte ho auião dir enterrar a Catifa. E Raix xarafo lhe reqreo q̃ ho mãdasse tomar ao caminho por quanto fora tredoro a el rey Dormuz, ⁊ era necessario que lhe cortassem a cabeça/ ⁊ que ele mandaria a isso sua gẽte. E Antonio correa ho consentio/ ⁊ foy hũ parẽte de Raix xarafo chamado Raix çadradim q̃ foy por capitão de doze terradas cõ que tomou ho corpo del rey Mocrim ⁊ ho leuou a Antonio correa q̃ lhe mandou cortar a cabeça: que os mouros de Raix xarafo cauacarão por dentro tão sutilmẽte que ficou a pele do rosto com os olhos ⁊ narizes: ⁊ despois a rechearão dalgodão cõ hũa aselha na moleyra por õde se podia tomar/ ⁊ parecia viua: ⁊ Antonio correa a mandou a Ormuz ao gouernador com a noua do que tinha feyto/ ⁊ leuou a Baltesar pessoa ⁊ Ruy correa q̃ forão ẽ hũa fusta. E coesta noua recebeo ho gouernador muyto grande prazer cõ os nossos/ ⁊ el rey Dormuz com os mouros / ⁊ fizerão todos muyto grandes festas. E ho gouernador foy dar graças a nosso señor á igreja com todos os fidalgos. E ele ⁊ el rey Dormuz mãdarão fazer hũa sepultura a esta cabeça na praça Dormuz: por honrra de cuja foy ⁊ por memoria Dãtonio correa ⁊ dos que fizerão aquele feyto, ⁊ forão abertos nela dous letreiros hũ na nossa lingoa, ⁊ outro na Persiana que dizião.

¶ A quinze dias do mes de Mayo de mil ⁊ quinhentos ⁊ vinte hũ, chegou ho gouernador Diogo lopez de sequeyra a Ormuz, ⁊ achou ho rey no de Baharem ⁊ Catifa leuãtado contra el rey Dormuz, ⁊ mandou lá Antonio correa seu sobrinho cõ sete nauios ⁊ quatrocentos homẽs ⁊ pelejou com Mocrim rey da dita terra/ ⁊ a sua cabeça jaz aqui: morrerão muytos mouros ⁊ algũs Christãos ⁊ forão muytos feridos. E os mouros vẽdo seu desbarato lhe ẽtregarão logo Catifa: ⁊ tambem trouue hũa galeota que os rumes tinhão feyta que agora anda em poder dos Portugueses. E ho gouernador mandou fazer esta sepultura por honrra do rey que morreo como bõ caualeyro: ⁊ por memoria dos Christãos.

¶ Capit. lxi. De como Jorge dalbuquerq̃ chegou a Pacẽ/ ⁊ determinou de restituyr no reyno ho principe q̃ leuaua da India.

Despois de Jorge dalbuquerq̃ partido pera Malaca com a frota q̃ disse/ seguio sua viagẽ ate chegar á ilha de çamatra ꝛ surgir no porto de Pacem/ pera q̃ se podesse restituyse naq̃le reyno ho principe herdeiro dele como lhe ho gouernador dera por regimento. E surto neste porto com toda sua armada, teue maneyra como fez saber aos principais de Pacem a causa de sua vinda. E isto em segredo/ porque ho tirano ho não soubesse ꝛ se posesse em recado. E eles com ho aluoroço da vinda de seu verdadeyro rey q̃ muyto desejauão/ se forão os que poderão secretamente a capitaina: ꝛ hi lhes mostrou Jorge dalbuquerque ho principe ꝛ ho Moulana: q̃ eles folgarão muyto de ver/ ꝛ lhe disserão que sua vontade era muy boa pera ho receberem por senhor, mas que não ousauão com medo do Tirano. E nesta pratica soube Jorge dalbuquerque que ho Tirano estaua muyto fortalecido em hũa fortaleza jũto da pouoação que era hũa legoa pelo rio acima: ꝛ era hũa trãqueyra larga feyta em quadra que cercaua hũa pouoação pequena onde ho Tirano moraua perto da outra grande que lhe ficaua como arrabalde. E nesta tranqueyra auia muyta artelharia: ꝛ da banda do norte era cercada de sapal ꝛ terra apaulada/ ꝛ tinha a entrada dali per hũa ponte. E em hũ canto da bãda do sul tinha hũa porta/ ꝛ daquela parte era cercada de caua chea dagoa. Dentro desta tranqueyra no meyo da pouoação estauão as casas do Tirano cercadas doutra trãqueyra da mesma maneyra da de fora cõ duas portas peq̃nas, hũa da banda do sul ꝛ outra de leste. E a fora esta fortaleza ser tão forte estauã nela seys mil homens de peleja, os mais deles frecheiros, ꝛ muytos de zarauatanas. E com quãto Jorge dalbuquerque isto soube: como era muyto esforçado/ ꝛ sabia q̃ ho principe tinha justiça pera aquirir ho reyno/ determinou d pelejar cõ ho Tirano se não quisesse por bẽ soltar ho reyno: ꝛ assi lho mandou dizer. Do q̃ se ele escusou/ dizẽdo q̃ ho reyno era seu, ꝛ mais que queria ser vassalo del rey de Portugal, ꝛ pagarlhe pareas: q̃ Jorge dalbuq̃rq̃ engeitou, dizẽdo que el rey de Portugal nã queria por vassalos senão os dereytos herdeyros dos reynos, ꝛ nã os q̃ os tinhão por força. E vẽdo a contumacia do Tirano/ determinou de pelejar coele: ꝛ pera ho notificar a seus capitães, os chamou a conselho, ꝛ ajuntouse coeles hũ fidalgo chamado Manuel da gama q̃ hi era chegado de Malaca ẽ hũ nauio darmada pera fazer arribar a Malaca os jũgos de Pegú, q̃ por nã irẽ a Malaca hião descarregar a Pacẽ. E jũtos os capitães, Jorge dalbuq̃rq̃ lhe ꝑpos ho regimẽto q̃ trazia do gouernador acerca d restituyr ho pricipe d Pacẽ ẽ seu reyno: ꝛ ho poder de gẽte q̃ tinha ho Tirano/ ꝛ como estaua fortalecido. E a gẽte que ele tinha que não seria mais q̃ duzẽtos dos nossos. E todos forão dacordo q̃ pelejassẽ/ ꝛ q̃ nosso señor os ajudaria pois tinhão a justiça de sua parte.

¶ Cap.lxij. De como el rey Dauru foy sobre Pacẽ pera pelejar cõ o tirano q̃ tinha o reyno vsurpado.

TEndo isto assentado a certou d chegar a Pacem el rey Dauru com grande exercito, que tinha guerra com ho Tirano/ ⁊ hia pera ho destruyr por amor do principe que era seu parẽte. E sabida por Jorge dalbuquerque sua chegada/ porque era amigo del rey de Portugal/ lhe mãdou dizer por hũ mouro natural de Pacem: que ele era ali vindo pera restituyr ho principe de Pacem no reyno/ ⁊ destruyr aquele Tirano q̃ ho tinha vsurpado. E porque sabia que era amigo del rey de Portugal/ lhe pedia que se afastasse donde fosse a peleja, ⁊ lhe deixasse a ele só aquela empresa: ⁊ porque a sua gente/ ⁊ a do Tirano toda andaua dũ trajo mandasse aos seus q̃ no dia da batalha posessem na cabeça hũs ramos verdes pera os desenferençarem dos immigos/ porque os nossos auião dauer por esses a todos os que os não teuessem. E el rey Dauru foy disso contente/ ⁊ mandou pedir a Jorge dalbuquerque que lhe fizesse merce do despojo q̃ ficasse dos immigos despois que os nossos não quisessem mais: porq̃ esperaua em Deos que lhe auia de dar vitoria. Feyto este concerto/ fez Jorge dalbuquerque saber aos naturaes da terra como auia de dar na trãqueyra ⁊ em que dia, ⁊ mandoulhes que se afastassem do caminho por onde auia dir / ⁊ que teuessem outro tal sinal como os Aurus.

¶ Capitolo.lxiij. De como Jorge dalbuquerq̃ desbaratou ⁊ matou em hum combate ao Tirano que tinha vsurpado ho reyno de Pacem.

VJndo ho dia em q̃ se auia de dar ho combate/ estãdo os nossos cõfessados daquela noyte os assolueo hũ clerigo ante manhaã/ ⁊ despois de almoçarem forãse pelo rio acima nos bateys ate onde desembarcarão/ ⁊ em terra fez Jorge dalbuquerque tres escoadrões de sua gente que erão duzẽtos homẽs: do primeyro q̃ foy de sessenta homens era capitão dom Sãcho anrriquez. ⁊ hião coele Rafael catanho/ ⁊ Dinis fernandez de melo. Do segũdo que era doutros tantos foy dom Afonso de meneses filho do conde de Cantanhede caualeyro muyto esforçado. Ho terceyro leuaua Jorge dalbuquerque com ho restante dos duzentos homẽs/ ⁊ acompanhauãno Manuel da gama, Antonio de Miranda dazeuedo, Garcia chainho, Eytor de valadares/ Frãcisco bocarro: ⁊ outros fidalgos ⁊ caualeyros. E nesta ordem ao som de suas trombetas abalou pera a fortaleza ao lõgo de hũ esteiro que passou per hũa ponte/ ⁊ serião dous tiros de espingarda donde desembarcou á fortaleza/ ⁊ dũ cabo ⁊ do outro estaua todo ho caminho cheo de gente/ assi da terra como dos Aurus q̃ todos estauão ẽ fauor do prĩcipe ⁊ faziã grãdes alegrias. E chegado dom Sancho perto da

fortaleza começa a artelharia a desparar, ꝛ a nossa espingardaria lhe respondeo, que por ser muyto pouca soaua muy pouco: porẽ começou de fazer muyta obra, porque os nossos sem nenhũ medo cõ quãto erão poucos remeterão á tranqueyra pela banda do sul / ꝛ chegaranse a ela derribando muytos dos immigos com as espingardas. Mas como eles erão tãtos como disse sostinhã se muy esforçadamente: ꝛ nisto chegarão dõ Afonso de meneses ꝛ Jorge dalbuquerque com seus esquadrões, ꝛ tomarão toda aquela banda da tranqueyra encheo, combatẽdoa muy fortemente. E vendo Dinis fernandez de melo quão ocupados os imigos estauão na defensa da tranqueyra / remeteo á porta q̃ estaua daquela banda cõ Manuel da gama / ꝛ Eytor de valadares / ꝛ Francisco bocarro: ꝛ arrombarão a porta com hũ vay ꝛ vẽ: ꝛ ainda nã foy arrõbada quãdo muytos dos immigos acodem a defendela com frechadas tão bastas / assi darco como de zarauatana que quasi q̃ ocupauão todo ho vão da porta. E cõ tudo os quatro entrarão ás lançadas, ꝛ apos eles outros muytos: ꝛ aqui se renouou a batalha cõ grande furia. E era milagre de nosso senhor ver tão poucos como os nossos erão antre tanta multidão dimmigos. E sabẽdo Jorge dalbuq̃r q̃ como a fortaleza era ẽtrada acodio á porta ꝛ entrou dẽtro, ꝛ cõ sua entrada se recolherão dos imigos pera as casas do Tirano, ꝛ outros pera a banda do norte: ꝛ os nossos ficarão de rosto com ás casas do Tirano que como disse estauão cercadas em redondo doutra tranqueyra tão forte como a primeyra. E aqui estaua a principal força desta fortaleza por ho Tirano ter ali suas molheres ꝛ filhos / ꝛ as dos seus principais ꝛ suas fazendas. E Jorge dalbuquerque a cometeo cõ sua gente feyta em hũ esquoadrão / ꝛ hũs tirauão cõ as espingardas aos que estauão encima, outros sobião por escadas que pera isso leuauão / ꝛ sem temor das pedradas / frechadas ꝛ lançadas dos imigos seguindauão a cima, ꝛ dali saltarão embaixo apos os immigos que ja dequebrados se retirauão, ꝛ abrindo hũa das portas que a trãqueyra tinha entrarão os outros que estauão de fora: ꝛ apertarão tão rijo com os immigos, que não tẽdo coração de se defender por verem q̃ de cadauez os matauão mais começarão de despejar pera a banda do norte, ꝛ sayão se per hũa põte que estaua daquela parte com suas molheres ꝛ filhos. E começando os imigos de vazar por aquela ponte, foy dõ Afonso de meneses por acerto ter a ela com corenta dos nossos. E desejoso de matar ainda mais dos immigos dos q̃ aquele dia tinha mortos deu neles com os que hião coele / ꝛ apertou os tão rijo que os fez tornar pera dentro. E vendo eles q̃ lhes não ficaua onde se podessem saluar / determinarão de morrer defendendose, ꝛ assi ho fizerão que nenhum não ficou do Tirano ate ho menor, tirando algũs que catiuarão ꝛ assi muytas molheres, ꝛ a peleja duraria tres horas de relo-

gio/em que morrerião dos immigos tres mil segũdo se despois soube, ⁊ os quatrocentos forão dos principais, ⁊ dos nossos morrerão quatro ⁊ forão muytos feridos: o que foy mais milagre de nosso senhor que força humana.

¶ Capit. lxiiij. De como ho principe foy recebido por rey d Pacẽ: ⁊ de como Jorge dalbuquerque fez hũa fortaleza em Pacem.

Tomada a fortaleza foy saqueada pelos nossos ⁊ ho rosulho que lhes ficou foy logo apanhado pelos Aurus/ cujo rey se foy pera Jorge dalbuquerq̃, ⁊ lhe deu ho prolfaça de sua vitoria com palauras de muyta alegria polo tirar de trabalho ⁊ mais de duuida se vencera ou não: ⁊ ficou muyto mór amigo ⁊ seruidor del rey de Portugal que dantes por ter tais vassalos. E sabendo Jorge dalbuquerque que ho Tirano fora morto na batalha com os que ho seguião, ⁊ que não auia dauer contradição em restituyr ho principe no reyno/ mandou logo dar pregões que todos os da terra se ajuntassem pera lho entregar. O que eles fizerão logo aquele dia: ⁊ com muyto prazer lhe forão fazer reuerencia ás casas do Tirano, onde ho Jorge dalbuquerque apousentou. E obedecido ho principe por rey/ ⁊ entregue da cidade: tornouse Jorge dalbuquerque com todos os nossos a armada que estaua na barra: a cuja entrada da banda de leste determinou de fazer hũa fortaleza pera assessego da terra, ⁊ pera estar a feytoria del rey de Portugal que assi ho trazia por regimento. E aquele era ho melhor lugar por estar pegada com ho mar por onde podia ser socorrida: ⁊ mandou dar conta desta determinação a el rey: pedindolhe que pois el rey de Portugal queria tambẽ ter ali aquela fortaleza pera segurança de seu estado, ⁊ não lhe ser feyta outra treição como a passada que ho ajudasse a fazela: ⁊ pois não tinha necessidade da que ho tirano deixara por estar pacifico na cidade, que a mandasse desfazer: ⁊ lhe mandasse a madeira pera fazer a que dizia, ⁊ gẽte pera que a fizesse. Ao que logo el rey satisfez ẽ tudo, ⁊ a fortaleza foy feyta em breue tempo com muros/ baluartes ⁊ torres de madeyra/ ⁊ cercada de caua. E ela acabada ⁊ muyto bem artilhada deu Jorge dalbuquerque a capitania a dom Sancho anrriquez seu gẽrro, ⁊ deixou feytor, escriuães ⁊ outros officiaes ⁊ cẽ homẽs por todos. E posto que Antonio de miranda dazeuedo lhe requereo que lhe desse a capitania da fortaleza/ porque ho gouernador lha daua por hũ aluara q̃ lhe mostrou. E ele não quis, dizendo que ho gouernador não podia passar tal prouisam, por el rey lhe conceder que podesse dar por tres annos a capitania de qualquer fortaleza que fizesse: ⁊ assi ficou dõ Sãcho por capitão da fortaleza.

¶ Capit. lxv. De como Jorge de brito foy morto em Achem com outros muytos de sua armada.

Prosseguido Jorge de brito por sua nauegação pera Malaca foy ter á barra da cidade Dachem na ilha de çamatra, q̃ he reyno como atras disse, & he hũa cidade grãde ao pé de hũa lõbada q̃ se faz ãtre a cidade & hũ rio, de modo q̃ a lombada lhe fica por padrasto. He de casas terreas de paredes de terra cubertas dola/somente as casas del rey tem algũa policia: he muyto abastada de mantimentos / pouoada de mouros/ & seu rey era tambem mouro & tinha pouco estado & pouca renda. E com tudo grande guerreiro & capital immigo dos Portugueses, & trabalhaua por lhe fazer quanto mal podia: & porque Jorge de brito sabia isto, & principalmente por cobrar a fazenda que ali fora tomada de dom João de lima & doutros fidalgos como disse atras surgir na sua barra. E surto dentro no rio / mandou dizer a el rey que se espantaua muyto dele querer ser immigo dos Portugueses sendo todos os outros reys da ilha de çamatra seus amigos/ mandandolhe apontar o que lhes tinha feyto / principalmente a tomada da fazenda que digo: rogandolhe que logo lha mandasse antes que anoytecesse / & não lha mãdando que iria por ela. El rey despedio ho messegeiro com dizer que responderia: mas não respondeo/ porque não determinaua de fazer cousa algũa do que lhe Jorge de brito pedia / antes lhe resistir quãto podesse pera o que se percebeo ho melhor que pode esforçando sua gente. E vendo Jorge de brito que tardaua a reposta del rey / deuse por respondido que queria guerra, & chamando a conselho seus capitães & outros homens honrrados da frota: propos algũs males que el rey Dachem tinha feytos aos Portugueses, polo que deuia de ser castigado / antes que tomasse mais atreuimento do que tinha. No que todos acordarão que se fizesse / & que ao outro dia pola manhaã desembarcassem: o que receãdo el rey Dachem trabalhou polo impidir / mandando fazer aquela noyte hũa estancia sobre a lombada em que mandou assestar algũs berços pera que tirarassem aos nossos / não somẽte ao desembarcar / mas se quisessem sobir acima: & mandou a hũ seu capitão que a goardasse com obra doytocentos mouros os mais deles frecheiros. Jorge de brito como foy manhaã abalou pera terra nos bateys da frota com a gente de lanças/ espadas/ & adargas. E os besteiros & espingardeiros hião todos na fusta de Gaspar galo apartados, porque auião de ir na dianteira / & hião assi pera desembarcarẽ logo juntamente & se porem de golpe em ordem: o que não poderia ser indo espalhados pelos bateys. E logo a desauentura que aqui auia dacontecer começou logo aqui de dar sinal/ porque como vẽtasse ainda ho terrenho & a fusta era grande & hia bem carregada não a deixaua ele remar tãto como os bateys q̃ hião mais boyantes & se remauão melhor: o que foy causa de chega-

rem a terra muyto primeyro que a fusta / ⁊ em desembarcando começão os mouros de desparar os berços que estauão na estancia/ com que lhe não fazião nenhũ nojo por estarem muyto ao sopé da lombada. O que vendo ho capitão dos mouros como era homem esforçado/ quis ver se por sua pessoa cõ os seus podia defẽder aos Portugueses que nã sobissem pola lombada/ ⁊ lançase corrẽdo por hũa ilharga dela com a mayor parte dos seus: dando grandes gritas/ ⁊ tirando muyta soma de frechadas. O que vendo Jorge debrito lhe pesou de não esperar pela fusta em que hião os bésteiros ⁊ espingardeiros, ⁊ então conheceo ho erro que nisso fez, porque se os teuera muy facilmẽte castigara aqueles mouros contra quem mandou que fosse Lourenço godinho com os de sua capitania pera os fazer ter. E parecendolhe que ganhada aquela estancia da lõbada não tinhão os mouros mais força/ com desejo de se despachar a finha não quis esperar pelos espingardeiros ⁊ bésteiros/ ⁊ remete cõ os outros capitães pela outra ilharga da lombada que estaua despejada/ ⁊ não parou ate chegar á estancia: de que logo fugirão esses mouros que hi estauão sem ousarem de fazer nenhũa mostra de resistencia/ ⁊ a fugida destes ⁊ ver ho seu capitão que pelejaua com Lourenço godinho a estãcia ganhada, forão causas pera q̃ ele não tardasse muyto em deixar a peleja ⁊ se acolher sem hũa parte nẽ outra receber nenhũ dãno. Neste tempo estaua el rey da chem prestes com mil homẽs muyto bem armados á sua vsança ⁊ quatro alifantes armados/ ⁊ ouuindo estes a grita ⁊ reuolta que hia onde estaua a estancia sayrão alguũs fora da cidade a ver o que era: ⁊ em aparecendo vio os João serrão que era ho alferez d̃ Jorge debrito: ⁊ como homem leue do siso sem lho ele mandar remete pola ladeira abaixo pa onde aparecerão os imigos ⁊ apos ele todos os outros quando ho virão partir, sem valer a Jorge debrito bradarlhes que se teuessem: porq̃ sua tenção era esperar polos bésteiros ⁊ espingardeiros, ⁊ dar na cidade com toda a gẽte posta em ordẽ. E quando vio que não podia meter nela aqueles foy se coeles: os immigos que sayrão da cidade em vẽdo ir os Portugueses se recolherão pera a cidade, õde el rey estaua com toda sua gente ⁊ alifantes. E entrãdo os nossos apos os imigos que cuydauão leuar de vencida, derão com ho corpo da gente que os cercarão antre as casas: ⁊ começarão de os ferir muyto rijo d̃ todas as partes/ assi com frechas como com lanças darremesso cõ que lhes dauão muy mortaes feridas / de que os primeyros que morrerão forão João serrão ho alferez / ⁊ hũ Ayres coelho / ⁊ hũ Gaspar fernandez que hia por feytor de Maluco homẽ muyto valente caualeyro, ⁊ tão conhecido por tal que disse el rey dom Manuel a Jorge debrito quando lhe pedio a feytoria parele que era melhor pera matar hũ mouro que pera ser feytor. E este Gaspar fernandez foy tomado por hũ

allfante que ho refinou pera ho ar ⁊ da pancada que deu quando cayo morreo/ ou ho acabarão de matar os immigos que de cada vez apertauão mais os noſſos, q̃ pelejauão com muyto eſſorço/ principalmẽte eſſes capitães ⁊ homens dobrigação: porem os imigos erão tãtos ⁊ os tinhão tão apertados que lhes não aproueitaua pelejar: ⁊ todos eſtes q̃ digo forão feridos ⁊ mortos, ⁊ antreles Jorge de brito: com cuja morte os q̃ ficauão forão logo deſbaratados ⁊ fugirão ſeguindo os immigos apos eles, matando ⁊ ferindo neles. E indo aſſi encõtrarão com Lourenço godinho que hia caminho da cidade/ ⁊ quando os vio vir daquela maneyra/ voltou tambem a recolherſe aos bateys/ deixãdo deſemparados os q̃ fugião ſem os querer recolher nem fazerſe em corpo coeles: pelo que os immigos lhes poderão ainda fazer mais mal ⁊ os ſeguirão quaſi ate a praya, onde os noſſos mais deſaliuados dos immigos ſe recolherão aos bateys ſem a fuſta de Gaſpar galo poder ainda chegar por dar em ſeco. E recolhendoſe os noſſos hũ Luys raposo ⁊ Pero veloſo ãbos criados del rey, ⁊ da criação de Jorge de brito perguntarão por ele/ ⁊ achando que não era embarcado/ diſſerão q̃ nunca deos quiſeſſe que ſembarcaſſem ſem ele/ ⁊ tornaranſe a meter antre os immigos a buſcalo/ ⁊ matando muytos deles forão mortos: ⁊ coeſtes matarão os mouros bem ſetenta homẽs todos eſcolhidos ⁊ de nome/ ⁊ forão feridos muytos mais deſpantoſas feridas que lhes derão com lanças darremeſſo que lhes paſſauão as coiraças, mas eſtes viuerão deſpois todos, ⁊ dos mouros morrerão muyto poucos.

¶ Capit. lvj. De como por morte de Jorge de brito ſucedeo na capitania de Maluco Antonio d' brito ſeu irmão ⁊ do mais q̃ paſſou.

Recolhidos os noſſos cõ tamanha perda como digo, Lourenço godinho ſe apoſſou da armada/ ⁊ encomendou as capitanias dos nauios aos eſcriuães deles, ⁊ por conſelho de todos ſe partirão logo dali pera ho porto de Pedir que he a diante/ porque não ſayſſem os imigos ⁊ os tomaſſem: ⁊ como os nauios não tinhão capitães ouue algũs que ſe quiſerão leuãtar coeles ⁊ irſe a diuerſas partes a fazer preſas. E eſtando aſſi dous dias deſpois de ali eſtarẽ chegou Antonio de brito/ ⁊ ſabendo a morte de ſeu irmão foyſe pera a capitaina/ onde antre outros papeis achou hũ aluara del rey: em que lhe daua a capitania de Maluco por morte de ſeu irmão, ⁊ por ele tomou poſſe da frota/ ⁊ foy de todos obedecido por capitão mór, ⁊ proueo logo as capitanias dos nauios dãdo a do galeão de Chriſtouão correa a hũ fidalgo chamado Antonio de melo, ⁊ a do nauio de Chriſtouã pinto a Lourenço godinho/ ⁊ a de Franciſco godiz a hũ Franciſco de brito chamado dos oliuais, ⁊ a da carauela de Lourẽço godinho

a hũ seu irmão q̃ auia nome Pero
botelho, ⁊ a do sua carauela a hum
Pero fernandez piloto. E reparti-
das estas capitanias se foy ao por-
to de Pacẽ onde ainda achou Jor-
ge dalbuquerque, a que algũs ami-
gos daluoroços ⁊ nouidades acon
selharão q̃ podia tirar a capitania
de Maluco a Antonio de brito ⁊
dala a outrem q̃ era a dada sua por
Jorge de brito morrer debaixo da
sua jurdição/ ⁊ não ser ainda feyta
a fortaleza de q̃ auia de ser capitão,
⁊ que ho aluara da sucessam Danto
nio de brito não se entendia se não
sendo seu irmão ja capitão da forta
leza: ⁊ por isto quisera Jorge dalbu
querque lançar mão da armada. E
defendendose Antonio de brito por
muytas rezões, vierão a concerto
que se os capitães da armada Dan-
tonio de brito fossem contentes de
lhe obedecer por capitão mór q̃ ho
fosse/ ⁊ se a Jorge dalbuquerque q̃
ele podesse dar a capitania a quem
quisesse. E forão tomados os vo-
tos dos capitães, mestres/ pilotos
⁊ homẽs honrrados da armada, ⁊
por todos votarem q̃ querião An-
tonio de brito por seu capitão mór
lhe ficou a capitania, ⁊ foyse cõ Jor-
ge dalbuquerq̃ a Malaca ondesta-
ua Garcia de sá por capitão da for-
taleza, que a entregou logo a Jorge
dalbuquerque por virtude da sua
prouisam: ⁊ por nã ser ainda a mou
ção pera Maluco ficou Antonio d
brito em Malaca ate ser vinda. E
com tanta ⁊ tão boa gente como se
ajuntou em Malaca, cessou a arma
da delrey de Bintão delhe ir cor-
rer como dantes.

¶ Capit. lxvij. De como ho gouernador Diogo lopez de sequeyra mãdou por capitão mór Diogo fernandez de beja a Cambaya, ⁊ do que lhe aconteceo.

Despois da partida Dan
tonio correa pera Baba
rem em Agosto/ mãdou
ho gouernador que esta-
ua em Ormuz a Diogo fernandez
de beja capitão mór da armada que
auia dir fazer guerra a Cambaya q̃
se partisse, ⁊ que ho esperasse da põ
ta de Diu ate ho rio de Madre fa-
bá onde esperaua de fazer a fortale-
za que ouuera de fazer em Diu. No
que ho gouernador não teue nenhũ
segredo antes ho disse pubricamẽ-
te. E coeste regimẽto se partio Dio
go fernãdez/ cujos capitães forão,
Nuno fernandez de macedo no ça-
morim grande/ ⁊ Gaspar doutel ẽ
hũ nauio redondo/ ⁊ Manuel de
macedo em hũa carauela. E parti-
do Dormuz aos vinte Dagosto, ⁊
chegando á costa de Cambaya na
parajem da cidade de Patane to-
mou ele dous zãbucos de mouros
q̃ hião da outra costa: ⁊ Nuno fer-
nãdez ouue vista d hũa nao de mou
ros que lhe fugio/ porque em lhe ti
rando hũ bombardeiro nosso hũa
bombardada deu na relinga da ve-
la ⁊ rompea, ⁊ em quanto a remẽda
rão acolheose a nao. E dali foy lo-
go ter coele outra muyto grande q̃
hia do estreito ⁊ leuaua por cada
banda dez bombardas roqueyras,
⁊ hião nela cento ⁊ vinte mouros
brancos de peleja muytos deles es
pingardeiros a fora outros/ ⁊ mo

lheres & meninos/ & carregada de muyta mercadaria: & ele lhe deu caça ate a encaualgar. Vêdo os mouros que os tomauão parece que confiados na grandeza de sua nao: que espedaçaria ho galeão se ho encontrasse em cheo, poserão a proa nele indolhe de balrrauento: & se ele não arribara ouuerão de partir polo meyo/ tão poderosa era a nao. E como ela ficou tão perto do galeão mandou Nuno fernandez aos mais dos nossos que se metessem na alcaçoua do galeão/ & cobrir a entrada com hũ pano: porq̃ os mouros vendo pouca gente lhe não ouuessem medo & não fugissẽ/ & assi foy: por onde a nao foy logo aferrada por proa/ a que cinco ou seis dos nossos acodirão com Nuno fernandez, & entrarão dentro coele: & os outros ficarão de popa por onde cuydarão que se a nao abalrroasse. E como os mouros se virão entrados arremeteram a Antonio daraujo, que foy ho primeiro que entrou/ & derãlhe hũa cutilada por hũa perna. E ho segundo foy Aluaro de brito filho de Nuno borges/ a que ferirão na cabeça sobre hum olho: de maneira que logo ho derribarão/ & a Nuno fernandez com hũ zaguncho per hũa ilharga / com que lhe desentressolharam as couraças. Os outros mouros tambem se poserão polo bordo da nao, & tirauão muytas frechadas, pedradas, & espingardadas/ & era abarafunda muyto grande. E estãdo os nossos que estauão na nao neste perigo, & sentindoho os que ficauão no galeão socorrerãolhe. E dando Santiago nos mouros entrarão por popa/ & destes que entrarão obra de quatorze começarão de pelejar com os monros: q̃ os outros meteranse logo a roubar a nao. E com a peleja dos nossos afroxarão os mouros de proa & desaliuarão Nuno fernandez/ & os outros por acodirem aos de popa: onde os nossos matarão a mor parte dos mouros/ principalmẽte os bombardeiros que logo os conhecião polos murroẽs: & os outros forão catiuos com toda a mais gente da nao/ que foy logo passada ao galeão. E porque não auia agoa pera tantos mandou Nuno fernandez a dous bombardeiros nossos que esteuessem a bordo com senhos marroẽs & matassem coeles todos os mouros homẽs: & assi ho fizerão, & deitauãnos ao mar, & somente ás molheres & meninos derão a vida. E despois de baldeada a mor parte da fazenda da nao no galeão: mandou Nuno fernandez a dous carpinteiros que lhe fossem fazer dous rombos pera se meter no fũdo. E eles com medo fizerãolhos: tam pequenos que pode entrar pouca agoa. E tambem porque despois de saidos/ algũs mouros que se esconderão na nao/ vendo os rombos que lhe fizerão: & sentindo como a deixauão taparanlhe os buracos, de modo que a nao se nam foy ao fundo. E isto seria ate as noue horas do dia. E cuidando Nuno fernandez que a nao ficaua bem arrombada deixou ha.

¶ Cap.lxviij. De como Hagamahmut saio com algũas fustas de Diu a pelejar com os nossos, e os desbaratarão: metẽdo no fũdo ho nauio de Gaspar doutel.

Como isto fosse obra de seis legoas d Diu/ ouuerão os mouros vista dos nossos. E sabendo ho Meliqaz que ja hi estaua/ e sabia q os nossos estauão coele de guerra, mãdou logo a Hagamahmut q saisse cõ ate.xviij fustas aos nossos/ e ele ho fez assi: Comque eles quando virão as fustas ficarão todos bem agastados, porque como auião de passar Golfão trazião a artelharia abatida: e as portinholas do lume dagoa calafetadas/ porque lhe não ẽtrasse ho mar dentro, e vinhão os nauios assaz dempachados com fato: o que algũ tanto foy descuido dos nossos capitaẽs, porque como ouuerão vista da costa de cambaya: e mais tam perto de Diu logo se ouuerão daperceber: e mais sabẽdo que as fustas lhe auião de sair em auendo vista deles: assi que vendo as os nossos quiserãose aperceber, mas elas não lhe derão lugar pera isso. E Hagamahmut mandou a duas que tomassẽ a nao dos mouros e a leuassem a Diu: e assi ho fizerão/ e as outras repartio peraque pelejassem com os nossos segundo lhe pareceo q abastarião pa isso. E como ho vẽto era calma terçaualhe bẽ pera a peleja. E os nossos quando virão repartir as fustas cuidarão q não fosse a cousa como foy: porem os mouros que leuauão ẽ determinação d os destroirem de todo/ remeterão hũs e outros ao nauio q lhes coube: e cercarannos polas popas/ e começarão de os sacudir com a artelharia que trazião muy boa, e os nossos ali nhũa pola causa q digo/ principalmẽte ao lume dagoa: que a dos altos como as fustas erão rasteiras não lhe podia fazer nojo: nem os nossos não lho podião fazer cõ outras armas/ porq os mouros tirauão em roda viua tanta espingardada, e frechada/ que era pasmo. E ho primeiro nauio com que apertarão foy ho de Gaspar doutel questaua mais a lanço: e metianno no fundo quanto podião, ho que ele vẽdo: e que não podia escapar determinou de aferrar comos imigos posto que erão muytos em demasia/ porque por ser muy esforçado lhe pareceo q se poderia assi ajudar deles: e coesta determinação mandou atracar ho batel pera se meter dẽtro com os do nauio: ho que eles não quiserão dizendo que os mouros erão tantos que parecia doudice cometelos: e ele respondeo que melhor era doudice que couardia porque não podia ser mayor que deixarse assi morrer como deixarão/ porque não tardou muyto q se acabou ho nauio dencher dagoa de popa: e adernãdo dela leuantou a proa pera cima e foyse ao fundo/ com morrerem os mais dos nossos: e algũs q escaparão nadãdo forão tomados dos mouros com grandes gritas que

dauão com prazer de tamanha vitoria/ & muyto mais esforçados q̃ dantes forão ajudar seus companheiros/ que pelejauão com ho capitão mor & com Nuno fernandez. (que de Manuel de macedo parece que não fazião conta por a sua carauela ser pequena) & os que cercarão ho capitão mor lhe derão hũa bombardada ao lume dagoa abaixo do conues que ho meterão no fundo se não acodirão logo cõ hũ bacio de prata dagoa as mãos q̃ não se achou outra pasta de chũbo/ & pregado hũ coiro por cima vedouse a agoa que não entrasse: & cõ tudo ainda ho ouuerão de meter no fundo segundo apertauão coele/ se ho não defẽdera ho seu batel que era hũ batelão grande com hũa tilha em que trazia hũ camelo & dous falcoẽs: que varejarão tã bem as fustas/ q̃ as fizerão afastar de lonje, & assi ficou liure ho capitão mor & não lhe matarão ninguẽ. E como Nuno fernãdez não teuesse outra tal defensão/ os mouros q̃ ho cõbatião ho apertauã tã rijo que quanto parecia sobela agoa do bordo ate a gauia era cuberto d̃ frechas que os imigos pregauão nele: & coisto tanta bombardada que não se lhe podia ninguẽ em parar. Porque estando hũ bõbardeiro no conues com hũ falcão as costas pera tirar aos imigos, dalhe hũ pelouro polos peitos & matouho: & outro entrou por hũa portinhola da despẽsa do galeão q̃ staua calafetada por ser ao lume dagoa, & leuou as pernas ao despenseiro, & hũ pedaço dum hombro a Aluaro de brito questaua ali ferido: & passando auante matou hũa molher, & leuou hũa mão a hũ menino, & hũa nadega a hũ homẽ: & assi ferio outras quatro pessoas, & forão por todas noue: & outro pelouro q̃ leuaua d̃ mestura hũa roca deu na cabeça do escriuão do galeão & leuoulha: & assi matou outro homẽ criado do bispo q̃ então era de lamego/ & agora he arcebispo d̃ Lisboa/ & ferio despois bẽ sete pessoas. E quis nosso senhor q̃ estando os nossos neste tamanho aperto começou de ventar algũ vento que era antre terrenho & viração que assi como começou começarão os nossos de fazer caminho, mas nem por isso as fustas deixarão de os seguir ás bombardadas: porq̃ como ho vẽto era galerno podião com os nossos nauios, & apertarã nos tanto que os fizerão meter na enseada de Cambaia, indo com tãta necessidade dagoa q̃ a cada pessoa se não daua mais que mea ma dagoa por dia: & isto os apertaua mais que as fustas/ se não quando lhes da hũa trouoada seca: & foy tam rija que as fustas se acolherão ho mais q̃ poderão, & tornaranse a Diu. E vẽdo os nossos as fustas acolhidas surgirão/ & surtos lhe sobreueo outra trouoada molhada com que se fartarão dagoa: & apos ela forão dar coeles dous zãbucos de mouros de Braua/ carregados descrauos pretos, & Sãdalo brauo: & tomados foise ho capitão mor a Chaul a tomar agoa & mantimentos/ que estaua hi hũ feytor nosso chamado Diogo paez

⁊ tomado ho de que tinha necessi-
dade: tornousse a buscar ho gouer-
nador/ pera lhe dizer que não cu-
rasse de cometer fazer fortaleza em
Madre faba: porque soube q̃ Me-
liqueaz soubera dos nossos que es-
caparão do nauio de Gaspar dou
tel/ a determinação do gouerna-
dor de querer hi fazer fortaleza em
tornando Dormuz ⁊ logo se aper-
cebera pera lho defẽder, ⁊ por isto
foy grande mal descobrir ho go-
uernador sua determinação como
atras disse: que se a não descobrira
poderasse ali fazer fortaleza. E
Diu não dera despois tanto traba
lho como deu.

Capit. lxix. De como partio de Portugal dom Duarte de meneses por gouernador da India, ⁊ de como chegou lá com toda sua armada.

Sabendo el Rey de
Portugal que na
India começauão
dauer aluoroço: d
guerra, ⁊ q̃ alguũs
Reys ⁊ senhores
começauão de declinar da obedi-
encia ⁊ acatamento que dantes ti-
nhão ao seu nome: quis mandar
hũ gouernador que tornasse a res-
taurar isto no primeiro estado. E
pera isso escolheo a dom Duarte
de meneses capitão da cidade de
Tangere em Africa, onde em muy
tos annos tinha dado assaz d teste
munho de seu esforço ⁊ valentia
contra os mouros em muytas ba
talhas que vencera; ⁊ ẽ lhe entrar
tanto pola terra que chegou aos
Mõtes claros (cousa que os mou
ros nũca cuidarão, ⁊ que os muy-
to mais espantou que todo ho pas-
sado) ⁊ por esta experiencia que a-
uia de dom Duarte, ⁊ por ser filho
do cõde de Tarouca: prior do Cra
to ⁊ alferez mor del Rey lhe deu
ele a gouernaça da India cõ muy-
ta auantajem do que ate li fizera
aos outros gouernadores. E des-
pachada sua armada se partio de
Lisboa a cinco Dabril anno de mil
⁊ quinhentos ⁊ vintehũ. E os ca-
pitaẽs que leuou forão estes/ dom
Luis de meneses seu irmão que le-
uaua a capitania mor do mar da
India: Martim afonso de melo de
Santarem que leuaua hũa viajem
pera a China/ por capitão mor de
tres naos afora a sua: cujos capi-
taẽs erão Vasco fernandez couti-
nho ⁊ Diogo de melo, seus irmãos
⁊ Pedromẽ irmão do estribeiro
mor que hião por capitaẽs desta
armada, ⁊ Johão d melo da silua,
que hia pera capitão de Coulão
⁊ Vicente gil filho de Duarte tris-
tão hum armador. E partida esta
armada sem lhe acontecer cousa
que seja pera contar/ chegou a cos
to da India em Agosto: ⁊ estando
surta sobre Baticala / chegou hi
dom Aleixo de meneses, que como
abrio a barra de Cochim se par-
tio com tres gales/ de que erão ca-
pitães, dom Jorge de meneses,
Francisco de mendoça/ Andre de
sousa chichorro/ que hia caminho
de Madre faba a buscar ho gouer
nador Diogo lopez. E dando re-
zão a dom Duarte do estado em q̃

a Jndia estaua seguio sua via. E dom Duarte se foy a Cochim onde se apousentou na fortaleza/ ꝛ começou logo dusar do officio de gouernador.

¶ Capit. lxx. De como Antonio correa ouue a ilha de Baharẽ/ ꝛ a fortaleza de Catifa: ꝛ se tornou a Ormuz.

Como el Rey Mocrim foy morto/ hũ seu sobrinho chamado Xequebamet a que a gẽte da terra obedecia mandou pedir seguro a Antonio correa pera lhe hir falar pera lhe entregar a ilha d Baharem ꝛ a fortaleza de Catifa: porque todos os da terra q̃rião estar a seruiço del Rey de Portugal/ ꝛ em sinal de aquilo ser verdade lhe mandou dous caualos Arabios. E este recado lhe leuou hũ mouro homẽ muyto aluo ꝛ rosado, vestido ao modo Veneziano de pano de cor de bredo. E dado por Antonio correa ho seguro viose com Xequebamet/ q̃ lhentregou a ilha ꝛ fortaleza, com condição que lhe desse passagem pera a terra firme a ele ꝛ á gente estrãgeira: ꝛ Antonio correa lha deu tambem cõ condição/ que não leuasse nenhũas armas nẽ caualos de que tinha muytos. E feita a entrega coestas condiçoẽs, foy dada a passagem a Xequebamet ꝛ a sua gẽte: ꝛ passou os Raix xarafo nas suas terradas: ꝛ despois que passarão ho mesmo Xarafo foy tomar posse de Catifa por el Rey d Portugal, ꝛ por el rey Dormuz. E Antonio correa fez gouernador de Baharem Raix bubacahum mouro Arabio capitão principal, ꝛ muyto bom homẽ de que a gente da terra foy muyto contente. E restituido todo ho reyno de Baharem a el Rey Dormuz, ꝛ ficando tudo em paz partiose Antonio correa caminho Dormuz aos doze dAgosto ꝛ não esperou por Raix xarafo, por ter grãde receyo que achasse ja ho gouernador partido pera Cambaia porque não leuaua em regimento que esteuesse em Baharem mais que ate vinte cinco de Julho: porque cõpria ao gouernador partir cedo pera Cãbaia / porque desejaua de fazer a fortaleza em Madre faba antes q̃ de Portugal fosse outro gouernador. E pola pressa q̃ Antonio correa teue de sua partida deixou dauer muytos caualos ꝛ outras cousas ricas/ que ficarão em poder de Raix xarafo ꝛ ele as deixou por fazer ho que deuia: ꝛ hir a tempo ao gouernador que fazia dele muyta conta: de quem foy muyto bem recebido chegãdo a Ormuz. E el rey Dormuz ho mandou logo visitar dizẽdo que ho não fazia per si por estar doente de hũa perna. E Antonio correa ho foy ver, ꝛ ele lhe fez muyta hõrra: ꝛ lhe mãdou dar hũ terçado douro/ ꝛ hũa adaga/ ambos muyto ricos ꝛ hũ caualo selado com hũa sela ꝛ goarnição d prata, ꝛ peças d brocado ꝛ outras peças de seda: ꝛ a seu irmão q̃ hia coele outras/ ꝛ huã adaga ꝛ terçado ambos ricos: ꝛ assi mãdou dar

peças ricas a todos os capitaães & fidalgos que forão coele na armada que ho acompanharão/ pedindo a todos muytos perdoẽs de lhes dar tam pouco: porque se fora senhor de todas suas rendas como dantes que lhes pagara os gastos & os trabalhos como merecião. E despois de chegado Antonio correa / chegou da hi a algũs dias Raix xarafo cõ sua armada, & entrou muyto soberbo por hir com os nossos & suceder a cousa tã bem como sucedeo.

¶ Capit. lxxj. Do conselho que ho pay del rey Dormuz lhe deu q̃ não fizesse treição aos nossos. E de como a treição foy descuberta ao gouernador.

Vindo Raix xarafo de Sabarẽ trouue mais pposito de fazer cõ el rey Dormuz que se leuantasse, porque vinha muyto poderoso de gẽte: que toda a da armada que leuou a Sabarem era sua, & por ser goazil Dormuz & filho de Raix noradim, cuja feitura erão os mais de seus moradores tomou mor atreuimento pera se leuantar: & por isso falou logo com el rey como chegou: & sabendo que estaua em proposito de se leuantar persuadio ho que permanecesse. E sabendo ho pay del Rey que ele tinha esta determinação como velho/ sabedor & prudente lhe fez hũa fala: em que lhe trouue á memoria os beneficios que recebera Dafonso dalbuquerque ẽ ho lirar do catiueiro de Raix hamet/ & em ho restituir no reyno tẽdo tudo em seu poder: & que sempre ho tratara como a filho, & assi recebera muytas amizades dos nossos: & posto q̃ el Rey de Portugal lhe tomasse sua fazenda não era de modo que lhe não ficasse largamente ho necessario pera seu gasto/ & que pois ele não tinha dãtes mais (por que ho resto se gastaua a võtade do goazil) não lhe desse gastalo el rey de Portugal porque co isso ficaua seguro das treiçoẽs que auia em Ormuz: porque ele não lhe auia de tomar mais que a fazẽda com partir coele, & ho goazil não somente se auia de contentar de lha tomar mas ainda a vida como costumauão: por isso que lhe rogaua que se não leuantasse. E com quanto este conselho era como de pay, persuadio ho mais ho de seu sogro Hoxe que que sempre ho matinaua que se leuantasse. E começãdosse isto dordenar/ Raix de lamixá q̃ sabia parte desta cousa como era grãde amigo de Manuel velho cõ quẽ era cõpanheiro nalfãdega, disselhe hum dia: que Raix noradim seu pay lhe deixara ẽcomẽdado quando morrera que fosse sempre muyto leal aos nossos/ porque eles ho restituirão em sua honrra q̃ lhe Raix hamet tinha vsurpada & ho vingarão dele: & porque lhe ele prometera d̃ ho fazer assi/ lhe queria descobrir hũa cousa em que hia muyto ao gouernador: & isto fazia porque ho tinha por irmão & queria que ganhasse as aluisaras disso: & descobriolhe como el Rey trataua de

se leuantar/ ⁊ determinaua de mã dar queimar a frota do gouernador porque não teuesse em que se acolher: ou deixalo pera despois q̃ se fosse ⁊ tomar a nossa fortaleza. E cuidando Manuel velho que daria nisto grande noua ao gouernador/ despois que soube que Miramahmet morado, ⁊ ho xeque erão os que mais conselhauão el Rey que se leuantasse: rogou a Raix dela mirá que quisesse dizer aquilo ao gouernador/ ⁊ ele disse q̃ diria sendo ele lingoa (porque sabia bem a Persiana) ⁊ dizendo ele que si forãose a casa do gouernador hũ dia pola sesta/ õde lhe descobrirão em segredo ho que disse: do que ho gouernador não fez nhũ caso nẽ recebeo coisso nhũa alteração: ⁊ Manuel velho dissimulou cõ Raix dela mirá dandolhe muytos agardicimẽtos da parte do gouernador. E ainda sobristo porque pareceo a Manuel velho q̃ ho assessego Dormuz estaua na morte do xeque/ ⁊ d̃ Miramahmet morado/ ofereceose ao gouernador pera os matar secretamẽte quãdo hião de noyte pera casa del Rey/ per hũ lugar secreto que lhe dissera Raix dela mirá/ ⁊ ho gouernador não quis. E não abastou este auiso que lhe estes dous derão mas ainda sobristo Raix hamet outro irmão de Raix xarafo disse ao gouernador que se queria ter Ormuz em paz que quando se fosse pera a India não deixasse nele ho xeque sogro del Rey, ⁊ ho gouernador atẽtou tão pouco por isso que não lhe perguntou a causa porque ho dizia, nem como ho sabia, nem menos tomou seu conselho: E sobresto lhe deu Frãcisco de sousa tauares outro. Que sabendo ele q̃ Raix xabadim estaua ẽ Orfação da mão del Rey Dormuz, que dantes se mostraua escandalizado dele mandandoho prender: disseo ao gouernador ⁊ que lhe parecia aquilo muyto mal/ ⁊ que era pera se entender que el Rey de Ormuz queria ordenar algũa treição/ ⁊ por isso ho tinha ali: que deuia dir sobrele ⁊ tomalo. E ho gouernador fez sobrisso algũs cõselhos. E acordousse que fosse sobre Orfacã ⁊ o tomasse: ⁊ por derradeiro não quis fazelo por ser muyto confiado. Porem a verdade não se soube saluo que se dizia que estaua muyto descontente por el Rey de Portugal não deixar em seu arbitrio/ ⁊ no parecer do conselho da India a maneira de como se auião de poer os nos nossos officiaes nalfandega Dormuz se não taixar logo la tudo: ⁊ dizia quel Rey escriuia na area: ⁊ por este desgosto parece que não comprio ele ho regimento del Rey, que era mandarlhe que fizesse em Ormuz duas fortalezas, ⁊ recolhesse a elas todos os nossos que morauão fora da fortaleza, onde deixaria oytenta homẽs de caualo/ ⁊ no mar hũa boa armada: porque desta maneira ficarião os mouros enfreados pera se não leuantarem: ⁊ de tudo isto ho gouernador não fez cousa nenhũa/ mas ainda ho dinheiro que rendia a alfandega/ que el Rey mandaua que se recolhese em hũ cofre, ⁊ que ho teuesse Manuel velho em poder,

ho entregou a el Rey Dormuz ⁊ lá eſtaua: ⁊ a frota q̃ deixou a Manuel de ſouſa tauares capitão mor Dormuz/ foy hũ nauio em que ele andaſſe/ ⁊ hũa carauela de que era capitão Johão de meira, ⁊ em hũa galeota Franciſco de ſouſa ho brauo, ⁊ em hũa fuſta Fernão daluarez dega, ⁊ em todas tam pouca gente que não era nada: ho que vendo ho capitão da fortaleza dõ Garcia coutinho lhe pedio ⁊ requereo que lhe deixaſſe mais gente, ⁊ que olhaſſe como ficaua a terra bolida: ⁊ ele lhe deu então trezentos homẽs. E dizendo dom Garcia que era pouca gente/ dixelhe ho gouernador que deixaſſe a fortaleza ⁊ que a daria aquem a defendeſſe com aquela gente.

Capit. lxxij. De como ho gouernador mudou ho conſelho que tinha de fazer fortaleza em Madre faba/ ⁊ a começou em Chaul.

DEixando ho gouernador Ormuz tam bem apercebido pera ho grande perigo em que ficaua/ apercebeo ſua partida pera a India. E diſſimulando el rey Dormuz a treição que queria fazer/ rogoulhe que deixaſſe algum nauio pera lhe leuar hũ embaixador que queria mandar a el Rey de Portugal, ⁊ aſſi hũa tenda rica ⁊ outras peças que lhe queria mandar de preſente: que fingio que ſeſtauão fazendo. E ho gouernador deixou a Pero da ſilua de meneſes capitão hũa nao que leuaſſe eſte embaixador: ⁊ iſto feito partioſe na fim de Setembro/ com fundamento de fazer hũa fortaleza no rio de Madre faba/ ⁊ pera iſſo leuaua a nao Serra de que hia por capitão Aires correa/ carregada de petrechos ⁊ muniçoẽs neceſſarias ⁊ algũs rumes catiuos, pera ajudarem ao trabalho. E chegando a ponta de Diu que não achou Diogo fernandez de beja com ſua armada/ ficou eſpantado de ho não achar polo que lhe tinha mandado: ⁊ parecendolhe que feria a correr a coſta foy ſurgir na barra de Diu. Ho que logo Meliquiaz ſoube/ ⁊ como tam bem ſabia que dom Duarte de meneſes era chegado pera gouernar a India/ mandouho dizer ao gouernador com tenção: que ſe hia pera lhe fazer guerra que lha não fizeſſe: Porem ho gouernador não lhe reſpondeo nada/ ⁊ deixouſe eſtar. Ho que vendo Meliqueaz mandou logo muyta gente a Madre faba, receando que ho gouernador quiſeſſe ir lá fazer fortaleza como tinha ſabido polos noſſos/ que tomarão do nauio de Gaſpar doutel: ⁊ aſſi mandou meter mais gente ⁊ artelharia nas fuſtas que eſtauam a viſta do gouernador. Que eſtando aſſi ſurto os Rumes catiuos que eſtauão na nao Serra quiſſerão antes morrer que viuer catiuos, ⁊ por iſſo buſcarão maneira pera poerem fogo em hum payol ondeſtaua poluora em que ſe

acendeo de maneira que nunca lhe poderão valer que não ardesse a nao & quasi quantos estauão nela, & foy se ao fundo. E ficando ho gouernador muyto agastado por este desastre: & por se perderẽ os pertrechos & munições pera fazer ali a fortaleza, & lhe serem necessarios outros/ & os não ter/ & lhe parecer que os teria em Chaul: determinou de ir lá fazer a fortaleza, & por isso se foy pera lá, & na foz do rio achou Diogo fernãdez de beja, que lhe contou como lhe os mouros meterão no fundo ho nauio de Gaspar doutel & desbaratarão a elle & aos outros capitães: & como Meliquiaz tinha fortalecido Madrefaba, porque não podesse fazer lá fortaleza: polo que se ele tirou daquela determinação: & assentou de a fazer em Chaul, sobre o que tinha mandado Fernão camelo ao Nisa maluco. E esta fortaleza fez por fazer algũa cousa/ que se achaua corrido de não ter feito nada, & da pouca segurança que deixaua em Ormuz/ do que ele andaua assaz descontente, & assi ho dezia. E porque as naos em que ãdauão Lopo de azeuedo & Christouão de saa erão da carreira mandou os daqui pera Cochim/ & ele entrou pera dẽtro do rio, & foy surgir com toda a armada diante de Chaul/ onde achou Fernão camelo com reposta do Nizamaluco/ que daua licença pera se fazer a fortaleza/ com condição que lhe mandasse ali vender cada anno quatrocentos caualos Arabios. E com tudo pesaualhe muyto de se fazer segundo ho gouernador foy auisado: & por isso se concerou logo ho gouernador com Mamonacodá hum mouro honrado natural da terra/ & muyto principal nela: & ho peitou tanto que lhe deu maneira como ouuesse pedra & fizesse cal, pera fazer a fortaleza: & assi lhe desse madeira & outros materiais necessarios parela. E pera se fazer este concerto hia ho gouernador cada dia a terra/ & de noyte tornaua a dormir a frota: & neste tempo mandou fazer hũa tranqueira bem fortalecida dartelharia pera se defender se viessem imigos/ em quanto fazia a fortaleza: & isto porque teue por noua certa que Meliqueaz se vinha a Baçaim pera ver se lhe podia impedir que não fizesse fortaleza/ porque lhe pesaua muyto de a ter tam vizinha de Diu: & porem despois se soube que Meliqueaz não era ho que hia a Baçaim, se não Hagamahmut por seu mandado/ & que leuaua todas as fustas: & por isso ho gouernador se fortalecia, & de dia estaua em terra dando ordem aos que tirauão a pedra & fazião a cal, & de noite hia dormir á frota/ & a gente comũ ficaua em terra.

¶ Capitulo. lxxiiij. De como dom Aleyxo de Meneses chegou a Chaul, & de como Hagamahmut capitão de Meliquiaz correo per mar aos nossos

Deste tempo chegou dom Aleyxo de meneses a Chaul, ⁊ cõtou ao gouernador como era chegado dom Duarte de meneses por gouernador. E com tudo se deixou estar ate ser feita algũa parte da fortaleza: ⁊ auendo algũs dias que dom Aleixo era chegado/ se leuantou supitamente hũ grande rumor antre a gente da terra, dizendo que vinha Meliqueaz. E como os nossos ho ouuissem foy tamanho ho medo em algũs, que se embarcarão logo sem mais esperar: ⁊ outros dezião ao gouernador que se embarcasse/ porque Meliquiaz trazia mugto grãde armada ⁊ muyta gente, ⁊ se ho esperassem em terra que os moradores dela se ajuntarião coele ⁊ os tratarião muito mal E ho gouernador não quis tomar tal conselho: antes acodio aos que se embarcauão/ pelejando coeles ds palaura porq̃ se embarcauã sem seu mãdado deteueos. E nisto veo ter coele Antonio correa, q̃ com q̃nto ouuio ho rumor que hia/ não deixou douuir hũa missa que estaua ouuindo: ⁊ acabada foy ajudar ao gouernador a deter os que se embarcauão/ que era sem causa, porque Magamahmut era o que vinha/ ⁊ não Meliqueaz: ⁊ este ainda longe, ⁊ trazia sua armada. E sabendo ho gouernador a verdade/ mandou a dõ Aleixo que saisse ao mar, a pelejar com os imigos/ ⁊ que fosse em sam Dinis / ⁊ que ho acompanhassem outros dous galeões ⁊ a carauela de Manuel de macedo/ ⁊ as tres galés: em que por trazerem pouca gẽte mandou ho gouernador meter algũa de sua armada, o que todos fazião de maa vontade, assi fidalgos como dos outros: ⁊ a rezão disso era por andarem descontentes do gouernador, ⁊ por verem que aqui lo não era peleja em que se ganbasse honrra/ por ser de perigo sem se ninguem poder aproueitar de suas forças. E com tudo Francisco de souza tauares se embarcou na galé de Francisco de mendoça: ⁊ indo dõ Aleixo polo rio abaixo acalmoulhe ho vento ⁊ não pode sayr dele/ ⁊ virão os nossos que andauão os immigos ás bombardadas com hũa nao nossa: ⁊ esta era de Pero da silua de meneses/ que vinha Dormuz onde ficara esperando polo embaixador ⁊ presente que el rey de Ormuz dizia que auia de mandar a el Rey de Portugal: ⁊ vendo Pero da silua que tudo erão dilações não quis mais esperar ⁊ partiose: ⁊ indo pera entrar no rio de Chaul topou os immigos que andauão nas fustas que ho cercarão logo/ tirandolhe muytas bombardadas: ⁊ como os nossas vinhão desapercebidos não poderão aproueitarse de sua artelharia. E por a nao ser podre, ⁊ as bombardadas dos immigos muytas, meterãna no fundo: ⁊ ho capitão com os mais q̃ vinhão nela forão afogados: ⁊ algũs que ficarão sobela agoa forão tomados E antes da nao ser metida no fũdo quiseralhe dõ Aleixo socorrer por estar a vista: ⁊ mandou ás gales q̃ socorressẽ a remo/ o q̃ elas fizerã, ⁊ ao sair da barra como ja a nao era me

tida no fundo chegarão as fustas/
⁊ meterãose coele ás bõbardadas
tam rijo que os fizerão deter: ⁊ na
galé de dõ Jorge matarão tres ho-
mẽs cõ hũ tiro ⁊ assombrarão muy
tos. E assi esteuerão ate a tarde que
dom Aleyxo sayo fora: mas como o
vento era contrairo foylhe forçado
surgir na costa, ⁊ por isso não pode
chegar ás fustas questauão a sua vi
sta: de q̃ aquela noite fugio hũ dos
nossos q̃ fora catiuo na nao de Pe-
ro da silua, que contou a dõ Aleixo
o que lhe acõtecera. E como foy ma
nhaã os nossos se fizerão á vela pe-
ra pelejar com os imigos, que como
os virão ir juntos em corpo, ⁊ q̃ as
galés ⁊ bateis ficauã coeles ela por
ela: ⁊ cuydando que saisse toda a ou
tra que sabião questaua dentro: re-
tirarãse contra Baçaim/ dõde tor-
narão dali a dous dias, estando de
fora da foz Andre de sousa dando
goarda a hũ nauio nosso que estaua
esperando pera entrar com a maré:
⁊ Andre de sousa ho goardaua, por
que em quanto ali esteuesse não vies
sem os imigos ⁊ ho metessem no fũ
do/ como fizerão a Pero da silua.
E sintindo dom Aleixo q̃ estaua ain
da no rio a vinda dos imigos: temẽ
do que tratassem mal Andre de sou
sa sayo fora cõ sua armada: ⁊ vendo
quã pouca era pelejarão coela ás bõ
bardadas: no q̃ se deterião bẽ tres
horas: ⁊ morrerã algũs dos nossos
na galé Dandre de sousa: ⁊ Haga-
mahmut ficou muy soberbo de se
ter tãto cõ os nossos: ⁊ por ver que
não saya a outra armada a pelejar
coele/ que cuidaua q̃ lhe auia medo.

¶ Capi. lxxiiij. De como os nossos pelejarão algũas vezes com Hagamahmut: ⁊ de como ho gouernador determinou de se partir pera Cochim.

E Por se ho gouerna
dor recear q̃ os imi
gos saissem na pon
ta da barra/ onde
andauão os cauou
queyros tirando
pedra pera a fortaleza/ mandou a
Francisco de mendoça que na sua
galé se pegasse com terra, ⁊ impe-
pedisse que não sayssem os imigos
em terra: ⁊ dom Aleyxo com a ou-
tra armada lhe ficasse á vista dẽtro
no rio. E logo ao outro dia que isto
foy feito em começãdo a viração q̃
seria as dez horas do dia/ foy Ha-
gamahmut cometer Francisco de
mendoça/ estando dom Aleixo com
os outros capitães a tiro de falcão
⁊ a vista: mas por amor da viração
que era por dauãte lhe não pode so
correr: ⁊ com tudo mandoulhe aju-
dar cõ a artelharia, que os imigos
tinhão em muyto pouca conta que
lhe não fazião nenhũ danno por as
fustas serem rasteiras ⁊ ela tirar de
longe. E como Hagamahmut sabia
que dom Aleyxo não podia acodir
a Francisco de mendoça/ por amor
da viração que lhe era contraira, a-
pertauao muyto pera ho abolroar:
o que vendo seu comitre disselhe q̃
arribassem porque doutra maneira
não se podião saluar: ⁊ porque lhe ti
nhão ja quebrada a estanteirola/ ⁊
desgoarnecida muyta parte das o-
bras mortas. E com tudo Frãcisco
de mendoça porque não parecesse q̃

fugia não quis arribar dando vela, mas mandãdo arriar a amarra mãdousse alar por ela: ⁊ chegousse pera a nossa frota ⁊ ela parele, que a nossa artelharia ho pode ajudar ⁊ nem por isso os imigos se deixarão de chegar auante/ ⁊ tornarão a jugar as bõbardadas muy forte mente/ ⁊ durarão nisto bem quatro oras de relogio: ⁊ ficãdo muytos mortos na gale de Francisco de mendoça/ ⁊ tres na de dõ Jorge de meneses. Foysse Hagamahmut muyto contente/ posto que com muytas fustas desaparelhadas. E dom Aleixo se deixou ficar porque não pareceesse q̃ se recolhia com medo dele: q̃ assi ho cuidariã os da terra/ por terem para si que os imigos podião mais que os nossos ⁊ por isso se deixou ficar: ⁊ assi ho mandou dizer ao gouernador. E posse na boca da barra ondesteue dous dias esperando por Hagamahmut questaua nos Ilheos de Chaul dali a hũa legoa concertando suas fustas. E vendo dõ Aleixo que não hia foyo buscar leuando as tres gales, ⁊ a carauela de Manuel d̃ macedo/ ⁊ hũa fusta ⁊ ho batel de são Dinis com hũ tiro grosso/ ⁊ hia nele Francisco de sousa tauares, ⁊ dom Aleixo hia na gale de dom Jorge de meneses. E sabẽdo Hagamahmut como dõ Aleixo ho hia buscar, auendo a quilo por quebra de sua honrra: ⁊ que perderia a gente da terra ho credito que tinha nele de poder mais q̃ os nossos, vendo que ho hião buscar: sayo a receber dom Aleixo/ ⁊ cometeo os nossos porem não com a furia q̃ acostumaua. E começousse antreles hũ jogo de bombardadas, de que muytos dos remeiros dos imigos forão feridos, ⁊ dos nossos algũs. E vendo Hagamahmut hir a cousa daquela maneira como ventou a viração/ mandou surgir sua frota a balrrauẽto da nossa: que tambem surgio por que por ho vento ser por dauante não se podião chegar aos imigos: ⁊ assi esteuerão toda a noyte seguite. E ao outro dia tornou dom Aleixo a pelejar com os imigos/ ⁊ jugarão as bombardadas ate que veyo a viração que os estoruou: ⁊ então se tornou dom Aleixo a boca da barra/ esperando que tornasse Hagamahmut como tornou: ⁊ dõ Aleixo lhe saio: ⁊ despois de jugarem as bõbardadas se tornou a boca da barra: ⁊ por espaço d̃ vinte dias teuerão este trabalho/ sem se fazer de hũa parte nem da outra nhũa cousa notauel/ se não desaparelharense hũs aos outros com a artelharia: ⁊ mataranse remeiros hũs aos outros. E neste tẽpo mãdou ho gouernador fazer em hũa das pontas da barra da banda do sul hũ repairo a maneira de baluarte com cestos cheos de terra em que mãdou assentar algũa artelharia/ pera que tirasse aos imigos quando fossem cometer dom Aleixo: pera q̃ ho escusassẽ d̃ pelejar cõ ele/ ⁊ tirar os nossos de perigo ⁊ trabalho. E ho cõselho d̃ fazer este baluarte lhe d̃u hũ caualeiro chamado Pero vaz por mão homẽ d̃ bõ esforço sabedor da guerra por acostumar muito tẽpo em Italia õde

andara. E ho gouernador lhe deu a capitania desta estãcia de que fazia tirar aos immigos quãdo vinhão/ que por isso não tornarão dali por diante tão amiude/ porque a artelharia lhes fazia dãno. E com tudo Pero vaz hia dormir de noyte á frota porque os immigos ho não tomassẽ, ꝛ deixaua a artelharia só. O que foy dito ao gouernador, ꝛ q̃ prouesse naquilo porq̃ os mouros não fossem de noyte tomar aquela artelharia. E ele respondeo/ que como a auião os mouros d tomar. E sendo ja na fim Doutubro mandou Gõçalo de loule na sua carauela cõ recado a el rey de Portugal do que fizera em Ormuz, ꝛ como fazia aq̃la fortaleza: posto que mal dizẽtes dissérão que mandaua nela muyto dinheiro/ porque lho não tomassem quando chegasse a Portugal, ꝛ por dissimular a mandaua com aquele recado. E fazẽdo ele aq̃la fortaleza, punha grande diligencia por se acabar, cõ quanto Hagamahmut não deixaua d lhe correr muytas vezes: ꝛ como ho gouernador não tinha mais que vinte pipas de poluora quãdo se começara esta guerra/ hia selhe acabando quãto podia/ ꝛ não lhe vinha outra que mandara buscar a Goa, porque ja ho não tinhão por gouernador/ ꝛ esperauão cada dia por dom Luys de meneses capitão moor do mar pera quem a goardauão. E vendo ho gouernador q̃ lha não mandauão: ꝛ que se a que tinha se gastasse como se gastaua/ que se gastaria de todo/ ꝛ gastandose seria forçado arribar com toda a frota ꝛ deixar a fortaleza porq̃ os nossos não terião com que se defender dos immigos/ o que seria grande perda do seruiço del rey seu senhor ꝛ abatimento de sua honrra: pelo q̃ determinou de os nossos não sayrẽ mais a pelejar com os immigos, somente que os enxotassem da estancia que digo. O que se acordou em conselho, ꝛ assi se fez dali por diãte/ ꝛ se ouue algũa peleja foy pouca cousa: ꝛ a estancia se fortificou mais ꝛ poserão nela quinze dos nossos que a defendessem com Pero vaz. E como não ouuesse poluora mais que pera defensão/ ꝛ a torre da menajem da fortaleza esteuesse no primeiro sobrado/ posto que ainda não auia muro se não a tranqueira: determinou de se hir pera Cochim, porque se lhe chegaua ho tempo da partida pera Portugal: ꝛ auia de leuar consigo Antonio correa/ ꝛ dom Aleixo. E determinando isto deu a capitania da fortaleza a Anrique de meneses/ ꝛ a capitania mor da mar a Diogo fernandez de beja, por consentimento dos fidalgos capitaẽs das gales/ que auião de ficar debaixo da sua capitania: ꝛ Antonio correa ho soube deles desimuladamente/ por mandado do gouernador que receaua q̃ não quisessem: ꝛ por isso não ousaua de lhe dar a capitania mor: ꝛ deixoulhe a nao Frol da rosa pera em que andasse, ꝛ Santa cruz que era velha/ ꝛ as tres gales em que ficarão por capitaẽs aqueles q̃ ãdauão dãtes: ꝛ hũa fusta ꝛ a carauela d Manuel d macedo: ꝛ leuou a outra frota d velas grossas ꝛ ele em sam Dinis: cuja capitania deu a Frãcisca de sousa tauares.

¶ Cap.lxxv. De como despois de os imigos desbaratarem Andre de sousa chichorro/ pelejarão com Diogo fernandez de beja τ ho matarão. E de como ho gouernador deu a capitania do mar a Antonio correa τ se foy pera Cochim.

EStando Diogo fernãdez ď fora da barra surto com sua armada, saio ho gouernador com a de sua conserua, τ sorgio a oras do sol posto pera esperar ho terrenho com que auia ď fazer sua viajem. E nisto andaua Hagamahmut ha vista com sua armada/ q̃ nunca dali saya goardãdo a barra que não entrasse nhũ nauio nosso: τ em quanto ali andarão tomarão algũs por força em tempo que lhe os nossos não poderão acodir. E vendo os imigos ho gouernador surto porque fazia calma, τ os seus nauios que erão grossos não se podião ajudar: começarão de ho rodear a remo fazendolhe sobrançaria como quem tinha ho tempo por si/ com ho que se Diogo fernãdez agastou muyto: porq̃ a sua nao em que tinha toda sua fazenda estaua dentro no rio onde receaua que entrassẽ os imigos/ τ lha metessẽ no fũdo como acostumauão: τ por isso mandou pera a boca da barra Andre ď sousa chichorro na sua gale que agoardasse se os imigos quisessem entrar. E ele ho fez assi: τ surgio na boca da barra ẽ se çarrãdo a noite. Hagamahmut como ho vio surto foy logo sobrele cõ trinta fustas/ τ derãolhe tanta bõbardada toda a noyte que lhe desaparelharão a gale: τ despois que foy de dia lhe matarão setehomẽs τ a leyjarão ẽ hũ braço Aleixo de sousa chichorro seu irmão/ τ tinhãno abalrroado pera ho entrar. E estãdo neste aperto socorreo dom Jorge de meneses que estaua mais perto τ tinha a gale mais remeira que as outras, τ no meio do caminho tirou hũ tiro por sinal que hia: cõ que se os de Andre de sousa esforçarão tanto q̃ cobrarão nouas forças pera resistir aos imigos/ que os não entrassem: que sentindo ho socorro que vinha se ajuntarão todos de popa da gale. Ho que vẽdo dom Jorge mandoulhes tirar cõ hũ tiro grosso de proa, que dando por antre as fustas dos imigos arrombou algũas: do que auẽdo as outras medo se afastarão por mais q̃ lhe Hagamahmut bradou q̃ ho não fizessem: τ achando dõ Jorge lugar por onde ẽtrasse abalrrou com Andre de sousa tirando os nossos muytas espingardadas τ setadas: τ como as duas gales se ajuntarão começouse hũa grãde peja cõ os imigos/ que se afastarão ď todo por sobre vir Diogo fernandez na gale de Francisco de mendoça: τ leuaua tres bateis armados τ hũ esquife τ cõ sua vinda fugirão os imigos que nunca os Hagamahmut pode ter: τ tãbẽ lhes matarão gẽte τ arrõbarão fustas: τ Diogo fernãdez ẽtrou na gale Dãdre ď sousa τ vẽdo quã desbaratada estaua mandoulhe q̃ se fosse mostrar

ao gouernador que estaua surto ao mar/ ⁊ ele com dom Jorge ficarão goardando a barra: ⁊ Diogo fernãdez se passou á galé de dom Jorge. E ao outro dia em amanhecendo estãdo as galés afastadas por espaço de mea legoa hũa da outra veyo Hagamahmut com sua armada, q̃ era de trinta fustas, ⁊ achando menos a galé Dandre de sousa/ creo q̃ de ficar ao outro dia de todo destroçada não estaua ali. E como as outras galés não erão mais de duas não as teue em conta ainda que ho gouernador estaua a vista por estar amarrado ⁊ ventar terrenho que sabia que lhe auia dimpedir que não podesse socorrer as galés: ⁊ por isto determinou de tomar a de dõ Jorge que estaua na diãteira/ ⁊ foy ho cometer a remos dizendo aos seus sua determinação/ mandandolhes que trabalhassem por lhe quebrar ho masto ⁊ os remos porq̃ lhe não fugisse. E eles trabalharão por isso despois que chegarão a ela que foy em saindo ho sol, ⁊ cercandoa por proa começasse hũ muy brauo jogo de bombardadas dũa parte ⁊ doutra/ ⁊ a fumaça era tamanha que nem hũs nem outros parecião. E os nossos que estauão nos bateys em vez dajudarem dõ Jorge ⁊ Diogo fernandez acolheranse com medo detras da popa da galé porque os não pescasse a artelharia dos immigos: no que Diogo fernandez nã atẽtou por a grande ocupação q̃ ele ⁊ dom Jorge trazião em fazerẽ jugar a sua artelharia porque os não aferrassẽ os ĩmigos, q̃ trabalhauã quanto podião por lhes chegar despois de lhe furarem ho masto por duas partes/ ⁊ quebrada a mór parte dos remos: ⁊ arrombada a galé polo costado em sete ou oyto partes. O que vendo ho comitre dando a galé por despachada se ali mais esteuesse quis cear coela: ⁊ assi ho disse a Diogo fernãdez ⁊ a dom Jorge: dizendo que ali estauão na dianteira, ⁊ toda a furia da artelharia dos immigos quebraua neles/ ⁊ que ceando se meterião antre os bateys, ⁊ a outra gale ⁊ ficarião em renque, ⁊ assi se reparterião os pelouros dos immigos por hũs ⁊ polos outros/ ⁊ não receberião tanto dãno. O que parecendo bem a Diogo fernandez mandaua como capitão mór que se fizesse: porem dom Jorge foy á mão ao comitre, dizendo que como se auião de cear se tinhão a mór parte dos remos quebrados, ⁊ ho não auião de poder fazer: antes sem necessidade mostrarião aos immigos ho dãno que tinhão recebido, ⁊ que por isso lhe fugião. E os immigos crendo ser assi os seguirião sem nenhũ medo ⁊ os aferrarião/ ⁊ tanto ganharião de se cear, ⁊ arrancando hũa espada disse ao comitre que ho não ceasse ninguem / ou que lhe cortaria a cabeça com aquela espada, se não que remassem auante / ⁊ mostrassem aos immigos que desejauão de lhe chegar/ pera q̃ lhe quebrassem a soberba q̃ tinhão/ ⁊ q̃ leuassẽ diãte os bateys q̃ os auião muyto dajudar. O q̃ pareceo bẽ a Diogo fernãdez ⁊ lhe louuou seu conselho. E porque soube que os bateis estauão acolhidos detras da popa

da gale passouse là pa os fazer pas sar auante/ ꝛ estando sobre a posti ça chamãdolhes judeus rapazes porque fazião de vagar ho q̃ lhes mandaua. Sobreuem nesta cõjun- ção/ hũ pelouro da parte dos imi gos: ꝛ deu em hũ pião dũ falcão/ donde resualando foy dar a Dio- go fernandez em hũa ilharga/ ꝛ meteolhe as armas por dentro da carne: ꝛ deu coele no chão morto. E porque a gente não desmayasse com sua morte, ãtes que ho vissem ho mandou emburilhar em hũa mãta dum remeiro: ꝛ assi ficou sua morte atabafada, que a não soube rão mais que algũs q̃ ali estauão, que dom Jorge esforçou. E traba lhauão por se defender com a arte lharia/ que todos erão ja bombar deiros, por ser morto ho condes- tabre ꝛ outros muytos. E não a- uia quem mandasse a gale por ho comitre estar ferido, ꝛ quasi que não auia nhũ que ho não fosse: ou de bombardadas ou d frechadas. Ho que vendo os remeiros da ga- le dando a por desbaratada, como erão gentios ꝛ mouros, ꝛ querião mal aos nossos por os trazerem catiuos quiseranse leuantar: ꝛ di- zendo aos imigos que estauão per to ho estado dos nossos, chama- uãnos que fossem tomar a gale. E dom Jorge que os entendeo/ leua da espada ꝛ ferio sete ou oyto deles: de modo que os outros com medo esteuerão quedos. E porque não auia quem mandasse a gale/ man- dou dom Jorge a hũ remeiro mou ro que sabia disso que a mandasse, ꝛ que lhe daua liberdade: ꝛ lhe fa- ria merce/ ꝛ ho mesmo fez a dez ou doze Christãos q̃ trazia degrada dos porque ho ajudassem a pele- jar: ꝛ assi ho fizerão. E animando- se os nossos coeste refresco torna- rão a pelejar de nouo. E prouue a nosso senhor q̃ vendo os os imigos assi tornar como quer q̃ os tinhão por tomados/ enfraquecerão/ de maneira que se afastarão/ ꝛ mais polo dano que recebião dos nos- sos. E vendo os dom Jorge afas- tar por lhes amostrar que estaua a sua gẽte esforçada: ꝛ assi por amor da gente da terra q̃staua na praya vendo a peleja, meteose na sua bar queta coelles que couberão ꝛ foy apos eles hũ pouco: sendo ja meo dia/ que tanto durou a peleja. E os da terra estauão muy espanta- dos de os nossos se liurarem dos imigos/ ꝛ muyto mais de se eles afastarem sendo tantos. E torna- do dom Jorge a gale mandou a sor gir, ꝛ embandeirar com muyta fes ta porque cressem os mouros que ficara a vitoria coele ꝛ lhes q̃brar os coraçoẽs: ꝛ esteue surto ate ho ras de vespera que veo a viração: que se foy pera ho gouernador, ꝛ contoulhe ho que passaua. E auen do de leuar ho corpo de Diogo fer nandez a soterrar a terra/ foy des- armado passadas quatro oras que era morto: ꝛ acharão que lhe não saira nenhũ sangue. E tirãdolhe hũa Cruz que tinha ao pescoço lhe começou de gotejar pelos na- rizes, pelo que pareceo q̃ na Cruz estaua a virtude d lhe não sair san- gue, ꝛ porque pola morte de Dio- go fernandez era necessario deter-

se ho gouernador algũs dias mandou dom Aleixo pera Cochim na carauela de Manuel de macedo: & sentio tanto a morte de Diogo fernandez pola afronta que os nossos receberão q̃ desejou de a vingar/ & esteue com determinação de ficar na India aquele anno por amor de a vingar, & não lhe dera ficar na India com outro gouernador: porque tinha hũa carta del Rey de Portugal, em que lhe daua poder que sendo caso que ficasse na India cõ outro gouernador, que inuernasse em Cananor com trezentos homens: em que ho gouernador não entenderia: porem não quis por algũs respeitos. E cõcertadas as galés/ & feyta algũa poluora que se fez em pilões deu a capitania mór da armada que ficaua de Chaul a Antonio correa ate que chegasse dom Luys de meneses/ & deulhe ho galeão sam Jorge pera andár nele: & mandoulhe que fizesse hũ baluarte na outra ponta da barra da banda do norte/ pera que defendesse a entrada aos imigos: & porque ele tinha pouca poluora recolhesse a armada pera antre ãbos os baluartes, & dali pelejasse coeles. E dado este regimento partiose pera Cochim hũa quinta feyra vinte sete de Dezẽbro, & em Dabul topou dom Luys de meneses que hia pera Chaul: & prosseguindo daqui sua viagem foy ter a Cochim/ onde dom Duarte estaua apousentado na fortaleza: & porque ele sabia que ho gouernador ho auia de ser ate se ẽbarcar pera Portugal por prouisam del rey, & sendo gouernador auia de pousar na fortaleza, lhe mandou dizer como chegou que lha despejaria se quisesse pousar nela. E ele não os quis, & pousou em casa de Diogo pereyra ate se embarcar.

¶ Capit. lxxvj. De como Jorge dalbuquerque capitão de Malaca & Antonio d̃ brito forão sobre el rey de Bintão/ & do que lhes aconteceo.

Netido Jorge dalbuq̃rque de posse da fortaleza de Malaca vendo ho tẽpo despesto pa se vingar do rey de Bĩtão & ho destruyr determinou de ho fazer antes que Antonio de brito se partisse pera Maluco/ porque com a gẽte de sua armada/ & a que tinha da ordenança de Malaca era assaz pera por em effeyto sua determinação por mais forte que Bintão estiuesse. E com tudo enformouse de sua disposição & sitio: que era per esta maneyra. He hũa ilha pto da terra firme, [illegible] baixa & despesso aruoredo alto & grosso regado de muytas ribeyras pequenas. A pouoação que he grãde se chama Bintão que quer dizer estrela. Está situada ao lõgo do rio ou braço do mar que cerca a ilha: he de casas terreas cubertas dola/ saluo as del rey que estão em hũ alto. Da cidade atrauessa hũa ponte de madeira pera a terra firme, & diãte dela se faz ho porto a que entrão por hũ canal. Nesta ilha fez seu assento el rey q̃ foy de Malaca despois que foy deitado do Pago tomãdo a hũ mouro malayo seu vassalo

que era ſenhor dela, ꝛ fortificoua grandemente: fazendo no canal alguũs arrecifes com muytas pedras que hi mandou deitar, ꝛ aſſi meter muytas eſtacas de paos muyto cõpridos ꝛ groſſos que fazião a paſſagem por ali muy difficultoſa ꝛ perigoſa ẽ eſtremo/ ꝛ os nauios auião dir muyto deuagar por ſer em voltas, ꝛ ficauão deſcubertos a muyta artelharia que eſtaua em terra ao lõgo em hũa tranqueyra fortiſſima q̃ cercaua a cidade toda em redondo feyta dũs paos de hũas vigas que naquela terra chamão paos ferro: porque tẽ ſua natureza em ſerẽ tão duros que não apodrecem nagoa/ ꝛ era de duas faces ꝛ entulhada cõ ſeus baluartes da meſma madeira: de modo que era tão forte ou mais que hũa de pedra. E alem diſto a terra da banda do ſertão era tudo vaſa de boa altura: ꝛ de tudo iſto foy auiſado Jorge dalbuquerque/ ꝛ porẽ que ſe deuia ſobir pola tranqueira ſem eſcadas. E como eſte era ho principal ponto de que ſe ele eſperaua dajudar pera tomar aquela força/ aſſentou de todo de ir ſobrela/ porque deſfazendoſe ficaua el rey tambem deſfeyto pera não poder fazer guerra a Malaca ao menos tão cedo. E praticado iſto cõ Garcia de ſá, Antonio d̃ brito ꝛ outros capitães ꝛ fidalgos: foy acordado per todos que compria muyto ao ſeruiço del rey de Portugal fazerſe aquela viagem/ que começarão no mes Doutubro de mil ꝛ quinhẽtos ꝛ vinte hũ/ ꝛ forão bem ſeys cẽtos Portugueſes embarcados em nauios noſſos ꝛ lancharas/ de que a fora Jorge dalbuquerque forão capitães Antonio de brito ꝛ os da ſua armada/ Garcia de ſá, Anrrique leme cunhado de Jorge dalbuquerque/ Manuel de berredo, dõ Garcia anrriquez/ Duarte coelho ꝛ outros fidalgos ꝛ caualeyros a q̃ não pude ſaber os nomes. E chegado Jorge dalbuquerq̃ á barra de Bintão ſurgio com toda a frota: ꝛ auido conſelho ſobre a maneyra que teria pera dar na cidade, acordouſe q̃ a não cometeſſe pelo canal do porto pola difficuldade ꝛ perigo que auia em ir por ele: ꝛ tambem por eſtar no porto a armada del rey de Bintão: mas que cometeſſe por hũ baluarte da tranqueyra que eſtaua da mão dereyta afaſtado do porto por hum pequeno eſpaço/ porque por terra lhe faria menos noio a artelharia q̃ por mar. Iſto determinado que foy hũ dia a tarde, encomendaranſe todos a noſſo ſenhor aq̃la noyte por ſer ho feyto muy perigoſo/ ꝛ manhaã clara deſembarcarão leuãdo Garcia de ſá a dianteira com Antonio de brito, ꝛ em poyando em terra foy medonha couſa de ver a multidão das bombardadas ꝛ eſpingardadas ſem conto que deſpararão os imigos: eſforçados por Laqueximena hũ valentiſſimo mouro parente del rey de Bintão ꝛ ſeu almirante do mar/ ꝛ muyto eſprmẽtado ꝛ ſabedor na guerra/ ꝛ por iſſo lhe el rey encomẽdou a defenſam daquele baluarte, em que os immigos virão que os Portugueſes encarauão, a que ele logo acodio com bem quatro mil homẽs muytos deles eſpingardeiros ꝛ os outros fr

cheiros de arco ⁊ zarauatana: ⁊ dou
tras armas diuersas com q̄ tirauã
aos nossos em roda viua: porq̄ em
quanto os Portugueses desembar
carão/ nunca ho ár esteue desocupa
do de tiros de todos estes artificios
que digo: em tãto q̄ em hũ momẽto
cairão mortos dos Portugueses al
gũs vinte: ⁊ forão feridos mais de
setenta. E hũ destes foy Garcia de
sá, que passando auãte por antre tã
tos pelouros de bõbardas ⁊ espin-
gardadas chegou cõ algũs de sua
cõpanhia ao baluarte: porq̄ os ma-
is como digo forão derribados, fe
ridos ⁊ mortos. E Garcia de sa a-
chou ho baluarte de tal modo q̄ nũ
ca pode sobir por ele: como fizerão
crer a Jorge dalbuquerque q̄ se po-
dia sobir sem escadas. E pa lhe não
ficar nada por fazer do q̄ ho obriga
ua ho muyto esforço que tinha, mã
dou a dous criados seus que ho a-
judassem a sobir/ o que eles fizerão
cõ grãde valẽtia, sem temor de infi-
nitas lançadas que os mouros lhe
arremessauão: ⁊ de hũa foy Garcia
de sa ferido em hũa perna tã braua
mente q̄ cayo: ⁊ os mesmos criados
ho tomarão ⁊ leuarão a embarcar.
E assi foy ferido hũ dõ esteuão d̄ ca
stro de hũa bõbardada em hũa per
na: ⁊ leuãdoo hũ seu criado lhe deu
outra bõbardada na cabeça q̄ ho a-
cabou de matar. E foy tambẽ aqui
morto hũ fidalgo chamado Jorge
de melo: ⁊ outros a que não pude sa
ber os nomes. E vendo Jorge dal-
buquerque tamanho destroço em
tã breue tempo, conheceo ho erro q̄
fez em se crer no q̄ lhe disserão/ q̄ se
podia sobir a trãqueira sem escadas
⁊ q̄ não acertara em as não trazer.
E assi em pé pos em conselho cõ al-
gũs capitães ⁊ fidalgos que seria bõ
recolherse/ porq̄ não auia de fazer
mais que matarẽlhe ⁊ ferirẽlhe q̄n
tos leuaua: ⁊ recolheose cõ a perda
que digo: de que os mouros ficarã
muyto soberbos, ⁊ tomarão ousa-
dia pera fazerẽ tãta guerra a Jorge
dalbuq̄rq̄ como lhe d̄spois fizerão.

¶ Capit. lxxvij. De como Antonio de brito se partio pera a ilha da Jaoa.

Despois d̄ste desbara
to recolhidos todos
á frota forãse á ilha d̄
Cincapura: ⁊ ali se es
pedio Antonio de bri
to d̄ Jorge dalbuq̄rq̄
⁊ com sua armada de seys nauios se
guio sua rota pera a ilha da Jaoa/
cujo sitio ⁊ fertilidade disse no liuro
terceiro, õde foy tomar porto na ci
dade Dagacim: com determinação
de tomar mantimẽtos, porq̄ estaua
de paz cõ os Portugueses, do tẽpo
de Afonso dalbuquerq̄: ⁊ despois d̄
os ter tomados mandou ho seu ba-
tel a buscar agoa a ilha da madura;
quasi pegada com a da Jaoa: ⁊ cuy
dando os que hião no batel q̄ sayão
ẽ terra de seus amigos sayrão muy
to seguros: ⁊ como os da terra os vi
rão descuydados creceolhes a cobi
ça d̄ lhes fazerẽ mal por a pouca fir
meza de sua amizade: ⁊ derão sobre
les tão de supito q̄ os catiuarão: ⁊
tomarãlhes ho batel cõ hũs berços
q̄ leuaua: ⁊ Antonio de brito cõ quã
to reqreo q̄ lhos dessem pois tinhã
paz cõ os portugueses nunca os po

de auer senão por resgate. E aqui ficou nesta ilha ate homes de Janeiro seguinte esperando moução pera a ilha de Banda/ donde auia de partir pera Maluco como direy a diante no liuro sexto.

¶ Capitu.lxxviij. De como Jorge dalbuquerq̃ se tornou pera Malaca: & d como Laquexímena lhe começou de fazer guerra.

Vendo el rey de Bintão quão mal se ouuerão os portugueses naquele feito, & camanho desarrãjo aquele fora/ teueos em muyto pouco, & tanto q̃ Jorge dalbuquerq̃ se desamarrou do porto pera Malaca mandou a pos ele Laquexímena cõ obra de vinte lãcharas darmada bẽ fornecidas de gẽte & artelharia/ q̃ o hia esbõbardeando. & Jorge dalbuquerq̃ voltou algũas vezes sobrele pera o abalroar: porẽ ele se goardaua disso/ que não era seu fundamento senão persiguilo & tomarlhe algũ nauio se ho achasse desmandado. E assi foy ate Malaca/ onde se Jorge dalbuquerque recolheo: & Laquexímena ficou no mar por onde andou dissimulando sem querer pelejar cõ a nossa armada, posto q̃ lhe sayo por vezes, ate que vendo tẽpo entrou no porto/ & queimou dous jungos de mercadores carregados. E tornandose recolher acodio hũ Gil simões capitão de hũ bargantim cõ certas velas q̃ estauão prestes, & foy a pos eles. E vendo ele q̃ não erão mais de cinco ou seys, esperou as/ porq̃ vio q̃ podia ali fazer presa. E gil simões ou d muito esforçado, ou por apagar a fama q̃ tinha de couardo/ segundo se despois disse/ vendoo esperar adiantouse dos outros: & foy abolroar coele: & como os mouros erão muyto mais q̃ os q̃ hião coele na lanchara foy deles entrado/ & morto com todos os cõpanheiros despois de pelejarẽ muy esforçadamente & venderem bẽ suas vidas. E os outros capitães vendo esta lanchara tomada não ousarão de ir mais por diante cõ a peleja por se rẽ muyto poucos, & recolheranse a Malaca. E despois disto lhe sayo muytas vezes a nossa armada, & nũca quis pelejar coela/ porq̃ não queria mais q̃ andar fazendo aq̃les saltos: & desta maneira fazia a guerra de que os portugueses não recebiã mais dano que a opressam daq̃les rebates, que como a nossa armada andaua tambẽ no mar podiã ir mãtimentos a Malaca & estaua farta & abastada.

¶ Capit.lxxix. De como Bastião d sousa partio de Portugal pera fazer hũa fortaleza na ilha de sam Lourenço. E o porq̃ a não fez.

Neste ãno de mil & quinhẽtos & vinte hũ/ determinou el rey dom Manuel de Portugal de mandar fazer hũa fortaleza na ilha de sam Lourenço por ter por enformação que auia nela muyta prata & gingibre q̃ esperaua dauer: & tambẽ pera que as naos da carga da especiaria indo pera a India fazerẽ ali agoada & irẽ por fora da ilha de sam Lourẽ

ço q̃ era mais segura nauegação pa
se passar a India que por Moçam-
bique/ & determinãdo de fazer esta
fortaleza deu a fundação dela & pri
meira capitania a Bastião de sousa
hũ fidalgo natural Deluas, de que
fiz menção no liuro segundo, & deu
lhe duas naos de capitania/ ele por
capitão de hũa/ & ao da outra não
soube ho nome. E nela hião os offi-
ciaes necessarios pera edificarem a
fortaleza: & assi pedra, cal/ & outros
materiaes pera sua edificação: & par
tido de Portugal foy ter á ilha de
sam Lourenço sem a outra nao que
se apartou de sua conserua por hũa
muyto grande & braua tormenta q̃
lhes sobreueo: & não achando aqui
a nao esperou por ela algũ tempo, &
vendo que não hia pareceolhe q̃ era
perdida: & por lhe falecerem os ma-
teriaes & officiaes com q̃ auia de edi
ficar a fortaleza a deixou de fazer, &
dali se foy a Moçãbique, onde não
achou a nao nem noua dela: & por ser
passada a moução d' passar a India
com as detenças q̃ fizera ouue din-
uernar em Moçãbique, donde par
tio pera a India no anno d' mil & qui
nhentos & vinte dous: & atrauessan
do aquele golfão topou a outra nao
cujo capitão lhe disse q̃ chegara pri
meiro q̃ ele á ilha de sam Lourenço
& cuydando que era perdido se par-
tira. E dali forã ambos ter a India
a saluamento: & tendo palaura do
gouernador que lhe daria ajuda pe
ra tornar á ilha de sam Lourenço a
fazer a fortaleza, chegou dom Pe-
dro de castelo branco/ que com ou
tros dous capitães partira de por
tugal no mesmo anno, como direy
adiante/ & leuou hũa prouisam ao
gouernador del rey dom João ho
terceiro de Portugal (que sucede-
ra no reyno por falecimento delrey
dom Manuel seu pay) em que lhe
mandaua que nenhũa fortaleza das
que el rey seu pay mandara fazer na
India de nouo, se fizese: porẽ que as
que esteuessem começadas se acabas
sem. E por esta causa não foy Basti
ão de sousa fazer a fortaleza a ilha d'
sam Lourenço.

¶ Capit. lxxx. De como se leuantarão os Chins contra os Portugueses que estauão em Cantão: & prenderão ho embaixador del Rey de Portugal/ & os q̃ estauã coele.

DEspois d' partido Si
mão dandrade pera
Malaca/ & ficando
os Chins muyto des
contentes dele/ fale-
ceo el rey da China/
que estaua muyto bẽ com os Por-
tugueses: & o que lhe sucedeo assi co
mo era muy desuiado de sua condi-
ção, assi ho foy tambẽ em ser pouco
amigo dos nossos: & logo ouuio ho
embaixador delrey de Bintão/ que
seu antecessor não quis ouuir em
muytos annos q̃ auia q̃ andaua na
corte: & isto porque a primeira vez q̃
lhe falou lhe disse muyto mal dos
nossos/ de que tambẽ ho disse a este
rey que digo/ chamãdolhe ladrões
& que hião com pequena armada es
piar as terras alheas/ & despois cõ
ho muyto poder que tinhão na In-
dia tornauão a tomalas: & que assi

fizerão a Malaca que era del rey de bintão que estaua lãçado fora dela sam causa. E porq̃ se ele tinha por seu vassalo se socorria a ele pedindo lhe ajuda pera se restituir em Malaca, ⁊ que lhe pedia muyto q̃ os nã consentisse em sua terra / porq̃ sua ida lá não era se não a espiala pera despois a tomarẽ: ⁊ ao menos que ho não fizessem por ela ser tão grande como era / lhe darião fadiga no mar onde erão muyto poderosos. E nisto foylhe noua do aluoroço q̃ os que forão com Simão dãdrade deixarão em Cantão. E isto ⁊ o que lhe o embaixador del rey de bintão disse, ⁊ outras causas que particularmẽte não pude saber, imprimio tanto em el rey / ⁊ naqueles que ho aconselhauão / que mandou prender ao nosso embaixador / ⁊ os outros questauão coele / ⁊ mandou q̃ esteuessem apartados hũs dos outros / ⁊ que lhe fosse tomada toda sua fazenda, escripta ⁊ aualiada: ⁊ dizem hũs que cõ tristeza adoeceo / ⁊ morreo ho embaixador: outros q̃ morreo com peçonha. E porq̃ eu nã pude saber as particularidades disto ho digo assi em soma: ⁊ tambẽ o mais que passou no aleuantamẽto da China contra os nossos: que ou polo el rey mandar, ou como quer que foy / os Chins tomarão em Cãtão os nossos quatro jungos carregados de pimenta ⁊ sandalo / ⁊ outras mercadorias q̃ erão del rey de Portugal ⁊ de partes / estãdo eles surtos no porto / de que os nossos que hiã neles se saluarão com assaz de fadiga, ⁊ se recolherão a hũa nao de dõ Nuno manuel que estaua surta: acujo capitão não pude saber ho nome / se não que na defensa da nao ho fez fracamẽte quando os Chins derão sobrele, ⁊ se não forão os nossos dos jungos que se acolherão a ela ⁊ a defenderão valentemente ela fora tomada: ⁊ não somente a defenderão, mas se tiuerão algũ tiro grosso dartelharia toda a frota dos imigos fora metida no fundo, posto q̃ era grande. E escapando os nossos deste perigo acolheranse caminho de Malaca / onde chegarão na fim de Outubro de mil ⁊ quinhentos ⁊ vinte ⁊ hũ / ⁊ derão noua do leuantamento da china: ⁊ disso se tirou inquirição em Malaca / que se leuou çarrada a el Rey de Portugal: em que forão tiradas a limpo algũas causas deste leuantamento / que cõmo digo não pude saber / ⁊ porisso as não disse.

¶ Capitul. lxxxi. De como Hagamahmut deu hũ combate a Antonio correa, ⁊ quisera tomar ho baluarte do outeiro ⁊ foy desbaratado. E de como dom Luys de meneses chegou a Chaul: ⁊ Antonio correa se foy pera Cochim

Partido ho gouernador pera Cochim logo ao sabado seguinte / que forão vinte noue de Dezembro / foy Hagamahmut surgir com a viração sobre a barra de Chaul, com suas trinta ⁊ seys fustas muyto melhor fornecidas de gente, armas, ⁊ artelharia que dantes: ⁊ trazia muytos de sobressalen

te de casa de Melique fartaquis: & Abexins em que tinha muyta confiança/ por serem pessoas de feyto. E Hagamahmut surgio em lugar onde lhe a artelharia da nossa frota não podia fazer nojo: & ela estaua surta na barra antre ambos os baluartes. E não queria Antonio correa sair dali por lho mandar assi ho gouernador/ por os imigos não pelejarem coele/ & lhe fazerem gastar a poluora, que receaua muyto faltarlhe primeiro que lhe fosse de Cochim. E ao domingo vendo Hagamahmut que Antonio correa não saya a pelejar coele/ lhe esteue fazendo muytas algazaras/ pera ver se ho podia prouocar a isso. E ele que ho entendeo deixouse estar ondestaua. E a segunda feira acabando de vētar ho terrenho, que seria as dez horas do dia/ abalou Hagamahmut com toda sua armada indo a remos, & chegando a tiro de bombarda dos nossos pos as fustas em ala diante deles, & começou de lhes tirar com a artelharia. E antonio correa lhes mandou tirar com a sua & muy temperadamente porque se lhe não gastasse a poluora. E a tenção de Hagamahmut era vsar de hũ ardil que lhe dera hum xeque mafamede que era xeque de Chaul que encubertamente queria grande mal aos nossos/ & pesaualhe da fortaleza que se fazia em Chaul/ & desejaua de os ver destroidos: & por isso mandou conselhar a Hagamahmut que tomasse ho nosso baluarte da barra que estaua ao pé do outeyro ondestaua ho facho dos nossos: & que se posesseás bombardadas com os nossos: & entre tanto mandasse algũas fustas a tomar ho baluarte que digo, & desembarcarião em hũa calheta na costa/ & dali iria a gente ter ao baluarte por cima do outeiro/ porque os nossos lhe não podessem tirar com a artelharia: & ele daria guia que a leuasse/ como deu por Hagamahmut ser contente do ardil. E pera ho poer em obra mandou apartar obra de de doze fustas/ que se forão dereytas á calheta detras do outeiro/ de que pojarão em terra obra de duzentos homēs gente muy luzida/ & guiandoos hũ criado do xeque encaualgarão ho outeiro onde estaua ho facho por hũ caminho tã estreito que não cabia por ele mais que hũ homē diante do outro, & todo isto se via da nossa frota: & muy ousadamēte os imigos decerão do outeiro, & remeterão ao baluarte q̄ estaua ao pé dele/ parecendolhes q̄ ho não poderia Antonio correa socorrer por se defender de Hagamahmut: & que ho baluarte teria tam pouca gente que logo ho tomariã: & ele pouca tinha, que não erão mais de trinta homēs/ & estes escolhidos/ que Antonio correa mandara ao sabado que fossem lá estar, receando que os imigos ho fossem tomar/ & foy por capitão destes hũ valente caualeiro & bē pratico na guerra que auia nome Pero vaz pormão, que com os que ho acompanhauão se pos logo em defensa/ a que nenhũa aproueitaua por as bombardadas sem conto que tirauão as fustas que deitarão os imigos em terra, & hũa delas leuou a Pero

vaz polas pernas, que ãdaua sobre hũa parede do baluarte, armado ẽ hũ arnes esforçando os seus/ ꝛ ele cayo embaixo, ꝛ doutras morrerã outro caualeiro chamado Simão ferreira, ꝛ ho condestabre do baluarte ꝛ hũ bombardeiro. E em quãto os pelouros assi chouião que era cousa espantosa, decerão os imigos tam denodados do outeiro que poserão as mãos na estacada que cercaua ho baluarte/ dando grandes gritas: ꝛ começando de despender tanta frechada ꝛ espingardada que cobrião ho ár. E era cousa medonha de ver os nossos tam poucos metidos antre tantos generos de cousas pera os matarem, ꝛ muyto de louuar a nosso senhor como os goardaua/ ꝛ eles como pelejauão ꝛ se defendião dos immigos que os não entrassem, estando detras de hũa sebe, que disso era ho baluarte. E todos ho fazião tam valentemẽte/ que nunca Romãos, nem Gregos assi pelejarão. E Antonio correa que tudo isto via, receando que os mouros tomassem ho baluarte, mandou em seu socorro a Ruy vaz pereyra no seu batel, ꝛ a outro capitão em outro com obra de cincoenta ou sessenta homẽs, em que biã muy bons caualeiros. E vendo os imigos este socorro/ tendo ho baluarte no aperto que digo/ começarão com medo de se recolher de pressa: ꝛ os nossos que os entenderão derão apos eles ꝛ matarão muytos antes que se embarcassem ꝛ embarcados fugirão. E hagamabmut q̃ pelejaua com Antonio correa como vio ho desbarato dos seus alargouse da peleja ao remo ꝛ foy surgir onde estaua dantes / leuando muytas das fustas desaparelhadas ꝛ arrombadas, ꝛ com os mastos quebrados das bombardadas dos nossos, ꝛ muyta gente morta. E dãdo Antonio correa muytas graças a Deos de se ver assi desapressado foy correr os nauios de sua armada pera ver se auia algũs mortos: ꝛ não achou nenhũs / saluo dos remeiros, ꝛ estes poucos. E despois foy ver ho baluarte, em que achou mortos os que disse/ ꝛ os outros todos muyto feridos, ꝛ as adargas ꝛ rodelas cubertas de frechas: ꝛ a de hũ Pero de queyros tinha vinte ꝛ sete: ꝛ a de Manuel da cunha vinte cinco: ꝛ todo ho baluarte ꝛ muyta parte ao derredor dele jũcado delas: ꝛ ao derredor estauão trinta mouros mortos, que os do baluarte matarão: ꝛ pola praya quasi outros tantos que matarão os que forão socorrelos: ꝛ estes parecião todos honrrados, em terẽ cabayas de chamalotes ꝛ fotas finas ꝛ terçados de prata, ꝛ muytos tinhão espingardas. E mandando Antonio correa cortar as cabeças a todos as mandou ao nosso feitor de Chaul chamado Diogo paez/ que as leuasse a Xeque Mafamede, porque soube que os mouros de Chaul affirmauão que ho baluarte era tomado polos imigos, ꝛ folgauão muyto: principalmente Xeque Mafamede, que dissera ao dia dantes que ao outro auia de ser ó que auia de ser/ como que auião de matar todos os nossos. E quando os mouros souberão o que foy/ ꝛ

⁊ virão tantas cabeças dos mortos, que eles cuydauão que auião de matar os nossos ficarão muyto espantados. E ho Xeque conheceo antre as cabeças a de seu criado q̃ foy mostrar ho caminho do baluarte aos imigos: ⁊ fez por ele grande pranto. E ao outro dia mandou Antonio correa enforcar polas pernas em forcas que mandou fazer na praya/ os mouros que morrerã na peleja pera que os vissem os das fustas. E ficou Hagamahmut coisto tam quebrado, que nunca mais cometeo os nossos posto que estaua diante da praya. E despois disto mandou Antonio correa fazer ho baluarte/ que foy feito em dous dias ⁊ meo muyto forte: ⁊ pos nele por capitão hũ Aluaro de brito/ ⁊ deuilhe vinte espingardeiros pera ho goardar. E estando assi chegou dom Luys de meneses a hũa segunda feyra ao meo dia. E entregando lhe Antonio correa a armada, se foy pera Cochim em hũ galeão chamado sam Marcos. E foy coele dõ Jorge de meneses: porque sobre ter tambem seruido naquela guerra: ⁊ ser dom Luys seu parente lhe tiraua a capitania da galé em que andaua/ ⁊ a deu a outro fidalgo chamado dom Vasco de lima. E despois de ser chegado dom Luys a Chaul/ porque Meliqueaz tinha desejo de fazer paz com ho gouernador, por ter fama de quam esforçado caualeiro fora em Africa mãdou recado a Hagamahmut que não fizese mais guerra aos nossos ⁊ assi ho fez.

¶ Capit. lxxxij. De como Raix xarafo ⁊ el rey de Ormuz se leuãtarão cõtra os nossos que estauão na cidade ⁊ na fortaleza.

Partido ho gouernador Diogo lopez de sequeira pera a India, começou d' entrar em Ormuz a gẽte que Raix xarafo mandara fazer na terra firme: do que logo Coje Abexir estribeiro mór del rey Dormuz deu auiso a Manuel velho: com que tinha muyto grande amizade. E ele ho foy dizer ao capitão dom Garcia coutinho que não deu por isso, sem lhe lembrar ho grande perigo em que estaua. E mandou dizer a el rey de Ormuz que pois dera presente ao gouernador, que rezão seria dalo tambẽ a ele. E el rey por dissimular coele lhe mandou dous caualos ⁊ hũ terçado/ ⁊ cinto ⁊ adaga ricos: ⁊ tambẽ porque esperaua de cobrar tudo muyto cedo. E nesta conjunção indo Manuel velho/ Ruy varela, Miguel do vale, ⁊ alguũs outros folgar ate ho cabo da cidade forão auisados por Coje abixir/ que não tornassem por onde hião porque os auião de matar, o que eles assi fezerão não tornando por ali. E tampouco não aproueitou saber tudo isto Dom Garcia pera ter mays algũa goarda na fortaleza, ⁊ a mandar vigiar milhor que dantes: nem pera mandar recolher a ela muytos dos nossos que pousauão fora/ porque os não matassem, se fosse verdade ho leuanta-

mento que tam claramente se dizia/ ꝛ pera ho que Raix xarafo com muyta pressa se fazia prestes, armando muytas terradas pera queimar com elas a nossa frota: ꝛ armando estancias de artelharia pera combater os nossos na fortaleza. E de tudo isto ho capitão não queria ver nada nem sabelo, posto que a obra se mostraua por si ꝛ alem disso lho dizião: ꝛ tamanho foy seu descuydo, que mandandolhe hũ mercador Baneane dizer por hũ scripto que fosse certo que na noyte seguinte se auiã os mouros de leuantar ꝛ matar todos os nossos que pousauão na cidade: Como que lhe dissera que ho leuantamento dos mouros era mentira que descansasse/ assi se deitou muyto descuydado em sua cama, sem prouer a cousa nenhũa: nem somente mandar a Johão de meira capitão da carauela, nem a Francisco de sousa ho brauo capitão da galeota que fossem la dormir/ ꝛ ficarão aquela noyte na fortaleza: E não abastou este escripto que lhe mandou ho Baneane/ mas a inda sendo Manuel velho auisado por hum mouro que olhasse por si, porque ele ouuira aquele dia no babazar (que he a praça) hũ pregão da parte de Raix xarafo/ que matassem todos os nossos que pousauão na cidade/ ꝛ que auia grande aluoroço nos mouros: ꝛ com quanto Manuel velho disse isto a dom Garcia não fez mais que polo scripto do Baneane, nem Manuel velho com quanto isto soube se quis recolher a fortaleza nem deu auiso aos outros nossos que pousauão pola cidade que erão muytos, .s. os officiais da alfandega ꝛ ho ouuidor que auia nome Aluaro pinheiro, ꝛ ho almotace mor/ ꝛ os doentes que estauão no spirital. E recolhidos os nossos a suas pousadas com tamanho descuydo. Aquela noyte que era de hũa terça feira na entrada de Nouembro/ estando todos no primeiro sono: derão os mouros neles/ ꝛ primeiramente ho xabandar Dormuz deu por mar na nossa fusta em que não estauão mais de dous grometes/ que quando sintirão os mouros se esconderão com medo: ꝛ ho xabãdar lhe mandou poer ho fogo, ꝛ cuydando que ficaua de maneira que se acendesse logo/ foisse á carauela que deixou porque os nossos que estauão nela começarão de se defender com muyto esforço, ꝛ por isso ho xabandar os deixou. E se na carauela ꝛ na fusta ouuera capitães ꝛ gente como auia de ser: a frota dos imigos fora desbaratada/ ꝛ eles não poserão em efeito seu proposito. E ido ho xabamdar sairão os dous gormetes que estauão na fusta/ ꝛ apagarão ho fogo que andaua nela. E por este feito que ho xabamdar fez tam mal lhe mandou el Rey Dormuz poer hũa beatilha como a molher por desonrra/ ꝛ em quanto os mouros fazião isto no mar/ cometerão outros a alfandega que estaua dous tiros de besta fortaleza/ ꝛ outros as casas do ouuidor.

⁊ dos outros nossos, que pousauão pela cidade, dando grandes gritas com prazer de lhes parecer que os auião de matar a todos. E crendo então Manuel velho/ que era verdade ho leuantamento dos mouros trabalhou com os que pousauão coele/ ⁊ quasi em camisa cõ lanças ⁊ adargas se acolherão fugindo pera a fortaleza: o que poderão fazer por lhe ainda os mouros não terem tomadas as portas por onde sayrão. E quis nosso senhor q̃ era a maré vazia, que ao não ser não podera recolherse na fortaleza sem perigo de se afogarẽ/ por ser ao longo dela cuberto dagoa cõ maré. E vendo ja ho capitão dõ Garcia como tinho q̃ ho leuantamento dos mouros era de verdade/ achouse muy [illegible]teado por estar muyto desapercebido pera sofrer terco como se esperaua: ⁊ ho principal desapercebimento era não ter agoa que estaua a cisterna da fortaleza chea de lenha, ⁊ ela não tinha outra agoa nem lugar perto donde a ouuesse: ⁊ tambẽ hũ cobelo que estaua sobre a porta da treição q̃ saya ao mar estaua cheo de lenha/ ⁊ nenhum tiro dartelharia estaua concertado/ nem posto onde auia destar/ ⁊ a reuolta era muy grande pola cidade assi da grita dos mouros como dos nossos/ que ouue algũs que se defenderão/ assi como foy ho ouuidor ⁊ algũs Christãos da terra que se acolherão ao spirital, ⁊ dali se defendião porque erão casas fortes, que outras forão logo arrombadas ⁊ mortos quantos estauão dentro/ ⁊ elas queimadas. E por ser de noyte não quis o capitão que lhe socorressem da fortaleza polo perigo que se nisso corria.

¶ Capit. lxxxiij. De como os mouros começarão de bater a fortaleza, ⁊ de como dom Garcia mandou pedir socorro á India.

E Ainda a manhaã começou de se leuantar gran de labareda de fogo no madraçal ou casas onde pousaua ho ouuidor, ⁊ assi no espirital, que os mouros poserão polos não poderem entrar: polo que se conheceo na fortaleza que ainda ali estauão algũs dos nossos viuos. O que conhecendo dom Garcia mãdou os socorrer por vinte cinco dos nossos/ em que entrauão Manuel velho, Ruy varela/ Diogo fornão/ Vicente dias, ⁊ Gonçalo vieira/ q̃ todos hião bem armados. E quãdo chegarã ao Madraçal onde pousaua ho ouuidor acharão algũs mouros com que pelejarão, ⁊ saluarão algũs dos nossos, ⁊ assi Christãos da terra, porem ho ouuidor era ja morto, ⁊ morreo affogado do fumo. E com ele ⁊ com outros que morrerão a ferro forão mortos bẽ sessenta. E quando se os nossos recolherão teuerão hũa grande peleja cõ muytos mouros que lhe quiserão tomar a dianteira, ⁊ muytos dos imigos forão feridos ⁊ mortos: ⁊ os nossos forã todos feridos ⁊ se recolherão á fortaleza/ ⁊ recolhidos dõ Garcia se aparelhou logo pera se defender/ mãdando assestar a artelharia nos lugares necessa-

rios/ ⁊ repartio as estãcias por esses principaes que estauão na fortaleza. E assi se despedio Johão de meira com recado ao gouernador de como a fortaleza ficaua cercada pera que mandasse socorro: ⁊ Francisco de sousa ho brauo se foy logo pera a sua galeota, que foy alada pera junto da fortaleza porque os mouros a não queimassem. E neste tempo estaua hũa nao de Manuel velho carregada de tamaras (que em Ormuz chamão congo) pera hir a India/ ⁊ por as tamaras serem necessarias na fortaleza pera suprirem por pão de que estaua muyto mingoada: acordouse que a nao fosse descarregada: ⁊ despois desfeita pera que da sua madeira se fizessem repairos a artelharia, ⁊ assi algũas estancias de que auia grãde necesidade/ porque na fortaleza não auia nhũa: ⁊ porque os mouros auião de querer impedir chegarse esta nao a fortaleza determinouse que Francisco d sousa com a enchente dagoa a leuasse a toa na sua fusta ate ho mais perto da fortaleza que podesse ser: ⁊ por terra acoderia Manuel velho cõ vinte cinco espingardeiros dos nossos pera defender que não chegassem os mouros á praia, ⁊ sairia pola porta da treição defronte dõ de a nao estaua: isto determinado foy logo posto ẽ efeito. E os mouros que ho virão acodirão logo muytos a pelejar com os nossos assi com os questauão em terra como com os que atoauão a nao por mar apertando os fortemente/ ⁊ com tudo os nossos derão com a nao em seco junto da fortaleza: ⁊ por a peleja ser muy grande/ ⁊ os mouros muytos / forão mortos algũs dos nossos assi na fusta como em terra/ ⁊ hũ deles foy hum Gonçalo vieira homẽ muy esforçado/ ⁊ os outros quasi todos feridos: ⁊ dos mouros tambem ho forão muytos/ ⁊ algũs mortos: porem como digo a nao foy recolhida/ ⁊ desfeita pera repairos da artelharia, ⁊ pera algũas tranqueiras de que despois ouue necessidade. E neste tempo adoeceo Frãcisco de sousa que estaua na sua galeota com algũs dos nossos goardandoa que a não tomassem os mouros: ⁊ por sua doença lhe foy forçado recolherse a fortaleza: polo que ho capitão mandou a esses principais da fortaleza que goardassem a galeota aos quartos, ho que eles refusarão por amor da estãcia da praya que varejaua a galeota. E cõselharão ao capitão q̃ a não mandasse goardar, por q̃ lhe auião de matar ali a gẽte sem seruir de nada, ⁊ q̃ seria melhor poupala pera defẽder a fortaleza: ⁊ ho capitão tomou seu cõselho. E ficãdo a galeota sem goarda logo os mouros a queimarão. E nestes dias chegou ao porto Dormuz hũa nao do capitão q̃ vinha da India carregada darroz ⁊ de açucar, ⁊ doutros mãtimẽtos/ ⁊ foy surgir diãte da põta em q̃ estaua a nossa fortaleza: ⁊ sabendo os nossos a carega q̃ a nao trazia tã necessaria pera ho tempo pola necessidade q̃ auia de mãtimẽtos na fortaleza/ quiserão descarregar logo a nao.

ho capitão não quis, não se soube
cõ que determinação. E como q̃r
que os imigos ãdauão muyto aler
ta pera fazerem dãno aos nossos
teuerão a nao em espia sabẽdo que
trazia mantimentos, ꝛ hũa noyte
lhe poserão ho fogo, que andando
bem ateado nela/ foy visto da for-
taleza de que logo ho capitão mã-
dou tirar com a artelharia cuidan
do que fizesse coisso afastar os imi
gos: que fazendo escarnio dos nos
sos tiros porque lhe não empecião
dauão grandes gritas. E vendo
ho capitão que não aproueitauão
os tiros/ mandou a Ruy varela ꝛ
a Manuel velho, que fossem com
algũs espingardeiros fazer afas-
tar os mouros: ꝛ eles ho fizerão as
si saindo pola porta da treição/ ꝛ
começarão de sacudir os mouros
que não vião os nossos com a grã-
de claridade do fogo que os cega-
ua. E vendo os mouros que de ca-
da vez mais caião muytos mortos
a fastarãose antes que ho fogo se a
teasse de todo: então chegarão os
nossos/ ꝛ apagando parte do fo-
go saluarão ainda algũ arroz: que
os ajudou a manter algũs dias.

¶ Capit. lxxxiiij. De como saben-
do Manuel de sousa tauares q̃
el Rey Dormuz estaua leuanta-
do, foy socorrer a nossa fortale-
za: ꝛ do que fez em chegando.

EM quanto isto assi
passaua em Ormuz
Manuel de sousa ta
uares capitão mor
do mar, andaua co-
mo disse goardãdo a costa dos nou
taques: ꝛ por hũ grãde temporal
que lhe deu se acolheo ao porto de
Mazcate: onde nesta conjunção
foy ter Tristão vaz da veiga que
estaua por feytor em Calayate: ꝛ le
uaua cõsigo obra d' trinta dos nos
sos: ꝛ estando aqui chegou recado
del Rey Dormuz ao xeq̃ de Maz-
cate como era leuantado contra a
nossa fortaleza/ que fizesse ele ho
mesmo/ ꝛ matasse os nossos que hi
estauão na feitoria: ꝛ ou por ele ser
leal aos nossos ou por não querer
obedecer a el Rey Dormuz parecẽ
dolhe que não auia de poder hir a-
uante com aquele feyto: respõdeo
a el Rey Dormuz que não auia de
ser contra os nossos, antes auia
de perder a vida por eles: ꝛ ho mes
mo disse a Manuel d' sousa a quem
mostrou as cartas del Rey Dor-
muz, que lhe deu por isso muytos
agardecimentos, com promessa
de lhe serem feitas muytas mer-
ces em nome del Rey d' Portugal
por aquele seruiço que lhe fazia: ꝛ
ẽ sinal disso ele lhe deu algũas pe-
ças ricas: ꝛ esta lealdade não vsou
ho xeque de Calaiate, que sabendo
ho recado del rey Dormuz matou
logo esses Portugueses que esta-
uão na feitoria: ꝛ ho mesmo fizera
a Tristão vaz ꝛ aos outros que fo
rão coele se la esteuerão/ ꝛ tomou
a feitoria: ho que foy logo sabido
em Mascate. E nisto chegou a hi
tambem Johão de meira que hia
pedir socorro a India/ ꝛ contou a
Manuel d' sousa ho leuãtamẽto dl
rey Dormuz: ho q̃ sabi[illegible] ele
ordenou sua partida pa[illegible] Ormuz:

⁊ deu hũ paraó q̃ trazia a Triſtão
vaz da veiga pera ir nele com os q̃
trouuera de Calayate. E feyto iſto
entendeo Manuel de ſouſa em Tri
ſtão vaz que induzia a Fernão dal-
uarez çarnache que não foſſem coe
le a Ormuz/ ⁊ ſe foſſem fazer preſas
nas naos dos mouros que ẽtão vi-
nhão da India. O que entendendo
Manuel de ſouſa diſſimulou ⁊ to-
mou eſſes berços que tinha ho pa-
raó de Triſtão vaz, ⁊ diſſelhe que ſe
paſſaſſe ao ſeu galeão/ ⁊ que hi iria
mais ſeguro. O que Triſtão vaz ou
ue por grande afrõta, ⁊ não ſe quis
paſſar ao galeão, antes deixando
Manuel de ſouſa ſe foy caminho
Dormuz, ⁊ em hũa agoada que to-
mou lhe matarão mouros dous
homẽs/ ⁊ milagroſamente pode en
trar em Ormuz pola grande arma-
da de mouros que andaua no mar
goardando que não entraſſe nenhũ
nauio noſſo na fortaleza. E cõ quã-
to Manuel de ſouſa iſto ſabia, ⁊ aſ-
ſi ho grande numero de gente que
eſtaua ſobre a noſſa fortaleza não
quis deixar de lhe ſocorrer: não lhe
lembrando ho perigo que corria niſ
ſo/ ⁊ a perda que perdia que erão
bem vinte mil cruzados que ganha
ra nas preſas que fizera ſe ſe deixara
andar pola coſta, que de todas quã
tas preſas fizeſſe tinha a ſexta par-
te, por eſta maneyra. Fazia ſe d̃ todo
ho monte tres partes tirando pri
meyro a vintena pera ho gouerna-
dor. E deſtas tres partes erão as
duas pera el Rey de Portugal/ ⁊
hũa ſe partia pelo meyo, ametade
pera ho capitão mór do mar Dor-
muz/ ⁊ a outra pera a gente da ar-
mada. E partido Manuel de ſouſa
cõ Fernão daluarez çarnache pera
Ormuz amanheceo hũ dia ſobela
ilha de Queixome/ onde lhe a cal-
mou ho vento com que auia dẽtrar
no porto Dormuz, ⁊ por Queixome
ſer dela obra d̃ legoa ⁊ mea foy Ma
nuel de ſouſa viſto da fortaleza, ⁊ co
nhecendoſe ſer ele/ ſabendo dõ Gar
cia quão pouca gente trazia/ ouue
medo que recebeſſe dano da arma-
da dos mouros/ que era de duzen-
tas terradas bem artilhadas ⁊ for
nidas de muytos frecheiros ⁊ ou-
tra gente de guerra: ⁊ por iſſo man-
dou a Triſtão vaz da veiga que arti
lhando bem ho paraó em que viera
ho foſſe ſocorrer, poſto que eſtaua
muyto ferido de quando ſayra na
agoada. E ele foy leuando conſigo
algũs dos noſſos q̃ forão poucos/
⁊ em ho paraó ſaindo pera ondeſta
ua Manuel de ſouſa/ apartaranſe
muytas terradas pera atalharem
ho paraó que ſe não foſſe ajũtar cõ
Manuel de ſouſa/ ⁊ chouião ſobre-
le bõbardadas ⁊ frechadas ſem cõ-
to/ ⁊ os q̃ hião no parao tãbẽ deſpa
rauão eſpingardas ⁊ bõbardadas
q̃ farte. E paſſãdo cõ muyto perigo
ouuera dir ter em outro, porq̃ vẽdo
Manuel de ſouſa vir ho paraó, ⁊
quão pouca gente trazia, cuydou
que era cilada, ⁊ q̃ deitauão os im-
migos aſſi aquele paraó: pera que
cuydãdo ele que era dos noſſos ho
deixaſſe chegar a ſi ⁊ ho meteſſe no
fundo/ ⁊ cuydou que viria ali hum
Ioão gonçaluez goarda mór Dor-
muz que era arrenegado, ⁊ queren-
dolhe mandar tirar com hũ tiro,
chegou mais ho paraó ⁊ foy conhe

[..]do Tristão vaz: e por isso Manuel [..] sousa mandou que não tirassem. [..] chegado ho parao a ele determi[..]ou de se recolher á ponta da fortaleza porq̃ começaua de decer a mare / e com grande presteza mandou a Fernão daluarez e a Tristão vaz que se atoassem polas popas á proa e popa do seu galeão / e deixando no parao e na fusta algũs homens darmas com os bombardeiros se recolhessem com a outra gẽte ao galeão: o que eles logo fizerão. E em quãto se fez foy cuberto de frechas ho masto do galeão / tãtas erão as frechadas que os mouros tirauão, e assi muytas bõbardadas de que nosso senhor quis goardar os nossos. E todauia Manuel de sousa se foy com a decente caminho da põta: o q̃ vendo os mouros por mais que os nossos lhes tirauão com a artelharia se chegarão tanto a eles que entrauão na fusta e no parao / e isto antes que Tristão vaz e Fernão daluarez se recolhessem com os outros ao galeão / e eles matarão ás lãçadas quasi todos os que quiserão entrar. E hũ condestabre da fusta chamado Jaques matou bem seys mouros com hũ marrão / e os outros ho fizerão ali todos muyto bem: porque a fora matarem todos os que quiserão entrar ferirão outros muytos. E recolhidos ao galeão forão sempre pelejãdo com os mouros ate chegarem á ponta da fortaleza em cuja praya dom Garcia tinha mandado assestar hũa espera com q̃ tirarão aos immigos que seguião os nossos / e co este tiro arrombarão muytas terradas e meterão outras no fundo / em que forão mortos muytos dos immigos, e dos nossos forão frechados oytenta, e hum morreo na batalha que durou depola manhãa ate hũa hora despois de vespera. E quando despois quiserão amainar a vela do galeão não podião cõ as muytas frechas que estauão pregadas no masto, e despois que veyo a maré se fizerão na praya muyto grandes bardas delas. E desta batalha ficarão os mouros da armada tão escarmentados que nunca mais ousarão de cometer Manuel de sousa q̃ ficou no mar por amor de goardar ho galeão e a fusta.

¶ Capit. lxxxv. De como os mouros derão bateria á nossa fortaleza, e do que os nossos fizerão.

Vendo Raix xarafo quão desuiada lhe sayra a obra do pensamento que teuera de leuar os nossos do primeyro lanço e matalos cõ lhes tomar a fortaleza, determinou de lhe dar bateria pera coela lhe desfazer os muros da fortaleza e entralos: porque lhe parecia que vindo coeles ás mãos q̃ se lhe não auião de poder defẽder por quão poucos erão, e os seus serẽ doze mil homẽs e os mais deles de feyto: e destes erão seys mil frecheiros / e espingardeiros. E determinando ele de bater a fortaleza por conselho de hũ turco q̃ auia nome Mira aidel grãde sabedor na guerra, mãdou fazer hũa estãcia nas casas delrey e outra na casa onde fora ho nosso espirital,

que ficaua ãtre a fortaleza ⁊ os pa-
ços del rey/ ⁊ afora os tiros que
tirauão destas duas estãcias auia
outros muytos espalhados po-
los paços que tambem tirauão a
fortaleza/ ⁊ tam amiude que não
ousaua ninguẽ daparecer nela por
aquela parte/ por onde lhe os nos-
sos não podião fazer nhũ dano: ⁊
fazẽdo os mouros muyto aos nos
sos principalmente da estancia do
spirital, ouue ho capitão conselho
de dar naquela estancia, por ser iũ
to da fortaleza: ⁊ a casa ser fraca q̃
era de paredes de barro, ⁊ cuber-
ta dola: ⁊ podiase arrombar com
hũ vay ⁊ vem: ho que se encomen-
dou a Ruy varela ⁊ a Manuel ve-
lho que ho fossem fazer, cõ quarẽ-
ta homẽs: d queos mais leuarião
panelas de poluora pera logo pe-
garem coelas fogo, na casa em que
estaua a estancia. E ao outro dia ẽ
amanhecendo estando os mouros
bem sem cuidado de os nossos sai-
rem/ sairão eles ⁊ derão na casa tã
gendo as nossas trombetas: ⁊ cõ
hũa viga de que fizerão vay ⁊ vem
derão cõ hũ pedaço da parede no
chão/ que fez portal por onde os
nossos podessem ẽtrar. Ao que os
mouros que goardauão a estancia
acodirão logo cuidando que fossẽ
os nossos mais do que erão: ⁊ de-
fendiãose fortemente se não forão
as panelas de poluora q̃ os nossos
leuauão, cõque algũs tirarão aos
mouros ⁊ queimarãnos ⁊ estes co
mo lançarão as panelas/ seruiãse
despingardas que leuauão: ⁊ co-
meçarão a derribar nos mouros q̃
ho não podẽdo sofrer fugirão/ ma
tando cõ tudo dous dos nossos:
que entrarão na casa ⁊ tomarão a
artelharia, que leuarão a nossa for
taleza/ com ajuda doutros q̃ lhe
socorrerão pera os aiudar a leuar
a artelharia: que como digo leua-
rão deixando posto fogo na estan-
cia ou casa/ cujos telhados arde-
rão logo por serem dola/ ⁊ ficou
de maneira que os mouros não se
poderão mais aproueitar dela. E
ficando Raixxarafo magoado de
assi deffazer aquela estancia: ⁊ lhe
leuarẽ os nossos a artelharia q̃ sta-
ua nela mãdou assestar hũ tiro gros
so ao sope dos paços del rey, que fi
caua defronte da porta principal
da fortaleza: ⁊ estaua este tiro em-
buçado porque os nossos ho não
vissem ⁊ se goardassem dele. Como
não virão se não quando ele tirou
hũ pelouro de ferro coado com q̃
vazou a porta da fortaleza. E ven-
do ho capitão que q̃bradas as por
tas ho ẽtrarião os mouros, aco-
dio logo a mãdar entulhar por dẽ
tro a porta com area, ⁊ ho entulho
foy tam largo que ho tiro não po-
dia fazer nojo: ⁊ pera quebrar ho
tiro dos imigos mãdou assestar
outro tãbem grosso na igreja, que
estaua em hũ cobelo de fora da por
ta da fortaleza. E porq̃ tinha por
certeiro a hũ Antonio fernandez
condestabre do galeão de Manu-
el de sousa, mandoulhe que lhe ti-
rasse ho que ele fez: ⁊ quebrou ho ti
ro. Com cujo prazer os nossos de
rão hũa grãde grita/ ⁊ assi ficarão
liures daquela estãcia: porẽ ainda
ficarão aos mouros duas daquela
parte/ ⁊ outras duas da parte do

mar, ⁊ hũa delas estaua na xabãda-
ria/ que tiraua ao longo da praya:
que com baixa mar era seruentia an
tre ho mar ⁊ a fortaleza, por õde os
nossos andauão: ⁊ os mouros tira-
uão ali como q̃ lho querião tolher.
Ho que vẽdo Manuel de sousa mã-
dou poer de fronte no mar a fusta
de Fernão daluarez degá com gran
des arrombadas de cairo/ porq̃ a
artelharia dos imigos lhe não fizes
se nojo: ⁊ mandoulhe que tirasse aa
estancia dos imigos / ⁊ assi ho fez
ele: ⁊ como eles não tinhão com q̃
se emparar dos nossos tiros mor-
rião coeles muytos: polo que ouue
rão por seu barato dalevantar a es-
tãcia/ ⁊ com outras duas que lhes
ainda ficauão da bãda do mar não
cessauão todas as noytes de bater
a fortaleza por aq̃la parte, ⁊ de dia
com outras duas da banda do ser-
tão: assi que continuamente lhe da
uão bateria/ com que não fazião tã
to nojo nos muros, nem nos cobe
los da fortaleza por a artelharia
ser miuda/ quanta era a oppressam
que dauão aos nossos tolhẽdolhes
que não aparecessem. E co isto ⁊ com
a fome que ja auia antre os nossos
fugirão pera os mouros algũs des
sa gente baixa, ⁊ disserão a Raix xa
rafo que na fortaleza auia grande
fome: ⁊ que auia muytos doentes
dela ⁊ do trabalho que leuauão. E
auendo obra de quinze dias que du
raua a bateria/ vendo Raix xarafo
ho pouco dãno que a fortaleza rece
bia: ⁊ quam seguros os nossos esta
uão/ tomou conselho com Mira ay
del/ ho turco que disse: que lhe acõ
selhou que escalasse a fortaleza, ⁊ q̃
lhe parecia que a tomaria/ porque
a sua gente era muyto mais q̃ a nos
sa em demasia/ ⁊ mais folgada/ ⁊ a
nossa doente ⁊ cãsada do trabalho
⁊ da fome: ⁊ que cometesse tambẽ a
porta do alcayde mór, quebrandoa
com hũ tiro. E parecendo isto bẽ a
Raix xarafo mãdou logo fazer muy
tas escadas pera este feito.

¶ Capit. lxxxvj. De como os mou-
ros quiserão escalar a fortaleza: ⁊
os nossos lhes quebrarão a esca
da com a artelharia/ ⁊ de como
vendo os mouros ho dano que
recebião dos nossos com medo
do socorro da India despejarão
a cidade.

ORdenãdose assi is
to/ com que os nos
sos correrão grã-
de risco de serem to
mados se ouuera ef
feito, quis nosso se
nhor que fugio hũ mouro da cidade
pera a nossa fortaleza/ ⁊ descobrio
o que os mouros fabricauão: o que
afrigio muyto aos nossos/ porque
vião ho grande perigo que era. O q̃
sabido pelo capitão ouue conselho
sobre o que faria, ⁊ acordouse que
pera quebrarem as escadas posessẽ
sobre as ameas dos muros ⁊ dos
cobelos vigas muyto grossas com
grãdes pedras nelas ⁊ atadas por
cabos: ⁊ nas goaritas ⁊ cobelos da
fortaleza esteuessem jarras de pol-
uora ⁊ panelas pera deitarem sobre
os imigos. E porque se fosse cousa
que cometessem a porta do alcayde
mór/ que serrassem logo os esteos

de hũa ponte que tinha diante por onde entrauão, ꝛ que ficasse tão pouco por serrar que quebrassem logo com qualquer peso/ ꝛ que deitassẽ debaixo muyta ola ꝛ lenha seca: pera que caindo a ponte com os mouros lhe acodissem com poluora com q̃ se acẽdesse a lenha ꝛ os queimasse. E estando os nossos apercebidos como digo, sairam hũ dia os mouros com as escadas pera escalarem a fortaleza por hũa parte/ ꝛ vinha grande corpo de gente darmas coelas/ dando grandes gritas de prazer cuidando que ja os nossos erão tomados: que logo acodirão ao muro ꝛ cobelos que estauão daquela parte, ꝛ desperarão a artelharia nos imigos/ que como vinhão em corpo não somente matou muytos deles/ mas q̃brou a mor parte das escadas/ que era o que os nossos pretendião, ꝛ com tamanho dano se recolherão os imigos. E raix faraso vendo as suas escadas quebradas não quis tornar a intentar de fazer outras/ porque lhe pareceo q̃ era escusado poder escalar a fortaleza, ꝛ tornou a dar bateria. E mãdou armar hũ trabuco em hũ patio dos paços del rey com que lançase pedras na fortaleza ꝛ matasse os nossos. E assi fora se os mouros souberão tirar com ho trabuco, mas não sabião, ꝛ errauão a fortaleza. E juntamẽte coisto começou de criar hũa parede de oyto pés de largo, por detras doutra que estaua da banda do loeste em q̃ tinhão hũa estancia/ cõ tenção de crecer tanto a parede em alto q̃ sobeiasse por cima da fortaleza pera assentarẽ ali a artelharia ꝛ tirarẽ dentro: o que se assi fora, forã os nossos destroidos ꝛ ninguẽ não ousara daparecer. E fazendose assi esta parede Manuel velho que vigiaua daquela parte tão perto daquela parede que ouuio bater hũa noite/ conheceo que era obra que se fazia/ ꝛ chamou Ruy varela que vigiaua hi perto/ ꝛ assentando que se fazia parede differão ao capitão, que despois que assentou que se fazia parede da outra banda daquela velha/ mãdoulhe dar bateria com duas esperas/ que atroarão a parede de maneira que se fez hũa abertura de dous dedos dalto abaixo/ ꝛ assi fizerão algũs buracos, por onde ho capitão assentou q̃ se metessẽ jarras de poluora pera se lhe dar fogo. E antes disto mãdou poer muytos capacetes em paos ao derredor das ameas do muro quanto sobejassem hum pouco por cima das ameas, que cuydassem os mouros q̃ erão homẽs: ꝛ mãdou embandeirar a fortaleza ꝛ tanjer as trombetas ꝛ repicar ho sino da vigia/ pera que os mouros cuidassem que era vindo socorro á fortaleza, ꝛ lhes q̃brar os corações: o que eles cuydarão ouuindo estas alegrias/ ꝛ vendo tãtos capacetes ꝛ murrões acesos. E na noite seguinte que fazia grande tormenta de vento nordeste forão Manuel velho ꝛ Ruy varela leuando jarras, ꝛ panelas d poluora que fizerão meter polos buracos questauão feitos na parede velha, ꝛ coisso algũa ola. E do pé da abertura fizerão hũ formigão grosso de poluora ate a fortaleza: donde despois de recolhidos lhe poserão fogo/ que cor

rendo por ele entrou pola abertura
⁊ deu na ola de que se acendeo nas
jarras ⁊ dali em hũa estãcia que ali
estaua em que logo ho fogo pegou ⁊
dela saltou nos paços/ ⁊ deles se co
meçou datear pola cidade começan
do de se atear em casas dola que esta
uão nos terrados, que como ja dis-
se estão tam perto hũs dos outros
pola estreiteza das ruas que logo
saltaua ho fogo dũs nos outros/ ⁊
nunca por mais que os mouros tra
balharão polo apagar quando se co
meçou datear na estancia nunca po
derão: ⁊ ho grande vento que fazia
ho acendeo tãto que fez muyto grã
de perda nas muytas casas q̃ quei-
mou pola cidade/ ⁊ mais acabou de
derribar a parede velha õde foy pos
to: ⁊ ela derribada ficou discuberta
a noua que seria daltura de tres bra
ças/ ⁊ de comprimento dum grãde
tiro de pedra: ⁊ do cobelo de Ruy
varela/ ⁊ do de Manuel velho/ a de
ribarão com as duas esperas que
digo/ ⁊ tambem quebrarão ho tra-
buco por ficar descuberto que se via
da nossa fortaleza, ⁊ tudo isto fazião
os nossos com grandes gritas ⁊ tã-
jer de trombetas ⁊ repicar de sinos.
q̃ quebraua muyto ho coração aos
imigos / vendo quam mal lhes hia
⁊ que os nossos lhe não auião medo
⁊ não somente lhes foy feito este da-
no: mas outros muytos pola cida-
de com hũ cão pedreiro que tiraua
tiros perdidos ⁊ outros muytos
que deu no seu alcorão. E por isto ⁊
porque se Raix xarafo temeo que vi
esse socorro da India/ tam supita-
mente como viera Manuel de sou-
sa, ⁊ a nao de dom Garcia, ⁊ ho pa-
rao de Tristão vaz: determinou cõ
el Rey de despejar a cidade/ ⁊ irse
pera a ilha de Queixome/ ⁊ assi ho
fizerão despejando primeiro a gen
te toda sua fazenda: ⁊ quando se el
Rey sayo com toda a gente da cida
de/ que foy hũa noyte mãdou Raix
xarafo poerlhe fogo porque se os
nossos não lograssem dela.

¶ Capit. lxxxvij. Do que passou antre os nossos despois que os mouros despejarão a cidade.

Conhecendo eles a
causa do fogo/ como
foy manha ã lhe forã
acodir ⁊ ho apaga-
rão despois d̃ ter fei-
ta muy grande per-
da, ⁊ apagado acharão ainda al-
gũas tamaras/ ⁊ cisternas com a-
goa, que se não acharão se perderão
todos com sede por não auer na for
taleza agoa nenhũa ⁊ quasi nenhũs
mantimentos, porque auia perto d̃
dous meses que duraua ho cerco: ⁊
tamanha foy a estreiteza da regra
porq̃ se daua a agoa, ⁊ os mãtimen
tos q̃ a cada pesoa se não daua por
dia mais que dous pequenos puca
ros dagoa/ ⁊ dous paẽs mais pe-
quenos que hũ punho cada hum/ ⁊
não comião coeles mais que hũas
poucas de tamaras: ⁊ coesta regra
não ficou na fortaleza gato nem ra-
to que não fosse comido/ ⁊ assi se co
merão oyto caualos q̃ nã auia mais
na fortaleza: ⁊ estando os nossos cõ
tentes pola agoa que acharão nas
cisternas despois da ida dos mou-
ros/ sobreuolhes hũ grande de-

sastre/pera que lhe prestasse mal/ ⁊ foy q̃ como na cidade ficassem muytos gatos dos mouros como se virão sem gente, hiãose com fome pera a fortaleza/ ⁊ entrauão polas bõbardeiras/ que os nossos taparão por se desapressarem deles: ⁊ como os gatos não acharão por onde ir á fortaleza: ⁊ a sede os apertaua deitarãse nas cisternas pera beber nelas/ ⁊ afogauãose dentro: ⁊ quãdo os nossos souberã isto/ ja estaua a agoa danada/ porẽ pola necessidade q̃ tinhão coziãna/ ⁊ assi a bebião: ⁊ com tudo perdeose muyta. E tornãdo a necessidade a crecer como dantes/ ouuese conselho, que fosse Manuel de sousa tauares com sua armada a buscar agoa: ⁊ primeiramente á ilha Dangão, que he hũa parte da de queixome. E por Manuel velho saber bẽ a lingoa foy no parao com Manuel de sousa/ ⁊ no caminho q̃ tomou duas naos de mouros que estauão furtas: ⁊ não podẽdo tomar agoa em Angão passou auante a hũ lugar chamado Sidi quatorze legoas de Ormuz/ ⁊ hi tomou agoa ⁊ se tornou com grande prazer dos da fortaleza, com quãto a agoa não foy tanta que lhe matasse a sede: ⁊ a fome dos mantimentos era de cada vez mais. E ho mesmo auia antre os mouros porque indo eles buscar mãtimentos á terra firme hião demandar a ponta da nossa fortaleza pela banda do norte, ho que entendendo os nossos os esperauão ali no parao ⁊ na fusta/ ⁊ tomando os lhes dauão fũdo ⁊ muy poucos escapauão desta morte: pelo q̃ eles mudarão a seruentia pela banda do sul, onde parece que quis nosso senhor que se leuantou naquele canal por onde as terradas dos mouros hião hũ baleato segundo seu tamanho ⁊ feição/ ⁊ este as çoçobraua com tanta diligencia que parecia q̃ não viera ali pera outro fim: ho que vendo os nossos louuarão muyto a nosso senhor por tam bom socorro como aquele fora: ⁊ leuauão grande passatempo em ver como ho baleato çoçobraua as terradas dos mouros/ que vendose tão perseguidos assi dos nossos como do baleato, não ousarão de sair de Queixome a buscar mãtimentos: pelo que foy a fome tamanha ãtreles que morrerão muytos. E cuydando eles que fosse assi antre os nossos, pera ho saberem fizerão fugido a hũ mouro principal que auia nome Coje jelal talebo/ grãde priuado del rey Dormuz ⁊ conhecido dos nossos: com quẽ se deitou dando a entender que hia desauindo delrey dormuz. E sospeitando ho capitão ao que hia lhe mãdou dar pão ⁊ agoa muyto boa que tinha em jarras/ dizendolhe q̃ comesse afouto q̃ tinha muyto mantimento. E ho mouro bebia a medo como que receaua que fosse a agoa salobre dos poços da ilha: ⁊ q̃ndo a achou doce espantouse: ⁊ muyto mais porque os nossos meterão hũ tanque de pao na boca da cisterna que estaua chea de lenha/ ⁊ ho tanque dagoa doce, de que tirarão per ante ho mouro cõ hũ coco per hũa corda curta: ⁊ ele cuydou que a cisterna estaua chea dagoa/ ⁊ ho mesmo lhe fizerão crer em hũa tulha a que fizerão outro sobrado hũ dedo

abaixo das bordas, ⁊ cobrirãono de trigo como que estaua chea: do q̃ se ho mouro espantou muyto polo grande discurso do cerco/ ⁊ como ele não vinha a saber mais que aqui lo tornousse a Queixome dali a algũs dias. E nisto ho capitão da fortaleza se começou de cartear com el Rey Dormuz, ⁊ mandaua fazenda a Queixome per hũ Antonio fernãdez cristão nouo ⁊ seu criado que era lingoa: ⁊ el Rey lhe mandaua tão bem cartas ⁊ presentes/ ho que pareceo mal a esses fidalgos ⁊ caualeiros ⁊ officiais del Rey/ ⁊ estranharão ao capitão ho que fazia: dizendo que ho não auia de fazer assi por que eles estauão na quela fortaleza que era del Rey aquem auião d̃ dar conta dela. E dizendo dom Garcia que ele era capitão que faria ho que quisesse/ disserãolhe que não faria nem ho podia fazer sem seu cõselho/ ⁊ quiserãono prẽder ⁊ fazer outro capitão: se não chegara neste tempo dom Gonçalo coutinho seu irmão, que vinha da India em socorro da fortaleza.

¶ Capit. lxxxviij. De como dom Gonçalo coutinho foy em socorro da fortaleza Dormuz. E de como el Rey Dormuz foy morto por mandado de Raixxarafo.

Porque Johão d̃ meira que ho foy pedir á India chegado a Cochim/ õde achou dom Duarte/ ⁊ Diogo lopez, deulhe as cartas de dom Garcia em que contaua ho estado em que ficaua a fortaleza: sobre ho que ouuerão ambos conselho coesses fidalgos capitaẽs/ ⁊ pessoas principais da India: em q̃ Diogo lopez dizia que por quanto dom Luis de meneses capitão mór do mar estaua ocupado na fortaleza de Chaul que fosse logo em socorro dos nossos Fracisco de sousa tauares no galeão sam Dinis, ⁊ dõ Duarte não quis dizendo que aquilo pertẽcia a dom Luis seu irmão q̃ mandaria ho socorro que fosse necessario ate ele poder hir/ ⁊ que hiria inuernar a Ormuz. E acordado isto screneolhe logo que mãdasse ho socorro/ ⁊ ele mãdou a dom Gonçalo coutinho por ser irmão de dom Garcia: ⁊ foy no seu galeão que leuou carregado de mantimentos/ ⁊ com a gente necessaria. E dissesse q̃ dom Gonçalo em chegando foy primeiro a Queixome que entrasse na nossa fortaleza, ⁊ visitou el rey Dormuz aquem vẽdeo muyta parte dos mantimentos que leuaua, ⁊ por isso lhe deu muytas peças ricas, afora ho dinheiro que se mõtaua nos mãtimentos. E desembarcado ele na fortaleza cessarão as dissensoẽs que auia antre os officiais da fortaleza ⁊ pessoas principais dela ⁊ ho capitão: porque dom Gonçalo ho fauoreceo com sua chegada: ⁊ coeste socorro acabarão os nossos de ficar d̃ todo seguros dos mouros/ antre quem neste tẽpo auia grandes inimizades principalmente ãtre Raixxarafo/ ⁊ Miramahmet morado, que era muyto priuado del Rey Dormuz porque el Rey lhe dormia com sua molher, ⁊ por esta priuança lhe

queria Raix xarafo grande mal/ ⁊ tambem a el Rey a que determinou de tirar a vida, ⁊ que faria Rey quẽ quisesse pera ter toda a gouernança do reyno como no tempo passado teuera seu pay: ⁊ assentado isto com seus parentes, emcomendou a morte del Rey a Raix xamixir: que ho afogou secretamente com a corda de hũ arco. E assi foy comprido ho que seu pay del rey lhe pronosticou quando lhe conselhaua que não se leuantasse cõtra os Portugueses porque lhe não auião de tomar mais que a fazenda/ ⁊ os mouros a fazenda ⁊ a vida. E morto el Rey fez Raix xarafo Rey Dormuz a Patxá mahmetxá que fora filho đ Raix ça fardim: a que Afonso dalbuquerq̃ tomou Ormuz a primeira vez como disse no liuro segũdo, ⁊ este fez Raix xarafo Rey porque lhe dormia cõ sua may: ⁊ morto el Rey fugio logo Miramahmet morado, ⁊ Raix xarafo ficou com toda a gouernança do Reyno.

¶ Capit. lxxxix. De como Diogo lopez entregou a gouernança da India a dom Duarte de meneses/ ⁊ se partio pera Portugal.

PAssãdose estas cousas ẽ Ormuz fezse prestes a armada q̃ auia de hir pa Portugal. E carregadas as naos entregou Diogo lopez de sequeira a gouernança da India a dom Duarte de meneses/ dandolhe ele conhecimento de como a recebia com tanta gente, tanta/ artelharia, ⁊ tantos nauios. E isto feito embarcousse Diogo lopez, ⁊ coele dom Aleixo đ meneses, ⁊ outros muytos fidalgos que tinhão acabado de seruir seus carregos na India/ ⁊ outros que hião pedir satisfação đ seus seruiços/ ⁊ em Dezẽbro de mil ⁊ quinhentos ⁊ vintehum se partirão de Cochim pera Portugal, onde com ajuda de nosso senhor chegou esta armada a quenam soube ho que aconteceo na viagem.

Laus Deo.

¶ Acabouse de empremir a presente obra per João da barreira ⁊ Joã aluares em a muyto nobre ⁊ sempre leal cidade de Coimbra. Aos. xv. dias do mes de Outubro. de M. D.liij.

¶ Preuilegio que el Rey nosso senhor deu a Fernão lopez de Castanheda pera todos os liuros da historia da India.

EU el Rey faço saber a quantos este meu aluara virem,
que Fernão lopez de Castanheda Bedel da faculdade
das artes da vniuersidade de Coimbra me êuiou dizer
que ele tinha feytos dez liuros da historia da India que
começauão do descobrimento dela: Dos quaes tinha
impressos aa sua custa ho primeiro liuro, ⁊ queria emp̃-
mir os outros. E porque auia mais de vinte annos q̃
andaua occupado no fazer da dita historia: ⁊ tinha leua
do nisso muyto trabalho ⁊ feito muyto gasto de sua fazenda: me pedia que
ouuesse por bẽ que pessoa algũa não podesse emprimir os ditos liuros se
nao ele Fernão lopez: nem os vender, nem trazer de fora do reyno polo tẽ
po, ⁊ sob as penas que me bem parecesse. E visto seu requerimento, ⁊ auen
do respeito ao trabalho que tem leuado em fazer os dito liuros, ⁊ a despe
sa que nisso tem feita, me praz que por tempo de dez annos, que se come
çarão da feytura deste em diante, pessoa algũa de qualquer qualidade q̃
seja, não possa empremir, nem mandar imprimir os ditos liuros da dita hi
storia da India, nem cada hũ deles, nem os possa trazer, nem mandar vir
impressos de fora do reyno: se não ho dito Fernão lopez, ou quem seu po-
der pera isso teuer. Sob pena ð qualquer impressor ou libreiro, ou pessoas
que os ditos liuros ou cada hũ deles impremir, ou vẽder, ou teuer em sua
casa, ou trouuer empremidos de fora do reyno, perder os volumes que
lhe forem achados, ⁊ pagar cincoẽta cruzados, a metade pera os catiuos
⁊ a outra metade pera quem os accusar. E este se imprimira no principio
ou cabo de cada hũ dos ditos liuros. Pelo qual mando a todos os corre
gedores, juyzes ⁊ justiças, officiaes ⁊ pessoas ð meus reynos ⁊ senhorios
que assi ho cumprão ⁊ goardem, ⁊ fação inteiramente cumprir ⁊ goardar,
porque assi ho ey por bẽ: E este me praz que valha, ⁊ tenha força ⁊ vigor, co
mo se fosse carta feyta em meu nome, por mĩ assinada ⁊ passada por mi-
nha chancelaria, sem embargo das ordenações do segundo liuro, que ho
contrairo dispõe. João de seyxas ho fez em Almeyrim, a quatorze dias
de Junho, de. M. D. L I I. Manuel da costa ho fez screuer.

1552 III) 2 ff. 311 pp. 2 ff.

1553 V - IV) 4 ff. 210 pp. 1 f.n.ch.

manquent les pp.

33/34 et 47/48.